Prefeitura Municipal de Tapejara
Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura

TAPEJARA

Origens e Desenvolvimento

60 anos de emancipação político-administrativa.
Mais de 100 anos de história.

Organizadores:

Angélica Manica Bortolini
Itamar Antonio Spanhol
Suelen Defaveri

Prefeitura Municipal de Tapejara
Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura

TAPEJARA

Origens e Desenvolvimento

60 anos de emancipação político-administrativa.
Mais de 100 anos de história.

Organizadores:
Angélica Manica Bortolini
Itamar Antonio Spanhol
Suelen Defaveri

Prefeitura Municipal de Tapejara-RS

2016

Prefeito: **Seger Luiz Menegaz**
Vice-Prefeito: **Gilberto Olibone**
Chefe de Gabinete: **Edmilson José Piton**
Secretário da Educação, Desporto e Cultura: **Altamir Galvão Waltrich**

Organizadores:

Angélica Manica Bortolini
Itamar Antonio Spanhol
Suelen Defaveri

Colaboradores:

Arlindo Koch
Carina Copatti
Fabiana Rodigheri
Inês Picolotto
Ione Ana Col' Debella
Giseli Defaveri
Grégori Marsilio
Joana Gardelin
João Pedro Debastiani Marsilio
João Andreolla Vianna
Julio Francisco dos Reis
Luana Maestro
Marcos Davi Bacega
Margarida Maria Cordeiro Fonseca Ferreira
Maria Sebben
Maria Helena Faedo da Rosa
Micheli de Oliveira
Roberta Borille Gonçalvez
Sandro Rampazzo
Silvio Pozzer
Sivone Panisson
Peter Mathias Antonius Maria Rietjens
Taise Vergínia Telles
Valdir Angelo Cadini
Valmor Valentini
Vanize Regina Roman
Alunos e professores das escolas
Entidades

Arquivo fotográfico: Gilberto Zanatta, Mário José Felini, Sandro Rampazzo e Arquivo Público do RS - reprodução fotográfica de Ricardo Giusti.

Copyright © 2016 Prefeitura Municipal de Tapejara

Todos os direitos desta edição reservados à
PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPEJARA
Rua do Comércio, 1468 - Centro
Tapejara-RS - CEP 99.950-000
Tel. (54) 3344-4700
www.tapejara.rs.gov.br

Título original
Tapejara: Origens e Desenvolvimento

Capa
Eder Flores / Agência H

Editoração
Eder Flores / Agência H

Revisão:
Paulo Flávio Ledur e Viviane Demetrio

Tiragem
150 Und. - 1.042 Páginas

Impressão:
EDITORA E GRÁFICA CAXIAS
Rua Serafim Valandro, 1690, Centro
Santa Maria, RS - CEP 971015-630
Tel: (55) 3225 3459 / e-mail: editoriacaxias@gmail.com

Permitida a reprodução desde que seja para fins culturais e citada a fonte.

T172 Tapejara. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura.

Tapejara: origens e desenvolvimento: 60 anos de emancipação político-administrativa: mais de 100 anos de história / Prefeitura Municipal de Tapejara, Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura; organizadores: Angélica Manica Bortolini, Itamar Antonio Spanhol e Suelen Defaveri – Tapejara: Editora de Comunicação Norte Gaúcho, 2016.

1.042p.

1. Tapejara, RS. 2. História. 3. Cultura. I. Bortolini, Angélica Manica. II. Spanhol, Itamar Antonio. III. Defaveri, Suelen. IV. Título.

CDU: 94 (816.5)

Ficha catalográfica elaborada por Margarida M. C. F. Ferreira – CRB10/480

Com muito esforço e dedicação entregamos este livro a todos os moradores e amantes da nossa querida Tapejara. Com muito carinho e gratidão, agradecemos a todas as pessoas que dedicaram o seu tempo para escrever suas histórias e procurar aquelas fotografias que estavam guardadas a sete chaves. A vocês, o nosso muito obrigado!

Prefácio

Este certamente é um momento histórico para Tapejara. Torna-se, então, mais um capítulo, que literalmente, ficará nas páginas do Município. É um privilégio para todos os tapejarenses ter um registro das pessoas, empresas e acontecimentos que contribuíram à grande transformação por que passou o nosso lugar. Esta obra retrata o cenário encontrado pelos imigrantes e também mostra a bela cidade que continua acolhendo pessoas.

Entre esses dois momentos, vamos encontrar vários registros que foram fundamentais à evolução verificada ao longo dos mais de 100 anos abordados neste belo trabalho que está a nossa disposição. Esta é a oportunidade de recordar fatos, conhecer origens e, para alguns privilegiados, encontrar-se em algumas páginas, que serão referência para muitas pessoas.

Queremos agradecer o esforço e a dedicação dos envolvidos nesta grandiosa obra; afinal, dedicaram seu curto tempo para que um longo período pudesse ser revivido. O agradecimento também deve ser registrado a todos os que contribuíram com seus depoimentos, documentos e fotografias, enriquecendo ainda mais este trabalho.

Foto: Arquivo da Revista Em Evidência

Aqui encontramos uma curiosidade, desde o princípio até a atualidade, um ponto em comum: pessoas e famílias que vêm para este lugar para buscar uma vida melhor. Tudo começou com a mentalidade de muito trabalho e fé, característica esta que move o Município até hoje, com um povo muito trabalhador, persistente, dedicado, que acredita neste lugar e, principalmente, nas pessoas que aqui residem, e é por isso que as coisas dão certo.

Pessoalmente, sinto-me honrado e agradecido à comunidade tapejarense por estar à frente da Administração Municipal em um momento tão importante. Que belas histórias continuem sendo escritas para serem registradas posteriormente.

Seger Luiz Menegaz
Prefeito Municipal de Tapejara

Caminhos do amanhã

Desde o início
Os índios coroados
Tiraram seu sustento
E caçaram seu alimento
Nesta terra abençoada.

Se aqueceram com fogo de chão,
Deitaram sob a luz de mil estrelas
Tendo o céu como abrigo
E a lua como acalanto.

Os imigrantes aqui chegaram
E em torno do Rio do Peixe
Plantaram suas sementes,
Que ficaram como herança
De um povo de luta e esperança.

Italianos, Alemães
E afrodescendentes
Viram nesta terra
Um grande expoente.

Maragatos e Chimangos
Na Revolução Federalista
Lutaram pela liberdade
Da querência tão querida
E num ato de coragem
Assinaram com bravura
A paz pelo fim da luta.

Da Revolução veio o progresso
E junto à estrada de ferro
Formou-se assim
Um pequeno povoado
E que logo foi chamado
Núcleo do Alto do Rio do Peixe.

O tempo passou
E o governo consagrou
Ao Sr. Antonio Bonetes
1.714.957 m2 de terra
Entre o Rio Ligeiro e o Carreteiro.
Foi Manoel Teixeira,
Julião Almeida e sua esposa,
Serafina Vieira,
Que compraram três
glebas de terra
E as transformaram
Em Vila Teixeira.

A Vila Teixeira
Fez-se Sede Teixeira.
Nascia uma nova estrela
Com história própria.
Dos campos dourados de grão
As mãos fizeram surgir o pão.

Com bravura e garra
Esta estrela brilhou forte,
O povo liderado pelo Padre
Raimundo Damin
Realizou um plebiscito,
O sim foi favorito
E Tapejara foi declarada município.

Em pouco tempo
O pequeno povoado
De chão cultivado
Transformou-se
Em chão industrializado.

E como as estrelas,
Que nascem uma a uma no céu,
Pessoas surgiram dos mais diversos
lugares
E sob o céu de Tapejara
construíram seus lares.

A visão empreendedora
De homens e mulheres
Fez desta
Uma grande terra.

Os ladrilhos transformaram-se
em asfalto,
Os armazéns em supermercados
E as pequenas casas
Deram lugar a grandes obras.

O suor e o labor
Transformaram
A Terra da Onça
Na Terra do Empreendedor.
Passaram-se 60 anos
E ainda sopra o minuano
Reavivando as lembranças
Daqueles tempos atrás

As marcas da história,
O trabalho de um povo,
O progresso almejado
E o sonho planejado
São nossos grandes tesouros.

Tapejara escreveu com sucesso
sua história,
A agricultura alimenta a cidade,
A indústria e o comércio
traçam o roteiro
E mostram a força deste povo
ordeiro.

Tapejara é mãe,
A senhora dos nossos caminhos,
Nossa guia pela estrada.
Ela nos acolhe no seu ventre
maternal
E nos faz ter fé no novo.

E o novo é como uma
criança que nasce,
É a semente
De um futuro presente.
É a continuação da história
de uma gente
Que plantou esperança
E colheu fartura e abundância.

Silvio Pozzer

Torrão Tapejara

Pialei minha memória
Mesmo estando enferrujada
Pra contar a esta indiada
Um pouco de minha terra.
Como sou prevenido
Eu trago junto comigo
A soberania de um quera.

Não gosto de lero-lero
E sim falar a verdade,
Gosto da honestidade,
Respeito pra ser respeitado.
Sou quero-quero alarmento,
Brigo até contra o vento
Se a razão está no meu lado.

Defendo sempre meu chão,
Meu torrão, Tapejara,
Onde o progresso não para
E vai seguindo seu destino.
Traduzida tu fica assim
Na língua Tupi-Guarani:
É Senhor dos Caminhos.

Foi em cinquenta e cinco,
Em agosto, dia nove,
Onde o distrito se promove
E então Sede Teixeira,
Que era chamada de princípio,
Passa ser mais um município
Desta Terra Brasileira.

Imigrantes desbravadores,
Homens de braços fortes
Vieram campear a sorte
E aqui fizeram sua morada.
Trouxeram junto a receita
E a camaradagem se estreita,
Bonança veio em disparada.

Progresso veio a galope
E a tecnologia avança.
Nós levamos como herança
A bravura dessa gente
Que sempre que quer consegue
E na conversa não os leve,
Pois daí vem tempo quente.

Fábrica de balas foi precursora
Da indústria que se instalou.
Depois, o asfalto chegou,
Melhorando o transporte viário.
Na agricultura, a diversidade
Que uniu o campo à cidade
Com determinação e trabalho.

Avante, Tapejara,
Com esta indiada guapa,
Que vontade tem de sobra,
Raça nunca lhe falta
E eleva a altivez
Este torrão que se exalta.

Deoclides Piffer de Oliveira

CTG Manoel Teixeira

I
Eu sou aquilo que eu era
Há muitos anos atrás.
Sou patrão, fui capataz,
Da estância aqui desta terra.
Sou torito xucro berra
Lá no alto da coxilha,
Sou Revolução Farroupilha
Desde a fronteira até a serra.

II
Estive quase sumido
E tornei a viver de novo.
Sou alegria do povo,
Que gosta de tradição,
Sou a brasa do tição
Que aquece a água pra gente.
Sou chimarrão bem quente
Que passa de mão em mão.

III
Sou o vento xucro que sopra
Nas coxilhas e "nas canhada".
Sou o tropel da boiada
Que marcha pro "matador",
Sou cerca de corredor
Por onde conduz o gado
Que será sacrificado
Nos botes do matador

IV
Sou tristeza, sou alegria,
Sou tradição deste Estado.
Sou lembrança de um passado
Que lutou com heroísmo,
Sou pátria, sou civismo,
Conquistada com amor,
Sou o pavilhão tricolor
Tremulando sem abismo.

V
Sou o sesquicentenário
Da Revolução Farroupilha,
Sou a gauchada que brilha
Aqui nesta terra cara,
Sou a evolução que não para
Para dar a mostra do pano,
Eu sou também os trinta anos
Da querida Tapejara.

VI
Eu sou o centro que reúne
A gauchada caudilha,
Sou união "das famílias"
No confraternizar de um
churrasco.
Sou pingo batendo casco
Da campanha para a cidade,
Sou simples, sem vaidade,
Sou bom e não sou carrasco.

VII
Sou piso, sou parede,
Sou telhado de um galpão.
Sou cozinha de chão,
Redonda como uma peneira
Rodeada de costaneira
De pinheiro americano.
Eu sou também mais um ano,
Eu sou o CTG MANOEL
TEIXEIRA.

Atalibio Pinto Teixeira
Poesia escrita em 1985. Publicada em 1990 em seu livro Meu Estilo

Sumário

O registro de uma trajetória de trabalho e desenvolvimento 19
Cenário Tapejarense 23
CAPÍTULO 1 | ORIGENS 25
Povoamento Indígena 25
Povoamento Luso-Brasileiro no Rio Grande do Sul 30
Povoamento Negro 37
Povoamento Italiano 45
Povoamento Alemão 64
Senegaleses em Tapejara 71
Referências 74
CAPÍTULO 2 | EVOLUÇÃO GEOPOLÍTICA 77
Colônia do Rio do Peixe 77
Núcleo Itália 82
Sede Teixeira 83
Da Sede Teixeira para Distrito de Teixeira 94
Distrito – Vila Tapejara 103
Tapejara 113
O Movimento Pró-Emancipação e a Emancipação – antecedentes 113
A Comissão Emancipacionista 114
Movimento Pró-Emancipação 115
Primeira Tentativa – Arquivamento 116
A luta pela emancipação continua 118
Consulta plebiscitária 121
Lei de criação do Município de Tapejara 124
Sessão Solene de instalação do Município 125
O Patrono do Município de Tapejara 128
Referências 130
CAPÍTULO 3 | DIMENSÃO INSTITUCIONAL 133
Partidos políticos em Tapejara 133
Concentrações políticas em Tapejara 140
Poder Executivo 151
Prédios da Prefeitura 151
A base da estrutura urbanística de 1956 a meados de 1982 152
Primeiro Prefeito e Vice-Prefeito 152
Primeiras medidas e ações 154
Estradas e pontes 154
Criação dos Distritos e divisão administrativa 155
Sucessões consecutivas 156
Organização administrativa 156
Prefeitos e Vice-Prefeitos de Tapejara 169
Poder Legislativo Municipal 171
Primeira Legislatura 172
Os instrumentos jurídicos e políticos do Poder Legislativo 174

Estrutura e funcionamento da Câmara 178
Vereadores eleitos em Tapejara 180
Projeto Vereador Mirim 188
Exatoria Estadual 189
Poder Judiciário 190
Comarca de Tapejara 190
Juízes que passaram por Tapejara 190
Fórum da Comarca de Tapejara 191
Oficial de Justiça 193
Cartório Eleitoral 195
Cartórios 196
Ministério Público 199
Promotoria de Tapejara 200
Defensoria Pública 201
Subseção da OAB/RS de Tapejara 202
Junta de Serviço Militar 202
Junta Comercial 207
Referências 208
CAPÍTULO 4 | DIMENSÃO ECONÔMICA 211
Desenvolvimento do Comércio, da Indústria e de Serviços em Tapejara 211
O Comércio 212
Supermercados 223
Livrarias e Bazar 227
Alfaiates, costureiras e tintureiros 229
Sapateiros e lojas de calçados 233
Primeiras lojas de vestuários 235
Relojoeiros 238
Relojoarias e óticas 239
Farmácias 242
Padarias 242
Desenvolvimento do comércio agrícola 245
Recebimento de grãos 245
Desenvolvimento comercial e serviços de 1990-2006 247
Serviços 248
Carreteiros 248
Pedreiros e carpinteiros 249
Arquitetos e engenheiros 250
Imobiliárias 250
Barbeiros e Barbearias 250
Serviços de Táxi 254
Transportes 255
Abastecedoras de combustíveis e lubrificantes 260
Hotéis 265
Motéis 267
Bares 268
Oficinas Mecânicas 271
Oficina de Máquinas e Bicicletas 275
Estabelecimentos de Crédito 275
Escritórios de Contabilidade 283
Borracharias e Comércio de Pneus 286
Revenda de Autopeças e Acessórios 288
Desenvolvimento das atividades e prestação de serviços 289
Salões de beleza 290
Serviços Funerários 291
Serigrafia 295
Gráficas 296

Informáticas 298
Agência de desenvolvimento *web* 299
Agência de desenvolvimento de sistemas 299
Indústria 300
Atafonas 300
Olarias 301
Moinhos Coloniais 303
Serrarias 309
Madeireira 313
Carpintarias e Marcenarias 313
Ferraria 319
Selarias, Sapatarias e Estofarias 321
Funilarias 323
Fábrica de Vassouras e Cadeiras 324
Unidades Industriais de Alimentos 326
Sorveterias e Fabricação de Embutidos 333
Confecções 340
Metal Mecânica e Plásticos 341
Agropecuárias 345
Cooperativas 347
Incentivos públicos à iniciativa privada 357
Feiras e exposições 365
Referências 374
CAPÍTULO 5 | DIMENSÃO RURAL 377
Agricultura antigamente 377
A pecuária na década de 50 384
Serviço de sanidade municipal 388
Inspetoria Veterinária de Tapejara 389
Sindicatos 390
Emater-RS/Ascar 401
Comunidades rurais 408
Comunidades 412
Cachoeira Alta 412
Linha Calegari 413
Vila Campos 417
Linha Girardi 420
São Silvestre 421
Cachoeira Média 423
Coroado Baixo 425
Paiol Novo 426
Santo Antônio do Carreteiro 428
Linha Valentini 429
Linha Marcolin 430
Linha Três 431
Linha Quatro 433
Santa Rita 433
Caravaggio 435
Linha Nova 436
São José do Coroado Alto 437
São Brás 438
São Domingos 440
Linha Marchiori 443
Cachoeira Baixa 444
Linha Borille 445
Linha Sariot 446
Programas e projetos municipais para os produtores e agricultores 447

Referências 452
CAPÍTULO 6 | PERÍMETRO URBANO 453
Antecedentes do traçado viário 453
Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Código de Obras 458
Vias públicas e pavimentação 469
Habitação 475
Praças 480
Construtoras 485
Bairros 487
Bairro Centro 488
Bairro São Cristóvão 489
Bairro São Paulo 498
Mutirão Habitacional I e II 502
Loteamento Bianchini 502
Loteamento Coohasa e São Paulo 502
Bairro Treze de Maio 504
Bairro Nazaré 506
Saneamento básico 507
Fornecimento de energia 512
Coleta e tratamento de esgoto 515
Enchentes, incêndios e fenômenos naturais 518
Fábrica de Móveis, Aberturas e Beneficiamento de Madeiras 525
Pavimentação asfáltica 528
Estacionamentos 534
Pavimentação Solidária 535
Referências 537
CAPÍTULO 7 | MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS 541
Paróquia Nossa Senhora da Saúde 541
A Ação Pastoral da Paróquia Nossa Senhora da Saúde 546
Primeiro Salão Paroquial 548
Pedra fundamental da nova igreja 549
A ordenação do Padre Narciso Zanatta 550
Conclusão das obras da Igreja Matriz 553
Implementação de um ginásio e novas obras do Salão Paroquial 553
A descentralização da Matriz 555
Padre Valter Valentim Baggio 555
Congressos de Jovens Rurais 557
Paróquia Nossa Senhora da Saúde no período de 1956-1979 561
Programa da Paróquia Nossa Senhora da Saúde na Rádio Tapejara 562
Comissão Interinstitucional Municipal da Saúde 562
Cáritas Paroquial de Tapejara 562
Restauração da igreja 563
Lideranças da Associação de Jovens Rurais 564
Saída do Padre Valter e vinda de Darci Treviso 564
Projeto do novo salão comunitário anexo 565
Saída das Irmãs do Colégio Medianeira 565
Transferência do Padre Treviso 566
Primeiras medidas tomadas pelo Padre Domingos 566
Padres que trabalharam na Paróquia Nossa Senhora da Saúde 566
Cooperadores, coadjutores e vigários paroquiais 567
Padres ordenados em Tapejara e Vila Lângaro 567
Estilo predominante da Igreja Matriz 568
Atuais comunidades da Paróquia Nossa Senhora da Saúde 569
Igreja Católica no Bairro São Paulo 570
Renovação Carismática Católica 574

Pastoral da Juventude – Igreja Jovem: O caminho se faz Caminhando 574
Gruta Nossa Senhora de Lourdes 574
Outras Igrejas em Tapejara 582
Igreja Evangélica Assembleia de Deus 582
Primeira Igreja do Evangelho Quadrangular 583
Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) 584
Testemunhas de Jeová 584
Igreja Evangélica Rosa de Sarom 584
Comunidade Evangélica Luterana Cristo para Todos 585
Igreja Batista Pioneira 586
Casa Tabernáculo Pentecostal 587
Igreja Evangélica Senhor dos Caminhos de Tapejara 587
Igreja Universal do Reino de Deus 588
Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Madureira 589
Igreja Pentecostal Deus é Amor 590
A Casa de Oxalá 591
Igreja Batista Independente 592
Associação Espírita Ramatis Caminhos de Luz 593
Igreja Adventista do Sétimo Dia 594
Seicho-No-Ie 594
Igreja Internacional da Graça de Deus 595
Segunda Igreja do Evangelho Quadrangular 595
Congregação Evangélica Maanain 596
Igreja Evangélica Cristo para as Nações 597
Igreja Evangélica Missionária Nova Aliança 597
Referências 599
CAPÍTULO 8 | EDUCAÇÃO 601
Primeiras escolas 601
Associação Municipal de Pais e Mestres de Tapejara 604
Cenário educacional atual 604
Creches – educação infantil 605
Escolas de educação infantil: particulares 609
Escolas municipais de ensino fundamental 611
Cursos para os professores 619
Escolas estaduais de ensino fundamental e médio 623
Curso superior em Tapejara 649
Unidade Remota de Tapejara 652
APAE Tapejara 653
Centro Educacional Padre Valter Valentim Baggio 654
Escola de Datilografia Remington Rand 655
Biblioteca Pública Municipal Eduardo Damiani 656
Desfiles de Sete de Setembro 658
Projetos relacionados à educação do Município 660
Escola de idiomas 665
Referências 666
CAPÍTULO 9 | SAÚDE 667
Os primeiros cuidados com a saúde 667
Benzedeiras e parteiras 668
Hospital Santo Antônio 674
Serviços odontológicos 702
Unidades Básicas de Saúde de Tapejara 707
Agentes de saúde 712
Centro de Produtos Alternativos 713
Médicos cubanos em Tapejara 715
Programas 715
Saúde Center Clínica 719

Samu em Tapejara 720
Primeiros médicos 721
Primeiras academias e *personal trainers* 725
Arrumadores de ossos 726
Áreas da saúde existentes em Tapejara e profissionais 729
Escritório de Atendimento – IPERGS – Agência do IPE 729
Grupos ligados à saúde 730
Referências 733
CAPÍTULO 10 | ASSISTÊNCIA SOCIAL 735
Primeiras ações da Secretaria da Assistência Social 735
Sociedade Amigos dos Idosos (SAI) 739
Secretaria Municipal de Assistência Social 740
Programas sociais do governo federal 742
Serviços de proteção social básica 743
Serviços de proteção social especial 744
Programas, projetos e benefícios 745
Principais desafios 750
Referências 751
CAPÍTULO 11 | ESPORTE, LAZER E CULTURA 753
Futebol de campo 753
Clubes e equipes do futebol amador antigos e atuais 756
Do futebol de salão para o futsal 796
Quadras de terra de chão batido 797
Jogos amistosos, torneios e campeonatos 799
As quadras de basalto e concreto 803
O futebol de salão no Centro Comunitário Paroquial 806
Times no certame estadual de futebol de salão 810
Autape no certame gaúcho de futebol de salão 814
A chegada do futsal e do profissionalismo em Tapejara 815
Participação do representante local no certame estadual de futsal 816
Complexo Educacional e Esportivo Albino Sossella 830
Quadra Jaimir Antonio Pinto Ribeiro 831
Resultados dos campeonatos de futsal e futebol realizados pelo Departamento de Esportes de Tapejara 839
ADERGS/ROVANI 844
Consulado gremista de Tapejara 845
Consulado colorado de Tapejara 846
Associação dos Colorados de Tapejara 846
Jogo de bocha 847
Carreiras de cancha reta 850
Carreiras de Tapejara 851
Bolão – sociedade recreativa tapejarense 853
Voleibol 853
Atletismo 855
Ciclismo 856
Gincanas 857
Skate 857
Motódromo 858
Motocross 858
Sociedade Tapejara Moto Clube 860
Associação Tapejarense de Pilotos *Off Road* (ATP *Off Road*) 860
Veloterra 861
Motocross Freestyler 861
Associação Hortenilense de Futebol de Mesa (AHFM) 862
Pista automobilística 863
Tapejara Dragons 864
Lazer 864

Sociedades aquáticas 866
Rios 868
Centro Comunitário do Bairro São Paulo 868
Grupo de Cavaleiros da Rota das Araucárias 868
Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto 870
Festas promovidas pela Paróquia Nossa Senhora da Saúde 872
Bailando ao som da sanfona 874
Bandas 877
Pubs, boates e casas de eventos 880
Cultura 888
Símbolos do Município 888
Cinema em Tapejara 900
Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira 902
Coral Municipal Arte em Si 903
Teatro 904
Filmes de Tapejara 910
Dança 913
Pesquisa, produção textual e fotografias 913
Referências 916
CAPÍTULO 12 | SEGURANÇA PÚBLICA. 919
Doação de áreas para instalações de segurança pública 919
Delegacia de Polícia 919
Brigada Militar do Rio Grande do Sul 922
Brigada Militar de Tapejara 922
Novas viaturas para a Brigada Militar 925
Corpo de Bombeiros Voluntários de Tapejara 926
Junta de Serviço Militar 927
Conselho Tutelar 928
Compedec – Defesa Civil em Tapejara 929
Referências 930
CAPÍTULO 13 | COMUNICAÇÃO 931
Serviço de telefonia 931
Agência de Correios 933
Primeiras rádios alto-falantes 935
Jornais 944
Revistas 957
Fotografia 960
Agências de publicidade e jornalismo 964
Referências 967
CAPÍTULO 14 | ENTIDADES, SINDICATOS, ASSOCIAÇÕES E GRUPOS 969
Entidades 969
Sindicatos 976
Associações 981
Grupos 989
Referências 997
CAPÍTULO 15 | PERSONAGENS POPULARES, CURIOSIDADES E ANEXOS 999
Personagens populares 999
Centenários 1002
Curiosidades 1005
Casas antigas 1009
Carros antigos 1010
Anexos 1014
Referências 1038
Depoimentos 1039

O registro de uma trajetória de trabalho e desenvolvimento

Vista parcial da cidade de Tapejara na primeira metade da década de 1960. Foto: Arquivo de Mário José Felini.

Os jesuítas foram os primeiros a civilizar a região missioneira do Estado do Rio Grande do Sul. A área que hoje integra Passo Fundo pertencia ao município de Rio Pardo, local povoado por indígenas tupis-guaranis e jês, além dos caingangues (apelidados pelos colonizadores de Coroados), que viviam da horticultura de subsistência (milho, erva-mate, feijão, mandioca e batata). Essa região fazia parte da rota dos tropeiros.

O tropeirismo era uma atividade que se desenvolvia nos campos sulinos desde final do século XVII, em termos de fornecimento do gado para o abate e para o transporte na região mineira (principalmente o gado muar). Os tropeiros reuniam o gado solto em invernadas e o destino eram as feiras de Sorocaba, em São Paulo. De lá o gado era vendido para outros tropeiros, que o conduziam às regiões das minas.

Tapejara, na época, então Núcleo Itália, pertencia ao Distrito de Sete de Setembro, pertencendo ao Município de Passo Fundo. Era a sede da então Colônia do Rio do Peixe. Mais tarde, aconteceu a emancipação político-administrativa da sede da então Colônia Erechim, passando a ser denominado de município de Getúlio Vargas. A partir de então Sete de Setembro passou a ser distrito de Getúlio Vargas, recebendo a denominação de Charrua. Com a emancipação, Charrua passou a ser distrito de Tapejara.

Tapejara, na época Sede Teixeira, pertencia à Colônia Rio de Peixe, que, por sua vez, pertencia ao Distrito de Passo Fundo. O Município de Tapejara é protagonista de uma história que envolve incontáveis mulheres e inúmeros homens de tino religioso e empreendedor. Sua História reflete a religiosidade de

sua gente, dos princípios do associativismo, da coesão de forças educativas, das lutas comunitárias, das iniciativas individuais e das paixões esportivas, que representam o motor de suas conquistas.

Os primeiros habitantes, índios, fixados na terra no lugar onde está esta gente de hoje, deixaram um legado de abundante riqueza vegetal e animal para aqueles primeiros colonizadores que aqui chegaram.

No começo de sua história, durante a colonização, suas iniciativas foram marcadas pelo trabalho braçal de desbravamento e plantio em novas terras para a sobrevivência e a constituição de uma família baseada nos princípios e orientações das Igrejas Cristãs. Com o passar do tempo, a Sede Teixeira despertou em sua gente o desejo de constituir seus representantes e com eles desenvolver iniciativas que mostraram vigor na defesa de seus interesses. Mas, a saga dessa gente não parou no caminho. Continuou a caminhar da Vila Tapejara determinada em busca de sua emancipação político-administrativa para o Município de Tapejara.

O Município cresceu e, com isso, chegaram muitas dificuldades e obstáculos de diversas naturezas e graus que apareceram nessa história que envolviam seu desenvolvimento social-econômico-cultural. Mas, a união e a força de seus protagonistas foram uma demonstração dos princípios que nortearam a caminhada de sua gente, da cidade e do meio rural, que construíram este munícipio. O valor do trabalho, fé religiosa, amor à família, espírito comunitário e competitivo entre si foram o sustentáculo do percurso traçado e das etapas superadas por essa gente.

A partir de meados de 1900, colonos, descendentes de emigrantes alemães, partiram dos núcleos de colonização primitiva: Guaíba, Capela Santana, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre, São Sebastião do Caí e Taquara. Outros eram oriundos dos descendentes de italianos de Antônio Prado, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi e outros.

Na década de 1930, aventuram-se à procura de novas terras, chegando assim também à Colônia do Rio do Peixe, na época Distrito de Passo Fundo. Outros chegaram até a Sede Colônia Erechim, atual Município de Estação, de trem e, de lá para cá de carroça ou a cavalo, outros vieram todo o trajeto a cavalo até a Sede da Colônia Sete de Setembro, atual município de Charrua, então distrito de Getúlio Vargas.

Quando chegaram nesta terra encontraram pessoas ocupando pedaços de terras em diversos pontos do território, que ficaram conhecidos como posseiros. Os colonizadores começaram a derrubar o mato para plantar produtos agrícolas e abatiam os animais para o consumo familiar. Além de terras férteis, encontraram também o pinheiro em grande abundância e, assim, constituíram um pequeno núcleo denominado Itália.

As terras onde se situa a sede do Município eram do governo, mas este legitimava áreas que estavam de posse dos colonizadores ativos, como Antônio dos Santos Bonetes, que aqui se estabelecera. Foi então que o Presidente do Estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros, através do titulo de legitimação lavrado a folhas 167 do Livro de Posses, legalizou uma área de 1.714.057m^2, entre os Rios Ligeiro e Carreteiro, consagrando Antônio dos Santos Bonetes como o primeiro morador do núcleo. Do núcleo colonizado Itália nasceu em seguida Sede Teixeira, através da aquisição que Manoel Amâncio Teixeira e Julião Luiz de Almeida fizeram de três glebas, vendidas por Antônio dos Santos Bonetes e sua mulher, Serafina Garcia Vieira. Os dois compradores logo formularam um plano de loteamento que compunha o núcleo chamado Sede Teixeira. As terras foram divididas em lotes urbanos e chácaras, conforme mapa feito pelo agrimensor João Falkembach.

Com o desenvolvimento da colonização, o Núcleo Itália passou a denominar-se Sede Teixeira, 18ª Secção do Distrito de Coxilha (Passo Fundo), nos dois primeiros anos de 1920. Logo em seguida, em 1922, passou a 11º Distrito de Sete de Setembro (Charrua). A Sede Teixeira apresentava-se como um

pequeno povoado com casas de madeira e traçado característico evidente numa urbanização, em formato, com quatro ruas na direção nordeste-sudoeste e sete ruas na direção noroeste-sudeste, em meados de 1922.

Em 1929 foi elevado à categoria de 14º Distrito de Passo Fundo, sob a denominação de Vila Teixeira. Em meados de 1929, até o final de 1930, o território era cada vez mais ocupado e povoado, devido à chegada de mais famílias de colonizadores atraídos pelas notícias dos pioneiros, que acabaram por influenciar a vinda de nova leva à localidade.

Em meados da década de 1940, Vila Teixeira foi denominada Vila Tapejara, ainda Distrito de Passo Fundo, aproveitando a denominação que os índios Caingangues, primeiros povoadores do território, deram ao Rio Carreteiro; desdobrando, tape quer dizer "caminho" e yara quer dizer "senhor"; ou seja, "Senhor dos Caminhos". Nas décadas de 40 à metade da década de 1950, chegaram na Vila Tapejara muitas famílias de descendentes de imigrantes oriundos, dentre outras, das localidades de Guaporé, Marau, Passo Fundo, Garibaldi, São Sebastião do Caí e Lagoa Vermelha.

O Movimento Pró-Emancipação de Tapejara originou-se do processo de constituição da estrutura agrícola-comercial, alicerçada no desenvolvimento, na estruturação das atividades e empreendimentos agrícolas, comerciais, sociais, culturais e medidas político-administrativas, entre as quais a delimitação e a demarcação do território ocupado gradativamente pela população no decorrer do tempo.

A evolução da Vila Tapejara, em 1953, favoreceu o movimento pró-emancipação de lideranças respaldadas por parcelas da população. Após muitas lutas, a vitória surgiu quando em 9 de agosto de 1955 o Município de Tapejara foi criado. A instalação aconteceu em 1º de janeiro de 1956, conforme a Constituição de 1946, vigente, que erigiu o Município Brasileiro em entidade estatal de terceiro grau, integrante e necessário ao sistema federativo, com capacidade de auto-organização, de elaboração de Leis Orgânicas próprias, bem como reduzidas competências impostas especialmente por via de Leis Orgânicas estabelecidas pelos Estados.

A partir de então o Município cresceu rapidamente no comércio, no serviço, na indústria, como política e religiosamente com a chegada de famílias de diversas regiões. Neste livro, você poderá conhecer um pouco mais da história de tapejarenses e de pessoas que também se consideram filhos desta terra acolhedora e, de braços abertos, recebem a todos.

Cenário Tapejarense

Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

O Município de Tapejara está situado no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, na zona de relevo do Planalto Médio, pertencente à mesorregião nordeste do Estado e microrregião de Passo Fundo. O município tem uma extensão territorial de 903 km², correspondendo a 0,29% da área do Estado. Sua posição geográfica está determinada pelo paralelo 28° de latitude sul e o meridiano de 52° de longitude oeste.

A área atual do município é de 315,10 km², sendo que 95,95% ou 302,34 km² na zona rural e 4,5% ou 12,76 km² na área urbana e de expansão urbana, dentro do novo perímetro urbano. Limita-se ao norte com o Município de Charrua, ao sul com os Municípios de Água Santa e Caseiros, a leste com o Município de Ibiaçá e a oeste com os Municípios de Sertão e Vila Lângaro.

Clima

O clima de Tapejara é temperado. O verão é brando, mas se pode verificar, nesses últimos anos que a temperatura tem elevado um pouco. O inverno é bastante frio, com temperaturas médias em torno de 13oC. Nessa estação, as médias mínimas diárias ficaram entre 7oC e 9oC e, não raras vezes, os termômetros registraram mínimas absolutas inferiores a 0oC.

Não se pode diferenciar, como antigamente, as quatro estações do ano devido a fatores de modificações em todo o ecossistema terrestre, porém devido à variação climática sazonal, ainda se pode perceber a ocorrência das estações do ano. O regime de chuvas acusa uma precipitação anual média 1.590mm.

Vegetação

Predomina a floresta subtropical, com ocorrência de araucárias. A extração para fins comerciais da madeira e o desenvolvimento das atividades agrícolas causaram a diminuição das áreas com florestas nativas no Município. Na maioria dos recursos hídricos, não existe a vegetação ciliar definida por lei. No entanto, há um projeto de saneamento rural desenvolvido pelo Poder Público que prevê a recuperação dessa vegetação através de doação de mudas de árvores nativas.

Solo

Predominam solos argilosos, profundos, bem drenados, suscetíveis a erosão, ácidos, com elevados teores de alumínio trocável e de baixa fertilidade natural. Como consequência dessa realidade, muitas lavouras passam por processos de erosão, bem como existe a necessidade de aplicação de adubos, fertilizantes e corretivos, visando a uma melhor produtividade.

Relevo

A altitude média da sede do Município é de 658 metros em relação ao nível do mar. O relevo é formado por planícies, montanhas, vales e morros.

Hidrografia

Pertence à Bacia do Rio Uruguai, tendo como principais rios e arroios: Rio Apuaê, conhecido como Rio Ligeiro; Rio Santo Antônio; Rio Tapejara, mais conhecido como Carreteiro; Arroio Dorval; Arroio Felizardo; e Arroio Bonetes.

Principais acessos do município

- Estaduais ou intermunicipais

Tapejara a Coxilha
Tapejara a Ibiaçá
Tapejara a Charrua
Tapejara a Água Santa
Tapejara a Vila Lângaro
Tapejara a Santa Cecília

Limita-se com os seguintes municípios:
Ao norte com Charrua e Sertão
Ao sul com Água Santa e Santa Cecília do Sul
A leste com Ibiaçá
A oeste com Vila Lângaro

População

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico de 1980, o município possuía 21.138 mil habitantes. Em 1991, a população era de 18.887 e em 2000 havia 15.115 moradores. Já em 2010 foram constatados 19.250 habitantes, destes 9.858 mulheres e 9.392 homens. Em julho de 2015, o IBGE estimou 21.525 habitantes. O PIB *per capita* (estimativa de 2012) é de R$ 32.417,11.

Capítulo 1

Origens

POVOAMENTO INDÍGENA

• Indígenas no Rio Grande do Sul

Segundo a pesquisa e o estudo da arqueóloga Jussara Louzada Becker, a história indígena no território do Rio Grande do Sul (RS) surgiu 12 anos antes de Cristo (a.C), quando habitavam, em meio a matas e banhados, a atual região de Itaqui, na Fronteira Oeste.

Depois de constituído o chamado Grupo Jê, também conhecido como Kaingang, Coroados, Bugres, Chiquis e várias outras denominações regionais dadas pelos colonizadores, como "Tribos Pé da Serra", formou-se também um novo gru po nos arredores da atual região de Santa Maria: os Humaitás, que viviam da caça de pequenos animais. Com o passar do tempo, tais grupos foram ocupando parte do Planalto Médio, Missões, Serra Nordeste e Alto Uruguai.

Os Jê-Kaingang formavam um dos povos indígenas mais numerosos do Rio Grande do Sul, totalizando aproximadamente trinta mil indivíduos, distribuídos em mais de trinta terras indígenas localizadas, além do Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Suas principais práticas de subsistência eram a pesca, a caça, a coleta do pinhão e a agricultura, com roçados que supriam as necessidades de cada família e/ou grupo; suas casas eram subterrâneas e ficavam em aldeias fixas, onde também praticavam seus rituais.

O maior símbolo de poder das tribos era o pinheiro (araucária), importante árvore que podia atingir trinta metros de altura e dois de diâmetro do tronco. Era encontrado, abundantemente, nas matas da região norte do RS. Nos meses de inverno ele produzia o pinhão, cuja semente é muito nutritiva.

As tribos Kaingang e Coroados dominavam a técnica da produção da farinha de pinhão, que após a semente estar seca era moída em um pilão, permitindo assim armazená-la por longos períodos. Na época do pinhão, centenas de animais eram atraídos para os pinhais, onde se tornavam presas fáceis para os ágeis arqueiros Kaingang. A abundância de alimentos das matas proporcionava maior mobilidade ao Jês. Sem problemas de alimentos, eles podiam vir de São Paulo ao território do RS, entrando pelo Alto Uruguai, descendo pelo Planalto Médio e indo até o Litoral Norte, por dentro das matas.

A terra era rica, porém havia algumas regras de sobrevivência. Homens e mulheres que habitavam essa terra sabiam disso. Já no ventre da mulher, o pequeno crescia sustentado pela terra, que alimentava e dava vida à tribo. As mulheres, mesmo grávidas, eram encarregadas de colher frutas e sementes para o sustento da tribo. Antes de dar à luz ao filho, isolavam-se em um local junto com uma das anciãs, que servia de parteira. Depois do parto, a criança era lavada no rio e entregue ao pai. Quando necessário, ervas retiradas da terra curavam os "males de mulheres": a menstruação.

Os principais utensílios domésticos eram fabricados a partir da cerâmica e da cestaria, sendo a maté-

ria-prima o cipó e a taquara. A cestaria, denominada de artesanato, ainda hoje é desenvolvida na confecção de balaios, peneiras e diversos tipos de cestas.

Os Kaingang eram divididos em dois clãs, com a presença de quatro seções. Na metade Kamé havia as seções Kamé e Wonhétky e, na metade Kairu, as seções Kairu e Votor. A pintura cerimonial dos Kamé possuía riscos ou marcas compridas e a Kairu possuía círculos ou marcas redondas. Os caciques se destacam por serem pessoas influentes e valentes, sempre buscando algo de interesse à comunidade. Além do cacique, outra figura importante era o kuiã, que exercia o poder religioso dentro da tribo. Era o líder espiritual, que conhecia as plantas que serviam como remédio, além de ser considerado um guerreiro espiritual.

Fundados pelos Jesuítas em 1682, "Os Sete Povos das Missões" desenvolveram-se contrariando os interesses dos Reis de Portugal, que determinaram seu aniquilamento. Na luta pela sobrevivência, surgiu o herói Sepé Tiaraju. Depois do aniquilamento dos missionários, muitos índios começaram a vagar sem destino, engrossando as tribos Kaingang ou formando grupos menores incorporados pelos portugueses por volta de 1800. Essa incorporação custou o extermínio dos Charruas e Minuanos e a destruição dos Sete Povos das Missões, que espalhou índios guaranis por todos os cantos do RS.

Com a chegada dos primeiros colonos alemães, em 1824, e em seguida dos italianos, os indígenas não entendiam por que os colonizadores derrubavam a mata. Quando os índios compreenderam que não podiam entrar nas plantações dos colonos e colher os frutos, entraram em conflito.

Nos primeiros tempos, os indígenas Kaingang coletavam os produtos no pátio dos colonizadores e fugiam, refugiando-se na mata. Com o tempo, ficaram mais cautelosos, porque sabiam que os moradores estavam munidos de armas. Com isso, os Kaingang ficavam dias e dias espiando de longe a morada do colono e somente atacavam quando eles não estavam por perto.

Em pouco mais de duas décadas, os colonizadores alemães conseguiram "empurrar" os índios Kaingang para a região da atual cidade de Passo Fundo, e os Vales do Caí, Sinos e Serra Nordeste ficaram livres para serem colonizados, e assim começou o processo de colonização das principais terras do território do RS. Depois de colonizada a Serra Nordeste, era a vez do Planalto Médio, Alto Uruguai e Missões. As matas eram fechadas e os índios povoavam as picadas. O governo encontrou uma saída para conquistar essa parte do território do RS e foi construída a Estrada do Pontão, que partia dos arredores de São Sebastião do Caí até o Alto Uruguai. Na época da construção, índios atacavam operários, e por isso foi criada a Companhia de Pedestres, que tinha como objetivo atuar sobre os índios e concluir a obra. Cansados dessa luta, os Kaingang aceitaram viver em reservas.

• Reservas

Devido à grande quantidade de indígenas que circulava pelas colônias, em permanente conflito com os colonizadores europeus, constrangendo o governo brasileiro, a solução encontrada foi a criação de reservas. Essa medida tinha sido adotada com sucesso nos Estados Unidos e em outros países latino-americanos. Nessa época, restavam pouco mais de vinte mil dos quinhentos mil índios que havia no século XVII, quando os primeiros colonizadores chegaram no território do RS.

A finalidade da medida tomada pelo governo era manter as populações indígenas vigiadas, com o objetivo de reeducá-los com os valores da sociedade dos colonizadores e, assim, solucionar o problema da pressão externa dos governos europeus que mandavam imigrantes para o Brasil.

A demarcação das primeiras reservas não aconteceu antes de 1910. A Lei de Terra de 1850 autorizava o governo a promover a colonização nas chamadas glebas devolutas. Porém, os índios não tinham

documentos das suas terras. Com essa Lei, surgiram muitas empresas de colonização que simplesmente lotearam as terras dos índios, criando conflitos jurídicos que duram até hoje.

A situação somente mudou quando os positivistas assumiram o governo do Estado do RS, em 1920. Dessa forma, as áreas indígenas foram demarcadas, somando doze reservas em cem mil hectares. Em nível nacional, foi criado, em 1910, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Em 1967, o governo trocou o nome SPI para Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

A Constituição Brasileira de 1988 determinou então que, até o ano de 1994, o governo deveria demarcar todas as áreas indígenas e assegurar a posse dos índios nos cinquenta mil hectares que lhes foram retirados na década de 1960.

• Indígenas Tapes e Kaingang em Tapejara

No início do século passado, a região do atual Município de Tapejara, inicialmente território denominado Colônia do Rio do Peixe, também foi povoada por indígenas Tapes e Kaingang. Atualmente, existem duas reservas que pertenciam ao município: a do Ligeiro, situada no ex-distrito e atual Município de Charrua, e a do Carreteiro, localizada no ex-distrito e atual Município de Água Santa.

Reserva Indígena Ligeiro. Foto: Arquivo de Renata Volpatto.

Reserva Indígena Carreteiro. Foto: Arquivo de Renata Volpatto.

• Coordenação local de Tapejara

A Coordenação Local Técnica (CLT) da FUNAI de Tapejara está localizada no Município de Tapejara desde 2009 e é coordenada pelo Sr. Lourinaldo Waldereys Rodrigues Veloso.

Coordenação Local da FUNAI de Tapejara. Foto: Arquivo de Renata Volpatto.

A CLT de Tapejara atende as terras indígenas do Ligeiro, no município de Charrua; Ventarra, no município de Erebango; e Carreteiro, no município de Água Santa. Também atende os acampamentos indígenas de Faxinal, no município de Água Santa; Mato Castelhano I e Mato Castelhano II, no município de Mato Castelhano; Campo do Meio, no município de Gentil; e São Roque, no município de Erechim. São três terras indígenas e cinco acampamentos, todos localizados no Rio Grande do Sul, sendo atendidos 2.613 indígenas da etnia kaingang.

A CLT, em Tapejara, foi criada no processo de reestruturação da Fundação Nacional do Índio, com o compromisso de atender as demandas indígenas, atuar nas áreas administrativa, social, educacional, de documentação e registro, segurança alimentar, de gestão ambiental e territorial. Atua pela garantia dos direitos e qualidade de vida dos indígenas, apoiando suas tradições, religiosidade, cultura e economia.

Atualmente, três servidores compõem o quadro da CLT Tapejara, sendo dois funcionários e uma estagiária, atendendo as mais variadas demandas indígenas, atuando especialmente na garantia dos direitos indígenas, além da valorização da cultura desses povos.

• O povo Kaingang da Reserva Indígena do Ligeiro

Planta da Reserva Indígena Ligeiro.
Foto: Arquivo de Glória Col Debella.

Tapejara foi local de passagem de grupos indígenas para outras regiões, rumando a Santa Catarina (SC). A demarcação da terra da Reserva Indígena Ligeiro ocorreu entre os anos de 1910 e 1911, no governo de Dr. Carlos Barbosa Gonçalves. Com 45.517.862m², denominado na época de Toldo do Ligeiro, é o único local mantido pelo Governo da União, desde o ano de 1909 até os dias atuais. Somente em 1991, recebeu sua demarcação administrativa, conforme estabelece a Constituição de 1988.

A Reserva Indígena Ligeiro está localizada no município de Charrua, RS e abriga uma população de 1.471 indígenas pertencentes ao povo Kaingang, organizados em torno de 340 famílias, numa terra demarcada de 4.565 ha. A área concentra cerca de 43% da população do município de Charrua. A distância até a sede do município é de 9 km. O acesso principal da reserva é viabilizado pela RS 475, que liga os municípios de Getúlio Vargas e Sananduva, passando por Charrua. Pela classificação do IBGE, a área situa-se na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense e na Microrregião de Passo Fundo.

FOLHA DE S.PAULO

Collor define 6 reservas de índios no RS

Collor oficializa cinco reservas indígenas no Rio Grande do Sul

Presidente fala de 'Dança com Lobos'

Repercussão na imprensa da demarcação da terra indígena da Reserva Ligeiro em 1991.
Foto: Arquivo de Maristela Bianchini.

Essa reserva recebeu a visita do então Presidente da República, Fernando Collor de Mello, em 28 de março de 1991, com o objetivo de tornar concreta a demarcação das terras indígenas, as quais não podem ser vendidas, nem loteadas. A demarcação foi apontada como a primeira do Estado do Rio Grande do Sul a ser gerida pela União

após a República. Através do antigo SPI, a Reserva do Ligeiro foi eleita centro de atração de indígenas, que objetivava esvaziar outros aldeamentos da região.

No começo do século XX, iniciou-se a colonização nesta região, e, à medida que os imigrantes chegavam, os indígenas eram expulsos para lugares mais remotos, no caso, às margens do rio Ligeiro.

Para os colonos, o objetivo principal com os índios era ter mão de obra para executar o trabalho na agricultura, onde precisavam roçar, plantar, queimar, preparar a terra, capinar e colher os produtos, sob controle rígido, precárias condições de trabalho e mínimo descanso. Os produtos eram comercializados, mas os índios não recebiam remuneração; apenas alguns alimentos e peças de vestuário. Esse tipo de sistema abalou profundamente a comunidade indígena, que antes vivia em seu núcleo familiar, com sua própria chefia, plantações e animais.

Esse sistema acabou somente em 1960, com a criação da FUNAI, cuja organização possui um chefe não indígena, auxiliado por um secretário indígena. A FUNAI disponibiliza ainda uma sede às atividades administrativas, como registros de nascimentos, número de famílias, controle de distribuição de cestas do programa Fome Zero, negociação de contratos de trabalho, entre outras atividades.

Em meados de novembro de 1996, a referida Reserva Indígena enfrentou problemas em relação ao arrendamento de terras feitas aos colonos, infringindo a Lei n.° 6.002, de 1973, que proíbe que isso aconteça. Hoje, existe policiamento indígena no local, através da Brigada Militar, que procura coibir o uso de álcool e de atos violentos.

Atualmente, a área indígena abriga uma população de 340 famílias. As principais atividades são a agricultura, tendo como destaque a monocultura do milho e do feijão. A soja convencional também ocupa espaço. Dois tipos de lavoura são cultivadas: a familiar e a coletiva, sendo a coletiva sob administração da FUNAI, com a finalidade de obter recursos à manutenção de veículos, máquinas e a realização da Festa do Índio.

O artesanato também é uma atividade bastante comum; os produtos fabricados são balaios com tampa, peneiras, colares de sementes, entre outros. A criação doméstica de animais como aves, gado e suínos também é prática dos indígenas, bem como o trabalho assalariado. Além dessas atividades, a coleta de alimentos ainda é prática de subsistência; os principais produtos de coleta são o pinhão, frutas cítricas e silvestres, assim como a caça e a pesca como complemento alimentar.

Em relação ao processo educacional, parte dele acontece na família, quando cultivam a língua materna, recebem os valores e os princípios para conviver socialmente, aprendem sobre os costumes antigos e ouvem histórias de seus pais e avós. Outro espaço é a escola, onde recebem a educação formal e bilíngue.

• O povo Kaingang da Reserva Indígena do Carreteiro

A Reserva Indígena do Carreteiro, situada no município de Água Santa, abriga uma população de 211 indígenas, cerca de 32 famílias e uma área de 602.975 ha, demarcada e registrada em cartório.

• A primeira Mestra Indígena

A filha do terceiro maior povo indígena do Brasil, Lúcia Fernanda Inácio Belfort, nasceu na Reserva Indígena do Carreteiro, localizada no atual Município de Água Santa. Neta de cacique e filha de professora de kaingang, aposentada, mora em Serrinha, terra indígena retomada há 10 anos, no município de Ronda Alta.

A trajetória profissional de Lúcia Fernanda começou ao estudar em diferentes escolas públicas e privadas de diversas regiões. Com pais funcionários da FUNAI, a família era constantemente transferida

de uma reserva para outra.

Entrou na faculdade com 17 anos, cursando Direito na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) e saiu com 21 anos. Conseguiu concluir o curso quando uma ONG estrangeira concedeu-lhe uma bolsa de 250 dólares. Depois de aprovada na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), mudou-se para Brasília e ingressou na Universidade de Brasília (UnB), onde concluiu o curso de Mestrado em Direito em 2006. Foi a primeira advogada kaingang do Sul e a primeira Índia Mestra do país.

Primeira indígena com título de Mestre do Brasil. Foto: Zero Hora.

Hoje, trabalha no Instituto Indígena Brasileiro para a Propriedade Intelectual, uma ONG indígena que atua nas áreas ambientais e de proteção do patrimônio cultural. O trabalho é desenvolvido no cenário nacional e internacional, incluído na Organização das Nações Unidas.

POVOAMENTO LUSO-BRASILEIRO NO RIO GRANDE DO SUL

O norte gaúcho teve a pioneira ocupação de origem lusa, ou seja, de brasileiros descendentes de portugueses. No entanto, com a chegada de alemães e italianos no século XIX, a metade norte passou a expressar as características desses dois grupos com mais força.

A presença da cultura portuguesa foi visível na área nordeste do Rio Grande do Sul, através da imigração açoriana no Vale do Rio Jacuí, no Vale do Rio Taquari e na região litorânea do Estado, evidenciando, também, a contribuição dos lusos na formação da capital, Porto Alegre.

Na região noroeste do território gaúcho, além da participação açoriana, houve a fixação de um grupo de luso-brasileiros relevante na criação de importantes municípios do Estado gaúcho – o tropeiro paulista. Essa área do Rio Grande do Sul foi, desde a vinda dos portugueses, um caminho por onde passavam os "castelhanos" até o Oceano Atlântico, as tropas de muares para Minas Gerais, além de representar uma área estratégica para o controle do Sul do Brasil pela Coroa portuguesa.

A história das tropas na região meridional brasileira teve início no século XVIII, quando os portugueses tinham esperança de explorar jazidas de metais preciosos e dominar territórios também disputados pela Espanha.

Para maximizar a extração mineral, a Coroa incentivava a produção agropastoril nas localidades auríferas (que produzem ouro), fazendo com que outras regiões as abastecessem com cereais. Com isso, a Coroa demorava em atender as reivindicações das regiões agropastoris, pois estava mais interessada em instalar casas de quintagem e melhorar vias de escoamento para os garimpos.

Durante a colonização portuguesa, foi notável o aumento populacional em um pequeno espaço de tempo nas regiões auríferas. Para suprir as necessidades das atividades de exploração de ouro, a região passou a receber incentivo na produção agropastoril, consolidando os territórios que faziam limite com o Rio da Prata e que despertavam interesse da Coroa portuguesa pela posição estratégica que tinham. "A região conhecida no século XVIII como continente de São Pedro do Rio Grande e que hoje corresponde ao Estado do Rio Grande do Sul, era escassa em população", de acordo com Polinari (1989, p. 24).

A existência de elevado número de cabeças de gado provenientes das reduções jesuíticas atraiu habitantes para o território gaúcho, sendo que poucas pessoas moravam na região devido à distância do

sudeste do Brasil, que vivenciava, na época, a riqueza da obtenção do ouro e de outros minérios.

Com a necessidade de aquisição de alimentos e animais para a realização de transporte nas áreas de exploração aurífera, muitos paulistas lançaram-se à atividade tropeira e iniciaram o processo de povoamento na região norte e noroeste rio-grandense. Desse modo, essa área, que tinha escasso número de habitantes, ganhou no século XVIII expressivo número de moradores. Essa fase remonta a etapa da conquista e colonização militar portuguesa no espaço rio-grandense e teve nas invernadas e no comércio de gado direcionado a Minas Gerais significativo ganho econômico.

Mais tarde, esses tropeiros tornaram-se donos de extensas áreas de terras para invernar o gado que compravam no Rio Grande para criá-lo em suas fazendas.

Após 1820, com a decadência da atividade mineradora no Brasil, as tropas de bois destinadas à alimentação e as tropas de burros e cavalos usadas para o transporte dos trabalhadores das minas passaram a se dirigir para São Paulo devido à ascensão da produção de café. Sorocaba tornou-se o principal destino do gado que saía do Rio Grande do Sul.

Convém destacar que os tropeiros puseram-se, também, a serviço dos frigoríficos, consolidando a criação de muitas cidades e representando um modo de vida que influenciou, grandemente, a cultura gaúcha.

Enfatiza-se que esse grupo cultural não foi responsável somente pela exploração das riquezas brasileiras e gaúchas, mas também conseguiu desenvolver essa grande área territorial através da persistência em abrir os primeiros caminhos, construir as primeiras estradas, desenvolver os primeiros estabelecimentos comerciais e as primeiras vilas, que, mais tarde, se tornaram importantes cidades.

• A contribuição de diferentes povos na formação do gaúcho

A herança cultural deixada pelos diferentes povos que habitaram e colonizaram esta terra contribuiu para a formação e caracterização da figura típica do Rio Grande do Sul, ou seja, o gaúcho. Os antigos povoadores de origem lusitana, principalmente os militares e os tropeiros, foram os pioneiros na formação da cultura rio-grandense e, com a chegada de outros imigrantes, esse alicerce cultural não foi modificado, mas complementado. Como prova dessa afirmação, vemos descendentes de alemães, italianos e poloneses fazendo o típico churrasco aos domingos.

Constata-se que desde os primórdios da formação do território gaúcho até o ano de 1801, portugueses e espanhóis disputaram o território rio-grandense e, nessa perspectiva, diz-se, ainda, que existe a influência espanhola na composição da cultura do Rio Grande do Sul, bem como a importante participação indígena e negra na consolidação desse elemento típico do Estado. O gaúcho é o resultado de uma mistura de grupos sociais que por aqui permaneceram, ou seja, teve-se a pioneira constituição lusa, indígena, negra e espanhola e, com a chegada do alemão, italiano, polonês, entre outras etnias, a figura-símbolo do Rio Grande do Sul foi sendo enriquecida.

O papel do imigrante luso em território gaúcho foi o de assegurar o domínio de Portugal e, por isso, a influência dos açorianos, luso-brasileiros, tropeiros e militares foi determinante à afirmação da cultura lusitana no Rio Grande do Sul.

A participação dos imigrantes portugueses e povoadores luso-brasileiros na construção cultural gaúcha, segundo Caetano (2012), foi manifestada através das festividades, como o Terno de Reis, caracterizado como uma festa tradicional ligada à Sagrada Escritura e das danças como a valsa, originada na Áustria e trazida pelos portugueses no século XVIII, conhecida como "valsa figurada", ou "chote afigurado" sendo que no século XIX foi difundida por todo o Império. Caetano (2012, p. 144) ainda destaca

sobre o chote:

> *Uma dança originada na Hungria e trazida pelos portugueses no período Regencial, enfatizando que os imigrantes açorianos e seus descendentes dançam o "chote afigurado", sem limites de passos e figuras. Evidencia-se, ainda, a chimarrita, uma dança que lembra muito as evoluções de várias coreografias portuguesas, trazida pelos colonos açorianos na segunda metade do século XVIII que era muito popular no Arquipélago dos Açores e na Ilha da Madeira.*

Dando continuidade à influência portuguesa nos códigos culturais tipicamente gaúchos, aponta-se outra dança muito popular no Rio Grande do Sul: o pezinho, que apresenta uma coreografia muito simples e bela, com uma melodia muito popular em Portugal e nos Açores, obtendo considerável popularidade no litoral de Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Também se destacam a milonga, a rancheira, a vanera, o bugio, a rancheira de carreirinha, o anu, o tatu, além das lendas mais expressivas, como a do Negrinho do Pastoreio, do Boitatá, da Salamanca do Jarau, do Caverá, do João-de-Barro e a de São Sepé.

Ainda existe uma estreita ligação da figura típica rio-grandense com a tradição pastoril da lida nos campos do interior gaúcho, através da valorização do cavalo e do gado, com o consumo do churrasco, do chimarrão, da declamação da trova, do toque da gaita e do violão, da atividade campeira e da relação entre patrão, peão e capataz, assim como do papel da mulher como mãe e dona de casa e dos instrumentos, ferramentas e indumentária que simbolizam essa cultura, como as boleadeiras, as bombachas e os arreios.

A gastronomia gaúcha foi influenciada pela cultura portuguesa através dos doces, como o quindim e o arroz de leite, o azeite de oliva e o vinho, destacando também o arroz com charque, prato tipicamente gaúcho que marca o período de valorização da pecuária e das charqueadas no Rio Grande do Sul.

A religião aparece como valorizado elemento da etnia lusitana, que teve grande influência no Rio Grande do Sul, destacando a crença em Nossa Senhora de Fátima e em Nossa Senhora Aparecida. A Festa do Divino Espírito Santo também caracteriza a participação da cultura portuguesa em território gaúcho.

Como festividade típica, tem-se a Carreira de Bois. Como principais jogos, o sete em porta, o jogo de osso e o truco. Com relação aos brinquedos, verifica-se a grande influência indígena na criação, como o arco e a flecha, o arco e a trava, a arapuca, o aviãozinho de lata, o bilboquê, o bodoque, os bois de sabugo, a bola de meia e as cinco marias.

A cultura gaúcha evidenciou-se nas raízes campeiras dos costumes e a sobrevivência destes frente à realidade do êxodo rural, da vivência nas áreas urbanas, da imigração alemã e italiana, que alteraram o quadro cultural do Estado, mas não conseguiram transformar os alicerces étnicos da composição desse elemento típico do Rio Grande do Sul – o gaúcho. Esse indivíduo, formado pela cultura lusitana, mais basicamente a portuguesa, açoriana e luso-brasileira, mesclou-se com o indígena e o negro, criando um conjunto de atributos que caracterizam a figura símbolo do Rio Grande do Sul.

• Chegada de imigrantes luso-brasileiros em Tapejara

Nos primórdios e no atual território de Tapejara, desde o período colonial, passando pela Sede Teixeira e Vila Teixeira e início da emancipação político-administrativa, houve a presença de descendentes de povoadores luso-brasileiros.

Os lusos-portugueses, seus descendentes e povoadores em Tapejara misturaram-se e passaram a incorporar elementos de outros grupos. Com a chegada de inúmeros colonizadores italianos e alemães, os luso-portugueses acabaram ficando dispersos em várias partes do território.

A chegada dos italianos e alemães é mais recente e, talvez por isso, é mais difundida. A etnia portuguesa fez questão de manter contato com outras culturas pela necessidade de mão de obra e pelas guerras. Já o italiano e o alemão preferiram relacionar-se entre si e formar comunidades mais fechadas, sem tanta influência de outros grupos.

É possível identificar a presença de descendentes luso-portugueses no território tapejarense através dos sobrenomes de alguns moradores. Porém, eles se reconheciam como descendentes de luso-portugueses e/ou açorianos; é muito difícil designar os elementos culturais lusitanos, visto que essa etnia se misturou a ponto de se identificar de maneira geral como brasileiro e como gaúcho, mesmo estes sendo resultados da mescla de várias culturas.

No Município de Tapejara não existe uma expressão "pura" do luso, mas através do gaúcho, muitos elementos da cultura lusitana podem ser verificados. Podemos citar o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Manoel Teixeira, que apoia e realiza festividades ligadas à valorização da cultura rio-grandense, como rodeios, torneios de laço, cavalgadas, apresentações das invernadas, entre outras.

Entretanto, cabe registrar a presença, mesmo que de passagem, dos descendentes luso-portugueses Lindolfh Silva e Serafim Terra nos primórdios da Colônia do Rio do Peixe, mais tarde Núcleo Itália. Em seguida, chegaram ao Núcleo Antônio dos Santos Bonetes e esposa, Serafina Cercia Vieira, os quais venderam suas terras de posse legitimada para os portugueses Manoel Amâncio Teixeira e Julião Luiz de Almeida.

A primeira família a se instalar nas terras de Bonetes foi a do Major Manoel Amâncio Teixeira. Dessa forma o Núcleo passou a se chamar Sede Teixeira em meados de 1920.

O Major Manoel Amâncio Teixeira nasceu no Município de Passo Fundo em 21 de maio de 1870. Filho de João Procópio Teixeira e de Bibiana Maria Teixeira. Casou-se pela primeira vez com Izolina Oliveira Cardoso e com ela teve os seguintes filhos: Rômulo Cardoso Teixeira, advogado; Cicero e Osório, encarregados na seção de agricultura da Fazenda Coxilha, além das Srtas. Iracema e Aracy. Como viúvo, casou-se em segundas núpcias com Leonor Lemos Teixeira.

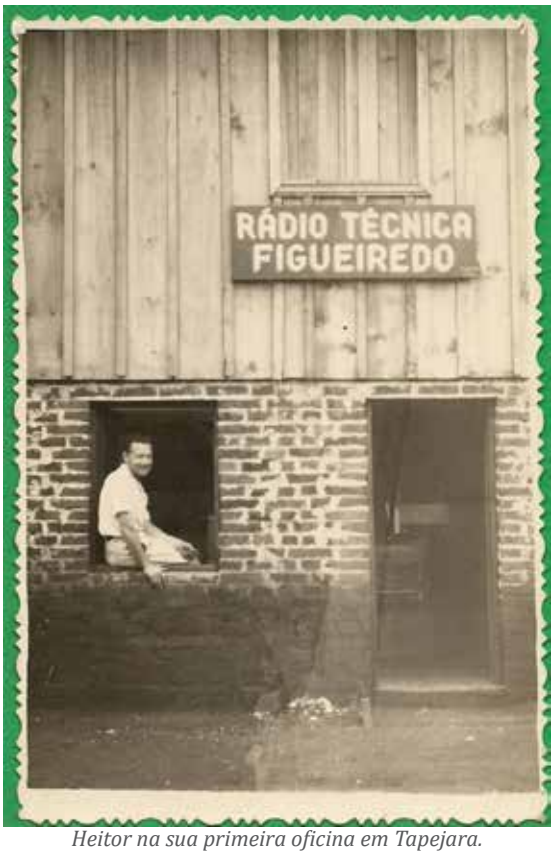
Nos tormentosos instantes em que a Nova República experimentava as incertezas de seu destino, por ocasião da Revolução Rio-Grandense de 1893, o Major Manoel Amâncio Teixeira foi solícito em prestar seu auxílio desinteressado na defesa dos princípios recém-implantados no País, incorporando-se de início à força do heroico e saudoso Major José Félix do Amaral, que fazia parte da Brigada comandada pelo Coronel Gervásio Lucas Annes.

Em lances de grande dedicação e desprendimento pessoal, firmou seu nome de batalhador aguerrido e nobre, impondo-se a consideração de seus superiores hierárquicos que por muitas vezes o elogiaram. Terminado o movimento, voltou à atividade particular, dedicando-se à pecuária e à agricultura na fazenda de sua propriedade denominada Fazenda da Coxilha. Ele ocupou vários cargos políticos, destacando-se entre esses: Juiz Distrital por vários anos, subintendente e subdelegado de polícia do então 3º Distrito, atualmente Município de Coxilha.

Família de Pedro Antunes de Figueiredo. Em pé: Elvira, Amalia, Morena, Felicidade (Lica), Altino, Antonio, Heitor, João, Cecílio, Arthur. Sentados: Iraci, Beni, Aurea, Pedro, Assis e Valêncio. Foto: Arquivo de Eloi Carlos de Figueiredo.

Em meados do ano de 1949, Pedro Antunes de Figueiredo e Áurea Ferreira de Figueiredo vieram morar na Vila Tapejara, mais precisamente na localidade de Linha Três. Seu filho Arthur Ferreira de Figueiredo, com 15 anos de idade, jogava futebol e na ponta direita, defendia as cores da então equipe do Cruzeiro do Sul. A equipe tinha seu campo num pedaço de terra de Francisco Sandini.

Em 1950, chegou à Vila Tapejara Heitor Ferreira de Figueiredo, com 27 anos, vindo de Lagoa Vermelha. Nasceu em 25 de julho de 1922 em Barracão, na época pertencente a Lagoa Vermelha. Filho de Pedro Antunes de Figueiredo e Áurea Ferreira de Figueiredo. Advindo de uma família de 15 irmãos, mudou-se para a Vila, onde conheceu sua esposa, Eunice Helena, casando-se com ela em 1952. Com 23 anos foi trabalhar na Usina Hidroelétrica Avante, hoje de posse da Empresa Mux Energia, e aos 25 mudou-se para Lagoa Vermelha, para trabalhar como fotógrafo e aperfeiçoar-se no ramo. Nesse meio tempo, estudou eletrônica e, ao término desse curso, trouxe à Vila Tapejara os modernos avanços dessa nova tecnologia, sendo o pioneiro na transmissão de imagens em Tapejara.



Heitor na sua primeira oficina em Tapejara. Foto: Arquivo de Eloi Figueiredo.

Quando iniciou suas atividades, comprou o estoque de peças eletrônicas da antiga Casa Marilândia, de propriedade de Clélio Cavichiolli, no ano de 1950. Quem prestava os serviços de conserto à Casa Marilândia na época era Darci Cansian. No início dos seus trabalhos, Heitor estabeleceu-se no porão do antigo Hotel Amarelinho, que existia na Vila, localizado na esquina da Rua do Comércio com a Rua Ângelo Dalzotto, esquina essa em

que também funcionou por vários anos a Ferragem Calegari, em um prédio de madeira de dois andares. Em 1956 adquiriu uma caminhonete Chevrolet, ano 1928, para dar continuidade aos atendimentos dos clientes da antiga Rádio Técnica Figueiredo, localizada na esquina da Rua do Comércio com a Rua Cel. Lolico.

Heitor de Figueiredo participou desde os primeiros anos do CTG Manoel Teixeira, do qual foi Patrão por três mandatos consecutivos, em 2001, 2002 e 2003. Dentre as inúmeras iniciativas desenvolvidas em sua gestão, cabe destacar o resgate e a biografia de Manoel Amâncio Teixeira, Patrono da entidade tradicionalista, a qual foi introduzida e fixada na galeria do CTG.

Em meados do ano de 1950, a família de Pedro Antunes de Figueiredo, pai de Heitor e Arthur, foi morar nas proximidades da então Sociedade de Defesa Ativa Colonial, mais tarde Frigorífico São Paulo S.A., ao lado do bar de Floriano Xavier. Pedro era sócio do estabelecimento, que proporcionou a Arthur desenvolver a atividade de corte de carne, e suas irmãs, Beni e Iraci, a preparação de carnes para fabricação de salame e copa.

Na metade do ano de 1950, Arthur foi convocado para prestar serviço militar na cidade de Cruz Alta. Ele contou que no ano em que esteve no quartel realizou diversos cursos; com isso conseguiu as graduações de soldado para cabo e de cabo para sargento e, ao mesmo tempo, continuou a desenvolver a atividade esportiva. Depois que voltou do quartel, trabalhou mais um tempo no frigorífico, no corte de carne.

Em meados do ano de 1952, seu pai comprou uma camionete e Arthur iniciou a revenda de frutas na Vila Tapejara e em Passo Fundo. Ele comprava frutas, como laranja e bergamota, junto aos produtores das localidades do interior de Tapejara.

Um ano depois, seu pai comprou um caminhão GMC para transporte de nó de pinho. Arthur passou a ajudar na compra nas localidades do interior da Vila Tapejara. O produto era transportado e vendido na empresa de Franciosi Fossati, e usado nas caldeiras para produzir o vapor que movia o maquinário da serraria.

No ano seguinte, o caminhão foi vendido. Arthur foi convidado para trabalhar na cidade de Passo Fundo, como aprendiz de chapeador na empresa Menegaz Chavarina, fabricante de carrocerias de ônibus. De 1953 a 1956, estudou à noite sobre o sistema elétrico de automóveis, rebobinagem de motores elétricos e geradores. Em meados do ano de 1957, voltou para Tapejara, iniciando atividades na área de eletricidade junto ao prédio de madeira que abrigava a oficina de consertos de rádios de seu irmão Heitor, instalada na Rua Cel. Lolico.

No ano de 1970, adquiriu um terreno e edificou um prédio de alvenaria com dois andares localizado na Avenida Sete de Setembro, esquina com a Rua Santo Canali. No piso térreo, colocou em funcionamento sua empresa denominada Eletro Figueiredo. Os serviços de eletricidade de veículos automotores eram prestados pelo proprietário auxiliado por seu filho Luiz Figueiredo e por Raimundo Lovatto. Permaneceu na atividade por mais de uma década, quando fechou as portas do estabelecimento.

Voltando à trajetória esportiva de Arthur, ele recordou que quando tinha cerca de 20 anos morava nas proximidades do frigorífico, do lado do bar de Floriano Xavier. Na época, trabalhava no estabelecimento de abate de porcos. Foi convidado para jogar no Grêmio Atlético Tapejarense. “O José Bertoglio vinha me buscar em casa de auto, para jogar no Grêmio Atlético e um dos primeiros jogos com a camisa do alvi-azul foi em meados de junho de 1951, em Sananduva, quando vencemos o time Aliança Guarani Sananduvense pelo placar de 3x1”, recordou. Com a fundação do Grêmio FootBall Tapejarense, tendo à frente Pedro Zaro, Evaristo Rombaldi e João Costa, no final da década de 1950, Arthur foi convidado a integrar a equipe da nova agremiação tapejarense. Ele conta que “o Grêmio participava nesses torneios

com o time principal, um segundão e um segundinho; assim, entre 1959 e 1962 conseguimos conquistar diversos prêmios em torneios. O time principal era formado por: Antoninho Piroli, Odilon Portes, Pedro Poggio, Pedrinho Girardi, José Girardi, Agenor Kunz, Anacleto Guerra, Romildo Giotti, Antônio Anzilieiro, Nelson Vargas e Valdir Mocelin".

Em meados do ano de 1962, Arthur deixou de jogar futebol, mas não deixou do Grêmio. Foi convidado para dirigir os destinos da agremiação, sendo eleito presidente, e assim no mesmo ano que deixava o gramado passou a administrar as atividades sociais.

Ele recordou que um dos maiores feitos em sua gestão foi trazer para Tapejara, pela primeira vez, o então famoso conjunto tradicionalista Irmãos Bertussi: "Os Irmãos Bertussi estavam fazendo uma turnê na região do Planalto Médio; estava sobrando à quarta-feira, que foi oferecida à cidade de Tapejara. Fiquei sabendo da oferta e procurei logo falar com o Seu Alfredo Bauermann, para emprestar o Cine Tamoio para realizar o show e também pedi aos membros da Diretoria para arrumar o salão do nosso clube e providenciar gente para trabalhar pela parte da noite no baile. Consegui o cinema para o show das oito e meia às nove e meia, uma hora somente de música com os Bertussi. Tive apoio dos demais membros da diretoria e assim consegui fechar o acordo com o representante do conjunto. Eles vieram a Tapejara, apresentaram o show e animaram o baile por quatro horas."

Arthur voltou às atividades esportivas na metade do ano de 1970, convidado para assumir a presidência do Clube Atlético Tapejarense. Anos depois de deixar a direção técnica do clube, ele se dedicou à atividade de árbitro de futebol de campo.

Em 1982, ingressou no Partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), concorrendo, em 15 de novembro, a vereador, sendo eleito com 332 votos. Arthur permaneceu por seis anos no mandato. Ele recorda que teve a oportunidade de integrar a comissão que lutou e conseguiu o asfalto da estrada entre Tapejara e Passo Fundo.

Em meados de 1949, procedentes das redondezas da localidade do Rio Carreteiro, chegaram ao perímetro central de Tapejara, Francisco Gonçalves e Marcolina Ribeiro. Sua filha Eva relembra que quando seus pais chegaram foram morar no porão do Hotel da família Zapanni, localizado onde hoje está o Banco Sicredi, na Rua do Comércio. Logo que chegaram, seu pai continuou trabalhando no meio rural, no preparo, cultivo e colheita dos grãos de trigo, milho e feijão em Linha das Pedras, Coroado e Linha Três, e sua mãe foi fazer faxina e lavar roupas em casas da cidade.

Dentre as famílias para as quais ela lavou as roupas em tanques localizados nas proximidades da Gruta Nossa Senhora de Lourdes, estavam as das famílias de Tranquilo Basso, Miguel Tabbal, Davi Silveira, Celso Domingues e Cicero Domingues. Dentre os locais onde eram feitas faxinas estavam as repartições públicas do Fórum, da Exatoria Estadual e escritórios de Diter Adolfo Bauerman e Mário Menegaz. Francisco faleceu com 72 anos e Marcolina com 60.

O casal Eduardo Ferreira da Silva e Julia Bichet da Silva era natural de Pelotas e cultivava batata e cebola. Em 1925 chegaram no então Distrito Sete de Setembro e foram residir no interior, na localidade de Floresta. Ali desenvolviam atividades agrícolas de consumo próprio até meados de 1929 e em seguida a família foi residir na sede de Sete de Setembro, onde comprou uma bodega e instalou uma casa de pasto, local que serviria como hotel para os carreteiros e seus animais. No local, havia 10 cocheiras para os animais descansarem. Os carroceiros vinham de Sananduva e transportavam banha para Getúlio Vargas, até o ano de 1938. Em 1939, Eduardo passou a trabalhar no Cartório Civil de Timótio Domingues, localizado ao lado da casa de pasto. De 1950 a 1951 comprou duas colônias de terra nas proximidades da atual ponte do Rio Ligeiro, onde plantou arroz e construiu uma pequena olaria. A carroça que

puxava o barro à olaria era conduzida pelo seu filho, Américo Ferreiro da Silva.

Em 1952, a família estabeleceu residência na Vila Tapejara em uma casa de madeira, onde atualmente reside o senhor Angelo Rombaldi Manica. Mais tarde, comprou um ônibus da marca "Nasch" em Erechim, e conseguiu licença para colocar uma linha em Tapejara que fazia o roteiro de Paiol Novo, passava pela ponte do Rio do Peixe, atravessava Sertão e tinha como destino final Getúlio Vargas. O ônibus partia de manhã e voltava à tarde de segunda a sexta-feira. O início da linha dava-se em frente ao Café Central, localizado no centro de Tapejara. Em 1954, o ônibus mudou de linha, e vinha então de Passo Fundo a Tapejara, fazendo a rota das 8 horas, e retornando às 14 horas com o condutor Américo Ferreira da Silva.

No final de 1954, Eduardo Ferreira da Silva colocou em funcionamento uma barbearia situada numa das peças do prédio de Amante Caselani, situado na Rua do Comércio. Em sua trajetória, ele foi dirigente social e esportivo de diversas entidades. Seu filho, Américo Ferreira da Silva, seguiu os passos do pai, dirigindo várias entidades culturais e sociais, sendo o primeiro presidente do Parque Aquático União.

• Cultura lusa em Tapejara

A falta de poder econômico, da grande maioria dos lusos, não permitiu a valorização dessa etnia na paisagem municipal, enquanto que o alemão e o italiano, através do desenvolvimento financeiro e outros elementos, representam essa cultura. Cabe destacar a manifestação da cultura lusa em Tapejara através do CTG Manoel Teixeira, fundado em 16 de setembro de 1958.

A cultura do CTG Manoel Teixeira destaca os costumes da tradição campeira dos gaúchos do Brasil Meridional, que são frutos da ocupação e conquista portuguesa (e das lutas contra os espanhóis e hispano-rio-platenses) e reforçados devido à fixação açoriana, luso-brasileira, indígena e negra.

POVOAMENTO NEGRO

• Quilombos na região do Planalto Médio do RS

O Quilombo da Mormaça está localizado na região do Planalto Médio no município de Sertão, próximo a Passo Fundo. Durante todo o século XVIII, a região missioneira foi alvo de disputas entre as Coroas espanhola e portuguesa. O projeto português de garantir suas fronteiras recém-conquistadas recompensou militares e estancieiros que se envolveram nos conflitos com a distribuição de lotes de terras. A região, especialmente de Passo Fundo, desenvolveu-se com facilidade, atraindo novos moradores e negócios. Era caminho à passagem de tropas bovinas e principalmente muares que eram levadas até Sorocaba, no Estado de São Paulo, para serem vendidas naquele comércio. Nesse período, a região ainda pertencia ao Município de Cruz Alta, vindo a se emancipar somente em 1857, denominada cidade de Passo Fundo.

De acordo com Oliveira (2012, p. 5), nas propriedades instaladas ao longo desse caminho, a principal atividade era a criação de gado vacum e mulas através da mão de obra escrava. Com as primeiras estâncias, os "senhores da guerra" estabeleceram-se com seus agregados e escravos e, como primeiros beneficiados com a maioria da posse das terras rio-grandenses, tornaram-se também os "senhores da terra". Santos enfatiza que "após análise de documentação, revelou-se 'um planalto pastoril e escravista'. Analisando os inventários, dos 148 autos pesquisados, 55,4% dos inventariados possuíam escravos" (SANTOS, 2009, apud OLIVEIRA, 2012 p. 5).

Oliveira (2012, p. 5) conta que a localidade de Sertão, na época 3º Distrito de Passo Fundo, foi local

onde se expandiram as propriedades por existirem extensas áreas de matos ainda não ocupados, ricos em madeira, erva-mate e pinhão, mas também pelos campos irrigados por pequenos rios e lajeados, propícios à criação de gado, sobrando aos pequenos lavradores essas matas para utilizar. Os primeiros a expandirem suas propriedades nessa direção foram Amancio de Oliveira e Francisco Barros de Miranda. Este último, paulista, dedicava-se a tropear bovinos, e fixou-se no distrito, tornando-se influente na elite local.

Conforme Ruckert et al. (2002, apud OLIVEIRA 2012), em seu relatório, entre os escravos do plantel dos Miranda consta a escrava Cezarina. Esta tivera quatro filhos com Francisco Barros de Miranda, recebendo parte dos terrenos em doação do próprio Francisco. Em pesquisa nos registros de batismo, foram encontrados outros quatro filhos de Cezarina, nascidos de "ventre livre": os gêmeos Quirino e Quirina, nascidos em 1875; Juvenal, nascido em 1876; e Antão, nascido em 1879. A Lei do Ventre Livre, também conhecida como "Lei Rio Branco", foi promulgada em 28 de setembro de 1871 e libertava todos os filhos de mulheres escravas nascidos a partir da data da lei.

Entre os bens de raiz, foram registrados seis imóveis, entre eles uma casa na rua de comércio, um potreiro nos "subúrbios" da Vila e duas invernadas, uma denominada Bugio e outra Arvinha. Esses campos eram contínuos e cobriam aproximadamente 14.000 hectares. Foi na Invernada da Arvinha que teria se consumado a doação à escrava Cezarina da área onde atualmente está localizada a Comunidade Remanescente Quilombo da Arvinha (SANTOS, 2009, apud OLIVEIRA, 2012, p. 6).

• Quilombo da Mormaça e seus descendentes

A comunidade Quilombola da Mormaça surgiu no interior do Município de Sertão como a maioria dos quilombos, em local de difícil acesso, coberto por matas nativas regionais, especialmente floresta de araucárias, hoje substituída por plantações de soja, milho e trigo. A comunidade possui, atualmente, uma área aproximada de 15 hectares, onde vivem cerca de 30 famílias. Segundo Oliveira, a origem do nome do município Sertão dava a ideia de uma grande área desabitada. Indícios apontam que a comunidade formou-se através de negros escravos, fugidos das fazendas e charqueadas do sul do Estado, por volta de 1780. "Desde 2001, a comunidade solicita a regularização do perímetro das terras em que vive e de áreas que lhes foram tomadas a partir dos ciclos econômicos e da configuração colonial do Estado nacional brasileiro" (2012, p. 2).

Dessa forma, os moradores sentiram a necessidade da criação de uma organização formal para melhor reivindicarem seus direitos. No dia 28 de abril de 2007, o grupo realizou uma assembleia para constituir a Associação dos Remanescentes do Quilombo Mormaça, presidida por Laídes da Rosa, a qual ainda continua líder. Segundo pesquisa realizada por Oliveira, a mobilização da comunidade tem tido continuidade pelo ímpeto de Laídes e mais um grupo de mulheres que organizam reuniões periódicas, planejam ações, elaboram documentos, procuram parcerias e apoiadores, mesmo limitadas às condições de estrutura física e de escolaridade. Estão embrenhadas na busca de uma gestão própria à Comunidade, focada na percepção e na ação da mulher.

Amancio de Oliveira Cardoso

Praticamente todo o 3º Distrito, hoje município de Sertão, fazia parte das terras dos concunhados Amancio de Oliveira Cardoso e Francisco de Miranda.

Amancio de Oliveira Cardoso era influente na localidade. Foi eleito vereador em Passo Fundo por dois mandatos, sendo no último, em 1884, vice-presidente da Câmara de Vereadores. Nesse ano, a

campanha abolicionista foi retomada e impulsionada através do Decreto de 24 de março de 1884, em que a Província do Ceará decretou a libertação de todos os escravos daquela região. Diante disso, Amancio de Oliveira alforriou sua escrava Firmina Vieira, que com 5 anos foi deixada a ele por meio de herança de sua mãe em 1863. E em torno de seus 30 anos, deu à luz Francisca Vieira, popular Chica Mormaça.

Francisca Vieira

Segundo entrevista de Oliveira (2012), Francisca nasceu entre 1892/1894, conforme consta em sua certidão de casamento, realizado em outubro de 1911 com Luiz Bernardo da Cruz (Elisbão), com quem teve quatro filhos. Em laudo apresentado ao Incra/RS em 2007 (Santos et al, 2007, Oliveira, 2012), detalham ser provável que Firmina e Elisbão tenham se instalados com seus filhos nas matas próximas às propriedades de Francisco Miranda, Theobaldo Vieira e Amancio de Oliveira.

As relações e laços de parentesco que uniam esses senhores facilitavam o trânsito de seus escravos e agregados entre suas propriedades. Firmina e Elisbão deslocavam-se em busca de um lugar que pudesse abrigá-los com mais tranquilidade e segurança. "Documentos comprovam que na demarcação, a partir de 1907, dos lotes da seção 3, figuram entre os concessionários parentes diretos ou indiretos de Francisca Mormaça, sendo que alguns deles podem ser considerados seus ascendentes" (SANTOS, 2007, apud OLIVEIRA, 2012, p. 6).

Na área onde se encontra a Comunidade do Quilombo da Mormaça, durante a época da sua ocupação, o apossamento pode ter sido consciencioso, considerando que Francisco de Miranda e Amâncio de Oliveira ajudaram, no ano de 1871, a fundar a Sociedade Libertadora do Sexo Feminino, que visava a alforriar escravas e incentivar a campanha abolicionista, o que, teoricamente, deveria concordar com a libertação dos escravos.

Pelos dados descritos por Oliveira (2012), ambos possuíam escravos. O primeiro herdara de sua esposa oito cativos e o segundo, por herança de sua mãe, possuía, pelo menos, quatro escravos. Mas, considerando o tamanho de suas propriedades e investimentos, certamente esses indivíduos possuíam plantéis maiores. No entanto, não se encontraram registros de que na ocasião da fundação da sociedade algum deles foi libertado.

No Diário Oficial da União, seção 3, nº 19, de 18 de outubro de 2010, foi publicado o Edital da Superintendência Regional do Incra no RS, um objeto que delimita a área de 410.149 hectares, com um perímetro de 12.741,23 metros referente à regularização fundiária como território pertencente a Comunidade Quilombola da Mormaça. Em uma das discussões, foi levantada uma área de 1.331 hectares, o que de certa forma parecia contemplar os quilombolas. Em outra, levantaram-se 37 hectares, que vieram a contemplar os agricultores vizinhos da comunidade.

Francisco Barros de Miranda e Amancio de Oliveira Cardoso faleceram após a abolição da escravatura (1890 e 1904, respectivamente), portanto não foi possível destacar precisamente o número de cativos que ambos possuíam.

• Negros em Tapejara: Núcleo Abissínia

O Núcleo Abissínia foi denominado pelos primeiros colonizadores e possuía cerca de uma dezena de famílias, assentadas nas proximidades da outrora serraria de Ângelo Dallagasperina e filhos, na localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, interior de Tapejara.

Nos primórdios, antes de surgir o Núcleo, o local e redondezas eram de difícil acesso, cobertos por

matas nativas regionais, nas últimas décadas desflorestadas e substituídas por plantações agrícolas. Desde o final da década de 70, as habitações desapareceram e as áreas de terras estão nas mãos de terceiros. Indícios apontam que nas áreas de terras no entorno do Núcleo habitavam negros naturais da atual Comunidade da Mormaça, que se embrenharam nas matas no início do século XIX, entre os quais: Ricarda Pinto Oliveira, mãe de Virgulina Pinto de Oliveira; Teodoro Pereira da Silva; Valdomira Pereira; José Felipe de Oliveira; Amando Pereira da Silva; Maria de Oliveira; Maria Santina Alves da Silva, entre outros.

Evanir Terezinha da Silva e sua mãe, Maria Santina Alves da Silva.
Foto: Arquivo da Prefeitura de Tapejara, 2015.

Com a chegada dos colonizadores, alguns remanescentes dispersos no território foram, gradativamente, integrando-se e estes garantindo o seu chão. Em contrapartida, outros sofreram com a ação dos novos vizinhos, que lentamente avançaram no território. Num primeiro momento, através da derrubada de árvores e roçadas e, mais tarde, com máquinas agrícolas. Também houve transações de compra e venda entre moradores e agricultores, que, segundo relatos, foram negociados por pequenos valores ou pela simples troca de terra por animais.

Com a redução de áreas de terras, restou aos descendentes negros um lugar não tão distante de um arroio que passaram a chamar de Anta, devido à existência desse animal no local. Foram ali construídas pequenas moradas de madeira rústica.

O ponto de partida do assentamento das habitações foi nas proximidades do arroio, seguindo um pequeno espaço de duas fileiras que chegava até as proximidades da então Capela, de madeira, do Caravaggio. Assim constituiu-se o Núcleo Abissínia, composto por um pouco mais de dez famílias, que existiu até a primeira metade da década de 80 no Munícipio de Tapejara.

• Moradores do Núcleo Abissínia

Edgar dos Santos frequentou a então Escola Municipal Silva Ramos em meados de 1955. Conta que naquele tempo viviam cerca de oitenta pessoas no Núcleo Abissínia. Entre os moradores afrodescendentes estavam Antônia de Oliveira (Tia Tonha); José de Oliveira (Felipe); Ângelo Pereira (Santo); Firmina de Oliveira; Narciso de Oliveira; Sebastião de Oliveira; Bernardo Pereira; Antenor Manuel dos Santos; Dorvalino Dias; Sebastião Pereira; João Vieira; e Virgulina Pereira.

Nair Maria de Oliveira.
Foto: Arquivo da Prefeitura de Tapejara, 2015.

Doralina Pereira da Silva, hoje com 79 anos de idade, filha de Teodoro da Silva e Virgulina Pinto de Oliveira e neta de escrava liberta Ricarda Pinto de Oliveira, contou que viveu quase cinquenta anos na localidade do Caravaggio. Ela lembrou que sua mãe exercia liderança no Núcleo, herdada de Ricarda. Seus pais, Teodoro e Virgulina, quando chegaram à região, tomaram conta de uma área de terras de aproximadamente vinte

e cinco hectares, localizada perto do lugar onde mais tarde a família Dallagasperina veio instalar uma serraria.

Ela recorda que os pais construíram uma pequena casa de madeira. Com chão batido, cozinhavam em panela de ferro prendida num gancho e numa parede de pedras que servia de fogão. Era cozinhado o feijão, a mandioca, a moranga e o milho verde produzidos na pequena roça de onde era retirado o sustento para todo o ano e, às vezes, completava-se o cardápio com carne de caça.

Doralina contou que muitas pessoas ficaram interessadas em suas terras quando descobriram que não possuíam registro. Seu pai, José Felipe, gostava muito de beber vinho, e, segundo ela, muitas pessoas aproveitaram-se desta situação. "Essa gente levava meu pai a uma bodega, oferecia vinho e o convencia para vender as terras e levava ele até o Cartório para registrar o negócio. Assim sobrou pouca terra, que foi vendida tempo depois à família Dallagasperina, e, com isso, acabamos fazendo parte do Núcleo por diversos anos. Hoje, com os pais já falecidos, o que sobrou foi uma casinha de madeira no Bairro São Paulo."Nair Maria de Oliveira, filha de José Maria de Oliveira e Valdomira Pereira, neta da Virgulina Pereira, viveu no Núcleo por mais de vinte anos e hoje reside em uma casa no Bairro São Paulo, em Tapejara.

Da esquerda para a direita: Rosalina Quirino de Oliveira, o filho Altair de Oliveira e Donato Quirino de Oliveira. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara, 2015.

Da esquera para a direita: João Maria Gonçalves, Rosalina Quirino de Oliveira e Donato de Quirino de Oliveira. Foto: Arquivo da Prefeitura de Tapejara.

Em seu relato, destacou o trabalho que era executado por seus pais e avós após serem levados para o Núcleo. Ela lembra que "eles tinham que trabalhar quatro dias na roça do morador da localidade para conseguir emprestado o arado de tração animal por um dia para fazerem o seu roçado e cultivar milho, feijão, mandioca e moranga".

Gessi de Oliveira. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara, 2015.

Para combater as moléstias e doenças que atingiam seus familiares, Nair lembra que a avó Virgulina conhecia muitas raízes e ervas, que serviam para fazer chás para curar a febre e as dores de barriga, além de fazer compressas de folhas no caso de ferimentos.

Rosalina de Oliveira, irmã de Nair, casada há mais de meio século com Donato Quirino de Oliveira, atualmente mora em uma casa de alvenaria no Loteamento Popular Menino Deus, no Bairro São Paulo. Ela conta que nasceu e viveu por mais de quarenta anos no Núcleo até vir morar no Bairro São Paulo. Ela ressaltou que poucas famílias de negros, moradores da localidade do Caravaggio, integraram-se na comunidade no período em que esteve morando no Núcleo. "Como era difícil de se misturar, às vezes provocávamos uma ou outra intriga e desavença; assim, alguns conseguiam se misturar no laço", contou.

Naquele tempo, a Comunidade Católica promovia festas, bailes e matinês no salão da comunidade

do Caravaggio. Às vésperas do evento, havia uma preparação das redondezas e do local: capina, roçado, limpeza, ornamentação do ambiente. Rosalina recorda que os moradores do Núcleo eram procurados pelas lideranças da Comunidade para ajudarem nos preparativos do evento. Ela rememora: "Uns que outros da nossa gente do Núcleo se apresentava para ajudar. Mas no dia, no caso de Matinê Dançante, nós tínhamos dificuldade para entrar no Salão."

No final da década de 1955, parte dos moradores formaram um time de futebol de oito atletas e mais alguns moradores da comunidade do Caravaggio. As peladas de final de semana aconteciam num campo de área de várzea cedido por Virgulina Pereira. Em seguida, passaram a realizar jogos amistosos nos finais de semana com times de várzea das redondezas. Naquele tempo existiam diversos campos de várzea demarcados em diferentes potreiros no território do Município de Tapejara. Num deles, em que o time do Abissínia jogou, foi o campo localizado no potreiro das terras da família Volpatto, situado nas proximidades da estrada geral para o Distrito de Água Santa, perto da localidade de São Silvestre.

Honorino Volpatto contou que, certa vez, nas proximidades da bodega, eram vendidas laranjas por Moisés Mezzomo aos visitantes. Os grandes consumidores foram os atletas do Time do Abissínia, que era formado na grande maioria por atletas negros que trabalhavam nas terras e serraria de Ângelo Dallagasperina, na comunidade de Caravaggio. Honorino lembra que "no intervalo do jogo consumiam muita laranja e, em seguida, se dirigiam à fonte de água existente nas proximidades para matar a sede. No final do jogo, levavam para casa a quantidade de frutas que conseguiam carregar."

Em 1933, chegou às proximidades a família de Ângelo Dallagasperina. No início, adquiriu a posse da família dos Rocha, uma área de terras de 17,5 hectares, no entorno do então Núcleo existente. Nos primeiros anos, a família derrubou alguns pinheiros, construiu a sua morada e cultivou milho, feijão, mandioca e criou animais para sobrevivência. Em seguida, levantaram um barracão e instalaram os equipamentos da então serraria desativada de seu pai, Ângelo Bortolo Dallagasperina, assentada na outrora conhecida Linha Dallagasperina, nas proximidades da atual Linha Girardi.

De acordo com o seu filho João Batista Dallagasperina, o maquinário da serraria era movimentado por força da água trazida por uma canalização de madeira do Arroio Anta até uma roda que girava e produzia energia. A serraria funcionou de meados de 1938 até final de 1947. Naquele tempo, parte das tábuas e caibros eram levados de cargueiros puxados por ternos de mulas comercializados na Estação de Coxilha e outra parte era vendida aos moradores da então Vila Teixeira.

Em meados de 1948 até final de 1954, as atividades da serraria estiveram paralisadas, pois os negócios da família Dallagasperina foram voltados para o funcionamento de um moinho colonial na Linha Dallagasperina. Os serviços da serraria voltaram no início de 1955 e encerraram suas atividades em meados de 2011.

A família Dallagasperina estabeleceu, desde a chegada, nas proximidades do Núcleo, uma relação de boa vizinhança com os moradores e os demais posseiros existentes em diversos pontos do território. Por algumas vezes, membros do Núcleo chegaram a trabalhar em roças no tempo de colheitas do milho, feijão e trigo. Também, com o passar do tempo, os moradores começaram a vender terras das quais haviam tomado posse.

João Batista Dallagasperina recordou que, em meados de 1960, os moradores do Núcleo levantaram um rancho rústico nas proximidades das moradas. No sábado à noite, ao som da gaita de moradores conhecidos como Botão e Narciso, levavam os presentes para dançar uma peça, como era dito naquele tempo. No rancho compareciam pessoas do Caravaggio, de São Domingos, de Santa Rita e da cidade de Tapejara.

Os primeiros moradores do Núcleo já faleceram devido à idade avançada, outros mais novos foram morar nas localidades de São Domingos, Santa Rita e nos bairros de Tapejara.

Família de João Evangelista Rodrigues (João Soldado) e Josefina Silveira Rodrigues (Dona Fefa)

João Evangelista Rodrigues (primeiro da direita para esquerda) participando de uma festa. Foto: Arquivo de Verginia Manica.

A família de João Evangelista Rodrigues e Josefina Silveira Rodrigues chegou na então Vila Tapejara nos primeiros anos da década de 40. Ele, filho de pai luso e mãe negra, sendo escrava liberta. Ela, filha de descendentes dos lusos Caetana Silveira e João Antônio Silveira. João Evangelista foi militar destacado pelo Comando da Brigada Militar de Passo Fundo para atuar na Vila Tapejara. De acordo com sua filha Eunice, vieram para residir em uma casa de madeira localizada onde hoje reside o Doutor Johnny Zoppas. Eunice conta que na casa havia um quarto que servia de cadeia. Naquele tempo, quem era preso somente ficava no local para dormir, e durante o dia tinha como pena prestar serviços à subprefeitura, como a limpeza de valetas e tapar buracos das estradas, limpar galinheiros e roçar terrenos.

A família residiu no local até 1948, transferindo-se para outra casa de madeira de propriedade de João Costa, situada próxima à oficina de Ivanir Broch. Ali permaneceram até meados de 1953. Logo após, foram morar em uma casa de propriedade de José Felini (Bepino), situada nas proximidades da atual garagem da família de Balduíno Zotti no Bairro Nazaré. O fato de ele ter ido para lá foi para cuidar da chácara do José Felini. Além de continuar os serviços militares, ele também passou a cuidar da chácara.

Em 1954, a família mudou-se definitivamente para uma casa de madeira assentada na então Rua Doutor Vergueiro, 448, atual Rua Tranquilo Basso, onde ainda residem seus filhos Catarina Rodrigues, Paulo Rodrigues e Eunice Rodrigues. Eunice conta que "na campanha para emancipação de Tapejara, seu pai era 'guarda-costas' do Padre Raimundo Damin e do Doutor Miguel Tabbal; ele os acompanhava nas andanças pelo meio rural do município."

Um dos compadres de João Evangelista era Bruno Bianchin, pedreiro que construiu as casas de alvenaria de Doutor Miguel Tabbal, Olmar Domingos Simoni, José Zanini, entre outros. João Evangelista morreu no dia 19 de abril de 1963, com 62 anos de idade, e está sepultado no Cemitério Municipal João Rombaldi.

- **Moradores da Comunidade do Caravággio**

Família de Firmino Manuel dos Santos e Matilde de Oliveira

Firmino Manuel dos Santos nasceu no interior do Estado do Paraná no final do século XVII. Descendente de escravos libertos veio com seus familiares à localidade de Butiazinho, interior de Passo Fundo. Na mesma localidade, conheceu Matilde de Oliveira, com quem se casou.

No início, viveram na localidade com suas filhas e filhos. Num pedaço de terra, desenvolveram atividade agrícola de subsistência, cultivando milho, feijão e mandioca e criando animais, além de caçar e pescar.

Firmino e Matilde tiveram oito filhos: Ambrosina dos Santos, Almerinda dos Santos, Florinda dos Santos, João Evangelista dos Santos, Selvina dos Santos, Maria dos Santos, Artur dos Santos e Antenor Manuel dos Santos.

Família de João Evangelista dos Santos

Filhos Lodovino, Julio, Artur, Maria Adehna, Alberto, Irondina, Matilde, Fermino e o pai, João Evangelista dos Santos. Foto: Arquivo da família de João Evangelista dos Santos.

João Evangelista dos Santos casou-se com Marcelina Maria Antunes dos Santos e o casal viveu os primeiros anos em Butiazinho. O casal teve nove filhos, sendo um adotado. Os filhos se chamavam: Fermino Dolcides dos Santos, Matilde dos Santos, Alberto dos Santos, Erondina dos Santos, Artur dos Santos, Júlio dos Santos, Aristides dos Santos, Maria Adehna dos Santos e Lodovino Gomes Nogueira.

Família João Evangelista dos Santos. Antenor, Selvina, Almerinda, Florentina, João Evangelista e amigo da família Gasperin. Fonte: Arquivo da família de João Evangelista dos Santos..

Seus familiares contam que João Evangelista dos Santos foi um dos fundadores da Comunidade do Caravaggio. Além disso, exerceu o cargo de Comissário na localidade por mais de vinte anos. Faleceu com 82 anos de idade e Marcelina, sua esposa, com 42.

Em reconhecimento pelos seus serviços prestados em beneficio da comunidade e do Município de Tapejara, a Câmara de Vereadores denominou uma rua com seu nome. A Rua João Evangelista dos Santos possui seu prolongamento situado entre as Ruas Santo Canali e Manoel Teixeira. Família de Fermino Dolcides dos Santos

Família de Fermino Dolcides dos Santos

O primeiro filho de João e Marcelina foi Fermino Dolcides dos Santos, nascido em 18 de março de 1919, no então Distrito de Coxilha. Com poucos anos de idade, veio com seus pais morar em um dos pontos do atual território da localidade de Caravaggio.

Com dez anos de idade, começou a frequentar a escola que funcionava numa sala na casa da família de Jovania Perera, onde aprendeu as primeiras letras e números. Em seguida, foi transferido para uma pequena escola em São Domingos. Sua professora era Maria Pelete, que vinha da localidade de Carreteiro. Quando não podia comparecer, era substituída por sua irmã, Vilma Pelete. Na escola, Fermino aprendeu a ler e escrever o suficiente para dar conta das exigências daquele tempo.

Fermino conta que não podia ir à escola todos os dias, porque tinha que ajudar seus pais na criação dos irmãos e na lida da roça. O tempo foi passando e, em 1946, com 27 anos de idade, casou com Dejanira Rodrigues. Do casamento vieram os filhos: Edegar Evangelista dos Santos, Rita dos Santos, Oraci dos Santos, Adelar dos Santos, Doralina dos Santos, Marcelina dos Santos, Jolar dos Santos, Esmeralda dos Santos e João Batista dos Santos.

Ele recorda que aos 18 anos de idade ajudou a unir os moradores para a construção do prédio da primeira Capela da Comunidade de Nossa Senhora do Caravaggio.

Atualmente, Fermino está com 95 anos de idade e continua ao seu lado sua esposa, Dejanira Rodrigues, com 68 anos, morando no mesmo local onde seus pais moraram.

POVOAMENTO ITALIANO

- **A unificação italiana e as causas da partida da Itália**

Até 1861 a Itália era dividida em sete Estados: o Reino da Sardenha, o Reino das Duas Cecílias, os Estados Pontifícios da Igreja, o Reino Lombardo-Vêneto, os Ducatos de Parma, Modena e Grão-Ducato de Toscana, assim divididos através do tratado de Viena. Dessa forma, a Itália vivia sob o controle direto e indireto do império da Áustria.

Conforme Genuir Luiz Marchezi, na sua obra David Canabarro: Sua Terra, Sua Gente, Sua História, a Unificação Italiana ocorreu de 1861 a 1918. "Começou em 14 de maio de 1861, quando Victor Emanuel foi proclamado Rei do Reino Unido da Itália. Depois, Veneza foi anexada ao novo Reino Unido em 1866 e Roma, conquistada e proclamada a capital da Itália em 1870" (2006, p. 46). Improvisada também foi a anexação de Trento e Trieste, que aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial, em 1917.

Esse período foi marcado por uma forte aliança entre os Estados e a Igreja, pois os atos religiosos e civis eram até confundidos. "Essa aliança entre o trono e o altar, entre o espiritual e o temporal gerou uma cumplicidade tal entre os príncipes da Igreja e os príncipes do Estado que os ataques à monarquia eram considerados como ataques à própria Igreja e vice-versa" (MARCHEZI, 2006, p. 47).

Mesmo dentro dessa situação, havia um forte descontentamento de muitos líderes, motivados e dispostos a lutar para derrubar o absolutismo e expulsar os austríacos, que comandavam, junto com a Igreja, as diversas regiões italianas, unificando a Itália em uma grande nação.

De 1815 a 1870, a Itália viveu um período de guerras, revoluções e contrarrevoluções em todos os Estados da Península. A luta pela liberdade e pela unificação encontrava grande resistência pelos príncipes da Monarquia. Esse período foi marcado por muitas lutas pela unificação do território Italiano, causando traumas, especialmente à população mais pobre, que vivia nas aldeias italianas. Porém, a

A partida dos imigrantes, óleo em tela, Roma, Itália, 1896, autor: Angiolo Tomasi, Galeria Nacional de Arte Moderna. Foto: Acervo do Memorial do Imigrante.

influência da Igreja continuava resistente junto aos católicos. O Papa Pio IX não reconheceu o novo Estado e em 1861 retirou dele quase todo o território ao seu redor. De todas as suas províncias, só lhe restavam ainda Roma e um pequeno território ao seu redor (MARCHEZI, 2006, p. 47). Foi no dia 20 de setembro de 1870 que os italianos tomaram Roma, resultando no fim do poder temporal da Igreja. "O mundo católico protestou, qualificando esse ato de usurpação. O Papa refugiou-se em seus palácios no Vaticano" (MARCHEZI, 2006, p. 47).

O fato de o Papa Pio IX não aceitar o novo Estado Italiano, seguido por seus sucessores, refletiu como uma forte influência sobre os católicos. De um lado, havia a possibilidade do exercício dos direitos como novo Estado e suas consequentes obrigações, de outro a Igreja pregava a desobediência. Dessa forma, os católicos isolaram-se da sociedade civil e criaram um mundo à parte somente para eles.

Ao mesmo tempo, o Estado confiscou os bens de muitas ordens religiosas, o que contribuiu para reforçar a oposição entre os católicos e os italianos. "Se sois católicos, sois a favor do Papa, contra a Itália, portanto da Pátria", diziam os liberais. Para os católicos, foi um período de humilhação e de silêncio. Para os italianos, foi uma liberação, um tempo de vingança contra a história do clero e da própria religião.

Essa realidade política e religiosa, somada à situação de desemprego, fome, doenças, além de muitas famílias do norte do país, especialmente de perderem suas terras e ficarem sem trabalho, o pequeno artesanato que, até então, sustentava muitas famílias foi destruído. Ao mesmo tempo em que não havia trabalho, aumentava a pobreza e as péssimas condições de vida na Itália.

Conforme recordam os imigrantes e descendentes pioneiros que habitaram e colonizaram a então Colônia do Rio do Peixe, os motivos que os levaram para outras terras em outro país foram as condições que enfrentavam em sua Pátria, como a escassez de cereais de primeira necessidade, tornando a vida uma verdadeira luta pela sobrevivência, já que um ano as colheitas eram satisfatórias e abundantes e, em outros anos, tudo corria mal, provocado por falta ou excesso de chuvas e tempestades.

O resultado da péssima colheita era pouco trabalho e consequentes dívidas e dificuldades à maioria dos habitantes, pobres agricultores. Muitos eram inquilinos de ricos proprietários, sem casa, sem terra, sem animais domésticos, com remuneração insuficiente para o próprio sustento e que acarretava sempre em mais dívidas ao invés de pequenas economias.

• Motivos da imigração italiana

No ano de 1867 não foi registrado aumento no número de imigrantes e, como a campanha abolicionista tomou vulto, o governo elaborou um novo regulamento, com uma série de vantagens para os imigrantes: teriam dez anos para pagar o lote, a viagem seria gratuita dentro do país, além de ajuda nos primeiros tempos com assistência médica e religiosa. Previa-se com isso a introdução de trezentos e cinquenta mil colonos suíços, alemães e ingleses no país. Mas, os povos desses países prosseguiram arredios à propaganda brasileira. Nesse momento, a crise da Itália veio ao encontro dos planos dos latifundiários, e os pobres agricultores italianos acabaram sendo aceitos, algumas vezes a contragosto pelos fazendeiros, como os sucessores dos escravos nos cafezais paulistas.

A partida dos imigrantes da Itália e a escolha do Rio Grande do Sul como local e organização de várias colônias alicerçou-se no fato de o Governo dispor de grandes extensões de terras devolutas na então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, especialmente as terras que não eram atrativas aos grandes proprietários da região da Campanha.

A política de colonização no Rio Grande do Sul pode ser dividida em três períodos: "1808 a 1830, com a promoção da colonização; 1830 a 1848, com a supressão da colonização devido à estabilização do sistema escravocrata; e 1848 a 1889, com a iniciativa da imigração e não da colonização como forma de substituir a mão de obra africana" (MARCHEZI, 2006, p. 44). Porém, essas terras não seriam mais doadas aos colonos; eles deveriam pagar por elas como forma de impedir o surgimento de grandes proprietários entre os imigrantes. Dessa forma, restou apenas a possibilidade de aquisição de um terreno a prazo e a oferta de quinze dias por mês de trabalho nas obras de construção de estradas. Esse ato comprovou que a colonização, vendendo lotes rurais, deveria funcionar apenas como propaganda de imigração.

A partir de 1882, baseado ainda na Lei 601, o governo passou a vender terras de propriedade pública para particulares, os quais, posteriormente, revendiam aos imigrantes, ganhando até quatro vezes mais do que pagaram. Isso, se por um lado era uma forma de oferecer riqueza fácil aos protegidos do governo, por outro aumentava os custos para os colonos. Porém, acabou sendo uma das únicas formas de acesso à propriedade por muitos imigrantes que vieram a adquirir suas terras nas colônias particulares.

A grande demanda de imigrantes correspondeu ao auge da crise italiana. Até 1884, haviam entrado mais de quinze mil italianos no Brasil no período de um ano. Em 1885, entraram 21.765; em 1887, 40.157; em 1888, 104.353; em 1891, 132.326, não baixando jamais dos 30 mil até o final do século. A grande maioria dirigiu-se para São Paulo (mais de 80%). Entre 1875 e 1935, entraram no Brasil cerca de 1,5 milhão de italianos (MARCHEZI, 2006, p. 45).

• A partida da Itália

Com todas as vantagens impostas pelo Governo brasileiro, muitos imigrantes italianos viram a esperança de uma vida melhor, com boas condições para criarem seus filhos. Resgatar a trajetória dos primeiros colonizadores do Núcleo Itália remete ao processo da imigração ainda na partida na Itália. O marco inicial foi a espera da ordem para os italianos entrarem no navio com poucos pertences em malas e baús trazidos de longe para o porto de Gênova. Os bilhetes garantiam acomodação na terceira classe. As mulheres usavam lenços na cabeça, chalés cobrindo os ombros e saias compridas que desciam até as botinas. Não era possível continuar vivendo no lugarejo italiano. Acostumados com arado, enxada e ancinho e forjados de sol a sol, não viam mais perspectivas de permanecerem onde nasceram.

Ao partirem de Gênova, em 1875, enfrentaram o calvário dos primeiros italianos vindos ao Rio Gran-

de do Sul. Os que lotavam a terceira classe saíram das regiões como Vêneto, Feltre, Trento, Treviso, Lombardia, Vicenza e Verona, outras deixaram Cremona, Mântova e parte da Bróscia.

A travessia do Oceano Atlântico durava mais de um mês, em navios sobrecarregados, com alimentação precária, sem assistência médica e sem cama; enfrentavam ventos e tempestades; eram momentos de tensão e risco de perder a vida em alto-mar. Entretanto, através da fé das tripulantes mulheres, o medo e temor da população nessas situações adversas eram superados em parte.

Família Marsiglio em 1922. Da esquerda para a direita: Elizeu, Guerino, Angelo e Antonio, e a mãe, Angela Corso Marsiglio. Foto: Ophelia Costa Marsiglio.

Guerino Marsiglio, que viajava juntamente com sua família, contou que na metade da viagem o navio estragou. Durante três horas ficou parado em alto-mar e, em determinado momento, começou a afundar. Os marinheiros começaram a gritar para os imigrantes que se salvassem, enquanto o sino começou a badalar o toque de morte. Porém, por iniciativa das mulheres, inclusive de sua mãe, começaram a rezar. Passado algum tempo, o navio começou novamente a se erguer e prosseguiu a viagem rumo ao Brasil.

Outras tripulantes, muito jovens, durante a viagem, eram acometidas por moléstias ou acidentes, mas conseguiram superar a adversidade e viver por muitos anos. Como foi o caso da filha do imigrante João Fabiani, irmã de Máximo Fabiani, que com apenas dois anos de idade perdeu a visão devido ao vapor que era expelido pelo navio. Entretanto, ela, com tenacidade, viveu 86 anos.

• O desembarque e a quarentena

A chegada no Rio de Janeiro proporcionava aos imigrantes paisagens deslumbrantes. Mas, preocupados com o desembarque, os imigrantes não conseguiam apreciar a praia e os morros, e eram logo levados à Casa do Imigrante, onde ficavam em quarentena. O período era longo e de sacrifícios, já que os alojamentos eram pequenos, e com isso a maioria tinha que dormir nas calçadas do lado de fora do prédio.

Cumprida a quarentena, os imigrantes eram embarcados em vapores para Porto Alegre, passando por Rio Grande e pela Lagoa dos Patos. Mais angústia, outros dias de viagens, nova espera, sem qualquer conforto na capital da Província. As imigrantes e os companheiros de viagem tinham que dormir em recantos do cais e nas ruas mais próximas. Fazia frio e protegiam-se como podiam enroladas em capas e cobertores.

O imigrante italiano Ângelo Bortolo Dallagasperina, que chegou ao Brasil em 1876 com quatro anos de idade, questionou os responsáveis do Governo da Casa do Imigrante sobre os anúncios de vidas melhores no Brasil. “Onde está a fartura tão falada? Eu me sinto completamente abandonado. Disseram que vão nos meter em barquinhos até um lugar chamado Caí. Ninguém dá informação certa”, reclamou. Sua esposa, Ana Martini Dallagasperina, falou que a situação vivida por eles parecia coisa aprontada pelo “sanguanel”. “Todos os italianos sabiam que o duende era malvado, atormentava qualquer um. À noite, mamava o leite das vacas, invadia os galinheiros para devorar os ovos, trançava as crinas dos cavalos, assustava as crianças, fazia mil travessuras e desaparecia sempre rindo”, contou Ana que se benzia e pedia ajuda para Nossa Senhora da Saúde, de quem era devota.

Depois de chegarem à localidade de São Sebastião do Caí, os imigrantes seguiam por terra. Alguns

conseguiam adquirir mulas para carregar a bagagem, mas a maioria tinha que ir caminhando em procissão pelos caminhos abertos na mata.

• Retomada da colonização no RS

A retomada da colonização no Rio Grande do Sul iniciou depois de 1869, logo após o governo decidir dar continuidade na ocupação das terras situadas na região serrana do Estado.

Essa foi chamada de Colonização Provincial, que viabilizou as Colônias Conde D'eu (Garibaldi) e Dona Isabel (Bento Gonçalves), cujo lotes foram demarcados em 1872 e 1875, quando passaram a chegar os imigrantes italianos.

Através da Colônia Fundos de Nova Palmira, fundada em 1875, reconhecida em 1877 como Colônia Caxias, com extensão de dezessete léguas quadradas, aconteceu a Colonização Imperial, estendendo-se até 1885; ainda no ano de 1877, o governo fundou a Colônia de Silveira Martins, distante 30 quilômetros de Santa Maria.

Até 1895 a Colonização Republicana foi assegurada pelo governo através da Delegacia das Terras e da Colonização. A partir de então, o governo do Estado tomou sob a sua responsabilidade a questão da colonização, até 1914, ano que marcou o seu final, através da publicação de um decreto do presidente do Estado, Borges de Medeiros.

As principais Colônias fundadas foram: a Colônia de Caxias, 1875 (denominada inicialmente de Fundos de Nova Palmira); Dona Isabel, 1875; Conde de D'eu, 1875; Silveira Martins, 1884; Alfredo Chaves, 1884; Antônio Prado, 1885 (prolongamento da Colônia de Caxias); São Marcos, 1885 (prolongamento da Colônia de Caxias); Guaporé, 1890; e Encantado, 1890.

A expansão dessas Colônias ocorreu de 1875 até 1914, quando se estima que entraram no Rio Grande do Sul cerca de oitenta a cem mil italianos. A necessidade de mão de obra obrigou os imigrantes a constituir famílias com muitos filhos. As condições iniciais desses lugares, embora precárias, levaram ao crescimento econômico e ao consequente desenvolvimento dos núcleos comunitários iniciais. Surgiu, assim, a necessidade da procura de terras para o assentamento dos filhos, depois dos netos e demais descendentes. Foi dessa maneira que a colonização avançou rumo ao norte e ao Alto Uruguai, provocando o surgimento de novas colônias e núcleos de colonizadores italianos.

• A expansão colonial italiana no RS

O ano de 1875 marcou oficialmente o início da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Nessa época, o Estado apresentava condições diferentes das encontradas pelos alemães entre 1824 e 1830.

A população provincial saltava de cento e dez mil para quatrocentos e quarenta mil pessoas. Em vez de cinco municípios, eram agora vinte e oito, divididos em vinte e oito Paróquias. Pelos dados do recenseamento de 1872, Porto Alegre contava com 30.583 habitantes. O restante da população dividia-se de modo desordenado pelo território gaúcho. Um sexto dos habitantes estava residindo na zona da colonização alemã. Nos Campos de Cima da Serra, a Paróquia de São Francisco de Paula contava com 5.360 habitantes, a de Vacaria com 5.755 e a de Lagoa Vermelha com 4.744. No Planalto Médio, a cidade de Passo Fundo tinha 8.368 habitantes, a de Soledade 9.177 e a de Cruz Alta 8.402. "A maior população encontrava-se na Depressão Central, no Litoral e na Campanha. Entrementes, cerca de 87 mil quilômetros quadrados de serras, na Encosta Nordeste e no Alto Uruguai, permaneciam como terras devolutas" (MARCHEZI, 2006, p. 46).

No tempo em que os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul, as melhores terras já esta-

vam ocupadas pela população luso-brasileira e pelos alemães. O que restava aos italianos era a região montanhosa, coberta de uma densa floresta, que é hoje conhecida como Serra Gaúcha.

A distribuição de terras no Rio Grande do Sul, ao longo do tempo, foi diferenciada. As primeiras sesmarias concedidas aos lagunistas, a partir de 1733, tinham 13.063 hectares. A finalidade dessa concessão gratuita tão grande era a ocupação do território por elementos lusos que deveriam garantir a possessão contra a pretensão de gado. Em 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães, o governo propôs-se a aumentar a agricultura e concedeu aos colonos, gratuitamente, setenta e sete hectares de terra na mata virgem, longe dos centros de pecuária.

Em 1848, a dimensão da propriedade concedida aos colonos que desejassem se dedicar à agricultura foi reduzida a quarenta e oito hectares em todo o Estado. A concessão gratuita de terras foi sempre condicionada à exploração imediata pelo proprietário. Depois de 1854, as terras não foram mais concedidas e, sim, vendidas aos colonos.

Além disso, o que determinou a expansão das Colônias foi a preocupação com a concepção, criação e colocação de numerosos filhos em um pedaço de terra que garantisse o seu sustento, contribuindo com uma maior fragmentação do espaço agrícola em pequenas propriedades.

• Assentados em pequenos lotes de terra acidentada

A espera dos imigrantes deu-se no Campo dos Bugres, depois em Caxias de Sul e nas recém-criadas Colônias Dona Isabel e Conde D'Eu (mais tarde Bento Gonçalves, Garibaldi e Antônio Prado), bem diferente do oferecido pela propaganda feita na Itália, pois as melhores terras para o cultivo estavam ocupadas.

Quando chegaram aos lotes entregues por agrimensores do governo, os imigrantes abriram clareiras e construíram moradias provisórias. Começaram a erguer pequenas choupanas de pau a pique na beira do caminho que levava aos lotes onde outros colonos faziam a mesma atividade. As árvores do mato a ser derrubado para o plantio forneciam as paredes e a cobertura. A caça e a coleta de pinhão garantiam alimento, e com isso era possível cultivar as lavouras.

• A notícia de uma nova Colônia

A colonização da Colônia do Rio do Peixe ocorreu entre 1890 e 1930. Foi nesse período que os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes, procedentes de São Leopoldo, Novo Hamburgo, São Sebastião do Caí e os italianos das Colônias de Caxias, Ana Rech, Antônio Prado, Conde D'Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Guaporé, chegaram à sede da Colônia do Rio do Peixe, então Distrito de Sete de Setembro, atual Município de Charrua, na busca de melhores condições de vida e trabalho.

De 1910 a 1913, a venda de grande quantidade de lotes era comercializada pela Empresa Colonizadora da Colônia Particular do Rio do Peixe, de propriedade de Alberto Schmidt, natural de Cruz Alta. As terras da Colônia Rio do Peixe, localizada na região norte do Estado do Rio Grande do Sul, tendo como sede Sete de Setembro (atual Município de Charrua), eram consideradas na sua grande maioria como devolutas.

Com o tempo, a empresa passou à denominação de Companhia Colonizadora Rio-Grandense, que fazia propagandas de venda de lotes na Colônia do Rio do Peixe às famílias de imigrantes italianos em Antônio Prado e outras regiões. A terras da Colônia estavam sendo divididas em lotes, situados em diversos pontos, nos quais começaram a surgir pequenos núcleos de moradores. Entre os núcleos constituídos na época na Colônia, o Núcleo Italiano estava em franco desenvolvimento, composto em sua maioria

por famílias de imigrantes.

João Batista Dalzotto, filho de imigrantes italianos, contou que, estabelecido no Campo dos Bugres, em um lote de terra acidentada, soube do surgimento de uma nova Colônia, situada no norte do Estado do Rio Grande do Sul, onde suas glebas de terras estavam sendo divididas em lotes e neles começavam a surgir núcleos de colonizadores. Por volta de 1916, João passou o lote para um vizinho, juntou sua família e mais uma pequena quantia de utensílios e roupas em uma carroça puxada por um terno de mulas e partiu em busca de melhores terras e melhores condições de vida, rumando à sede da Colônia do Rio do Peixe, onde adquiriu um lote no então Núcleo Itália.

• A colonização do Núcleo Itália e a passagem para Sede Teixeira

O núcleo colonizado de Sede Teixeira foi o marco inicial de uma área ocupada chamada de Núcleo Itália, constituída de pioneiros imigrantes e descendentes italianos provenientes das Colônias de Caxias (Ana Rech), Antônio Prado e Conde D'Eu (Garibaldi).

Entre os primeiros colonizadores do Núcleo Itália cabe lembrar: João Morelo e Luiza Dalsaço Morelo (1910); Augusto Lucion e Angelina Rigon Lucion (1910); Francisco Sandini (1910); Santo Canali e Corona Dallagasperina Canali (1914); João Rombaldi e Clementina Cambrussi Rombaldi (1914); João Batista Dalzotto e Antônia Dallagasperina (1916); Giovana Marangoni Spanhollo (1916); Luiz Bertoldo (1916); Ângelo Manica e Judita Possebom Manica (1916); Lourenço José Dall' Olivo (1916); os irmãos Luiz, João e Vitório Argenta (1916); os irmãos José Costa e Luiz Costa (1917); os irmãos Ângelo Zanini e José Zanini (1917); João Scariot e Maria Rech Scariot (1918); Antônio Scariot e Regina Scariot (1918); Ângelo Bortolo Dallagasperina e Anna Martini Dallagasperina (1919); Luiz Marcon e Luiza Forti Marcon (1919); José Mazutti e Madalena Zanatta Mazutti (1920); entre outros.

• Família de João Morelo e Luiza Dalsaço Morelo

O casal construiu sua casa manualmente com a derrubada de pinheiros. Confeccionaram tábuas, barrotes, cepos, tábuas e tabuinhas para a cobertura, utilizando machado, machadinho, cunha e serrote, pois não havia serraria estabelecida nas redondezas.

A atividade inicial da família, constituída do casal, de dois filhos homens e duas filhas mulheres, foi a produção de feijão, milho e o abate de animais, entre eles o tatu, capivaras e veados. Pouco tempo depois, com a vinda de mais colonizadores, deu-se início à criação de porcos e galinhas, onde a carne e a gordura eram aproveitadas, além dos ovos. As frutas nativas eram abundantes. Posteriormente, por volta de 1918, começaram o plantio do trigo e da videira, com a produção de uva, cuja fruta oportunizou o consumo do vinho, vinagre, graspa e doces caseiros. Ainda criavam vacas e obtinham o leite, que era transformado em queijo, manteiga e nata para o consumo da família e auxílio aos que a eles recorriam em suas necessidades.

• Augusto Lucion e Angela Rigon Lucion

Em meados de 1910, chegou ao Núcleo Itália Augusto Lucion com sua esposa Angela Rigon Lucion e seus filhos, ainda crianças, Laurindo, Brígida e Aurélio vindos de Ana Rech. Mais tarde, nasceram, na então Sede Teixeira Gema, Maria e Mário. Por volta de 1918, iniciaram o plantio do trigo, da videira e a criação de animais. De acordo com Mário, seu pai, Augusto Lucion, comprou dez alqueires de terras devolutas do governo do Estado. As terras estavam situadas próximas do centro do Núcleo, que estava sendo colonizado pelas primeiras famílias. Atualmente, parte das terras estão localizadas na Linha Marcolin.

Família Lucion. Da esquerda para a direita; em pé: Mario, Laurindo, Demétrio, Orélia, Gema, Brigida e Maria. Sentados: Odila, Ângela e Augusto. Foto: Arquivo de Mario Lucion.

Foi nessas terras que Augusto e Angela construíram sua morada, criaram os filhos e desenvolveram atividades agrícolas. Nos primeiros anos, a maior parte da produção das terras era destinada principalmente para o consumo da família. Sobrava muito pouco para trocar no armazém da família de Valeriano Ughini. O milho, o trigo e a banha eram trocados por açúcar, café, sal, coalho, peças de tecido de algodão, brim e também por tamancos, chinelos e botinas na sapataria e na fábrica de tamancos de Luiz Sitta.

Também criavam suínos e vacas leiteiras. Parte do leite produzido era transformado em queijo, puína e manteiga, para o consumo da família, e parte era vendido. Mário relembra: "Quando eu tinha uns dez anos de idade, lá por volta da metade de 1940, levantava bem cedo, o cavalo já estava encilhado e no lombo estavam duas malas de pano com uns dez litros de leite, que tinha que levar para o Hospital Santo Antônio".

Somente duas décadas mais tarde, com a ajuda dos filhos, eles conseguiram aumentar a produção e passaram a fazer trocas dos produtos agrícolas por ferramentas e utensílios domésticos, utilizados em novas construções e melhorias na morada. Naquele tempo, Augusto construiu nas proximidades de sua casa uma pequena usina para gerar energia elétrica. Mário recorda: "Com a sobra de dinheiro da venda de trigo o pai comprou um rádio. Ele passou a ouvir todos os dias, principalmente programas de notícias e políticos. Entre as rádios que ouvia, lembro da Nacional e da Tupi do Rio de Janeiro, a Guaíba de Porto Alegre e a Rádio Passo Fundo. O pai também assinava o jornal Correio Riograndense, dos Freis Capuchinhos, de Caxias do Sul, que recebia duas vezes por mês."

Augusto e Angelina tinham a Igreja Católica como instituição que orientava suas decisões. Por isso, logo que chegaram, participaram de todas as atividades que aconteciam nas famílias e na capela, mais tarde na Paróquia Nossa Senhora da Saúde. A família, sempre que chamada, dava sua contribuição à igreja. Mário contou que quando estavam construindo a atual Igreja Matriz seu pai cedeu parte das terras para tirar as pedras para fazer os alicerces e paredes da igreja.

Angelina, além de cuidar dos filhos e da casa, também ajudava nas lidas da terra nos tempos de plantação,

colheita, e no trato aos animais.

A nora de Angelina, Jovelina Spanhol Lucion, casada com Mario Lucion, contou que Angelina fazia dressas (tranças) de palha de trigo pintadas com tintas tiradas de casca de cipó, de cor vermelha ou azul, fazia chapéus e sportolas. Depois de pronto, vendia no comércio daquela época: as firmas dos Irmãos Ughini e Busatto. Com os recursos das vendas comprava aos poucos o enxoval para as filhas, declarou Jovelina.

- **Francisco Sandini**

O imigrante italiano Francisco Sandini nasceu em 18 de janeiro de 1900, em Antônio Prado. Mudou-se para o Núcleo Itália em 1910, com 10 anos de idade, juntamente com seus pais José Sandini e Josefina Batistelli, em busca de terras férteis e maiores oportunidades de trabalho.

Francisco casou-se com Ursolina Spagnol Sandini, com quem teve seis filhos: Josefina, Alcides, Alzira, Natalina, Joannina e Lourdes. Francisco foi o motorista do primeiro ônibus de Tapejara a Passo Fundo. Também foi comerciante e serralheiro. Foi um ferrenho emancipacionista, ajudou no transporte dos materiais e construção da Igreja Matriz, na construção da Gruta Nossa Senhora de Lourdes e colaborou na realização do saneamento básico do município.

Em 24 de dezembro de 1965 faleceu deixando sua contribuição em vida para o desenvolvimento de Tapejara.

Santo Canali e Corona Dallagasperina Canali

Em meados de 1914, chegava ao Núcleo Itália em busca de um lugar para morar e trabalhar o descendente italiano Santo Canali, procedente da Colônia de Caxias. Ele se havia deslocado até Passo Fundo, informado da movimentação no Núcleo. Então resolveu conhecer, e acabou permanecendo. Entre as suas primeiras iniciativas, após dois anos de serviços no meio agrícola, conseguiu assentar no centro do Núcleo uma bodega conhecida como "Bodega do Seu Canário". Vendia licor, bitter e algumas miudezas, entre as quais pequenas quantias de açúcar, sal, café, fósforos e querosene.

Nos primeiros anos, a Bodega do Seu Canário não conseguia dar conta da demanda de instrumentos, ferramentas, louças, querosene, sal, açúcar, soda, tecidos, entre outros produtos necessários para o consumo e utilização das famílias. Essa situação logo mudou, em 1916, com a chegada, ao Núcleo, dos irmãos João e Antônio Zappani, procedentes de Antônio Prado. Os irmãos, logo que chegaram, iniciaram o ofício de frentistas de mercadorias. Dessa forma, a bodega começou a ter ao seu alcance os instrumentos e produtos de primeira necessidade. Uma vez por semana, os irmãos se deslocavam, com suas duas carroças, até Passo Fundo, levando alguns poucos produtos do Núcleo e trazendo outros. O período que levavam para ida e volta, quando o tempo colaborava, era de cerca de três dias. Os pernoites, no meio do caminho, eram sempre feitos em casa de pouso ou pastos. Uma das casas de pouso ou pasto estava localizada na altura do Rio Carreteiro, de propriedade do imigrante colonizador italiano Guerino Lângaro, que vendia alfafa e milho para alimentar os animais e disponibilizava um local para os carroceiros descansarem. No clarear do dia, prosseguiam a jornada.

Somente dois anos depois de muito trabalho é que Santo foi buscar sua mulher, Corona Dallagasperina Canali. Além da atividade na bodega, Santo utilizava a infusão de ervas e raízes medicinais para a cura de moléstias e ferimentos.

Quando o Núcleo Itália passou à denominação de Sede Teixeira, por volta de 1920, Santo vendeu a bodega e comprou terras nas proximidades da sede da Colônia do Rio do Peixe, Sete de Setembro

(Charrua), mais precisamente na atual localidade de Coroado, para onde se mudou com a família. Ao revolver a terra para o cultivo do milho, encontrou muitos objetos das antigas ocas dos índios e também encontrou muitas pessoas abandonadas vivendo na miséria, passando fome e com pouca vestimenta.

No Coroado, passou a plantar milho, mandioca, feijão e arroz, e a criar galinhas, porcos e gado, que lhe rendiam ainda ovos e banha. O pouco que sobrava era comercializado na Sede Teixeira, no armazém de Valeriano Ughini e na pequena Casa Comercial de Ângelo Dalzotto em troca de ferramentas, sal, açúcar, fermento, soda, querosene, tecidos e roupas.

Em 1930, Santo Canali passou a fazer parte do quadro associativo da então Cooperativa de Defesa Ativa Colonial, fundada na Vila Teixeira. A cooperativa possuía um grupo de associados do meio agrícola Teixeirense. Tinha como finalidade a troca de produtos coloniais e animais, além de madeira por peças de vestuário, armarinhos, calçados, especiarias de caça e defesa, condimentos e temperos e gêneros alimentícios não produzidos no meio agrícola. O Livro de Conta-Corrente da Cooperativa registrou as trocas efetuadas por Santo Canali no período de outubro do ano de 1932 e janeiro e fevereiro de 1933. Ele transacionou 64 quilos de couro e certa quantidade de banha, vinho e graspa por pimenta, açúcar, café, carne de gado, bacalhau, soda, breu, pregos, cal, chumbo, e peças de tecido de brim, de riscado, de morim e de algodão para confecção de calças, camisas e lençóis.

Os filhos de Santo Canali, Mansueto e Carino Canali, na década de 1930, instalaram na Vila Teixeira uma fábrica de doces de marmelo, marmelada, mandolates de amendoim e torrefação de café, denominada de São José.

Mais tarde, de 28 de novembro de 1947 a 31 de dezembro de 1951, Carino Canali foi vereador na Legislatura da Câmara de Vereadores de Passo Fundo, eleito com mais de 200 votos junto aos eleitores do meio agrícola da então Vila Tapejara. Representava a coligação do Partido de Representação Popular (PRP), coligado com o Partido Libertador (PL). Mais tarde, Carino adquiriu terras nas proximidades de Passo Fundo, onde passou a cultivar trigo e soja em grande escala.

João Rombaldi e Clementina Cambrussi Rombaldi

A família de João e Clementina Rombaldi, descendentes de imigrantes italianos, chegaram ao Núcleo em meados de 1914, procedentes de Antônio Prado. João, filho dos italianos Antônio Rombaldi e Antonieta Sandini Rombaldi, nasceu na colônia de Caxias em 24 de junho de 1889. Em seguida, foi morar com seus pais em Vila Ipê, Antônio Prado. A família chegou constituída dos filhos Antônio, João, Antonieta, mais os irmãos adotivos, Albino e Pedro.

Herdeiros de tradição religiosa e católicos praticantes, nos finais de semana cediam espaço em sua casa às demais pessoas que quisessem se encontrar para rezar e, de tempos em tempos, conseguiam um padre para presidir missa. Contribuíram na construção da primeira capela e buscaram de carroça em Caxias do Sul a doação da primeira réplica da imagem de Nossa Senhora da Saúde.

Mais tarde, na então Vila Teixeira, cederam espaço em sua moradia para os ensaios da Banda Santa Cecília, composta por vinte e cinco integrantes. Por muitos anos João integrou diretorias e foi mantenedor da capela, posteriormente elevada à Paróquia Nossa Senhora da Saúde, em 30 de dezembro de 1926. João e Clementina tiveram doze filhos: Maria, Almerinda, Gasparina (esposa de Antônio Manica), Dileta, Bonfilho, Alvina, Silvestre, Ivã, Domingos, Angelina, Ângelo e Evaristo. João Rombaldi morreu em 19 de julho de 1949, aos 60 anos, em Vila Tapejara. O atual cemitério de Tapejara foi homenageado

com seu nome pelo Poder Público.

João Batista Dalzotto e Antônia Dallagasperina

Em meados de 1916, chegou ao Núcleo João Batista Dalzotto, casado com Antônia Dallagasperina (irmã de Bortolo Ângelo Dallagasperina e Corona Dallagasperina), vindo de Ana Rech. Veio em busca de melhores terras e de melhores condições de vida para a esposa e seus filhos.

Nos primeiros quatro anos, desenvolveu atividades na agricultura para sustentar sua família. A partir do ano de 1920, em sociedade com parentes, instalou a primeira casa comercial no centro de Sede Teixeira, vendendo produtos aludidos.

Um dos filhos de João Batista Dalzotto, Ângelo Dalzotto, em 1935, foi nomeado pelo então Presidente da República, Getúlio Vargas, Juiz de Paz na Vila Teixeira. Além dessa função, continuou e ampliou a atividade comercial iniciada pelo pai, juntamente com seus irmãos na Vila Tapejara e posterior Tapejara.

- **Giovana Marangoni Spanhollo**

Casal Antônio e Amelia Spagnolo Spagnol na festa de 50 anos de casados com seus familiares e amigos. Na foto: Ana Bressan Canali, Fidelma Canali Guerra, Celso e Valdocir Dalmina, Adelar Marangoni Spagnol, Antonio e Catarina Favaretto, Regina Spagnol Rech, Vitória Martinello e Primo Spagnol, Darci Lopes, Vó Amelia Spagnolo Spagnol, com Jusélia Spagnol no colo, Vô Antônio Spagnol com Joel Spagnol, logo atrás, Dileta Spanhol com Inácio Treinot (reside em Sertão), Albino Spagnol, João Spagnol e Itela, Senator Dalsasso e Lucia Spagnol Dalsasso, Ivanir Spagnol Rech, Zenilda Spagnol Dalmina, Nair Spagnol Dalsasso, Natalina Erica Spagnol, com namorado Nelson Antonio Secco, ao lado Regina Spuldaro, logo atrás Ursulina Sandini, Adelino Spagnol, na janela Joel Manica. Foto: Jocélia Spagnol.

Em meados do século XIX a Companhia Colonizadora Rio-Grandense propagandeava junto às famílias de imigrantes italianos em Antônio Prado anúncios de vendas de lotes coloniais na Colônia do Rio do Peixe, localizada na região norte do Estado do Rio Grande do Sul, atual município de Charrua. A área de terras da Colônia estava sendo dividida em lotes, onde começaram a surgir pequenos núcleos de moradores. Entre os núcleos constituídos na época na Colônia do Rio do Peixe, o que estava em franco desenvol-

vimento era o denominado Núcleo Italiano, composto, na sua maioria, de famílias de imigrantes e descendentes de italianos.

Os anúncios da existência de novas terras colocadas em venda na então Colônia do Rio do Peixe chamaram a atenção e o interesse de Giovana Marangoni Spanhollo, viúva de Matteo Spanhollo, com o qual teve os filhos Antônio, Nicoletto, Mathias, Catarina e Ursulina.

Giovana havia herdado um pequeno lote de terra, não muito favorável para o plantio, pois o solo continha muitas pedras e troncos, dificultando o cultivo, e ainda a produtividade era baixa. Mas, com muito trabalho, esforço e ajuda de seus filhos conseguiam se manter com o pouco que colhiam. Como os recursos financeiros eram escassos, as roupas e calçados eram comprados apenas uma vez por ano.

A vida estava ficando cada vez mais difícil à sobrevivência da família. A viúva, após tomar conhecimento de notícias e anúncios, vislumbrou a oportunidade de conseguir oferecer a seus filhos melhores condições de vida e trabalho. Então, reuniu os filhos e decidiu vender o lote que possuía e adquiriu uma carroça com um terno de mulas.

Depois de ter negociado o lote e mais algumas coisas, conseguiu adquirir uma carroça. Fizeram o Sinal da Cruz e partiram nas primeiras horas da manhã do mês de janeiro de 1916, levando consigo apenas o que havia restado, poucas roupas, alguns utensílios domésticos e dois cachorros, rumando à Colônia do Rio do Peixe, com destino final ao Núcleo Italiano.

Família de Giovana Marangoni Spanhollo em 1910.
Foto: Jovânia de Fátima de Baseggio.

Agora, Giovana e seus filhos tinham como desafio enfrentar as picadas, os montes, o sol escaldante e as surpresas da noite, mas era preciso partir em busca de novas terras, acreditando em uma vida melhor, com menos sacrifícios. Durante o caminho a distância ia sendo vencida no ritmo imposto por Giovana e já no primeiro anoitecer estavam nas proximidades dos campos da Vacaria.

Com a ajuda de Antônio e Nicoletto, a mãe desvencilhou os animais, que assim puderam se alimentar, deitar e recompor suas forças. Em seguida Antônio acendeu o fogo para esquentar o revirado colocado em uma panela de ferro trazida pela família e, depois que comeram e tomaram alguns goles de vinho, Antônio falou: "É muito longe onde queremos chegar; temos que enfrentar muita coisa; eu acho que é melhor voltar para o Prado; lá temos pouco, mas tem gente conhecida", recordou ele.

Mas, Giovana carregava consigo o sonho e o desejo de encontrar um lugar onde pudesse viver e trabalhar, e o temor e desânimo do filho não a intimidou; pelo contrário, foi a oportunidade de ela demonstrar a determinação de realizar seu sonho, e disse para Antônio: "Antônio, vamos em frente. Lá vamos encontrar uma terra melhor para trabalhar, com menos pedras do que as do Prado e, assim, conseguiremos produzir o que precisamos para viver." De acordo com Antônio, depois de rezar três Ave-Marias, um Pai-Nosso, um Glória e uma invocação a Nossa Senhora da Saúde, enrolados em suas capas de chuva, caíram em sono profundo, com a certeza da proteção de Nossa Senhora e com o reforço da guarda e vigilância dos dois cachorros que os acompanhavam na jornada.

Vieram despertar no clarear do dia pelas latidas dos cachorros, que tinham avistado algum animal que se aproximava. Depois de comerem um pedaço de pão com fatias de salame e queijo, colocaram o terno de mulas na tração da carroça e reiniciaram a viagem.

Mateus Spagnol (pai), Helena Costa Spagnol (mãe), José, Benjamin, João, Remiga, Ines, Iselda e Francisca.
Foto: Luiza Costa Dias.

No final do segundo dia, estavam nas proximidades de Lagoa Vermelha. Depois de fazer tudo que haviam feito na noite anterior, voltaram a conversar. Antônio, que continuava temeroso e com dúvidas, voltou falar: "Lá aonde vamos não conhecemos ninguém! Quem vai nos ajudar naquilo que precisamos para viver e trabalhar?" Sua mãe então respondeu: "Antônio, lembra que lá vamos encontrar outras famílias que já estão morando e em caso de necessidade não vão deixar de nos ajudar".

Depois de alguns dias de viagem, já com o sol desaparecendo, chegaram às proximidades das terras de Dona Constança Bueno, onde pernoitaram. Essas terras, para conhecimento geral, pouco tempo depois foram adquiridas por Filomeno Pereira Gomes, que as vendeu divididas em pequenas propriedades, formando uma pequena vila, chamada Nova Fiúme, atual Município de Ibiaçá. Naquela noite, Antônio lembra que a conversa foi mais animada e se sentia mais confiante.

Após dias de viagem, chegaram ao destino traçado, ou seja, na Colônia do Rio do Peixe, no centro do Núcleo Itália. Dirigiram-se a um hotel conhecido como Amarelinho, que abrigava as famílias de imigrantes e descendentes, permanecendo hospedados ali por diversos dias. Mais tarde conseguiram adquirir um lote e assentar uma pequena morada.

Foi em Sete de Setembro, sede da Colônia, junto à Colonizadora Rio-Grandense que Giovana e os filhos Antônio e Nicoletto Spagnol firmaram o contrato de compra e venda de dois lotes de terra com área superficial calculada em 479.820 metros quadrados. O preço do lote foi de R$ 2:370,000. O contrato de promessa de venda foi assinado a rogo de Giovana e os filhos, Antônio e Nicoletto em 24 de julho de 1917.

Mas, somente em 15 de março de 1921 que foi lavrada pelo Registro Geral de Torrens de Passo Fundo a escritura pública de lotes de número sessenta e nove e setenta, tornando proprietários Antônio Spag-

nol e Nicoletto Spagnol, com o auxílio de sua mãe, Giovana Marangoni Spanhollo, a qual teria o usufruto dos lotes enquanto vivesse.

As áreas de terras, quando foram registradas, eram descritas como compostas de dois lotes de números 69 e 70, situados no Núcleo Itália, com área de 479.780m^2 pelo valor de dois contos, trezentos e noventa e oito mil novecentos réis, 2:398900. Depois disso Giovana teve que saldar o valor e juros do contrato de compra dos lotes 69 e 70 em 9 de novembro de 1918. De acordo com Antônio, "o lote estava localizado no antigo travessão Variza, mais tarde batizado de Linha Spanhol pelo Padre Carino Corso". Foi ali que Giovana e filhos começaram a preparar e cultivar a terra e criar animais domésticos. Desde pequenos foram orientados pela mãe em aproveitar o tempo com o trabalho.

Com a ajuda dos filhos, não demorou muito para que Giovana estruturasse a morada e a propriedade com galpões, chiqueiros, ferramentas, arados, criação de porcos, vacas de leite, carroça, junta de bois, terno de mulas, cavalos para o transporte individual. Com o aumento da produção de milho, trigo, parreiral, árvores frutíferas, entre as quais o figo, o marmelo e a uva; e ainda a banha que sobrava para ser negociada nas casas comerciais das famílias Ughini e Busatto, estabelecimentos comerciais assentados no centro da então Vila Teixeira. Os produtos agrícolas e animais foram trocados ou negociados em troca por roupas, acolchoados, chapéus, botas, espingardas, sal, café, açúcar, coalho, ferramentas.

Durante os dias da semana, Giovana e seus filhos ocupavam o tempo com as atividades agrícolas, com o trato e o cuidado dos animais e os afazeres domésticos. No domingo à tarde, junto com as famílias vizinhas, deslocavam-se, embarcadas em carroças, aos cultos ou missas que aconteciam na capela de São Isidoro, não tão distante da morada.

Mais tarde, seu filho Mathias na então Sede, posteriormente Vila Teixeira, instalou uma pequena fábrica de tamancos de cepo de madeira, que era abundante naquela época. Os tamancos eram usados pelos primeiros colonizadores nas suas atividades na roça e nos afazeres domésticos, pois serviam para proteger os pés.

Além da pequena fábrica de tamancos na então Vila Teixeira, em meados de 1930, inaugurou um botequim, localizado na área central da Vila. Esse estabelecimento, nos finais de semana, tornou-se local de recreação onde os homens, principalmente aos domingos, se encontravam para contar suas histórias e jogar quatrilho, bisca e mora, jogos conhecidos e praticados pelos italianos.

• Família de Luiz Bertoldo

Luiz Bertoldo chegou ainda criança no Brasil, quando seus pais conseguiram um lote em Antônio Prado. Veio para o Núcleo em busca de melhores terras para desenvolver atividades agrícolas e comércio de compra e venda de produtos coloniais.

Inicialmente, dedicou-se à atividade agrícola, mas com o passar do tempo e com o aumento do cultivo e da produção de milho, feijão e trigo, na então Sede Teixeira, instalou na zona central do Núcleo um pequeno estabelecimento de compra de grãos e onde vendia sal, açúcar, louças, panelas e mercadorias que mandava buscar e/ou buscava em Passo Fundo.

Na medida em que a atividade agrícola foi deixada de lado, a atividade comercial foi ampliada ao associar-se com a família de Valeriano Ughini, em meados da década de 1920, quando constituíram a firma Ughini, Bertoldo e Irmãos Ltda. Em um prédio de alvenaria, estabeleceram-se com um grande armazém na área central da então Sede Teixeira.

• Ângelo Manica e Judita Possebom Manica

Bodas de Ouro do casal Ângelo Manica e Judita Possebon Manica com amigos e familiares.
Foto: Arquivo de Vergínia Manica.

Mais distante da estrada geral percorrida pelos carroceiros para chegarem a Passo Fundo, em outra ponta do Rio Carreteiro, na localidade conhecida como São Miguel, o território já era habitado por colonizadores vindos das "velhas colônias", os quais desenvolviam atividades agrícolas de subsistência. Ali, nessa época, também havia um bodegão de propriedade da família do imigrante italiano Ângelo Manica.

O imigrante nasceu em 30 de novembro de 1880 em Trento, na Itália, e chegou ainda criança com os pais no Brasil. Filho único, foi morar com a família na Capela de São Roque, pertencente à Colônia Conde D'Eu (Garibaldi). Viveu nessa localidade durante sua infância e adolescência e foi onde conheceu e se casou com Judita Possebon. Em meados de 1916, com a esposa e seis filhos, tomou o trem por Santa Maria até Passo Fundo, onde alugou duas carroças de Ernesto Lângaro para chegar até a localidade de São Miguel. Ali, além de desenvolver atividade agrícola de subsistência, estabeleceu-se com um bodegão (armazém) que oferecia a venda de bebidas, alimentos, ferramentas, louças, panelas, azeite e derivados que, às vezes, mandava vir da Itália.

Em quarenta dias na nova terra, a família foi atingida pela moléstia do tifo, doença bacteriana. Antônio, o filho mais debilitado, que havia nascido em 30 de setembro de 1908, em Garibaldi, conseguiu resistir juntamente com suas irmãs Maria e Rosália.

• Antônio Manica e Gasperina Rombaldi

Antônio Manica casou-se com Gasperina Rombaldi, filha de João Rombaldi e Clementina Cambrussi Rombaldi. A família desenvolveu atividades agrícolas na Sede Teixeira, na Vila Teixeira, na Vila Tapejara e no Município de Tapejara. Com seus filhos católicos, contribuíram com as atividades e ações da Paróquia Nossa Senhora da Saúde.

A maioria dos filhos dedicou-se à atividade agrícola, exceto dois filhos. Ângelo Rombaldi Manica, casado com Joannina Sandini Manica, era contabilista e por muitos anos foi agente do posto do INSS em Tapejara e vereador pelo PTB. Também era dirigente do Movimento Familiar Cristão e ministro da

Em pé, da esquerda para a direita: Vergínia, Angelo, João, Maria, Teresa e Rita. Em frente: José, Gasparina Manica (mãe) com Marlene no colo, Luiz, Antonio (pai), Gilberto. Foto: Vergínia Manica.

Eucaristia da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, e o filho José Rombaldi Manica, casado com Loreci Miotto, advogado militante, exerceu o cargo de vice-prefeito do município de Tapejara na década de 1980.

• Lourenço José Dall'Olivo

Lourenço José Dall'Olivo, filho de José Dall'Olivo e Lucia Ren, nascido em 27 de agosto de 1908, na localidade de Fão, Município de Lajeado. Mudou-se para a região em 1916, onde constituiu família com Emília Miloca Kaipers, com a qual teve sete filhos. Lourenço desenvolveu empreendimentos na exploração e beneficiamento do pinheiro, sendo proprietário de duas serrarias no Rio Carreteiro e em São Miguel.

Lourenço José Dall´Olivo e sua esposa, Emília Miloca Kaibers Dall´Olivo.

Em 1942, mudou-se para Vila Tapejara e continuou com a extração e beneficiamento do pinheiro. Também desenvolveu atividades na agricultura no cultivo de trigo e milho e sendo um dos principais criadores de gado holandês, crioulo e charolês e suínos Duroc e Caruncho. A produção de suínos era consumida em parte pelo frigorífico local e parte pelos estabelecimentos idênticos dos Municípios vizinhos. A criação bovina era utilizada para abastecer a comunidade.

Lourenço José foi sócio fundador do Clube Comercial, bem como contribuiu para a vinda do primeiro estabelecimento bancário, o Banco Comercial e Industrial do Sul, para Vila Tapejara, em meados da década de 40. Foi, na década de 60 e meados da década de 70, membro do Conselho Administrativo do Hospital Santo Antônio. Faleceu em 29 de maio de 1986.

• Os irmãos Luiz, João e Vitório Argenta

Em 1917 chegaram, em carroças puxadas por terno de mulas, com muitas paradas no deslocamento causadas pelo tempo chuvoso, os irmãos imigrantes italianos Luiz, João e Vitório Argenta, procedentes de Antônio Prado, que vinham em busca de terras para morar e desenvolver atividades agrícolas.

• Os irmãos José e Luiz Costa

Também em 1917 chegaram os irmãos José e Luiz Costa, italianos procedentes de Antônio Prado em busca de terras de cultivo para desenvolverem atividades no ramo madeireiro.

Nos primeiros anos, desenvolveram atividades agrícolas de subsistência para sustento das famílias, como o cultivo de feijão, milho e trigo. Mais tarde, mudaram de atividade e adquiriram uma serraria localizada nos arredores da então Vila Teixeira, onde compravam pinheiros, executavam a derrubada e as toras eram transformadas em tábuas, pranchas, barrotes e caibros, utilizados nas construções de casas, barracões e paióis.

O que era produzido na serraria, além de ser vendido para os moradores da localidade e arredores, também era transportado em carroças à Estação Ferroviária de Coxilha, onde era depositado e comercializado.

Família de Luiz Forti Costa e José Costa. Da esquerda para a direita, em pé: Albino, Olivo, Cornélio, Torino, Ophélia e Josephina. Sentados: Francisca, Fidelma, Maria, mãe Luiza, Ida, Angelina e Cristina. Foto: Arquivo de Valmir Marsilio.

Família de Luiz Costa e Pierina Stefini Costa. Da esquerda para a direita, em pé: Marcelina, Albina, Francisca, José, Prescede, Amabile, Alfonso e Bruno. Sentados: Brigida, Margarida com a filha no colo, Gemile, João, mãe Pierina com a filha Aurora no colo e pai Luiz. Foto: Arquivo de Luiza Costa Dias.

• Os irmãos Ângelo e José Zanini

Nessa época, o Núcleo Itália já era colonizado por diversas famílias de imigrantes e descendentes de italianos que estavam desenvolvendo atividades agrícolas, uns apenas à subsistência e sustento, outros para venda ao pequeno comércio e serrarias que começavam a se instalar. Mas, o Núcleo carecia de um local para conserto e fabricação de carroças e arados.

Em meados de 1917, essa situação começava a ser resolvida com a chegada de Ângelo e José Zanini, filhos dos imigrantes italianos Carlos Zanini e Lúcia Rosseti, vindos de Flores da Cunha.

Ao chegarem ao Núcleo instalaram uma ferraria e carpintaria, usando conhecimentos herdados de seus familiares. A ferraria produzia aros, breques, ganchos, correntes, peças de ferro que faziam parte da carroça e do arado, além de instrumentos agrícolas, como enxadas, pás, picaretas, machados, foices e facões. A carpintaria produzia peças de madeira para as carroças, como rodas, tampas, cabeçalho, assoalho, entre outras.

Com o passar do tempo, José continuou no ofício e, na então Sede Teixeira, qualificou e ampliou suas atividades, além de continuar com a fabricação de instrumentos agrícolas, como máquinas de massas, de sulfatar e trilhadeiras. A Ferraria e Carpintaria Hidráulica produziu uma das primeiras trilhadeiras

na região, que foi exposta e premiada na Primeira Exposição Agropecuária Industrial e Feira Anexa de Passo Fundo, no final da década de 30. Ângelo Zanini passou a desenvolver o ofício de carpintaria na fabricação de mesas, cadeiras, armários, guarda-roupas e baús.

Na Sede Teixeira, José Zanini foi suplente de Juiz Distrital. Foi um dos sócios fundadores da Sociedade Hospital Santo Antônio, em 1937, e exerceu o cargo de presidente da instituição por quase quarenta anos. Foi um dos fundadores do Clube Comercial, além de um dos fornecedores de energia elétrica da Sede Teixeira. Também foi proprietário da Granja Santa Lúcia, em Sananduva, e, mais tarde, de outras terras, situadas em Tapejara. Casou-se em 30 de novembro de 1920 com Francisca Costa, com a qual teve onze filhos. Faleceu em 17 de maio de 1969, aos 79 anos.

• João Scariot e Maria Rech Scariot

Em 1918 chegavam da Itália, na Colônia de Caxias, João Scariot e Maria Rech Scariot. Em seguida, deslocaram-se até o Núcleo Itália, onde conseguiram um pedaço de terra, na atual Linha Marcolin. Tiveram os seguintes filhos: Santo Scariot, casado com Ana Marcon; Abele Scariot, casado com Ana Turmina Scariot; Pascoa Scariot, casada com Abele Negretti; e Primo Scariot, casado com Maria Parizotto.

• Antônio Scariot e Regina Scariot

Antônio Scariot e sua esposa, Regina Scariot, partiram de Feltre, na Itália, tendo como primeira morada Antônio Prado. Também em 1918, chegaram às proximidades do então Núcleo Itália, no território da atual localidade de Santa Rita.

O casal teve os seguintes filhos: Constante; Gildo; José; Antônio, casado com Amabile Ruaro; Guilherme, casado com Maria Zotti; Victório, casado com Constança Pelizzaro; Raquele, casada com Luiz Pelissaro; Amabile; e João, casado com Assunta Morello.

Os filhos de João Scariot, casado com Assunta Morello Scariot, foram: Ângelo, casado com Ema Rossi; Guilherme, casado com Elia Sbegnen; Santo, casado com Nair Negrini; Amabile, casada com Jordano Tognon; Oliva, casada com Domingos Sbegnen; Dosolina, casada com Romano Borili; Regina, casada com Arcides de Bona; e Afonso Alcides, casado com Maria Lusa.

• Família de Ângelo Bortolo Dallagasperina e Anna Martini Dallagasperina

Primeiramente, os familiares de Ângelo Bortolo Dallagasperina receberam um pequeno lote do Governo do Estado em Campo dos Bugres, na então localidade de Ana Rech, pertencente mais tarde a Caxias do Sul, onde permaneceram até o final do ano de 1918. Em meados de 1919, juntamente com sua esposa, a imigrante italiana Anna Martini Dallagasperina, deslocaram-se para o Núcleo Itália, viajando sete dias em carroças puxadas por um terno de mulas.

Em pé: Joannina, Gema, Amábile, Ângelo, João Batista, Hermínio, Égide e Aurora. Sentados: Tereza, Maria, Anna Martini, Ângelo Bortolo Dallagasperina, Rosina, Vitória e Assunta. Foto (1955): Arquivo de Amélia Scariot Dametto.

• Luiz Marcon e Luiza Forti Marcon

O casal de imigrantes Luiz Marcon e Luiza Forti Marcon saíram de Antônio Prado e chegaram no Núcleo Itália em meados de 1920, compraram um lote e se radicaram na atual localidade de Santa Rita.

Seus filhos Ângelo e Ermínio faleceram ainda muito jovens. Basílio casou-se com Helena Casamali; Avelino com Otilia Deboni; Pedro com Inez Piroli; Ricardo com Iva Lucion, Antônio com Maria do Carmo; Guerino com Marta, Zelindo com Maria Grison, David com Aurora Rebelatto; Rosa com Eduardo Casamali. Luiza ficou viúva e se casou, novamente, com Victorino Lucion e tiveram as filhas Josemina, casada com Remo Casamali; Maria, com Dejaltema Rodrigues; e Ida, com Noé Rodrigues.

• José Mazzutti e Madalena Zanatta Mazzutti

O filho de Francesco Mazzutti e Iride de Rossi, imigrantes de Beluno, na Itália, José Mazzutti e sua esposa, Madalena Zanatta Mazutti, que residiam em Antônio Prado, ao saberem da existência de novas terras na Colônia do Rio do Peixe, trataram de negociar as terras que haviam comprado. Feito o negócio, juntaram o pouco que possuíam e tomaram o rumo na direção da sede da Colônia e, em seguida, para o Núcleo Itália, em meados de 1919.

Em 1920, José, juntamente com seu filho Ângelo Mazzutti, construíram uma picada, alcançando o atual território de Paiol Novo, onde foram morar num lote com a família. Mais tarde, com a chegada de mais moradores nas proximidades, a localidade foi crescendo e passou a ser denominada de Paiol Novo. O motivo do nome foi a construção de um grande paiol, onde se realizavam missas e festas.

• Herdeiros da tradição católica

Logo que as primeiras famílias colonizadoras chegaram, não existia edificada uma capela no Núcleo Itália que pudesse acolher a tradição católica trazida pelos italianos para expressarem suas convicções religiosas, herdadas de seus antepassados no velho mundo. Como não havia local adequado nem missa todos os finais de semana, muitas famílias que chegaram nos primeiros anos do século XX, como a de Luiza Dalsaço e João Morelo, participavam de missas no atual Município de Sananduva, localidade que pertencia à Colônia de Campos de Cima da Serra, Vacaria. O deslocamento era feito por Sete de Setembro (Charrua), tendo como meio de transporte o cavalo. Na garupa de cavalos, pais e filhos tinham de sair nas primeiras horas do dia de domingo para poderem assistir à missa das 10h.

Em 1914 os colonizadores, em mutirão, conseguiram com muito esforço e com a colaboração da grande maioria das famílias, edificar a primeira capela no núcleo que estava em franca colonização. A construção era toda em madeira, com oito por doze metros de corpo, cinco por sete metros de decoro e cinco metros de altura, toda forrada com tábuas aplainadas. A invocação recaiu sobre a denominação de Nossa Senhora da Saúde. A devoção à Padroeira havia sido trazida pelos imigrantes italianos, que, em meio às dificuldades, recordaram-se dos antepassados, que foram libertos de uma epidemia em que morreram muitas pessoas na Itália, e lá construíram o Santuário dedicado à santa, que existe até hoje em frente à Praça, em Veneza.

A edificação da capela proporcionou unir e congregar os pioneiros colonizadores. Ela servia de centro religioso, cultural e político no Núcleo, e, em anexo, sob sua administração e responsabilidade,

ficava o cemitério. Ainda, a capela abarcava a comunidade, que, no caso de necessidade, ajudava famílias que passassem por dificuldades.

POVOAMENTO ALEMÃO

O primeiro grupo de imigrantes alemães chegou ao Brasil em 1818, mais precisamente na Bahia. Porém, foi em São Leopoldo, no extremo sul do Brasil, que a primeira colônia alemã foi fundada.

A maioria dos imigrantes alemães chegaram ao Brasil entre os anos de 1920 e 1930, depois da Primeira Guerra Mundial. Na época, cerca de 75 mil alemães desembarcaram no país, fugindo das tensões de cunho político e econômico que aconteciam na Alemanha. O desenvolvimento de novas tecnologias naquele país gerou grande desemprego, o que fez com que artesãos e indústrias domésticas falissem.

Esses imigrantes, mesmo como refugiados políticos, trabalhavam como operários, professores, entre outras profissões. Dessa forma, a mão de obra alemã especializada que chegou ao Brasil foi muito importante para o desenvolvimento da industrialização do sul do país. Porém, a maioria dos imigrantes dedicou-se à colonização agrícola. Essa colonização levou-os para áreas até então desconhecidas.

• Alemães no Rio Grande do Sul

O fluxo de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul foi contínuo entre os anos de 1824 e 1830, totalizando aproximadamente 5.350 recém-chegados, os quais se fixaram e se espalharam aos poucos pelas regiões e criaram as colônias teutas, como as de São Sebastião do Caí, Novo Hamburgo e Santa Cruz do Sul.

A imigração foi interrompida de 1830 a 1844 e, após esse período, houve a entrada de cerca de dez mil alemães. Depois disso, o país entrou no ritmo da grande imigração, e o número de alemães cresceu.

O movimento migratório continuou até a metade do século XX e levou imigrantes e seus descendentes à região Norte e ao Alto Uruguai. Um desses locais foi a Colônia do Rio do Peixe, que tinha a sede de Sete Setembro (atual município de Charrua), onde os imigrantes alemães desbravaram áreas e constituíram a localidade de Cachoeira Alta.

Na maioria dos casos, o número de filhos entre as famílias imigrantes e seus descendentes era elevado e os filhos que não podiam permanecer no lugar por falta de terras saíam à procura de propriedades mais baratas. Todos eles, tanto os homens como as mulheres, foram condenados a deixar os lotes desbravados pelos pais e a continuar o pioneirismo.

O Rio Grande do Sul foi o Estado que mais recebeu imigrantes alemães. Em 1930, aproximadamente 20% da sua população, juntamente com Santa Catarina, era formada por imigrantes de origem germânica.

• Origem de Cachoeira Alta

A origem de Cachoeira Alta deu-se em 1914, a partir de uma clareira aberta em meio à mata virgem. As primeiras machadadas que foram ouvidas e que abriram espaço à nova morada dos alemães em Cachoeira Alta foram lançadas por Hermann Prante e, em seguida, por Jacob Reinold Lamb e seus familiares. O início do povoamento não foi previsto ou planejado por projetos de colonização oficial. Tudo ocorreu espontaneamente, sem coordenação do Estado.

Família de Jacob Reinold Lamb e Teline Mielke Lamb, em 1927, com os filhos Guilherme, Erna, Rosilde, Alfredo, Alsira, Valdemar e Hilda. Foto: Silvino Bernardo Lamb.

Cachoeira Alta em 1972.

Naquela época, Tapejara era um núcleo ocupado pelas primeiras famílias de colonizadores italianos chamado Núcleo Itália, que pertencia a Passo Fundo. Os fundadores de Cachoeira Alta procediam das antigas colônias teutas, principalmente de São Sebastião do Caí e Santa Cruz. As primeiras famílias que povoaram Cachoeira Alta foram as de Hermann Prante, Reinhold Lamb, Otto Koch, Peter Bruch e Peter Lamb, que vieram de São Sebastião do Caí, e João Kurtz, Max Scharnberg, August Scharnberg, Heinrich Scharnberg, Artur Schmidt, Berthold Kurtz e Teodoro Neu, que vieram de Santa Cruz.

As terras compradas por esses colonos faziam parte da colônia Particular do Rio do Peixe, que pertencia à Companhia Colonizadora Rio-Grandense. As migrações rurais aconteceram, em primeiro lugar, devido à expansão demográfica dos municípios povoados pelos imigrantes alemães e seus descendentes e, em segundo lugar, devido à estrutura agrária, o regime de pequena propriedade ou minifúndio.

Muitos filhos de colonos, em busca de terras mais baratas, viajaram de trem até a sede da então Colônia Erechim, atual Município de Getúlio Vargas, e continuaram a viagem de carroça, puxada por cavalos, até a atual localidade de Cachoeira Alta. A partir de então, viam-se frente a frente com a natureza, que a cada passo representava o hostil desconhecido que teria que ser desbravado.

Teolina Milke Lamb com seus netos. Veio de São Sebastião do Cai em 1914, para Cachoeira Alta.

As dificuldades e necessidades espirituais e materiais enfrentadas por esses colonos pioneiros foram muito grandes. Quando precisavam de ajuda médica tinham que se deslocar até Passo Fundo, porém ficava longe da Sede Teixeira e o percurso era realizado com carroças ou no lombo de cavalo.

Na maioria dos casos, quando alguém ficava doente, era tratado com Santo Canali, na Sede Teixeira, com chás de ervas e raízes. Um dos casos de carência médica ocorreu na família do imigrante Peter Bruch, no ano de 1922. Em apenas uma noite, Peter perdeu dois filhos que haviam contraído varicela, um de três e outro de quatorze anos. No dia seguinte, sua esposa grávida de seis meses, sofreu um aborto, perdendo também a criança.

Além da busca por propriedade na nova terra, os imigrantes alemães preservavam outra característica dos seus antepassados: a relação com o trabalho e com a poupança. Eles trabalhavam arduamente e com persistência com o objetivo de acumular bens para o presente e como prevenção e garantia para o futuro. Influenciados por essa mentalidade de trabalhar e acumular bens, os colonizadores iniciaram suas atividades na tão almejada terra, onde tiravam o sustento de suas famílias e a riqueza.

Os imigrantes de Cachoeira Alta plantavam milho, feijão, arroz, amendoim, mandioca, trigo e cana-de-açúcar. Comercializavam principalmente banha e milho. A banha era produzida e estocada em tonéis para vender na Sede Teixeira e, também, transportada através de carroças puxadas por bois até Passo Fundo. O milho era vendido, principalmente, às serrarias, para alimentar os bois. As toras de pinheiro, cedro, angico e canela eram puxadas à força por bois até as serrarias, transformadas em tábuas, pranchas e caibros. Em seguida, eram transportadas por carroças até o local da venda ou embarque no trem. Os locais mais próximos para o embarque desses materiais eram as estações de trem em Coxilha e Sertão.

Da esquerda para a direita, em pé: Alfonso, Oscar, Guilherme, Fredolina, Olivia e Melita; sentados: Albertina Koch Bruch e Peter Bruch, em 1933. Foto: Arquivo de Marta Bruch.

Tanto o Núcleo de Cachoeira Alta como a maioria dos demais núcleos do interior das novas colônias enfrentavam condições adversas. A situação financeira era de máxima pobreza. Sofriam a ação exploradora dos comerciantes locais, de quem os colonos alemães eram dependentes. A banha, por exemplo, ficava meses estocada em tonéis, à espera de melhores preços.

Para fazer frente às adversidades que os novos moradores enfrentavam, a solução foi fortalecer os laços de solidariedade entre as famílias, praticando ajuda mútua e realizando mutirões para construir casas, galpões, chiqueiros, igrejas, abrir e conservar estradas e cercar potreiros.

• Religião e educação

A prática religiosa sempre esteve presente na vida dos imigrantes alemães, e apesar de não terem logo que chegaram às novas terras um templo para realizarem seus cultos, faziam-no em casas particulares. A prática religiosa teve muita importância para a união das famílias, pois representava o espaço onde reafirmavam e transmitiam seus valores, sua visão de mundo e sua cultura.

Família alemã em 1940, moradores de Cachoeira Alta. Da esquerda para a direita: Erna Lamb Noy, Ricardo Noy, Malvina Noy Lamb, Osvino Lamb; ao meio, Paulina Roy Noy e Theodoro Noy e as crianças Elma Borth Noy e Armando Lamb. Foto: Silvino Bernardo Lamb.

Após sete anos de muito trabalho, em 1922 os alemães construíram a primeira igreja da comunidade, num grande mutirão. Antes da igreja, os cultos eram realizados na casa do Sr. João Kurtz. Tanto a igreja como o primeiro cemitério foram construídos nas terras doadas por August Scharnberg. Na época da construção da primeira igreja, a comunidade contava com as seguintes famílias: João Kurtz, Reinhold Lamb, Hermann Prante, Max Scharnberg, Peter Lamb, Peter Bruch, Otto Koch, Arthur Schmidt, Berthold Kurtz, August Scharnberg e Theodor Neu.

O primeiro culto na nova igreja foi realizado pelo Pastor Schoder, primeiro pastor oficial da comunidade. Antes disso, os imigrantes eram atendidos pelo missionário Algaier, do município de Carazinho. A casa pastoral foi construída em Linha Frederico, a 40 km de Cachoeira Alta, distância realizada pelo pastor a cavalo. A construção da igreja e da casa pastoral foi um avanço significativo às atividades religiosas e culturais.

A Igreja Protestante era o local onde os colonos se organizavam. Na igreja também funcionava a escola da

comunidade, criada e mantida pelos imigrantes, pois o sistema escolar brasileiro se encontrava em estágio incipiente e os colonos não contavam com a ajuda do Poder Público. O primeiro professor da Comunidade foi August Scharnberg, o qual lecionou apenas por um ano, sendo substituído por seu irmão Heinrich Scharnberg, até 1934.

Em 1925, mais um grupo de imigrantes alemães, que vieram da Barra do Ribeiro, proximidades de Guaíba e de Porto Alegre, foram para Cachoeira Alta, atraídos pela terra fértil, pouco utilizada e mais barata, já que não havia sido totalmente desbravada. A vinda desses colonos provocou notável desenvolvimento nessa comunidade, e o centro – onde está construída a igreja e o cemitério – mudou para o local onde até hoje permanecem. Entre os imigrantes estavam: Mari Koch, Jacó Koch, George Koch, Jacob Peter, Frederico Storck, Fritz Peter, George Ritter, Adam Storck, Albert Wilde, entre outros. Com a chegada dessas famílias, Cachoeira Alta recebia em seu meio, mais braços para o trabalho e mais terra preparada para o cultivo de produtos agrícolas.

Em 1927, foi inaugurado o primeiro altar e o primeiro púlpito da igreja, construído em 1922, com vinte membros. Porém, tornou-se necessária uma igreja maior e que tivesse uma localização mais central. Os membros da comunidade reuniram-se e deram um novo passo na construção do novo centro comunitário. Em 1931, já com vinte e cinco famílias, construíram uma nova igreja e um novo cemitério, ao lado da existente, que foi inaugurada no dia 24 de outubro daquele ano, sob a presidência de Reinhold Lamb. O casal João Miguel e Bertha Kurtz doaram mais um lote de 8.554m² e Alberto e Ana Wilde doaram 1.400m² de terra. No dia 24 de outubro desse mesmo ano, foi inaugurada a nova igreja, sob a direção do presidente Reinhold Lamb.

Família alemã em 1940. Da esquerda para a direita, de pé: Arlindo Lamb, Valdemar Vilibaldo Lamb, Alfredo Lamb, Osvino Lamb; sentadas: Hilda Lamb Petter, Alzira Lamb Ressel, Teolina Lamb (mãe) Rosilda Lamb Schponholz e Erna Lamb Neu. Foto: Arquivo de Silvino Bernardo Lamb.

Casamento de Erich Ressel com Alzira Lamb em 1947. Foto: Arquivo de Silvino Bernardo Lamb.

O ano de 1934 assinalou o início da ação do Poder Público na esfera educacional de Cachoeira Alta. Nesse ano a atual cidade de Getúlio Vargas foi municipalizada e Cachoeira Alta passou a lhe pertencer, enquanto que o antigo Núcleo Itália, então Sede Teixeira, continuava pertencendo a Passo Fundo. No ano de 1955, a Vila Tapejara passou a denominar-se Tapejara, e Cachoeira Alta voltou a pertencer ao novo município.

Em 1942, quando os imigrantes alemães já estavam estabelecidos em sua comunidade, houve a guerra entre Brasil e Alemanha. Todas as manifestações culturais foram suspensas. Com a guerra, os imigrantes passaram por diversos tipos de privações físicas e culturais. Faltavam produtos de primeira necessidade, como farinha, açúcar, sal, querosene e outros. Tudo era racionado, quando não ausente. Sofriam ações repressivas de populares do local, pessoas que assumiam atitudes hostis e, por vezes, cruéis contra os colonos alemães.

O primeiro professor enviado por Getúlio Vargas a Cachoeira Alta foi Carlos Leonard, que ministrava parte das aulas em língua portuguesa, que até então haviam sido ministradas 100% em língua germânica. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o ensino da língua alemã passou a ser totalmente proibido.

Os imigrantes eram então proibidos de se comunicar na língua alemã, e caso fizessem poderiam ser presos

ou então realizar trabalhos forçados nas estradas. Todos os rádios foram recolhidos, sob a acusação de estarem escutando notícias da Alemanha. Todas as casas foram revistadas em busca de livros, jornais ou revistas que fossem redigidas em língua alemã.

Durante esse período da repressão cultural, a comunidade de Cachoeira Alta não pôde externar suas tradições culturais. No entanto, manteve os seus princípios, valores e cultura silenciados, mas muito bem guardados e nutridos na mente de cada um de seus integrantes. Em 1950, a comunidade adquiriu um sino e construiu uma torre. Passado o período repressivo, no final da década de 1960, voltaram as tradições culturais para preservar sua origem e identidade.

Em 1973, os membros da comunidade decidiram demolir a igreja, que era de madeira e, no mesmo local, construíram a atual igreja em alvenaria, que foi totalmente reformada e ampliada no ano de 1999.

• Migrações e festas

Entre as décadas de 50 a 70, inúmeras famílias de Cachoeira Alta partiram para outros Estados, principalmente para o oeste de Santa Catarina e norte do Paraná. O objetivo foi buscar novas terras para seus filhos. As terras na comunidade estavam quase todas desmatadas e tiveram seus preços elevados, além de solos desgastados, que apresentavam baixa produtividade.

Banda de Cachoeira Alta em 1963. Foto: Silvino Bernardo Lamb.

Entre as famílias que partiram para o Paraná nas décadas de 60 e 70 estavam: Norbert Lamb, Olívio Lamb, Arthur Lamb, Robert Sponholz, Alfons Lamb, Arnhod Lamb, e para Santa Catarina: Teobald Koch, Guinter Kronbauer, Arno Sander, Pedro Koch, Aroldo Storck e Walter Schmit.

A partir da década de 80, as migrações estavam voltadas às cidades, onde os filhos foram buscar seu espaço. Muitos trabalhavam como operários na Fábrica de Confecções Usacon, em Tapejara. Outros, que tiveram o acesso ao estudo, tornaram-se professores e, outros ainda, com um pequeno capital acumulado, passaram a se dedicar a algum negócio autônomo. As cidades escolhidas pelos imigrantes foram as mais próximas de Cachoeira Alta, principalmente Tapejara, Getúlio Vargas e Passo Fundo.

Os colonizadores e seus descendentes que ocuparam as terras de Cachoeira Alta preservaram as tradições culturais alemãs. A prática social era orientada pela doutrina da Igreja Protestante; era ao redor dela que organizavam sua vida social, cultural e religiosa, e ao fato da religião ser uma expressão estável deve-se a originalidade das festas religiosas dos teuto-brasileiros conservadas até hoje. Durante muitos anos existiu uma Banda de Músicos na Comunidade, que animava as festas e os casamentos de seus membros.

Banda Carlos Gomes de Getúlio Vargas animando os Kerbs da época. Foto: Divulgação.

Em 1957, a comunidade construiu o seu primeiro Salão Comunitário para a realização de suas festas; ao longo do tempo, o salão passou por várias reformas e ampliações. Em 1986, os membros uniram-se e construíram um Ginásio de Esportes, que serviu também para ampliar o Festival do Kerb, tradicional festa alemã.

O Kerb é a abreviatura de Kircheweifest, festa dedicada ao templo, em agradecimento pela colheita e pela vida, trazida pelos imigrantes europeus. Antigamente, a festa começava na sexta à noite e acabava no final da tarde de domingo. Hoje, é realizado um jantar típico de comidas alemãs com tradicional baile regado a chopp, animado por uma banda tradicional, no final do mês de outubro, coincidindo com a data da inauguração da igreja, no ano de 1931. O símbolo dessa festa são o Fritz e a Frida, personagens típicos da etnia alemã. Durante a festa é colocada no meio do salão uma coroa, que representa a união do Fritz e da Frida. Os bonecos são rifados para um casal presente no baile, os qual deve dançar uma valsa e leva o brinde para casa.

Culto festivo pelo Kerb da Comunidade da Cachoeira Alta, em 17/10/2009.

Nas mesas decoradas, encontram-se comidas típicas, como chucrute, cucas, tortas, sobremesas, carnes assadas, linguiças e chopp. Após as refeições em família, ao redor das mesas, inicia-se o baile, com bandas de música típica. Na década de 60, Cachoeira Alta tinha os seus casamentos e seus dias festivos alegrados por uma banda formada por descendentes de alemães. Na metade da década de 80 e na década de 90, os jovens voltaram seus interesses em fazer música, apesar de os instrumentos da tradicional banda terem sido trocados por violões.

Desde que a professora Marta Bruch, filha da imigrante Anny Bruch, ministrou aulas de violão e teatro, o grupo de jovens de Cachoeira Alta percorreu várias localidades e municípios vizinhos, apresentando peças de teatro e músicas.

Em novembro de 1995, um forte vendaval destruiu por completo o Ginásio de Esportes, abalando totalmente a comunidade, pois haviam terminado, recentemente, de pagar as dívidas adquiridas na construção do ginásio, que agora estava em ruínas. Com muito ânimo, coragem, perseverança e disposição, num curto espaço de tempo a comunidade transformou as ruínas em um novo salão, mais amplo e moderno. Em maio de 1996, num Culto Ecumênico, a comunidade reuniu-se para inaugurar o novo salão e agradecer a Deus, num verdadeiro mutirão de fé, no qual participaram muitos irmãos católicos, em solidariedade.

- **Cultos**

Os cultos na Comunidade Evangélica da Cachoeira Alta são realizados todos os meses e contam com a participação de aproximadamente setenta pessoas.

- **Culto infantil**

O culto infantil é uma tradição vinda da Alemanha com seus imigrantes. É uma forma de fazer com que as crianças entendam a palavra de Deus de um jeito divertido e diferente, com histórias, brincadeiras e cantos bíblicos infantis, persistindo até os dias de hoje. As orientadoras são Karen Letícia Kaifer e Gabriela Krug.

• Grupo de dança e música

Banda de Assopro de Cachoeira Alta em 1949. Da esquerda para a direita: Herbert Hanel, Edvino Scharnberg, Consílio Mezomo, Fredolino Scholer, Arlindo Lamb, Valdemar V. Lamb, Evaldo Hanel e Bruno Hanel. Foto: Arquivo de Altair Scholer.

Banda familiar da etnia alemã. Da esquerda para a direita: Remilda, Olinda, Edemar, Edvino Scharnberg e Ivo Hanel (no violão). Foto: Arquivo de Reni Peter.

O grupo de danças foi fundado no início do ano de 2000; seu nome, Volkstanzgruppe Lustig Zum Tanz, significa Grupo de Danças Alegria de Dançar. No início havia um grande grupo, com idades diversas, mas com o tempo firmou-se um grupo de adolescentes. A primeira apresentação fora da comunidade foi na cidade de Concórdia (SC), no final do ano de 2001.

Cultura alemã de Cachoeira Alta participando da Festa de 50 anos de Tapejara. Fonte: Arquivo de Silvino Lamb.

Em 2002, o grupo ganhou seu primeiro traje, doado pela empresa Cereais Planalto. Em 2003 foi formado um grupo infantil. Em 2005, o grupo adquiriu o segundo traje, e em 2009, o terceiro traje, agora com recursos próprios. Durante esses anos, os grupos infantil e adulto fizeram diversas apresentações em muitas cidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

O grupo adulto sempre foi coordenado por Liliane Bruch dos Santos, que em 2014 entrou em recesso por não haver dançarinos suficientes; já o grupo infantil teve como coordenadoras Liliane Bruch dos Santos, Luciane Schmidt e Márcia Elisa Bencke.

Também em 2014, iniciaram-se os cursos de flauta, teclado e violão; as aulas acontecem na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), uma vez por semana, com a professora Sissi Georg, onde os alunos aprendem hinos de Igreja, além de músicas tradicionais e populares.

• Atualidade

Atualmente, cerca de vinte famílias residem nos arredores da comunidade, porém a maioria dos filhos moram na cidade de Tapejara, onde estudam e trabalham. Os que residem no interior, vivem da agricultura, com plantio de soja, milho, trigo, e também da produção leiteira. Há cerca de cento e dez membros associados. A família mais velha associada é a do Sr. Valdemar Vilibaldo Lamb, com 93 anos de idade.

SENEGALESES EM TAPEJARA

Da esquerda para a direita: Mor, Cheikh e Hamidy.
Fonte: http://www.100e7.com.br/blog.
Foto: Márcia Chaves Tadiotto.

Desde 2010 o Município de Tapejara está recebendo centenas de imigrantes africanos, vindos principalmente do Senegal, para trabalhar em indústrias locais. Um deles é Hamidy Fall, 29 anos. Para chegar até aqui ele veio de avião até São Paulo, sem saber a língua nacional, mas, tendo amigos que já estavam no Rio Grande do Sul, instalou-se em Erechim, onde permaneceu por um ano trabalhando em uma construtora. Sua profissão original, no Senegal, é de soldador, mas ele conta que em seu país o trabalho não tinha um salário fixo; o patrão oferecia uma quantia pelo trabalho realizado e a pessoa decidia se aceitava ou não.

Diferente daqui, onde ele está há quatro anos trabalhando como soldador em uma metalúrgica e com a carteira assinada. “Eu saí do Senegal no dia 09 de novembro de 2010 e cheguei a São Paulo no dia 10, às 04h, mas permaneci por pouco tempo lá. Tinha um amigo em Erechim, onde trabalhei um ano em uma construtora; depois um amigo me disse para vir a Tapejara, onde tinha serviço”, conta Hamidy, que ainda falou ter um irmão que está morando em Erechim.

A história de Hamidy para entrar no Brasil pode até parecer fácil; ele veio com visto de viagem, depois fez pedido para trabalhar no Brasil, conseguiu documentos, uma carteira de trabalho e CPF e está legalmente no país, mas se voltar ao Senegal terá dificuldades para conseguir entrar novamente no Brasil, pois para isso é preciso ter identidade do país. Sendo assim, já se passaram quatro anos sem ver sua família. Hamidy é o caçula de uma família de quatro irmãos; com sete anos perdeu sua mãe, o que o fez mudar para o país com que faz fronteira, Gâmbia, pois na cultura e religião dele, que é a islâmica, na falta da mãe, quem fica como tutor são os avós maternos. Seu pai também já faleceu.

Já sobre a escolha pelo Brasil para trabalhar a justificativa é a grande oferta de emprego: “Todo mundo que vem pra cá, vem porque o Brasil é o país que tem mais trabalho; se você vai sair de seu país em busca

de trabalho, tem que ir para um que oferece trabalho", afirma.

Hamidy veio em busca de emprego para realizar alguns sonhos e conta que um dia pretende voltar para o seu país, mas por enquanto somente quer trabalhar sem fazer muitos planos. "Todos têm um sonho e vêm em busca de realizá-lo. Claro que um dia eu ainda quero voltar para meu país, mas agora eu estou aqui; é aqui a minha vida; pretendo ir só passear por enquanto, mas não sabemos onde e o que estaremos fazendo aos 50 anos, por exemplo", diz.

Um pouco diferente da história do soldador é a trajetória de Mor Sourang, 29 anos, que está no Brasil há sete anos, mas antes de chegar ao Brasil morou em Buenos Aires. Mor conta que aqui no Brasil não passou por nenhum tipo de discriminação em seus empregos, mas em seu emprego em solo argentino teve alguns problemas com o chefe da gráfica em que trabalhava: "Ele não me chamava pelo nome, me chamava de negrito. Quando queria que desenvolvesse um trabalho, dizia: Ô, negrito, faz tal coisa", desabafa Mor.

No Senegal, Mor vendia tecido com seu pai, mas conta que teve alguns desentendimentos com ele e decidiu buscar independência fora de seu país de origem. Segundo Mor, ele tirou um visto de trabalho no Senegal para viajar, mas até chegar em Tapejara ele passou por Buenos Aires, Fortaleza e Marau. Até que um dia foi renovar seu visto e um amigo falou sobre o trabalho de armazenista em uma na empresa de insumos agrícolas. "Eu vim direto com visto de trabalho. Não entrei como visitante, mas como trabalhador. Na hora de escolher um país, analisamos o que tem a cultura parecida com a nossa; até a do Rio Grande do Sul não tem muito a ver com a nossa, mas no resto do país, principalmente no Nordeste, é muito parecida. E o Brasil oferece mais condições e oportunidades de trabalho", explica Mor sobre a escolha de vir para o Brasil.

Sem entender o que estava sendo falado, apenas quando Mor ou Hamidy traduziam estava Cheikh Cisse, 26 anos, que havia chegado há alguns meses em Tapejara. Ele chegou primeiro em Santa Catarina e depois, por meio de amigos, veio parar em Tapejara. Cheikh trabalha em uma empresa de pneus, e ao ser questionado por que veio para o Brasil, sua resposta não foi diferente da dos outros: trabalho.

A realidade desses três imigrantes foi um pouco melhor que a da grande maioria dos que chegam ilegalmente ao Brasil, sem conhecer ninguém, e acabam dividindo uma casa com várias pessoas. Eles têm em comum os amigos que já estavam aqui e os ajudaram ao indicar trabalho e fornecer moradia. Hoje, Hamidy tem uma situação mais confortável e mora sozinho. Já Mor e Cheikh ainda dividem a casa com um amigo.

Ao contrário dos três senegaleses que trabalham em empresas de diferentes setores, a maioria dos imigrantes vem a Tapejara para trabalhar na Agroindústria Agrodanieli, que atualmente apresenta elevado índice de imigrantes contratados. "Em dezembro de 2013 nós começamos a trabalhar com quatro senegaleses, mas de janeiro a abril de 2014 teve maior imigração; todos eles vieram em questão de sessenta dias, chegando em grupos de dez. Atualmente nós contamos com noventa imigrantes, entre senegaleses e somalianos, trabalhando em todas as unidades da empresa", conta a auxiliar de Recursos Humanos Tarciana Zanatta.

A empresa que contrata um imigrante não tem benefício fiscal nenhum: é uma contratação normal como outras de brasileiros e é necessário cumprir os direitos do trabalhador previstos pelo Ministério do Trabalho. "O trabalho é o mesmo dos brasileiros. A folha de pagamento deles é igual à de todos, com o mesmo salário, com a mesma carga horária, premiações por assiduidade, benefícios e descontos de INSS. E a gente faz questão de mostrar para eles e para os brasileiros que nós não diferenciamos por eles serem de fora ou porque passaram por alguma dificuldade; procuramos manter sempre a igualdade, até

para ninguém se sentir discriminado. O principal motivo que nos leva a contratá-los é a falta de mão de obra. A empresa não tem benefício fiscal algum; ela contrata com os mesmos direitos dos brasileiros", destaca Tarciana.

E sobre a falta de pessoas para trabalhar, não é apenas uma empresa que reclama. O gestor de RH da empresa Adubos Coxilha, Aluisio Saquetti, também não vê problema algum em contratar imigrantes, pois segundo ele sobram vagas e não há pessoas que queiram preenchê-las: "Existe uma grande falta de pessoas para trabalhar; ele veio em busca de emprego e foi contratação imediata. A falta de pessoas para trabalhar é um grande problema na maioria das empresas tapejarenses", diz.

Com o grande número de imigrantes que trabalha na agroindústria, uma alternativa para promover maior interação é a realização de aulas de português. Ao contrário de algumas cidades do Estado, Tapejara tem se mostrado receptiva aos novos moradores: além das aulas de português promovidas em parceria com a Prefeitura Municipal e a agroindústria contratante, o grande número de imigrantes tem despertado a curiosidade dos tapejarenses, que tem demonstrado aceitação com a nova onda pela cidade. "A vinda de imigrantes para o Brasil, e especificamente para Tapejara, é um movimento interessante, pois eles vêm suprir mão de obra que falta aqui em nosso país e sobra no país deles. Seja de qual parte do mundo vier o imigrante, penso que se ele vier agregar trabalho, esforço e novas vivências ao nosso povo, ele deve ser muito bem recebido. E esse "bem recebido" envolve políticas públicas de atenção e amparo ao imigrante", diz a publicitária Bruna Belusso.

"O grande número de imigrantes tem despertado a curiosidade dos tapejarenses. A princípio, acho que, como no Brasil e no Rio Grande do Sul, Tapejara também está se mostrando acolhedora com essas pessoas que vêm de tão longe para tentar a sorte, ou para melhorar a sua vida e sair de um país com grandes deficiências. Mas ao mesmo tempo isso se torna preocupante. Até onde vai a nossa responsabilidade com eles?", fala o agente administrativo e presidente do Sindicato dos Funcionários da Prefeitura, Sedenir Bianchi.

"Não há como negar que essas pessoas chamam a atenção, seja pela vestimenta ou pelas próprias características físicas. Algumas pessoas que têm contato direto com eles nos dizem que a maioria são pessoas boas, honestas e que confiam nos brasileiros. Pude comprovar quando um senegalês me pediu ajuda no banco para sacar dinheiro, confiando-me suas informações, senhas, etc. Acredito que eles querem apenas trabalhar e encontraram aqui um bom lugar para isso", avalia o arquiteto Douglas Cadini.

Qualquer estrangeiro pode pedir refúgio no Brasil. Ao entrar com esse pedido, ele tem direito, automaticamente, a uma carteira de trabalho e a um CPF, até que o caso seja julgado. Mas, de acordo com a lei brasileira, esse estrangeiro somente pode receber refúgio se comprovar que sofreu algum tipo de perseguição – política, religiosa ou étnica, por exemplo – no seu país de origem. Não é o caso da maioria dos que chegaram ao Rio Grande do Sul. Eles estão no local em busca de emprego. Por isso o presidente do Conselho Nacional de Imigração, Paulo Sérgio de Almeida, resolveu encontrar uma solução para regularizar os trabalhadores estrangeiros. "Esses casos foram encaminhados ao Conselho Nacional de Imigração, que acabou analisando como situação especial, entre aspas, fornecendo documentos e, assim, garantindo a possibilidade de esses trabalhadores estrangeiros permanecerem no nosso país", explica Almeida.

Referências

BECKER, Itala Irene Basile. *O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: UNISINOS, 1976.*

BECKER, Jussara Louzada. *O Homem Pré-Histórico no Litoral Norte, RS, Brasil, de Torres a Tramandaí.* Torres: Gráfica e Editora TC, 2008. v.3.

BIASI, Renato Estevão. *História e Utopia na Terra Indígena Ligeiro:* a presença da Igreja Católica entre os Kaingang na região Norte do Rio Grande do Sul. São Paulo, 2009.

CAETANO, Jessica Nene. *A Influência Cultural Portuguesa na Reorganização no Espaço da Microrregião Geográfica de Cruz Alta/RS.* Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

COMIRAN, Ignez Canali. *A Influência Italiana no Município de Tapejara.* 1975. Licenciatura Plena de História – Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, 1975.

CORDEIRO, Carlos Alberto da Costa; MADEIRA, Arthur Boavida. A emigração açoriana para o Brasil (1541-1820): uma leitura em torno dos interesses dos interesses e vontades. *Arquipélago: Revista da Universidade dos Açores,* Açores, 2ª série, v. 7, 2003. Disponível em: <http://www.repositorio.uac.pt/bitstream/Carlos_Cordeiro>. Acesso em: 20 jan. 2011.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. Açorianos no Rio Grande do Sul: a identidade açoriana na obra de cronistas, viajantes e historiadores sul-rio-grandenses. *Arquipélago: Revista da Universidade dos Açores,* Açores, 2ª série, v. 7, 2003. Disponível em: <http://www.repositorio.uac.pt/bitstream/Carlos_Cordeiro>. Acesso em: 20 jan. 2011.

GLOCK, Clarinha; WAGNER, Carlos. As reservas. *Zero Hora,* Porto Alegre, p.40, 12 mar. 1991.

GLOCK, Clarinha; WAGNER, Carlos. Os primeiros povoadores. *Zero Hora,* Porto Alegre, p.31-32, 10 mar. 1991.

KLITZKE, Marlene. *A Imigração Alemã no Rio Grande do Sul:* um estudo de caso: Cachoeira Alta. Passo Fundo, 1994. (Universidade de Passo Fundo. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pós Graduação em História do Brasil).

LAYTANO, Dante de. *Folclore do Rio Grande do Sul:* levantamento dos costumes e tradições gaúchas. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1984.

LEI do Ventre Livre. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/ lei_ventre_livre.htm>. Acesso em: 13 jan. 2015.

MARCHEZI, Luiz, Genuir. *David Canabarro:* sua terra, sua gente, sua história. Porto Alegre: EST Edições, 2006.

OLIVEIRA, Heron Lisboa de. *Quilombo da Mormaça – Em Busca do Território:* uma luta das mulheres negras? 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/ index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/366/418>. Acessado em: 27 jan.2015.

PANISSON, Sivone. *O Processo da Colonização Italiana no Município de Tapejara.* 2001. Monografia apresentada ao Curso de História, da URI, Erechim, 2001.

POLINARI, Marcello. *Tropeirismo:* um modo de vida. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, Coordenadoria do Patrimônio Cultural, 1989.

RUCKERT, Aldomar Arnaldo et al. *Laudo Histórico-Territorial Sobre a Comunidade Rural Negra Remanescente de Quilombo da Arvinha.* [S.l.]: INCRA, 2002 apud OLIVEIRA, Heron Lisboa de. *Quilombo da Mormaça – Em Busca do Território:* uma luta das mulheres negras? 2012. Disponível em: < http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/ 9anpedsul/paper/viewFile/366/418>. Acessado em: 27 jan. 2015.

SANTOS, Milton. *Por uma Outra Globalização:* do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Sherol dos et al. *Comunidade Remanescente Quilombo da Mormaça:* história, cotidiano e territorialidade. Relatório antropológico de caracterização histórica, econômica e sociocultural de territórios quilombolas à luz da Instrução Normativa 20/2005/INCRA, apresentado ao INCRA/RS em janeiro de 2007, apud OLIVEIRA, Heron Lisboa de. *Quilombo da Mormaça – Em Busca do Território:* uma luta das mulheres negras? 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/366/418>. Acessado em: 27 jan. 2015

SANTOS, Sherol dos. Territórios étnicos no pós-abolição: O caso do Quilombo da Mormaça (RS). *Revista Fronteiras,* Dourados, MS, v. 11, n. 19, p. 127-141, jan./jun. 2009, apud OLIVEIRA, Heron Lisboa de. *Quilombo da Mormaça – Em Busca do Território:* uma luta das mulheres negras? 2012. Disponível em: < http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/ anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/366/418>. Acessado em: 27 jan. 2015.

SPANHOL, Itamar Antonio. A saga dos imigrantes na evolução e estruturação para emancipação do Município de Tapejara – 1910-1959. In: SESSÃO SOLENE DA CÂMARA DE VEREADORES. *Resgate Histórico do Desenvolvimento do Município, 2005*, Tapejara, 2005. Comunicação em evento.

SPANHOL, Itamar Antonio. Mulheres empreendedoras. *Revista Comunicação,* Tapejara: Editora de Comunicação Norte Gaúcho, maio 2011. Edição Especial.

SPANHOL, Itamar Antonio. *Origem e Evolução do Município de Tapejara 1910-2011.* Mimeografado.

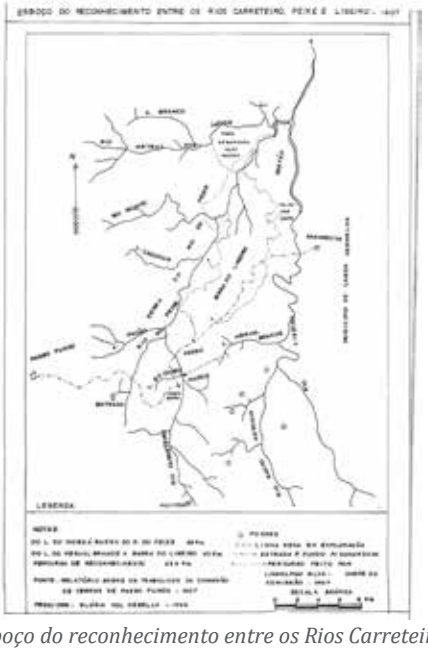
VESTIBULAR. *Zero Hora,* Porto Alegre, n. 588, p.2, 16 jan. 2008. Disponível em: <.https://www.google.com.br/search?q=pRIMEIRA+MESTRA+IND%C3%8DGENA+lUCIA+FERNANDA+iN%C3%81CIO+Belfort&rlz=1C2SAVU_enBR547BR547&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=SjrsuLa0moqLvM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted->. Acesso em: 18 abr. 2014.

Capítulo 2

Evolução Geopolítica

COLÔNIA DO RIO DO PEIXE

Localização da antiga Colônia do Rio de Peixe. Fonte: Arquivo de Glória Col Debella.



Esboço do reconhecimento entre os Rios Carreteiro, Peixe e Ligeiro, 1907. Fonte: Relatório sobre os trabalhos da comissão de terras de Passo Fundo. Fonte: Arquivo de Glória Col Debella.

A antiga Colônia do Rio do Peixe foi instalada na porção norte do Rio Grande do Sul, fazendo parte do velho Município de Passo Fundo, com seus aproximados 465.308,50 m2 de terras. O Rio do Peixe, da qual a antiga colônia, aqui em estudo, levou o nome, tem sua nascente próximo à localidade do Rincão da Esperança, ao norte da BR 285, no atual Município de Mato Castelhano.

Na busca de novos recursos econômicos e sociais para conquistar sua subsistência, chegaram os imigrantes e descendentes na Colônia do Rio do Peixe, tendo como sede Sete de Setembro (atual município de Charrua), tão logo iniciaram as derrubadas das matas.

A margem direita do rio tem como afluente o Rio Carreteiro, que serve como divisória da antiga colônia a sul e oeste, vindo ao encontro do Rio Ligeiro, de quem se torna afluente. O conjunto de rios desagua no Rio Uruguai, na divisa do Estado do Rio Grande do Sul com o vizinho Estado de Santa Catarina.

• Colonização da Colônia do Rio do Peixe

A colonização da região Norte do Estado teve por base pequenas propriedades familiares na época da República Velha, ou seja, entre os anos de 1890 e 1930. Nessa época os filhos dos colonos das "colônias velhas" de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, São Leopoldo e Novo Hamburgo passavam por forte crise, necessitando localizar novos lotes para apropriação. Nessa área estabeleceram-se, de início com grandes dificuldades, mas com muita vontade de vencê-las, através do trabalho, que envolvia a tradicional "grande família", na busca de novos recursos econômicos e sociais, iniciando pelas derrubadas das matas.

Na busca de novas terras pelos colonos e no que diz

respeito à venda de lotes, movimenta-se na região a Empresa Colonizadora da Colônia Particular Rio do Peixe, de Alberto Schmidt, de Cruz Alta, por volta de 1910 a 1913, que mais tarde passou a ser denominada de Companhia Colonizadora Rio-Grandense, desenvolvendo amplo mercado imobiliário.

> *(...) a demanda por lotes é muito grande no início do século XX e o incentivo ao trabalho familiar também é por parte do governo positivista, que vê nessa forma de trabalho uma das maneiras de empreender o progresso do estado. O potencial de terras que há para vender então aos futuros pequenos proprietários é vasto. Aí as empresas de colonização são mais ativas na comercialização de terras do que o governo estadual. A este cabe, aí, administrar um menor número de colônias oficiais, bem como atuar na regularização fundiária de áreas ocupadas por posseiros (RÜCKERT 1996, apud COL DEBELLA 1996, p. 46 e 47).*

As terras florestais da Colônia do Rio do Peixe, consideradas na sua maioria como terras devolutas (terras desocupadas e/ou do Governo), começam a ser colonizadas por volta da República Velha (1889), no século XIX, trabalho que se estende até meados de 1930, quando praticamente temos a Colônia toda já dividida, em sessões e polígonos, em lotes.

Toda a Colônia do Rio do Peixe acaba caracterizando-se pela agricultura nas pequenas propriedades e exploração de madeira, partindo daí a necessidade de organizar um plano de viação no meio rural, sendo um deles os antigos caminhos e estradas abertas "a facão", pelos caboclos e, mais tarde, pelos colonos.

Porém, não é suficiente ter todos esses lotes rurais sendo colonizados, extraindo madeira e produzindo alimentos. É de suma importância a construção da ferrovia, que "promove a ligação do norte do Rio Grande do Sul com as demais regiões do Estado e do centro-sul do país, (...) o trecho entre Santa Maria e Passo Fundo, (...) explorando uma região nova, com fretes de madeira provindos das serrarias, da erva-mate e da pecuária" (RÜCKERT, 1996, apud COL DEBELLA, 1996, p. 47). Esse serviu para o deslocamento de tudo que era produzido e do que era necessário na Colônia do Rio do Peixe, pois através do transporte, por carroças, as culturas da referida colônia chegavam a Coxilha, na época distrito de Passo Fundo que era um interposto de mercadorias e produtos junto à ferrovia. "(...) O incremento dos núcleos de colonização passa a dar-se ao longo da ferrovia. A cidade de Passo Fundo torna-se um centro coletor da vida econômica e social da vasta região norte do Estado" (RÜCKERT, 1996, apud COL DEBELLA, 1996, p. 47).

Temos na Colônia do Rio do Peixe, junto com a agricultura e a extração da madeira, a figura do pequeno comerciante que, segundo Rückert:

> *Encontra-se presente entre os colonos desde o início de qualquer "colônia", atuando como fornecedor dos produtos de que o colono necessita (tecidos, enxadas, sal, etc.) e comprando-lhe a produção a preços baixos. Ele se torna logo o financiador do colono, através da venda "o fiado", adiantando o valor do produto a ser entregue após a safra. Através dos comerciantes, os colonos ligam-se ao exterior, já que aqueles vendem seus produtos "para fora". De*

origem camponesa, localizados em pontos estratégicos (as chamadas "encruzilhadas" ou "esquinas"), os comerciantes reúnem melhores condições que os demais para negociar, rompendo isso o relativo isolamento em que vivem os colonos (RÜCKERT, 1995, apud COL DEBELLA 1996, p. 47 e 48).

Junto com a agricultura, temos o início de uma pequena indústria rural diversificada, constituída de moinhos de trigo, milho e outros cereais, as atafonas ou moinhos de farinha de mandioca, os alambiques de cachaça e, principalmente, as serrarias. Estas, derrubando os pinheiros a passos largos com suas antigas máquinas, já faziam o aplainamento das madeiras, transportando-as depois em grandes carroças até a ferrovia mais próxima, ou utilizando-as no local para a construção de novas moradias.

Os pinheiros que cobriam a Colônia do Rio do Peixe, praticamente não "tocados" até o final do século XIX, já nas primeiras décadas do século XX estão localizados nos lotes coloniais "rústicos" ou ainda nas pequenas posses da região. Neles são instaladas as serrarias a vapor e os engenhos, com o objetivo de derrubar os pinheiros para a exploração de madeira. "Nas serrarias a vapor adota-se a mão de obra de empregados, via de regra caboclos, que são instalados junto às serrarias, em barracões pertencentes ao proprietário do engenho, abrindo-se pastos de criação para a manutenção dos trabalhadores" (RÜCKERT, 1995, apud COL DEBELLA, 1906, p. 48).

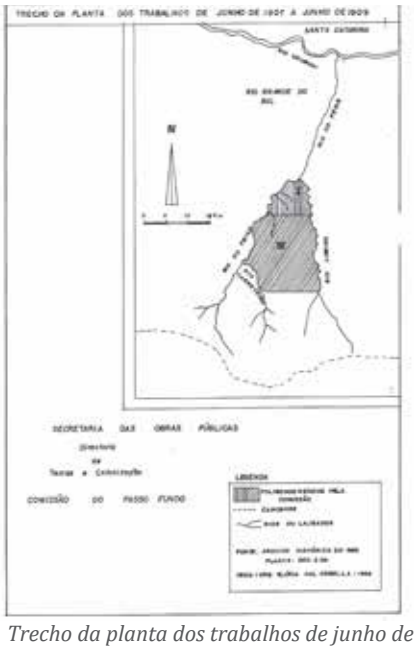
O alicerce econômico da Colônia do Rio do Peixe, no início do século até meados de 1930 ou mais, esteve mantido em maior escala na industrialização e comercialização de madeira do que propriamente na agricultura, que na época se caracterizava por um pequeno raio de comercialização.

• Características do território da Colônia e terras percorridas por Lindolpho Silva e Serafim Terra

Em julho de 1907, Lindolpho Silva e Serafim Terra, a mando do Chefe de Comissão dos serviços de reconhecimento da região, deslocaram-se de Passo Fundo e acamparam junto ao Passo do Rio Carreteiro na antiga estrada, acesso a Sananduva e Lagoa Vermelha. Conforme o relatório de Lindolph Silva (Relatório de 1907), o marco inicial do serviço da comissão de reconhecimento do território teve início em terras de Diogo da Silva Rocha, localizadas à direita do Rio Carreteiro e próximas a Barra do Lajeado (COL DEBELLA, 1996).

Entretanto, o relatório denuncia pontos positivos e negativos da região. Como ponto positivo, destaca a fertilidade da terra, e como negativo, a grande devastação das matas e dos pinheiros nativos. Entre os obstáculos encontrados na região, estavam "o mau tempo e a dificuldade em conseguir carreta e tropa de cargueiros, que não permitiram que a turma se pusesse em marcha antes do dia 30" (RELATÓRIO 1907, f/1, apud COL DEBELLA, 1996, p. 19).

Percebeu-se no relatório da época que poucas pessoas conheciam a zona entre os rios Carreteiro, Peixe e o Ligeiro. Nos escritos encontrou-se um destaque sobre a fertilidade das terras do vale do Rio do Peixe.



Trecho da planta dos trabalhos de junho de 1907 a junho de 1909.
Fonte: Arquivo Histórico do RS.

> *(...) Não é só a fertilidade das terras o que admira; a qualidade dos produtos é altamente recomendável. Eis alguns dados: Sabe-se que plantando uma quarta de feijão colhe-se 30 sacos, com a particularidade de não bichar o grão em três anos; uma quarta de milho dá também 30 sacos de colheita; o trigo produz de 5 a 7 sacos por quarta de semente; a batata é abundantíssima; tem se observado em diversas posses que uma cepa de parreira chega a crescer 14 metros no primeiro ano de cultivo (RELATÓRIO, 1907, f/3, apud COL DEBELLA, 1996, p. 19).*

As serras do Rio do Peixe, antigamente, estavam cobertas por extensos pinheirais, araucárias, cedros, grápias, canelas, canjeranas, camboatás e ipês, bem como frutos e sementes que serviam de alimento para os habitantes e os animais, entre os quais o pinhão da araucária, jabuticaba, cereja, guabiju, guabiroba, sete-capote, amora, pitanga, ariticum, butiá, goiaba e pau-de-erva (erva-mate). Tão logo ocorreu o reconhecimento dessas inúmeras árvores, percebeu-se o potencial para indústrias de serraria, a primeira riqueza explorada na área.

Junto a isso tudo uma imensa variedade de árvores e arbustos frutíferos serviam de alimento às pessoas e aos animais da região, sendo que a maioria delas ainda existe hoje, mas em número reduzido; jabuticaba, amora, pitanga, cereja, guabiju, guabiroba, sete-capota e, não esquecendo nunca, o fruto da araucária, o pinhão, e ainda butiá, ariticum, gioaba e ovaia.

Outra árvore também encontrada nas matas da antiga Colônia é o pau-de-erva (erva-mate), de cujas folhas se fabrica o mate, bebida, hoje, de vasto consumo em todo o Sul do país, e é na região é, atualmente, fonte de riqueza. Porém, o relatório deixa clara a grande devastação das matas e dos pinheiros nativos, destruídos pela força do braço humano, o machado e o fogo.

Com a derrubada das matas, as terras eram então preparadas para o cultivo e, uma vez retirado o produto, eram abandonadas, dando lugar aos capoeirais ou pastagens, sem grande aproveitamento. No decorrer do relato, o Sr. Lindolpho Silva demonstra com tristeza essa devastação, destacando com espanto que:

> *(...) Por toda a parte há provas do modo criminoso como se emprega o machado! (...) Os agricultores daqui não conhecem a enxada, e muito menos o arado. O instrumento que leva a semente ao seio da terra é o chaco ou saraquá, um pedaço de pau ou taquaruçu, ligeiramente apontado... (RELATÓRIO, 1907, f/9, apud COL DEBELLA, 1996, p. 20).*

Uma vez anunciada a fertilidade e denunciado o desmatamento das terras em reconhecimento, a preocupação passou a ser a organização do território para posterior ocupação e colonização. Nessa época, alguns trechos de terra já eram ocupados por luso-brasileiros e índios, estes com terras já demarcadas a leste da Serra do Ligeiro. Todavia, o então Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, ainda não tinha planos específicos para resolver a situação. Lindolpho Silva, em seu relato, frisou:

> *(...) Vejo claramente pelo reconhecimento que fiz que o governo jamais cogitou um plano de povoamento ou de colonização em terras nesta zona. As concessões para a legitimação das posses têm sido feitas arbitrariamente, por simples indicações do requerente, não importando absolutamente a situação da posse com a extensão das terras requeridas" (RELATÓRIO, de 1907, f/8, apud COL DEBELLA, 1996, p. 21).*

Para realização do relatório, a Comissão de Reconhecimento visitou mais de oitenta posses com aproximadamente duzentas famílias, somando um total de mil habitantes que estavam tentando conseguir o reconhecimento efetivo de suas posses na época. Para isso era necessário limitar, o quanto antes, as propriedades dos posseiros, tornando possível a fiscalização das terras pelo Estado.

Por volta de 1910 e 1913, a empresa responsável pela comercialização dos lotes da Colônia do Rio do Peixe era de propriedade de Alberto Schmidt, de Cruz Alta, e tinha como nome Colônia Particular do Rio do Peixe, mais tarde denominada Colonizadora Rio-Grandense. As terras eram consideradas, na sua grande maioria, como devolutas (terras desocupadas e/ou do Governo) e no processo de colonização foram divididas em seções e polígonos intitulados lotes.

Conforme a chegada dos imigrantes, fazia-se necessária a abertura de clareiras em meio à mata verde. As clareiras abertas, denominadas picadas, eram construídas para facilitar a demarcação dos limites dos lotes e deram início às primeiras estradas da Colônia.

As araucárias encontradas na densa mata eram lascadas para a construção de pequenos abrigos, com aproximadamente 24m^2, com uma porta, uma janela ou duas e cobertura de tábuas lascadas retangulares imitando escadas a fim de dar perfeito estanque à chuva. Nesse espaço desenvolviam-se precariamente todas as funções de habitação.

Para chegar até a Colônia, os descendentes enfrentavam vários dias de viagens em carroças puxadas por animais, pousando ao longo do caminho, enfrentando tempestades, sol escaldante, ataques de animais e doenças. Os caminhos eram feitos a facão e machado em picadas cheias de buracos no meio do mato.

A Colônia do Rio do Peixe caracterizava-se pela agricultura, nas pequenas propriedades, e exploração de madeira, partindo daí a necessidade de organizar um plano de viação no meio rural que, inicialmente, se deu através dos caminhos e estradas abertos a facão pelos caboclos e colonos residentes na Colônia.

A ampla produção de alimentos e extração da madeira na Colônia e na região passou a contribuir à construção da ferrovia que promoveu a ligação do norte do Rio Grande do Sul com as demais regiões do Estado e do centro-sul do país, "(...) explorando uma região nova, com fretes de madeira provindos das serrarias, da erva-mate e da pecuária" (RÜCKERT, 1996, p. 38). Através das carroças, as culturas da Colônia do Rio do Peixe chegavam até Coxilha (na época distrito de Passo Fundo), que era um interposto de mercadorias e produtos junto à ferrovia. Com o incremento dos núcleos de colonização, a cidade de Passo Fundo tornou-se um centro coletor da vida econômica e social da vasta região norte do Estado.

Tão logo comerciantes foram surgindo junto à Colônia, atuando como fornecedores de produtos e comprando seus produtos a preços baixíssimos, tornavam-se financiadores dos colonos através da venda "fiado", pois adiantavam o valor do produto a ser entregue após a safra. Foi através dos comerciantes que os colonos se ligaram ao "exterior", vendendo seus produtos para outras regiões. Reunidos em "encruzilhadas" ou "esquinas", os comerciantes foram rompendo o isolamento dos colonos e melhoran-

do as condições de negociação na época.

Aos poucos foram surgindo pequenas indústrias rurais, dentre elas: moinhos de trigo, milho e outros cereais, atafonas ou moinhos de farinha de mandioca, alambiques de cachaça e principalmente serrarias. Cabe destacar que o alicerce econômico da Colônia do Rio do Peixe ocorria em maior escala na industrialização e comercialização de madeira do que propriamente na agricultura.

As serrarias eram responsáveis pela derrubada de pinheiros, realizando-a a passos largos. Com suas antigas máquinas realizavam o aplainamento das madeiras, transportando-as em grandes carroças até a ferrovia mais próxima ou utilizando-as no local para a construção de novas moradias. Através dessa economia, adotou-se mão de obra de empregados, caboclos que se foram instalando junto às serrarias, em barracões pertencentes aos proprietários.

No período final do século XIX e início do século XX, a Colônia do Rio do Peixe estava povoada pelos proprietários fundiários, pelos caboclos mais pobres, que aos poucos foram sendo excluídos, pelos índios que foram assentados em suas terras demarcadas pelo governo e pelos colonos que adquiriam terras da Companhia Colonizadora Rio-Grandense e do Governo do Estado. Aos poucos, foram moldando-se divisões de terras para fins de loteamento particular, assim denominadas: Núcleo Baixo Rio do Peixe, Núcleo Alto Rio do Peixe, Núcleo Brasileiro e Núcleo Itália. Por fim, as terras públicas foram denominadas: Secção Floresta, Secção Ligeiro, Secção Paiol Novo e Secção Carreteiro.

A primeira posse de terra legitimada no Núcleo Itália aconteceu através da Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas, baseada nos termos da Lei Estadual de Terras, Lei nº 28, de 5 de outubro de 1889, regulamentada pelo Decreto nº 313, de 4 de julho de 1900, e foi conferida a Antonio dos Santos Bonetes e sua esposa Serafina Garcia Vieira. A medição da terra foi realizada pelo engenheiro Serafim Terra. O lote estava localizado no extremo sul da Colônia do Rio do Peixe e tinha 1.714.057 metros quadrados de área própria para cultura, confrontando por todos os lados com terras devolutas.

A posse requerida foi aprovada por decisão do governo estadual em 22 de fevereiro de 1911, "porém somente foi passado o título de posse a Bonetes no dia 20 de abril de 1915, assinado pelo então Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Antônio Augusto Borges de Medeiros, investindo, assim, o direito de propriedade das terras ao requerente" (COL DEBELLA, 1996, p. 25).

NÚCLEO ITÁLIA

O núcleo colonizado de Sede Teixeira, marco inicial de uma área chamada Núcleo Itália, surgiu logo depois que Antonio dos Santos Bonetes e sua mulher, Serafina Cercia Vieira, venderam as terras da posse legitimada aos Senhores Manoel Amancio Teixeira e Julião Luiz de Almeida, dividindo as terras em três glebas e vendendo-as nas datas de 30 de agosto de 1915, 20 de março de 1917 e, a última, em 18 de dezembro de 1920. Na antiga posse de Antonio dos Santos Bonetes, instalou-se definitivamente a família de Manoel Amancio Teixeira e com o desenvolvimento rápido da colonização passou a denominar-se Sede Teixeira.

Porém, junto com esses grandes proprietários de terras na Colônia do Rio do Peixe, embora um tanto esquecida pelo Governo, encontravam-se também nela os caboclos, ou os chamados nacionais, os índios e os colonos.

Misturava-se então, nessa região norte do Rio Grande do Sul, no período final do século XIX e início do século XX, os proprietários fundiários, os caboclos mais pobres, que aos poucos eram excluídos, os índios que estavam assentados em suas terras demarcadas, e os colonos que passaram a adquirir terras da Companhia Colonizadora Rio-Grandense e do Governo do Estado.

Como referido, os primeiros moradores da Sede Teixeira foram os compradores das três glebas de terras adquiridas de Antônio dos Santos Bonetes, Manoel Amancio Teixeira e Julião Luiz de Almeida.

Logo em seguida, por volta de 1915 a 1920, vindos das "colônias velhas" (Caxias do Sul, Ana Rech e Garibaldi) até a Sede Teixeira, podemos destacar várias famílias pioneiras. Enfrentando vários dias de viagens, em carroças puxadas por animais, pousando ao longo do caminho, caminhos estes feitos a "facão", eram picadas cheias de buracos no meio do mato, até um tanto perigosas.

Colônia do Rio do Peixe – Planta do Núcleo Itália, 1927.

Algumas famílias dedicaram-se ao cultivo de trigo e milho, em terras próximas da Sede, onde encontraram vestígios dos indígenas que viveram na região antes da chegada dos italianos.

Pela grande quantidade de pinheiros na região, foram instaladas as serrarias, onde o trabalho de corte da madeira era realizado manualmente, envolvendo todos os componentes da família, até mesmo as crianças.

As famílias que se fixaram, definitivamente, no centro de Sede Teixeira iniciaram instalando lojas de comércio, bares, curtumes, fábrica de cadeiras e sepos para fazer tamancos. Também junto com um curtume foi montada uma selaria, onde a família aproveitava o couro na confecção de selas para colocar nos animais e na montagem de chinelos; com os sepos montavam os tamancos, que eram os calçados usados na época tanto pelos homens como pelas mulheres.

Por ser um pequeno aglomerado de famílias, as compras dos produtos que não eram cultivados ou produzidos em Sede Teixeira eram adquiridos em Passo Fundo. Também o registro das terras, lotes e o pagamento dos impostos eram realizados em Passo Fundo, que era a sede administrativa do então vasto município.

SEDE TEIXEIRA

A Sede Teixeira surgiu logo após Antonio dos Santos Bonetes e sua esposa, Serafina Garcia Viera, venderem suas terras de posse legitimada aos senhores Manoel Amancio Teixeira e Julião Luiz de Almeida, os quais dividiram as terras em três glebas e as venderam nas seguintes datas: 30 de agosto de 1915, 20 de março de 1917 e, a última, em 18 de dezembro de 1920. Um plano desenvolvido pela Companhia Colonizadora em 1915, contemplava a existência de uma igreja que deveria ser construída defronte à praça Teixeira da nova urbanização, Sede Teixeira, que recebeu este nome devido à família Teixeira instalar-se definitivamente no local.

A Sede Teixeira fazia parte da 18ª Secção do Distrito de Coxilha (Passo Fundo) no ano de 1920. Logo em seguida, em 1922, passou a fazer parte do 11º Distrito de Sete de Setembro (atual município de Charrua, que também pertencia a Passo Fundo). A Sede Teixeira, em meados de 1922, era um pequeno povoado com casas de madeira e traçado característico evidente numa urbanização, com formato de grelha com quatro ruas na direção nordeste-sudoeste e sete ruas na direção noroeste-sudeste.

Os pioneiros iniciaram a colonização com a derrubada de árvores e o cultivo de milho, trigo, feijão e o abate de animais para alimentação. Diversas famílias e seus descendentes italianos construíram suas casas manualmente, confeccionando tábuas, barrotes, cepos, entre outros, com a ajuda de machado,

Mapa com a posse de Antonio dos Santos Bonetes, 1915.

Sede Teixeira em 1922. Foto: Arquivo de Mario José Felini.

machadinho, cunha e serrote, pois não havia serraria estabelecida nas redondezas.

As famílias dedicavam-se à produção de feijão e milho e ao abate de animais, entre os quais tatu, capivara e veado. Com a vinda de novos colonizadores, deu-se início à criação de galinhas e porcos, dos quais se aproveitava a carne e a gordura, além do consumo de ovos.

De meados do ano de 1920 até o final de 1930, continuavam a chegar muitas famílias de descendentes de imigrantes italianos, procedentes de Antônio Prado, Garibaldi e Caxias do Sul, além de alemães e alguns poloneses. Entre diversas famílias que chegaram nesse período na então Sede Teixeira e poucos anos depois Vila Teixeira estavam: Valeriano Ughini e Maria Costela Ughini (1922); família de Emílio Parizotto (1923); Domênico Sebben e Barbara Sebben (1923); família de Ernest Wilhein Kaffer (1923); Nicoleto Spagnollo (1924-casamento); Elizeu Rech (1924); Benjamin Marsiglio (1925); Francisco Picolli (1925); família de José Zanatta (1925); Paolo Merotto (1925); Antônio Marchiori (1926); Antônio Borili e Regina Bernardeli Borili (1926); Giovani Ghidini e Judite Lipreli Ghidini (1927); João Matheus Poggio (1927); João Paschoal Colombo e Ângela Andreguetti (1928); Estevão Kunz (1928); Ricardo Bazzeggio e Cecilia Dametto (1929). Nesse período também aconteceu a criação da Paróquia Nossa Senhora da Saúde (1926) e da Escola Paroquial (1927).

• Famílias que chegaram na Sede

Além de famílias de imigrantes italianos, as famílias de imigrantes alemães também tiveram participação na colonização do território da Colônia do Rio do Peixe e, posteriormente, do crescimento e desenvolvimento da Sede, Vila Teixeira e Vila Tapejara. A primeira clareira aberta na mata virgem, no ano de 1915, foi iniciada pelo pioneiro Herman Prante e, a seguir, por Reinhold Lamb, Otto Koch, Peter Bruch, Peter Lamb, João Kurtz, Max Schamberg, Arthur Schmidt, Berthod Kurtz, Teodoro Neumann e Ernest Willhein Kaffer.

• Família de Valeriano Ughini

Valeriano Ughini chegou ao Brasil com dois anos de idade juntamente com seus pais, Francisco Ughini e Maria Maizenti, em 1875. Na época, moravam na Colônia nº 71 da Linha Marquês do Herval, Distrito de Alfredo Chaves, hoje Município de Veranopólis. Quando constituiu família, em 1916, Valeria-

no e sua esposa, Maria Costela Ughini, deslocaram-se à região até a antiga Colônia Lângaro. Nos primeiros anos, desenvolveram atividades agrícolas, e em seguida Valeriano instalou uma bodega e um armazém. Em 1922, mudou-se com sua esposa para a Sede Teixeira. Ainda nesse ano, instalou outra bodega e armazém na área central. Uma das principais ruas da cidade e uma escola estadual levam o nome de Valeriano Ughini, que faleceu em 4 de julho de 1943, com 63 anos, na Vila Tapejara.

Os filhos de Valeriano, Sílvio e Ângelo Ughini, além de desenvolverem atividades comerciais, tiveram participação ativa na vida política da Vila Tapejara. Ambos fizeram parte do movimento de emancipação do município. Ângelo recorda: "A população da Vila Tapejara desejava a emancipação, pois já havia evoluído e oferecia as condições básicas à emancipação. Mas, ainda assim, tinha pouca assistência e apoio da municipalidade de Passo Fundo na conservação de estradas, ruas e pontes. Nem mesmo possuíam um parque de máquinas e pessoas para manter a conservação e abertura dessas vias públicas, vias essas necessárias e urgentes a serem conservadas, abertas e ampliadas devido ao escoamento da produção agrícola local, do aumento da população e da instalação de instituições e atividades comerciais na Sede da Vila Tapejara."

Ângelo Ughini foi escolhido pela maioria dos partidos da época e referendado pela população como o primeiro vice-prefeito de Tapejara, empossado nas solenidades de instalação do município, em 1º de janeiro de 1956, nas dependências do Salão Paroquial. Silvio Ughini estava, conforme recorda Ardulino Lângaro, "sempre liderando, não medindo esforços; tinha por objetivo aumentar, cada vez, mais a empresa, que era toda a sua vida". Além da empresa Ughini, Silvio foi sócio fundador da Sociedade Hospitalar Santo Antônio. No dia 2 de janeiro de 1938, foi eleito e empossado membro da primeira diretoria da entidade, no cargo de Primeiro Tesoureiro. Foi reeleito em 1942 e empossado em 1943; e eleito e empossado em 5 de dezembro de 1954.

Depois de ajudar na emancipação de Tapejara, Silvio também disponibilizava um caminhão F8 para que a Prefeitura pudesse levar o trator pelo interior, a fim de manter as estradas. A atual praça central de Tapejara leva a denominação de Praça Silvio Ughini. Ele faleceu em Porto Alegre no dia 14 de novembro de 1980.

• Família de Emílio Parizotto

A família do imigrante italiano Emilio Parizotto e Annunciata Pedrão Parizotto chegou na Sede Teixeira através de carroças puxadas por cinco animais no dia 9 de fevereiro de 1923. A família foi informada de que a terra de Tapejara era melhor do

Missa celebrada pelo Padre Guerino Parizotto na Igreja Matriz de Tapejara. Da esquera para a direita: seus irmãos José, Thereza, Armelinda, Angelo, Natal, Antonio, Vitório e Ernesto. Foto: Arquivo de José Parizotto.

Da esquerda para a direita, em pé, atrás: Natal, Angelo, Maria, Graciosa, Hemelinda; na frente: Vitório, Emílio (pai); no meio: Guerino, Luciata Pedrão Parizotto (mãe) e Orélia. Foto: Arquivo de José Parizotto.

que a de Antônio Prado, pois lá o terreno era pedregoso e dificultava a atividade agrícola. Quando chegaram na Sede, adquiriram terras na Linha Marcolin e se dedicaram às atividades agrícolas, com exceção do filho Guerino, que estudou em São Leopoldo e Porto Alegre. Ele foi ordenado presbítero no dia 25 de novembro de 1956, com mais três colegas da Sagrada Família, e presidiu a primeira missa no dia 26 de novembro de 1956, última missa com ordenação sacerdotal na velha Matriz de Tapejara.

O padre Guerino Parizotto, em 4 de janeiro de 1968, tomou posse como Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Saúde e permaneceu até o dia 12 de fevereiro de 1972. Emílio e Annunciata tiveram onze filhos, sendo eles: Natal, Angelo, Maria, Graciosa, Ermelinda, Orelia, Padre Guerino, Vitorio, José, Ernesto e Terezinha.

• Família de Domênico Sebben e Barbara Sebben

Foi no dia 23 de maio de 1923, procedente da Colônia de Caxias, que chegou na então Sede Teixeira o casal de italianos Domênico Sebben e Barbara Sebben, os quais conseguiram um lote nas proximidades da atual sede da Linha Santo Antônio do Calegari. Eles tiveram os seguintes filhos: Antônio, casado com Oliva Sebben; Bonfilho Sebben, casado com Francisca Fontana Sebben; Joaquim, casado com Oliva Fontana Sebben; Alberto, casado com Assunta Fontana Sebben.

Bonfilho e Francisca Fontana Sebben tiveram os filhos que formaram as seguintes famílias: Narciso Seben, casado com Maximilia Sirtuli; Mauricio, com Conchetta Maria Sebben; Mário Sebben, com Angelina Sandri; Domingos Sebben, com Ernesta Tomazzoni; João Sebben, com Josefina Costa; Antônio, com Leticia Favaretto; Odila Sebben, com Marcelo Marchioro; Maria Sebben, com Albino Costa; Luiza Sebben, com Ivo Sitta; e Valdomiro, com Gema Canali.

• Família de Ernest Wilhein Kaffer

Depois da I Guerra Mundial, a vida na Alemanha era muito difícil; a população passava muitas dificuldades e necessidades, pois o país foi muito prejudicado pelo confronto bélico. Nessa época, muitas famílias abandonaram a Alemanha e foram buscar em outros países melhores condições de vida e trabalho. Entre as inúmeras famílias dos imigrantes alemães que chegaram no Brasil em meados de 1923, estava a de Ernest Wilhein Kaffer, sua esposa Guilhermina e os filhos, depois de uma viagem de vinte e dois dias, a bordo do navio Claude Bernard, oriundos da Alemanha.

As primeiras dificuldades encontradas na chegada em solo rio-grandense são recordadas e relatadas pela sua filha, Ilma Käfer Canali: "Chegaram no Porto de Santos, São Paulo, depois em Porto Alegre, onde os primeiros dias foram de muitas dificuldades, pois possuíam poucos recursos para sustentar a família. Somente muitos dias depois, Ernest conseguiu o primeiro emprego, nas minas de carvão de São Jerônimo, mas abandonou em seguida devido à insalubridade no local de trabalho. Voltou novamente a Porto Alegre, onde trabalhou na prestação de pequenos serviços. Tempos depois, foi convidado por sua sogra, mãe de Guilhermina, para morar na localidade de Barra do Ribeiro, nas proximidades de Porto Alegre, em uma casa simples de alve-

Da esquerda para a direita: Ilma, Elma e Geraldo; sentados: Guilhermina Kafer e Ernest Wilhelen Kafer.
Foto: Arquivo de Ilma Kafer Canali.

naria, onde conseguiu emprego em um moinho colonial, que, em seguida, trocou pela atividade agrícola."

Em março de 1926 chegaram na Sede Teixeira em busca de áreas para o cultivo agrícola e melhores condições de vida. Conseguiram adquirir terras na atual localidade de Cachoeira, onde desenvolveram atividade agrícola e criação de suínos, para a subsistência da família e para venda do que sobrava de sua produção. Com o passar dos anos, Ernest tornou-se um dos grandes fornecedores de suínos para o abate, no então Frigorífico São Paulo S/A. Devido aos conhecimentos adquiridos na Alemanha, recorda a sua neta, a professora Ignez Maria Canalli Comiran, "aprofundados e atualizados através da leitura e de estudos, era ele quem, muitas vezes, atendia aos animais doentes, fazendo o serviço de veterinário, atendendo aos seus e aos de outros criadores, pois possuía em casa medicamentos que mandava buscar em Porto Alegre, na firma Lussinger Mandoring".

Ernest foi, por muitos anos, membro ativo da Comunidade Evangélica Luterana de Cachoeira Alta, exercendo o cargo de secretário. Em 1960, voltou à Alemanha a fim de visitar seus parentes que lá permaneceram. Durante a sua vida, cultivou o hábito da leitura de jornais, revistas e livros publicados na Alemanha, acumulando muitos conhecimentos e informações referentes à agricultura e à suinocultura, conforme lembra a sua filha Ilma Käfer Canali, que, por muitos anos, foi funcionária pública, exercendo o cargo de Secretária do Executivo Municipal na Prefeitura Municipal de Tapejara.

- **Família de Nicoleto Spagnolo**

Da esquerda para a direita; em pé: Jovelina, Silvestre, Luiz, José, Adelino, Armindo, Claudino, Albino e Gema; sentados: Pierina, Nicoleto, Vitória, Maria e Otília. Década de 1960. Foto: Arquivo de Silvestre Spanhol.

Entre muitos descendentes de italianos que constituíram família na Sede Teixeira em meados de 1924, estava Nicoleto Spagnolo, filho de Matteo Spagnolo e Giovana Marangoni. Nicoleto, mais tarde, passou a se chamar Nicolau Spanhol. Nicoleto nasceu em 1898 em Antônio Prado. Casou em 8 de março de 1924, aos 26 anos de idade, com Victória Dallagasperina, nascida em Ana Rech, Caxias do Sul, filha de Ângelo Bortolo Dallagasperina e Ana Martini, que tiveram dezoito filhos. Nicoleto e Victória tiveram

doze filhos nascidos na Sede e Vila Teixeira.

Nicoleto saiu de Antônio Prado rumo à Sede Teixeira com sua mãe viúva, Giovana, Marangoni e irmãos. A viagem foi realizada de carroça e durou trinta dias. Estabeleceu-se em Sede Teixeira numa área de terras que herdou de sua mãe. Ele foi devastando o mato com foice e machado. Construiu duas casas com o seu irmão Antônio. Juntamente com sua esposa, Victória, plantaram milho, feijão, arroz, trigo, árvores frutíferas, como parreiras, figo, marmelo, ameixa, pêssego; criaram animais, como galinhas, porcos, vacas de leite, assim sustentando seus filhos. O que sobrava, comercializava na então firma Ughini Bertoldo e Irmãos Ltda., em troca de sal, açúcar, café, querosene, roupas e ferramentas.

A longa trajetória da família foi reconstituída por um dos seus filhos, o mais jovem, Silvestre Spanhol. Em certa medida retrata a saga experimentada por muitas famílias de imigrantes italianos que, procedentes das "velhas colônias", colonizaram, povoaram a Colônia do Rio do Peixe no Núcleo Itália, Sede e posteriormente Vila Teixeira. Conforme Silvestre: "A família e a produção foram crescendo. Os parreirais começaram a produzir mais e melhores uvas. O vinho começou a ser feito de modo artesanal, por meio de uma serpentina, onde os grãos iam sendo esmagados pelos pés e o bagaço era levado ao alambique para ser feita a graspa. A cana-de-açúcar era triturada e dali saía a garapa, o melado e o restante voltava para o alambique para fazer cachaça. O plantio era todo braçal, o arado puxado por cavalos, mulas ou bois, a locomoção por carroças, puxadas por animais, o trigo e o arroz eram batidos por pilão, para que soltassem seus grãos; uma parte era guardada e outra, levada aos moinhos coloniais, para ser transformada em farinha. O milho, debulhado em grãos manualmente, também era levado à moagem para ser transformado em farinha para a polenta, prato diário na mesa da família."

• Família de Elizeu Rech e Carlota Bonam

A família de Eliseu Rech e Carlota Bonam fixou-se, definitivamente, na Sede Teixeira em 1924. Eliseu Rech nasceu em 15 de novembro de 1895, na Colônia de Caxias do Sul, filho de italianos que vieram para conhecer o Brasil e acabaram ficando. Teve nove irmãos, todos nascidos no Brasil. Casou-se com Carlota Bonam, filha de imigrantes italianos, em Caxias do Sul, com quem veio para esta região com a família por volta de 1917. A família ficou no Núcleo. Eliseu seguiu com a esposa para Sananduva, depois Getúlio Vargas e mais tarde para a localidade de Camponesa, Município de Passo Fundo, onde mantinha com o seu irmão uma Casa de Pastos para abastecer os animais dos carreteiros que por ali transitavam.

Na frente: Carlota e Eliseu João Rech; em pé, os filhos, da esquerda para a direita: Amália, Albano, Vitorio e Tereza, em 1952. Foto: Arquivo de Maristela Rech Coronetti.

Em 1924, o casal retornou para Sede Teixeira, onde fixaram residência definitiva. Tiveram cinco filhos: Vitório, Amália, Teresa, Albano e Rita, esta falecida ainda menina. Eliseu trabalhou muito tempo como carreteiro, e fazia o transpor-

te de madeira e mantimentos produzidos na região até Passo Fundo, Coxilha e Sertão, viagens que chegavam a durar até dez dias. Trabalhou na agricultura e também como carpinteiro, ajudando a construir as primeiras casas da localidade, a igreja, o colégio e algumas capelas, como a de Paiol Novo.

Em 1960 trouxe para Tapejara a primeira serra circular a motor para serrar lenha, e com ela trabalhou até os últimos anos de sua vida. Faleceu em 13 de dezembro de 1975. Pelos seus serviços em prol do município, foi homenageado pelo Poder Público recebendo o nome de uma avenida: Avenida Eliseu Rech.

• Família de Benjamin Marsiglio

O italiano Benjamin Marsiglio chegou ao Brasil em 1923. Seis meses depois de sua chegada, vieram a esposa, Ângela, e os quatro filhos: Guerino, Antônio, Ângelo e Eliseu, o mais velho com nove anos e o mais novo com três anos de idade, mais a irmã de Benjamin. A viagem da Itália para São Paulo foi de trinta e sete dias. Durante a viagem, o navio apresentou problemas, causando pânico aos tripulantes, mas depois de um tempo, restabelecido, prosseguiu até atingir o Porto de Santos, onde a família permaneceu por poucos dias até se deslocar para Porto Alegre. Ficaram em Porto Alegre por alguns dias, até encontrarem Benjamin, que vinha de Vacaria, onde havia conseguido um local para morar e já desenvolvia atividades agrícolas.

No final do ano de 1925, deslocaram-se em carroças a Sede Teixeira, em uma viagem de muitas dificuldades, pois enfrentaram muita chuva. Chegando na Sede, adquiriram um lote de 25 hectares para produzir alimentos à subsistência da família. O casal Benjamin e Ângela viveu muitos anos, acompanhando toda a evolução da Sede para o Município de Tapejara.

Os filhos Ângelo e Antônio desenvolveram atividades agrícolas e Eliseu trabalhou em serrarias. Guerino foi um dos primeiros operadores do primeiro trator de esteira adquirido pela Prefeitura Municipal, onde trabalhou por mais de trinta anos, abrindo e conservando ruas e estradas. O “Gringo”, chamado assim, carinhosamente, por seus amigos e colegas, teve seu trabalho reconhecido pela Câmara de Vereadores, pelos serviços prestados como servidor público, que denominou uma rua no Bairro São Paulo com o seu nome: Rua Guerino Marsiglio.

• Família de Paolo Merotto e sua esposa Lugia Merotto

O imigrante italiano Paolo Merotto e sua esposa, Lugia Merotto, com seus filhos Adino, de dois anos, e Agostinho, de seis meses, chegaram no Brasil em 1923. Como muitos imigrantes, deslocaram-se do Porto de Santos para Caxias do Sul, onde permaneceram por dois anos desenvolvendo atividades agrícolas como agregados. As terras apresentavam muitas elevações e perdas e, por isso, procuraram terras próprias e planas.

De Caxias do Sul a Passo Fundo viajaram de trem e, de Passo Fundo até a Sede, através de carroças. Na Sede Teixeira, em 1925, trabalharam na serraria de João Zanatta, no Rio Carreteiro. Com muito trabalho, conseguiram comprar cinco alqueires de terra e passaram a desenvolver atividades agrícolas de subsistência da família. Com o passar do tempo, parte da produção agrícola e criação de animais era comercializada em Sede Teixeira e Passo Fundo.

Em pé, da esquerda para a direita: Paulino (em memória), a nora Matilde, José (em memória), Olga (em memória), Aldo (em memória), Gema, a nora Iolanda com a filha Vilma no colo, e Agostinho; sentados: Luiz, Terezinha (em memória), mãe Lugia (em memória), pai Paolo (em memória), a nora Olímpia com seu filho Darci (em memória) e Adino (em memória) na década de 1940. Foto: Arquivo de Luiz Merotto.

• Família de Francisco Picolli

O filho de Giovani Picolli e Giustina Picolli, Francisco Picolli, casado com Regina Treviso Picolli, chegou em 1900 na Colônia de Guaporé, na localidade de Muçum, e em seguida, em Caxias do Sul, na localidade de Ana Rech. Sua filha, Augusta Picolli, casou-se com Guilherme Ghidini. O casal mudou-se para Sede Teixeira depois de uma viagem de carroça a partir de Ana Rech que demorou cinco dias, no início de 1925. Vieram a Sede Teixeira, pois tomaram conhecimento de que no local havia muito pinheiro.

Guilherme, que já trabalhava com madeira em Ana Rech, resolveu ampliar suas atividades adquirindo uma área coberta de pinheiros nas proximidades do Rio Carreteiro, onde já havia uma serraria montada e em funcionamento, de propriedade de Taudelino Antunes de Quadros. Os pinheiros eram derrubados e descascados no meio do pinhal. As toras eram lançadas rio abaixo até a serraria, retiradas com a ajuda de bois, e então levadas para os galpões e transformadas em tábuas, caibros e barrotes. Depois de beneficiadas, eram transportadas por meio de carroças à Estação de Coxilha, depositadas, comercializadas e embarcadas em vagões de trem e levadas para Passo Fundo. Desenvolveram essa atividade por cerca de vinte e três anos e posteriormente vieram morar em Vila Tapejara.

Os filhos de Guilherme e Augusta, Tranquilo, Olinto, Guido e Lido, associaram-se com Ângelo Dalzotto e constituíram uma casa comercial com a denominação Dalzotto Ghidini & Cia. Ltda., onde exerceram a atividade por muitos anos.

• Família de José Zanatta

A família Zanatta, originária de Treviso, Itália, imigrou para o Brasil em 1800. Entre membros de uma família numerosa, o imigrante José Zanatta fixou residência na localidade de São Isidoro, a quatro quilômetros de Carlos Barbosa, então Distrito de Barão, município de Montenegro. Casado com Maria Dalla Polla, teve os seguintes filhos: Maximiniano, Ângelo, Joana, Jordão, Afonso, Alberto, Jorge, Alfredo, Terezinha, João e Plácido.

Entre os filhos, Ângelo casou-se com Augusta Zanatta, filha de Eugênio Zanatta e Luisa Cauduro, que, embora possuíssem o mesmo sobrenome, consta que não tinham grau de parentesco.

Tiveram os seguintes filhos: Narciso (Padre), Armando, Albertino, Maria de Lourdes, Julieta (Irmã) e Olimpio, filho adotivo.

Após o casamento, moraram algum tempo na casa dos pais. Em 1909, Ângelo e Augusta transferiram-se para Ana Rech e, logo após, à localidade de São Ciro, hoje Bairro de Caxias do Sul. Ângelo havia herdado uma carroça e com ela fretava para a então Vila Caxias, ganhando muito pouco.

Mais tarde, a família partiu e foi morar na pequena localidade de Schaeferek, perto de São Vendelino, então município de Montenegro e hoje Salvador do Sul. Enquanto Augusta e os filhos trabalhavam na roça, Ângelo freteava com a carroça. Depois, instalou uma fábrica de queijo, que era vendido em Porto Alegre, na Banca número 2 do Mercado Público, por intermédio do parente Albérico Cauduro. Os negócios corriam bem e foi possível comprar a terra e a casa onde moraram por arrendamento.

Em 1925, a família foi atraída pela fertilidade das novas terras do interior de Passo Fundo, zona da mata, onde já morava o primo Augusto Zanatta. A família migrou a Sede Teixeira, embrenhando-se na mata. A nova propriedade estava a sete quilômetros da sede da Colônia, atual comunidade de Santana. Enquanto Ângelo construía a casa, a família ficou morando com o primo Augusto.

Ângelo, em sociedade, instalou uma serraria para o aproveitamento da grande quantidade de pinheiros em toda a região. A madeira era transportada por meio de carretas de ternos de mulas até Coxilha. Augusta fez promessa de construir uma capela dedicada a Santa Ana, cuja imagem foi doada por ela. Depois da inauguração da Capela, passado pouco tempo, a família transferiu-se para o povoado de Sede Teixeira. Depois de residir alguns anos numa casa, a família adquiriu uma chácara, onde passou a morar. Ângelo foi um dos fundadores da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, tendo sido construtor por cerca de vinte anos.

Nesse tempo, foi fundada a firma Ughini S/A, na qual Ângelo entrou como sócio, sendo um dos fundadores. Faleceu em Ibiaçá, no dia 25 de junho de 1960. Em 1983, depois de 23 anos sepultado no cemitério de Tapejara, seu corpo, conservado, quase intacto, foi levado para Palmas, Paraná, onde repousa ao lado dos restos mortais de sua esposa, Augusta.

• Família de Antônio Marchiori

Em meados de 1926 chegavam os recém-casados Antônio Marchiori, nascido em Antônio Prado, em 24 de agosto de 1898, e Tereza Bée Marchiori, nascida em 4 de dezembro de 1907. Filhos de descendentes italianos, foram morar e trabalhar num pedaço de terra na então localidade denominada de Linha Quatro, interior de Sede Teixeira. Ali, Antônio e Tereza desenvolveram atividades no cultivo do milho, trigo, feijão, animais domésticos, produção de leite e criação de suínos para o consumo e venda da banha e de salame. Conforme recorda o seu filho Mário Marchiori: “Na época era considerado o melhor fabricante de salame da Vila, pela qualidade, sendo feitos de pura carne de porco”.

Mais tarde, em meados de 1935, a família adquiriu uma área de terra de Ângelo Dalzotto localizada na Vila Teixeira. Nessa área, continuaram desenvolvendo a atividade agrícola, mas em escala menor. Na década de 40, Antônio participou, ativamente, do movimento pró-construção do Hospital e do Clube Comercial na Vila Teixeira, sendo um dos sócios fundadores.

Em meados de 1952, instalou uma loja de secos e molhados nos altos da Rua do Comércio, onde, posteriormente, funcionou por muito tempo a casa comercial de Carmelindo Pagnocelli. Antônio e Tereza tiveram os filhos Olímpio, Alcides, Maria, Adelaide, Dirceu, Luiz e Mário. Antônio faleceu em Tapejara com 80 anos e Tereza com 77. Em reconhecimento pelos serviços prestados, a Câmara de Vereadores denominou com seu nome uma das ruas da cidade, a atual Rua Antônio Marchiori.

• Família de Antônio Borili

Antônio Borili e Regina Bernardeli Borili, oriundos da Província de Padova, Itália, chegaram no Brasil com seus pais e se fixaram em Antônio Prado. Vieram com a mudança de carroça para Sede Teixeira, onde conseguiram um lote no atual território da localidade de Santa Rita, em 1926. Tiveram os seguintes filhos: Anselmo, Josefina, Páscoa e Maria.

• Família de Giovani Ghidini

Na primeira metade da década de 1920, partiram de Mantova, Itália, à Colônia de Caxias, os imigrantes Giovani Ghidini e Judite Lipreli Ghidini. Tão logo vieram morar nas redondezas da Sede Teixeira, localidade da Linha Salete, nas margens do Rio Carreteiro, atual território do município de Vila Lângaro. Tiveram os seguintes filhos: Guilherme, casado com Augusta Picolli Ghidini; Santo, casado com Carmen Ghidini; Luiz, com Romana Gajardo; Adolfo, com Olga Milani; Victório, com Verginia Milani; e Maria, com Caetano Sbardelotto.

• Família de João Matheus Poggio

O casal de imigrantes italianos João Matheus Poggio e Rosa Mirabelli, que haviam aportado em 13 de fevereiro de 1925, no Rio de Janeiro, provenientes do norte da Itália, deslocaram-se para Porto Alegre, onde ficaram por alguns dias até seguirem para Júlio de Castilhos, onde fixaram morada até 1927. Ainda nesse ano chegaram em Sede Teixeira a convite de parentes que ali já residiam, entre os quais o Padre Júlio João Marin.

No início, trabalharam como agregados, mais tarde adquiriam terras onde desenvolveram atividades agrícolas, produzindo o necessário à sobrevivência da família. Tiveram seis filhos, que desenvolveram atividades junto a serrarias e madeireiras que estavam instaladas e funcionavam na localidade de Gramadinho. A família Poggio sempre esteve muito ligada às iniciativas e aos empreendimentos da Igreja Católica, na Paróquia Nossa Senhora da Saúde, em ajuda com mão de obra, materiais, recursos financeiros, atividades pastorais, catequese, liturgia, exercendo João, por muitos anos, a função de

Em pé da esquerda para a direita: filhos Inês Poggio Pereira da Silva, Teresinha Poggio Pereira da Silva, Pedro Poggio, Ana Poggio da Silva (em memória), Mário Poggio (em memória), Josephina Hansen e Luis João Poggio (em memória); sentados: o casal Rosa Mirabelle Poggio e João Matheus Poggio, em 1975. Foto: Arquivo de Pedro Poggio.

sacristão da comunidade. O casal possuía instrução primária completa, sabendo ler e escrever corretamente, o que possibilitou manter correspondência regular com seus familiares que ficaram na Itália.

• Família de João Pascoal Colombo

Os imigrantes italianos Ângelo Colombo e sua esposa, Assunta Fortunatto, chegaram no Brasil na segunda metade da década de 1920. Radicaram-se em terras na localidade de Antônio Prado. Seu filho, João Pascoal, casado com Ângela Andreguetti, veio morar em Sede Teixeira em 1928. Os filhos do casal: Adelaide, casada com Ermelindo Bassegio; Vanda, casada com Armando Bassegio; Olinda, com Bastião Gandini; e Celene, com Selvino Biazus.

No segundo casamento de João Pascoal, ele e Maria Spuldaro tiveram os filhos Otília, Angelina, Natalia, Roberto, Ozana e Oliva.

• Família de Estevão Kusz

No período da imigração à Sede Teixeira, chegou uma das poucas famílias de imigrantes poloneses. Trata-se da família de Estevão Kusz, que veio para o Brasil em nove pessoas: o pai, a madrasta, cinco irmãos e duas irmãs. Procedentes de Varsóvia, Polônia, passaram pela Áustria e embarcaram em um navio na Alemanha em 1913. Depois de trinta dias de viagem em alto-mar, desembarcaram em Ilha das Flores, uma das ilhas que pertencem ao Lago Guaíba.

Família de Estevão Kusz e Anita Conte Kusz; da esquerda para a direita, acima: Geder (em memória), Neuza (em memória), João (em memória) e Genésio; ao centro: Anita (mãe, em memória) e Estevão (pai, em memória); abaixo: Zelinda, Agenor (em memória), Umbilina (em memória) e Iracema (em memória), em 1950. Foto: Arquivo de Zelinda Kusz Fruscalsso.

Em seguida, deslocaram-se para o centro de Porto Alegre, onde permaneceram por cerca de vinte dias. Após, foram de trem até a Estação José Bonifácio, atual município de Estação, permanecendo poucos dias nessa localidade, depois Gaurama, onde se fixaram num barracão de imigrantes que lá chegavam.

A primeira atividade da família, ainda em 1913, foi a agricultura, sendo para isso contemplados com a doação de uma colônia de terra de 25 hectares pelo governo, que desenvolvia um projeto de colonização em andamento na região do Alto Uruguai. Da atividade agrícola provinha a subsistência da família. Recorda o Genésio, filho de Estevão: "Possuíam recursos financeiros que haviam trazido da Polônia, mas ocorreu um incêndio e a casa onde habitavam foi destruída pelo fogo, que queimou todos os pertences e bens da família, inclusive uma quantia em dinheiro que possuíam em Ruber, moeda polonesa".

Na Polônia, Estevão começou a estudar aos três anos, pois era obrigado a frequentar a escola para aprender a falar as línguas russa e polonesa. Quando chegou ao Brasil, continuou a estudar até os oito anos. O estudo era pago pelo governo e os pais eram obrigados a manter os filhos na escola. Estevão saiu de casa aos doze anos, trabalhando como cozinheiro, carregador de água, na manutenção de estrada de ferro e aprendeu o ofício de funileiro.

Na Sede Teixeira chegou em 1928, ao tomar conhecimento de que muitas famílias já estavam fixadas no local. Estevão, que no aprendizado do ofício de funileiro em José Bonifácio (Estação) não rece-

bia pagamento, mas alguns trocados no final de semana da esposa do patrão, que reconhecia o serviço que fazia, veio com a finalidade de instalar uma funilaria em Sede Teixeira, o que acabou realizando.

Na funilaria, instalada num casarão de madeira localizada no centro da Sede, desenvolveu as atividades por mais de cinquenta anos. Produzia muitos artigos à venda, como conchas para pegar produtos a granel, copos de latão, peneiras para coar leite, raladores de queijo, calhas para casas, canos de fogão e tachos em cobre. Além da funilaria, Estevão foi um dos sócios fundadores da Sociedade Recreativa Rio-Grandense de Bolão, com um quadro de associados que desenvolvia a atividade esportiva do jogo de bolão. O local da prática esportiva era uma cancha coberta, anexa à moradia e funilaria de Estevão. A sociedade durou mais de trinta anos e realizou muitos jogos, torneios municipais e excursões ao interior dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A sociedade esportiva veio a se dissolver no final dos anos de 1970.

Estevão Kusz faleceu em 2 de novembro de 1993. Após seu falecimento, teve o reconhecimento da Câmara de Vereadores, que denominou com seu nome uma das ruas no Loteamento Menino Deus, no Bairro São Paulo.

- **Família de Ricardo Baseggio**

Beneamino Geovanni Baseggio, casado com Lucia Cantu Baseggio, nasceu em Treviso, Itália. Veio para o Brasil na primeira metade da década de 1920 e se radicou com seus familiares na então Colônia de Garibaldi. Quem veio para Sede Teixeira em meados de 1929 foi seu filho, Ricardo Baseggio. Ricardo casou-se com Cecilia Dametto, filha de Victório Dametto e Catarina Zanatta. Radicaram-se no entorno da Sede, na localidade de São Isidoro, onde desenvolveram atividades em serrarias.

Os filhos de Cecília e Ricardo: Armelindo, casado com Adelaide M. Colombo; Armando, com Vanda Colombo; Orlando, com Maria Colombo; Delvo, com Maria Borgo; Divino, com Oliva Zanatta; Ivo, com Cleudes Giacomin; Alcides, com Dejair Fortunatto; Nelson, com Delcia Spagnol; e Ines, com Gildo Ongaratto. No segundo casamento, Ricardo e Saide Adaime tiveram os filhos Ricardo e Denise.

DA SEDE TEIXEIRA PARA DISTRITO DE TEIXEIRA

Com a abundância das riquezas naturais, a Sede Teixeira cresceu muito rápido. O cultivo agrícola era composto, principalmente, por trigo, milho, feijão, arroz, batata e mandioca. Um dos destaques da evolução de Sede para vila foi a exploração do pinheiro, abundante na região, em que as serrarias aproveitavam a madeira, que era exportada para outros lugares, entre os quais Estação de Coxilha.

Dessa forma, no dia 25 de janeiro de 1929, por ato do Prefeito de Passo Fundo, Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, a Sede Teixeira, com desenvolvimento expressivo, foi transformada no 14º Distrito de Passo Fundo, com a denominação de Vila Teixeira, por Ato Municipal nº 463, subordinado ao Município de Passo Fundo.

No ano de 1933, em divisão administrativa, o Distrito Teixeira continuou pertencendo ao Município de Passo Fundo, assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937.

Na mesma década, através do Decreto nº 7.199, de 31/03/1938, o Distrito Teixeira foi elevado à categoria de vila, passando a denominar-se Vila Teixeira. Contudo, em 29 de novembro do mesmo ano, através do Decreto nº 7.589, o nome de Teixeira. Ao mesmo tempo Vila Sete de Setembro passou a ser denominada Charrua, subordinada ao município de Getúlio Vargas.

Desfile da Semana da Pátria em frente à Subprefeitura da Vila Teixeira, em 1936. Foto: Arquivo da Prefeitura de Tapejara.

Na Vila de Sede Teixeira, a urbanização encontrava-se em um perímetro mais quadrangular do que o inicial, que era retangular. Os quarteirões eram basicamente de 100 metros x 100 metros e os lotes de 20 metros x 40 metros, ocupando o traçado original do Plano da Companhia Colonizadora, onde continuava a se destacar a via que une Passo Fundo a Sananduva, atual Rua do Comércio. As edificações em alvenaria em substituição à madeira começaram a aparecer em meados de 1929.

Em 1923, até o final de 1930, o território era cada vez mais ocupado e povoado devido à chegada de mais famílias de colonizadores atraídos pelas notícias dos pioneiros, que acabaram por influenciar a vinda de mais pessoas à localidade. Os que já estavam estabelecidos desenvolveram atividades na agricultura e no comércio, junto às pequenas indústrias, prestação de serviços e outra diversidade de ofícios que exigiam dos governantes a garantia e o reconhecimento com medidas que pudessem dar conta da nova realidade que se estava desenhando com a passagem do Núcleo Itália para Sede Teixeira e, posteriormente, para Vila Teixeira.

• Famílias que chegaram na Vila

Entre inúmeras famílias de descendentes de imigrantes italianos e alemães que chegaram e se instalaram em lotes situados em diversos pontos do território e em chácaras na então Vila no período de 1929 a 1939, cabe destacar as seguintes: Simão Hanel (1929); Napoleão Borgo (1929); Vergínio Borella (1930); João Fiabani (1930); Padre Calógero Tortoricci e Padre Paulo Chiaramonte (1930); Giocondo Canali (em 1930, constituiu família com Ana Bressan); Aquilino Cavichioli (1932); Antônio Guerra e Margarida Girardelo Guerra (1932); Bortolo Poletto e Delmina Perondi Poletto e filhos (1933); José Bertoglio (1937); Jacomin Rico (1938); e Florindo Gardelin (1939).

• Família de Simão Hanel

Em março de 1929, chegava no interior da Vila de Sede Teixeira, na atual localidade de Cachoeira Alta, Simão Hanel, casado com Helena Hanel. Simão chegou para conhecer áreas de terras e comprou dois alqueires. Após, voltou para Sertão Santana, e em setembro do mesmo ano mudou-se para a Vila.

Sua neta, a professora Altair Schöler, lembra: "A partida foi de Sertão Santana até o Lago do Guaíba de carroça. Atravessaram o Lago do Guaíba de balsa até Porto Alegre e embarcaram no trem rumo a Santa Maria até Cruz Alta. De Cruz Alta até Passo Fundo e de Passo Fundo até Getúlio Vargas. Daí alugaram um carroceiro e vieram de carroça até Cachoeira Alta, o casal e sete filhos: Herbert, Clara, Elvira, Hilda, Evaldo, José e Bruno. Foi um dia de viagem de Getúlio Vargas até Cachoeira Alta."

Helena Feiten Hanel e Simão Hanel.
Foto: Arquivo de Altair Schöler.

Logo que chegou, a família começou a construir a casa com tábuas e troncos, extraídos da grande mata que existia no entorno de sua área de terras. Conseguiu adquirir dos vizinhos uma vaca de leite com um terneiro, uma carroça, duas mulas e um arado. Altair conta um pouco da vida de seus avós: "Arregaçaram as mangas e começaram a trabalhar; tiveram a ajuda das famílias que já estavam mais estabelecidas. Plantavam milho, arroz, feijão, mandioca, batata-doce, batata-inglesa, abóbora, cana-de-açúcar, frutas, trigo, cevada, amendoim, alho, cebola, alface e aveia para os animais. Criavam gado, suínos e aves. Os ovos das galinhas e a carne serviam para o sustento da família. Com as penas dos patos faziam travesseiros e cobertores. Com a lã da ovelha faziam acolchoados. Com o leite faziam queijo, nata, manteiga, requeijão e puína. Com a carne do gado faziam charque, com a carne suína faziam salame, torresmo e toucinho. O trigo e o milho eram levados ao moinho para fazer farinha. Com a farinha faziam pão, cuca, bolacha, bolo, bolinhos e massa. O pão e a cuca eram assados no forno feito de barro e tijolos. Também faziam rosca de polvilho no forno. Cozinhavam a batata-doce no forno, faziam sapeco de pinhão ou castanhas no fogo no chão. Com o tempo, tinham uma chapa para fazer os sapecos e cozinhar a comida. Quanto às frutas, secavam a maçã, o marmelo e o pêssego para fazer chá e doces de frutas. Da cana-de-açúcar faziam açúcar mascavo, melado e outros. Tudo era feito em casa para o sustento da família e alguns produtos para vender, como, por exemplo, a banha, que era vendida a um bom preço. Também vendiam queijo, manteiga, ovos, melado e outros. Com o dinheiro, compravam sal, açúcar, café, quero-

Filhas, em 1940: Hilda, Elvira e Clara.
Foto: Arquivo de Altair Schöler.

Filhos, em 1949; em pé, da esquerda para a direita: Herbert, Evaldo, José e Bruno; sentados: Osmar, Ivo, Harno e Benno.
Foto: Arquivo de Altair Schöler.

sene, tecido e linha para confeccionar roupas."

Simão e Helena tiveram mais quatro filhos: Benno, Harno, Ivo e Osmar. Além disso, recorda a sua neta Altair: "O avô Simão também era carpinteiro; construía casas, galpões, móveis como camas, roupeiros, mesa, bancos e armários. Ajudou a construir a igreja, e quando alguém falecia ele fazia o caixão com tábuas e revestia com tecido preto para os adultos e branco para as crianças. Ele também passava dias e noites ajudando a cuidar de pessoas enfermas da comunidade e passava noites nos velórios. Simão era sócio fundador do Hospital Santo Antônio, de Vila Teixeira, hoje Tapejara." Hoje, a família de Simão Hanel, casado com Helena Feiten Hanel, é composta de filhos, netos, bisnetos e trinetos, que totalizam cerca de duzentos membros.

• Família de Napoleão Borgo

A família do imigrante italiano Napoleão Borgo chegou ao Brasil no ano de 1913, na localidade de Antônio Prado. Os pais de Napoleão, João e Ângela Dalpozzo, chegaram na Sede Teixeira em 1927, juntamente com sua irmã Maria. Napoleão chegou somente por volta de 1929, a pedido da mãe, que desejava muito que os filhos morassem junto com os pais. Desenvolvia em Antônio Prado, e nos primeiros anos na Vila Teixeira, o ofício de carpinteiro. Depois que casou, mudou de atividade, passando à agricultura.

Com o passar do tempo, foi adquirindo mais terras, procurando melhorar a qualidade das sementes de milho, trigo e soja que cultivava e utilizando equipamentos mais adequados e modernos no plantio e na colheita. Napoleão foi o primeiro a introduzir o sistema mecanizado na agricultura no Município de Tapejara, na década de 1970.

• Padre Calógero Tortoricci

O imigrante italiano Padre Calógero Tortoricci nasceu em Pietraperzia, diocese de Piazza Armerina, Província de Caltanisetta, na Sicília, no dia 28 de dezembro de 1876. Fez-se, primeiramente, jesuíta. Estudou em Roma e laureou-se em Filosofia, Teologia e Letras. Foi professor de Filosofia na Universidade de Catânia. Recebeu a ordenação sacerdotal no Santuário de Nossa Senhora de Pompei no dia 31 de julho de 1899. Mais tarde passou para o clero secular e veio ao Brasil. Trouxe em sua companhia seu sobrinho Paulo Chiaramonte, que veio para ingressar nos estudos e formação à vida religiosa.

Os registros da Paróquia Cristo Rei, de Marau, explicitam os antecedentes da nomeação do Padre Tortorici na Vila Teixeira. Nos documentos, consta que no dia 29 de novembro de 1919, na sua segunda visita a Vila Marau, Dom Miguel de Lima Valverde, o bispo de Santa Maria, administrou mil e duzentas crismas e elevou o Curato à Paróquia, nomeando o primeiro pároco – então chamado "capelão cura", o Padre Calógero Tortoricci. O sacerdote tomou posse no dia 3 de dezembro de 1919, permanecendo até 4 de dezembro de 1930, quando foi transferido para Vila Teixeira.

Em Vila Marau, o Padre Calógero, em 1925, fundou uma escola paroquial, inicialmente com quinze alunos matriculados, tendo como professor José Zambenedetti. Dois anos depois, com a transferência do Prof. Zambenedetti, a escola foi desativada.

No tempo em que esteve na condição de Pároco da Paróquia Cristo Rei, de Marau, muitos episódios envolveram direta ou indiretamente o Padre Calógero em sua ações pastorais. Um dos casos que ficou marcado na memória da comunidade é recordado por Regina Spuldaro, casada com Pedro Spuldaro, que chegou em Vila Tapejara em 1942. Ela conta: "Quando morava em Vila Marau com meus pais, por volta da metade de 1920, conheci o Padre Tortoricci. Ele tinha um conhecimento muito grande e

era muito enérgico, quando falava no sermão apontava os erros. Muitos não gostavam, pois o chapéu servia na cabeça e o padre acabava por pisar no calo dessa gente. Essas pessoas ameaçavam por baixo dos panos, pois não eram muitos." Regina revela que essas ameaças eram levadas ao conhecimento do padre por pessoas que conviviam mais próximas dele. Mas essa reação não atemorizava o sacerdote, que, com determinação e destemor, continuava a sua missão evangelizadora.

Um dos episódios é recordado por Regina Spuldaro: "Chegou ao conhecimento do Padre Calógero que numa das comunidades do interior da Paróquia havia um grupo que estava falando de boca cheia às famílias da comunidade, que, na próxima visita do padre para rezar a missa, ele levaria uma surra, pois teria dito coisas que não agradaram algumas famílias da localidade. Membros da Paróquia aconselharam o padre a não comparecer em tal comunidade. Mas, ele não deu ouvidos aos conselhos, compareceu no dia marcado e realizou as atividades. Antes de se deslocar à capela, o padre colocou a hóstia grande que iria usar na missa no lado esquerdo do peito, em cima do coração, e colocou os demais materiais em sua pasta, rumando à comunidade. Lá chegou e encontrou um grupo de pessoas divididas em duas partes, de um lado as mulheres com as crianças e do outro os homens. O padre passou no meio do grupo e nenhuma ameaça sofreu. Assim rezou a missa e outras mais e nada aconteceu com ele naquela comunidade", recordou.

Mais tarde, ao ser entregue aos capuchinhos a Paróquia de Marau, o Padre Tortoricci foi nomeado pároco de Sede Teixeira. No final do ano de 1930, foi transferido à Paróquia Nossa Senhora da Saúde, de Vila Teixeira. No dia 6 de dezembro de 1930, foi nomeado e provisionado Vigário da Paróquia e tomou posse no dia 8 de dezembro.

Seu sobrinho, Paulo Chiaramonte, foi ordenado em 17 de outubro de 1937, em cerimônia em Passo Fundo, e rezou sua Primeira Missa em 19 de outubro de 1937 na Vila Teixeira. Na mesma oportunidade, foi nomeado e provisionado Coadjutor da Paróquia Nossa Senhora da Saúde. Quando o Padre Paulo chegou em Vila Teixeira, foi recepcionado com muitos presentes. Nessa ocasião aconteceu a Festa da Padroeira, tendo como festeiros Humberto Busatto e Carino Canali. Foram dois dias de festividades e atos religiosos, entre os quais a realização de uma procissão com a imagem da Padroeira na área central da Vila, que reuniu mais de 2.000 pessoas.

O Padre Calógero, em sua ação pastoral, além de dar conta das exigências que a missão demandava, motivou e animou a comunidade para a construção da nova Igreja Matriz. Padre Paulo impulsionou a construção do Colégio Nossa Senhora Medianeira e do Hospital Santo Antônio. A ação pastoral evangelizadora desenvolvida por ambos era grande. Padre Paulo recorda: "Percorria a cavalo a região, retornando à Matriz somente a cada dois sábados".

Naquela época, a catequese das crianças em preparação à Primeira Comunhão era realizada nas escolas existentes na Vila Teixeira, ministrada nos grupos escolares pelas professoras e pelas irmãs no colégio. Algumas crianças eram preparadas na família pela mãe. Depois de preparadas, um dia antes da primeira Confissão e Comunhão, tinham que passar por um teste do aprendizado aplicado pelo Padre Calógero.

Amélia Ghidini Artusi, uma das filhas de Guilherme Ghidini e Augusta Ghidini, conta: "Ao realizar o teste no dia anterior ao da Confissão e da Primeira Comunhão, fui indagada pelo Padre Tortoricci sobre quem havia me preparado. Respondi que foi a minha mãe. O Padre Calógero prontamente falou para o meu espanto: Muito bem. Passei no teste sem fazer o teste."

O Padre Antônio Lorenzatto, 88 anos, nascido na Vila Marau em meados de 1920, tinha dez anos

quando o Padre Calógero deixou a paróquia. Hoje pároco da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, Bairro Glória, em Porto Alegre, recordou que ouvia com atenção diversos episódios narrados por paroquianos que envolviam a figura do Padre Tortoricci. Entre tantos fatos que marcaram, ele relembra: "O padre gostava de fumar cachimbo. Lorenzatto o acompanhava em suas visitas nas comunidades, feitas em sua maioria no lombo de cavalos. Certa feita, ao dirigir-se a uma das comunidades da paróquia, depois de ter fumado, Padre Tortoricci colocou, como era de costume, o cachimbo dentro do bolso da batina, porém não se deu conta que havia um pouco de fumo, que estava se consumindo dentro do bocal do cachimbo. A certa altura da viagem, a chama que estava consumindo o fumo alastrou-se para o foro do bolso da batina, que começou a ser devorado pelo fogo. Então, o padre desceu do cavalo, tirou a batina, debelou o fogo e prosseguiu a viagem."

O Padre Calógero Tortoricci era dotado de uma vasta e profunda cultura, a qual procurava difundir em suas pregações. Depois das missas, tinha o costume de perguntar aos paroquianos o que haviam achado da pregação. Exerceu sua missão na Paróquia Nossa Senhora da Saúde do dia 8 de dezembro de 1930 até 26 de junho de 1950. Faleceu no dia 26 de junho de 1950, ao meio-dia. A missa de corpo presente contou com a presença de aproximadamente 1.850 fiéis, que rezaram por aquele que por duas décadas atuou na Ação Evangelizadora da Paróquia Nossa Senhora da Saúde. Seus restos mortais encontram-se guardados e preservados na Igreja Matriz de Tapejara. Padre Paulo Chiaramonte faleceu na Itália em 19 de março de 1990.

• Virginio Borella

Em 1930, vinha à Sede Teixeira, juntamente com o Padre Calógero Tortoricci, Virginio Borella, com apenas nove anos de idade. Virgilio era filho dos imigrantes italianos José Borella e Maria Borella, e nascido em 1918 em Vila Maria, então distrito de Guaporé. Depois de atuar na paróquia, cuja colaboração é reconhecida por ajudar a construir a atual igreja promovendo festas religiosas, Virgínio passou a exercer a atividade de torneiro mecânico, ofício que aprendeu com José Zanini. Mais tarde, fundou a Mecânica Tapejarense, que possuía outros sócios, mas foi ele quem, de forma empreendedora, criou-a e administrou-a por vários anos, até adoecer. Participou do processo de emancipação do município de Tapejara. Casou-se com Elvira Estelo em 28 de outubro de 1943, que conheceu na casa paroquial onde ambos trabalhavam. Tiveram os seguintes filhos: Carlos, Cláudio, Camilo, Cleonice, Clóvis e Clarisse. Faleceu em Tapejara no ano de 1978.

• Família de João Fiabane

A família de João Fiabane veio para o Brasil em 1891 com seis pessoas; destas, três vieram para Vila Teixeira em 1930. Os demais membros familiares permaneceram em Antônio Prado. Os que vieram para Vila foram: João Fiabane (avô), Rosina (tia) e Giácomo Agostinho Fiabane. Demoraram quarenta dias para chegar ao Brasil. Ao chegar em Antônio Prado adquiriram um lote de terra e desenvolveram atividades agrícolas.

Os familiares tiveram conhecimento de que havia melhores terras em Vila Teixeira e então resolveram partir de Antônio Prado. A viagem foi feita a cavalo e demorou muitos dias, pois tinham que parar no caminho para descansar e recompor suas forças e a dos animais. Quando chegaram na Vila Teixeira, adquiriram terras localizadas a cerca de dezoito quilômetros da sede e ali desenvolveram atividades na agricultura e criação de animais.

• Família de Giocondo Canali

Um dos filhos de Santo Canali e Corona Dallagasperina Canali, Giocondo Canali e sua esposa, Ana Bressan Canali, mudaram-se para Vila Teixeira, nas proximidades da comunidade de Santo Antônio, atual comunidade de Linha Calegari. O casal teve onze filhos. Uma das filhas, Gema Canali, recordou: "Meu avô paterno, Santo, ajudou a curar muitas pessoas na então Sede Teixeira através da infusão de chás de folhas e raízes. Naquela época, nem existia médico na Sede. O recurso mais próximo era Sananduva ou Passo Fundo."

Família de Giocondo Canali e Ana Bressan Canali; em pé, da esquerda para a direita: Terezinha Canali (em memória), Fidelma Canali Guerra, Selvino Canali, Ernesto Canali, Beninho Canali, Armando Canali, Mario Canali; na frente: Lucia Canali Bianchini, Maria Canali Panisson, Anselmo Canali, Ana Bressan Canali (mãe), Giocondo Canali (pai), João Canali, Gema Canali Spagnol. Foto: Arquivo de Jucélia Spagnol.

Giocondo Canali foi associado da então Cooperativa de Defesa Ativa Colonial, que começou a desenvolver suas atividades em 1930 com prédio na zona central de Vila Teixeira. Naquele tempo, ele realizou diversas trocas de produtos coloniais com artigos ofertados pelo estabelecimento, bem como deixou em depósito couro e vinho. A tabela abaixo demostra as trocas e os depósitos efetuados no período de 1932-1934.

Cooperativo	Ano	Produto	Quantidade	Artigos
Giocondo Canali	1932 -1934	Banha	597 kg	Açúcar, óleo, café, fumo, cal fatiota, fazenda, alpargatas, lenço
		Couro	43 kg	
		Vinho	576 litros	

Fonte. Livro Conte Corrente nº 2 da Cooperativa de Defesa Ativa Colonial. Arquivo de Pedro Canali.

• Família de Gema Canali Spanhol

Gema Canali nasceu no dia 26 de agosto de 1938, na então Linha Santo Antônio, hoje Linha Calegari. Nessa localidade, seu pai Giocondo havia instalado e colocado em funcionamento uma serraria. Mais tarde, vendeu o maquinário para Avelino Dallagasperina, que a instalou na Linha Caravaggio. Gema recordou seu tempo de criança e adolescente: "No domingo de manhã bem cedo, meu pai pegava o caminhão da serraria, um Chevrolet 1948, e nos levava junto com algumas famílias que moravam no entorno

da serraria até a Igreja Matriz para assistir à missa dominical. Depois da missa, enquanto a gente se ajeitava na carroceria do caminhão estacionado do lado da igreja, meu pai dava um pulo na pensão e bodega que existia nas proximidades da igreja para comprar balas, que eram repartidas quando chegávamos em casa."

Gema não teve a oportunidade de estudar no Grupo Escolar da Vila. Ela estudou na escolinha que existia na Linha Santo Antônio. Diz ela: "Estudei apenas dois anos, pois tinha que ficar em casa para ajudar minha mãe a dar conta dos irmãos e irmãs mais novos. Minha professora foi Esmerilde Panisson, filha do Antônio Panisson e Rosa Cadore Panisson, que também foram meus padrinhos de Batismo. Aprendi a ler e escrever numa pedra chamada na época de lousa. O recreio era o momento mais esperado pelos poucos alunos que frequentavam a escolinha. Essa era a hora de jogar caçador com uma pequena bola feita de uma meia velha cheia de serragem fina, conseguida na serraria. O jogo era disputado entre as gurias contra os guris na estrada que passava na frente da escola. Somente era interrompido quando se aproximava pelo local uma carroça ou alguém montado em cavalo ou o caminhão da serraria. Quando chovia ou fazia muito frio, o recreio acontecia dentro da sala de aula. A gente jogava Cinco Marias." Gema ainda explicou as regras do jogo: "Dentro de cinco saquinhos feitos de panos velhos, eram colocados grãos de milho ou arroz. Os saquinhos eram colocados em cima de uma mesa ou no chão. O jogador tinha que apanhar com uma mão um por um dos saquinhos. Caso deixasse cair da mão ou não conseguisse apanhar todos, era desclassificado. Ganhava quem conseguisse juntar os cinco saquinhos na palma da mão."

Desde criança, Gema ajudava a mãe nos afazeres domésticos, no trato dos animais e na lida na atividade agrícola da família, pois possuíam um pedaço de terras. Juntamente com seus irmãos, quase todos os anos faziam erva-mate para o consumo da família e para venda e, assim, conseguiam recursos financeiros para comprar roupas, calçados e remédios. Num certo período, chegaram a produzir de quatrocentas a quinhentas arrobas (uma arroba equivale a quinze quilos), que eram vendidas no comércio da então Vila Tapejara. De acordo com Gema: "Passados uns anos de produção de erva-mate, tivemos que parar com o negócio, pois um industrialista do então Distrito de Água Santa, Teodoro Rech, avisou meu pai que não poderíamos mais produzir o produto e comercializar, pois não tínhamos licença e somente ele era autorizado a produzir para o comércio. Caso continuássemos a produzir, ele iria nos denunciar junto às autoridades competentes. Diante dessa ameaça, achamos melhor parar de produzir em grande quantidade para vender no comércio e passamos somente a produzir a quantidade para o consumo da família e para uns parentes", contou. Gema casou-se com Adelar Spagnol, filho de Antônio Spagnollo e Amélia Spagnol.

A pensão e bodega que Gema recordou acima, trata-se de um prédio de madeira com dois andares, localizado nas proximidades do atual Centro Comunitário Paroquial. A edificação pertenceu à família Rovani, e era chamada de Pensão Farroupilha, em meados de 1950. Mais tarde, na década de setenta, pertencia à família Ressel. No primeiro piso funcionava a bodega e o refeitório, no segundo andar eram os quartos do pensionato. No início, a Pensão Farroupilha era procurada e ocupada por muitas pessoas que vinham a negócio na então Vila Tapejara.

• Família de Aquilino Cavichioli

Em 1932, chegou na Vila Teixeira o descendente de imigrantes italianos Aquilino Cavichioli, filho de César e Maria Cavichioli. Nasceu em 8 de novembro de 1895 em Caxias do Sul. Suas atividades iniciais na Vila Teixeira foram como sócio da Casa Comercial Ângelo Dalzotto. Atuou também com seu

caminhão junto às serrarias da região no transporte de madeira para Coxilha. Participou das atividades comerciais da vulcanizadora de pneus de Passo Fundo. Na Vila Tapejara, atuou como presidente do Clube Comercial, e foi em sua gestão que concluíram as instalações situadas na época na Rua 15 de Novembro, sendo reconhecido como sócio vitalício do clube. Também foi sócio fundador do Hospital Santo Antônio. Faleceu em 26 de agosto de 1978.

• Família de Antônio Guerra

Foto da família de Antônio Guerra: filhos Aurelia, Ana, Ângela, Luis, Idonia, Rosalina, Terezinha, Margarida (mãe), Rita, Antonio (pai) e Anacleto. Foto: Arquivo da família Guerra.

Em 1926, Antônio Guerra e sua esposa, Margarida Girardelo Guerra, saíram do Município de Caxias do Sul para residir no atual Município de Marau, onde tiveram três filhos. Em 1932 mudaram-se para Vila Teixeira, onde tiveram mais cinco filhos, sendo sua prole: Luiz, Idonia Maria, Orélia, Ana, Terezinha, Rosalina, Anacleto e Rita. Antônio Guerra nasceu em 1889 e faleceu aos 72 anos de idade e Margarida nasceu em 1889 e faleceu com 95 anos de idade.

Um dos seus filhos, Luis Guerra, o primogênito, casou-se com Amélia Maria Piroli Guerra em 19 de fevereiro de 1949. Viveram muitos anos no interior do Município de Tapejara, na comunidade de Nossa Senhora de Caravaggio, onde tiveram oito filhos: Neide Terezinha, Nilva Anunciata, Ana Maria, Clarice Salete, Genésio Antônio, Genuíno, Gilberto e Cleci Libera.

A primeira filha do casal recebeu o nome de Neide Terezinha. Ela se casou com Edgar Evangelista dos Santos, em 20 de julho de 1980. Viveram sempre na comunidade de Nossa Senhora de Caravaggio e tiveram três filhos: Vitor, Cristina e Paula.

• Família de Bortolo Poletto

O imigrante italiano Bortolo Poletto nasceu em Vêneto, Itália, e chegou ao Brasil com quatro anos, junto de seus pais. Dirigiram-se à localidade de Rio Carreiro, Alfredo Chaves, Veranópolis, por volta de 1904. Ali, Bortolo casou-se com Delmina Perondi. Desenvolvia com seus irmãos, Cristiano e Jacó, atividade agrícola de subsistência, além do cultivo de cana-de-açúcar. Recorda um de seus filhos, Pedro: "Fazia cachaça e envasava numa pequena pipa de madeira de cinquenta litros, colocava no lombo de mulas e vendia em Guaporé, na Linha Onze".

Em 1919, a família foi morar em Linha Emília, Guaporé. Foi na Linha Emília que nasceram seus filhos Pedro, Tereza, João, Jacó, Giordano e Rosa (gêmeos), José e Amábile. Com a família constituída, vieram para Vila Teixeira em meados de 1933, em busca de melhores terras para o cultivo. A mudança veio transportada por um caminhão Chevrolet 1929, de Ângelo Bianchi, que na época fazia frete das velhas colônias às novas terras. Pedro conta: "Eu e os irmãos Antônio e João viemos de carroça puxada por bois

e demoramos três dias para chegar. Viemos por Guaporé, Casca, Água Santa e fomos direto às terras localizadas no interior da Vila Teixeira, adquiridas pelo pai, as quais eram de Francisco Sandini. Na época, eu tinha cerca de doze anos."

Pedro Poletto casou-se em meados de 1944 e permaneceu morando por dois meses com seus pais. Em seguida veio morar com seu irmão Antônio, que residia na atual Rua Júlio de Castilhos, esquina com a XV de Novembro. Ao lado, havia um prédio de alvenaria onde Antônio fabricava gasosa (refrigerante) e envasada em garrafa de vidro nos sabores de laranja, limão e abacaxi. A gasosaria era denominada Gasosaria de Antônio Poletto. Pedro permaneceu como sócio do irmão na atividade até 1953.

- **Família de Florindo Gardelin**

A família do imigrante italiano Florindo Gardelin, casado com Justina Canali Gardelin, chegou em Vila Teixeira em 1939. Seus pais vieram da Itália para o Brasil em 1890. Seu pai desenvolvia o ofício de Pastor no morro De Levete, local este ligado ao Concílio de Trento, na Itália. Vieram da Itália em sete pessoas: o casal e cinco filhos. Destes, apenas Florindo veio à Vila Teixeira.

Florindo desenvolvia o ofício de ferreiro na ferraria que seu pai possuía em Ana Rech. Havia tanto serviço que exigia atividade durante o dia e, muitas vezes, se estendia pela madrugada. Mais tarde, ficou com sua saúde debilitada e, impedido de continuar trabalhando no ofício, foi informado que em Vila Teixeira havia muitas serrarias instaladas e funcionando; então, decidiu mudar-se com a família para trabalhar na manutenção e no conserto de máquinas a vapor que moviam as serrarias ali instaladas.

Durante alguns anos, trabalhou como sócio na serraria de seu cunhado Tranquilo Canali. Mais tarde, em 1950, em Vila Tapejara, desenvolveu o ofício de pedreiro, sendo que foi ele quem começou a colocar os alicerces do prédio do Frigorífico São Paulo S/A.

DISTRITO – VILA TAPEJARA

Por volta de 1935, o então Distrito de Sede Teixeira tinha seus limites definidos pelo Poder Público de Passo Fundo: a oeste com o Município de José Bonifácio (Getúlio Vargas), ao Sul com o Distrito de Água Santa e a leste com os distritos de Coxilha e Sertão, sendo que a população calculada era de cerca de 8.200 habitantes. É sede do Distrito, Vila Teixeira, um núcleo com edificações distribuídas sobre uma colina. Além da sede, muito povoada, existiam no distrito outros centros povoados por famílias de colonizadores, entre os quais São Silvestre, Carreteiro, São Domingos, São João Batista, Vista Alegre, Linha Glória, São Jacó, Rio Coroado, Paiol Novo, Santana, Santa Terezinha, Nossa Senhora do Carmo e Sede Rocha, localidades, na sua maioria, batizadas com o nome dos padroeiros e padroeiras das capelas que ali surgiram da manifestação e do sentimento religioso das famílias dos colonizadores, que são, na sua quase totalidade, de origem italiana.

- **O desenvolvimento do Distrito**

A chegada de mais famílias de imigrantes e seus descendentes a Sede, posteriormente Vila Teixeira, no período entre 1920 e 1940, juntando-se àqueles já assentados e instalados, contribuiu para a efetiva participação de segmentos da comunidade na implementação de pequenas atividades industriais, comércio e prestação de serviços, com melhorias na agricultura e beneficiamento da madeira e no atendimento da população em suas necessidades básicas. Além disso, foi possível consolidar a Ação Pastoral Evangelizadora da Igreja Católica. Entretanto, existia a preocupação das lideranças e da população com

Vila Tapejara em 1945. Foto: Arquivo de Mario José Felini.

a estruturação e institucionalização dos serviços de saúde, educação, religiosos, lazer e financeiros.

Em meados da década de 1940, a Vila Teixeira, então 14º Distrito de Passo Fundo, foi denominada Vila Tapejara, pelos primeiros povoadores do território, os índios Kaingang. Tal denominação tem um significado muito interessante; desdobrando, significa tape, caminho, e yara, que quer dizer senhor, ou seja, "Senhor dos Caminhos".

Vila Tapejara em 1950. Fonte: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

• Famílias na Vila Tapejara

Nas décadas de 40 e 50, chegaram na Vila Tapejara muitas famílias de descendentes de imigrantes oriundos, entre outras localidades, das de: Guaporé, Marau, Passo Fundo, Garibaldi, São Sebastião do Cai, Lagoa Vermelha, Sananduva e outros. Entre as famílias: Amante Caselani e Leticia Mocelin (1941); Antônio Lovatto (1942); Affonso Muxfeldt (1943); João Manoel Bernardes (1943); Adelino

Cauduro (1943); os irmãos Dionísio, Pedro e João Bertoglio (1944); Ilma Ongaratto Rosa (1944); Leopoldo Muxfeldt (1944); Luiz Girardello e Eva Pivetta Girardello (1945); Egidio Scatola (1947); Mario Doring (1948); Heitor Ferreira de Figueiredo (1950); Abelle Polycarpo Artusi (1950); Vitor Emanuel Ghidini (1950); Ângelo Berton (1952); Olmar Domingos Simoni (1952) e Antônio Bianchini (1955).

• Amante Caselani

A família de Amante Caselani, filho do imigrante italiano Nazareno Caselani e Clementina Meneduzzi, casado com Leticia Mocelin Caselani, oriundos de Garibaldi, chegaram na Vila Teixeira em meados de 1941. A mudança veio de caminhão fretado; o casal veio de trem até Passo Fundo e o deslocamento até a Vila foi através de um pequeno ônibus de Francisco Sandini.

Amante e Leticia Caselani.
Foto: Arquivo de Ana Maria Casa Marsiglio.

Os filhos de Amante e Leticia: Doraci, casada com Sérgio Zoldan; Loivinha, primeiro casamento com Valdevino de Oliveira e segundo casamento com Lino Zanatta; Nazareno, com Neuza Zoldan; Iraci, com Domingos Barizon; Lurdes, com Ari Tognon; Tercila, com Nelson José Sitta; Valdir, com Rosa Sacomolli; e Alda, com Nélio Calegari.

• Antônio Lovatto

Em 1942, oriundo de Sananduva, chegou na Vila Tapejara Antônio Lovatto, filho de imigrantes italianos João Lovatto e Ângela Balardin, os quais tiveram doze filhos. Inicialmente, fixou-se com seu irmão Teodósio na localidade de Linha Três, onde desenvolveu atividades numa serraria. Por intermédio de Miguel Tabbal, transferiu-se para o Hospital Santo Antônio, onde se dedicou por cinquenta e cinco anos à atividade hospitalar, auxiliando nas operações e prestando atendimento como enfermeiro. Casou-se com Araci Aurora de Lima Lovatto, a qual recordou que, após o casamento, Antonio ficou noventa dias ausente devido à Segunda Guerra Mundial.

• Affonso Muxfeldt

No dia 26 de fevereiro de 1943 chegou na Vila Tapejara o descendente de imigrantes alemães Affonso Muxfeldt, filho de Guilherme Muxfeldt e Thereza Grins Muxfeldt. Affonso nasceu no dia 28 de janeiro de 1909, em Santo Antônio da Patrulha. Veio à Vila Tapejara com o objetivo de construir uma usina hidrelétrica.

Ele havia construído uma usina em Nonoai. Inicialmente, sozinho, começou a construção da referida usina por ele projetada para Vila Tapejara, já em julho daquele ano. No ano seguinte entraram como sócios Giácomo Marin e João Manoel Bernardes, o que originou a denominação social Muxfeldt, Marin & Cia. Ltda. No final de novembro de 1944, a usina ficou pronta, sendo inaugurada em 6 de janeiro de 1945, com grande churrasco à beira do Rio Ligeiro e baile à noite, na Oficina de José Zanini.

Devido à grande demanda de energia, entre os anos de 1949 e 1951 foi construída uma nova usina quinhentos metros abaixo da primeira, com maior potência e melhores condições de atender seus consumidores. Affonso também foi pioneiro nas comunicações.

Em pé, da esquerda para a direita: Eloá, Lourdes, Teresa, Isabel, Maria, Inês e Anita; sentados: Casal Affonso e Serenita, com o neto Guilherme, na década de 1980.
Foto: Arquivo de Maria Muxfeldt Basso.

No campo das atividades sindicais, Affonso foi presidente da antiga Associação Rural durante muitos anos, tendo adquirido sede própria e implementado um serviço de inseminação artificial. No ano de 1958, liderando um movimento junto com o prefeito da época, Tranqüilo Basso, e apoiado por diversos agricultores, conseguiram uma Carta Sindical a qual dava o direito de constituir um Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que foi fundado e ativado três anos depois, sendo Affonso seu primeiro presidente, durante cinco anos.

Pertencente a uma família que, tradicionalmente, se dedicava à apicultura, fundou um Clube de Apicultura. Atuou na vida política do Município. Foi fundador do antigo Partido Democrático Social (PDS) e, por ocasião da emancipação política de Tapejara, candidatou-se a vereador, ficando como 2º suplente, tendo porém logo assumido na licença de outros vereadores. Em 1959, candidatou-se novamente, sendo eleito e exercendo a presidência durante quatro anos. Durante esses anos, assumiu diversas vezes a Prefeitura e na gestão seguinte candidatou-se, novamente, a vereador, ficando como primeiro suplente, mas não assumindo a Câmara.

Fez parte do Diretório da Arena e retirou-se da vida política na gestão do prefeito Aldino Guerino Lângaro. Na vida social, também teve participação ativa. Foi um dos responsáveis pela construção da primeira sede do Clube Comercial, juntamente com Murilo Domingues, Tranqüilo Basso, José Zanini, Pedro Col Debella, Silvio Ughini, Aquilino Cavichioli, Olmar Domingos Simoni e outros. Pertenceu também a diversas diretorias do Hospital Santo Antônio, sendo um dos responsáveis pela construção da nova ala do então hospital. Na fundação do Lions Clube de Tapejara, em 1964, teve participação, sendo seu sócio fundador. Foi presidente desse clube em 1974, quando foi realizada uma Feira de Artesanato, acontecimento com repercussão regional. Além disso, participou ativamente no setor da educação, através da Sociedade Educacional Tapejarense, na criação e oficialização da Escola Técnica de Contabilidade e na criação do Ginásio Estadual nos anos 1959 a 1960. Sua esposa, Serenita, foi diretora do Ginásio Estadual e suas filhas Maria, Ignês, Eloa e Lourdes tiveram atuação como professoras e orientadoras do ensino do primeiro e segundo grau no Município.

• Família de João Manoel Bernardes

Em meados de 1940, chegava na Vila Tapejara a família de João Manoel Bernardes, oriundo de Passo Fundo. João nasceu no dia 20 de março de 1883, filho de Clemente Manoel Bernardes e Mariana Rosa da Conceição. João foi casado com Maria da Glória Dias e teve os seguintes filhos: Alcides Filho, Doralino, João e Antônio.

Realizou os serviços de agrimensor e medidor de ruas na Vila Tapejara, sendo designado pela portaria nº 52 da Prefeitura Municipal de Passo Fundo na data de 10 de maio de 1943 para ser zelador de

estradas. Também foi um dos sócios fundadores da Usina Hidroelétrica Avante, da empresa Muxfeldt, Marin & Cia.

• Família de Adelino Cauduro

Nos primeiros dias do ano de 1944, oriundo de Garibaldi, chegava na então Vila Tapejara a família de Adelino Cauduro. Adelino nasceu em 11 de julho de 1903, em Garibaldi, filho de Ângelo Cauduro e Carolina Mersoni Cauduro. Ao mudar-se para Vila Tapejara, desenvolveu as atividades de ferreiro, fabricando carretas, carroções, reboques e carrocerias. Casou-se com Maria Mocelin, com quem teve dez filhos; mais tarde, com sua viuvez, casou novamente, desta vez com Angelita Pedruci, e teve mais um filho.

Adelino era músico, tocava bombardina, cantou no Coral da Igreja Católica por muitos anos, onde aprendeu a tocar e cantar com o Padre Carino Corso, que era professor de música. Era também goleiro, defendendo times de Garibaldi, legado que deixou para os seus filhos e netos: seus dois filhos, Gesuíno e Domingos, e o neto Heleno jogaram no Clube Atlético Tapejarense. Adelino faleceu em 1982 aos setenta e nove anos de idade.

• Família de Ilma Ongaratto Rosa

Em meados de 1944, chegou Ilma Ongaratto Rosa, oriunda de Nova Bréscia, onde nasceu em 14 de junho de 1928. Filha de Adão Ongaratto e de Eliza Mocelin. Transferiu-se para Vila Tapejara na sua juventude trabalhando para a família Nelhs. Posteriormente, a Prefeitura Municipal contratou-a para lecionar na Escola de Linha Quatro, onde conheceu o seu esposo Lauro Rosa, que voltava do quartel. Moraram com os avós paternos Maximiliano e Martina Rosa. Nesse período montou os móveis da sua futura casa na carpintaria. Da união desse casal nasceram nove filhos: Edelir, Eloir, Evanir, Edir, Edair, Elzir, Raimundo (nascido prematuro, faleceu), Eliane e Elizete.

Família de Ilma Ongarato Rosa. Da esquerda para a direita: Generosa, Julieta, Carolina, Maria, Clementina, Angelo, José e Riccieri; sentados: Erminia, Ilma, Elisa (mãe), Adamo (pai) e Gomercindo.

Com o falecimento do avô Adão, Lauro e Ilma transferiram-se para Tapejara, vindo morar com a avó materna. Ilma deixou de lecionar para cuidar dos filhos e Lauro trabalhou com seu cunhado numa fábrica de vassouras. Com a venda das terras de São Silvestre comprou de seu cunhado a parte da fábrica, sendo este o sustento da família. Na terceira idade, Ilma encontrou um estímulo para seu viés poético, envolvendo-se com o grupo da Renovação Carismática Cristã. Em sua homenagem, a sala da terceira idade, localizada no Centro Cultural, leva seu nome.

• Leopoldo Muxfeldt e Rosa Muxfeldt

Em setembro de 1944, chegou a Vila Teixeira a família de descendentes alemães Leopoldo Muxfeldt e Rosa Muxfeldt, os quais adquiriram um terreno na área central, de Jacobs Barcarollo, e estabeleceram-se com casa comercial.

Leopoldo, filho de imigrantes alemães, Henrique e Leopoldina Muxfeldt, nasceu no dia 29 de maio de 1897, em São Sebastião do Caí. Ainda criança, transferiu-se com seus pais para Serra Grande – Taquara, onde estudava e trabalhava no meio agrícola. Foi carreteiro, moleiro, balconista. Afastou-se do trabalho de carreteiro, conforme recorda sua filha, a professora Esmeralda Bianchin: "Por ter uma perna doente e com dezoito anos de idade foi estudar em Taquara no Collegio Commercial Pátria, onde recebeu o diploma de Guarda-Livros em maio de 1918. Nesse tempo estudou também violino."

Após a conclusão de sua formação, continuou trabalhando como coletor exator, bancário, no Banco do Rio Grande do Sul, em Gramado. Porém, em 1930, com a revolução, todos os funcionários públicos foram demitidos e, assim, substituídos por outros. Mudou-se para Ijuí e começou a trabalhar no comércio e em banco. No dia 14 de maio de 1936 casou-se com Rosa Muxfeldt, em Ijuí, e se mudaram para Nonoai. Leopoldo trabalhou na usina e no moinho como empregado e depois estabeleceu-se com casa comercial.

O casal teve três filhos: Venício (adotivo), Henrique Guilherme (falecido) e Esmeralda. Com o falecimento do seu filho resolveram procurar um lugar para morar onde tivesse Igreja Católica, hospital

Família de Rosa e Leopoldo Muxfeldt em 1972. Da esquerda para a direita: Beatriz, Ernani, Elzira, Venicio, Rosa (mãe), Leopoldo (pai), Esmeralda, com o filho Marino no colo, Avelino, com a filha Saionara no colo, e Flavia, na frente.

com médico, dentista e escola. Decidiram morar na Vila Teixeira, onde já morava seu cunhado Affonso e família, em 1944.

Em maio de 1947, Leopoldo foi nomeado escrivão AD-AVC na Subdelegacia de Polícia de Vila Teixeira e foi nomeado também, pelo prefeito de Passo Fundo, Subdelegado e Subprefeito. O estabelecimento funcionava em um prédio na Avenida Sete de Setembro; em seguida colocaram as instalações da garagem e oficina das máquinas da Prefeitura Municipal onde era, até 2015, a edificação do Fórum.

Leopoldo atendia a Subdelegacia e também continuava com sua casa comercial, que era atendida por sua esposa, Rosa Muxfeldt. Em meados de 1949, Giácomo Marin e Lourenço José Dall'Olivo apresentaram a ideia de instalar um escritório bancário em Vila Teixeira. Conforme conta a sua filha, professora Esmeralda: "Após as tratativas com o Banco Industrial e Comercial do Sul S/A, Sulbanco, decidiu este abrir sua representação em Vila Teixeira e, pela larga experiência profissional, Leopoldo foi indicado por pessoas da comunidade para assumir o posto avançado e foi aceito pelo gerente do Banco de Passo Fundo, Lauro Kopper. Esse passou a ser o primeiro estabelecimento bancário em nossa cidade, mudando posteriormente a denominação para Sul Brasileiro S/A e depois Meridional, que aqui funcionou até há poucos anos. Assim, Leopoldo foi o primeiro bancário de Tapejara", contou.

A instalação aconteceu no dia 12 de julho de 1950, em uma sala ao lado da casa comercial de Leopoldo, que com essa nova atividade acabou fechando seu estabelecimento comercial.

Leopoldo contava com apenas um funcionário na repartição bancária, sendo auxiliado pela esposa Rosa. Ela, muitas vezes disfarçada de pessoa comum, transportava altos valores até Passo Fundo e de lá para cá também, entre pacotes de doces, hortaliças, flores, folhagem e outras coisas para disfarçar o dinheiro que estava transportando sem que as pessoas desconfiassem da vendedora.

O primeiro depósito foi realizado por Giacomo Marin, que abriu a primeira caderneta, no valor de cinquenta contos de réis. Os fiadores à abertura do escritório bancário foram: Giacomo Marin, Lourenço José Dall'Olivo e Affonso Muxfeldt.

Em 1953, Leopoldo acabou transferindo as instalações do escritório bancário para a sua nova casa de alvenaria, construída ao lado da antiga, onde alugou para o Sulbanco uma peça para o seu funcionamento, na Rua do Comércio, 1296. Ficou a seu cargo até o dia de 23 de março de 1961, quando se afastou das atividades por motivo de saúde.

Leopoldo era muito ativo. Apoiou o movimento emancipacionista de Tapejara, o qual saiu-se vitorioso no dia 9 de agosto de 1955. Também foi sócio da Firma Muxfeldt, Marin & Cia. Ltda., do Clube Comercial, do Grêmio Futebol Tapejarense e contribuiu com a Paróquia Nossa Senhora da Saúde, além de obras assistenciais.

Seus familiares recordam que ele gostava de cantar, tocar gaita-ponto, gaita de boca, violino e brincar com os netos. Dizia sempre: "A vida é bonita e vale a pena viver". Leopoldo faleceu aos 91 anos no dia 1º de dezembro de 1988. Sua esposa Rosa faleceu com 87 anos no dia 5 de novembro de 1989. Completaram Bodas de Ouro em 1986 e deixaram uma mensagem para os jovens: "O matrimônio é um sacramento não apenas no momento em que se realiza, mas durante todo o tempo em que ele permanece".

• Família de Luiz Girardello

José Girardello e Pierina Botton nasceram e viveram em Nova Palma, atual distrito de Júlio de Castilhos. Um dos filhos de José e Pierina foi Luiz, que veio a contrair matrimônio com Eva Pivetta, filha de Alessando Pivetta e Augusta Pivetta, em 1935, na igreja de Nova Trento. O casal Luiz e Eva foi morar com seus pais José e Pierina. Ele trabalhava na oficina mecânica e no armazém de seu pai, onde vendiam fardos de

fumo às fábricas de cigarro.

Em maio de 1945, a família de Luiz e Eva locomoveu-se para o Município de Tapejara, vindo em busca de trabalho. Ele era motorista e soube que a firma de Ughini & Bertoldo Cia. Ltda. precisava de motorista; dirigindo-se até lá conseguiu ser admitido pela empresa; sendo assim, passou a transportar farinha de trigo, milho, vinho, vinagre e suínos gordos para Guaporé, Passo Fundo e Linha Onze, atual Município de Serrafina Correa.

Luiz Girardello, em 1985, em sua oficina, localizada atrás de sua casa, na Rua Independência, onde hoje é a entrada da empresa Femene, trabalhando em seu oficio de torno mecânico. Na direita, seu sobrinho Mauri Pivetta.
Foto: Arquivo de Marilene Inez Biazus.

No período de 1945 a 1953, aconteceu no Município de Tapejara uma intensa derrubada de pinheiros pelas várias serrarias que estavam ali estabelecidas. Luiz adquiriu o caminhão que estava dirigindo, que era da então firma em que trabalhava, transformando sua carroceria em reboque para transporte de toras e tábuas das serrarias para Coxilha.

Em meados de 1956, Luiz instalou uma fábrica de vassouras nos altos da Rua do Comércio; passou a vender e distribuir vassouras no sudoeste do Paraná e na volta trazia mel com seu caminhão F8.

• Egídio Scatola

A família de Egídio Scatola mudou-se à Vila Teixeira no ano de 1947. Ele nasceu em 1º de outubro de 1903, na cidade de Tiradentes, hoje Nova Bréscia. Egídio é filho de José e Virgínia Scatola e foi membro de uma grande família de dezesseis irmãos, sendo seus pais imigrantes italianos. Casado com Ana Armelinda Artus, com quem teve seis filhos, dois homens e quatro mulheres; duas faleceram ainda quando jovens. Egídio escolheu a Vila Tapejara por ser considerada na época uma "terra nova", com muitas oportunidades. Scatola era taxista, conhecendo bem o ofício de chofer de praça. Foi o primeiro chofer de praça, sendo sempre designado para transportar doentes e também professores que lecionavam em outras localidades. Sua filha Alzira recorda da "professora Catarina Borba, que era supervisora das escolas e que sempre solicitava os serviços de seu pai por ser da sua confiança".

Outra lembrança que muito marcou sua filha: "Nós morávamos na colônia e ele reunia a família no velho galpão para os afazeres da atividade agrícola e, sempre muito feliz, cantarolava músicas italianas para os filhos; ele tocava também saxofone". Egídio exerceu o oficio de taxista até a morte, em 24 de julho de 1976. O seu filho Armindo seguiu a profissão do pai, exercendo o ofício de taxista no ano de 1950 com o automóvel Ford 38 preto.

• Família de Mario Doring

Em meados de 1948, chegou na Vila Teixeira a família de Mario Doring. Ele nasceu no dia 4 de julho de 1922, em Passo Fundo. Filho de Júlio Doring e Isolina de Quadros. Mário teve doze irmãos e casou-se com Elsa Zimmermann em 1948. Tiveram seis filhos, sendo eles: Eunice, Maria Aparecida, Marlene, Roberto, Vera Lúcia e Rogério.

Desenvolveu o ofício de eletricista, tendo participado da construção da rede de energia desde os primórdios. Na Muxfeldt Marin & Cia., empresa em que trabalhou durante toda a vida profissional (iniciou com vinte e dois anos). Foram construídas por Affonso Muxfeldt e Mário Doring outras usinas, entre

as quais em Ciríaco, Itá e São Carlos. Foi também sócio fundador do Clube Comercial e participou da campanha de emancipação de Tapejara, na comissão de 1955.

Instalação da primeira chave seccionadora instalada em Tapejara. Da esquerda para a direita: Rui Marcolin, Mario Doring e Morinete em cima do poste. Foto: Arquivo de Vera Doring.

• Vitor Emanuel Ghidini

João Ghidini, viúvo, chegou à então Linha Salete, vindo de Caxias do Sul, em meados de 1950. Na localidade e proximidades já estavam radicados, havia tempo, seus filhos Guilherme, Luiz, João, Vitor Emanuel. Passou a residir na casa de seus filhos. Realizava pequenos serviços e consertos nos prédios e instalações de propriedade de seus filhos e das famílias da vizinhança e das redondezas. Mais tarde, transferiu-se para o Município de Guaporé. Um dos seus filhos, Vitor Emanuel, morou também na então Linha Salete, trabalhando na serraria de seu tio Guilherme Ghidini, nas proximidades do Carreteiro. Permaneceu na atividade até que o estabelecimento foi vendido à firma Franciosi & Fossatti, no final da segunda metade da década de 1950.

Virginia Milani Ghidini e Vitor Emanuel Ghidini, na década de 1960. Foto: Arquivo de Valdemar Ghidini.

A partir de então a família de Vitor Emanuel, sua esposa Virginia Milani Ghidini e seus filhos Valdomiro João, Valdemar, Ivanir, Evanilda, Wilson e Valdino passaram a trabalhar no meio agrícola. Cultivavam principalmente milho, trigo e criavam suínos, vendidos para a então firma de Teodoro Rech, de Água Santa, e Frigorifico São Paulo S/A, de Tapejara.

• Ângelo Berton

Descendente de famílias de imigrantes italianos, Ângelo Berton, veio de Guaporé para a Vila Tapejara em meados do ano de 1952, por acreditar que aqui teria um futuro melhor e pelas informações obtidas na época. Era filho de João Batista Berton e Maria Baldin, ambos vindos da Itália. Ângelo nasceu em 15 de agosto de 1912, na Linha 15, em Guaporé e teve oito irmãos. Casou-se com Francisca Spanhol Berton, constituindo família com nove filhos: Genésio, Amábile, Ana, Helena Maria, Ademar, Aldo, Leda, Gilmar e Sandra. Quando morava em Guaporé fabricou facas por aproximadamente um ano. Na Vila, ele foi ferreiro por dez anos, juntamente com José Zanini. Em seguida montou uma funilaria. Ângelo Faleceu no dia 15 de abril de 1992.

• Olmar Domingos Simoni

Ainda em 1952, mudou-se à Vila Tapejara a família de descendentes italianos Olmar Domingos Simoni, natural de Guaporé. Olmar viveu sua infância e adolescência na localidade de Putinga, onde aprendeu com os pais o ofício de dentista. Conheceu Lídia Zoldan Simoni, sua esposa, na localidade de Revaldo. Após o casamento vieram morar em Água Santa, na época Distrito de Passo Fundo.

Tiveram cinco filhos: Luiz Carlos, João Carlos, Carlos Roberto, Maria Helena e Maria Angélica. Na Vila Tapejara continuou exercendo o ofício de dentista, porém envolveu-se com a comunidade, sendo presidente da Comissão Emancipacionista que em 1955 elevou a condição de Distrito de Vila Tapejara para Município de Tapejara.

Sua família recorda: "Ele se envolveu muito nisso, deixando algumas vezes seu lar para dedicar-se à campanha emancipacionista, na qual 'gastou' totalmente o seu carro, devido às pedregosas estradas da época". Também foi presidente do Clube Comercial por várias gestões, sendo, também, um dos primeiros vereadores do Município.

• Antônio Bianchini

Em 23 de fevereiro de 1955, veio para estabelecer-se na Vila Tapejara Antônio Bianchini. Filho de José Bianchini e Maria Balbinot Bianchini. Antônio nasceu numa localidade pertencente ao então Distrito de Passo Fundo, Vila Marau, atualmente pertencente ao Município de Vila Maria, no dia 5 de junho de 1932, e teve onze irmãos. Casou-se com Regina Migliorini no dia 23 de maio de 1957, que conheceu ainda em Vila Maria quando eram vizinhos. Tiveram quatro filhos: Odil Léo, Cláudio, Miriam e Maristela.

Antônio Bianchini com seus irmãos em Tapejara. Da esquerda para a direita: Lidia, Luiz, Irene, Antônio e Odila. Foto: Arquivo de Antônio Bianchini.

Na Vila Tapejara, trabalhou com conserto e fabricação de calçados. Mais tarde, iniciou com a família a atividade comercial com loja especializada na venda de calçados e confecções. Na década de 80, já com a contribuição do trabalho dos filhos e filhas, começou a diversificar seus negócios, na construção civil, na agricultura, no comércio de grãos, entre outros. Ele realizou diversas viagens, feitas com o intuito de adquirir conhecimento, por vários países do mundo, como França, Itália, Alemanha, Israel, Grécia, Turquia, EUA, dentre outros.

TAPEJARA

Através do Decreto-Lei Estadual nº 720, de 29/12/1944, o Distrito de Teixeira tomou o nome de Distrito Tapejara. No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o Distrito de Tapejara (ex-Teixeira) figura no Município de Passo Fundo, assim permanecendo em divisão territorial datada de 01/07/1955.

A origem do nome foi denominação que os índios deram ao Rio Carreteiro, desdobrando tepé, que quer dizer caminho e yara, que quer dizer Senhor, isto é, "Senhor dos Caminhos" (SENHOR DOS CAMINHOS, 1989).

• O Movimento Pró-Emancipação e a Emancipação – antecedentes

O Movimento Pró-Emancipação de Tapejara originou-se do processo de constituição da estrutura agrícola-comercial, alicerçada no desenvolvimento e na estruturação das atividades e dos empreendimentos agrícolas, comerciais, sociais, culturais e medidas político-administrativas, entre as quais delimitação e demarcação do território, ocupado gradativamente pela população no decurso do tempo. A partir do Núcleo Itália para Sede Teixeira, pertencente ao Distrito de Sete de Setembro, atual Município de Charrua.

Com o desenvolvimento provocado pelos colonizadores, por volta de 1929, foi elevada à categoria de 14° Distrito de Passo Fundo, com a denominação de Vila Teixeira. O aumento da população, somada aos já estabelecidos e instalados, determinou ativa participação de segmentos na implementação da agricultura, do comércio, de pequenas indústrias de transformação dos grãos e frutas produzidas na localidade e melhorias no ensino e assistência à saúde contribuíram para que, em meados de 1940, a Vila Teixeira continuasse Distrito de Passo Fundo, mas com nova denominação: Vila Tapejara.

Encontro dos comissários das localidades do então Distrito de Tapejara, que se reuniram para buscar a emancipação do Município. Foto: Arquivo de Olinto Melara.

Além disso, começaram a surgir, ao mesmo tempo, partidos políticos no Distrito, os quais, no decorrer do tempo, elegeram vereadores para compor a Câmara de Vereadores de Passo Fundo até a data de instalação do Município, em 1º de janeiro de 1956. Na Legislatura de 28 de novembro de 1947 a 31 de dezembro de 1951 foram eleitos Tranqüilo Basso, da Coligação União Democrática Nacional (UDN) com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), com apoio da firma Irmãos Ughini & Bertoldo e Cia. Ltda., que obteve cerca de trezentos votos; Miguel Tabbal, representante do Partido Democrático Social (PDS) obteve mais de quatrocentos votos, com o apoio de José Zanini, industrial e líder comunitário ligado à Igreja Católica e um dos idealizadores e empreendedores do novo e recente inaugurado Hospital Santo Antônio; também foi eleito Carino Canali, representando a coligação Partido de Representação Popular (PRP) e Partido Libertador (PL), com mais de duzentos votos, com o apoio do meio agrícola.

Na Legislação de 1º de janeiro de 1952 a 31 de dezembro de 1955, o Distrito de Tapejara garantiu a eleição de um representante na Câmara de Vereadores de Passo Fundo. Foi eleito, para a legislatura, Tibério Francisco Amatéa, representante da aliança PDS e PL, com apoio do comércio e meio agrícola local.

• A Comissão Emancipacionista

A primeira Comissão Emancipacionista foi escolhida em Assembleia no dia 20 de agosto de 1953. A Diretoria da Comissão foi composta por: Presidente, Olmar Domingos Simoni; Vice-Presidente, Miguel Tabbal; 2º Vice-Presidente, Alcides Bertoglio; 1º Secretário, Tranqüilo Basso; 2º Secretário, Tibério Francisco Amatéa; 1º Tesoureiro, Giácomo Marin; e 2º Tesoureiro, Vendelino Träsel.

Participaram da Assembleia: Abele Polycarpo Artusi; Adelino Cauduro; Adriano Artusi; Afonso H. Riva; Affonso Muxfeldt; Alberto A. Zilio, Albino Costa; Alcibíades Siloch; Alcides C. Vegner; Alcides Sandini; Alexandre Felizari; Alfredo A. Bauerman; Alfredo Campiol; Alfredo Girardi; Altério Zoldan; Américo Ferreira da Silva; Angelo Barbieri; Angelo Berton; Angelo Biasutti; Angelo Cauduro; Angelo Ceni; Angelo Eugênio Dametto; Angelo Giusti; Angelo Menegaz; Angelo Ughini; Anildo Cavichioli; Antônio Lovatto; Antônio Luiz Miotto; Antônio Marcon; Antônio Meneghini; Antônio Poletto; Antônio V. Borba; Arlindo T. Albuquerque; Armindo A. Zilio; Armindo Koch; Arnildo Bamberg; Arnoldo V. Träsel; Artur Figueiredo; Atilio Casagrande; Aurélio Sossella; Avenente Bonfante; Benjamin Spagnol; Bernardo Barbon; Carlos Miorando; Carlos Sitta; Ciro Boeira; Cornélio Costa; Dario Roman; Delírio J. Ughini; Demétrio Marcolin; Devino Ughini; Domingos Alberto Debastiani; Domingos Tozon; Edmundo A. Moldener; Eduardo Ferreira da Silva; Eduardo Sasset; Egídio Scatola; Estevão Kunz; Egidio M. Zanatta; Eugênio S. Zanatta; Fioravante Brambatti; Fortunato Peruzzo; Francisco Sandini; Francisco Zanatta; Generino Girardi; Guerino Broch; Guerino Toson; Guerino Miotto; Heitor Figueiredo; Herculino Potrich; Hermes Silva Moraes; Iedo Costamilan; Ivo Moretti; Guilherme Michel; João A. Casa; Pedro G. Sitta; João B. Riva; João Costa; João Figueiredo; João Fontana; João M. Bernardes; Joaquim Giusti; José A. Malmann; José Dall'Igna; José Sandini Neto; José Zanini; Lidio Bacega Rech; Lino Zanatta; Luiz Dall'Igna; Luiz Girardello; Mansueto Canali; Mario de Quadros; Mario Doring; Murilo Domingues; Nelson Zanatta; Orestes A. Pedruzzi; Orlando Zanini; Padre Raimundo Damin; Pedro Antunes de Figueiredo; Pedro Col Debella; Pedro José Sitta; Querino Maito; Severino Dalzotto; Silvestre Sandini; Silvio Ughini; Taudelino Antunes de Quadros; Torino Costa; Valdemar Lamb, Vergelino Eron Borges; Verginio Borela; Vitório Guerino Zanatta; Waldomiro Debastiani; Willi Franz Nehls; Zelmir Vicenzi; e Zoé Malgarejo.

• Movimento Pró-Emancipação

O processo evolutivo que acabou desaguando em meados de 1950 favoreceu o surgimento, na Vila Tapejara, de manifestações de lideranças respaldadas por parcelas da população que tinham como objetivo promover o movimento pró-emancipação em meados de 1953 e conquistar a emancipação do Distrito de Tapejara incluindo as Vilas de Ibiaçá (do Município de Lagoa Vermelha); Charrua (do Município de Getúlio Vargas); e Água Santa (do Município de Passo Fundo). Mais tarde, em meados de 1955, na fase derradeira do movimento, perdeu Ibiaçá, que foi anexado ao novo Município de Sananduva.

Para alcançar o fim a que se destinava, o movimento de emancipação político-administrativa do Distrito de Tapejara desenvolveu inúmeras atividades, contatos e reuniões preparatórias nos distritos, a fim de mobilizar a população para uma Assembleia Geral, que ocorreu em 20 de agosto de 1953, nas dependências do Salão Paroquial. A finalidade do evento foi constituir a Diretoria do Movimento, que até então vinha sendo coordenado por algumas lideranças. Na oportunidade do ato, foi proposto e apresentado pelo Padre Raimundo Damin um elenco de lideranças para integrarem a Diretoria, conforme segue: Presidente: Olmar Domingos Simoni; Vice-Presidente: Miguel Tabbal; 2° Vice-Presidente: Alcides Bertoglio; 1º Secretário: Tranqüilo Basso; 2º Secretário: Tibério Francisco Amatéa; 1º Tesoureiro: Giácomo Marin; e 2º Tesoureiro: Vendelino Tresel.

A Diretoria foi aceita e aclamada pela maioria dos presentes e imediatamente empossada, passando a presidir a reunião o novo presidente, Olmar Domingos Simoni. Compareceram noventa e quatro lideranças do Distrito de Tapejara, onze do Distrito de Água Santa, seis do Distrito de Charrua e vinte do Distrito de Ibiaçá. Foi decidido pela maioria dos presentes autorizar a Diretoria a iniciar o trabalho de propaganda objetivando a emancipação do Distrito de Tapejara, incluídas as Vilas de Ibiaçá (do Município de Lagoa Vermelha); Charrua (do Município de Getúlio Vargas) e Água Santa (do Município de Passo Fundo).

Nesse mesmo dia da Assembleia Geral, 20 de agosto de 1953, o Padre Raimundo Damin enviou uma carta dirigida às diretorias das capelas da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, solicitando empenho no esclarecimento das vantagens que representaria a emancipação. “Como é do conhecimento vosso, Tapejara deseja emancipar-se. Julguei acertado dirigir a vós que sois dos mais esclarecidos do lugar, umas palavras a respeito. Tomei a peito esse movimento por conhecer as vantagens extraordinárias que a emancipação de Tapejara oferece a todos nós. Sei que se trata duma campanha de grande envergadura. Como, porém, está em jogo o bem de Tapejara, estou pronto a trabalhar” (TREVISO, 2003, p. 7). Na mesma carta, o Padre Damin passa a descrever algumas vantagens, tais como mais recursos para o novo Município, possibilidades de alguns serviços públicos estarem mais próximos, uma melhor assistência técnica para os agricultores. Termina a carta afirmando: “Respeito a opinião de cada qual, mas faço um veemente apelo para que marchemos unidos para o nosso próprio interesse. Faz mais de trinta anos que moro em Tapejara, faz mais de dez anos que sou sacerdote aqui. Quanto tempo permanecerei ainda aqui não sei. Enquanto estiver aqui, porém, trabalharei pelo bem de Tapejara e seu bom povo” (TREVISO, 2003, p. 8).

Em obediência à autorização delegada pela Assembleia, no dia seguinte, a Diretoria, através dos membros da secretaria, solicitaram a impressão, à Gráfica e Tipografia Nelhs, folhas de papel sob forma de requerimento, com linhas verticais, para coletar assinaturas dos partidários à emancipação. O material, em forma de requerimento, era encabeçado por pedido de emancipação do Distrito de Tapejara, incluindo os Distritos de Água Santa (do Município de Passo Fundo); Charrua (do Município de Getúlio Vargas) e Ibiaçá (do Município de Lagoa Vermelha). Logo após impresso, foi distribuído às lideranças

dos Distritos, objetivando a coleta das assinaturas, a fim de constituir a moção popular pró-emancipação do Distrito.

Depois de coletadas as assinaturas, as listas foram entregues à Secretaria da Diretoria do Movimento, que levou o material para o Cartório Distrital, onde foi reconhecida firma das assinaturas. O Cartório despachava para a Subdelegacia (Vila Tapejara) ou Subprefeitura (Vila Água Santa, Charrua e Ibiaçá), ali era verificado se os que assinaram a moção popular residiam no respectivo Distrito. Numa das primeiras listas apresentadas, datada de 7 de outubro de 1953, foi constatada pela autoridade policial (Subdelegado), que Leorindo Cavichioli, na época, residia em Lages, Estado de Santa Catarina.

Os signatários que assinaram o requerimento pela emancipação no Distrito de Tapejara foram seiscentos e setenta e três, constituídos por quinhentos e dezesseis eleitores e cento e cinquenta e sete eleitoras. Dentre as eleitoras: Helena Damin Rocha, Gema Dalzotto, Elza Anna Col Debella, Maria Luiza Carlotto Zanatta, Mafalda Damin, Margarida Etelvina Sitta, Maria Rovani, Anna Lângaro, Terezinha Arcari Gasperin, Emilia Miloca Dall'olivo, Anna Luiza Bacega, Constância Fardo Marcolin, Alzira Sandini Zen, Serenita D. Muxfeldt, Gemila Maria Costa Pirolli, Irica Crescencia Klein Hall, Wilma Lângaro Ughini, Irma Zanini, Francisca Costa Zanini, Italina Marcolin, Catarina Fazolin Debastiani, Maria Gema Spader, Terezinha Elizabete Spader, Edelfina Ernesta Gandini Variza, Milena M. Bernardes, Maria Lucion, Florentina Jouris, Ida Menegaz, Maria Spagnol, Edy Quintina Zambenedetti, Saide Adaime, Maria Zanatta, Maria Mocelin, Lúcia Zanini, Thereza Marchiori, Clarinda Maria Marchiori, Irmã Dalbosco Costa, Gemma Tereza Paviani, Amabile Maria Canali, Maria Peronilia Friederich, Lucinda Souza Borges, Cecília Sitta Gandini, Terezinha Zapani, Norma Cadore, Jovelina Maria Lucion, Ida Menegaz, Armelinda Pirolli e Angelina Zoldan.

Eram duzentos e sessenta e oito eleitores, constituídos por sessenta e sete eleitoras e duzentos e um eleitores que subscritaram o requerimento que solicitava a incorporação do Distrito de Água Santa (Passo Fundo) ao futuro Município de Tapejara. Entre as eleitoras moradoras do Distrito de Água Santa, assinaram o requerimento: Celestina Dorini Lângaro, Tereza Dalzotto Ughini, Santa Girardi, Dileta Rosalina Bragnolo, Catarina Dalmina, Tereza Peruzzo, Rosalina Miorando Manica, Ângela Meneghini, Ema Pegoraro Zotti e Regina Bianchi Peruzzo.

Cerca de duzentos e setenta e dois eleitores alistados no Distrito de Charrua (Getúlio Vargas), grupo composto de vinte e seis eleitoras e duzentos e quarenta e seis eleitores, assinaram pela agregação do Distrito ao futuro Município de Tapejara. Dentre as eleitoras que assinaram: Maria Corrêa Hoffmann, Joana Zanella Peruzzo, Ernestina Almeida Domingues, Tridalina Bruch Lang, Graciosa Dal Pizzol e Dileta Roncalho.

Cento e vinte e três eleitores inscritos no Distrito de Ibiaçá (Lagoa Vermelha) também assinaram a anexação do Distrito ao futuro Município de Tapejara, entre os quais, dezenove eleitoras e cento e quatro eleitores. Dentre as eleitoras: Beatriz L. Ughini, Rosalda Dalzotto Pinzon, Angelina Maria Baroni Rossi, Celina Fachinello Marchiori, Amabile Maria Maito e Aldina Pierozan.

• Primeira tentativa – Arquivamento

Concluída a coleta, reconhecidas as assinaturas e na posse das listas, a Secretaria do Movimento elaborou o requerimento com o abaixo-assinado encabeçado por petição endereçado ao Presidente da Assembleia do Estado do Rio Grande do Sul, que foi protocolado na Secretaria da Assembleia no final de outubro de 1953. A Secretaria despachou o expediente à Presidência da Assembleia, que o acolheu e, em seguida, como era de praxe, despachou para a Comissão Especial de Divisão Territorial, constituída

por uma comissão técnica de Presidente, Vice-Presidente, Secretário e Relator. Os expedientes eram distribuídos para o Relator, que, após um período de estudos, elaborava relatório e apresentava na sessão da Comissão Especial de Divisão Territorial, que se reunia de tempos em tempos para apreciar matérias de sua competência.

Na sessão da Comissão do dia 19 de novembro de 1953, o relator apresentou o Expediente nº 1.142, que trata da emancipação do Distrito de Tapejara. O relatório apresentado na oportunidade considerou que a moção popular que constituiu a petição inicial não obedeceu a formalidades legais do art. 16 da Lei que regula a matéria. A Comissão Pró-Emancipação foi notificada para cumprir, por despacho de providências, as formalidades, a fim de juntar certidão de que as assinaturas da petição de folhas são eleitores residentes nas áreas em processo de emancipação, de cuja lista são signatários da moção popular. Feita a diligência no que tange ao recolhimento em notas públicas das assinaturas da moção popular, resultou no seu integral cumprimento em relação aos signatários do pedido de Tapejara, Água Santa e Ibiaçá e o não cumprimento em relação a Charrua, cuja escrivã achava-se enferma, conforme atestado médico.

Conforme os documentos apresentados à receita, apresenta Tapejara Cr$ 191.964,20; Água Santa Cr$ 78.082,40; Charrua Cr$ 155.792,00; Ibiaçá Cr$ 174.164,00. O total perfaz Cr$ 600,002,60. O estudo considerava Tapejara satisfatória, quanto à receita, a exigência legal na hipótese de serem hábeis os documentos apresentados, mas cumpre notar que o documento referente a Tapejara e Água Santa fala em arrecadação total, o que está em desconformidade com o estabelecido no inciso II do art. 8º da Lei que versa sobre a matéria; também no que tange ao documento do Distrito de Charrua, fala em arrecadação total.

Foi então requerida uma diligência, no sentido de esclarecer os dados referentes à receita tributária – impostos e taxas de Tapejara, Água Santa e Charrua, que verificou: foi confirmada a receita discriminada de impostos e taxas do Distrito de Charrua; segundo: não foi satisfatória a diligência em relação a Tapejara e Água Santa. A verdadeira situação da receita tributária, impostos e taxas dos Distritos: do Distrito de Tapejara, cerca de Cr$ 157.548,00; Água Santa, Cr$ 62.660,30; Charrua, Cr$ 157.792,00; Ibiaçá, Cr$ 174.1164,00; total: Cr$ 551.164,70. O parecer do Relator foi que os distritos emancipados têm receita tributária inferior a Cr$ 600.000,00, mínimo legal exigido.

Quanto à população dos Distritos, que perfaz 24.820 habitantes, para o Relator Tapejara não necessita propriamente da população de Ibiaçá, mas atravessa o Rio Apuaê (Ligeiro) para buscar receita suficiente. Segundo o Relator, a Comissão Revisora da Divisão Territorial do Estado em seu parecer, no expediente emancipação de Sananduva, opinou contrariamente à emancipação de Tapejara, pois entende, por motivo de ordem técnica e de ordem territorial, que Ibiaçá deve ser incluído na organização de Sananduva. Embora sejam favoráveis ao maior número de emancipações, não podem concordar, após estudos dos expedientes de Tapejara e Sananduva, no momento, com a emancipação de Tapejara. Alegam não somente em face dos defeitos que apresenta o expediente, ferindo o art. 16, no que tange ao reconhecimento direto das assinaturas e ainda porque não cumpre o estabelecido no inciso II dos arts. 2º e 8º de Lei que se refere à receita tributária. Nessas circunstâncias, a Comissão conclui pelo arquivamento do Expediente número 1.142, que trata da emancipação de Tapejara. O expediente foi arquivado em 19 de novembro de 1953. Resulta travar a marcha do processo pró-emancipação do Distrito de Tapejara incluídos os Distritos de Ibiaçá (do Município de Lagoa Vermelha); Charrua (do Município de Getúlio Vargas); e Água Santa (do Município de Passo Fundo).

• A luta pela emancipação continua

Entretanto, as dificuldades de travar a marcha do processo pró-emancipação do Distrito de Tapejara imposta pelas autoridades competentes em fiel obediência à Lei não desmobilizou o movimento. Pelo contrário, possibilitou e permitiu o fortalecimento e a busca de novo foco de luta a fim de conquistar a emancipação político-administrativa de Tapejara. Para reforçar, era criado e elaborado, em meados de 1955, um informativo distribuído à população que tinha como finalidade informar a importância dos benefícios que viriam com a emancipação. Um dos primeiros informativos foi o que segue:

> *Por que queremos emancipar-nos? A fim de esclarecer ao povo de Tapejara sobre as vantagens da emancipação lançamos esta folha volante. Por que queremos emancipar-nos? Porque nisso somente vemos vantagens não só para alguns em particular mas para todos em geral. Emancipar-se é, em primeiro lugar, seguir a lei básica do progresso, lei de que não podemos fugir se não quisermos ser taxados de retrógrados. Antes de nós muitos outros distritos se emanciparam e todos, sem exceção, progrediram. Não estamos, portanto, aventurados, mas, sim, seguindo por um caminho trilhado. Por que queremos emancipar-nos? Por termos a renda mais do que suficiente para a nossa manutenção. Emancipando-nos, 30% do imposto de vendas e consignações voltará para o novo município. Emancipando-nos, receberemos cada ano do Governo Federal a importância de Cr$ 150.000,00 (cruzeiros). A renda total do novo município contando só com o movimento atual será de, aproximadamente, Cr$ 1.800.000,00 (cruzeiros), o que dispensa a criação de novos impostos.*
>
> *A criação do município será um estímulo poderoso para o desenvolvimento de maiores indústrias, que, futuramente, trarão maiores rendas. Quanto menor um município, contanto que possa manter-se, tanto mais fácil será atendê-lo. O Município de Tapejara terá um caráter eminentemente colonial, o que facilitará o contato dos colonos com os administradores. Criado o município, estabelecer-se-ão, imediatamente, as coletorias federal e estadual, dispensando, em parte, as atuais viagens longas e demoradas. Para muitos uma viagem à cidade é embaraçosa, por falta de conhecimento do manejo das coisas públicas. Em Tapejara, pelo contrário, todos têm conhecimento com quem podem se esclarecer. Os terrenos urbanos têm valorização imediata. Um município permite aos governantes um contato mais direto com os governados. Qualquer reclamação poderá chegar mais rapidamente aos ouvidos dos responsáveis. Estradas, pontes, pontilhões, bueiros, etc. estarão, por assim dizer, continuamente debaixo dos olhos dos encarregados. O ensino municipal será favorecido, o controle será mais fácil. A emancipação municipal desenvolverá a indústria e o comércio, introduzindo maior concorrência. As questões judiciárias e políticas serão solucionadas aqui, dispensando gastos, perda de tempo em viagens, etc. Praticamente todo o colono de Tapejara pode sair de cavalo de sua casa, atender os seus negócios na Sede Municipal e de noite estar de volta. Nem todas as vantagens serão imediatas. Futuramente, visto o louvável incremento que o Governo está dando à agricultura, será mais fácil organizar-se aqui um tal Posto de Fomento Agrícola com orientações úteis e concretas aos agricultores. O mesmo se pode dizer da suinocultura; será mais fácil a presença de entendidos no ramo, a fim de, aos poucos, orientar os criadores para racionalizar cada vez mais a criação e defendê-la de doenças com processos seguros. Quanta falta não faz, por exemplo, em Tapejara, um Ginásio! Com a emancipação facilitar-se-á em um Educandário dessa natureza. Com o correr dos anos muitos outros melhoramentos serão implementados. Basta olhar os municípios criados. O*

filho que sai da família para viver por conta própria não usufrui logo de todas as vantagens. O único argumento dos que combatem a emancipação é o argumento dos impostos. É, porém, argumento que só pode embaraçar os incautos. Alguns temem esse aumento por desconhecimento do assunto. Outros exploram esse assunto por mero interesse particular. Devemos notar que os impostos federais e estaduais não dependem do município e que impostos municipais maiores dos que são cobrados atualmente não necessitaremos para nossa manutenção. Por que será que o Governo facilita tanto a criação de novos municípios? Por que será que em todos os distritos que, no passado, lutaram pela sua emancipação, houve a quase totalidade de votos a favor? Se nós de Tapejara deixarmos fugir esta oportunidade, seremos, talvez, mais tarde, obrigados a nos unirmos a algum outro município que se forme ao nosso redor... Poderíamos continuar enumerando vantagens. Cremos, porém, serem estas mais do que suficientes. Quem, dentro de nosso distrito, trabalhar a favor da emancipação, trabalhará para o próprio interesse e, ao mesmo tempo, para o interesse comum. Quem, pelo contrário, trabalhar contra a emancipação, só poderá ser porque desconhece as vantagens ou consulta interesses meramente pessoais e, esses mesmos, transitórios. Concitamos, portanto, a todos unirem-se nesta campanha. Nossa luta de hoje será a vitória de amanhã. Dentro da lei trabalharemos pela nossa emancipação (Olmar Simoni – Presidente da Comissão de Finanças; Miguel Tabbal – Presidente da Comissão Técnica; Eugênio Zanatta – Presidente da Comissão de Propaganda; Alcides Bertoglio – Presidente da Comissão do Secretariado; Padre Raimundo Damin – Assistente Eclesiástico).

As direções dos partidos políticos locais, através de folha volante distribuída à população, manifestaram, publicamente, a favor da causa emancipacionista em 22 de junho de 1955. Os partidos e seus respectivos dirigentes na época, que subscreveram o manifesto foram: Partido Libertador – Eugênio Zanatta, Silvestre Sandini, Nelson A. Zanatta, Eugênio Felini, Herculino Potrick, Egidio Zanatta, Primo Biassutti; União Democrática Nacional – Tranqüilo Basso, Olmar D. Simoni, Alcebíades Silochi, Walter Antônio de Mattos, Altério João Zoldan, Ângelo Berton, Eberildo Borges, Guilherme Hall; Partido Trabalhista Brasileiro – Arnildo Bamberg, Vergelino Borges, Adelino Cauduro, Dinísio Bertoglio, João Antônio Bertoglio; Partido Social Democrático – Giácomo Marin, Ciro Bueira de Almeida, Leopoldo Muxfeldt, Silvio Ughini, Aquilino Cavichioli, Affonso Muxfeldt, Ardolino Lângaro.

Focando na luta do Movimento, a Diretoria centralizou a atenção e acompanhou a evolução dos procedimentos e pareceres efetuados pela Comissão Especial da Divisão Territorial do Estado e as alterações da legislação que regulava a matéria referente às emancipações.

Atentando à situação como aquela em que se encontrou a área territorial que deve formar o Município de Tapejara com exclusão do referido Distrito de Ibiaçá, foi que os legisladores tiveram a iniciativa de promover a alteração do art. 9º e 12º da Lei nº 2.116, aprovando um projeto que se converteu em Lei nº 2.624, em 17 de maio de 1955. Trata da comprovação da receita para criação do município. A inovação consiste no disposto no inciso III, parágrafo único, apresentados no mesmo art. 9º. O inciso III, com base na capacidade orçamentária de zona emancipada, calculada sobre tributos usuais em zonas semelhantes e não cobrados, no município ou municípios desmembrados. O parágrafo único: a comprovação dos incisos II e III fazer-se-á mediante parecer prévio do Tribunal de Contas. A outra inovação é a do parágrafo único acrescentado pela aludida Lei (art. 2º) ao art. 12 da Lei nº 2.116, dispõe esse parágrafo que "a Assembleia Legislativa poderá, em qualquer tempo, durante o quinquênio, reexaminar os pedidos de alteração encaminhados tempestivamente".

Foi com base na citada Lei nº 2.624 que a Comissão Pró-Emancipação buscou destravar o processo que estava arquivado. No final de maio de 1955, formulou e ingressou com pedido de reexame fundamentado nos dispositivos novos permitidos pela mesma Lei, relativo à condição concernente à receita. Com relação aos modos de comprovação dessa receita, prevista nos incisos I e II do supracitado art. 9º da Lei nº 2.116, com alteração nele introduzida, alega que as provas respectivas encontram-se no Processo nº 1.142 e já foram devidamente apreciadas pelas Comissões, cabendo, agora, em face do parágrafo único do mesmo art. 9º, derivado da alteração operada que o Colendo Tribunal de Contas pronuncie-se em parecer sobre provas documentais, emanadas de repartições públicas, existentes naquele expediente, nº 1.142, ao se fazer a revisão. Em relação à comprovação da receita tributária, a inovação mais importante é a que permite que essa receita seja comprovada "com base na capacidade orçamentária da zona emancipada, calculada sobre tributos usuais em zonas semelhantes e não cobrados no município ou municípios desmembrados" (inciso III do art. 9º).

Foi considerada uma medida justa, porquanto proporcionará elementos à emancipação de zonas territoriais dotadas de capacidade de autodeterminação, todavia devido às deficiências tributárias, oriundas de defeituoso sistema tributário dos municípios a que pertençam, defrontam-se com obstáculos, por elas irrecorríveis, que as impedem de encetar vida independente, que as demais condições demográficas, econômicas e sociais, orientam. Alega que a comprovação dessa capacidade orçamentária da zona emancipada, calculada sobre tributos adotados em zonas semelhantes, somente poderá ser feita em termos de comparação, capazes somente de oferecer dados aproximados. Aponta que alguns municípios, que constituem zonas semelhantes à emancipada, com respectiva receita geral proveniente da cobrança de Taxa Rodoviária, de Rodágio ou de Conservação e Melhorias de Estradas.

Essa taxa, como se comprova pelo exame das leis orçamentárias incluídas, não é cobrada pelo Município de Passo Fundo. O valor da Taxa Rodoviária é calculado sobre a extensão da propriedade e esse tributo é devido pelos ocupantes de terras rurais, sejam eles proprietários ou arrendatários. Em geral, cobra-se uma taxa fixa e outra variável. Cita que na época em Lagoa Vermelha era cobrada, na zona agrícola, uma taxa fixa de Cr$ 140,00 (cento e quarenta cruzeiros) por ano e outra variável, proporcional à área de terras ocupadas pelo contribuinte. A cota fixa era cobrada em serviço, prestando o contribuinte 40 horas de serviço à razão de Cr$ 3,50 (três cruzeiros e cinquenta centavos) por hora. A taxa variável é cobrada à razão também de Cr$ 3,50 (três cruzeiros e cinquenta centavos). No Município de Getúlio Vargas vigorava já há algum tempo a taxa de Cr$ 8,00 (oito cruzeiros) por hectare, sendo esta média cobrada nas zonas adjacentes, sem o pagamento em serviço, que deve ser facultativo. Conforme certidão fornecida pelo Departamento Estadual de Estatística em meados de outubro de 1953, a área em hectare das propriedades agrícolas dos Distritos de Tapejara, Água Santa e Charrua, incluídos na zona emancipada, é, respectivamente, de 28.900, 25.900 e 28.500 hectares. Somam a área total das propriedades agrícolas na referida zona 83.300 hectares.

A Comissão Emancipacionista argumenta que, deduzindo-se um terço dessa área total, faz-se um cálculo certamente muito abaixo da realidade, ficando imune à incidência da Taxa Rodoviária, ter-se-ia uma extensão de 55.534 hectares, na qual, sem sombra de dúvida, incidirá a aludida taxa. Aplicando-se a média inferior de Cr$ 6,00 (seis cruzeiros) por hectare, sem prestação de serviço como forma de pagamento, verifica-se que a cobrança da Taxa Rodoviária na zona emancipada poderá carrear para os cofres do futuro Município de Tapejara, por ano, num cálculo muito inferior às probabilidades, a importância de Cr$ 333.204,00 (trezentos e trinta e três mil e duzentos e quatro cruzeiros). A receita tributária, impostos e taxas, segundo cálculo constante no parecer da Comissão Especial da Divisão Territorial, nos

três Distritos de Tapejara, Água Santa e Charrua é de Cr$ 376.000,00. Adicionando-se a essa receita o produto da arrecadação da Taxa Rodoviária na zona emancipada, verifica-se um total de renda tributária anual que atingirá a importância de Cr$ 709.204,00: Receita de Imposto: Cr$ 376.000,00; Taxa Rodoviária: Cr$ 333.204,00; total da renda tributária: Cr$ 709.204,00.

A Comissão Especial enfatiza que, em face dos dados enumerados, verifica-se, pois, que está provada a capacidade orçamentária da zona emancipada, composta dos Distritos de Tapejara, Água Santa e Charrua, os dois primeiros pertencentes ao Município de Passo Fundo e o último ao de Getúlio Vargas. Porquanto, como vimos, a sua receita tributária anual pode atingir, segundo cálculo pessimista, a soma de Cr$ 709.204,00 (setecentos e nove mil e duzentos e quatro cruzeiros), superior ao estabelecido na Constituição Estadual e na Lei nº 2.116.

Em cumprimento ao dispositivo do parágrafo único do art. 9º da Lei nº 2.116, era despachado e submetido o expediente ao parecer do Tribunal de Contas, para que esse órgão se pronunciasse sobre "capacidade orçamentária da zona emancipada. Calculada sobre tributos usuais em zonas semelhantes e não cobradas no Município ou Municípios desmembrados". O Tribunal de Contas, no Parecer nº 474, de 3 de junho de 1955, adotou o parecer do seu Gabinete de Estudos Econômicos e Financeiros, o qual assim concluiu: que, para a zona emancipada atingir o limite mínimo de receita, ou seja, Cr$ 600.000,00, é indispensável e imperiosa a criação da Taxa Rodoviária, nas bases do estudo técnico apresentado pela Comissão Pró-Emancipação de Tapejara; que militam fatores ponderáveis à instituição da Taxa Rodoviária no elenco tributário do novo Município, tais como: a sua efetiva cobrança dentro da própria zona emancipada, isto é, no Distrito de Charrua; ser de efetiva cobrança nos territórios municipais circunvizinhos e, finalmente, adicionando-se o valor de estimativa teórica ao da efetiva arrecadação em 1954, ter-se-á uma receita tributária em potencial na ordem de Cr$ 700.000,00 a Cr$ 800.000,00.

A Lei nº 2.624 acrescentou um novo elemento para o cálculo da receita tributária – impostos e taxas –, permitindo a sua comprovação também "com base na capacidade orçamentária da zona emancipanda, calculada sobre tributos usuais em zonas semelhantes e não cobrados no Município ou Municípios desmembrados". Esse novo critério veio permitir o reexame do pedido de criação do Município de Tapejara, em face do disposto no parágrafo único, acrescentado pela referida Lei ao art. 12 da Lei de nº 2.116, de acordo com a qual "a Assembleia Legislativa poderá em qualquer tempo, durante o quinquênio, examinar os pedidos de alteração encaminhados tempestivamente".

Em 6 de julho de 1955, o Tribunal de Contas do Estado expede o Oficio nº 406, referente ao processo nº 4.454/2.8.55, endereçado ao presidente da Assembleia Legislativa, Deputado Victor Graeff, comunicando que o Tribunal de Contas, apreciando o expediente relativo à capacidade tributária da zona em processo de emancipação – Tapejara – aprovou o parecer sob o nº 474 do ministro relator. O expediente foi acolhido pela presidência e despachado à Comissão Especial Revisora, e distribuído para o Relator. Na sessão de 8 de julho de 1955 era apresentado o relatório. A conclusão dos membros da Comissão Especial Revisora, diante do parecer do Tribunal de Contas, foi pela realização da Consulta Plebiscitária.

• Consulta plebiscitária

A Comissão Pró-Emancipação conquistou, no ano de 1955, a autorização para efetivar a consulta plebiscitária, marcada para 10 de julho de 1955. Pelas autoridades competentes foram solicitadas aos Cartórios Eleitorais de Passo Fundo e Getúlio Vargas medidas adequadas para efetivar a consulta. Os Cartórios já haviam certificado e autenticadas parcelas de eleitores e eleitoras da 33ª Zona dos Distritos de Tapejara e Água Santa e 70ª Zona Eleitoral do Distrito de Charrua eram os que na ocasião subscreve-

ram o requerimento pela incorporação dos Distritos de Água Santa e Charrua, e do Distrito de Tapejara ao futuro Município de Tapejara.

A 33ª Zona Eleitoral do Distrito de Tapejara era integrada por onze secções (1ª a 11ª); Distrito de Água Santa, composta por seis secções (12ª a 17ª). A 70ª Zona Eleitoral do Distrito de Charrua era constituída de cinco secções (18ª a 22ª). Em meados de outubro e novembro de 1953, os Cartórios de Passo Fundo e Getúlio Vargas haviam informado que existiam naquela época 2.178 eleitores alistados do Distrito de Tapejara; 1.215 do Distrito de Água Santa e 1.041 do Distrito de Charrua. Dos inscritos daquela época, 2.178 do Distrito de Tapejara, signatários que assinaram o requerimento pela emancipação foram 676, constituídos por 516 eleitores e 157 eleitoras; do Distrito de Água Santa foram 268 que subscreveram, formado por 201 eleitores e 26 eleitoras que desejavam a incorporação do Distrito ao futuro Município de Tapejara; do Distrito de Charrua foram 272, feitos de 246 eleitores e 26 eleitoras que assinaram o requerimento pela agregação do Distrito ao futuro Município de Tapejara.

Os Cartórios Eleitorais, em obediência à Lei nº 2.635, aprovada pela Assembleia Legislativa em 17 de junho de 1955, que determina para fins de constituir um novo Município a realização de uma consulta plebiscitária junto aos eleitores dos Distritos de Tapejara e Água Santa, pertencentes ao Município de Passo Fundo, e do Distrito de Charrua, ao Município de Getúlio Vargas. Então, em 10 de julho de 1955 tomaram na ocasião as providências e medidas adequadas em conformidade com a legislação vigente à realização efetiva da consulta plebiscitária.

Finalmente, chegou o dia 10 de julho e aconteceu a realização da consulta plebiscitária nos Distritos de Tapejara, Água Santa e Charrua. As urnas para a coleta dos votos estavam instaladas em locais previamente preparados com os respectivos mesários para desenvolverem as suas devidas atribuições em cada Distrito nas secções correspondentes. Os trabalhos de coleta de votos iniciaram às 08h30, sem intervalo ao meio-dia, e se estenderam até às 17h, transcorrendo normalmente, sem qualquer incidente.

No dia seguinte 11 de julho, às 09h, foram realizados, na sede do Clube Comercial, os trabalhos de apuração da consulta plebiscitária de todos os Distritos. Os resultados apurados foram os seguintes: compareceram e votaram mil, oitocentos e noventa e dois eleitores, sendo que mil, quinhentos e cinquenta e cinco das secções eleitorais e trezentos e trinta e sete votantes em separado. Não compareceram dois mil setecentos e sessenta e seis eleitores. Teve quatorze votos em branco quanto à emancipação e vinte e cinco nulos. Foram mil, duzentos e três votos a favor da emancipação e seiscentos e cinquenta votos contra.

Em relação à votação sobre qual seria a sede do novo Município, votaram a favor de Tapejara como sede mil, duzentos e sete eleitores, havendo seiscentos e sessenta e três votos em branco e vinte e dois votos nulos. Os resultados por Distritos para as duas votações foram: Nas onze secções (1ª a 11ª) e em separado do Distrito de Tapejara: 906 votos a favor e 79 contra; sede em Tapejara: 897 votos; total de votantes: 1.002. Nas seis secções (12ª a 17ª) e em separado do Distrito de Água Santa pelo sim: 160 votos; contra: 333 votos; sede em Tapejara: 172 votos; total de votantes: 502. Nas cinco secções (18ª a 22ª) e em separado do Distrito de Charrua pelo sim: 137 votos; não: 238 votos; sede Tapejara: 138 votos, total de votantes: 388.

Resultado do Plebiscito para Emancipação do Município de Tapejara por Distritos:

Distritos	Favor	Contra	Nulos	Brancos	Válidos
Tapejara	906	79	-	-	985
Água Santa	106	333	-	-	493
Charrua	137	238	-	-	375
TOTAL	1.203	650	25	14	xxxxx

NOTA: Pelo critério da maioria simples, o resultado foi favorável à criação do Município de Tapejara (art. 3º da Lei nº 2.116, de 24 de setembro de 1954).

A proclamação oficial da consulta plebiscitária aconteceu no dia 11 de julho de 1955, às 16h30, nas dependências da sede do Clube Comercial, Vila Tapejara, com a presença de membros da Junta Apuradora. Coube ao escrivão eleitoral da 33ª Zona de Passo Fundo, Rui Vergueiro, proclamar os resultados da consulta, achando-se presente o Dr. Victor Graeff, presidente da Assembleia Legislativa do RS. O juiz presidente, depois de ressaltar a honra e o fato inédito de sua presença numa sessão de proclamação dos resultados de um plebiscito, solicitou-lhe que proclamasse os resultados finais da consulta plebiscitária. Os resultados foram então anunciados pelo presidente da Assembleia Legislativa Estadual. Na oportunidade estiveram presentes, também, autoridades civis, eclesiásticas, lideranças locais e grande número de populares.

Foi mais uma conquista rumo à emancipação do Distrito de Tapejara. Entretanto, foi necessário, do mesmo modo, o parecer da Comissão Especial Territorial sobre os resultados da consulta plebiscitária. Em parecer firmado na sessão ordinária ocorrida em 20 de julho de 1955, a Comissão assim se posicionou:

> *Verifica-se que essa Consulta teve os seguintes resultados: O total de votantes foi de 1.892 eleitores, sendo 1.555 das secções eleitorais e 337 em separado, 14 votos em branco, e 25 nulos. O resultado global da zona emancipanda foi de 1.203 votos a favor da emancipação e 650 contra, votando a favor de Tapejara para a sede do município 1.207 eleitores. O resultado por Distritos, foi o seguinte: Distrito de Tapejara: sim 906 votos; não: 79 votos; sede em Tapejara: 897 votos; total de votantes: 1.002. Distrito de Água Santa: sim 160 votos; não: 333 votos; sede em Tapejara: 172 votos; total de votantes: 502. Distrito de Charrua: sim 137 votos: não: 238; sede em Tapejara: 138; total de votantes: 338. Deixaram de comparecer 2.761 eleitores, tendo havido uma elevada abstenção, que a Junta Apuradora atribuiu ao mau tempo reinante, com intensa precipitação pluvial, com chuvas que caíram ininterruptamente durante os dias e as noites de sábado e domingo, 9 e 10 do corrente mês e que tornaram impraticáveis as estradas em toda a zona da Consulta Plebiscitária.*

Como se viu, o resultado global do plebiscito na zona a ser emancipada, apurada na forma da Lei nº 2.116, de 24 de setembro de 1954, art. 31, pelo critério da maioria simples, foi favorável à criação do Município de Tapejara, bem como à escolha do Distrito desse nome à sede da nova comuna. Os resulta-

dos relativamente desfavoráveis das áreas distritais de Água Santa e Charrua não se apresentam como características capazes de determinar a aplicação do disposto nos incisos I e II do art. 22 daquela Lei, porque a sua incorporação ao novo Município é indispensável para o preenchimento dos requisitos referentes à renda provável calculada nos termos da Lei nº 2.624, de 16 de maio de 1955, e a possibilidade de desenvolvimento.

Por outro lado, deve ser levada em consideração a norma que exige seja regular a configuração ao Município e tanto quanto possível natural as suas divisas, norma essa que seria infringida pela não incorporação da área total, ou parte dela, dos distritos mencionados. Tal circunstância já havia sido acentuada pela própria Comissão Revisora da Divisão Territorial do Estado, quando examinara o pedido inicial da Comissão Pró-Emancipação de Tapejara, dando como território indicado para formar esse novo Município a área constituída pelos três pré-citados Distritos.

A população da área emancipanda é de 19.687 habitantes, devendo a Câmara de Vereadores do novo Município, portanto, compor-se de sete membros. Ao concluir a sessão, era apresentado o incluso projeto de Lei de criação do novo Município de Tapejara. Em poucos dias foi aprovado pela Assembleia Legislativa e posteriormente enviado ao Poder Executivo, que assina e promulga a Lei nº 2.667 em 9 de agosto de 1955, criando o Município de Tapejara. Nessa sessão, estiveram presentes os deputados membros da Comissão e, em sua maioria, aprovaram os resultados da consulta plebiscitária e projeto de lei. Os deputados na ocasião presentes foram: Lauro Leitão, Lamaison Porto, Solano Borges, Múcio de Castro, Domingos Francisco Spolidoro (restrição à anexação de Charrua).

• Lei de criação do Município de Tapejara

Em 25 de julho de 1955, a Comissão Especial endereça requerimento para o presidente da Assembleia Legislativa com o pedido de urgência, imediata discussão e votação do Projeto de Lei 197/55 – Cria o município de Tapejara. O requerimento era assinado pelo relator da Comissão, deputado Solano Borges e o vice-presidente Lamaison Porto. Em 27 de julho foi endereçado outro requerimento solicitando a dispensa de interstícios à votação da redação da aludida Lei. Eram atendidos os pedidos, discussão e apresentação do Projeto de Lei 197/55 e dispensa do intervalo à votação da aludida Lei. Em seguida, o expediente foi encaminhado para o Executivo para assinatura e promulgação. O Executivo assina e promulga a Lei nº 2.667 em 9 de agosto de 1955 – Criação do Município de Tapejara. A Lei de criação na sua íntegra:

> *Lei nº 2.667, de 9 de agosto de 1955 – Criação do Município de Tapejara*
> *Ildo Meneghetti – Governador do Estado do Rio Grande do Sul.*
> *Faço saber, em cumprimento ao disposto nos artigos 87, inciso II, e 88, inciso I, da Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, que a Assembleia Legislativa aprova e eu assino e promulgo a Lei seguinte:*
> *Art. 1º – É criado o Município de Tapejara, com sede na localidade do mesmo nome, constituído dos atuais Distritos de Tapejara, Água Santa e Charrua e cuja instalação far-se-á no dia 1º de janeiro de 1956.*
> *Art. 2º – O território do Município tem as seguintes divisas: ao norte, com o município de Getúlio Vargas – da confluência do Rio do Peixe com o Rio das Pedras, seguindo por este até encontrar uma sanga, no qual segue até encontrar uma linha seca e reta que liga ao Arroio Fogaça, seguindo por este até encontrar sua confluência com o Rio Apuaê (ex-Ligeiro); a leste, com o município de Sananduva, começando na confluência do Arroio Fogaça com o Rio Apuaê, seguindo por este até o ponto fronteiro à barra do Arroio Nicofé, daí por uma sanga até encontrar uma linha seca e reta que o liga ao Rio Santo Antônio; ao sul, com o município de Passo Fundo, começando no ponto de encontro de uma linha seca com o Rio Santo Antônio,*

seguindo por este até encontrar o Arroio Machado, pelo qual sobe até encontrar o Arroio Santa Cecília e adiante uma linha seca e reta, pela qual, até a nascente do Arroio Caraguatá, indo por este até a sua confluência com o Rio Carreteiro, daí descendo até encontrar uma linha seca e reta seguindo por esta até encontrar o Rio do Peixe; a oeste com o município de Passo Fundo, começando no ponto descrito, onde a linha seca e reta encontra o Rio do Peixe, sobe pelas águas desse rio até encontrar o Rio das Pedras, ponto inicial.

Art. 3º – O Município de Tapejara constituirá comarca de primeira ordem, considerando-se termo da comarca de Passo Fundo, enquanto aquela não for instalada.

Art. 4º – A Câmara Municipal para o primeiro período legislativo será composta de sete (7) membros, cujos mandatos findarão a 31 de dezembro de 1959.

Art. 5º – O mandato do primeiro prefeito e vice-prefeito terminará a 31 de dezembro de 1959.

Art. 6º - Revogadas as disposições em contrário, esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio Piratini, em Porto Alegre, 9 de agosto de 1955.

Conquistada a emancipação, a ocupação da Comissão Pró-Emancipação não cessou. Era, imediatamente, imprescindível constituir o Poder Executivo (Prefeito e Vice-Prefeito) e Legislativo (Câmara de Vereadores), de acordo com os dispositivos legais que haviam criado o Município, ou seja, com o mandato do primeiro prefeito e vice e o primeiro período legislativo composto por sete (7) vereadores, que iniciaria em 1º de janeiro de 1956 e findaria em 31 de dezembro de 1959. Em final de agosto até meados de dezembro foram intensificadas as tratativas nos partidos políticos, entidades, associações e instituições em busca dos primeiros nomes para compor a dobrada no Executivo e a nominata do elenco para compor a Câmara de Vereadores e como se faria a escolha dos primeiros representantes públicos.

Os debates resultaram na escolha pela grande maioria nos nomes: Sr. Tranqüilo Basso (Prefeito) e Sr. Ângelo Ughini (Vice-Prefeito) e para Vereadores foram recomendados pelos Partidos os Srs. Dino Borela Rech, Olmar Domingos Simoni, Severino Dalzotto, Miguel Tabbal, Anildo Cavichioli, Dionísio Novello e Vergilino Eron Borges. Esse arranjo foi anunciado e apresentado à comunidade local e dos distritos, que o aprovaram; com isso não era necessário realizar eleição.

• Sessão Solene de instalação do Município

Enfim, chegou o dia 1º de janeiro de 1956, quando era instalado oficialmente o Município de Tapejara. Ocorreram solenidades e festividades populares na sede. As festividades começaram às 6h, com o espocar de centenas de fogos de artifícios e badalada de sinos. Mais tarde, aconteceu a missa na Igreja Matriz, concelebrada por religiosos naturais da sede e dos novos Distritos, presidida pelo emancipacionista Padre Raimundo Damin. Concluída a missa, a população foi convidada a dirigir-se ao Salão Paroquial, segundo piso, para acolher as visitas e autoridades, que estavam chegando para assistir aos atos solenes de instalação do Município.

Entre as autoridades que prestigiaram o acontecimento estavam o Juiz de Direito da Comarca de Passo Fundo; o Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, o deputado Victor Graeff; o ex-Deputado Estadual Odalgiro Corrêa; o Deputado Estadual da região Lameson Porto, de Passo Fundo. As solenidades iniciaram na metade da manhã com a sessão de posse da primeira legislatura, que constituiu a Câmara de Vereadores naquela oportunidade por sete vereadores, sendo assim distribuídos: pelo Partido Social Democrático (PSD), partido que liderava a Frente Democrática, base de sustentação do Prefeito Municipal, os seguintes vereadores: Dino Borela Rech, Olmar Domingos Simoni,

Severino Dalzotto, Miguel Tabbal e Anildo Cavichioli, e a minoria era composta pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), integrada por: Dionisío Novello e Vergilino Eron Borges. Em seguida, foi escolhida e dada posse à primeira mesa diretora da Câmara de Vereadores. A primeira mesa diretora ficou assim formada: Presidente: Miguel Tabbal, Vice-Presidente: Severino Dalzotto, 1º Secretário: Olmar Domingos Simoni, 2º Secretário: Dionísio Novello. Os mandatos eram gratuitos e seus serviços reconhecidos como "relevantes" à sociedade. Em seguida, o Presidente da Câmara, no uso das suas atribuições legais, solenemente dava posse ao novo governo municipal, tendo como prefeito Tranqüilo Basso e vice-prefeito Ângelo Ughini, que prestaram solenemente juramento.

Além disso, nomeou e saudou as autoridades e população presente na solenidade e fez o seguinte pronunciamento:

> *Como uma decorrência natural do progresso e da civilização humana, mais um município se instala hoje em nosso país. É a força viva da nação formando novas células administrativas para melhor atendimento dos interesses coletivos. A história do município vem de longe; pode-se dizer que nasceu com a origem dos povos, não foi preciso muitos cálculos e regras para que os dirigentes das nações chegassem à conclusão da necessidade de dividir e subdividir os grandes territórios em áreas menores e livres, lógica e facilmente bem melhor administráveis, do lado prático e de forma a estarem mais próximos das leis e regulamentos. O nosso município, mercê do sacrifício do pugilo de homens idealistas, de um lado e da compreensão elogiável de um grupo de deputados, por outro, é hoje realidade. Dentre os primeiros quero citar o nome do Padre Raimundo Damin, que foi a figura propulsora do nosso movimento emancipacionista, secundados por tantos outros abnegados companheiros. A ele, Padre Raimundo Damin, que dentro em pouco deixará a nossa Paróquia, justamente por possuir altas qualidades de orientador e condutor de almas, a nossa mais reconhecida gratidão... A transferência, meus senhores, será apenas física, porque a sua figura moral ficará no coração de todos os habitantes de Tapejara e o símbolo de sua capacidade gravado, indelevelmente no cimento armado da majestosa igreja por ele idealizada e posta em construção. E dentre os deputados que sentiram e compreenderam o nosso anseio de autonomia administrativa citarei, com reverência toda especial, esta figura de projeção, este nome já consagrado de Victor Graeff, digníssimo Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, que acompanhando "pari-passo" o desenvolvimento da nossa campanha emancipadora, tudo facilitou para atingido fosse o nosso ideal; Odalgiro Corrêa, nosso incansável amigo de todas as horas, que com sua extraordinária capacidade sempre esteve atento e solícito aos nossos interesses; lembro ainda o nome desta esperança jovem, deste dinâmico, capaz e diligente deputado Lameson Porto, que tão bem se houve na tarefa de evidenciar aos seus demais colegas a justiça de nossa causa. O interesse destes*

ilustres deputados, como patronos de nossa comuna tenho a absoluta certeza, não findará no dia de hoje; eles continuarão zelando, dentro de sua alçada, pela boa solução de nossos principais problemas administrativos. E posso afirmar que o povo de Tapejara jamais esquecerá de quem tão desprendidamente o auxiliou.

Se pesados foram os nossos esforços em prol da criação do município, responsabilidades maiores teremos no seu funcionamento inicial. É nosso firme propósito, vereadores eleitos pelo povo de Tapejara, dedicarmo-nos com perseverança e boa-vontade, sem medir sacrifícios, à resolução satisfatória de todos os problemas municipais. Neste recinto sagrado, onde impera a vontade do povo, nós, os seus representantes, defenderemos, energicamente, tudo o que for feito em favor do desenvolvimento de nossa comuna, tudo que trouxer paz e harmonia entre os nossos concidadãos; seremos obstinados adversários de tudo aquilo que venha entravar o nosso progresso, de tudo aquilo que possa originar discórdia e injustiças; zelaremos desveladamente pela integridade desta jovem célula da nação; não decepcionaremos aos que, em nós, confiaram. Assim como na infância a educação forja o caráter do individuo, nós, os representantes do povo, reconhecemos que se agigantam as nossas responsabilidades ao nortear as diretrizes que regerão os primeiros passos, ainda vacilantes, da novel comuna; jamais fugiremos ao cumprimento de nossos deveres; dispostos estamos para, em colaboração com o Executivo, a cuja frente se encontra a personalidade vibrante e capaz de Tranqüilo Basso, outro grande paladino de nossa emancipação, e que tem, como seu substituto legal, a figura inteligente e ativa de Ângelo Ughini, dar solução justa e satisfatória a todos os interesses do bem público.

Teremos a firme convicção que os poderes Legislativo e Executivo, dado o alto espírito de compreensão e boa-vontade de que estão imbuídos os seus componentes, tudo hão de fazer para que a administração se processe dentro de um clima de harmonia e desprendimento pessoal em beneficio coletivo. E nessa altura, em que o município já foi criado, lançamos um veemente apelo aos indiferentes e aos que divergiram de nossas ideias emancipacionistas para que reconsiderem a sua atitude, ensejando-nos uma oportunidade para que possamos provar, com o decorrer do tempo, que a emancipação só lhes trará benefícios. E para todos aqueles que nos confiarem com votos, queremos advertir que não basta aos seus dirigentes, é preciso que continuem nos amparando, embora, com pequenas parcelas de sacrifício para que se obtenham os recursos necessários, com os quais se possa garantir o amparo econômico, viga-mestra de uma boa administração. Meus senhores, se alcançarmos o nosso desiderato, estaremos em paz com nossa consciência,

estaremos quites com a confiança em nós depositada pelo povo, o único credor de nossas ações e de nossa vida pública (TABBAL, 1956).

O então prefeito foi aplaudido por todos os presentes, que logo após foram convidados para deslocar-se até o térreo do Salão Paroquial, onde foi servido almoço animado com música, que se estendeu até o final da tarde.

Com a instalação do Município de Tapejara em 1º de janeiro de 1956, inicia-se uma nova fase do povo do lugar. As relações com o Poder Público deixam de ser indiretas, para assumirem um caráter mais concreto, mais pessoal e com perspectivas reais de solução de problemas que estavam prejudicando o bem-estar e a qualidade de vida da população. O sonho de ver emancipado o território do então Distrito de Tapejara, que muitos embalaram por muitos anos, desperta para uma realidade que promete ser melhorada, mas que era preciso ter os pés no chão e lançar os alicerces da construção dessa nova etapa da vida do povo.

• O Patrono do Município de Tapejara

Raimundo Damin nasceu em 29 de abril de 1918, na localidade do Caravaggio, Município de Farroupilha (RS). Filho do casal Alfonso Damin e de Maria Biazus, agricultores, com poucos anos de idade mudou-se para o interior do atual município de Sertão. Alguns anos depois sua família foi morar na localidade da Capela de São Domingos, interior, então Sede Teixeira, onde frequentou a Escola Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, colocada em funcionamento pelo primeiro Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, Padre Júlio João Marin, em 4 de julho de 1927.

Padre Raimundo Damin. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Entre 1930 e 1935, estudou no Seminário Menor de Santa Maria. Até o ano de 1942 estudou no então Seminário Maior e Central da cidade de São Leopoldo. Foi ordenado sacerdote dia 20 de dezembro de 1942, na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, de Passo Fundo. Celebrou sua Primeira Missa solene na Igreja Matriz, na sede do distrito de Tapejara, em 25 de dezembro de 1942.

O Padre Raimundo Damin foi Vigário Cooperador da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, de Tapejara, entre 20 de dezembro de 1942 e o ano de 1945. Até 29 de janeiro de 1956 também foi o pároco da comunidade.

De 29 de janeiro de 1956 a 7 de fevereiro de 1966, foi Diretor Espiritual do Seminário de Nossa Senhora de Fátima, de Erechim, e, após, Reitor, até 9 de janeiro de 1968. Em meados de 1966 foi nomeado Cônego do Cabido Diocesano. Até o ano de 1983, foi Secretário-Geral da Diocese do Bispado de Passo Fundo, quando então assumiu como Vigário-Geral da Diocese, cargo em que permaneceu até a sua morte, em 8 de setembro de 1993. Como Vigário-Geral foi membro do Conselho Presbiterial, do Conselho Diocesano de Pastoral, membro do Colégio de Consultores e do Conselho da Fundação Beneficente Lucas Araújo, membro do Conselho de Administração da Rádio Planalto e Administrador da Casa de Retiros.

No dia 20 de dezembro de 1992, celebrou o Jubileu de Ouro de seu sacerdócio, em Tapejara, Município que ajudou a emancipar e do qual é o patrono. Das características do monsenhor Raimundo Damin destacou-se a alegria, a disponibilidade para qualquer trabalho, oração profunda, confessor e conselheiro, além de seu desprendimento. Em seu testamento, ele afirmou: "Aceito com resignação cristã as disposições da Divina Providência a meu respeito".

Tapejara comemora no dia 9 de agosto de 2015 seus 60 anos de emancipação político-administrativa. No Livro Tombo (registro dos fatos históricos da Paróquia) nº 4, p. 34 e verso, o Padre Raimundo Damin escreveu:

> *Eu trabalhei com todas as forças à emancipação, respeitando, porém, sempre a opinião de quem quer que fosse. O meu mais importante empenho foi unir as forças políticas para maior garantia do feliz resultado. Se alguém se queixar do meu modo de agir será por três motivos: ignorância ou má vontade, ou crédito em pessoas que propalavam ou, melhor, inventavam coisas que eu não falei. Minha propaganda era apresentar as vantagens e avisar a todos que ninguém era obrigado a votar porque o padre era a favor, mas votasse se achavam vantagem (TREVISO, 2003, p. 8).*

A emancipação de Tapejara não foi muito tranquila, e somente foi possível porque as lideranças, entre elas o seu Pároco Raimundo Damin, "vestiram a camisa" dessa causa, como vimos neste capítulo. Dessa forma, agradecemos a essas pessoas que lutaram pela emancipação com muita garra, nunca desistindo, por mais difíceis os momentos que passaram ao longo do tempo.

Referências

BAGGIO, Valter Valentim. *História da Paróquia Nossa Senhora da Saúde de Tapejara e outros* ... Tapejara, 25 nov. 1999.

COMIRAN, Canali, Maria Ignêz. *Influências dos Imigrantes em Tapejara*. Subsídios para Monografia do Curso de Estudos Sociais, habilitação em História, Universidade de Passo Fundo, 1975.

DEBELLA, Glória Col. *A Gênese da Colônia do Rio do Peixe:* subsídios para a geo-história territorial de Tapejara, 1900-1930. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, Instituto de Ciências Exatas e Geociências, Pós-Graduação em Geografia, 1996.

FIGUEIREDO, Elói Carlos de. Tapejara cresceu com Eles. Novo Tempo, Tapejara, edição nº 32, p. 4, ano 3, 11 de outubro 2000; edição nº 54, p. 4, ano 3, 6 de setembro 2001; edição nº 55, p. 4, ano 3, 21 de setembro 2001; edição nº 56, p. 4, ano 3, 5 de outubro 2001; edição nº 64, p. 3, ano 3, 2ª quinzena de fevereiro 2002; edição nº 68, p. 4, ano 3, 2ª quinzena de abril 2002; edição nº 70, p. 4, ano 3, 2ª quinzena de maio 2002; edição nº 73, p. 4, ano 3, ano 3, 2ª quinzena de julho 2002; edição nº 76, p. 4, ano 3, 2ª quinzena de agosto 2002; edição nº 81, p. 4, ano 3, 2ª quinzena de outubro 2002; edição nº 82, p. 4, ano 3, 1ª quinzena de novembro 2002; edição nº 89, p. 4, ano 4, 1ª quinzena de fevereiro 2003; edição nº 96, p. 4, ano 4, 2ª quinzena de maio 2003; edição nº 97, p. 4, ano 4, 1ª quinzena de junho 2003; edição nº 98, p. 4, ano 4, 2ª quinzena de junho 2003; edição nº 99, p. 4, ano 4, 1ª quinzena de julho de 2003; edição nº 102, p. 4, ano 4, 2ª quinzena de agosto 2003; edição nº 104, p. 4, ano 4, 2ª quinzena de setembro 2003; edição nº 106, p. 4, ano 4, 2ª quinzena de outubro 2003; edição nº 112, p. 4, ano 5, 2ª quinzena de janeiro 2004.

RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa. Diretoria dos Serviços Legislativos. Serviço de Comunicação e Arquivo. *Projeto de Lei 197/55.* Processo nº 909. Porto Alegre, 22 jul. 1955.

SENHOR DOS CAMINHOS: informativo do Lions Clube de Tapejara. Tapejara, 1989. f.19.

SILVA, Lindolpho. Relatório sobre inícios dos trabalhos da Comissão [dos trabalhos de reconhecimento da região entre os rios Carreteiro, Peixe e Rio Ligeiro]. 1907, apud DEBELLA, Glória Col. *A Gênese da Colônia do Rio do Peixe:* subsídios para geo-história territorial de Tapejara 1900-1930. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, Instituto de Ciências Exatas e Geociências, Pós-Graduação em Geografia, 1996.

SPANHOL, Itamar Antônio. A saga dos imigrantes na evolução e estruturação para a emancipação do Município de Tapejara – 1910-1959. In: SESSÃO SOLENE DA CÂMARA DE VEREADORES. Resgate Histórico do Desenvolvimento do Município. Tapejara, 2005. Comunicação em evento.

SPANHOL, Itamar Antonio. Histórico do processo de emancipação do Município de Tapejara 1953-1955. *Revista Comunicação,* Tapejara, v. 4, n. 38, p. 12-24, ago. 2007.

TABBAL, Miguel. Pronunciamento. In: SESSÃO SOLENE DE INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO DE TAPE-

JARA 1956. Tapejara 1º de janeiro de 1956. Comunicação em evento.

TAPEJARA, Rio Grande do Sul – RS: Histórico. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/tapejara.pdf>. Acesso em jul. 2014.

TAPEJARA. Câmara Municipal de Vereadores. *Consolidação das Leis Municipais.* Tapejara, 2004-2007.

TREVISO, Darci Domingos; DEBASTIANI, Valdecir Marco. Como está em jogo o bem de Tapejara, estou pronto a trabalhar. *Revista Comunicação, Tapejara,* v. 1, n.3, p.7-8, ago. 2003.

Capítulo 3

Dimensão Institucional

PARTIDOS POLÍTICOS EM TAPEJARA

A história dos partidos políticos em Tapejara iniciou a partir da década de 1940. Na época, existiam o Partido Libertador (PL), a União Democrática Nacional (UDN), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Social Democrático (PSD). No decorrer do tempo, houve fusões e migrações de políticos entre os partidos.

Em 1965, a partir dos partidos PTB e PSD, surgiu a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e em seguida o Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Mais tarde, em 1980, sucessor da Arena, fundaram o Partido Democrático Social (PDS) e do MDB nasceu o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Descendentes desses partidos, foram criados diversos outros. Em Tapejara, além do PDS e do PMDB, voltou o PTB e foram criados o Partido Democrático Trabalhista (PDT), o Partido dos Trabalhadores (PT); o PDS passou por algumas transformações e ao longo do período chegou a se chamar Partido Progressista Reformador (PPR), sendo mais tarde sucedido pelo Partido Progressista Brasileiro (PPB) e finalmente vindo a se chamar Partido Progressista (PP). Ainda constam registrados no Município o Partido Popular Socialista (PPS), o Partido Socialista Brasileiro (PSB), o Partido Republicano Brasileiro (PRB), o Partido Social Cristão (PSC) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), dissolvido em 2014.

- **PTB**

O Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foi criado na década de 1940. Dentre as suas principais lideranças, estavam na linha de frente: Arnildo Bamberg, Vergilino Eron Borges, Adelino Cauduro, Dionísio Bertoglio e João Antônio Bertoglio. No dia 15 de setembro de 1957, foi escolhido o novo presidente do partido, sendo eleito Dionísio Novello e como secretário Virgilino Eron Borges.

No dia 13 de outubro de 1957, aconteceu a Convenção Municipal do PTB. Os representantes do Primeiro Distrito que compareceram foram: Dionísio Novello, Domingos Busatto, Marcelino Zoldan, Aurélio Sossella e Vergilino Eron Borges. Os delegados representantes do Distrito de Charrua foram: João Lopes Veloso, Alcides Mário Tefilli, Pedro Maurício Martinello, Francisco Ângelo Mulinari e Reinaldo Hann. Do Distrito de Água Santa os delegados que compareceram foram: Orélio Danelli, Avelino da Silva Rocha, Gregório Mioranza, Ernesto Bernize e Luiz Miranza.

Em seguida foi escolhido o Novo Diretório Municipal e o seu Conselho Fiscal para o triênio (1957-1960). O resultado para membros do Diretório Municipal do PTB de Tapejara foram os seguintes: Dionísio Novello, Domingos Busatto, Marcelino Zoldan, Marcelino Busatto, Vergilino Eron Borges, João Bertoglio, Nelson Bertoglio, Antônio Vieira Borba, Adelino Cauduro, Anildo Bamberg, José Albano Malmann, Aurélio Sossella, Adelino Fontana, Diniz Fontana, Normélio Fontana, Virgilio Anzilieiro, Santo Panisson,

Divino Sebben, Olivo Sitta, Domingos Bertoglio, Brasil Toson, Genuíno Cauduro, Gomercindo Ongaratto, Orlando Grespan, Silvestre Rombaldi, Dorvalino Sirtoli, Ruy Stasiack, Olavo Lopes Rodrigues, Pergentino Zoldan, Sérgio Zoldan, João Lopes Veloso, Reinaldo Hann, Alcides Mário Tefilli, Pedro Martinello, Santo Hermínio Caus, Fiorello Centofante, Ângelo P. Centofante, Amadeu P. Duchi, Antônio Vinicik, Marcilio Salvador, Manoel Balin, Luiz Caus, Orélio Danelli, Aurélio da Silva Rocha, Gregório Mioranza, Getúlio Poletto, Ernesto Perin, Luciano Rodigheri, Luiz Mioranza, Santo Panisson, Adelar Zaparoli, Calimeiro Teles de Souza, Antônio Guerra, Iedo João Costamilan, Mário Ferrari, Antônio Ferrari, Zeferino Scariot, Dolcino Brunetto, Luiz Pires, Alfredo Ferro, José Luza, Antônio Giacomin, Lídio Rech, João Paviani, João Lorenzon, Hugo Bonfante e Dionísio Bertoglio. Para membros do Conselho Fiscal do PTB a nominata dos eleitos estava constituída por Dário Roman, Ernesto Ritter e Ivo Rombaldi.

• A nova Comissão Executiva Municipal do PTB

A nova Comissão Executiva Municipal, por decisão do plenário, foi composta pelo número de nove membros, em reunião realizada no dia 15 de outubro de 1957. Na oportunidade votaram quarenta e cinco membros do Diretório. Os cidadãos José Lopes Veloso, Antônio Vieira Borba e Alcides Mário Tefilli, que haviam sido convocados para ajudar na apuração dos votos nas eleições, os chamados escrutinadores, estavam presentes e o presidente Dionísio Novello declarou eleitos os mais votados, tendo então a nominata para membros da Comissão Executiva Municipal do PTB de Tapejara:

Presidente: Dionísio Novello

- *1º Vice-Presidente: João Lopes Veloso*
- *2º Vice-Presidente: Antônio Vieira Borba*
- *Secretário-Geral: Vergilino Eron Borges*
- *1º Secretário: Alcides Mário Tefilli*
- *2º Secretário: Nelson Bertoglio*
- *Tesoureiro-Geral: Marcelino Busatto*
- *1º Tesoureiro: João Bertoglio*
- *2º Tesoureiro: Gregório Mioranza*

• Escolha dos Delegados para a Convenção Estadual

O Diretório Municipal do PTB voltou a reunir-se no dia 21 de outubro de 1957, com a presença de trinta e quatro membros. A finalidade da reunião foi a escolha, por voto secreto, dos delegados e suplentes que iriam representar o Município na Convenção Estadual, a realizar-se em Porto Alegre no dia 24 de outubro de 1957. Procedida a eleição, foram escolhidos os seguintes militantes: Dionísio Bertoglio e João Lopes Veloso e para suplentes Vergilino Eron Borges e Alcides Mário Tefilli.

• Escolha de candidatos para Prefeito, Vice e Vereadores

No dia 16 de agosto de 1959, o Diretório Municipal do PTB reuniu-se com a finalidade de escolher os candidatos que, pelo partido, iriam concorrer ao cargo de Prefeito e Vice-Prefeito e escolher os candidatos a Vereador nas eleições de 8 de novembro.

A reunião foi presidida pelo convidado Darcilo Giacomazzi, dirigente do PTB do Município de Getúlio Vargas, tendo como secretário Virgilino Eron Borges. Realizada a votação secreta, foram eleitos, por

unanimidade, Nicolau Cássio Zimermann para candidato a Prefeito e Dionísio Novello para concorrer a Vice-Prefeito.

Para candidatos a vereador foram eleitos: Virgilino Eron Borges, Rosalino Menegaz, Celso Silva, Alcides Mário Tefilli, Francisco Lopes da Veiga, Dario Roman, Anísio Valente, Mário Lângaro e Fortunato Bordignon.

• Convenção Municipal e reunião do Diretório Municipal

No dia 10 de julho de 1963, aconteceu durante o dia, a convenção e à noite, reunião do Diretório Municipal do PTB no recinto da Câmara Municipal de Vereadores, segundo andar do edifício Zanatta, atual prédio Ilha do Sol, assentado na Rua do Comércio esquina com a Rua Independência.

Na oportunidade foi realizada a eleição do novo Diretório Municipal e seu Conselho Fiscal para o triênio de 1963 a 1966. Procedida a apuração, os escrutinadores (apuradores) proclamaram o seguinte resultado para membros do Diretório: Dionísio Novello, Vergilino Eron Borges, João Bertoglio, Adelino Cauduro, Adelino Fontana, Diniz Fontana, Aurélio Sossella, José Luza, Fioravante Cadore, Ângelo Rombaldi Manica, Anildo Bamberg, Ângelo Cassiano Perusso, Mário Melara, Domingos Bertoglio, Vicente Dalmina, Antônio Giacomin, Ângelo Damin, Antônio Ruaro, Dolcino Brunetto,Osvaldo Barcarollo, Jandir Sirtulli, Olmar Domingos Simoni, Ernesto Zanini, Pedro Zen Netto, Odir Sirtulli, Juarez Távora Brandão, Orley Zoldan, Terezinha Adelina Cauduro, Maria Zimermann, Alcides Mário Tefilli, Reinaldo Hann, Luiz Caus, Pedro Martinello, Arthur Schvans, Francisco Ângelo Mulinari, Marcos Vinturini, Pedro Dal Pinzol, Dario Roman, Aurélio Danelli, Getulio Silva, Balduíno Zanatta, Luciano Rodigheri, Reinaldo Johann, João Teixeira Neto, Fortunato Bordignon, Astério Biazotto, Edmundo Antônio Maldaner, David Riva, Aristides Panisson e Romano Cadini, todos eleitos com cinquenta e oito votos, isto é, por unanimidade. Os três membros do Conselho Fiscal escolhidos foram: Gregório Mioranza, Dionísio Bertoglio e Neli Pina.

No final da Convenção foi realizada a eleição da Comissão Executiva Municipal, sendo eleita a seguinte chapa:

Presidente: Vergilino Eron Borges, 1º Vice-Presidente: Dionísio Novello, 2º Vice-Presidente: Dario Roman, Secretário-Geral: Alcides Mário Tefilli, 1º Secretário: Ângelo Rombaldi Manica, Tesoureiro-Geral: João Bertoglio, 1º Tesoureiro: Aurélio Danelli.

• Convenção do Diretório Municipal – Escolha de candidatos

Em 22 de setembro de 1963, aconteceu mais uma Convenção do Diretório Municipal do PTB. A convenção teve como finalidade escolher os candidatos que concorreriam aos cargos de Prefeito, Vice e a Vereador nas eleições do dia 10 de novembro de 1963. Com trinta e cinco votos, ou seja, por unanimidade, foi escolhido Dionísio Novello candidato a Prefeito e João Bertoglio para concorrer a Vice-Prefeito. Para candidatos a vereador, foram eleitos: Alcides Mário Tefilli, Ângelo Rombaldi Manica, Ângelo Cassiano Perusso, Davino Milani, João Lorenzon, Orélio Danelli, Vergilino Eron Borges e Valdomiro Riva.

• PSD

O Partido Social Democrático (PSD) também surgiu na década de 1940. Os primeiros dirigentes foram: Giácomo Marin, Ciro Bueira de Almeida, Leopoldo Muxfeldt, Silvio Ughini, Aquilino Cavichioli, Affonso Muxfeldt e Ardolino Lângaro. Não foi possível conseguir demais dados históricos do desenvolvimento do partido. A partir de 1965, com o bipartidarismo, os integrantes do PSD passaram a participar da Arena.

• Bipartidarismo

A partir da Revolução de 1964, o governo federal criou o bipartidarismo. Surgiu a partir de então o MDB e a Arena, e antigos filiados do PTB aliaram-se com o MDB. A partir de 1965, com o Ato Institucional 2, somente se permitiu a existência de duas associações políticas nacionais, nenhuma delas podendo usar a palavra "partido". Criou-se então a Arena, base de sustentação civil do regime militar, formada majoritariamente pela UDN e egressos do PSD, e o MDB, com a função de fazer uma oposição bem-comportada que fosse tolerável ao regime. O Brasil teve um período bipartidarista durante 12 anos, de 1966 a 1979.

• Aliança Renovadora Nacional – Arena

Com o golpe militar e a Revolução de 1964, houve o fechamento do Congresso Nacional, e extinção dos partidos políticos existentes até a data. Criou-se, então, o bipartidarismo, onde duas agremiações concentravam em apenas um partido as forças que se identificavam; assim, surgiu a Aliança Renovadora Nacional – Arena, dando sustentação ao regime militar. Em Tapejara, o primeiro Prefeito eleito pela Arena foi José Maria Vigo da Silveira, tendo como Vice Miguel Tabbal, na gestão de 1964/1968. A Arena permaneceu no governo até o final do ano de 1982, mais de duas décadas e meia.

• Movimento Democrático Brasileiro – MDB

Para fazer oposição ao regime militar surgiu o Movimento Democrático Brasileiro – MDB, partido que até a abertura política agregava todos os partidos políticos de centro-esquerda e de extrema esquerda, como o Partido Comunista Brasileiro. O MDB significava a resistência ao regime opressor, cujo objetivo principal era a volta da democracia plena no Brasil.

Grandes lideranças faziam parte do MDB; muitas foram exiladas, outras permaneceram firmes na resistência, como o estadista Ulysses Guimarães, que conduziu com maestria a abertura política, iniciada muitos anos antes das Diretas Já, que teve eleição indireta de Tancredo Neves e a promulgação da Carta Magna em 1988.

O MDB e suas lideranças, juntamente com a população brasileira, foram os principais responsáveis pela volta da democracia no Brasil. Em Tapejara, o MDB sempre teve lideranças na luta contra o regime militar, inicialmente com Dionísio Novelo, Angelo Mânica, Olmar Domingos Simoni, Vergilino Eron Borges, Alcides Mario Teffili, entre tantos outros.

O MDB ganhou mais força com a participação da juventude daquela época, pelos jovens militantes estudantis Bomfilho Sebben, Nelson José Sitta, Ramiro Brambatti e outros, os quais participavam da União Municipal de Estudantes Tapejarenses (UMET), com o objetivo de mobilizar a juventude contra a ditadura militar implantada em 1964.

Dentre as ações realizadas esteve a conscientização e mobilização da população em prol da democracia, contra o regime militar que amordaçava quem ousasse se opor ao regime totalitário da época. A oposição ao regime estava toda concentrada dentro do Movimento Democrático Brasileiro – MDB.

No dia 11 de outubro de 1968, estiveram reunidos os membros do Diretório Municipal do MDB na Câmara de Vereadores, conforme escolha da nominata, aprovada pelo Diretório Regional do RS e devidamente registrada no Tribunal Eleitoral do RS, com a finalidade da inscrição no Órgão Eleitoral e a eleição de sua Comissão Executiva. Assumindo a presidência, Vergilino Eron Borges, após declarar as finalidades da reunião, mandou proceder à chamada nominal dos componentes do Diretório Municipal, verificando

quem estava presente: Alcides Mário Tefilli, Antoninho F. Sebben, Júlio A. dos Santos, Ary A. Brunetto, Juarez T. Brandão, Ângelo Cassiano Peruzzo, Luiz João Cadore, Neli S. Pina, Ângelo Cauduro, Vergilino Eron Borges e Júlio Debastiani. Declarado empossado o Diretório Municipal, passou-se a proceder à eleição da Comissão Executiva. Por voto secreto e por maioria, foi eleita e empossada a seguinte Comissão Executiva:

Presidente: Vergilino Eron Borges, Vice-Presidente: Alcides Mário Tefilli, Secretário-Geral: Júlio Debastiani, Vogais: Ângelo Cassiano Peruzzo e Luiz João Cadore.

• Escolha de candidatos para disputa eleitoral

Ainda no dia 11 de outubro de 1968, ocorreu a reunião do Diretório Municipal do MDB, com a finalidade de escolher os candidatos a Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador nas eleições de 15 de novembro do corrente ano. O Juiz Eleitoral, Romeu Brum Ferreira, declarou aberta a sessão. Em voto secreto foi apurado o seguinte resultado: para Prefeito, Vergilino Eron Borges, e Vice-Prefeito, Calixto Mezzomo. Também foi realizada a escolha dos candidatos a vereador, sendo apontados os seguintes nomes: Alcides Mário Tefilli, João Lorenzon, Ângelo Cassiano Peruzzo, José Bacega Netto, Elói César Danelli, Henrique Negri, Albino Caetano Ruaro, Nelson José Sitta e João Cadore. Através de requerimento de Vergilino Eron Borges, foram indicados para Delegados Partidários: Alcides Mário Tefilli e Nelson José Sitta, os quais foram eleitos por unanimidade.

• Convenção partidária

No dia 12 de abril de 1970, foi realizada, na Câmara de Vereadores de Tapejara, a convenção partidária. Com onze membros, foi considerada então a chapa única para compor o Diretório Municipal, integrada pelos seguintes nomes: Elói César Danelli, Idair Vicentin, Renilto Fontana, Ângelo Cassiano Peruzzo, Bomfilho Seben, Nelson José Sitta, Alcides Mário Tefilli, Vergilino Eron Borges, Ângelo Xavier da Silva, Lindemar Hannel e Antoninho Sebben.

Foram convidados para servirem de escrutinadores Nelson José Sitta e Lindemar Hannel. O resultado dos votos encontrados e apurados foi o seguinte: Elói César Danelli, Idair Vicentin, Renilto Fontana, Bomfilho Seben, Nelson José Sitta, Vergilino Eron Borges, Alcides Mário Tefilli, Ângelo Xavier da Silva, Lindemar Hannel e Antoninho Sebben. Compareceu também na Convenção o Deputado Estadual Lino Zardo e o Vereador de Passo Fundo Ernesto Scortegagna.

Foi nesse dia, pela parte da noite, que houve reunião dos membros do Diretório Municipal do MDB, com a finalidade de eleger a Comissão Executiva Municipal.

Na oportunidade foi apresentada uma chapa constituída pelos seguintes membros: Presidente: Elói César Danelli; Vice-Presidente: Ângelo Cassiano Peruzzo; Secretário: Bomfilho Seben; Tesoureiro: Renilto Fontana e Procurador: Nelson Jose Sitta. Em votação, a chapa foi eleita por unanimidade de votos.

• Convenção

No dia 16 de janeiro de 1972, no Salão de Festas do Clube Comercial, prédio então assentado na Rua XV de Novembro, aconteceu mais uma Convenção do MDB de Tapejara.

Na oportunidade, o presidente da Comissão Provisória, Elói César Danelli, convidou Nelson José Sitta para secretariar os trabalhos e, juntamente com o representante designado pela Justiça Eleitoral, Adair Flores Lau, foi considerada constituída, sob a presidência dessa, a Mesa Diretora da comissão partidária política. Iniciaram-se os trabalhos com a presença dos seguintes filiados: Elói César Danelli, Delvo Giaco-

min, Vilson Sebben, Ernesto Giacomin, Antônio Parizotto, João Luiz Tessaro, Dionísio Bertoglio, Pedro Zen Netto, José Bacega Netto, Ângelo Cassiano Peruzzo, Amândio Dalmina, Henrique Negri, Renilto Fontana, Bomfilho Seben, Lauro Rosa, Vergilino Eron Borges, Alcides Mário Tefilli, Estevão Kunz, Nelson Brunetto, Italino Picolotto, Lindemar Hannel, Diniz Fontana, Nelson José Sitta, Julio Debastiani, Nelson Barizon, Ulisses Valentini, Albino Peruzzo e Lindemar Seben.

Os convencionais deveriam eleger, por voto direto e secreto, os quinze membros do Diretório Municipal, cinco suplentes e um delegado e suplente. Apresentada, em forma regular e já registrada até o dia 17 de dezembro de 1971, foi considerada, então, a seguinte chapa para o Diretório Municipal: Vergilino Eron Borges, Alcides Mário Tefilli, Lindemar Hannel, Bomfilho Seben, Nelson José Sitta, Delvo Giacomin, Lauro Rosa, Ângelo Cassiano Peruzzo, Elói César Danelli, Diniz Fontana, Vilson Seben, José Bacega Netto, Henrique Negri, Pedro Zen Netto, Anacleto Sitta, Ernesto Giacomin, Amândio Dalmina, Antônio Parizotto, João Luiz Tessari e Nelson Brunetto, sendo que os cinco últimos foram eleitos para suplentes. Para Delegado foi eleito Italino Picolotto e para suplente de Delegado foi eleito Alcides Mário Tefilli.

Foram convidados para servirem de escrutinadores os filiados Lauro Rosa e Nelson Barizon. Procedida a necessária contagem, foi constatado que, dos cento e quarenta filiados, votaram apenas vinte e nove. Havendo comparecido número legal de eleitores filiados ao partido, foi procedida, então, a apuração dos votos.

O resultado apurado e encontrado foi o seguinte: Diretório Municipal: Alcides Mário Tefilli, Vergilino Eron Borges, Lindemar Hannel, Bomfilho Seben, Nelson José Sitta, Delvo Giacomin, Lauro Rosa, Ângelo Cassiano Peruzzo, Elói César Danelli, Diniz Fontana, Vilson Seben, José Bacega Netto, Henrique Negri, Pedro Zen Netto, Anacleto Sitta. Para suplentes: Ernesto Giacomin, Amândio Dalmina, Antônio Parizotto, João Luiz Tessari e Nelson Brunetto. Para Delegado foi eleito Italino Picolotto, tendo como suplente Alcides Mário Tefilli. Os candidatos aos cargos mencionados foram eleitos, todos, por unanimidade de votos.

• Reunião do Diretório para escolha da Comissão Executiva

Foi no dia 16 de janeiro de 1972, no Salão de Festas do Clube Comercial de Tapejara, que aconteceu a reunião do Diretório Municipal do MDB de Tapejara, com o objetivo de eleger por voto direto e secreto a Comissão Executiva.

Os presentes elaboraram a chapa de sua preferência e os trabalhos foram reabertos à votação. Os escrutinadores escolhidos foram os membros Diniz Fontana e Lindemar Hannel. Estes assumiram o encargo e constataram que o número de cédulas encontradas coincidia com o número de votantes. Em seguida passaram à apuração, que acusou o seguinte resultado: à Comissão Executiva: Presidente: Vergilino Eron Borges; Vice-Presidente: Elói César Danelli; Secretário: Nelson José Sitta; Tesoureiro: Bomfilho Seben e Líder na Bancada na Câmara de Vereadores: Alcides Mário Tefilli. Para suplentes da Comissão Executiva foram eleitos: Diniz Fontana, Delvo Giacomin, Pedro Zen Netto, Anacleto José Sitta e Lauro Rosa, os quais, em vista do resultado encontrado, foram considerados eleitos e automaticamente empossados.

• Convenção de 1972 – Escolha de candidatos

Aconteceu em 27 de agosto de 1972, na Câmara Municipal de Vereadores de Tapejara, a instalação da Convenção Municipal do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), através do Presidente do Diretório Municipal, Vergilino Eron Borges, o qual convidou para compor a mesa dos trabalhos Adair Flores Lau, observador designado pelo Juiz Eleitoral, e o convencional Nelson José Sitta para secretariar

os trabalhos.

O Presidente comunicou que a Convenção fora convocada para escolher os candidatos a Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador na eleição de 15 de novembro de 1972. Porém, nenhuma lista de candidatos para os cargos de Prefeito e Vice foi apresentada.

Dessa forma, em seguida, passaram à escolha da lista de candidatos a Vereador. Feita a apuração, ficou constatado que a relação de candidatos mostrou a unanimidade de votos. Em seguida, o Presidente proclamou a escolha dos seguintes candidatos a Vereador: Alcides Mário Tefilli, Vergílio Eron Borges, José Tadeu Anzilieiro, Bomfilho Seben, Ezidio Miotto, Osmar O. de Campos, Ângelo Cassiano Peruzzo e José Bacega Neto.

• Convenção de 1974

No dia 12 de maio de 1974, na Rua do Comércio 1.059, na sede da Câmara Municipal de Vereadores de Tapejara, foi instalada a Convenção do MDB pelo presidente da Comissão Provisória, Bomfilho Seben, e pelo Secretário designado, Ezidio Miotto, além do representante designado pela Justiça Eleitoral, Romeu Brum Ferreira.

Apresentada, em forma regular, foi considerada a seguinte chapa para o Diretório Municipal: Alcides Mário Tefilli, Nelson José Sitta, Bomfilho Seben, Vergilino Eron Borges, Ângelo Cassiano Peruzzo, José Tadeu Anzilieiro, Diniz Fontana, Elói César Danelli, Ary Brunetto, Vilson Seben, Vilmar Sebben, Ezidio Miotto, Balduíno Miorando, Pedro Hugo Sitta, Renilto Fontana. Para Suplentes do Diretório Municipal: Dolcino Brunetto, Arlindo Sebben, Pedro Zen Netto, Idino Cauduro, Valdomiro Bruch. Para Delegado: Nelson José Sitta e para Suplente: Bomfilho Seben.

Foi indicado para servir e funcionar como fiscal o subscritor Alcides Mário Tefilli. Foram convidados para escrutinadores os filiados Alfeu Fianco e João Giacomo Bogoni. Dos cento e cinquenta e três filiados, votaram trinta e cinco, número legal de eleitores filiados ao partido. Com os votos apurados, a chapa foi eleita por unanimidade.

• Comissão Executiva

Ainda em 12 de maio de 1974, na Câmara de Vereadores de Tapejara, reuniram-se os integrantes do Diretório Municipal do MDB para eleger, por voto direto e secreto, a respectiva Comissão Executiva, na forma do Edital publicado. Estavam presentes dez membros, ficando como presidente Bomfilho Seben e secretário Ezidio Miotto.

Os presentes elaboraram a chapa de sua preferência. Encerrada a votação, foram designados pelo Presidente, para servirem de escrutinadores os membros: Elói César Danelli e Balduino Miorando.

Com a apuração realizada, obtiveram o seguinte resultado à Comissão Executiva: Presidente: Nelson José Sitta, Vice-Presidente: Bomfilho Seben, Secretário: Ezidio Miotto, Tesoureiro: Vergilino Eron Borges. Para Suplentes: Alcides Mário Tefilli, Elói César Danelli, Pedro Hugo Sitta, Renilto Fontana e Balduíno Miorando. Em vista do resultado encontrado, foram considerados eleitos e automaticamente empossados os membros acima à Comissão Executiva. Durante o período de 1974 até 1982, o MBD elegeu somente vereadores. Os primeiros vereadores eleitos pelo MDB foram: Alcides Mario Teffili, Eloi Cézar Danelli, Angelo Cassiano Peruzzo e José Bacega Neto, nas eleições de 1969 a 1972.

CONCENTRAÇÕES POLÍTICAS EM TAPEJARA

• Concentração arenista

Em meados de julho de 1978, aconteceu em Tapejara uma concentração da Aliança Renovadora Nacional (Arena). Na ocasião estiveram presentes os candidatos ao governo do Estado, Amaral de Souza e Otavio Germano; ao Senado, Mário Ramos, Gay da Fonseca e Mariano da Rocha e à Câmara Federal, Alexandre Machado da Silva, José Carlos Mendes, Romeu Martinelli, Augusto Trein e Darcy W. Zibertti. Também participaram o Prefeito Municipal, José Maria Vigo da Silveira, o Vice-Prefeito, Johny Dorval Zoppas, o presidente da Câmara de Vereadores e da Arena, Celso Canali, o Vice-Presidente da Arena, professor João Antônio Marcon, o secretário do Governador do Estado, Cícero Soares, o Delegado de Polícia Onofre Costa, o Presidente estadual da Arena, Otavio Cardoso, o comandante do destacamento da Brigada Militar, sargento Júlio Pereira de Souza, Sady Stein, Severino Dalzotto, Alceu Basso, subprefeitos do Município e mais de dois mil arenistas, que lotaram as instalações do Centro Comunitário Paroquial.

Na oportunidade, o Prefeito fez diversas reivindicações. Em sua locução, o futuro governador Otavio Germano assegurou confiar na ajuda dos tapejarenses para mais uma vitória da Arena. Prometeu, dentro do possível, atender aos pedidos a ele encaminhados, pois procuraria solucionar os problemas existentes, como educação, estradas e telefone. Prometeu, na área da educação, a criação da 7ª e 8ª séries em Vila Lângaro e em Santa Cecília a instalação de Escola de 2º Grau. Na parte de estradas, prometeu ligação asfáltica entre Tapejara e Sertão ou Getúlio Vargas. Garantiu a todos que em breve, possivelmente até o fim da presente legislatura, Tapejara teria uma central telefônica com discagem direta (DDD). O deputado Alexandre Machado da Silva informou o fim da manobra de eleições com votos por procuração às direções das cooperativas.

• Concentração política do MDB

No dia 30 de julho de 1978, foi realizada no Centro Comunitário Paroquial da cidade a concentração política do MDB, ocasião em que foi apresentado o candidato a Deputado Estadual pela região, Nelson José Sitta.

O recinto ficou completamente tomado pelos emedebistas da região, estando presentes: candidato ao Senado Federal, Pedro Simon; candidatos à suplência do Senado, Ivo Sprandel e Alcides Saldanha; candidatos a Deputado Federal Ernesto Scortegagna e Delmo Alves Xavier; candidatos a Deputado Estadual Odacir Klein e Carlos Giacomazzi; assessor da bancada do MDB na Assembleia Legislativa, Jorge Bandarra; presidente do MDB, Wolmar Castilhos, e vices locais; líder da bancada à Câmara Municipal, Renilto Fontana; candidatos à Prefeitura de Tapejara pela agremiação Alcides Mário Tefilli e Bomfilho Seben e o candidato a Deputado Estadual por Soledade, Éden Pedroso.

• Pluripartidarismo

A eleição municipal de 1982 transcorreu no bojo do novo modelo partidário, que nasceu com a aprovação pelo Congresso Nacional, em meados de 1979, de uma nova Lei Orgânica dos Partidos, que restabeleceu o pluripartidarismo, acabando, portanto, com o bipartidarismo no país. Assim, foram cancelados os registros da Arena e do MDB, e nos meses seguintes formaram-se novos partidos. A legislação também passou a exigir que cada denominação partidária viesse precedida da palavra partido.

O Partido Democrático Social (PDS), sucessor da Arena, reuniu a maioria de seus antigos integrantes

e continuou apoiando o regime militar. O Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), sucessor do MDB, manteve boa parte de seus antigos membros.

Com a abertura política muitos líderes que estavam no exílio voltaram ao Brasil, havendo disputas por siglas. O ex-governador Leonel de Moura Brisola foi convidado por Ulysses Guimarães e Pedro Simon a ingressar no PMDB, mas não aceitou, porque queria de volta a sua antiga sigla, à qual era filiado antes de ir para o exílio: o PTB, no entanto perdeu a sigla para Ivete Vargas, que já havia criado o PTB, obrigando-o a criar o PDT, fundado sob a liderança de Leonel Brizola e com a reinvindicação de ser o legítimo herdeiro do trabalhismo de Vargas. O Partido dos Trabalhadores (PT) foi fundado por lideranças sindicais, grupos revolucionários trotskistas e militantes cristãos de esquerda.

- **PDS**

No dia 5 de outubro de 1980 foi fundado o Diretório Municipal do Partido Democrático Social (PDS) em Tapejara. O partido sucedâneo da Arena manteve em seu seio as mesmas lideranças que desenvolveu, durante vinte e cinco anos, através de sucessivas administrações em Tapejara.

A constituição do PDS deu-se, como em todo o país, no dia 5 de outubro, tendo como local a sala de sessões da Câmara de Vereadores, desenvolvendo a votação dos filiados das 9 às 17h. Foi nomeado como Observador Eleitoral o Escrivão Romeu Brum Ferreira.

Foi apresentada uma única chapa à composição do Diretório Municipal, constituída de vinte e um nomes e sete suplentes. A votação foi unânime e o Diretório ficou assim formado: Membros titulares: João Antônio Marcon, Alceu Basso, Ione Ana Col Debella, Valdemar Vilibaldo Lamb, Johny Dorval Zoppas, Ardulino Lângaro, Severino Dalzotto, Vitalino Calegari, Silvino Bernardo Lamb, Abelle Artusi, Cláudio Bevegnú, José Faedo, Arthur Ferreira de Figueiredo, José Maria Vigo da Silveira, Luiz Zanini, Vitor Fontana, Renilto Fontana e Rosalino Felini. Membros suplentes: Celso Dalagnol, Ivo Lângaro, Luiz Rebelatto, Américo Ferreira da Silva, Silvino Lindner, Affonso A. Scariot e Zacarias A. da Rosa. Delegado da Convenção Regional: Alceu Basso e suplente a Delegado: Johnny Dorval Zoppas.

Esse Diretório Municipal escolheu a Comissão Executiva Municipal, órgão representativo do partido: Presidente, Severino Dalzotto; Vice-Presidente, Silvino Bernardo Lamb; Secretário, Alceu Basso e Tesoureiro, Américo Ferreira da Silva. O Diretório também escolheu o líder da Câmara de Vereadores, confirmando o nome do Vereador Vitalino Calegari, o qual já vinha desempenhando essa função.

O resultado da eleição municipal de 1982 em Tapejara foi um marco histórico na politica local, pois a hegemonia de 27 anos de administrações consecutivas do PDS (e anteriormente Arena) foi quebrada nesse pleito pela vitória da chapa apresentada pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), formada por Norberto Dall'Olivo (Prefeito) e José Rombaldi Manica (Vice-Prefeito).

Entre as convenções realizadas pelo PDS cabe lembrar a de 14 de abril de 1985, de 13 de setembro de 1987 e em 7 de agosto de 1988, onde escolheram o candidato a Prefeito e Vice-Prefeito e nominata de candidatos a vereador. Neste último, foram escolhidos como candidatos do partido para Prefeito, Silvino Bernardo Lamb, e a Vice-Prefeito, Hermínio Paulino Pozzer. Para concorrerem a Vereador foram escolhidos os seguintes filhados: Arlindo Koch, Ildo Aldino Lamb, Arthur Ferreira de Figueiredo, Avelino Alves Machado, Aldino Guerino Langaro, Vilmar Coronetti, Celso Maschio, Dajair Antônio Martins, Maximino Lovatto, Clementina Conchetta Valentini, Ângelo Calegari, Luiz Carlos Frankelin da Silva, Amantino Pegoraro, Ernani Dalzotto e Airton Lângaro.

Em 14 de fevereiro de 1990 e 15 de março de 1992, aconteceram convenções com eleições dos membros do Diretório e Comissão Executiva do PDS. Em 24 de junho de 1992, foi decidido, pelos conven-

cionais, que os candidatos do partido às eleições de 3 de outubro de 1992 seriam: para Prefeito, Arthur Ferreira de Figueiredo, para Vice–Prefeito, Johnny Dorval Zoppas, e para Vereador, os filiados Ildo Aldino Lamb, Juraci de Lima, Mário Langaro, Eugênio Post, Hermínio Paulino Pozzer, Diógenes Dalzotto e Arlindo Koch.

- **PPR**

Foi em 3 de outubro de 1993 a Convenção do Partido Progressista Reformador (PPR), antigo PDS de Tapejara. Na oportunidade, foram escolhidos os membros do Diretório Municipal. A Comissão Executiva foi escolhida no dia 8 de outubro do mesmo ano e ficou assim composta: Presidente – Gilberto Brusso; Vice-Presidente – Diógenes Dalzotto; Secretário – Murilo Bée; Tesoureiro – Gilberto Marcolin. Para suplentes: Altair

Peruzzo, Celso Maschio, Irma Cauduro Bogoni, Juraci de Lima. Para Delegados: Eugênio

Post, Irineu Barizon, Johny Dorval Zoppas. Líder da Bancada – Ildo Aldino Lamb.

- **PPB**

Em 3 de dezembro de 1995, o então PPR foi sucedido pelo Partido Progressista Brasileiro (PPB) de Tapejara. A Convenção para escolha de membros do Diretório aconteceu nesse dia. A escolha da Comissão Executiva foi decidida em 5 de dezembro daquele ano, em 30 de novembro de 2007 e em 13 de setembro de 2008.

- **PP**

De 2005 a 2008 foi Prefeito de Tapejara, Juliano Girardi do Partido Progressita (PP), tendo como Vice-Prefeito, Elso Scariot (PDT). Juliano também assumiu a Presidência da Amunor em 2007.

No dia 30 de junho de 2012, foi realizada a Convenção do PP, sucessor do então PPB, com a finalidade de eleição do Diretório Municipal e da Comissão Executiva. Em 8 de junho de 2012, foi realizada reunião para o

Comitê Financeiro das Eleições de 2012.

- **PMDB**

Muitas foram as lideranças envolvidas na criação do PMDB; entre as diversas, estiveram na linha de frente: Bomfilho Sebben, Sirinei Panizzon, Neuri Domingos Cozer, Rosalino Secco e outras tantas pessoas que foram responsáveis pela criação desse partido. O primeiro presidente do partido aqui em Tapejara foi Elvaristo Fontana, que, na época, residia no então distrito de Água Santa.

Muitas são as ideias e os princípios do partido. A nível nacional a luta contra a ditadura e a melhor distribuição de renda, a reforma agrária, saúde para todos e o carro chefe: educação. Aqui no município lutava também pelas bandeiras de nível nacional, porém encontrava dificuldades em implementá-las devido a ser minoria na Câmara e o Poder Executivo estar nas mãos de um grupo político que permaneceu por muitos anos no Poder Público Municipal.

Aconteceu no dia 27 de setembro de 1980, no Cartório Eleitoral da 100ª Zona Eleitoral de Tapejara, uma audiência com a presença de Leila Vani Pandolfo Machado, Juíza Eleitoral e escrivão local, e a participação de Bomfilho Seben, representando o PMDB. Foi aberta a audiência com as formalidades legais, tendo a Juíza publicado que o número de filiados do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), aptos para participarem das convenções de escolha dos diretórios municipais, era de sessen-

ta e cinco filiados.

No dia 29 de dezembro de 1980, foi escolhida, em reunião, a chapa à formação do Diretório do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Os escolhidos titulares foram: Valdir Augusto Hann, Neuri Domingos Coser, Sirinei Panisson, Vanderlei Johann, Nilton Frizon, Claudio Felipio, Ademir Dalagnol, Belmiro Goes, Arlindo Adona, Fioravante Gasperin, Hélio Piton, Leonildo Cativelli, Sidito Vedana, Elvaristo Vedana, Balduído Trentin, Neuri Paze, Valdemir Moggi. Suplentes: Bomfilho Seben, Rosalino Secco, Mário Francisco Favaretto, Valci Johann, Vanir Bee Bezutti, Vicente Dalmina, Valdir da Rocha. Como Delegado à Convenção Regional foi escolhido Sirinei Panisson e o Suplente de Delegado, Neuri Domingos Coser.

No dia 10 de maio de 1982, aconteceu a reunião da Comissão Executiva do PMDB, composta por Neuri Domingos Coser, Evaristo Fontana, Bonfilho Sebben, em que se colocou à apreciação os nomes dos eleitores que se submeteram à filiação partidária. Cumpridas que foram todas as exigências legais, eram aprovadas as filiações ao partido dos eleitores: Antônio Fontana Sebben, Celso Canali, Cicero Domingues, Délcio Fontana, Francisco Pinzon, Ilda Peruzzo, José Rombaldi Mânica, Jurandir Sebben, Moacir Gardelin, Murilo João Zapani, Norberto Dall'Olivo, Onofre Biasi, Pedro Augusto Martins, Sadi Secco, Sextilio Segundo Frizon. Nos anos seguintes, outras pessoas ingressaram no partido.

Foi no ano de 1982, com muito trabalho de toda a militância do partido, que o PMDB ganhou sua primeira eleição em Tapejara, elegendo o prefeito Norberto Dall'Olivo e o Vice José Rombaldi Mânica. A chegada do PMDB na Prefeitura Municipal mudou o perfil do Município e das pessoas. Veio a industrialização, o asfalto e outras mudanças e iniciativas.

No dia 3 de julho de 1983, reuniu-se o Diretório Municipal do PMDB de Tapejara, com a finalidade de eleger, por voto direto e secreto, a respectiva Comissão Executiva. Foram eleitos e empossados: Presidente: Voltaire Roman; Vice-Presidente: Neuri Domingos Coser; Secretário: Francisco Pinzon; Tesoureiro: Jair Domingos Mulinari; Líder da Bancada: Sirinei Panissson, e Suplentes: Gilmar Sossella e Ilda Peruzzo.

Aconteceu em 7 de julho de 1985 reunião do Diretório Municipal do PMDB com a finalidade de eleger a respectiva Comissão Executiva. Os vinte e sete membros titulares do Diretório presente elegeram, por unanimidade de votos, a Comissão Executiva, assim constituída: Presidente – Bomfilho Seben; Vice-Presidente – Neuri Domingos Coser; Secretário – Sidney Teixeira; Tesoureiro – Sirinei Panisson; e suplentes – Cicero Domingues e Francisco Pinzon.

No decorrer dos anos, outras comissões foram eleitas e empossadas e deram continuidade às bandeiras defendidas pela agremiação partidária. A atual Comissão Executiva é constituída pelos seguintes membros: Presidente – Demétrio Honório Valdívia Gonzales; Vice-Presidente – Vilmar Merotto; segundo Vice-Presidente – Edmilson José Piton; Secretária-Geral – Roseli Vinhaga; Secretário-Adjunto – Irapuan Jorge Teixeira; Tesoureira – Naile Licks Moraes; Primeiro-Vogal – Júlio Francisco dos Reis; Segundo-Vogal – Diego Rosa de Oliveira; líder da bancada – Marcio Canali.

No decorrer do tempo o partido teve lideranças a nível regional. Em 1990 Bomfilho Seben foi presidente da Associação dos Municípios do Nordeste Riograndense (Amunor) e, em 1995, assumiu a Associação, Gilberto Borgo.

Desde 2009 o Poder Público Municipal tem à frente um filiado do PMDB, Prefeito Seger Luiz Menegaz, tendo como Vice-Prefeito, Vilmar Merotto. Foi reeleito em 2013, tendo como Vice-Prefeito Gilberto Oliboni. Seger Luiz Menegaz foi presidente da Amunor em 2012 e de 2014/2015 presidente da Famurs.

Atualmente o presidente da Câmara de Vereadores, Márcio Canali, também faz parte da mesma sigla partidária.

• PT

De acordo com um dos fundadores históricos do Partido dos Trabalhadores (PT) de Tapejara, Moacir Gaiardo, o partido começou com reuniões por volta de 1985 nas famílias de Vila Campos, com Claudir Gaiardo. Este contatou com Jurandir Bogoni, que na cidade estava articulando a formação do Partido dos Trabalhadores.

Em Vila Campos, Moacir e Claudir passaram a visitar diversas famílias. Os primeiros que aderiram ao movimento à formação do partido foram: Milton Manfron, Volnei Manfron, Amélide, Helena e Vitalino Bortolini, Mario Canali e João Carlos Canali. Na cidade de Tapejara, Jurandir Bogoni convidou Zilmar Variza, Paulo Roberto Hanel, Angélica Brock, Eliane Dametto, Tranquilo Slongo e Roseli P. Slongo.

Em 1986, nas eleições para Governador do Estado, Deputados Estadual e Federal, aconteceu em Porto Alegre uma movimentação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Moacir permaneceu acampado por uns dias. Também participou da convenção estadual do PT para escolha do candidato para Governador e Vice-Governador, Deputados Estaduais, Federais e Senador.

Em 1988, o Partido dos Trabalhadores lançou candidatura própria para Prefeito, Vice-Prefeito e para Vereador. Para Prefeito, o candidato Paulo Roberto Hanel, para Vice, Miguel Alécio Rovani e para Vereador, Moacir Gaiardo, Jurandir Bogoni, Carmelindo Luiz Rovani, Vicente Daronch, Antonio Otavio Comiran e Tranquilo Slongo. Porém, não elegeu nenhum candidato.

Em 1992, lançou a nominata para Vereador com os seguintes nomes: Paulo Roberto Hanel e Miguel Alécio Rovani. Elegeu o primeiro vereador: Paulo Roberto Hanel. No ano de 2000, o PT coligou-se com o PDT, para disputar a eleição proporcional. Os candidatos foram: Altemir Ábido, Jurandir Bogoni e Itamar da Rosa Vidal, elegendo Jurandir Bogoni para Vereador.

Em 2004, o PT coligou-se ao Partido Progressista (PP), ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) e ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) na majoritária e na proporcional. Elegeu Jurandir Bogoni e mais tarde assumiu seu suplente, Altemir Ábido. No ano de 2008, o PT coligou-se com o PP na proporcional. Reelegeu o Vereador Jurandir Bogoni. No ano de 2012, o PT coligou-se com PDT, PP e PTB. Na oportunidade, o candidato a Prefeito foi Aldemir Gaiardo (Nego Gaiardo, PT), com o vice Odacir José Dalmina, do PDT, não elegendo candidatos na majoritária nem Vereador.

O PT assumiu algumas secretarias nos mandatos de Gilmar Sossela e Ildo Aldino Lamb, e de Juliano Girardi e Élcio Scariot: Departamento de Participação Popular (Orçamento Participativo), através de Jurandir Bogoni, Altemir Ábido, Pedro Iliomar Ramos da Silva; Secretaria de Administração e Planejamento: Luciano Filippio, Itamar Maschio e Aldemir Gaiardo; Secretaria da Habitação: Pedro Iliomar Ramos da Silva; Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente: Altemir Ábido e Pedro Iliomar Ramos da Silva.

• PDT

O Partido Democrático Trabalhista (PDT) de Tapejara foi fundado oficialmente em 27 de janeiro de 1985, sendo sua primeira comissão executiva eleita nesta data assim composta: Presidente, Vergelino Eron Borges; Vice-Presidente, Mário Antônio Maurina; Secretário, José Carlos Cauduro; Tesoureiro, Odacir José Dalmina; líder da bancada, Gilmar Sossella. Os vereadores do PDT que fizeram parte do Legislativo Municipal: 1993-1996 – Demétrio H. V. Gonzales e Elso Scariot; 1997 a 2000 – Darcilo Adair Fracaro, Amélia Gajardo Sossella, Sérgio Marcon, Demétrio H. V. Gonzales, Artur Alexandre Souto; 2001 a 2004 – Darcilo Adair Fracaro e Moacir Bertollo; 2005 a 2008 – Odacir José Dalmina; 2009 a 2012 –

Elton Miguel Sandini e Paulo Cesar Langaro; 2013 a 2016 – Elton Miguel Sandini, Paulo Cesar Langaro, Rudinei Bruel.

A Convenção Municipal do PDT foi realizada na Câmara Municipal de Vereadores no dia 24 de maio de 1985. Na ocasião foi eleito o Diretório Municipal do PDT, composto de vinte e um membros e sete suplentes. Na mesma oportunidade, foi eleita a Executiva, que ficou assim constituída: Presidente, Vergelino Eron Borges; Vice-Presidente, José Carlos Cauduro; Secretário, Jayr Domingos Mulinari; Tesoureiro, Albino Luis Scariot; delegado, Cláudio Levandoski, e líder da bancada, Elói César Danielli.

Em 1997 elegeu Gilmar Sossella como Prefeito, sendo o mesmo reeleito em 2001. Presidiu a Associação dos Municípios do Nordeste Riograndense (Amunor) em 1999 e de 2001 a 2004; foi eleito deputado Estadual pelo PDT em 2006 e reeleito em 2010 e 2014; foi Presidente da Famurs na gestão 2003/04; e presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul em 2014.

A atual Comissão Executiva: Presidente, Paulo Cesar Langaro (Vereador); Vice-Presidente, Wanderlei Luiz Debastiani; Segundo Vice-Presidente, Francisco Paulo Machado; Secretário-Geral, Acir Luiz Ghidini; Primeiro Secretário, Darcilo Adair Fracaro; Tesoureiro, Rodinei Bruel (Vereador); Segundo Tesoureiro, Cleonice Rivarola; Líder da Bancada, Elton Miguel Sandini (Vereador); Primeiro Vogal, Roberto Calegari; Segundo Vogal, Sirlei Dalmagro Dalabrida; Terceiro Vogal, Paulo Cesar da Silva; Delegados: Paulo Cesar Langaro, Jakson Geisel da Silva, Odacir José Dalmina e Elso Scariot.

- **PTB**

O Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foi fundado em meados de 1995 em Tapejara. Nos primeiros seis meses, teve como presidente Wilson Bender e os restantes seis meses Airton Luis Angelieiro. Em 11 de junho de 2005, no recinto da Câmara de Vereadores de Tapejara, situada na Rua Cel. Gervásio, reuniram-se os membros do Diretório Municipal do PTB sob a direção do então presidente Wilson Bender, com a finalidade de realizar a eleição da Comissão Executiva Municipal, do Conselho de Ética, Disciplina Partidária e do Conselho Fiscal.

Foram eleitos os seguintes filiados para a Executiva Municipal: Presidente, Wilson Bender; Vice-Presidente, Airton Luis Angelieiro; Secretário-Geral, Tiago Brunetto; Secretário-Adjunto, Diogenes Dalzotto; Tesoureiro, Osmar Adelar Wolff; Primeiro-Vogal, João Mioto; Segundo-Vogal, Nério Rosalino Pessoa da Silva; primeiro suplente, Paulo Clovis Inácio; segundo suplente, Antônio Miguel Ribeiro dos Santos; terceiro suplente, Leoclides Cerezoli; quarto suplente, Ivo Nunes dos Santos; líder da bancada, Valdir Cerezoli. Para o Conselho de Ética e Disciplina foram eleitos os filiados titulares: Enio Fraga Maier, Sérgio Luiz Silva de Almeida, Dajir Antônio Martins; os suplentes: Paulo Roberto Pozzer, Maristela Seidler, Nelson José Marcon. Para o Conselho Fiscal foram eleitos titulares: Bernardete Fátima Dias, Luis Carlos Debona, Amadeu Conte e os suplentes: Cleunir Maria Ferreira dos Santos, Leandro Pozzer e Joelso de Lima.

Em 8 de dezembro de 2006, aconteceu a reunião para a escolha da Comissão Provisória do PTB de Tapejara, segundo instruções da Executiva Estadual do PTB-RS face à incorporação do PAN ao partido.

Por sugestão dos presentes, a Comissão Provisória ficou assim constituída: Presidente, Wilson Bender; Secretário, Tiago Martins; e Tesoureiro, Osmar Wolff. Os demais membros sugeridos foram Alceu Dalzotto, Sérgio Luiz Silva de Almeida, Nédio Debastiani, Bernardete Fátima Dias, Nelson José Marcon e o vereador Valdir Cerezoli.

Em 27 de fevereiro de 2007, reuniram-se na residência de Alceu Dalzotto os membros da Comissão Provisória Municipal do PTB de Tapejara. Os assuntos tratados foram os Cargos em Comissão do partido

junto ao Executivo Municipal e a licença do Vereador Valdir Cerezoli para que a Vereadora Bernardete de Fátima Dias assumisse durante o mês de março.

Em 23 de novembro de 2008, pela parte da manhã, aconteceu, no recinto da Câmara de Vereadores de Tapejara, a Convenção Municipal Extraordinária do PTB para a escolha dos membros titulares e suplentes. Os titulares escolhidos foram: Erci Salete Marcon, Valdir Cerezoli, Bernardete de Fátima Dias, Edenilson de Quadros, Paulo Clóvis Inácio, Darci Antônio Caldatto, Tiago Brunetto, Wilson Bender, Robson Bender, Tiago Martins, Lucas Emanuel Martins, Rangel Bender, Dagir Antônio Martins, Jussara Ribeiro da Silva Martins, Luis Carlos Nestor, Alceu Dalzotto, Claudiomara Gerlach Dalzotto, Osmar Adelar Wolff, Aloir Antônio Langaro, Jucelei Terezinha Favretto, Nelson José Marcon, Paulo Juliano Santos Rodrigues, Eduardo Pelissaro, Leandro Pozzer e Itamir Daré. Os membros suplentes: Ademar Koch, Elaine Fátima Tortini, Vilso Tortini, Daniela Pozzer, Marcos Roberto Cerezoli, Juliano Antônio Detofano, Adelides de Quadros, Edson Sebben e Itamar dos Santos. Os delegados escolhidos à Convenção Estadual foram: Wilson Bender (titular) e Tiago Brunetto (suplente). O Presidente convocou os membros do Diretório Municipal para participarem da eleição da Comissão Executiva, do Conselho de Ética e Disciplina Partidária e do Conselho Fiscal, que aconteceu nesse mesmo dia.

Abertos os trabalhos, pela parte da tarde foi escolhida a Executiva Municipal, que ficou assim constituída: Presidente, Alceu Dalzotto; Vice-Presidente, Valdir Cerezoli; Segundo Vice-Presidente, Aloir Antônio Langaro; Secretário-Geral, Osmar Adelar Wolff; Secretário-Adjunto, Joceli Terezinha Favretto; Tesoureiro, Nelson José Marcon; vogais: Tiago Brunetto, Claudia Gerlac Dalzotto; primeiro suplente: Tiago Martins; segundo suplente: Paulo Juliano Santos Rodrigues; terceiro suplente: Edenilson de Quadros; e quarto suplente: Eduardo Pelizzaro.

Para o Conselho de Ética e Disciplina Partidária foram eleitos os seguintes filiados: titulares: Paulo Clovis Inácio, Leandro Pozzer e Robson Bender; suplentes: Wilson Bender, Marcia Cerezoli, Adelar Koch. Para o Conselho Fiscal foram eleitos os seguintes filiados: titulares: Doraci Antônio Caldato, Elci Salete Maroni, Bernardete de Fatima Dias; suplentes: Eduardo Pozzer, Itamir Daré e Daniela Pozzer.

Em 20 de abril de 2011, reuniram-se os filiados do Partido Trabalhista Brasileiro de Tapejara, sob a presidência de Alceu Dalzotto, com a finalidade de sugerir a Comissão Executiva Estadual e membros à Comissão Provisória Municipal do partido.

O Presidente apresentou a sugestão da nominata constituída pelos seguintes membros: Presidente, Alceu Dalzotto; Vice-Presidente, Osmar Adelar Wolff; Tesoureiro, Airton Luis Angelieiro; os demais membros: Claudimara G. Dalzotto, Clovis Gerlac, Paulo Clovis Inacio, Aloir Langaro, Tiago Brunetto, Valdir Cerezoli e Paulo Roberto Pozzer.

Em seguida, a sugestão do presidente foi submetida para discussão e votação. Realizada a votação, a sugestão obteve a aprovação unânime dos presentes. Em 10 de maio de 2012, aconteceu reunião do PTB na residência de Airton Luis Angelieiro, quando diversos assuntos de interesse da agremiação foram tratados.

Em 30 de junho de 2012, nas dependências do Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira, foi realizada a Convenção Municipal do PTB. A finalidade da convenção foi a escolha dos candidatos do partido para concorrer nas eleições de 2012 aos cargos de Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador.

A deliberação aconteceu sobre a proposta de coligação à majoritária e proporcional com PT, PDT e PP. Na ocasião, foi escolhido e decidido apoiar Adelmir Gaiardo, candidato a Prefeito pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e o candidato a Vice-Prefeito Odacir José Dalmina, do Partido Democrático Trabalhista Brasileiro (PDT), apoiados e coligados com PT, PDT, PP e PTB.

Com relação à proporcional, ficou decidido manter a mesma coligação, ficando assim a coligação denominada Tapejara para Todos, que foi aprovada por todos os presentes. Nesta convenção, também foram escolhidos os candidatos para concorrem ao cargo de Vereador. Os escolhidos pelos convencionais foram Alceu Dalzotto e Bernardete de Fátima Dias.

Em 6 de julho de 2012, aconteceu reunião com os filiados do PTB, com a finalidade de criar o Comitê Financeiro da Campanha Eleitoral para Vereador na eleição de 2012. Colocados em discussão, foram aprovados os nomes de Alceu Dalzotto – Presidente e Diógenes Dalzotto – Tesoureiro.

- **PSB**

A atuação política do Partido Socialista Brasileiro (PSB) não se destina a lutar pelos interesses exclusivos de uma classe, mas de todos os que vivem do próprio trabalho, operários do campo e das cidades, empregados em geral, funcionários públicos ou de organizações paraestatais e servidores das profissões liberais, pois considera todos identificados por interesses comuns. Não lhe é, por isso, indiferente a defesa dos interesses dos pequenos produtores e dos pequenos comerciantes.

No Município de Tapejara, o PSB foi fundado em meados do ano de 1997 e teve sua organização manifestada por Jair Tognon. Desde sua criação, o PSB sempre teve forte influência no processo político eleitoral de Tapejara.

A atuação municipal do PSB foi decisiva em importantes conquistas para o Município de Tapejara, principalmente na área da saúde. No ano de 1997, quando o partido assumiu a Secretaria Municipal de Saúde, foi fundamental a realização do processo e da implementação da municipalização da saúde. Também se destaca o trabalho realizado junto ao Hospital Santo Antônio, onde o partido, por meio de suas lideranças, realizou importantes conquistas para essa entidade, como a aquisição de equipamentos e a reforma e construção da nova ala hospitalar. Neste segmento destaca-se o trabalho realizado pelo médico Jair Tognon e pelos dois vereadores eleitos pelo partido, Airton Aimi, na legislatura 2001/2004, e Cledi Fátima Hanel, na legislatura 2009/2012.

Na área habitacional, o partido viabilizou a construção de casas populares em diversos pontos da cidade, que foram fundamentais para reestruturar e dar condições de vida digna a diversas famílias tapejarenses.

No Legislativo, merece destaque a atuação de Cledi Fátima Hanel. Em 54 anos de história do Município, a parlamentar foi a quarta mulher a assumir uma cadeira na Câmara Municipal, e a segunda mulher a assumir a presidência da casa, por dois anos consecutivos. Durante seu mandato, a parlamentar propôs ao Legislativo e ao Executivo cinquenta e cinco indicações e projetos. Um deles é a Casa Rosa, Centro de Atendimento à Mulher, que presta serviços psicológicos e jurídicos à mulher vítima de violência. Outro projeto de destaque foi a entrega do Troféu Mulher Empreendedora, que possibilitou o resgate histórico da atuação da mulher tapejarense na comunidade. Na oportunidade foram homenageadas trinta e três mulheres, pelo trabalho realizado no Município de Tapejara. A atuação da Vereadora foi voltada à valorização da vida e do cidadão.

O PSB baseia-se nos fundamentos da igualdade, da justiça, da liberdade e da participação popular. Acredita que a democracia precisa ser aprofundada com a participação cidadã, mas que também é necessário ser estendida às diversas instituições sociais, como a família, a escola, as igrejas e os serviços públicos. É a esquerda capaz de ter clareza nas políticas urbanas. A esquerda capaz de formular e implementar um desenvolvimento sustentável. O partido capaz de construir um novo caminho.

Atualmente, a Comissão Diretora Provisória do PSB de Tapejara está composta pelo advogado e

educador Gilberto Scariot como Presidente; pelo representante comercial Gelson Edgar Leão como Vice-Presidente; pelo Bacharel em Direito Leonardo Frigeri como Primeiro Tesoureiro, pelo militar aposentado Osvaldo Moreira da Rosa como Segundo Tesoureiro; pela advogada Karol Canali como Primeira Secretária; pela contadora Rosangela Baranceli como Segunda Secretária; e pelo empresário Cleudemiro Sossella como Secretário-Geral do partido.

- **PPS**

O Partido Popular Socialista (PPS) surgiu em 2002 em Tapejara, sentindo a necessidade de uma nova política e buscando o espaço que alguns atuais e futuros líderes não tinham em partidos já tradicionais do Município.

Os fundadores foram Helfi Bevilaqua, Celso Fernandes de Oliveira (Celso Piffer), Narciso Seben, Larri Bertoglio e Everton Pereira, formando a primeira comissão provisória do Município.

Em 2004, aconteceu a formação de uma terceira via para Tapejara, possibilitando assim uma nova opção ao eleitor tapejarense, decidindo dessa maneira disponibilizar apenas candidato ao cargo de Vereador com Celso Piffer, que obteve 317 votos. Já em 2008, ainda tentando buscar uma vaga no Legislativo, novamente Celso Piffer foi candidato ao Legislativo, alcançando 452 votos e ficando como primeiro suplente na coligação.

Em 2012, ventilou-se a possibilidade de três candidatos à Câmara Municipal de Vereadores, mas decidiu-se novamente buscar uma vaga inédita ao partido e apenas um candidato seria lançado, ficando novamente o candidato Celso Piffer, pela terceira vez, como opção para buscar a vaga, a qual foi conseguida com 655 votos, sendo o sexto vereador mais votado da eleição e alcançando a vaga inédita como primeiro Vereador eleito pelo PPS na história de Tapejara.

O PPS busca muito a inclusão social, defendendo igualdade e oportunidade para todos, oportunizando uma uniformidade na participação da vida social, econômica e política do Município, e assegurando, assim, o seu direito no âmbito da sociedade, do estado e do poder público.

Em Tapejara, em dois anos de mandato, trabalharam na segurança pública, sendo um dos pioneiros a buscar junto com o Executivo e sociedade a implantação das câmeras de vídeo-monitoramento para auxiliar na segurança pública e diminuir o risco à população.

O partido defende a questão da mobilidade urbana, onde propõe mudanças que visem a facilitar pedestres e motoristas, uma construção lenta, mas muito necessária em Tapejara. Também são defensores da padronização de calçadas e meio-fios em Tapejara, com adaptação para pessoas com dificuldades de movimentação. Temas como saúde pública e educação também são defendidos de uma forma especial pelo partido e estão buscando melhorias para os munícipes junto ao Executivo. O partido busca espaço e oportuniza as pessoas a se unirem para juntos construir uma sociedade livre, justa e igualitária.

- **PSDB**

O Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) foi fundado no dia 30 de outubro de 2004. A comissão provisória escolhida nessa data foi constituída pelo Presidente Wagner Luizimar Bée e pelo Vice-Presidente Carlos Eduardo de Oliveira. Em 16 de julho de 2005, aconteceu nas dependências do Balneário Água Azul, localizado na RS 463, quilômetro 4,5, localidade de São Domingos, o encontro de filiados do PSDB de Tapejara, com o objetivo de debater o futuro político da agremiação em Tapejara e no Estado.

Estiveram presentes Nelson Marchesan Junior, coordenador regional do partido, que fez um breve

histórico sobre a origem do PSDB e sobre sua caminhada no Estado; Antônio Fagundes Filho, Vereador de Sananduva, que falou sobre a importância de colocar em prática o projeto do partido, que consiste na realização de reuniões regionais a cada três meses, com pessoas que buscam crescer juntamente com o PSDB. No final, a palavra ficou com Mauro Sparta, então Secretário do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul, que comentou sobre a questão de fazer a boa política através da ética, da dignidade e do comprometimento. De acordo com ele, o PSDB, para tanto, deve unir forças para conquistar novos aliados e crescer democraticamente com política de luta e honestidade.

Em 15 de outubro de 2005, foi refeita a eleição da nova comissão provisória do partido, tendo sido indicado para Presidente Wagner Luizimar Bée, para Secretário José Alexandre de Almeida, como membros Valmor Lopes, Rodrigo Pereira, Emerson Giacomin, Mailor Rampazzo e Antonio Carlos Cauduro.

No dia 26 de outubro de 2005, nas dependências do restaurante Velho Casarão, localizado na Rua Independência, 500, reuniram-se os simpatizantes do PSDB com o objetivo de realizar a eleição do Diretório Municipal de Tapejara, sendo eleita a chapa única, composta por Presidente Wagner Luizimar Bée, Vice-Presidente Tobias Sebben, Primeiro Secretário Valmor Lopes, Segundo Secretário Mailor Rampazzo, Primeiro Tesoureiro Carlos Eduardo de Oliveira, e Segundo Tesoureiro Antônio Carlos Cauduro.

No dia 28 de junho de 2008, foi instalada a convenção municipal do PSDB, sob a presidência de Carlos Eduardo de Oliveira. A convenção foi convocada para decidir sobre coligações e para escolha de candidatos para Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador para as eleições de 15 de outubro de 2008. Os trabalhos iniciaram pela questão da coligação, sendo decidido que a coligação, na majoritária, seria integrada pelos seguintes partidos: PSDB, PPS, PMDB, PSB, PSC e PRB. Também ficou definido que a coligação iria chamar-se "Frente pela Mudança", e que o candidato a Prefeito seria Seger Luiz Menegaz e a Vice-Prefeito Vilmar Merotto, ambos do PMDB. Ainda ficou definido que a coligação na proporcional seria entre PSDB, PPS, PSB e PRB. Na oportunidade, foi informado aos presentes que havia sido recebida apenas uma chapa de candidatos para Vereador, subscrita pelo número legal de convencionais e acompanhada do consentimento do único candidato, que era Carlos Eduardo de Oliveira.

Em seguida, passou-se à votação secreta. Apurados os votos, constatou-se que o candidato a Vereador obteve a unanimidade dos votos dos convencionais; sendo assim, sua candidatura foi oficializada. A seguir, foi feita a escolha do número do candidato a Vereador, tendo sido decidido pela numeração 45678.

Em 3 de julho de 2008, aconteceu a reunião do Diretório Municipal do PSDB de Tapejara para decidir sobre os representantes do partido para o comitê financeiro nas eleições municipais do dia 5 de outubro de 2008. De imediato passou-se à escolha dos membros do comitê, que ficou assim disposta: Presidente Murilo Bée, Tesoureiro Antônio Carlos Cauduro. Também ficou definido que a coligação na chapa proporcional, que era composta por PPS, PSB, PRB, passaria a se chamar "Renovação para a Mudança".

No dia 21 de novembro de 2008, reuniram-se os simpatizantes do PSDB de Tapejara com a finalidade de realizar a eleição do órgão partidário, sendo eleitos em chapa única os seguintes membros: Presidente Carlos Eduardo de Oliveira; Vice-Presidente Antônio Carlos Cauduro; Secretário Paulo Cesar Frizon; Tesoureiro Wagner Luizimar Bée; membros: Leandro Spagnol, Murilo Bée, Clementina de Oliveira e José de Almeida.

Em 30 de junho de 2012, instalou-se a Convenção Municipal do Partido da Social Democracia Brasileira, quando o Presidente falou que a convenção era convocada para decidir sobre as coligações e para a escolha de candidatos para Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador na eleição de 7 de outubro de 2012. Foi definido que a coligação, tanto para a majoritária quanto na proporcional, seria constituída pelos parti-

dos PSDB, PPS, PMDB, PSB, PSC e PRB. Definiu-se também que a coligação passaria a se chamar "Frente para o Futuro" e que o candidato a prefeito seria Seger Luiz Menegaz, concorrendo à reeleição; o candidato a Vice-Presidente seria Gilberto Olibone, ambos do PMDB. Em seguida informou que foi recebida apenas uma chapa de candidatos a Vereador, acompanhada do consentimento da única candidata, que era Micheli de Oliveira. O resultado da apuração dos votos convencionais apontou a vitória da chapa única; sendo assim, o presidente proclamou como candidata a Vereadora filiada Micheli de Oliveira.

No dia 4 de julho de 2012, reuniu-se o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), sob a presidência de José Alexandre de Almeida, informando que a convenção era convocada para decidir sobre a escolha dos representantes do partido para o comitê financeiro nas eleições municipais de 7 de outubro de 2012. De imediato passou-se à escolha, ficando composta pelo Presidente da comissão financeira, Carlos Eduardo de Oliveira e Tesoureiro Antonio Carlos Cauduro. Ademais, ficou definido que a coligação era formada pelos partidos PSDB, PPS, PMDB, PSB, PDC e PRB, passando a chamar-se "De Frente para o Futuro".

Em 3 de janeiro de 2013, reuniram-se os membros do Diretório do PSDB de Tapejara, com a finalidade de discutir e deliberar nomes para a indicação ao Governo Municipal de Tapejara. Foram indicados os nomes de Ernani Carlos de Linhares, Micheli de Oliveira, Silvana Maria Zotti e Pedro Júlio Basqueira.

Por falta de interesse dos filiados e filiadas em continuar mantendo a agremiação, esta foi dissolvida em 10 de junho de 2014 e seus integrantes migraram para outros partidos existentes no Município.

- **PSC**

No dia 29 de junho de 2008, foi realizada a Convenção Municipal do Partido Social Cristão (PSC) em Tapejara. Após votação, foi formada a primeira Executiva Municipal do partido em Tapejara, ficando assim constituída: Presidente, Pedro Gilberto dos Santos; Vice-Presidente, Pedrinho Leonir dos Santos; Secretário, Mario Luis Leite Sarassa; Primeiro Tesoureiro, João Arcibaldo Silva; Primeiro Vogal, Mozarte da Silva Salles; Segundo Vogal, Cláudio André Alves. A sede está localizada na Rua Pedro Coldebella, 77.

No ano de 2014, foi formada uma nova Diretoria Executiva do PSC e no mesmo ato instituiu-se a Ala Jovem do PSC, com uma diretoria composta pelos seguintes membros: Presidente, André Luiz dos Santos; Primeiro Vice-Presidente, João Ricardo Nunes dos Santos; Segundo Vice-Presidente, Arthur Kologeski de Melo; Primeiro Tesoureiro, Gustavo Kologeski de Melo; Segundo Tesoureiro, Oséias Paulo Pinto; Primeiro Secretário, Cláudio André Alves; Segundo Secretário, Juliana Degrandis Ferreira; Primeiro Vogal, Thaynara dos Santos Kologeski de Melo; Segundo Vogal, Márcia do Estreito; e Terceiro Vogal, Inajara Rejane Favretto.

A Executiva atual do PSC está assim composta: Presidente, Pedro Gilberto dos Santos; Vice-Presidente, André do Estreito; Primeiro Secretário, Agnaldo Gutierrez; Segundo Secretário, Angélica Pires; Primeiro Tesoureiro, Elton Luiz Guisolfi Corrêa; Segundo Tesoureiro, Sebastião Marques; Primeiro Vogal, Vilmar Freitas de Melo; Segundo Vogal, João Arcibaldo Silva; e Terceiro Vogal, Miura Nogueira.

Em 2013, foi eleito o primeiro Vereador suplente Pedro Gilberto dos Santos. No dia 2 de março de 2015, ele assumiu uma cadeira na Câmara de Vereadores, no lugar do licenciado Ramir José Sebben (PMDB).

- **PRB**

O Partido Republicano Brasileiro (PRB) nasceu na cidade através da vontade de seus membros formadores em realizar uma politica nova, uma maneira diferenciada de governo. Em âmbito nacional,

esses objetivos têm sido igualmente buscados, sendo alcançados por meio da filiação de figuras novas ao partido, obtendo mais espaço e maior número de representantes em todos os níveis de representatividade política.

O desejo do partido é ajudar na busca por recursos a serem destinados para o Município, visando apenas ao melhor para Tapejara, sem levar em conta siglas partidárias.

Para o futuro, o objetivo é que o partido se desenvolva e consiga, também em Tapejara, ter em breve seus representantes eleitos.

PODER EXECUTIVO

• Prédios da Prefeitura

A primeira administração municipal do recém-emancipado Município de Tapejara iniciou no dia 1º de janeiro de 1956 e foi concluída ao final de 1959. Os trabalhos iniciaram no dia 2 de janeiro de 1956.

No início, o prédio da Prefeitura era uma construção antiga de madeira, com dois pisos. Ficava na Avenida Sete de Setembro, entre a residência de Ari Gardelin e o antigo Clube Comercial, onde atualmente está localizado o Boone´s Bar e o prédio de Neivo e Ulisses Valentini.

Em seguida, a Prefeitura mudou-se para a Avenida Sete de Setembro, onde hoje está localizado o Fórum. Depois a Prefeitura transferiu-se para o antigo Grupo Escolar Fernando Borba, na Rua do Comércio, localizada onde atualmente está sendo construído o novo Centro Administrativo. E, por fim, no dia 10 de outubro de 1977, foi instalada onde se encontra até hoje, na Rua do Comércio.

Segundo prédio da Prefeitura, em meados de 1960.

Terceiro prédio da Prefeitura, em março de 1977

Prefeitura atual. Foto Suelen Defáveri.

Obras da nova Prefeitura. Foto: Moisés Lopes.

Projeto da nova Prefeitura de Tapejara: Foto: Arquivo de Geisson Brusso.

A BASE DA ESTRUTURA URBANÍSTICA DE 1956 A MEADOS DE 1982

• Primeiro Prefeito e Vice-Prefeito

Os primeiros administradores de Tapejara foram o Prefeito Tranqüilo Basso e o Vice-Prefeito Ângelo Ughini, os quais foram escolhidos por unanimidade pelos representantes dos partidos políticos e aceitos pela maioria da população.

Tranqüilo Basso nasceu em Porto Alegre no dia 6 de novembro de 1908. Estudou na Associação Cristã de Moços (ACM), graduado como Guarda-Livros, formação hoje conhecida como Ciências Contábeis. Quando a família residia em Getúlio Vargas, então chamada de José Bonifácio, Tranqüilo trabalhava no Banco Pelotense. Com a falência do Banco fundou, juntamente com um irmão, uma tipografia em Getúlio Vargas, imprimindo um pequeno jornal municipal.

Em meados de 1940, foi convidado a assumir a contabilidade da firma Ughini Bertoldo & Cia., na Vila Tapejara, começando então todo um trabalho comunitário. Foi eleito Vereador por Passo Fundo, como representante da população local. Destacou-se como um dos líderes do movimento emancipacionista de 1953 em diante, em cuja comissão ocupava o cargo de Secretário-Geral.

Depois da emancipação, por unanimidade, foi escolhido candidato único e tornou-se o primeiro Prefeito Municipal, na gestão 1956 a 1959. Anos mais tarde, foi também eleito Vereador. Em 1970 transferiu-se para Porto Alegre, onde continuou trabalhando na firma Ughini S/A. Faleceu no dia 2 de outubro de 1984, aos 75 anos de idade, em Porto Alegre, tendo o seu corpo transladado para o Município de Tapejara, onde recebeu as últimas homenagens no recinto da Câmara Municipal de Vereadores. Tranqüilo foi casado com Isabel Adaime Basso, tendo o casal deixado os seguintes filhos: Avani, Alceu, Celso, Eunice, Vicente, Clarisse, Gilberto e Clóvis.

Tapejara no ano de 1972. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

O primeiro Vice-Prefeito, aclamado, também por unanimidade pelos partidos e referendado pela população, Ângelo Ughini, nasceu em 23 de junho de 1921, em Colônia Lângaro, filho de Valeriano Ughini e Maria Costela. O 1º e 2º ano de seus estudos foram no Seminário Nossa Senhora Salete, em Marcelino Ramos, e o 3º e 4º anos no Seminário Medianeira, em Santa Maria. Valeriano foi sócio fundador, juntamente com seus irmãos, da Casa Comercial Ughini & Bertoldo Ltda., posteriormente denominada de Ughini & Irmãos, e atualmente chamada de Ughini S/A.

No decurso do tempo, exerceu as atividades de auxiliar de escritório (1940-1945) na Casa Comercial em Vila Tapejara; foi gerente da filial em Vila Água Santa (1945-1951); foi subgerente em Passo Fundo (1951-1953); assumiu a gerência da matriz em Vila Tapejara (1954-1955); e em 1956 pediu licença para exercer a função de Vice-Prefeito. Voltou às atividades em 1960, até 1968, na Ughini matriz, em Tapejara. Ainda foi subgerente da filial Passo Fundo (1968-1970); em meados de 1971 assumiu a direção, e, com seus irmãos, a gerência da empresa Ughini S/A em Porto Alegre, onde permaneceu até os dias atuais. Ângelo, casado com Tereza Dalzotto, tiveram os seguintes filhos: Altair, Jaime, Ana Maria, Cenir, as gêmeas Margarete e Elizabete, Rosângela, Denise e Cláudia.

Conforme recorda Ângelo, "a população da Vila Tapejara desejava a emancipação, pois já havia evoluído e oferecia as condições básicas à emancipação, mas, ainda assim, tinha pouca assistência e apoio da municipalidade de Passo Fundo na conservação de estradas, ruas, pontes, nem mesmo possuíam um parque de máquinas e pessoas para manter a conservação e abertura dessas vias públicas, vias essas necessárias e urgentes de serem conservadas, abertas, ampliadas, devido ao escoamento da produção agrícola local ter aumentado e do aumento da população e instalação de instituições e atividades comerciais na Sede da Vila".

Quanto ao vitorioso movimento emancipacionista de Tapejara, atribuiu em grande parte ao Padre Raimundo Damin, que foi o principal articulador, coordenador e mobilizador de lideranças da população para que o resultado das urnas apontasse a maioria dos votos pela emancipação político-administrativa de Tapejara.

O desempenho de Ângelo na condição de Vice-Prefeito esteve sempre ligado ao Departamento Municipal de Estradas de Rodagem, que tinha como chefe Leurindo Cavichiolli. Dessa forma, procurou estruturar com pessoas e, adquirindo máquinas e equipamentos, oferecer melhores serviços de conservação e manutenção, na abertura de ruas e estradas no novo Município, que iniciava com muitas carências e dificuldades, desafios e tarefas a serem executadas.

Também assumiu, por diversas vezes, a condição de Prefeito, na ausência de Tranqüilo, normalmente por motivo de viagem, quando se deslocava à capital em busca de recursos e reivindicando a instalação de estabelecimentos públicos estaduais no novo Município.

Com o resultado do plebiscito, elevando o distrito à categoria de Município, a administração municipal de Passo Fundo retirou a subprefeitura, recolhendo os poucos equipamentos e máquinas existentes e os funcionários que prestavam assistência no distrito.

• Primeiras medidas e ações

No começo a primeira gestão encontrou muitas dificuldades na organização, local, equipamentos, pessoal, material e instrumentos de trabalho. Algumas dificuldades foram superadas ou minimizadas graças ao apoio da firma Ughini & Irmãos, que doou móveis e uma contribuição em dinheiro até que a Prefeitura fosse organizada.

A sede da Prefeitura foi instalada, inicialmente, conforme recordou Alceu Basso, "em um prédio alto, de madeira, onde, antigamente, funcionava um bar e uma cancha de bolão. Como o prédio estava vazio, foi escolhido para ser instalada a Prefeitura, onde funcionou por três anos na Av. Sete de Setembro, próximo ao atual Boone's Bar".

Nessa época, foi criado o quadro de servidores municipais. Foram lotados os primeiros funcionários, entre os quais Leurindo Cavichiolli, Chefe de Obras; Gesuíno Cauduro e Armindo Spagnol, operadores de motoniveladora; Guerino Marsíglio, operador de retroescavadeira; Nuli Faé e Giácomo Marin, responsáveis pelo serviço de obras e viação; Luiz Dal'Igna, tesoureiro e Irma Kafer Canali, secretária.

Ao mesmo tempo, foram criados os impostos e taxas municipais, entre os quais, o territorial e suburbano, predial, indústria e profissões e as taxas de limpeza pública, de caridade. Além disso, eram instituídas receitas: as receitas diversas e as extraordinárias. Em meados de junho de 1956, foi criado o Departamento Municipal de Estradas de Rodagem e ao mesmo tempo o cargo de Encarregado-Geral de Obras e Viação.

Em 13 de maio de 1957, o Executivo foi autorizado pela Câmara de Vereadores para contrair um empréstimo de quinze mil cruzeiros (Cr$ 15.000,00) a juros de 10% ao ano. O produto do empréstimo foi empregado exclusivamente no transporte de um trator do DAER de Nonoai até a cidade, que serviu para a execução da abertura da estrada estadual Tapejara-Charrua. "Também foram adquiridos um jipe e um caminhão com macaco hidráulico usados, além de conseguir um financiamento estadual, para a aquisição de uma motoniveladora", lembrou Basso.

• Estradas e pontes

A ligação da estrada do então distrito de Tapejara com o Município de Getúlio Vargas, era apenas pelo distrito de Ibiaçá, pertencente a Lagoa Vermelha, em 1956, ano em que, já emancipado, passou a pertencer a Sananduva. As estradas interdistritais de Água Santa e Tapejara não tinham ligação com o Município de Getúlio Vargas, a não ser pela estrada estadual.

Em 1956, a nova administração do Município de Tapejara esteve empenhada em construir outra

estrada. Os habitantes do distrito de Charrua, que pertencia ao Município de Getúlio Vargas, e que agora pertence a Tapejara, não tinha qualquer acesso direto à sede do novo Município. Estavam dela completamente afastados e eram obrigados, para vir a Charrua, por via rodoviária estadual, a vencer no máximo 26 km ou mais de um trecho de péssimo estado que poderia ligar Charrua à sede do novo Município de Tapejara.

Em meados da década de 1950, o Departamento Estadual de Estradas de Rodagem (Daer) iniciou a abertura da estrada Tapejara-Sananduva e obra de construção de ponte sobre o Rio Ligeiro que ligava os dois novos Municípios. Em meados de 1956, começaram os trabalhos para a construção dos alicerces-base em que se apoiou a ponte de madeira. Durante a construção, houve um tempo em que as obras eram paralisadas devido ao fato de os operários estarem buscando madeira distante do local e precisarem transportar. Essa paralisação ocasionou prejuízo para o escoamento da produção, sendo que o transporte de mercadorias com caminhões de grande tonelagem tiveram que empreender uma volta imensa, acarretando maior consumo de combustível, maior perda de tempo e tiveram que passar por território passo-fundense, para dali prosseguirem viagem.

Além disso, por qualquer chuva, a população de Ibiaçá ficava encurralada, pois o rio enchia e não dava passo à barca sobre o rio. Quando o rio permitiu, houve ônibus diário de Sananduva a Passo Fundo, via Tapejara. Em meados de julho de 1955, com as últimas chuvas da época, o ônibus ficou uma semana sem poder passar pela barca sobre o Rio Ligeiro e, consequentemente, o trânsito ficou interrompido.

• Criação dos Distritos e divisão administrativa

Entre as medidas tomadas pelo Poder Público, aconteceu a criação dos Distritos do Município. Em 11 de novembro de 1957, pela Lei nº 68, reconheceu como Distrito do Município a localidade de Santa Cecília. A Lei nº 82, de 13 de dezembro de 1957, reconheceu como Distrito do Município a localidade de Colônia Lângaro. E a Lei nº 165, de 6 de junho de 1960, reconheceu como Distritos do Município as localidades de Água Santa e Charrua.

Já a criação dos distritos de Colônia Lângaro e Santa Cecília aconteceu Pela Lei Municipal nº 87, de 13-12-1957, sendo assim anexados ao Município de Tapejara. Em divisão territorial datada de 1-7-1960, o Município é constituído por cinco distritos: Tapejara, Água Santa, Charrua, Colônia Lângaro e Santa Cecília, assim permanecendo em divisão territorial até1-7-1983.

Pela Lei Estadual nº 8.461, de 8-12-1987, é desmembrado do Município de Tapejara o distrito de Água Santa, que foi elevado à categoria de Município, sendo instalado em 1-1-1989.

Pela Lei Municipal nº 1.416, de 19-12-1988, é criado o distrito de Colônia Nova (ex-localidade), com território desmembrado do distrito de Colônia Lângaro e anexado ao Município de Tapejara.

Pela Lei Municipal nº 1.417, de 19-12-1988, é criado o distrito de Vila Campos (ex-localidade) e anexado ao Município de Tapejara.

Pela Lei Municipal nº 1.418, de 26-12-1988, é criado o distrito de Charrua Alta, com território desmembrado do distrito de Charrua e anexado ao Município de Tapejara.

Em divisão territorial datada de 1988, o Município era constituído de sete distritos: Tapejara, Charrua, Charrua Alta, Colônia Lângaro, Colônia Nova, Santa Cecília e Vila Campos.

Elevado à categoria de Município com a denominação de Charrua, pela Lei Estadual nº 9.617, de 20-3-1992, é desmembrado do Município de Tapejara o distrito de Charrua, elevado à categoria de Município.

Em divisão territorial datada de 1993, o Município é constituído de seis distritos: Tapejara, Charrua Alta, Colônia Lângaro, Colônia Nova, Santa Cecília e Vila Campos.

A Lei Estadual nº 10.661, de 28-12-1995, desmembra do Município de Tapejara o distrito de Colônia Lângaro. Elevado à categoria de Município com a denominação de Vila Lângaro.

Em divisão territorial datada de 1995, o Município é constituído de cinco distritos: Tapejara, Colônia Lângaro, Colônia Nova, Santa Cecília e Vila Campos.

A Lei Estadual nº 10.763, de 16-4-1996, desmembra do Município de Tapejara o distrito de Santa Cecília, elevado à categoria de Município com a denominação de Santa Cecília do Sul.

Em divisão territorial datada de 2001, o Município é constituído de quatro distritos: Tapejara, Charrua Alta, Colônia Nova e Vila Campos.

Em divisão territorial datada de 2007, o município é constituído de dois distritos: Tapejara e Vila Campos, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009.

- **Sucessões consecutivas**

Os sucessores do Prefeito Tranqüilo e do Vice Ângelo para o quatriênio 1960-1963 foram: Severino Dalzotto, como Prefeito, e Miguel Tabbal, como Vice-Prefeito, do Partido Democrático Social (PDS). Demonstraram a continuidade política administrativa anterior, sucedida em 1964-1968, com José Maria Vigo da Silveira, como Prefeito, e Miguel Tabbal, como Vice-Prefeito, da Aliança Renovadora Nacional (Arena).

O quatriênio 1969-1972 fazia retornar ao cargo de Prefeito Severino Dalzotto, acompanhado de Sady Stein, seu Vice-Prefeito, pela Arena. Era mais uma fase da continuidade política-administrativa. No quatriênio de 1973 a 1976 assumiu a administração municipal Aldino Guerino Lângaro, como Prefeito, e Ardulino Lângaro, como Vice, pela Arena. De 1977 a 1982, retornou ao cargo de Prefeito José Maria Vigo da Silveira, acompanhado do Johnny Dorval Zoppas, como Vice, pelo PDS. Assim, encerrou-se o período de administrações municipais caracterizadas por concepções e ações de política pública predominante voltada para o meio rural e comercial.

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

Em 27 de janeiro de 1989 o então prefeito Bomfilho Seben criou a Lei nº 1.421, que dispõe sobre a organização administrativa básica dos serviços municipais de Tapejara. Os serviços municipais competentes ao Executivo, conforme sua natureza e especificação, foram assim denominados:

I – Gabinete do Prefeito (GP)

II – Secretaria Municipal de Administração e Planejamento (SMAP)

III – Secretaria Municipal da Fazenda (SMF)

IV – Secretaria Municipal de Obras e Viação (SMOV)

V – Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura (SMEDEC)

VI – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Industrial e Comercial (SMDIC)

VII – Secretaria Municipal da Saúde e Meio Ambiente (SMSMA)

Além das secretarias, por essa mesma lei, foi instituída a Consultoria Jurídica, diretamente vinculada ao Prefeito Municipal e aos Conselhos Municipais como órgãos de cooperação e assessoramento ao Prefeito.

Em 12 de janeiro de 1993, o Prefeito Municipal Gilberto Borgo realizou alteração na organização administrativa básica dos serviços municipais, constantes na Lei Municipal nº 1.421, de 27/1/1989, sob a Lei nº 1.730, realizando as seguintes adequações:

- é criada a Secretaria Municipal da Agricultura e Meio Ambiente;

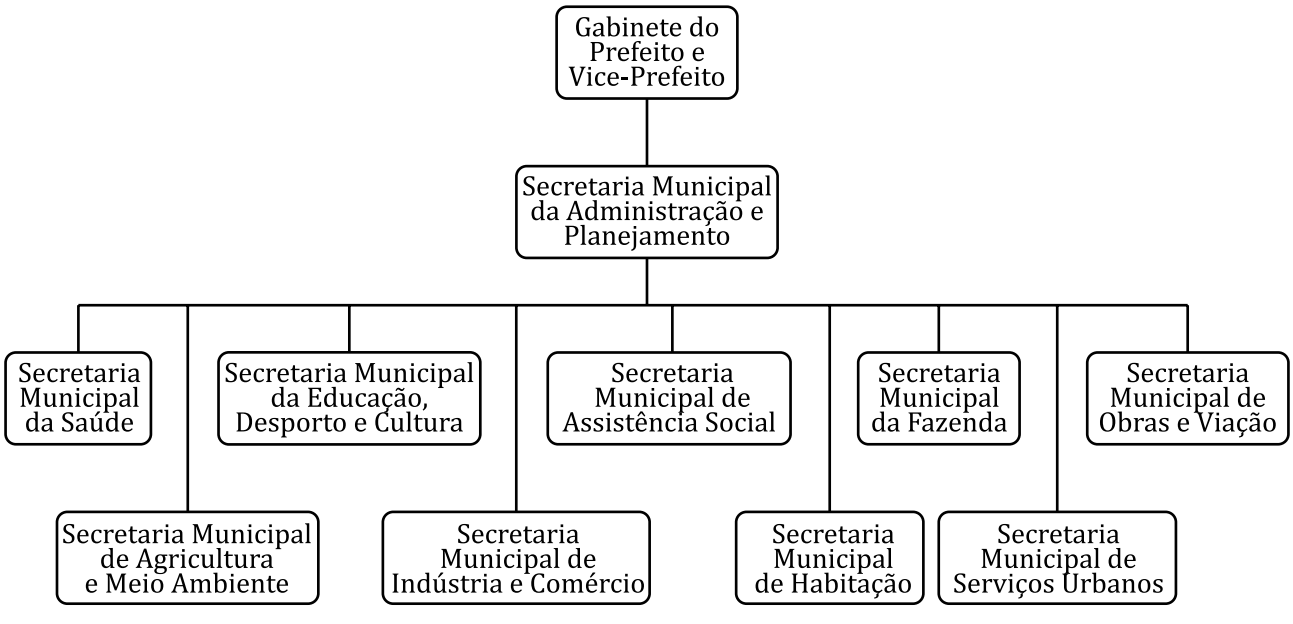
- é realizada alteração na redação do item IV, passando a se denominar: Secretaria Municipal Geral de Obras e Viação (SMGOV);

- é realizada alteração na redação do item VII para Secretaria Municipal de Saúde e Ação Social (CMSAS).

Em 14 de junho de 1993, o Prefeito Municipal Gilberto Borgo, através da Lei nº 1.755, criou a Secretaria Municipal de Habitação.

Em 13 de setembro de 2011, o Prefeito Municipal Seger Luiz Menegaz criou a Lei Municipal nº 3.556, a fim de instituir a criação da Secretaria Municipal de Assistência Social, autorizando a criação de cargos em comissão e a transferência dos créditos orçamentários pertencentes à ação social da Secretaria de Saúde à Secretaria ora criada. Por conseguinte, a Secretaria Municipal de Saúde e Ação Social passaram a denominar-se Secretaria Municipal de Saúde.

Atualmente, o organograma da Estrutura Administrativa do Município de Tapejara está composto da seguinte forma:



• Gabinete do Prefeito

Segundo o Artigo 2º da Lei Municipal nº 1.421, de 27 de janeiro de 1989, o Gabinete do Prefeito funciona como um elo entre o Chefe do Executivo e o público, cabendo-lhe organizar o serviço de audiências públicas, receber e elaborar as correspondências do Prefeito, preparar seus contatos com titulares das repartições municipais e exercer funções protocolares e de cerimônia. Compõe o Gabinete do Prefeito o corpo de funcionários designados pelo Executivo Municipal. Atualmente: Prefeito, Seger Luiz Menegaz; Vice-Prefeito, Gilberto Oliboni; Chefe de Gabinete, Edmilson José Piton; Assessoria de Comunicação, Marcos Davi Bacega e Suelen Defaveri; secretária, Micheli Oliveira; assessoria jurídica, Nailê Licks Moraes e Sidney Teixeria; e Procurador Adjunto, Luciano Manica.

• Secretaria Municipal de Administração e Planejamento (SMAP)

Conforme o artigo 5º da Lei Municipal nº 1.421, de 27 de janeiro de 1989, a Secretaria Municipal de Administração e Planejamento tem as seguintes atribuições:

- Encarregada dos recursos humanos, transporte, administração, documentação e arquivo.

- Responsável pelo controle da tramitação de leis e decretos do Executivo, além de examinar e preparar as correspondências expedidas pelo Prefeito.

- Incumbida de receber e encaminhar as leis já aprovadas pelo Legislativo, controlando os prazos legais de sanção e veto, e efetuando registros de leis, decretos e portarias.

- Supervisiona os serviços de recepção e informações do prédio da Prefeitura, bem como o de conservação desse imóvel.

- Supervisiona os serviços de interesse do Município, que, em virtude da legislação federal ou estadual, são a ele total ou parcialmente delegados.

- Responsável pela elaboração do Plano Geral do Governo Municipal, elaborar as propostas de orçamento anual e plurianual de investimentos da Administração Centralizada e coordenar a execução da política organizacional do Executivo Municipal.

Ainda no artigo 5º, é estabelecido que, dentro das diretrizes do plano diretor, a SMAP controla a expansão urbana, examinando e aprovando projetos de obras particulares, cabendo-lhe também opinar sobre a urbanização de terrenos situados no Município e tratar da desapropriação de imóveis que o plano diretor exija. Este órgão tem à frente, atualmente, a Secretária Claura Barcarollo.

• Conselho Municipal da Cidade – CONCIDADE

Vinculado à Secretaria Municipal de Administração e Planejamento, o CONCIDADE foi criado através da Lei Municipal nº 3.566/11, em 27 de setembro de 2011, em cumprimento ao disposto no artigo 65, inciso V, da Lei Orgânica do Munícipio.

É um órgão de cooperação governamental, de natureza permanente, e de caráter consultivo, deliberado e propositivo, que reúne representantes do poder público e da sociedade civil para deliberar sobre assuntos de sua competência. Tem por objetivo acompanhar, estudar, analisar, propor e aprovar as diretrizes para o desenvolvimento urbano.

• Secretaria Municipal da Fazenda (SMF)

Conforme o artigo 6º da Lei Municipal nº 1.421, de 27 de janeiro de 1989, a Secretaria Municipal da Fazenda é o órgão encarregado da administração financeira, patrimonial, contábil e de material, além da arrecadação de tributos e rendas e do pagamento dos compromissos da municipalidade. Elabora as leis orçamentárias do Município, dentro dos critérios aprovados pela administração. Presta também orientação fiscal ao contribuinte e procede a diligências fiscais a fim de assegurar o cumprimento da legislação tributária municipal. Prepara licitações e coletas de preços para aquisição de materiais de qualquer natureza, destinados às diferentes unidades da administração centralizada, estocando-os e distribuindo-os aos demais órgãos. Cabe, ainda, à SMF efetuar lançamentos contábeis, controlar saldos bancários, dívida pública, pagamento e outros. O atual Secretário da Fazenda é Marcos Bressan.

Secretaria Municipal Geral de Obras e Viação (SMGOV)

Conforme o artigo 7º da Lei Municipal nº 1.421, de 27 de janeiro de 1989, inicialmente, a Secretaria chamava-se Secretaria Municipal de Obras e Viação, sendo o órgão responsável pela construção, conservação e manutenção de obras viárias, praças e jardins, estradas municipais, rede de iluminação

Foto da garagem da Prefeitura em 1958. Chefe de Obra Laurindo Cavichiolli no Jeep; primeira patrola, Jesuíno Cauduro; na segunda patrola, Orildo Pirolli; no trator de esteira, Guerino Marsiglio; no caminhão, Olímpio Luchini; no segundo caminhão, Aquelino Pelizzaro. Foto: Arquivo de Paulo Cezar Costa Dias.

urbana, monumentos, prédios públicos municipais, redes de abastecimento de água municipais, parque de máquinas, oficina mecânica, marcenaria e fábrica de tubos de propriedade municipal e outros serviços afins. Compete-lhe, ainda, a construção e a conservação das redes de esgotos pluviais e cloacais, a

Primeira fábrica de tubos da Prefeitura, localizada na Rua do Comércio, ao lado da casa de Giacomo Marin, em 1956. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Detalhe do trabalho de trator d-4 com o tratorista Guerino Marsiglio, em 1963.
Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

desobstrução dos condutores e bocas coletoras de esgoto, além de fiscalizar as obras e projetos contratados de terceiros e, ainda, a administração do cemitério municipal.

Para tanto, sob a Lei nº 1.730, de 12 de janeiro de 1993, a Secretaria recebe a denominação que até hoje é utilizada: Secretaria Municipal Geral de Obras e Viação (SMGOV). Contudo, tem sob sua competência mais algumas atribuições: embelezamento e melhoramento das vias públicas no perímetro urbano, construção e manutenção das redes de telefonia municipal, bem como a organização funcional, a orientação, a coordenação e supervisão dos trabalhos desenvolvidos pelas equipes da Secretaria. Atual Secretário é Ricardo Rebeschini e os coordenadores, Sérgio Tamagno e Edgar Genari.

• Conselho Municipal de Trânsito – COMTRAN

O Conselho Municipal de Trânsito (COMTRAN) foi criado em Tapejara em 25 de maio de 1998, através da Lei Municipal nº 2.057/98, alterada pela Lei Municipal nº 2.109/98, passando de dez para treze entidades representativas.

O COMTRAN é um órgão de cooperação governamental, com a finalidade de auxiliar a administração pública na orientação, planejamento, interpretação e julgamento de matérias, à luz do Código de Posturas e do Código de Trânsito Brasileiro, nas avenidas, ruas, logradouros ou estradas de domínio público. Os trabalhos dos membros do COMTRAN são gratuitos, considerados como serviços prestados ao Município; cada membro indicado tem mandato de dois anos, sendo permitida a recondução.

Fazem parte do COMTRAN as seguintes entidades: Brigada Militar, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara, Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura, Secretaria Municipal de Obras e Viação, Secretaria Municipal de Administração e Planejamento, Lions Clube, ACISAT, OAB, CONSEPRO, Câmara Junior, Delegacia de Polícia Civil, Associação dos Motoristas de Tapejara e Centro de Formação de Condutores de Tapejara.

O COMTRAN, como órgão da administração municipal, tem as suas seguintes atribuições: fiscalizar os locais de sinalização de trânsito, nas vias públicas urbanas e placas indicativas nas estradas municipais;

transferir ou autorizar a criação de novos pontos de táxi, ou linhas de transporte coletivo no Município; zelar pela conservação da sinalização de trânsito; promover e coordenar campanhas educativas de trânsito; organizar estatísticas de acidentes de trânsito; definir pontos de paradas de ônibus e locais de estacionamento nas vias públicas; fixar normas e requisitos à utilização das vias públicas na realização de provas esportivas de qualquer natureza, exceto as de competência do Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAM); fiscalizar a sinalização dos passeios, quando por qualquer motivo estejam prejudicando o trânsito de pedestres; apreciar e resolver sobre os casos omissos que vierem a surgir; cumprir e fazer cumprir a legislação e as normas de trânsito, no âmbito de suas atribuições.

- **Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura**

Conforme o artigo 8º da Lei Municipal nº 1.421, de 27 de janeiro de 1989, a Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura é o órgão encarregado de realizar, supletivamente, o ensino fundamental e pré-escolar do Município e promover, dentro das possibilidades, o desenvolvimento cultural da população. Cabe-lhe incentivar e promover a difusão e elevação da cultura popular através de atividade televisiva, cinematográfica, artística em geral e também recreação e lazer. Promove a recreação pública e o esporte amador, podendo manter unidades recreativas, organizar campeonatos e torneios esportivos entre unidades escolares e amadoras. Compete-lhe ainda divulgar, incentivar e promover o turismo no Município. O atual Secretário é Altamir Galvão Waltrich e as coordenadoras, Fabiana Rodigheri e Vania Regina Panisson. O coordenador do Departamento de Esportes é Joel de Lima Portes.

- **Conselho Municipal de Alimentação Escolar**

O Conselho Municipal de Alimentação Escolar (CAE) foi criado pela Lei nº 2.298/00, de 18 de agosto de 2000. É formado por sete membros, que representam os segmentos: Executivo, professores, pais e entidades civis. Os objetivos são: acompanhar a aplicação dos recursos federais transferidos à conta do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE); zelar pela qualidade dos produtos, em todos os níveis, desde a aquisição até a distribuição, observando sempre as práticas higiênicas e sanitárias; receber, analisar e remeter ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), com parecer conclusivo, as prestações de contas do PNAE encaminhadas ao Município.

- **Conselho Municipal de Cultura**

O Conselho Municipal de Cultura (CMC) foi criado através da Lei nº 3.562/11, de 13 de setembro de 2011. É formado por seis membros, representando a Administração Pública, produtores culturais e o público. Os objetivos são: propor e fiscalizar ações e políticas públicas de desenvolvimento da cultura; promover e incentivar estudos, eventos, atividades permanentes e pesquisas na área da cultura; contribuir na definição da política cultural a ser implantada pela Administração Pública; propor e analisar políticas de geração, captação e alocação de recursos para o setor cultural; colaborar na articulação das ações entre organismos públicos e privados da área da cultura; emitir e analisar pareceres sobre questões técnico-culturais; acompanhar, avaliar e fiscalizar as ações culturais desenvolvidas no Município; incentivar a permanente atualização do cadastro das entidades culturais do Município.

• Conselho Municipal de Desporto

O Conselho Municipal de Desporto (CMD) foi criado pela Lei nº 2.212/99, de 31 de dezembro de 1999. É formado por seis membros que, comprovadamente, tenham prestado serviços úteis aos desportos e que estejam integrados no meio desportivo do Município. Objetiva organizar, orientar, difundir e fiscalizar a prática dos desportos no Município; cumprir e fazer cumprir todos os dispositivos regulamentares, emitidos pelos poderes esportivos a que estiver subordinado; verificar a situação das entidades esportivas do Município, propondo ou opinando sobre subvenções que lhe devam ser destinadas e fiscalizar a correta aplicação; organizar o calendário esportivo anual; zelar pela harmonia entre as entidades do Município; fiscalizar a execução da legislação esportiva em vigor, em colaboração com os demais órgãos esportivos.

• Conselho Municipal de Educação

O Conselho Municipal de Educação (CME) foi criado pela Lei nº 2.091/98, de 25 de setembro de 1998. É formado por nove membros, que representam os segmentos: Associação dos Professores Municipais, direções das escolas municipais, Secretaria Municipal de Educação, Círculo de Pais e Mestres, Escolas de Educação Infantil Provadas, Conselho Tutelar e Assistência Social. Objetiva baixar normas complementares para o Sistema Municipal de Ensino; autorizar séries/ciclos e cursos; aprovar os regimentos escolares do Ensino Fundamental; analisar, cadastrar e arquivar os regimentos da Educação Infantil; autorizar o funcionamento dos estabelecimentos de ensino; autorizar a desativação/ativação ou extinção de estabelecimentos de ensino; fiscalizar o funcionamento dos estabelecimentos de ensino; manifestar-se sobre assuntos de natureza educacional; propor medidas que visem à expansão, consolidação e aperfeiçoamento do Sistema Municipal de Ensino; manter intercâmbio com outros Conselhos de Educação e participar do Conselho do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) .

• FUNDEB

O Conselho Municipal de Acompanhamento, Controle Social, Comprovação e Fiscalização do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização do Magistério – CACS – FUNDEB foi criado através da Lei nº 3.002/07, de 20 de março de 2007. Formado por onze membros, que representam segmentos da educação, como pais, alunos, professores, diretores, alunos, Executivo, Conselho Tutelar, Conselho Municipal de Educação e Secretaria Municipal de Educação. Os objetivos são: acompanhar e controlar a repartição, transferência e aplicação dos recursos do fundo; supervisionar a realização do censo educacional anual e elaboração da proposta orçamentária anual; examinar os registros contábeis e demonstrativos gerenciais mensais e atualizados relativos aos recursos repassados ou retidos à conta do fundo; emitir parecer sobre o acompanhamento anual do fundo.

• Secretaria Municipal de Desenvolvimento Industrial e Comercial (SMDIC)

Conforme o artigo 5º da Lei Municipal nº 1.421, de 27 de janeiro de 1989, a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Industrial e Comercial é o órgão que tem atuação nos setores rural, industrial e comercial. Orienta, coordena e controla a execução da política de desenvolvimento agropecuário, industrial e comercial da esfera do Município. Promove a realização de atividades relacionadas com esses setores, coordena atividades relativas à orientação da produção primária e do abastecimento público,

licencia e controla o comércio transitório e as atividades de prestação de serviço em geral. Suas atividades devem procurar entrosamento com as dos órgãos estaduais e federais pertinentes. A Secretaria poderá cumprir suas atribuições por meio de convênios ou contratos. Atual Secretário é Clóves Marensi de Moura e a coordenadora, Jucelaine Adler.

• Conselho de Desenvolvimento de Tapejara – CODETAP

O Conselho de Desenvolvimento de Tapejara (CODETAP) foi criado no dia 21 de junho de 1993, sob a Lei Municipal nº 1.756/93. O CODETAP tem como atribuições: estabelecer diretrizes para o desenvolvimento industrial e comercial do Município, analisar e decidir pedidos de concessão de incentivos e benefícios fiscais às indústrias, ao comércio e aos prestadores de serviços, decidir sobre implantação de novos distritos industriais e decidir sobre alienação de áreas de concessão de uso.

• Secretaria Municipal de Saúde

A Secretaria Municipal de Saúde foi constituída inicialmente em conjunto com o Meio Ambiente, através da Lei Municipal nº 1.421, no ano de 1989. Sofreu alterações em 1993, através da Lei Municipal nº 1.730, e passou a atuar em conjunto com a Ação Social. Somente em 2011, através da Lei Municipal nº 3.556, vigorou para atuar unicamente com a Saúde, denominando-se então Secretaria Municipal de Saúde.

A Secretaria Municipal de Saúde é o órgão encarregado de zelar pela saúde pública e pelo bem-estar social dos munícipes; contribuir na criação de uma consciência política na área da saúde; desenvolver atividades ligadas à área da saúde, em nível municipal, a fim de que haja uma assistência eficaz, universal, igualitária e gratuita.

Compete-lhe, ainda, encaminhar discussões, definir, executar e avaliar planos, projetos e programas de saúde e viabilizar, em nível municipal, o Sistema Único de Saúde (SUS), constitucionalmente definido, que servirá de referência para a implantação da municipalização da saúde no Município. Compete, ainda, a esta Secretaria reduzir os riscos de doenças mediante o desenvolvimento de um programa de saneamento básico e meio ambiente eficiente, com participação e conscientização da população. Deve propor programação conjunta para atingir ações preventivas, quais sejam: controle de doenças transmissíveis, promoção da saúde da mulher, da criança, do adulto, do idoso, do índio e do trabalhador em geral, melhora da qualidade de assistência à saúde e estendê-la à população nas decisões referentes à área.

Ainda cabe à Secretaria possibilitar a integração dos diversos órgãos afins; colaborar com os órgãos afins das esferas federal, estadual e entidades privadas, para o desenvolvimento das atividades mencionadas, inclusive administrar e executar convênios firmados com estes, juntamente com o Conselho Municipal de Saúde local; opinar e controlar o processo de admissão, demissão e fiscalização dos profissionais contratados e exercer outras atividades afins. O atual Secretário da Saúde é Umberto Bolsonello e a coordenadora, Valdiane Mezzomo Pozzer.

• Conselho Municipal de Saúde

O Conselho Municipal de Saúde foi criado através da Lei Municipal nº 1592/91 em 06 de maio de 1991, junto ao Fundo Municipal de Saúde, com a função principal de coordenar e definir as diretrizes na área de saúde, através da participação da comunidade organizada. Participam deste conselho vinte entidades, compostas por usuários, prestadores de serviços e governo, com distribuição paritária.

Em 16 de agosto de1993 a Lei Municipal foi alterada para 1769/93, definido no artigo 158 da Lei Orgânica Municipal, com caráter deliberativo e permanente, que tem por finalidade orientar a admisnitração no estabelecimento da Política Municipal de Saúde.

• Secretaria Municipal de Assistência Social

A Secretaria Municipal de Assistência Social foi constituída inicialmente em conjunto com a Saúde no ato intitulada Ação Social, através da Lei Municipal nº 1.730, no ano de 1993. Somente em 2011, através da Lei Municipal nº 3.556, foi criada, na Administração centralizada do Município, a Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS).

Conforme o artigo 2º da Lei Municipal nº 3.556, de 2011, a SMAS é o órgão voltado a garantir a eficácia e a eficiência do Sistema Único da Assistência Social (SUAS) no âmbito do Município. São atribuições da Secretaria Municipal de Assistência Social: atuar nas áreas de orientação e recuperação social, habitação, assistência ao trabalhador, formação e aperfeiçoamento da mão de obra, mercado de trabalho, relacionamento com o Ministério de Desenvolvimento Social; assistência ao menor e ao desvalido; e relacionamento com o Conselho Tutelar – Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente de Tapejara (COMDICAT), Juizado de Menores e outras; além disso, deve prestar assistência social à população e às populações carentes; fazer pesquisas estatísticas com relação às populações carentes em suas diversas faixas etárias; e exercer outras atividades correlatas.

Ainda cabe destacar algumas finalidades específicas, tais como: a criação do cadastro único para famílias em situação de vulnerabilidade social e risco, conforme critérios do Programa Bolsa Família, instituído pela Lei nº 10.836/2004. Compete, ainda, executar projetos de enfrentamento da pobreza, incluindo a parceria com organizações da entidade civil e atender as ações assistenciais de caráter de emergência. A atual Secretária é Ilmara Panho Sebben e a coordenadora do Centro de Referência de Assistência Social (Cras) é Daniele Albring.

• Conselho Municipal de Assistência Social

O Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) é instância de controle social da política de assistência social do Município de Tapejara. Foi criado pela Lei nº 1.923, de 1996, alterada pela Lei nº 3,225/09, do dia primeiro de julho de 2009, com composição paritária, com representantes governamentais e da sociedade civil. Um dos seus objetivos é acompanhar, avaliar e fiscalizar os serviços de assistência social prestados à população pelos órgãos, entidades públicas e privadas. O CMAS de Tapejara também é instância de controle do Programa Bolsa Família.

• Conselho Municipal do Idoso

O Conselho Municipal do Idoso foi criado pela Lei Municipal nº 3.897, em 5 de agosto de 2014. É composto, paritariamente, por quatorze membros, sendo estes do governo municipal e da sociedade civil. O referido conselho é órgão consultivo, permanente, deliberativo e propositivo, vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social. Tem entre outros objetivos elaborar, planejar e sugerir projetos que busquem a reintegração e a participação ativa do idoso na vida da comunidade.

• COMDICAT

O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Tapejara (COMDICAT) foi criado em 17 de dezembro de 1990, pela Lei Municipal nº 1.570; juntamente, criou-se o Fundo Municipal

dos Direitos da Criança e do Adolescente de Tapejara. Em 15 de agosto de 2003 a lei foi reestruturada, passando a valer a Lei de nº 2.622.

O COMDICAT é um canal de participação social dos cidadãos que tem por objetivo fazer com que suas demandas e prioridades atendam às políticas públicas da criança e do adolescente. É um órgão criado por determinação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei 8.069/90), devendo fazer parte do Poder Executivo.

É um órgão normativo, deliberativo e controlador da política de atendimento e defesa dos direitos da criança e do adolescente. É formado por nove membros, representantes da sociedade civil e nove membros representantes do governo municipal. A constituição e as atribuições do Conselho Municipal são fixadas pela Lei Federal nº 8.069/90.

O COMDICAT, no Município de Tapejara, foi criado na época do prefeito Bomfilho Sebben e teve envolvimento de toda a comunidade, com o apoio especial da especialista e técnica em Educação Maria Olinda Stein Costa.

Conselho Tutelar de Tapejara

Através da Lei Municipal nº 1.570/90 foi criado o Conselho Municipal da Criança e do Adolescente e, por meio deste, criado o Conselho Tutelar, conforme determina a Lei Federal de nº 8.069/90, em 17 de dezembro de 1990.

O Conselho Tutelar tem por objetivo zelar pelo cumprimento dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes, bem como fazer encaminhamentos psicológicos e psiquiátricos, incluir em programas de auxílio e projetos municipais, acompanhar e orientar as famílias, advertir os responsáveis pelos menores de 18 anos ou os responsáveis por estabelecimentos que descumprirem as leis. Também compete ao Conselho Tutelar aplicar medidas previstas no Estatuto da Criança e Adolescente, entre outras.

A primeira eleição em Tapejara foi realizada em 15 de dezembro de 1991, quando a escolha foi feita através de votação de chapa única e foram eleitos os primeiros conselheiros tutelares: Antonio Comiran, Sergio Gasparin, Magda de Quadros, Deoclides Piffer de Oliveira e Osvino Bruch.

Atualmente, os candidatos concorrem, individualmente, com mandato de três anos, permitida uma recondução, em igualdade de condições com os demais pretendentes. A partir do ano de 2016, todo candidato a Conselheiro Tutelar será eleito por voto popular, nos mesmos moldes das eleições anteriores, porém com mandato de quatro anos, segundo o artigo 132 da Lei nº 12.696, de 25 de julho de 2012, que unifica a eleição e o mandato de todos os Conselhos Tutelares do Brasil.

O Conselho Tutelar é composto por cinco conselheiros titulares e é coordenado por um membro escolhido pelos seus pares para um período de um ano, admitida recondução, conforme consta no art. nº 19 da Lei Municipal nº 2.622/03. Além do colegiado, o Conselho Tutelar conta atualmente com uma secretária administrativa e um motorista, ambos cedidos pelo poder público municipal e vinculados ao Conselho Tutelar.

O Colegiado atual é composto pelos seguintes Conselheiros Tutelares: Roberto Stein (coordenador atual do Conselho Tutelar), Priscila Comiran, Rosangela A. de Figueredo, Itamar dos Santos e Silvana Zotti.

- ## Coordenadoria Municipal de Proteção e Defesa Civil (COMPDEC)

A Lei Municipal nº 2.555, em 16 de dezembro de 2002, criou a Coordenadoria Municipal de Defesa Civil (CONDEC), hoje denominada Coordenadoria Municipal de Proteção e Defesa Civil (COMPDEC).

É um órgão diretamente subordinado ao Prefeito Municipal ou ao seu eventual substituto. Tem a finalidade de coordenar, em nível municipal, todas as ações de defesa civil nos períodos de normalidade e anormalidade.

A Defesa Civil é o conjunto de ações preventivas, de socorro, assistenciais e reconstrutivas, destinadas a evitar ou minimizar os desastres, preservar a moral da população e restabelecer a normalidade social. Com o evento climático adverso (tornado), ocorrido no mês de abril de 2014, o COMPDEC teve participação ativa, sendo que ainda os trabalhos continuam sendo acompanhados por esse órgão.

• Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente

Sob a Lei nº 1.730, de 12 de janeiro de 1993, foi criada a Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente. Antes disso, a área ambiental estava ligada à Secretaria da Saúde, através da Lei Municipal nº 1.421, do ano de 1989. A criação da Secretaria objetivava atuar na execução das atividades ligadas ao incentivo à agricultura e à pecuária; à pequena indústria agrícola; à produção e venda de mudas; à organização de viveiros municipais visando ao florestamento e reflorestamento; ao incentivo às hortas comunitárias; e ao incentivo à diversificação de culturas. Compete ainda realizar atividades de incentivo e assessoramento para o ensino agrícola nas escolas; organização de feiras de produtos agropecuários; promoção de trabalhos de conscientização para diversificação de culturas e fixação dos agricultores em seu próprio meio e, atuando em cooperação com outras entidades, exercer todas as atividades correlatas. Além disso, incentivar e oportunizar a formação de associações e cooperativas de pequenos e médios produtores a fim de que possam, de forma organizada, buscar alternativas para a solução de seus problemas.

Entretanto, em relação ao Meio Ambiente, a Secretaria é responsável pela atuação no sentido da proteção ambiental no Município, com atividade nas áreas de preservação e conservação do ambiente natural; combate à poluição ambiental; manutenção e conservação do meio ambiente, pesquisando, baixando normas e instruindo a população sobre equilíbrio ambiental; assegurar a efetividade desse direito, desenvolvendo ações permanentes de planejamento, proteção, restauração e fiscalização do meio ambiente, preservando e restaurando os processos ecológicos essenciais, promovendo o manejo ecológico das espécies e ecossistemas; prevenir, combater e controlar a poluição e erosão, proteger a flora e a fauna; fiscalizar e disciplinar a produção, o armazenamento, o transporte, uso e destino final de produtos, embalagens e substâncias potencialmente perigosas à saúde publica, aos recursos naturais e ao meio ambiente. O atual secretário é Volmir Oreste Danelli.

• Conselho Municipal de Proteção ao Meio Ambiente – COMPROMA

O Conselho Municipal de Proteção ao Meio Ambiente (Compromа) foi criado em Tapejara no ano de 2002, através da Lei Municipal nº 2.475, de 17 de maio de 2002, sendo composto por membros de vinte e duas entidades. A primeira presidência, no ano de 2002, ficou a cargo de Jupira Almeida. Atualmente, o presidente do COMPROMA é Volmir Oreste Danelli.

Dentre os objetivos do COMPROMA, destacam-se: promover a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental; coordenar e integrar as atividades ligadas à defesa do meio ambiente; promover a elaboração e o aperfeiçoamento das normas de proteção ao meio ambiente; incentivar o desenvolvimento de pesquisa e processos tecnológicos destinados a reduzir a degradação da qualidade ambiental; estimular a realização de atividades educacionais e a participação da comunidade no processo de preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental.

• Conselho de Desenvolvimento Agropecuário de Tapejara – CONDRAGO

A Lei Municipal nº 1.932, em 30 de maio de 1996, criou o Conselho de Desenvolvimento Agropecuário de Tapejara (CONDAGRO), na gestão do Prefeito Gilberto Borgo. Esse conselho, órgão consultivo e de assessoramento ao Executivo Municipal, nas questões relativas à politica de desenvolvimento da agropecuária do Município, vinculado à Secretaria Municipal da Agricultura e Meio Ambiente e subordinado ao Gabinete do Prefeito Municipal.

Compete ao CONDAGRO promover, incentivar, orientar e fiscalizar as atividades agropecuárias no Município; apresentar, anualmente, ao Executivo, os programas de atividades aprovadas pelo Conselho, como sugestão à Política Municipal de Agropecuária; compete também ao Conselho opinar, mediante parecer prévio, sobre a concessão de auxílios a serem concedidos pelo Poder Público, que visem ao incentivo da produção ao consumo; realizar censos, levantamentos de dados específicos; promover certames, tais como mostras, exposições, feiras, entre outros.

Fazem parte do Conselho: produtores agrícolas, comerciantes, industrialistas, representantes do Executivo Municipal e representantes de entidades afins, nomeadas pelo Prefeito Municipal. A direção do Conselho é eleita por seus membros. O primeiro presidente do Condrago foi Lídio Marcon e o atual é o senhor Volmir Oreste Danelli. O Conselho encontra-se uma vez por mês para discutir e aprovar demandas que vêm ao encontro dos seus objetivos.

• Conselho Municipal de Desenvolvimento – COMUDE

O Conselho Municipal de Desenvolvimento (COMUDE) foi criado pela Lei Municipal nº 2.611, em 27 de junho de 2003. Tem como objetivo a promoção do desenvolvimento local, harmônico e sustentado, através da integração das ações do Poder Público com as organizações privadas, as entidades da sociedade civil organizada e os cidadãos, visando à melhora da qualidade de vida da população, a distribuição harmônica e equilibrada da economia e a preservação do meio ambiente.

Compete ao COMUDE promover a participação de todos os segmentos da sociedade local, organizados ou não, na discussão dos problemas e na identificação das potencialidades, bem como a definição de políticas de investimentos e ações que visem ao desenvolvimento econômico do Município; organizar e realizar as audiências públicas necessárias em que a sociedade local discutirá e elegerá as prioridades municipais; elaborar plano estratégico de desenvolvimento municipal.

Também lhe cabe promover e fortalecer a participação da sociedade civil, buscando sua interação regional; realizar a interface com as atividades do Conselho de Desenvolvimento do Nordeste Rio-Grandense, buscando a articulação com o estado; constituir instância de discussão e formulação de propostas para servirem como subsídio à elaboração do Plano Plurianual, da Lei de Diretrizes Orçamentárias e dos Orçamentos Municipal e Estadual, bem como articular políticas públicas voltadas ao desenvolvimento; acompanhar e fiscalizar a execução das ações ou investimentos escolhidos no Comude e incluídos nos orçamentos municipais e estaduais. O primeiro presidente do Comude foi o Senhor Jairo Gustavo Dametto e o atual presidente é o Senhor Volmir Oreste Danelli.

• Secretaria Municipal de Habitação

A Secretaria Municipal de Habitação foi criada através da Lei Municipal nº 1.755, de 14 de junho de 1993. Compete a ela promover e executar a política habitacional do Município através de diversas modalidades, a qual deverá prever a articulação e a integração das ações com a União, o Estado, e a parti-

cipação das comunidades organizadas, quer pelo sistema cooperativo e consórcio, quer pelo sistema mutirão ou por qualquer outra forma mais econômica, visando à construção e à reforma de moradias para beneficiar famílias de baixa renda. A atual Secretária é Roseli Vinhaga, e o coordenador, Deoclides Piffer de Oliveira.

- **Conselho Municipal de Habitação e Fundo Municipal**

A Lei Municipal nº 1.768, de 11 de agosto de 1993, dispõe sobre a constituição do Conselho Municipal de Habitação e a criação de Fundo Municipal a ele vinculado.

- **Programa Municipal de Habitação Popular**

O Programa Municipal de Habitação Popular foi criado através da Lei Municipal nº 1.788, de 11 de outubro de 1993, o qual está integrado com a União e Estado, e conta com a participação das comunidades organizadas, de membros participantes, bem como dos instrumentos institucionais e financeiros, tendo por objetivo a execução da política habitacional do Município. O programa consiste na construção e em reformas de unidades habitacionais, mediante contribuição mensal, cujo valor não ultrapassará a 20% da renda mensal familiar devidamente comprovada, com possibilidade de antecipação das prestações deduzidas das últimas, no prazo máximo de quinze anos.

- **Conselho Municipal de Habitação**

O Conselho Municipal de Habitação foi criado através da Lei Municipal nº 1.768, no dia 18 de agosto de 1993, destinado a: construção de moradias; produção de lotes urbanizados; urbanização de favelas; melhorias nas unidades habitacionais; regularização fundiária; aquisição de imóveis para locação social; ações em vilas irregulares; serviços de apoio a organizações comunitárias em programas habitacionais e outras ações de interesse na área habitacional aprovados pelo Conselho.

No dia 26 de abril de 1994, através da Lei Municipal nº 1.831, foi alterada a nominata dos membros constantes no artigo 6º da Lei Municipal de 1.768, de 11/08/93, passando de três para quatro representantes do Executivo Municipal, três representantes das organizações comunitárias e um representante da associação de engenheiros e arquitetos de Tapejara.

- **Criação de programas habitacionais**

Em 31 de dezembro de 1999, através da Lei Municipal nº 2.213, ficou instituído o desenvolvimento de programas habitacionais em caráter deliberativo e com a finalidade de assegurar a participação da comunidade na elaboração de programas na área social, no tocante à habitação, além de direcionar o Fundo Municipal de Habitação. Também foi criado o Fundo Municipal da Habitação, destinado a propiciar apoio e suporte financeiro à implementação de programas de habitação voltados à população de baixa renda. Ainda ficou o Poder Executivo Municipal autorizado a instituir programas municipais de habitação popular integrados com a União e o Estado, com a participação das comunidades organizadas, de membros participantes, bem como dos instrumentos institucionais e financeiros, tendo por objetivo a execução da política habitacional do Município.

Os recursos do Fundo, em consonância com as diretrizes e normas do Conselho Municipal de Habitação, serão aplicados nos programas municipais de habitação popular, assim constituídos: construção de moradias de Poder Público ou em regime de mutirão; produção de lotes autorizados; urbanização de favelas; reconstrução, reformas ou ampliação de unidades habitacionais.

- **Secretaria Municipal de Serviços Urbanos**

Em 16 de junho de 2003, através da Lei Municipal nº 2.607/03, foi criada a Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, encarregada da pavimentação e conservação de ruas, avenidas e logradouros públicos; a construção e conservação de parques, jardins, áreas verdes e de recreação; execução de obras relacionadas com o sanemaneto do meio; de normas afetas ao disciplinamento de trânsito e à implantação dos planos de urbanização e viário; dos serviços de limpeza, iluminação pública, zeladoria de cemitérios, horto florestal e serviços auxiliares correlatos, podendo ser incorporados outras atribuições, através de designação por decreto municipal.

Também compete a esta Secretaira participar na formulação das diretrizes gerais de adoção de bacias hidrográficas como unidades básicas do planejamento e gestão do sanemaneto; planejamento, regulamentação, normatização e gestão de recursos em políticas de desenvolvoimento urbano, urbanização, conservações de próprios, sanemaneto básico e ambiental, transporte urbano e trânsito; promoção e articulação com as diversas esferas de governo, como o setor privado e organizações não governamentais, de ações e programas de urbanização de sanemaneto básico e ambiental, transporte urbano, trânsito e desenvolvimento urbano. O atual secretário é Julio Francisco dos Reis.

PREFEITOS E VICE-PREFEITOS DE TAPEJARA

- ***1ª GESTÃO: 1956-1959***

Prefeito: Tranquilo Basso (UDN)
Vice-Prefeito: Ângelo Ughini (PSD)

A eleição municipal realizada no ano de 1959 foi o momento ímpar para os eleitores tapejarenses. Pela primeira vez, foi oportunizado escolherem seus representantes para os Poderes Executivo e Legislativo.

- ***2ª GESTÃO: 1960-1963***

Prefeito: Severino Dalzotto (PSD)
Vice-Prefeito: Miguel Tabbal (PSD)

- ***3ª GESTÃO: 1964-1968***

Prefeito: José Maria Vigo da Silveira (ARENA)
Vice-Prefeito: Miguel Tabbal (ARENA)

A Eleição do ano de 1968, para a gestão e legislatura de 1969-1972, transcorreu nos moldes de nova organização partidária, imposta de forma autoritária pelo então regime militar que governava o Brasil.

Assessor Jurídico, Alceu Basso; Prefeito, José Maria Vigo da Silveira; Agente do IBGE, Sady Stein; Diretora do Grupo Escolar Fernando Borba, Catarina Borba; Inspetora Escolar, Ilma Kafer Canali; e na máquina de escrever, professor Darci Bordignon. Foto: Arquivo de Ilma Kafer Canali, em 1965.

- ***4ª GESTÃO: 1969-1972***

Prefeito: Severino Dalzotto (ARENA)
Vice-Prefeito: Sady Stein (ARENA)

- ***5ª GESTÃO: 1973-1976***)

Prefeito: Aldino Guerino Lângaro (ARENA)
Vice-Prefeito: Ardulino Lângaro (ARENA)

- ***6ª GESTÃO: 1977-1982***

Prefeito: José Maria Vigo da Silveira (ARENA)
Vice-Prefeito: Jonhy Dorval Zoppas (ARENA)

Na foto, quatro ex-Prefeitos de Tapejara. Da esquerda para a direita: José Maria Vigo da Silveira, Tranquilo Basso, Severino Dalzotto e Aldino Guerino Langaro. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

- ***7ª GESTÃO: 1983-1988***

Prefeito: Norberto Dall´Olivo (PMDB)
Vice-Prefeito: José Rombaldi Mânica (PMDB)

- ***8ª GESTÃO: 1988-1992***

Prefeito: Bomfilho Sebem (PMDB)
Vice-Prefeito: Mário Antônio Maurina (PMDB)

- ***9ª GESTÃO: 1993-1996***

Prefeito: Gilberto Borgo (PMDB)
Vice-Prefeito: Noberto Dall´Olivo (PMDB)

- ***10ª GESTÃO: 1997-2000***

Prefeito: Gilmar Sossella (PDT)
Vice-Prefeito: Ildo Aldino Lamb (PP)

- ***11ª GESTÃO: 2001-2004***

Prefeito: Gilmar Sossella (PDT)
Vice-Prefeito: Ildo Aldino Lamb (PP)

- ***12ª GESTÃO: 2005-2008***

Prefeito: Juliano Girardi (PP)
Vice-Prefeito: Elso Scariot (PDT)

- ***13ª GESTÃO: 2009-2012***

Prefeito: Seger Luiz Menegaz (PMDB)
Vice-Prefeito: Vilmar Merotto (PMDB)

- ***14ª GESTÃO: 2013-2016***

Prefeito: Seger Luiz Menegaz (PMDB)
Vice-Prefeito: Gilberto Oliboni (PMDB)

PODER LEGISLATIVO

O então Distrito de Tapejara teve seus primeiros representantes na Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo, até a data de instalação do Município, em 1956.

Na Legislatura de 28 de novembro de 1947 a 31 de dezembro de 1951, foram eleitos Tranquilo Basso, que obteve 300 votos, da coligação da União Democrática Nacional com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); Miguel Tabbal, representante do Partido Democrático Social (PDS), que obteve 400 votos; e Carino Canali, representando a coligação do Partido de Representação Popular (PRP) e o Partido Libertador (PL), que obteve 200 votos.

Na Legislatura de 1º de janeiro de 1952 a 31 de dezembro de 1955, o Distrito de Tapejara garantiu a eleição de um representante na Câmara de Vereadores de Passo Fundo. Foi eleito Tibério Francisco Amatéa, representante da Aliança do Partido Democrático Social (PDS) e do Partido Libertador (PL).

- ***Miguel Tabbal***

Data de nascimento:
10.11.1917.
Local de nascimento:
Elias Fausto, SP.
Data de falecimento:
27.1.2006, em Porto Alegre.

- ***Tranquilo Basso***

Data de nascimento:
06.11.1919.
Local de nascimento: Porto Alegre, RS.
Data de falecimento:
04.10.1983, em Porto Alegre.

- ***Carino Canali***

Data de nascimento:
23.7.1896.
Local de nascimento:
Caxias do Sul.
Data de falecimento:
23.12.1980, em Passo Fundo.

- ***Tibério Francisco Amatéa***

Vereador na 2ª Legislatura, 31.12.1951 a 31.12.1955.
Nasceu em Alfredo Chaves, Veranópolis,
Rio Grande do Sul, no dia 21 de abril de 1903. Industrialista. Eleito pelo PL – Partido Libertador para a 2ª Legislatura. Presidente da Câmara em 1953. Foi membro atuante em várias Comissões Técnicas da Câmara.

• Poder Legislativo Municipal

Poder Legislativo Municipal é exercido pela Câmara de Vereadores. Sua composição depende do número de habitantes do Município. É denominada Legislatura o período total do mandato, no caso atual, de quatro anos, e de Sessão Legislativa, ao período anual de atividades da Câmara. Os vereadores estabelecem, no início de cada sessão legislativa, o calendário de reuniões ou sessões, denominadas ordinárias. No entanto, convocados pelo Presidente, poderão realizar sessões extraordinárias, conforme a necessidade e urgência na apreciação de alguma matéria de interesse público.

As atividades da Câmara de Vereadores são disciplinadas pelo que estabelece o seu Regimento Inter-

no, baseado na Lei Orgânica Municipal. É dirigida pela Mesa Diretora, assim composta: Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário e 2º Secretário.

O Plenário compõe-se por todos os vereadores. É o órgão maior da Câmara. Expressa o Poder Legislativo Municipal. Dele são constituídas comissões para a análise mais apurada das matérias que serão apreciadas e votadas.

• A Câmara Municipal exerce as seguintes funções

1. Legislativa: participa da elaboração de leis, aprovando, rejeitando e emendando os respectivos projetos, que podem ser de iniciativa do Poder Executivo ou do próprio Poder Legislativo.

2. Fiscalizadora: fiscaliza e controla os atos do Poder Executivo – Prefeito e Secretários Municipais.

3. Administrativa: organiza e administra seus serviços, como a composição da Mesa, constituição de comissões e a estrutura de sua secretaria.

4. Judiciária: pode julgar os Vereadores, o Prefeito Municipal e o Vice.

5. Assessoramento: vota indicações, sugerindo ao Prefeito ações de interesse da administração pública e da comunidade.

Os momentos significativos do período que envolveram a Câmara de Tapejara, em decorrência da emancipação político-administrativa, foram a instalação da primeira legislatura, em 1º de janeiro de 1956, e a extinção do pluripartidarismo, pelo movimento de 1964.

• Primeira Legislatura

Em 3 de outubro de 1955, aconteceu eleição para a composição da primeira legislatura da Câmara Municipal de Tapejara. Na oportunidade, concorreram as legendas do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e a Frente Democrática (integrada pelos partidos da União Democrática Nacional e pelo Partido Social Democrático).

No resultado das urnas na legenda, a Frente Democrática obteve 2.353 votos e o Partido Trabalhista Brasileiro 806 votos. A composição da Câmara de Vereadores naquela oportunidade, segundo a ata de posse, era feita por sete vereadores, sendo assim distribuídos: pelo PSD (Partido Social Democrático), partido que liderava a Frente Democrática, base de sustentação do Prefeito Municipal Tranqüilo Basso, os vereadores Dino Borela Rech, Olmar Domingos Simoni, Severino Dalzotto, Miguel Tabbal e Anildo Cavichiolli. A minoria na Câmara era composta pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), com seus vereadores Dionísio Novello e Vergilino Eron Borges.

Por sua vez, os candidatos da Frente Democrática obtiveram os seguintes votos: Miguel Tabbal, 731 votos; Dino Borela Rech, 501 votos; Anildo Cavichioli, 201 votos; Olmar Domingos Simoni, 166 votos; Walter Elbert, 117 votos; Affonso Muxfeldt, 111 votos; Agostinho Simon, 20 votos; Ernesto Canali, 0 voto (retirou sua candidatura nos últimos dias, de acordo com Dolcino Brunetto). Enquanto isso, os candidatos do Partido Trabalhista Brasileiro conseguiram obter o seguintes votos: Dionísio Novello, 476 votos; Vergelino Eron Borges, 133 votos; Aurélio Sossella, 68 votos; Marcelino Zoldan, 67 votos; João Teixeira, 43 votos; e Antônio Vieira Borba, 14 votos.

A história do Poder Legislativo de Tapejara iniciou em 1º de janeiro de 1956. Nessa data, sob a presidência do Vereador Miguel Tabbal, foi realizada a primeira sessão solene de posse dos vereadores escolhidos por consenso pelos partidos que apoiaram o movimento de emancipação político-administrativa de Tapejara em 1955. O Poder Legislativo tapejarense iniciou seus trabalhos na sede, localizada nas dependências do Salão Paroquial de Tapejara, o qual, segundo relatos, naquele período, se localizava na

atual Praça Sílvio Ughini.

A primeira mesa diretora, eleita no ato da posse dos vereadores, ficou assim formada: Presidente: Miguel Tabbal; Vice-Presidente: Severino Dalzotto; 1º Secretário: Olmar Simoni; e 2º Secretário: Dionísio Novello, este, único representante do PTB na mesa diretora.

Algumas perspectivas e prioridades foram apontadas através de indicações, projetos e discussões pelo Legislativo Municipal no ano de 1956; cabe destacar alguns: o primeiro projeto de lei apresentado foi encaminhado pelo Executivo Municipal e tratava da criação do quadro de servidores do Município e, com ele, outros projetos que priorizavam e definiam leis criando impostos e taxas. Esses projetos foram todos aprovados por unanimidade, uma vez que criar impostos nesse momento era fundamental e indispensável no início dos trabalhos do Município de Tapejara como entidade política autônoma.

A primeira legislatura desenvolveu papel fundamental na construção e elaboração de uma estrutura administrativa e política do novo Município. A instrumentalização e os investimentos em infraestrutura foram prioridades dessa legislatura. Estradas, pontes, telecomunicações, enfim uma gama de projetos e interesses colocados na pauta do Legislativo através de projetos de lei e indicações. A primeira das indicações foi feita pelo então Vereador Olmar Domingos Simoni, que solicitava o envio de um fonograma às autoridades estaduais, pedindo urgência na instalação da Delegacia de Polícia em Tapejara. Havia também preocupações com as telecomunicações dentro do novo Município. Para isso, o mesmo Olmar Simoni, faz uma indicação solicitando ligação telefônica entre a sede, Tapejara, e seus distritos: Água Santa, Santa Cecília e Charrua.

A infraestrutura do novo Município foi constantemente lembrada por indicação de Dionísio Novelo, que em 14 de setembro de 1956 solicitou a iluminação das ruas centrais da Vila de Água Santa.

Vergilino Eron Borges também voltou seu olhar e suas indicações à base econômica do Município, a agricultura e a agropecuária, ou seja, o setor colonial, ao solicitar, em plenário, um contato com a Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado do Rio Grande do Sul, à designação de um médico-veterinário para residir no Município, uma vez que muitos males assolavam a suinocultura da região.

Para compreender o espaço político pluripartidário, como em uma Câmara de Vereadores, torna-se necessário aceitar ou, no mínimo, ver como natural o embate, a discussão, as controvérsias e as polêmicas que cercam um debate político. Para isso, Nicolau Maquiavel disse em sua obra O Príncipe que a política não é a luta do bem contra o mal, ou do certo contra o errado; a política é a disputa de interesses (MAQUIAVEL, 2001). A partir disso, se voltarmos nosso olhar à sessão ordinária da Câmara de Vereadores de Tapejara do dia 2 de outubro de 1956, poderemos ver, na prática, o que Maquiavel escrevera ainda no século XVI.

Naquela sessão, entrava na casa, vindo do Executivo Municipal, um projeto de lei. Seria um projeto qualquer, que poderia passar despercebido se a pluralidade não fizesse parte da Câmara de Vereadores, se as palavras fossem caladas assim como em regimes autoritários. Mas não, o Brasil e Tapejara, no ano de 1956, viviam sob a democracia, com liberdades de opinião, terreno fértil para que os interesses políticos se manifestassem livremente.

O polêmico projeto estabeleceria a Taxa de Rodágio, um imposto que incidiria sobre os agricultores do Município, visando à manutenção e à ampliação das estradas do interior. Logo após ser lido e apresentado aos Vereadores, imediatamente a palavra é solicitada pelo Vereador petebista e, na ocasião, oposicionista, Dionísio Novello. Imediatamente, revela-se contrário e relembra a "promessa hipotecada pela Comissão de Emancipação de Tapejara à Colônia de que o Município não criaria impostos rurais". Vejam a acusação: Novello acabava de dizer que o movimento emancipacionista de Tapejara prometera,

formalmente, aos agricultores do Município não criar impostos rurais, mas apenas manter a base tributária que se tinha até o momento em que se era distrito de Passo Fundo. Após Novello concluir sua fala, o Vereador do PSD e, da base do Executivo, Severino Dalzotto, no uso de sua palavra, solicita e cobra de Novello o documento comprobatório desse compromisso assumido durante a campanha de emancipação. Novello diz que no momento não possuía em mãos tal documento, mas volta a afirmar que tal compromisso prometido era público e notório na zona interiorana.

O Vereador Severino Dalzotto, retomando a palavra, passou a discutir o projeto, a debater as causas e a importância de sua aprovação. Dizia ele: "Sem este, a administração municipal nada poderá executar em benefício do progresso municipalista, haja vista que se destina à compra de maquinário rodoviário e à assistência contínua às estradas da comuna". Porém, tal esclarecimento não intimidou o Vereador petebista Dionísio Novello, que, retomando sua palavra, rebateu o projeto, argumentando que "o colono, indiretamente, é quem paga todos os impostos, haja vista que os comerciantes acrescem no preço das mercadorias o valor dele e quem paga é o consumidor". Novello, com isso, defendia, freneticamente, os agricultores do Município, estabelecendo um debate sugestivo sobre a matriz econômica de Tapejara, na época agrária e comercial. Ao final dos debates e acusações, o projeto foi aprovado por três votos a um.

O primeiro Legislativo de 1956 foi fundamental na constituição dos alicerces políticos do Município. O Vereador Affonso Muxfeltd, na sessão do dia 2 de outubro de 1956, no polêmico debate sobre a Taxa de Rodágio, proferiu uma observação sábia, que sozinha permitiria inúmeras reflexões sobre cidadania e política. "Ao contrário do pensamento popular, o povo é que sustenta o governo, e não o governo o povo".

OS INSTRUMENTOS JURÍDICOS E POLÍTICOS DO PODER LEGISLATIVO

Constituição: Deve ser entendida como lei fundamental e suprema de um Estado, que contém normas referentes à estruturação do Estado, à formação dos poderes públicos, à forma de governo e à aquisição do poder de governar, à distribuição de competências, direitos, garantias e deveres dos cidadãos.

Lei Orgânica Municipal: Organiza os órgãos da Administração, a relação entre órgãos do Executivo e Legislativo, disciplinando a competência legislativa do Município, além de estabelecer as regras de processo legislativo municipal e toda regulamentação orçamentária, em consonância com a Constituição Federal e Estadual.

Regimento Interno da Câmara: É o instrumento delineador das atribuições do Poder Legislativo. Nele estão contempladas as funções legislativas, fiscalizadoras e administrativas da Câmara Municipal. Trata-se, portanto, de um ato normativo de exclusiva competência da Câmara, não podendo sofrer qualquer interferência, quer seja do Estado, quer seja do próprio Prefeito. Seu cumprimento é condição primordial para o bom andamento dos trabalhos da Casa Legislativa

Moção: É proposição em que é sugerida manifestação da Câmara Municipal sobre assunto das esferas municipal, estadual ou federal, apelando, aplaudindo ou protestando. Entre diversas circunstâncias em que a Câmara de Vereadores de Tapejara, através da Comissão Representativa, foi interpelada a manifestar-se por moção, cabe destacar duas, pela repercussão nas esferas estadual e federal.

A primeira ocorreu em 6 de junho de 1958, quando era posto em discussão o parecer do então Vereador Severino Dalzotto sobre proposição da congênere de Três de Maio, que protesta contra o pronunciamento de Leonel Brizola e contra a volta do Partido Comunista Brasileiro à legalidade. Na ocasião, pede a palavra o Vereador Vergilino Eron Borges, para combater o parecer favorável. Diz que, no caso em apreço, existe interpretação errônea. Acentua que Leonel Brizola referira em sua entrevista que era

favorável à volta do PCB, para que fosse combatido frente a frente e não encoberto, como agora. Aparteia o relator, dizendo que não concorda que o PCB volte a agir livremente. Retruca o orador que para ser combatido, deve aparecer o PCB, pois não se pode dar combate a algo que não se pode localizar. Diz que a proposição tem objetivo político e eleitoreiro e que a intenção é atingir frontalmente o candidato do Partido Trabalhista. Retruca, em aparte, o Vereador Dalzotto que não há sentido político, pois a proposição está assinada por elementos do PTB.

Responde o orador dizendo que estes certamente não estão mais no PTB e que a Frente Democrática está procurando esconder a complementação dada à entrevista, em que Brizola disse ser favorável à volta à legalidade, mas que para o PCB fosse combatido de frente. Encerrada a discussão, o então Presidente da Comissão Miguel Tabbal põe em votação, registrando-se empate no plenário, com um voto para cada bancada. Para desempatar, o Presidente, em declaração de voto, diz que, quando existia legalmente, o PCB infiltrou-se de tal modo entre as massas populares e de elite, a ponto de ser respeitado politicamente e sua legenda eleitoral foi das mais razoáveis. Após sua extinção, foi diminuindo pari passo e infiltrando-se em outros partidos, mas sem expressão. Hoje, pode-se dizer que o Partido Comunista é um partido pequeno. Refere-se que há realmente divergências quanto ao assunto. Vota favoravelmente ao parecer, que assim é aprovado por dois votos contra um.

A segunda aconteceu em 8 de junho de 1961, quando a Comissão Representativa era composta pelo então Presidente Affonso Muxfeldt e Alceu Basso, relator, ambos da bancada da situação, e Mário Tefilli, da bancada da oposição. Na oportunidade, foi lido o ofício de nº 61/61, da congênere de Marau, pedindo à Casa a fim de protestar contra as andanças do senhor Luiz Carlos Prestes pelo território nacional. Em discussão, pede a palavra o Vereador Alceu Basso, dizendo que as andanças de Prestes pelo Rio Grande do Sul não poderiam ser proibidas, mas somente suas pregações, estas sim deveriam ser proibidas. O Presidente pede que seja feito um estudo mais acurado sobre a matéria, por ser assunto melindroso.

Projetos: São vários tipos de projetos que podem ser apresentados, e vão desde propostas à elaboração de novas leis, até a alteração da Lei Orgânica do Município.

Emenda: É a alteração da Lei Orgânica do Município. Podemos citar como exemplo a Emenda à Lei Orgânica nº 6, em 25 de agosto de 2003. Inclui o § 7º no art. 72 da Lei Orgânica do Município. "Jurandir Bogoni, Presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Tapejara, Estado do Rio Grande do Sul faço saber que o Poder Legislativo Municipal aprovou e eu, em cumprimento ao disposto no art. 38, § 2º, sanciono e promulgo a seguinte emenda à Lei Orgânica: Art. 1º - O artigo 72 da Lei Orgânica do Município fica acrescido do § 7º, com a seguinte redação: (...) § 7º - Os cargos em comissão não podem ser ocupados por cônjuges, companheiros e parentes, consanguíneos, afins ou por adoção até segundo grau:

I – dos Vereadores, no âmbito da Câmara Municipal.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

SALA DAS SESSÕES TANCREDO DE ALMEIDA NEVES

Tapejara, 25 de agosto de 2003.

REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE.

EM 25.8.03

Jurandir Bogoni

Presidente da Câmara de Vereadores."

Projeto de lei: É o instrumento pelo qual se exerce o poder de iniciativa legislativa. Deve conter todos os elementos formais e materiais de técnica legislativa para que seja distribuída na lei que dele vai decorrer. É uma proposta apresentada por um Vereador ou Prefeito, para ser submetida a análise, discussão,

voto, sanção e se transformar em Lei.

Projeto de Decreto Legislativo: Proposta que a Câmara pode publicar, independente da sanção do Prefeito, ou seja, a decisão somente compete ao Legislativo. Exemplo:

"Decreto Legislativo nº 01/93

Altera, através de emenda nº 4, os parágrafos 3º e 4º do art. 32 da Lei Orgânica do Município.

Renilto Fontana, Presidente da Câmara de Vereadores, Faço saber que a Câmara Municipal, em conformidade com o art. 38 de Lei Orgânica do Município, aprovou, e eu promulgo o seguinte Decreto Legislativo:

Art. 1º - Os parágrafos 3º e 4º do art. 32 da Lei Orgânica do Município passam a vigorar com a seguinte redação:

§ 3º - O mandato da mesa será de um ano, permitida a reeleição para qualquer de seus membros para o mesmo cargo,

§ 4º - A eleição para a renovação da mesa realizar-se-á na última sessão ordinária de cada ano legislativo.

Art. 2º - O presente Decreto Legislativo entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala de Sessões Tancredo de Almeida Neves, em 29 de dezembro de 1993.

REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE.

Renilto Fontana

Presidente

Julio Francisco dos Reis

Sec. Administrativo."

Projeto de Resolução: Destinado à regulamentação de entrada de assuntos internos da Câmara, como a regulamentação dos parlamentares e o Regimento Interno.

Exemplo:

"Resolução nº 03/95, de 7 de novembro de 1995

Altera o parágrafo único do art. 48.

Cláudio Lucion, Vereador Presidente da Câmara de Vereadores de Tapejara, no uso das atribuições que lhe confere o art. 170 do Regimento Interno, promulga a seguinte Resolução:

Art. 1º - Parágrafo único do art. 48 passa a ter a seguinte redação: É comissão permanente a Comissão Geral de Pareceres, à qual compete opinar, após a discussão em plenário, sobre todos os projetos de lei, decretos legislativos e de resolução e demais preposições que não tenham encaminhamento à comissão especial, voltando ao plenário o parecer à devida discussão e votação.

Art. 2º - A presente Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogando as disposições em contrário.

Gabinete do Presidente da Câmara de Vereadores, em 7 de novembro de 1995,

Ver. Cláudio Lucion

Presidente

REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE.

Ver. Valdemar Rovani."

Indicação Legislativa: Uma função importante dos vereadores, porém desconhecida por boa parte da população, é a de funcionar como uma ponte entre os cidadãos e o Prefeito, por meio de um recurso chamado indicação. Tal recurso consiste em um documento que o Vereador envia à Prefeitura, ou outro

órgão municipal, encaminhando uma reinvindicação de um eleitor. Os pedidos podem variar desde as melhorias no serviço de iluminação pública, até a construção de um Posto de Saúde. Como não funcionam como uma lei, as indicações não exigem que o Vereador faça consulta em plenário para apresentá-las ao Prefeito. Cabe ao Prefeito ou Secretário atender, ou não, a solicitação, sem que para isso precise ter sido apresentado algum projeto do Vereador. Os vereadores podem fazer o pedido de forma oral feito na Comissão Representativa ou em Sessão Legislativa.

Um exemplo de pedido de forma oral ocorreu na reunião da Comissão Representativa da Câmara de Vereadores de Tapejara, composta pelo Presidente Miguel Tabbal e os vereadores Severino Dalzotto e Vergilino Eron Borges, realizada no dia 6 de julho de 1957. Na oportunidade, o Vereador Severino Dalzotto solicitou a palavra, e pediu ao Prefeito que se dirigisse à firma fornecedora de energia elétrica, pedindo providências no sentido da iluminação pública das Ruas do Comércio, 15 de novembro, e 7 de setembro. Reforçando, o Vereador Vergilino Eron Borges disse que não somente estas, mas todas as ruas da cidade estavam necessitadas de melhoramentos relativamente à iluminação. Diz o orador que a Prefeitura concedeu à empresa uma verba de Cr$ 10.000,00 anuais para este fim exclusivo e, por essa razão, deveria a empresa retribuir a dotação. Mesmo sem deixar a presidência, o Vereador Miguel Tabbal esclareceu que a empresa estava aguardando a vinda de lâmpadas especiais para iluminação pública. Aproveitando a oportunidade, o Vereador Borges solicitou que fosse estendida a iluminação das ruas até o local do frigorífico. Referiu-se ao assunto também o Vereador Borges, defendendo que a Prefeitura deveria lavrar contrato com a empresa, estabelecendo seus direitos e suas obrigações.

Exemplo de pedido de forma legislativa é a Indicação 17, em 23 de março de 2004. "O Vereador Airton Aimi, com apoio dos Vereadores que compõem o Bloco Parlamentar de Sustentação Política ao Governo Municipal, no uso de suas legais e regimentais atribuições, vem perante Vossa Excelência e seus nobres pares apresentar essa indicação com o objetivo de sugerir, ao Executivo Municipal, a adoção da seguinte medida político-administrativa, de interesse da comunidade, sugeriu que fosse construído Posto de Saúde no Bairro São Cristóvão. A justificativa destacada pelo Vereador com o objetivo de expor a importância e relevância da moção sugerida ao Poder Executivo, passou a expor os motivos pelos quais entendia que era necessária:

1 - O presente pedido justifica-se tendo em vista o crescimento da comunidade, e para que descentralize o atendimento no Posto de Saúde Central, tanto em consultas quanto à distribuição de medicamentos, tratamentos odontológicos e preventivos;

2 - Pedimos a aprovação dos nobres vereadores ao presente pedido.

Considerando os fatos e motivos ora apresentados, bem como a importância da medida sugerida, o Vereador signatário requer seja remetida a presente Indicação, após a devida tramitação regimental, ao seu destinatário, para que suas finalidades sejam realizadas.

Sala das Sessões Tancredo de Almeida Neves

Tapejara, 23 de março de 2004. Airton Aimi, Vereador do PSB, aprovado por unanimidade."

Projeto Substitutivo: É uma contraproposta apresentada por um Vereador, para substituir outra já apresentada. O substitutivo deve ter relação com o projeto que pretende substituir e pode ser apresentado até para contrapor projetos de iniciativa do Executivo.

Projeto de Iniciativa Popular: A iniciativa deste projeto é da sociedade civil e ele deve ser subscrito (assinado) por um determinado número de eleitores (a Constituição de 1988 determina um mínimo de 5%). Sua regulamentação deve estar prevista na Lei Orgânica do Município (LOM). Nem todos os Municípios incluíram o projeto de iniciativa nas LOMs. É um aspecto importante a ser discutido da Lei

Orgânica do Município.

Pronunciamentos: Discurso proferido pelo vereador no Plenário da Câmara

Tribuna Popular: Instrumento de grande importância para ampliar a participação dos munícipes. Na tribuna popular, entidades e populares podem inscrever-se para discutir assuntos de interesse do Município. Poucos Municípios utilizam-se desse instrumento, que deve estar previsto na Lei Orgânica Municipal ou no Regimento Interno da Câmara Municipal.

Audiência Pública: Prevê a participação popular na discussão de determinados projetos. A experiência é nova e raros são os Municípios que implantaram esse tipo de audiência.

Quórum: É uma palavra latina que representa o número de votos necessários para aprovação ou rejeição de uma propositura.

Requerimento: É todo pedido, verbal ou escrito, formulado sobre qualquer assunto, que implique decisão ou resposta.

Um exemplo pode ser o Requerimento de Constituição Parlamentar de Inquérito (CPI): utilizado para solicitar a constituição de uma CPI.

Portaria: É um ato de que se serve o Presidente da Câmara, bem como o Secretário, a Mesa Diretora e outras autoridades da edilidade, para disciplinar assuntos administrativos individuais.

Ementa: É a parte que sintetiza o conteúdo da lei, a fim de permitir, de modo imediato, o conhecimento da matéria legislativa.

Emenda Aditiva: É quando se acrescenta algo ao texto de uma lei.

Líder: Cada bancada partidária ou bloco parlamentar tem um líder, que expressa a orientação do partido ou do bloco respectivo nas questões eminentemente políticas.

Proposições ou Proposituras: É toda a matéria legislativa, sujeita ou não à deliberação do plenário. São elas: Propostas de Emendas à Lei Orgânica Municipal, Projetos de Lei Complementar e Ordinária, Projetos de Decreto Legislativo e de Resolução, Moções, Requerimentos, Substitutivos, Emendas, Subemendas e Indicações.

Parecer: É o pronunciamento das Comissões Permanentes (como também os da assessoria jurídica da Câmara), sobre a matéria que lhe foi distribuída para exame e deliberação.

Autógrafo: É o texto final do projeto aprovado, assinado pela Mesa Diretiva e encaminhado ao Prefeito Municipal para sanção ou veto.

Ordem do Dia: É o nome que se dá à relação das proposições que serão submetidas à aprovação do plenário (discussão e votação).

Tramitação: É o caminho que a proposição deverá seguir desde seu registro de entrada até o resultado final.

Pauta: É o período em que uma proposição fica à disposição dos vereadores para exame e eventuais emendas.

ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA CÂMARA

A Câmara é o órgão que congrega representantes da vontade popular, cuja atuação ocorre por intermédio de um colegiado. Ela é composta de vereadores que, reunidos, constituem o Plenário. Dispõe de um órgão diretivo, que é a Mesa Diretora. Mantém comissões permanentes e cria, quando necessárias, comissões temporárias. Tem serviços auxiliares, com pessoal administrativo próprio. Com essa organização, a Câmara Municipal deve aparelhar-se para desenvolver as competências legislativas, fiscalizadoras e julgadoras que lhe forem outorgadas pela Constituição Federal.

Mesa Diretora: Como órgão diretivo, compete-lhe a prática de atos de direção, administração e execução das deliberações aprovadas pelo Plenário, na forma regimental. Na formação da Mesa, como na das Comissões, deverá ser observada a representação proporcional partidária, ou seja, é importante que haja a participação de todas as facções políticas nos trabalhos legislativos.

Composição da Mesa Diretora: A Mesa é composta pelo Presidente, Vice-Presidente, e 1º e 2º Secretários. Ela é eleita com os votos dos vereadores com mandato de um ano, podendo ser reeleita ou prolongada a sua atuação, na mesma legislatura (no mesmo mandato de 4 anos). A atual mesa diretora está composta da seguinte forma: Presidente, Márcio Canali; Vice-Presidente, Paulo César Lângaro; 1º Secretário, Daniel de Mattos; e 2º Secretário, Ramir José Sebben.

Funções do Presidente da Câmara: Exerce funções legislativas presidindo o Plenário, orientando e dirigindo o processo legislativo, profere voto de desempate nas deliberações, promulga leis, decretos legislativos e resoluções. Exerce atividades administrativas dirigindo o funcionalismo da Câmara. Também é função do Presidente dar posse ao Prefeito, Vice-Prefeito, a vereadores retardatários e suplentes, e de declarar a extinção de mandato e a vaga dos respectivos cargos desses mesmos agentes políticos, quando se verificar a ocorrência de qualquer das causas extintivas previstas em Lei: morte, renúncia, perda ou suspensão dos direitos políticos.

Plenário: O plenário é o espaço onde acontecem as sessões e são votadas as proposituras. Suas atribuições são deliberativas e legislativas.

Sessões Ordinárias: São realizadas para deliberações e trabalhos regulares, em dia, hora, e local prefixados no Regimento. O comparecimento dos vereadores é obrigatório nas sessões ordinárias, que por suas faltas poderão perder o mandato, conforme disposto na Lei Orgânica Municipal. São realizadas de 1º de fevereiro a 30 de junho e de 1º de agosto a 15 de dezembro, anualmente, sempre às segundas-feiras, com início às 20h.

Sessões Solenes: São convocadas para prestação de homenagens ou realização de comemorações cívicas, em qualquer recinto e com qualquer número, pois nelas nada se delibera.

Sessões Legislativas: As sessões legislativas são públicas e o povo tem o direito de assistir à discussão e à votação das leis. Não será lícito impedir ou dificultar, por qualquer meio, o livre acesso do cidadão ao recinto dos debates, na parte reservada ao público. Exceto nos casos de interesse da segurança e decoro parlamentar, quando serão secretas (art. 100, IV, Regimento Interno).

Sessões Legislativas Extraordinárias: São realizadas no período de recesso ou no intervalo das sessões ordinárias e podem ser convocadas, pelo Prefeito, pelo Presidente da Câmara ou dois terços dos vereadores, com antecedência de 24 horas, sempre que necessário, mediante ofício dirigido ao Presidente da Câmara.

Recesso Legislativo: É o período em que não são realizadas sessões ordinárias. O recesso ocorre de 1º a 31 de julho e de 16 de dezembro a 31 de janeiro do subsequente.

Comissões Legislativas: São órgãos internos constituídos pelos vereadores, com funções especializadas de estudo ou de investigação de determinado assunto. Elas emitem pareceres especializados sobre as proposições que serão discutidas e votadas pelo Plenário. Tais comissões podem ser permanentes ou temporárias.

Comissões Permanentes: São aquelas que a Câmara institui em seu Regimento Interno e compõem-se, necessariamente, de vereadores em exercício. As atuais comissões e seus respectivos responsáveis estabelecidos no dia 9 de fevereiro de 2015 através do Projeto de Resolução 1/15, ficando assim constituídas da seguinte maneira:

Comissão Geral de Pareceres:

Presidente: Celso Piffer

Relator: Paulo César Lângaro

Secretário: Marcelo Panho

Comissão de Finanças e Orçamento:
Presidente: Zalmair Roier
Relator: Ramir José Sebben
Secretário: Elton Miguel Sandini

Comissão de Saúde, Educação e Desenvolvimento Econômico
Presidente: Elizabete Favaretto
Relator: Rodinei Bruel
Secretário: Hugo Dalposso

Secretaria Administrativa da Câmara: É o órgão que responde pela prestação dos serviços administrativos de natureza burocrática, incumbindo-se do expediente, da correspondência, das publicações e demais atribuições administrativas da Câmara.

Assessoria Técnica Legislativa: É uma assessoria que atua na elaboração de pareceres técnico-legislativos a fim de elucidar as proposições a serem deliberadas pelo Plenário e no assessoramento à Mesa da Câmara quanto aos assuntos legislativos e jurídicos, e aos vereadores na orientação dos trabalhos legislativos e na elaboração das proposições, limitando-se a colaborar no aprimoramento formal e técnico das leis e resoluções.

Secretário da Administração Legislativa da Câmara: É o funcionário que supervisiona as tarefas administrativas em apoio à Presidência a aos vereadores no desenvolvimento dos trabalhos legislativos.

VEREADORES ELEITOS EM TAPEJARA

Da esquerda para a direita: Padre Basílio Volpatto, Agostinho Simon, Vergilino Eron Borges, Dionísio Novello, Miguel Tabbal, Valter Elbert, Tranquilo Basso, Bispo Dom Claudio Colling, Severino Dalzotto, Ângelo Ughini, Olmar Domingos Simoni e Padre Carino Corso. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

1ª GESTÃO: 1956-1959

Miguel Tabbal (PSD)
Olmar Domingos Simoni (UDN)
Dino Borella Rech (PSD)
Severino Dalzotto (PSD)
Anildo Cavichioli (PSD)
Valter Elbert (PSD)
Affonso Muxfeldt (PSD)
Agostinho Simon (PTB)
Dionísio Novelo (PTB)
Vergelino Eron Borges (PTB)
Aurélio Sossela (PTB)
Marcelino Zoldan (PTB)

2ª GESTÃO: 1960-1963
Alceu Basso (PSD): 464 votos
Affonso Muxfeldt (PSD): 334
Vitório Dorini (PSD): 274
José Maria Vigo da Silveira (PSD): 273
Alcides Mário Tefilli (PTB): 454
Rosalino Menegaz (PTB): 294
Dario Roman (PTB): 237

3ª GESTÃO: 1964-1968
Sady Stein (PSD): 578 votos
Nelson Antonio Zanatta (PSD): 333
Tranqüilo Basso (PSD): 318
Aldino Guerino Lângaro (PSD): 317
Alcides Mário Tefilli (PTB): 409
Angelo Rombaldi Mânica (PTB): 317
Vergilino Eron Borges (PTB): 268
Ângelo Cassiano Peruzzo (PTB): 155

CONCORRENTES
Affonso Muxfeldt (PSD): 261
Vitório Dorini (PSD): 211
Genésio Col Debela (PSD): 155
Armando Zanini Favretto (PSD): 112
Arthêmio Antonio (PSD): 101
Aurélio Daneli (PTB): 255
Valdomiro Riva (PTB): 186
João Lorenzon (PTB): 177
Davino Milani (PTB): 177

4ª GESTÃO: 1969-1972
Alcides Mário Tefilli (MDB): 497
Ardulino Lângaro (ARENA): 470
Aldino Guerino Lângaro (ARENA): 431
Ernesto Briancini (ARENA): 425

Johnny Dorval Zoppas (ARENA): 392
Eloi Cézar Danelli (MDB): 326
Ângelo Cassiano Peruzzo (MDB): 287
José Bacega Netto (MDB): 283
Artemio Antonio (ARENA): 217

CONCORRENTES
Cícero Domingues (ARENA): 240
João Cadore (MDB): 217
Abele Polycarpo Artuzzi (ARENA): 144
Albino Caetano Ruaro (MDB): 117
Henrique Negri (MDB): 116
João Lorenzon (MDB): 76
João Antonio Marcon (ARENA): 72
Mário de Quadros Doring (ARENA): 140
Reonildo Michielin Scariot (ARENA): 180
Sérgio Zanini (ARENA): 91
Victório Dorini (ARENA): 51

5ª GESTÃO: 1973-1976
Johnny Dorval Zoppas (ARENA): 1.131
Celso Canali (ARENA): 420
Martin Peruzzo (ARENA): 473
Ione Ana Col Debela (ARENA): 272
Vitalino Calegari (ARENA): 226
Mário Doring (ARENA): 183
Bomfilho Seben (MDB): 608
Alcides Mário Tefilli (MDB): 524
Angelo Cassiano Peruzzo (MDB): 359
José Tadeu Anziliero (MDB): 257

SUPLENTES
João Antonio Marcon (ARENA): 145
Arthur Ferreira de Figueiredo (ARENA): 121
Murilo Bée (ARENA): 5
Vergilino Eron Borges (MDB):223
José Baccega Netto (MDB): 222
Osmar Oliboni de Campos (MDB):- 196
Esídio Miotto (MDB): 147

6ª GESTÃO: 1977-1982
Gelson Luiz Bassegio (ARENA): 521
Silvino Bernardo Lamb (ARENA): 474
Celso Canali (ARENA): 436
Luiz Zanini (ARENA): 417
Vitor Fontana (ARENA): 411
Renilto Fontana (MDB): 696
Valdir Hann (MDB): 418
Ernesto Martins Pinto (MDB): 394
José Carlos Cauduro (MDB): 310

SUPLENTES
Vitalino Calegari (ARENA): 342
Cláudio Benvegnú (ARENA): 284
Celso Dalagnol (ARENA): 270
Zacarias Alves da Rosa (ARENA): 254
José Carlos Girardelo (ARENA): 249
Afonso Antonio Scariot (ARENA): 242
Antonio Otávio Comiran (ARENA): 130
Julio A. dos Santos (ARENA): 106
Paulo Rodrigues (ARENA): 101
João Antonio Marcon (ARENA): 85
Aristolino Bascheira (ARENA): 71
Elói Cezar Daneli (MDB): 307
Asselino Damiani (MDB): 263
Vergelino Eron Borges (MDB): 259
Rosalino Cecco (MDB): 239
Osmar Oliboni de Campos (MDB): 165
Angelo Cassiano Peruzzo (MDB): 161
Valdir Bressan (MDB):147
Roberto Antonio Rebeschini (MDB): 131
Santo Girardi (MDB): 118
Darci Tomazzoni (MDB): 62
Adair T. Schimitt (MDB): 45
Adão Tognon (MDB): 1

7ª GESTÃO: 1983-1988
Sadi Secco (PMDB): 757
Bomfilho Seben (PMDB): 720
Gilmar Sossella (PMDB): 612
Sirinei Panisson (PMDB): 592
Mario Francisco Favretto (PMDB): 578
Diniz Fontana (PMDB): 515
Renilto Fontana (PDS): 555
Luiz C. Frankilin da Silva (PDS): 498
Airton Langaro (PDS): 400
Diogenes Dalzotto (PDS): 388
José Faedo (PDS): 373

SUPLENTES
Pedro Augusto Martins Pinto (PMDB): 465
Florindo Chiaparini (PMDB): 404
Celso Canalli (PMDB): 272
Jair Domingos Mulinari (PMDB): 162
Arthur Ferreira de Figueiredo (PDS): 332
Hermínio Paulino Pozzer (PDS): 327
Natalino Rovani (PDS): 269
Claudio Lovatto (PDS): 265
Affonso Alcides Scariot (PDS): 247
Azir Dametto (PDS): 207
Julio Pereira de Souza (PDS): 160
Roberto Stein (PDS): 155

Lourena Lima Oliveira (PDS): 110
Zacarias Alves da Rosa (PDS): 90

DEMAIS CONCORRENTES
Juvenal Alves da Rosa (PDT): 28
Vilson Bender (PDT): 20
Cláudio Levandoski (PDT): 6

8ª GESTÃO: 1989-1992
Gilmar Sossela (PMDB): 739
Ernesto D. Martins Pinto (PMDB): 700
Ademir Scariot (PMDB): 677
Arlindo Menegaz (PMDB): 577
Valdemar Andre Rovani (PMDB): 498
Affonso Alcides Scariot (PMDB): 471
Sérgio Luiz Pegoraro (PMDB): 362
Ernani Dalzotto (PDS): 327
Arthur Ferreira Figueiredo (PDS): 323
Arlindo Koch (PDS): 314
Clementina Concheta Valentini (PDS): 299

SUPLENTES
Ildo Aldino Lamb (PDS): 296
Vilmar Coronetti (PDS): 255
Airton Langaro (PDS): 253
Avelino Alves Machado (PDS): 240
Luiz Carlos Franklin (PDS): 210
Angelo Calegari (PDS): 194
Amantino Pegoraro (PDS): 182
Aldino Guerino Langaro (PDS): 93
Dagir Antonio Martins (PDS): 55
Celso Maschio (PDS): 47
Maximino Lovatto (PDS): 34
Jayr Domingos Mulinari (PMDB): 324
Helfi Bevilaqua (PMDB): 298
Sérgio Gasparin (PMDB): 275
Ivo Bortolini (PMDB): 231
Sidney Teixeira (PMDB): 186
Vicente Favaretto (PMDB): 165
Jaimir Antonio Pinto Ribeiro (PMDB): 126
Leonídio Braga (PMDB): 115
Lídio Marcon (PMDB): 104
Arildo Sitta (PMDB): 90
Moacir Luiz Bianchi (PMDB): 90
Francisco Pinzon (PMDB): 62
Misael Correa da Silva (PMDB): 36
Juraci dos Santos (PMDB): 17

CONCORRENTES
Carmelindo Luiz Rovani (PT): 215
Moacir Remígio Gaiardo (PT): 144

Jurandir Bogoni (PT): 103
Vicente Daronch (PT): 87
Tranquilo Slongo (PT): 47
Antonio Otávio Comiran (PT): 44

9ª GESTÃO: 1993-1996
Renilto Fontana (PMDB): 636
Sérgio Gasparin (PMDB): 528
Laurentino Rigo (PMDB): 520
Ildo Aldino Lamb (PDS): 476
Cláudio Lucion (PMDB): 474
Ernesto Martins Pinto (PMDB): 466
Elso Scariot (PDT): 396
Valdemar André Rovani (PMDB): 357
Paulo Roberto Hanel (PT): 351
Demétrio Honorio Valdivia Gonzales (PDT): 339
Hermínio Paulino Pozzer (PDS): 320

10ª GESTÃO: 1997-2000
Gilberto Oliboni (PMDB): 849
Sérgio Marcon (PPB/PDT/PTB): 714
Murilo Bé (PPB/PDT/PTB): 638
Artur Alexandre Souto (PPB/PDT/PTB): 579
Ramir José Sebben (PMDB): 556
Amélia Gajardo Sossela (PPB/PDT/PTB): 468
Diógenes Dalzotto (PPB/PDT/PTB): 415
Valdemiro Giacomin (PMDB): 403
Sidney Teixeira (PMDB): 400
Zalmair João Roier (PMDB): 76
Demétrio Honório Valdívia Gonzáles (PPB/PDT/PTB): 347

SUPLENTES
Rober Paulo Girardi (PMDB): 371
Eliana Paula Bacega Favaretto (PMDB): 335
Darcilo Adair Fracaro (PPB/PDT/PTB): 329
Roni Cappellaro (PPB/PDT/PTB): 325
Eloi Carlos de Figueiredo (PPB/PDT/PTB): 302
Jesus Algacir Vieira (PPB/PDT/PTB): 294
Iraci Bernardes Valentini (PPB/PDT/PTB): 280
Arlindo Koch (PMDB): 244
Enor Teixeira Correa (PPB/PDT/PTB): 140
Roseli Fatima Negri (PMDB): 128
Wanderlei Luiz De Bastiani (PMDB): 102
Lurdes Elena Ribeiro (PMDB): 56
Juraci de Lima (PMDB): 49
Rosalino Antonio Laguião (PMDB): 38

11ª GESTÃO: 2001-2004
Bomfilho Seben (PMDB): 670
Airton Aimi (PT/PSB): 631
Ramir José Sebben (PMDB): 565

Juliano Girardi (PDT/PPB/PTB): 532
Moacir Bertollo (PDT/PPB/PTB): 500
Jorge Luiz Siebert (PMDB): 425
Darcilo A. Fracaro (PDT/PPB/PTB): 386
Diógenes Dalzotto (PDT/PPB/PTB): 321
Murilo Beé (PDT/PPB/PTB): 283
Inézio Cadore (PMDB): 282
Jurandir Bogoni (PT/PSB): 341

SUPLENTES
Breno Sabedot (PDT/PPB/PTB): 269
Roni Cappellaro (PDT/PPB/PTB): 269
Ione Col Debella (PDT/PPB/PTB): 254
Claudio Sossella (PDT/PPB/PTB): 251
Sergio Marcon (PDT/PPB/PTB): 225
Rudimar José Maito (PDT/PPB/PTB): 145
Zalmair João Roier (PDT/PPB/PTB): 142
João O. da Silva (PDT/PPB/PTB): 138
Amelia Gajardo Sossella (PDT/PPB/PTB): 134
Arthur Ferreira de Figueiredo (PDT/PPB/PTB): 116
Osvaldo Pellin (PDT/PPB/PTB): 101
Silvana Barcarollo (PMDB): 326
Diniz Fontana (PMDB): 289
Joel Perera (PMDB): 208
Orestes Teixeira (PMDB): 110
Nelson Guerra (PMDB): 82
Juraci de Lima (PMDB): 17
Altemir Abido (PT/PSB): 163
Cledi Hanel (PT/PSB): 126
José Ramos (PT/PSB): 117
Itamar da Rosa Vidal (PT/PSB): 87

12ª GESTÃO: 2005-2008
André Rodrigues da Silva (PP): 840
Vilmar Merotto (PMDB): 720
Jair Pedro Sanzovo (PMDB): 657
Ramir José Sebben (PMDB): 537
Julio. F. dos Reis (PMDB): 534
Lori Henrique Menon (PP): 649
Jurandir Bogoni (PT): 560
Odacir Dalmina (PDT): 553
Valdir Cerezoli (PTB): 399

SUPLENTES
Guilherme Sbardelotto Neto (PMDB): 447
Inézio Cadore (PMDB): 306
Marcelo Panho (PMDB): 279
Sonia Hahn (PMDB): 133
Volmir Danelli (PMDB): 103
Valdecir Carneiro (PMDB): 82

Cledi Hanel (PSB): 367
Celso Fernandes de Oliveira (PPS): 317
Tiago Bianchi (PSB): 229
Airton Aimi (PSB): 179
Altemir Abido (PT): 460
Eugênio Post (PP): 317
João Oralino da Silva (PP): 151
Rudimar José Maito (PP): 91
Elton Miguel Sandini (PDT): 346
Paulo Lângaro (PDT): 251
Volmar Ferronato (PDT): 187
Eduardo Almeida (PTB): 168
Darcilo Fracaro (PDT): 146
Neucir Bianchi (PDT): 53
João Pelissoni (PTB): 37
Bernardete Dias (PTB): 36

13ª GESTÃO: 2009-2012
Elton Miguel Sandini (PDT): 781
Daniel de Mattos (PP): 771
Marcio Bertoglio (PMDB): 692
Paulo Cesar Langaro (PDT): 633
Umberto Bolsonello (PMDB): 627
Cledi Fátima Hanel (PSB): 626
Ramir José Sebben (PMDB): 602
Jurandir Bogoni (PT): 572
Inézio Cadore (PMDB): 552

SUPLENTES
Altemir Abido (PT): 562
André Rodrigues da Silva (PP) – 486
Walter Fontana (PMDB): 468
Julio Francisco dos Reis (PMDB): 465
Celso Fernandes de Oliveira (PPS): 452
Carlos Eduardo de Oliveira (PSDB): 445
Moacir Bertolo (PDT): 439
Demétrio Honório Valdívia Gonzales (PMDB): 303
Vilson Bender (PTB): 300
Artur Alexandre Nunes dos Santos (PP): 239
Sedenir Biacnhi (PP): 237
Claudio Andre Alves (PSC): 169
Italvina Cecília Dalzotto (PRB): 156
Dilvan Antonio Panisson (PMDB): 145
Diego Antonio Rosa de Oliveira (PMDB): 120
Osvaldo Moreira da Rosa (PSC): 119
Joel de Lima Portes (PMDB): 88
Leoni Salete de Carvallo (PP): 56
João Miotto Pelissoni (PTB): 54
Bernardete de Fátima Dias (PTB): 48
Valdecir Gilberto Derengoski (PDT): 36

14ª GESTÃO: 2013-2016
Márcio Canali (PMDB): 1.046
Ramir José Sebben (PMDB): 956
Elton Miguel Sandini (PDT): 925
Daniel de Mattos (PP): 889
Elizabete Favaretto (PMDB): 740
Celso Fernandes de Oliveira (PPS): 655
Paulo Cesar Langaro (PDT): 641
Umberto Bolsonello (PMDB): 615
Marcelo Panho (PMDB): 611
Zalmair João Roier (PP): 557
Rodinei Bruel (PDT): 500

SUPLENTES
Hugo Tranquilino Dalposso (PMDB): 504
Altemir Abido (PT): 452
Inézio Cadore (PMDB): 436
Márcio Bertóglio (PMDB): 285
Sedenir Biachi (PP): 281
Volmir Tiago Biahci (PT): 276
Paulo João Vóbito (PMDB): 274
Pedro Gilberto dos Santos (PSC): 273
Débora Elza Rodrigues (PRB): 247
Augusto Aurélio Bogoni (PMDB): 238
Alceu Dalzotto (PTB): 180
Rudinei Spagnol (PT): 171
André Paulo Coronetti (PMBD): 117
Miura Nogueira dos Santos (PSC): 106
Roseli Vinhaga (PMDB): 103
Cleusa Terezinha Biasi (PT): 86
Sirlei Dal Magro Dallabrida (PDT): 84
Jorge Demares Vieira Lopes (PP): 72
Flávio André Canali (PT): 65
Solari Antonio Tonial (PSB): 65
Fanavia Damin (PDT): 65
Cleonice Rivarola (PDT): 60
Nédio Lopes da Silva (PT): 40
Bernardete de Fátima Dias (PTB): 28
Irma Nunes Rosniac (PMDB): 3
Dalila Vieira Lopes (PP): 0
Micheli de Oliveira (PSDB): 0

• Projeto Vereador Mirim

A Câmara Municipal de Vereadores de Tapejara conta com o projeto Vereador Mirim. Pioneiro na região, o projeto visa a proporcionar às crianças e aos adolescentes do Município uma visão politizada da sociedade, oportunizando-lhes conhecer a importância do Poder Legislativo.

O Projeto Vereador Mirim está sendo desenvolvido no Município de Tapejara desde o ano de 2007. Uma iniciativa apartidária que busca despertar nos jovens o espírito político-administrativo que os impulsiona a viver a democracia que move a sociedade. O projeto conta hoje com onze vereadores mirins

titulares e seis suplentes, que são eleitos em processo eleitoral direto nas escolas.

Quando eleitos, compõem a Câmara de Vereadores Mirins, que atuam durante o período de um ano, tendo a sua disposição indicações, projetos, ofícios e requerimentos para solicitar melhorias em suas escolas, além de participarem de campanhas sociais, como "Doe um brinquedo e faça uma criança feliz". Os primeiros Vereadores Mirins foram: Cristian Posser – Esc. Est. Severino Dalzotto; Eduardo Henrique Três – Esc. Mun. Giocondo Canali; Elvis Pelissoni – Esc. Est. Serverino Dalzotto; Felipe Defaveri – Esc. Est. Valeriano Ughini; Francieli Parizotto – Esc. Est. Severino Dalzotto; Gabriela Slongo – Esc. Mun. Benvenuta Sebben Fontana; Luiz Henrique da Silva Dias – Esc. Mun. Giocondo Canali; Marlon Luiz Derossi – Esc. Mun. Ângelo Posser; Mauricio Guelen Bugoni – Esc. Mun. Leonel de Moura Brizola. Atualmente, participam do Projeto as Escolas: São Paulo, Benvenuta Sebben Fontana, Leonel de Moura Brizola, Giocondo Canali, Severino Dalzotto e Ângelo Posser.

EXATORIA ESTADUAL

Em 1960, o responsável pela Exatoria era Davi Vargas da Silveira, na condição de Exator. Nessa época, não havia a presença de um fiscal do então Imposto Sobre Vendas e Consignações (IVC) lotado; quando necessário, era deslocado um fiscal da então Inspetoria Regional de Passo Fundo.

No ano de 1967, com a Reforma Tributária, foi extinto o IVC e criado o então Imposto Sobre a Circulação de Mercadorias (ICM), ocasião em que estavam lotados em Tapejara, Adão de Lima Zampele (Exator) e José Ecil Santos Borges (Fiscal). Foi incorporada aos trabalhos da Exatoria, no cargo de auxiliar a tapejarense Neuza Bamberg, que permaneceu por longo tempo na localidade.

Já em 1970, chegou a Tapejara o Exator Estadual Hélio Schmidt, permanecendo até 1976, quando foi aprovado no concurso de fiscal e passou a atuar em outras localidades. Nesse período, foi incorporada ao trabalho da Exatoria a tapejarense Jacira de Oliveira Sitta, sendo ela a servidora que ficou mais tempo atuando no Município, afastando-se em 2006, quando a Repartição Fazendária teve suas atividades encerradas em Tapejara, passando o atendimento para a sede da Regional em Passo Fundo.

O último exator lotado na cidade, até o início da década de 1980, foi Herculano Portela; posteriormente, houve atendimento realizado pelo Exator Neri Pelissari, além de outros que atenderam esporadicamente. No período de 1978 até 1984, estiveram lotados por períodos curtos na cidade, os seguintes fiscais do ICM: Urbano Doimo, Darli Raihnheimer, Vilmar Cecon e Clemente Rhoden. Em 1989, com a nova Constituição, foi extinto o ICM e criado o Imposto Sobre Mercadorias e Serviços de Comunicação e Transportes (ICMS).

Em 1997, com o advento do Decreto de Reestruturação da Secretaria da Fazenda, houve a fusão dos cargos de Fiscal e Exator, tendo sido criado o Agente Fiscal, bem como foi alterada a estrutura, tendo sido extintas as Exatorias e criadas Delegacias, Agências e Escritórios da Fazenda Estadual. Tapejara passou a ter um Escritório da Fazenda Estadual. Em virtude dessas mudanças, e, especialmente, com o desenvolvimento da Tecnologia da Informação, a grande maioria dos serviços passou a ser prestadas pela internet, o que levou a Administração a enxugar o número de repartições, adotando o mesmo modelo da Receita Federal do Brasil, tendo como resultado o fechamento de aproximadamente trinta escritórios no Estado, dentre os quais o de Tapejara. O atendimento presencial passou a ser prestado pela Delegacia de Passo Fundo.

Inicialmente, a Exatoria estava localizada no prédio de Jahir de Oliveira em frente à Praça Central. Mais tarde, mudou-se para o prédio de Valério Automóveis, ao lado da então Mecânica Tapejarense Ltda. Depois esteve também na antiga residência do Alfredo Campiol, ao lado da antiga Central Telefônica da

CRT, localizada na Rua 15 de Novembro. E, por último, ocupou os fundos da antiga Caixa Estadual, atual Banrisul.

PODER JUDICIÁRIO

• Comarca de Tapejara

No Brasil, comarca é termo jurídico que designa uma divisão territorial específica que indica os limites territoriais da competência de um determinado juiz ou juízo de primeira instância. Assim, pode haver comarcas que coincidam com os limites de um Município, ou que os ultrapasse, englobando vários pequenos Municípios. Nesse segundo caso, teremos um deles que será a sede da comarca, enquanto que os outros serão distritos deste, somente para fins de organização judiciária. As comarcas são classificadas, segundo sua importância, em entrâncias, sendo as de primeira entrância as menos importantes ou menores, e de entrância especial (também chamada de terceira entrância em alguns casos) a comarca da capital do Estado.

Para a criação e a classificação das comarcas, são considerados os números de habitantes e de eleitores, a receita tributária, o movimento forense e a extensão territorial dos Municípios do Estado.

Requisitos essenciais para a criação de comarca: I – população mínima de quinze mil habitantes ou mínimo de oito mil eleitores; II – movimento forense anual de, pelo menos, duzentos feitos judiciais; III – receita tributária municipal superior a três vezes o salário mínimo vigente na capital do Estado.

No dia 9 de agosto de 1955, através da Lei nº 2.667, foi criada a comarca não instalada de Tapejara, que foi considerada termo da Comarca de Passo Fundo. A comarca de Tapejara foi criada pela Lei nº 3.119, de 14 de fevereiro de 1957, e sua instalação aconteceu através do Ato nº 303/64, na data de 2 de dezembro de 1964.

Em Tapejara, a sede da Comarca está localizada junto ao Fórum. Fazem parte da Comarca o Cartório Eleitoral, o Cartório de Registro de Imóveis e Protestos e o Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais.

• Juízes que passaram por Tapejara

O Cartório da 100ª Zona Eleitoral presta os seus serviços aos Municípios de Tapejara, Água Santa, Charrua, Vila Lângaro e Santa Cecília do Sul. O 1º Juiz Municipal foi Waldocyr Silveira Viegas, em 1965. Além dele, diversos outros juízes passaram pela Comarca de Tapejara:

Luiz Antônio Corte Real – 1966
Luiz Glênio Bastos Soares – 1972
Hélio Werlang – 1975
Darcy Norberto Neumann – 1977
Milton Horst – 1979
Antônio Carlos Madalena Carvalho – 1982
Maria Isabel Pereira da Costa – 1985
Carlos Roberto Lofego Canibal – 1983 a 1985
Luiz Felipe Azevedo Gomes – 1965 a 1986 (como Promotor)
Nadir José Ten Caten – 1986
Paulo Sergio Scarparo – 1986
Sadilo Vidal Rodrigues – 1990 a 1995

Cleber Augusto Tonial – 1997 a 1998
Ângelo Furian Pontes – 2001
José Pedro Guimarães – 2001
Leila Vani Pandolfo Machado – 2001
Lilian Raquel Bozza Pianezzola – 2007
Rodrigo de Azevedo Bertoli – 2011

• Fórum da Comarca de Tapejara

O Fórum da Comarca de Tapejara foi instalado em 15 de dezembro de 1964. O juiz era Adroaldo Furtado Fabrício, na época Juiz de Direito da 1ª Vara da Comarca de Lagoa Vermelha, substituto em Sananduva. O prédio atual foi inaugurado em 20 de outubro de 1992 e o Juiz titular na época era Sadilo Vidal Rodrigues.

A primeira sede do Fórum da Comarca de Tapejara esteve instalado em prédio de alvenaria, no 2º andar, de propriedade de Demétrio Marcolin. Ali permaneceu funcionando por aproximadamente duas décadas, até ser transferido para o prédio próprio. No térreo da edificação funcionou por muitos anos o então Bar e Churrascaria União, estabelecimento administrado pela família do proprietário por aproximadamente mais de duas décadas. Mais tarde, foi alugado para terceiros, entre os quais Itacir Dalbosco, que transformou as dependências e instalações em uma lancheria na década de 1970. Atualmente, o espaço térreo é ocupado pela Farmácia São João. A edificação está assentada na Rua do Comércio, defronte à Praça Silvio Ughini.

Inauguração do Fórum – da esquerda para a direita: Celoir Slongo, Zamir Domingos Testa, Zilda Sirlei Sager Rodrigues, Eva Noely Alérico, Liliane Basso Bé, Jucilene de Fátima Zanatta Guerra, presidente do Tribunal de Justiça do RS , Desembargador José Barison, Neiva Caldato Cavichioli, Geltrude Elvira Paludo Tomelero, Gilberto Ernesto Tomelero, Sadilo Vidal Rodrigues, Lorito Prestes e Valmor Antonio Valentini. Foto: Arquivo de Valmor Antonio Valentini.

01	Nelson Adão Domingues	Ajudante Substituto	1955 até 1971
02	Gilberto Brum Ferreira	Escrivão Cível e Crime	1959 até 1961
03	Romeu Brum Ferreira	Escrivão Cível, Crime e anexos	1960 até 1981
04	Eva Noely Alérico	Serviçal	1971 até 1997
05	Ari Costa	Auxiliar Judicial	1977 até 1978

06	Zilda Sirlei Sager Rodrigues	Oficiala Escrevente	1982 até 1989
07	Delcy Theresinha Portela	Escrivã Judicial	1984 até 1986
08	Fátima Manica	Atendente Judiciário	1984 até 1986
09	Neiva Caldato Cavichioli	Oficiala Escrevente	1984 até 2011
10	Antonio Laurindo Borges	Distribuidor-Contador	1988 até 1992
11	Valmor Antonio Valentini	Oficial Escrevente	1988 até 1997
12	Lorito Prestes	Escrivão Judicial	1989 até 1995
13	Liliane Basso Be	Oficiala Escrevente	1990 até 2012
14	Gilberto Ernesto Tomelero	Oficial Ajudante	1990 até 2004
15	Geltrude Elvira Paludo Tomelero	Auxiliar de Serviços Gerais	1990 até hoje
16	Ricardo Rocha Danguy	Oficial Ajudante	1990 até 1990
17	Marilene Webber Rauta	Oficiala Escrevente	1990 até 2014
18	Silvane Melara Perera	Serviçal	1997 até 1998
19	Marivane Melara	Serviçal	1998 até 1999
20	Maria Isabel Basso	Oficiala Escrevente	2001 até hoje
21	Ricardo Junges	Escrivão Judicial	2004 até 2005
22	Dirceu Espindola de Morais	Oficial Ajudante	2004 até 2005
23	Alessandra Lemes Ceolin	Oficiala Ajudante	2005 até 2006
24	Alisson Silva de Oliveira	Distribuidor-Contador	2005 até 2008
25	Lúcia Anita Dametto	Telefonista	2005 até hoje
26	Ivaldico Piaia	Escrivão Judicial	2006 até 2008
27	Aline Logoski	Assessora de Juiz	2007 até 2010
28	Antor Luiz Oliboni	Segurança	2007 até hoje
29	Rosangela Fagundes Rodrigues	Serviçal	2009 até hoje
30	Fábio Morais	Escrivão Judicial	2010 até hoje
31	Maicon Zago dos Santos	Assessor de Juiz	2010 até 2011
32	Diego Daniel Dal Bosco	Assessor de Juiz	2011 até 2015
33	Márcio dos Santos	Oficial Escrevente	2012 até 2014
34	Vanessa Fernandes Paim	Oficiala Escrevente	2012 até hoje
35	Andressa Bernardelli Stefani	Telefonista	2013 até hoje
36	Marina Medeiros Costella	Estagiária	2013 até hoje
37	Isilei Bernardi	Oficiala Escrevente	2014 até hoje
38	Eluisa Benetti Menosso	Oficiala Escrevente	2014 até hoje
39	José Augusto Biasi da Silva Ribeiro	Estagiário	2014 até hoje
40	Carlos Adriano Stein Costa	Estagiário	2014 até hoje
41	Verônica Vigolo Broch	Assessora de Juiz	2015

Primeiros servidores ou serventuários da Justiça que atuaram e atuam na Comarca de Tapejara:

O atual Fórum está localizado na Avenida Sete de Setembro, nº 1.133, centro. O Juizado Especial Cível foi instalado em 4 de junho de 1994. No Fórum local funciona apenas uma Vara Judicial, contando atualmente com mais de 12.000 processos, entre processos cíveis e crimes. O local também abriga o Juizado Especial da Infância e Juventude, Juizado Especial Cível e Juizado Especial Cível da Fazenda Pública.

A atual Juíza titular é Lilian Raquel Bozza Pianezzola. A assessora da Magistrada é Verônica Vigolo Broch. O Escrivão Judicial é Fábio Morais, que atua também como Distribuidor-Contador Designado.

As Oficiais Escreventes atuais são: Vanessa Fernandes Paim, que responde também como Oficial Ajudante, Eluisa Benetti Menosso, Isilei Bernardi e Maria Isabel Basso, esta última atuando como Auxiliar da Juíza.

Novo Fórum está em construção. Foto: Moises Lopes.

Os Oficiais de Justiça são Valmor Antonio Valentini e Caroline de Cássia Krause. A auxiliar de serviços gerais é Geltrude Elvira Paludo Tomelero. Atuam no Fórum ainda dois estagiários no Cartório Judicial e dois estagiários no gabinete, além de quatro servidores terceirizados, sendo dois na telefonia, um na limpeza e um na segurança.

Para 2015 está prevista a mudança para uma nova sede que está em construção, mais ampla e moderna, localizada na Avenida Sete de Setembro, ao lado do Centro Cultural de Tapejara.

• Oficial de Justiça

O Oficial de Justiça exerce função de incontestável relevância no universo judiciário. É através dele que se concretiza grande parte dos comandos judiciais, atuando ele como verdadeiro longa manus do magistrado. É um auxiliar da Justiça e, no complexo de sutilezas dos atos processuais, é elemento importante à plena realização da justiça.

Suas atividades são definidas pela Constituição da República, e, em especial, pelo Código de Processo Civil, Código de Processo Penal e demais leis esparsas, tais como as normas administrativas editadas pelas Corregedorias de Justiça de cada Estado, que tendem a regular situações peculiares, com relação à forma pela qual as normas legais devem ser observadas. Desde a antiguidade, a função do Oficial de Justiça sempre teve importante papel à prestação jurisdicional.

• Função de Oficial de Justiça

A função de Oficial de Justiça tem origem Bíblica "No Livro de São Mateus, Capítulo 5, Versículo 25", encontramos as seguintes palavras proferidas por Jesus Cristo: "Concilia-se depressa com teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao Juiz, e o Juiz te entregue ao Oficial, e te encerrem na prisão".

Segundo alguns historiadores, a carreira do oficial de justiça originou-se, no Direito hebraico, quando os Juízes de Paz tinham alguns oficiais encarregados de executar as ordens que lhes eram confiadas; embora as suas funções não estivessem claramente especificadas no processo civil, sabe-se que eles eram os executores da sentença proferida no processo penal. Munidos de um longo bastão, competia-lhes prender o acusado tão logo era prolatada a sentença condenatória.

No direito justinianeu, foram atribuídas sucessivamente aos Apparitores e executores as funções que

atualmente desempenham os Oficiais de Justiça. O legislador romano criou órgãos para ajudá-los no cumprimento das sentenças.

O Código Filipino adota várias espécies de meirinho, terminologia provinda do direito luso-brasileiro. Entre eles o "meirinho-mor", o "meirinho da corte", o "meirinho das cadeias", e o "meirinho", propriamente dito, com a função típica do Oficial de Justiça de hoje.

O nosso direito, desde o tempo do Império, veio consolidando a instituição com adoção de princípios fundamentais oriundos de Portugal. Pode-se conceituar o Oficial de Justiça como sendo aquele que tem por encargo executar as ordens e os mandados dos juízes, ou delegados. É um mensageiro, um executor de ordens.

Já no Direito brasileiro, a função do Oficial de Justiça é a de ser o executor judicial, cabendo-lhe notificar, intimar, citar, realizar diligências e vários atos processuais ao seu encargo, tendo como funções principais as práticas de atos de intercâmbio processual e as práticas de atos de execução.

• Atribuições do Oficial de Justiça

Com relação às atribuições do Oficial de Justiça, consta no artigo 143 do Código de Processo Civil (CPC) que são funções dele:

I – Fazer pessoalmente as citações, prisões, penhoras, arrestos e demais diligências próprias de seu ofício, certificando no mandado o ocorrido, com menção de lugar, dia e hora. A diligência, sempre que possível, realizar-se-á na presença de duas testemunhas.

II – Executar as ordens do juiz a que estiver subordinado.

III – Entregar em cartório o mandado logo depois de cumprido.

IV – Estar presente às audiências e coadjuvar o juiz na manutenção da ordem.

V – Efetuar avaliações. (Incluído pela Lei nº 11.383, de 2006.)

Além das atribuições especificadas na lei processual, cada Estado disciplina as atribuições do Oficial de Justiça em seu Código de Organização Judiciária. No dizer do doutrinador (VEADO 1997, p. 13), "o Oficial de Justiça é a mola propulsora da justiça, sem a qual esta quedaria inerte. [...] São verdadeiros baluartes da Justiça."

Na visão de PIRES (1994, p. 15), o Oficial de Justiça é o responsável por uma pequena engrenagem, mas que faz todo o sistema funcionar.

> *A grande maioria dos atos processuais necessita da participação de Oficial de Justiça para seu cumprimento. Um dos requisitos importantes para que o Oficial de Justiça cumpra seu trabalho e efetivamente sirva ao Judiciário de forma serena e correta, é a realização do ato com bom senso e dedicação e com fiel observância da lei.*

Absolutamente imprescindível para o regular andamento dos processos judiciais é a figura do Oficial de Justiça, "na medida em que o exercício de seu mister corresponde à própria figura do juiz fora dos limites físicos do fórum, o que lhe exige conhecimentos das regras processuais que dizem respeito ao cumprimento das diligências" (NARY, 1974, p. 16).

Na Comarca de Tapejara, RS, nove oficiais de justiça atuaram no exercício de suas funções, a saber:

1) Douglas Bonorino Floriano Machado – 1959 até 1962.
2) Alcides Vargas – 1963 até 1964.
3) Adayr Flores Láu – 1967 até 1975.
4) Zamir Domingos Testa – 1975 até 1991.
5) Jucilene de Fátima Zanatta Guerra – 1986 até 2012.
6) Zenir Elaine dos Santos Lopes – 1996 até 2002.
7) Valmor Antonio Valentini – Posse na Comarca em 2002, oriundo da Comarca de Casca, RS, encontrando-se em exercício até os dias atuais.
8) Tiago Sofiatti – 7.6.2013 até 10.10.2013.
9) Caroline de Cássia Krause – Posse na Comarca em 2013, oriunda da Comarca de Horizontina, RS, encontrando-se em exercício até os dias atuais.

• Cartório Eleitoral

É o lugar destinado à confecção do título de eleitor, transferência deste para outro lugar, segundas vias das votações onde participou e local onde podem ser feitas denúncias sobre práticas irregulares.

No dia 18 de março de 1965, em Sessão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), foi resolvido aprovar a criação da 100ª Zona Eleitoral (ZE) em Tapejara, através da Resolução nº 7.556/65, publicada no Diário da Justiça (DJ) no dia 8 de abril de 1965 – Processo CZE nº 2.836 cl. X. O Cartório Eleitoral de Tapejara abrange o Município de Tapejara e mais quatro Municípios: Água Santa, Charrua, Vila Lângaro e Santa Cecília do Sul.

No dia 17 de dezembro de 1987, em sessão do TRE, considerando a necessidade de organizar os serviços nos Municípios criados, resolveu que a jurisdição eleitoral do Município de Água Santa passasse a ser exercida pela 100ª ZE, através da Resolução TRE/RS nº 36/87. No dia 31 de maio de 1988, a Resolução do TSE 14.274, publicada no DJ de 15 de junho de 1988, p. 14.817. Indicação da 100ª ZE – Tapejara, para jurisdicionar o Município criado de Água Santa (Ratifica Res. TRE 36/87). Proc. nº 9.241 – Classe 10. No dia 2.4.1990 – Ato nº 6/90-CM anexou o Município de Água Santa à Comarca de Tapejara e classificou-a como de entrância inicial.

No dia 1º de abril de 1992 – Resolução TRE 63/92, publicada no DJE de 3.4.1992, p. 48, atribui Jurisdição Eleitoral sobre novos Municípios do Estado, tornando o Município de Charrua termo da 100ª ZE. No dia 5.4.1994 – Ato nº 6/94-CM anexou o Município de Charrua à Comarca de Tapejara.

No dia 8 de fevereiro de 1996 – Resolução TRE 89/96 atribui Jurisdição Eleitoral incidente sobre quarenta novos Municípios no Estado do Rio Grande do Sul, sendo que Vila Lângaro tornou-se termo da 100ª ZE.

No dia 13 de outubro de 1999 – Resolução TRE 113/99 atribuiu Jurisdição Eleitoral incidente sobre os novos Municípios do Estado, sendo que Santa Cecília do Sul tornou-se termo da 100ª ZE. Em 2000 a Comarca de Tapejara jurisdicionou os Municípios de Água Santa, Charrua, Vila Lângaro e Tapejara. A sede do Foro está localizada na Avenida Sete de Setembro, nº 1.133.

O primeiro título de eleitor foi confeccionado em 18 de dezembro de 1956, em nome do cidadão Pedro da Rosa Rodrigues. Nessa época, outras pessoas que também fizeram seu título foram: Nair Ballansin Bissutti, no dia 10 de abril de 1956; Inês Madalozzo Rombaldi, no dia 29 de dezembro de 1956, Affonso Muxfeldt, no dia 29 de janeiro de 1957; Rosalino Secco, no dia 10 de abril de 1957; Armando Romualdo Pegoraro, no dia 9 de maio de 1957; Miris Ermida Sitta, no dia 15 de maio de 1957; Ilma Kafer Canali, Eunice Helena de Figueiredo, Pedro Calegari Netto, Helena Bianchini, Geraldo Virgílio Bacega e Carolina Favretto Carissimi, no dia 5 de junho de 1957. Outras pessoas que também estão entre os primeiros a

fazerem o título no dia 9 de agosto de 1957: Olívio Costa, Leonisio Luiz Pegoraro, Serenita Muxfeldt, Ismael Ferreira da Rosa (de Água Santa), Nelson Antonio Zanatta, Mario Dal Bosco e Domingos Lovatto.

Atualmente, a 100ª Zona Eleitoral possui 64 locais de votação e 101 seções eleitorais, totalizando 25.223 eleitores, conforme tabela abaixo:

Nome	Local	Seções	Eleitores
Água Santa	9	13	3.141
Charrua	13	15	2.608
Santa Cecília do Sul	9	10	1.594
Tapejara	25	53	15.905
Vila Lângaro	8	10	1.975
Total	64	101	25.223

CARTÓRIOS

• Registro Civil, Tabelionato de Notas e Registro de Imóveis

As atribuições do ofício do Registro Civil das Pessoas Naturais é registrar: nascimentos, casamentos e a conversão de união estável em casamento; óbitos; emancipações por outorga dos pais ou por sentença do Juiz; as interdições por incapacidade absoluta ou relativa; as sentenças declaratórias de ausência e as de morte presumida; as opções de nacionalidade; as sentenças que deferirem adoção de menores.

As atribuições do Tabelionato de Notas é: lavrar escrituras e procurações; lavrar testamentos públicos e aprovar os cerrados; lavrar atas notariais; autenticar cópias, mediante conferência com os respectivos originais, reconhecer letras, firmas e registrar assinaturas mecânicas, entre outras.

Atribuições do Registro de Imóveis: cadastro da propriedade imobiliária, demonstrando seu estado atual e por meio dele se realizam todas as mudanças, alterações e extinção dos direitos referentes ao imóvel. É o repositório de todas as informações da propriedade imobiliária, com caráter de autenticidade, segurança e eficácia jurídica. O Registro de Imóveis, além de estabelecer o direito de propriedade, arquiva o histórico completo do imóvel, dando conhecimento a toda coletividade sobre: a quem pertence, quais as modificações da titularidade e os ônus que possam pesar sobre os imóveis. Assim, todos os atos jurídicos relativos a imóveis devem ser trasladados para os livros do Serviço Registral. No Cartório de Registro de Imóveis são realizados a matrícula, o registro e a averbação dos atos relativos aos bens imóveis. A matrícula é como um retrato do imóvel nos livros do Cartório. É o ato que individualiza o imóvel, identificando-o por meio de sua correta localização e descrição. Nela serão feitos os atos de registro e averbação, mostrando o real estado do imóvel. O registro é o ato que declara quem é o verdadeiro proprietário do imóvel, ou se a propriedade deste bem está sendo transmitida de uma pessoa para outra. Toda vez que se leva uma escritura de compra e venda ou hipoteca de um imóvel ao Cartório, por exemplo, ela é registrada na matrícula, ou seja, os dados referentes ao negócio que se efetivou são anotados na matrícula do imóvel ao qual diz respeito. A averbação é o ato que anota todas as alterações ou acréscimos referentes ao imóvel ou às pessoas que constam do registro ou da matrícula do imóvel. São atos de averbação, por exemplo, o Habite-se, que é expedido pela Prefeitura Municipal, as mudanças de nome, as modificações de estado civil decorrentes de casamento ou divórcio e outros atos. A averbação também é utilizada para os cancelamentos, inclusive os de hipoteca.

Nos primórdios, havia somente o Cartório Distrital da então Vila Sete de Setembro, mais tarde, denominada Vila Charrua, o qual foi instalado em 1922, até então 10º Distrito do Município de Passo Fundo.

Com a emancipação de Getúlio Vargas em 1934, a cidade passou a ser distrito desse Município. E por ocasião da emancipação do Município de Tapejara, passou a ser distrito deste Município a partir do ano de 1955.

• Escrivães Distritais e Oficiais de Registro no cartório de Charrua

O primeiro Escrivão Distrital foi Luiz Pacheco Horn, que atuou entre os anos de 1922 e 1925; Antonio Franklin da Silva – Escrivão Distrital de 1925 a 1929; Domingos Donida Filho, Escrivão Distrital de 1929 a 1930; Timótheo José Domingues, que exerceu o ofício 1930 a 1952. A partir dessa data exerceu a função de Escrivã Distrital – Ernestina de Almeida Domingues de 1952 a fevereiro de 1969; Nelson Adão Domingues, de 1969 a 1971; Romeu Brum Ferreira – Escrivão Distrital Designado de 1971 a 1973; Nicolau Cassio Zimmermann (Escrivão Distrital Designado) de 1973 a 1974; Gilberto Costa – Escrivão Distrital de 1974 a 1975; novamente Romeu Brum Ferreira (Escrivão Distrital Designado) de 1975 a 1977; Asselino Damininiani (Oficial Distrital), de 1977 a 1980; Darci Luiz Scariot – Oficial Distrital de 1980 a 1984; Maria Ribas Ferreira – Oficial Distrital Designada de 1984 a 1993; Jairo Tegildo Trevial – Oficial da Sede Municipal, de 1994 a 2004; Valdir Angelo Cadini – Oficial Designado, de 2004 até os dias de hoje.

Livro de Registro de Casamento.
Foto: Arquivo de Valdir Angelo Cadini.

Dentre os primeiros registros, cabe mencionar o realizado por Júlio Wolff, casado com Luiza Schwartz, que compareceu no Cartório em 26 de dezembro de 1922, para registrar seus filhos: Olinda, em 23 de dezembro de 1914; Elidia, em 11 de setembro de 1916; Ema, em 17 de novembro de 1918; Wanda Luiza, em 31 de janeiro de 1921; e Teodoro, nascido em 27 de fevereiro de 1922, sendo os avós paternos dos registrados: Carlos Wolff e Júlia Maria Wolff e maternos: Augusto Schwartz e Berta Schwartz.

No dia 20 de março de 1925, compareceu no Cartório Avelino Bacega, casado com Ernesta Bacega, para registrar seus filhos Jardelino José, nascido em 2 de junho de 1920; Geraldino José, nascido em 27 de julho de 1923; Rita Lúcia, nascida em 18 de março de 1925, sendo avós paternos José Bacega e Helena Bacega e avós maternos Olivo Favretto e Margarida Favretto.

Em 21 de março de 1923, compareceu no Cartório Luiz Marcon, casado com Luiza Salvador, para registrar seu filho Antônio Marcon, nascido em 1º de fevereiro de 1919, tendo como avós paternos Pedro Marcon e Tereza Marcon e avós maternos Augusto Salvador e Rosa Salvador.

Por sua vez, no dia 6 de junho de 1924, chegou ao Cartório Antônio Spagnol, casado com Maria Barison, para registrar seu filho Affonso Spanhol, nascido no dia 2 de abril de 1922; sendo avós paternos Mariano Spanhol e Antônia Marangoni e avós maternos João Barison e Regina Barison.

Antônio Morello, casado com Thereza Dallagasperina, chegou ao Cartório em 6 de maio de 1925, para registrar sua filha Leonor, nascida em 4 de novembro de 1924, sendo avós paternos João Morello e Lúcia Dalsasso e avós maternos Ângelo Bortholo Dallagasperina e Anna Martini Dallagasperina.

Pedro Sitta compareceu no Cartório no dia 26 de março de 1924, para registrar Maria Sitta, nascida em 2 de fevereiro de 1924, filha de Luiz Sitta e Maria Helena Andreazza, sendo avós paternos José Sitta e Luiza Zaparolli e avós maternos Pedro Andreazza e Maria Rizatto.

Comemoração dos 50 anos de Casamentos dos casais Tereza Ughini Bertholdo e Arnaldo Bertholdo e Irene Langaro Ughini com Silvio Ughini em 1976.
Foto: Arquivo de Carmen Ughini Vergara.

Em 10 de junho de 1925, esteve no Cartório João Rombaldi, casado com Clementina Cambrussi, para registrar o seu filho Silvestre Antônio, nascido em 28 de maio de 1925, sendo avós paternos Antônio Rombaldi e Antônia Sandini e os avós maternos Baptista Cambrussi e Alvira Lisot.

Com relação aos registros de casamentos ocorridos no período, cabe mencionar os seguintes: o registro de casamento de Fioravante Rech, filho de Victório Rech e Joana Biazotto com a nubente (noiva) Maximilia Bacega, filha de Giuseppe Bacega e Ilinda Cambrussi, realizado em 9 de maio de 1925.

Os registros de casamento de Silvio Ughini, filho de Valeriano Ughini e Maria Costela Ughini com a nubente Irene Langaro, filha de Guerino Langaro e Rosa Langaro, tendo como testemunhas José Col'Debella e Augusto Rebeschini, realizado em 17 de julho de 1926. Nessa ocasião, aconteceu também o casamento de Arnaldo Bertholdo, filho de Italo Pio Bertholdo e Hermínia Grotto Bertholdo com a nubente Tereza Ughini, filha de Valeriano Ughini e Maria Costela Ughini, sendo testemunhas Luiz Bertholdo e Francisco Rizzatti, perante o Juiz Distrital Pedro Mauricio Leite.

Em 30 de julho de 1926, registrou-se o casamento de Eugênio Felini, filho de Giovanni Felini e Maria Mazelli com Maria Menegaz, filha de Fortunato Menegaz e Josepina Suzin, perante o Juiz Distrital Pedro Maurício Leite.

• Cartório do Registro Civil das Pessoas Naturais em Sede Teixeira

O Cartório do Registro Civil das Pessoas Naturais foi instalado no dia 6 de março de 1929, na então Sede Teixeira, sede do 14º Distrito do Município de Passo Fundo, RS. O primeiro escrivão foi Mario Araujo Bastos.

Na época, os primeiros livros de registros foram abertos por Marcos de Oliveira Fortes, Juiz Distrital, entretanto os primeiros registros foram lavrados por Luiz Magalhães, Escrivão Distrital.

No dia 21 de março de 1929, foi registrado o primeiro nascimento na localidade, de Armando Carissimi, filho de Vergilio Carissimi, e Ema Favaretto Carissimi, registrado pelo escrivão distrital Luiz Magalhães.

O primeiro casamento que foi registrado foi no dia 6 de abril de 1929, entre João Brusamarello e Borcevina Dalposso, João nascido em Antônio Prado, em 15 de março de 1906, a noiva também nascida em Antônio Prado, em 9 de março de 1908. O primeiro juiz distrital de paz foi Marcos de Oliveira Fortes, e seus sucessores foram Ângelo Dalzotto, Luiz Sitta, Taudelino Antunes de Quadros, entre outros.

O primeiro livro aberto de escrituras públicas aconteceu no dia 18 de janeiro de 1933 e foi assinado

pelo Escrivão Distrital Mario Araújo Bastos, na então Sede Teixeira. O primeiro ato lavrado foi uma escritura pública de compra e venda no dia 22 de fevereiro de 1933.

Em 1950, assumiu as funções de oficial Murilo Domingues, o qual, juntamente com a família, fixou morada e passou a desenvolver o ofício de Escrivão Distrital numa casa de madeira, assentada na Rua 15 de Novembro, esquina com a atual Avenida Sete de Setembro, atualmente local do Boone's Bar, onde desempenhou ofício de registro dos nascimentos de pessoas naturais, dos óbitos e procurações pelo período de quase uma década.

Os escrivães distritais e oficiais do registro Civil das Pessoas Naturais no decurso do tempo foram: Luiz Magalhães, Mario Araújo Bastos, Murilo Domingues, Cicero Domingues, Maria Ribas Ferreira, Valdir Angelo Cadini (Oficial Substituto no período de 2004 a 2009, tendo como sua substituta legal Silvana Ambrosi Favin), Carlos André Busanello dos Santos e, atualmente, desde o dia 15 de abril de 2013, Nelita Zanella, tendo como Oficial Substituto Nélio Moacir Zanella, como Segunda Substituta Catiucia Mose Berton e como Escreventes Autorizados, Maurício Magni e Marina Felini.

• Cartório de Registro de Imóveis de Tapejara

O primeiro oficial do Cartório de Registro de Imóveis do Município foi Cicero Domingues, em 1.10.1956 até 20.5.1997, a segunda Veronica Domingues, atual titular. São substitutos: 1º - Gelso José Felini, 2º - Wagner Lauermann e, 3º - Fabio Cavichioli. O primeiro registro lançado foi uma escritura pública de compra e venda referente a uma área de 29,55 ha, em que foram vendedores Agenor Bacega e Alcides Bacega e sua esposa Olga Zanatta Bacega e comprador José Artuso.

• Ministério Público

O Ministério Público é uma instituição pública autônoma, a quem a Constituição Federal atribuiu a incumbência de defender a ordem jurídica, o regime democrático e os interesses sociais e individuais indisponíveis. Isto é, o Ministério Público é o grande defensor dos interesses do conjunto da sociedade brasileira. Tem a obrigação, portanto, de defender o interesse público, conduzindo-se, sempre, com isenção, apartidarismo e profissionalismo.

Para tanto, todos os seus membros têm as mesmas garantias asseguradas aos integrantes do Poder Judiciário, embora não tenham qualquer vinculação com esse poder, nem com Poder Executivo nem com o Poder Legislativo.

Os integrantes do Ministério Público Estadual são os Promotores de Justiça (que atuam no primeiro grau de jurisdição) e os Procuradores de Justiça (que atuam no segundo grau de jurisdição, junto aos tribunais), auxiliados por servidores, assistentes jurídicos e estagiários, todos com ingresso na instituição mediante concurso público.

A chefia da instituição cabe ao Procurador-Geral de Justiça, que é eleito pelos promotores e procuradores e nomeado pelo Governador do Estado, a quem é apresentada a lista tríplice com os mais votados na eleição interna.

Além da área criminal, o Ministério Público atua na defesa do patrimônio público e social, do meio ambiente, da habitação e urbanismo, da infância e juventude, dos idosos, das pessoas com deficiência, dos direitos humanos, da saúde pública, da educação, do consumidor e ainda em falências e fundações, entre outros.

• Promotoria de Tapejara

O Ministério Público do Rio Grande do Sul (MP/RS) é uma instituição centenária. A Constituição Estadual de 1935 foi um marco no sentido da institucionalização do Ministério Público Rio-Grandense.

A década de 1940 representou um ponto de inflexão na história do Ministério Público. Em 1941, ocorreu o primeiro concurso para ingresso na carreira. Também nesse ano foi fundada a Associação do Ministério Público e circulou o primeiro número da Revista do Ministério Público.

A promotoria de Tapejara foi classificada pela Lei 6.535, de 31 de janeiro de 1973 – Lei Orgânica do Ministério Público, como de primeira entrância. Atualmente a Promotoria de Tapejara conta com a atuação de um Promotor de Justiça, com regulação dada pela Lei nº 7.669/82, e com as alterações introduzidas pelas leis 11.486/2000, 11.534/2000, 11.535/2000 e 11.582/2001.

O primeiro promotor de Tapejara foi Luiz Felipe de Azevedo Gomes. O Promotor da lendária "geração de 1965" recorda seu curto período em Tapejara, onde foi a sua primeira Comarca. "Eu estive muito pouco tempo em Tapejara. Recém havia sido criada a promotoria. Era uma comarca com muito pouco serviço. Além disso, lá não havia problemas sociais maiores, não havia aquelas dificuldades econômicas que repercutem no trabalho das curadorias, principalmente na de família. A criminalidade era pequena e de pouca gravidade. Os delitos eram aqueles cometidos em festas, principalmente aos domingos, nas canchas de bocha e nos campos de futebol. Tratava-se, geralmente, de lesões corporais leves. A vida era muito pacata em Tapejara, mas como sempre pretendera residir na zonal sul do Estado, por estar a ela ligado afetivamente, assim que foi possível me removi", contou.

Outro promotor que passou por Tapejara foi Delmar Pacheco da Luz, na década de 1980. Ele conta um pouco de sua passagem pela promotoria. "Foram quatro anos em Tapejara, Sarandi e, posteriormente, em Ijuí. Sem dúvida nenhuma, a primeira promotoria é aquela que marca mais, por estar chegando numa comunidade que eu escolhi. Na época, a opção por Tapejara ocorreu em função de que o colega Alécio Lovato era Promotor em Vacaria, e ele era natural de Tapejara; quando eu estava para escolher para onde iria, ele disse-me: 'vamos a Tapejara, vamos conhecer a minha cidade'. Uma cidadezinha em que as coisas que lá aconteciam eram ligadas à vida da cidade, não tinha essa influência externa de cidade de beira de estrada. Foi uma experiência maravilhosa. Cheguei acompanhado do Lovato, já fui apresentado às pessoas que, depois, se transformaram em grandes amigos e foi um lugar muito bom para iniciar. Uma comarca que não tinha acúmulo de trabalho, e para quem estava começando, podia fazer um trabalho cuidadoso, porque, embora eu tenha advogado todo esse tempo, na verdade, quando você vai para o Ministério Público começa tudo de novo, é outra forma de olhar as coisas. Mas, foi muito importante, porque era uma cidadezinha tranquila. Lá trabalhei com a Juíza Maria Isabel Pereira da Costa, que até hoje é minha grande amiga, e isso facilitava o trabalho da gente", lembrou.

Atualmente, Marcio Schenato é Promotor titular da Promotoria de Tapejara desde maio de 2007. O doutor Marcio ingressou no Ministério Público em 1995 e também já foi Promotor de Justiça titular das promotorias de Santo Augusto, Sarandi e Tapera.

O Promotor tem atuado muito nas áreas de infância e juventude, meio ambiente e criminal. Logo que assumiu a Promotoria, providenciou a criação dos Conselhos Tutelares nos Municípios de Charrua, Água Santa, Vila Lângaro e Santa Cecília do Sul.

Em janeiro de 2008, ingressou com uma ação civil pública contra o Estado para que fossem realizadas obras que possibilitassem o acesso de alunos com necessidades especiais à Escola de Ensino Fundamental Valeriano Ughini. Em 2 de dezembro de 2008, promoveu audiência pública para discutir o alto índice de crianças e adolescentes que consomem bebidas alcoólicas em Tapejara. Também na área da probi-

dade administrativa, o Ministério Público tem atuado bastante, ajuizando ações referentes a concursos públicos, contra os Municípios de Vila Lângaro, Água Santa e Tapejara, referentes à "operação gabarito", que identificou irregularidades em concursos públicos no Estado. A promotoria também atua na área ambiental.

Com o crescimento dos Municípios, tem aumentado também o número de crimes contra o patrimônio e de tráfico de drogas. Em 2014, a Promotoria de Justiça de Tapejara fez 4.208 manifestações processuais e o Promotor de Justiça participou de 602 audiências.

Em 21 de fevereiro de 2013, foi assinada a escritura pública de doação de um terreno do Município de Tapejara para o Ministério Público. O Prefeito Seger Luiz Menegaz assinou o documento, juntamente com o Procurador-Geral de Justiça, Eduardo de Lima Veiga. O promotor, Márcio Schenato, declarou que a nova sede será um avanço para o MP. Destacou, juntamente com o Prefeito, que o Município está crescendo economicamente com a instalação de novas indústrias e, por isso, é preciso que o setor público acompanhe essa pujança econômica.

Em novembro de 2014, a obra foi licitada e a sede da nova Promotoria de Justiça está sendo construída em 2015. A nova sede do MP ficará na avenida principal da cidade, próxima ao prédio do Fórum da Comarca, que está em construção.

> Atuaram na comarca de Tapejara, em ordem cronológica, os seguintes promotores:
> Luiz Felipe Azevedo Gomes: 20.11.1965 até 5.3.1966
> Jacques Rabello Ribas: 5.3.1966 até 29.11.1971
> Jones Errol Raymundi: 30/7/1971 até 13/7/1974
> Ruy Luiz Burin: 23.8.1974 até 23.5.1975
> David Jovino Giacomini: 17.9.1976 até 16.10.1978
> Suzana Silveira da Silva: 22.1.1979 até 15.6.1979
> Vilson Eraldo Schneider: 19.4.1982 até 14.5.1984
> Altamir Francisco Arroque: 12.6.1984 até 16.9.1985
> Delmar Pacheco da Luz: 21.7.1986 até 13.3.1987
> Magali Ferreira Mannhart: 26.5.1988 até 9.4.1990
> Maria Lúcia Kurtz Amantino Rodrigues da Silva Algarve: 30.11.1990 até 17.12.1991
> Cassiano Pereira Cardoso: 25.5.1994 até 18.8.1996
> Cleonice Rodrigues Aires: 1.4.1997 até 12.11.2003
> Diego Mendes de Lima: 13.4.2004 até 31.5.2006
> Atualmente, Marcio Schenato, que ingressou no dia 29.5.2007.

• Defensoria Pública

A Defensoria Pública é o instrumento jurídico que auxilia a população menos favorecida financeiramente e que não tem condições de contratar um advogado a ter acesso à justiça. A Defensoria atua nas áreas civil, penal, prisional, direitos humanos, violência doméstica, infância e juventude, tutelas coletivas, pensão alimentícia, separações, divórcios, ações de medicamentos de uso contínuo e cirurgias, dentre outros.

Em Tapejara, a assistência jurídica já era oferecida mesmo antes da criação da Defensoria Pública, que ocorreu com a Constituição Federal de 1988. Os Assistentes Judiciários Euclides Bertoglio e Alceu

Basso, na década de oitenta, em razão da habilitação profissional, foram nomeados para atender nesta Comarca. Com a criação da Defensoria Pública no Estado do Rio Grande do Sul, na década de noventa, Alceu Basso foi nomeado Defensor Público, ou seja, o primeiro Defensor Público de Tapejara, tendo exercido a função até o dia 18 de março de 2003, quando se aposentou. Atualmente, a Defensoria Pública é atendida pelo Defensor Público Gilberto Ernesto Tomelero, aprovado no primeiro concurso público da instituição, realizado no ano de 1999.

Estudos mostram que 80% da população brasileira enquadram-se nos critérios para atendimento pela Defensoria Pública. Por isso, a demanda também é crescente. Esse dado mostra que as pessoas estão conhecendo, respeitando e acreditando cada vez mais no trabalho realizado pela Defensoria. Tanto é verdade que das instituições públicas estaduais a Defensoria aparece em primeiro lugar em satisfação dos usuários, conforme pesquisa do Tribunal de Contas. Isso demonstra que a Defensoria Pública é a instituição da confiança dos gaúchos, trabalho sério e eficiente reconhecido pela população.

Para Gilberto Ernesto Tomelero, "a função de Defensor Público é gratificante, pois ajuda as pessoas menos favorecidas, financeiramente, a ter acesso à justiça e buscar a solução dos seus problemas, com o sentimento de dever cumprido, como requer a função".

SUBSEÇÃO DA OAB/RS DE TAPEJARA

O Egrégio Conselho Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Secção do Rio Grande do Sul, em Sessão Extraordinária de 14 de agosto de 1990, através da Resolução nº 1/91, criou a Subseção de Tapejara, com jurisdição nos Municípios de Tapejara e Água Santa.

Em 19 de setembro de 1990, reuniram-se nas dependências do Clube Comercial de Tapejara os advogados Neuri Domingos Coser, Euclides Bertoglio, José Rombaldi Manica, Gilnei Fontana, Rogério Liska, Sidevan Teixeira, Júlio Francisco dos Reis, Júlio Debastini, Altair Piroli. Também o Juiz de Direito da Comarca Sadilo Vidal Rodrigues, Prefeito Municipal Bomfilho Seben e o Escrivão Judicial Lorito Prestes para, conforme Portaria expedida pela Presidenta da OAB/RS, Secção do Rio Grande do Sul, efetuar a eleição para a Diretoria da Subseção desta cidade de Tapejara, que ficou assim constituída: Presidente – Neuri Domingos Coser; Vice-Presidente – Euclides Bertoglio; Secretário – José Rombaldi Manica; e Tesoureiro – Altair Piroli.

• Criação da Subsecção da OAB de Tapejara

Em 18 de janeiro de 1991, nas dependências do Clube Comercial de Tapejara, Clea Anna Maria Carpi da Rocha, Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Secção do Rio Grande do Sul, instalou a Secção de Tapejara, dando posse à Diretoria eleita em 19 de setembro de 1990. Participaram da solenidade Honório Campos Peres, Secretário da Ordem; José Ricardo Lacerda, encarregado da Coordenadoria da Ordem, Juiz de Direito da comarca Sadilo Vidal Rodrigues; Prefeitos de Tapejara e Água Santa. A OAB promove atividades na Semana do Advogado

OAB/RS Secção Tapejara homenageou Alceu Basso no dia 7 de dezembro de 2010 por ser um dos primeiros advogados do Município. Na foto entregando a placa o então presidente Sidney Teixeira. Foto: Arquivo Novo Tempo.

e durante o ano através de jogos, seminários e palestras.

• Assistentes Judiciais, Estagiário, Comissão de Esportes

Em 14 de abril de 1991, em reunião dos advogados de Tapejara, foi deliberada a participação dos estagiários na Secção bem como estabelecidos como Assistentes Judiciais, os Senhores Alceu Basso e Euclides Bertoglio. Ainda foi criada a Comissão de Esportes constituída por Júlio Francisco dos Reis, Júlio Debastiani e Gilmar Fontana.

• Atuais advogados inscritos na OAB Tapejara

Os advogados que fazem parte da Subseção OAB Tapejara são os seguintes: Ademir Abido, Adriano Erlindo Koch, Alex Sandro Cantele, Altair Piroli, Aline Pietrobelli Nath, Ana Cristina Bacega de Bastiani, Ana Lucia Centofante, Armindo Vilson Damm, Bruna Dalgiza Martins, Bruno Sauer Caprini, Caciane Bortolini, Camila Milani, Cassandro Machado Artuzi, Cassiana Alvina Carvalho, Clamilton Pasa, Clarissa Barreto, Claudemir Dalastra, Claudio Antonio Biasi, Cristina Artuzo, Cristiane Melara Tres, Daniela Fontana Dorini, Dionatan J. de Oliveira Telles, Ederson Pereira, Eliane Rodrigues Correa, Eloiza Panisson, Enor Guilherme Becker Corrêa, Eron Paulo Borges, Fabiana de Oliveira Dal Magro, Franciele Mânica, Franciele Poggio da Rosa Scariot, Gabriela Felini, Geovana Fontana da Veiga, Gilberto Ernesto Tomelero, Gilberto Scariot, Gilmar Fontana, Gilnei Jose Fontana, Gisele Fontana, Graziela Giacomin Ferreira, Ildo Costella, Iliane Bernart, Irapuan Jorge Teixeira, Jaime Fernande Weiler, Janize Giradi Graminha, Jose Alberto Bertton, Jose Rombaldi Manica, Josemar Comiran, Juliana Gazolla Savaris, Julio de Bastiani, Julio Francisco dos Reis, Karol Canali Rech, Leandro Manica, Luciane Evaristo Dos Santos, Luciano Bruch, Luciano Manica, Luis Gustavo De Bastiani, Luiza Cavichioli Döering, Luiz Paulo Bristotti, Manilva Panho Marcolin, Maicon Zago dos Santos, Marcio Canali, Maria Amelia Maschio, Maria Ignez Dallagasperina , Mariana Barizon, Mirian Barizon, Nailê Licks Morais, Nelmar Rodrigo Cecchin, Neuri Domingos Coser, Odemir Bernardi, Odimar Eduardo Iaskievicz, Oscar Rodigheri, Pamela Pedott Calderan, Paula Del' Sant, Raquel Cecilia Tondello, Roberta Dallagasperina, Roberto Vinicius P. dos Santos, Romoaldo Pelissaro, Rodrigo Caierão Pernoncini, Ronaldo Fiorentin, Rosana Reis, Rovílio Tondello, Rudimar Calegari, Sabrina Bianchi, Sandra Maria Bressan, Sérgio Federle, Sidney Teixeira, Sidevan Teixeira, Silvia Bertollo, Silvia Menon, Sirinei Panizzon, Susan Tomiello, Susiane Sbeghen Melara, Taciane Durigon Biasotto, Tiago Calisto Gehrke dos Santos, Valéria Lamb e Vitor Emanuel Poletto Coser.

As diretorias da OAB no Município de Tapejara tiveram as seguintes constituições, desde sua criação:

Presidente: Neuri Domingos Coser
Vice-Presidente: Euclides Bertoglio
Secretário: José Rombaldi Manica
Tesoureiro: Altair Piroli
Empossada em 18 de janeiro de 1991.

Presidente: Euclides Bertoglio
Vice-Presidente: Alceu Basso
Secretário: Júlio Francisco dos Reis
Tesoureiro: Rogério Liska

Empossada 1º de fevereiro de 1993.

Presidente: Gilnei Fontana
Vice-Presidente: Júlio Francisco dos Reis
Secretária-Geral: Maria Ignez Dallagasperina
Secretário: Júlio Debastiani
Tesoureiro: Altair Piroli
Empossada em 5 de janeiro de 1995.

Presidente: Gilnei Fontana
Vice-Presidente: Júlio Francisco dos Reis
Secretário: Júlio Debastiani
Tesoureiro: Altair Piroli
Empossada em 18 de janeiro de 1998.

Presidente: José Rombaldi Manica
Vice-Presidente: Gilmar Fontana
Secretária-Geral: Maria Ignez Dallagasperina
Secretário: Claudio Antônio Biasi
Tesoureiro: Júlio Debastiani
Empossada em 1º de janeiro de 2001.

Presidente: Neuri Domingos Coser
Vice-Presidente: Sirinei Panizzon
Secretário-Geral: Altair Piroli
Secretário: Odimar Eduardo Iasckievicz
Tesoureiro: Josemar Comiran
Empossada em 1º de janeiro de 2004.

Presidente: Neuri Domingos Coser
Vice-Presidente: Odimar Eduardo Iasckievicz
Secretário-Geral: Altair Piroli
Secretária Adjunta: Luiza Cavichiolli Doring
Tesoureiro: Armindo Vilson Damin
Empossada em 6 de janeiro de 2007.

Presidente: Sidney Teixeira
Vice-Presidente: Claudio Biasi
Secretária-Geral: Maria Ignez Dallagasperina
Secretário Adjunto: Ronaldo Fiorentin
Tesoureiro: Sirinei Panizzon
Empossada em 4 de janeiro de 2010.

Presidente: Claudio Antonio Biasi
Vice-Presidente: Romoaldo Pelissaro
Tesoureiro: Marcio Canali
Secretária-geral: Maria Ignez Dallagasperina
Secretária Adjunta: Cassiana Alvina Carvalho
Empossada no dia 17 de janeiro de 2013.

• Juizado de Pequenas Causas

Em 31 de março de 1993, na reunião da Secção da OAB, o Presidente comunicou ter recebido correspondência informando que estava criado o Juizado de Pequenas Causas de Tapejara.

Em 4 de maio daquele ano, na reunião da Secção, era explicado pelo Presidente como funciona o Juizado de Pequenas Causas. Também na ocasião era discutido e deliberado, por unanimidade, a criação do Juizado de Pequenas Causas de Tapejara, pelos advogados presentes.

Aconteceram no dia 2 de junho de 1993 palestras sobre o Juizado de Pequenas Causas destinadas aos advogados da Secção. As palestras foram proferidas pelo Juiz de Direito da Comarca, Sadilo V. Rodrigues, que abordou a origem e importância do Juizado, e Paulo Roberto Felise, que discorreu sobre o funcionamento do Juizado.

Com a finalidade de agilizar o processo de instalação do Juizado de Pequenas Causas o Presidente da Secção enviou oficio ao Presidente do Tribunal de Justiça em meados de setembro de 1993.

Em meados de novembro de 1993, o Presidente, acompanhado de Sirinei Panizzon, esteve em audiência com o Desembargador Barizon, o qual comunicou a eles que, devido ao alto custo da instalação, do material e com pessoal, o início dos trabalhos ainda não havia sido possível, mas prometeu estudar o caso e dar retorno à Secção de Tapejara.

Após uma série de tratativas e ações, junto ao Tribunal do Estado, desenvolvidas pela Diretoria da Secção, finalmente no dia 4 de junho de 1994, foi instalado o Juizado de Pequenas Causas de Tapejara. A partir de então a Diretoria da Secção incentivou e pediu para que todos os advogados nele ingressem, evitando assim a ação de "rábulas", isto é, profissionais de outras áreas fazendo a vez de advogados.

• Comissão de Esportes

Em 14 de abril de 1991, em reunião dos advogados de Tapejara, foi deliberado sobre a criação da Comissão de Esportes, constituída por Júlio Francisco dos Reis, Júlio Debastiani e Gilmar Fontana. Foram sucedidos por Altair Piroli e Gilnei Fontana em 15 de setembro de 1993.

Entre as atividades e ações desenvolvidas pela Comissão de Esportes, cabe registrar a aquisição de um terno de camisetas, calções e meias para participar de jogos de futebol, material pago pelos advogados que participaram dos jogos em 15 de março de 1995.

As participações em atividades esportivas foram: no Torneio de Futebol Sete entre os advogados da região na primeira quinzena de agosto de 1995 e a participação no campeonato de Futebol de advogados realizado no dia 16 de agosto de 1998. Ademais, participação dos advogados atletas no Campeonato de Futebol Sete em Lagoa Vermelha, em 5 de agosto de 2000.

• Falecimento do Presidente da Seccional

No dia 10 de setembro de 1994, faleceu Euclides Bertoglio, Presidente da Seccional da OAB/RS de Tapejara. Ele se encontrava participando de um Congresso na cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará. Em virtude do falecimento do presidente, Alceu Basso, Vice-Presidente, assumiu o cargo até o final do mandato, ato que foi comunicado à Seccional da OAB do Estado do Rio Grande do Sul.

• Convênios e benefícios

Entre os diversos convênios firmados e benefícios conquistados pelos advogados da Seccional de Tapejara, cabe o destaque para alguns. Em meados de 1995, a Seccional firmou convênios com profissionais da Saúde de Tapejara, os quais deram trinta por cento de desconto sobre o valor das consultas para os advogados e seus familiares. Os convênios foram firmados com Neli Fontana, cirurgiã-dentista; Miriam Manica, médica; Giovana Scariot, psicóloga.

Na segunda quinzena de outubro de 1995, estavam em pleno funcionamento as instalações da farmácia da OAB/RS em Porto Alegre, concedendo cinquenta por cento de desconto aos advogados; e a Livraria do Advogado, com venda de livros a preços mais em conta. Ademais, os planos de aposentadoria do advogado através de convênios, com a Caixa de Assistência dos Advogados, além do seguro de vida através da OAB/RS.

Em dezembro de 1996, a Caixa dos Advogados adquiriu uma ambulância para o atendimento aos advogados da região, a qual estava localizada em Passo Fundo. Em meados de julho de 2004, a Seccional firmou convênio com os postos de combustível Scariot e Rigo para o fornecimento de gasolina e álcool com o desconto de oito por cento, nos pagamentos à vista ou cheque de trinta dias.

• Sala da Seccional

Os antecedentes de um local para sediar as instalações da Seccional da OAB/RS de Tapejara dão conta da obtenção da entidade, do valor de R$ 28.000,00, para aquisição de uma sala no edifício Lafaiatte, localizado na Rua Cel. Lolico, esquina com a Rua do Comércio.

Mais tarde, por volta do dia 15 de dezembro de 2000, realizou-se o ato inaugural da sala sede da Subsecção de Tapejara da Ordem dos Advogados de Tapejara, localizada no edifício Lafaitate, Rua do Comércio, nº 1300, sala 204.

Estiveram presentes o Presidente da Seccional OAB/RS, Valmir M. Batista, Clea A. M. Carpi da Rocha, ex-presidenta da Seccional OAB/RS, Luiz Felipe Magalhães, Nereu Lima, Paulo Sérgio Majardo, Sebastião Melo, advogados de Tapejara e de comarcas vizinhas.

Em 22 de março de 2005, em reunião da Seccional de Tapejara, foi deliberada por unanimidade dos presentes a troca da sala instalada no edifício Lafaiatte com área útil de 28 m^2 pela sala a ser adquirida de João Pedro Nicolodi, que possuía 47,98 m^2 com direito de uso do Salão de Festas existente no prédio.

Em meados de junho de 2005, esteve um perito da OAB Estadual na Comarca e verificou a possibilidade de troca das salas, podendo inclusive a diferença de valores ser suportada pela OAB/RS.

Em dezembro de 2005, estiveram em uma reunião junto à OAB/RS, em Porto Alegre, Neuri Domingos Coser, Odimar Eduardo Iaskievicz e Josemar Comiran, que, na oportunidade, conseguiram agilizar a permuta das salas. Pouco tempo depois, foi realizada a permuta, tendo a Secção se transferido para o endereço da Avenida Sete de Setembro, nº 1.133, sala 207, no centro da cidade de Tapejara.

• Ação comunitária

A Seccional OAB de Tapejara marcou presença no Projeto da EMATER nos dias 6 e 7 de agosto de 1998. Foi uma ação comunitária destinada à prestação de serviços gratuitos à comunidade. Os advogados participaram em forma de rodízio, durante uma hora e quinze minutos cada um.

• Programa OAB Vai à Escola

O Programa OAB vai à Escola consistiu de palestra proferida por um membro da Seccional nas escolas e creches do Município. Nas escolas, o público alvo foram os estudantes, enquanto nas creches as explanações foram direcionadas aos pais dos estudantes, tendo como assunto principal a Cidadania.

Os advogados que desenvolveram os trabalhos do programa foram Gilberto Scariot, Sandra Bressan, Iliane Bernard, Sidney Teixeira e Claudio Antônio Biasi. Foram atendidas cinco escolas, portanto foram cinco dias para realizar as palestras, ministradas no mês de junho de 2010.

• Atuais representantes da OAB em órgãos públicos

Os representates da OAB nos órgãos e conselhos do Município são os seguintes: Plano Diretor: Titular – José Luiz Sebben e suplente Clamilton Pasa; COMTRAN: Titular – Irapuã Jorge Teixeira e suplente Sergio Federle; Habitação: Titular – Francieli P. da Rosa Scariot e suplente Sidevan Teixeira; CODETAP: José Luiz Sebben como Titular e Gilberto Scariot como suplente; Comissão do Seminário Jurídico: Vitor Emanuel Coser, Iliane Bernart e Luciane E. dos Santos; Comissão do Jantar Baile da OAB: Alex Cantele, Clarissa Barreto, Caciene Bortolini; Comissão do Futebol; Altair Piroli, Clamilton Pasa, Ademir Abido e Luiz Gustavo Debastiani.

• Junta Comercial

A Junta Comercial tem a abrangência dos Municípios de Tapejara, Charrua, Água Santa, Santa Cecília do Sul e Vila Lângaro, e fica localizada na Avenida Sete de Setembro, 924, no Edifício Avenida Center, sala 201.

Referências

BASSO, Alceu. Fundado com grande entusiasmo o PDS em Tapejara. *O Tapejarense,* Tapejara, v.1, n. 7, p. 2, 17 out. 1980.

CARTÓRIO DISTRITAL DA VILA SETE DE SETEMBRO, Município de Passo Fundo. *Livro número* B1, 1922–1930. Cartório – Casamentos.

CARTÓRIO DISTRITAL DA VILA SETE DE SETEMBRO, Município de Passo Fundo. *Livros nº 1 e 02 de Nascimentos, 1922-1930.*

CONCENTRAÇÃO arenista em Tapejara. *O Tapejara,* Tapejara, v.1, n.3, p. 2, 30 jul. 1978.

GRANDE concentração política do MDB em Tapejara. O Tapejara, Tapejara, v.1, n. 4, p. 2, 13 ago. 1978.

MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em: < http://copyfight.me/Acervo/livros/MAQUIAVEL,%20Nicolau.%20O%20Pri%CC%81ncipe%20%28Martins%20Fontes%29.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

NARY, Gerges. Oficial de Justiça: Manual Teórico e Prático. 2.ed. São Paulo: Juriscredi, 1974.

OAB. Subseção Tapejara. *Livro de Atas das Reuniões e Assembleias Gerais Ordinárias e Extraordinárias.* Atas n. 1-84, de 19 set.1990 até 30 set. 2010.

OAB. Subseção Tapejara. Pasta de Registro das Atas das Reuniões, Assembleias Gerais Ordinárias e Extraordinárias da Diretoria e Advogados da Subseção da OAB De Tapejara, RS. Atas 98 e 99, 2013.

PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA (Tapejara). *Livro de Atas do Partido da Social Democracia Brasileira.* Tapejara, 2005-2014.

PARTIDO DEMOCRÁTICO SOCIAL (Tapejara). *Livro de Atas das Convenções e Reuniões do Diretório Municipal e da Comissão Executiva do Diretório Municipal.* Tapejara, 1980-.

PARTIDO PROGRESSISTA BRASILEIRO (Tapejara). *Atas das Convenções e Reuniões do Diretório Municipal e da Comissão Executiva do Diretório Municipal e da Comissão Executiva do Diretório Municipal.* Tapejara, 1995-.

PARTIDO PROGRESSISTA REFORMADOR (Tapejara). *Livro de Atas das Convenções e Reuniões do Diretório Municipal e da Comissão Executiva do Diretório Municipal.* Tapejara, 1993-.

PARTIDO PROGRESSISTA. *Livro de Atas das Convenções e Reuniões do Diretório Municipal e da Comissão Executiva do Diretório Municipal.* Tapejara, 2007-.

PIRES, Leonel Baldasso. *O Oficial de Justiça: Princípios e Prática.* 2.ed. Porto Alegre: Livraria Do Advogado, 1994.

RIO GRANDE DO SUL. Tribunal Regional Eleitoral. Eleições. Disponível em: < http://www.tre-rs.jus.br/index.php?nodo=278>. Acesso em: 19 jan. 2015.

SEBBEN, Antonio José. *Informações sobre a Exatoria de Tapejara.* Tapejara, 2015. Arquivo via e-mail.

SOUTO, Cíntia Vieira; SANTOS, Luciano Silva dos. *Pesquisa sobre Todos os Juízes que Trabalharam em Tapejara.* Porto Alegre: Memorial do Ministério Público, 2015. Material enviado via e-mail.

TAPEJARA. Câmara de Vereadores. *Livro de Atas da Comissão Representativa da Câmara de Vereadores de Tapejara.* Atas nº 8, de 7 de julho de 1957, nº 17, de 6 de junho de 1958 e nº 78, de 8 de junho de 1961.

TAPEJARA. Câmara Municipal de Vereadores. *Consolidação das Leis Municipais.* Tapejara, 2004-2007.

VEADO. Carlos W ad-V. *Oficial de Justiça e sua Função nos Juízos Cível e Criminal.* Leme: LED, 1997.

Capítulo 4

Dimensão Econômica

DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO, DA INDÚSTRIA E DE SERVIÇOS EM TAPEJARA

Em Tapejara, o incremento do comércio e da indústria teve origem a partir da produção e transformação dos produtos vindos do setor agropecuário produzidos na região nos primórdios pelos imigrantes e seus descendentes.

A partir de meados da década de 1920 até a década de 1950, Tapejara registrou a presença de diversos estabelecimentos comerciais e pequenas indústrias, definindo o perfil econômico local com base nos ramos madeireiro e plantações de trigo e milho.

A integração de Tapejara com o mercado regional e com a capital do Estado deu-se, inicialmente, através dos tropeiros e carreteiros que transportavam os produtos em cargueiros no lombo de mulas ou em pesadas carretas.

A construção das pontes sobre o Rio do Peixe, inaugurada no final de outubro de 1925, e sobre o Rio Carreteiro, concluída um ano e meio depois, facilitou o trabalho realizado pelos tropeiros e carreteiros.

Por conseguinte, a circulação de produtos coloniais e outras mercadorias foram facilitadas e incrementadas, graças à conquista dessa antiga reivindicação dos dirigentes do comércio e forças produtivas locais, em conjunto com as autoridades municipais.

O incremento do comércio, através da exportação dos produtos coloniais e artesanais para os mercados regionais de Coxilha, Passo Fundo e Porto Alegre, mais tarde para São Paulo e Rio de Janeiro, possibilitou a acumulação de capital nas mãos dos comerciantes que intermediavam as transações comerciais com os mercados consumidores, obtendo significativos lucros.

Alguns comerciantes possuíam carretas para efetuar o transporte; o preço do frete não ultrapassava 2% do total transportado e os ganhos com o comércio se avolumavam. As vendas eram à vista e as compras a prazo. Em contrapartida, o comerciante possibilitava a compra, em sua casa de comércio, pelos colonos através de cadernetas. Os acertos de contas eram feitos por ocasião das safras ou no fim de cada ano. No confronto de contas, o saldo credor pendia quase sempre para o lado dos comerciantes.

As casas comerciais ainda agiam como bancos informais para os depósitos de dinheiro dos colonos, quando auferiam algum lucro com a venda de seus produtos, ajudando, de certa forma, os comerciantes no seu "negócio" através do aumento do capital de giro. Algumas casas comerciais possuíam hospedaria, com amplo espaço para os animais, que servia para o pouso dos tropeiros e negociantes que vinham à Vila ou quando se dirigiam para Passo Fundo para revender produtos coloniais e buscar mercadorias. Uma das hospedarias, denominada na época Casa do Pasto, funcionava junto ao estabelecimento comercial de Guerino Lângaro, no interior da Sede Teixeira, assentada na localidade do Rio Carreteiro.

Os negócios realizados em Passo Fundo e também na Estação Férrea de Coxilha e de Sertão, nas

primeiras décadas da colonização, eram feitos pelos carreteiros, que traziam tecidos, pregos, utensílios domésticos, açúcar, sal e querosene, e levavam madeira, trigo, feijão e milho. Apesar das fábricas de vinho, a cantina do colono viticultor era o principal local de produção dos vinhos. Estas estavam espalhadas pela zona rural e eram partes integrantes da moradia dos colonos. O térreo de suas casas destinava-se às cantinas. O vinho era produzido pelos agricultores e beneficiado e embarrilado pelos comerciantes.

Entre os comerciantes que beneficiaram e embarrilaram o vinho na então Vila Tapejara, cabe destacar a Casa Comercial Dalzotto Ghidini & Cia. Ltda. e a Ughini, Bertoldo & Cia. Ltda., que passou a diversificar a compra de produtos coloniais, entre os quais o vinho.

O capital comercial foi sendo aplicado na expansão das casas comerciais na região à medida que cresciam os lucros dos comerciantes e se aceleravam as diferenças entre a zona urbana e a rural.

COMÉRCIO

A atividade comercial começou a ser desenvolvida em Tapejara a partir da formação dos núcleos comunitários coloniais. Nos primeiros anos da colonização, as formas de comércio eram as trocas de produtos entre os moradores.

- **Bodega do Seu Canário**

Santo Canali e família: Serafim Giovane, Desidério Tranquilino, Giocondo Beninho, Jairo Carino, Mansueto Felice, Giustina, Pacifica Rebeca, Francisco Bonafede, Marco Leone, Domingos Leone, Maria Catarina, Corona Dalagasperina Canali (mãe), Santo Canali (pai), Gema Maria Julieta, Amabile Maria. Foto: Idalino Luiz Canali.

Entre as primeiras iniciativas do setor comercial e industrial empreendidas pelos colonizadores está a chegada do descendente de imigrantes italianos, Santo Canali, procedente de Caxias do Sul, chegou ao Núcleo Itália em meados de 1914.

Depois de dois anos de serviços no meio agrícola, conseguiu assentar no centro do Núcleo uma bodega, conhecida como Bodega do Seu Canário, que funcionava em uma pequena construção de tábuas lascadas que na cobertura levava tabuinha. Vendia licor, bitter e algumas miudezas, entre as quais

pequenas quantias de açúcar e sal. As mercadorias eram trazidas de Passo Fundo por meio de carretas e cargueiros.

• Casa de Comércio Dalzotto a Supermercado Dalzotto

Em meados de 1914, chegou ao núcleo João Batista Dalzotto, vindo de Ana Rech, acompanhado da esposa e de três filhos, um deles de nome Ângelo. Nos primeiros anos, desenvolveu atividade agrícola de subsistência no plantio de milho, feijão e criação de suínos e aves domésticas. A partir de meados de 1920, já na Sede Teixeira, instalou na zona central uma pequena Casa de Comércio, que, além da venda de tecidos, roupas e utensílios domésticos, sal, açúcar, café, soda, comprava e revendia, em pequena escala, produtos coloniais.

Por volta de meados de 1948, foi constituída uma sociedade para levar em frente os negócios da Casa Comercial de João Batista, envolvendo o seu filho Ângelo, que buscou parceria com a família Ghidini, constituindo a Casa Comercial Dalzotto, Ghidini & Cia. Ltda. Ao mesmo tempo, ampliaram e diversificaram a oferta de produtos, entre os quais diversas linhas de tecidos. A firma adquiriu também um cilindro para moagem de trigo, transformando-o em farinha para venda ao varejo.

Os filhos de Ângelo, entre os quais Severino, Mário, Ângelo, Maria e Tranqüilo Ghidini, prosseguiram com os negócios da Casa Comercial, que passou por inúmeras transformações e expansões. Uma das principais transformações aconteceu no final da década de 60: a aquisição de novo prédio de alvenaria com dois pisos, local onde funcionou por quase duas décadas a Casa Comercial de Pedro Poletto, localizado em frente à praça central. Depois de realizadas as devidas reformas que o prédio demandou, foi instalada a nova casa comercial.

A Casa Comercial Dalzotto, Ghidini & Cia. continuou a oferecer tecidos e confecções, gêneros alimentícios de primeira necessidade, utensílios domésticos e ferramentas, entre outras especiarias. Todavia, a Casa Comercial passou outra vez por transformações por volta da década de 70;

Casa Comercial de Ângelo Dalzotto em 1948. Foto: Arquivo de Gema Dalzotto.

Veículo de transporte da firma de Ângelo Dalzotto na década de 1940. Foto: Arquivo de Gema Dalzotto.

Casa Comercial de Dalzotto, Ghidini & Cia. Ltda., localizada na Rua do Comércio, esquina com a atual Angelo Dalzotto, na década de 1950. Fonte: Arquivo Público do RS – Ricardo Giusti.

Moinho de Cilindro de Moagem de Trigo Dalzotto, Ghidini & Cia. Ltda., 1953. Fonte: Arquivo Público do RS – Ricardo Giusti.

naquela época o modelo tradicional de comércio era mudado para modelo de supermercado.

Atual prédio do Supermercado Dalzotto.
Foto: Arquivo da família Dalzotto.

Foi então instalado, em prédio edificado nas proximidades da antiga casa comercial e aberto ao público consumidor, o primeiro supermercado da cidade de Tapejara. O Supermercado Dalzotto passou a oferecer gêneros alimentícios enlatados, envasados, produtos de higiene e limpeza, utensílios domésticos, entre outros. Nessa época, a empresa expandiu os seus negócios no setor comercial. Foram instalados dois supermercados, um na cidade de Nova Prata e outro em Tapejara, os quais tiveram como gerente-geral Antônio Fossatti. Os caminhoneiros João Girardi e Pedro Girardi viajavam de Tapejara a Nova Prata em busca de produtos para abastecer a loja e o mercado. E quando era necessário, João ia para São Paulo buscar mercadorias.

Em Tapejara, a empresa sofria profundas modificações físicas e mudanças nas dependências internas, com ofertas de gêneros alimentícios, limpeza, higiene e utensílios domésticos. Além da mudança da razão social da empresa, passou a ser administrada e de propriedade de Mário Dalzotto e seus filhos em meados da década de 80. No dia 14 de julho de 1989, a empresa abriu um novo mercado, localizado na Avenida Sete de Setembro, ao lado do atual Posto Buffon.

No final da década de 1990 e até os dias atuais, os estabelecimentos passaram por amplas remodelações. Em suas dependências, foram instalados equipamentos que colocaram em funcionamento mercearia com produtos alimentícios, de higiene e limpeza, padaria, açougue, frios, laticínios, hortifrutigranjeiros, verduras e legumes.

• De bodega e armazém à Ughini Indústria e Comércio

No ano de 1916, chegou na então Colônia Lângaro o imigrante italiano Valeriano Ughini, sua esposa, Maria Costella Ughini, e filhos, vindos de Alfredo Chaves, atual Município de Veranópolis. Instalou na zona central da Colônia uma bodega e armazém, onde vendia bebidas, sal, açúcar, ferramentas e utensílios domésticos e também comprava e revendia produtos coloniais.

Em meados de 1922, transferiu-se para Sede Teixeira, na zona central, onde instalou bodega e armazém. No local, seu filho Silvio e seus irmãos, no dia 4 de junho de 1922, em sociedade com Luiz Bertoldo, transformaram a bodega e o armazém em uma casa comercial denominada Casa Comercial de Ughini Bertoldo e Irmãos Ltda., com a venda de tecidos, roupas, louças, açúcar, sal, soda, além da compra e revenda de produtos coloniais, entre os quais: milho, feijão e banha.

Prédio de Valeriano Ughini, localizado na Rua do Comércio, esquina com a 15 de Novembro, em 1922 , na então Sede Teixeira.
Fonte: Arquivo de Carmen Ughini Vergara.

Em 1927, foi fundada na então Sede Teixeira a sociedade integrada por Valeriano Ughini, Arnaldo Bertoldo, Gilio Bacega, Silvio Ughini, João Zanatta e Ângelo Zanatta, os quais fundaram a Casa Comercial Ughini Bertoldo & Cia. Ltda., registrada na

Junta Comercial em 5 de setembro de 1927.

Ao mesmo tempo, nos fundos, foi construída uma edificação, inicialmente, de madeira e mais tarde em alvenaria, fazendo frente à atual Rua XV de Novembro. Esse local servia de depósito das mercadorias da casa e dos produtos coloniais adquiridos. Anexo ao depósito estava um pequeno prédio, onde funcionava um descascador e beneficiamento de arroz.

Armazém da firma de Ughini, Bertoldo & Cia., localizado na Rua 15 de Novembro, em meados 1940. Ao lado esquerdo, antiga residência de José Bacega. Fonte: Arquivo de Carmen Ughini Vergara.

A razão social da casa comercial foi alterada para Ughini Bertoldo & Cia. em 15 de agosto de 1936 e registrada na Junta Comercial em 5 de outubro de 1936. Nessa época, o transporte das mercadorias era feito por carreteiros e cargueiros. A partir da década de 40, com a chegada dos primeiros caminhões de carga e automóveis, sendo um dos primeiros da época um Pontiac de Silvio Ughini, surgiu a necessidade de ter fornecimento de combustível. Dessa forma, a firma Ughini Bertoldo & Cia. tornou-se agente autorizado da Anglo-Mexican Petroleum Company, e passou a distribuir e fornecer combustível, entre os quais a gasolina "Energia" e o querosene "Aurora".

Mais tarde, por volta do dia 12 de março de 1954, a razão social foi alterada para Ughini Irmãos & Cia. Ltda., registrada na Junta Comercial em 8 de abril de 1954. Passou a ser administrada pelos filhos de Valeriano: Silvio, Camilo, Celeste, Luis, Modesto e Angelo. Nessa época, começaram as tratativas para a ampliação do espaço físico, que começou a se tornar realidade em meados de 1960, quando aconteceram as primeiras escavações do novo prédio. Concluídas as obras, foi colocada em funcionamento, no andar térreo, o comércio de gêneros alimentícios, utensílios domésticos, produtos de higiene e limpeza, louças, talheres, encerados de locomotivas, compra, venda e beneficiamento de produtos coloniais. A maioria dos funcionários homens do primeiro prédio, foram deslocados para o novo e com ele vieram novos funcionários contratados, que ingressaram na firma naquela época.

Também, após remodelação interna no primeiro prédio, foi instalado um balcão e prateleiras onde vendiam peças de tecidos, fazendas (cortes de tecido), confecções e calçados. O segundo piso ficou dividido entre a área de calçados, botas, chinelos e alpargatas, e o escritório da empresa.

Ainda na década de 1950, a casa passou por diversas mudanças, entre as quais a razão social para Ughini & Irmãos Ltda., administrada pelos filhos de Valeriano; a instalação de filiais em Água Santa, Ibiaçá, Lagoa Vermelha, Passo Fundo e Porto Alegre, esta última na Rua Voluntários da Pátria, centro de Porto Alegre, com um atacado de tecidos.

Cantina da firma Ughini, Bertoldo & Cia. Ltda. em 1953. Fonte: Arquivo Público do RS – Ricardo Giusti.

Uma década mais tarde, por volta de 8 de setembro de 1963, a razão social mais uma vez foi alterada e registrada na Junta Comercial, no dia 10 de setembro de 1963, com a denominação de Ughini S.A. Indústria e Comércio. Na medida em que o tempo passou, os filhos de Valeriano assumiram e passaram a gerir os negócios, realizando diversas mudanças nas instalações e diversificando a oferta

de artigos e produtos da casa comercial.

Além disso, suas prateleiras foram ocupadas por diversos tecidos, destinados à confecção de vestuário, cama e banho e colocados à venda aos consumidores, tornando-se revendedor autorizado de produtos e confecções da linha Santista, de São Paulo, entre eles tecidos, calças de algodão e brim Santista, conhecida como "calça de brim coringa", além de alpargatas Roda, Conga e enceradas (lonas) de Locomotiva, para cobertura das carrocerias dos caminhões.

Um fato marcante na vida de Carmen Vergana Ughini, filha de Silvio Ughini, foi o trabalho que o pai realizava no estabelecimento comercial. "O atendimento aos colonos que moravam e trabalhavam nos arredores da Vila, os quais tinham como ponto de venda para seus produtos agrícolas a nossa loja, a qual processava e/ou transportava e vendia em Porto Alegre e Passo Fundo. Meu pai recebia os colonos em seu escritório onde negociavam, pediam sugestões e conselhos sem o menor constrangimento com os demais."

Nas décadas de 50 e 60 a firma Ughini foi a maior revendedora, na região Sul, de produtos da São Paulo Alpargatas, conhecida como Conga, o calçado mais popular da época. Álvaro Ughini contou que a época em que mais vendiam era na Semana da Pátria, chegando a adquirir uma carga de caminhão de Congas.

Na década de 1970, aconteceu intervenção na estrutura física dos prédios do centro da cidade, sendo reformada a ligação entre os dois prédios. Resultou em dois espaços, um em frente à Rua do Comércio, onde foi estabelecida uma loja, naquela época chamada de Boutique, que passou a comercializar peças de vestuário, camisas, calças, gravatas e sapatos para homens e mulheres. O outro espaço serviu para depósito de mercadorias que abasteciam a casa comercial de tecidos e confecções. Essa estrutura física durou alguns anos, pois antes do final da década houve novas reformas nas instalações dos prédios.

As reformas objetivavam ligar o primeiro prédio com o do depósito. Havia um espaço que servia, nos primórdios, de abrigo para os cavalos dos fregueses que recorriam à casa comercial, para fazer suas compras e negócios e, mais tarde, foi usado como estacionamento dos caminhões da empresa Ughini. Depois de concluídas as obras, foram colocadas em funcionamento a casa comercial que funcionava no segundo prédio. E foi instalado um supermercado, dotado de lancheria e açougue e oferta de gêneros alimentícios, produtos de higiene e limpeza e bebidas ou gasosas. Na parte superior, foi fundada a Usacon Indústria de Confecções, que iniciava suas atividades em 1977, onde permaneceu até o fim do ano de 1978, mudando-se para as instalações que ocupa atualmente, na Rua Nove de Agosto, 65.

Em novo espaço, a então casa comercial foi transformada em loja de material de construção e eletrodomésticos. Comercializavam cal, cimento, sanitários, azulejos, fogão a gás, televisores, rádios, geladeiras, entre outros. O estabelecimento teve a duração de, aproximadamente, duas décadas.

Empresa Usacon Frilley, em Tapejara.
Foto: Arquivo da Divulgação.

Todas as filiais continuaram a oferecer a mesma linha de artigos, produtos e sortimentos da casa matriz de Tapejara. Cada filial era administrada por um dos membros da família. A matriz, em Tapejara, era administrada por Silvio, a de Água Santa e Passo Fundo por Camilo e Angelo, a de Ibiaçá por Modesto e a de Porto Alegre por Celeste e Alecio.

Depois de passar por diversas alterações adminis-

trativas e sofrer inúmeras crises financeiras, a firma reduziu a sua atividade a partir de meados da década de 70 até a metade da década de 1980 em: um supermercado; loja de confecções feminina e lancheria instalado num dos prédios; edificou silo graneleiro, que serviu de depósito de compra e revenda da soja.

Foto: Arquivo da empresa Usacon.

Com o tempo e o crescimento a Casa Comercial Ughini de Porto Alegre foi ampliada com artigos esportivos, moda masculina, feminina e infantil, calçados, cama, mesa e banho. O carro-chefe eram os produtos esportivos, que representavam mais de 40% da venda total da loja. Segundo Álvaro, mais de vinte e cinco mil clientes compravam mensalmente nos departamentos. E um dos fundadores, o menor irmão dos cinco, que ainda trabalhava, Ângelo Ughini, era então o diretor-geral.

A Ughini S/A Indústria e Comércio nos seus 80 anos de atividades, no dia 10 de junho de 2007, em Porto Alegre, comemorou com os agentes mais importantes de sua trajetória, os mais de duzentos funcionários e seus familiares.

Na atualidade, a empresa denominada Ughini continua com a atividade no ramo de comércio varejista de tecidos e confecções em Porto Alegre, Canoas e Cachoeirinha. Ademais, com a fábrica de confecções de jeans e jaquetas, com a matriz instalada em Tapejara, com venda e revenda no varejo e por atacado na região, além de produzir e exportar para os países da América Latina e da Europa.

Em decorrência de uma crise que assolou a sociedade Ughini, que vinha arrastando-se por muito tempo e recuperada no final dos anos de 1990, a empresa desativou suas atividades de comércio, e suas atenções voltaram-se para a Usacon Indústria de Confecções Ltda., em Tapejara, preservaram e remodelaram a sua atividade de comércio em Porto Alegre. Além de reduzir a atividade comercial, colocaram os prédios no Centro da cidade de Tapejara à venda. Não demorou muito tempo e o patrimônio foi vendido para Nazareno Caselani.

• Da Sociedade Busatto à Loja Sitta

A Casa Comercial de Hugo Antônio Busatto e Filhos, constituída como firma na década de 1930 sob a denominação de Sociedade Busatto Ltda., comercializava, na época, utensílios domésticos, louças, paneleiros, fogões à lenha, armarinhos e sortida variedade de gêneros alimentícios, entre os quais: açúcar, sal, coalho, colorau e banha. Além disso, era agente autorizado da distribuição de combustíveis, gás e gasolina da Atlantic Company of Brazil.

Casas Busato Ltda., desfile Sete de Setembro.
Foto: Arquivo de Elisete Zanatta Sager

Naquela época, a Sociedade Busatto Ltda. comprava dos colonos milho, trigo e feijão, pelego, porcos e leite. O leite era revendido para queijarias estabelecidas em Passo Fundo e os suínos, adquiridos dos colonos da Vila Teixeira e redondezas, revendidos, principalmente, para a então firma Borella & Cia. Ltda., instalada com abatedouro na então Vila Marau, que mais tarde passou a ser

conhecido como Frigorífico Borella.

A partir de meados de 1938, a Sociedade Busatto Ltda. passou a ser administrada pelos filhos de Hugo Antonio Busatto, Marcelino e Domingos, e a denominar-se Busatto e Irmãos e Cia. e contou, entre os sócios, com Pedro Sitta. Nessa mesma época, a Sociedade Busatto realizou a instalação de um moinho colonial para compra e moagem de trigo, localizado em Santa Rita.

Sociedade Busatto Ltda. em 1953.
Fonte: Arquivo Público do RS – Ricardo Giusti.

A casa comercial começou a comprar em grande quantidade feijão, milho e arroz e os revendia para atacadistas de Porto Alegre. A diversificação de produtos era muito ampla; entre os produtos adquiridos de outros estabelecimentos industriais, nessa época, constou um lote de espingardas oriundas da firma de Amadeu Rossi, de Caxias do Sul. Ainda foi comprado da fábrica de Ernesto Neugebauer, instalada em Porto Alegre, um lote de balas e caramelos.

Entre os fregueses da casa comercial da família Busatto que frequentaram por muito tempo cabe destacar: Ângelo Secco, Ângelo Dalmina, Ângelo Menegaz, Ângelo Zanini, Ângelo Dametto, Aurélio Sossella, Aquilino Cavichioli, Avelino Bacega, Adelino Fontana, Francisco Sandini, Antônio Zotti, Antônio Manica, Antônio Sebben, Antônio Rech, Antônio Três, Antônio Parizotto, Dr Sawa Luchano, Domingos Bertoglio, Estevão Kunz, Fioravante Rech, Eliseu Rech, João Menegaz, João Dallagasperina, Marcos Menegaz, Murilo Domingues, Orozimbo Tondello, Luiz Sitta, Pedro Spuldaro, entre outros.

A Sociedade Busatto Ltda., tendo como sucessora Busatto & Irmãos, integrada pelos sócios: Hugo Antônio, seus filhos Domingos, Marcelino, Humberto e Alberto, além de Pedro Sitta no período de 1947 até 1962. A partir de então, Pedro Sitta passou de sócio a proprietário e o comércio passou a denominar-se Pedro Sitta e Filhos.

Conforme conta Anacleto Sitta: "O pai, Pedro Sitta, filho de uma família de descendentes italianos, Luiz Sitta e Helena Andreazza Sitta, chegaram na Sede Teixeira em meados de 1920, vindos de Ana Rech, interior de Caxias do Sul. Nas proximidades da zona central da Sede, o "nono" adquiriu uma gleba de terras. A extensão da área alcançava terras de Catarino Variza, que englobava uma grande parte do território do atual Bairro São Cristóvão". Em uma parte mais distante da zona central, nessa mesma área, cultivavam roças de milho, feijão e potreiros, com criação de animais domésticos, vacas, cavalos e mulas. Na parte mais próxima da zona central da Sede Teixeira, instalou-se, naquela época, uma selaria, que, conforme Anacleto, "fabricava selim, arreios, utensílios utilizados nas montarias de cavalos, mulas e em carretas para carreteiros".

Pedro Sitta, desde os primeiros anos de vida, ajudava os pais na atividade agrícola em terras da família. Na juventude, conseguiu adquirir uma carreta e tornou-se carreteiro; naquela época, fazia frete de produtos coloniais, como feijão e milho, produzido na Sede Teixeira, para Coxilha e Passo Fundo. Na volta, trazia em sua carreta tecidos, armarinhos, utensílios domésticos e ferramentas. O filho Anacleto recorda que mais tarde o pai "possuía uma trilhadeira e, na safra do trigo, era muito solicitado para trilhar a produção agrícola dos colonos vizinhos e das redondezas, quando morava na Linha Floresta, hoje Coroado Baixo".

Em meados de 1947, Pedro comprou uma área de terras na então Vila Tapejara, nos altos da Rua do Comércio, nas proximidades da residência de Lourenço José Dall'Olivo e em frente à ferraria de Teodósio

Lovatto, próximo da pequena casa comercial de Ermelindo Pagnoncelli.

Na Vila Tapejara, com os recursos financeiros resultantes da atividade agrícola e como carroceiro, juntou algumas economias. Com isso associou-se com Domingos e Marcelino, filhos de Hugo Antônio. Conforme lembra Anacleto, "a firma passou a denominar-se então de Busatto Sitta e Cia. Ltda. Nos primeiros tempos, o pai passou a exercer o cargo de vice-gerente, tendo como responsabilidade principal administrar o moinho colonial de trigo de propriedade da sociedade, localizado em Santa Rita, assentado nas proximidades das terras de José Lusa." Pouco tempo depois, o moinho foi desativado, devido a um grande incêndio, que destruiu totalmente suas instalações. Então Pedro retornou às instalações da casa comercial e contribuiu para a ampliação das dependências do estabelecimento. Naquele tempo foi construído um novo prédio de alvenaria entre o de madeira e o armazém.

Pedro permaneceu como sócio da sociedade Busatto Sitta e Cia. Ltda. até 1962. Nesse ano, adquiriu a casa comercial da família Busatto. Anacleto recorda: "Por volta de 1962, os irmãos Busatto colocaram a sua parte do patrimônio da casa comercial à venda, pois os seus negócios estavam voltados para Passo Fundo. O pai tinha interesse em comprar a parte dos Busatto, mas não possuía os recursos financeiros; então ele recorreu a Silvio Ughini, gerente da firma Ughini, colocando o seu desejo e sua dificuldade financeira em realizar o negócio". Silvio Ughini, prontamente, manifestou interesse em emprestar os recursos financeiros. Ele falou que, caso não realizasse o negócio com os Busatto, ele mesmo iria comprar o estabelecimento comercial.

Em meados de 1970, a casa comercial foi novamente rebatizada com a denominação de Sitta Comércio de Cerais Ltda., centrando a sua atividade comercial na compra e venda, em grande escala, de milho e principalmente soja, chegando a receber 213.000 sacas de soja. Além disso, manteve o comércio com venda de tecidos, armarinhos, utensílios domésticos e gêneros alimentícios.

Em 1980, Anacleto adquiriu a cota dos demais sócios e irmãos. Demoliu as antigas instalações, vendeu uma parte da área e na que sobrou construiu um dos primeiros edifícios com sete andares na área central de Tapejara. No térreo da edificação colocou em funcionamento a Loja Sitta, comércio de tecidos, confecções, armarinhos, utensílios domésticos e gêneros alimentícios. Os demais andares do edifício foram transformados em apartamentos para alugar. A loja encerrou suas atividades em setembro de 2012.

• Sociedade Agrícola Comercial Ltda.

A Sociedade Agrícola Comercial Ltda. vendia, na década de 40, entre outras especiarias: tecidos de algodão riscado, utilizado para confecção de calças masculinas usadas no trabalho agrícola, utensílios domésticos e ferramentas. Ainda comprava produtos coloniais, como milho, feijão e banha e os revendia no atacado. Além disso, também era agente autorizado da linha de combustíveis e derivados da Standard Oil Company of Brazil.

• Casa Comercial e Beneficiamento de Arroz

Em meados de 1942, chegavam à então Vila Teixeira a família de Egídio Casa e seus filhos Victório, com sua família, e João Antônio Casa. Pouco tempo após a chegada, João Antônio alugou um prédio de alvenaria, com dois pavimentos, defronte à atual Praça Silvio Ughini, ao lado do prédio do antigo Café União, onde instalou e colocou em funcionamento uma casa comercial. Mais tarde, por volta de 1947, anexou ao estabelecimento um posto de beneficiamento de arroz.

A casa comercial colocava à disposição dos fregueses diversos tipos de cortes de tecidos e uma série

de linhas, agulhas, botões e uma gama de louças e utensílios domésticos. O posto de beneficiamento de arroz recebia o cereal em casca, a qual era retirada e posteriormente separadas dos grãos. O estabelecimento comercial e prestador de serviço estiveram em atividade de meados de 1942 até o ano de 1949.

• Casa Comercial de Leopoldo Muxfeldt

Em 1944, na Vila Tapejara, Leopoldo Muxfeldt comprou um terreno de Jacob Barcarollo na área central, atual Rua do Comércio, 1296, onde construiu sua moradia e uma pequena compra e venda de produtos coloniais e venda de secos e molhados, denominada de Casa Comercial de Leopoldo Muxfeldt

Envelope timbrado com o nome da Casa Comercial de Leopoldo Muxfeldt.

A filha, professora Esmeralda Bianchin conta: "Naquela época o negócio de meus pais era conhecido como a Venda do Leopoldo. A venda começou a funcionar de 1944 e foi até 1949. A compra dos produtos coloniais era feita pelo pai e a venda dos tecidos, botões, linhas, panelas e pratos pela mãe; açúcar, sal, colorau, fermento, fumo e o café por ambos."

Os colonos moradores no interior e no entorno do Distrito de Tapejara traziam os seus produtos, como mel, milho, erva-mate, queijo, salame e banha, e trocavam por tecidos para fazer calças, camisas, enxoval para as moças prestes a casar, chapéus de feltro para homens usarem nos finais de semana e em solenidades religiosas. Ainda trocavam os produtos por açúcar, fumo, sal, breu, café e fermento. A esposa de Leopoldo, Rosa, atendia principalmente a parte da venda onde estavam os tecidos, botões, brincos e utensílios domésticos. Suas atividades iniciavam cedo da manhã e permaneciam com as portas abertas até o sol desaparecer.

Defronte do prédio onde estava assentado o estabelecimento existia um valo que dividia o terreno com a rua, o mesmo servia para escoar a água em dias de chuva. Quando chovia, o valo transbordava e dificultava o acesso dos fregueses à venda. Leopoldo colocou tábuas para facilitar o acesso dos fregueses, porém, com a chuva e a circulação dos fregueses sobre as tábuas, essas ficavam lisas e escorregadias, o que fazia que muitos acabassem por deslizar e cair, sujando suas roupas, além de sofrer ferimentos.

Conforme lembra Esmeralda: "Para evitar os acidentes que vinham ocorrendo com os fregueses, Rosa pediu providências para o marido. Ela sugeriu para que fossem pregados pedaços de ripas, uma intercalada com outra, de uma ponta à outra das tábuas, para evitar os deslizes e quedas dos fregueses. A sugestão foi aceita e o trabalho realizado, e a partir disso os fregueses puderam ter acesso seguro nos dias de chuva na Venda do Leopoldo.

• Waldemar Sager & Cia. – O Bodegão

Por volta de 1948, Waldemar Sager partiu com a família da localidade de Cachoeira, interior de Charrua, então Distrito de Getúlio Vargas e veio radicar-se nas proximidades do centro da sede do então Distrito de Tapejara. Em seguida, constituiu sociedade com Frederico Elsner, que também havia há pouco tempo deixado a mesma localidade. A sociedade recebeu a denominação de Waldemar Sager & Cia., e resultou na compra de um terreno e construção de um casarão de madeira assentado na atual Rua do Comércio, na altura do nº 1.886. Atualmente ali está assentado o prédio que abriga o Bar D'Agostini.

Na segunda metade do ano de 1948, Waldemar e Frederico instalaram no interior do casarão um bodegão, e também, numa peça ao lado, uma barbearia, já que Waldemar havia aprendido o ofício quando prestou o Serviço Militar. Além disso, o casarão servia de moradia à família de Waldemar.

Prédio do Bodegão em 1948. Fonte: Arquivo de Berta Hanel.

O Bodegão comercializava ou trocava produtos coloniais, como banha, salame, queijo, batata, marmelada e compotas, por fumo em corda, açúcar, sal, colorau, café, sal, soda, tripa, breu, fermento, pimenta, cravo, canela e outros. Gelsi Reni Sager, filha de Waldemar conta que "os colonos alemães quando vinham das localidades de Cachoeira e redondeza de carroça paravam no bodegão para trocar ou vender seus produtos. Eles saíam cedo das localidades e quando chegavam no Bodegão era próximo do meio-dia, e então batia a fome; ali eles pediam uma latinha de sardinha, umas fatias de pão caseiro que a mãe fazia e um copo de vinho."

Também havia aqueles que frequentavam o Bodegão para cortar o cabelo, a barba, aparar o bigode ou se encontrarem para jogar cartas e cantar músicas populares, alemãs e italianas. Gelsi recorda: "Eu e minha irmã Sirlei, ainda crianças, vivemos essa fase da vida participando da cantoria que acontecia em certas ocasiões dentro do Bodegão com o pai e os fregueses. O pessoal cantava algumas músicas que lembro: Monte Grapia, Bela Violeta e outras."

De acordo com Reni, o pai chegou a instalar um pequeno equipamento de som, e as ondas musicais dos cantos eram levadas para fora do recinto do Bodegão através de um alto-falante instalado na parte da frente do prédio que abrigava o estabelecimento. Quando não havia canto ao vivo, era colocada em funcionamento uma vitrola, em que rodava um disco com músicas populares alemãs e italianas.

Em meados de 1955, Waldemar, que já havia adquirido a parte do sócio, vendeu o prédio e suas instalações para Olímpio Valentini. Foi estabelecer-se em Passo Fundo com Bar e Armazém. Por volta do ano de 1961, vendeu o estabelecimento em Passo Fundo e voltou com a família para Tapejara. Aqui instalou e colocou em funcionamento um bar e barbearia, alugando uma peça do prédio de propriedade da família de José Canal, localizada entre o terreno de Leopoldo Muxfeldt e o prédio do açougue de Ângelo Eugênio Dametto. O bar passou a ser atendido pela esposa, Nelda, e a barbearia pelo Waldemar. Ficou ali até meados do ano de 1965. Em seguida, transferiu-se para uma peça do prédio de madeira de João Albino Valentini situado na Rua do Comércio, esquina com a Rua Independência. Nesse local, instalou e colocou em funcionamento a sua barbearia em parceria com o seu filho Renato. Ambos desempenharam o oficio de barbeiros até o final do ano de 1968.

Em meados de 1969, Waldemar alugou uma peça do prédio de alvenaria de propriedade da Mux Energia, situado na Rua do Comércio; ali instalou uma lancheria. Reni conta: "Os alimentos eram preparados pela mãe, Nelda; ela fazia a a la minuta, prato feito e o pai dava atendimento ao público que ali chegava". Permaneceu com a atividade até meados do ano de 1970. Waldemar veio a falecer em 1972.

• Armazém de secos e molhados de Carmelino Daniel Pagnoncelli

Carmelino Daniel Pagnoncelli chegou na então Vila Tapejara em meados de 1947. Formado em guarda-livro em Antônio Prado, no dia 16 de setembro de 1936, pelo colégio Sagrado Coração de Jesus. Veio para Tapejara a convite da família de Julio Garjoni para instalar um armazém de secos e molhados. Adquiriu uma área de terras composta de dois lotes suburbanos de dois mil metros quadrados, localizado na Rua Artur Ferreira Filho, esquina com a Rua do Comércio.

Jucilene e Valdilene em frente à casa de Carmelino Pagnoncelli em 1984. Foto: Arquivo de Marilene Pagnoncelli Três.

Os primeiros proprietários desse terreno foram Manoel Amancio Teixeira e Leonor Teixeira, os quais venderam em 1946 para Ernesto Doro, Otavio Doro e Albino Col Debella por "mil cruzeiros". Estes, por sua vez, venderam em 1947 para Carmelino Daniel Pagnoncelli.

Carmelino construiu uma casa de madeira que servia de moradia, nos fundos, e na frente, direcionado para a Rua do Comércio, como armazém destinado à venda de secos e molhados, como tecidos, bacalhau, sardinha, soda, tripa de salame, fumo, soda, açúcar, sal e café. Trabalhavam no balcão do armazém a sua esposa, Adelaide, e as filhas Diogênes, Terezinha, Marilene e Marli. Seus fregueses eram agricultores que moravam nas redondezas e nas localidades de Paiol Novo, Coroado, Charrua, Linha Três e Linha Qautro. O armazém fechou as portas e encerrou suas atividades em 1982. As mercadorias foram vendidas para Valério Favaretto, que desenvolveu as atividades por pouco tempo.

• Casa do Fumo

A Casa do Fumo, primeiramente conhecida como a Casa do Fumo e da Banana, localizada na Rua do Comércio, ao lado do então Café União, defronte à Praça Central, foi instalada por Demétrio Marcolin no início da década de 1950. No decorrer do tempo, o prédio e as atividades passaram por diversas pessoas. Nos primeiros tempos, os colonos das localidades do interior e do entorno da cidade faziam compras e deixavam seus cavalos amarrados na frente da praça, onde havia um local determinado para eles. Depois passavam pela Casa do Fumo e da Banana e compravam "uns quilos" e levavam para casa para serem consumidos pelos seus familiares. Nos últimos quinze anos de atividade, a casa teve como responsável Gilberto Coronetti (Beto), e está localizada ao lado da Farmácia São João.

• Casa Comercial Poletto

Pedro Poletto contou que juntamente com seu irmão, Antônio Poletto, comprou um casarão de alvenaria que existia na Rua do Comércio, de propriedade de Alberto Menegaz. Fundaram e montaram uma casa comercial, denominada Casa Antônio Poletto e Cia. Ltda., em 1956, juntamente com os sócios Valério Bacega, Antônio Cadore,

Vista da casa comercial de Pedro Poletto, na Rua do Comércio, em dia de Desfile de Sete de Setembro, na década de 1960. Foto: Arquivo de Nadir Bechi.

Modesto Favaretto e Fioravante Rech. Vendiam produtos coloniais, tecidos, armarinhos, calçados e querosene.

A casa comercial foi vendida em meados de 1968 para os irmãos Dalzotto e Ghidini. Pedro recordou que em 1958 abriram uma filial da casa comercial em Canoas, compraram um terreno e construíram um prédio de alvenaria medindo cerca de dez por vinte metros; a parte de madeira foi feita pelo carpinteiro Claudino Spanhol. O prédio estava localizado nas proximidades da atual Praça do Aviãozinho, na cidade de Canoas.

Funcionários da Casa Comercial Poletto. Da esquerda para a direita: Nair Poletto, Verginia Manica, Terezinha Baseggio, Ivanir Poletto, Oscilde Bertóglio e Nadir Becki, em meados de década de 1960. Foto: Arquivo de Oscilde Bertóglio.

A Casa Comercial teve como gerente o seu irmão Antônio. Com ele foram trabalhar os genros Nelson Bertóglio, Sadi Ghidini e Delci Favaretto, cunhado de Pedro. Em 1964, Pedro ficou com a Casa Comercial de Tapejara e Antônio com a Casa Comercial de Canoas, vendedo-a em 1967.

Em meados da década de 70, Pedro retomou a atividade de comércio junto com seu filho Ivanir. Nessa época fundaram a empresa Comercial Poletto de Adubos Ltda., com compra e venda de produtos coloniais e revenda dos adubos Trevo, situada na Av. Sete de Setembro, 1.000. A empresa cessou suas atividades em meados dos anos 80.

SUPERMERCADOS

• Supermercado de Irmãos Dametto

O prédio que serviu por muitos anos às instalações do açougue de Ângelo Eugênio Dametto, assentado em alvenaria, por volta de meados de 1950, na Rua do Comércio, sofreu profundas reformas; além da ampliação do espaço físico, foi levantado um segundo piso por conta dos filhos Reinaldo, Elzirio, Azir e Gilberto Dametto, que constituíram uma sociedade sob a razão social Irmãos Dametto.

Rua do Comércio, casa e açougue de Angelo Eugenio Dametto e filhos e, ao lado direito, a casa de José Canal. Em frente, o carro Chevrolet "Belair" de 1951. Fonte: Arquivo de Domingos Girardi.

A ampliação do espaço físico visava a agregar na sociedade, além do matadouro e da criação de gado, um supermercado com o açougue, com oferta de cortes de carne bovina fresca, gêneros alimentícios, produtos de higiene e limpeza.

Depois de concluídas as obras do prédio, foram colocados à disposição dos clientes gêneros alimentícios embalados, bebidas, gasosas envasadas, diversos produtos de limpeza e artigos de higiene. Ademais, eram instalados os novos equipamentos para o açougue, fita para o corte, máquina de moer carne, câmara fria para conservação da carne e embutidos. Finalmente, no final de 1970, foram abertas as portas do Supermercado Dametto.

Mais tarde, nos meados da década de 1990, o Supermercado foi transferido para um novo prédio,

construído pela família Dametto, localizado ao lado do atual prédio. O Supermercado foi estruturado e instalado no andar térreo da nova edificação.

Os trabalhos do Supermercado eram realizados por Elzirio, responsável pelo açougue e pela mercearia. O senhor Azir era responsável pela administração, a senhora Ione Dametto trabalhava no caixa e o senhor Reinaldo, responsável pela supervisão. Gilberto estava em constantes tropeadas nos quatro cantos do Rio Grande do Sul e outros Estados e até no Uruguai, sempre em busca das melhores novilhas para serem abatidas, para assim oferecer ao público consumidor a melhor carne bovina.

Da esquerda para a direita: Casa de Ângelo Eugênio Dametto, em seguida prédio do supermercado e ao lado Bar de Dário Fontana. Na foto, uma equipe de jovens participantes de uma gincana na década de 1970. Fonte: Arquivo de Artusi.

• Rech Supermercado

O antigo Mercado Rech Ltda. surgiu numa época em que em Tapejara já funcionava o primeiro Supermercado de propriedade da sociedade Dalzoto, Ghidini & Cia. Ltda. e o Supermercado Ughini, da empresa Ughini S.A., estabelecimentos sustentados e ancorados com as casas comerciais de ambas as empresas, o que possibilitou, já de saída, apresentarem um supermercado estruturado com mercearia, açougue e produtos hortifrutigranjeiros.

O Rech Supermercado surgiu com o nome de Supermercado Rech Ltda., por volta da década de 1970, por iniciativa da sociedade constituída por Edison Rech, Juraci Rech e Gilson Rech. O empreendimento teve como fundamento e inspiração a trajetória empreendedora de seus pais: Lídio Bacega Rech e Armando Rech. Ambos por muitos anos desenvolveram atividades no comércio e industrialização de cereais na cidade de Tapejara.

Lídio desempenhou atividades de negócios e atendimento aos consumidores na então Casa Comercial de Dalzotto, Ghidini & Cia. Ltda. Mais tarde, quando parte da sociedade comercial se dissolveu, assentou uma edificação e nela instalou uma casa comercial, em sociedade com Severino Ghidini. O estabelecimento comercial ofertou aos consumidores produtos e insumos agrícolas, ferramentas, móveis, utensílios domésticos e compra de soja em grande escala.

Inauguração das novas instalações do Supermercado em dezembro de 2010 Fonte. Arquivo do jornal Novo Tempo, 2011

Por sua vez, Armando por muitos anos desempenhou a atividade junto a estabelecimentos moageiros, moinhos, no trabalho de moagem de trigo e milho para a fabricação de farinha. Armando foi sócio fundador do Moinho São Paulo. O prédio, construído de madeira, estava assentado na Avenida Sete de Setembro, com a esquina da Rua Santo Canali. O estabelecimento além da moagem de trigo e milho, operava como descascador de arroz.

Por volta de meados da década de 1990, em virtude da demanda dos consumidores, as instalações do Mercado Rech passaram por uma remodelação. Houve a ampliação do espaço físico, novos equipamentos foram adquiridos, instalados e colocados em funcionamento, recrutamento de funcionários, entre

outras melhorias.

A solenidade de reinauguração do novo Rech, além de contar com a presença da família Rech e de inúmeros consumidores, teve a presença do Vice-Prefeito Vilmar Merotto, que na ocasião brindou os proprietários com uma placa alusiva à reinauguração das novas instalações do estabelecimento varejista de Tapejara.

A reinauguração do Supermercado Rech ocorreu em 14 de dezembro de 2010, quando entrou em nova fase, um novo logotipo foi lançado e o nome fantasia passou a ser Rech Supermercado.

Atual Rech Supermercado. Foto: Arquivo da Divulgação.

• Supermercado Sasset

No ano 1978, João e Dilva Sasset fundaram um pequeno estabelecimento comercial destinado à venda de produtos alimentícios e bebidas. Em 1988, foi repartido em duas áreas físicas, sendo uma para um minimercado e outra para o bar. Após 22 anos, em meados de 2000, ampliou-se o minimercado, aumentando a estrutura física e contratando mais cinco funcionários.

Em 2012, ampliou-se para um espaço amplo, tornando-se um supermercado completo, com açougue, padaria e fruteira, onde conta com dez colaboradores. Está localizado na Rua Narciso Sebben, 522, Centro.

Atual Supermercado Sasset.
Fonte: Arquivo de Dilva Madalozzo Sasset.

• O Supermercado Ponto Bom

O Supermercado Ponto Bom surgiu graças a Idalino Bernardes Dias, pela vontade de ter seu próprio negócio. Tudo começou com o seu táxi, em meados da década de 80, que não era sua única fonte de lucro; além disso, recebia couro bovino para revenda, e foi isso que gerou grande lucro na época.

Com um dinheiro guardado, construiu uma estrutura previamente montada junto a sua casa, em cima do estabelecimento, com ajuda e muita vontade de seus quatro filhos, ainda muito novos. O Mercado Ponto Bom surgiu no dia 1º de maio de 1989, localizado na Avenida Sete de Setembro, 2.454, sendo a primeira localização daquele pequeno mercadinho, com revenda de gás de cozinha.

Primeiro supermercado, inaugurado em 1989. Fonte: Arquivo da família de Idalino Bernardes Dias.

O tempo passou e o pequeno mercadinho caiu no gosto das pessoas do bairro, e em apenas sete anos cresceu e se mudou, estando agora localizado na Avenida sete de Setembro, 2.536, no Bairro São Paulo, e começou a ser chamado de Supermercado Ponto Bom.

Atual supermercado, inaugurado em 2006. Fonte: Arquivo da família de Idalino Bernardes Dias.

Após essa mudança, tudo foi se organizando, a cidade cresceu e o bairro também, e então o prédio onde estava localizado o supermercado foi repintado, ganhou um letreiro iluminado, aumentou seu espaço para armazenagem de produtos e passou a ter um visual mais moderno, mesmo sendo muito simples em seu interior.

Com o passar do tempo, a cidade cresceu de forma incrivelmente rápida e o bairro onde hoje está localizado o supermercado foi um dos que mais cresceu, aumentando assim o número de clientes, e então mais uma vez o espaço físico era incompatível com a demanda; assim, outra mudança foi planejada. Em 2006, o Supermercado Ponto Bom passou a se localizar na Avenida Sete de Setembro, 2.470, Bairro São Paulo.

Com um amplo espaço físico para os clientes e para estocagem de produtos, uma padaria com pão fresquinho, fiambreria, açougue e hortifrutigranjeiros bem amplo, mais moderno, com mais de 500m² de loja e com estacionamento coberto.

• Supermercado Central

Os prédios que formam as instalações do atual Supermercado Central, localizado na esquina da Rua do Comércio com a Rua XV de Novembro, remontam os primórdios das primeiras décadas de 1920. Os prédios foram adquiridos por Nazareno Caselani, que constituiu uma sociedade sob a razão social de Caselani & Cia. Ltda., em meados de 1992. Depois de remodelar o ambiente interno e externo dos prédios, colocou em funcionamento um amplo supermercado. O supermercado ocupou os espaços das antigas casas comerciais da firma Ughini. No antigo prédio foi colocada uma padaria e confeitaria e nos corredores prateleiras com produtos. Além disso, no andar superior foram construídas salas para a administração do estabelecimento e as demais salas colocadas para alugar a terceiros.

Prédio do Supermercado Central, na Rua do Comércio. Fonte: Arquivo do jornal Novo Tempo.

Atualmente, no prédio nos fundos, em frente à Rua XV de Novembro, que servia de depósito e beneficiador de arroz no início dos tempos, novos pavimentos foram construídos e está em funcionamento o moderno Hotel Sol Ville.

• Supermermercado São Cristóvão

O supermercado iniciou no ano de 1995, tendo como proprietário Leonel Favaretto, com três funcionários. A área construída era de quarenta e nove metros quadrados. Em 1998, recebeu uma ampliação de trinta e quatro metros quadrados, totalizando setenta e quatro metros quadrados. Em 2002, foi construído um novo prédio com área de duzentos e trinta metros e ficando para depósito o antigo prédio. Em 26 de janeiro de 2003, houve mudança de gerência, ficando responsáveis os sócios Alecio Coronetti e filhos. No dia 1º de abril de 2003, passou a gerência a Fernando Langaro e Marcos Borges.

Em 30 de novembro de 2014 assumiu a direção do local Fernando Langaro a esposa, Rosangela, e os filhos André e Daniel, que estão colaborando até os dias atuais, completando o grupo de trabalho com mais seis funcionários. O supermercado possui padaria, açougue e toda rede alimentícia, ficando aberto aos domingos e feriados; localiza-se na Rua do Comércio, 270, compreendendo os bairros Nazaré e São Cristóvão.

• Supermercado Danieli

Em 3 de dezembro de 1998, abriu as portas mais um empreendimento do Grupo Agrodanielli, o Super Danielli. Mais de 10 anos depois, reinaugurou novas instalações no dia 23 de setembro de 2009. O Grupo Danieli investiu em reformas durante aproximadamente dois anos, que resultaram em 7 mil m² de área construída, principalmente no que se refere ao atendimento no supermercado, com estrutura de 2.400m², onze caixas, setenta vagas no estacionamento, elevador com capacidade para doze pessoas, praça de alimentação, padaria, açougue, setor de eletrodomésticos. Após a reinauguração, passou a atender das 8 às 20h, sem fechar ao meio-dia.

Foto: Arquivo da empresa Orange.

Ainda existem na cidade outros mercados: a Casa de Carnes Dametto, Supermercado São José, Supermercado São Cristóvão, Minimercado de Laurindo Bugoni, Mercado Super Biazotto, Mercado Nazaré, Mercado RDB, Mercado Camargo, Mercado Toda Hora, Mercado Ideal, entre outros.

LIVRARIAS E BAZAR

• Comércio, Laboratório e Gráfica Nelhs

O Comércio, Laboratório e Gráfica Nelhs foi um estabelecimento comercial diferenciado dos demais, que vinha fazer parte do comércio local. O estabelecimento comercial era de propriedade de Will Franz Nehls, imigrante alemão, que chegou em meados de 1940 na então Vila Tapejara. Iniciou suas atividades ao adquirir, de Giácomo Poletto, um casarão localizado próximo do antigo Colégio Medianeira. O casarão sofreu várias modificações e alterações introduzidas pelo novo proprietário e passou a exercer, além da função residencial, a de comércio e indústria. No seu interior e anexos foram instalados bazar, livraria, laboratório e tipografia.

Prédio da moradia e de comércio, laboratório e gráfica Nelhs na década de 1970. Fonte: Arquivo de Mário José Felini.

WILLI FRANZ NEHLS

VILA TAPEJARA — Passo Fundo

Nota de Vendas

Nº 3095

NÃO VALE COMO RECIBO

Nota da Tipografia. Arquivo de Angelo Rombaldi Mânica.

O bazar e a livraria estavam instalados na parte da frente do prédio principal. De um lado, uma grande vitrine serviu para o público visualizar os recentes produtos no ramo de material escolar adquiridos pela firma e colocados à venda aos consumidores. Nos fundos do prédio principal, estavam assentadas duas edificações: numa estava instalado tanque e caldeirão, que era utilizado pelo Laboratório Nelhs para fabricação de pó de pudim, remédios e tintas; a outra edificação abrigou as instalações da Gráfica e Tipografia Nelhs.

- **Livraria e Bazar Grenal**

Livraria e Bazar Grenal, fevereiro de 80. Suzi, Stela, Kuki, Angélica, Silvana e Volnei.

Loja Look MD: Foto: Arquivo de Angelica Manica Bortolini.

A Livraria e Bazar Grenal foi fundada em outubro de 1969, na Rua do Comércio, atualmente ocupada pela Foto Video Artusi, por Ângelo Rombaldi Mânica e Abele Policarpo Artuzi com o objetivo de ter um local onde seus filhos pudessem trabalhar.

A Livraria e Bazar Grenal promoveu a primeira Feira do Livro em Tapejara, realizada de 12 a 20 de outubro de 1973, na Praça Central Silvio Ughini.

Abele ficou sócio por cerca de dez anos, em seguida optou por vender sua parte e adquirir terras em Lagoa Vermelha, onde membros da família trabalham até hoje.

Angelo e família seguiram com livraria até 14 de março de 1988, quando, já em novo endereço, na mesma rua, inauguraram a Loja Mânica, que seguiu até 2012. A partir de então, alterou o nome para Look MD.

- **A Babilônia**

Em junho de 1985 a A Babilônia iniciou suas atividades como loja de armarinhos, livraria, bazar, brinquedos e revisteira na Rua do Comércio, em sala alugada. Após, mudou-se à Rua Independência, atual Farmácia Agafarma e, em 1990, instalou-se definitivamente no seu atual endereço, na Rua Santo Canali, 590, em prédio próprio.

Em 1990, ampliou seu ramo de atividade, montando uma indústria de pastas, mochilas, bandeiras e acessórios em material sintético, a qual, atualmente, atende os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, com grande diversidade de clientes.

Após a sua instalação em prédio próprio, realizou diversas campanhas, promoções e feiras do livro. A visão da empresa é desenvolver novos produtos, fortalecer sua posição no mercado e proporcionar maior acesso à cultura aos seus clientes.

No decorrer dos anos foram instaladas outras livrarias e bazares: Casa do Colegial, Papel e Cia., Ilha do Papel, entre outras.

ALFAIATES, COSTUREIRAS E TINTUREIROS

- **Alfaiates**

Entre os primeiros alfaiates de Tapejara, na década de 50, podemos citar Delfino Bittencourt, com a confecção de "fatiotas" em sua casa, localizada na então Rua Dr. Nicolau Vergueiro, atual Rua Tranquilo Basso e dos irmãos Mário Ferrari e Antoninho Ferrari, localizada na Rua Quinze de Novembro, atual prédio da Sorveteria Cremabom, de Cícero Borth.

José Carlos Girardello contou que "nos domingos, pela parte da manhã, os alfaiates da família Ferrari dirigiam-se até a localidade de Ibiaçá, visitando famílias para tirar a medida de ternos para posterior confecção". Mais tarde, surgiram vários outros alfaiates, dentre eles: Alcebíades Siloch, na Avenida Sete de Setembro; Rico Arcari, tendo como auxiliar Senador Biasotto, nos altos da Rua do Comércio; Nelson José Marcon e Henrique Negri, na sala do prédio de Alvenaria de Francisco Zanatta; na Rua do Comércio, onde hoje funciona a alfaiataria Elite, de Zilmar Lauremann.

Mais tarde, em meados da década de 1960, chegaram ao município Eleutério João Bristot, que produziu, inicialmente, em sua casa e, após, mudou de endereço várias vezes, e Ivo Gasparin, que também colocou em uma sala de sua casa, permanecendo até os dias atuais.

Em meados de 1970, também chegou em Tapejara Zilmar Lauremann. No início, instalou a alfaiataria numa peça no piso térreo do prédio de alvenaria de Eugênio Zanatta, localizado na Rua do Comércio, esquina com a Rua da Independência. Pouco tempo depois, aconteceu um incêndio que consumiu todo o equipamento de alfaiate. Depois disso transferiu-se para o prédio de alvenaria, de Francisco Zanatta, onde permanece até hoje.

COSTUREIRAS

Desde a Sede Teixeira, várias costureiras confeccionaram peças de roupas usadas pela população para uso de cama, mesa e banho. As famílias procuravam as costureiras para fazer, após as medições, as confecções de roupas de seu agrado, servindo para festas e trabalho. Esse serviço e habilidade de costureira passou de geração a geração. Entre as várias costureiras que se estabeleceram desde os

primórdios de Tapejara, estavam Francisca Costa Zanini, Erna Marchioro, Erna Damin, Irma Angélica Cadore, Elisa Bacega Cadore, Jocelina Vieira Bristott e Edda Diniz Girardello.

• Francisca Costa Zanini

Francisca Costa Zanini chegou em 1940; veio de Antônio Prado com quatorze anos de idade, em uma viagem de quinze dias de carroça. Costurava camisas e calças para a família e vizinhos da época; também fazia coroas de papel crepom para colocar no cemitério. Sua filha Santina Zanini recorda que "sua mãe contava também que havia comprado o vestido para casar em Charrua, local onde se casou e os noivos e padrinhos foram a cavalo".

Francisca Costa Zanini e José Zanini. Foto: Arquivo de Santina Zanini.

Formatura do Curso de Corte e Costura no dia 5 de dezembro de 1970 no Clube Comercial, ministrado pela professora Albertina Linck (Dona Nena). Paraninfos: Demétrio e Noely Valdívia Gonzales. Foto: Arquivo de Vergínia Mânica.

Seu pai, José Zanini, veio de Flores da Cunha e instalou aqui uma ferraria. Foi o primeiro a fabricar trilhadeiras, muito utilizadas na época. Residia numa casa construída em 1937 pelo engenheiro Bruno Bianchin, feita de tijolos e barro, situada na Rua 15 de Novembro, esquina com a Rua Júlio de Castilhos.

• Irmãs Cadore

Irma Angelica Cadore conta que "o gosto e a necessidade para a costura iniciou muito cedo na minha vida, vendo o trabalho de minha avó Helena Cambrussi Bacega, casada com José Bacega, que chegaram à Sede Teixeira em 1924, saindo de Antônio Prado. Ela costurava roupas para meus tios e primos. Também o trabalho de costura de minha mãe Arpalice Bacega Cadore, casada com Antonio Cadore, fazia todas as roupas de cama, mesa e banho para nós e as vizinhas. Lembro também que nos contou que fez o seu próprio vestido de noiva com dezesseis anos de idade. Foram esses exemplos que me motivaram a costurar."

Costureiras Elisa e Irma Angélica Cadore. Foto: Arquivo da Divulgação.

Lembro também que "no começo, minha mãe deu-me os primeiros ensinamentos e mais tarde, no ano de 1957, fiz um curso de corte e costura com a professora Erna Marchioro, mulher do Temisto, que tinha uma linha de ônibus de Tapejara a Passo Fundo. No final do curso, tivemos a formatura e exposição das peças feitas no antigo Salão Paroquial, atual Praça Silvio Ughini."

Sua irmã Elisa Bacega Cadore conta que "trabalhava na antiga tipografia e laboratório da família Nelhs, na função de serviços gerais, em 1961. Em 1962, surgiu em Tapejara um curso de corte e costura ministrado pela professora Nair Damin. Naquele tempo, como já tinha um pouco de prática aprendida com a mãe, resolvi participar do curso para adquirir mais conhecimentos, aprendendo a fazer outros tipos de peças de roupa. Quando estava fazendo o curso, a família Nelhs já pedia para costurar algumas peças. Fiquei mais um ano na firma e depois voltei para casa, e logo após costurei 'para fora', isto é, para todos os que me procuravam. Consegui, somente em 1965, uma máquina de costura, na firma Grazziotin, em Passo Fundo, e passei a costurar numa peça da casa onde moramos desde 1952, que está localizada na Rua do Comércio, 1839."

Mulheres com vestidos feitos pelas costureiras da época. Da esquerda para a direita: Carmen Zanatta, Lurdes Caselani, Rita Sandini, Marilene Pagnoncelli, Ana Maria Pelissoni, Maria Marlene Rebeschini, Ecléa Faé Terezinha Pagnoncelli, na década de 1960. Foto: Arquivo de Marilene Pagnoncelli.

Irma e Elisa contaram que, no começo, muitas pessoas de Paiol Novo, Ibiaçá, Água Santa, Charrua e Tapejara pediam para fazer vestidos de noiva, ternos, lençóis de algodão e colchas de cetim. Com o tempo, as irmãs costuraram para a Paróquia e para os médicos que passaram por Tapejara, roupas sociais e esportivas.

Nos anos de 1971 e 1972, Elisa ministrou curso de corte e costura promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais nos distritos de Água Santa, Charrua e Tapejara. Atualmente, Irma, com 86 anos de idade, parou de costurar; por sua vez, Elisa, com 75 anos, continua fazendo peças de mostruário, cortinas e forros de sofá.

• Jocelina Vieira Bristott

Em meados de 1962, chegoaram em Tapejara Eleutério João Bristott e Jocelina Vieira Bristott, a fim de dar continuidade ao desenvolvimento da família e das profissões de costureira e alfaiate. Nos primeiros dez anos (1962 a 1972) em Tapejara, Jocelina exerceu a profissão de costureira em sua casa e, a partir do dia 1º de agosto de 1972 até 1º de novembro de 1983, como professora de corte e costura pelo STR de Tapejara.

Nesse período, deslocava-se da cidade para o interior de Água Santa, Santa Cecília, Charrua, Colônia Lângaro, Santa Rita, São Roque, Cachoeira Baixa e outras. As aulas eram ministradas nos salões paroquiais ou nas escolas das comunidades. A professora Jocelina passava o dia com o grupo. Outras vezes, pernoitava na localidade em que estava ministrando o curso, principalmente quando chovia e não havia transporte para retornar à sua casa.

• Edda Diniz Girardello Lindner

Outra costureira da época foi Edda Diniz Girardello Lindner, que aprendeu a costurar com a sua família. Em 1985, Edda, com a filha Rosana, adquiriu uma máquina de costura industrial. Constituiu uma empresa denominada Criativa Cortinas em uma peça no centro da cidade e começaram a produzir cortinas.

De acordo com Edda, o objetivo era comprar material como cetim, voal, forros e tecidos direto da

fábrica para a produção de cortinas e decoração. Edda recorda: "Na época a cidade começava a ganhar prédios e fazia-se necessário esse tipo de serviço. A empresa começou a ter visibilidade comercial a partir do momento em que começamos a participar de eventos, viagens de negócios e compras e desfiles." Em meados de 2000 a empresa foi vendida para Irene Menegaz e Marli Xavier, que continuaram por mais alguns anos.

Grupo "Colméia do Amor" na Praça Central Sílvio Ughini. Da esquerda para a direita: Jandira Liska, Edda Diniz Girardello Lindner (coordenadora do Grupo), André da Silva, Vanderlei Borth, Cila Dall'Igna, Terezinha Dorini Lângaro, Cecília Zanini Canalli e Santina Zanini. Foto: Arquivo de Edda Diniz Girardello Lindner.

Desde o início até os dias de hoje, muitas costureiras passaram por Tapejara; entre elas: Albertina Link (Dona Nena), Iolanda Sirtoli, Corona Rombaldi, Mercedes Zanini Sbalquiero, Nair Langaro, Elza Zimermann Doring, Maria Dalzotto, Vilma Dalagasperina, Zulmira Variza, Lorinês Artuzi Maschio, Lurdes Barizon, Alda Rech, Daniela Stenzel, Denise Fravetto, Angelina Quissini, Rosane Morello Suzin, Elaine Copatti, Zélide Dametto, entre outras.

- **Aluguéis de roupas e calçados**

Em Tapejara existem locais onde a comunidade pode alugar vestidos, sapatos e ternos para casamentos e festas. Entre as empresa estão a Bella Noiva e a Sorella Noivas.

TINTUREIROS

Qualquer dicionário, por mais simples ou modesto que seja, registra a palavra tinturaria, definindo-a muito bem: arte ou ofício de tintureiro; estabelecimento onde se tingem panos e onde se lavam, passam, ou tiram machas de vestuário masculino ou feminino. Esse comércio, tão importante, era exercido em qualquer cidade do mundo. Existiam em grandes metrópoles e pequenas e diminutas localidades. Em Tapejara a regra era seguida rigorosamente. Era uma época em que os vestuários eram confeccionados em alfaiates, tinham como características especiais o bom gosto e "costumes da última temporada". A elegância era quase uma obrigação, tanto de homens como de mulheres, que se exibiam impecavelmente trajados em todas as horas do dia e em ocasiões especiais.

As tinturarias davam o suporte às alfaiatarias, isto é, complementavam com a limpeza, quando havia necessidade de lavar e passar ou tirar manchas de peças de vestuário, masculino ou feminino. Existiam em vários locais da cidade.

Osório Rodrigues, na Rua Osório da Silveira e Jordão Machado de Oliveira, na Rua Independência. Todo processo de lavagem era executado em tanques comuns, nas próprias residências dos proprietários ou em outros locais. Era utilizado o sabão varsol, ou sabão de coco, conforme o tecido. Lavavam e passavam por dia uma média de vinte peças, incluindo ternos, camisas, calças avulsas, inclusive vestidos de todos os modelos.

Zilda Lara de Lima conta que começou a desenvolver a atividade com o então tintureiro Jordão Machado de Oliveira e sua esposa Laurentina Dias de Oliveira, vindos a residir em Tapejara por volta dos primeiros anos de 1950. Zilda, com doze anos de idade iniciou as atividades na tinturaria em meados de

1962 e permaneceu na atividade por mais de dez anos.

As peças, calças, casacos das então conhecidas fatiotas, atuais ternos, acolchoados, taieres das mulheres e outros acessórios do vestuário dos homens e mulheres. O processo de lavagem também era executado nos tanques, existentes numa parte de áreas de terras de propriedade de Ângelo Menegaz e Lúcia Elisa Damiani Menegaz. Ele, marceneiro e pedreiro, havia edificado casa de alvenaria localizada na Rua XV de Novembro, na saída da cidade para Santa Rita, em meados de 1960, e ali permaneceu até 1964. Em meados de 1965, Antônio Zanatta adquiriu a área de terras e uma casa e passou a residir na moradia a família de seu genro, Geraldo Cadore e Angelina Zanatta Cadore.

Entre os usuários da tinturaria, de acordo com Zilda, as famílias de Miguel Tabbal, Celso Domingues, Severino Dalzotto, Pedro Col Debella, Cicero Domingues, Francisco Zanatta, Eugênio Zanatta, Artêmio Antonio, Antônio Borba, entre outros.

Nos primeiros anos da década de 1970, Jordão adquiriu um automóvel e passou a desenvolver a atividade de taxista; era solicitado para realizar corridas na cidade e localidades do interior do Município e, principalmente, para Getúlio Vargas e Passo Fundo. Os serviços da tinturaria diminuíram e passaram a ser realizados pela sua esposa, Laurentina, e por Zilda.

A nova atividade desenvolvida teve curta duração. O então tintureiro passou por crise financeira e transferiu-se com sua esposa e a filha Zilda para São Paulo, em busca de trabalho num restaurante e lá permaneceu por meio ano e acabou voltando para Passo Fundo, pois sua esposa havia adoecido e acabou falecendo pouco tempo depois. Jordão tomou um rumo incerto e Zilda voltou para junto dos familiares em Tupanciretã e permaneceu por mais de trinta anos. Atualmente, voltou para Tapejara e reside no Bairro São Paulo.

A modernidade fez com que desaparecessem os tintureiros, surgindo posteriormente máquinas de última geração oferecendo serviços mais rápidos e perfeitos sem provocar qualquer anormalidade na peça lavada ou passada, encerrando com as atividades das antigas tinturarias.

SAPATEIROS E LOJAS DE CALÇADOS

• Antônio Bianchini

Em 23 de fevereiro de 1955 chegou a Tapejara Antônio Bianchini, vindo da então localidade de Vila Maria, pertencente ao Município de Marau. Em seguida, foi convidado a trabalhar em Tapejara, pelo Sr. Ricieri Roso, proprietário de um hotel em frente à praça central, sendo que propôs a locação do subsolo do hotel, que ficava na então Rua 11 de Julho, atual Angelo Dalzotto, para instalação do empreendimento. Uma semana depois do convite e após a aquisição dos equipamentos em Passo Fundo, Antônio fez mudança definitiva para Tapejara, passando a fabricar botas usadas no trabalho e botas de fole usadas em ocasiões especiais; além disso, consertava sapatos e fabricava chinelos.

Pouco tempo depois, transferiu as instalações da Sapataria para a sala da casa da família Staniask, localizada na Rua do Comércio, esquina com a Rua Independência, trabalhando com Evaristo Rombaldi (em memória), Pedro Girardi e mais dois ajudantes. Em maio de 1957, casou-se com Regina Migliorini, natural da localidade de Vila Maria, passando a residir na Rua do Comércio, em um imóvel próximo aos Cereais Fontana, adquirido da família Silochi.

Posteirormente, Antônio comprou uma casa de madeira de Ivo Três (em memória) e Adelino Zanchetta (em memória) na Rua Independência, onde hoje está estabelecinda a Calçados Hanel. Neste local

instalou na parte da frente uma loja de calçados em geral e nos fundos funcionava a sapataria para o conserto de sapatos e fabricação de botas.

Antônio conta que teve muitos outros colaboradores, entre os quais Pedro Girardi, Valdir Três, Gilberto Três e José Hanel, então funcionário da Associação Rural, sendo que este realizava trabalho terceirizado de montagem de botas durante as folgas no seu local de trabalho.

Prédio da Bianchini Center Modas. Fonte: Foto de divulgação do site da empresa.

Em conversas como Gilberto, ele lembrou: "No início fazia consertos de calçados, em seguida, enquanto o Antônio cortava o couro, a Regina costurava o modelo do pé para o cano da bota, enquanto eu fazia o solado. Quando tinha quatorze anos, pela parte da manhã eu estudava no colégio das freiras e de tarde trabalhava na Oficina Mecânica do João Spagnol e depois das 18h deslocava-me à sapataria para fazer os solados das botas". De acordo com Gilberto, os recursos financeiros que ganhou durante os quatro anos que trabalhou na sapataria foram suficientes para comprar uma bicicleta nova, na firma Casa das Máquinas de Domingos Girardi, pagar os impostos atrasados de um terreno na cidade e passar a ser proprietário deste.

Em 1966, Antônio adquiriu um terreno; nele estava assentado um prédio antigo de madeira, que serviu por muitos anos de depósito de cereais, e outro de alvenaria, que abrigou as instalações de um descascador de arroz, ambos de propriedade da então Firma Busatto & Sitta, vendido para Amante Caselani, o qual foi adquirido por Antônio, localizado na Rua do Comércio, em frente ao hotel Cristal.

Em seguida, Bianchini demoliu o prédio de madeira e construiu sua casa, reformando e ampliando a edificação de alvenaria, instalando no mesmo, na parte frontal, uma loja de comércio de calçados e nos fundos continuou com a sapataria.

Mais tarde, foi construído o prédio onde está localizada atualmente a Beto Auto Som; no térreo foi instalada loja de calçados e confecções e no segundo piso serviu de moradia da família Bianchini, por vários anos. Os equipamentos e instalações da sapataria, parte foi vendida, possuindo ainda a máquina de costura.

Em 1985, a família construiu o Edifício Regina, na Rua do Comércio, esquina com a Rua Ângelo Dalzotto, com quatro pisos, para loja de calçados, confecções, artigos esportivos, e os demais andares com apartamentos para locação, sendo que com a loja permaneceram neste local até 28 de março de 2010.

No dia 28 de março, 55 anos após a vinda para Tapejara, inaugurou a nova loja da Bianchini Center Modas. Para marcar o evento, foi realizado um show nacional com Papas da Língua. A loja, atualmente, possui aproximadamente 2 mil m^2, sendo que no andar inferior está localizada a Bianchini Empreendimentos.

• Calçados Hanel

A história da empresa Calçados Hanel iniciou em 31 de julho de 1964, quando os irmãos Lindemar e Emírio Hanel saíram de Cachoeira Alta, interior do Município, para residir na cidade de Tapejara. Eles adquiriram uma sapataria de Ari Panisson e iniciaram a produção de sapatos, botas e consertando calçados usados.

Cinco anos se passaram e, em 1969, os irmãos Lindemar e Emírio compraram uma loja de calçados de José Canal e Celso Artusi, localizada na Rua do Comércio, atualmente prédio da Família Dametto. A empresa passou a vender calçados novos para o público masculino, feminino e infantil e também continuava com a sapataria, com consertos de calçados usados.

Atual estabelecimento. Foto: Arquivo da família Hanel.

No ano de 1972, mais um objetivo importante foi alcançado: os irmãos adquiriram um terreno de Antônio Bianchini com uma casa de madeira, onde havia a sapataria e a loja de calçados e mais duas moradias. Com muito trabalho e dedicação, em 1983, foi concluído o prédio onde atualmente a empresa está localizada.

A Calçados Hanel por muitos anos trabalhou com todos os segmentos de calçados, sendo eles masculino, feminino e infantil, mas em 2005 a empresa decidiu segmentar os seus produtos para o esporte e calçados masculinos, tornando a marca Calçados Hanel ainda mais forte no mercado, sempre com a tradição de vender calçados de qualidade, das melhores marcas e com atendimento familiar.

O esforço dos irmãos Lindemar e Emirio foi muito importante à sustentabilidade da empresa e hoje, com o apoio de filhos, esposas e familiares, a Calçados Hanel completa 51 anos de existência.

Atualmente, outras lojas da cidade são especializadas na venda de calçados: LB Inlet, Zapatto, Glamour, entre outras.

PRIMEIRAS LOJAS DE VESTUÁRIOS

As primeiras lojas comerciais que vendiam e/ou confeccionavam vestuário sob medida, principalmente para homens, surgiram assentadas na zona central da Vila Tapejara, em meados dos anos de 1950. Nesse período, surgiu a Loja Renner, de Pedro Col' Debella, representante de artigos e vestuário da empresa A. J. Renner, com matriz em Porto Alegre e filiais em diferentes Municípios do Rio Grande do Sul. Além de revender peças prontas, confeccionava finos ternos e calças de tergal e linho, camisas sociais, casacos de lã e capas de chuva. Além disso, era representante autorizado das máquinas de costura Singer.

Casa Renner em 1953, de Pedro Col'Debella. Fonte: Arquivo Público do RS – Ricardo Giusti.

Ademais, a Alfaiataria e Camisaria de Francisco Borges Pereira, que confeccionava finos ternos e calças de tergal e linho, finas camisas de algodão e viscose sob medida. Além disso, foi representante autorizado na região das confecções e tecidos da Loja Gaspari, com matriz em Porto Alegre.

Nesse período, as casas comerciais, além de fornecerem diversos sortimentos de secos e molhados, armarinhos, tecidos de diversas padronagens e gêneros alimentícios de primeira necessidade, ainda compravam e revendiam produtos coloniais,

principalmente os de grãos. Além disso, acabaram tornando-se pequenas financeiras, já que adiantavam valores em dinheiro aos seus fornecedores.

• Lojas Andrioli

Loja em 2015. Foto: Arquivo de Moacir Vedana.

A Lojas Andrioli iniciou suas atividades em outubro de 1988 na Avenida Sete de Setembro, 740, ao lado da empresa Gigio Automóveis. Com o passar do tempo, adquiriu um terreno na Avenida Sete de Setembro, 773, em frente ao antigo endereço, onde construiu uma nova loja. Atualmente, além da venda de vestuários, realizam a venda de calçados com filial na Rua do Comércio. Tem como gerente Moacir Vedana, casado com Rosalete Fatima Vedana. São filhos do casal Guilherme Vedana e Renata Vedana.

• Keko´s Modas

Loja em 2015. Foto: Arquivo de Moacir Vedana.

A Loja Keko`s Modas foi fundada em 15 de novembro de 1990. Localizada na Avenida Sete de Setembro, 1.390. Iniciou com a confecção de artesanatos e um bichinho de lã chamado Keko. Logo em seguida começaram a vender confecções, e então surgiu a Keko´s Modas, tendo como sócias-gerentes Sônia Mara Castanha Rigo, Anelita Rigo e Loraci Gugel.

Em 1994, mudou-se à Avenida Sete de Setembro, 1.370, onde está localizada atualmente. Em 1996, as proprietárias passaram a ser Sônia M. C. Rigo e Anelita Rigo.

A Keko´s Modas vende confecções feminina, masculina, infantil, bebê e calçados. Em 1996 foi inaugurada a Keko´s Enxovais, especializada em cama, mesa e banho. Em breve, a Keko´s Modas juntamente com a Keko´s Enxovais estarão juntas em uma nova loja, localizada no antigo endereço na Avenida Sete de Setembro.

• Rech Magazine

Foto: Arquivo de Ines Ivone Rech de Quadros

A Loja Rech Magazine foi fundada por Ines Ivone Rech de Quadros e Elisa Guidini em 30 de junho de 1991. Na época, estava localizada na Rua do Comércio, esquina com a Rua 15 de Novembro, 996. Em 30 de junho de 2000 a loja mudou-se para a Avenida Sete de Setembro, 924, em frente ao Boone's Bar, passado a ter como proprietária somente Ines Ivone Rech de Quadros.

Em 15 de maio de 2010, novamente a loja mudou de endereço, permanecendo onde está atualmente, na Rua 15 de Novembro, 3 próximo à Praça Lucélia

Poletto. As proprietárias são as filhas de Ines: Ana Paula e Ana Carla de Quadros. Desde o início de suas atividades, até os dias atuais, vende cama, mesa, banho, tecidos e confecções.

- **Loja Você Q Escolhe**

A loja Você Q Escolhe iniciou suas atividades em maio de 1994, sendo seus proprietários Evandro Calegari e Daniela Zanchetta, localizada na Rua do Comércio, 1.056, trabalhando com calçados e confecções femininas, masculinas e linha infantil.

Foto: Arquivo da Loja Você Q Escolhe.

Após dezenove anos de trabalho mudou-se para o atual endereço, Rua do Comércio, 1.329, sendo prédio próprio com amplo e moderno espaço e grande variedade de produtos. A Loja Você Q Escolhe atualmente possui dez colaboradores.

Ainda há na cidade as seguintes lojas: Index Outlet; Jô e Bruna; Maisa Moda Mulher; Argenta; Bianchini Center Modas; Estilo; Maria Bonita; Moda Bella; Alphorria PH; Fascínio; Felini Moda Mulher; Amore-Mio; Bella Dika Modas; Belíssima; Casa Mia; Cia. da Malha; Cia. da Moda; Cia. da Moda Homen; Elegance; Gavi; Henrig; Hipnose; Infatollelê; Lojas Miotto; Moda Bella; Novo Homen; Pimenta Doce; Point da Elegância; Revelia; Lojas Rosa Negri; Stilo Livre; Top Modas; TSC; Triunfante; Utopia; Veritá Modas; Vest Bem; Veste Mania; Paludo; Personal; Bortoloto; Loja M'Lev; Daluthi; JM Confecção; La'Moda; Loja Desigual; Dalzotto & Benetti; Believe; Empório Chic; Groove; Inês Modas; Vano Bella; Lima Limão; Top 10; Maria Insana; entre outras

- **Malharias, Aviamentos e Bordados**

Pontos e Bordados. Foto: Arquivo da Divulgação.

Zig-Zag. Foto: Arquivo da Divulgação.

Os serviços de malharia em Tapejara eram centralizados na Malharia Princesa da família de Olmar Domingos Simoni e Malharia Zanchetta da família de Adelino Zanchetta. Atualmente, realizam este serviço Olinda Ambrósio, Leoni Malhas, Malharia Masarys, entre outras. Os aviamentos antigamente encontrados nas casas comerciais, hoje podem ser adquiridos na Pontos e Bordados

Masarys. Foto: Arquivo da Divulgação.

e Zig Zag Aviamentos. Os bordados, hoje, são computadorizados, e encontramos na Bordart, na Inês Bordados, entre outros.

RELOJOEIROS

• Antônio Borba

Antônio Vieira Borba chegou à então Vila Teixeira, vindo de Erechim, em meados de 1941, com a missão de fiscalizar as atividades da então Cantina de Vinho e Vinagre da Firma de Ughini, Bertoldo & Cia. Ltda, que produzia vinho, vinagre, que engarrafava em litros e garrafões e comercializava na região. Naquele tempo, em Erechim, além de desenvolver a atividade de fiscal, era empregado de uma pequena oficina de conserto de relógios e fabricação de joias, anéis, correntinhas, gargantilhas e outras bijuterias de uso pessoal.

Antônio Borba, com sua esposa Catharina Borba, em uma festa na década de 1950. Fonte: Arquivo de Catharina Borba.

Naquele tempo, na atividade de serviços da então Vila Teixeira havia várias carências para novas iniciativas, entre as quais a necessidade de um estabelecimento que consertasse relógios e fabricasse joias e bijuterias.

Antônio, percebendo essa necessidade, encontrou um espaço para aplicar os seus conhecimentos no ramo de ourivesaria e colocar assim o seu próprio negócio. Então, em seguida, transferiu-se para Vila Teixeira, onde conseguiu uma casa numa peça no centro da Vila, onde instalou e colocou em funcionamento a oficina de consertos e fabricação de joias e bijuterias.

No decurso do tempo, o estabelecimento era transferido para vários pontos do centro do perímetro urbano da cidade de Tapejara. Ele desenvolveu a sua atividade por toda a sua vida até seu falecimento.

Sua esposa, Professora Catharina Borba, conta que seu marido, Antônio, possuía apurada habilidade na confecção de joias e bijuterias, além de precisão no conserto de relógios. Ela trabalhou os primeiros anos como costureira, em seguida foi convidada pelo então Subprefeito Sebastião Nunes para lecionar em duas escolas, já que não havia professores. No ano seguinte, foi convidada para lecionar no Grupo Escolar da Vila Teixeira. Lecionou por duas vezes no Colégio Medianeira de Todas as Graças. Nesse tempo foi convidada para ser Orientadora das Escolas. Catarina fez o Magistério em Carazinho. Mais tarde, foi nomeada Diretora do Grupo Escolar Fernando Borba, onde permaneceu por seis anos. Mesmo após sua aposentaria, Catharina continuou dando aula.

• Frederico Bauermann

Frederico Günther Bauermann, nona geração, segundo filho de Alfredo Adolfo Bauermann e de Guilhermina Alvina Sager, nasceu em 13 de abril de 1928, na Linha Boa Esperança, Município de Sertão Santana, então 4º Distrito do Município de Guaíba. Casou com vinte e três anos, em 14 de julho de 1951, na cidade de Getúlio Vargas, com Ingeburg Gaelzer, de vinte e um anos, nascida em 11de junho de 1929.

Frederico vendia e consertava joias e relógios. Seu estabelecimento estava localizado na Rua do Comércio em uma das salas do prédio de Eugênio Zanatta. Posteriormente, transferiu-se para uma sala da sua residência, localizada na Rua Cel Lolico, nos fundos do Cine Tamaio.

RELOJOARIAS E ÓTICAS

• Relojoaria e Ótica Lavina

Os antecedentes da Relojoaria Lavina, de Tapejara, contam que, por volta de 1953, chegou à então Vila Tapejara Zulmir Vicenzi, proveniente de Erechim. Na Vila, alugou uma das peças localizadas no prédio da família Caselani, assentado na Rua do Comércio, esquina com a Rua Independência, entre o atual Supermercado Central e atual prédio de propriedade da família de Francisco Zanatta (em memória). A origem do nome Lavina remonta a denominação de marca de relógio suíço.

Nesse espaço colocou em funcionamento uma pequena oficina de conserto e venda de relógios de pulso, bolso e de parede. Naquele tempo, Sérgio Zoldan, com quinze anos de idade, foi convidado para trabalhar no pequeno estabelecimento.

Um ano depois recebeu do proprietário a proposta de fazer parte do negócio. "Consegui uns seis mil cruzeiros e entrei no negócio com mercadoria que fui comprar em Porto Alegre. Lá gastei quase toda a quantia de dinheiro com a compra de relógios, colares, braceletes e outras bijuterias. Com essa mercadoria entrei no negócio do estabelecimento", comentou Sérgio.

A sociedade da Relojoaria Lavina formada por Zulmir Vicenzi e Sérgio Zoldan permaneceu até meados de 1960, quando foi desfeita, e cada um tomou o seu rumo. Sérgio continuou no mesmo ramo, porém mudou de local o estabelecimento em socidade com Nazareno Caselani. Diversificou a oferta de produtos, entre os quais: óculos de sol, talheres de prata, prataria, gargantilhas de ouro, entre outros, e continuou com o conserto de relógios e polimento de peças de ouro, prata e bronze.

O estabelecimento foi transferido para o prédio de alvenaria de dois pisos recém-concluído de propriedade da família de Amante Caselani, situado na Rua do Comércio, no centro da cidade de Tapejara. A partir dai, por aproximadamente dez anos, o estabelecimento continuou com consertos e restaurações de relógios e polimentos, além de oferecer utensílios de prata e ouro e uma linha de óculos de verão, com lentes escuras, conhecidos naquele tempo por raibans.

Em meados de 1972, a Relojoaria Lavina encerrou suas atividades. O proprietário mudou-se com a família para Passo Fundo, onde passou a atuar no comércio de compra e vendas de veículos.

Parte do estoque existente no estabelecimento foi vendida à família de Edgar Taube, que estava chegando naquela época em Tapejara. O novo proprietário dotou a Relojoaria, além de joias, relógios e consertos, de uma ótica com oferta de óculos de grau com a supervisão técnica reconhecida.

Foto: Arquivo de Angelica Manica Bortolini.

• Relojoaria e Ótica de Edgar Taube

A família de Edgar Taube veio da cidade de Humaitá para Tapejara. Iniciaram as atividades em 1973 com a Joalheria Taube, sendo sucessores de Sérgio Zoldan e Nazareno Caselani, proprie-

tários da então Relojoaria Lavina. Os novos proprietários permanceram no mesmo local até 1975, quando construíram um novo prédio, localizado na esquina da Rua do Comércio com a Angelo Dalzotto, instalando a Joalheria Taube.

Em 1983, mudou o nome para Ótica Taube, permanecendo no mesmo local até os dias atuais. Nesse período, ampliou o comércio com a ajuda e a formação de mão de obra, entre eles: Sérgio, Moacir, Claudiomir Gasparin, Domingos Roncaglio, entre outros. Edgar é profissional no conserto de relógios, fabricação de joias e vendas e gerente da ótica. Sua esposa, Loiva Taube, é técnica em ótica, formada pelo Instituto São João Batista Vianei, de Lages (SC).

• Relojoaria e Ótica Cristal

No dia 15 de fevereiro de 1984 foi fundada, pelo casal Vladimir Luiz Mezzomo e Ana Morgana Mezzomo, a empresa Relojoaria e Ótica Cristal. As atividades da empresa são voltadas a relojoaria, joalheria, artigos para presente e ótica. A empresa está localizada na Rua do Comércio, 1326.

Foto: Arquivo da Divulgação.

• Joalheria e Bazar Gasparin Ltda.

Em 1990, foi inaugurada a empresa Joalheria e Bazar Gasparin Ltda., situada na Rua Leorindo Cavicchioli, atrás do Hotel Fontana. Uma sociedade de dois irmãos, Sérgio e Moacir Gasparin, atuando com comércio de joias, relógios e artigos para presente. A vontade surgiu de Sérgio, por ter trabalhado um longo período no ramo de joalheria e relojoaria na joalheria de Edgar Taube.

Devido a pouca circulação de pessoas, após um mês no local, mudaram-se à Rua do Comércio, em frente ao posto Kaninha. A peça foi alugada e possuía trinta e cinco metros quadrados. Devido ao crescimento da empresa, foi alugada a peça do lado, formando uma única peça com setenta metros quadrados.

Em 2002, os sócios desfizeram a sociedade, originando duas empresas. Uma delas Gasparin e Gasparin Ltda. – Ótica Gasparin, de propriedade de Sérgio Gasparin e Edite Jovita Gasparin, e a outra, Joalheria e Bazar Gasparin – Alliance Joias, de Moacir Gasparin.

• Ótica Gasparin

Desde 1998 a Ótica Gasparin está instalada em sala comercial na Avenida Sete 7 de Setembro, 924. Em 2003, a loja Gasparin e Gasparin Ltda. ampliou seus serviços com o técnico em óptica, Mateus Gasparin, passando a comercializar óculos de grau. Em 2007, formou-se na mesma área Juliano Gasparin.

Foto: Arquivo de Angelica Manica Bortolini.

Em 2010, a ótica inaugurou filial na cidade de Ibiaçá (RS). Em 2015, a Ótica Gasparin comemora vinte e cinco anos de trabalho no mercado de Tapejara e região com joias, relógios, óculos solar e de grau e presentes em geral. O lema da empresa é: "Ótica Gasparin, para ver e viver cada vez melhor".

• Alliance Ótica e Joalheria

Em 1999, após ser funcionário de uma empresa por quinze anos e fabricar joias fora de hora, tendo uma oficina em casa, surgiu a vontade de Moacir Gasparin criar uma empresa.

Foto: Arquivo da Divulgação.

Em 2007, adquiriu uma sala comercial na Rua do Comércio, onde a Joalheria e Bazar Gasparin Ltda. passou por uma reestruturação. A razão social passou para Joalheria Gasparin Ltda. e o nome fantasia passou a ser Alliance Ótica e Joalheria.

Nesse mesmo ano, houve a contratação de um relojoeiro e ótico, ampliando suas atividades, passando assim a vender joias, relógios, óculos de sol, óculos de grau, cuias, bombas e artigos para presente, e possuindo uma oficina para consertos de joias e relógios, e fabricação de algumas joias.

Há 24 anos no mercado, a empresa está atualmente localizada na Rua do Comércio, 993, sala 103, no Edifício Meridional.

• Valkirias Joias

A empresa Valkirias Joias foi fundada em 3 de setembro de 2012, por Irineu Casamali (em memória) e seu filho Elias Casamali. Presta serviços na área de ourivesaria, joalheria, relojoaria e ótica.

Foto: Arquivo da Divulgação.

• Brasoptica

Em 2010 o Grupo Brasoptica iniciou suas atividades na Avenida de Sete de Setembro, 955, em Tapejara. Em maio de 2013, mudaram o endereço para a Rua do Comércio, 1.294, Edifício Lafayette. A Brasoptica oferece joias, relógios, bazar, óculos de sol e uma linha completa de óculos de grau, tendo laboratório próprio para confecção do grau.

Foto: Arquivo da Divulgação.

FARMÁCIAS

Uma das primeiras farmácias existentes foi a de Mário José Ferreira, denominada de Farmácia Minerva, localizada na Rua do Comércio, esquina com a Independência, em 1951.

Entre outras empresas: Farmácia São José; Farmácia Urania e Tapejarense; Farmácia Avenida; Farmácia Gota; Farmácia Irma; Farmácia Saúde; Agafarma; Farmácia e Drogaria, Manipulação; Naturativa Farmácia de Manipulação; Aphrodite Perfurmaria; Farmácia Central; Farmácias Associadas; Farmácia Confiança; Tchê Farmácia; FarmaPrev; Farmácia e Drogaria Bem Estar; Farmabem; Farmácia São José, Farmácia Tapejarense, Botica, entre outras.

Farmácia Minerva; na frente, Mário José Ferreira.
Fonte: Arquivo de Gilberto Zanatta.

Edifício de Eugênio Zanatta em 1980. Havia as instalções da Farmácia São José, Agropecuária, Fábrica do Pietrobon, Alfaiataria Elite, de Zilmar Lauermann, Agência dos Correios, Agência da Corsan, Escritório de Mário Atílio Marin e João Cadore e, por um tempo, estava instalada aí a Câmara de Vereadores. Foto: Arquivo de Artusi.

PADARIAS

• Padaria de Pedro Spuldaro

Em meados de 1940, Pedro Spuldaro e família alugaram uma casa na Vila Tapejara, localizada na Rua Cel. Lolico, 492. Uma parte da casa serviu de moradia e na outra foi instalada uma padaria. O estabelecimento produzia pão, bolacha e cuca, feitos manualmente. Esses produtos eram vendidos diretamente às famílias pela parte da manhã. Entre as famílias que adquiriam estavam as de Miguel Tabbal, Cícero Domingues, Silvio Ughini, Ângelo Dalzotto, Tranquilo Basso, e para os cafés do Bertóglio, do Marcolin, do Tozzon, do Caselani, entre outros.

Em 1960, Pedro adquiriu um terreno e construiu dois prédios, um para moradia e outro para a padaria, localizado na Rua Júlio de Castilhos, esquina com Cel. Lolico. Os funcionários da época eram Altair

Scariot e Valdir Dalbosco (em memória), que entregavam os pães, bolachas e cucas com uma cesta. Os filhos de Pedro também ajudavam na padaria.

Da esquerda para a direita: Maria Rita Spuldaro, Antonio Manica, Gasparina Manica, Maria Menegaz Felini, Eugênio Felini, Padre José Jacó Spuldaro. Na frente: Salete Spuldaro, Dona Regina e Pedro Spuldaro Foto: Arquivo de Verginia Manica.

• De Padaria Glória a Dalbosco

Em 1958, iniciou as atividades a Padaria Glória, na Rua Júlio de Castilhos, atual Petshop Cafofinho. O proprietário era Ludovino Dalbosco, que, mais tarde, passou a gerência para seu filho Nelson Antonio Dalbosco e esposa, Lucia Richetti Dalboso, com a ajuda dos filhos. As máquinas eram compradas pela revendedora de máquina Machado e Fillipin, de Passo Fundo. Buscavam a farinha em Caxias do Sul e as embalagens eram adquiridas em Marau.

Lucia Richetti Dal Bosco preparando pão para assar. Foto: Arquivo de Lucia Richetti Dal Bosco.

No final da década de 1980, a padaria mudou o nome para Padaria Dalbosco. Em 2005, mudou-se para a Rua Coronel Lolico, 645, onde estão até hoje.

A atual proprietária é Noeli Dalbosco. A padaria, desde o seu início, produz uma variedade de produtos. Entre eles, os famosos biscoitinhos, como conta Noeli Dalbosco: “Os biscoitinhos eram vendidos soltos em um pacote de papel, onde as crianças na hora do recreio do antigo Medianeira, compravam ainda quentinhos”; contou ainda que a maior mudança foi na produção de pão. Antigamente, tinha que deixar crescer, sovar, deixar crescer novamente para assar. Hoje, a farinha é pré-pronta, rápida, mas continua saborosa”, falou.

• Padaria Nossa Senhora de Lurdes

Itelvino Spesotto e Olanda Corso Spesotto vieram morar em Tapejara em 1965. Ele nascido em Guaporé (RS) em 10 de março de 1938 e a esposa em 3 de janeiro de 1943 em Sananduva (RS), com o filho Carlos, com um ano de idade, para trabalhar como empregado na padaria, de propriedade, na época, da Sra. Petronila Pellizoni, conhecida como Dona Nenê, e Amancilio Pelizzoni.

Itelvino entregando pão nas casas de comércio. Foto tirada durante a neve em 1965 (em Sananduva), mas em Tapejara continuava sendo o único meio para entrega.

O meio de transporte para fazer entrega dos pães, cucas, bolachas era uma charrete puxada a cavalo e sempre acompanhada do cachorro. De casa em casa, deixando pães em janelas, dentro de casa, portas, no comércio local e até em festas e casamentos.

Alguns anos depois, Itelvino e dona Olanda (apelido Nica) adquiriram a padaria, uma empresa familiar. Por volta de 1973, comprou a padaria na Rua Santo Canali, 358, e a casa (nº 370) ao lado na Rua Santo Canali, esquina com Leorindo Cavichioli (antiga Rua Padre Anchieta). Em 1977, ficou mais fácil para viver e trabalhar com o próprio negócio, onde fez história na cidade.

Era muito comum na época, os moradores levarem para assar, em festas de final de ano e religiosas, porco, peru, galinha no forno que a padaria tinha, pelo seu tamanho e por ter poucos na vizinhança, pois somente existiam duas de grande porte na cidade.

Também era comum algumas famílias levarem a farinha em sacos, quilos, produtos coloniais e trocar por determinados números de pães, bolachas, cucas e biscoitos, para não precisar comprar o pão feito na padaria, que era mais caro, e foi dessa maneira que muitas famílias sustentaram e criaram seus filhos.

O padeiro, como era conhecido Itelvino, gostava em suas horas de folga de jogar bocha e jogar na loteria esportiva, esperando fazer 13 pontos. Ficava com o rádio escutando os resultados e, quando dava zebra ou o Grêmio perdia, ficava nervoso.

Seus quatro filhos, Carlos, Sidinei, Márcia e Rafael, também ajudavam em várias atividades na empresa, dentre elas na entrega de produtos com cestos, a pé, pela cidade.

Em 1980, comprou o primeiro carro Variant e depois a Belina I e a Belina II, começando a expansão das vendas nos distritos. O consumo diário, normalmente, era de um saco de farinha. A maior safra do ano era nos dias da Romaria de Ibiaçá, onde desmanchavam até doze sacos de farinha para produzir cerca de dois mil pães.

Dona Olanda, além das tarefas da casa e cuidar de seus filhos, levantava de madrugada para trabalhar, ajudando o marido, e levava os filhos pequenos junto, deixando-os em camas provisórias ou dentro dos cestos, onde podiam observar as crianças dormindo e, assim, passavam o dia. Muitas pessoas começaram suas carreiras profissionais trabalhando na padaria, como ajudantes na entrega de pães.

• Persan Pão

A história da Panificadora Persan Pão teve origem no pensamento empreendedor dos sócios Joel João Perera e Milto Valentim Sandini, iniciando as atividades em 16 de janeiro de 1986, na Rua do

Comércio, 799.

Além de atender seus clientes no local, também atendem a bares, restaurantes e supermercados da cidade e da região. Recebem encomendas para festas de casamentos, aniversários e demais festas das comunidades.

Panificadora Persan. Foto: Arquivo da Divulgação.

Não tendo estabelecimento próprio, foi com muito trabalho e dedicação que a empresa prosperou. Sendo assim, houve necessidade de ampliar sua área física, investir em equipamentos mais modernos e aumentar seu quadro de funcionários. Quatro anos mais tarde, mudou-se para o endereço ao lado, em seu próprio imóvel, onde permanece até hoje.

Em 9 de setembro de 1999, adquiriu um imóvel onde, além da matriz, criou um novo ponto de venda, na Rua do Comércio, 1.296, na Galeria Lafayette, comercializando pães, biscoitos, tortas, bolos e lanches servidos com café.

Ainda há na cidade as padarias e panificadoras: Princesa; Dias; Ki Pão; Cia. do Pão Panificadora; Real; Buoni Sapori; Padaria e Cafeteria Dalbosco; Delícias do Pão; Gnoatto; Mio Panne; Panificadora São Paulo; Padaria Artesanal; Toda Hora; Casa das Massas; Subtil; entre outras.

DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO AGRÍCOLA

Em meados de 1970, até a metade da década de 1980, ocorreu um surto comercial-agrícola no Município de Tapejara. Foi a época do chamado Milagre Brasileiro, quando o Ministro da Agricultura, Delfim Netto, criou um slogan como forma de motivação para o plantio da soja: “Plante que o governo garante”.

RECEBIMENTO DE GRÃOS

- **Cereais Fontana Ltda.**

A empresa Cereais Fontana Ltda. iniciou em 1950, na Linha Perondi, com a denominação inicial Irmãos Perondi & Fontana. Mais tarde, transferiu-se para Charrua Alta, com a denominação Stéfano Fontana & Cia. Ltda., em 1973. Posteriormente transferiu-se para a cidade de Tapejara, com a razão social de Cereais Fontana Ltda. em 1987. A empresa trabalha com grãos de soja, insumos agrícolas e calcário. Possui um silo graneleiro, situado no Bairro São Cristóvão. Os atuais proprietários da empresa são Vitor Fontana e seu filho Paulo Cesar Fontana.

Silo graneleiro da empresa Cereais Fontana Ltda. em 2000, no Bairro São Cristóvão. Fonte: Arquivo da Aero Arte.

• Sementes Bee

Vista aérea da empresa Sementes Bee.
Foto: Arquivo de Claudio Bee.

Em 1960, José Parizotto Bee, então motorista de caminhão, adquiriu, juntamente com sua esposa, Ernestina, uma área de cinquenta hectares de terra no Município de Tapejara, RS, para o cultivo de trigo, cultura de maior importância naquele período.

Em meados dos anos 80, seus filhos José Carlos, Claudio e Luciana, ainda menores de idade, já estavam incorporados ao processo produtivo, conduzindo a lavoura junto aos seus pais.

A partir dai, realizaram a compra e abertura de nova áreas de terra, aquisição de maquinário e plantio em grande escala. Muitos desafios foram enfrentados e superados, como a implantação do plantio direto, na qual foram pioneiros na região, trazendo maior produtividade às suas colheitas.

Nos anos 90, com a necessidade de agregar mais valor na venda dos produtos colhidos, foi construído o primeiro armazém graneleiro, com o processo de secagem e armazenagem realizado dentro da propriedade. Em 1997, iniciou-se a produção de sementes de soja, trigo e forrageiras, comercializadas com a marca Sementes Bee. A empresa está localizada na Comunidade de Linha Quatro, s/n, próxima da comunidade de Linha Marchiori.

• Amplo desenvolvimento comercial

Frente do prédio de Pedro e Ivanir Poletto, na Avenida Sete de Setembro, em meados da década de 1970.
Fonte: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

As empresas que surgiram nessa época, década de 70 até 80, foram muitas: entre elas:

- Dalzotto x Picolotto Ltda., comércio de adubos e calcários, sementes, e defensivos agrícolas.
- Comércio de representações Marcali Ltda., representante das máquinas agrícolas "Jacto", representante de adubos "Manah", distribuidor Bayer, e revendedor das semeadeiras e grades Eda.
- Sandini, Sandini e Cia. Ltda., representante de adubos, extratos, sementes, defensivos, produtos veterinários, ferragens e rações.
- Cocital, comércio de cereais e insumos Tapejara Ltda., compra de cereais (soja e milho), representante da motoserra Sthil, distribuidor de ração Socil, adubos, inseticidas e herbicidas.
- Comercial Poletto de Adubos Ltda., compra e venda de produtos coloniais, revendedor de adubos Trevo.
- Dacal comercial de adubos Ltda., revendedor de Adubo Ipiranga e das rações Vicato.

- **Evolução do comércio varejista na verticalização urbana de 1992 a 2006**

O comércio varejista no ramo de material de construção de 1992 a 1996 contava com dois estabelecimentos. A partir de 2000 a 2006, somaram-se mais quatorze, totalizando dezesseis estabelecimentos.

No ramo de medicamentos e perfumaria, nos anos de 1992 a 1996, havia dois estabelecimentos. De 2000 a 2006 agregaram-se mais sete, totalizando nove estabelecimentos.

De 1992 a 1996 havia quatro minimercados te supermercados. De 2000 a 2006 passou para um total de sete.

No ramo de eletrodomésticos foram seis estabelecimentos de 1999-2005. Os materiais de informática, de dois estabelecimentos em 1997-1998, passaram para um total de cinco.

DESENVOLVIMENTO COMERCIAL E SERVIÇOS DE 1990-2006

A área central da cidade de Tapejara retrata a ocupação associada ao investimento imobiliário. Prédios novos verticalizam-se para uso residencial, comercial e prestação de serviços, entre outros cada vez menos de menor porte e mais antigos destinados à atividade comercial.

Em meados do ano de 1990 até 2006, ocorria investimento dos empreendedores locais, direcionando seus negócios na área imobiliária; atividades varejistas nos ramos de material elétrico, hidráulico e construção; medicamentos, clínicos, laboratoriais, perfume, higiene, cosméticos, além dos novos profissionais liberais que instalam seus escritórios, clínicas.

Os investimentos e negócios eram focados na construção civil, construção de moradias, prédios e edifícios. Na área central, os prédios de dois pisos foram substituídos por edifícios de cinco a dez pavimentos, além de moradias de alvenaria, que tomam lugar de antigas casas e espaços vazios existentes no perímetro urbano. As novas edificações constituídas de espaços para moradia, apartamentos, salas para instalação de atividades comerciais e prestação de serviços.

O investimento imobiliário ensejava a expansão das atividades varejistas e mão de obra nos ramos da construção civil nesse período. Surgiram diversas lojas, casas comerciais, que ofertavam tintas, sanitários, louças, tintas, vidros, fios, lâmpadas, pisos, azulejos, parquê, cimento, cal, tijolos, ferro, aberturas e massas em geral.

Entre as empresas abertas nesse período, podemos citar:

- Schisdler & Cia; Ltda.
- Vanderlei de Souza, atual Vidros e Espelhos DecorArte
- Telmo Dametto & Cia. Ltda. Atualmente, sob a administração de Décio Teixeira
- Zanatta Materiais de Construção
- Rovani Comércio de Materiais de Construção
- Fabiani & Costa, Comércio de Tintas – FC Tintas
- Líder –Indústria de Pré-Moldados Ltda.
- Rondônia Materiais de Construção Ltda.
- Vidraçaria Cometa Ltda. – Vidraçaria
- Rafael Basso Reis Serviço de Detização
- Juliano Udice Colussi – Materiais de Construção
- Silvano José Mussatto – Vidraçaria

- Pedrinho Leonir dos Santos – Material de Construção/Edificação de Obras
- Robson Scariot – Material de Construção
- José J. de Miranda – Material de Construção
- L Coronetti & L. Coronetti Ltda. – Pré-Moldados de Concreto
- Della Santa & Della Santa Ltda. – Material de Construção
- Silvano José Pegoraro Hidrosul – Materiais Elétricos e Serviço de Desintetização
- Nicolodi Engenharia Ltda. – Material de Construção
- Emanuel Zanchetta – Material de Construção em Geral

Atualmente, ainda existem no Município, no ramo de construção civil, as empresas Pallun Ferragens, Scariot Materiais de Construção, Mazzutti, Poletto e Andrade, entre outras

Além disso, foram instaladas outras atividades no comércio varejista como inúmeros estabelecimentos comerciais e prestadores de serviço em diferentes ramos entre os que seguem: eletrodomésticos, suprimento de informática, confecções, papelaria, fotográficos, agropecuários, alimentício.

Entre o comércio varejista que surgiu, podemos citar:

No ramo de eletrodomésticos:

- Lojas Becker Ltda.
- Maristela Marca Manica
- Starfrio
- Lojas Volpatto

No ramo de confecções:

- Destake Modas
- Calçados e Confecções LT Pague Menos

No ramo de papelaria e material fotográfico:

- Sonia Cecília Panizzon
- Stúdio Dez – Estúdio Fotográfico

No ramo de agropecuária:

- Guerra Ltda.
- Agropecuária Pontal
- Planalto Rações

SERVIÇOS

• CARRETEIROS

Com a entrada dos colonizadores, diversos caminhos foram abertos a facão, permitindo o avanço mata adentro. O cavalo e o burro precederam os meios de transporte na região, tanto para pessoas quanto como cargueiro para o transporte de produtos.

O primeiro grande meio foi a mula. De cascos duros, grande resistência e relativa velocidade, as mulas adaptavam-se ao transporte de cargas. O cargueiro assim denominado era composto de uma cangalha de madeira apertada ao lombo do animal, na qual eram suspensos cestas, bruacas de couro ou sacos de estopas, um de cada lado, de modo a equilibrar a carga. O animal chegava a transportar uma carga de 120 kg.

Mais tarde, as carroças coloniais foram fabricadas pelas ferrarias e carpintarias, que surgiram em diversos pontos do território da Sede, posteriormente Vila Teixeira, além de adquiridas na medida em

que as condições financeiras das famílias melhoravam.

Ao mesmo tempo, com o início do comércio regional, a figura dos carreteiros, que utilizaram carretas maiores, puxadas pelos denominados "ternos de mulas", passaram a percorrer as estradas coloniais, comprando produtos como trigo, milho, salame, banha de porco de suíno, que eram levadas para os pequenos núcleos urbanos em formação e, mais tarde, para outros centros comerciais maiores da região, como Passo Fundo e Lagoa Vermelha.

A carreta colonial transportava em torno de 3.000 kg e era transportada por ternos de mulas, aproximadamente com nove a doze animais.

Os irmãos Silvio e Ângelo Ughini eram carreteiros e usavam a carreta para transportar os grãos adquiridos na Sede e entorno e revendiam em Passo Fundo. Na volta traziam utensílios domésticos, armarinhos e tecidos para revender em sua casa comercial, assentada na zona central da Sede. Conforme recorda Maria Menegaz Felini. "a Colônia era forte e havia bastante produção para ser transportada. As carroças eram grandes, puxadas quase todas por sete mulas. A vida era difícil, por isso a mãe, Maria Ughini, carregava as carroças à noite, enquanto os filhos descansavam para no clarear do dia iniciarem a caminhada rumo a Passo Fundo, único lugar de comércio para a região. Quando chovia, o Rio Carreteiro e o Rio do Peixe não davam passo, ficando os carreteiros vários dias parados", falou.

• PEDREIROS E CARPINTEIROS

Os diversos núcleos comunitários que foram surgindo no Município de Tapejara, desde o início da colonização e do povoamento, contaram com os conhecimentos práticos de algumas pessoas na construção de suas moradias, paióis, estábulos, chiqueiros. Geralmente, eram os carpinteiros, que guardavam alguma habilidade com o trabalho da madeira. Os pedreiros eram raros e, em geral, procediam de cidades maiores.

Edificação de José Zanini na década de 1930. Foi um dos primeiros prédios de alvenaria feitos pelos pedreiros da época, na então Vila Teixeira. Fonte: Arquivo de Santina Zanini.

Mais tarde, com a emancipação do Município, surgiram na cidade carpinteiros e pedreiros, entre os quais: Carlos Sitta, Cesere Bée, Fiorindo Calegari, Claudino Spanhol, José Sbardelotto, Antonio Parizotto, Antonio Barizon, Fiorindo Calegari, Alfredo Campiol; e os pedreiros Bruno Bianchin, Guilherme Hall, José Dall'Igna, Antônio Marcon, João Batista de Lemes, Olindo Defaveri (Ico), Délcio Cambrussi, Nelson Marsiglio, Moacir Sbardelotto, Jacir Rodrigues (Ciro), Orlando Andrade, Juraci dos Santos, entre outros.

Da mesma forma, a orientação dos serviços de engenharia, quando necessários a uma obra maior, geralmente comunitária, eram igualmente contratados de outros centros. Como no caso da construção do prédio do Hospital Santo Antônio, foram contratados para o projeto os serviços do construtor João de Cesaro, para os da nova Igreja Matriz, atual, Ângelo Fontanive.

Casa da família de João Costa, em 1996.
Foto: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

• ARQUITETOS E ENGENHEIROS

A partir da chegada dos primeiros arquitetos e engenheiros, as construções foram sendo orientadas, tecnicamente, por profissionais da área, mudando, sensivelmente, a atividade da construção civil, já que a madeira, há alguns anos, passou a dar lugar à alvenaria.

No decorrer do tempo, surgiram os seguintes profissionais dessas áreas: Edemar José Rigo, Nestor Michel Bauerman, Carla Fontana, Vanize Regina Roman, Luiz Arcangelo Girardi, Gisela Dalposso, Flavia Rovani, Emerson Rampazzo, Aline Cavichioli Três, Elisandra Baseggio, Daiane Bressan, Débora Marcon, Elisandra Marchiori, Flavia Rovani, Guilherme Lângaro, Ivanete Posser, Jupira Almeida, Maria Gabriela Pomagerski, Marina Fontana Cauduro, Rodrigo José Giacomin, Rosane Luzza Dalzotto, Natália Comiran, Tatiane Dalbosco, Leonardo Menegaz, José Luiz Marsilio, entre outros, todos atuantes no Município e na região.

IMOBILIÁRIAS

• Imobiliária Prolar

Na metade da década de 1970, a agricultura moderna, tendo como carro-chefe a soja, cobria o território agrícola de Tapejara, onde pouco ainda restava da agricultura tradicional. O resultado dessa mudança foi a vinda de várias famílias para o entorno da cidade. Atentos a esse movimento dos agricultores do meio rural à cidade e à necessidade de fornecer moradia aos interessados, Euclides Bertoglio, Rogerio Liska e Neuri Domingos Coser constituíram uma sociedade no ramo imobiliário, denominada Imobiliária Prolar, que foi instalada no prédio de alvenaria de Amante Caselani, na Rua do Comércio.

Em meados de 1980, a imobiliária foi transferida para o prédio de alvenaria de Nicola E. Coral, no piso térreo, situado na Rua Independência. Em 1982, entrou na sociedade Ildo Aldino Lamb, na condição de vendedor de imóveis; mais tarde, em 1985, o estabelecimento foi transferido para uma sala na então estação rodoviária, na Rua do Comércio.

Em seguida, novamente, foi transferida para o segundo andar do prédio da casa comercial de Dalzotto, Ghidini & Cia. Ltda., na Rua do Comércio, permanecendo ali até meados de 1992. A partir de 2003 até 2008, transferiu-se, para o prédio localizado na Rua 15 de Novembro, ao lado do prédio das antigas instalações da Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações (CRT). No final de 2008, transferiu-se novamente para o prédio da então Foto Moderna, na Rua Angelo Dalzotto, onde permaneceu até o final de 2014; atualmente está localizada na Rua do Comércio,1.371, no Edifício Teixeira.

Demais imobiliárias da cidade: Carlos Neetzow, Caselani Engenharia, Central, Conceito, IR, Mayer, Agro Serra, Zulian Imóveis, Sebben Imobiliária, Solar Imóveis, VS Imobiliária, Géio Imóveis, Pinóquio Imóveis, entre outros.

BARBEIROS E BARBEARIAS

• Waldemar Sager

Nos primeiros tempos da colonização do Núcleo Itália e da Sede Teixeira, o cabelo, a barba e o bigode dos filhos eram cortados pelo próprio chefe da família, que com o tempo ensinava um dos filhos, de preferência o mais velho, para cortar. Caso não fosse feito o serviço na família, era procurado na vizinhança alguém para executar a tarefa.

Barbeiros. Da esquerda para a direita: Atilio Marin, Eduardo Ferreira da Silva, Sady Lângaro, Ari Pinto Teixeira, Atalíbio Pinto Teixeira, Rui Nunes de Gois, Waldemar Sager, Silvino Lindner, Olímpio Valentini, Ataíde Pinto Teixeira. Foto: Arquivo de Erahy Zaparolli.

Uma das barbearias que surgiram na segunda metade da década de 1940, no Distrito de Tapejara, foi a de Waldemar Sager. Ele aprendeu o oficio quando, ainda jovem, prestou o Serviço Militar. Instalou e colocou em funcionamento a sua barbearia num puxado de madeira anexo num dos lados do prédio de madeira que abrigava o seu Bodegão.

A barbearia era frequentada por uma parte dos fregueses que chegavam ao Bodegão para fazer a troca ou compra de produtos. Esses aproveitavam a ocasião para cortar o cabelo, aparar o bigode ou raspar a barba. Outra parte era composta por moradores da vizinhança e redondezas, que compareciam geralmente na barbearia no sábado à tarde para cortar o cabelo, aparar o bigode ou fazer a barba.

Gelsi Reni, sua filha, conta: "Enquanto o sócio do Bodegão, Seu Frederico, atendia os fregueses com a ajuda da mãe, o pai deslocava-se à peça da barbearia e atendia os que ali estavam esperando. O Silvino Lindner, mais conhecido como Alemão Barbeiro, começou ali a dar as primeiras passadas de máquina manual e tesouradas na 'melena' (cabelo) e barba, além de passar a navalha na cara dos fregueses que ali chegavam." Mais tarde, vendeu o estabelecimento, o Bodegão e a barbearia para Olímpio Valentini e foi radicar-se com a família em Passo Fundo, por curto espaço de tempo.

Waldemar, em meados de 1961, voltou para Tapejara com a família e instalou um bar e barbearia, no andar térreo da casa da família Canal, assentado na Rua do Comércio, ao lado do açougue de Ângelo Eugênio Dametto. Numa parte mais espaçosa estava instalado o bar e num pequeno espaço apertado estava a barbearia. Permaneceu com essa atividade até meados de 1965, quando transferiu as instalações da barbearia para uma peça do prédio de madeira de João Albino Valentini, localizado na Rua do Comércio, esquina com a Rua Independência.

Gelsi Reni recorda: "Ali foi o último lugar em que o pai exerceu o ofício de barbeiro; pouco tempo depois veio a falecer. Também foi onde o meu irmão Renato aprendeu o ofício e praticou por uns anos; posteriormente, passou a trabalhar na Prefeitura Municipal de Tapejara. O que mesmo ficou marcado nos fregueses da barbearia do Seu Waldemar e do meu irmão Renato foi o espírito de alegria que transmitiam através de piadas e cantos, que contagiava o ambiente de trabalho; do limão conseguiam sempre fazer uma gostosa limonada."

• Atílio Marin

Na segunda metade da década de 1950, foi a vez de Atílio Marin instalar a sua barbearia numa pequena sala em sua casa. Colocando uma cadeira, um espelho, uma tesoura, pincel, sabão e navalha, começou a atender todos os que o procurassem.

Aos poucos, começaram a chegar os primeiros fregueses. Antes e depois do serviço, a conversa corria solta entre o barbeiro e o freguês, girando em torno do tempo, dos prejuízos que estava causando para os colonos e sobre a vida dos que haviam falecido recentemente na comunidade. A barbearia estava localizada numa casa na Rua do Comércio, nas proximidades da casa de Giacomo Marin.

• Arlindo Sebben

Por volta da primeira década de 1960, a cadeira, o espelho e os utensílios da barbearia eram vendidos para Arlindo Sebben. Ele instalou e colocou em funcionamento numa peça, no porão de um prédio, onde também estava instalado um moinho de moagem de milho, de propriedade de Luiz Fontana. O prédio estava assentado na Avenida Sete de Setembro, esquina com a Rua Arthur Ferreira Filho.

Os fregueses da barbearia eram conhecidos e amigos de Arlindo e também de agricultores procedentes de Linha Três, Linha Quatro e Linha Calegari. A conversa girava em torno do cultivo do milho, da alimentação dos animais e dos preços dos produtos da terra que o comércio estava pagando aos agricultores. A barbearia funcionou até a metade da década de 1960, quando encerrou suas atividades.

• Olímpio Valentini

Já em meados de 1955, Olímpio Valentini havia adquirido de Waldemar Sager um prédio de madeira. No prédio estava instalada uma bodega e em anexo uma peça dotada de instalações de uma barbearia. O prédio estava assentado na atual Rua do Comércio, 1.886.

O Bodegão e a barbearia, desde os primeiros dias de funcionamento, passaram a ser um ponto de parada na chegada dos colonos que vinham de Paiol Novo, Coroado e localidades vizinhas para trocar seus produtos agrícolas nas então casas comerciais, a maioria assentadas no centro, com exceção da de Armelindo Pagnocelli, situada nas proximidades do estabelecimento de Olímpio. Também para tomar conhecimento dos preços pagos pelo quilo de porco vivo por parte do então Frigorífico São Paulo S/A. Além de conseguir as informações, aproveitavam a estada no estabelecimento para tomar umas que outras no Bodegão; no caso, o cabelo, a barba e o bigode eram "aparados", como se dizia naquele tempo, na barbearia.

De acordo com Neivo Valentini, na volta os agricultores aproveitavam para comprar fumo em corda e cacho de banana. Ele conta: "O pai comprava banana verde e para conservar, não amadurecer rápido, abriu do lado do Bodegão uma vala de aproximadamente três metros de comprimento por três de profundidade. Era ali que depositava as bananas para adormecer e evitar que amadurecesse rápido, pois estavam num lugar úmido e frio, o que ajudava para fazer demorar seu amadurecimento."

Neivo ainda recorda que, nos primeiros anos da década de 1960, nas proximidades do prédio, seu pai construiu uma churrasqueira e uma cancha de bochas em um dos lados do Bodegão. "No domingo de manhã lá estava ele em volta da churrasqueira distribuindo os espetos sobre as paredes de tijolos para assar a carne e em seguida entregando-os prontos para os que haviam encomendado no sábado."

Ao mesmo tempo, foi instalada uma cancha de bochas nas proximidades. No final de semana, sábado à tarde e domingo, pela parte da manhã e à tarde, eram realizados jogos entre duplas, promovidos torneios entre grupos de bochas existentes nas localidades do interior do Munícipio.

• Antoninho Sebben

Na segunda metade da década de 1970, o estabelecimento foi adquirido por Antoninho Sebben, que transformou o Bodegão num bar e manteve a cancha de bochas. Ele desenvolveu as atividades por pouco tempo, pois o estabelecimento foi vendido à família de Honório Chaparini, que desenvolveu atividades por quase uma década. Em seguida, o prédio de madeira foi demolido, sendo construído um de alvenaria. Atualmente encontra-se instalado no prédio de alvenaria o Bar Dagostini.

• Ataídes e Atalibio Pinto Teixeira

Por sua vez, os irmãos Ataídes e Atalibio Pinto Teixeira instalaram e colocaram a sua barbearia no centro da cidade, por volta do final da década de 1950. O estabelecimento no começo estava instalado num pequeno prédio de alvenaria assentado ao lado do então Café União, de Demétrio Marcolin, em frente à Praça da Matriz, atual Praça Silvio Ughini.

Mais tarde, a barbearia foi transferida para uma parte de uma sala do recém-inaugurado prédio de alvenaria do Auto Posto Tapejara Ltda. Foi nesse local que mais tarde Narciso Spagnol instalou a sua barbearia. Na outra parte da mesma sala, porém com mais espaço, estava instalado um bar da família Casamali. O local foi denominado de Bar e Barbearia São Jorge.

Na barbearia, a conversa dos irmãos com os fregueses girava em torno da música, do verso e das atividades campeiras, pois eles gostavam e estavam envolvidos nas atividades artísticas gauchescas. Também outra conversa era sobre algumas moléstias sofridas por crianças e adultos naquele tempo. Os fregueses contavam e buscavam ajuda dos irmãos, pois tinham a informação, através da mãe, que tinha um saber de cura das moléstias, sendo combatidas com chás, benzedura e orações.

Em meados da década de 1970, Atalibio Pinto Teixeira transferiu sua barbearia e transformou-a num salão de cabeleireiros, contando com mais dois cabeleireiros e colocou ao seu lado, como aprendiz, seu filho Sidney, numa ampla sala equipada. Em anexo, instalou e colocou em funcionamento um instituto de beleza para mulheres, operado por sua esposa, Regina, e uma auxiliar, iniciativas desenvolvidas na sua casa, localizada na Rua do Comércio.

• Eduardo Ferreira da Silva e Silvino Lindner

Na segunda metade da década de 50, chegou Eduardo Ferreira da Silva, vindo de Charrua. Em Tapejara, instalou e colocou em funcionamento a sua barbearia, localizada no centro. Por volta da década de 60, convidou Silvino Lindner para fazer parte do estabelecimento, ora situado na Rua do Comércio.

A barbearia passou a funcionar numa peça de alvenaria anexa ao bar de Amante Caselani e ali permaneceu até a década de 80. Foi um centro de duelo cotidiano, discussão, flautas no campo esportivo entre os fregueses, torcedores e dirigentes das agremiações de futebol de Tapejara, principalmente Clube Atlético Tapejarense e São Paulo Futebol Clube; e de Porto Alegre, Internacional e Grêmio Porto-Alegrense, que ali chegavam para aparar a barba e o bigode e cortar o cabelo.

Também os que ali chegavam para tomar conhecimento das últimas notícias esportivas da cidade e da dupla Grenal acabavam envolvendo-se nas discussões e flautas.

Eduardo, como Silvino, desempenharam nesse período cargos de direção do Clube Atlético Tapejarense. O segundo, por muitos anos, exerceu a função de treinador da equipe alvi-azul e o primeiro passou por quase todos os postos da direção atleticana. Ambos eram torcedores de carteirinha do Sport Club Internacional, de Porto Alegre, como diziam de “corpo, alma e coração”.

- **Rui Nunes de Gois**

Por volta de meados de 1972, a barbearia de Rui Nunes de Gois estava instalada numa sala do antigo prédio da Estação de Tapejara, assentado na Rua do Comércio, defronte à Firma Ughini S/A, atualmente Supermercado Central.

Num dos cantos da sala funcionou um ponto de aposta da Loteria Esportiva, de propriedade de Renilto Fontana. Ele contratou Itamar Antonio Spanhol para distribuir os cartões, receber as apostas e, posteriormente, distribuir as cartelas. Além de o barbeiro fazer seu trabalho, aproveitava para dar seus palpites sobre os resultados dos jogos aos apostadores.

Mais tarde, a Estação Rodoviária foi transferida para a Rua 20 de Setembro, atual Estação Rodoviária. A barbearia de Rui Nunes de Gois foi instalada numa das salas e as apostas continuaram a ser recebidas por mais um tempo até ser instalada uma agência lotérica na cidade de Tapejara.

SERVIÇOS DE TÁXI

Os primeiros serviços de táxi eram antigamente conhecidos como carros de praça, e seus motoristas, de chofer de praça. Tinham como seu ponto de estacionamento as proximidades das estações rodoviárias e praça central da localidade.

- **Orlando Baseggio**

Por volta de 1958, um dos taxistas foi Orlando Baseggio. Seu ponto de estacionamento era nas proximidades do então Café Central, que também servia como rodoviária, sendo seus donos Menegaz & Bertoglio Cia. Ltda., que estava localizada de frente à atual Ughini. Em certo dia de trabalho, foi abordado por um indivíduo desconhecido que solicitou seu serviço de transporte; seu pedido era para que o levasse até as proximidades de Água Santa. Em certa altura do caminho, o indivíduo pediu ao Orlando para que parasse no acostamento; logo após ordenou que o seguisse caminhando ele a um lugar desconhecido. Fazendo isso, Orlando foi apunhalado pelas costas pelo indivíduo, que fugiu logo após. Orlando conseguiu voltar ao carro e pedir ajuda ao Distrito de Água Santa, onde foi socorrido, mas na volta a Tapejara veio a falecer. O agressor foi encontrado e preso, mas logo em seguida fugiu e foi encontrado degolado em um matagal próximo a uma cerca de arame farpado.

- **Egídio Scatola**

Na então Vila Tapejara, Egídio Scatola iniciou seus serviços de táxi com o seu carro, uma barata preta de marca Mercury. No decorrer do tempo foi adquirindo automóveis diferentes, prestando serviços até os últimos dias de sua vida. Seus filhos, Nelson Scatola e Armindo Scatola, também exerceram a atividade, mas não foi muito duradoura.

Família Egídio Scatolla. Da esquerda para a direita: Nelson, Armindo, Egídio, Ana, Hélia e Elzira.
Fonte: Arquivo de Américo Ferreira da Silva.

- **Outros taxistas**

Com a transferência da nova rodoviária do Café Central para o prédio do Café Tapejara, o ponto de táxi passou a ser em frente à casa comercial da família Busatto. Surgiu um novo taxista, oriundo da

família Tozon. Em seguida, Homero Felini adquiriu um automóvel Dodge 1951 importado, de quatro portas, substituindo o ponto da família Tozon. Em meados da década de 1960, houve a transferência do ponto de táxi à Rua Independência, ao lado da Praça Silvio Ughini. A partir de então surgiram vários outros taxistas, entre os quais: Alcides Sanson, Ernesto Riter, Jordão de Oliveira, Neli Pina, Olmiro Nascimento, Idalino Bernardes Dias e Vital Marcolin. Em meados de 1990, estabeleceram-se como taxistas: Osvaldo Coloraus e Normelio Fontana, com pontos nas proximidades do terminal da estação rodoviária.

Atual ponto de táxi na Praça Silvio Ughini.
Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A partir de meados de 2000, surgiram novos pontos de táxi, no perímetro urbano da cidade e na Praça Silvio Ughini: o ponto dos taxistas Ivo Giacomin e Ivanildo Giacomin. Atualmente, realizam esse serviço Adelar Alves Machado, Eliane Severo Peretti, Elisabete Severo de Oliveria, Elizete Luiza Potrich, Fernando Lângaro, Flavio Peretti, Itacir Borille, Jucimar Nogueira de Paula, Osmar Luiz Lopes da Silva, Osvaldo Elson Kohlrausch, Normelio Fontana, Olivar Antonio Potrich, Rogério Piffer de Oliveira, Rosane Fátima Kopper, Silvio Variza, Valdir de Arruda e Volmir José Werner.

TRANSPORTE

Antes da Linha de ônibus e paralelamente com ele, ia-se a Passo Fundo e de lá se voltava a cavalo, de carreta ou de carroça. Havia na praça cavalos e mulas, mais tarde carretas; eram então os meios de transporte utilizados no percurso entre o centro do povoado e os pequenos núcleos em formação. Como não havia estradas, abriam-se picadas na mata e era através delas que se movimentavam.

Prefeitura Municipal de Passo Fundo
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
EXERCICIO DE 1940
Nº 98
Renda Tributaria.
Imposto 25 $000
Taxa de Caridade 10 % 2 $500
Tx. de Higiene e Saúde 5 % 1 $500
Multa
TOTAL 29 $000
0.103 - IMPOSTO DE LICENÇAS
Pagou o Snr. Pedro Casamali
a quantia de Vinte e nove mil reis
de sua carroça de 4 rodas e de uso particular com a capacidade para 250 kilos
Villa Teixeira, 30 de Março de 1940
O Arrecadador

Imposto de Licença de Carreteiro. Arquivo de Wilson Casamali.

Havia na praça, no centro do núcleo, posteriormente Sede, hoje Praça Silvio Ughini, um local para o descanso dos animais, acampamento dos carreteiros, com boa sombra e bebedouro. No local, existia uma fonte, localizada nas proximidades onde está o atual ponto de táxi, na Praça Silvio Ughini.

Primeiro ônibus da Vila Teixeira.
Foto: Arquivo de Ângelo Rombaldi Manica.

Um dos primeiros ônibus na então Vila Teixeira chegou em meados de 1940; era um Ford V8 e trazia esse V com um 8 sopreposto na frente do motor. Era um ônibus aberto, com banco para cinco passageiros. Ao longo da carroceria havia um estribo, onde os passageiros viajam de pé. Os homens cediam lugares às mulheres. Em caso de mau

tempo, baixavam-se umas lonas enroladas, que eram engatadas em pinos junto ao estribo.

Não havia paradas. O chofer (motorista) era um dos proprietários da empresa, entre os quais Francisco Sandini, conhecido por Keko Sandini. Ele conhecia a localidade e arredores de cor e sabia onde cada um desembarcaria. A parada era na frente da casa ou na cancela (entrada) do terreno.

Ônibus na Vila Teixeira. Foto: Arquivo de Angela Biasi Lizzoni.

A linha (ônibus) trazia encomendas como: remédios, armarinhos, ferragens e cartas. Ao chegar à Vila Teixeira, o motorista parava o ônibus e, a pé, entregava as encomendas. Quando o ônibus passava pela estrada, apareciam muitas pessoas nas janelas das casas. Quem estivesse trabalhando na roça, localizada na beira da estrada, corria às proximidades e olhava o ônibus passar. Mais tarde, na hora do chimarrão ou à mesa do jantar, contavam para os demais familiares que tinham visto a linha passar.

Na segunda metade da década de 1950, a Empresa Tupinambá fazia a linha Passo Fundo-Tapejara e vice-versa. O transporte era realizado por ônibus Dodge, de cor azul e amarelo, dirigido por Temistocles Marchioro, conhecido por alguns por Temisto ou então Timinso.

Os moradores da beira da estrada encomendavam-lhe carne fresca e remédios. Assim, era comum ver muitas pessoas, diariamente, ao longo da estrada, aguardando ansiosamente a passagem do velho Dodge, na esperança de que, nos seus sacolejos e ringidos, talvez, lhes trouxesse alguma boa ou má notícia.

Os mais antigos contam que Temistocles, com essa prestação de favores e de informações, contribuiu não somente para a salvação de algumas vidas, a cura de muitos doentes, como também à concretização de alguns casamentos, de cujos namorados e noivados ajudou a manter a constância e o calor, através das cartinhas amorosas que trazia ou levava em mãos.

Domingos Luiz Dallagasperina conta que na entrada da cidade, na antiga estrada Tapejara-Passo Fundo, próximo ao Cemitério Municipal João Rombaldi, Temistocles buzinava, anunciando que estava chegando de mais uma viagem de Passo Fundo. A buzina longa e forte era ouvida por toda a comunidade, devido ao silêncio reinante naqueles tempos, e, devido às péssimas estradas que percorria, diversas peças quebravam.

De acordo com Domingos, muitas vezes a viagem era cancelada, pois o tempo ameaçava forte chuva e não dava para se arriscar. Além disso, quando chovia, acontecia atolamento na barrenta estrada de chão batido de terra vermelha. Os passageiros eram convidados a descer do veículo e ajudar a empurrar o ônibus até sair do atoleiro. Outras vezes, o recurso era pedir ajuda dos moradores da redondeza, para colocar suas juntas de bois para tirar da valeta o ônibus.

Nos primeiros anos da década 1960, Temistocles vendeu sua parte do ônibus e mudou de ramo, cedendo lugar aos modernos e velozes ônibus da Empresa Tupinambá. A partir disso, o velho Dodge azul e amarelo passou para reserva. A empresa passou a utilizá-lo em linhas de menor importância, no interior do Município. Às vezes, em caso de necessidade, retornava por algum tempo ao tráfego entre Tapejara e Passo Fundo, porém não mais dirigido por Temistocles, mas pelos jovens motoristas da Tupinambá. Estes, acostumados com as máquinas modernas dos caminhões novos, sofriam com a velha enferrujada máquina do Dodge.

E sempre que, entre uma primeira e uma segunda, o ranger estrepitoso das suas engrenagens anunciava alguma barbeirada, algum passageiro, como um elogio ao velho motorista, comentava para o outro: "Que nada! Para fazer este ônibus funcionar direito, só mesmo o Temistocles."

• Estação Rodoviária

Um dos primeiros concessionários da Estação Rodoviária da então Vila Tapejara foi Mário Melara, por volta dos primeiros anos da década de 1950. A estação rodoviária estava instalada nas dependências de um prédio assentado na Rua do Comércio, em frente à atual Praça Silvio Ughini.

Estação Rodoviária, localizada na Rua do Comércio, na segunda metade da década de 1960.
Foto: Arquivo Público do RS – Ricardo Giusti.

Em meados de maio de 1954, o concessionário transferiu-se de residência para o interior do Distrito, em consequência abandonando a Estação Rodoviária local. Diante disso, o comerciante Ardulino Langaro, que trabalhava na então firma Ughini Irmãos Ltda., enviou correspondência ao Engenheiro Diretor-Geral do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem do Estado do Rio Grande do Sul (Daer/RS), comunicando a ocorrência e pedindo que abrisse uma concorrência para a referida estação.

No período em que o Daer esteve providenciando a realização da concorrência pública para selecionar o novo concessionário do estabelecimento, os serviços de venda dos bilhetes de passagens e o transporte de encomendas e mercadorias foram feitos diretamente com os cobradores das linhas dos ônibus que passaram a realizar o transporte no centro do Distrito.

A concorrência veio a público através do Edital de nº 25/1956, na data de 25 de maio de 1956. Participaram da concorrência: João Antônio Bertoglio, que apresentou para instalação da rodoviária as dependências de um prédio de dois pisos situado na Rua do Comércio, em frente à Praça Central; Alcides João Toson, que propôs a instalação no interior de um prédio de alvenaria onde já funcionava o então Café Tapejara, localizado na Rua do Comércio, em frente ao estabelecimento da firma Ughini & Irmãos Ltda.; e a terceira proposta foi do Subprefeito da Vila Tapejara, que sugeriu a instalação na parte interna do prédio de alvenaria de dois pisos em que por ora estava instalado o Café e Churrascaria União, situado na Rua do Comércio, defronte à Praça da Matriz, atual Praça Silvio Ughini, atualmente ocupada pela Farmácia São João.

A proposta vencedora foi a de Alcides João Toson, o qual obteve a concessão de direito de explorar a partir de 13 de dezembro de 1956. Em seguida, a resolução veio resolver o caso através de uma decisão do Conselho de Tráfego nº 610/57 do Daer, que concedeu a autorização e o direito de explorar os serviços.

Pouco tempo depois, aconteceram duas vistorias de técnicos do Daer no interior do prédio, para verificar o lugar onde seria instalada a estação rodoviária. A primeira vistoria ocorreu em 22 de janeiro de 1957 e resultou na autorização do órgão competente à expedição do Alvará de instalação, em 10 de abril de 1957. A segunda vistoria teve a finalidade de adequar o local para prestar o serviço de venda dos bilhetes de passagem, receber e enviar encomendas e mercadorias, realizada em 20 de abril de 1957, que resultou na autorização da instalação, em 5 de junho de 1957.

Em meados de 1962, houve alteração da sociedade, com o ingresso de Ary Armando Sbeghen, também

residente em Tapejara. A empresa passou à denominação de Toson & Sbeghen Ltda., sendo autorizada pelo Daer, em 14 de maio de 1962.

Em 11 de novembro de 1965, os sócios Ary Armando Sbeghen e Alcides João Toson transferiram todos os direitos e obrigações da firma Toson & Sbeghen Ltda. para Normélio Fontana, que passou a ser admitido como proprietário.

Construção do novo terminal rodoviário de Tapejara, na Rua Vinte de Setembro, na segunda metade da década de 1970. Foto: Arquivo de Artusi.

Em 11 de outubro de 1973, Normélio Fontana solicitou junto ao Daer a prorrogação do contrato de concessão e destacou que possuía intenção de construir um novo prédio para abrigar as instalações da Rodoviária, pois a atual não suportava a demanda de passageiros.

Em 30 de setembro de 1975, o Poder Municipal, através do então Prefeito Municipal de Tapejara, Aldino Guerino Langaro, foi autorizado pela Câmara de Vereadores a fazer a venda de uma área de terra urbana pelo preço de cinco mil cruzeiros (5.000,00) a Normélio Fontana, concessionário da Estação Rodoviária, localizada na Avenida Sete de Setembro, 3.676.61m^2, constituindo o quarteirão número 28, na confluência das Ruas Manoel Teixeira, 20 de Setembro, Leorindo Cavichiolli e Avenida Sete de Setembro.

As tratativas para a construção do prédio iniciaram em 12 de novembro de 1975. Pouco tempo após, em 28 de abril de 1976, foi encaminhado o projeto para apreciação do Daer, sendo aprovado. Em meados de 1977, ocorreu o acordo de aprovação e Normélio Fontana passou a denominação da empresa para Normélio Fontana e Renilto Fontana Ltda. Mais tarde, no ano de 2001, a razão social passou à denominação de Renilto Fontana & Cia. Ltda.

A atual Estação Rodoviária de Tapejara possui estrutura física em um prédio de alvenaria em que foi instalada em meados de fevereiro de 1978, estando localizada na Rua 20 de Setembro, 45. A Estação Rodoviária está dotada com pista de acesso e saída do terminal onde se encontram os sete boxes de estacionamento para embarque e desembarque de passageiros e o setor de despacho de encomendas. Há a cabine para a venda dos bilhetes de passagens do transporte intermunicipal e interestadual e para o gerenciamento dos boxes. Soma-se a isso uma infraestrutura complementar, entre as quais: ponto de táxi, estacionamento, banheiro, lancheria, cabeleireiro e loja. Ademais, um prédio anexo dotado de hotel, restaurante e estacionamento.

• Linhas de ônibus da Rodoviária

- Passo Fundo
- Ibiaçá – Sananduva – São José do Ouro e Barracão
- Lagoa Vermelha – Vacaria – Caxias do Sul – São Leopoldo e Porto Alegre
- Ciríaco – David Canabarro – Paraí – Nova Bassano – Nova Prata
- Getúlio Vargas
- Erechim
- Ijuí – Santo Ângelo – Santa Rosa
- Charrua
- Água Santa

- Santa Cecília
- Vila Lângaro

• Linhas interestaduais

- Itajaí – Balneário Camboriú – Itapema – Florianópolis
- Campos Novos – Curitibanos – Rio do Sul – Blumenau – Joinville

• Zotti Transportes e Turismo

A empresa de Transportes Tapejara foi criada em abril de 1990, por Inoel Vidal. Estava localizada na Rua Padre Anchietta (Via Rápida). Em 17 de fevereiro de 1993, a família Zotti adquiriu a empresa através de Balduino S. Zotti (em memória) e o filho Itamar José Zotti e passou a denominar-se Zotti Transportes e Turismo. No início, estava localizada na Rua Santo Canali, 916. Possuíam apenas um ônibus para realizar o transporte urbano. Em 1998, iniciaram com transporte universitário e turismo e já possuíam quatro ônibus.

Serviço urbano, em 1995. Foto: Arquivo da Zotti.

A partir desse ano, os irmãos Adair João, Alisson Luiz, Henrique Cesar e a mãe, Maria de Lurdes Zotti foram assumindo a direção da empresa devido à necessidade da frota de veículos. Atualmente, está localizada na Rua Visconde de Mauá, 83, Bairro Nazaré, e contam com quatorze ônibus, sendo dez no transporte urbano e quatro destinados ao transporte universitário e ao turismo. Ainda possuem quatro caminhões, que transportam rações e frangos para a empresa Agrodanieli.

• Lucastur

Em 10 de fevereiro de 1994 foi criada, por Ademir Pozzer e Maria Angélica Pozzer, a Agência de Turismo Lucastur, com localização na Avenida Sete de Setembro, 1.132, no centro da cidade de Tapejara. A agência comercializa pacotes turísticos de roteiros internacionais, nacionais e intermunicipais.

Além de Agência de Turismo, a partir de 3 de julho de 2002, começou a ser exclusivo de transportes turísticos e organização de excursões em veículos rodoviários próprios, internacionais, nacionais e intermunicipais.

A partir de 17 de maio de 2013, com a saída de Maria Angélica, ingressou seu filho Lucas Pozzer, portanto sendo, atualmente, os proprietários da empresa Ademir Pozzer e Lucas Pozzer. Ademir conta que, desde o início das atividades, inúmeros pacotes turísticos e viagens foram realizados para diversas capitais do Brasil, para países vizinhos e até para a Europa. A empresa também disponibiliza ônibus para a realização do transporte universitário.

Ainda realizam esses serviços as seguintes empresas: Produtiva Turismo, Slongo Tur, Leo Turismo, Cia. de Turismo, Fiabani, entre outras.

ABASTECEDORAS DE COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES

• Empresas revendedoras de combustíveis

O carreteiro predominou na atividade de transporte até aproximadamente a década de 1940, quando foi sendo substituído pelos caminhões, utilitários e automóveis, que passaram a ocupar espaço cada vez maior. Com isso, outro ramo de comércio a aparecer foi a venda de combustíveis. Os pontos de distribuição de combustíveis e derivados de petróleo, mais conhecidos como postos de gasolina, remontam às primeiras casas comerciais dos Ughini, da família Dalzotto, atendida pelo jovem Armando Dalzotto, e dos Busatto. Nelas também instalaram a primeira bomba manual e o respectivo reservatório para gasolina. Passaram a fornecer o combustível aos poucos automóveis e caminhões existentes na então Vila Teixeira.

As empresas revendedoras de combustíveis aqui estabelecidas, antigamente, são: Auto Posto Rigali Ltda., revendedor dos produtos Atlantic, localizado na Av. Sete de Setembro; Abastecedora de Combustíveis Cauduro Ltda., produtos Ipiranga, na Av. Sete de Setembro, esquina Independência, 1.098. Além disso, a reestruturação do Posto Esso, distribuidor dos produtos Esso, com lavagem e lubrificação da firma Dias Cavichioli & Cia. Ltda., sito na Rua do Comércio, esquina com Rua 15 de Novembro.

• De Posto Esso a Posto Kaninha

Em meados da década de 1950, os Irmãos Busatto constituíram uma sociedade instalando uma bomba manual e um reservatório para gasolina. O empreendimento foi assentado na atual Rua do Comércio, esquina com a Rua 15v de Novem bro, onde atualmente, está situada a abastecedora do Kaninha. Passaram a fornecer combustível aos poucos automóveis, caminhotes e caminhões existentes no então Distrito de Tapejara.

Construção do prédio do Posto Esso.
Foto: Arquivo de Paulo Cezar Costa Dias.

Mais tarde, o prédio e suas instalações foram adquiridos pela sociedade constituída pelos irmãos Telmo e Noé Dias e Leorindo Cavichioli e os filhos Wilson, Sérgio e Gilmar, sob a denominação de Posto Esso de Dias & Cavichioli.

O prédio, de alvenaria, sofreu uma reforma e a área de serviço foi ampliada. Foi dividido em duas peças, uma com rampa para lubrificação dos veículos automotores e outra com uma sala de atendimento e venda de outros derivados do petróleo. Duas bombas estavam em funcionamento, uma de gasolina e outra de óleo diesel, distribuindo combustíveis e derivados com a bandeira da Esso.

Abastecedora de Combustível de Dias Cavichioli na década de 1970. À esquerda, Hotel Cristal.
Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Nos fundos do prédio, foi construído um pequeno barracão de madeira que serviu, uma parte para depósito de pneus e graxas, enquanto na outra foi instalada uma borracharia para serviços de conserto e troca de pneus de veículos e máquinas.

Na segunda metade da década de 1970, o prédio sofreu, novamente, uma reforma em sua estrutura física. Foi construído mais um piso, sendo instalado, no andar superior, um pequeno hotel, com seis cômodos, de propriedade da sociedade Rech & Belan.

Foto: Sandro Rampazzo.

A peça que servia à lubrificação foi remodelada, recebendo a instalação de equipamentos e móveis para uma moderna lancheria. Pelo estabelecimento passaram diversos administradores, entre os quais Mário Marchiori, Itacir Dalbosco e Telmo de Quadros, entre outros.

Em 15 de agosto de 1983, a sociedade formada por Wilson Casamali e Itacir Giacomin, adquiriu o empreendimento, dando origem ao atual Posto do Kaninha. Com o decorrer do tempo, o prédio, novamente, passou por uma série de melhorias, entre as quais a transformação do piso térreo: uma peça foi dividida em duas partes, uma destinada à comercialização de produtos e outra à administração, sob coordenação de Enia Hanel Casamali, esposa de Wilson Casamali. Na outra peça, em meados de 2000, foi instalada uma loja de conveniência. Além disso, uma pequena sala foi instalada descanso dos motoristas.

A partir de meados da primeira metade da década de 2000, foi ampliada a área de estacionamento, localizada nos fundos do estabelecimento, que passou a ser utilizada cotidianamente, por uma série de motoristas, para estacionar seus caminhões de carga.

Em meados de 2008, com frota própria, passou a distribuir o combustível, óleo diesel, diretamente nas propriedades dos estabelecimentos e unidades rurais do Município e da região.

Já no segundo piso, foi instalada e colocada em funcionamento uma academia para atividades físicas. A bandeira da abastecedora passou de Esso para Shell, em meados de 2010. A sociedade Casamali & Giacomin também adquiriu o prédio de alvenaria de dois pisos do antigo Hotel Aurora, de Taudelino Antunes de Quadros; mais tarde, Hotel Ritter, de Ernesto Ritter; e, em seguida, Hotel e Churrascaria Cristal, de Leticia Natalina Sebben. Nos últimos anos, denominado de Restaurante Nostra Casa, de João Pasa, transformaram num depósito de pneus e derivados de petróleo.

• De Auto Posto Tapejara a Comércio de Combustíveis Oliveira Ltda.

No final da segunda metade da década de 1950, o Município já emancipado, houve o interesse da Sociedade Ughini & Irmãos Ltda. em diversificar o ramo de seus negócios em Tapejara. Por inciativa de seu então gerente Silvio Ughini, surgiu o plano de instalar uma abastecedora de combustíveis que, além de prestar os serviços específicos, lavagem, lubrificação, abastecimento de combustíveis, também pudesse oferecer serviços de mecânica, venda de peças e ainda um local de oferta de alimentação, bebida e guloseimas e prestação de serviços como corte de cabelo e barba aos moto-

Inauguração, em 1959, do Auto Posto Tapejara Ltda. (atual BR Oliveira). À esquerda, casa de Angelo Menegaz, ao lado prédio do antigo Clube Comercial Tapejara (atual prédio de Neivo Valentini) e à direita, casa de Pedro Poletto e família, atual Ed. Atualita. Foto: Arquivo de João Paulo Gardelin.

ristas.

A sociedade adquiriu uma área de terras divididas em duas partes: uma parte do terreno vazio, um banhado, e a outra parte com uma casa de madeira, assentada nos fundos, onde seria construído o prédio da abastecedora, de propriedade de Tranquilo Ghidini.

Logo em seguida, foram realizadas as tratativas e providenciada a planta. Bruno Brianchini e Alfredo Campiol estavam entre os construtores contratados.

O passo seguinte foi, em pouco tempo, dotar a abastecedora denominada de Auto Posto Tapejara, distribuidora dos derivados de petróleo da marca Shell, das bombas, dos lubrificantes, equipamentos, caminhão para transporte do combustível e a parte administrativa, escritório e sala de vendas e as rampas para lavagem e lubrificação. Também da construção de um pequeno prédio no fundo do estabelecimento, para o depósito de pneus, óleos e graxas. Ademais, providenciar uma família para residir na casa, situada nas proximidades, para fazer o plantão de atendimento dos fregueses que chegassem ao estabelecimento fora do horário comercial, nos fins de semana e feriados.

Parte do prédio do Auto Posto Tapejara. No lado esquerdo, Oficina Mecânica Felini, e no lado direito, Bar e Barbearia São Jorge e a rampa de lubricação de veículos, na década de 1970.
Foto: Arquivo de Mário José Felini.

José Carlos Girardello conta que naquele tempo tinha uns doze anos de idade e sua família aceitou o convite para residir na moradia e seu pai, Luiz, trabalhar na abastecedora. Ele recorda: "Não tinha dia nem horário para atender os fregueses, para o abastecimento ou conserto de pneu furado de automóveis ou caminhões. Meu pai não media esforço para atender os fregueses e resolver a situação; tinha como princípio não deixar ninguém na mão."

Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

Naquele tempo, por alguns anos, a administração da abastecedora esteve a cargo de Eugênio Zanatta; os serviços de lavagem e lubrificação de Honorino Stefini, Adão Fagundes, Edgar Segatt; nas bombas, José Carlos Girardello, Telmo de Quadros, Paulo Rodrigues; nos serviços de troca e consertos de pneus, Luiz Girardello e outros.

Ao mesmo tempo, numa das peças do prédio foi instalado o Bar e Barbearia São Jorge. A peça foi dividida em duas: a maior foi alugada para Arnaldo Casamali, que colocou em funcionamento um bar. Na mesma sala, porém numa pequena peça, instalada a Barbearia de Atalibio Pinto Teixeira e seu irmão Ataídes. Mais tarde, Narciso Spagnol colocou em funcionamento a sua barbearia.

Numa outra peça, mais ampla do prédio, a firma de Claudio Felini & Irmãos instalaram a sua oficina de serviços de mecânica, chapeação, pintura e vendas de peças de caminhões, automóveis e utilitários. Em meados da década de 1970, Francisco Zanatta adquiriu a maior parte da sociedade, e seu filho Hilário e seu genro Pedro Hugo Sitta foram os responsáveis pela administração.

Na metade de 1970, o prédio passou à Cooperativa Mista Charrua Ltda., e sofreu ampla remodelação e reforma. Foi construído o segundo piso e a área do posto foi remodelada, com a construção de pavilhão coberto para lavagem e lubrificação, ao lado do estabelecimento, no lugar onde havia a casa. Também foi feita cobertura do estacionamento das bombas.

O térreo do prédio foi dividido em três partes. A primeira parte, localizada atrás das bombas, ocupadas pela administração da abastecedora e vendas de derivados de combustíveis. A segunda parte, onde estava o bar e a barbearia, reformada e instalado o escritório de assistência técnica agrícola aos associados da cooperativa. Por sua vez, a parte que abrigava a então Mecânica dos Irmãos Felini sofreu ampla reforma elétrica e hidráulica e passou a sediar o supermercado da cooperativa.

Nas salas do segundo piso, foram instalados os diversos setores administrativos da diretoria da Cooperativa Mista Charrua Ltda., transferidos do então Distrito de Charrua para Tapejara.

Nos primeiros anos da década de 1980, as atividades da Cooperativa Mista Charrua Ltda. foram desativadas e passadas para terceiros. A abastecedora continuou, porém sofreu uma mudança de bandeira e proprietários, passando para a bandeira Petrobras e para a responsabilidade da família Gardelin. As peças foram ocupadas pela loja da Femene e as instalações da Caixa Econômica Federal.

A partir de 1º de dezembro do ano de 2012 o estabelecimento passou à denominação de Comércio de Combustíveis Oliveira Ltda. Foi instalada uma loja de conveniência junto ao setor administrativo. A loja Femene continua no mesmo local e o espaço antes ocupado pela Caixa Econômica Federal, atualmente, pertence à empresa Auto Peças Girardi.

• Posto Atlantic a Posto Buffon

A Abastecedora Atlantic iniciou suas atividades em meados da década 70, por iniciativa da sociedade de José Borgo e Ivanir Ghidini. O prédio foi assentado nas proximidades do trevo da cidade, na saída para Ibiaçá. Nas proximidades, foi construído um amplo prédio, em que, nos primeiros anos, funcionou um restaurante denominado Amizade.

Foto: Arquivo de Angélica Manica Bortolini.

Ainda na metade de 1970, a sociedade vendeu o prédio e suas instalações para Laurentino Rigo, que rebatizou a abastecedora com o nome de Posto do Rigo, que permanceu até 2004. No dia 2 de novembro de 2004, Silvio Rigo, filho de Laurentino, transferiu, através de contrato comercial, a abastecedora para Comercial Buffon Combustivel e Transporte Ltda., conhecida como Posto Buffon, localizado na Avenida Sete de Setembro, 1.902, ao lado da filial do Supermercado Dalzotto.

• De Abastecedora Cauduro Ltda. a Auto Posto Scariot

Em meados da década de 1970, chegou um representante comercial da distribuidora de Petróleo Ipiranga S/A à procura de interessados em colocar uma abastecedora de combustíveis e venda de derivados da distribuidora.

O representante encontrou interessados por parte dos membros das famílias Cauduro: Domingos, Gesuíno, Edino, José Carlos; Pelissaro: Luiz; e Bertoglio: Dionísio e Wilson, que em pouco tempo constituíram uma sociedade.

Em seguida, foi escolhido o lugar para a construção do prédio. O local escolhido foi onde, antigamente, estava assentada a Ferraria de Adelino Antônio Cauduro & Filhos e proximidades da então Carpintaria de Dionísio Bertoglio, localizada na esquina da Rua Independência com a Avenida Sete de Setembro. Como passo seguinte, foi providenciada a planta do prédio e a contratação do construtor Antônio Barizon e seus filhos Nestor, Adair, Irineu e outros para levantar a edificação.

Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

Depois de concluídas as obras, a empresa Ipiranga veio para Tapejara instalar as bombas, demais equipamentos e organizar o estoque de mercadorias dos derivados dos combustíveis. Além disso, orientou membros da sociedade para colocar em funcionamento o estabelecimento. Domingos Cauduro, um dos fundadores e funcionário da abastecedora conta: "Nos primeiros anos os motoristas de caminhão tinham que viajar até Canoas, mais tarde a Lages, no Estado de Santa Catarina, e nos últimos anos a Passo Fundo, para conseguir o óleo diesel e a gasolina para abastecer nosso reservatório". Entre os motoristas: Edino Cauduro, José Carlos Cauduro, Wilson João Bertoglio, Domingos Cauduro e outros que, eventualmente, prestaram serviços.

Numa das peças do prédio foi instalada uma lancheria, com os serviços de cozinha e atendimento de Neli Sérgio Pina e outros. Wilson João Bertoglio conta que a maioria dos sócios da abastecedora de combustíveis, principalmente os de mais idade, Gesuíno, Domingos, Edino, José Carlos, foram atletas do Clube Atlético Tapejarense e o Wilson do time do Palmeirinha. Durante a vida da sociedade, formou um time de futebol de campo e outro do então futebol de salão.

Wilson João Bertoglio recorda um dos primeiros Campeonatos de Verão de Futebol de Salão promovidos pela Paróquia Nossa Senhora da Saúde, no Centro Comunitário Paroquial de Tapejara, realizado em janeiro e fevereiro de 1979. "Naquele campeonato o time da Abastecedora Cauduro conquistou o titulo de campeão. O time campeão contou com Heleno Cauduro, Claudio Lovatto, Rogério Liska, Raimundo Lovatto e Joel Portes, entrando durante a partida Diogenes Dalzotto, Roberto Stein e Wilson João; o técnico era o Professor de Educação Física José Carlos Cauduro."

Em meados de 1981, a abastecedora foi adquirida por Affonso Alcides Scariot e & Filhos, passando a ser administrado por Alcides e os filhos Nelson e Rita. O estabelecimento passou a denominar-se Auto Posto Scariot. O prédio passou por várias reformas; entre as obras, cabe destacar a construção da cobertura do estacionamento das bombas de combustível.

Nelson conta: "No ano de 1990 instalamos uma loja de conveniência numa das peças e fechamos a lancheria, e nesta peça colocamos o escritório da firma; na ocasião, o prédio passou por uma pintura geral".

• Abastecedora de Combustível São Cristóvão

Em 2007, Juvenil Dalbosco e família instalaram a Abastecedora de Combustivel São Cristóvão, localizada na ERS 463, KM 2,38, saída para Coxilha. Em março de 2011, o posto foi alugado à Rede de Postos Sander. O atual gerente é Cassio Cordazzo, que trabalha com uma equipe de colaboradores.

O Posto Sander disponibiliza os seguintes produtos e serviços: posto credenciado junto à Petrobras

com selo de controle de qualidade De Olho no Combustível; loja de conveniência; troca de óleo; lavagem de automóveis e caminhões; Restaurante Irmãos de Paula, localizado ao lado do Posto; central de agenciamento de carga; estacionamento; troca de cartas fretes de diversas transportadoras; Super Cartão Sandercard, o Cartão Fidelidade da Rede de Postos Sander.

Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

- **Megapetro**

Em 25 de julho de 2011, entrava em funcionamento o Auto Posto São Paulo, Megapetro, localizado na Avenida Sete de Setembro, 2.340, Bairro São Paulo. O estabelecimento passou a ofertar os produtos: gasolina comum, megaplus, etanol, diesel megaplus, lubrificantes Havoline/Texaco, filtros Tecfil e produtos de conveniência. A razão social do estabelecimento é Auto Posto Gardelin Ltda., tendo como administrador Claudio Gardelin, antigo gerente do Posto BR Gardelin.

Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

HOTÉIS

- **Hospedagem e alimentação**

No prédio de dois pisos, localizado na Rua do Comércio, o então Posto Esso de Dias Cavichiolli Cia. Ltda. tinha no térreo as instalações da Lancheria Saci, de Mário Marchiori. No andar superior, funcionava um pequeno hotel. Mais tarde, foi de propriedade de Itacir Dalbosco.

No antigo prédio de dois pisos da Estação Rodoviária de Normélio e Renilto Fontana, localizado na Rua do Comércio, em frente à Ughini, funcionava no térreo o balcão de venda de passagens e bar e restaurante, e na parte superior havia um hotel.

Ainda existia o Hotel Restaurante e Lancheria Cristal, na Rua do Comércio, 906, de Antonio Sebben e família. Angelo Cassiano Peruzzo, na década de 70, instalou uma churrascaria denominada "Manda Brasa" em um prédio entre o então Cine Tamoio e o prédio da Foto Artusi. Mais tarde, o restaurante foi vendido para Elcio Luft e família.

- **Hotel Familiar**

Na medida em que era incrementado o comércio e a exploração da madeira na então Vila Teixeira e entorno, começaram a surgir os primeiros hotéis na zona central da sede, entre os quais o Hotel Avenida, de Rissieri Zappani, com cozinha e atendimento pela família do proprietário, possuindo amplas acomodações. Ainda existia o Hotel Sandini, de Antonio Sandini, e o Hotel Aurora, de Taudelino Antunes de Quadros.

Na primeira metade do ano de 1940, na Vila Tapejara, além do Hotel Avenida, do Hotel Aurora e do

Hotel Sandini, surgiu o Hotel Familiar, de propriedade da família de João Riva e Maria Mocelin Riva.

Estava localizado também na zona central, na Rua do Comércio, no local que por muito tempo foi sede da Ferragem Calegari e, atualmente, é a edificação de alvenaria assentada na esquina com a Rua Ângelo Dalzotto, com a Loja Dalzotto Benetti. A edificação era um prédio de madeira com três andares: no térreo funcionava a Sapataria e Bar de Matteo Spagnollo, o segundo piso era o refeitório do hotel e no terceiro andar os dormitórios. Edy Quintina Zambenedetti Spanhol recorda: "Fazia pouco tempo que tinha chegado na Vila Tapejara, vindo de Marau com a família de meus tios Vitório Casa e Dorvalina Zambenedetti Casa; na época não tinha nem 18 anos. Mas, lembro muito do hotel, pois cheguei a trabalhar nesse local."

O Hotel Familiar era muito procurado por viajantes que vinham à Vila Tapejara para oferecer seus produtos e mercadorias, na época que o comércio local estava em franca expansão. Nesse hotel uma grande parcela das pessoas faziam suas refeições e repouso. Edy Quintina conta: "Diversas vezes a família Riva solicitou junto a Vitório e Dorvalina licença para que eu pudesse ajudar nos serviços de limpeza e lavagem de roupas, pois o movimento era muito e a família Riva não conseguia dar conta". O que marcou muito Edy foi como era preparada a comida: "A comida era feita pela família Riva com o auxílio da sogra de Maria. Quando chegava a hora de fazer a massa, a sogra era chamada. Em seguida, comparecia e se dirigia para um lugar onde havia uma grande mesa redonda de madeira. Com um rolo de madeira, estendia, enrolava e cortava a massa em tiras. Depois polvilhava com farinha de milho e, em seguida, colocava em duas grandes panelas cheias de água quente para cozinhar. Era uma massa muito apreciada pelos ingredientes que levava, além da cobertura de molho e queijo."

Família proprietária do Hotel Sandini: Antonio e Ema Comassetto Sandini. Foto: Arquivo de Joaninna Sandini.

Festa de casamento de Mário de Quadros, filho de Taudelino Antunes de Quadros, proprietário do Hotel Aurora. Fonte: Arquivo de Mário José Felini.

Novo Prédio do Hotel Aurora de Taudelino Antunes de Quadros – década de 50. Foto: Arquivo Público do RS , reprodução de Ricardo Giusti.

Hotel Familiar, de João Riva, localizado na Rua do Comércio, esquina com a Rua Independência.
Foto: Arquivo Público do RS – Ricardo Giusti.

• Hotel Fontana

O Hotel Fontana foi adquirido há mais de 40 anos, juntamente com a Estação Rodoviária,

pelo casal Normélio e Sinina Fontana e possuía suas instalações na Rua do Comércio, 1.003. No mesmo prédio havia bar com restaurante, cerca de dez quartos com banheiro coletivo e ainda o balcão da rodoviária para passagens e encomendas.

Foto: Arquivo da Divulgação.

Mais tarde, o irmão de Normélio, Renilto, associou-se à empresa e essa sociedade permanece até hoje. Hoje os filhos de ambos trabalham juntos na Estação Rodoviária e no hotel. É, portanto, uma empresa familiar, que trabalha há quatro décadas. O início das atividades do Hotel Fontana ocorreu realmente em 1982, quando a organização tinha apenas três funcionários e contava com uma estrutura pequena, com limitação na gama de serviços oferecidos, devido à falta de estrutura que lhe dessem o devido suporte.

Com o passar dos anos, foram efetuadas diversas aquisições e trocas no seu ativo imobilizado, o que foi possível através da concentração de esforços na atividade operacional da empresa, ou seja, durante todo o período de atividade os resultados foram investidos na própria empresa, o que possibilitou grande aumento de sua estrutura e, consequentemente, a diversificação e melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Esses investimentos repercutiram, diretamente, em seu faturamento, que indicaram crescente aumento no decorrer dos últimos anos. Atualmente, o setor de alimentação do hotel é terceirizado, decisão esta tomada pelo proprietário na busca do melhor atendimento aos clientes. O hotel possui hoje trinta e quatro quartos, conta com seis colaboradores e tem como pressuposto fundamental qualidade nos serviços oferecidos.

- **Hotel Sol Ville**

O Hotel Sol Ville surgiu em 17 de agosto de 2009. Está localizado na Rua 15 de Novembro, 265, junto ao Supermercado Central. Os sócios proprietários são da família de Nazareno Caselani, filho de Amante Agostinho Caselani (em memória). Possui uma estrutura de vinte e cinco apartamentos, um centro de eventos para cento e vinte pessoas, internet, aquecimento solar e gerador de energia elétrica. O hotel está assentado onde antigamente estava o armazém da Firma Ughini e Irmãos Ltda.

Hotel Sol Ville. Foto: Arquivo da Divulgação.

MOTÉIS

- **Eros Motel e Gaúcho Hotel**

O Eros Motel iniciou no ano de 2003. Possui quinze apartamentos e oito funcionários. Os

Foto: Arquivo do Gaúcho Hotel.

proprietários são Fernando Borille e Idamir Borille. Está localizado na Avenida Perimetral, saída para Ibiaçá. Logo à frente do motel, os mesmos proprietários construíram o Gaúcho Hotel. A inauguração aconteceu no dia 22 de janeiro de 2013. Possui vinte e quatro apartamentos e sete funcionários. Está localizado na Rodovia 467, Km 1, na saída para Ibiaçá.

- **Motel Vício Doce**

O Motel Vício Doce foi fundado no dia 6 de março de 2000. Os sócios proprietários são: Rosalino Malagutti, Valdir Mazutti, Ivani Malagutti e Amarildo Malagutti. Possui nove funcionários e seis acomodações, que estão divididas em apartamentos simples, luxo e superluxo. Ainda estão em construção mais cinco apartamentos. Está localizado na estrada Perimetral, 970, saída para Água Santa.

BARES

O bar e a cancha de bolão de Armando Didomenico tornou-se um dos pontos de diversão da comunidade na década de 40. Além deste, havia a casa de pasto e botequim de Arcangelo Girardi, outro de Wenceslau Staciesck, de Jacob Barcarollo e o de Matheus Spanhollo.

- **De Café Bertoglio a Café Alvorada**

Em 1943, chegou à então Vila Tapejara a família de João e Júlia Bertoglio, procedentes de Garibaldi. Associou-se com Alberto Menegaz, que possuía um casarão de madeira de dois pisos onde no térreo estava instalado um café (bar), localizado defronte à então Praça Central, atual prédio do Sicredi. Mais tarde, quando os filhos cresceram, a sociedade foi desfeita e, em seguida, foi construído um prédio de alvenaria, passando o negócio às mãos da família Bertoglio.

Prédio do café e da barbearia de João Bertoglio, onde inicialmente se vendiam passagens de ônibus para a região, em 1953. Foto: Arquivo do Departamento Estadual de Estradas de Rondagem do RS.

O Café Bertoglio, durante os dias de semana, era frequentado por colonos moradores das localidades do entorno e proximidades do centro que vinham fazer compras nas casas de comércio dos Dalzotto, dos Poletto e dos Ughini. Chegavam no café para tomar uma gasosa gelada (refrigerante), comer uma rosca, comprar umas guloseimas (doces) para levar para casa aos filhos.

No domingo, era ponto de encontro, principalmente, dos colonos e outros moradores do entorno do centro, que, após a missa da Igreja Matriz, passavam pelo local para tomar um trago de bitter, underberg, vermute e outros, além de jogar bisca e escova.

Família de João e Julia Bertoglio. Da esquerda para a direita: filhos Oscilde, Euclides e Dirce. Foto: Arquivo de Oscilde Bertoglio.

Com o novo prédio de alvenaria, o Café Bertoglio recebeu novas instalações e equipamentos,

geladeira, congelador, cadeiras, mesas, balcão e sortida variedade de bebidas, e começou a produzir sorvetes e picolés de diversos sabores. O sorvete e picolé, no verão, passaram a ser os produtos mais procurados pelas famílias nos finais de semana. Com o tempo, o proprietário teve que aumentar a produção, pois os produtos começaram a ser consumidos em grande quantidade durante os dias de semana.

Parte interna do Café Alvorada.
Foto: Arquivo de Carmen Lamb Três.

Numa ponta do espaço interno das instalações do café, havia uma sala onde existia uma barbearia. Os serviços de corte de barba e cabelos eram realizados por João, enquanto os filhos Oscilda, Dirce, Euclides e Júlia (esposa) faziam atendimento aos consumidores.

Vergínia Manica, nascida no então Distrito de Tapejara, contou que começou a trabalhar em meados de 1950 no prédio do escritório da Casa Comercial de Pedro Poletto & Cia. Ltda., localizado próximo do Café Bertoglio. Ela conta que seu nono Ângelo Manica com mais outros se encontravam no café para jogar baralho por caramelos (balas), que depois eram distribuídos para os netos. Também recorda que os sorvetes eram feitos, manualmente, por Julia e Dirce, as quais batiam muito o sorvete, para ficarem bem cremosos com a polpa de frutas dos sabores de abacaxi, laranja, morango e outros. As roscas eram produzidas por Julia e Oscilda, muito procuradas pelos frequentadores do café, sendo degustadas com uma taça de café com leite, ou com uma cerveja, de preferência preta.

Nos primeiros anos de 1960, o Café Bertoglio foi vendida para os sócios Antônio Fontana Sebben, Isaltino Scuro e Ivo Três, que mudaram o nome para Café Alvorada. Em 1963, venderam à família de Ana e Waldemar Vilibaldo Lamb. Além de café, era o ponto de entrega dos jornais Correio do Povo, Diário da Manhã, O Nacional, Diário de Notícias, Correio Rio-Grandense, entre outros. Possuía um baleiro de três andares, que atraía muitas crianças. Como o filho Silvino Bernardo Lamb começou a lecionar, os pais decidiram mudar de atividade e fecharam o café em 1978.

- **Café União**

Foto: Prédio do Café União em 1953. Arquivo do Departamento Estadual de Estradas de Rondagem do RS.

Alberto, Ida, Angelina (freira), Margarida (mãe de Luiza), Elvira, Maria, Faustino, Carolina Salvagne Marcolin (mãe), Libera, Sebastião Marcolin. Foto: Arquivo de B. D'Agnoluzzo Phot, de Passo Fundo. Foto cedida por Luíza Costa Dias.

Na década de 1950, surgiu uma sociedade constituída por Demétrio Marcolin, Aquilino Cavichioli e Venente Bonfante, que construíram um prédio de alvenaria de dois andares localizado na Praça Central da então Vila Tapejara. No andar térreo instalaram um café, com venda de bebidas quentes e geladas, variados tipos de doces, sorvetes, picolés e lanches. Mais tarde, Demétrio Marcolin adquiriu a parte dos demais sócios, remodelando o ambiente, e instalou uma churrascaria, com hotel no segundo andar. Trabalharam no estabelecimento: Anselmo Cavichioli, Silvestre Spanhol, e mais tarde seus filhos, Valmor, Roberto, Renato, Dona Doca e Tereza Stefanski (Dona Tere). Mais tarde, Demetrio alugou o espaço, que foi transformado numa lancheria denominada de Lancheria Italina Lanches. Atualmente, está na Rua Independência e denomina-se Restaurante Italina Grill.

- **Café Tapejara**

Foto: Café Tapejara em 1953. Arquivo do Departamento Estadual de Estradas de Rondagem do RS.

O Café Tapejara foi instalado na década de 1950, pela família Toson. Estava localizada na Rua do Comércio, em frente à firma Ughini e Irmãos Ltda. Mais tarde, tornou-se a primeira sede da Estação Rodoviária de Tapejara.

- **Italina Grill**

No ano de 1988 a casa de lanches Italina foi adquirida pela família Rodiguero, a qual manteve seu nome original. O estabelecimento localizava-se na Rua do Comércio, em frente à Praça Central, permanecendo naquele local durante quinze anos. Durante esse período, o cardápio foi, gradativamente, aprimorado. Dentre as inovações, destaca-se o primeiro buffet a quilo de Tapejara. Com o tempo, os serviços oferecidos pela casa tornaram-se referência regional. Por isso, perce-

Italina. Foto: Arquivo da Divulgação.

beu-se a necessidade de ampliar o negócio.

Hoje, localizado na Rua Independência, o restaurante chama-se Italina Grill. Além do novo endereço, houve também alterações nos serviços oferecidos. Na nova sede, o estabelecimento trabalha com buffet ao meio-dia e rodízio de pizzas aos sábados à noite. Em síntese, Italina Grill é uma empresa familiar, com mais de vinte anos de experiência no ramo de alimentação, sendo doze deles no atual endereço.

• Boone´s Bar

O Boone's Bar foi inaugurado em 29 de outubro de 1982. Os proprietários na época eram Moacir Gardelin, Paulo Gardelin e Celio Miotto.

Boone´s Bar. Foto: Arquivo da Divulgação.

No início, tinham a intenção de oferecer somente lanches rápidos e alguns petiscos, com bebidas em geral. A princípio, o bar foi projetado em um ambiente aberto, mas logo mudaram de ideia e optaram por um pequeno salão fechado, com lareira, sofás, bancos estofados e pequenas mesas; já na parte externa, ao ar livre, havia mesas e cadeiras plásticas.

Com o passar dos anos, a população de Tapejara aumentou, e sentiram que haveria necessidade de inovar e melhorar tanto no atendimento quanto no cardápio e no espaço reservado aos clientes. Atualmente, estão com todo o espaço físico fechado, tendo um ambiente tanto para o verão como para o inverno. Oferecem diversidade de cardápio, com várias opções em bebidas e pratos quentes.

Ainda surgiram outros restaurantes: *Requinte, San Genaro Boone´s Restaurante, Velho Casarão, Garrincha (atual Vô Garrincha), Mister X Dog, Italina Grill, Grilo Super Lanches, Big Burguer, Ribby's, Sorvetchê (atual Bisk8 Bar), Molen Bar, entre outros.*

OFICINAS MECÂNICAS

• Mecânica Tapejarense Ltda.

Os antecedentes da então Mecânica Tapejarense Ltda., revendedora autorizada dos veículos Volkswagen do Brasil, localizada na Rua do Comércio, 1.035, tiveram origem na então sociedade da família de Bortolo Mocelin, com uma oficina de máquinas de serrarias, caminhões e automóveis, na primeira metade da década de 1940. Entre os mecânicos, Vinicio de Linhares lembra: Waldemar Wachmann e Simon, mais conhecido por Genipapo.

Dois prédios ao fundo, da esquerda para a direita: Café Alvorada e Hotel do Comércio (prédio de João Albino Valentini). Chegada dos primeiros veículos da Linha VW para a agência de Tapejara, na década de 1970.
Foto: Arquivo de Mário José Felini e Gilberto Zanatta.

A firma foi sucedida pela então Mecânica Tapejarense Ltda., nos primeiros anos da década de 1950. Naquele tempo, teve como gerente e mecânico João Spagnol. A equipe era constituída pelos

mecânicos Bejamin Spagnol, Carlos Zanini, Beninho Canali, Faustino Marcolin, Vinicio Linhares, Edgar Bacega, Valério Favareto, Vergínio Borela, Teodosio Lovatto, Pedro Rodigheri e Batista Broch. Mais tarde, ingressaram Sérgio Rech e Lidio Dametto, Plinio Stafortti, Carlos Antônio Borela e outros.

De acordo com Vinicio Linhares, entre os caminhões que chegavam na oficina para conserto eram os de propriedade da família de Fioravante Cadore. Os seus filhos Luiz, Geraldo e José (Miro) Cadore possuíam caminhões da marca FNM (Fábrica Nacional de Motores). Eles faziam fretes transportando cereais e mercadorias para diversas localidades do território do Rio Grande do Sul e do Brasil. Ainda os caminhões de Virgilio Três e seus filhos Valdir e Gilberto; Zeferino Ari Gardelin, José Sandini Netto, Albano Rech, que transportavam a banha Rainha e o salame Imperador e demais derivados produzidos pelo então frigorifico São Paulo S/A para Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e outros. Também a frota de veículos de Teodoro Rech, proprietário da então Ervateira Rech, localizada no então Distrito de Água Santa, que produzia e comercializava erva-mate.

Nos últimos anos da década de 1960, a empresa sofreu ampla mudança. Alguns dos primeiros mecânicos e a gerência saíram da empresa e instalaram suas próprias oficinas mecânicas; outros passaram à compra, troca e venda de veículos usados em diferentes pontos do território do perímetro urbano da cidade.

A direção então passou para as mãos da família de Vergínio Borela e filhos, Carlos, Claudio, Camilo, Cleonice e Clovis, que conseguiu transformar o estabelecimento em revenda autorizada dos veículos da linha Volkswagen do Brasil.

Vinicio Linhares, mecânico especialista, então chefe da oficina, permaneceu na empresa; lembra que o primeiro curso realizou em Porto Alegre no primeiro ano da década de 1970. Ele recorda: "Lá conheci e aprendi a lidar com a mecânica dos fuscas 1200 e 1300; quando voltei para Tapejara, com os ensinamentos aprendidos, consegui dar conta dos serviços que apareciam na oficina".

Ele também contou que os primeiros veículos que a revenda recebeu foram três VW, vendidos para Frederico Teodoro Nelhs, então revendedor autorizado dos produtos do Laboratório Catarinense. Em seguida, chegaram três camionetes Kombi, duas adquiridas por Américo Ferreira da Silva e uma por João Amaro Pietrobon.

Por volta da década de 2002, a VW do Brasil fechou várias agências concessionárias em diversos pontos do território do Brasil. Na região fecharam a agência da Mecânica Tapejarense. Diante disso, a sociedade que constituía a Mecânica Tapejarense era desfeita e seus sócios tomaram diferentes rumos.

Durante a trajetória da então Mecânica Tapejarense, desde os seus primórdios, as suas mudanças até o fechamento de suas portas em 2002, vários torneiros, ferreiros, mecânicos, chapeadores, recepcionistas e demais funcionários passaram pelo estabelecimento. O que resta hoje é o prédio de alvenaria localizado na Rua do Comércio, 1.035, assentado a certa altura às margens do Arroio Caramirim, que serpenteia a zona central de Tapejara.

• Irmãos Felini Cia. Ltda.

Os antecedentes contam que, entre as primeiras oficinas mecânicas para conserto de caminhonetes, caminhões e automóveis estabelecidas na então Vila Teixeira, pertenciam às famílias de Bortolo Mocelin, Barbone e João Casa.

Mais tarde, na Vila Tapejara foram instaladas algumas oficinas para dar conta da demanda de consertos dos veículos existentes naquele tempo. Os antecedentes dos serviços de mecânica de autos e caminhões dos Irmãos Felini Cia. Ltda. surgiu de sociedade formada por Armando Menegaz Felini, Claudio

Felini, Antônio Menegaz Felini e Hugo José Damin, no então Distrito de Tapejara, em 16 de outubro de 1954.

A mecânica foi instalada pelos seus sócios no então prédio de alvenaria que abrigava a ferraria de José Zanini. O prédio estava na atual Rua XV de Novembro, nos fundos do atual Posto Kaninha, centro da cidade de Tapejara.

A oficina mecânica permaneceu naquele prédio por curto tempo. Foi transferida para um barracão de madeira assentado ao lado do então Posto Esso de Domingos Busatto e do outro, o prédio do então Hotel Aurora, de Taudelino Antunes de Quadros. O prédio foi construído sobre terreno alugado pela sociedade de propriedade de Domingos Busatto.

Naquele tempo, as peças de reposição para autos e caminhões eram adquiridas pela sociedade das firmas Longhi & Longhi, Rolamentos, Auto Esporte, Amortecedores, estabelecidas na praça de Passo Fundo; União de Ferros S/A, Parafusos, Roscas, Comercial Luce, peças em geral, de Porto Alegre.

Durante a década de 1950, os proprietários de serrarias levavam seus caminhões, quando necessário, ou para manutenção na mecânica dos Irmãos Felini.

Instalações da oficina mecânica anexa ao Auto Posto Tapejara, na década de 1970. Foto: Arquivo de Mário José Felini.

Novo prédio da Mecânica de Claudio Felini e Irmãos Ltda., na Av. Sete de Setembro, na década de 1970. Foto: Arquivo de Mário José Felini.

Instalações da oficina mecânica anexa ao Auto Posto Tapejara, na década de 1970. Foto: Arquivo de Mário José Felini.

Em meados do ano de 1961, as instalações da mecânica de Irmãos Felini & Cia. Ltda. foram transferidas para o prédio de alvenaria do Auto Posto Tapejara, assentado na Avenida Sete de Setembro, esquina com a Rua XV de Novembro. Nessa época, a partir de meados de 1965, a sociedade passou a denominar-se Claudio Felini & Irmãos, até 31 de dezembro de 1975. Mário José Felini conta: "A partir da instalação da oficina numa das peças do prédio do Auto Posto Tapejara, diversificamos a oferta de serviços e aumentamos o número de funcionários. Organizamos os serviços em setores: mecânica, chapeação, vendas de peças e acessórios e o administrativo."

Os serviços de mecânica estavam ao encargo de Claudio Felini, Ivo Gastone Felini, Armando Felini, Antônio Felini, Antônio Rodigheri, Sebastião Pereira Vieira, Delvo Giacomin, Nestor Lissoni, Milton Felini, Gilberto Felini, Roberto Luiz Felini, entre outros. O setor de chapeação contava com Juarez Távola Brandão, Batista Broch, Plinio Stafforti, Eugênio Rech, Dorvalino Rodigheri, Itamar José Broch, entre outros. O serviço de eletricidade estava sob a responsabilidade de Sebastião Ferreira Bueno, mais conhecido pelo apelido de Cigano. Por sua vez, o setor de venda de peças e acessórios e o administrativo estiveram a cargo de Mário José Felini e Rita Felini.

Em 28 de novembro de 1989, a sociedade foi reconstituída sob a denominação de Auto Mecânica

Felini Ltda. Passaram a ser sócios: Mário José Felini, Roberto Luiz Felini, Maria Helena Felini, Rita Felini Borella e Ivone Maria Moro.

Em meados de 1992, a sociedade foi dissolvida. Surgiram as seguintes firmas: Felini Autopeças, de propriedade de Mário José Felini, instalada numa peça do prédio de alvenaria da antiga sociedade, localizado na Avenida Sete de Setembro, 710, e a BM Acessórios, de Rita Felini Borella, instalada numa peça do mesmo prédio, situado no número 720. Além disso, ao lado do prédio, Roberto Luiz Felini instalou o comércio de compra, venda e troca de veículos novos e usados, denominado de Gigio Automóveis.

• Mecânica Agrícola Spagnol

A empresa de João Spagnol e Mauro Spagnol surgiu com a então dissolução da sociedade da outrora Mecânica Tapejarense Ltda., da qual João era sócio e por ela recebeu parte do terreno de onde hoje está localizada a Mecânica Agrícola Spagnol, na Avenida Dom Pedro II, 120, na saída para Ibiaçá.

Mecânica Agrícola Spagnol. Foto: Arquivo da Divulgação.

A Mecânica Agrícola Spagnol começou suas atividades num barracão de madeira assentado na saída da cidade para Ibiaçá, em meados da primeira metade da década de 1970. Naquele tempo, exerciam as atividades no estabelecimento os sócios fundadores João, seu filho Mauro e dois auxiliares. A partir de meados de 1976, ingressou no estabelecimento Enilde Melara Spagnol, esposa de Mauro.

Meia década depois, houve a necessidade de comprar mais uma parte do terreno, pois os clientes aumentaram e fazia-se necessário um espaço físico maior, com melhores condições para o trabalho. Como não conseguiram financiamento para a construção nos bancos de Tapejara, foram até Getúlio Vargas, no Banco do Brasil, e financiaram a construção de uma parte do pavilhão, onde hoje está localizada a oficina.

No ano de 1998, vieram falecer os sócios fundadores João, no dia 1º de março, e Mauro, no dia 6 de dezembro. Dispostos a dar continuidade ao trabalho, Enilde Melara Spagnol e seu filho Tiago Spagnol compraram a parte de João e João Carlos, e desde então, continuam ampliando e inovando a oficina.

Enilde comentou: "Acredita-se que grandes negócios só são realizados por homens, mas como mulher, não tive medo de assumir o compromisso de nova proprietária de uma empresa, da qual 99% dos clientes são homens, pois já trabalhava com o Mauro há mais de vinte anos e era conhecida e respeitada pelos nossos clientes".

• Oficina Mecânica Dalri

A Oficina Mecânica Dalri foi fundada em 21 de março 1990, pelo proprietário Valdecir Luis Dalri. Está localizada na Rua Osório da Silveira, 705, no centro. A empresa iniciou com prestação de serviços e, hoje, além de revenda, fabrica alguns produtos e atende a região norte do Estado em sistemas de irrigação. Atualmente conta com vinte

Antigo prédio da Mecânica Dalri.
Fonte: Arquivo de Marli Zotti Dalri.

funcionários.

No decorrer do tempo surgiram em diversos pontos da cidade de Tapejara inúmeros estabelecimentos prestadores de serviços, assistência mecânica e pintura de veículos automotivos, entre os quais: Mecânica Irmãos Marcolin; Mecânica Marcolin; Mecânica Mulcar; Mecânica Roda Car Felini; Mecânica Rodigheri; Mecânica Sacon e Dametto; Paulo Motos; RV Motos; Antônio Rodigueri; Maninho Motos, Auto Center ABS; Corrêa & Corrêa; Mecânica Agrícola Zepel Ltda.; Mecânica Broch; Mecânica Lângaro; Milton Felini; Orildo Conte; Mecânica do Vani; Mecânica André Car; Mecânica Rondon; Mecânica Rech; Mecânica TCR; Mecânica do Bigode; Mecânica Malb-Borella; Mecânica Novo Torq; Mecânica Grigollo; Mecânica Olibone; Mecânica do Figueiroa; Mecânica do Seco; Mecânica Cirocar; entre outras.

OFICINA DE MÁQUINAS E BICICLETAS

• Casa das Máquinas de Domingos Girardi

A Oficina de Domingos Girardi vendia peças de bicicletas e realizava consertos de bicicletas, máquinas de costura e de espingardas. Iniciou as atividades em 1956, na Rua do Comércio, 1.241. No estabelecimento trabalhavam Domingos Girardi e Félix Carlotto.

Funcionário da Casa das Máquinas Pedro Laguião.
Fonte: Arquivo de Pedro Laguião.

Em 1967, no mesmo local, construíram um novo prédio de alvenaria, onde passou a ser a moradia de Domingos no andar superior e nos fundos do térreo a oficina passou a ser denominada de Casa das Máquinas. Trabalhavam com as marcas: Longlice, Minerva, Axel, Crosleis, Philips, Vigorelli, Singer e Shopping das Bicicletas. Também vendiam triciclos da marca Caloi e aparelhos para academia, como esteiras, bicicletas ergométricas, entre outros.

Com o passar do tempo, trabalharam na oficina a esposa Iracilda Fossatti Girardi, os filhos Luiz Arcangelo, Maricilda, Josué Girardi e o funcionário Pedro Laguião, este último ainda permanecendo na função de consertos de bicicletas e máquinas usadas e com venda.

ESTABELECIMENTOS DE CRÉDITO

• Banco Sulbrasileiro S/A – Sulbanco

Em 1948, iniciaram as tratativas para a instalação do escritório jurisdicionado à agência de Passo Fundo, sob a denominação de Banco Industrial e Comercial do Sul S/A – Sulbanco, em instalações provisórias na Rua do Comércio, tendo como responsável, naquela data, Leopoldo Muxfeldt.

Em pouco tempo, foi instalado em anexo da residência de Leopoldo o primeiro estabelecimento bancário na Vila Tapejara. Para desenvolver as atividades do escritório, foi designado pela direção regional, com o apoio da comunidade local, Leopoldo Muxfeldt.

Conforme conta a sua filha, professora Esmeralda Muxfeldt Bianchin: "Após as tratativas com o Banco Industrial e Comercial do Sul S/A, Sulbanco, decidiu-se abrir sua representação em Vila Teixeira; pela larga experiência profissional, Leopoldo foi indicado por pessoas da comunidade para assumir o posto

avançado e foi aceito pelo gerente do Banco de Passo Fundo, Lauro Kopper. Passou a ser o primeiro estabelecimento bancário em nossa cidade, mudando posteriormente a denominação para Sul Brasileiro S/A e depois Meridional, que aqui funcionou até poucos anos. Assim, Leopoldo foi o primeiro bancário de Tapejara."

Primeiro prédio sede de agência bancária de Tapejara em 1953. Foto: Arquivo Público do RS – Ricardo Giusti. Hoje Edifício Lafayette, na Rua do Comércio.

A instalação do estabelecimento deu-se em 12 de julho de 1950, em uma sala ao lado de onde funcionava a Casa Comercial de Leopoldo que, com esta nova atividade, fechou o seu estabelecimento comercial. Único funcionário na repartição bancária, era auxiliado por sua esposa, Rosa, que muitas vezes, vestindo roupas mais simples e disfarçada de vendedora, transportava elevados valores para Passo Fundo e vice-versa, muitas vezes entre hortaliças, pacotes de doces e outros disfarces, sem que alguém desconfiasse.

Registra-se que o primeiro depósito foi efetuado por Giácomo Marin, que abriu a primeira caderneta, no valor de cinquenta contos de réis. Os fiadores para a abertura do Escritório Bancário foram Giácomo Marin, Lourenço José Dall'Olivo e Affonso Muxfeldt.

Em 1953, Leopoldo transferiu as instalações do escritório bancário à sua nova casa de alvenaria, construída ao lado da antiga, onde alugou para o Sul Banco uma peça para o seu funcionamento. Leopoldo ficou no cargo até 23 de março de 1961, quando se afastou das atividades por motivo de saúde.

A instalação do escritório do Banco Industrial e Comercial do Sul, Sulbanco, facilitou os negócios das atividades comerciais, industriais e agrícolas.

No início do ano de 1960, foi novamente transferido para a Rua do Comércio, 796, já que o prédio não comportava o fluxo do movimento. Mudou também sua administração, ficando a cargo de Ezevir da Silva.

No dia 20 de dezembro de 1962, estava a cargo da administração do escritório Domingos Secco, que não mediu esforços para elevar o escritório à categoria de agência, já que por força de Lei não poderia mais existir. Em10 de outubro de 1967, foi realizada a instalação da agência do Banco Industrial e Comercial do Sul S/A – Sulbanco.

Devido ao grande movimento de pessoas, as instalações do banco não deram conta da demanda de atendimentos. Dessa forma, negociaram uma sala em um prédio na Rua do Comércio, 971, no início do ano de 1972.

Com o grande movimento e a pressão do governo federal de unir os bancos no País, no dia 2 de janeiro de 1973, o Sulbanco acabou cedendo e unindo-se a dois bancos gaúchos: Província e Banmércio, passando a denominar-se de Sulbrasileiro.

Operando em todos os ramos financeiros, seja na aplicação, captação, prestações de serviços, efetuando empréstimos à Indústria, ao comércio, a particulares e até mesmo atividades do Governo Municipal.

• Caixa Econômica Estadual e Banrisul

Além do Banco Sulbrasileiro S/A, que operava em todos os ramos financeiros, seja na aplicação, captação e prestação de serviços e empréstimos ao comércio, foi também instalada a agência da Caixa Econômica Estadual, em 31 de março de 1965. Entre os serviços que prestava: Crédito Rural, Créditos de Empréstimos de Prestações Fixas, obtidos geralmente por pequenos comerciantes que aplicavam em melhorias na sua atividade comercial.

A Caixa Econômica Estadual foi a segunda casa bancária a funcionar no Município. A agência foi instalada no térreo do prédio de Cícero Domingues, localizado na Rua do Comércio, ao lado do atual Cartório de Registro de Imóveis. Na inauguração contou com a presença das lideranças locais, como Vice-Prefeito Miguel Tabbal; representante do IBGE, Sady Stein; Alceu Basso; Diretora da Escola Fernando Borba, Catarina Borba; Gerente do Sul Banco, Domingos Secco, Padre Luiz Broetto, entre outros.

O primeiro gerente foi Darci Bordignon e os funcionários Aldino Guerino Langaro, Eunice Basso, José Odacir Carvalho, Dario Colin, Ramon Ferreira e Genésio Col Debella.

Posteriormente, a agência foi transferida para o térreo do prédio de Amante Caselani localizado na Rua do Comércio, 770. Teve como gerente Genésio Col Debella e os seguintes funcionários: Sérgio Zanini, Carlos Ferreira da Silva, Clarice Wolff Schmidt, Amélia Scariot Dametto, Roberto Luiz Mattia, Ivanir Secco, Hilário Zanatta, Vilmar Rombaldi, Vilmar Coronetti, Celso Augusto Domingues, Dorivan de Araújo, João Carlos Tres, Anita Muxfeldt, Olinda Souza, Ivaniza Basso Reis, Neiva Becker Vieira, Breno Sabedot, Fátima Cauduro Girardello, Ivo Comiran, Marilice Ferreira da Silva, Adalgir Carlos Scuro, Zenair Maria Sebben, Jussara Langaro Cadore, Jussara Garcia Bertão, Terezinha Juçara Haeser, Eliane Poletto Coser, Serenita Maria Póggio, Itacir José Spanhol, José Américo Ferreira da Silva, Ramir Luiz Zanatta, Lorimar Fontana Dametto e Marildes de Quadros.

Solenidade de inauguração, em 1965. Foto: Arquivo de Breno Sabedot.

Em seguida, no dia 9 de agosto de 1982, foi transferida para o atual prédio do Banrisul, na Rua Independência. As ações da Caixa Econômica Estadual voltaram–se ao atendimento através de linhas de crédito, especialmente ao crédito pessoal e agrícola, no depósito corrente e na garantia e remuneração de poupança popular, denominada "Galinha dos Ovos de Ouro", além de efetuar cobranças diversas. Suas atividades encerraram em maio de 1995, porém em Tapejara permaneceu até 1997, tendo em vista a extinção da Caixa Econômica Estadual pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, no governo de Antônio Brito, e a transferência de serviços para o Banco do Estado do Rio Grande do Sul – Banrisul.

Segunda Agência, em 1982. Foto: Arquivo de Breno Sabedot.

• Banrisul

A agência do Banrisul foi inaugurada no dia 21 de fevereiro de 1983. O Gerente-Geral da época foi o Sr. Pedro João Chiappin. Demais funcionários que trabalharam no ano da inauguração: Luiz Ramão Camera; Valdocir Luiz de Oliveira, Moacir José Salvador, Nivio A. Castellano, Jorge Luiz Borges, José Luiz Costa, José Luiz Scartazzini e Manoel Elias Fernandes. Inicialmente, a agência foi

Sede da agência do Banrisul. Foto: Arquivo da Divulgação.

instalada e funcionou no prédio situado na Av. Sete de Setembro, 1.370, prestando os seguintes serviços: abertura de contas-correntes, recebimentos diversos, empréstimos e financiamentos. Posteriormente, em meados de novembro do ano de 1998, a agência foi transferida para o prédio na Rua Independência, 608, centro, onde permanece até os dias de hoje.

Desde a sua instalação desempenharam a função de gerentes: Pedro João Chiappin; Vicente Pacholski; Normélio Carra; Flávio Bressiani; Delvo Francisco Bombassaro; Omiro Forest Baggio; Vitor Hugo Scartazzini; Luiz Carlos Antunes da Rosa; Aguinaldo Rehfeld; Joeci Tadeu Bedin Silva; Marco Antônio Schneider Arsego; e Carlos Miguel de Sousa Betencourt.

O atual quadro funcional é o seguinte: Carlos Alberto Pereira Vianna; Carlos Miguel de Sousa Betencourt; Caciana Rodrigues Vieira; Carine Dongenski; Cezar Augusto Silveira Possa; Charlene Fiorini da Silva; Diego Pinheiro; Evandro Pozer; Idelcio Slongo; Inedir Barbieri; Inês Siteneski; Jean Peterson Valandro Machado; Laura Tortini Sachser; Luciano Paulo Marcon; Marindia Favaretto; Paulo Renato Maciel Longaray; Renata Ligia Sager Thibes; Terezinha Margarida Tonial Silveira; e Vinícius Salami Michielin.

• Banco do Brasil S/A

Os primeiros contatos junto à 7ª Diretoria Regional do Banco do Brasil de Passo Fundo visando à instalação de uma agência no Município de Tapejara ocorreram no final dos anos 60. Os serviços prestados pelo estabelecimento, assistência agrícola, agropecuária no desenvolvimento e fomento ao comércio e a indústria do Município ocorriam nas agências localizadas nos Municípios de Getúlio Vargas, Passo Fundo e Lagoa Vermelha.

Em 1973, assumiram a Administração Municipal o Prefeito Aldino Guerino Lângaro e o vice Ardulino Lângaro. Durante a campanha eleitoral assumiram o compromisso de trazer o Banco do Brasil para o Município. Dessa forma, intensificaram esforços para implementar a agência e iniciaram as obras do prédio para sediar o estabelecimento. A obra foi inaugurada na administração pública seguinte, constituída pelo Prefeito José Maria Vigo da Silveira e pelo vice Johnny Dorval Zoppaz.

Inauguração do Banco do Brasil, em 1977.
Foto: Arquivo do Banco do Brasil.

A agência do Banco do Brasil S.A. de Tapejara foi criada por decisão da Diretoria do Banco, em Brasília (DF), conforme ata da sessão realizada em 23 de dezembro de 1974. Foi inaugurada no dia 21 de maio de 1977 e contou com a presença de Daniel Agostinho Faraco, Diretor da 7ª Diretoria Regional, Alcides Benetti Covolo, Gerente de Operações e demais autoridades locais e regionais. No dia 23 de maio de 1977, foram iniciadas as atividades do estabelecimento bancário.

Os pioneiros foram Reni Carlos Bergamo, gerente, e Celso Papp, gerente adjunto, com o auxílio de quinze funcionários, sendo dois de carreira de apoio de Tapejara, Roberto Stein e Joel Mânica.

Sede atual do Banco do Brasil. Foto: Arquivo da Divulgação.

As primeiras ações do Banco foram, além da assistência à agropecuária, atendimento e fomento ao comércio e à indústria, ademais a prestação de serviços à comunidade, tais como: recebimento de títulos, contas de luz e água, impostos em geral,

contribuições previdenciárias e outras.

Em 09 de outubro de 1997, o Poder Público Municipal fechou parceria entre o Município e a Fundação do Banco do Brasil que resultou na criação do Programa AABB Comunidade, iniciativa de cunho educativo e social voltada para o crescimento, desenvolvimento e evolução de crianças e adolescentes da cidade. Esse programa é renovado anualmente, e funciona até os dias de hoje.

• Caixa Econômica Federal (CEF)

A Caixa Econômica Federal (CEF) foi inaugurada no Município de Tapejara em 22 de outubro de 1982. Estava localizada na Avenida Sete de Setembro, 1.065, onde hoje está a Loja Triunfante. As primeiras contas abertas foram para o então Prefeito José Maria Vigo da Silveira e o Vice-Prefeito Jonny Dorval Zoppas. Na época, trabalhava como gerente Hilton Brust, subgerente Paulo Roberto Scherer, dois caixas, Maria e Acioli, e dois estagiários, Maria e Neri. O motivo da instalação no Município foi uma estratégia, em nível federal, para expandir a agência em diversos locais da região, sendo que Tapejara foi comtemplada.

Antigas instalações da Caixa Econômica Federal, na Av. Sete de Setembro, onde hoje está a Girardi Auto Peças.
Foto: Arquivo da Divulgação.

Inauguração das novas instalações da CEF.
Fonte: Arquivo da CEF.

O subgerente da época, Paulo Roberto Scherer, contou que, antigamente, existia a então Cooperativa Tritícola Passo Fundo (Coopasso) em Tapejara e no último dia do mês ele e o gerente dirigiam-se um para Vila Lângaro e outro para Charrua para pegar os depósitos da Coopasso. Recolhiam o dinheiro, autenticavam até a meia noite e de madrugada levavam para Passo Fundo.

Outro gerente foi Valmor Scariot, que contou que em 1987 a agência estava para fechar. A equipe de Tapejara mobilizou-se e mandaram um fonograma aos parlamentares. Dias depois ligaram dizendo que a agência iria permanecer aberta.

Em 1991, a sede da agência foi transferida para o número 1.011 da mesma Avenida Sete de Setembro, onde hoje está a empresa Girardi Auto Peças. O motivo foram os constantes alagamentos que aconteciam.

Em 2011, a agência mudou novamente de endereço, transferindo para o local onde está atualmente, na Rua do Comércio, 990. O local ficou mais espaçoso, com amplas salas e conta com vinte e cinco funcionários.

Gerentes:

1. Hilton Brust..... 1982 a 1985
2. Roger Reges Ross ..... 1985 a 1987
3. Ironi ..... 1987 a 1988
4. Paulo Roberto Scherer..... 1988 a 1991
5. Luiz Guilherme Farias Brum..... 1991 a 1994
6. Luiz Spiller..... 1994 a 1995

7. Fernando Rigotti ..... 1995 a 08/1996
8. Estelamar Rovani..... 09/1996 a 04/1997
9. Julmar Pedro Kubiak ..... 05/1997 a 12/1999
10. Miguel Angel Gonzales Morais ..... 01/2000 a 06/2001
11. Julio Cesar Balvedi ..... 07/2001 a 03/2004
12. Danilo Kujava ..... 04/2004 a 10/2006
13. Leandro Lazzarotto ..... 10/2006 a 12/2007
14. Airton Jose Echer..... 01/2008 a 11/2008
15. Menachem Sevi Rudnitzk..... 12/2008 a 08/2009
16. Nelson Tonon ..... 08/2009 a 05/2010
17. Luiz Fernando Lindner ..... 05/2010 a 12/2011
18. Luciano Vargas Gai ..... 01/2012 a 07/2013
19. Paulo Mauricio Formica ..... 07/2013 – até hoje

• Creditap

Em 6 de agosto de 1987, durante uma reunião da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), o então presidente Mário Antônio Maurina apresentou a sugestão que vinha sendo discutida com produtores rurais de criar uma Cooperativa de Crédito em Tapejara. A ideia foi compartilhada com o Presidente da Cooperativa Tapejarense Ltda. (Cotapel), Luiz Vergílio Gajardo.

Em 12 de novembro de 1987, a diretoria do STR discutiu novamente a ideia de formar uma cooperativa devido às dificuldades dos agricultores em acessar as linhas de Crédito através dos bancos. A Cooperativa de Crédito Rural de Tapejara Ltda. (Creditap) foi fundada em 27 de setembro de 1988. Surgiu com a finalidade de fomentar a produção rural, sua circulação e produtividade. Os fundadores foram: Luiz Vergílio Gajardo, Vildo Moisés Rovani, Lidio Marcon, Elso Scariot, Ivo Koch, Nilo Maurina (em memória), Delvo Denardi, Genésio Antonio Guerra, Artemio Domingos Zorzin, Noberto Dall'Olivo, Diniz Fontana, Dorival José Caldatto, Ivo Bortolini, Agenor Comparin, Umberto Bolsonello, Ernesto Rampon Gratieri, Angelo Rafael Comiran, Vicente Favaretto, Murilo Antonio Perera, Celso Zanatta, Ari Argenta e Mário Antônio Maurina.

O primeiro presidente foi Luiz Vergílio Gajardo. O primeiro diretor Administrativo foi Vildo Moisés Rovani (em memória) e Diretor de Crédito, Lídio Marcon. Os primeiros associados foram de Água Santa, Charrua, Tapejara e Vila Lângaro.

A Creditap iniciou seus trabalhos junto à Cooperativa Tapejarense Ltda. (Cotapel) com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara. O capital social inicial, formado com a contribuição dos sócios fundadores foi de CZ$ 22.000,00 (vinte e dois mil cruzados), sendo integralizados CZ$ 11.000,00 (onze mil cruzados no ato da associação). Os membros da diretoria não recebiam remuneração.

A maneira de atender os associados foi o grande diferencial. Na época, os agricultores não tinham facilidade para conversar com o gerente de um banco. A cooperativa, com seu jeito simples de se comunicar com os produtores rurais, conquistava cada vez mais cooperados.

Na época, somente os agricultores poderiam associar-se. Os primeiros serviços eram de conta-corrente e talões de cheques. Os financiamentos eram raros, porque os recursos captados eram poucos. Os dois primeiros convênios firmados pela Creditap aconteceram no dia 6 março de 1989; um com o Banco Nacional Cooperativo/Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul, objetivando participar do sistema de compensação específica, cobrança, através do Banco Nacional Cooperativo, estabelecido

na praça de Passo Fundo; e o outro para operar com Poupança Verde – Sistema Cooperativo do Banco Nacional de Cooperativismo. Também firmou convênio com a empresa de malote no trajeto de Passo Fundo-Tapejara e Tapejara-Passo Fundo.

Primeira sede da Creditap. Foto: Arquivo do Sicredi.

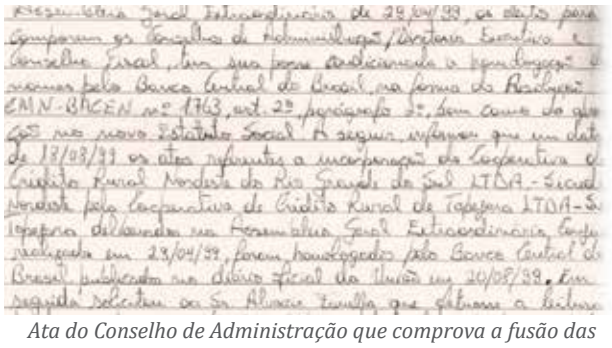
Em 6 de junho de 1990, a Creditap iniciou os trabalhos em Charrua, através de um posto avançado, com sede junto ao prédio da Coagril, onde atendeu seus associados até a inauguração de uma unidade de atendimento.

A segunda diretoria eleita foi no dia 15 de julho de 1992 e ficou assim constituída: Presidente, Lídio Marcon; Diretor Administrativo, Luiz Vergílio Gajardo; Diretor de Crédito Rural, Mário Antônio Maurina; Conselheiros de Administração: Elso Scariot, Ivo Koch, Dorival José Caldatto, Andreas Alfredo Hauck, Ivalino Brambatti e José Comiran.

A expansão da Creditap aconteceu, a partir de 1992, quando começou a realizar o pagamento a todos os avicultores da Frangosul e da Perdigão. Em 1993, foi decidido abrir um Posto de Atendimento Cooperativo (PAC) em Água Santa. Em 1995 promoveu diversas reuniões, cursos e campanhas para captar novos associados. Em 5 de maio de 1995, constatou-se crescimento no volume de negócios, aumento de associados, crescimento nas aplicações, capital social, depósitos à vista e empréstimos.

O primeiro imóvel para a instalação da unidade de atendimento foi adquirido em 1998, de Valdemar Vilibaldo Lamb, na Rua do Comércio, onde está atualmente o Sicredi. Em 19 de junho de 1998, os conselhos administrativos das cooperativas Credisana de Sananduva e da Creditap discutiram sobre a fusão entre Sicredi Tapejara e Sicredi Sananduva. A decisão foi tomada em 29 abril de 1999, quando os associados aprovaram em assembleia a fusão entre as cooperativas. Em 18 de agosto de 1999, os atos referentes à fusão foram homologados com o Banco Central do Brasil.

• Sicredi Altos da Serra


Ata do Conselho de Administração que comprova a fusão das cooperativas. Foto: Arquivo do Sicredi.

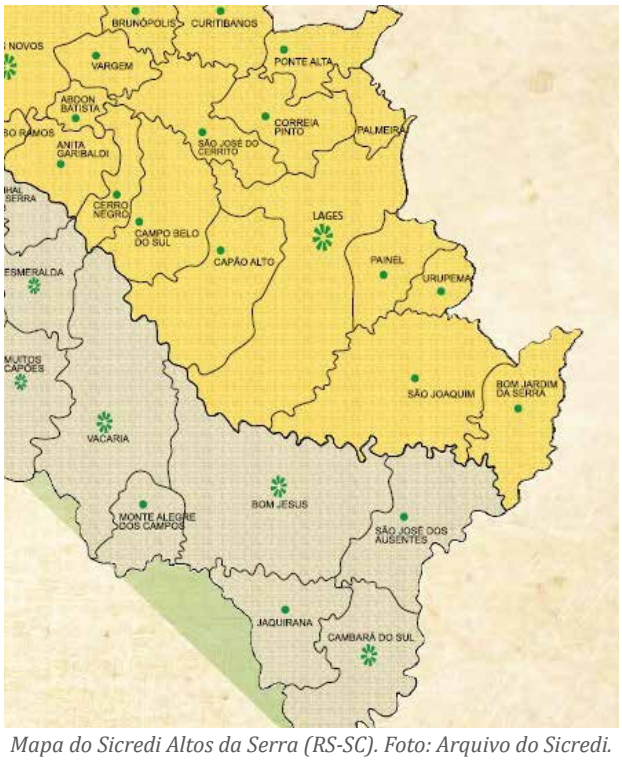
Padre Valter Valentim Baggio recebendo homenagem do Presidente do Sicredi, Mário Antônio Maurina. Foto: Arquivo do Sicredi.

A Cooperativa passou a se chamar Cooperativa de Crédito Rural Altos da Serra (Sicredi Altos da Serra), tendo o foro jurídico em Sananduva, RS. Em 2003, aconteceu uma assembleia para uma mudança no Estatuto Social.

A partir dessa data o nome passou para Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Altos da Serra. Com isso, resultou em um aumento do volume de negócios e associados. Em 2004, novas linhas de serviço foram abertas, entre as quais: Caderneta de Poupança e Investimentos.

Solenidade de inauguração da Unidade do Bairro São Paulo Tapejara em 21 de maio de 2012. Da esquerda Superintendente Regional, Paulo da Rosa e o Presidente Mário Antônio Maurina e a direita o Prefeito Municipal Seger Menegaz e a gerente Luci Ana Pagnussat. Fonte: Divulgação.

A partir de 1999, além das agências existentes, iniciou-se um processo de abertura de novas unidades de atendimento em toda a região. No Rio Grande do Sul, o Sicredi Região Altos da Serra conta com estruturas de atendimento instaladas nos Municípios de Tapejara, duas (1988, 2012), Sananduva, duas (1988, 2012), Charrua (1990), Água Santa (1993), São João da Urtiga (1994), Ibiaçá (1995), Santo Expedito do Sul (1995), São José do Ouro (1995), Tupanci do Sul, (1996), Vila Langaro (1997, 1997), Paim Filho (1997), Esmeralda (1999), Vacaria, duas (2000, 2008), Barracão (2001), Santa Cecília do Sul (2003), Cambará do Sul (2004), Muitos Capões (2004), Machadinho (2005), Bom Jesus (2007), Cacique Doble (2007), Campos Novos (2008), Lages, duas (2009, 2011). A unidade do Bairro São Paulo, em Tapejara, foi inaugurada em 21 de maio de 2012. Atualmente, conta com 55.819 associados e 236 colaboradores.



Mapa do Sicredi Altos da Serra (RS-SC). Foto: Arquivo do Sicredi.

• Bradesco

Tapejara também conta com o Banco Bradesco, que está localizado na Avenida Sete de Setembro, 889, Centro.

ESCRITÓRIOS DE CONTABILIDADE

Os antecedentes dos serviços de contabilidade foram executados nos primórdios por guarda-livros, numa peça de cada estabelecimento de negócio. Mais tarde, por contabilistas, em escritórios de contabilidade.

Os primeiros contabilistas dos escritórios de contabilidade da região tiveram sua formação no decorrer dos anos de 1929 e 1930, quando foram abertos dois cursos comerciais: Guarda-Livros e Propedêutico. Em meados de 1936, os dois cursos foram aglutinados no Curso Técnico de Contabilidade, no Colégio Conceição, de Passo Fundo.

O Curso Técnico de Contabilidade correspondia ao ensino médio, com a vantagem de, ao receber o diploma, ter o direito de exercer a profissão. Isso representou uma oportunidade de ascensão social e econômica, pela acessibilidade aos ensinamentos.

Para Ângelo Rombaldi Mânica foi possível adquirir os conhecimentos necessários para exercer a profissão através do Curso Técnico de Contabilidade no Colégio Marista Conceição, de Passo Fundo. Ele ingressou no estabelecimento de ensino Técnico em meados de 1948 e concluiu-o no final de 1952.

De acordo com Ângelo, durante o curso de Contabilidade conseguiu trabalho de meio turno no escritório da então Casa Comercial da Associação de Defesa Ativa Colonial, em Passo Fundo. Ele conta: "Um turno do dia estudava e outro era no escritório da Casa Comercial, na função de auxiliar no escritório; o chefe era o Contador Vírgilio Alves Moreira".

Ele lembra que trabalhou dois anos no escritório. No início, morava com seus tios e depois numa pensão localizada perto do colégio e do trabalho. Passou a pagar 450 contos de réis por mês, enquanto ganhava 200 contos de réis. A diferença da despesa era coberta com os recursos financeiros de sua família, residente no então Distrito de Tapejara.

Concluído o Curso de Contabilidade, voltou à sede do então Distrito de Tapejara. Em seguida, foi convidado para colocar em dia a escrita contábil da então Casa Comercial de Busatto & Sitta & Cia. Ltda., que tinha como gerentes Domingos Busatto e Pedro Sitta. Permaneceu no estabelecimento até meados de 1960, quando passou o serviço para Rosalino Menegaz.

Em seguida, Ângelo começou a trabalhar de contabilista no escritório da casa comercial de Antônio Poletto & Cia. Ltda., onde permaneceu até o final de 1965. A partir de então, passou a desenvolver suas atividades numa sala, no prédio da então Loja Renner, atual Edifício Meridional, até meados de 1970.

Em meados de 1970, colocou em funcionamento o seu escritório, num prédio de alvenaria anexo a sua residência, na então Rua 11 de Junho, atual Rua Ângelo Dalzotto. O escritório passou a prestar serviços de contabilidade e de despachante de serviços burocráticos para algumas empresas aqui instaladas, para a população em geral e o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS).

Basicamente, os serviços resumiam-se às escritas contábeis, ao controle de empregados, ao pagamento de guias às Fazendas Estadual e Federal, à elaboração de contratos e outros. Passaram pelo escritório José Rombaldi Mânica, Vilmar Rombaldi, Liane Favaretto, Angelo Mânica, Fátima Mânica, Segundino e Zulmir Três e outros. Em meados de 1980, assumiu o escritório seu filho Agnelo Mânica, que segue até hoje.

Os primeiros serviços de contabilidade eram executados e designados a um membro da família do estabelecimento para executar o registro das entradas e saídas cotidianas das mercadorias e do dinheiro. Mas, na medida em que as atividades e os ramos dos negócios começaram a se diversificar e ampliar, foi necessário contratar uma pessoa, conhecida naquele tempo por guarda-livros, para dar conta dessa

tarefa.

Os primeiros conhecidos guarda-livros que operaram na então Vila Teixeira foram Tranquilo Basso, que chegou em meados da década de 1940, procedente de Getúlio Vargas, e passou a exercer o ofício na casa comercial de Ughini & Bertoldo Cia. Ltda., e Talito Mendonça, que desempenhou suas atividades no Hospital Santo Antônio.

Mais tarde, com a mudança de guarda-livros para técnico de contabilidade, esses profissionais vieram a exercer a função nos diversos estabelecimentos do comércio, da indústria e, posteriormente, em escritórios próprios, entre eles: Ângelo Rombaldi Mânica, Mário Atilio Marin, João Cadore, Júlio Debastiani, Amus Martinelli, Aldino Guerino Langaro, Euclides Bertoglio, Rogério Liska, Luiz Costa, José Carlos Costa, entre outros.

Também exerceram a profissão de contabilistas na firma Ughini: Alceu Basso, formado na Escola de Contabilidade Conceição, de Passo Fundo, Gilberto Zanatta e Santina Zanini, isso por mais de três décadas, sendo os dois últimos egressos da turma dos primeiros formandos da então Escola Técnica de Contabilidade de Tapejara.

• Escritório Contábil e Fiscal

O Escritório Contábil e Fiscal iniciou suas atividades em março de 1956, em uma pequena construção localizada ao lado do Supermercado Central, com os proprietários Alceu Basso e Mario A. Marin. Posteriormente, transferiu-se para uma sala no antigo Bolão, localizada na Rua XV de Novembro, no meio da Av. Sete de Setembro. Mais tarde, mudou-se para uma sala do prédio onde se localiza o atual estacionamento público, ao lado do Supermercado Dalzotto, e depois para uma sala do Edifício Zanatta, situado na esquina das ruas Independência e Rua do Comércio.

Depois de dois ou três anos nesse local, seus proprietários resolveram dividir a sociedade, passando Alceu Basso a atuar na área de Advocacia e Mario A. Marin na área contábil. Nesse endereço atuou em sociedade com João Cadore por um período de dezoito anos. Desfeita a sociedade, Mário transferiu-se para uma nova sala na Av. Sete de Setembro, no prédio Av. Center, 924, onde continuou suas atividades até o ano de 2005, quando vendeu seu escritório à contadora Rosangela Barancelli, que já era sua sócia no escritório desde 2000.

• João Cadore

João Cadore iniciou seus trabalhos de contabilidade em 14 de abril de 1967, com o Alvará Municipal nº 2.684, expedido em 24 de agosto de 1967. Estabelecido na Rua do Comércio, 1059, juntamente com o Sr. Mário Atilio Marin, por um período de 18 anos, quando no ano de 1985 o escritório foi dividido.

A partir de 1985 passou a funcionar, por um pequeno período, numa sala do prédio da Marcali, também na Rua do Comércio, mudando-se a seguir à Galeria Canali, permanecendo até o ano de 1998.

No ano de 1998, com a aquisição de uma sala própria, mudou-se para a Rua do Comércio, 1358, Edifício Guilherme, onde funciona atualmente, com o apoio de oito colaboradores.

João, em 1966, foi convidado por Alceu Basso (em memória) para exercer a atividade de Professor de Contabilidade na então Sociedade Educacional Tapejarense, hoje Escola de Segundo Grau, o qual aceitou e exerceu a atividade por dez anos.

Enfim, exercendo a profissão de Contador há quarenta e oito anos, no ano de 2013, na cidade de Passo Fundo, foi reconhecido como Contador Destaque da Região do Planalto, com o recebimento do troféu Píndaro Annes, concedido pelo CRCRS e pelo Sindicato dos Contabilistas e Contadores de Passo Fundo.

• JDB Contabilidade De Bastiani e Advocacia De Bastiani

No dia 26 de maio de 2015, o escritório completou quarenta e nove anos de atividades contábeis e trinta e cinco anos no ramo de advocacia. Júlio De Bastiani chegou em Tapejara, ainda jovem, com vinte e um anos, recém-formado em Contabilidade, no dia 25 de maio de 1966, vindo de Erechim, onde trabalhava no escritório do Frigorífico Boavistense Ltda. Já no dia seguinte, 26 de maio, começou seu trabalho no escritório, iniciando as atividades com apenas oito empresas aqui de Tapejara.

Inicialmente, trabalhava Júlio e seu colega Ernesto Vitorio Zanini. Nos anos de 1967 a 1969, além do escritório em Tapejara, fazia a contabilidade manual da Cooperativa Mista Charrua Ltda. e da Área dos Índios do Posto Indígena Ligeiro, sendo que para fazer a contabilidade nesses dois locais fechava o escritório em Tapejara por pelo menos uma semana por mês.

Em seguida, como o trabalho estava aumentando, contratou sua primeira funcionária, que foi Lenir Maria De Bastiani, que até hoje ainda desenvolve as atividades de contabilista no escritório.

O local do escritório, inicialmente, era na Rua do Comércio, 1020. Mais adiante, mudou de local e se estabeleceu em sala no prédio ao lado, onde permaneceu por muitos anos, até, posteriormente, estabelecer-se no prédio acima desse, de propriedade de Nicola Corral Eredia, onde ficou por longos treze anos. Atravessando a Rua do Comércio, estabeleceu o escritório no prédio onde antigamente era a Câmara de Vereadores de Tapejara, ficando aí por mais oito anos. Mais adiante, mudou novamente de local, ao lado onde estava no início do escritório em 1966, tendo lá permanecido por mais oito anos, aproximadamente. E, a partir de março de 2005, com a aquisição de uma sala comercial, estabeleceu-se com o escritório na mesma Rua do Comércio, 993, Edifício Meridional.

No mês de julho de 1980, quando concluiu seu Curso de Direito, começou a trabalhar também na área da advocacia, sendo que a partir desse ano trabalhou nas duas áreas, ou seja, na contabilidade e na advocacia.

E, a partir dos anos setenta, com o crescimento da cidade de Tapejara, também o escritório cresceu nos seus serviços, obrigando a contratar mais funcionários, sendo que, atualmente, ao todo, trabalham no escritório de contabilidade mais nove colaboradores, além dos atuais proprietários Júlio e Salete De Bastiani e o filho Daniel De Bastiani, que, a partir de 2011, compõem a empresa JDB – Contabilidade De Bastiani Ltda., bem como, na parte de advocacia, como JDB – Advocacia De Bastiani, onde atuam os bacharéis Julio e Luis Gustavo De Bastiani, cujos nomes foram criados como marca para o escritório, sendo hoje mais conhecido por essa marca, não somente na cidade, mas em toda a região, onde atuam no ramo de contabilidade e advocacia.

Há muito tempo, desenvolvem atividades contábeis em diversas cidades, além de Tapejara, como Passo Fundo, Água Santa, Gentil, Charrua, Santa Cecília do Sul, Vila Lângaro e São Leopoldo, sendo que na área de advocacia atuam, também, em outras comarcas, além de Tapejara.

• Escritório Contalex

Os antecedentes do atual Escritório Contalex contam que em meados da metade do ano de 1972, Murilo Bee instalou seu próprio escritório de contabilidade, em uma sala comercial na Rua do Comércio, bem em frente da atual Praça Silvio Ughini. O nome escolhido na época foi Escritório Contábil Murilo Bee. A atividade era de contabilidade comercial, industrial, de serviços e contabilidade rural, declarações de renda, aposentadorias e outras. O tempo foi passando, os clientes foram aumentando e os funcionários qualificando-se na área de Ciências Contábeis. Mais tarde, entraram dois novos sócios,

também Bacharéis em Ciências Contábeis, seu filho César Eduardo e seu genro Marcelo Caetano Manente. Atualmente, o escritório, denominado de Contalex, está instalado no Edifício Avenida Center, na Avenida Sete de Setembro, esquina com a Rua XV de Novembro, e conta com vários colaboradores.

Escritórios Contábeis e contadores: Central, Costa, Competenza, JM, Cadore, Razão, Costela, Gescon, Contas, entre outros. Contadores: Ademir Comiran, Bruch e Brambatti, Carlos Neetzow, Rosangela Antonioli, Silvia Dalbosco Scariot, Marcos Zanini, Agnelo Manica, Almir Ficagna, André Ficagna, Marcos da Rosa, Aline K. Bruch, Sandra Brambatti, André Luis Pereira Maier, Antonio Ficagna, Itacir Bee, José Carlos Costa, Lari Miotto, Marcos Antonio Ferronato da Rosa, Jair Mulinai, Marcos Francisco Zanini, Rosangela Baranceli, Adriane Canali, Silvia Dalbosco Scariot, Bruno Schmidt, entre outros.

BORRACHARIAS E COMÉRCIO DE PNEUS

As borracharias são serviços de reparos, conserto e recapagem de pneus de veículos automotores, reboques e tratores, que foram executados no decurso do tempo em estabelecimentos situados em diversos pontos da cidade. Os primeiros pontos foram anexos às proximidades das abastecedoras de combustíveis: Esso, Shell, Atlantic, Ipiranga e mais tarde em outros locais. Os borracheiros que trabalharam no ramo foram: Luiz Girardello, José Carlos Girardello, José Vedana, Tadeu Costa, Valdecir Pedruci, Wilson Casamali e os manchoneiros Ademir Fernandes, Ernesto Picolotto, entre outros.

• Caja Pneus

A Caja Pneus teve origem na então Borracharia de Luiz Girardello, situada em um prédio nas proximidades da então Abastecedora de Combustíveis Cauduro, que havia iniciado suas atividades nos primeiros anos da década de 1970 e encerrado nos primeiros anos da segunda metade dessa época.

A partir de meados de 1977, o estabelecimento passou às mãos da família de Wilson João Bertoglio, que reestruturou o prédio, modernizou suas instalações e denominou o estabelecimento de Caja Pneus. O estabelecimento continua desenvolvendo suas atividades durante os dias da semana em horário comercial.

• Comércio de Pneus Tapejara Ltda.

Na primeira metade da década de 1970, Wilson Casamali e Hélio Casamali constituíram uma sociedade e juntos instalaram uma revenda de pneus da marca Fire Stone, em um prédio que, antigamente, serviu de depósito da então firma de Willy Frantz Nehls, localizada na Rua Independência, próximo da esquina com a Rua Júlio de Castilhos. O estabelecimento comercializava pneus de caminhões, automóveis e máquinas agrícolas. Permaneceu até o final da segunda metade da década de 1970, quando foi vendido à Copal, que mudou de endereço, instalando-se na Rua Independência, em frente à abastecedora de Combustível Cauduro.

• Copal

No dia 20 de maio de 1982, nascia no Município de Tapejara (RS) a empresa Copal – Comércio de Pneus e Acessórios Ltda., tendo por objetivo comercializar pneus e acessórios para veículos. A partir do ano de 1997, a empresa começou a importar pneus de países membros do Mercosul.

Foto: Arquivo da Copal

Hoje, importa pneus da marca FUNSA, do Uruguai.

No ano de 2010, foi criada a marca de pneus Copal, em uma parceria com a Funsa. No início do ano de 2015, a Copal Pneus firmou uma parceria com a Maggion Indústria de Pneus, tornando-se a representante dos pneus da marca Maggion para a região, comercializando pneus automotivos, agrícolas, industriais, fora de estrada e também câmaras de ar.

• Borilli Pneus

A empresa Borilli Pneus Ltda., fundada no ano de 1983, iniciou de uma ideia do sócio fundador Arlindo Borilli, conjuntamente com seu irmão Juscelino Borilli (em memória) e um amigo, Edson Sbeghen.

A microempresa iniciou suas atividades com três funcionários, dentre eles a esposa de Arlindo e respectivos sócios e produzia pneus de passeio, meia carga e carga. A média de produção mensal era de cinquenta pneus.

O terreno e o pequeno pavilhão eram alugados, com endereço na Avenida Sete de Setembro, no centro da cidade. Ao passar dos anos a necessidade de ampliar e a reclamação dos vizinhos devido à fumaça que a caldeira produzia fizeram com que os sócios tomassem a iniciativa de investir em outro lugar, onde tivesse mais espaço, proporcionando e, assim, melhores condições de trabalho.

No ano de 1986, a empresa estabeleceu-se na Rua Manoel Teixeira, onde atualmente está localizado o autocenter, para linha leve, destinado a venda e comércio de pneus novos. Após cinco anos de empresa, houve a dissolução da sociedade, permanecendo apenas os dois irmãos Arlindo Borilli e Juscelino Borilli.

A empresa passou por muitas dificuldades, pois o mercado de reforma de pneus na época não era tão valorizado, levando em consideração a alta dos fretes e a customização dos pneus não ser tão elevada. Mesmo nesses momentos difíceis, os irmãos sempre investiram fielmente na empresa, acreditando em seus potenciais.

Foto: Arquivo de Borilli Pneus.

Ao passar dos anos a empresa solidificou-se, aumentou a produção para cerca de quatrocentos pneus por mês, em parte pela ampliação da linha de reforma para os pneus agrícolas e de fora de estrada.

No ano de 2003, a empresa investiu em uma nova sede, com uma estrutura de produção maior. As obras da construção iniciam e nesse meio tempo um dos sócios, Juscelino Borilli, veio a falecer em um trágico acidente de carro. Arlindo assumiu a administração geral da empresa e sua sócia, esposa do seu irmão, e seus filhos ingressaram no negócio.

No ano de 2004, a empresa dobrou sua capacidade de produção e expandiu seus negócios. Começou a produzir em torno de 900 pneus por mês. Em 2006, a empresa dissolveu-se novamente, ocasião em que Arlindo e sua família assumiram a empresa, comprando as cotas de seus sócios.

Em 2010, seu filho Renato Borilli assumiu a direção da empresa Borilli Pneus e iniciou uma nova etapa, com a conquista da certificação ISO 9001/2008, sendo a primeira do seu segmento credenciada pelo grupo Vipal a obter essa certificação no Estado do Rio Grande do Sul. Em 2011, a empresa começou o projeto de expansão, aumentando sua capacidade produtiva na linha de pneus de carga e pneus agrícolas. Em 2012, a empresa conquistou a certificação do produto através das diretrizes da norma INMETRO nº 444/ 2010 – Requisitos de avaliação da conformidade para serviços de reforma de pneus.

Em 2015, a Borilli Pneus expandiu com novo projeto de ampliação, devendo aumentar a sede da empresa com vistas a dobrar a capacidade instalada, com novo truck center e aumento da área de produção para reforma de pneus, para melhor atender seus clientes.

• Borilli e Édio Autocenter

A marca Borilli, tradicional no segmento de pneus na cidade de Tapejara, que iniciou as atividades no ano 1983, e no ano de 2006, após passar por uma dissolução da sociedade, a antiga sócia assumiu a loja de pneus situada no centro da cidade pelo período de dois anos. E, em 2008, decidiu parar de atuar no segmento da linha de pneus novos, oferecendo o negócio para Arlindo Borilli, antigo sócio da empresa.

Na oportunidade, Arlindo alugou o imóvel e convidou seus cunhados Edio Luiz Sbeghen e Edimar Sbeghen, para formar uma nova empresa, que passou a se chamar Borilli e Édio Auto Center e que hoje oferece toda a linha de pneus novos, serviços e autocenter.

A empresa Borilli e Edio Autocenter está no mesmo local onde se iniciou toda a história da Borilli e mantém a mesma tradição e filosofia de atendimento ao cliente, prestação de serviços de alta qualidade e dispõe de toda a linha de pneus novos, balanceamento e geometria para veículos de passeio e também venda de pneus novos de carga e agrícola.

Ainda realizam esses serviços: Pneu Car, Sidy Rodas, Dilão Alinhacar, Borilli e Édio Auto Center.

• Borilli Racing – Pneus Off Road

A Borilli Racing – Pneus Off Road é uma empresa que nasceu para o esporte. É a primeira empresa do Brasil com fabricação exclusiva de pneus off road, baseada em tecnologias de ponta no mercado de pneus para motos de velocidade. É a nova empresa do Grupo Borilli, conhecida pela qualidade e excelência de seus produtos e serviços que desde 1983 se destaca no comércio e reforma de toda a linha de pneus.

A ideia da Borilli Racing – Pneus Off Road surgiu há dois anos, quando Renato Borilli, diretor da empresa, identificou a necessidade de desenvolver um produto inovador que pudesse ter maior resistência e proporcionar maior desempenho e segurança aos competidores. Daí em diante, com o auxílio de profissionais do mercado, foi possível projetar um produto diferenciado. E finalmente a Borilli Racing inaugurou no dia 7 de junho de 2014, em Tapejara, o seu primeiro produto, o pneu Borilli Racing B007.

O principal objetivo da empresa é incentivar cada vez mais a prática do esporte através do oferecimento de produtos que agregam qualidade e segurança aos pilotos. Apesar de recém-criada, a empresa mantém envolvimento com o motociclismo off road, vivendo o dia a dia do esporte e em contato direto com os pilotos, trilheiros e praticantes do mundo off road. Essa realidade traduz-se no slogan da empresa: Borilli Racing – Nossa vida é off road.

REVENDA DE AUTOPEÇAS E ACESSÓRIOS

• BM Acessórios

A BM Acessórios iniciou suas atividades em 2 de junho de 1992. A empresa surgiu com a divisão de bens da antiga Auto Mecânica Felini, que era uma das principais mecânicas e loja de autopeças de Tapejara.

A empresa era muito conhecida pelo trabalho dos irmãos Mário e Cláudio Felini. Com o falecimento de Cláudio, a sua filha Rita Felini Borela continuou o trabalho junto com seu tio Mário. Com o passar do tempo e com a divisão dos bens da família, cada um resolveu seguir por um caminho. Assim, nasceu a BM Acessórios, uma loja de autopeças focada na venda de acessórios, peças e materiais para reforma de automóveis. Seu foco não era a parte de mecânica e suspensão. Essa divisão então ficou com Mário, na Felini Auto Peças.

Nessa época as donas eram as irmãs Rita Felini Borela e Ivone Felini Moro, que decidiram dar continuidade a uma parte do trabalho do seu pai, Cláudio. Porém, quem ficou mais à frente do negócio foi a empresária Rita, pois tinha uma identificação maior com esse mercado, devido os ensinamentos de seu pai repassados a ela desde adolescente, quando trabalhavam juntos dentro da oficina mecânica.

O nome BM Acessórios foi uma junção das iniciais dos sobrenomes das sócias: Borela e Moro. Antigamente era muito comum as empresas juntarem os nomes, utilizarem as iniciais ou até mesmo o próprio sobrenome da família para nomear suas empresas. Com o passar do tempo, a irmã Ivone vendeu sua parte da loja para a Rita e, assim, ela continuou no ramo e seu sócio foi o filho Cáscio Borela (em memória).

Aos poucos a loja foi ampliando seu mix de produtos, porém sem perder o foco no seu ramo. Em 1997 a empresa adquiriu a concessão das Tintas Wanda, do Grupo Akzo Nobel, para revenda de tintas automotivas. Então passou a atender Tapejara e região num sistema customizado, em que era possível fazer a quantidade e a cor de tinta desejada pelo cliente, a partir de um sistema informatizado, por meio de um catálogo de cores pré-definido pelas montadoras.

Com o passar dos anos, a loja foi ampliando seu espaço, modernizando seus produtos, para conseguir atender às novas demandas do mercado automotivo. Os clientes sempre foram colaboradores, trazendo ideias e compartilhando as necessidades.

Em relação à equipe de colaboradores, a BM Acessórios hoje conta com cinco profissionais dedicados a solucionar os questionamentos dos clientes. Para isso, participam de cursos de aperfeiçoamento profissional, além de serem incentivados a seguirem seus estudos e graduação. Os serviços são reconhecidos através de prêmios de atendimento e de destaque no ramo de autopeças em Tapejara.

Ainda realizam esse seviço: Meirelles, Girardi Auto Peças, Irmãos Marcolin, entre outros.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

Também em meados de 1970, até a metade da década de 1980, ocorreu um surto nas atividades de prestação de serviços em Tapejara. As empresas que surgiram na década de 70 até a de 80 foram muitas, entre elas:

- Automecânica Agrícola, de João Spagnol.
- Cláudio Felini x Irmãos Ltda. – Oficina Mecânica, Chapeação e Pintura.
- Mecânica Tapejarense – Revendedor Autorizado WW.
- Rádio Técnica Figueiredo.
- Foto Artusi.

SALÕES DE BELEZA

As mulheres procuram um instituto de beleza para fazer serviços básicos como corte de cabelo, hidratação, permanente, reflexo, pintura de unhas, sobrancelhas, maquiagem, entre outros. Entre os salões de beleza instalados na cidade de Tapejara, cabe destacar:

- **Lorena Lima de Oliveira**

O salão de Lorena Lima de Oliveira iniciou suas atividades numa peça de sua casa, localizada na Rua do Comércio, nas proximidades da primeira saída para Passo Fundo, atual Rua Manoel Teixeira, em meados da década de 1960.

A família não possuía residência própria; constantemente estava mudando de endereço; consequentemente o mesmo acontecia com o salão de beleza, que passou por vários pontos do centro da cidade. Naquele tempo, vários lançamentos aconteceram no mercado, entre eles o spray de cabelo, mais procurado pelas mulheres. Por sua vez, os penteados podiam ser feitos de coques ou rabos de cavalo.

- **Ingrid Bauerman (Dona Inha)**

No final da metade da década de 1960, surgiu na cidade o Instituto de Beleza de Ingrid Bauerman, mais conhecida como Dona Inha. Estava instalado numa peça de uma casa localizada na Rua Cel. Lolico, fundos do prédio do então Cinema Tamoio, no centro da cidade de Tapejara.

Realizava corte de cabelo, depilação e maquiagem, naquele tempo, basicamente nos olhos. Batom e esmalte eram bem claros e os olhos seguiam padrões de tonalidades rosados ao verde água, com cílios enormes, negros e bem postiços. Os cabelos eram armados, cheios de laquê e as perucas estavam na moda. As mulheres, após lavarem os cabelos, colocavam rolos e secavam num grande secador que possuía pedestal. Esperavam até o cabelo estar seco, para só depois tirar os rolos.

Ainda junto ao salão da Dona Inha podiam-se adquirir revistas, como: Manchete, Manequim, Capricho, Cruzeiro, Tio Patinhas, Palavras Cruzadas, entre outras.

- **Carolina Peruzzo Brunetto**

Em novembro de 1970, nasceu o Instituto de Beleza de Carolina Perusso Brunetto, denominado Tina Cabeleireira, com sede própria na Rua do Comércio, 1605, em um prédio de material em frente à Escola Estadual Fernando Borba, junto à casa de seus pais, Pedro Peruzzo e Ana Cativelli Peruzzo.

Em meados de 1976, Ilda Peruzzo, sobrinha de Carolina, ingressou como auxliar no salão. Faziam permanente, corte de cabelo, manicurre e pedicure. Entre as freguesas estavam Noemia Capra Lovatto, Celi Antonia Dall' Olivo, Marlene Zoppas e outras.

Em meados de 1985, o salão foi transferido para um prédio próximo ao antigo, construído de alvenaria, na Rua do Comércio, 1614. Atualmente, o salão está sob a administração de Ilda Peruzzo, mudando a denominação para Ilda Espaço da Beleza. Conta com seis profissionais, que realizam os seguintes serviços: manicure, pedicure, massagem, maquiagem, corte, escova, penteados, tratamento do fio capilar, depilação, espaço para noivas e debutantes.

Atualmente há outros estabelecimentos com serviços de salão de beleza, entre eles: Raquel Lau, Salão Maíca, Leda Canali, Saletinha, Rosma, Vitória, Salete, Novo Visual, Rosangela, Espaço da Beleza e Juquinha Melara, Eliane Miorando, Eli, Edilson e Lidiana, Dani, Cabelo & Cia, Bella Persona, Mais Você, Roni Marsiglio Coiffeur, Salão Beleza Regina, Eduardo Cabeleireiro, P&R Cabeleireiro, Tonial Cabeleireiro,

Benetti Cabeleireiro, entre outros.

SERVIÇOS FUNERÁRIOS

Nos primórdios, os falecidos eram colocados em caixões rústicos, feitos por marceneiros daquela época, entre eles Ângelo Zanini e Ângelo Bortolo Dallagasperina, e os corpos eram velados por um tempo nas casas das famílias.

Durante o velório aconteciam momentos de oração e reencontros entre familiares parentes e amigos do finado e da família enlutada. Depois do velório, o corpo era levado à Igreja para Missa de Corpo Presente. Em seguida, em procissão a pé, o corpo era levado ao cemitério e sepultado numa cova na terra, geralmente, feita por familiares ou amigos e parentes. Naquele tempo, não era costume construir túmulo ou jazigo.

- **Funerária São José**

Os antecedentes do atual serviço funerário prestado pela Funerária São José contam que por volta da primeira metade do ano de 1950, Anildo Bamber e Luiz Zanner instalaram uma fábrica de artefatos de cimento, de pedras e chapas de mármore, materiais com os quais fabricavam túmulos e sepulturas. O estabelecimento estava assentado na atual Rua Independência, nas proximidades do prédio da Agência de Correios e Telegráfos.

Foi nesse estabelecimento que Nercilio Balduíno Schwinn começou o ofício com peças de cimento, pedra de basalto e grês e chapas de mármore, ajudando o proprietário a confeccionar os túmulos e sepulturas. Ele esteve na fábrica de 1960 até o final de 1962.

Em meados de 1963, Nercilio adquiriu a parte de equipamentos, ferramentas e material de Luiz Zanner e alugou um barracão de madeira de propriedade da família Bassegio, situado na Rua 9 de Agosto, esquina com a Travessa Dona Nenê, e colocou a sua fábrica de artefatos de cimento e carneiras e jazigos. Ele conta que o primeiro jazigo foi comercializado à família Dallagasperina, servindo para o sepultamento do falecido João Batista Dalagasperina.

Em meados de 1965 até ano de 1980, constituiu uma sociedade com Bruno Stork. Eles construíram um barracão de madeira na Rua Santo Canali, e passaram a produzir, além de jazigos, tubos, tanques e moirões de cimento. Em meados de 1980, a sociedade foi desfeita. Nercilio permaneceu com a fabricação de artefatos de cimento até 2010, enquanto Bruno partiu para a comercialização de artigos e material para o velório e sepultamento.

Naquele tempo, na década de 1980, em Tapejara não existia casa funerária. O costume era adquirir o caixão pelos familiares e velar o corpo na casa do falecido. Após levar o finado à Igreja Matriz para Missa de Corpo Presente, em seguida transportado para o cemitério João Rombaldi, e ali sepultado.

Bruno conta que a sua iniciativa visou a suprir uma carência existente na comunidade, que era a inexistência de um local e ambiente adequado para realizar as solenidades e ritos de um velório. Então tomou as medidas de assentar um prédio de alvenaria. Foi contratado o pedreiro Silvestre Rombaldi com seu filho Valmor e mais uns ajudantes. Em pouco tempo, levantaram o prédio de alvenaria situado na Rua Santo Canali.

O prédio foi concluído, organizadas as suas instalações internas e abertas as suas portas com a denominação de Funerária São José, invocado o protetor da boa morte e iniciando suas atividades a partir de meados do ano de 1982.

De acordo com Bruno, nos primeiros anos em que o estabelecimento funerário esteve em condições de realizar as solenidades e os atos fúnebres em suas dependências, o local foi pouco acessado, pois a tradição de velar os falecidos nas casas prevaleceu em detrimento no novo local oferecido.

Somente quase uma década depois que começou o acesso de corpos e pessoas mais seguido na Capela Mortuária em solenidades de Missas e velórios. Os caixões eram produzidos numa pequena carpintaria por Bruno, que também transportava os corpos dos falecidos numa camionete Chevrolet.

Em 31 de janeiro do ano de 2000, Brademir Pedro Bianchi adquiriu o prédio da Funerária São José, um ano depois comprou o terreno de 950m², nele assentou sua morada e ampliou o prédio da funerária em dois pisos. Ele recorda que o primeiro finado a ser velado foi Ari Zeferino Gardelin, justamente no dia 31 de janeiro de 2000, quando iniciava suas atividades.

A Funerária São José passou por uma série de transformações, na última década, por um lado devido às exigências legais impostas pelas autoridades governamentais, por outro pela preocupação de seus proprietários em oferecer um serviço com segurança e conforto.

Entre as ações cabe destacar a ampliação física do prédio, a reforma e a instalação de uma nova capela; a instalação do laboratório de preparação de corpos, que está equipado conforme as normas e exigências da Agência Nacional de Vigilância Sanitária; ateliê de artesanato para fabricação de vasos e cestas com flores, serviços executados por Clarice Borela e Oclacir Bianchi; instalado mostruário de urnas mortuárias; foram adquiridos dois veículos, um C10 e um Master para o transporte funerário. Atualmente, a frota é composta por uma Besta, um C10 e um Master.

Em meados de 2006, foi instalada e colocada em funcionamento a filial da Funerária São José na vizinha cidade de Ibiaçá, assentada num prédio de alvenaria localizado nas proximidades do Santuário de Nossa Senhora Consoladora. A partir de meados de 2015, o estabelecimento passou para um novo prédio de alvenaria, situado nas proximidades do atual Cemitério Municipal de Ibiaçá.

Em meados de 2012, a Funerária São José criou e dinamizou o Plano Assistência Familiar para proporcionar às famílias a segurança nos momentos difíceis, causados pela perda de um ente querido, eliminando, assim, a preocupação com as providências e o próprio constrangimento financeiro de não proporcionar àquela pessoa que tanto amamos condições de um cerimonial fúnebre com dignidade e respeito.

• Funerária São Cristóvão

O riunda de uma ideia surgida em um bate-papo, entre seus proprietários, foi criada a Funerária São Cristóvão. Em fevereiro de 1981 foi criada a empresa Artefatos de Cimento São Cristóvão, sociedade de Antenor Bacega e Arnildo Piroli, sendo que este já tinha experiência na realização de serviços de cemitério. A sede foi edificada na Avenida Valdo Nunes Vieira, 1.094, no bairro que serviu também de inspiração para o nome da firma. Após vários trabalhos realizados, viu-se a necessidade de oferecer também os serviços funerários. Então, em novembro do mesmo ano, nascia a Funerária São Cristóvão, estabelecida inicialmente em uma pequena sala alugada na Rua Júlio de Castilhos, já que a administração municipal da época não permitia a instalação no endereço atual e tentava impedir inclusive o desenvolvimento das atividades da empresa.

A primeira sede própria foi construída em 1983, na Rua Coronel Lolico, endereço da empresa até os dias de hoje, sendo que aquela sala atualmente continua sendo utilizada como depósito. Paralelamente, a Artefatos de Cimento São Cristóvão crescia a passos largos e em 1986 a construção de um novo e maior pavilhão no mesmo local tornou-se necessária, já que crescia a demanda por tanques, palanques

e outros artigos de concreto que a empresa fabricava, bem como construção de túmulos e jazigos em cemitérios em todos os Municípios da região.

As aspirações da comunidade e da própria empresa eram maiores, e no ano de 1989 Tapejara recebia a maior capela mortuária da cidade, um local amplo para propiciar conforto à família e aos amigos no velório de seus entes queridos. No ano de 2001, a empresa teve a satisfação de oferecer mais uma capela mortuária. Esta também ampla, confortável e moderna, para suprir a necessidade e atender a solicitação de familiares que escolhiam os serviços da empresa, mas com a ocupação eventual da primeira capela tinham que buscar outro atendimento. Quando completou 30 anos de atividades, a empresa inaugurou seu terceiro espaço para velórios, consolidando-se por oferecer a maior estrutura para atendimento das famílias.

O Plano de Amparo Familiar São Cristóvão foi criado em 2013 como forma de facilitar a programação financeira dos atendimentos; com pequenas parcelas mensais, as famílias garantem a realização de funerais conforme suas preferências. Em todos esses anos, tanto a Artefatos de Cimento como a Funerária São Cristóvão buscaram escolher e selecionar os melhores fornecedores para poder oferecer a seus clientes produtos de qualidade a preços acessíveis. Durante esse período, muitos amigos, parentes, pessoas queridas da comunidade e até familiares receberam o chamado de Deus, e atender a todos sem distinção tem sido primordial. Manter a ética profissional em um ramo tão difícil de trabalhar, oferecer bons serviços e principalmente a confiança adquirida da comunidade têm sido a receita nessas mais de três décadas de sucesso na atividade.

• Cemitério Municipal João Rombaldi

Os primeiros falecidos na cidade de Tapejara remontam a partir do ano de 1928, na então Sede Teixeira. A inciativa de existir um local para sepultá-los foi da Igreja Católica e do subintendente da época. O local estava situado na Rua Laurindo Cavichioli, altura da atual Lavagem e Chapeação Tibiri, esquina com a Rua Santo Canali, onde atualmente estãos sendo construídos dois edifícios. Nesse mesmo tempo, o local foi adquirido por Elizeu Rech, que não tinha conhecimento que a área que estava sendo ocupada pelo cemitério fazia parte da sua propriedade. Na ocasião do negócio, não teve a preocupação em medir a extensão da área e menos ainda conferir com exatidão seus limites.

Clementina e João Rombaldi no centro da foto, sentados junto a seus familiares, em 1950.
Foto: Arquivo de Corona Canali Rombaldi.

O cemitério permaneceu nesse local até o final da década de 1940. Com o crescimento da então Vila Tapejara e consequente maior demanda de espaços para sepultamentos, o atual cemitério não supriu a demanda.

Diante dessa situação, a Igreja Católica, através de seus padres, começou a levar o conhecimento aos membros da comunidade, relatando a precariedade e cada vez menos espaço. Pedia uma nova área, para o sepultamento digno dos falecidos.

Naquele tempo, a família de João Rombaldi tinha presença ativa nas ações e atividades que antecederam a criação da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, em 30 de dezembro de 1926. Seus membros já exerciam o serviço de fabriqueiro, espécie de dirigente, e outros serviços litúrgicos na Comunidade Católica, por cerca de quase uma década.

A família de João Rombaldi, sensibilizada com os pedidos insistentes dos padres da Paróquia e preocupados em contribuir para que os falecidos pudessem ter um local adequado e digno ao serem sepultados, doaram um pedaço de terra. O local estava situado onde, atualmente, se encontra assentado o Cemitério Municipal, denominado mais tarde, pelo Poder Público, de João Rombaldi.

Cemitério atual. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

A transferência do antigo Cemitério para o novo começou a acontecer por volta do final da década de 1940. Parte dos restos mortais foram transladados pelos parentes e familiares. Algumas das sepulturas de pessoas não identificadas foram transportadas ao novo cemitério pelo Poder Público e por voluntários.

Tanto no antigo quanto no atual cemitério, repousam os restos mortais de diversas imigrantes pioneiros, colonizadores e seus descendentes. Por isso cabe aqui destacar uma sucinta relação de nomes, nacionalidade e com a respectiva data de óbito:

Elisa Ceta Lucion (Itália): 08.12.1929
Bortolo Grando (Itália): 07.03.1930
Pierina Stefini Costa (Itália): 21.12.1931
Matheus Slavieiro (Itália): 10.12.1932
Angelo Saccon (Itália): 16.02.1933
Francisco Bressan (Itália): 30.07.1934
João Zappani (Itália): 16.08.1935
Luiz Costa (Itália): 06.07.1936
Antônio Zappani (Itália): 23.09.1937
João Fabiane (Itália): 01.07.1938
Pedro Girardi (Itália): 22.01.1939
Francisco Parizzoto (Itália): 25.06.1940
Domingos Brusamarelo (Itália): 23.10.1941
Giovani Pelizzaro (Itália): 28.05.1942
Valeriano Ughini (Itália): 04.07.1943
Vicente Lucion (Itália): 29.12.1944
Santo Canali (Itália): 12.04.1945
João Scariot (Itália): 26.05.1946
Corona Dallagasperina Canali (Itália): 05.09.1947
Giacomina Rech Cavilion (Itália): 04.12.1948
Carlos Poltroni (Itália): 30.04.1949
Calógero Tortorici (Itália): 26.06.1950
Angelo Bordignon (Itália): 10.01.1951
João Costella (Itália): 02.11.1952
Giacomina Dall'Agno (Itália): 08.05.1953
Luiz Marcon (Itália): 04.09.1954
Anna Demartini Dallagasperina (Itália): 02.10.1955

João Toson (Itália): 23.04.1956
Bortolo Poletto (Itália): 18.05.1957
Guerino Zanatta (Itália): 23.01.1958
Thereza Soga Langaro (Itália): 18.08.1958
Ezidio Casa (Itália): 24.12.1960
Helena Cambrussi Bacega (Itália): 03.02.1961
Giacomo Poletto (Itália): 29.07.1962
Pierina Zaffonato (Itália): 14.03.1963
Antonieta Donzelli Ferrari (Itália): 30.12.1964
José Bressan (Itália): 15.09.1965
Fiorindo Coronetti (Itália): 13.12.1966
Sebastião Marcolin (Itália): 07.05.1967
Meta Luise Eggert Nelhls (Alemanha): 23.03.1968
José Ferrari (Italia): 03.08.1969
Angela Madalozzo (Itália): 20.05.1970
Giacomo Fabiane (França): 21.10.1971

SERIGRAFIA

O processo serigráfico tem suas origens em estampas e gravuras da dinastia chinesa, por volta por 960 e 1279, depois de Cristo. Mais tarde, no século XV, os japoneses passaram a utilizá-la para transferir desenhos em tecidos de seda. Esse processo chegou ao ocidente no final do século XVIII, mas somente foi, comercialmente, utilizado no século XX, quando a malha de seda se tornou mais acessível, possibilitando seu uso de forma lucrativa.

O primeiro serígrafo em Tapejara, Luciano Zanchetta, fala sobre sua trajetória na cidade: "Iniciei a atividade serigráfica por oportunidade e muita necessidade. Tudo começou quando minha família retornou para o Município em 1990; meu avô Adelino Zanchetta, juntamente com minhas tias Cleusa e Cleomar, possuíam uma estrutura básica de equipamentos manuais para impressão serigráfica com a intenção de imprimir tecidos, já que possuíam uma pequena malharia em casa. Associando meus conhecimentos em desenho a nanquim, começamos a prestar pequenos serviços de impressão, de forma bastante rudimentar."

Zanchetta também contou que, durante a administração municipal de 1989 a 1992, com o então prefeito Bonfilho Sebben, surgiu a oportunidade de participar do projeto Berçário Industrial; o Poder Público cedia pequenas salas comercias que serviram de incubatório e abrigavam pequenos empreendimentos; dessa forma foi possível dar mais visibilidade ao negócio, pois o berçário estava localizado num imóvel público, no centro da cidade. "Durante algum tempo, também tive a oportunidade de dividir essa experiência com Vianei Dalagnol; na época trabalhávamos em horários alternativos, sem deixar nossos empregos formais. Em 1996, iniciei outro empreendimento, que também incluía serviços de serigrafia, porém com outra formação societária, bem como uma melhor estrutura de trabalho."

Os serviços de serigrafia em Tapejara passaram pelas gráficas tapejarense e universal e hoje quem realiza os trabalhos de serigrafia são as seguintes empresas: Personal, Futurize, Compact e Seritap.

GRÁFICAS

A gráfica é uma empresa prestadora de serviços cuja função é transferir tinta para um substrato (papel, plásticos, etc.) através de um sistema de impressão, como offset, rotogravura, flexografia e outros.

- **Gráfica Nehls**

O Comércio, Laboratório e Gráfica Nehls, pertencentes à família de Will Franz Nehls, começou a funcionar em meados de 1943, na Vila Tapejara. No início do ano de 1943, a família adquiriu um casarão de propriedade de Giácomo Poletto, situado na atual esquina das ruas Júlio de Castilhos, com Independência, que, depois de comprá-lo, transformou-o, introduzindo inúmeras modificações. Não possuía apenas a função residencial, mas também de comércio, bazar e livraria, gráfica e tipografia, com duas máquinas de impressão. Nos fundos do casarão, existiam outras duas construções, em alvenaria, que serviam de depósito, usados com fins comerciais, área de serviço com tanques, caldeirões, que eram utilizados por laboratórios para fabricação de pó de pudim, remédios e tintas.

- **Gráfica Tapejarense**

Gráfica Tapejarense. Foto: Arquivo da Divulgação.

A Tapejarense Indústria Gráfica é referência em Tapejara e região. Desde 10 de agosto de 1973, quando começou de uma forma tímida, mas grandiosa nos sonhos de Gelson Baseggio, Armelindo Baseggio e Severino Dalzotto, a empresa é destacada pela qualidade e comprometimento com seus clientes.

Inicialmente denominada Tipografia Tapejarense, atuava no ramo de impressos tipográficos, instalada num porão ao lado da antiga sede da Padaria Dalbosco. Em seguida, com o aumento na demanda de serviços, foi transferida para uma sede própria nos fundos da residência do sócio Armelindo Baseggio. A primeira sede era modesta e todos os setores funcionavam entre quatro paredes com cobertura meia-água.

Mais tarde, com uma nova diretoria, foi então construído um novo prédio, onde a Tapejarense está

instalada até os dias de hoje. A nova fase foi marcada por investimentos, com aquisição de máquinas offset de pequeno porte e impressora bicolor. Em 2008 foi adquirida a primeira impressora Heidelberg PM52 quatro cores, nova, importada da Alemanha, o que garantiu ainda mais qualidade nos serviços. No ano seguinte, a empresa investiu na compra de uma dobradeira B20 e em 2010 adquiriu um CTP para gravação de chapas na própria empresa, eliminando completamente o uso de fotolitos, e ganhando tempo e produtividade. Uma das últimas aquisições foi uma impressora Speed Master quatro cores, de formato 50X70 cm. Todos esses equipamentos são de grande importância e refletem automaticamente em melhor custo-benefício, reconhecido pelos clientes.

A área física da Tapejarense Indústria Gráfica foi ampliada em 300m^2 e hoje conta com um amplo espaço de 700m^2. Os sócios proprietários, Rogerio, Neri, Ivan, Claudinei e Claudimar afirmam que o objetivo presente desde o início da empresa é proporcionar qualidade no segmento, com responsabilidade. O sucesso hoje é resultado desse comprometimento proporcionado através de equipamentos modernos e profissionais qualificados, pois o ponto chave sempre foi investir na equipe e em tecnologia.

Hoje, a Tapejarense é um parque tecnológico em evolução constante, onde soluções gráficas são criadas. A qualidade dos trabalhos desenvolvidos resulta numa extensa carta de clientes parceiros, entre eles: Comercial Zaffari, Semeatto, GSI, Basso Pancotte, Supermercados Master, Manitowoc, UPF, Faculdade IDEAU, Unimed, Plasbil, Pietrobon, Dimicron, Vicato Alimentos, BSBIOS, Physical, Agrale e Lojas Volpato.

- **Gráfica Universal**

Gráfica Tapejarense. Foto: Arquivo da Divulgação.

A Gráfica Universal iniciou suas atividades numa data de grande simbolismo e importância, 1º de maio de 1997. A ideia do negócio surgiu da visão empreendedora dos sócios investidores Cláudio Lucion, Gilberto Oliboni, Ivo Comiran e Luciano Zanchetta, que observaram necessidades no mercado gráfico regional.

O negócio começou na garagem da residência do sócio Cláudio Lucion, com um pequeno investimen-

to em tecnologia, máquinas de pequeno porte e com baixo grau de automação, mas com muita vontade e força de trabalho. A equipe iniciou com cinco pessoas, produzindo impressos comerciais e industriais de pequenas e médias tiragens, além de impressão serigráfica em adesivos e linha têxtil. Para dar início às atividades, foi necessário treinamento de parte da equipe em gráficas de Porto Alegre, associando os conhecimentos em desenho técnico e processo serigráfico do sócio Luciano Zanchetta, acompanhado pelo primeiro colaborador e impressor da empresa, hoje advogado e vereador Marcio Canali, e também de Morvan Rebelatto, que está na empresa desde sua fundação, passou por todas as áreas do negócio e, hoje, atua na área comercial da empresa.

Como todo pequeno negócio, o começo foi muito difícil, dadas as necessidades do mercado gráfico em termos de qualificação técnica e investimento em tecnologia, dificuldades superadas no dia a dia com muito trabalho, dedicação e seriedade na atuação no mercado.

Em 1998 mudaram a sede da empresa para uma sala alugada no edifício da família Dalzotto, na Rua Independência, no centro da cidade, e incluíram no portfólio produtos e serviços na área de comunicação visual, sendo a primeira empresa de Tapejara a atuar nesse seguimento.

No ano de 1999, mudaram novamente a sede para o prédio ao lado do Posto BR na Av. 7 de Setembro e, logo após, no ano 2000, adquiriram a sede própria da empresa, onde estão instalados até a data de hoje, na Av. 7 de Setembro, 45, saída para Passo Fundo. O prédio foi adquirido da família Bianchini, que iniciou as atividades da Plasbil, neste mesmo local. Durante a atuação da empresa ao longo desses anos, sua formação societária foi mudando com a saída dos sócios Ivo Comiran em 2006 e Gilberto Oliboni em 2013.

Atualmente, a Gráfica Universal atua no mercado de impressos para pequenas e grandes tiragens e também no mercado de comunicação visual, atendendo impressos de grande formato, fachadas e sinalização de frota, utilizando máquinas de médio porte e alta tecnologia, compatíveis com as necessidades de um mercado cada vez mais exigente e competitivo.

A empresa atua na área de design, na criação dos impressos, na impressão digital, que permite impressão de pequenas tiragens. Neste ano de 2015, a empresa está reestruturando seus processos internos de gestão, renovando sua marca e definindo novas estratégias de atuação para o crescimento do negócio nos próximos anos.

Outras gráficas: *Simoni Solução Visual, Forfix, Marka.*

INFORMÁTICAS

• Visual Informática

A empresa Visual Informática nasceu, em junho de 1994, por idealização de Ivan Casamali e Jones Casamali, com o objetivo de suprir Tapejara com uma empresa local que pudesse atender prontamente os usuários de microcomputadores. Inicialmente, vendia equipamentos de informática, prestava assistência técnica e ministrava cursos de informática. A empresa cresceu com Tapejara e, em setembro de 1998, colocou no ar um provedor de acesso à Internet próprio. Atualmente, atende Tapejara, Água Santa, Charrua, Estação, Getúlio Vargas, Santa Cecília, Sertão, Vila Lângaro e Coxilha. Esse sistema, hoje, é a principal atividade da empresa, que oferece acesso via rádio e, mais recentemente, via fibra tica. Está instalada na Rua Santo Canali, 429, Centro.

Empresas tapejarenses de informática: BBF, Connect, JG, Master Informática, Pastel Informática, Info e Help, Placar Informática, Mega System, entre outras.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO WEB

- **WG3Web**

A WG3 agência digital iniciou suas atividades em fevereiro de 2009, prestando serviços como desenvolvimento de web sites, sistemas de comércio eletrônico e sistemas web em geral. Foi uma das primeiras agências da região voltada, exclusivamente, ao meio digital, presente no mercado até os dias de hoje.

Inicialmente, a empresa atuou prestando serviços de forma terceirizada para agências de publicidade. Em 2010, começaram a surgir os primeiros clientes diretos. Na época, havia uma forte demanda devido à falta de profissionais especializados na área, o que fez com que a agência conquistasse clientes em outras cidades da região, como Getúlio Vargas, Passo Fundo, Vila Lângaro e Água Santa.

Em 2011, a agência desenvolveu seu primeiro sistema de comércio eletrônico à farmácia Farmabem, projeto este que possibilitou conquistar clientes em Porto Alegre e Erechim. Já em 2012, a agência passou a atender também órgãos públicos, como a Prefeitura de Tapejara, Prefeitura de Água Santa e Câmara de Vereadores de Tapejara.

Em 2013, a WG3 passou a atuar no gerenciamento de redes sociais, onde também foi desenvolvido o primeiro advergame, para o Supermercado Central. Buscando adequar-se às novas tendências, em 2014 a agência passou a trabalhar também com aplicativos para celular, conquistando mais clientes nas cidades de Erechim, Porto Alegre, Cachoeirinha, Passo Fundo e Ibiaçá.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS

- **ConnectSys**

Os sistemas começaram a ser desenvolvidos muito antes da Connect existir. No ano de 1996, o então agora proprietário e sócio formava-se em Ciência da Computação e iniciou o desenvolvimento de sistemas.

No início, foi um trabalho solitário e que não era muito aceito pelas pessoas, pois o custo de um sistema e dos computadores era alto. Com o passar dos anos houve um aumento de clientes e com isso a necessidade de ter mais alguém para dar auxílio nos trabalhos.

Em sociedade de dois amigos, foi aberta a BBF Informática, uma loja de vendas e manutenção de computadores. Nesse momento, quem ainda controlava os sistemas era o Sr. Elder. A BBF foi vendida para um dos sócios e aberta a Connect em 2007, onde os sistemas foram incorporados à sociedade.

Hoje, a Connect Informática detém os direitos sobre os sistemas ConnecSys e abrange várias cidades da região.

Os sócios proprietários são: Elder Panisson Fontana – Bacharel em Ciência da Computação; Felipe Sachetti – Bacharel em Ciência da Computação; e Marilia Cichetti Giacomin – Técnica em Administração.

O Sistema ConnectSys tem a capacidade de atender a necessidade de vários ramos do comércio, da indústria, além de outros produtos mais específicos para ramo leiteiro, silos, bibliotecas, mercados e sistemas escolares.

Ainda realizam esse serviço as empresas: HGV Sistemas e GMarsilio Soluções Inteligentes.

INDÚSTRIA

As primeiras indústrias que surgiram em Tapejara foram ligadas à extração da madeira, à produção agrícola e à criação de animais. Através da transformação de matérias-primas locais, a indústria de madeira e moageira, a fabricação de vinho e vinagre, a produção de doces marmelada e pessegada e a produção de banha e embutidos.

No período de 1920 até 1940, destacam-se os ramos das ferrarias, selarias, serrarias, carpintarias e mercenarias. Outras microindústrias estavam surgindo, como atafona, moinhos e descascador de arroz na então Sede Teixeira, e, posteriormente, a partir de 1929, na Vila Teixeira.

No período de meados de 1940 até metade da década de 1950, a já então Vila Tapejara contava com a instalação de energia elétrica, pela Usina Hidro–Elétrica Avante. A chegada de veículos automotores, como caminhões, utilitários e automóveis, contribuiu para o incremento dos serviços, do comércio e do surgimento de novas pequenas indústrias na zona urbana. A partir disso os ramos que entraram em crescimento foram os de alimentos, através do processamento de uva, marmelo, pêssego e amendoim; dos derivados de suínos, banha e embutidos; de líquidos gasosos, com sabor de frutas cítricas; da produção de ingredientes para elaboração de temperos, doces, bolos, tortas; tintas e medicamentos; confecção e impressão de material de papel e derivados.

ATAFONAS

As atafonas de beneficiamento da mandioca e os moinhos coloniais que beneficiavam milho e trigo foram surgindo desde os primeiros anos da colonização em diversos pontos dos núcleos coloniais. As atafonas e os moinhos eram pequenos estabelecimentos assentados nos lotes rurais nas proximidades das moradias. Feito através de manejo manual humano, realizado pelo colonizador e família, conseguiam obter da raiz da mandioca a farinha utilizada na alimentação da família e dos animais domésticos. Foram instaladas e funcionaram em diversos pontos nos inúmeros lotes demarcados, ou na então Colônia do Rio do Peixe, além disso, no então Núcleo Itália, após Sede Teixeira, depois Vila Teixeira e mais tarde distrito de Tapejara.

Modelo de Atafona. Foto: Arquivo da Divulgação.

Do cultivo da mandioca extraíam a farinha e o polvilho. A mandioca era retirada da terra e colocada em cestos de taquara e levada até a carroça, parada nas proximidades da plantação, depois era transportada à atafona. Lá, das raízes eram retiradas as partes lenhosas e feita uma limpeza grossa. Em seguida, eram colocadas no descascador, um cilindro giratório feito de ripas de madeira pregadas a intervalos regulares e uma tampa longitudinal à colocação e retirada das raízes. Na parte superior, uma calha furada espalhava água, continuamente, sobre toda a extensão do descascador.

Após a limpeza, a mandioca era despejada num gamelão de madeira. Quando eram retiradas as partes de casca que não eram removidas, e as raízes eram levadas ao serrador, constituídos de uma roda coberta por lâmina metálica crivada de orifícios de rebordos arrebitados, onde, colocados uma, duas ou três raízes de cada vez, eram transformados em massa.

Opcionalmente podia ser retirado o polvilho. Nesse caso, a massa era colocada dentro de um reci-

piente com uma tela no fundo, sobre um coletor e adicionada água para o escoamento do polvilho. Retirado o polvilho, a massa era colocada no tipiti (tipo de recipiente) e levada à prensa com fusos que eram girados manual e periodicamente, durante doze horas aproximadamente, para extração da umidade.

Relativamente seco, o bolo era retido do tipiti, desfeito e peneirado, quando então a massa era levada à secagem, num tacho de cobre sobre fogo moderado. A hélice, pá do forno formado por duas pontas e um rodete embutido, mexia a farinha até o ponto certo, ditado pela experiência do operador. Pronta a farinha, ela é estocada para o consumo ou comércio. O descascador, o sevedor e a hélice à secagem são movidos pela roda d'água.

- **Paolo Merotto e Luiza Zili Merotto**

Uma das diversas atafonas estabelecidas nas redondezas da sede do então distrito de Teixeira foi a de propriedade da família de Paolo Merotto e Luiza Zili Merotto, imigrantes italianos. Mais tarde, com os filhos, conseguiram um pedaço de terra para morar e trabalhar.

As terras estavam situadas ao fundo de onde, atualmente, encontramos prédios, de alvenaria, da empresa Agrodanieli, na estrada Tapejara-Coxilha, localidade de São Domingos.

Numa parte da área de terras, durante o ano, era plantada mandioca. Uma atafona foi instalada no local. Em determinada temporada do ano, a farinha e o polvilho eram levados em sacos de linho, transportados em carroça ou cargueiro para o centro do Distrito de Teixeira.

Ali eram trocados, nas então casas comerciais de Ughini & Bertoldo e Ângelo Dalzotto, mais tarde Ughini & Irmãos Ltda., Dalzotto Ghidini Ltda. e Busatto e Irmãos, por quilos de sal, açúcar, café, soda, tripas, pregos, pólvora, chumbo, espoleta. Também por peças de tecidos de brim, riscado, cambraia, fustão para fazer as roupas usadas no cotidiano e final de semana pelos membros da família, além de utensilios domésticos.

Quando as atafonas começaram a ser desativadas ou fechadas, o trabalho com as olarias tornou-se a nova opção, já que existiam poucas no Distrito de Tapejara.

OLARIAS

Na década de 1960, as olarias de telhas foram os estabelecimentos que mais dinamizaram, economicamente, em diferentes pontos do território de Tapejara, vendendo seus produtos para o Município e região.

A dificuldade de se manter apenas com a agricultura levou muitos agricultores a se dedicarem a outras atividades, visando a conseguir um rendimento maior para o sustento da família. Os agricultores relataram a dificuldade de obterem dinheiro na época, o qual pouco circulava no meio rural, pois eles dependiam da safra e muitas vezes faziam trocas de produtos entre si.

Assim, quando os moinhos começaram a fechar, o trabalho com olarias tornou-se a nova opção. Como já existiam algumas desde o então Distrito de Tapejara, a técnica de produção de tijolos e telhas foi se difundindo, favorecida pela abundância da matéria-prima essencial para o trabalho, o barro, e pelo mercado que se abria para o produto oferecido na década de 1960.

Foi assim que se expandiu o número de olarias em diferentes comunidades do Município, iniciadas, geralmente, por meio de uma sociedade familiar, com a parceria de terceiros, para facilitar a aquisição do material necessário à instalação.

As primeiras olarias, estabelecidas no interior dos distritos, destinavam-se à produção de telhas, utilizando-se de um sistema artesanal no qual eram feitas uma a uma, modeladas numa forma de madei-

ra. As telhas feitas à mão, mais tarde, foram substituídas pelas francesas, fabricadas com o uso de uma prensa. A partir de 1960, somente esse tipo de telha era fabricado no Distrito. Com a utilização da prensa, além de melhorar a qualidade do produto, facilitou-se o trabalho.

Após serem fabricadas, as telhas eram levadas à cidade em carroças com ternos de mulas. A expansão do comércio de telhas, nas olarias, esteve relacionada, inicialmente, com a urbanização do Município de Tapejara, pois os oleiros relataram que as vendiam à construção dos estabelecimentos e residências que se instalavam no Município.

Além da urbanização, a expansão do comércio de telhas teve estreita ligação com o comércio de suínos, com o frigorífico São Paulo S/A, instalado no bairro São Paulo, em Tapejara. Ainda na década de 1960, muitos agricultores das comunidades rurais vendiam suínos no frigorífico e, em sua volta, passavam pelas olarias que estavam assentadas nas proximidades das estradas do trajeto percorrido e carregavam telhas. Com isso, muitos oleiros não precisavam sair dos seus estabelecimentos para vender.

A fabricação de tijolos foi desenvolvida paralelamente à de telhas, porém em menor quantidade, por falta de comércio, pois não eram utilizados na fabricação das casas, as quais ainda eram feitas de madeira. As vendas de telhas começaram a diminuir na década de 1970, período que coincidiu com a redução da venda de suínos, quando a banha foi substituída pelo óleo de soja. Houve a substituição das telhas francesas pelas de cimento amianto e, com o aumento das construções de alvenaria, ampliou-se o mercado à venda de tijolos.

O trabalho nas olarias desenvolvia-se paralelamente à agricultura e envolvia todos os membros da família. A arte de trabalhar o barro era transmitida aos demais membros da família, passando de geração a geração. Nas primeiras olarias, o trabalho era basicamente familiar, pois os jovens da família auxiliavam, caso fosse necessário; além disso, contratavam parentes ou vizinhos, que trabalhavam "por dia". Quando as vendas começaram a aumentar e faltava mão de obra, vinham pessoas da cidade todos os dias para trabalhar na olaria, fazendo as refeições na residência dos oleiros.

Assim, ora fabricando telhas, ora tijolos, os oleiros se adaptaram às exigências do mercado e permaneceram na sua atividade. São as redefinições que acontecem no meio rural, as novas estratégias de sobrevivência, que estão relacionadas a aspectos do contexto em nível global, como a crescente industrialização, urbanização e modernização agrícola, que repercutiram também sobre os moinhos coloniais.

Na década de 1950, até a metade da década de 1965, as olarias de tijolos e telhas foram os estabelecimentos que também contribuíram para dinamizar, economicamente, o então Distrito de Tapejara e os dez primeiros anos do Município, emancipado em 9 de agosto de 1955.

Em meados de 1950, Paolo Merotto, então proprietário de uma atafona, faleceu de parada cardíaca. Luíza passou a conduzir os negócios do marido com a ajuda dos filhos. Na segunda metade de 1950, Luíza e os filhos buscaram apoio junto ao então Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, Padre Raimundo Damin, para nas proximidades da então atafona, desativada, instalarem uma olaria para fabricar tijolos.

O Padre Raimundo Damin, prontamente, ajudou-os e, em seguida, recebeu como pagamento tijolos na segunda metade do ano de 1951, quando era iniciado o assentamento dos tijolos sobre os alicerces da atual Igreja Matriz.

Na década de 1960, a família Merotto constituiu uma sociedade familiar para tocar os negócios da olaria, conforme disse um dos sócios, Luiz Merotto. "A sociedade era composta pelos irmãos Paulino, José e as irmãs Gema e Terezinha. Registrei a olaria com o nome de Luiz Merotto & Irmãos, e nosso contador era Ângelo Rombaldi Manica."

Os primeiros lotes de tijolos foram assentados nos alicerces para levantar as paredes da atual Igreja

Matriz. Eram transportados pelo caminhão adquirido pela Paróquia Nossa Senhora da Saúde, dirigido por Francisco Sandini, conhecido como Keko Sandini. Naquele tempo, outros interessados na compra de tijolos possuíam ou pagavam frete a um terceiro proprietário de caminhão para transportar os tijolos da olaria para o destino traçado, pois a sociedade não possuía um caminhão para fazer a entrega no local da construção.

A sociedade Luiz Merotto & Irmãos usava uma pequena carroça chamada na época de gaiota, puxada por uma junta de bois, para transportar o barro retirado de um local localizado nas proximidades do barracão onde estava instalada a olaria. Também era utilizada uma carroça para transportar lenha para o forno da olaria.

Luiz recorda: "Somente no começo de 1962, conseguimos comprar um caminhão usado, com carroceria de madeira, que serviu para puxar a lenha para o cozimento dos tijolos e telhas na olaria. Também para fazer a entrega de tijolos, que eram vendidos na cidade e nas capelas do interior."

A expansão das olarias esteve relacionada, incialmente, com a urbanização do Município, na edificação de templos religiosos e escolas de alvenaria, no meio rural de Tapejara. A olaria de Luiz Merotto & Irmãos esteve presente no processo de urbanização. Em 3 de janeiro de 1961, a olaria de Luiz Merotto & Irmãos forneceu um lote de vinte e dois mil e quinhentos tijolos e, em 20 e 21 de fevereiro de 1964, foram fornecidos mais um lote de quatorze mil tijolos, ambas as vendas destinadas à construção do atual prédio da Casa Canônica de Tapejara.

Outro comprador da época foi Alfredo Campiol, que construiu uma casa de alvenaria na Rua XV de Novembro, nas proximidades do antigo Açougue de Eugênio Dametto, localizado ao lado do atual prédio Atualittá. Ainda nessa época, em 1961, outras vendas foram realizadas, para Francisco Zanatta, Danilo Dametto, Eugênio Dametto, Arthur Ferreira de Figueiredo e Heitor Ferreira.

Nessa época, de acordo com Luiz Merotto, "dias depois do lançamento da pedra fundamental da nova capela da Vila Lângaro, nossa sociedade negociou com os fabriqueiros da comunidade católica a venda de oitenta mil tijolos para levantar o novo prédio, de material, da igreja".

No ano de 1963, o Poder Público de Tapejara construiu diversos prédios escolares de alvenaria no meio rural de Tapejara. Naquela época, a sociedade Luiz Merotto & Cia. comercializou com o Município lotes de tijolos. Nesse ano também foram fornecidos tijolos destinados à construção do prédio do templo de Santa Teresa, assentado na comunidade de Colônia Nova.

A olaria de Luiz Merotto & Irmãos encerrou suas atividades no final do ano de 1965. O trabalho nas olarias desenvolvia-se paralelamente à agricultura e envolvia os membros da família, como vimos da Olaria de Luiz Merotto & Irmãos. Além dos irmãos também sua esposa, que preenchia e destacava as notas fiscais de venda.

Entre outras olarias instaladas na Vila Teixeira, podem-se citar também as de Ricardo Bassegio, Fiorindo Coronetti e outros, onde o trabalho era basicamente familiar.

MOINHOS COLONIAIS

A expansão dos moinhos no Rio Grande do Sul foi atribuída aos imigrantes alemães e italianos, que se dedicaram à produção agrícola diversificada, na pequena propriedade. Com o isolamento dos centros urbanos, no início da imigração, tornava-se necessário criar uma infraestrutura à sobrevivência das famílias, o que levou agricultores a aplicarem o conhecimento técnico adquirido na Europa na fabricação de produtos artesanais, visando também ao complemento da renda.

Desde os primórdios de Tapejara os moinhos coloniais eram os únicos estabelecimentos procurados

Moinho colonial de Affonso Muxfeldt, localizado na Rua do Comércio, esquina com a Rua Amâncio Cardoso. Fonte: Arquivo Foto Vídeo Artusi.

pelos colonos e moradores da localidade para a realização da moagem (transformação dos grãos em farinha) no meio rural e atuaram, efetivamente, no período que antecedeu a compra estatal do trigo nacional, bem como o subsídio da farinha, que limitou as atividades desses estabelecimentos.

Os imigrantes instalaram, portanto, ferrarias, sapatarias, olarias, moinhos, pequenas indústrias alimentícias e contribuíram para incrementar a economia do Estado, pois muitos dos produtos fabricados na colônia chegavam ao mercado de Passo Fundo e Lagoa Vermelha por intermédio dos comerciantes.

Portanto, logo que os imigrantes se instalaram nas áreas de colonização, organizaram a produção agrícola e começaram a desenvolver atividades artesanais, dando continuidade a um ofício que já conheciam na Itália, muitas vezes transmitido pelo pai ou pelo avô.

A partir de 1940, o Município de Tapejara apresentou bons resultados nas safras de trigo, mesmo que fosse cultivado com técnicas rudimentares. E com os incentivos governamentais visando ao aumento da produção de trigo e à diminuição das importações do produto, a produção da região Sul foi destaque em nível nacional.

Assim, esse cereal passou a ser cultivado com sucesso nas áreas de campo, em meio às barbas-de-bode. Paralelamente ao aumento da produção de trigo na região, ocorria a proliferação dos moinhos. A instalação de moinhos reflete, portanto, o dinamismo da produção agrícola nas áreas coloniais no período, principalmente com milho, trigo e arroz.

A maioria dos moinhos era de mó de pedra e funcionava com a roda d'água, ou seja, com força hidráulica, que movimentava as correias, as quais, por sua vez, faziam girar as mós de pedra e, assim, moíam-se os grãos. Na década de 1950, alguns moinhos passaram a utilizar o cilindro, que na época, era considerado um maquinário moderno, pois permitia produzir farinha de melhor qualidade.

Os moinhos da sede da Vila Teixeira, posteriormente Distrito de Tapejara, ou das diversas comunidades rurais eram bem movimentados e atendiam os moradores vizinhos e também os que vinham de outras localidades.

Eram o ponto de encontro entre os conhecidos, que amarravam os animais na sombra e se acomoda-

vam para esperar a moagem de seus produtos. Alguns marcavam o dia para vir buscar, outros esperavam até que o produto ficasse pronto. Em momentos de pico da atividade agrícola, o trabalho de levar a moagem para o moinho era uma tarefa destinada, muitas vezes, aos meninos.

Os colonos levavam os produtos para serem processados nos moinhos e pagavam um determinado valor pela moagem ou deixavam o farelo em troca. Houve safras em que alguns moinhos trabalhavam dia e noite para dar conta da demanda. A existência de um dínamo nesse moinho possibilitava o carregamento das baterias, que forneciam a iluminação necessária para algumas residências vizinhas e à realização do trabalho à noite.

Os moinhos ofereciam o serviço de processamento de grãos em forma de farinha, necessária para fazer o pão, a polenta, a massa, alimentos esses que não podiam faltar na mesa do colono. Os proprietários de moinho, geralmente, mantinham chiqueirões destinados à criação de suínos e alimentavam os animais com o farelo que sobrava da moagem. Os suínos eram vendidos na cidade, nas residências, em pensões e em matadouros; no final da década de 1940, para a Cooperativa de Defesa Ativa Colonial e a partir de meados da década de 1950, para o frigorífico São Paulo S/A.

Nos moinhos, geralmente, funcionavam o descascador de arroz, o soque de erva e a atafona, própria para fabricar a farinha de mandioca. Os moinhos a cilindro ofereciam uma farinha de melhor qualidade, razão pela qual conquistavam a freguesia, constituindo-se em fortes concorrentes para os moinhos de pedra, pois, além de trabalharem mais rápido, podiam comercializar a farinha escura, preta. O trigo era bom, mas com as pedras a farinha não ficava branca.

Os moinhos a cilindro enfrentaram dificuldades por não poderem ampliar suas instalações e pela pressão sofrida para venderem seus registros, pois somente os moinhos registrados na Superintendência Nacional do Abastecimento (Sunab) poderiam comercializar a farinha.

As alterações ocorridas na agricultura tradicional e nos estabelecimentos de base artesanal no meio rural estiveram ligadas num contexto mais amplo, que estimulava a modernização da agricultura para obter o aumento da produção e da produtividade dos produtos destinados à exportação. Esse processo também se refletiu na urbanização de Tapejara, com a concentração de redes de lojas, supermercados, indústrias, cooperativa, que passariam a abastecer a população urbana e rural. Desse modo, os colonos deixaram de comprar ou de fabricar uma série de produtos artesanais.

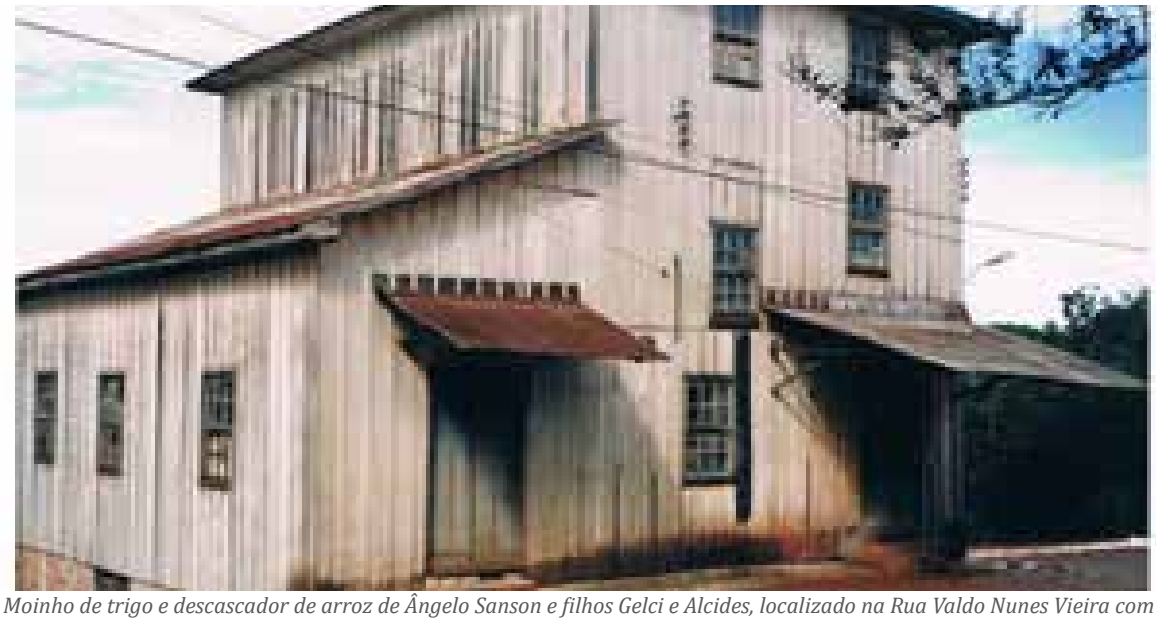
As relações de comércio foram substituídas pelas negociações diretas com bancos e cooperativas na década de 1970. Assim, granjeiros e pequenos agricultores voltaram-se à empresa rural e deixaram de lado a agricultura tradicional diversificada, que contribuíra para o abastecimento do mercado interno do Rio Grande do Sul e também do Município de Tapejara, e passaram a cultivar os produtos de exportação, trigo e soja.

Com a expansão dessas culturas intensificaram-se os arrendamentos na década de 1950 e 1960, bem como a apropriação de terras de campo e de matas. Com isso, ocorreu a mercantilização e valorização da terra, juntamente com a mecanização e tecnificação.

PRIMEIROS MOINHOS

Os moinhos coloniais foram surgindo desde os primórdios da colonização. A necessidade de produzir a farinha e o farelo, em primeiro lugar de milho e depois de trigo, despertou a iniciativa de diversos empreendedores.

Diversos moinhos coloniais foram instalados na então Sede, Vila Teixeira e Vila Tapejara, pelos imigrantes e seus descendentes, nas décadas de 20 a meados de 1950. Foram localizados na sua grande



Moinho de trigo e descascador de arroz de Ângelo Sanson e filhos Gelci e Alcides, localizado na Rua Valdo Nunes Vieira com Rua do Comércio, em 1996. Fonte: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

maioria na bacia das margens ou proximidades do curso do Arroio Caramirim, em seu percurso, que iniciava no núcleo central do povoado e serpenteava a antiga estrada da Sede à localidade de Santa Rita. A estrada começava ao lado da edificação da Cantina de Vinho da firma Ughini Bertoldo & Cia., atual depósito da empresa Adubos Coxilha, neste local recebe as águas dos Arroios Ibirapuitã e Paramirim, mais adiante, passando em frente das carpintarias de Marcos Menegaz e José Ferrari, na atualidade situada nas proximidades do Estádio Municipal Laércio Poggio, e mais à frente passava no atual Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto, sendo que as águas desses arroios desembocavam no Arroio Bonetes, contribuinte do Rio Tapejara.

Entre tantos moinhos coloniais que surgiram no curso do tempo, cabe registrar um dos primeiros, de José Felini, assentado em meados da década de 30. Estava localizado nos fundos da vinícola de Ughini & Bertoldo e Cia. Ltda., na atualidade, nos fundos das edificações e instalações da empresa Adubos Coxilha.

A água era captada de uma cascata que existia no curso do Arroio Caramirim, levada por meio de uma canaleta de madeira e jogada em roda de madeira. Com o impacto, a roda girava, produzindo energia, que movia polias e correias. As polias e correias moviam a azenha de pedra, depositada numa caixa de madeira, que com o impacto esmagavam os grãos, transformando em farelo e farinha, que eram depositados em caixas separadas. Em seguida, eram embaladas a farinha em sacos de algodão branco e o farelo em sacos de estopa.

A produção no moinho colonial obedecia a um processo que tinha início na colheita do milho, plantado na própria terra do colono. Da terra, o alimento era levado em lombo de cavalo, mula ou carroça para o moinho, onde era armazenado em tuias até que começasse a produção. A fabricação ocorria a partir da limpeza do milho em uma máquina manual e que separava as impurezas do produto. Após, o milho limpo era levado ao triturador, chamado de tufão, para que fosse realizada a primeira moída.

Na sequência, o milho passava pela pedra. Nesse processo, a farinha já estava pronta; restava apenas ser passada pela peneira, para a separação da casca. No final, era depositada em sacos de algodão branco e em seguida levada à balança para pesagem. Por fim, transportada no cavalo, mula ou carroça do colono, tomava o rumo de sua morada.

Nas proximidades do Parque Municipal, em meados de 1930, estava instalado um moinho colonial de

Pedro Rech conhecido como Peperin, com moagem de milho e trigo. Este era impulsionado pelas águas do Arroio Bonetes.

Mais tarde, na metade da década de 1940, o moinho sofreu uma remodelação de instalação e direção. Foi denominado Santo Antônio, de propriedade de João e Antônio Comassetto, que passou a embalar sua produção de farinha de trigo e milho e colocá-la no comércio de Vila Tapejara e região. A farinha de trigo, embalada em pacotes de 5kg, tinha as marcas Silvana e Mimosa, e a de milho, grossa e fina, foi denominada Ruiva.

Prédio do Moinho Tapejara. Foto: Arquivo de Waldemar Ghidini.

Diversas famílias foram proprietárias desse moinho no decorrer do tempo. Iniciou com a família Momo, passando por Américo Calegari, Fiorindo Calegari e Jacob Poletto, na década de 60, e nos últimos anos da década de 70 e final de 80, por Antônio, Pedro e Otávio Spader. Atualmente está desativado.

Em meados de 1958, foi constituída a sociedade composta por Alberto Menegaz, Lourenço José Dall'Olivo, Affonso Muxfeldt e Alcídio Weiler, a fim de adquirir um prédio e colocar em funcionamento moagem de trigo, milho e beneficiamento de arroz. O prédio estava localizado na então Rua Sete de Setembro, atual Avenida Sete de Setembro, nas proximidades das atuais instalações da empresa Cimisa. No prédio, foi instalado cilindro para moagem de trigo, para transformá-lo em farinha e farelo, dotado de equipamento conhecido na época como martelo, para triturar o milho, transformando em quirela para a alimentação dos animais, em especial os suínos, além de máquina para beneficiamento do arroz.

Desenvolveram atividades no estabelecimento moageiro, denominado de Moinho Ocrim, Alcídio Weiler, Alberto Menegaz e José Lourenço Dall'Olivo. Alcídio conta: "Nos primeiros tempos de funcionamento do moinho, no clarear do dia, quando chegava ao local, encontrava diversas carroças estacionadas nas proximidades do moinho, carregadas com sacas de trigo, milho e arroz". Depois de descarregadas as sacas e enquanto os grãos eram moídos e beneficiados pelo moinho, os colonos deslocavam-se à zona central da cidade, dirigindo-se às casas comerciais dos Irmãos Ughini, Dalzotto Ghidini e Pedro Sitta e Filhos, a fim de comprar tecidos, querosene, sal, açúcar e utensílios domésticos.

O Moinho Ocrim funcionou até meados da década de 1960; nos últimos anos foi vendido para Pedro Zen e Olinto Ghidini, que, em seguida, comprou os equipamentos e levou para Sananduva, onde instalou um moinho.

A firma Ughini Bertoldo & Cia. também instalou moinho colonial, para dar suporte à alimentação na criação de suínos, que desenvolvia na época, administrado por Tibério Amatéa até meados da metade da década de 1950. O farelo utilizado para a alimentação dos animais e a farinha eram colocados à venda na casa comercial. O moinho estava situado na antiga estrada da localidade de Santa Rita na altura da atual Linha Grison, próxima as terras de Alberto Marcolin, o qual também possuia um pequeno moinho de moagem de grão de milho.

Na segunda metade da década de 1950, Ângelo Sanson e seus filhos Alcides e Gelci contrataram carpinteiros que levantaram um prédio de madeira de três pavimentos localizado na esquina da Rua do Comércio, frente para a Av. Valdo Nunes. Concluída a obra, contrataram os irmãos Luza para instalar os

equipamentos de moagem de trigo, milho e, anexo, instalaram um descascador de arroz. O estabelecimento funcionou por mais de duas décadas.

Outro moinho existente foi a constituída sociedade entre Valdemar Ghidini, Luiz Fontana e Norberto Dall'Olivo com a finalidade de moagem de trigo, denominado de Moinho Tapejara.

Para isso, assentou um prédio de três andares de madeira, na Avenida Sete de Setembro, que passou a produzir farinha e farelo de trigo, em meados da década de 1970. O estabelecimento moageiro funcionou por cerca de uma década, até aproximadamente meados dos anos 80, quando foi desativado. Atualmente, o prédio continua em funcionamento e foi reestruturado para ser um local de bar e lazer, atualmente denominado de Molen Bar.

O costume de levar o trigo e milho para moagem, aos poucos, foi enfraquecendo até desaparecer, devido à embalagem da farinha por alguns moinhos que se modernizaram na região e colocada à disposição nos mercados locais, entre o ainda existente Moinho São Paulo.

Mais adiante as drenagens dos Arroios Caramirim, Paramirim, Ibirapuitã e Bonetes, impulsionavam fisicamente as estruturas para o funcionamento de mais um moinho da família de Cornélio Grison. Esses recursos hídricos existentes no perímetro urbano são contribuintes do Rio Tapejara, e este ao Rio Piraçucê e ao Rio Apuaê, localizados nas divisas entre Sertão, Tapejara, Charrua e Vila Lângaro, atingindo suas desembocaduras no Rio Uruguai fazendo a divisa entre o Rio Grande do Sul (RS) e Santa Catarina (SC).

• Moinho São Paulo

No início, o Moinho São Paulo era uma sociedade entre Armando Rech, Augusto Menegaz, Hugo Bortolotto e outros, os quais compraram os equipamentos do moinho e a licença para moagem de milho e trigo da família Favaretto e Luzza, da Comunidade de Santa Rita. Também colocaram em funcionamento um descascador de arroz. Primeiramente, adquiriram um terreno na Avenida Sete de Setembro, atual Loja Bortolotto, e construíram um prédio de madeira, construído por Angelo Menegaz, onde instalaram os cilindos destinados à moagem e, ao lado, construíram outro pequeno prédio de madeira, onde funcionava o descascador de arroz.

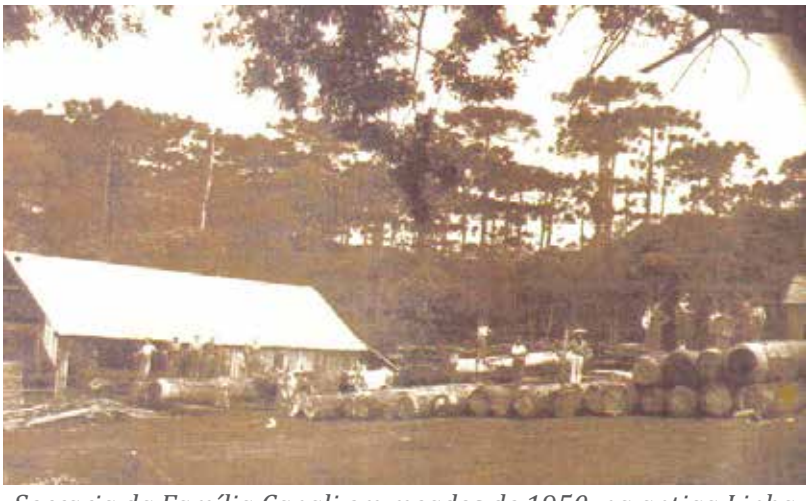
Moinho São Paulo. Foto: Arquivo da Divulgação.

Poucos anos depois, os equipamentos para moagem foram substituídos por novos, adquiridos pela firma Grimm S/A Indústria & Comércio, de Ijuí. Tempos depois, Augusto Menegaz vendeu sua parte para Nildo Zanatta, Armando Rech vendeu para Antonio Spader e Luiz Fontana comprou a parte dos outros sócios.

Em seguida, Armando Rech, juntamente com os sócios Renilto Caumo (em memória) e Hugo Bortolotto construíram um novo prédio de alvenaria, na década de 1980, construído pela empresa de Ricardo Dallagasperina, localizado na Avenida Sete de Setembro, sendo este o atual prédio, e estabeleceram um novo moinho de moagem de farinha de milho, um descascador de arroz e um misturador de ração. A partir da década de 1990, a sociedade passou a embalar farinha de milho fina, média e grossa, da marca Tucano em pacotes de 1kg, 2kg e 5kg, vendidas nos supermercados da cidade e de Passo Fundo. Atualmente, este moinho está sob a denominação de Moinho Rech Ltda., na Avenida Sete de Setembro, perto da empresa Móveis Dalmina.

SERRARIAS

A indústria de madeira, extraída em abundância em todo o território de Tapejara, começou desde a chegada dos pioneiros colonizadores e prosseguiu com os descendentes, até aproximadamente a década de 1950.



Serraria da Família Canali em meados de 1950, na antiga Linha Dalzotto, atual estrada para Coroado.
Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Os colonizadores necessitavam ampliar suas áreas de plantio. Para isso restou-lhes a derrubada de matas, nos primeiros anos. Até os pinheiros eram queimados. Todavia, com a instalação de serrarias, essa madeira, junto a outras espécies nativas, como o cedro, a gabriúva, a grápia e a canela, entre outras, foram derrubadas e beneficiadas. A madeira produzida era levada à Estação Coxilha, onde era depositada, comercializada e, posteriormente, levada por vagões de trens para Passo Fundo, onde eram revendidas por madeireiras estabelecidas naquela cidade.

Diversas foram as serrarias instaladas em vários pontos do território, assentadas quase todas nas proximidades da margem de rios, pois eram movidas no início pela força da água. Mais tarde, eram movidas a vapor por uma máquina semelhante a uma locomotiva. Essa máquina produzia vapor a partir de uma caldeira aquecida à lenha. O vapor movimentava as polias, que, através das correias, acionava os demais equipamentos do chamado Engenho.

Durante a década de 1950, ainda havia diversas serrarias espalhadas em vários pontos do território de Tapejara entre elas: a de Ângelo Dallagasperina, assentada na Linha Caravaggio; de Albano Calegari, situada na Linha Calegari; de João Mocelim, localizada em São Luiz do Gramadinho; de Vitório Dametto, em São Isidoro; da família Zanatta, em Santana; da família Poggio, situada em São Luiz do Gramadinho, entre outras. Todas essas serrarias eram dotadas de caminhões utilizados para o transporte de toras e madeiras beneficiadas.

• Serraria Ghidini

Guilherme Ghidini e sua esposa Augusta Picolli chegaram na Sede Teixeira depois de uma viajem de carroça, partindo de Ana Rech, que demorou cinco dias, nos primeiros meses de 1925. Vieram à Sede Teixeira porque souberam que, nas redondezas, havia muitos pinheiros. Guilherme, que já trabalhava com madeira em Ana Rech, resolveu ampliar suas atividades, adquirindo uma área coberta de pinheiros, nas proximidades do Rio Carreteiro, onde já havia uma serraria montada e em funcionamento de propriedade de Taudelino Antunes de Quadros. Os pinheiros eram derrubados e descascados no meio do pinhal. As toras eram lançadas rio abaixo, até a serraria, retiradas com a ajuda de bois, e então levadas para os galpões e transformadas em tábuas, caibros e barrotes. Depois de beneficiadas, eram transportadas por meio de carroças à Estação de Coxilha, depositada, comercializada e embarcada em vagões de trem e levadas para Passo Fundo. Desenvolveram essa atividade por cerca de 23 anos.

• Serrarias de Lourenço José Dall'Olivo

Além do Bodegão na localidade do Carreteiro, e não muito distante dali, havia várias serrarias instaladas em diversos pontos. Na época, havia muito pinheiro na região de São Miguel ao Rio Carreteiro, local, hoje, que pertence ao Município de Água Santa. Entre as serrarias instaladas na época estão as de Lourenço José Dall'Olivo.

• Serraria Dallagasperina

Uma das diversas serrarias existentes no território da então Sede Teixeira, movida pela força da água era a assentada nas margens do Rio Portão, localizada nas proximidades da antiga estrada da Sede para Coxilha. Pertenceu ao imigrante italiano Ângelo Bortolo Dallagasperina. Instalada a serraria, alguns trabalhadores passaram a residir nas proximidades, vindos de outros lugares, iniciando um pequeno núcleo de povoamento.

Adelino dos Santos, Luiz, Angelo, Divino, Nilda, amiga não identificada, Alfredo, na década de 60.
Fonte: Arquivo de João Batista Dallagasperina.

Em meados de 1933, Ângelo e seus filhos assentaram a serraria a vapor em outro ponto do território da então Vila Teixeira, na Linha Caravaggio. Com o passar do tempo, a serraria passou por diversas reformulações, realizadas por seus filhos João Batista, Luiz e Avelino. Na medida em que a serraria ia sendo instalada, diversos trabalhadores passaram a buscar ali um lugar de trabalho, outros até vieram residir nas proximidades, vindos de outros pontos do território e diferentes lugares, iniciando assim um pequeno núcleo de povoamento rotativo, até ser diminuída a exploração da madeira nobre das matas da microrregião.

• Serraria Calegari

Foi em meados de 1935 que Jacomin Rico chegou na então Vila Teixeira para investir na compra de áreas repletas de pinheiros existente no território. Ele chegou a esse destino após passar por 7 de Setembro, atual Município de Charrua, numa viagem feita a cavalo e permanecendo por oito dias na estrada. Após a aquisição da área de terra, retornou ao Município de Caxias do Sul, onde morava, com a meta de planejar sua vinda definitiva para Vila Teixeira.

Três anos depois, em 1938, retornou à então Vila Teixeira para executar a construção de duas casas, aonde viria morar, posteriormente, com seus familiares. No ano de 1940, novamente, retornou à Vila Teixeira viajando com um caminhão Chevrolet 35, movido a carvão, passando por Passo Fundo, numa viagem que durou três dias. Nessa oportunidade, trouxe o genro Isaco Calegari e sua filha Silvia Rech Calegari, juntamente com seus filhos Zulmira,

Da esquerda para a direita: Comércio de Calçados e moradia de Antônio Girardi, e, ao lado, prédio da ferragem Calegari, na década de 1960. À frente, desfile cívico. Fonte: Arquivo de Gema Dalzotto.

Crélia, Adélia e Idalino Calegari, que tinha nessa época quarenta dias de vida. Instalou aqui a sua primeira serraria e comemorou com sua mulher o nascimento de mais três filhos: Vitalino, Divino e Leonilda Calegari, que faleceu aos dois anos de idade.

Em 1942, trouxe para morar na então Vila Tapejara seu outro genro, Albano Calegari, que veio juntamente com sua mulher, Maria Rech Calegari, e seus filhos Danilo, Zaíra e Valdir. Já na Vila Tapejara, nasceram outros dois filhos do casal, Ari e Ângelo Calegari.

Em 1946, chegaram para morar na Vila Tapejara outros irmãos de Isaco e Albano Calegari, sendo estes: Américo, Pedro, Luis, Fiorindo, Metilde, Rozeta e Joana. Nesse mesmo ano, foi firmada uma nova sociedade no ramo de madeiras, entre Isaco, Albano e Américo Calegari; os demais irmãos seguiram, inicialmente, em outros ramos de atividades. A partir desse ano a única irmã de Isaco e Albano Calegari, Alda Calegari, permanece morando em Caxias do Sul.

Após a chegada dos irmãos, Isaco e Albano abriram novas serrarias na região, contando com a parceria de Américo, Luís e Pedro Calegari. Essas serrarias foram instaladas em Tapejara, Estância e Lages (SC).

Com a evolução dos negócios, adquiriram, no ano de 1948, o primeiro trator, da marca Fordson Major, meia esteira, com rodas de ferro no rodado traseiro. Adquiriram também um caminhão F6, para facilitar o transporte. Nesse mesmo ano, montaram uma usina para produção de energia elétrica, através da instalação de um dínamo e de um alternador, que eram tocados através de uma roda d'água. Com essa nova instalação, passaram a ter condições de fabricar suas próprias ferramentas.

Ferragem Calegari em 1979.

Em meados de 1949, Isaco e Albano Calegari trouxeram para morar na então Vila Tapejara seus pais, Stefano Calegari e Luminata Calegari, que fixaram morada na Linha Marcolin, desenvolvendo atividades no cultivo e na produção de parreirais.

No ano de 1956, Isaco e Albano Calegari iniciaram, em Tapejara, a diversificação dos negócios; além do negócio madeireiro, naquele ano inauguraram a Ferragem Calegari. A partir desse ano a sociedade do ramo madeireiro foi modificada, passando a integrar a nova sociedade, além dos sócios fundadores Isaco e Albano Calegari, seus filhos Idalino, Vitalino e Ângelo Calegari.

Em seguida, no ano de 1964, começaram a trabalhar com agricultura, dando início ao cultivo de soja, milho e trigo. No ano de 1978, passaram a trabalhar com uma nova atividade e inauguraram a Empreiteira Calegari, atuando no ramo da construção civil. Essa sociedade perdurou por, aproximadamente, 10 anos.

Em meados de 1982, inauguraram a Fábrica de Aberturas Calegari, dando continuidade à diversificação dos negócios. Em seguida, em 1984, adquiriram áreas de terras no Estado de Goiás, que passaram a ser administradas pelo sócio Vitalino Calegari, na companhia de seu sobrinho Rudinei Calegari.

A sociedade familiar perdurou até o ano de 1992, data em que houve a divisão e cada sócio seguiu com suas famílias num caminho distinto dos negócios. Após a divisão, os negócios ficaram assim administrados: o sócio Ângelo Calegari e sua esposa, Elci Calegari, juntamente com as suas filhas Rosele, Rosangela, Jovania e Graziele Calegari, seguiram administrando a Fábrica de Aberturas Calegari e traba-

lhando com o cultivo de lavouras. O sócio Vitalino Calegari e sua esposa, Ermelinda Calegari, juntamente com seus filhos, Clodoaldo, Mônica e Cássia, passaram a administrar os negócios agrícolas no Estado de Goiás, onde permanecem até hoje.

O sócio Idalino Calegari e sua mulher, Helena Geni Calegari, juntamente com seus filhos Rudinei e Roberto, permanecem na administração da Madeireira Calegari e continuam trabalhando com o cultivo de lavouras, ampliando essa atividade através da aquisição e do plantio de áreas de terras nos Municípios de Santa Cecília do Sul, Esmeralda, Caseiros e Tapejara.

No período de 1998 a 2001, a Madeireira Calegari manteve em funcionamento uma filial no centro da cidade de Tapejara para melhorar o atendimento na distribuição e venda de madeira a seus clientes. Atualmente, a Madeireira Calegari está sob a administração da terceira geração familiar, representada pelos sócios Rudinei e Roberto Calegari.

- **Serraria Juvenil Dalbosco & Cia. Ltda.**

Família de Vitório Dametto e Catarina Zanatta Dametto. Em pé, da esquerda para a direita: Alvina, Helena, Leonilda, Alcides, Laurindo e Silvino. Em frente: Osana, pai Vitorio, mãe Catarina. A família possuía uma serraria na localidade de São Isidoro, na época interior de Tapejara. Fonte: Arquivo de Osana Dametto Coronetti.

A serraria, sociedade composta pelos irmãos Juvenil, Domingos, Arlindo Dalbosco e Ciro e Luiz Spader, estava localizada na então Linha Spanhol, hoje RS 463, KM 2, em terras adquiridas de Egídio Dalsasso. Nesse local, assentaram um barracão de madeira medindo 10m x 20m e instalaram no seu interior uma locomóvel, marca Lance, com 18 KW, a vapor, tipo Tissot, ou seja, trata-se de carrinho que leva a tora às proximidades da serra-fita para transformar em tábuas, caibros, ripas e outros artefatos oriundos do pinheiro e de madeiras de lei. A serraria iniciou suas atividades em meados de 1970.

Os pinheiros, cedros, angicos e canela eram derrubados nas matas e arrastados por um trator, de marca Forson Major, adquirido em meados de 1978, para estaleiros improvisados nas proximidades das matas e transportados à carroceria do caminhão de marca Mercedes Benz – 1113, ano 1971, pertencente à firma.

A produção de tábuas, caibros, barrotes de pinho, angico, canela e cedro era, nos primeiros anos, comercializada, principalmente, à madeireira São Pedro, na cidade de São Leopoldo e, atualmente, para particulares residentes no Município de Tapejara e região.

Nos primeiros meses do ano de 1976, Juvenil, preocupado com o meio ambiente, plantou numa área de terra de 38 hectares situada na localidade do Picadão, interior do atual Munícipio de Santa Cecília do Sul, 18 mil mudas de pinheiro araucária. Hoje, são 30 hectares cultivados, medindo de 35 a 55 centímetros de diâmetro. Mais tarde, também adquiriu área de terras situada na localidade de São Valentim, interior de Santa Cecília do Sul, onde plantou mudas de pinus.

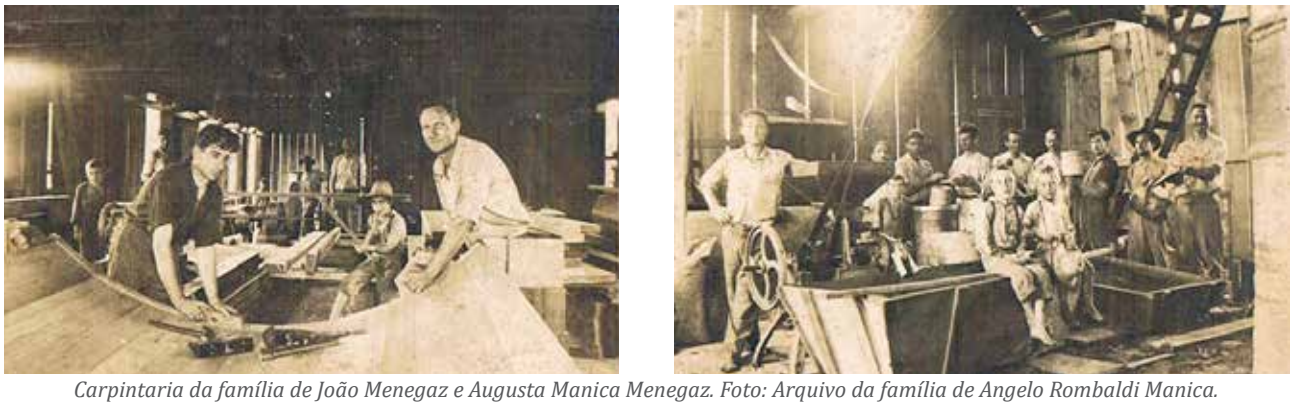
Em meados de 1978, os antigos equipamentos da serraria foram trocados por novos, não mais movidos a vapor, mas por energia elétrica. Também o antigo trator foi substituído por um trator de marca CBT. Em 1989, Juvenil adquiriu a cota de Luiz Spader e, em 1990, a de Ciro Spader. Atualmente, o trabalho da serraria diminuiu devido às exigências legais para o funcionamento e à escassez do pinheiro e de madeira de lei para o beneficiamento.

MADEIREIRA

- **Madeireira Teixeirense**

A Madeireira Teixeirense surgiu na década de 1930, na Vila Teixeira. Nasceu com o comércio de madeiras em geral pela família Canali. As caixetas e engradados onde eram colocadas as marmeladas da empresa Canali, Irmãos & Cia. Ltda. eram fabricadas por essa madeireira. Mais tarde, com a vinda de membros da família Carli, foi constituída a firma Carli, Canali & Cia. Ltda., instalada na cidade de Passo Fundo. Além de continuar com o comércio de madeira em geral, o empreendimento agregou ao negócio a fábrica de caixas lisas, registrando a marca impressa.

CARPINTARIAS E MARCENARIAS



Carpintaria da família de João Menegaz e Augusta Manica Menegaz. Foto: Arquivo da família de Angelo Rombaldi Manica.

O ciclo de extração da madeira, que ocorreu de meados de 1930 até o final da década de 1950, com maior atuação entre 1940 e 1950, deixou marcas na organização de comunidades e no meio ambiente, na definição de estradas e na economia local. A necessidade de abrir caminhos no meio da mata à retirada do pinheiro e outras árvores de valor econômico e o escoamento de madeira beneficiada fez com que fossem definidos e surgissem várias estradas, hoje existentes no território do Município.

Havia, naquele tempo, as marcenarias, que transformavam a madeira em confecção de móveis, aber-

turas, sepos para tamancos, artigos para engenho de arroz de Marcos Menegaz e a de João Momo e Cia. Ademais, de fábrica de móveis para igrejas, altares, púlpitos e bancos de José Ferrari, com Matriz na Vila Teixeira e filial em Vila Rondinha.

- **Ângelo Zanini**

A história registra diversas marcenarias que vieram instalar-se, com o passar do tempo, em Tapejara. Uma das primeiras foi de Ângelo Zanini, irmão de José, que funcionava anexa às instalações da ferraria. Foi colocada em funcionamento em meados de 1917, produzindo móveis e esquadrias para equipar as casas, além de rodas, caixa, cabeçalhos de carroças e arados.

- **Pedro e Dionísio Bertoglio**

Em meados de 1942, chegaram na Vila Tapejara, oriundos de Boavista, pequena localidade pertencente ao Município de Garibaldi, os irmãos Pedro e Dionísio Bertoglio. Logo que chegaram na Vila, adquiriram um casarão de madeira, antiga sede da Cooperativa de Defesa Ativa Colonial, que havia encerrado suas atividades; o negócio foi realizado com Clelio Cavichioli. Nesse local, instalaram uma carpintaria, onde produziam carroças, arados, rodas, cabeçalhos, cabos para machados e enxadas.

As peças de ferro das carroças, correntes, breque, aro das rodas e os instrumentos de trabalho agrícola, tais como enxadas, pás, picaretas, cunhas, machados, lâminas dos arados eram produzidos pela Ferraria de Adelino Cauduro e Filhos, situada nas proximidades da carpintaria. Na época, foi instalado, nas dependências da carpintaria, um dos primeiros motores, com potência de 5kvs, movido por energia elétrica, produzida e distribuída pela recém-inaugurada Usina Hidro-Elétrica Avante. O motor servia para colocar em funcionamento, através de correias acopladas em polias, os novos equipamentos, como serra-fita, lixadeiras e planadeiras introduzidos na empresa.

- **Angelo e Marcos Menegaz**

Ângelo Agostinho Menegaz, com seus pais Fortunato Menegaz e Josefina Suzin Menegaz e seus irmãos Marcos, João e Maria chegaram ao então Núcleo Itália, vindos de Caxias do Sul, em meados de 1914, em busca de terras para morar e trabalhar. Fortunato conseguiu um pedaço de terra e, nos primeiros anos, tirou o necessário para viver.

Primeiro prédio de Claudio Menegaz.
Foto: Arquivo de Claudio Menegaz.

Mais tarde, na segunda metade da década de 1930, Ângelo e Marcos conseguiram instalar um pequeno barracão localizado nos fundos, onde mais tarde era a Cantina de Vinho da firma Ughini, atualmente, nas proximidades do prédio do escritório da empresa Adubos Coxilha. Aproveitava a água de uma cascata existente no curso do arroio que por ali passava, onde colocaram uma canaleta direcionada a uma roda, que em seus movimentos movia os equipamentos para produzir peças para cadeiras e mesas.

Em meados da década de 1940, Marcos instalou sua carpintaria localizada mais adiante, nas proximidades de sua morada, localizada num trecho inicial da então antiga estrada para Santa Rita, atualmente

nas proximidades do Matadouro e Frigorífico Dametto. A carpintaria produzia pipas para armazenar uva, vinho, vinagre, cachaça, peças de madeira para instalação de moinhos coloniais, peças para cadeiras e móveis.

Por sua vez, Ângelo adquiriu um terreno, construiu um barracão de madeira localizado atualmente na Rua Leorindo Cavichiolli, 914, residência da família de Ivone Rech de Quadros. Instalou uma marcenaria, na segunda metade da década de 1940, e permaneceu até meados da década de 1960.

Claudio Menegaz, seu filho, conta que a marcenaria produzia esquadrias de madeira, móveis, pequenas carrocerias de madeira para camionetes. Mais tarde, vendeu alguns equipamentos para Vitório Casa e João Biazuz, que instalaram sua oficina num barracão de madeira localizado na Avenida Sete de Setembro, entre a empresa Cimisa e o Molen Bar. Ângelo ficou somente com uma plaina de mesa e uma serrafita.

Com os recursos financeiros conseguidos no negócio, adquiriu um terreno de José Zanini e ali construiu uma casa de alvenaria e nos fundos um barracão de madeira que serviu para instalar uma pequena marcenaria, depósito e abrigo para os animais, situado na Rua XV de Novembro, na saída para Santa Rita, em parte da área onde hoje está estabelecida a empresa Zeppel, de propriedade de Roberto Antônio Rebeschini. A família permaneceu radicada nesse lugar até o final do ano de 1964.

Em seguida, a família transferiu-se para a residência de alvenaria situada na Av. Sete de Setembro, onde hoje está assentado o prédio que abriga a empresa Zanatta Material de Construção. Ângelo construiu um galpão nos fundos e ali instalou a marcenaria. Produziu móveis e nas proximidades, em um pequeno barracão, seu filho Claudio fabricava carrocerias para camionetes. Entre as carrocerias produzidas, cabe lembrar as de propriedade de Cornélio Grison, Claudio Felini, da família Zanchetta, de São Silvestre, entre outras.

Nos últimos anos, os serviços da marcenaria foram voltados à fabricação de mesas de snook. De acordo com Claudio, eram produzidas aproximadamente cinquenta unidades por mês, comercializadas nas localidades do interior do Município e região. Em meados de 1970, a firma encerrou suas atividades.

Em meados de 1976, Claudio instalou a sua fábrica de móveis denominada Móveis Menegaz Ltda., situada na Avenida Sete de Setembro, 333. A fábrica produzia móveis sob medida, aberturas e carrocerias. Em 1990 somente móveis sob medida. A partir de 1998 começou a fabricar lixeiras em série para banheiro MDF e continuou produzindo móveis sob medida.

• Marcenaria de Ricardo Dallagasperina

Ricardo Albino Dallagasperina, esposo de Terezinha Dallagasperina, começou a trabalhar muito cedo, com seis anos, com seu pai, na lavoura. Por um ano estudou em Getúlio Vargas, no Colégio Cristo Rei, quando teve que voltar para ajudar seu pai na serraria. Trabalhou por um ano cortando pinheiros e puxando toras com carro de boi. Em 1946, com o fim da guerra, a situação melhorou. Seu pai perguntou-lhe se queria estudar ou trabalhar. Optou por trabalhar. Arrumou emprego numa fábrica de carrocerias, carroças e trilhadeiras dos Mocelim. Trabalhou por um ano, mas eles resolveram mudar-se para Erechim. Foi então que Ricardo

Um dos prédios da firma de Ricardo Dallagasperina.
Foto: Arquivo de Ricardo Dallagasperina.

decidiu trabalhar por conta com móveis.

A marcenaria de Ricardo Albino Dallagasperina iniciou juntamente com dois sócios: Olívio Costa e Antônio Canal, denominada de Ricardo Dallagasperina e Cia. Ltda. Mais tarde, Ricardo comprou a parte dos sócios e permaneceu sozinho no empreendimento.

Em 1967, aconteceu o incêndio no prédio das máquinas de beneficiamento de madeira. Recuperou o que sobrou e dois anos depois, um novo incêndio aconteceu no prédio da indústria, sobrando apenas o terreno. Ricardo contou: "Mesmo com essas dificuldades, com a família para sustentar, comecei de novo e estou trabalhando até hoje. Eu nunca desanimei. No dia seguinte, tratei de fazer a limpeza do terreno e fazer as máquinas para recomeçar a empresa". Ainda destacou: "Mais de cinquenta pessoas começaram na carpintaria comigo; todos, quando saíram, montaram seus próprios negócios. Hoje são gratos a mim, por ter uma profissão. Ensinei muita coisa a eles."

Também comentou que aprendeu a fazer máquinas em uma viagem a São Paulo, quando visitou uma empresa. O gerente levou-o à carpintaria e ele viu como funcionava. Comprou duas peças e começou a montar. De dia trabalhava na firma e à noite na máquina. "O ex-prefeito José Maria Vigo da Silveira veio junto com um deputado para ver a famosa máquina que fazia buracos quadrados, que até hoje está na empresa. Eu tinha feito essa máquina furadeira para fabricação de venezianas e esse deputado se admirou e, já naquela época, falou que Tapejara seria uma grande cidade pelo espírito inventivo das pessoas que aqui moravam. Quatro anos depois que inventei a máquina das venezianas, fui a Caxias e contei em uma empresa. Três dias depois apareceram os técnicos da empresa para ver a máquina. Eles copiaram o projeto e quatro meses depois me mandaram uma idêntica à que eu tinha feito de presente." Ricardo fazia violão, violino, móveis torneados e escultura, pois sempre gostou de trabalhar com madeira. Atualmente, está aposentado, mas continua acompanhando os serviços da empresa, que está no comando de seus filhos.

Atual prédio. Foto: Arquivo da família de Ricardo Dallagasperina.

A empresa Dallagasperina Materiais de Construção surgiu em setembro de 1967. Durante mais de 40 anos o único proprietário foi Ricardo Albino Dallagasperina. Atualmente a empresa passou a ter a razão social Dallagasperina Acabamento e Decoração Ltda. e os sócios são seus quatro filhos: Margarete Dallagasperina Sbeghen, Itamar Dallagasperina, Mauro Dallagasperina e Maria Ignez Dallagasperina.

• Marcenaria da Sociedade de Silochi, Bertotto e Orestes Pedruci

Na segunda metade da década de 1950, foi constituída a sociedade Silochi, Bertotto e Orestes Pedruci. A sociedade adquiriu um terreno, construiu um prédio de madeira de dois pisos e instalou uma marcenaria, localizada na Rua do Comércio, nas proximidades da antiga saída para Passo Fundo.

No primeiro andar do prédio, foram instaladas máquinas para o beneficiamento de madeira adquirida dos proprietários de serrarias das redondezas da cidade. No segundo piso, foram instaladas serrafita, plaina, lixadeira, para a fabricação de móveis para cozinha, quartos, portas e janelas de madeira de pinheiro, cedro, angico e outros tipos.

Em meados dos primeiros anos da década de 1960, os sócios Silochi e Bertotto venderam sua cota

para os irmãos Vicente, Leonildo, Amandio e Armando Dalmina. A firma mudou a razão social e passou a denominar-se Dalmina & Cia. Ltda. Os novos proprietários demoliram o então prédio de madeira e, no mesmo local, construíram um de alvenaria. Além disso, ingressou na firma Geraldo Dalmina, como empregado da sociedade.

Por volta da metade da década de 1960, os sócios da firma Dalmina & Cia. Ltda., Vicente, Leonildo, Amandio e Armando Dalmina, venderam suas cotas para Armando Rech, Orélio Girotto e Américo Calegari. Geraldo Dalmina permaneceu como empregado e Orestes Pedruci com suas cotas. A sociedade passou para a denominação de Rech, Girotto & Cia. Ltda.

Em meados de 1967, a então firma Dalmina & Cia. Ltda. foi adquirida por Darci e Nelson Mioto, mas Orestes Pedruci e Américo Calegari não venderam suas cotas. Na ocasião, ingressaram no estabelecimento João Bisutti, Luiz Belan, Adair Calegari, e permaneceu Geraldo Dalmina.

No ano de 1968, Geraldo Dalmina e Orestes Dalmina adquiriram as cotas de Darci e Nelson. Por sua vez, Argentino Dalanho adquiriu a cota de Américo Calegari, e Orestes Pedruci continuou com sua cota. A firma passou a denominar-se Geraldo Dalmina & Cia. Ltda.

Num amanhecer, na primeira metade de 1969, incendiou o prédio da marcenaria. O filho de Geraldo Dalmina, Hédio Dalmina, contou: "Eu tinha dezesseis anos. Na noite anterior estive na oficina ajudando o pai; lá pelas 22h faltou luz e o pessoal que estava trabalhando esperou uma hora para voltar e, como não voltou, as portas foram fechadas e cada um voltou para sua casa. No dia seguinte, quando estava amanhecendo, João Melara bateu na porta de minha casa avisando que a oficina estava pegando fogo. Eu e o pai fomos na oficina e quando chegamos o fogo já estava tomando conta do prédio."

Hédio ainda lembrou que havia ligado para a guarnição do Quartel do Corpo de Bombeiros de Passo Fundo. Somente tiveram retorno uma hora depois, porém já era tarde demais, pois o fogo havia consumido o estoque de madeira e danificado as máquinas e equipamentos. Um ano depois, a marcenaria voltou a realizar suas atividades dentro de quatro paredes que restaram do incêndio, coberta com novo telhado, sem aberturas e com chão de terra batida.

Em meados da década de 1980, o prédio e as instalações da firma Geraldo Dalmina & Cia. Ltda. foram adquiridos pela empresa Móveis Sebben. Geraldo Dalmina ingressou na fábrica de aberturas Calegari, localizada na Linha Calegari, permanecendo até 1985. Hédio, por sua vez, foi trabalhar na fábrica de móveis de Claudio Menegaz, localizada nos altos da Avenida Sete de Setembro, onde permaneceu até meados de 1984.

• O Móveis Dalmina

Na segunda metade de 1984, Hédio Dalmina constituiu uma sociedade com Altair Piroli e Nelson Aime. A sociedade alugou um barracão de madeira de propriedade de Geraldo Dalmina, localizado na Avenida Sete de Setembro, 260 e dotaram o local de plainas, serra-fitas, ferramentas e passaram a produzir móveis e aberturas.

Atual equipe de Móveis Dalmina. Foto: Arquivo da revista Perfil.

Em 1993, a sociedade adquiriu um terreno localizado ao lado do barracão e construiu um prédio de alvenaria que passou a ser sede da marcenaria. O novo local foi dotado de novas máquinas e equipamentos, funcionários e aumento da produção.

A sociedade foi desfeita em meados de 2011. Porém, a razão social permaneceu com o mesmo nome. Hédio continuou com a atividade de marceneiro. Por sua vez, Altair e Nelson tomaram outro rumo.

A partir disso, a empresa Móveis Dalmina sofreu uma ampla e profunda transformação em sua estrutura física, em seu parque de máquinas, equipamentos e também no seu quadro de colaboradores. Continuou na fabricação de móveis e aberturas sob medida e ampliando a sua oferta para a região. Atualmente, seus serviços, além da região norte do Estado, chegam a alcançar a região metropolitana da Grande Porto Alegre. Conta com um quadro de aproximadamente trinta colaboradores.

• Carrocerias Menegaz

Foto aéra da empresa Carrocerias Menegaz. Foto: Arquivo da empresa.

Foto: Arquivo Menegaz Móveis

Por volta de 1974, por iniciativa de Augusto Menegaz, deu-se início às carrocerias Menegaz, juntamente com seus três filhos. Começou o negócio no porão de sua casa. Comprou dois motores monofásicos de 3HPS, e ele mesmo montou algumas máquinas que lhe permitiram fazer algumas carrocerias de camionetes menores, reformas de carrocerias de caminhões e produção de balcões de pia para cozinha.

Em 1979, quando os filhos já tinham melhores condições de trabalho e seu filho mais velho voltava do quartel, Augusto fez uma proposta a eles: se quisessem continuar o negócio, iria encaminhar um financiamento para compra de máquinas melhores, e assim foi feito.

Nos últimos anos, a empresa trabalhou bastante os quesitos inovação e modificou várias peças de carroceria, tornando-a mais prática e funcional, acomodando melhor a carga e facilitando seu manuseio, sempre buscando atender as necessidades dos clientes do campo e da estrada.

Por volta de 1990, surgiu a ideia de começar a trabalhar, mais fortemente, com o ramo moveleiro. Dessa forma, foi aberta uma loja no centro da cidade de Tapejara. Com o aumento da demanda, a empresa evoluiu, melhorou sua fábrica, investiu em tecnologia. Hoje, a empresa tem uma rede com quatro lojas, em Tapejara, Passo Fundo e Sananduva e emprega noventa funcionários diretos, atendendo todo o norte do estado, e tem seu foco principal nos móveis projetados de fabricação própria. O Grupo Menegaz é composto por: Carrocerias Menegaz; Menegaz Móveis; e Madeira Nobre.

• Móveis Sebben

A empresa Móveis Sebben está estabelecida no mercado há mais de 40 anos e durante esse período construiu uma reputação baseada na credibilidade de suas ações e na qualidade de seus produtos. Nos últimos anos, a empresa aprimorou seus processos de gestão, preparando-se para um mercado cada

vez mais globalizado e competitivo.

Empresa Móveis Sebben. Foto: Arquivo da Divulgação.

Presente em dois Estados (RS e SC), a Móveis Sebben iniciou suas atividades em 1972, na cidade de Tapejara, por capacidade, determinação e dinamismo dos irmãos Itacir, Gelso e Vilmar Sebben. Iniciou as atividades com uma pequena fábrica artesanal produzindo móveis, aberturas e carrocerias (curiosidade: em dois anos produziram 216 carrocerias). Os sócios já possuíam conhecimento, pois haviam trabalhado na fábrica de móveis de Ricardo Dallagasperina, a qual foi comprada por eles. Em 1978, passou a produzir somente móveis. Nesse mesmo ano, abriu a primeira loja na cidade de Tapejara, em um terreno adquirido de Estevão Khuz, na Avenida Sete de Setembro, esquina com a Coronel Lolico.

Em 1982, sua primeira filial foi inaugurada em Ibiaçá. Também foi construída a fábrica, junto à Rua Manoel Teixeira, esquina com Rua do Comércio, onde funcionou por mais de trinta anos. Atualmente, a fábrica está localizada na saída para Água Santa. Em 1993, instalou-se na cidade de Erechim e dois anos depois foi instalada a terceira filial, na cidade de Carazinho.

Em 1998, tiveram a oportunidade de se estabelecer no Estado de Santa Catarina, na cidade de Chapecó. Um ano depois, foi a vez de Sertão receber a empresa. Em 2001, expandiu-se para Caxias do Sul, onde em 2004 abriu a segunda loja na cidade, sendo esta no segmento de móveis planejados. Logo em seguida, o show room da Loja Móveis Sebben de Tapejara, com uma grande linha de móveis diferenciados e planejados. Atualmente, todas as lojas trabalham de maneira independente, mas todas permanecem com o segmento de móveis planejados.

Ao longo de sua história, a Móveis Sebben vem mostrando seu trabalho. Uma empresa respeitada e admirada não apenas pela qualidade de seus produtos, mas especialmente pelo objetivo principal que norteia sua existência: tornar a vida das pessoas cada vez melhor, e proporcionar conforto e satisfação a seus clientes.

Em 2015, a empresa completa 43 anos com a certeza de estar no caminho certo, reafirmando o respeito, a dedicação e o compromisso junto aos colaboradores, aos clientes e à comunidade. Nesses 43 anos, a Sebben mostra que tem passado, presente e que está trabalhando sempre objetivando um futuro melhor ao lado de seus colaboradores.

Ainda existem as seguintes empresas neste ramo: Dellaza, Adorian, Valetina, Loreal, Inovar, Exclusive, Designer, Dalbosco, C&D, AD Decorativos, Center Móveis, Nostra Casa, Sevanmar, entre outras.

FERRARIA

A atividade industrial de Tapejara deixou suas marcas ao longo da história de seu povo. Nos primeiros tempos, como não poderia deixar de ser, as iniciativas no setor industrial vizavam o atendimento das necessidades mais urgentes dos núcleos coloniais que se iam formando no decorrer dos anos. Surgiram, assim, selarias, marcenarias, atafonas e moinhos coloniais, serrarias e ferrarias.

As ferrarias trabalhavam o ferro para a produção de ferramentas usadas no meio agrícola, tais como: foices, enxadas e machados, e também peças para carroças, cargueiros e arados, parafusos, anéis, discos, ferros para cavalos e outros utensílios domésticos e de uso na propriedade do meio rural.

Trabalhou como ferreiro, entre tantos outros, José Zanini, filho de família de imigrantes italianos

que chegou ao Núcleo Itália por volta de 1917, vindo de Flores da Cunha. Instalou a sua ferraria na zona central, onde trabalhou por diversas décadas, produzindo diversas e variadas peças derivadas de ferro.

Além disso, a ferraria, mais tarde, produziu uma das primeiras trilhadeiras da região. A máquina foi exposta e premiada na Primeira Exposição Agropecuária Industrial e Feira Anexa de Passo Fundo, no final da década de 1930. A partir disso a fábrica somente cresceu, vendendo trilhadeiras para toda a região.

Ademais, começou a fabricar máquinas de massa e sulfatar. A máquina de massa serviu à produção de massa caseira, utilizada, principalmente, nas casas na preparação da alimentação cotidiana, enquanto as máquinas de sulfatar, espécie de recipiente confeccionado de cobre, era utilizada para pulverizar plantas frutíferas. Nela era depositada uma quantia de mais ou menos cinco litros de água, misturada com uma substância chamada de verderame e, através de um pequeno chuveirinho, era esguichado nas plantas. A pulverização servia para evitar o ataque de insetos e pragas daninhas, que acometiam as plantas frutíferas, entre as quais as videiras e os pomares de marmelo, pêssego e figo, entre outros.

Primeiro prédio da ferraria na década de 1920. Foto: Arquivo de Mário José Felini e Gilberto Zanatta.

Novo prédio da Ferraria Zanini, em 1953. Foto: Arquivo Público do RS – Ricardo Giusti.

A ferraria a partir da premiação continuou a fabricar trilhadeiras. Foto: Arquivo de Gilberto Zanatta e Mário José Felini.

Mais tarde, ingressou no estabelecimento Generino Arcanjo Girardi, que nasceu em Garibaldi e chegou na então Vila Teixeira em meados de 1936, vindo a trabalhar na ferraria de José Zanini, fabricando aros de carroça e ferramentas agrícolas. A ferraria estava localizada na Rua 15 de Novembro, próximo do atual Posto Kaninha, que também possuía uma mecânica de carros, localizada nas proximidades da ferraria, que mais tarde, em 1943, foi vendida para os irmãos Felini.

Em meados de 1959, o filho de Generino, Dário Girardi, comprou a parte da ferraria de Orlando Zanini. No interior do prédio da ferraria, aos fundos, foi instalado, em 1952, um torno, operado por Armando Favaretto Carissimi, com a ajuda de Dário, na época com quatorze anos de idade. Este torno produzia peças de reposição para serrarias e olarias, tais como mancal e polias. José Zanini, naquela época, construiu uma pequena usina entre a ferraria e uma carpintaria; com o dínamo carregava as baterias.

De acordo com Dário, as pessoas que recorriam a José para recarregar as baterias pediam que não colocasse música castelhana, pois eles acreditavam que as músicas vinham da carga da bateria. Naquele tempo muitas rádios argentinas uruguaias eram sintonizadas em Tapejara.

Nas proximidades da ferraria existia uma carpintaria, em que trabalhavam Alfredo Girardi, irmão de

Generino, e Orestes Zanini. A carpintaria fabricava carroças para transporte de produtos e gaiotão para transporte de barro às olarias.

Em meados de 1960, a ferraria foi dividida em três partes: uma parte ficou com Generino e Dário, que colocaram em funcionamento, no antigo prédio da fábrica de balas de Mansueto Canali, uma ferraria, que fabricava ferramentas agrícolas, arados e correntes, que funcionou até 1985. Armando Favaretto Carissimi instalou uma oficina de torno em um prédio de alvenaria localizado na Avenida Sete de Setembro e Ricardo Marcon voltou-se para o ramo da hidráulica e encanamento de esgoto das residências e empresas.

SELARIAS, SAPATARIAS E ESTOFARIAS

• Selaria e Curtume de Felini

As selarias dedicavam-se à curtição quase que artesanal de couros bovinos. Eram fabricados artigos de montaria, como pelegos, selas, selim, rédeas, laços e outros utensílios do gênero. A selaria de Eugênio Felini foi uma das mais antigas e que por mais tempo esteve em funcionamento.

Curtume Felini. Foto: Arquivo de Mário José Felini.

Começou no antigo Núcleo Itália, passando pela Sede e Vila Teixeira e chegando a alcançar as primeiras décadas do Município de Tapejara. Nos primórdios, em meados de 1920, procedentes de Ana Rech, chegaram os irmãos Eugênio, José e Antônio Felini, e um peão. Eugênio veio com a firme intenção de continuar com seu ofício que vinha desenvolvendo, de seleiro, em Ana Rech.

Comprou um pedaço de terra, casou-se com Maria Menegaz e construiu sua moradia e local de trabalho, uma edificação de madeira, coberta de telhas, aberta dos lados, e, no seu interior, foram instalados tanques. Estava localizada onde hoje é a Gruta. Ali era curtido o couro de animais e em seguida levado à Selaria de Felini, para a fabricação de botas, sapatos, relhos, selas e laços, os quais eram vendidos em frente à Praça Central.

Mais tarde, na década de 1940, Pedro e Regina Spuldaro chegaram na Vila Tapejara, vindos de Guaporé, juntamente com a família Ascari, também com a intenção de trabalhar com derivados de couro. Iniciaram as atividades junto com o curtume e a selaria dos Felini.

Mais tarde, na década de 1960, Pedro Spuldaro saiu da sociedade e instalou uma selaria própria, localizada na Rua Coronel Lolico, ao lado do atual Posto de Saúde do Centro. Pedro trabalhou até os últimos dias de sua vida.

• Selaria de Luiz Sitta

Luiz Sitta casou-se com Helena Andreazza Sitta em Ana Rech. Chegou por volta da primeira metade de 1920 na então Sede Teixeira. Veio estabelecer-se na zona central de Tapejara e desenvolveu a ativi-

dade de seleiro na fabricação de apetrechos de couro usados para transporte de pessoas, na montaria e para puxar carroças. Também fabricava tamancos de madeira, que eram utilizados como calçados pelos colonos no dia a dia. Ele aprendeu a profissão em São Sebastião do Caí, onde também aprendeu falar o dialeto alemão.

Em Tapejara instalou a selaria, em uma casa de madeira onde hoje está assentada a Padaria e Confeitaria Persan Pão. Também adquiriu áreas de terras que iniciavam de sua casa até a quadra do atual complexo esportivo Albino Sossella. Em sua homenagem, hoje existe em Tapejara uma rua denominada Luiz Sitta e também uma creche denominada Helena Andreazza Sitta, em homenagem a sua esposa.

• Estofaria Pacheco

Ody Quintana Pacheco chegou em Tapejara em 1959. Instalou uma estofaria numa pequena peça em um porão do prédio de Pedro Spuldaro, localizado na Rua do Comércio, esquina com a Rua Independência. Os primeiros fregueses que solicitaram serviços de conserto de sofás foram: Miguel Tabbal, Nelson Zanatta, Severino Dalzotto e Frederico Nelhs. Para troca de forro de veículos os primeiros fregueses foram: Heitor Ferreira de Figueiredo e membros das famílias Calegari, Três, Ughini, entre outros.

Estofaria Pacheco, década de 60.
Foto: Arquivo de Ody Quintana Pacheco.

Em 1964, a Estofaria foi transferida para uma peça do porão do edifício de Eugênio Zanatta, localizado na Rua do Comércio, esquina com a Rua Independência. Mais tarde, a estofaria foi transferida para uma peça em um prédio localizado nos fundos da então casa comercial de Pedro Sitta & Filhos Ltda.

No final da década de 1960, Ody Quintana levantou um prédio de madeira ao lado de sua moradia e continuou com fabricação, conserto e forro de sofás. A partir de 2000, passou a produzir para a empresa Implemaster cones de couro, espécie de capas para cobertura das alavancas de tratores e colheitadeiras. O estabelecimento está localizado na Rua Amâncio Cardoso, 733.

• Sapataria e Estofaria

Em 1963, chegou a Tapejara a família de Pedro Martinello, casado com Maria Marcolin Martinello, e constituiu sociedade com Lidio Bacega Rech, Torino Costa e Jandir Costa.

Jandir contou que o seu trabalho era produzir chinelos de couro, que eram muito usados pelos colonos nas suas atividades na lavoura. A sociedade comprou o prédio da então Selaria de Eugênio Felini & José Ascari, localizado nos fundos da casa da viúva Staciak, na Rua Independência, na atual Praça Silvio Ughini. No estabelecimento, passaram a produzir chinelos, botas, selas, arreios até meados de 1966, quando a sociedade foi desfeita.

Em 1966, chegou a Tapejara José Martinello, filho de Pedro, que adquiriu a parte dos demais sócios e de seus pais e instalou uma sapataria e estofaria. O prédio do estabelecimento era de madeira e, atualmente, de alvenaria, estando localizado na Rua Osório da Silveira, 474.

De acordo com José, nos primeiros tempos trabalharam na sapataria Itelvino Miguel Picolotto e Sadi Martinello, que produziam botas e chinelos e consertavam sapatos. Na estofaria trabalhavam José Martinello, Neri Calegari, Celso Fontana e Ari Panisson. A partir de meados de 1975, José Martinello passou a

desenvolver somente a atividade de estofador, realizando atividades de consertos, reformas e fabricação de estofados, revestidos, inicialmente, de napa e, atualmente, de tecido.

- **Loja e Estofados Fontana**

Loja e estofaria em 1991. Foto: Arquivo de Celso Fontana.

Atual loja. Foto da Divulgação

A Loja e Estofados Fontana iniciou as atividades em agosto de 1981, na Av. 7 de Setembro, Centro, na cidade de Tapejara. Inicialmente, em uma pequena casa de madeira, onde tinha como principal atividade o conserto de calçados, trabalho este realizado pelos proprietários Celso e Deolides Fontana.

Com o passar do tempo, as pessoas começaram a procurar Celso para fazer pequenos reparos em assentos de carros e reformas de sofás, sendo que o primeiro colaborador foi Gainor Tognon, em 1983.

Em 1989, a empresa foi ampliada, passando a comercializar colchões e travesseiros. Com a necessidade de oferecer novos produtos, a empresa foi ampliando e disponibilizando uma grande diversidade de produtos.

No ano de 1999, inaugurou sua filial, Atacado Fontana, situada na Rua Amâncio Cardoso, 357, no Centro de Tapejara, especializada em revender todo o material para estofadores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Hoje, a empresa conta com vinte e seis funcionários e possui estruturas para o comércio de móveis, estofados, enxovais e eletrodomésticos, sendo administrada por seus fundadores Celso e Deolides Fontana (Ninha) e por seus filhos Celso Fontana Júnior e Elizane Fontana.

FUNILARIAS

- **Estevão Kusz**

A família do imigrante polonês Estevão Kusz chegou na Sede Teixeira em meados de 1928. Estevão aprendeu o ofício de funileiro trabalhando em José Bonifácio, Estação. Lá recebia, ao invés de pagamento, apenas alguns trocados da esposa do patrão. Veio à Sede Teixeira com a finalidade de instalar uma funilaria própria, e assim o fez.

Na funilaria, instalada num casarão de madeira localizado no centro da Sede, desenvolveu as atividades por mais de 50 anos. A funilaria produzia muitos artigos para venda, como conchas para pegar produtos a granel, copos de latão, peneiras para coar leite, raladores de queijo, calhas para casas, canos de fogão e tachos em cobre.

- **Ângelo Berton**

Em meados do ano de 1952, buscando aqui um futuro melhor, vindo de Guaporé, chegou em Vila Tapejara o descendente de famílias de imigrantes italianos Ângelo Berton. Filho de João Batista Berton e Maria Baldin, ambos vindos da Itália. Ângelo nasceu em 15 de agosto de 1912, na Linha 15, Guaporé, teve oito irmãos e casou-se com Francisca Spanhol Berton, constituindo família com nove filhos: Genésio, Amábile, Ana, Helena Maria, Ademar, Aldo, Leda, Gilmar e Sandra.

Ainda em Guaporé, foi fabricante de facas por aproximadante um ano. Ao chegar a Vila Tapejara, desenvolveu o ofício de ferreiro por dez anos, junto com José Zanini, e depois montou uma funilaria. Faleceu em 15 de abril de 1992.

De lá para cá outras funilarias foram surgindo, entre elas: Andrade, Grigollo, Funiplast, entre outras.

FÁBRICA DE VASSOURAS E CADEIRAS

Por volta da segunda metade da década de 1940 chegou na então Vila Tapejara, proveniente da localidade de Forqueta, interior de Caxias do Sul, Gomercindo Nazareno, Maria Ongaratto e Leonilda Martins Ongaratto. Gomercindo adquiriu um terreno localizado na Av. Sete de Setembro, proximidades da então Fábrica de Marme lada, Balas e Mandolates da família Canali.

No terreno, foi construída a casa de moradia de madeira e, ao lado, levantado um prédio de madeira com dois pisos. No interior do prédio, no andar térreo, foi instalada a serra-fita para confeccionar peças para a estrutura das cadeiras e máquinas para montar vassouras. De acordo com a professora Ladi Maria Cauduro Hanel, entre os trabalhadores daquela época, além de Gomercindo, trabalhavam Antoninho Ongaratto, Albino Scariot, Mário Tortori, entre outros. No interior do segundo piso, existia um espaço amplo onde a estrutura da cadeira recebia o assento de palha, através de trabalho manual.

A fábrica de cadeiras e vassouras, mais tarde, começou a usar vime na produção de vários itens, entre os quais: cestas, cadeira de balanço, berços, que eram comercializados no Município e região.

Por volta de meados de 1960, a família Ongaratto transferiu-se para Porto Alegre. A fábrica continuou a funcionar sob a direção da família de Lauro Rosa, que pouco tempo depois passou a ser o proprietário.

De acordo com Eloir Rosa, filho de Lauro Rosa, logo que a família se tornou proprietária do estabelecimento, o prédio passou por uma ampla remodelação, e outro prédio foi construído não muito distante, um local onde as estruturas das cadeiras recebiam assentos de palha.

A palha para confecção das vassouras era fornecida por famílias da Linha Marcolin, entre as quais Ernesto Parizotto; em São Silvestre, Pedro Secco e Armelindo Favaretto; em Linha Três, da família Bressan; Linha Quatro, família Panho.

As vassouras eram vendidas em Passo Fundo, nas casas comerciais dos Irmãos Busatto e Cereais Pampa, entre outras; em São José do Ouro para Danilo Finco e o comércio das famílias Corso e Rebeschini. Também eram trasportadas e comercializadas na região metropolitana de Porto Alegre. Na volta, o caminhão deslocava-se até a cidade de Santo Antônio da Patrulha, onde eram adquiridos e carregados no caminhão fardos de palhas para fabricação de vassouras. As vassouras e os fardos de palha eram transportados pelos motoristas Mário Tomazzoni e Valdir Calegari, na carroceria de um caminhão GMC.

A madeira, tipo açoita-cavalo, timbó, pessegueiro, para fabricar a estrutura da cadeira, era comprada da serraria da família Calegari e da serraria Busquiroli & Mocelin, localizada na localidade de São Luiz do Gramadinho. Por sua vez, a palha usada para o assento da cadeira, uma parte vinha de Salvador do Sul, São João da Urtiga e outra do interior do Município. Entre os fornecedores, estavam as famílias Argenta

e Bacega.

As cadeiras eram comercializadas para várias associações esportivas e recreativas dos Municípios de Carazinho, Lagoa Vermelha, Ciríaco, Passo Fundo, Seberi e outros. Também nas várias localidades do Município de Tapejara. A produção de cadeiras era de aproximadamente 400 unidades semanais.

Veículos de Mario Tomazoni e Valdir Calegari, que transportavam as cadeiras e vassouras da fábrica na década de 1960. Foto: Arquivo de Eloir Rosa.

A fábrica, desde o início de suas atividades, também produzia alguns itens de vime, entre os quais berços para embalar bebês recém-nascidos e cadeiras. Mais tarde, com a chegada de Lauro Rosa, foram aumentando a produção de itens, entre os quais cadeira de balanço, cadeira de sala namoradeira, entre outras. Os itens de vime eram produzidos num prédio de madeira de dois pisos, localizado nos fundos da Rua Independência. O chefe de produção era Acir Bechi e os funcionários Abel Guerra e Luiz Guerra, entre outros. A produção era comercializada juntamente com as cadeiras e vassouras e transportadas pelo mesmo caminhão.

De acordo com Eloir Rosa, a estrutura da fábrica era dividida em três setores produtivos: o de produção de vassouras, equipado com duas máquinas operadas por um homem que escolhia a palha, dois que a cortavam, cinco mulheres que costuravam as vassouras; o de montagem das cadeiras, composto pelos serradores da madeira, aplanaidor, lixador, misturador de cola, apontador, furador, montador, pintor e muitos outros, que fizeram o assento, na época "empalhar cadeiras"; o setor de vime era formado por empregados que abriam a vime, aplainavam, montavam os itens, além dos que faziam o acabamento e envernizavam.

• Primavera Indústria de Vassouras e Escovas

Antes. Foto: Arquivo de Divulgação.

Depois. Foto: Arquivo de Divulgação.

Fundada em 1988, a Primavera Indústria de Vassouras e Escovas surgiu da necessidade de Natalino Favareto obter uma renda extra para ajudar nas despesas da família. No próprio porão da casa eram produzidas, artesanalmente, as tradicionais vassouras de palha. A matéria-prima era produzida em uma pequena plantação da família e também adquirida de produtores da região. Acreditando no futuro promissor do negócio, Natalino contou com a ajuda do seu filho Dilamar, que começou a administrar a

pequena empresa familiar.

Nesse momento, percebeu a necessidade de produzir mais tipos de vassouras além da tradicional de palha. A partir de 1998, um pequeno pavilhão foi construído no mesmo endereço e foram efetuados investimentos em máquinas e equipamentos para substituir a matéria-prima palha por plástico, permitindo assim a produção em maior escala, e com isso abrir novos mercados.

Em 2008, impulsionada pela crescente demanda, a empresa mudou-se para instalações maiores, adquiriu maquinário moderno e de alta produção, contratou mais funcionários, aumentou a linha de produtos e continua até hoje, investindo cada vez mais. A Primavera adota uma política de preservação ambiental, utilizando matéria-prima reciclada e industrializando produtos que podem ser reciclados. Conta hoje com um mix de produtos diversificados para atender a cada tipo de demanda nas mais diferentes regiões do país e do mundo.

- **Fábrica de Carvão em Vila Campos**

Diversos pinheiros eram derrubados nas localidades da região antigamente. Muitos acabavam ficando na mata e apodreciam. Os nós de pinho eram retirados desses pinheiros abandonados e vendidos para pessoas que trabalhavam na fabricação de carvão.

Modelo das antigas fábricas de carvão. Na foto, Arlindo Costa (Manco) ao lado de seu caminhão, que transportava lenha para transformar em carvão.
Foto: Arquivo de Diles Cambrussi Marsilio.

Virgílio Anziliero, morador da localidade de Vila Campos, com um caminhão e a ajuda de outras pessoas, trazia os nós de pinho de toda a região. Fazia uma pilha de nós com pasto e terra ao seu redor. Depois era ateado o fogo e através dos buracos, chamados "respiros", cuidavam se o fogo estava ateado. Em seguida os respiros eram trancados com tijolo e terra. Deixavam os nós queimar por um curto tempo e logo apagavam com a água tirada de um riacho com um latão. Dessa forma, o carvão estava pronto para ser ensacado e vendido. Os montes de carvão ficavam na beira da estrada em Vila Campos, entre Tapejara e Ibiaçá.

Hoje, o carvão é feito dentro de um forno com lenha de eucalipto, a temperatura é controlada e quando está cozido deixam alguns dias o forno fechado até apagar o fogo, e assim está pronto o carvão.

UNIDADES INDUSTRIAIS DE ALIMENTOS

A unidade industrial de alimentos em Tapejara é composta pelos ramos de laticínios, chocolates, mandolates e balas e cabe destacar a sua evolução no decurso do tempo. Entre as unidades de laticínios instaladas, foram o posto de resfriamento da Lacesa S/A e o Laticínio Aurora, na década de 80; a empresa Bom Gosto, atual Italac; os posto de resfriamento da Tirol e o laticínio Ouro Branco, que surgiram em meados de 2000. Entre as unidades industriais de chocolates, balas e mandolates, destaca-se a pioneira de Carino Canali, que surgiu na década de 1940; Pietrobon & Cia. Ltda., no final dos anos 60; Simonetto e a empresa Canali Mioto & Cia. Ltda., em meados dos anos 90.

Na origem de todos esses empreendimentos, existe um ponto comum presente em seus idealizadores, que era o sonho de constituir e tornar realidade uma unidade industrial. Durante a trajetória percorrida para transformar o sonho em realidade, tiveram que superar limites, incertezas e buscar apoio e

incentivos.

- **Fábrica de Marmelada e Caramelos de Canali & Irmãos Cia. Ltda.**

A industrialização do marmelo, pêssego e figo em Vila Tapejara iniciou na segunda metade de 1940. Naquele tempo, surgiu o empreendimento denominado Canali & Irmãos Cia. Ltda., fundado em 27 de julho de 1947. Inicialmente, a fábrica estava localizada em Passo Fundo. Produzia caramelos e marmelada denominada Teixeirense e a moagem e torrefação de grãos de café. A sociedade era composta pelos irmãos Carino, Mansueto e Pedro Canali. Esses produtos eram enviados para São Paulo e Rio de Janeiro, através do Porto de Rio Grande.

Primeiro prédio da fábrica, em 1949, na Vila Tapejara.
Foto: Arquivo de Mário José Felini.

Em meados de 1949, foi instalada na zona central da Vila Tapejara uma extensão da fábrica Canali, Irmãos & Cia. Ltda. A razão social da fábrica era Carino Canali & Cia. Ltda. A linha de industrialização principal era a de marmelo, mas também produziam e comercializavam doces de figo e pêssego. A empresa tinha como representante comercial na cidade portuária de Rio Grande Florindo Santiago, e os compradores eram os mesmos da empresa de Passo Fundo, Canali Irmãos & Cia. Ltda.

No período de 22 de abril a 6 de junho de 1949, os irmãos embarcaram da Vila Tapejara para Passo Fundo e dali para Rio Grande os pedidos dos produtos solicitados por seu representante comercial Florindo Santiago, tendo como destinatários os compradores das empresas Abdalla Nader, Timm & Cia. Ltda. e Diechmann & Cia. Ltda.

No dia 9 de junho de 1949, Carino Canali & Cia. Ltda., através de uma carta, comunicou ao seu representante, Florindo Santiago, que o estoque de massa para marmelada estava acabando e haveria probabilidade de ficar desfalcado do produto na próxima primavera. Também disse a ele que o preço do açúcar havia subido e poderia aumentar ainda mais. Desta forma, solicitou a Santiago que procurasse novos clientes, que pagassem preços melhores e também que aumentasse o preço das caixetas de 1 kg por Cr$ 5,50 a unidade.

Primeiras funcionárias da fábrica.
Foto: Arquivo de Mário José Felini.

Por volta da primeira metade de 1950, o empreendimento Carino Canali & Cia. foi sucedido pela razão social Mansueto Canali, Fábrica de Marmelada, Mandolate e Balas. A matéria-prima, o marmelo, era obtida junto aos agricultores da região e moradores da Vila Tapejara. Os marmelos eram levados ao cozimento e com a mistura de açúcar formavam uma massa. Em seguida, a massa era estendida em uma mesa e, em ato contínuo, era cortada na forma de tabletes de 1kg e 5kg. Depois eram embalados em papel celofane transparente e depositados em caixetas de madeira e engradados, da Madeireira Teixei-

rense.

As encomendas de marmelada feitas de Rio Grande eram transportadas da fábrica por pequeno caminhão até a estação ferroviária de Passo Fundo, onde era despachada e, em seguida, embarcada em um trem com destino a Porto Alegre. Da capital do Estado, eram transportadas para embarcações que faziam frete até o porto de Rio Grande.

Em 1951, a empresa diminuiu os preços dos doces de marmelo para acompanhar os preços das fábricas de Pelotas, Caxias do Sul e as locais. Em carta datada de 10 de julho de 1951, Florindo Santiago comunicou aos irmãos Canali que os negócios com a marmelada tinham declinado. Um dos motivos foi o baixo preço da goiaba, forçando todas as empresas de doces de marmelo a baixarem o preço do produto.

Na época havia falta de negócios e, consequentemente, de dinheiro, na venda dos doces. Dessa forma, as fábricas de marmelada de Pelotas ofereciam o produto na base de Cr$ 6,00, enquanto os irmãso Canali vendiam a caixeta com 5kg entre Cr$ 23,00 e Cr$ 24,00.

Os irmãos Canali foram informados, pelo seu representante comercial, que os preços no momento estavam descontrolados, pois os fabricantes de Pelotas vendiam a Cr$ 5,80, outras fábricas de Pelotas vendiam ainda por menos, enquanto os Irmãos Canali continuavam vendendo entre Cr$ 23,00 e Cr$ 24,00 as caixetas de 5 kg.

Ainda foram alertados que o doce de goiabada havia sofrido "nova baixa", forçando também a baixa do doce de marmelo. Os clientes diminuíram as compras nas quantidades, mas davam preferência à marmelada Teixeirense. Quase trinta dias depois, o representante comercial informou aos irmãos Canali que os concorrentes estavam forçando as vendas do doce de marmelo por baixo preço, inclusive as fábricas locais, que ofereciam a caixeta com 5 kg na base de Cr$ 22,00, entregando sem cobrar frete.

A produção era comercializada na região, mas principalmente para fora do Estado do RS, chegando a comercializar cerca de 2.500 kg para o Rio de Janeiro. Em meados da década de 1960, a empresa encerrou as atividades, devido à concorrência e à baixa produção da matéria-prima, o marmelo, o figo e o pêssego.

• Vinícola

A transformação das frutas em produtos para o consumo e subsistência das famílias dos colonizadores demorou algumas décadas a chegar na zona central e redondezas.

A uva, o pêssego e o marmelo, nos primórdios, eram cultivados pelos pioneiros em pequena área e com pequena produção, suficiente para dar conta da necessidade do consumo da família. As frutas eram transformadas em doces e geleias.

Como era crescente o aumento da produção e da produtividade da uva, foi despertado o interesse da firma Ughini & Irmãos em industrializar o excedente produzido na Vila e redondezas em meados dos anos 40. Para isso, construiu dois prédios de alvenaria e os equipou; assim constituiu sua vinícola, conhecida na época como a "Cantina dos Ughini". A partir de então a firma começou a adquirir uva dos produtores locais e da redondeza. Passou a transformar a uva em vinho e vinagre. Estes eram envasados em recipientes de vidro, de um e cinco litros, que eram comercializados na Vila e na região. Os produtos receberam os seguintes nomes: os vinhos Clarete e Tapejara e o vinagre de Arnaldo.

A vinícola estava localizada na atual Rua Júlio de Castilhos, esquina com a Rua Ângelo Eugênio Dametto, antigo acesso para a estrada geral de Santa Rita. Na atualidade, o prédio maior ainda existe e o menor foi demolido. O que ainda permanece serve de depósito da empresa Adubos Coxilha. No local do menor foi edificado o prédio que abriga a atual instalação da administração da empresa Adubos Coxilha.

• Gasosarias

Em meados de 1944, na então Vila Tapejara, Pedro e Antônio Poletto desenvolveram a atividade de fabricação e envasamento de gasosa, tipo de refrigerante na época, nos sabores laranja, limão, abacaxi e guaraná. Pedro contou que "nessa época existia um caminhão Chevrolet ano 1929, que carregava a carroceria de grades de gasosa e vendia nas comunidades de Carreteiro e Coxilha, principalmente em Mato Castelhano, pois naquela época estavam asfaltando a estrada de Passo Fundo a Lagoa Vermelha. Na beira da estrada havia o acampamento e alojamento dos operários e eles compravam grande quantidade de gasosa. Além da comunidade de Tijuco Preto, Marau, que também comprava grande quantidade para revender nas diversas festas que promovia na época." Na Vila Tapejara, seus principais fregueses eram o Café Bertoglio e a Casa Comercial de João e Vitório Casa.

A bebida era fabricada pela então conhecida "Gazozaria de Antonio Polleto", premiada com o 1º lugar na 2ª Exposição Agropecuária Industrial e Feira Anexa de Passo Fundo, em meados de 1936.

Em meados de 1955, a Gasosaria, a casa e o terreno foram vendidos por 20 mil contos de réis para Albino Costa, o qual instalou na Vila Tapejara a Gasosaria que havia sido dos irmãos Antônio e Pedro Poletto. A instalação foi equipada com tanque de lavagem de garrafas, estabilizador, engarrafador, ingetor de gás carbônico e limpador de garrafas para produção e engarrafamento de gasosa de sabores limão, laranja e guaraná. Mais tarde, seu filho Arlindo Costa (Manco, em memória), e sua esposa Ládia Segat Costa (em memória) produziram suco de laranja envasado em garrafas e também numa pequena garrafa que ficou conhecida por "Laranjinha do Manco". Mais tarde, encerrou suas atividades.

• Gasosaria e distribuição de cerveja

João Albino Valentini, em sociedade com José Bacega Neto, na década de 1970, instalou um depósito de bebida com distribuição da cerveja Serramalte e refrigerantes, localizada no prédio que servia, antigamente, de lavagem de garrafas e pipa da então cantina da firma dos Irmãos Ughini.

Posteriormente, o depósito levou a denominação de Comércio de Bebidas Tapejara Ltda., sociedade constituída por Balcemino Antonio Kadini, Vilson Casamali, Hélio Casamali e Ênio Hanel, com a marca de cerveja Antártica de 1982 a 1984. A partir deste ano, transferiam-se para a Rua Manoel Teixeria, 108, Centro.

A partir de 1998, a razão social passou a ser Kadini & Kadini, de propriedade de Balcemino Antonio Kadini e Arlene Maria Zaparolli Kadini, com diversificação na venda de produtos vendidos em Tapejara e região.

Nessa época também surgiu a firma Panisson Picolotto e Cia. Ltda. na Avenida Sete de Setembro, sendo filial de uma empresa de Ibiaçá.

• Pietrobon & Cia. Ltda.

A empresa Pietrobon & Cia. Ltda. iniciou em 1968. O fundador, João Amaro Pietrobon, contou como o sonho se tornou realidade. Em meados de 1968, chegou em Tapejara, procedente de Paulo Bento, na época Distrito de Erechim, a família de João Amaro Pietrobon e Terezinha Pietrobon. Chegaram à nova cidade com um sonho: instalar uma indústria de balas. Tendo poucos conhecimentos sobre a industrialização de balas, conseguiram alugar, para o início, uma pequena sala, no subsolo do então Edifício Zanatta, assentado na Rua do Comércio, esquina com a Rua Independência, ao lado das antigas instalações da Mecânica Tapejarense. O fundador recordou que, para o início da produção, comprou quatro

sacos de açúcar, duas latas de glicose e um tacho para fazer o cozimento de massa de bala. As embalagens e o papel para embrulhar foram comprados em um frigorífico de Erechim.

As balas eram produzidas e, posteriormente, feita distribuição nas casas de famílias onde as donas de casa as embrulhavam manualmente. Após um prazo determinado, eram recolhidas e assim vendidas ao comércio. A produção de balas e mandolates era feita de segunda a quinta-feira; nas sextas, sábados e domingos eram feitas as vendas, a pronta entrega.

Empresa Pietrobon. Foto: Arquivo da Divulgação.

Em pouco tempo o local ficou pequeno, e a fábrica foi transferida para uma sede própria, no antigo prédio de Torino Costa, localizado na Avenida Sete de Setembro, um local amplo e com equipamentos mais apropriados à produção. Surgiu, então, a necessidade de contratar mais mão de obra para inserir os produtos no mercado. Foram contratados os primeiros vendedores externos, que faziam a venda à pronta entrega. Nesse tempo, foi-se aumentando o grupo e atingindo em vendas os três Estados da região Sul do país.

Em 1982, a empresa foi mais uma vez ampliada, passou para um local mais apropriado, localizado em um bairro mais retirado do centro da cidade, na Rua Celso Domingues. No ano de 1993, a empresa teve um grande salto, a indústria foi transferida para um local de maior área, juntamente com o centro administrativo, onde está localizada hoje, na Rua Osvaldo Cruz, 126, Bairro São Paulo, com uma área construída de 10.500m^2. A indústria é dotada com tecnologia de ponta à produção de balas Diet, com a marca Super Fresch, juntamente com as Balas de Menta, Mastigáveis, Piteco Extra, Funcho, Algodão Doce e Caramelo Castanha.

O setor de destaque é a Indústria Pietrobon Chocolates, que teve sua inauguração no ano de 1997, produzindo os chocolates ao leite, caju, flocos, milk e o tradicional. Desde o ano de 1999 possui também a produção de chocolates fracionada das marcas Classy, Agytto, Riacho e Big Riacho, com linha completa de produtos para épocas de Natal e Páscoa, como Papai Noel, ovos e cestos, produtos estes que já alcançaram a produção de quatro milhões de unidades. No final do ano de 2007, a indústria adquiriu uma máquina de alta tecnologia para a industrialização de Pirulitos Pietrobon, nos sabores de uva, laranja e morango.

A Pietrobon possui uma frota de caminhões próprios. Conta com um grupo de vendas composto por representantes e vendedores, atuando em todo o Brasil e exterior. Em 2008, foi inaugurada a filial da indústria na cidade de Guarapuava, no Estado do Paraná. Ainda em 2008, a empresa agregou ao seu grupo a marca Fukito. A empresa mantém nas cidades pontos de venda dos produtos industrializados e uma ampla loja de eletrodomésticos nas cidades de Tapejara e Ibiaçá.

A Pietrobon é uma empresa que atua há mais de 45 anos no mercado trabalhando nos setores alimentícios de balas e chocolates e também na divisão de plásticos, tubos e mangueiras. Atende hoje o mercado nacional e internacional, tendo seus produtos comercializados em mais de 20 países.

• Simonetto

A empresa Simonetto Alimentos iniciou suas atividades em 1987, como uma pequena distribuidora de produtos alimentícios. Anos depois, foram incorporadas novas linhas de produção para fabricação de chocolate, com o foco na comercialização exclusiva para Páscoa e Natal. A partir de 2004, o foco passou a ser a produção, sempre em sintonia com as necessidades dos mercados nacional e internacional, em mais de 40 países. Passou a produzir com marca própria balas mastigáveis e, logo após, foram incorporadas à produção as linhas de pirulitos e gomas de mascar, aumentando o mix de produtos.

Empresa Simonetto. Foto: Arquivo da Divulgação.

Em 2010, com foco na necessidade do mercado, a Simonetto Alimentos deu mais um salto, passando a produzir e comercializar achocolatados e sobremesas.

Em 2013, iniciou a produção de caramelos. Atualmente, a empresa possui um dos mais completos mix da linha de candies nacional, formado por caramelos, balas, pirulitos, gomas de mascar, refrescos, achocolatados e sobremesas. Também possui dois parques industriais, com mais de duzentos e cinquenta colaboradores.

• Cristal

No ano de 1998, as famílias Mioto e Canali reuniram-se com o intuito de engajar-se em um novo empreendimento. Após diversos estudos e pesquisas de mercado, optaram por investir em uma indústria, e a escolha foi no setor alimentício. Sem possuir estrutura alguma, mas com o conhecimento de comércio, optaram pela industrialização de balas e chocolates.

Iniciaram-se as pesquisas, os estudos e os preparativos: compra de alguns equipamentos, aluguel do estabelecimento, compra de matéria-prima, caminhão para distribuição, funcionários, formação jurídica da empresa, escolha do nome comercial, equipe de vendedores, créditos em bancos e nas indústrias fornecedoras de matéria-prima. Assim, em 24 de novembro de 1998, nasceu a empresa Mioto, Canali & Cia. Ltda., com o nome fantasia de Chocolates Cristal, situada na Rua Cel. Lolico, 515.

No primeiro ano de existência, apesar de muita dedicação, não foram vendidas muitas unidades dos novos produtos, não atingindo os objetivos iniciais. Porém, o investimento já havia sido feito. Utilizando o conhecimento comercial dos sócios, foram contratados alguns distribuidores e outros vendedores. De modo geral, os resultados foram positivos. Superada a primeira fase, de implantação e conquista de espaço no mercado, iniciava-se outra etapa.

Medidas foram tomadas assim que se constataram os citados obstáculos, e já no início de 2006 houve resultados: a inadimplência progressivamente diminuiu e hoje está em um percentual aceitável; as devoluções de mercadorias foram controladas cliente a cliente; houve informatização e divisão de setores, na parte administrativa, a fim de melhor controle e consciência das necessidades da empresa, que já apontava para um crescimento maior.

Os produtos fabricados são, em sua maioria, produtos sazonais, destinados às épocas de Natal e

Páscoa, com faturamentos variáveis a cada ano. No período entre as referidas datas, a distribuição de balas mantém a empresa e os vendedores em épocas de menor faturamento.

Quanto à atuação da empresa em nível nacional, atualmente os Chocolates Cristal estão presentes nos Estados de RS, SC, PR, MT, MS, SP, MG, RO e RJ, sendo que na região Sul há vendedores e nas outras regiões há representantes locais e alguns distribuidores.

No início das atividades da empresa, o objetivo era a colocação de produtos em lojas de R$ 1,99, bazares, supermercados e lojas de conveniência. Atualmente, com o crescimento, houve alteração nos sabores dos produtos, investimentos em design, atingindo redes maiores de supermercados. A administração está a cargo de Rodolfo Canali, Ronaldo Canali e José Luiz Canali.

Atualmente, em 2015, houve mudanças no setor de vendas, com redução de representantes, mas com atacados e representantes regionais residentes na própria região, com objetivos direcionados na sua área.

• Chocolates Chocovini

A fábrica de chocolates Chocovini (Fontana & Posser) nasceu do amor pela fabricação de doces e do empreendedorismo de dois ex-funcionários de indústrias doceiras da região. Iniciou as suas atividades no ano de 2009, com a produção de chocolates natalinos e ovos de Páscoa, que são comercializados em todo o território nacional.

Foto: Empresa Chocolates Choco Vini.

A empresa é responsável pela geração de mais de trinta e cinco empregos diretos em alta temporada e pretende expandir os negócios com a fabricação de novos produtos e a conquista de novos mercados, gerando empregos o ano todo. Os sócios proprietários Luciane Fontana e Sidnei Posser, através do conhecimento e da experiência, aliados a muito trabalho e dedicação, orgulham-se em contribuir para o crescimento e desenvolvimento de Tapejara, levando o nome do Município a todos os cantos do Brasil.

• Ervateira familiar

A família de Giacomo e Ana Bressan Canali produziam erva-mate para o consumo da família e para venda na segunda metade da década de 1940. Assim conseguiam recursos financeiros para comprar as roupas, os calçados e os remédios. “Teve um tempo em que chegamos a produzir de quatrocentas a quinhentas arrobas (uma arroba equivale a quinze quilos), que era vendida no comércio da então Vila Tapejara”, contou uma das filhas, Gema Canali, casada com Adelar Spagnol. Ainda, de acordo com ela, produziram erva-mate por alguns anos, até que foram obrigados a parar. “Um industrialista do então Distrito de Água Santa, Teodoro Rech, avisou o pai que não poderíamos mais produzir erva e comercializar, pois não tínhamos licença e somente ele era autorizado a produzir para o comércio. Caso continuássemos a produzir, ele iria nos denunciar junto às autoridades competentes. Diante dessa ameaça achamos melhor parar de produzir em grande quantidade para vender no comércio, e passamos a produzir somente a quantidade para o consumo da família e para uns parentes.”

SORVETERIAS E FABRICAÇÃO DE EMBUTIDOS

Os primeiros sorvetes e picolés degustados pela população de Tapejara foram feitos nos cafés, entre os quais: Central, de Menegaz Bertoglio Ltda.; Café Tapejara, da família Toson; Café União, de Demétrio Marcolin; em seguida, Café Alvorada, de Normélio Fontana.

Os primeiros picolés e sorvetes da marca Kibon foram trazidos e vendidos por Angelo Cassiano Peruzzo, na década de 1970. Eram revendidos no seu estabelecimento, Bar e Churrascaria Manda Brasa, localizado na Rua do Comércio, ao lado do então Cine Tamoio.

• Soverteria Cremabom

A Sorveteria Cremabom foi fundada no dia 7 de setembro 1979, na Rua 15 de Novembro, 159, por Cícero Alberto Borth e esposa, Olti Bohrer Borth. Os sorvetes são feitos com a polpa da fruta. Atualmente, além do casal, a filha Adriana Borth também ajuda na sorveteria, que abre todos os dias da semana e também nos finais de semana.

• Gellu's

A empresa Sorvetes Gellu's Ltda. foi fundada em 1º de agosto de 2008 pelos sócios proprietários: Josiane Baseggio Canali, Joci Baccega Baseggio e Paulo Roberto Bacegga. Trabalham na fabricação de sorvetes e outros gelados. Atualmente, a empresa está localizada no Bairro Industrial, São Isidoro, km 2,5, na saída para Coxilha.

Além desses, ainda há outros pontos que vendem sorvetes, picóles, milk shakes e derivados: Drink Bar Opinião, Sorvtchê, atual Bisk8 Bar, Rei do Milk Shake, entre outros.

• Associação de Defesa Ativa Colonial

DIARIO DA MANHÃ

"ASSOCIAÇÃO DE DEFESA ATIVA COLONIAL"

Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

Matadouro da Associação de Defesa Colonial na década de 1940, sucedida pelo frigorífico São Paulo. Foto: Arquivo Público do RS – Ricardo Giusti.

Em meados de 1940, foi criada a Associação de Defesa Ativa Colonial na então Vila Tapejara, posteriormente Frigorífico São Paulo S/A, por iniciativa de um grupo de pequenos agricultores animados e desafiados por Tranquilo Translati, de Passo Fundo, que desenvolvia atividade de abate e comercialização de produtos suínos.

A Associação de Defesa Ativa Colonial objetivava congregar um grupo de agricultores que criavam suínos e quando estavam aptos para o abate eram comercializados em Passo Fundo, Sananduva e

Erechim. A ideia da associação tinha como finalidade, em médio prazo, instalar um frigorífico na Vila Tapejara para abater, industrializar e comercializar derivados de suínos.

Cada membro, inicialmente, colocou valores financeiros para aquisição do local, dependência e equipamentos. O primeiro presidente escolhido em assembleia pelos sócios foi Tranquilo Translati. A sociedade congregava cerca de mil sócios.

- **Frigorífico São Paulo S/A**

Prédio do Frigorífico São Paulo. Em frente, Valdereza e Domingos Luiz Dallagasperina em visita ao estabelecimento em 1963. Foto: Arquivo de Domingos Luiz Dallagasperina.

No final de 1951, Vergilino Eron Borges, natural de Joaçaba (SC), foi convidado a trabalhar na associação do frigorífico, já que havia adquirido vasta experiência administrativa na firma de Saulo Pagnocelli. Em seguida, chegaram Ernesto Canali e Primo de Carli, também com experiência administrativa.

Vergilino, Ernesto e Primo convocaram os associados da Sociedade Ativa Colonial para uma assembleia. Durante a reunião, foi proposto transformar a entidade em uma empresa S/A, com a denominação de Frigorífico São Paulo S/A, aceita pelos sócios. Na oportunidade escolheram a primeira diretoria, assim constituída: Presidente, Primo de Carli; Diretor Comercial, Mário Dal'Pont; e diretor-gerente, Ernesto Canali.

Com muito trabalho e apoio de seus auxiliares, conseguiram agregar mais sócios à entidade, entre as quais: firmas Ughini, Gaúcha Madeireira, de Passo Fundo, de Tadeu Nedeff, e a empresa de transportes Sulina, dos Irmãos Zaffari, de Passo Fundo, que vieram para reforçar o capital da empresa, modernizar equipamentos e possibilitar a industrialização e a expansão da comercialização de derivados de suínos.

Os funcionários pioneiros no período de 1953 a 1959 foram: Fioravante Massotti, Elmo Canali, Geraldo Beé, Berci Figueiredo, Valmir Matevi, Terezinha Oliveira, Avelino Barratto, Narciso Bogoni, Rodolfo Sbardelotto, João Giácomo Bogoni, Iraci Figueiredo, Guilherme Scariot, Lídia Sbardelotto, Valentim João Brunetto, Maria Lea Canali, Arlindo Matevi, Neusa Rodrigues, Terezinha Oliveira, Laurindo Saccon, Guerino Maito, Ivo Ferrão, Nelson Biolo, Joaldino Tartari, Sebastiana Alves Souza, Benvindo Brunetto, José Reinaldo Elon, Sebastiana Alves, Dolcino Darci Brunetto, Luiz Marsiglio, Gino Dalve, Olívo Terrão,

Elza Marsiglio, Olico Sitta, José Nelson Casser, Pedro Paim, Edda Diniz Girardello, Ary Antonio Brunetto, Irma Bogoni, Arlindo Bée, Mario Spagnol, Eusébio Canali e Claudino Bogoni.

Entre as famílias dos funcionários, cabe recordar a de José Brunetto e Ermelinda Brunetto, que chegaram na Vila Tapejara na década de 1950. Partiram do então 7º Distrito de Putinga, pertencente ao Município de Encantado, onde desenvolviam a atividade agrícola de subsistência, em pequena área de terra. Junto com o casal vieram os filhos: Valentim João, Benvindo, Dolcino Darci, Ary Antônio e Nelson.

Os filhos Valentim e Benvindo foram os primeiros da família a serem admitidos no quadro de empregados do então Frigorífico São Paulo. O primeiro foi Valentim, com 24 anos de idade, admitido em 20 de maio de 1954. O segundo foi Benvindo, com 14 anos de idade, em 1º de novembro de 1954. Um ano após foi a vez de Dolcino Darci ser admitido, com 21 anos de idade, na data de 1º de julho de 1955. Em seguida, ingressou Ary Antônio e, mais tarde, Nelson e Francisco.

Os animais da raça Duroc e Caruncho, que eram abatidos no frigorífico, procediam de criadores da Vila e de localidades de Sananduva e do interior do Município de Passo Fundo. Os motoristas Clemente Tomazoni e Balduíno Zaparolli transportavam muitos animais em seus caminhões. Os suínos eram descarregados, pesados e colocados nas pocilgas. Ficavam um tempo em observação, sendo após abatidos.

Havia a área de salga da carne, a área dos embutidos e as câmaras frias. A caldeira e a área de compressores faziam parte da produção e do controle do sistema de água quente. Ainda havia o refino de banha, a área de embalagens, a estocagem e a área de farinha de osso.

Primeiros funcionários.
Foto: Arquivo de Terezinha Cauduro Pinna.

Durante a semana, as atividades dos empregados eram realizadas no interior do estabelecimento, voltadas à sangria, corte, salga e fabricação de embutidos e banha. Entre os embutidos, o destaque ficava com o salame, que levava a marca de Imperador e a banha em tabletes e em kg, de nome Rainha, comercializados nos Estados de São Paulo, Bahia e no então Estado da Guanabara, capital Rio de Janeiro, na época capital do Brasil. Os produtos eram embalados em papéis especiais e acondicionados em caixas de madeira. Também eram inspecionados e fiscalizados pelo serviço de vigilância de saúde federal.

Os funcionários eram chamados para entrar no estabelecimento através de um apito, acionado às 6h para entrada, ao meio-dia para o intervalo do almoço, e às 18h para a saída. Nessa época, este apito competia com o badalar do sino da Igreja Matriz e podia ser ouvido no centro da cidade.

Com o passar dos tempos alguns funcionários permaneceram e outros saíram, oportunizando o ingresso de novos na década de 1960, entre os quais: Pedro Paris, José Panho, Atílio Sbardelotto, Dionísio Vedana, Valter A. Figueiredo, Valdomiro Bruch, Ângelo Xavier, Antônio Telles, Lindolfo Bruch, Irma C. Cauduro, Ângelo da Silva, Murilo João Zapanni, Saule Rosa, Balduino Zaparolli, Albino Scariot, Sergio Valentini, Adão A. da Costa, Aquilino Segatt, Antônio Zanatelli, Sérgio Webber, Arlindo Sbalchiero, José dos Santos, Orides Barbosa, Inês Barizon, Dozolina Marin, Auro Borges, Júlio dos Santos, Gertrudes Biasi, Elza Spagnol, Lourdes Giacomin, Zenir Morais, Dorvalino Pinto de Oliveira, José dos Santos, Ângelo Xavier, Maria Brunetto, Ovídio Marchiori, Tereza Vilbrantes, Clemente Oliveira, Orlando Gomes, Ari

Pinto de Oliveira.

No período de descanso, os empregados ficavam do lado de fora do frigorífico, pois não tinham local para comer e aquecer suas marmitas. Quando se acidentavam, eram levados e atendidos no Hospital Santo Antônio, de Tapejara.

O transporte dos produtos industrializados era efetuado por caminhões equipados com câmaras frigoríficas, dirigidos por motoristas da cidade: Virgilio Três, Albano Rech, Zeferino Ari Gardelin, Olimpio Sandini, José Sandini Neto, Osvaldo Barcarollo, Valdir Três, entre outros. Com a chegada de caminhões e automóveis à Vila Tapejara, foram instaladas oficinas para manutenção e conserto, entre as quais as pertencentes às famílias Barbone e Casa, que prestavam os serviços de qualquer marca. Existia ainda outra oficina de automóveis, pertencente a Bortolo Mocelin.

Outras funcionárias do frigorífico.
Foto: Arquivo de Terezinha Cauduro Pinna.

Anualmente, ocorriam assembleias gerais, quando a diretoria prestava contas aos associados das atividades realizadas, independente do valor da quota de cada membro. Nessa época Vergelino Eron Borges exercia a função de chefe do escritório do Frigorífico .

Entre os anos de 1950 a 1960, aumentou o número de frigoríficos no Rio Grande do Sul, de 44 para 56. Esse período pode ser considerado como áureo para o setor. Foi o melhor período para o Frigorífico São Paulo S/A. Nessa década a banha era o produto dominante e os processos produtivos dos frigoríficos estavam em busca de diversificação. Entretanto, o Frigorífico São Paulo permanecia apenas no processo de produção de banha e salame. Mais tarde, o óleo de soja entrou no comércio e começou a concorrer com a venda de banha de porco.

Na foto, Tibério Amatea. Criação de matrizes de suínos da Firma Ughini, Bertoldo & Cia., na localidade da Linha Marcolin em 1940. Foto: Arquivo de Carmen Ughini Vergara.

No intervalo entre os anos de 1960 a 1970 saíram seis frigoríficos do mercado gaúcho, entre eles, em 1969, o Frigorífico São Paulo S/A, pois tinha o seu principal mercado no Estado de São Paulo, que valorizava bastante a banha, além do salame. Como a matéria-prima era insuficiente no Estado, ocorreu um processo de destruição entre as empresas nessa disputa por suínos.

Iniciou-se, então, o que pode ser chamado de "ciclo da carne", com a transposição do suíno tipo banha para o suíno tipo carne, o que constituiu um marco para o setor, que passaria a sofrer, a partir de então, severas mudanças.

Por outro lado, o Frigorífico São Paulo não se convenceu de que a banha deixava de ser o principal produto e não passou a industrializar derivados de carne suína. Essa linha de atuação foi um dos fatores que tornou a empresa inviável no mercado.

As empresas que não se tornaram inviáveis foram aquelas que logo se convenceram de que a banha deixava de ser o principal produto e passaram a industrializar derivados de carne suína, como linguiças,

salsichões, salames, salamitos, presuntos, salsichas. Essa decisão foi um dos fatores de sua sobrevivência.

A indústria deu origem ao atual Bairro São Paulo, promoveu geração de emprego e renda aos moradores das proximidades e da cidade. Chegou a ter mais de duzentas pessoas entre empregados e fornecedores. Além disso, difundiu e promoveu o esporte e lazer, propiciando a fundação do São Paulo Futebol Clube, a construção da praça esportiva e a sede social do clube esportivo.

- **Matadouro Frigorífico Irmãos Dametto & Cia. Ltda.**

Na segunda metade de 1920, a família de Ângelo Dametto e Angela Robbazza e seus filhos, em especial Valentim, residentes na então localidade de Linha 12, pertencente ao atual Município de Carlos Barbosa, instalaram uma pequena casa de comércio conhecida como casa de pasto, em função dos carroceiros que ali paravam para pernoitar, para se alimentarem e para o descanso dos animais. Ali já se faziam os primeiros abates de animais para atender a própria demanda e a população da localidade.

Família de Angelo Dametto e Angela Robasso Dametto. Em pé, da esquerda para a direita: José, Gesué, Joana, Vitório e Valentim. Sentados: Ferdinando, Angelo (pai), Angela (mãe), Madalena e Cecília.

Em meados de 1933, Valentim Dametto, casado com Itália Zanatta Dametto, e seus familiares, entre os quais seu filho Ângelo Eugênio Dametto, chegaram na localidade de São Domingos, situada entre os atuais Municípios de Charrua e Sananduva, junto com Ângelo Eugênio Dametto, casado com Maria Julia Canal Dametto. Por aproximadamente uma década desenvolveram a atividade agrícola de subsistência num lote de terras.

Mais tarde, por volta dos primeiros anos da década de 1940, transferiram-se para a então Vila Tapejara. Valentim continuou com suas atividades na agricultura. Mais tarde, foi sócio de serraria com seu irmão Vitório. Por sua vez, Ângelo era convidado para trabalhar no matadouro e açougue na então firma Ughini & Bertoldo Cia. Ltda., onde permaneceu até 1955.

Em 31 de março de 1955, Ângelo Eugênio constituiu sociedade com seu filho Elzírio, com a finalidade de compra e abate de bovinos. Em seguida, instalou um açougue com venda de peças e miúdos de carne, localizado na Rua do Comércio. Essa sociedade durou até 1972. A partir de então incorporou mais seus filhos Azir Dametto e Gilberto Luiz Dametto. Em seguida, a sociedade remodelou e ampliou o prédio do açougue e instalou um supermercado.

Mais tarde, tornou-se Irmãos Dametto Ltda., com a participação dos seus netos, filhos de Elzírio, Lorimar, Sérgio, Hélio, Ernani e Adalberto. Com o tempo, transformaram o antigo matadouro, localizado no atual Bairro Nazaré, num frigorífico dotado de modernas instalações e passaram a fornecer carne bovina para estabelecimentos comerciais, locais e da região. A carne comercializada começou a ser inspecionada pela Coordenadoria de Inspeção Sanitária de Produtos de Origem Animal do Estado do Rio Grande do Sul.

• Agrodanieli

O Grupo Agrodanieli iniciou suas atividades em 1990, já com uma sólida experiência de seus fundadores na comercialização de grãos desde 1984. Teve a sua primeira sede instalada em Tapejara. Atua, desde então, no segmento de grãos, insumos, industrialização de soja, rações, segmento avícola e supermercado – da produção à comercialização. Seus produtos são distribuídos no mercado nacional e internacional.

O Grupo Agrodanieli conta com duas unidades de abate de frangos de corte no Município de Tapejara, com capacidade de abate de 200.000 aves/dia. Também possui a sua terceira unidade frigorífica, localizada no Município de Trindade do Sul (RS), com capacidade de abater 300.000 aves/dia.

Os produtos da Agrodanieli são comercializados com as marcas: Isidoro, Piu Bello e Danieli. Esses produtos chegam ao consumidor em forma de cortes, frangos congelados e resfriados, em diferentes formas de apresentação, agregando maior valor e qualidade a esses alimentos nobres.

• Fabricação caseira de queijo e aproveitamento do leite

Com o objetivo de proporcionar o aperfeiçoamento na fabricação caseira de queijos e o melhor aproveitamento do leite na alimentação humana, aconteceu nos dias 27 e 28 de setembro de 1994, tendo como local o então Centro de Treinamento Educacional Padre Valter Valentim Baggio, de Tapejara, numa promoção do Escritório Municipal da Emater e com apoio da Secretaria Municipal da Agricultura e Meio Ambiente, o Curso de Aproveitamento do Leite. Participaram vinte e uma mulheres, representantes de dezesseis grupos de comunidades rurais.

O curso foi ministrado pela extensionista do escritório da Emater de Casca, Terezinha Carniel. Na oportunidade, foram feitos quatro tipos de queijos: mussarela, prato, minas frescal e minas meia cuca; foi demonstrado o aproveitamento do soro através de refresco, sem contar bola, doce tipo mumu, pão, queijo temperado e também foram feitos iogurtes, danoninho e leite condensado.

Na medida em que o Poder Público incentivava a produção de leite e era industrializado por laticínios locais, mais despertava o interesse de inúmeros produtores a conhecerem e ingressarem nessa atividade. Entre as diversas atividades, os produtores tiveram oportunidade de observar as propriedades onde havia atividade de produção de leite e era explorada com competência, principalmente no que se refere à qualidade do rebanho e à alimentação, destaque-se a que aconteceu nos dias 9 e 10 de janeiro de 1995, no Município de Castro, no Estado do Paraná.

Naquela oportunidade quarenta e seis produtores rurais de Tapejara deslocaram-se até lá. A viagem foi organizada pela Secretaria Municipal da Agricultura e Meio Ambiente e contou com o auxílio da Prefeitura Municipal de Tapejara, da Lacesa/Parmalat e do Laticínio Aurora.

• De Laticínio Bom Gosto a Italac

Os antecedentes do Laticínio Bom Gosto contam que, em meados de 1993, Wilson Zanatta e sua esposa Miriam Zanatta fundaram o empreendimento e colocaram em funcionamento com a colaboração de quatro funcionários. Wilson recorda: "Minha ideia era industrializar um produto local – carne ou leite. Queria ao mesmo tempo poder aproveitar meus conhecimentos em veterinária. Além disso, a prefeitura estava concedendo incentivos à produção de leite e doou um terreno para uma fábrica. Juntei todas as minhas economias para iniciar a empresa. Consegui também um financiamento bancário. Mesmo assim, para chegar ao mínimo necessário à empreitada, precisei convencer Miriam a vender sua

loja de confecções e colocar mais dinheiro no negócio. Ela então veio trabalhar comigo. No total, investimos o equivalente a R$ 550.000,00."

A produção inicial foi apenas de queijo e leite C, cremes e manteiga. Zanatta lembra: "Miriam e eu participávamos de todas as etapas da produção. Frequentamos um curso para aprender a preparar os queijos. Nós fazíamos os produtos, embalávamos e carregávamos o caminhão, que eu mesmo dirigia até Porto Alegre, onde fazia as vendas. Um ano depois, a empresa importou vacas do Uruguai, que produziam em média 25 litros de leite por dia, quase quatro vezes mais que as vacas brasileiras."

Wilson enfatiza: "Mas, para que fosse possível aumentar a produção, precisava convencer outros produtores da região, de quem comprava parte do leite, a fazerem o mesmo. Fretei um ônibus, me abasteci de frango e farofa e levei quarenta e um produtores para conhecer as fazendas uruguaias. Ofereci financiamento do meu próprio bolso para que eles pudessem comprar as vacas. Eles me pagaram em vinte e quatro vezes com parte de produção. Com isso, a produção aumentou e, em 2000, o faturamento da Bom Gosto já era de 5 milhões de reais."

Foto: Arquivo da Divulgação.

O grande passo dado pelo Laticínio Bom Gosto foi em meados de 2000, quando entrou no mercado o leite Longa Vida. Para conseguir 6,5 milhões de reais para erguer a fábrica, o proprietário deu como garantia a sua propriedade, a colheita, o caminhão e um trator. O laticínio, ao ofertar leite em caxinhas, ajudou a empresa a deslanchar, aproveitando, também, os problemas por que a empresa Parmalat estava passando.

O Laticínio Bom Gosto, em meados de 2007, já possuía porte, contudo não conseguia mais crescer sozinho e estava no limite do endividamento. Para lançar mais produtos e dar um salto de qualidade, precisava de capital e também de experiência administrativa. Zanatta conseguiu fundos do BNDESPAR e CRP. Até 2006 vendia produtos apenas para o Rio Grande do Sul, com os fundos passou para vender em dezenove unidades, em seis Estados brasileiros. Os investimentos em aquisições, desde 2007, chegavam a quase 150 milhões de reais. No total comprou cinco laticínios. "Contar com o aporte de fundos de investimentos para poder fazer aquisições foi decisivo para o Bom Gosto crescer", contou.

Em meados de 2008, o Laticínio Bom Gosto uniu-se com o laticínio paranaense Líder. Com a fusão, a empresa obteve ganhos logísticos, conseguiu barganhar na compra de insumos e o seu catálogo ficou mais completo. Na época, o grupo possuía mais de cento e cinquenta produtos, entre leite longa vida, bebidas lácteas diversas, achocolatados, leite condensado, requeijão e queijos.

Em 2012, passou por uma nova reestruturação, quando foi criada a LBR – Lácteos Brasil S/A, fruto da união das empresas Bom Gosto e LeitBom, operando em todo o Brasil com mais de trinta fábricas e com as marcas Parmalat, Poços de Caldas, Boa Nata, Bom Gosto, Líder, Damata, LeitBom e Corlac.

Em 2013, a empresa sofreu problemas de ordem financeira, entrando em recuperação judicial, fazendo com que se desfizesse das suas unidades produtivas. Atualmente, a unidade industrial de Tapejara encontra-se arrendada para a empresa Italac.

CONFECÇÕES

• Bortolotto Indústria do Vestuário

A empresa Bortolotto Indústria do Vestuário teve sua fundação no ano de 1987. Os sócios, Osmar J. Bortolotto e Olga Bortolotto, começaram o negócio com uma pequena loja de confecções em sua casa e, logo mais, transferiram esta para um pequeno ponto comercial na Avenida Sete de Setembro, ao lado da atual loja Menegaz Móveis. No ano de 1983, foi inaugurada a nova loja em prédio próprio, onde se encontra atualmente.

Bortolotto. Foto: Arquivo da Divulgação.

Em 1988, deu início à produção própria de roupas. Produziam-se principalmente agasalhos esportivos e escolares. Em seguida, deu início à produção de peças em jeans e mais tarde a produção foi focada em produtos de inverno, como casacos e jaquetas masculinos e femininos. A qualidade na produção sempre foi a marca da Bortolotto.

No ano de 2002, a indústria passou a contar com um novo local para produção, situado ao lado do CTG Manoel Teixeira, o que possibilitou o aumento e a melhoria no processo de produção. Como em todo negócio, a indústria Bortolotto adapta-se aos altos e baixos do mercado; a produção, que já chegou a ter sessenta funcionários, hoje conta com apenas seis, e os negócios da empresa estão mais voltados à comercialização de produtos de vestuário importados e nacionais, atuando fortemente no atacado e no varejo.

• Femene Jack

Fundada em 1991 para atuar no mercado de multimarcas, a Femene começou as atividades, inicialmente, com jaquetas de couro. Em 2000, a empresa tornou-se detentora da marca Jack Sportswear e no decorrer do tempo passou a utilizá-la no lugar da marca Femene.

Foto: Arquivo de Femene Jack.

Em 2003, a empresa, sentindo a necessidade de mercado, reinventou-se, reposicionando a marca com um mix mais abrangente de produtos, entre eles: jaquetas de tecido, calças jeans, bermudas, entre outras, mas com sua conhecida força nas jaquetas de couro.

Três anos depois, em 2006, a empresa abriu suas portas para o mercado de Private Label, atendendo grandes marcas nacionais e internacionais, quando também deu início às exportações.

Foto: Arquivo de Femene Jack.

A marca Jack atende hoje o segmento masculino e feminino e se especializou em produtos diferenciados e de alto padrão de qualidade. Traduzir tendências da moda e comportamento

em coleções urbanas de maneira acessível é uma característica marcante da Jack, que tem como ponto forte o reconhecimento no mercado.

Trabalhando na linha dos artigos de vestuário em couro, a empresa tem como critério básico a utilização de matérias-primas rigorosamente selecionadas a partir do WetBlue, beneficiando tal matéria-prima em parceria com um dos melhores curtumes de acabamento de couro vestuário do Brasil.

- **Javali**

A Javali Indústria e Comércio de Confecções em Couro Ltda., situada em Tapejara, é uma empresa familiar que iniciou suas atividades em 1997, em um pequeno estabelecimento de 270m², com oito funcionários e quatro máquinas de costura. Com a consolidação da marca no mercado, nas regiões Sul e Sudeste, contando hoje com setenta e oito colaboradores e uma área construída de 3.200m².

Javali. Foto: Arquivo da Divulgação.

Atualmente, atua em todo o território nacional, produz uma ampla variedade de modelos, entre jaquetas e calças em couro masculinas e femininas para motoqueiros, associando conforto, beleza e proteção.

As demais empresas que trabalham no ramo das confecções são: *Factex Indústria Artigos de Vestuário; Cia. da Malha; Dastel Confecções; Josivane Confecções; Confecções Tapejara, atual Per'Uso; Daniela Stenzel; JM Confecções; Personal Confecções; Daris Confecções; Jovita Confecções; Rosane Modas Confecções; Crislen Confecções; Cleomar Confecção; entre outras.*

METAL MECÂNICA E PLÁSTICOS

- **Madril**

A Artuzi & Girardi Ltda., fundada em 11 de fevereiro de 1971, trabalha no setor de esquadrias e móveis de ferro. Seus sócios eram Celso Artuzi e Domingos Girardi.

Foto: Arquivo da Madril.

Sua primeira fase de transição foi a saída do sócio Domingos Girardi, que trocou de atividade. Em seu lugar assumiu Nelson Artuzi, passando a denominar-se Metalúrgica Artuzi, na data de 31 de abril de 1978. Nessa data, a empresa passou a fabricar somente esquadrias e cercas de ferro, parando com a fabricação de móveis de ferro. Sua estrutura física era de 140m², localizada no centro de Tapejara.

Em 25 de fevereiro de 1982, foi construída uma nova sede, com a área total de 1.600m², e 600m² de área construída, localizada na Rua 20 de Setembro, s/n, em Tapejara.

No ano de 1983, a empresa entrou no setor de estruturas metálicas, tendo logo em seguida sua

área construída ampliada em mais 480m², sendo a pioneira do setor no Município. Em 1999, aconteceu sua maior mudança, surgindo a Madril Ind. Met. Ltda., com novos sócios e com a experiência dos profissionais que ficaram da Metalúrgica Artuzi, passando a intensificar os trabalhos. Em virtude de seu crescimento, em 2004, a Madril adquiriu mais 1.348m² de área, nos fundos da estrutura atual.

Em 2010, a Madril Indústria Metalúrgica Ltda. passou a ser denominada Madril Estruturas Metálicas. Inaugurou a nova unidade da fábrica de estruturas metálicas com 12.000m² de área total e 1.700m² de área construída, exclusiva para fabricação de estruturas metálicas.

Foto: Arquivo da Madril.

Foto: Arquivo da Madril.

• Cimisa Máquinas Pozzer

A empresa Cimisa Máquinas Pozzer Ltda. foi criada em 1972. Naquele ano, foi fundada uma firma de revenda de máquinas e implementos agrícolas, que estava situada em uma área próxima às instalações atuais. Em meados de 1975, devido à grande procura e ao aumento no volume dos pedidos, a firma começou a produzir uma pequena quantidade de trilhadeiras, iniciando assim a indústria. O idealizador e fundador foi Hermínio Paulino Pozzer, que recorda: "Pegamos o fim da era das trilhadeiras e começamos a procurar no mercado o produto que estava faltando – na época não havia selecionador de grão para o produtor; então foi desenvolvida, de forma pioneira, uma máquina pequena para os agricultores de nossa região".

Em 9 de janeiro de 1980, foi fundada a sociedade por quotas de responsabilidade limitada, denominada Cimisa Comércio e Indústria de Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda., localizada na Avenida Sete de Setembro, 1.645. No começo estava assentada em terreno edificado nas antigas instalações de madeira da então Associação Rural. Nessa época, impulsionada pela grande procura, começou a industrialização de outros modelos de máquinas, como os selecionadores de cereais e carretas agrícolas.

Com o passar do tempo, novos produtos foram incorporados à produção, desenvolvidos desde o projeto ao acabamento, conforme a necessidade dos produtores rurais. As instalações foram ampliadas e, consequentemente, a variedade e qualidade de produtos, padronizados os grãos, máquinas para o tratamento de sementes, polidores de feijão, correias transportadoras, elevadores agrícolas, equipamentos de pré-limpeza e de classificação de sementes, máquinas canjiqueiras, silos, secadores de grãos, empilhadeiras, entre outros. Exporta para vários países da América Latina, como Paraguai, Bolívia, Venezuela, Peru, Uruguai, e também para Portugal.

Em meados de 2003, foi alterada a administração da empresa, passando aos três filhos de Hermínio: Paulo Roberto, Carlos Alberto e Ricardo. Nessa mesma ocasião a razão social da empresa passou a ser Cimisa Máquinas Pozzer Ltda. A empresa também está adaptando-se às exigências do mercado. Hoje, conta com trinta e cinco colaboradores nos diversos setores e, aproximadamente, cento e cinquenta revendedores autorizados, que atendem todas as regiões do Brasil.

• Aral

Foto: Arquivo da Aral Cabinas.

A Aral surgiu em 1977, localizada na Rua Padre Anchieta, em Tapejara, como sociedade limitada, onde, inicialmente, fabricava tanques em chapas de ferro para água e combustível, e atuava na prestação de serviço no conserto de implementos agrícolas e ferraria.

Após alguns anos, Laurindo Saccon adquiriu as cotas dos sócios, tornando a empresa familiar. Mudou-se para prédio próprio, na Rua Luiz Costa, onde está localizada atualmente. Com o apoio dos filhos, a empresa, denominada Industrial Agrícola Aral Ltda., fez parceria com indústrias fabricantes de implementos, passando a revendê-los; prestava também assistência técnica e fazia a revenda de peças.

A partir do ano de 2000, a empresa expandiu filiais em Sananduva, São José do Ouro e Campos Novos (SC) no mesmo segmento, sob a direção de Alexandre Saccon, atualmente, denominada de Tecnoaral Ind. e Com. de Implementos Agrícolas Ltda.

Nesse ano de 2000, também se iniciou a industrialização de cabinas para tratores e colheitadeiras. Em 2003, mudou-se para prédio próprio, separando a administração, e passou a denominar-se Aral Indústria Metal Mecânica Ltda., nome fantasia Aral Cabinas, com Jean Carlos Saccon na direção geral. Já em 2004, houve ampliação na área construída para atender clientes do Brasil, fabricando, além das cabinas agrícolas, cabinas para linha canavieira e linha fora de estrada, aumentando seu campo de atuação.

Em meados de 2005, a filial de São José do Ouro, passou a fabricar fibra de vidro e pulverizadores; hoje possui uma completa linha de pulverizadores, até autopropelidos, atendendo todo o Brasil.

Em 2006, houve mais uma ampliação na área construída, onde se precisou de espaço físico para instalações de mais máquinas e equipamentos na empresa Aral Cabinas, na Rua Leorindo Cavichioli, ao lado dos pavilhões já existentes em Tapejara.

Em 2012, a Aral Cabinas adquiriu uma área industrial para a instalação da planta fabril na cidade de Vila Lângaro (RS), onde já está sendo executado o projeto da construção dos pavilhões e de centro administrativo; até 2016 a empresa irá se instalar ali. Em 2014, expandiu a filial na cidade de Estação (RS).

• Metalúrgica Guiana

F Fundada por Heleno Panisson e Cosme Dalzotto, em 28 de outubro de 1986, a Metalúrgica Guiana foi criada com o objetivo de atender o ramo de metalurgia, aberturas, grades, cercas e serviços de solda. O nome Guiana originou-se da junção dos nomes dos filhos dos sócios Guilherme e Ana.

No dia 07 de janeiro de 1989 a metalúrgica foi vendida para Helfi Bevilacqua, atual proprietário. São hoje vinte e nove anos de muito trabalho, aperfeiçoamento e muito empenho. Atendem, atualmente, uma grande fatia de mercado regional em matéria de estruturas e coberturas, carro chefe da empresa.

Desde sua fundação sempre esteve no mesmo endereço: Rua do Comércio, 281, prédio este alugado. Neste ano de 2015, estão comemorando um grande passo da empresa: seu prédio próprio no Distrito Industrial João Fortunatto, com uma área de 1.700m^2, possibilitando assim, para seus trinta funcionários, melhores condições de trabalho e melhor produtividade. Hoje, a empresa atende as áreas agrícola, industrial e comercial, com todos os dispositivos técnicos exigidos pela segurança do trabalho e meio ambiente.

Ainda trabalham no ramo metalúrgico as seguintes empresas: Metalúrgica Simoni, Metalúrgica Tapejara Ltda., Metalúrgica Atual, Metalúrgica Inoxtap, Metalúrgica Souza, Metalúrgica Nossa Senhora Aparecida, Metalúrgica MetalZan, Metalúrgica Fino Metais, entre outras.

- **Augustin e Cia. Ltda.**

Foto: Arquivo da Augustin.

A Augustin e Cia. Ltda. iniciou suas atividades em 2 de setembro de 1926, na cidade de Não-Me-Toque (RS). Atua na área de tratores, colheitadeiras e implementos agrícolas da marca Massey Ferguson. Em 2001, a filial em Tapejara iniciou as atividades como representante comercial. No ano de 2004, foi inaugurada a loja com departamento de vendas, seção de peças e prestação de serviços. Atualmente, a Augustin e Cia. Ltda. está localizada na RS 467, km 1,3, no Bairro Linha Calegari, e conta com uma ampla estrutura para atender o produtor rural, do plantio à colheita.

- **Plasbil Revestimentos**

A Bianchini Indústria de Plásticos – Plasbil Revestimentos – é uma empresa familiar pertencente ao Grupo Bianchini. Seus diretores são Odil Léo Bianchini e Cláudio José Bianchini. Foi fundada em 1998 e está localizada na Av. D. Pedro II, 777. Atua no ramo de extrusão de perfis de PVC.

Possui uma moderna planta industrial do setor de forros, portas-sanfonadas e rodapés de PVC. Contando com moderno parque industrial, ocupa mais de 10.000m^2 de área construída e conta com duzentos colaboradores. Seus equipamentos de extrusão são de última geração, com matrizes alemãs e italianas. A produção é de forma padronizada ou personalizada, de acordo com as necessidades dos consumidores. A capacidade de produção é de oito milhões de metros quadrados de PVC por ano.

Entre 2005 e 2006, foi incorporado no planejamento estratégico o Sistema Gerencial Plasbil (SGP) de acompanhamento, estando todas as metas e os objetivos da empresa alinhados aos principais indicadores da empresa, tornando o trabalho de acompanhamento constante e objetivo.

Os produtos Plasbil são produzidos com termoplástico policloreto de vinila, material versátil ecologicamente correta, resistente a umidade, imune aos cupins, sendo um produto autoextinguível que não propaga chamas, com grande facilidade de instalação e manutenção, leves e totalmente recicláveis. A Plasbil está presente no Brasil, no Uruguai e na Bolívia. Dispõe de uma frota exclusiva de caminhões, garantindo um transporte eficaz e um acondicionamento ideal para os produtos no momento de entrega.

Todos os produtos são certificados pelas Normas Brasileiras de Regulamentações (NBRs). Esse aprimoramento rendeu como reconhecimento, em 1999, o Prêmio Talentos Empreendedores; em 2005, a

Foto: Arquivo da Plasbil.

Medalha de Bronze no prêmio Qualidade RS; e o Troféu Prata no prêmio Qualidade RS 2007.

O Grupo Bianchini, do qual a Plasbil faz parte, adotou desde junho de 2002 uma área de preservação, localizada junto ao Loteamento Bianchini, Bairro São Paulo, sendo mais que 16.000 m^2 destinados ao cultivo de mais de mil e quinhentas árvores de diversas espécies, tendo como finalidade a preservação das espécies, o embelezamento e oferecimento de área de lazer aos moradores do loteamento. Além disso, a empresa mantém uma área de trezentos hectares exclusiva para reflorestamento, localizada no Município de Coxilha.

AGROPECUÁRIAS

Entre as primeiras agropecuárias de Tapejara, na década de 1980, cabe citar a de Hércules Borges, instalada em uma sala do então prédio de Eugênio Zanatta, localizado na Rua do Comércio, ao lado da então Farmácia São José; a de Sandidi & Sandini, na Avenida Sete de Setembro, ao lado da então Elétrica Figueiredo, atual Studio Dez; de Darci Miotto, localizado no prédio de Cícero Domingues, ao lado do cartório; de João Carlos Berton, no prédio de Celso Fontana, na Avenida Sete de Setembro.

Berton foi o primeiro veterinário a se estabelecer com uma agropecuária. Os demais eram formados em outras áreas. Em seguida, a família de Genésio Guerra instalou uma agropecuária na Rua 15 de Novembro, transferida, mais tarde, para a Avenida Sete de Setembro, ao lado da Oficina Mecânica dos Irmãos Marcolin.

Demais agropecuárias: *Alvorada, Pontual, Agropal Insumos Agrícolas, Colonial, Agrosul, Frumi, Gensur Brasil, Guerra, Kuranutri Nutrição Animal, AgroPlanta, entre outras.*

• Adubos Coxilha

A Adubos Coxilha foi criada em 15 de dezembro de 1987, no distrito de Coxilha, na época pertencente a Passo Fundo. Em 1988, iniciou a produção de fertilizantes e atingiu naquele ano a marca de 3.716

Matriz em Tapejara. Foto: Arquivo de Adubos Coxilha.

toneladas. Em 1990, a empresa transferiu sua unidade industrial para Tapejara.

Em 1994, a Adubos Coxilha sentiu a necessidade de diversificar suas atividades e oferecer maior suporte aos seus clientes e passou a atuar no ramo de grãos, construindo a sua primeira unidade de recebimento, em Lagoa Vermelha. Desse ano em diante, novos investimentos surgiram com a construção das unidades de Capão Bonito do Sul e Esmeralda (1997), Três Pinheiros e Tapejara (1999), Muitos Capões (2001), Vila Lângaro e Rio Telha – Ibiaçá (2002), Passo Fundo (2006), Campo-Erê (2007), Sertão (2008), Água Santa e Engenho Grande (2010) e Charrua (2012).

Inicialmente, a empresa atuou forte no recebimento de soja, milho e trigo, firmando, inclusive, em 1995, uma parceria com a Ceval Alimentos. Em 1996, aumentou o número de parceiros e passou a atuar junto à Brahma, visando a incrementar o cultivo da cevada, principalmente nas regiões de Tapejara e Lagoa Vermelha. Com capacidade de armazenagem de três milhões de sacas, a empresa tornou-se uma das principais referências do mercado de grãos da região.

Em agosto de 2003, a Adubos Coxilha, preocupada com a logística do fertilizante e vislumbrando um incremento na sua produção e comercialização, adquiriu uma unidade da Bunge Alimentos, localizada junto ao complexo portuário de Rio Grande. Com uma área de 14,19 hectares, o local passou por reformas e ampliações, bem como pela construção de moegas e instalação de equipamentos necessários à produção de fertilizantes. Em 2005, a unidade entrava em operação com uma capacidade de estocagem de mais de setenta mil toneladas e capacidade de produção de mais de duas mil toneladas de fertilizantes por dia; hoje a capacidade de armazenagem é de cento e quarenta e cinco mil toneladas e quatro mil de produção diária.

A partir de Rio Grande, a empresa ampliou seu leque de negócios, adquirindo uma visão mais abrangente do mercado, o que permitiu o surgimento de novas oportunidades, graças à posição estratégica e à facilidade do escoamento da produção, via rodoviária ou ferroviária.

Com o aumento do volume de grãos recebidos em suas unidades e pelo valor expressivo de gastos em transportes, em janeiro de 2004, a Adubos Coxilha adquiriu uma área de dez mil metros quadrados junto à malha ferroviária de Passo Fundo, com o propósito de construir um terminal logístico. Contando com uma moderna estrutura de recepção, limpeza, secagem e armazenagem de grãos, a unidade permite o escoamento e a recepção de fertilizantes a granel e ensacados, agindo de forma segura, ágil e com custos competitivos.

A empresa, já com duzentos e trinta colaboradores, começou seu trabalho na produção e comercialização de sementes fiscalizadas de soja, trigo e cevada com sua unidade de produção localizada em Três Pinheiros – Sananduva. Em novembro de 2007, entrou em operação sua nova unidade sementeira, localizada em Lagoa Vermelha, com capacidade para estocar a granel mais de quarenta mil sacas de sementes, segregadas em dez células metálicas, além de um silo fundo chato para estocar mais de dez mil sacas de produto beneficiado. Além disso, começou com revenda e distribuição de calcário, óleos lubrificantes, fertilizantes foliares, defensivos agrícolas das marcas Milenia, Monsanto, Arysta, Chemtura, Du Pont e sementes de milho híbrido, das marcas Pioneer e Dekalb.

Em 2008, a Adubos Coxilha iniciou um novo projeto, agora na área da pecuária, adquirindo duas propriedades em Cacequi (RS) e uma em São Francisco de Assis (RS). Com o foco na cria, recria e engorda de gado de corte da raça Angus, a empresa busca o novilho precoce, por ser um animal de excelente acabamento, marmoreio e sabor.

No ano de 2009, a parceria entre Adubos Coxilha e Kimberlit apresentou um novo produto ao mercado, o Kimcoat, produto à base de compostos orgânicos, minerais e polímeros. Mais uma inovação e um produto diferenciado que passou a ser oferecido aos produtores, visando a melhorar a produtividade em relação ao custo e a potencializar a performance na margem de venda.

Em 2013, após uma decisão estratégica, a Adubos Coxilha vendeu suas quatorze unidades de recebimento de grãos para a empresa BSBIOS, direcionando, dessa forma, seu foco somente para o fertilizante.

Hoje, são mais de oitenta pontos de comercialização de fertilizantes distribuídos em todo o Estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Com uma equipe especializada de colaboradores, a empresa busca a excelência, disponibilizando qualidade, maiores produtividades e novos produtos aos seus clientes.

• Fábrica de rações

A empresa Agrodanieli, pertencente ao Grupo Danieli, possui uma Fábrica de rações com capacidade de produção de setenta toneladas/hora. Nela existe um rigoroso controle de qualidade, desde o recebimento das matérias-primas. As boas práticas de fabricação e o alto índice de automação eliminam riscos de contaminações cruzadas, dando às formulas o balanceamento necessário ao produto, visando a alcançar o melhor resultado a campo. As rações produzidas alimentam desde matrizes de produção, de ovos férteis, até os frangos de corte, em suas diferentes fases.

COOPERATIVAS

• Cooperativa de Defesa Ativa Colonial

Por volta de meados de 1930, foi constituída na então Vila Teixeira a Cooperativa de Defesa Ativa Colonial. A associação era formada por um quadro de associados, colonos assentados em lotes rurais localizados no entorno e interior da Vila Teixeira. Inúmeros colonos sócios realizaram a troca de sua

produção de derivados de suínos e bovinos, produção de grãos e transformação da uva por artigos de gêneros alimentícios, peças de vestuário, artefatos de caça, utensílios domésticos e moradia, no ano de 1932 e início do ano de 1933.

Nessa época, os colonos, nos afazeres domésticos e nas atividades do dia a dia, no trato dos animais e no cultivo da terra, para proteger os seus pés, usavam tamancos, tipo de chinelo com solado de madeira revestido na parte da frente com uma tira de couro. Um dos associados da cooperativa, Luiz Sitta, possuía uma pequena selaria e fábrica de tamancos no centro da Vila Teixeira. Ele trocava parte de sua produção de tamancos por gêneros alimentícios e peças de vestuário.

O destaque ficava por conta da produção de banha, produzida pelos colonos, que servia de moeda de troca para outros artigos que complementavam a alimentação, peças de vestuário, utensílios domésticos e de caça da família. Muitos associados trocavam banha por outros produtos, como tamancos, chinelos, fatiota, querosene, pregos, café, salitre, erva, sal, pimenta, açúcar, carne e linha. Entre os associados: Inácio Bogoni, Bevenuto Sotili, Verginio Sacon, Firmino Demartini, Luiz Marcon, Francisco Canali, Thereza Zanini, Máximo Manfron, Antônio Marin, José Dalzotto, João Momo, Caetano Comiran, Albino Spader, Antônio Fruscalzzo, João Zotti, Pedro Rombaldi, Giocondo Canali, Antônio Mariano, Hilário Marchiori, João Rech, Vicente Lucion, Ângelo Dalzotto, Primo Variza, Luiz Sbardelotto, Fioravante Fabiane e Tranquilo Canali.

Também, o trigo, o milho e o feijão eram produtos que os colonos utilizavam para conseguir artigos de vestuário, gêneros alimentícios e artefatos de segurança na cooperativa. Alguns associados que também usavam essa forma de comércio: Victor Seben, José Felini, Luiz Marcon, Fioravante Sbardelotto, Joaquim Cavilion, Primo Variza, Antônio Fruscalzzo, Antônio Bresan, Tranquilo Canali, Ângelo Sbardelotto, Caetano Sbardelotto, Verginio Saccon, João Rombaldi, Pedro Basqueira, Stefano Favareto e Venuto Sotili.

Também os suínos e bovinos eram usados como moeda de troca de artigos e mercadorias dos colonos. Alguns associados que realizaram as trocas foram: José Bé, José Pegoraro, Antônio Zancheta, Joaquim Cavelion, Antônio Rebelatto, Primo Variza, Eduardo Sasset, Emilio Parisoto, José Zanini, Frederico Sitta, Antônio Mariano e Luiz Marcon.

Peças de couro, retiradas dos animais, principalmente dos bovinos, quando abatidos, ingressavam na cooperativa através de seus associados. Ele também serviu às trocas de artigos e mercadorias. Alguns associados que realizaram a troca: Thereza Zanini, Maximino Manfron, Giocondo Canali, Santo Canali. Também a produção de vinho colonial era utilizada pelos associados na troca de gêneros alimentícios e peças de vestuário.

Ainda a madeira, beneficiada por associados que desenvolviam a atividade em serrarias, servia como artigo de transação por gêneros alimentícios, peças de tecidos, utensílios domésticos, como na situação de Luiz Costa; ele havia assentado uma serraria nas proximidades do centro da Vila. Associado no período do mês de maio até dezembro do ano de 1932 e mais janeiro de 1934, transacionou três lotes de madeira com a cooperativa, que foram em seguida trocados por Rocco Brusamarello por produtos coloniais. No período, Luiz Costa trocou lotes de madeira por açúcar, carne de gado, arroz, pimenta, café, colorau, farinha, sal, cravo, erva, acolchoado, algodão, amorin, riscado, fivela, agulha, botão, dedal, meias, chinelo e lenço. Além disso, soda, breu, tripas, anil, fósforo, pratos, colheres e talheres.

A Cooperativa de Defesa Ativa Colonial não possuía meios de transporte para buscar, junto aos seus associados, os produtos e menos ainda para levar os artigos e mercadorias trocados em seu estabelecimento. Geralmente, os associados usavam de seus meios, cargueiros e carroças, para transportar seus produtos até a sede da cooperativa, e retornavam depositando nas caixas dos veículos de tração animal

os artigos e mercadorias conseguidos junto à cooperativa.

Quando a cooperativa necessitava de meio de transporte, quer fosse para abastecer o seu estoque ou para entregar artigos e mercadorias para seus associados, contratava o frete de carreteiros ou de pequenos caminhões que estavam começando a rodar na então Vila Teixeira nos anos de 1932 e meados de 1933. Como frentistas e destino, respectivamente, podem ser citados: João Zappani, destino a Vila Teixeira; Cavichioli & Cia., destino a Passo Fundo; Catarin Dalmina, destino a Passo Fundo; João Costa, destino a Sertão; João Seben, destino a Vila Teixeira; e Inácio Bogoni, destino a Vila Teixeira.

• Cooperativa Mista Charrua Ltda.

A Cooperativa Mista Charrua Ltda. (Coocharrua) iniciou suas atividades em meados de 1945, em Charrua, com cento e quarenta associados. Na metade da década de 1970, começou a mudança do modelo de funcionamento em novas localidades e instalações adequadas. Foi adquirido da família Zanatta o prédio onde funcionava o Posto Shell, Mecânica dos Irmãos Felini, Bar e Barbearia São Jorge, localizado na Av. Sete de Setembro, esquina Rua XV de Novembro.

Silo graneleiro da Coocharrua, na Av. Sete de Setembro, em Tapejara, na década de 1970. Foto: Arquivo da Cotapel.

O local passou por uma ampla reforma, inclusive foi levantado um segundo piso. Depois de concluídas as obras, a sede da matriz da Coocharrua, escritório, foi instalada no andar superior, no térreo um supermercado, enquanto o posto de combustíveis permaneceu no mesmo espaço. Ainda foi construído um grande silo graneleiro, localizado na Av. Sete de Setembro, nas proximidades da caixa de água da Corsan.

Além disso, a cooperativa mantinha as instalações, parte do escritório, armazém e moinho de moagem de trigo e empacotamento de farinha em embalagens, em Charrua. Também ampliou suas atividades em Ibiaçá, onde foram instalados escritório e silo para depósito de cereais. Nesse tempo, a Coocharrua contava com um quadro de aproximadamente dois mil e trezentos associados em sua área de abrangência nos Municípios de Tapejara, Ibiaçá, Sananduva, Getúlio Vargas, Ciríaco, David Canabarro e Charrua.

Para o escoamento dos produtos, distribuição de calcário nas lavouras e transporte de combustíveis, contava com uma frota de quinze veículos. Na época, havia o seguinte quadro de pessoal: três pessoas na Diretoria Executiva; dois agrônomos; três técnicos agrícolas na orientação técnica aos associados; vinte e quatro na parte administrativa; três pessoas que atendiam a carteira de crédito agrícola, dezessete pessoas trabalhavam na loja e supermercado; nove atendentes no Posto Shell Tapejara; onze no Armazém Tapejara; e dez no Silo Tapejara.

Em Ibiaçá, havia quatro pessoas trabalhando na parte admisnitrativa; um no departamento técnico; sete no Posto Shell Ibiaçá, cinco na Secção de Consumo; um no Armazém; e sete no Silo. Em Charrua, havia seis pessoas na parte administrativa; duas na Secção de Consumo, três no Moinho de Trigo e sete no Armazém.

Quadro social da Cooperativa Mista Charrua Ltda. (Coocharrua):

Anos	Nº de Sócios	Admitidos	Demitidos	Eliminados	Atuando
1977	1.910	160	20	-	1.000
1978	1.912	102	291	-	800
1979	1.723	26	0	305	1.392

Fonte: Cadastro Nacional de Sociedades Cooperativas (criado por Resolução do Conselho Nacional do Cooperativismo, que compreende o levantamento sistemático das cooperativas em todo o território nacional, através da Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971). Pesquisa e tabela feita por Itamar Antonio Spanhol.

A Coocharrua recebeu na safra 1975/76, em depósito, 480.000 sacas. No ano de 1976/77, recebeu 680.000 e em 1977/78, 560.000 sacas de soja.

A Diretoria e/ou Conselho de Administração da Coocharrua, eleitos em 10 de junho de 1977, com o mandato de quatro anos, foi composto por: Alcides Mário Tefilli, Presidente; Alberto Frumi, Secretário; João Cadore, Superintendente; Alcides Antonio Scariot, Conselheiro; Juvenil Dalbosco, Conselheiro; Reinaldo Favaretto, Conselheiro; Roberto Antonio Rebeschini, Conselheiro. O Conselho Fiscal era integrado por: Ari Dalastra; Diniz Fontana; Ricardo José Marcolin; Alberto Primo Ambrosi; Ivo Bortolini; Máximo Agostinho Fabiani. A Diretoria Executiva estava a cargo de: Carlos Armando Pacheco Garcia, Eluyr José Resche e José Newton Sperry. A administração geral da Coocharrua era de responsabilidade de Alcides Mario Tefilli, assessorado por Nelson José Sitta e Bonfilho Sebben.

Havia um estreito vínculo entre a travessia experimentada pela Coocharrua no momento com as demais cooperativas, que queriam mais conquistas em 1978 no cenário econômico do Estado.

O comércio acusava as cooperativas de se estarem desviando de seus verdadeiros objetivos, enquanto estas tinham posição ainda contrária, que precisavam caminhar muito, para poderem exercer o verdadeiro papel de maior agente de distribuição de renda do país e possuir o maior agrupamento técnico para dar assistência aos agricultores.

As cooperativas queriam ser respeitadas como um dos esteios da economia gaúcha, tal a sua participação no setor primário e agora ainda, timidamente, no setor secundário. Também desejavam que se completasse o ciclo entre a produção e o consumidor, sem a figura do intermediário, com base no auxílio mútuo e na solidariedade, com oposição ao capitalismo.

A base do novo modelo de funcionamento do sistema cooperativista buscava uma melhor distribuição de renda de seus associados e da população rural e um barateamento dos custos da produção. Ao mesmo tempo, a Coordenadoria Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) vinha estruturando mecanismos de suporte à efetiva orientação da estrutura e do funcionamento das cooperativas.

Em meados de agosto de 1979, foi elaborado o projeto "Fortalecimento e Integração do Sistema Cooperativista", em função de que era fixada nova diretriz à política agrícola, onde foi destacada a eliminação dos intermediários na produção e distribuição de bens e serviços.

A Coocharrua, através de seus dirigentes e parcela de associados imbuídos de espírito de iniciativa e empreendedorismo, estava atenta à travessia que vinha experimentando o modelo de funcionamento do cooperativismo, pois procuravam participar, ativamente, das atividades promovidas pela entidade. Pela iniciativa de seus dirigentes com o respaldo de parcela de associados, com resistência de outra

parcela e velada oposição do modelo agrícola-comercial existente, viam no desenvolvimento e expansão da cooperativa uma ameaça aos seus interesses e intromissão em seus ramos de mercadoria e negócios. Possuíam um grande aliado: o modelo político-administrativo que governava o Município por mais de vinte anos.

Não bastasse o comércio fazer reiteradas acusações de desvio de objetivos ao cooperativismo, o Poder Público local começava a disputar serviços e interesses com o cooperativismo local. Tal medida foi tomada em decorrência do estreito vínculo do modelo agrícola-comercial, que vinha suportando há muito tempo o modelo político-administrativo que remontava os primórdios da estruturação e da emancipação político-administrativa do Município em 9 de agosto de 1955.

Além disso, na época, a direção da Coocharrua era composta por dirigentes que há pouco tempo, numa grande concentração pública, haviam sido apresentados, como candidatos: para deputado estadual, Nelson José Sitta, e para o Executivo Municipal, Mario Tefilli e Bomfilho Seben, pelo MDB, partido de oposição da então administração. Porém, havia resistência de alguns associados, que rejeitavam os rumos que a cooperativa tinha tomado no que tangia ao modelo de funcionamento.

A disputa do Poder Público local com a Coocharrua não ficou apenas no terreno das ações e serviços, mas avançou no campo político-administrativo da cooperativa, demonstrando quanto entravam na disputa as eleições da entidade. Na oportunidade, indicou um candidato, na época vereador da Arena, Vitalino Calegari. Uma das primeiras iniciativas de apoio ao candidato indicado foi a viagem, em setembro de 1978, à capital do Estado feita pelo então Prefeito José Maria Vigo da Silveira, acompanhado de Vitalino Calegari, a fim de tratarem junto aos órgãos competentes da eleição da Cocharrua.

Diante da ofensiva do Poder Público, disputas de ações, serviços, eleições à direção, a Coocharrua contra-atacou. O campo escolhido para divulgar as ações da Coocharrua foram os veículos de comunicação da época. Mostravam os empreendimentos e a estrutura da cooperativa através da veiculação nas páginas de O Tapejara, em textos e fotografias.

Algumas das publicações aconteceram em agosto de 1978, quando foram estampadas fotos das instalações da matriz de Tapejara, escritórios de Charrua, Ibiaçá, supermercado e loja de Tapejara e os silos de Ibiaçá e Tapejara, além de publicações que tratavam do tema, como: Evolução Histórica da Doutrina Cooperativista e do Cooperativismo: Ser ou Não.

Outras publicações aconteceram em março de 1979, tendo como ilustração o prédio da matriz, acompanhado de diversos textos, onde em dez enunciados definia o que era o associado. O primeiro enunciado definia o associado como a pessoa mais importante na cooperativa e prosseguia, terminando no décimo, quando enfatizava que o associado é o que dá vida a cooperativa.

O INCRA, considerando oportuno e conveniente, tomava as devidas medidas adequadas para intervir na Coocharrua. Foi elaborada portaria que decretava a intervenção e nomeava o interventor, no dia 31 de janeiro de 1979. As ações do interventor, nomeado para o período de fevereiro a junho, foram de verificar a situação administrativa e financeira e elaborar um relatório para ser apresentado em assembleia dos associados da Coocharrua.

Em junho de 1979, aconteceu a assembleia, nas dependências do Centro Comunitário Paroquial de Tapejara, que iniciou pela parte da manhã e se estendeu até o final da tarde, contando com a presença de um grande número de associados. A abertura dos trabalhos foi feita pelo interventor, Paulo Rispoli.

Em seguida, Rispoli anunciou que a presidência do evento seria do Bispo Diocesano, Dom Cláudio Kolling. O Bispo, em sua explanação, falou que “os problemas devem ser tomados de cabeça fria, sem sentido político e emocional, e é preciso ouvir e votar sem paixões, com respeito e boa educação”. Em

seguida, o interventor leu o relatório enviado ao INCRA pelo Poder Público, em 31 de janeiro de 1979. Também realizou a leitura do relatório elaborado por ele, que continha informações e dados coletados sistematizados desde novembro de 1978 até dias próximos que antecederam a Assembleia.

Após a leitura dos relatórios, foi aberto espaço para manifestações. O primeiro a se manifestar foi o Prefeito José Maria Vigo da Silveira, que justificou por que trabalhou para que houvesse a intervenção. Alegou estar cumprindo o dever de defender os interesses da comunidade, como preconiza a Lei Orgânica do Município, e não poderia se omitir diante das queixas que recebia dos associados e de representantes da comunidade. Sua posição foi a favor de que a entidade permanecesse em Tapejara e não em Passo Fundo, que se responsabilizassem dirigentes anteriores, e que o relatório fosse publicado para que todos conhecessem a situação e que as autoridades competentes aplicassem a lei a todos que tivessem cometido irregularidades e desvios (Assembleia..., 1979, p. 1).

A Comissão Executiva e de Fiscalização eleita na assembleia foi integrada pelos associados de Ibiaçá: Ethu P. Aguiar; de Água Santa: Mauricio Barbosa; da Colônia Lângaro: Carmelino Rovani; de Charrua: José Venturin; de Santa Cecília: Vitório Capra; e de Tapejara: Simão Rovani.

Além disso, o interventor comunicou que nos próximos dias submeteria ao Ministério Publico um abaixo-assinado de associados de Charrua, datado de 29 de maio de 1979. O abaixo-assinado acusou o presidente anterior da Coocharrua, segundo o qual forçou a venda de soja a preço baixo. Ao examinar o documento, o interventor constatou que alguns subscritores nem eram sócios e alguns, apesar de sócios, não tinham entregue produtos. Achou que os balanços e documentos deviam ser encaminhados ao Ministério Público.

No dia 11 de junho, três dias após a assembleia da Coocharrua, o Prefeito José Maria Vigo da Silveira recebeu em seu gabinete uma comissão de associados da cooperativa. Na ocasião, o chefe do Executivo comunicou que viajaria à capital do Estado e a Brasília, onde manteria contatos com as autoridades a fim de conseguir de imediato de 20 a 30 milhões, a fundo perdido, destinados a iniciar a melhoria das condições da Coocharrua. O objetivo do Prefeito era que essa verba fosse destinada ao pagamento dos associados da cooperativa que não receberam parte do montante de sua produção, entregue a Coocharrua, na safra de soja 78/79.

A Câmara de Vereadores, integrada na maioria pela bancada governista, demonstrou a sua lealdade ao Executivo e revelou sua posição no embate que vinha sendo travado contra o cooperativismo, em específico com o foco na Coocharrua. Isso foi evidenciado no oficio nº 65/79, subscrito pelo Presidente da Câmara, Silvino Bernardo Lamb, no qual manifestava apoio pela posição assumida em favor dos associados da Coocharrua.

Como havia comunicado à comissão de associados da Coocharrua, o Prefeito José Maria viajou à capital do Estado e a Brasília. Assim, dava continuidade com firmeza ao embate que vinha capitaneando frente à Coocharrua contra as mudanças no sistema de funcionamento da cooperativa, que vinha trazendo prejuízos aos interesses do comércio local.

Após mais de uma semana, em julho de 1979, em Brasília, sendo assessorado pelo Deputado Federal Augusto Trein (Arena), obteve verba para o pagamento dos agricultores. Diante dessa conquista, o Prefeito afirmou: "...a nossa Cooperativa está salva". Ele informou que a verba estava à disposição, tanto no Banco do Brasil quanto no Banco de Crédito Cooperativo. Além disso, esclareceu o prefeito: "Até o fim de julho, a Cooperativa Mista Charrua Ltda. estará funcionando normalmente. Esperamos agora a união de todos, para que nossa cooperativa consiga saldar os compromissos e continuar trabalhando normalmente", finalizou, (Salva..., 1979, p. 1).

• Coopasso

Com a crise financeira e administrativa da Cooperativa Mista Charrua Limitada (Coocharrua), o meio rural de Tapejara, por meio de suas lideranças sindicais, cooperativistas e comunidades, desencadearam uma discussão para buscar alternativas. A solução encontrada foi em meados de 80 transferir os postos da Coocharrua de Tapejara, Ibiaçá e Charrua à Cooperativa Tritícola de Passo Fundo (Coopasso).

De acordo com Luiz Vergilio Gajardo, no começo das atividades, a Coopasso possuía condições econômicas e administrativas para suportar as demandas do então quadro social da Coocharrua, mas durou pouco tempo, pois a alta inflação do período dificultou muito a cumprir com as obrigações acordadas com seus associados.

Cloves Pedro Marensi de Moura conta: "A Coopasso entrou em profunda crise financeira e, com isso, resultou a destruição de seu patrimônio. Como forma de saída encontrada por lideranças cooperativistas e sindicais da região, foi a formação de novas cooperativas nas unidades operacionais da Coopasso". Ele lembra que saiu a campo para formação da Coagril de Charrua, Coofiume de Ibiaçá e a Cotapel de Tapejara, entre outras.

• Cotapel

A Cooperativa Agrícola Tapejara Ltda., denominada Cotapel, é uma empresa do sistema cooperativista que teve a sua fundação no dia 23 de outubro de 1985. Surgiu a partir da crise vivida pela Coopasso, no ano de 1984, quando produtores vinculados à unidade de Tapejara resolveram construir sua própria cooperativa. No início, faziam parte do quadro social oitenta e seis associados e seis funcionários. No começo, funcionou nas instalações da Coocharrua, e recentemente, adquirida pela Coopasso, sendo que no ano de 1988 comprou as instalações. A edificação está localizada na Avenida Sete de Setembro, Bairro São Paulo.

Inicialmente, a cooperativa trabalhava apenas com o recebimento e comercialização da produção de grãos, passando algum tempo depois à comercialização de todos os insumos necessários à formação da lavoura. Em 1989, foi concluída a construção de um armazém para depósito de insumos, iniciada a construção do moinho e adquirido um secador de cereais com capacidade para 40 ton./hora. No mesmo ano, o número de associados aumentou para 320 e, no ano seguinte, para 380.

Mais tarde, foi concluída a obra destinada à fábrica de rações e concentrados e depois foi construído um armazém para sementes e empacotamento. As obras iniciaram com a construção de um silo metálico armazenador de cereais, sendo concluídas em outubro de 1994. Em 1995, foi construído um prédio comercial para escritório, que abrigava a administração, o atendimento a associados e usuários, a contabilidade e o departamento técnico.

O Conselho de Administração nessa época era constituído por: Presidente, Luiz Vergílio Gajardo; Vice-Presidente, Ernesto Grattieri; Secretário, Agenor Comparin; Conselheiros: Claudimar Baseggio, Carmelindo Luiz Rovani, Lídio Marcon, Wilson Zanatta, Leonel Paulino Denardi, Elso Scariot. O Conselho Fiscal era composto por: Vicente Favreto, Adagir Coronetti, Diniz Fontana, José Comiran, Mário Antônio Maurina e Santo Pelizzaro. A organização funcional, no período, apresentava sua estrutura formada por: um contador, um gerente comercial, um técnico agrícola, dois auxiliares de escritório, um caixa, um balanceiro e seis funcionários de armazém.

A cooperativa possui um posto de recebimento de grãos na localidade de Rio do Peixe, Coxilha, e no ano de 2001 começou a ser construída a unidade de Vila Lângaro, concluída em 2003. Em 2008, a coope-

rativa contou com 476 associados ativos, abrangendo vários Municípios da região.

Hoje, a Cotapel conta com aproximadamente 500 associados ativos, de diversos Municípios da região. Os presidentes que passaram pela Cotapel, desde a sua fundação, foram: Luiz Gaiardo, Wilson Zanatta, Elso Scariot, Wilson Arcari, Miguel Alécio Rovani e, atualmente, Luis Fernando Sossella.

Produção recebida e comercializada:

Produto/Ano	1986	1987	1988
Soja Comprado Vendido Sobra Técnica	42.665 42.985 320	62.299 63.949 1.649	86.339 87.838 899
Milho Comprado Vendido	- - -	22.996 25.150 2.154	11.367 10.395 -
Sobra técnica Depósito			3.161
Trigo Comprado Vendido	198.914 -	141.511 -	60.000

Pesquisa e tabela elaborada por Itamar Antonio Spanhol.

• Coopervita

O surgimento da Coopervita foi uma reação dos agricultores à crise que tomava o país em 1990. Essa foi a época em que se introduziu o plantio direto, através de mudança tecnológica e de produção, principalmente nas culturas do milho e da soja.

As precárias condições de vida e o sentimento de solidariedade fizeram com que algumas das famílias produtoras agrícolas da comunidade procurassem uma alternativa de trabalho diferente. Nessa mesma época, vários assentamentos de produtores ligados ao Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) adotaram um sistema de produção organizado, obtendo resultados positivos. Dentre esses assentados estavam familiares dos produtores que, por conta desse exemplo, tiveram a iniciativa de começar esse trabalho diferenciado.

Inspirados nesse exemplo do MST e pressionados pelas dificuldades econômicas, cinco famílias uniram-se para produzir em conjunto. Pesquisaram e visitaram outras cooperativas e associações já consolidadas em várias regiões do Estado e, em 27 de agosto de 1991, fundaram a Associação dos Agricultores do Condomínio Rural São Domingos. O objetivo era, justamente, o fortalecimento pela união, superando a situação de isolamento do sistema tradicional de produção que os tornava concorrentes e os enfraquecia.

A ideia surgiu para segurar os filhos trabalhando na própria comunidade. Organizados, deram início à plantação coletiva, compartilhando maquinários e equipamentos agrícolas. A primeira experiência foi com o cultivo de alho, em que conseguiram produzir mais de quarenta toneladas em três hectares de terra. No entanto, por problemas na comercialização, a cultura teve que ser desativada. Posteriormente,

iniciaram o aviário, a produção de frutas e a construção de um açude, que era utilizado tanto para criar peixes quanto para irrigar a lavoura e o pomar.

Em 1994, conseguiram implementar a suinocultura através do Programa Estadual de Condomínios Rurais. No início eram cento e setenta e cinco matrizes, atualmente chegam a trezentos. Em decorrência do crescimento desse projeto, conseguiram agregar também uma fábrica de rações. Atualmente, o açude não pertence mais à Coopervita.

Em 1998, as famílias associadas partiram para uma nova alternativa. Perceberam que era possível agregar valor aos produtos através da industrialização e criar mais postos de emprego, já que a suinocultura empregava no máximo quatro ou cinco pessoas. Diante disso, começaram a desenvolver o projeto da agroindústria, que entrou em funcionamento em 2001 e hoje é uma das principais fontes de renda da cooperativa, onde são produzidos vinte e dois produtos, entre doces, geleias, conservas e compotas.

Juntamente com esse projeto, surgiu a horta, que fornece produção para ser beneficiada na agroindústria. Em setembro de 1998 mudou a natureza jurídica do grupo, e a cooperativa foi oficialmente instituída com a denominação de Cooperativa de Produção Agropecuária Terra e Vida – Coopervita.

O ano de 1998 foi um marco para a Coopervita: primeiro, por ter mudado o estatuto de associação para cooperativa; segundo, pelo desenvolvimento do projeto da agroindústria, que significou o envolvimento das mulheres nas ações da cooperativa; em terceiro lugar, foi nesse mesmo ano que houve a mudança para a produção orgânica. Os motivos que fizeram com que eles escolhessem esse tipo de produção foram tanto econômicos, visto que perceberam que esse nicho de mercado estava se expandindo, quanto uma preocupação com a saúde. Na época, o principal produto da cooperativa era o pêssego, e os produtores perceberam que, devido aos fortes venenos que eram aplicados nos pomares, muitas pessoas da comunidade começaram a adoecer.

Em 2005, com a inserção da mulher, outro projeto passou a ser desenvolvido: a produção de pães para o autoconsumo das famílias e comercialização do excedente. Hoje, a padaria já funciona durante todo o ano, produzindo pães, cucas e biscoitos. Firmou também um convênio de fornecimento com as entidades assistenciais do Município, via Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

O último investimento na diversificação da produção foi realizado em 2006. Tratou-se da criação de frango caipira. Além disso, a Coopervita inclui em suas ações a construção de um núcleo habitacional que está sendo implementado gradativamente, formação e capacitação contínua dos associados, promoção de festas para a divulgação dos produtos e integração dos associados, compras coletivas de alimentos e assistência técnica. Seus objetivos, além do desenvolvimento econômico, procuram também desenvolver a vivência coletiva, o fortalecimento dos valores de solidariedade e a entreajuda.

A Cooperativa de Produção Rural Terra e Vida – Coopervita está localizada em Tapejara, na comunidade rural de Vila Campos, distante oito quilômetros da sede do Município. Atualmente, conta com vinte e nove associados de dezenove famílias diferentes.

O método de organização do trabalho na cooperativa é a divisão de equipes por setor: equipe de produção vegetal, equipe de produção animal, equipe de agroindustrialização, equipe técnica e equipe de administração. Cada uma possui um coordenador escolhido pelos trabalhadores do próprio setor. Inicialmente, todo o trabalho era feito pelos associados; no entanto, com o crescimento da produção, tornou-se necessária a contratação de mais trabalhadores.

Sempre que possível um novo empreendimento é iniciado, de forma adiversificar a produção. Hoje, são desenvolvidas as seguintes atividades coletivas: suinocultura; pomares de frutas diversas (especialmente pêssego, figo e uva); horta para agroindústria; produção de cereais, como feijão, milho, pipoca;

produção de sementes para o autossustento, fábrica de rações, agroindústria, onde são produzidos vinte e dois produtos entre doces, geléias, conservas e compotas; padaria, onde são feitos pães, cucas e biscoitos; e criação de galinhas caipiras. Esses produtos são comercializados em feiras, mercados, restaurantes, creches, escolas e hospitais do Município e da região, através da marca Doce Sabor.

Atualmente, existem dois trabalhadores contratados permanentes e, em média, dez temporários. As decisões são tomadas na Assembleia Geral, que é o órgão máximo da Coopervita.

- **Crehnor**

A Crehnor Norte – Cooperativa de Crédito Rural Horizontes Novos, de Barão do Cotegipe Pac-Tapejara, iniciou as atividades no dia 13 de novembro de 2008. É um sistema de Cooperativas de Crédito Rural. Atualmente, tem 257 associados e está localizada na Av. Sete de Setembro, 1786 – Centro. Os colaboradores são: Jessica Fiabane e Rudinei Spagnol. A Crehnor facilita o acesso aos recursos para os agricultores, através de conta-corrente, cheque especial, conta poupança, pagamento de títulos, assistência técnica, financiamneto habitacional, microcrédito (custeio agrícola e pecuário) e seguros.

- **COOPRORATAP**

A Cooperativa dos Produtos Rurais de Alimentos de Tapejara Ltda. (COOPRORATAP) foi fundada em 15 de março de 2010. Iniciou com vinte associados e hoje tem trinta e dois sócios. Está localizada na Rua 15 de Novembro, 270 e tem como presidente Rozenio Posser.

A associação tem como objetivo participar das licitações, onde são colocados os produtos para merenda escolar nas escolas municipais e estaduais; contribuir com a renda das famílias participantes da agricultura familiar e servir a comunidade com produtos caseiros. No local, existe um ponto de venda, onde são comercializadas frutas, verduras, produtos de panificação, massas caseiras, legumes, entre outros.

- **Coprel**

Com a modernização da agricultura, o meio agrícola começou a demandar energia elétrica, o que levou à constituição de diversas cooperativas fornecedoras e distribuidoras de energia elétrica. A modernização agrícola, que começou em meados da década de 70, no Município de Tapejara demandou consumo crescente de energia elétrica. Entre as diversas cooperativas que surgiram na época, nasceu a Cooperativa Regional de Eletrificação Rural do Alto Jacuí (Coprel), tendo como sede a cidade de Ibirubá. Começou a ofertar e distribuir energia elétrica para o meio rural dos Municípios da região.

A implantação de uma filial da Coprel em Tapejara aconteceu em meados de 1980. As primeiras famílias beneficiadas com a energia elétrica foram as das localidades de Faxinal, São Caetano, Bom Retiro, Engenho Grande, Campo Redondo, então distrito de Àgua Santa, e Linha das Pedras, Linha Nova, então distrito de Charrua. Em dois anos conseguiu implantar cerca de setecentas ligações. A cooperativa apenas repassava a energia elétrica. A cobrança do consumo era feita na loja e não em bancos. A medida visava a fazer com que, em caso de dificuldades, dúvidas, informações e esclarecimentos, o associado resolvia tudo na mesma oportunidade.

A filial da Coprel de Tapejara era administrada pela seguinte equipe: Gerente, Silvino Bernardo Lamb; Adjunto, Ildo Aldino Lamb; Financeiro, Maristela Rech Coronetti; e os operadores de rede Laurindo Algieri e Jesus Algacir Vieira.

Ainda havia a loja da cooperativa denominada de Lojão da Família, instalada, nos primeiros anos, no piso térreo do prédio na Rua do Comércio, ao lado da então Mecânica Tapejarense. O estabelecimento

comercializava eletrodomésticos, fogão a gás, máquinas de lavar roupa, geladeira, televisores e outros. Entre os atendentes estiveram atuando Flávio Valdevino Lamb e Luiz Fernando Lindner.

No final da primeira metade da década de 1980, a direção da cooperativa local e as instalações do Lojão foram transferidas para o prédio de alvenaria de propriedade de Pedro e Severino Scariot, situado na Rua Santo Canali, ao lado da atual Loja Quero–Quero. No estabelecimento, que esteve de portas abertas por quase duas décadas, passaram os funcionários Marizete Sebben, Jocelino Zanatta, Luiz Fernando Lindner, Jaqueline Lourdes Spanhol, Arlindo Barizon, Valdecir Rodighero, Valdecir Tamagno, Flávio Valdevino Lamb, Marta Ghidini, Elenir G. Costa, Nelci R. Miotto, Clair Wolff Vieira, entre outros.

A propriedade eletrificada possibilitou à família dos agricultores o uso energia de maneira mais racional, instalação de motores e equipamentos, como aparelhos de solda para manutenção e fabricação de equipamentos agrícolas; bombas de água para o abastecimento das famílias e criação de animais; funcionamento de congeladores para armazenagem de alimentos perecíveis; iluminação de residências; e demais instalações da propriedade.

• Farol

A Cooperativa da Agricultura de Precisão Ltda. – Farol surgiu no dia 1º de fevereiro de 2008, com um grupo de vinte e dois agricultores, que a formalizaram em Ata de Constituição. Comercializam insumos à lavoura, incluindo assistência técnica e o caminho à comercialização da sua produção.

INCENTIVOS PÚBLICOS À INICIATIVA PRIVADA

• Antecedentes

As primeiras medidas de estímulo para o desenvolvimento econômico industrial e comercial vinda do Poder Público remonta o final da década de 1950 a meados dos anos 60. Naqueles anos, os beneficiários com isenções de impostos e taxas foram as empresas Frigorífico São Paulo S/A, e Indústria de Artefatos de Vime de Torino Costa, ambas localizadas na cidade; a empresa Industrial Extração de Nó de Pinho, localizada em Água Santa, por três anos, e a Casa de Comércio de Ângelo Bezutti, assentada na localidade do Rio do Carreteiro.

Ainda foi estabelecida a isenção de impostos municipais a qualquer atividade industrial que viesse a se instalar no Município, desde que dentro do Plano Diretor, isso em 1966. Ao longo da Avenida Sete de Setembro, foram permitidas instalações de atividades industriais, exceto as perigosas, ou que viessem a prejudicar a saúde pública.

Mais tarde, por volta da década de 1970, o Poder Público retornou a animar o progresso industrial e comercial. Nesse período, os benefícios e os beneficiados, entre outros, foram: a isenção de taxas de construção para a indústria de transformação de milho de Rech & Bortolotto & Cia. Ltda., à Indústria de Calcário Tapejarense, ao moinho de calcário e ao pavilhão da indústria de Hermínio Paulino Pozzer, entre outras. Além disso, a empresa Cereais Tapejara Ltda. recebeu serviços de máquinas e serviço de terraplenagem, sendo efetuada a transferência de área para a Ughini S/A Indústria e Comércio de Confecções e a fábrica de doces e mandolates de Pietrobon & Cia. Ltda. Ademais, houve a dispensa de pagamento de acréscimos tributários em atraso da Cooperativa Mista Charrua Ltda.

• Primeira área industrial alavanca o desenvolvimento

Até metade da década de 1980 havia pouco estímulo e incentivo à expansão industrial e agroindustrial no Município de Tapejara, porém a Administração Pública de Norberto Dall'Olivo e José Rombaldi Manica retomou a concessão de incentivos para o crescimento industrial, comercial e dos serviços, notadamente a partir de meados de 1983, quando foi alavancado o processo de industrialização e agroindustrialização no Município. Naquela época, uma das intervenções foi a aquisição de Irene Pierina Comiran de uma área de terras de 37.300m^2, no valor de Cr$ 38 milhões, localizada nas margens da estrada Tapejara-Charrua, com a finalidade de servir de local de assentamento de indústrias. Nesse local, foram beneficiadas, com cessão de direito de uso de área, as indústrias: Biasi & Biasi Ltda., de fabricação de artefatos de cimento; Vanderlei Miguel Johann, indústria e beneficiamento de erva-mate; Lacesa S/A, para instalação de posto de resfriamento de leite, que pouco tempo depois recebeu um auxílio financeiro para a ampliação das instalações do posto de recepção e resfriamento do leite.

Nesse período, também foram isentados de taxas de construção, Imposto de Propriedade Territorial Urbano (IPTU) e Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN), todas as microempresas prestadoras de serviço no Município. No período de 1992 as micro e pequenas indústrias tiveram grande incentivo.

• Berçário Industrial

O programa Berçário Industrial foi criado no dia 10 de agosto de 1992, através da Lei Municipal, nº 1.700, na época do Prefeito Bonfilho Seben. O objetivo foi estimular o surgimento de novas empresas, apoiando as empresas nascentes em sua fase crítica e reduzindo as necessidades de investimentos iniciais. O pavilhão estava localizado na Avenida Sete de Setembro e contava com pequenas salas, onde diversas empresas se instalaram através de contrato de comodato, e desenvolveram suas atividades industriais por um período de três anos. Com o tempo, o Poder Público denominou o berçário de Lauro Rosa, industrialista no ramo de cadeiras e vassouras.

Berçário Industrial Lauro Rosa – 1990. Foto: Arquivo de Angélica Manica Bortolini.

• Arrancada e dinamização industrial e agroindustrial

As primeiras linhas e iniciativas para a criação de uma Política Pública de Desenvolvimento e Fomento Industrial e Agroindustrial em Tapejara foram esboçadas a partir de meados de 1983. A partir daquele momento, o Poder Público passava a intervir com incentivo e estímulos não apenas às demandas pontuais da iniciativa privada, mas passava a ser protagonista do desenvolvimento e fomento industrial e agroindustrial em parceria com a iniciativa privada.

Essa política de parceria estimulava a arrancada industrial e agroindustrial no período de 1989-1996, dinamizada de 1997 a 2004, fortalecida em 2005 a 2008 e reforçada e ampliada de 2009 até 2015.

O Poder Público, preocupado com o desenvolvimento do Município de Tapejara, partiu da premissa de que para consolidar o processo havia a necessidade de fornecer emprego e oportunidade para todos os seus filhos em condições de trabalho, firmando o predomínio do social sobre o econômico, este traba-

lhando para alcançar o outro. A partir disso, o Município começou a estabelecer, através de seus sucessivos administradores públicos, estreitas relações de parceria com a iniciativa privada. Surgiram uma gama de medidas e ações nesse sentido, entre as quais a criação do mecanismo de incentivos de diversas naturezas, tanto financeiro quanto patrimonial, além da elaboração e implementação de programas custeados por fundos.

O mecanismo de incentivo tem como finalidade impulsionar, dinamizar e fortalecer o desenvolvimento industrial e agroindustrial. É caracterizado por leis e normas, as quais devem ser cumpridas para assim contemplar o beneficiário.

A política de desenvolvimento foi alicerçada em incentivos de diversas formas, como auxílio financeiro; cessão de área e/ou pavilhão; cessão de equipamentos e máquinas; isenção de tributos e taxas municipais, entre outros. Foram fomentados empreendimentos voltados ao aproveitamento de mão de obra e de matéria-prima locais, nos setores moveleiro, alimentício, têxtil e de metalurgia.

O objetivo principal da administração pública foi concretizar um projeto industrial que marcasse o começo de um novo tempo de desenvolvimento econômico, social e cultural do Município.

Com esse pensamento, em 1989, criou-se a Secretaria de Desenvolvimento Industrial e Comercial, tendo como titular Vergilino Eron Borges. A partir desse ano o trabalho foi iniciado com contatos em nível local, reunindo todo o empresariado, quando foi apresentado e discutido o projeto agroindustrial. Posteriormente, foram contatados os Municípios de Veranópolis, Bento Gonçalves, Farroupilha, Caxias do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e ainda Concórdia e Videira, Municípios catarinenses e, também, Toledo, no Paraná. Nessas visitas foi dado a conhecer o Projeto e, nos contatos feitos, foi levado o programa de incentivos, desde a construção de pavilhões com infraestrutura, além de isenção de impostos municipais.

• Área Industrial no Bairro São Paulo

Em seguida, diante das dificuldades iniciais provocadas pela retração normal dos empresários locais, temerosos em investir, a Secretaria de Desenvolvimento Industrial e Comercial abriu espaços e ofertas de incentivos às indústrias de outros Municípios, motivando interesse e, no dia 25 de julho de 1989, foi assinado o primeiro protocolo de intenções entre a Prefeitura Municipal, a Câmara de Vereadores e o Grupo Marsul, de Veranópolis, para a instalação da Moveleira Tapejarense.

O Poder Público, na gestão de Bomfilho Seben e Mário Antônio Maurina, preocupado em acelerar a industrialização em andamento, em parceria com a iniciativa privada, adquiriu a área de terra com 33.400m^2, localizado nas proximidades do antigo Frigorífico São Paulo S/A, Bairro São Paulo, à implementação da área industrial em meados de 1991, no valor de Cr$ 3.340.000,00 (três milhões e trezentos e quarenta mil cruzeiros). Nesses e em outros locais do território urbano, foram assentadas diversas unidades industriais e agroindustriais de médio e pequeno porte.

A natureza dos instrumentos utilizados, de auxílio financeiro e cessão ou doação de área, implementados na área industrial, entre outros, na época foram beneficiadas as empresas: MetalBrasil, indústria de fabricação de telhas de alumínio e zinco; Moveleira Tapejara Ltda., indústria de móveis; Cajumar Ltda., indústria de móveis, aberturas e beneficiamento de madeira (terreno); Mademóveis Tapejara Ltda., indústria de móveis de série, aberturas e beneficiamento de madeiras (terreno); móveis tabulares e aramados (terreno); Neon Indústria de Calçados e Confecções (área para a construção do prédio); Sbeghen Brusso e Cia. Ltda., indústria de artefatos de cimento (terreno) e Laticínio Bom Gosto Ltda., indústria de resfriamento, preparação e fabricação de derivados de leite (terreno).

A gestão seguinte de Gilberto Borgo e Norberto Dall'Olivo deu prosseguimento à política de incentivos com cessão de uso de terrenos, cujos beneficiários foram a fábrica de carrocerias Três Irmãos Ltda., localizada na Av. Dom Pedro II, saída para Charrua; fábrica de móveis residenciais de Marcelo Caetano Manente, localizada na Av. Sete de Setembro, esquina com a Rua Egidio Scátola e Agroindustrial Vinícola Tapejara Ltda., vinhos e sucos, localizada na Av. Sete de Setembro.

Os incentivos concedidos da natureza de instrumentos utilizados de isenção de tributos e taxas sobre a construção das instalações, bem como os serviços de terraplanagem, em 2001 beneficiaram, entre outras, a empresa Famarini Confecções Ltda., na Av. Dom Pedro II, 405. A natureza dos instrumentos utilizados pelo Poder Público foi a isenção de tributos incidentes sobre a construção de novos prédios industriais contemplados em 2003, com cessão de área e pavilhão, entre outras, beneficiou o Laticínio Bom Gosto Ltda.

Ademais, a política de incentivos com natureza de instrumentos utilizados de cessão de áreas de terras e prédios do patrimônio público por meio da permissão de direito real de uso com vistas à implementação de novas indústrias contemplou, entre outras beneficiárias: a Cervejaria Euro-Bier Ltda., com área de 5.149.45m2 e área construída de 1.500m2, que está situada no prolongamento da Av. Sete de Setembro (antigas instalações do Frigorífico São Paulo), e Artefatos de Resina Ltda., com área de 1.716m2 e área construída de 428m2 (antigas instalações da Escola Municipal Giocondo Canali, Bairro São Paulo).

Em meados de 1993, a empresa Pietrobon teve um grande salto: a unidade industrial de balas e chocolates foi transferida para um local de maior área, juntamente com o centro administrativo, localizado na Rua Osvaldo Cruz, 126, Bairro São Paulo, com uma área construída de 10.500m^2.

• Distrito Industrial João Fortunatto

A fim de dinamizar o processo industrial e agroindustrial, o Poder Público, na gestão de Gilmar Sossella e Ildo Aldino Lamb, adquiriu em 2000 uma área de terras de 126.219.10m^2, no valor de R$ 90.000,00, localizada na então denominada Colônia do Rio Carreteiro, confrontando com a estrada que liga Tapejara a Passo Fundo. Em seguida, a área foi incluída no perímetro urbano da cidade de Tapejara e denominada Distrito Industrial João Fortunatto.

As obras públicas de infraestrutura, no local, iniciaram em 2002 e quando concluídas foram construídos diversos pavilhões de alvenaria destinados à instalação de indústrias.

Em 2014, com o Prefeito Seger Luiz Menegaz e Gilberto Olibone, foi realizada, no Distrito Industrial João Fortunatto, a canalização pluvial e o asfaltamento de suas ruas internas, resultado de um investimento total de R$ 323.701,21.

Atualmente, dez empresas estão instaladas, sendo elas: Concretap Ind. de Pré-Moldados Ltda.; Forplast Ind. e Com. de Plásticos Ltda.; Retífica Sudeste Ltda.; Real Ind. de Embalagens Ltda.; CT – Ind. e Com. de Alimentos Ltda.; SIM Agroindustrial Ltda.; GNS Ind. e Com. de Cilindros Hidráulicos Ltda.; Dez Ind. e Com. de Produtos de Limpeza Ltda.; Metalúrgica Guiana Ltda. e Famer Indústria Química Ltda.

• Distrito Industrial Augusto Menegaz

Em 13 julho de 2010, através de permuta com a empresa Eurobier Indústria de Alimentos e Bebidas Ltda., o Município, na gestão de Seger Luiz Menegaz e Vilmar Merotto, passou a ter a propriedade de uma área de terra com 54.848,39m^2, localizada nas proximidades da área central do município, com frente para a Av. D. Pedro II, saída para Charrua.

A partir da posse, foi dado início à implantação do Distrito Industrial denominado Augusto Menegaz, Decreto nº 3.618/11, de 21 de março de 2011, através do projeto arquitetônico e urbanístico da área, e encaminhado o licenciamento ambiental junto à Fepam. Ao mesmo tempo, foram iniciados os trabalhos de instalação da infraestrutura necessária, com rede de energia elétrica, rede de água, demarcação dos lotes e abertura das vias de acesso.

A primeira concessão de direito real de uso de terreno foi aprovada pela Lei nº 3.516, de 21 de junho de 2011, à empresa Artefatos de Cimento Damiani Ltda., sendo que, atualmente, no Distrito estão instaladas outras dezesseis empresas, que atuam nos ramos metalúrgico, moveleiro e de resina plástica, e proporcionam mais de setenta empregos.

No dia 8 de agosto de 2013, foi inaugurado oficialmente o Distrito Industrial, cujo investimento foi de mais de R$ 800 mil reais, oportunizando o crescimento e desenvolvimento das indústrias locais. A partir de 2014, foi iniciado o processo de expansão da área do Distrito, com a incorporação de mais oito lotes disponíveis para a instalação de indústrias.

Estão instaladas nesse Distrito as seguintes empresas: Ind. de Artefatos de Cimento Damiani Ltda.; Koloraush Ind. de Cabines Ltda.; Metalúrgica Nossa Senhora Aparecida Ltda.; Móveis Dellaza Ltda.; Metalúrgica Pozzma Ltda.; J. da Rosa & Cia. Ltda.; Metalúrgica Souza Ltda.; Marana Comércio de Aramarinhos Ltda.; Jouris & Jouris Ltda.; Metalúrgica Zanchetta Ltda.; Cleber Favretto – ME; Planejados Exclusive; Inovar Móveis; Centofante Indústria Metalúrgica Ltda.; JHS Móveis Ltda.; R.A Garlet – ME; Airton Gasparin Junior – ME e Oliveira e Fontana Ltda.

• Novo Distrito Industrial

Em 2013, o Poder Público adquiriu uma nova área de terra localizada na Linha Calegari, em frente à RS 467, na saída para Ibiaçá, para a implantação de um novo Distrito Industrial. A assinatura da escritura, com a desapropriação amigável da área, aconteceu no dia 21 de maio de 2013, entre o Prefeito Seger Luiz Menegaz e o proprietário da área, Jean Carlos Canali. A área inicial era de 49.000,00m², a qual foi ampliada em mais 36.828,46m², perfazendo uma área total de 86.828,30m², e foi adquirida com recursos próprios do Município, num investimento total de R$ 85.828,46. No mo¬mento, técnicos do Município estão realizando estudos de levantamento topográfico e ambiental da referida área.

• Benefícios concedidos às empresas

Ramos	1956-1982	1983-1996	1997-2004	2005-2008	2009-2015
Alimentícia	4	8	15	12	21
Madeireira	3	9	6	2	6
Têxtil	1	2	10	4	1
Metalurgia	2	2	4	3	13
Outros	3	4	2	8	32
Total	13	25	37	29	73

Pesquisa e elaboração da tabela: Itamar Antonio Spanhol (Fonte: Leis Municipais de 1956 a 2015).

No decorrer dos anos, muitos foram os benefícios concedidos às empresas para o desenvolvimento do Município. Citamos, nos períodos de 1956-1982; 1983-1996; 1997-2004; 2005-2008; 2009 a 2015, as principais unidades industriais e agroindustriais, incluindo os beneficiados nos Distritos Industriais e outros pontos do território do Município, nos ramos da alimentação, têxtil, metalurgia e madeireira. Ademais, uma gama de iniciativas de empreendimentos de pequeno porte, de diversos ramos das atividades industriais e agroindustriais foram, também, beneficiadas por incentivos, conforme demonstra a tabela abaixo, que também elucida as variações ocorridas nos períodos descritos na página anterior.

A natureza do instrumento de incentivo utilizado correspondente a esses períodos destinados às unidades produtivas anteriormente demonstradas, e a outras é demonstrada pela tabela a seguir:

Tipos de incentivos:

Anos	1956-1982	1983-1996	1997-2004	2005-2008	2009-2015
Isenção de tributos, taxas	21	5	7	15	7
Doação e/ou cessão de direito de uso de área e/ou transferência	9	12	9	6	9
Cessão de direito de uso de máquinas e/ou equipamentos	1	3	23	1	16
Serviço de máquina e/ou mão de obra	5	2	6	7	7
Auxílio financeiro	1	5	7	2	1
Outros	1	8	5	2	9
Total	38	35	57	32	49

Pesquisa e elaboração da tabela: Itamar Antonio Spanhol (Fonte: Leis Municipais de 1956 a 2015).

• Os empresários e a industrialização

Os empresários e dirigentes locais que participaram da implementação industrial no Município em 1989 e 1990 manifestaram, na época, sua opinião sobre a industrialização. Para o então Presidente da ACISAT, João Pedro Nicolodi, e o Vice-Presidente, Sidevan Teixeira, a ação da entidade tinha como intuito proporcionar aos associados a sua parcela de colaboração nessa evolução e estava promovendo curso de qualificação de mão de obra em convênio com o Serviço Nacional da Industria (SENAI), destinados aos funcionários, empresários, além dos trabalhadores que estão fora do mercado industrial. Ademais, em parceria com a Secretaria Municipal de Indústria e Comércio e a Secretaria de

1989-1996	1997-2004	2005-2008	2009-2015
Berçário Industrial. Programa de Apoio e Incentivo às Atividades Industriais e Agroindustriais. Fundo Rotativo de Desenvolvimento Industrial e Agroindustrial. Programa de Incentivo Agropecuário. Programas Especiais de Apoio às Atividades Agropecuárias. Apoio e Incentivo às Atividades Industriais e Agroindustriais. Fundo Rotativo de Desenvolvimento Industrial e Agroindustrial.	Ativação dos Programas de Incentivo e Apoio às Atividades Industriais, Agroindustriais, Agropecuária. Foram estendidos e alcançaram o Setor Prestação de Serviços.	Ampliação do Berçário Industrial. Auxílio para manutenção de máquinas e equipamentos. Programa de Auxílio aos Produtores de Leite. Programa de Auxílio para o Plantio de Pequenas Propriedades Familiares. Auxílio às famílias rurais que carecem de saneamento incentiva a criação de pequenos animais. Produção de hortigranjeiros. Fornecimento de pulverizadores. Programa de Auxílio para o Plantio em Pequena Propriedade Familiar. Microcrédito para pequenos empreendedores	Lei Geral Municipal da Microempresa de Pequeno Porte e Microempreendedor. Criou programa municipal para pequenas proprieda-des. Participação financei-ra em obras de sistema elétrico de distribuição nos Distritos Industriais. Programa de Apoio e Incentivo às Ativida-des Industriais e Agroindustrial.

Pesquisa e elaboração da tabela: Itamar Antonio Spanhol (Fonte: Leis Municipais de 1989 a 2015).

Educação, estavam montando a Escola do SENAI, nas empresas, para qualificar a mão de obra.

O fundamental era a interligação indústria-agricultura e a distribuição de riqueza era o alicerce sobre o qual o processo de desenvolvimento agroindustrial e industrial deveria estar assentado. O pensamento foi do ex-Presidente da ACISAT, Rogério Liska, que considerou como fator fundamental da industrialização a ênfase dadas às agroindústrias, pois são indústrias que se relacionam com a agricultura, pela realidade econômica do Município, onde deveria haver uma estreita ligação entre indústria e a atividade agrícola, porque o motor primário da economia é a agricultura. "A indústria é o setor secundário onde esses produtos são elaborados e aí, na medida que essas atividades sejam afins, tenham relação, e a possibilidade que venham a dar certo é grande", comentou (OS EMPRESÁRIOS..., 1991, p. 4).

Ainda falou que o fundamental era que a indústria partisse de um modelo descentralizador de riquezas, que houvesse a criação de empregos bem remunerados e que tal remuneração do capital não fosse tão prioritária, como muitas vezes é. "Em outras palavras, a industrialização não podia ser um fator ainda maior de concentração de riquezas e de privilégios ao capital; ela deveria ser um fator fundamental na distribuição de mais riqueza para todos, na medida em que houvesse oportunidade de emprego. Não podemos, unicamente, privilegiar o capital em detrimento do trabalho", falou (OS EMPRESÁRIOS..., 1991, p. 4).

A industrialização vem completar o ciclo das atividades produtivas, conforme manifestou na oportunidade o sócio-gerente da Neon, indústria de calçados e confecções Ltda., Neuri Domingos Coser. O empresário entendeu que com a industrialização ora implementada chegou o complemento das atividades produtivas, uma vez que se pretende desenvolver e crescer no dia a dia.

A implementação da industrialização era uma contribuição para o bem-estar comum, foi a opinião do Gilberto Scariot, empresário sócio-gerente da SS –Indústria de Erva-Mate Ltda. Isso tudo bem administrado era mais uma contribuição valiosa para o bem-estar comum de todo o povo do Município (OS EMPRESÁRIOS..., 1991, p. 4).

Os programas constituídos eram traduzidos em planejamento realizado pelo administrador público, que estabelece diretrizes, objetivos e metas de Município e de governo durante e além do período de sua gestão frente aos destinos do Município. Os fundos são os recursos financeiros, materiais, tecnológicos e humanos destinados a custear, suportar e a dar efetividade aos programas criados ou existentes no fomento industrial e agroindustrial. Nos respectivos períodos de 1989-1996; 1997-2004; 2005-2008; e 2009-2015, foram criados e/ou utilizados os existentes programas e fundos, conforme mostra a tabela na página anterior.

A unidade industrial de alimentos em Tapejara exerce grande influência nos ramos de laticínios e balas e chocolates, cabendo destacar sua evolução no decorrer do tempo. Entre as unidades de laticínios instaladas, destacam-se o posto de resfriamento da Lacesa S/A e o Laticínio Aurora, em meados e final dos anos 80; o início das atividades do atual Bom Gosto; o atual posto de resfriamento da Tirol e o laticínio Ouro Branco, que surgiram em meados de 2000. Entre as unidades industriais de chocolates, balas e mandolates, vale destacar a pioneira de Carino Canali (sucessor: Mansueto Canali e filhos), que surgiu em meados da década de 1930; Pietrobon & Cia. Ltda., no final dos anos 60; Simonetto e Canali Mioto & Cia. Ltda., em meados dos anos 90.

Na origem de todos esses empreendimentos, existe um ponto comum presente em seus idealizadores, que era o sonho de constituir e tornar realidade uma unidade industrial. Com certeza, na trajetória percorrida para transformar o sonho em realidade, tiveram que superar limites, incertezas e buscar apoio e incentivos, porém eram degraus alcançados, acima de tudo, com muita vontade de realizar o sonho.

Por ocasião das solenidades alusivas ao transcurso do cinquentenário da emancipação político-administrativa do Município de Tapejara em 9 de agosto de 2005, os ex-prefeitos manifestaram nos meios de comunicação local seu posicionamento referente ao desenvolvimento do Município. Para o ex-Prefeito Norberto Dall'Olivo: "Todas as famílias que colonizaram Tapejara eram de origem humilde, um povo que veio para trabalhar e crescer, por isso Tapejara ficou grande, por causa de seu povo" (EX-PREFEITOS..., 2005. p. 3).

O ex-Prefeito Bomfilho Sebben analisa: "Tapejara teve dois momentos: na década de 60 havia um bom parque industrial, tinha frigorífico, fábrica de refrigerantes, cantinas de vinho, fábrica de balas. Posteriormente a isso, houve uma desaceleração industrial, e muitas indústrias fecharam as portas. Posteriormente, por um determinado período, dois grupos comerciais dominaram o comércio no Município. Na década de 80 e 90, com a construção do asfalto, voltou a funcionar o processo industrial acelerado, culminando com o parque industrial de hoje. Com a emancipação dos distritos, Tapejara transformou-se num pequeno pólo regional" (EX-PREFEITOS... , 2005. p. 3).

O ex-Prefeito Gilberto Borgo constata: "É um povo empreendedor, que formou um comércio forte, indústria forte, que gera emprego, renda e faz com que Tapejara seja um lugar bom de viver e morar,

criar família e ter oportunidades de crescimento pessoal e profissional" (EX-PREFEITOS..., 2005, p. 3).

Para o ex-Prefeito Gilmar Sossella, "nós vivemos numa região agrícola. Tapejara diferenciou-se porque procurou trazer e agregar a industrialização, que, junto com a agricultura, aqueceu a economia do Município, proporcionando mais oportunidades às pessoas".

O ex-Prefeito Juliano Girardi lembra: "A energia elétrica, com usina própria, a ligação asfáltica, que proporcionou melhor escoamento da produção local, sendo um divisor de águas, e a industrialização foi muito importante".

De acordo com o atual Prefeito, releito, Seger Luiz Menegaz: "O Município de Tapejara consolidou sua posição de destaque no desenvolvimento econômico dentro do cenário regional e estadual, graças ao espírito empreendedor de sua gente, que se demonstrou inconformada com o comodismo da atividade agrícola e investiu na industrialização, de forma arrojada e diversificada, fazendo com que sejamos hoje reconhecidos como um dos Municípios que mais se desenvolve no Estado".

FEIRAS E EXPOSIÇÕES

• Festa das Colheitas e Exposição Agrícola

Por volta dos primeiros anos da década de 1970, a produção agrícola, principalmente de soja, apresentou melhores resultados na quantidade e qualidade, devido ao fato de que, logo depois de ter assumido o Ministério da Agricultura, Delfim Netto envidou esforços na difusão de campanha nacional com apoio governamental de estímulo e incentivo ao setor agrícola brasileiro, em vista da produção em grande escala do grão de soja: Plante que o governo garante.

Resultou na adesão de muitos agricultores, que começaram a substituir a atividade agrícola tradicional, diversificada, pela monocultura. Preocupado com essas mudanças e procurando mostrar o que era produzido no Município, o Poder Público e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais promoveram, com o apoio da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, das Paróquias dos Distritos de Charrua, Nossa Senhora do Rosário, Água Santa, Santo Antônio, a realização de Festas das Colheitas e Exposições Agrícolas nessa época.

• 1ª Festa do Milho e Soja e 1ª Exposição Agrícola

A 1ª Festa do Milho e Soja e a 1ª Exposição Agrícola do Município ocorreram de 16 a 17 de abril de 1970, com exposição de produtos de duzentos e quinze agricultores; o comércio e a indústria mostraram os insumos, ferramentas e instrumentos utilizados na atividade agrícola. A festa e a exposição aconteceram nas dependências das instalações do prédio, em obra, da Sociedade Tapejarense de Cinema.

Abertura da exposição. Foto: Arquivo de José Parizotto.

• 2ª Festa do Milho e Soja e 2ª Exposição Agroindustrial

A 2ª Festa do Milho e Soja e a 2ª Exposição Agroindustrial aconteceu no dia 15 de março de 1971, nas mesmas dependências da anterior, com menos produtos e produtores.

2ª Festa do Milho e Soja – Femisoja, em 1971, no atual prédio do Banrisul.
Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• Festa e Exposição de Soja

No dia 3 de junho de 1973, foi realizada a Festa e Exposição da Soja, único produto mostrado. Foi realizada nas dependências das novas instalações do Centro Comunitário Paroquial. Nos anos seguintes, prosseguiram o plantio, a colheita e a comercialização da soja. Nessa época, surgiram no Município muitas firmas que adquiriram a produção e estabelecimentos comerciais que vendiam insumos, sementes selecionadas, adubo, calcário, inseticidas, fungicidas, diversas revendas de máquina e implementos agrícolas e oficinas de manutenção, reformas de ceifadeiras, tratores, colheitadeiras, fábricas de adubos, grades e plantadeiras.

• Festa da Colheita e Exposição Agrícola

No mesmo tempo em que o cultivo da soja assolava os quatro cantos do Município, principalmente se espraiando em áreas de terras propícias à introdução do manejo de máquinas e equipamento agrícola, surgiu uma reação de resistência em vista de diminuir o impacto que vinha causando a monocultura e a retomada da atividade agrícola diversificada, por volta da metade da década do ano de 1970.

Naquela época, era esboçada uma reação de resistência e retomada da atividade agrícola tradicional. Teve como protagonistas umas e outras lideranças e agricultores ligados às atividades pastorais da Paróquia Nossa Senhora da Saúde. Era uma tentativa de resistir e estimular à pratica agrícola tradicional diversificada.

Entre os produtos agrícolas estimulados ao cultivo, cabe destacar o cultivo de arroz, milho, cana-de-açúcar, abóbora, moranga, mandioca e batata-doce; além do cultivo de mudas frutíferas e da parreira; ademais, a produção de mel.

Os primeiros resultados da retomada da atividade agrícola diversificada eram mostrados na Festa da

Colheita e Exposição Agrícola. A Festa da Colheita e Exposição Agrícola aconteceu nas dependências do Centro Comunitário Paroquial, em 25 de maio de 1980. Foi uma promoção da Paróquia Nossa Senhora da Saúde e visou a estimular e valorizar o cultivo agrícola diversificado no Município. Teve a colaboração da Prefeitura Municipal de Tapejara, no 25º ano de emancipação político-administrativa. Foram cerca de cento e seis agricultores que expuseram duzentos e cinquenta e cinco produtos durante dois dias.

Entre os produtos expostos e os vencedores-destaques, cabe destacar os demonstrados nas tabelas a seguir:

PRODUTOS	EXPOSITOR VENCEDOR-DESTAQUE
Cana-de-açúcar	Lourenço Valentini
Abóbora	Leonel de Nardi, Igino Paviani
Moranga	Amantino Pegoraro
Mandioca	Lodovino Gomes Nogueira
Batata-doce	José Parizotto
Parreira	Possídio Favretto, Honórino Giacomin
Mel	Antônio Peroni
Porongo	Luiz Merotto
Mudas	Adelino Zanchetta

Com relação aos tipos de grãos, os expositores vencedores foram os estampados na tabela a seguir:

GRÃO	EXPOSITOR VENCEDOR
Arroz	Nicola Spanhol
Milho	Gentil Dametto
Soja	Valdir Riquetti

Fonte: Jornal O Tapejarense, 1980. Pesquisa e tabela: Itamar Antonio Spanhol.

• Pioneiro vencedor no agronegócio

Foi no ano de 1981 que o nome de Tapejara era levado mais uma vez além do Estado, através do pioneirismo de um jovem agricultor, que, na agricultura, era classificado como um dos quatro melhores produtores rurais do Estado do Rio Grande do Sul.

Trata-se de Adelírio Danieli, então morador da localidade de São Silvestre. Ele que bem cedo teve que enfrentar as dificuldades da vida, pois seu pai faleceu e ele passou a assumir os encargos familiares juntamente com sua mãe. Adelírio participou do Concurso Nacional de Produtividade Agrícola, promovido pelo INCRA, com a coordenação Estadual da Secretaria da Agricultura. Em Tapejara, o Escritório da Emater foi quem assumiu o encargo de divulgar o concurso e também era a entidade que dava orientação técnica, de toda a assistência que ele necessitava para fazer funcionar seu estabelecimento agrícola.

A vitória de Danieli está relacionada com a diversificação das culturas, a integração da agricultura com a pecuária, o aproveitamento racional do solo, a absorção das técnicas modernas ensinadas pelo Escritório da Emater e o espírito comunitário dos concorrentes.

Adelírio plantava soja, milho, feijão, arroz, batata, sorgo, trigo, vagem, melancia, abóbora, moranga. Além disso, conseguir também manter em funcionamento um aviário, com 6.000 aves de corte, um chiqueiro de porcos, potreiro com gado de corte e de leite, fruticultura e horticultura. Também possuía

O jovem Adelírio Danieli, um dos quatro melhores produtores rurais do Estado. Na foto, o momento em que o Prefeito Municipal José Maria fazia a entrega do prêmio (fonte: O Tapejarense, dezembro de 1981).

um biodigestor, que fora construído sob a orientação e apoio da Emater, com capacidade de 20m^3 de gás.

O concurso idealizado pelo INCRA constituiu uma promoção que visava a divulgar os conhecimentos aplicados na produção rural e servia como modelo para os demais agricultores do país, incentivando melhoramentos no meio rural.

- **1ª FEMIC**

O potencial industrial e comercial do Município começava a ser mostrado no início da década de 90, quando foi realizada a 1ª Feira Municipal de Indústria e Comércio (FEMIC). O evento ocorreu no Centro Comunitário Paroquial, no período de 8 a 11 de agosto de 1990, dentro das comemorações alusivas ao 35º aniversário da emancipação político-administrativa do Município. A feira foi promovida pelo Poder Público em conjunto com a Associação Comercial e Industrial de Serviços e Agropecuária de Tapejara (ACISAT). A Feira contou com a participação de quarenta indústrias do Município dos mais variados ramos, que expuseram seus produtos em cinquenta e dois estandes, sendo quarenta e oito na parte interna do Centro Comunitário-Paroquial e quatro na parte externa. Paralelamente, aconteceu a Feira do Mel e Exposição do Bicho-da-Seda. A feira era realizada a cada dois anos, intercalando com a Feira Municipal de Indústria e Agroindústria (FEMIAT), que surgiu em 1991.

Fonte: Folha Regional, agosto de 1991.

- **1ª FEMIAT**

Com o objetivo de mostrar à população os resultados obtidos com a industrialização e o potencial econômico do Município também na área agrícola, o Poder Público promoveu, em conjunto com a ACISAT, a

1ª Feira Municipal de Indústria e Agroindústria (FEMIAT), no Centro Comunitário Paroquial, nos dia 8 a 11 de agosto de 1991. A feira contou com a participação de quarenta e três indústrias do Município, dos mais variados ramos, que expuseram seus produtos em cinquenta e quatro estandes.

Paralelamente, aconteceu a Feira do Mel e Exposição do Bicho-da-Seda, promoções do Conselho Municipal de Agricultura e do Escritório Municipal da Emater. Conforme cálculos dos organizadores da feira, que teve o apoio da ACISAT, mais de quinze mil pessoas circularam nos três dias do evento, proporcionando grande movimentação, que satisfez os empresários expositores e inclusive abriu caminho para negócios que foram realizados na feira.

O evento foi coordenado por João Pedro Nicolodi, Presidente da ACISAT, e por Vergilino Eron Borges, Secretário da Indústria e Comércio.

- **2ª FEMIC**

A programação de aniversário de emancipação político-administrativa do Município a partir desta época passa a contar em suas atividades com a realização de Feira de Exposições. Entre os dias 6 a 9 de agosto de 1992, aconteceu a 2ª Feira Municipal de Indústria e Comércio (FEMIC), com promoção do Poder Público, Secretária de Indústria e Comércio, sendo então secretário Vergelino Eron Borges, em parceria com a ACISAT, sendo Presidente Joel João Pereira. A feira aconteceu no Centro Comunitário Paroquial.

- **2ª FEMIAT**

No ano de 1993, entre 6 e 9 de agosto, aconteceu a 2ª FEMIAT, Feira Municipal da Indústria e Agropecuária de Tapejara, sendo promotor o Poder Público, através da Secretaria da Indústria e Comércio, sendo então secretário Sirinei Panizzon, em parceria com a ACISAT, que tinha como Presidente Miguel Sandini. Foi novamente realizada no Centro Comunitário Paroquial.

- **3ª FEMIAT**

Após um ano sem a realização de exposições, entre os dias 4 e 5 de agosto de 1995 aconteceu a 3ª Feira Municipal da Indústria e Agropecuária de Tapejara (FEMIAT), também durante as comemorações alusivas ao aniversário de emancipação político-administrativa do Município. A ACISAT foi promotora da Feira, presidida pelo empresário Valdir Pietrobon. Mais uma vez, o evento ocorreu no Centro Comunitário Paroquial.

- **EXPO TAPEJARA**

A partir de 1999 iniciou a 1ª Expo Tapejara e foi decidido que aconteceria a cada dois anos. Foi realizada de 11 a 15 de novembro, no CTG Manoel Teixeira, pois o Centro Comunitário Paroquial não possuía espaço adequado para sediar o evento. No CTG, além de sua estrutura, foi necessária a locação de lonões para abrigar os expositores. O primeiro presidente foi Luiz Carlos Pomagerski. Havia setenta e um espaços para os expositores e cerca de 12.000 pessoas visitaram.

Paralelamente à 1ª Expo Tapejara, aconteceu a realização da 1ª Mostra de Novilhos e Terneiras que teve a premiação das modalidades e animais.

- **2ª Expo Tapejara**

Em 2002, o Parque de Exposição Ângelo Eugênio Dametto recebeu uma ampla reforma e passou por um processo de reestruturação. Foi construído o Pavilhão de Exposições, com 1.500 m2, através de parceria do Poder Público e ACISAT. Dessa forma, começaram a ser realizadas todas as demais feiras. A 2ª Expo Tapejara aconteceu de 14 e 17 de novembro. O Presidente era Cláudio Pietrobon. Teve 101 expositores e cerca de 15.000 pessoas visitaram os estandes.

- **3ª Expo Tapejara**

Em 2004 aconteceu a 3ª Feira, realizada de 6 a 8 de agosto, tendo como Presidente Celso Fontana. Teve 123 expositores e contou com a presença de cerca de 20.000 pessoas.

- **4ª Expo Tapejara e 3ª FEICAT**

Em 2006, foi realizada a 4ª Expo Tapejara, juntamente com a 3ª Feicat, de 12 a 15 de outubro, no Parque Municipal, sob a coordenação da Presidente Eliana Piroli. No total 148 expositores mostraram seus produtos para 30.989 visitantes, através de 160 estandes e a realização de importantes negócios. Durante a feira foi realizado o Concurso Gado Leiteiro.

Concomitantemente, ocorreu a Mostra Caminhos do Leite com Qualidade, apresentado pela Emater, Secretaria da Agricultura e Sindicato de Trabalhadores Rurais. A presença do público na feira foi mais intensa durante a realização dos shows, na sexta-feira, dia 13, com Alemão Ronaldo; no sábado, dia 14, com a dupla nacional Guilherme e Santiago e, no domingo, o show de Flávio Dalcin e Banda Ouro.

- **5ª Expo Tapejara**

Em 2008, Adagir Coronetti assumiu a presidência da 5ª Feira, que foi realizada de 8 a 10 de agosto. Havia 175 expositores e cerca de 35.000 visitantes. O orçamento foi de R$ 372 mil e o volume de negócios girou em torno de R$ 8 milhões.

- **6ª Expo Tapejara**

Em 2010, a 6ª Expo foi realizada de 6 a 9 de agosto. O Presidente foi Gilberto Borgo, o qual coordenou 60 membros da comissão organizadora e um total de 200 trabalhadores que estiveram envolvidos com a feira. Com o crescimento da Expo, os espaços para os expositores aumentaram para 223, sendo 151 espaços internos e 72 externos. Em torno de 56 mil pessoas visitaram o parque e puderam assistir aos seguintes shows: Gian & Giovani; Acústicos e Valvulados; Nativos; Djavan e Darlan; Vodoo Vox; Banda Chaymon; Banda Cheiro de Paixão; Gianni e Banda Santa Mônica e Banda Passarela. O orçamento da feira foi de R$ 728 mil e o volume de negócios foi de R$ 21 milhões.

- **7ª Expo Tapejara**

Já em 2012, aconteceu a 7ª Expo de 9 a 12 de agosto, com o Presidente Claudio Bee. Teve 215 espaços para expositores, sendo 154 internos e 61 externos. Cerca de 70 mil pessoas visitaram o parque e puderam conferir alguns dos shows que estiveram disponíveis: Luiz Carlos Borges, Bandativa e Loirinha do Forró. Os shows de César Menotti e Fabiano, Raimundos, Djavan & Darlan, Banda Tangerine foram

realizados no Ginásio Municipal Albino Sossella. O orçamento foi de R$ 843 mil e o volume de negócios ficou em R$ 31 milhões.

- **8ª Expo Tapejara**

Em 2014, a 8ª Expo aconteceu de 8 a 10 de agosto, tendo como Presidente Vanderlei Piva. Foram 318 espaços para expositores disponibilizados, sendo 114 internos e 204 externos. Novamente, contou com a presença de mais de 70 mil visitantes, os quais puderam conferir diversos shows gratuitamente no parque, sendo eles: Adson e Alana; Diego e Gabriel; Gorila Branco; João Paulo e Rafael; Ruan Carlos; Luiz Carlos Borges; Wopen, mais convidado especial Marcelo Gross; Ivan César e Sadi; Lenon Moraes; Los Bandoleros; Stones Brothers; Valdir e Augusto; Voodoo Vox; Duo Lemon; Pedro e Daiane; Lucian dos Santos; Baraio Véio; Felipe e Mateus; Cerne; Swing Maroto e Passarela. O orçamento foi de R$ 786 mil e o volume de negócios no valor de R$ 35 milhões.

Todas as feiras são promovidas pela Prefeitura Municipal de Tapejara e ACISAT. Em 2014, foi criada a entidade Expo Tapejara Shows e Eventos.

- **1ª Festa do Chocolate e Doce**

A ACISAT foi contemplada pelo Poder Público com a contribuição financeira no valor de R$ 40.000, utilizados na realização de programação da 1ª Festa do Chocolate e Doce, realizada nos dias 5, 6 e 7 de agosto de 2005, como parte da programação da semana do Município.

- **1ª Feira do Natal**

A ACISAT também teve apoio à realização da 1ª Feira do Natal, ocorrida em 10 e 11 de dezembro de 2005, realizada no Pavilhão de Exposições do Parque Municipal. Na oportunidade, foram mostradas as variedades de produtos que são industrializados em Tapejara, principalmente por micro e pequenas empresas. Os setores artesanato, floricultura, indústria têxtil, moveleira, agroindústria, panificação e gastronomia apresentaram seus produtos. Entre as microempresas de confecções que participaram estavam: a Marsol Malhas, malhas esportivas e personalizadas; Tribal; Sem Limites Modas; Laquent-Fashion; Bella Noiva; Star Bem Modas; Destak Moda Íntima; Artesanato: Toque de Arte; Pontos e Bordados; Realce Ferro e Arte; Bela Arte; e Lorinei Secco, tecidos artesanais.

O setor alimentício, entre outros, teve presença de: Kadini e Kadini, doces e bebidas; Restaurante do Garrincha; Laticínio Ouro Branco, queijos, leite, derivados e embutidos; Confraria do Café; Géllu's Sorvetes; e Ki-Tortas.

Na área de floricultura, participaram as empresas: Terra Cor Floricultura, paisagismo e decoração; Floricultura Belle Rose; Ruschel e Sbardelotto Ltda., flores, folhagens, artigos para presentes e decorações para casamentos; Decorações: Sonho e Fantasia, de Elisa Rejane Sitta Bacega e H2O Pura, fabricação de bolsas e mochilas.

O setor moveleiro mostrou produtos das empresas: Móveis Dalmina Ltda.; Móveis e Aberturas Adorian; RD, Ricardo Dallagasperina, móveis e aberturas; Madeireira Calegari; Linha Calegri; Móveis Dellaza; e Menegaz Móveis.

• 2ª Feira do Chocolate e Doce e 1ª Feira do Vestuário

A 2º Feira Sabor Fest e a 1ª Feira do Vestuário aconteceram nos dias 4 e 5 de agosto de 2007, no Pavilhão de Exposições do Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto. Para o evento foram realizados melhoramentos no Parque de Exposições, acessos, troca de iluminação e concluídas obras. O coordenador foi Alexandre Zanini.

A 1ª Feira do Vestuário surgiu, como na Gastronomia, pois as indústrias do vestuário possuem grande potencial no Município a serem divulgadas. Entre as empresas: Usacon Femene; Bortolotto Ind. do Vestuário; Amarildo Rigon Confecções; Josivane Confecções; Confecção Tapejara; Kendy Bazar e Confecções. Além disso, as da Gastronomia, entre outras: Pietrobon; Simoneto Alimentos; Padaria e Confeitaria Danieli; Do Nono Lanches; Persan; Chocotape; Coopervita; Panificadora Dalbosco; Confeitaria Kitortas e Cervejaria Euro Bier.

As principais atrações da feira foram: Teatro Infantil com os Peraltas; show com a Banda Superprodução, de Carlos Barbosa, e Guri Nativo, de Tapejara. No dia 5, domingo, ocorreu 4ª etapa da Copa Norte de Veloterra, com mais de 100 pilotos de toda a região. Durante toda a feira houve parque infantil como atração à criançada, além de praça de alimentação, que foi ampliada para proporcionar maior comodidade para os visitantes.

• Galeria dos Municípios

De 30 de julho a 3 de agosto de 2007, foi realizada nas dependências da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, localizado na Praça Mal. Deodoro, 101, em Porto Alegre, uma exposição da produção industrial, agroindustrial e serviços de Tapejara, mostrados na Galeria dos Municípios. Esse evento fez parte da programação alusiva aos 52 anos de emancipação político-administrativa do Município de Tapejara.

A Galeria dos Municípios é um espaço físico institucional criado por lei pelos parlamentares que é disponibilizado aos Municípios mediante agendamento junto à administração da Casa Legislativa.

Nesse ambiente, o Município tem a oportunidade e as condições adequadas para expor e mostrar à sua comunidade empreendimentos, realizações, arte, cultura, potencialidades, além de possibilitar o intercâmbio com os demais Municípios do Estado.

No dia 30 de julho, começou o serviço de montagem dos estandes coordenados pelo assessor da Secretaria de Habitação, Tiago Brunetto, com o apoio de funcionários da Assembleia Legislativa.

A sessão solene de abertura oficial da exposição ocorreu no final da tarde do dia 1º de agosto com o pronunciamento do então Prefeito Juliano Girardi; também participavam do ato: Vice-Prefeito, Elso Scariot; Presidente da Câmara de Vereadores, André Silva; Vereador Odacir Dalmina; Secretários Municipais da Habitação, Indústria e Comércio; Deputado Gilmar Sossella; entre outros. Também o publicitário responsável pelo planejamento da empresa H2A Comunicação, Aroldo Barizon; a Rádio Caiobá, com o repórter Henrique Sebben, que levou ao ar os pronunciamentos das autoridades.

Entre as empresas que mostravam a sua linha de produção, marcavam presença: Laticínio Bom Gosto; Pietrobon; Simonetto Alimentos; Coopervita; Euro Bier; Agrodanieli; Cotapel; Femene; Usacon; Palma; Grupo Bianchini; e a Mux Energia. A Administração Municipal entregava Caderno de Prestação de Contas 2005/2006 e encarte publicitário alusivo ao aniversário do Município, editado em 31 de julho no jornal Zero Hora.

A visitação do público no dia 2 de agosto teve grande afluência. Nessa data, ocorreu um seminário

sobre cultivo, produção, comercialização de cana-de-açúcar para produção de biodiesel. O público-alvo foram admistradores municipais, empresários, cooperativas, sindicatos e outros segmentos que conseguiram mobilizar muitos participantes e acontecia no Auditório Dante Barone. O encerramento da exposição ocorreu na metade da tarde do dia 3 de agosto de 2007.

Referências

AGRODANIELI. *Quem somos*. Disponível em: <http://www.agrodanieli.com.br/ quem_somos.php>. Acesso em: 31 maio 2015.

ASSEMBLEIA da Cooperativa Mista Charrua Ltda., realizada no dia 08.06.79, Tapejara: fatos mais destacados. *O Tapejara*, Tapejara, v.2, n.21, p.1, 18 jun. 1979.

BARCELLOS JÚNIOR, Antônio Soares de. *Análise Evolutiva da Indústria de Frigoríficos de Produtos Suínos no Rio Grande do Sul do Ano de 1950 até o Ano de 2004: Declínio ou Simples Concentração de Mercado?* 2006. 200p. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2006. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/analise% 20evolutiva.pdf>. Acesso em: 30 maio 2015.

BAUERMANN, Lara. *A Participação das Mulheres em Novas Formas de Organização do Trabalho no Campo*. Monografia apresentada como requisito parcial para o título de Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, junho de 2009.

BAYMA, C. Trigo: *Estudos Técnicos*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1960. p. 145.

COMIRAN, Ignez Canali. *A Influência Italiana no Município de Tapejara*. 1975. Licenciatura Plena de História, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, 1975.

COOPERATIVA DE DEFESA ATIVA COLONIAL. Livro de Conta Corrente nº 2. Propriedade de Pedro Canali.

COOPERVITA. *Nossa Cooperativa: Objetivos, Princípios, Passos*. Tapejara/RS, [19--?]. 3 p.

DALLAGASPERINA, Rosângela Maria Curzel; OLIVEIRA, Amadeo. *Coopervita –Cooperativa de Produção Agropecuária Terra e Vida.* 2006.

DALLAGASPERINA, Rosangela. Emater Tapejara promove curso de aproveitamento de leite. *O Caiobá*, Tapejara, v.2, n. 25, p. 5, out.1994.

ESTAMOS em Festa Tapejara 25 anos. *O Tapejarense*, Tapejara, v.1, n.3., p.1, 9 ago. 1980.

EX-PREFEITOS e Prefeito falam sobre o cinquentenário durante o evento. *O Caiobá*, Tapejara, v.4, n.74, p.3, 18 ago. 2005.

FONTANA, Elaine. *Sicredi Altos da Serra RS/SC: 25 Anos de Cooperação e Desenvolvimento Sustentável.* Porto Alegre, SESCOOP/RS, 2013.

HOTEL FONTANA. *História*. Disponível em: < http://www.hotelfontana.com.br>. Acesso em: 31 maio 2015.

ISAAC, Alberto. Quando as tinturarias imperavam. *Correio de Itapetininga*, 7 abr. 2011. Disponível em: http://portal.correiodeitapetininga.com.br/noticia/ver/ 30572/quando-as-tinturarias-imperavam>. Acesso em: 16

mar. 2015.

MARIN, Orlando Joel. *Conformismo e Resistência dos Camponeses à Extensão Rural*. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1991. p. 105.

O TAPEJARA. *Tapejara.* Editora Tapejara, 1978-1979.

O TAPEJARENSE. Tapejara: Empresa Tapejarense de Publicidade, 1980-1983.

OLARIA LUIZ MEROTTO & IRMÃOS. *Bloco de Notas*: números 1,5, 27, 33-50, 60-70, 73, 79-81, 129, 132-137, 83-89, 155-175; nova série nº16 de 3/01/1964 a 11/04/1964.

OS EMPRESÁRIOS e a industrialização de Tapejara. *Folha Regional*, Tapejara, v.1, n.2, ago. 1991. Encarte especial da 1ª FEMIAT, p.4-5.

POSSER, Nanci. *Desenvolvimento Local – Regional: Um Estudo da Coopervita –Cooperativa de Produção Agropecuária Terra e Vida LTDA.*, Tapejara, RS. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Ciências Exatas e Geociências, Universidade Federal de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007.

SALVA a Cooperativa de Tapejara. *O Tapejara,* Tapejara, v.2, n.22, p.1, 15 jul. 1979.

SPANHOL, Itamar Antonio. *Surto Comercial e Serviços: Meados de 1970 até Metade da Década de 1980*. Porto Alegre, 2008. Mimeografado.

------. Da Primeira Exposição Agrícola à Sexta Expo Tapejara. *Revista Comunicação*, Tapejara, v. 7, n. 74, p.22-29, ago. 2010.

------. *Evolução do Desenvolvimento Local e Política de Incentivos: Protagonistas, Normas, Instrumentos, Programas, Fundos e Beneficiários*, Tapejara 1956-2007. Porto Alegre, 2007. Mimeografado.

------. Mulheres Empreendedoras. *Revista Comunicação*, Tapejara, maio 2011. Edição especial.

------. Itamar Antonio. *Da Bodega do Seu Canário ao Supermercado*. Porto Alegre, 2011. Mimeografado.

------. *Surto Comercial e Serviços: Década de 1990 até 2006.* Porto Alegre, 2008. Mimeografado.

TEDESCO, Carlos João. *Terra, Trabalho e Família: Racionalidade Produtiva e Ethos Camponês*. s/local, editora e data. p. 117.

VIEDA, João. Crônica de Tapejara. *O Nacional*, Passo Fundo,1962.

WOLFF, Evanir. LACESA/PARMALAT repassa mais 89 novilhas importadas a produtores da região. *O Caiobá*, Tapejara, v.2, n. 31, p. 4, fev. 1995.

Capítulo 5

Dimensão Rural

AGRICULTURA ANTIGAMENTE

A existência de terrenos favoráveis no território da Colônia do Rio do Peixe e a presença de solos originalmente férteis favoreceram o desenvolvimento da lavoura de feijão, arroz, milho, trigo, árvores frutíferas, videira, marmelo, pastagens e erva-mate.

Na época os imigrantes viviam das plantações de diversas frutas para a sobrevivência. Com o tempo, além de plantarem para a subsistência também vendiam nas casas comerciais e nas pequenas indústrias para fabricação de seus derivados. Atualmente o comércio local compra frutas de outros Estados, e a maioria dos produtores produzem para o consumo próprio.

Segundo dados do IBGE, nos anos de 1960 até a década de 2000, os resultados das plantações foram os seguintes:

Ano	Cultura	Produtores	Produção (ton.)
1960	Figo		6.843
1960	Marmelo		1.641
1970	Uva	604	611
1970	Marmelo	97	169
1970	Figo	14	15
1979	Uva		674
1979	Figo		112
1984	Figo		738
1984	Uva		446
1984	Marmelo		24
1985	Uva	867	787
1985	Figo	132	409
1989	Figo		665
1989	Uva		456
1989	Marmelo		182

Tabela de produção de culturas de 1960 à 1989. Fonte: IBGE.

Cultura	Década de 1990	Década de 2000
Figo	19,50ha	57,40ha
Laranja	31,50ha	174,55ha
Pêssego	55,03ha	115,07ha
Uva	190,68ha	243,88ha

Tabela de área plantada por cultura nas décadas de 1990 e 2000, em hectares. Fonte: IBGE.

A partir da década de 2000 o marmelo deixou de ser cultivado no Município. Mais tarde as plantações de frutas e erva-mate foram diminuindo e sendo substituídas pela criação de animais, como frango, suíno e bovino e, ao mesmo tempo, com a plantação de milho e trigo.

A produção do trigo apresentada no início da colonização e no desenvolvimento da Sede Teixeira e a produção para o consumo familiar, já na metade da década de 30, apresentavam melhores resultados na quantidade e qualidade, já que, ao assumir o poder em 1930, o então Presidente Getúlio Vargas determinou o planejamento e a execução de uma campanha pelo cultivo do cereal: "Plantai trigo, ele é a fartura do lar, a glória dos campos e a riqueza da Pátria", declarou Vargas.

A Secretaria do Estado também teve grande influência, distribuindo anualmente sementes selecionadas e adaptadas ao clima da região. A produção de trigo começava a aumentar, oscilando, por hectare, entre 18.000 e 20.000 toneladas, sendo disputadas por vários moinhos locais e dos Municípios vizinhos de Passo Fundo e Getúlio Vargas. O trigo era cultivado para subsistência e do que sobrava, parte era reservada para semente e o restante transportado e vendido aos moinhos.

Quanto ao milho, que era cultivado tradicionalmente para subsistência humana, farinha e grão e farelo para os animais, o excedente vendido aos moinhos locais e da região, tendo o cultivo substituído ou diminuído principalmente nas comunidades, proximidades e no entorno do então Distrito de Charrua.

Em meados da década de 50, os principais produtores da época foram: Elias Ruas Amantino, com a cultura de trigo e milho em área de 230ha; Vitor Rocha Schleder, que produzia trigo, milho e feijão em 160ha; Guilherme Lângaro, que produzia trigo em 70ha; Victorio e Luiz Dorini, que cultivavam trigo e milho em 70ha; e João Dorini, que cultivava trigo e milho em 53ha. O valor da produção agrícola nessa época era estimado em cerca de noventa e oito milhões de cruzeiros.

A produção agrícola de cereais no Município em 1967, em área de colheita e total da produção em toneladas, foi a seguinte:

Cereais	Área colhida em ha	Produção em toneladas
Trigo	5.500ha	5.610 toneladas
Milho	9.000ha	9.720 toneladas
Soja	1.500ha	1.350 toneladas

Tabela de produção de culturas de 1960 à 1989. Fonte: IBGE.

• A criação do modelo agrícola moderno

Durante a década de 40, houve grande impulso no meio rural, especialmente para os pequenos produtores, quando se intensificou o avanço do capitalismo no campo em todos os países com potencial de desenvolvimento e crescimento econômico.

Segundo Brum, esse impulso fez parte de um processo mundial de modernização da economia, ligada diretamente ao término da Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos, que foi a divisão do mundo em dois blocos, "a consolidação dos Estados Unidos da América no bloco Ocidental e a consequente expansão do capitalismo internacional através de grandes empresas multinacionais, que passam a se expandir para os países subdesenvolvidos" (BRUM, 1988, apud BOSA, p. 9).

Dessa forma, até a metade do século passado, a agricultura era predominantemente familiar, tradicional e adaptada às necessidades e condições que tinham na época, como ao clima, solo, mão de obra, tamanho de área, infraestrutura e instrumentos de trabalho.

Da forma como era feita a exploração agrícola, passou por um processo de transformação que levou a um modelo agrícola denominado moderno, segundo os interesses e padrões capitalistas. Esse novo modelo agrícola foi baseado na redução do uso da mão de obra dos agricultores, pelo uso intenso de máquinas, equipamentos, manipulados em laboratórios, os quais causaram danos à biodiversidade, o encarecimento e a dependência dos produtores ao uso desses produtos, além da monocultura em grandes extensões de terra, voltada para a indústria e a exploração.

Esse processo de modernização agrícola objetivava criar as condições para a concretização e viabilização de um programa denominado, segundo Brum, de Revolução Verde, o qual "tinha como objetivo explícito contribuir para o aumento da produção e da produtividade agrícola no mundo" (BRUM, 1988, apud BOSA, 1994, p. 9). O interesse do grande capital era movido através dos interesses econômicos e políticos ligados à expansão e ao fortalecimento das grandes corporações que estavam a caminho do crescimento em diversos países. "O programa foi idealizado e patrocinado, inicialmente, pelo poderoso grupo econômico Rockefeller, com sede em Nova Iorque, nos Estados Unidos" (BRUM, 1988, apud BOSA, 1994, p. 10).

As primeiras iniciativas que desencadearam o programa aconteceram ainda durante a Guerra, em 1943, quando a Fundação Rockefeller desenvolveu projetos-piloto em países selecionados, entre os quais estavam o Brasil, as Filipinas e o México. No Brasil, as primeiras iniciativas da Revolução Verde iniciaram na metade da década de 40, com a criação de três empresas ligadas ao grupo Rockefeller: a empresa Cargil, que tinha comercialização internacional de cereais e fabricava rações; a Agroceres, que desenvolvia pesquisas genéticas de milho, além de produzir sementes de milho híbrido; e a Ema, empresa que fabricava equipamentos para a lavoura.

Na medida em que a Revolução Verde crescia, os governos locais assumiam a responsabilidade na implementação do projeto, ao mesmo tempo que estava deixando seus países em grande endividamento externo. No Brasil, esse período coincidiu com a tomada do poder militar em 1964, vindo ao encontro de interesses de poderosas corporações transnacionais com grandes empresas nacionais.

O Brasil, assim como muitos países subdesenvolvidos, entrou como aliado secundário ou como uma parceria desigual, que privilegiou apenas uma minoria local e de forma acentuada os grupos transnacionais. "Com a modernização da agricultura, a chamada Revolução Verde, liderada pelos Estados Unidos, o campo ficou na total dependência da indústria e reforçou a dominação dos países ricos, ajudada inclusive pelos governos dos países pobres" (CONFERÊNCIA, 1993, apud BOSA, 1994, p. 11).

O problema para os pequenos produtores foi a dependência desse processo, tanto na tecnologia, quanto financeiramente, pois para enquadrar-se como produtor modernizado, ele se viu forçado a aceitar e incorporar nos trabalhos de sua propriedade o pacote tecnológico da modernização e, assim, não ficar excluído dos benefícios que poderia ter, como acesso ao crédito para custear a safra e assistência técnica do Estado.

Esse sistema de monocultura, que era realizado pela forma mecanizada, buscava a produção em maior escala. Porém, como a cultura era nova para os produtores, eles compraram a semente juntamente com insumos químicos para fertilizar o solo; dessa necessidade, logo veio o desgaste do solo pela falta de rotação na plantação de culturas, de reposição de nutrientes, já que apenas tiravam do solo, e, em seguida, surgiu a erosão. Um pouco depois apareceram surtos de pragas e de doenças que se originaram do novo sistema de produção, juntamente com os venenos, que foram mal aplicados, prejudicando tanto a saúde do homem quanto a do meio ambiente.

Em decorrência disso todo pequeno agricultor acabou perdendo a condição de determinar os rumos de sua unidade de produção e até mesmo sua condição de produtor. Isso aconteceu pela dependência tecnológica (falta de conhecimento, insumos externos), financeira (financiamentos, juros, endividamento), destruição dos recursos naturais de produção (solo, água, animais, matas) necessários para manter a chamada biodiversidade e, com ela, a capacidade de reprodução ambiental, a sustentabilidade do sistema de produção, até a perda da terra, forçada pela soma de todos esses fatores. Cada vez menos proprietários possuíam terras, impedindo o avanço da Reforma Agrária.

No Município e na região, o solo sofreu muitos danos em função dos fortes inseticidas e fungicidas passados nas lavouras. Quando chovia, a água da chuva acabava levando a terra das plantações para os rios, poluindo as águas, matando muitos peixes e prejudicando o curso natural dos rios e arroios.

No Rio Grande do Sul, a região Norte, tradicionalmente agrícola, vem produzindo ao longo das últimas quatro décadas o maior contingente de migrantes no sentido campo-cidade. “Em 1970, 44% da população vivia no campo; em 1980, 32% e 1986, apenas 30%” (NEUMANN, 1987, apud BOSA, 1994, p. 14).

Contudo, muitos agricultores conseguiram resistir na terra. Mesmo assim com o descontentamento de quem perdeu a condição de decidir o que e como fazer em sua pequena propriedade, devido à grande dependência tecnológica, financeira, da indústria e do mercado que se criou. Além disso, viram o meio ambiente, que para eles significa o recurso e meio básico para produzir alimento para seu sustento, ser degradado pelas formas do processo produtivo dependente de instrumentos, insumos e métodos adversos às leis da natureza e das relações culturais e de uso estabelecidas no decurso do tempo entre o homem e a natureza.

• A passagem do modelo colonial para o moderno

Quando a modernização agrícola passou pelo Brasil nos anos de 1970, a região e o Município foram os primeiros atingidos. A lavoura da soja transformou-se no principal agente da modernização agrícola do Município de Tapejara. Os altos preços alcançados pelo produto no mercado internacional propiciaram grande expansão da sojicultora a partir dos anos 1970. Nessa década a soja passou a ocupar as terras até então cultivadas com outros grãos, entre os quais trigo, milho, arroz, feijão, plantas frutíferas, erva-mate, chegando até em algumas áreas a ocorrer a monocultura. Ainda desativaram cerrados, ou seja, os locais abertos e/ou fechados onde os porcos eram engordados para venda ou abate para obter carne, derivados e banha.

A grande maioria dos agricultores trocaram o cultivo do trigo pelo da soja, principalmente nas comunidades localizadas e no entorno de Colônia Nova e do Distrito de Colônia Lângaro. Em 1978 o cultivo foi de 2.500 hectares, representando 100% de área a menos com relação a 1977.

As plantações tradicionais de erva-mate que existiam e eram cultivadas em diversas comunidades, como Carreteiro e São Domingos e, principalmente, na região de entorno e proximidades do então Distrito de Água Santa, além de industrializada na Sede pela Ervateira de Teodoro Rech e Filhos, foram

derrubadas e arrancadas suas raízes e o solo ocupado pelo plantio de grãos da leguminosa.

Assim como as plantações de erva-mate, as videiras, parreirais, marmeleiros, pessegueiros, laranjeiras, bergamoteiras e outras plantas frutíferas cultivadas nas diversas comunidades e no entorno e proximidades da cidade foram derrubadas para o plantio da soja.

O cultivo da soja é realizado no verão, em lavouras mecanizadas, geralmente em médias e grandes propriedades. As pequenas propriedades não suportaram os altos investimentos financeiros necessários para conseguir a produtividade. A produção era destinada em grande parte à exportação.

As lavouras foram mecanizadas e passaram a receber fertilizantes e defensivos agrícolas, em grande quantidade. Nos anos de 1970 a soja tomou conta da paisagem do meio agrícola como cultura de verão.

Pôde-se perceber o aumento de máquinas agrícolas no meio rural, sendo que em 1960 havia 63 tratores, passando na década de 1970 para 223 e em 1980 para 916 veículos, chegando em 1985 a 1.112 tratores.

A soja foi alvo de divulgação no primeiro veículo de comunicação escrito de Tapejara, O Tapejara, que repercutiu essa situação com a pequena chamada "SOCORRO!" em sua oitava edição, datada de 22 de outubro de 1978. Daí por diante, o Município passou a contar com diversas granjas mecanizadas espalhadas pelo interior e no entorno da cidade. Para armazenar a produção e selecionar a soja foi construído um silo pela Cooperativa Mista Charrua Ltda. (Coocharrua) na cidade, com capacidade para 12.000 toneladas.

Com o sistema de granjas mecanizadas, foi intensificado o cultivo da soja, que se tornou destaque como principal cultura agrícola no Município. Ao mesmo tempo, houve na cidade e nas sedes dos Distritos um surto do setor comercial e de serviços apoiado no cultivo e na produção da soja local, num ativo comércio de grãos, adubos, calcário, inseticidas e fungicidas.

Além de serviços de manutenção, consertos, reformas, fabricação e de venda e revenda de equipamentos, implementos e máquinas agrícolas, entre as quais cabe destacar: Hermínio Paulino Pozzer, Indústria Agrícola Aral Ltda., Indústria de Calcário Tapejara Ltda., Comercial de Cereais Roman, CROL, Cereais Sebben, Comércio de Automóveis Ltda., Agrimar, DACAL, Comércio de Representações Marcali Ltda., Supermercado e Posto de Combustíveis da Coocharrua, Representação de Tratores e Colheitadeiras Massey Ferguson, de Celso Maschio, e as novas instalações da oficina mecânica de João Spagnol.

Mais tarde, surgiu um novo processo, oriundo dos estudos de mudança tecnológica e de produção agrícola, o plantio direto, especialmente nas culturas do milho e da soja; foi o marco de um sistema que esgotou o sistema convencional de plantio, caracterizado pela grande mobilização do solo e uso de produtos químicos, que se estendeu até 1990.

No entanto, essa nova técnica não mexeu com a base de sustentação do processo produtivo, caracterizado pela monocultura e dependência de insumos químicos. Ademais, os agricultores foram obrigados a se adaptar ao novo sistema através da modernização do maquinário.

As famílias deixaram de plantar "a boi" e controlar os inços com capina manual e passaram a ter problemas graves determinados pelo endividamento resultante da aquisição de máquinas, implementos, insumos e o surgimento de mão de obra ociosa pela substituição do trabalho braçal pelas máquinas.

• Resultado da agricultura moderna

O Município de Tapejara sofreu intensas e profundas transformações na agricultura, que repercutiram na trajetória da CooCharrua a partir da metade da década de 70.

O modelo tradicional agrícola, que era baseado na fertilidade natural do solo, na diversidade de espé-

cies animais e vegetais, tinha menor incidência de pragas e doenças nas lavouras e no uso intensivo de mão de obra familiar dentro de uma estrutura fundiária com grandes espaços para as pequenas propriedades.

Daquela forma de exploração agrícola, passou-se por um processo de transformação que levou a um modelo agrícola denominado, como já citado, de moderno. Esse modelo, baseado em máquinas, equipamentos, insumos químicos, agrotóxicos e fertilizantes, nas sementes e no genético animal, causava danos à biodiversidade, ao encarecimento e à dependência dos produtores, sem contar que a monocultura em grandes extensões de terras voltava-se para a indústria.

O Brasil na época adotou em sua política governamental, a partir de meados de 1970, o modelo de agricultura denominada de moderna. Foi adotado o potencial de produção conferido pela política brasileira às culturas ditas de exportação, a soja, em detrimento de atividades agrícolas voltadas ao abastecimento interno, que resultava em mais frequentes e agudas as crises internas de escassez de alimentos, que deixou sequelas indeléveis. Nesse período, o Estado do Rio Grande do Sul chegou a importar mais de 100 mil toneladas de milho. O produto era destinado ao abastecimento dos suinocultores e avicultores, além de fábricas de rações. Também produtores de Santa Catarina receberam parte desse milho.

A esteira da agricultura moderna causou a devastação florestal, deixando o escasso 1,8 por cento de cobertura florestal, com o que o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná se tornaram uma das áreas mais devastadas. A devastação e o desmatamento intensivo começaram a provocar a desestabilização do clima, surgindo a seca, a enchente e a erosão do solo. A implantação da atividade agrícola moderna repercutiu no jornal O Tapejara nas matérias: "Devastação florestal atinge níveis cada vez maiores no Estado", publicada na edição de nº 2, na página 8, no dia 9 de julho de 1978, e "Desmatamento é causa de seca, enchentes e erosão no Estado", na quinta edição, veiculada dia 27 de agosto de 1979. Além dessas, outras matérias envolvendo esse tema foram publicadas.

• O despertar do meio rural

Ao mesmo tempo estava em franco desenvolvimento a organização e a formação de lideranças rurais. Tratava-se de ação de cunho educativo que visava a contribuir para melhores condições de vida e trabalho para o meio rural e preparar lideranças para assumirem responsabilidades nas entidades sindicais, cooperativas e associativas. Essa ação era patrocinada e viabilizada pela Paróquia Nossa Senhora da Saúde, coordenada pelo Padre Valter Valentim Baggio.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Tapejara foi fundado em 15 de agosto de 1962. No ano de 1973, sob a presidência de Diniz Fontana, começou a imprimir uma linha de atuação sindical militante e combativa. O STR começou a ser visto não apenas como um órgão assistencial, mas como ferramenta de defesa do agricultor.

Essa tomada de consciência começou a acontecer no episódio denominado Confisco Cambial, fato ocorrido no início de 1980. Na ocasião, o Governo Federal, através de medida política, tentou obter vantagem na transação e venda da soja. Foi considerado pelos agricultores como um confisco indevido e prejudicial. A mobilização dos agricultores conseguiu brecar que essa medida fosse levada a cabo pelo Governo Federal. A direção do STR de Tapejara motivou e mobilizou seus associados para participarem desse movimento. O movimento foi vitorioso; não fosse a mobilização e o protesto dos agricultores, a produção de soja teria um confisco na razão de 13% por saca. Essa vitória foi atribuída à união e à participação efetiva dos agricultores. Os agricultores locais experimentaram a verdadeira força desconhecida que possuíam coletivamente.

Na ocasião, os preços mínimos dos produtos agrícolas fixados pelo Governo Federal para a safra de 1981 eram recebidos com descontentamento pelos agricultores, pois, além dos aumentos dos insumos e dos custos para o plantio, tinham que conviver com uma inflação superior a 100%.

Ademais, o sistema cooperativista resolvia seguir em sua linha de atuação, que era a busca do fortalecimento e tinha como horizonte uma melhor distribuição de renda aos seus associados e da população rural e um barateamento do custo da produção, pois no período a concentração de renda nas mãos de poucos era crescente, além da disparada da inflação.

- **A descapitalização do meio rural e a concentração de renda**

Ano	Qtde. de produtores	Cultura	Colheita (ton.)	Quantidade (ha)
1959	2.231	Milho	23.188	15.426
1960	24	Soja	80	84
1960	2.023	Trigo	4.747	7.690
1970	3.093	Milho	28.107	20.861
1970	2.990	Trigo	18.879	18.917
1970	1.628	Soja	7.143	9.044
1975	2.741	Soja	38.949	29.024
1976		Trigo	12.600	
1976		Milho	18.000	
1976		Soja	75.000	
1977		Soja	90.000	
1979	2.974	Milho	26.162	17.391
1980		Soja	61.200	36.000
1980		Milho	24.300	13.500
1980		Trigo	3.000	2.500
1980		Mandioca	7.500	500
1980		Cevada	27	350
1980		Batata	270	90
1980		Amendoim	79,5	53
1980		Cebola	96	16
1980		Fumo	10	10
1984		Milho	22.000	10.000
1984		Trigo	7.500	5.000
1984		Soja	72.000	30.000

Fonte: IBGE. Censo Agropecuário. Pesquisa elaborada por Itamar Antonio Spanhol em 18 de outubro de 2014.

Naquele tempo o modelo governamental criava a política agrícola, que, além de desestimular a produção de produtos primários e preferir a importação, provocou crescente processo que resultava na descapitalização do meio rural, especificamente dos agricultores. Muitos produtores tiveram que se desfazer de máquinas, principalmente de áreas de cultivo para pagarem suas dívidas oriundas de empréstimos contraídos junto a instituições governamentais.

Os produtores agrícolas, prejudicados e desestimulados pela atual política agrícola, já que a política econômica em voga provocava concentração de renda, mostrando a realidade que 5% da população mais rica do país estava absorvendo a maior parcela da renda nacional, em relação à década de 60, enquanto os 10% ou 20% mais pobres tinham uma parcela menor da renda.

Na região de Tapejara, iniciava a colheita da safra de verão da soja. Algumas lavouras não chegavam a ter resultados satisfatórios, algumas por excesso de chuvas na época do crescimento da planta e outras por falta de investimento na terra, devido às dificuldades financeiras dos produtores, além do preço do produto, que desestimulava parcela de produtores.

Apesar das dificuldades encontradas pelos produtores rurais da região, referente à falta de crédito agrícola, de uma política de correção de solo e de preços que garantissem uma rentabilidade mínima, aconteceu uma grande safra na região. A tabela abaixo demonstra dados da colheita de 1959 até a 1984, os cereais plantados e colhidos em toneladas e por hectare, assim como a quantidade de produtores que havia na época. Um dado que destacamos é o da década de 1980, quando a população estimada era de 27 mil habitantes, sendo que a área rural tinha cerca de 20 mil e a urbana, 7 mil habitantes. Todos os dados da tabela da página anterior foram retirados do IBGE.

No início da década de 70, a produção de Tapejara foi de aproximadamente 40.550 toneladas de soja, 35.018 toneladas de soja em Água Santa e 8.100 toneladas de soja em Charrua. Naquela época o agricultor estava enfraquecido e desmotivado, por falta de política agrícola definida, falta de incentivo do governo federal e, principalmente, pela descapitalização dos pequenos e médios produtores.

Em Tapejara, Água Santa e Charrua surgiam algumas iniciativas de diversificação da propriedade rural em diversas comunidades, entre as quais Santa Rita, Caravaggio e Vila Campos, com a criação de frangos, bicho-da-seda, criação e comercialização de suínos e peixes e, principalmente, a produção e a industrialização de leite.

De 1990 a 2010, o Município teve a seguinte produção, desconsiderando as emancipações dos Municípios de Água Santa em 1988; Charrua em 1992; e Vila Lângaro em 1995.

Período	Arroz (com casca)	Feijão	Mandioca	Milho	Soja	Trigo
1990 a 1999	1.040 t	2.438 t	19.200 t	289.092 t	365.670 t	54.190 t
2000 a 2010	102 t	521 t	6.080 t	25.425 t	348.162 t	74.997 t

Tabela de 1990 a 2010 pesquisada em maio de 2015. Fonte: IBGE.

A PECUÁRIA NA DÉCADA DE 50

A criação bovina das raças crioula, holandês e charolês foi usada para abastecer a comunidade de carne fresca e derivados do leite. As pastagens eram constituídas de grama e capim-forquilha, sendo os principais criadores Dalzotto Guidini & Cia. e Lourenço José Dall'Olivo.

O interesse pela agricultura no Distrito, em meados da década de 50, estava se acentuando cada

vez mais, em virtude da assistência oferecida pelo governo e mesmo pelas vantagens que esta oferecia sobre a pecuária. Os centros consumidores dos produtos agrícolas do Município foram Porto Alegre e Passo Fundo.

Nessa época os principais ramos do comércio varejista estabelecidos no Distrito da Vila Tapejara eram quatro casas comerciais de venda de secos e molhados, uma ferragem, quatro lojas de fazendas e armarinhos e uma loja de móveis. O Distrito mantinha transações comerciais com Passo Fundo, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro.

Pecuária na década de 1930. Propriedade de João Batista Dalzotto. Fonte: Gema Dalzotto. Foto: Arquivo de E. Dagnoluzzo Phot Passo Fundo.

A população do Distrito de Vila Tapejara em meados de 1951 era de 7.652 habitantes, dos quais 1.453 residiam nas zonas urbana e suburbana da Sede e 6.199 habitantes na zona rural. A Receita Tributária do Distrito de Tapejara nessa época estava calculada em Cr$ 191.964 (Cento e noventa e um mil, novecentos e sessenta e quatro cruzeiros).

A produção de suínos em 1960 foi de 48.293 cabeças, em 2.131 estabelecimentos, e 15.904 cabeças de bovinos, em 2.069 estabelecimentos. Em 1970, foram 48.025 cabeças de suínos, em 2.258 estabelecimentos.

A produção de 1973 no Município, segundo dados do IBGE, teve o seguinte resultado:

Ano 1973	**Produção**
Bovinos	21.349 unidades
Equinos	2.330 unidades
Asininos	23 unidades
Muares	814 unidades
Suínos	50.025 unidades
Caprinos	707 unidades
Ovinos	3.084 unidades
Produção de lã (ovinos)	2.274 kg
Galinhas	194.153 unidades
Ovos de galinhas	299.000 unidades
Perus	832 unidades
Patos / Marrecos / Gansos	5.881 unidades
Ovos de patos / marrecos / gansos	4.000 unidades
Mel de abelha	13.309 kg
Cera de abelha	2140 kg

Fonte. IBGE. Produção da pecuária municipal, 1973.

A produção de 1979 foi de 72.067 cabeças, em 2.535 estabelecimentos. Em 1984 foram produzidas 41.421 cabeças de suínos e 21.748 cabeças de bovinos. Em 1986, 23.750 cabeças de suínos. Em 1989, 15.000 cabeças de suínos e 16.464 cabeças de bovinos. Em 1995, 19.640 cabeças de suínos e 13.556 de bovinos. Em 2005, 8.596 cabeças de suínos e 6.881 cabeças de bovinos.

Em 2006, segundou dados do IBGE, a produção da pecuária no Município teve o seguinte resultado:

Ano de 2006	Produção
Bovinos	6.582 unidades
Equinos	59 unidades
Asininos	-
Muares	-
Suínos	9.579 unidades
Caprinos	117 unidades
Ovinos	5.920 unidades

Fonte: IBGE.

• Produção leiteira no Município

A atividade da produção do leite resultou no surgimento de uma bacia leiteira cuja matéria-prima acabava por dar suporte à indústria. Os antecedentes da produção e industrialização do leite no Município ocorreram em 1985, quando foi instalado o posto de resfriamento da Lacesa e, posteriormente, com as instalações dos laticínios Aurora e Bom Gosto houve grande crescimento na produção e industrialização do leite.

Foi em meados de setembro do ano de 1993 que iniciaram as atividades da empresa Laticínios Bom Gosto Ltda., de propriedade de Wilson Zanatta. No dia 15 de outubro, ocorreu o início do processo de industrialização, com a fabricação de queijo do tipo prato e mussarela. Esses produtos tiveram boa aceitação no mercado e eram comercializados na região e em Porto Alegre.

Contando com equipamento de última geração, a Laticínio Bom Gosto iniciou a pasteurização e embalagem do leite tipo C. Esse leite possuía uma peculiaridade: era comercializado na forma integral, ou seja, nada era extraído nem incluído no produto que o produtor mandava até a indústria; o leite apenas passava pelo processo térmico.

A indústria proporcionou emprego a oito pessoas na fase inicial, possibilitando, assim, a industrialização de 4 mil litros diários de leite, que eram recolhidos de propriedades rurais.

Satisfeito com os resultados iniciais obtidos e contando ainda com a capacidade de a indústria processar 15.000 litros/dia de leite, Zanatta estava confiante no aumento da produtividade em pouco espaço de tempo, conforme divulgado no jornal O Caiobá no dia 6 de novembro de 1993.

No dia 17 de março de 1994 foram entregues a produtores de leite de Tapejara 54 novilhas e vacas da raça Holandesa, sendo 27 de lactação e 27 prenhas, novilhas essas importadas do Uruguai pela Empresa de Laticínios Bom Gosto, vindo a beneficiar 46 agricultores do Município. A entrega aconteceu no Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto.

A empresa contou com uma ajuda de custo de 50% da Prefeitura Municipal para transporte dos animais do Uruguai até Tapejara, que colocou à disposição um caminhão boiadeiro levando os animais

até as localidades. O pagamento desses animais foi feito com a entrega da produção de leite, que variava de 4.300 a 4.500 litros de leite pagos em vinte e quaro meses, já incluso o frete.

Antes disso, os animais ficaram em quarentena na passagem do Uruguai para o Brasil e mais um período de adaptação em Três Fazendas (RS), deixando-os perfeitamente adaptados com a presença do carrapato, evitando assim o risco da tristeza, trazendo como consequência o aborto nas vacas prenhas.

Em apenas cinco meses de atividades, a Laticínios Bom Gosto já contava com mais de 200 produtores de leite e um mercado aberto de queijo e leite, sendo necessário dobrar a produção para atender a demanda.

A atividade representava para muitos proprietários a principal fonte de renda, o que contribuía para que os pequenos produtores pudessem permanecer no meio rural. Foram decisivos para esse crescimento os incentivos que as Administrações Municipais no período concederam às empresas para se instalarem em Tapejara.

A partir de 1994 os dois laticínios locais distribuíram mais de 200 novilhas e vacas holandesas de excelente linhagem, na maioria procedente do Uruguai. Esses animais foram repassados aos produtores, que fizeram o pagamento em produção de leite.

A Administração Municipal, no período de 93/96, através da Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente, concedeu incentivos, auxiliando no transporte de cento e quarenta e um animais de Pelotas a Tapejara, num valor de R$ 1.400,00, além de colocar ônibus à disposição dos produtores para escolherem seus animais.

Ainda nessa atividade de gado leiteiro foi formado, em meados de julho de 1994, um banco de sêmen, que possibilitava que todos os produtores tivessem acesso ao serviço de inseminação artificial, visando à melhoria da qualidade do rebanho, o que representou um crescimento ainda maior na bacia leiteira de Tapejara, como citado no jornal O Caiobá na segunda quinzena de maio de 1994.

O maior volume da produção de leite era entregue para o beneficiamento e industrialização nos laticínios de Tapejara. Porém, parte do que era produzido ficava com a família do produtor para o consumo humano e fabricação de derivados para subsistência da família. Segundo dados do IBGE, na década de 1970 foram ordenhadas 20.519 vacas. Em 1980 foram 36.541 vacas ordenhadas; na década de 90 foram ordenhadas 50.874 vacas e na década de 2000, 38.508 vacas. Segundo o censo agropecuário do IBGE, em 2006 havia 461 unidades de estabelecimentos agropecuários que produziram leite. No total, foram 10.246 mil litros de leite produzidos no ano. Também havia 399 unidades de estabelecimentos agropecuários que vendiam leite cru. Nesse ano foi produzida a quantidade de 70 mil litros de leite de vaca cru beneficiado nos estabelecimentos agropecuários.

• Tratamento dado aos suínos

Na década de 50 a produção de suínos ultrapassava 50 mil unidades. Muitos eram acometidos de moléstias e recebiam diferentes tratamentos por parte dos criadores e terceiros, a fim de restabelecer a sanidade animal, através de uma alimentação balanceada e de medicamentos curativos.

Nos primeiros tempos da colonização da Sede e da Vila Teixeira, os cuidados no combate das moléstias da fraqueza física de que o suíno era acometido, os criadores, segundo Alzídio Weiller, sócio do Moinho Ocrim, recordou que eles recorriam a um saber herdado de seus antepassados, que era untar de banha todo o corpo do animal. Para o caso de manchas e bolinhas brancas na língua e dentes fracos, que ocasionava dificuldade na alimentação, era produzida uma substância composta por vinagre e chá de folhas de picão, plicada na língua do animal, restabelecendo assim sua saúde.

Mais tarde na década de 1960, a casa comercial de Dalzotto Ghidini & Cia. Ltda. passou a oferecer medicamentos destinados à prevenção e à cura das moléstias que acometiam os suínos. Na casa comercial os criadores relatavam os sintomas para Severino Dalzotto, um dos proprietários do estabelecimento comercial, que possuía conhecimentos adquiridos em uma instituição do Rio de Janeiro, onde receitava os medicamentos adequados para o restabelecimento dos suínos.

Outra medida introduzida que contribuiu para o combate das moléstias dos suínos, lembrou Alzídio, foi uma fórmula de ração balanceada que recebeu de um viajante que passou no seu moinho em meados de 1959. Ele passou a difundir a receita no meio dos criadores e resultou em prevenir doenças nos suínos. Assim os animais puderam ser vendidos pelos criadores e abatidos no então Frigorífico São Paulo S/A.

SERVIÇO DE SANIDADE MUNICIPAL

Os antecedentes da Inspetoria Veterinária de Tapejara contam que por volta de 1950 as ações de sanidade animal no Município eram realizadas pelo guarda sanitário municipal, Eberildo Borges, mais conhecido naquele tempo pelo apelido de "Seu Mulato".

Em suas visitas ao interior durante o ano, além de fazer o levantamento do número de cabeças de gado que os moradores possuíam, também aproveitava para vacinar os animais. Eberildo fez parte da emancipação nesse cargo e continuou a desempenhá-lo após a emancipação.

Conhecia a criação e lida com gado desde a infância com seus familiares. Durante sua vida dedicou quase 40 anos visitando e percorrendo os quatro cantos do Município. Ele chegou em diversos lugares em que poucas autoridades colocaram seus pés e suas máquinas. Mas, nas picadas e estradas os cascos de seu cavalo deixaram suas marcas, e os sinais ficavam nos animais, provocados pela agulha da seringa desferida pelo vacinador. Foi através do respeito e do exemplo de Eberildo que muitos jovens tiveram interesse em seguir o trabalho que ele desenvolvia.

Um dos jovens tocados pelo serviço do vacinador foi Zacarias da Rosa. Ele morava com seus familiares na Comunidade de São Marcos, que pertencia ao então Distrito de Água Santa. Zacarias lembrou que no início de 1969, "Seu Mulato" visitou a sua morada para fazer um levantamento das cabeças de gado que existiam na sua propriedade.

Uma campanha intensiva e extensiva de vacinação contra uma moléstia, conhecida como febre aftosa, no gado vinha sendo realizada. A campanha era coordenada pelo chefe da recém-instalada Inspetoria Veterinária de Tapejara, veterinário Gilberto Scheffer, auxiliado pelos guardas sanitários Eberildo Borges e José Ermiliato.

No final do ano de 1969, a campanha não estava dando conta, já que a febre aftosa assolava toda a região de Água Santa. Durante a vacinação do gado na residência de Zacarias, o vacinador Ulisses Paris contou que havia poucos vacinadores na Inspetoria e, assim, não estava suprindo a demanda no combate à moléstia.

A partir de então, Zacarias demonstrou interesse em participar da campanha, pelo conhecimento do gado que teve durante sua infância com os familiares.

Ele lembra: "O Paris me disse que o rebanho deveria ser vacinado a cada noventa dias. Aproveitei a oportunidade para mostrar a minha vontade de trabalhar na campanha", contou. Ulisses sugeriu a Zacarias que entrasse em contato com a Inspetoria Veterinária, localizada no então prédio da casa comercial de Dalzotto Ghidini & Cia. Ltda., segundo andar, na Rua do Comércio, no centro da cidade de Tapejara, e falasse com o Chefe, o Dr. Gilberto Scheffer. O contato de Zacarias resultou na sua contratação. Ele

recorda: “Na fala que tivemos, o Dr. Gilberto convidou-me para fazer parte do quadro de vacinadores da Inspetoria; não titubeei, aceitando na hora. Era a oportunidade de apresentar minha prática e adquirir mais conhecimento com um cidadão com mais estudo no ramo de doenças dos animais”, lembrou.

No mês de janeiro de 1970, Zacarias iniciou sua lida de vacinador. “Iniciei lá pelas bandas do Picadão, num lugar por onde o cavalo do ‘Seu Mulato’ muitos anos atrás tinha deixado suas marcas nos trilhos e carreiro. A lida se espraiou pelas localidades de Santana, São Silvestre, Santo Isidoro e São Domingos. O meu roteiro durava uns 14 dias, não tinha hora para chegar nem para sair da propriedade, o que ocorria somente quando todo o gado estivesse vacinado”, falou.

Após Zacarias sofrer um acidente no trabalho, na propriedade de Pedro Câmara, convidou seu cunhado, Nelson Ferronato, para ajudar na realização de suas tarefas, o qual passou a fazer parte da turma de vacinadores. Logo após veio fazer parte Francisco Leão.

Em meados de 1973, Nelson Ferronato, Francisco Leão e Zacarias, de servidores contratados. passaram à condição de funcionários do Estado, sendo mensalistas. No ano de 1976 passaram a desenvolver as tarefas de vacinação de cachorros contra a raiva e contra a brucelose que atacava o gado naquele tempo. Também realizaram a coleta de sangue de todas as fêmeas reprodutoras; para realizar esse serviço foram contratados Carlos Ferronato, Pedro dos Santos, Antônio Rampazzo e Osmar da Rosa.

Em meados de 1976, Zacarias passou a exercer o ofício de Fiscal de Sanidade Animal na Zona Rural. Nesse mesmo tempo, aconteceu a mudança na Chefia da Inspetoria Veterinária; o então Chefe Gilberto Scheffer foi substituído pelo veterinário Cilon Paiva, que permaneceu até o final do ano de 1979. No início do ano seguinte, assumiu como Chefe da Inspetoria Veterinária Neri Paiva, irmão do Cilon Paiva.

No final do ano de 1979, Zacarias solicitou transferência da Secretaria da Agricultura para a Secretaria da Saúde. Ali passou a exercer suas atividades e permaneceu até o dia 4 de março de 1994, quando conseguiu sua aposentadoria.

Outro vacinador da época é o veterinário Ilírio Gasparin, que trabalhou de 1974 até 1987, sendo contratado pelo Estado a partir de 1979. Ilírio vacinava o gado a cada quatro meses e cachorros uma vez ao ano. Um dos fatos marcantes que lembra foi de um animal que seria sacrificado. Ilírio vacinou e acreditou na melhora do animal, sendo que horas depois o animal voltou a dar sinal de vida, tornando aquele um momento de alegria para todos. No início do seu trabalho, se deslocava a pé até as propriedades com um balde e uma sacola. Em seguida comprou uma moto para continuar trabalhando. Antigamente a vacina era realizada embaixo da pele; hoje é feita direto na carne do animal.

• Inspetoria Veterinária de Tapejara

A Inspetoria Veterinária de Tapejara foi criada em 1969, tendo como primeiro médico-veterinário Gilberto Scheffer. Após três anos, assumiu o médico-veterinário Silon Paiva, que também permaneceu em atividade por alguns anos e foi transferido para Soledade, assumindo a Inspetoria o médico-veterinário Nery Paiva, que ficou na atividade até sua transferência para Santana do Livramento, em 1982.

Com o convite do então Prefeito José Maria Vigo da Silveira, Edilson Pellizzaro ocupou o cargo de médico-veterinário para atender as necessidades da Inspetoria Veterinária e Zootécnica (IVZ), que compreendia os Municípios ainda distritos de Tapejara, que eram: Água Santa, Charrua, Vila Lângaro e Santa Cecília do Sul. Muitas foram as dificuldades encontradas por esses veterinários, vacinadores e auxiliadores; vale a pena lembrá-los: Eberildo Borges (“o mulato”), José Ermiliato Filho, José Carlos Girardello, Luiz Gasperin, Francisco Rodrigues Leão, Pedro dos Santos, Nelson Ferronatto, Carlinhos Ferronatto, Elcio Biazus, Nedio Centofante, Osmar Rampazzo, Antonio Rampazzo, Ilirio Gasparin e

Vilson Costela, que atuaram nos primeiros anos de vacinação contra febre aftosa, peste suína clássica e brucelose, lembrando que no interior do Município não havia energia elétrica e as vacinas necessitavam da conservação no frio.

Na época, a vacina para controlar os inúmeros focos de febre aftosa que ocorriam todos os anos, era aplicada em bovinos de quatro em quatro meses pelos conhecidos vacinadores, que visitavam todas as propriedades para realizar a vacinação, encontrando o desconhecimento do criador quanto à validade de vacina.

Com isso, a atividade burocrática tornou necessária a criação de novos cargos administrativos, que foram ocupados por Vane Gomes Batista e mais tarde por Rosangela Maria Neves Salapata. Com as intensas campanhas de vacinação, que foram até 1982, desapareceram os focos de febre aftosa e da peste suína.

Em 1996, foi criada a Coordenadoria de Inspeção de Produtos de Origem Animal (CISPOA), uma nova fase de atividades para a Inspetora Veterinária e para Tapejara; surgiram então as empresas Bom Gosto, Agrodanieli, Laticínios Aurora, Unibom Abatedouro de Bovinos Irmãos Dametto, Mânica e Mânica Abate de Bovinos e em Água Santa, Queijo Ralado Tupy. Com isso houve a necessidade de mais profissionais na atividade de inspeção, passando por Tapejara: Getulio de Campos e Liane Matias Brum, que por período muito curto auxiliaram nessa atividade de inspeção. Também recebiam auxílio do médico-veterinário de Ibiaçá, Valcir Brambati, para atender o abatedouro dos Irmãos Dametto por muitos anos.

Com a criação dos novos Municípios, para facilitar a atividade do criador, foram criados os postos de Água Santa e Vila Lângaro, e o Município de Charrua passou para a IVZ de Getúlio Vargas. Com a vinda da informática, em 1998, as atividades foram contempladas com dois novos técnicos administrativos, Sr. Edson Luiz Dalla Costa e Vilmar Coronetti, pessoas capacitadas, ex-funcionários da extinta Caixa Estadual, que contribuíram em muito na informatização da IVZ de Tapejara, hoje com endereço na Rua Santo Canali, nº 694.

Mais recentemente, em 2014, com a criação do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal, a IDA – Inspetoria de Defesas Agropecuárias (DIPOA) recebeu três novos médicos veterinários: Caroline Posser Simeoni, Giuliano dos Santos e Paula Maria Brito Jorge, para atender o sistema de inspeção dos produtos de origem animal.

SINDICATOS

• Sindicato dos Trabalhadores Rurais – Fase do sindicalismo assistencial (1962-1980)

O Sindicato dos Pequenos Produtores Autônomos do Município de Tapejara, assim denominado na sua fundação, iniciou suas atividades no dia 15 de agosto de 1962. A primeira reunião foi realizada no Salão Paroquial, com mais de 20 pessoas presentes, seus sócios fundadores. Na oportunidade foi eleita a primeira Diretoria, provisória: Presidente, João Costa; Secretário, Cornélio Grizon; e Tesoureiro, Catarino Variza.

Em 9 de junho de 1963, por decisão da assembleia geral, a entidade sindical denominou-se Sindicato dos Produtores Autônomos de Tapejara e, finalmente, no dia 10 de setembro de 1967, passou para Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara. De 1962 a 1967, o Sindicato foi dirigido pela Diretoria provisória.

No ano de 1967, houve a necessidade de se eleger uma junta governativa para conduzir o destino do

Sindicato, uma vez que a primeira Diretoria provisória já havia cumprido com as suas finalidades.

Convocada a assembleia geral, presidida pelo associado Celestino Comiran, tendo como Secretário Executivo Celso Basso, foram escolhidos os sócios Ângelo A. Quissini, Pedro Calegari e Eugênio Felini para conduzir o processo de escolha da Junta Governativa do Sindicato.

Realizadas as eleições em 8 de outubro de 1967, foram eleitos os sócios Ambrósio Simão Zanatta, Ricieri Girardi e Agostinho Marcolin, que passaram dirigir o Sindicato. Em 6 de março de 1968, pela vontade dos associados expressa no voto, assumiram os destinos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara: Presidente, Affonso Muxfeldt; membros da Diretoria: Nilo Maurina e José Zanini: suplentes da Diretoria: João Antônio Marcon, Vilson João Borgo e Adelino Antônio Zanchetta. O Conselho Fiscal foi constituído pelos sócios: Armelindo Baseggio, Luiz Comiran e Cornélio Grizon, sendo suplentes José Marcon, Lourenço Gusatto, Valdemar Vilibaldo Lamb; Delegação Federativa: Affonso Muxfeldt, José Zanini e João Antônio Marcon; sendo suplentes: Nilo Maurina, Vilson João Borgo e Adelino Antônio Zanchetta. Affonso Muxfeldt dirigiu o Sindicato até o ano de 1973. Em seguida, foi eleita a nova Diretoria, tendo como Presidente Diniz Fontana, que permaneceu até o ano de 1982, sendo reeleito por duas vezes. De meados de 1982 até 1988 o Sindicato teve na presidência Mário Antônio Maurina, que permaneceu por dois mandatos. Em 1988, assumiu como Presidente Elso Scariot. No ano de 1991, foi eleita a primeira mulher, Presidente Anadir Danieli Marcon, que presidiu a Diretoria por dois mandatos. Em 1997 foi eleito Adagir Coronetti, reeleito por três mandatos. Em 2011 foi eleita a segunda mulher a presidir o Sindicato, Jussara Salete de Mello, que permaneceu até 2015, quando assumiu a presidência novamente Adalgir Coronetti.

• Curso de preparação para o lar

A imagem estampa o encontro das ex-alunas do curso de Educação Familiar do interior do Município de Tapejara, em 1992, promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara e apoiado pela Paróquia Nossa Senhora da Saúde e pelo então Colégio Medianeira de Todas as Graças. O curso surgiu inspirado no anterior, Preparação para o Lar, desenvolvido na metade da década de 1960, a partir de meados de 1980 até a metade da década de 1990. O primeiro contou com a participação de 43 alunas, que receberam o diploma juntamente com as 11 alunas do Curso de Corte e Costura, em solenidade realizada no Cinema Tamoio em 30 de dezembro de 1969. Foto: Arquivo do STR de Tapejara.

Durante os primeiros anos, uma das linhas de atuação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais foi centrada em dois eixos: na assistência médica e dentária de seus associados e na preparação das mulheres para desempenhar suas atividades no lar e no aprendizado de corte e costura.

Entre os Cursos de Preparação para o Lar, cabe destacar o realizado no período de 18 de agosto a 20 de dezembro de 1969 e o de 4 de agosto a 20 de dezembro e 1971. Ambos aconteceram nas dependências da Escola Medianeira de Todas as Graças, na cidade de Tapejara.

• Curso de Corte e Costura

Formatura do Curso de Corte Costura. Pe. Guerino Parizotto saudando as formandas durante a Missa em 29 de novembro de 1971, na Igreja Matriz de Tapejara. Os diplomas foram entregues no ofertório da celebração, pelo Presidente do Sindicato Affonso Muxfeldt e pelo então Presidente da Câmara de Vereadores de Tapejara, Dr. Johnny Dorval Zoppas. Fotos: Arquivo do STR de Tapejara.

Mesa das autoridades: Pe. Darci Zanolla, Nicolau Cassio Zimermann e esposa, José Faedo e esposa, Serenita Muxfeldt e Affonso Muxfeldt, presentes na entrega dos certificados da turma de Corte e Costura no Distrito de Água Santa, no Salão Paroquial, em 20 de dezembro de 1971. Foto: Arquivo do STR de Tapejara.

Na imagem, as alunas das duas turmas de Corte e Costura, curso ministrado na sede do Sindicato. Após a entrega dos certificados, estão postadas defronte ao altar da Igreja Matriz em 7 de julho de 1972. A sua frente, a Irmã Yvone Ertell, tendo a sua esquerda a professora Elza Doring e a sua direita a professora Jocelina Bristot. Foto: Arquivo do STR de Tapejara.

As alunas do Corte de Costura do então Distrito de Água Santa, juntamente com o Presidente do Sindicato, Affonso Muxfeldt, e sua esposa, Serenita Muxfeldt, e a professora Elisa Cadore, no Salão Paroquial, em 20 de dezembro de 1971. Foto: Arquivo do STR de Tapejara.

A mesa das autoridades: a professora Serenita Muxfeldt, Affonso Muxfeldt, professora Jocelina Bristot, Mário Tefilli e esposa, Pastor Evangélico e esposa, e Pároco Pe. Nilo Canal, entre outros, no Salão da Sociedade São João, no então Distrito de Charrua, em 3 de julho de 1971. Foto: Arquivo do STR de Tapejara.

O Curso de Corte e Costura foi realizado por iniciativa do Sindicato em parceria com a Administração Pública Municipal, Câmara de Vereadores e as paróquias Nossa Senhora da Saúde, Santo Antônio, do então Distrito de Água Santa, Nossa Senhora do Rosário, do então Distrito de Charrua, e Paróquia Luterana São João, de Charrua Alta. Os cursos aconteceram nos anos de 1971 a 1972.

• Assistência médica e dentária

Entre as diversas medidas tomadas pela Diretoria do STR de Tapejara, por volta de 1974, foi conseguir um ambulatório médico. Porém, não foi instalado de imediato, pela falta de uma sala disponível.

A assistência dentária patrocinada pelo Sindicato nos primeiros tempos foi prestada pelo Dr. Celso Basso, por cerca de duas décadas e meia. Em seguida veio auxiliá-lo o Dr. Natalino Rovani e pouco tempo depois o Dr. Nerinho dos Santos.

A Diretoria do Sindicato, preocupada com a assistência dentária dos associados e de seus dependentes, principalmente os residentes no então Distrito do Município, em meados de agosto do ano de 1974, adquiriu um gabinete dentário usado composto de um equipo, cadeira, compressor e motor, no valor de dez mil cruzeiros. O gabinete foi adquirido da Indústria Brasileira de Aparelhos Dentários.

Em 28 de dezembro de 1974, o STR contratou em definitivo o Dr. Nerinho dos Santos, em convênio com a Cooperativa Mista Charrua Ltda. (Coocharrua). Dessa maneira o Sindicato, no final do ano de 1974, conseguiu oferecer ao seu quadro de associados e dependentes uma estrutura de três gabinetes dentários, um na sede da entidade e outros dois distribuídos nos então Distritos de Água Santa e Charrua.

• Assistência médico-hospitalar

A linha de atuação do STR, desde os seus primórdios, não compreendia apenas a educação para o lar, Cursos de Corte e Costura e a assistência dentária, mas também a assistência médico-hospitalar.

Foram cerca de dois meses de reuniões com os médicos para resolver o problema de assistência médico-hospitalar para os associados. A solução das negociações foi apresentada na reunião da Diretoria no dia 24 de setembro de 1982. “No acerto com os médicos, quanto às consultas e às fichas, ficou acordado que a partir de primeiro de outubro, pela parte da manhã, seriam atendidas 21 fichas de consultas, sendo 5 com o ginecologista, 4 com o pediatra e 4 para cada clínico geral, com os médicos Dr. Johnny, Dr. Lincol e o Dr. Demétrio, sendo os pacientes atendidos no próprio consultório dos médicos. Pela parte

da tarde seriam atendidas 4 pessoas, uma para cada médico, menos para o ginecologista", falou Anadir Marcon Danielli.

Conforme acordo entre Diretoria do Sindicato e corpo clínico do hospital, os associados seriam atendidos até as 15h. Esse sistema ficou acordado que funcionaria pelo prazo de dois meses. Durante esse período a Diretoria estudaria outros meios para oferecer melhor assistência médico-hospitalar aos seus associados e dependentes.

Durante os primeiros tempos, até a década de 1980, o trabalho sindical caracterizou-se por ser de cunho assistencial. Seguiam-se ainda as regras estabelecidas no estatuto padrão, conforme determinação do Ministério do Trabalho. Nessa fase também foram conquistados os benefícios de auxílio funeral e a aposentadoria com valor equivalente a meio salário mínimo, através do Funrural.

• Segunda fase do sindicalismo: mobilização (1981-1991)

Em abril de 1980 os Jovens Rurais participaram de um protesto na Praça Central sobre o confisco da soja. Na foto, da esquerda para a direita: Francisco Comiran, João Ferrarezi, Diniz Fontana, Etelvino Bortolini, Sonia Marcon, Irmã Maria de Lourdes Dalbosco, Cleonice Panisson, Bispo Dom Cláudio Colling e Padre Valter Valentim Baggio. Foto: Arquivo de Etelvino Bortolini.

Com o declínio do regime militar que governava o País, em meados da década de 80, o movimento sindical revitalizou–se e as reivindicações e mobilizações se acentuaram, já que a abertura política lenta e gradual tolerou uma série de manifestações e, com elas, muitos avanços aconteceram. Iniciou-se uma fase de questionamentos do assistencialismo que era praticado no Sindicato.

Nesse momento histórico aconteceram manifestações, passeatas e romarias em defesa dos atingidos pelas barragens, em defesa dos sócios fundadores da Sociedade Hospital Santo Antônio de Tapejara, reivindicando direitos previdenciários, da reforma agrária, dos produtores de leite e de uma política agrícola voltada para a pequena propriedade.

Foi nessa fase que os jovens e as mulheres trabalhadoras rurais passaram a atuar mais no Sindicato, as mulheres através do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MTR), e os jovens pela Associa-

ção de Jovens Rurais de Tapejara (AJRT).

Com isso, foi respeitada em parte a história e garantidos os direitos dos atingidos pelas barragens; resgatados os pioneiros e reconhecidos os sucessores dos sócios fundadores da Sociedade Hospital Santo Antônio; e feito o assentamento de famílias de Sem Terra. Ainda que pese a grande organização e mobilização dos produtores de leite em constituir uma cooperativa, na reta final, no momento do assentamento, acabou esbarrando no recuo da parceria do Poder Público.

Ainda foram garantidos pela Constituição Federal de 1988 os direitos à aposentadoria para o trabalhador e a trabalhadora rural, sendo que o salário mínimo, o salário-maternidade e auxílio-natalidade também foram conquistados.

• Em defesa dos atingidos pelas barragens

Um dos movimentos regionais que nos cabe destacar, em que o STR esteve engajado e mobilizado, foi o Movimento Regional dos Atingidos pelas Barragens da Bacia do Rio Uruguai, iniciado em meados do ano de 1981.

O engajamento e mobilização do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara ocorreu em razão do projeto atingir associados radicados em localidades pertencentes ao então Distrito de Charrua, pertencente ao Município de Tapejara.

A Diretoria decidiu participar das reuniões e mobilizações do movimento. Também colaborou com quatro mil cruzeiros mensais para a equipe de divulgação e informação da Comissão Regional de Barragens.

Manifestação dos associados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara, realizada defronte à sede administrativa, ao lojão e ao posto de combustíveis da filial Cooperativa de Passo Fundo, sucessora da Coocharrua, prédio assentado na Avenida Sete de Setembro esquina com a Rua XV de Novembro, no centro da cidade, em 25 de julho de 1984. Na oportunidade, uma delegação dos Atingidos pelas Barragens relatou suas lutas e conquistas para garantir o seu pedaço de terra para viver e trabalhar na região de Charrua. Foto: Arquivo do STR de Tapejara.

• Em defesa dos sócios pioneiros da Sociedade Hospital Santo Antônio

Em meados da década de 1980, o Hospital Santo Antônio de Tapejara atravessava uma profunda crise administrativo-financeira, em certa medida devido ao descaso com a maioria dos seus sócios fundadores e seus sucessores e à centralização de sua administração e decisões estarem no comando e controle do corpo clínico, sem contar a existência de poucos sócios ativos, com direito de vez e voz, para mudar os rumos da instituição hospitalar.

Somando-se a isso, a então política governamental no campo da saúde pública no período que não cumpria com os seus compromissos firmados em convênios no sentido de repassar os recursos financeiros para a entidade, atrasando o repasse numa época em que a inflação era galopante.

A primeira manifestação pública da crise que vinha assolando a Sociedade Hospital Santo Antônio, mantenedora do hospital, chegou ao STR através de uma carta na qual convidava a entidade para participar de uma reunião no recinto da Câmara de Vereadores, a ser realizada no dia 23 de junho de 1983.

À reunião compareceu a Diretoria do STR, Comissão da Previdência Social, representante do Funrural, Presidente da Sociedade Hospital Santo Antônio, Vice-Prefeito, Chefe do Posto de Saúde e o Contador do Hospital.

Naquela oportunidade foram colocadas para discussão dos presentes três propostas por parte do presidente da Sociedade Hospital Santo Antônio com vistas ao suprimento orçamentário do hospital. As

propostas apresentadas foram as seguintes: atendimento do hospital até o dia que tiver verba; agricultor participa com 30% das despesas hospitalares e rompimento com o convênio.

Para tratar das propostas de suprimento de recursos orçamentários do hospital, apresentadas na reunião, a Diretoria do Sindicato convocou os associados e convidou a comunidade em geral para participarem de uma assembleia geral extraordinária, a ser realizada no dia 30 de junho de 1983 no Centro Comunitário, na cidade de Tapejara. Nessa assembleia, compareceram cerca de 1.100 pessoas, entre as quais 709 associados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara. Na oportunidade as três propostas foram apresentadas e abriu-se o debate. Ficou consignado que o trabalhador rural, bem como a Comissão Municipal da Previdência Social e a Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais não aceitavam a falência do Hospital Santo Antônio e sim o cumprimento da Portaria Ministerial nº 2.576. Também convidou a direção do hospital para juntos irem ao INAMPS ou procurar outras formas de recursos para o hospital que não fossem recursos do agricultor, para procurar as formas mais adequadas para o total cumprimento de benefícios da Previdência Social a que o agricultor e seus dependentes têm o direito.

A Diretoria do Sindicato tomou a iniciativa de promover um encontro com representante da Comissão da Previdência Social, Prefeito Municipal, Vice-Prefeito, Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Paróquia Nossa Senhora da Saúde. O encontro dessas lideranças aconteceu no dia 29 de janeiro de 1987, nas dependências do Sindicato e o tema debatido girou em torno do problema do Hospital Santo Antônio. Na oportunidade foi sugerido ao Presidente da instituição hospitalar para que realizasse uma nova assembleia para esclarecer a situação em que o hospital se encontrava a todas as pessoas que ajudaram na construção e seus filhos, para que juntos tomassem uma decisão frente à crise.

A partir de então, foi constituída uma comissão para estudar as mudanças necessárias e a alteração dos Estatutos Sociais. As alterações foram apresentadas e aprovadas na assembleia geral extraordinária realizada em 21 de junho de 1989.

Além disso, foi criado um Conselho Consultivo, formado pelas seguintes entidades: CIMIS, INAMPS, Secretaria da Saúde do Município, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Posto de Saúde, Corpo Clínico, Paróquia Nossa Senhora da Saúde, Associação de Jovens Rurais, Hospital Santo Antônio, Cooperativa Agrícola Tapejara, AUTAPE e Cooperativa Mista Charrua Ltda. Cada uma dessas entidades se faria representar por um dos seus membros no Conselho Consultivo.

As medidas tomadas contribuíram para o saneamento financeiro, reestruturação, modernização e reformas do estabelecimento de saúde num período de menos de dez anos.

• A origem da organização do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais

A origem da organização das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Tapejara dá conta de que, em de janeiro de 1985, os integrantes da Diretoria composta por: Presidente, Mário Antônio Maurina; Secretário, Luiz Virgilio Gaiardo; e Tesoureiro, Adagir Coronetti, em reunião, estabeleceram que seria realizado um trabalho de acompanhamento e organização do movimento das mulheres.

• A participação das Mulheres Trabalhadoras Rurais em Brasília

A Comissão das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Tapejara, através de sua representante, Amélia Gajardo Sossella, juntamente com outras mulheres, participou em Brasília de um seminário que discutiu os direitos das mulheres em abril de 1986. Afirma Amélia: "Tivemos que enfrentar muitas difi-

culdades durante a estada na Capital Federal. Mas valeu a pena participar do evento."

- **Primeiro Congresso Estadual das Mulheres Trabalhadoras Rurais**

A Comissão das Mulheres Trabalhadoras Rurais recebeu o convite para participar do Primeiro Congresso Estadual das Trabalhadoras Rurais em Porto Alegre, a ser realizado nos dias 17, 18 e 19 de outubro de 1986. Cada Município poderia participar com 10 representantes.

- **Encontro Regional das Trabalhadoras Rurais**

A Coordenação Regional das Mulheres Trabalhadoras Rurais realizou o Encontro Regional, do Dia da Margarida, em Passo Fundo, no dia 12 de agosto de 1987. O programa com as participantes foi debater sobre a Constituinte e o Voto. Na ocasião foram distribuídas cento e cinquenta camisetas para as participantes.

- **Ato de 8 de março no Gigantinho em Porto Alegre**

A Comissão das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Tapejara participou do ato de 8 de março, realizado no Gigantinho, em Porto Alegre, resultando como positivo a boa participação das mulheres; a tribuna livre; a animação; participação da Rosa; canto do movimento das Margaridas; minuto de silêncio em homenagem aos que lutaram pelos direitos e pela dignidade das mulheres.

- **Primeiro Encontro Municipal das Mulheres Trabalhadoras Rurais**

No dia 7 de outubro de 1987, reuniu-se a Comissão das Mulheres Trabalhadoras Rurais na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara, para tratar do Primeiro Encontro Municipal das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Tapejara, a ser realizado no dia 17 de outubro daquele ano. O primeiro encontro foi organizado e promovido em parceria com o escritório local da Emater.

A imagem estampa as duas coordenadoras e suas equipes de trabalho do Primeiro Encontro Municipal das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Tapejara. Sentada, da esquerda para a direita (de blusa de cor preta, cevando chimarrão), Rosangela Maria Curzel Dallagasperina, dirigente do escritório da Emater local. Além dela, sentada na parte atrás da mesa (vestindo blusa azul e caneta na mão), Jussara Salete de Dutra, membro da Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Elas foram as principais responsáveis e organizadoras do dito evento, realizado em 17 de outubro de 1987.
Foto: Arquivo do STR de Tapejara.

• A luta pela reforma agrária

O STR esteve engajado na luta pela reforma agrária através de seus associados e dirigentes na década de 1980. As Mulheres Trabalhadoras Rurais de Tapejara, através de uma representante da Comissão, participou do treinamento de liderança promovido pelo Movimento dos Sem Terra em abril de 1987.

Os antecedentes do engajamento do STR de Tapejara pela reforma agrária contam que foi no início da década de 1980 que surgiu o Acampamento da Encruzilhada Natalino. Naquela época mais de 500 famílias de agricultores Sem Terra, somando aproximadamente três mil pessoas oriundas da região, acamparam na margem da estrada que liga Passo Fundo a Ronda Alta, junto a Encruzilhada Natalino. A primeira manifestação pública do Sindicato em apoio à reforma agrária aconteceu no protesto na Encruzilhada Natalino, no dia 25 de julho de 1981. Na ocasião esteve presentes uma caravana de 40 lideranças sindicais e comunitárias.

Duas integrantes da Comissão das Mulheres integraram a caravana das mulheres que estiveram em Brasília para pressionar os Constituintes sobre a reforma agrária. Também duas integrantes da Comissão das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Tapejara estiveram em Palmeiras das Missões no acampamento dos Sem Terra, levando o apoio ao Movimento.

• A luta por uma educação de qualidade

Outra linha de atuação da Comissão das Mulheres Trabalhadoras Rurais, na segunda metade da década de 1980, foi com a Educação. No segundo semestre do ano de 1988 aconteceram os denominados Encontros Distritais de Debates sobre Educação.

A proposta teve dois eixos: fortalecer a luta e a organização do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais e despertar a consciência das trabalhadoras para engajar-se na luta por uma escola voltada para as necessidades de seu meio com qualidade. Os objetivos gerais e específicos traçados no projeto foram os seguintes: fortalecer a luta e a organização das trabalhadoras rurais; proporcionar uma maior integração entre as comunidades do Distrito e do Município; despertar uma consciência nas trabalhadoras quanto à escola, voltada ao seu meio e a importância de sua luta pela melhoria da educação; fortalecer a luta pela organização e valorização da mulher; reforçar as reivindicações; e divulgar as conquistas.

No começo do ano de 1990, duas integrantes da Comissão das Mulheres Trabalhadoras Rurais, Anadir Danieli Marcon e Amélia Sossella, participaram de uma reunião na Câmara de Vereadores com o coordenador da casa e o Secretário Municipal de Educação, professor Jaimir Antônio Pinto Ribeiro, em que se decidiu que as propostas de mudanças na educação, acrescidas nos currículos escolares, deveriam ser entregues até o final de janeiro.

• A primeira mulher Presidente do Sindicato

No dia 16 de março de 1991 foi eleita a primeira mulher Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara, Anadir Danieli Marcon, em solenidade realizada no Centro Comunitário da Comunidade de Linha Calegari. O mandato da primeira Presidente foi da metade de abril de 1990 até 27 de abril de 1997.

A foto mostra manifestação da Presidente na solenidade de posse ocorrrida no Centro Comunitário da Comunidade de Linha Calegari no dia 19 de abril de 1991. Foto: Arquivo do STR de Tapejara.

• As lutas e conquistas de direitos para aposentadoria

Inúmeras ações foram realizadas para garantir os direitos à aposentadoria para os trabalhadores rurais de Tapejara a partir de 1980. No final de junho de 1987, em Passo Fundo, foi promovido pela Regional Sindical um seminário que tratou da situação dos aposentados.

Na metade do mês de maio de 1988, o Processo Constituinte estava em andamento em Brasília. Naquela altura, a discussão sobre a aposentadoria entre os parlamentares estava centrada em duas propostas. Uma parcela dos Constituintes defendia 50 anos para as mulheres e 55 para os homens e, a outra, 55 anos de idade para as mulheres e 60 para os homens.

A Comissão das Mulheres Trabalhadoras Rurais, avaliando as propostas, decidiu continuar a luta pela sua reivindicação, que era de 50 anos de idade para as mulheres e 55 anos de idade para os homens.

Na assembleia geral ordinária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara, realizada no Centro Comunitário Paroquial em 20 de dezembro de 1989, os associados foram informados de que a aposentadoria estava garantida, pois havia sido aprovada. Mas faltava a aprovação do Governo e a regulamentação.

Após muitas lutas e mobilizações, conseguiram-se avanços e conquistas com a aprovação pelo Congresso Nacional da Lei da Previdência Social, sancionada pelo então Presidente da República Fernando Collor de Mello.

Devido principalmente à Lei da Previdência resultou a necessidade do sindicato de fazer um convênio com um advogado, para que a entidade pudesse ter um acompanhamento jurídico quando precisasse. A Diretoria aprovou o nome do advogado José Rombaldi Manica.

• Entrega dos primeiros carnês de aposentadoria em Tapejara

Foi no encontro em Linha Calegari, Comunidade de Santo Antônio, no Dia do Agricultor, em 25 de julho de 1992, que aconteceu a entrega dos primeiros carnês de aposentadoria aos associados do STR de Tapejara.

Em Assembleia do STR de Tapejara realizada no Centro Comunitário Paroquial em 20 de novembro de 1992, o Coordenador Sindical Regional Sérgio Miranda ressaltou a questão da aposentadoria como uma grande conquista da organização e do movimento sindical.

A foto mostra Sérgio Miranda (Coordenador Regional) entregando um carnê de aposentada para mulher agricultora associada do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara, em 20 de novembro de 1992, no Centro Comunitário Paroquial.
Foto: Arquivo do STR de Tapejara.

• Encontro de aposentados

Em meados do ano de 1995, os aposentados e as aposentadas propuseram para a Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais o Primeiro Encontro dos Aposentados. O Primeiro Encontro dos Aposentados das Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais de Tapejara aconteceu no dia a 29 de outubro de 1995, em Vila Lângaro. Esse evento começou a fazer parte do calendário de eventos da entidade.

• Debates na elaboração da Constituição do RS e da Lei Orgânica Municipal

O STR, através da Diretoria e da Comissão das Mulheres Trabalhadoras Rurais, teve participação ativa nos debates para a elaboração da nova Constituição do Rio Grande do Sul (RS) e a Lei Orgânica

Municipal de Tapejara, em meados do ano de 1989. As mulheres, com a assessoria de Helena Marisa Medeiros Costella, formaram propostas para a Lei Orgânica Municipal nos três itens: Mulher, Educação e Saúde.

• Terceira fase do sindicalismo: melhores condições de vida e trabalho (1998-2012). A luta e as conquistas dos benefícios do Pronaf e do Pronafinho

O STR de Tapejara encontrou dificuldades nas primeiras iniciativas para conseguir os benefícios do Pronafinho para os seus associados. Isso devido a diversos motivos, desde a demora do Governo em liberar os recursos para o custeio do plantio até os que se aproveitaram dele de maneira indevida. Em 20 de agosto de 1998, o Diretor da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (FETAG), Sérgio Miranda, comentou que os recursos estavam sendo liberados a quem tivesse direito.

No dia 27 de dezembro de 1999, em reunião realizada pela Diretoria do STR de Tapejara, Adalgir Coronetti foi até Porto Alegre para verificar os últimos detalhes sobre o Pronafinho. Em 2002 houve o encaminhamento do Pronafinho Custeio para 13 grupos, que totalizavam 573 pessoas beneficiadas, e o Pronafinho Investimento para 18 grupos, 103 pessoas.

No ano de 2005, após a estiagem, o Proagro Mais beneficiou muitos agricultores. Em 2006, aconteceu a organização de grupos Pronaf custeio e investimento. Em meados de 2007, após uma luta de mais de dez anos, foi conquistado o Pronaf Mulher para a mulher investir na propriedade e agregar renda para ter melhor qualidade de vida.

No dia 1º de outubro de 2007, foi assinado o primeiro Pronaf Jovem na sede do Sindicato. Em 2008, foram realizados vários encaminhamentos do Pronaf Mulher e Pronaf Jovem de custeio e investimento feitos nas propriedades com o objetivo de fortalecer a agricultura e agregar renda na propriedade.

• As conquistas para Habitação Rural

Em meados de 1995, após demanda por recursos para a habitação rural, foram realizadas reuniões para discutir o referido tema. No ano de 1999, a FETAG promoveu campanha para incluir habitação rural no Pronac. Da necessidade de uma cooperativa para operar o programa, criou-se a COOHAF, fundada em 27 de março de 2007. Ela atua em 450 Municípios do RS filiados à FETAG.

Em meados de 2004, o sonho da casa própria começou a tornar-se realidade dos associados, graças a uma política adotada pelo Sindicato, com o apoio de órgãos governamentais. Nesse mesmo ano foram construídas 5 casas novas em Tapejara.

Em 2005, em Santa Cecília do Sul e Tapejara, 13 casas novas e 38 reformadas. Em 2006, foram 138 entre casas novas e reformadas. Em 2008 foram 33 reformas distribuídas nos Municípios de Tapejara, Santa Cecília do Sul, Vila Lângaro e Charrua. No ano de 2009, 11 reformas e 13 casas novas nos Municípios de Tapejara, Santa Cecília do Sul, Vila Lângaro e Água Santa. O STR foi o primeiro a assinar, nos meses de junho e agosto de 2010, 29 contratos do projeto "Minha Casa Minha Vida". O projeto ainda continua em andamento e atualmente estão sendo construídas novas casas e sendo feitas reformas em propriedades de Tapejara e região.

• Parceria Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Município na Habitação

No dia 16 de agosto de 2012, o STR de Tapejara realizou a entrega de cheques aos beneficiários do Programa Habitação no valor de R$ 3.000,00. O cheque é resultado de uma parceria do Sindicato e

do Município que auxilia o agricultor na construção de sua casa nova. No total foram 12 famílias beneficiadas, marcando os 50 anos do STR de Tapejara.

- **Diretoria 2015/2018**

A atual Diretoria do STR, que permanecerá de 2015 a 2018, é a seguinte: Presidente, Adagir Coronetti; Vice-Presidente, Clademir Dalmina; Secretária, Daniela G. M. Melara; Primeira Secretária, Marisa Canali Derossi; Tesoureiro, Ivan Michelin; e Primeiro Tesoureiro, Silverio Melara; Suplentes de Diretoria: Miguel Posser, Fernanda D. Borella, João Migon, Ines Manfron, Regina D. Damiani, Pedro Mazutti; Conselho Fiscal: Claudino Damiani, Ildo Mazutti, Ines H. Bencke; Suplente de Conselho Fiscal: Santo Bogoni, Marino R. Tres, Geni Pedroso.

EMATER-RS/ASCAR

Inauguração do escritório da Emater. Da esquerda para a direita: consultor jurídico da Prefeitura, Alceu Basso, o Vice-Prefeito, no exercício do cargo de Prefeito, Johny Dorval Zoppas, e o representante do escritório central da Emater, Edmund Schmitz. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Em março de 1979, o prefeito José Maria Vigo da Silveira assinou convênio para a instalação de um escritório municipal da Emater. Com prédio próprio na esquina das Ruas 11 de Julho, atual Ângelo Dalzotto, com a Avenida Sete de Setembro, foi inaugurado, no dia 7 de julho daquele ano, tendo à frente o engenheiro-agrônomo, Ivanio Grespan, o técnico agrícola Gilberto da Silva Feres, a extensionista de Bem-Estar Social, Marisa Busatto, e a assistente administrativa Marlene Dallagasperina.

Em 1980, com a transferência de Marisa, chegou Rosangela Maria Curzel, que ainda hoje faz parte da equipe. Em 1984 o Técnico-Agrícola Jorge Luiz Siebert chegou para substituir Gilberto, ficando em Tapejara até 1997, tendo sido também Secretário de Agricultura nesse período.

Em 1989 passou a integrar a equipe o Técnico-Agrícola Antonio Carlos Thomaz e em 1990 a Assis-

tente Administrativa Sandra Dal Bosco. Em 1993 chegou o Engenheiro-Agrônomo Milton Rossetto, que substituiu Ivânio, integrando a equipe até 1999. Seu substituto foi o Engenheiro-Agrônomo Luiz Alberto Benvenuti, que trabalhou em Tapejara até 2009.

Em 2003 chegou o Técnico-Agrícola Jair Batista do Amaral, que substituiu Antonio. Em 2013, a Engenheira-Agrônoma Virgínia Crestani Viero também se juntou à equipe. Faz parte da equipe desde 1980 a assistente de serviços gerais Nelci Aimi Costa.

Comemoração dos 30 anos da Emater em Tapejara. O evento reuniu colegas que atuaram no escritório nesse período. Da esquerda para a direita: Rosangela Maria Curzel Dallagasperina, Jair Batista do Amaral, Sandra Dal Bosco Sitta, Nelci Aimi Costa, Marisa Busatto, Ivânio Grespan, Amadeo Oliveira (Supervisor), Luiz Alberto Benvenuti, Jorge Luiz Siebert, Antonio Carlos Thomaz, Milton Rossetto, Gilberto Telles. Foto: Arquivo da Emater-RS/ Ascar Tapejara.

Escritório da Emater na Rua 11 de Julho, atual Ângelo Dalzotto, esquina com Avenida Sete de Setembro.
Foto: Arquivo da Emater de Tapejara.

A equipe municipal da Emater iniciou as atividades realizando trabalhos em muitas frentes, tendo grande importância no desenvolvimento da agricultura e da pecuária do Município. Nos primeiros anos teve como principais atividades o combate à erosão, microbacias hidrográficas, a implantação do sistema de plantio direto, sistemas de armazenagem de grãos, construção de microaçudes, incentivo

Ao reflorestamento, à diversificação nas pequenas propriedades e desenvolvimento das comunida-

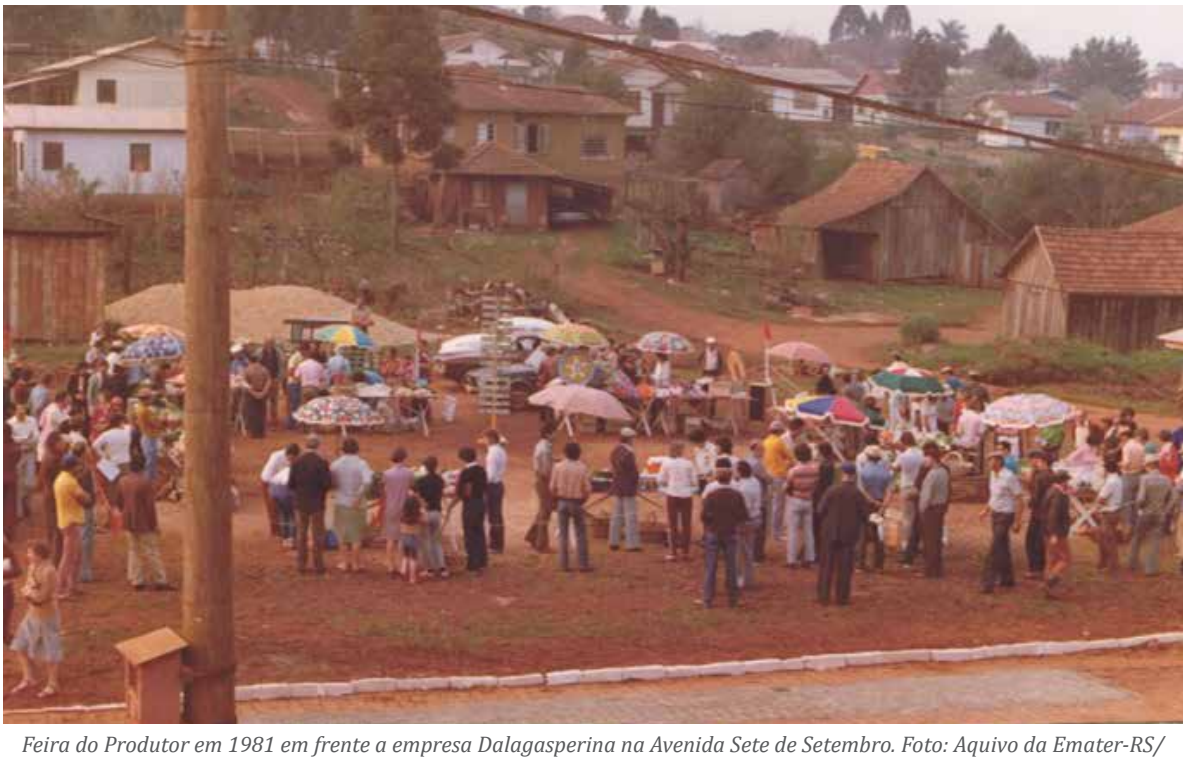
Comemoração dos 30 anos da Emater em Tapejara. O evento reuniu colegas que atuaram no escritório nesse período. Da esquerda para a direita: Rosangela Maria Curzel Dallagasperina, Jair Batista do Amaral, Sandra Dal Bosco Sitta, Nelci Aimi Costa, Marisa Busatto, Ivânio Grespan, Amadeo Oliveira (Supervisor), Luiz Alberto Benvenuti, Jorge Luiz Siebert, Antonio Carlos Thomaz, Milton Rossetto, Gilberto Telles. Foto: Arquivo da Emater-RS/Ascar Tapejara.

des rurais e de suas famílias.

Foram incentivados concursos de produtividade de milho pela implantação de novas tecnologias nas lavouras. No decorrer dos anos teve participação intensa no Município, atuando nos mais diversos setores, como a implantação da Feira do Produtor, inaugurada em setembro de 1981, sendo organizada pela Emater, com apoio da Prefeitura Municipal e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Essa feira era realizada inicialmente num terreno desocupado na Av. 7 de Setembro, representando uma inovação na venda de produtos diretamente do agricultor ao consumidor, contando com grande público.

Combate à erosão com microbacias hidrográficas. Foto: Arquivo da Emater-RS/Ascar.

Outro trabalho foi a organização das mulheres rurais, com a formação dos Clubes de Mães nas comunidades. Através desses clubes, as associadas tiveram a oportunidade de participar de cursos em diversas áreas, como alimentação, artesanato, prevenção de doenças, palestras e grandes encontros, que eram



Feira do Produtor em 1981 em frente a empresa Dalagasperina na Avenida Sete de Setembro. Foto: Aquivo da Emater-RS/Ascar.

realizados no Município e nos Municípios vizinhos. Esse trabalho contribuiu muito para a melhoria do bem-estar das famílias rurais, sendo ainda hoje desenvolvido com os grupos de mulheres.

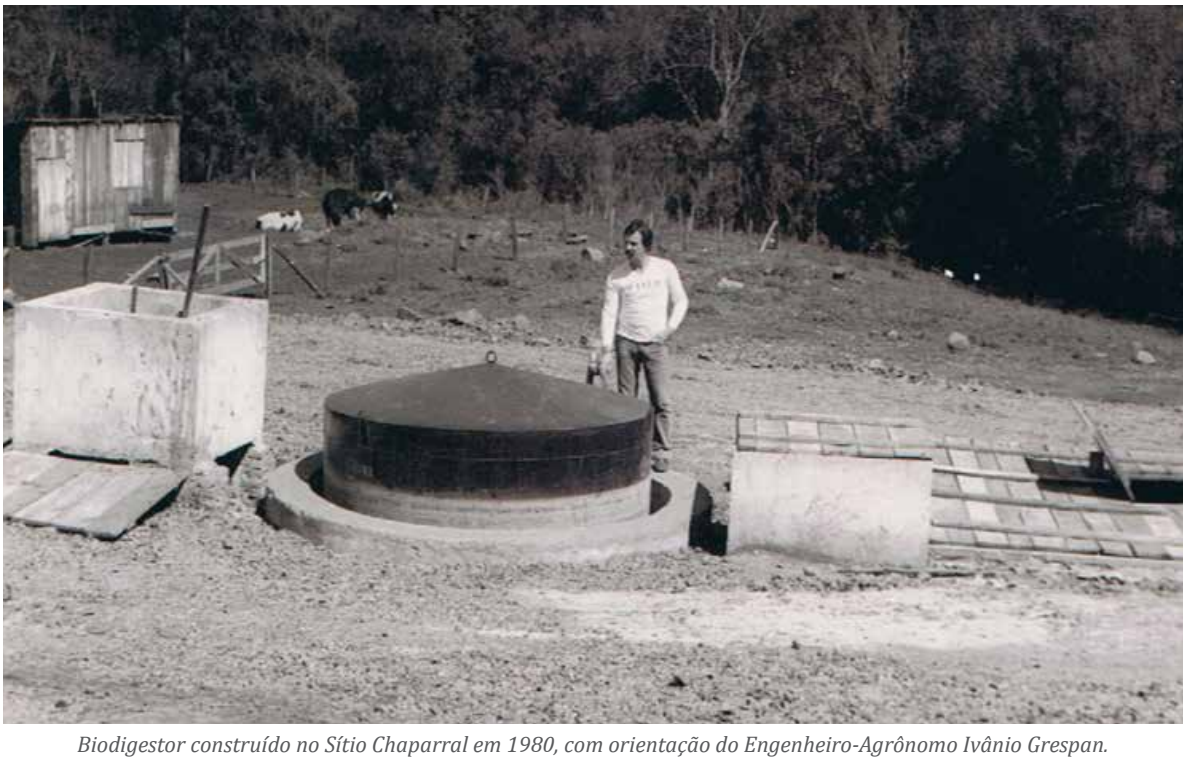
Outros trabalhos que tiveram destaque foram feiras diversas, como a de Mel, de Peixes, de Kiwi, entre outras. A Emater foi pioneira na construção de biodigestores, produzindo energia através de resíduos de animais.

A Emater também organiza os Dias de Campo nas mais diversas propriedades rurais do Município.

Curso de Alimentação da extensionista Rosangela para o Clube de Mães de Caravaggio no ano de 1983.
Foto: Arquivo da Emater-RS/Ascar.

Vem inovando nos sistemas de armazenagem de grãos, incentivando a construção de silos nas propriedades.

A partir dos anos 2000, com incentivo de recursos de políticas públicas, foram feitas grandes melhorias em propriedades, nas residências, com instalações hidrossanitárias, embelezamentos dos arredores, aquisições de máquinas e incentivos à produção. A partir daí também o saneamento básico veio sendo implantado em todas as propriedades do interior do Município, com apoio da Secretaria Muni-



Biodigestor construído no Sítio Chaparral em 1980, com orientação do Engenheiro-Agrônomo Ivânio Grespan.
Fonte: Arquivo da Emater-RS/Ascar.

Tarde de campo na abertura da colheita da soja, em março de 2015, na propriedade de Diniz Fontana, em Vila Campos. Foto: Arquivo da Emater-RS/Ascar.

Armazenagem de grãos nos anos 90. Foto: Arquivo da Emater-RS/Ascar.

cipal de Agricultura e Meio Ambiente, restando poucas residências sem o sistema correto de destino de efluentes líquidos.

A Emater também iniciou o uso de baculovírus no combate à lagarta da soja e a implantação do programa de combate ao mosquito borrachudo. Ajuda na organização de hortas domésticas e escolares; na proteção de fontes d'água e limpeza de caixa d'água; implantação de agroindústrias; incentivo à produção de hortifrutigranjeiros, visan-

Construção de residência através de recursos do RS Rural, em 2001. Propriedade de Jovir Negretti, em Cachoeira Alta – Antes e depois. Foto: Arquivo da Emater-RS/Ascar.

do à diversificação nas propriedades e ao incremento de renda às famílias.

Destaca-se como trabalho constante a formação de lideranças rurais, a melhoria da qualidade de vida das famílias rurais, a preservação do meio ambiente, a construção de açudes com incentivo à piscicultura e irrigação, a produção de alimentos e a sua industrialização caseira, tanto para consumo como para venda, com apoio a instalações de agroindústrias.

Sistema de silos de armazenagem nas propriedades usado atualmente. Propriedade de Alberto Favretto, em São Silvestre. Foto: Arquivo da Emater-RS/Ascar.

A Emater incentiva e proporciona cursos às

Café na Colônia na Comunidade de São Brás – Evento para 800 pessoas. Foto: Arquivo da Emater-RS/Ascar.

Jantar do Peixe na comunidade de Santa Rita – Evento para 500 pessoas. Foto: Arquivo da Emater-RS/Ascar.

famílias rurais nas mais diversas áreas. Atualmente realiza um trabalho intenso junto às comunidades rurais, onde desenvolve os jantares do Peixe, do Porco Light, o Frango Fest, o Café na Colônia, o Jantar do Cordeiro, o Jantar Italiano e o Almoço Campeiro, visando a criar um evento típico em cada comunidade envolvida, buscando o seu crescimento e melhoramento.

Atua de forma conjunta com a Secretaria da Agricultura e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. A atual equipe é formada pelo Técnico-Agrícola Jair Batista do Amaral, Engenheira-Agrônoma Virgínia Crestani Viero, Extensionista Rural de BES Rosangela M. C. Dallagasperina, AA Sandra Dal Bosco Sitta e ASG Nelci Aimi Costa.

SINDICATO RURAL

O Sindicato Rural de Tapejara foi fundado no dia 26 de janeiro de 2005, na Avenida Sete de Setembro, 975. Compareceram ao evento de fundação 35 empregadores rurais dos Municípios de Água Santa, Charrua, Santa Cecília do Sul, Tapejara e Vila Lângaro.

Na assembleia foram aprovados os estatutos e a constituição de uma diretoria provisória, ficou assim constituída: Presidente, Moisés Moro; Vice-Presidente, Claudio Bée; Primeiro Secretário, Voltaire Roman; Segundo Secretário, Arlindo Menegaz; Primeiro Tesoureiro, Gilberto Borgo; e Segundo Tesoureiro, Mário Luiz Soares. Na oportunidade, foi posta em votação a filiação da nova entidade sindical à Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), o que foi aprovado por unanimidade. Finalmente, foi posta em votação a contribuição social; a assembleia decidiu por aclamação fixar o valor de meio salário mínimo anual.

Em 18 de maio de 2007, na sede do antigo restaurante Garrincha, localizado na RS 467, quilômetro 3, reuniram-se os membros efetivos e suplentes da Diretoria, Conselho Fiscal e Delegados para dar posse à nova Diretoria. Presidiu a reunião Francisco Edinel Schardong, Diretor Administrativo da Farsul. Foram empossados como Presidente, Moisés Moro; Vice-Presidente, Claudio Bée; Primeiro Secretário, Altaire Roman; Segundo Secretário, Arlindo Menegaz; Primeiro Tesoureiro, Gilberto Borgo; Segundo Tesoureiro, Mario Luiz Soares; Suplentes: Idalino Canali, Luiz Carlos Baseggio, Mauro Fontana: Delegado Titular: Moises Moro; Suplentes: Gilberto Moro e Voltaire Roman; Suplentes da Diretoria: Edalino Canali, Luiz Carlos Baseggio, Moacir Bertollo, Itaner Fontana, Rodinei Calegari e Roni Biazi; Conselho Fiscal: Titulares, Valdemar Rovani, Vilson Toffoli Saloto e Umberto Bolsonello; Suplentes: Sergio Baseggio, Ivan Biazus e Mario Fontana. O mandato foi exercido por três anos, conforme estabeleceu o artigo 22 do Estatuto Social.

A eleição da segunda Diretoria aconteceu no dia 18 de maio de 2010, na sede do Sindicato, na Rua Júlio de Castilhos, 1210, sala 3. A Diretoria escolhida e empossada foi assim formada: Presidente, Moisés Moro; Vice-Presidente, Claudio Bée; Primeiro Secretário, Voltaire Roman; Segundo Secretário, Norberto Dall'Olivo; Primeiro Tesoureiro, Gilberto Borgo; Segundo Tesoureiro, Sirinei Panizzon; Suplentes: Idalino Canali, Gilmar Merotto, Itaner Fontana, Rudinei Calegari, Rudinei Biasi e Luiz Carlos Baseggio. O Conselho Fiscal efetivo ficou disposto em Titulares: Valdemar Rovani, Vilson Tofolli Sanoto, Umberto Bolsonello, e Suplentes: Sergio Baseggio, Ivan Buazus e Mauro Fontana; Delegado representante efetivo: Moises Moro; e Suplentes: Gilberto Borgo e Voltaire Roman.

Na assembleia geral realizada no dia 18 de maio de 2013, na sede do Sindicato foi constituída a nova Diretoria 2013/2016, composta pelo Presidente, Claudio Bé; Vice-Presidente, Moises Moro; Primeiro Secretário, Odil Léo Bianchini; Segundo Secretário, Rudinei Calegari; Primeiro Tesoureiro, Ivan Biazus; Segundo Tesoureiro, Gilberto Borgo; Suplentes: Moacir Bertollo, Celso Borgo, Itanér Fontana, Idalino

Canali, Celso Scariot e Sérgio Baseggio; Conselho Fiscal: Leonel Kaefer, Sirinei Panizzom e Roni Biasi; Suplentes: Vildo Braganolo, Flavio Damin e Vilmar Merotto; Delegados Representantes: Claudio Bée, Moisés Moro e Gilberto Borgo.

COMUNIDADES RURAIS

Antigamente, as comunidades foram sendo criadas através dos imigrantes italianos e alemães, os quais tiveram que desbravar as matas para construírem suas moradas. Com o tempo, e a chegada de diversas famílias, foram aprimorando as comunidades através da construção de capelas e escolas. Atualmente, o Município de Tapejara é composto por vinte e duas comunidades rurais e um Distrito.

• A organização da casa

Ao escolher o lote rural para implementar a colônia, os imigrantes recebiam pronta ou faziam uma pequena casa, que servia, invariavelmente, para todas as funções: comer, dormir, estar. Ao fazer a nova casa, a função da cozinha por muitas vezes continuou sendo na casa primitiva. Com o decorrer do tempo começou a mudar. As mudanças acompanhavam a evolução dos fogões. Após o fogo de chão, do início, foram construídos os focolaro, focoler ou larin, assim chamados na época. Era uma plataforma elevada no chão, estilo caixão raso cheio de terra, ao centro o fogo, mais tarde a plataforma de tijolos provida de coifa e chaminé. No centro, em um dos barrotes de cobertura, era pendurada corrente para prender a panela. Em seguida, o fogão de chapa, plataforma de tijolos provida de chapa de ferro sob a qual se fazia o fogo. E, finalmente, o fogão à lenha e a gás.

Na medida em que acontecia essa evolução, a cozinha foi se aproximando da casa de dormir, até incorporar-se definitivamente à casa aculturada. Essa aproximação deu-se, inicialmente, com a construção de uma cobertura que unia a casa de dormir com a casa de cozinha. Normalmente, esse corredor era ornamentado com lambrequim e provido de balustre, madeira trabalhada com serra manual. Tempo depois, a cozinha integrou-se à casa de dormir em forma de meia-água ou corpo de baixo menor. Em muitas casas a cozinha continuou separada, porém sofreu melhoramentos e a ela foram incorporados o lavador de louças (cecier, combarin), como peça em separado de uma ampla sala de estar/jantar, às vezes protegida por alpendre.

Com relação à casa de dormir, foi somente depois do cultivo da videira que a semelhança de condições e atividades produtivas permitiu o reconhecimento de uma organização espacial típica. Localizada, geralmente, numa encosta, apresentava no mínimo três pavimentos. Na parte mais baixa, a cantina que tinha a porta de acesso oposta à porta principal do térreo, residia a função industrial doméstica, que foi por muitos anos o alicerce de funcionamento da colônia. Era um espaço completamente livre, tendo apenas algumas colunas de madeira que ajudavam a suportar o barroteamento do piso do andar de cima. Lá, fazia-se e armazenava-se o vinho. Num canto eram pendurados os varais de queijo, copa, salame e toucinho. Ao térreo, que era a casa de dormir propriamente, tinha-se o acesso por uma ampla porta de duas folhas, a qual dava direto ao salão (saloto) e deste, formando duas alas, uma à direita e a outra à esquerda, desenvolviam-se os dormitórios.

Por um desses dormitórios, que era transformado em pequena despensa, por uma pequena escada, tinha-se acesso ao sótão, um espaço totalmente livre, provido de ventilação permanente, que servia para a conservação dos grãos, depósito e eventualmente um ou dois dormitórios.

• As brincadeiras

O dia a dia das crianças descendentes dos colonos instalados, inicialmente, na Colônia do Rio do Peixe, posterior Núcleo Itália, Sede Teixeira, Vila Teixeira e por fim início do Município de Tapejara, era um misto de trabalho e brincadeiras. Realizavam afazeres domésticos e acompanhavam seus pais na lavoura com a responsabilidade de auxiliar no trabalho ou cuidar dos irmãos menores desde cedo, e sempre encontravam um tempo para a magia do faz de conta, utilizando-se de brinquedos improvisados. A enxada era o primeiro instrumento de trabalho que as crianças ganhavam. Na falta de outras opções de diversão, o trabalho era fonte de satisfação.

As crianças vizinhas, normalmente, encontravam-se no popular filó, que era momento em que as famílias visitavam umas as outras durante a noite; se havia lua cheia, as brincadeiras entre as crianças eram muitas e mais divertidas. As meninas, praticamente, improvisavam bonecas de pano e, por ocasião da floração do milho, as bonecas feitas de espigas com cabelo de milho eram muito utilizadas.

O futebol passou a ser brincadeira predominante, especialmente a partir de meados da década de 1940. Nos finais de semana, aos domingos, pela parte da tarde, onde houvesse um terreno plano, geralmente nos potreiros, muitos jogos aconteciam, com qualquer número de atletas.

A partir da década de 1960, na zona urbana, brincadeiras de esconde-esconde e de bandido e mocinho passaram a fazer parte das divertidas tardes. Outra brincadeira muito apreciada era o carrinho de lomba, feito de madeira, na forma de triciclo, com direção manual ou quadriciclo, com direção feita pelos pés, através do eixo dianteiro móvel.

Embora quase não existissem brinquedos industrializados e o trabalho absorvesse boa parte do tempo, as brincadeiras das crianças nos núcleos coloniais eram divertidas e educativas, pois elas confeccionavam e improvisavam seus próprios brinquedos.

• Namoro, noivado e casamento

Casamento de Reinaldo e Elisa Wolff, em 1961, em Cachoeira Alta. Foto: Arquivo de Silvino Bernardo Lamb.

O casamento era praticamente um projeto de vida seguido pela grande maioria das famílias. Esse projeto deixava de ser seguido apenas quando os filhos optavam pelo convento ou seminário, seguindo a vida religiosa.

O namoro era muito precoce; normalmente, iniciava com uma troca de olhares ou através de um recado intermediado por uma pessoa amiga. Os encontros aconteciam nos domingos à tarde ou nos filós realizados na vizinhança. O contato físico era proibido; no máximo, o namorado acompanhava a namorada até sua residência no cair da tarde. Os pais precisavam permitir o namoro e, normalmente, faziam inúmeras exigências; as visitas eram vigiadas por algum irmão ou pela mãe da moça. Qualquer exagero em carícias, abraço ou beijo era motivo de término de namoro. Essa regra geral imposta pelos pais, evidentemente, era quebrada pelos mais atrevidos, quando beijos e abraços eram dados às escondidas.

Bodas de Ouro de Eduardo e Maria Fortunatto, em 1943, na Linha Grison. Foto: Arquivo da Divulgação.

O namoro, geralmente curto, era seguido pelo noivado, com a troca de alianças quando já se pensava em casamento. Enquanto isso, a noiva preparava o enxoval, normalmente composto por peças de cama, mesa e cozinha. O colchão, em forma de saco, muitas vezes era tecido em linho fiado por rola, uma máquina movida com um pedal, também usada para fiar a lã de carneiro. Era preenchido com palha de milho desfiada, que era trocada de tempos em tempos. Os travesseiros eram feitos com penas de galinha, pato ou ganso. Em relação ao sexo, raras eram as mães que orientavam as filhas; algumas casavam sem saber quase nada sobre sexo.

Foto: Arquivo de Gema Dalzotto.

Os meninos normalmente eram orientados por rapazes mais velhos. O rapaz preocupava-se em ter uma área de terras, instrumentos de trabalho, como arado e enxada, e uma junta de bois ou mulas. A casa também era uma preocupação da família. A primeira era, geralmente, pequena. Depois, com o aumento da família e dos recursos financeiros, era construída uma casa maior, no estilo tradicional, conhecido como italiano, com o porão e sobrado (sótão) habitáveis.

Foto: Arquivo de Vergínia Manica.

O casamento, geralmente, acontecia entre os 15 e 20 anos; era preciso povoar o território, portanto namorar, noivar, casar e ter filhos era vontade de Deus, conforme propagava a Igreja Católica através de seus cardeais às famílias.

O casamento era realizado pela parte da manhã, aos sábados ou, nos primeiros tempos, em outro dia da semana, quando os padres vinham de Passo Fundo ou Sananduva. Uns meses antes os noivos inscreviam-se com o Padre para casar (davam os nomes), e eram proclamados pelo próprio Vigário Paroquial ao anunciar o respectivo casamento.

No dia do casamento, levantava-se cedo. O noivo e os compadres iam à casa da noiva para tomar café.

Nos primeiros tempos, era servida sopa de caldo de galinha com pão. Mais tarde, começou-se a servir café acompanhado de pratos doces e salgados, preparados conforme a ocasião. Em seguida, os noivos, acompanhados pelos padrinhos e pelos convidados que assim o desejassem, dirigiam-se à igreja. Pelas 10h, era realizada a cerimônia de casamento.

Logo após, ao som de rajadas de foguetes, a comitiva dirigia-se à casa do noivo para a festa do casamento. Lá o acontecimento, o almoço festivo, em torno das 13 ou 14 horas. Eram servidos diversos pratos preparados por cozinheiras voluntárias, normalmente já consagradas pela habilidade no preparo de pratos em ocasiões especiais. A sopa abria o cardápio, em seguida outros pratos à base de carnes, arroz e massa, acompanhados por saladas diversas. O vinho regava as festivas refeições, já que o cultivo da uva era uma das primeiras providências tomada na instalação da moradia na nova terra. Seguiam-se o almoço, as cantorias e o baile, que adentrava a noite. Nessas ocasiões, muitas vezes era servido o brodo, tradicional canja de galinha caipira acompanhada de pão de forno e temperada com queijo ralado.

Os doces, nos primeiros tempos, eram escassos, compondo-se principalmente de pudins e tortas de bolachas caseiras. Mais tarde, o bolo recheado, denominado de torta, e o sagu com vinho passaram a fazer parte dos cardápios das festas de casamento.

O quarto dos noivos, instalado na casa dos pais do noivo geralmente era pintado com uma tinta preparada com cal e algum pigmento, era organizado com os móveis adquiridos pelo noivo e as roupas e adereços do enxoval da noiva, que haviam sido transportados para o local dias antes. Os noivos moravam na casa paterna por algum tempo, geralmente dois a quatro anos. Nesse tempo, preparavam-se para morar em sua própria casa, numa área de terras destinada a eles e geralmente numa pequena casa de madeira, coberta de tabuinhas lascadas, e uma cozinha pequena, construída a alguns metros da casa.

- **Os serões e mutirões**

Famosos serões, quando os vizinhos estavam reunidos na casa de Antonio Scariot, em maio de 1981.
Foto: Arquivo de Paulo Dias.

Um dos costumes trazidos pelos imigrantes foram os serões, conhecidos como encontros durante as primeiras horas da noite. As famílias visitavam umas as outras para conversar sobre o dia a dia, contar as novidades, em um momento de descontração e, por vezes, de oração do terço. Com o passar do

tempo, as famílias mudaram-se para a cidade, e algumas trouxeram esse costume. No final da década de 60, com a chegada da televisão, esse costume aos poucos se foi perdendo.

Outro costume dos imigrantes e de seus primeiros descendentes eram os mutirões realizados nas comunidades, em que as famílias se ajudavam entre si na época do plantio, da colheita, em momentos de doenças, nas realizações das festas, na conservação de estradas, na manutenção das escolas e igrejas. Atualmente, raras famílias ainda cultivam essas tradições.

COMUNIDADES

• Cachoeira Alta

Crisma na Cachoeira Alta, na década de 1940. Em pé: Fredolino Lamb, Arno Scharnberg, Germano Winkel, Pastor Rabke, Lacin, Armindo Storck e Beno Hanel. Sentadas: Ulda Pranth, Rosa Jacobsen, Arnilda Lank, Helma Neu, Miria Storck, Vilma Lamb, Edi Koch, Anita e Elvira Lacing. Foto: Arquivo Silvino Bernardo Lamb.

Foi por volta de 1914 que os primeiros imigrantes alemães vieram para Cachoeira Alta, carregados de sonhos e esperanças, de incertezas e medos. Vieram de diversas regiões do Rio Grande do Sul.

Clareiras foram abertas a machado no meio da floresta, para ali construir a história da Cachoeira Alta. Com a vinda de várias famílias, surgiu a comunidade com a igreja e escola. Em torno delas, as pessoas encontravam-se em forma de grupo, mantendo viva a cultura germânica, ou seja, a cultura alemã europeia.

As dificuldades e as carências espirituais e materiais eram muito grandes. O socorro médico mais próximo era Passo Fundo, cujo percurso era realizado de carroça ou a cavalo, através das picadas existentes.

Os imigrantes alemães, após uma viagem de trem, até a Estação de Getúlio Vargas, vieram de carroça e a cavalo para se defrontar com a

Bodas de Ouro de Eduardo e Maria Fortunatto, em 1943, na Linha Grison. Foto: Arquivo da Divulgação.

natureza hostil e desconhecida que precisava ser desbravada. Muitos descendentes de alemães nasceram na região da Serra Gaúcha, Veranópolis, São Sebastião do Caí e Antônio Prado. Vieram para cá com o objetivo de explorar terras novas. Encontraram por aqui sinais de índios, inclusive índios selvagens, que fugiam ao avistar o homem branco.

Construíram suas casas, basicamente, com madeira normal e madeira lascada. Para cozinhar, usavam fogão improvisado, panelas de ferro e costuravam suas próprias roupas. Naquele tempo, havia uma escola que se encontrava em estado precário. O material era apenas uma pedra, uma pena e um pano úmido, que servia como apagador.

Conseguiam comida, basicamente, através da caça e pesca. Cultivavam vários produtos, como milho, arroz, feijão, mandioca, batata, etc. Esses produtos eram cultivados com o auxílio de instrumentos como enxada, foice, arado, etc.

Livro usado pelo Professor Augusto Scharnberg. Foto: Arquivo de Reni Scharnberg Peter.

Não costumavam vender a produção, mas sim trocá-la por outros produtos com seus vizinhos e amigos. Naquele tempo, compravam-se terras, mas o registro somente era feito anos depois, uma vez que na ocasião não existiam os cartórios. Todos os domingos iam a uma pequena igreja construída pela comunidade. As donas de casa, nas próprias residências, cuidavam das questões da saúde dos seus familiares.

Segundo professor, Henrique Scharnberg. Foto: Arquivo de Reni Scharnberg Peter.

A comunidade foi formada com o objetivo da integração entre as pessoas. A origem do nome Cachoeira Alta surgiu por ser um lugar alto e existir uma cascata próximo à igreja da comunidade. As festas comunitárias eram em homenagem aos descendentes e devido à criação da comunidade.

Existiam atividades comunitárias de lazer, como futebol, bocha e baralho; além disso, existia uma bodega. Na época, também existia uma serraria de Arlindo Lamb e Theodoro Peter e um socador de erva movido à roda d'água, da família de Theodoro Reinaldo Koch, utilizada também para produzir energia através de um dínamo que carregava baterias para o rádio funcionar.

- **Linha Calegari**

Os primeiros colonizadores vindos da região de Caxias do Sul e Antônio Prado, de origem italiana, chegaram aqui por volta de 1915 a 1922, em busca de terras férteis para o plantio de milho, trigo e mandioca; subsistiam também da exploração de araucárias, bem como da criação e engorda de suínos.

Os primeiros moradores que aqui chegaram foram: Vitório Brusso, Primo Variza, Carlos Parizotto, André Gambin, Antonio Parizotto, Bomfilho Sebben, Ilário Marchiori, Antonio Rech, Carino Canali, Santo Canali, Francisco Canali, Vitor Sebben, João Brusso, Miguel Posser, José Bressan, Fermino Biazus, Anto-

Família de Santo Canali. Da esquerda para a direita, em pé: Serafim Giovane, Desidério Tranquilino, Giocondo Beninho, Jairo Carino, Mansueto Felice, Giustina, Pacífica Rebeca, Francisco Bonafede, Marco Leone, Domingos Lone, Maria Catarina, Corona Dallagasperina Canali (mãe), Santo Canali (pai), Gema Maria Julieta e Amabile Maria. Foto: Arquivo de Idalino Canali.

nio Panisson, Oreste Brambatti, Inácio Bogoni, Vitorio Lucion, Albano Calegari, Isaco Calegari, Estefano Favaretto, João Barizon e Fioravante Fiabani.

Na época, os pioneiros na exploração de araucárias foram Carino Canali e Giocondo Canali, quando montaram a primeira serraria da região nos anos de 1929 a 1930. Pouco tempo depois, foi construída pelos moradores uma escola, em que os primeiros professores foram Adelaide Andreassa e o senhor Vieira.

Família de Fioravante Fiabani: Atrás, em pé, da esquerda para a direita: Terezinha, Albertina, Antonio, Severino, Anisio, Setembrino e Luiz. Na frente: Helena, Angelina (mãe), Santo e Fioravante (pai). Foto: Arquivo de Idalino Canali.

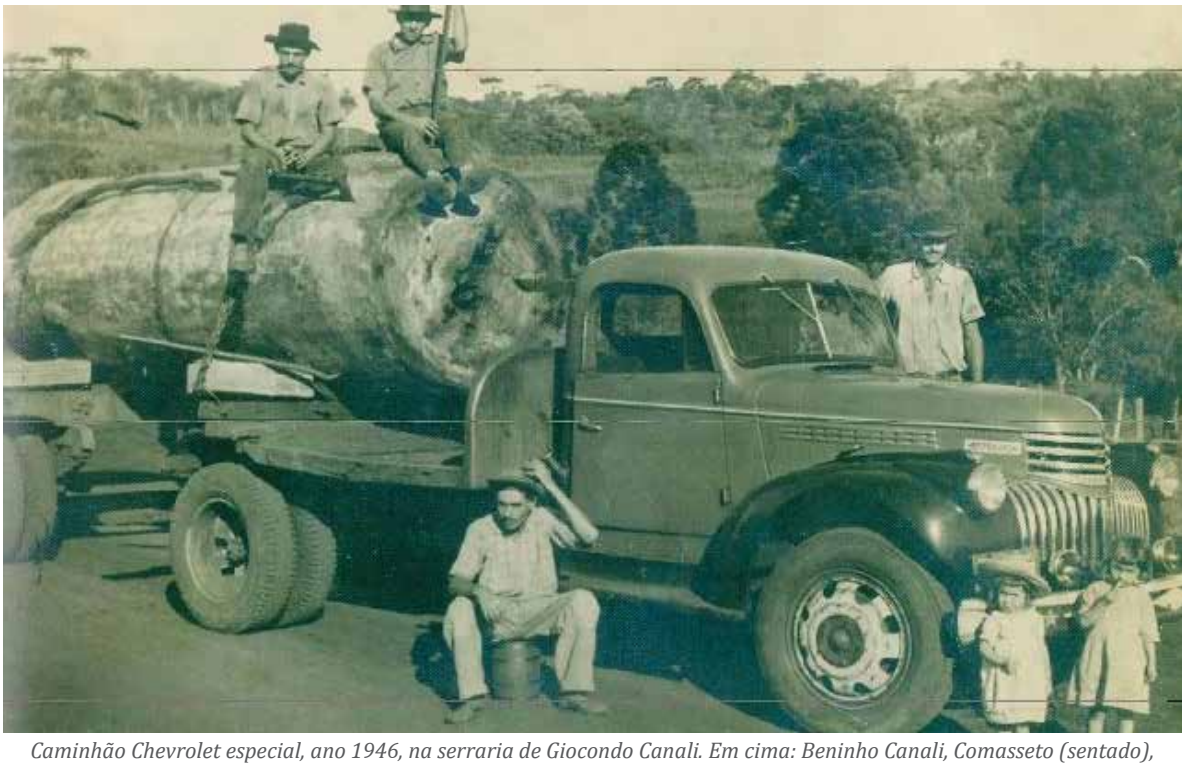
Por volta de 1930, Carlos Parizotto, sentindo a necessidade de um lugar próprio para orações, construiu um capitel em sua residência, com a imagem de Santo Antônio, onde era rezado o terço todos os domingos. No ano de 1940, Parizotto vende as terras para Albano Calegari e Giácomo Rech, retirando a imagem de Santo Antônio e levando para sua nova propriedade, no estado do Paraná. Sendo novos

Da Esquerda para a direita: Divino, Adelia, Vitalino, Clelia, Idalino, Zulmira. Na frente casal Silvia e Isaco Calegari. Foto: Arquivo Idalino Canali.

proprietários, a família Calegari pensou então em fazer não apenas um capitel, mas em construir uma capela.

Em 1941, Isaco e Albano Calegari e Giácomo Rech construíram uma serraria nas proximidades da atual, em funcionamento. Por volta de 1945 a 1956, funcionou no local uma bodega, de Angelo Gatussi.

Em 1956, a família Calegari tenta, junto à diocese, construir uma capela, mas o pároco da época recusa, por ser um local próximo à cidade. O padroeiro continua sendo Santo Antônio.



Caminhão Chevrolet especial, ano 1946, na serraria de Giocondo Canali. Em cima: Beninho Canali, Comasseto (sentado), Armando Canali, Selvino Canali, Vilma e Maria Canali. Foto: Arquivo de Idalino Canali.

No mesmo ano é fundado o time de futebol Arranca-Toco, tendo como primeira diretoria: Luiz Barizon, Idalino Calegari e Alcides Ari Calegari. Em 1960, foi construído o salão de festas, utilizado para festas de futebol e casamentos. Nesse mesmo ano, o padre Carino Corso, sabendo do interesse da comunidade em construir uma capela, comunica que há condições de concretizar a ideia. Os sócios fundadores da capela foram: Isaco Calegari, Albano Calegari, Giocondo Canali, Vicente Brusso, Mário Sebben, Armindo Colombo, Selvino Sossela, Luiz Maurina, Silvestre Favretto, João Barizon, João Agnoletto, Valdomiro Sebben, Armando Canali, João Canali, Luiz Fiabani e Vitório Lucion.

A inauguração da capela ocorreu no dia 11 de junho de 1964, com missa presidida pelo padre Luiz Broetto. A imagem de Santo Antônio foi doada por Beninho Canali e a de Santo Antão por Antonio Manica. A partir dessa data todos rezam o terço na capela.

Em 1966, foi construída uma bodega com cancha de bochas e no mesmo ano é criada a Escola Municipal Castelo Branco, que funcionou por dois anos no salão do time de futebol. Na época, a escola atendia trinta e seis alunos com a professora Ivone Martinelli.

Foto: Arquivo de Angelo Calegari.

Em 1970, aconteceram as primeiras missões na comunidade. Em 1972, no salão reuniram-se quarenta e sete associados e deliberaram sobre a possível construção de um salão maior e com a denominação de Clube Esportivo e Recreativo Atlântico, substituindo o Arranca-Toco.

A inauguração do salão em alvenaria foi no ano de 1974, tendo como presidente Angelo Calegari. Em 1975, foi fundado o grupo de jovens Caminhando Juntos. Em 1976, ocorreu na comunidade o 3º Congresso de Jovens Rurais. Em 1977, Nilo Maurina assume com primeiro agente de Pastoral.

No ano de 1980, são realizadas ampliações no salão a construção de banheiros e churrasqueiras. Em 1982, ocorreram pela segunda vez as Santas Missões, pelos Freis Capuchinhos de Vacaria. No ano seguinte, criou-se a Capelinha de Nossa Senhora de Fátima. Em 1984, a comunidade é agraciada com a Eucaristia Permanente. No ano de 1985, formou-se o Conselho Comunitário Pastoral. Em 1992, o grupo de jovens Caminhando Juntos deixa de funcionar pelo pequeno número de jovens na comunidade.

Em 1995, é efetuada a perfuração de dois poços artesianos na comunidade, para abastecer todas as famílias com água potável. Ainda nesse an foi fechada a escola, devido ao reduzido número de alunos e à abertura das escolas-polo pelo Município.

As principais promoções realizadas foram a Festa do Padroeiro e o Baile de Reveillon. Atualmente há trinta e nove sócios e cento e vinte e quatro moradores. As pessoas mais velhas são: Albertina F. Panisson, Adelino Posser, Adelia Calegari, Angelo Calegari, Santo Fiabani, Luiz Barizon, José de Souza, Rosa F. de Souza, Selmira Z. Maurina, Luiz Fiabani e Desiderata Ábido.

Uma das curiosidades da comunidade é o campo de futebol que leva o nome de um morador, Angelo Calegari. A igreja de pedra é um dos pontos turísticos, e possui ao lado um grande salão de festas.

Fazem parte da atual diretoria da capela os seguintes membros: Presidente, Nestor Canali; Vice-Presidente, Rosnei Posser; Primeiro Tesoureiro, Celso Poletto; Segundo Tesoureiro, Luiz da Silva; Primeiro Secretário, Cristiano Lucion; e Segundo Secretário, Osmar Colombo.

A nova igreja foi inaugurada no dia 11 de junho de 2006, com missa e grande festa. Hoje, fazem parte

Inauguração da Igreja de Pedra em 2006. Foto: Arquivo de Artusi.

da comunidade quinze empresas de prestação de serviços: Augustim S/A, Pulverjet, Andretta, Refrimaq, Brusso Acabamentos Industriais, Duranti Caminhões, Rota Agrícola, Calegari Indústria de Aberturas, Coronetti Pré-Moldados, Serraria Calegari, Fernando Acabamentos Residenciais, Transportes Waldemar, Safra Certa, Colonial Distribuidora e Plasul Indústria de Pipas.

- **Vila Campos**

Antes de 1918, existiam poucas pessoas na região; viviam da caça e da pesca; havia muito mato, pinheiros e os rios, que corriam com águas límpidas. Por medo dos animais da floresta, a área foi cercada por uma cerca-feixe, isto é, cerca enchida. Partia próximo de Linha Quatro, passando pela propriedade de José Beé e de Nilo Bortolini, indo até a propriedade de Lauro Scariot. Essas famílias viviam em comum; o que necessitavam trocavam entre si. A demora do desenvolvimento foi devido ao difícil acesso, por ter os Rios Ligeiro e Lajeado no entorno e também por ser a mata muito fechada.

Em 1918, chegaram as famílias de Antônio, Alberto, Fermino e Alfredo Campos; logo após, o major Deiró, vindo do Campo do Meio, casou-se com a viúva Leonora Campos. Quando se estabeleceram nessa área, trouxeram uma imagem de São João Batista, padroeiro da capela, construíram um capitel, onde colocaram a imagem do santo.

No ano de 1928, começam a aparecer novos moradores; a comunidade começa a se desenvolver com a construção da primeira capela. Os primeiros professores da comunidade também foram da família Campos, os quais lecionavam embaixo das árvores. Também nesse ano o professor Maurício Barbosa lecionou na primeira capela, localizada perto da estrada.

As capelinhas foram algo que marcou a criançada, conta Diniz Fontana, pois visitavam as famílias e as crianças aproveitavam para brincar noite adentro, até o pai mandar entrar. E quando acontecia de alguém destroncar um dedo ou o pé, lá estava o Marcelino Panisson (famoso arrumador de ossos), que

Família de Etelvina e Nilo Bortolini. Em pé, da esquerda para a direita: Darci, Zelia, Alecio, José, Celina, Ivo e Livia. Em frente: Amélide, Daniel, Celso, Etelvina (mãe), Etelvino, Nilo (pai), Elza (no colo) e Zulmira. Três bem na frente: Helena, Vitalino e Alcir. Foto: Arquivo de Etelvino Bortolini.

dava um jeito; depois de colocar os nervos no lugar, sua esposa batia uma clara de ovo, colocava em cima de um pano branquinho e enfaixava o machucado; tinha que deixar uns três dias até melhorar.

Na época, foi montado um moinho de trigo e milho de Miliano Rebelatto, tocado à agua (hoje na propriedade de Nadir Bombarda). Em seguida foram chegando outras famílias: Anselmo Bogoni, Luiz Marcon, Angelo Perera, Domingos Anziliero, Artur Parizotto, Anibal Manfron, Martin Lize, Pedro Coronetti e Miliano Rebelatto. A primeira bodega foi de Alfredo Campos. E mais famílias foram chegando: Anziliero, Bogoni, Bortolini, Fontana, Gajardo, Canali, Marcon, Sossella, Sbardelotto, Fischer, Vidal, Panisson, Viapiana, Negretti, Sorgatto, Parpineli, Sebben, Ribeiro, entre outros.

A primeira escola foi construída ao lado da atual igreja e contou com os seguintes professores: Zambonin e Orozimbo Tondello, o qual foi o primeiro professor municipal da comunidade. A segunda escola foi construída em 1952. Na época, Ernesto Dornelles, Carolina Variant, Aurora Dalbosco, Irmãs Costas, Isolda Scopel, Celso Signoratti, Sócrates de Bortoli, Estevão Salapata, Maria de Lurdes Linhares, Rosmari Cauduro, Ermelinda, Tercila e Olga Rebesquini foram os primeiros professores.

O capitão Fidel, que morava em Santa Rita, mudou-se para Vila Campos na década de 1930; esse era maragato (lenço vermelho), enquanto os Campos eram chimangos (lenço branco). Alberto Campos foi o primeiro Subintendente da comunidade; era o pai do professor Jaimir Antônio Pinto Ribeiro.

Igreja de Vila Campos.
Foto: Arquivo de Angelica Manica Bortolini.

Os primeiros festeiros foram Luiz Marcon e um dos Campos, na época do padre Calógero Tortoric-

Moinho de Nadir Bombarda em Vila Campos. Foto: Arquivo da Divulgação.

ci. Adelino Fontana lecionou dez anos em São Silvestre e com muito esforço conseguiu levar a escola para Vila Campos. Em forma de agradecimento, a comunidade deu o nome de sua esposa, Benvenuta Sebben Fontana, à nova escola, já que ela ajudava os padres, missionários e todos os necessitados que pedissem ajuda.

Aproximadamente cem famílias ainda residem na comunidade, a qual é Distrito de Tapejara. As

Família Fontana: Normélio, Délcio, Valter, Rita, Renilto, Elci, Moacir, Milena, Diniz. Ao centro, os pais Benvenuta Sebben Fontana e Adelino Fontana. Foto: Arquivo de Margarete Angelieiro Sossella.

pessoas mais velhas são Adelina M. Sossella e Albino Sbardelotto. Na comunidade há o capitel Santo Expedito, localizado junto à Associação Juventus de Veteranos (Ajuve), onde se reúnem muitas pessoas com festas e jogos de futebol. Parte do terreno e a imagem foram doados pelo casal Rosalina e Ivo Bortolini, na época do Pároco Darci Treviso.

Alguns locais de destaque: chácara do Simonetto e Hosti Granja, de Ademir Zulian, com olho de água de primeira qualidade, sede da Sociedade Tapejara Moto Clube Velo, às margens do Rio Ligeiro. Indústrias: algumas serrarias, moinhos, olarias, produção de carvão, suínos, no decurso do tempo. Também há na comunidade a Tirol, com produção de leite, e a Coopervita, com variedade de compotas e derivados.

No comércio há várias bodegas. As tradições mantidas são o Grupo de Jovens que promoviam peças teatrais. Além disso, as raias ou canchas para corridas de cavalos são tradicionais desde a criação da comunidade.

Também, com o objetivo de proporcionar condições e acesso às comunidades pertencentes ao Distrito de Vila Campos, local para a prática de esportes, lazer e confraternizações, a Administração Municipal de Tapejara investiu recursos públicos no valor de R$ 71.980,00 na construção de um ginásio com 700m² de área construída. Essa obra que contemplou o Distrito de Vila Campos tem por finalidade a integração das comunidades. O Ginásio Distrital de Vila Campos foi inaugurado no dia 9 de agosto de 1994.

- **Linha Girardi**

Família de Ricieri e Luiza Girardi em 1973. Da esquerda para a direita: filhos Cleomar, Lourdes, Ivone, Ricieri (pai), Alda, Marino Zanatta (genro), Luiza (mãe), José, Cleci, Lorena e, na frente, Tania. Foto: Arquivo de Cleomar Girardi Sebben.

Em 1919, surgiu a Linha Girardi. Os primeiros moradores foram: Antonio Spagnol e seu irmão Menego Spagnol, Virgilio Olibone, Bortolo Poletto, Guerino Debona, Luis Lizzani, Ricieri Girardi e Fiorante Rech. A comunidade recebeu o nome dos antigos moradores, que, quando eram zeladores da paróquia, colocavam seus sobrenomes. A localidade já se chamou Linha Spagnol, Linha Lizzane e Linha Rech. O zelador, Ricieri Girardi, acabou ficando muitos anos e agora ficou para sempre Linha Girardi.

Os padroeiros da Linha são Santo Antônio e São João. As principais promoções realizadas são as reuniões do Sindicato. Como não há igreja e salões, os sócios participam das missas e ajudam nas festas

das colheitas na Igreja Matriz. Atualmente, quinze famílias ainda residem na comunidade. As pessoas mais velhas são Taudelino Rech e Alesio e Olga Spagnol.

Uma das curiosidades da comunidade era o pinheiro torto, que ficava perto da perimetral; devido a forte vento, sua topada, caiu permanecendo apenas o tronco, que é oco, que também era um dos pontos turísticos da localidade. Uma tradição é a noite de São João, na antiga Escola São Roque, capitel Santo Antônio, em que eram rezadas missas, agora somente um terço, quando se comemora o dia do Santo. Na Linha, também há um ponto de recolhimento de lixo que é das comunidades dos arredores e possui em sua localidade a instalação da Laticínio Ouro Branco.

Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

- **São Silvestre**

A comunidade de São Silvestre está localizada a 7 km da cidade de Tapejara. Os primeiros moradores que chegaram na região, em 1920, eram provindos de Caxias do Sul, Antônio Prado e Garibaldi, em sua maioria de origem italiana. Os primeiros moradores foram das famílias Favaretto, Zanatta, Rosa, Dalmina, Dallagasperina, Slavieiro e Costa.

A comunidade recebeu esse nome porque a primeira família que se instalou na localidade resolveu escolher o mesmo nome da comunidade onde residiam, anteriormente, em outro Município, também chamado de São Silvestre. Tendo em vista que eram imigrantes italianos e devotos da Igreja Católica e cultuavam santos, escolheram também São Silvestre como padroeiro da comunidade.

Cabe ressaltar que São Silvestre foi um Papa que exerceu seu pontificado na época em que Constantino decretou liberdade para os cristãos, que eram perseguidos. Ele teve a honra de batizar Constantino, o primeiro Imperador cristão. O Imperador Constantino deu de presente a São Silvestre o palácio do Letrán, em Roma, e após esteve ali a residência dos Pontífices. O pontificado de São Silvestre durou vinte anos. Morreu em 31 de dezembro do ano 335.

Em 1924, mais de vinte e três famílias passaram a residir na comunidade de São Silvestre. Todos se

Time do Canarinho, Campeão Municipal de 2014. Foto: Arquivo de Elói Carlos de Figueiredo.

reuniam e trocavam ideias para o crescimento e organização da comunidade. Juntos, resolveram construir uma pequena igreja, que foi inaugurada no final do mesmo ano, sendo rezada a primeira missa pelo padre Julio Marin.

Na igreja, colocaram a imagem do Papa São Silvestre, que permanece até hoje. Todos os integrantes da comunidade participaram e colaboraram no trabalho que era necessário para o crescimento, desenvolvimento e bem-estar das famílias. No mesmo ano, foi construída a primeira escola municipal, que com o passar do tempo foi ganhando prédios mais modernos e atendeu até o final de 2011, quando

Foto: Missa com o padre Julio Marin.
Foto: Arquivo de Gema Dalzotto.

fechou devido ao número reduzido de alunos, em consequência das diversas reformas educacionais ocorridas.

Em 1967, foi criado o Esporte Clube Canarinho, que até os dias atuais é um dos principais meios de lazer da comunidade, possuindo times masculino e feminino. Cabe destacar que os times destacam-se no Município em termos de premiação; além disso, o campo de futebol é o cartão de visita da comunidade de São Silvestre, pois ele é um campo moderno e belíssimo.

Campo, capitel e igreja da comunidade.
Foto: Arquivo de Dilmara Panisson Scariot.

Em 1934, foi fundado e formado o grupo de jovens Unidos Venceremos, que formou várias lideranças que se destacaram no Município. O grupo sempre foi muito atuante, mas em 2010 pararam com os encontros, deixando de existir, também pelo reduzido número de jovens e falta de incentivo. Muito atuante também foi o grupo de mulheres, que tinha grande participação e era motivo de encontro e lazer para as mulheres da comunidade. Ainda hoje existe o grupo de mulheres, mas com encontros esporádicos.

Em 1979, tiveram a formação dos primeiros ministros e, em 1993, a eucaristia permanente na comunidade, até os dias atuais. Em 2002, foi inaugurado o capitel de São Peregrino, padroeiro dos cancerosos, ao lado da igreja, onde fiéis e devotos o visitam para fazer pedidos ou agradecer por graças recebidas. No segundo domingo de março é realizada a festa em sua homenagem.

Ao longo desses 90 anos, a comunidade foi organizando-se e, hoje, tem muita força na economia do Município, destacando-se na agricultura, pecuária e avicultura e, também, na agroindústria. A comunidade possui uma filial do Abatedouro Danieli, empresa renomada da cidade de Tapejara.

Hoje, são sessenta e quatro famílias associadas, grupos de família, agentes de pastoral, equipe de liturgia, catequese, diretoria da capela, de esportes e outros, que procuram trabalhar unidos, não medindo esforços para promover o bem-estar de todos os que residem na comunidade.

• Cachoeira Média

Os primeiros moradores da Comunidade de Cachoeira Média chegaram em 1918, sendo eles: João Broch, José Michelon, Vitório Perondi, Luis Bianchi, Angelo Girotto, Martin Três e Antonio Tognon.

As famílias vieram de Veranópolis e São Marcos em uma viagem de carroça que durava cerca de oito dias. O objetivo foi encontrar melhores terras para trabalhar. Na época, os colonizadores derrubaram as árvores e pinheiros para construírem seus lares.

A primeira bodega que existiu foi de José Michelon. Em seguida, houve a bodega de Carlos Yofen, que também vendia produtos como açúcar, sal, erva-mate, dentre outros. Esta mesma bodega teve diversos donos, como: Giácomo Cativelli, Pedro Perusso, Ari Bianchi, Lauro Ulhein e, por último, Orildo Secco, o qual também era dono de um moinho de pedra que produzia farinha de milho e arroz.

Na comunidade havia uma escola, ao lado do cemitério. O terreno foi doado por José Michelon. Em seguida, a escola foi transferida um quilômetro para baixo e, logo depois, foi construída no outro lado da rua, maior, de madeira e com o nome de Escola Olavo Bilac. Tempos depois, a comunidade construiu uma

Professor, inspetores e alunos da escola de Cachoeira Média. Foto: Arquivo de Lurdes Munaretto Girotto.

nova escola, de alvenaria, em frente à atual igreja.

As aulas aconteciam de primeira a quinta série e chamava-se Escola Ivo Secco. Com o tempo fechou por falta de alunos. Os primeiros professores foram Eduardo Damiani e José Ferreira. Os terrenos para a construção dessas três escolas foram doados por José Munaretto, assim como os terrenos para a construção da antiga e da atual igreja da comunidade.

Cachoeira Média leva o nome devido a uma pequena queda d´água (cachoeira) que existe na comunidade. Uma das curiosidades preservadas pelos moradores são as missas na igreja, onde as mulheres costumam sentar de um lado e os homens do outro. As tradições mantidas são os almoços com o grupo

Igreja de Cachoeira Média. Foto: Arquivo de Lurdes Munaretto Girotto.

Primeira Eucaristia na Cachoeira Média. Foto: Arquivo de Lurdes Munaretto Girotto.

de mulheres.

Antigamente, havia um campo na propriedade de Armindo Girotto (em memória), onde eram realizados diversos torneios. Hoje, existe um campo novo em frente ao antigo, de futebol sete. A comunidade também realiza três festas por ano: Festa das Mães, da Padroeira Nossa Senhora do Monte Bérico e o Jantar Italiano.

Atualmente, existe um salão, localizado ao lado da igreja, com bodega, onde as festas são realizadas. O cuidado fica a cargo de cada diretoria. Cachoeira Média é pequena, porém organizada, pois cerca de vinte famílias ainda residem na comunidade. As pessoas mais velhas são: Claudino Spigolon, 86 anos, Natalina Spilogon, 76 anos, e Lurdes Munaretto Girotto, 73 anos.

• Coroado Baixo

A comunidade de Coroado Baixo surgiu em meados de 1920. As primeiras famílias foram as de Franklin, Cogo e Camargo. A origem do nome é indígena, devido à divisa com a área indígena.

Na época, a comunidade possuía três moinhos, um da família Brock, outro da família Slongo e, por último, da família Cogo, que acabou vendendo para a família Provin. Também teve uma serraria da família Slongo, cujas tábuas eram vendidas em Tapejara, Passo Fundo e Getúlio Vargas.

Gumercindo Slongo doou terreno para a construção da escola chamada Senador Alberto Pasqualini. Os primeiros professores foram Valdomiro, Miranda e Lurdes Lopes. Mais tarde, Slongo doou também o terreno para a construção da igreja. O primeiro padre foi Nilo Canal. A padroeira da comunidade é Santa Lúcia. As tradicionais festas realizadas são em honra a Santo Antônio e Santa Lúcia. A primeira bodega foi de Ricieri Provin.

Segundo a Senhora Leonilda Bozza Defaveri, os moradores da comunidade viviam da roça, plantavam milho, arroz, trigo, feijão, mandioca, abóbora, e tinham criação de suínos, entre outros. Deslocavam-se a cavalo para Passo Fundo, para comprar queijo, açúcar, às vezes vender banha e salame. Mais tarde, com a evolução da localidade deslocavam-se até a Sede Teixeira. As roupas eram de tecido riscado. Antigamente, as festas e missas eram campais. Quando ficavam doentes tomavam chá, já que uma das maiores dificuldades era a falta de médicos e dentistas. As brincadeiras eram: roda, pega-pega e ovo-choco.

Atualmente, vinte e três famílias residem na localidade, a qual conta com 18 sócios. As pessoas mais antigas são: Eva Bernard, Sétima Dall´Agnol, Berta C. Jandt, José Rosa, Sirlei Rosa e Lúcia Brock.

- **Paiol Novo**

Igreja de Paiol Novo em dia de festa. Foto: Arquivo da Divulgação.

Nas primeiras décadas do século XIX, o território da atual localidade de Paiol Novo era coberto de pinheiro. Essa realidade despertou o interesse em explorar essa riqueza natural por parte de várias famílias. Para isso deslocaram-se, vieram ali residir e colocar em funcionamento serrarias em diversos pontos da localidade. A comunidade de Paiol Novo surgiu em 1925, com a chegada de Madalena Zenatto,

Família de Demétrio e Armelindo Richetti. Foto em Paiol Novo com o destocamento e corte de pinheiros para fazer tábuas na propriedade de Armelindo Rechetti e Demétrio Richetti. As toras eram transportadas para a serraria de Aquilino Cavichioli, localizada na então Sede Teixeira, em 1950. Fonte: Arquivo de Lucia Riquetti Dalbosco.

Passagem de agricultores carregando sacos de milho na ponte do Rio Carreteiro, em Paiol Novo, em 1947.
Foto: Arquivo de Carmen Ughini Vergara.

Angelo Posser e das famílias Mazzutti, Derossi, Bavaresco, Sbeghem e Bassani.

O nome foi escolhido, porque quando esses moradores chegaram construíram um paiol novo. A padroeira é a Santa Teresinha. As tradicionais festas são a da padroeira e o Fest Leite. De acordo com Carlito Mazzuti, havia diversas serrarias na localidade, entre as quais das famílias de José Deboni e Bassani. O pinheiro era derrubado e transformado em tora e levado por juntas de boi até as serrarias, onde era feitos tábuas e caibros. Ele conta que a madeira beneficiada era transportada por terno de mulas para a Estação Ferroviária de Sertão e comercializadas.

No período de meados de 1950 até o final da década do ano de 1970, existiam várias atafonas em Paiol Novo. Entre elas as de Santo Posser, que produzia farinha de mandioca e polvilho. A produção era comercializada nas então casas comerciais das famílias Ughini, Busatto e Dalzotto. A atafona iniciou suas atividades em meados do ano de 1950, até o final dessa década.

Os irmãos Luduvino Antônio Zanchetta, Adélio e Brandisio tiveram sua atafona na localidade naquele tempo. A sociedade durou até meados do ano de 1956. Ludovino adquiriu a parte dos irmãos e tocou o empreendimento com seus familiares até meados de 1970.

De acordo com seu filho Ivo Zanchetta, a produção anual de farinha era de 1.000 kg/ano. Era transportada através do caminhão de Luiz Pellizzaro para Passo Fundo e comercializado no então Moinho Rio-Grandense.

Ademais, era produzido polvilho, cerca de cinquenta sacas por safra. O polvilho era comercializado nas casas comerciais, nas padarias Glória e na então Nossa Senhora de Lourdes. A atafona estava localizada nas proximidades da casa da família e era movida pela água do arroio existente nas proximidades. Além de produzir a farinha e o polvilho, os agricultores das redondezas recorriam à atafona para transformar os grãos de milho em farelo para alimentar os suínos. Na localidade, havia diversos criadores de suínos, que, depois de gordos, eram vendidos para o então Frigorifico São Paulo S/A.

A erva-mate foi outra fonte de consumo e renda das famílias da comunidade. Um dos primeiros soques de erva-mate, em meados da década de 1950, foi o de Ermelindo Riquetti, localizado no topo do

Caminhão da firma Ughini e Irmãos aguardando o carregamento. Foto: Arquivo de Carmen Ughini Vergara.

morro da localidade de São Valentim. Além de ser utilizado pelo proprietário para fabricação para o seu consumo e venda, também realizava o serviço aos moradores.

Mais tarde, Luduvino Zanchetta e Germano Mazzuti instalaram em suas terras um socador de erva-mate. Germano também instalou um forno e passou a produzir carvão. O carvão era comercializado nas então churrascarias da cidade: Manda Brasa, Amizade e Cristal. Atualmente, trinta e oito famílias residem na localidade, a qual possui cinquenta e oito sócios. Lourenço Valentini é a pessoa mais velha da comunidade.

• Santo Antônio do Carreteiro

A comunidade de Santo Antônio do Carreteiro surgiu antes de 1930. As famílias que ali viviam se€ntiam a necessidade de se reunirem para fazer suas orações, e então buscavam os serviços religiosos nas comunidades de Paiol Queimado, Englert ou em Charrua.

Igreja da comunidade de Santo Antônio Carreteiro. Foto: Arquivo de Maurílio Fontana.

Alguns dos primeiros moradores e fundadores da comunidade foram: Antonio Spigolon, Vitorio Dalbosco, Avelino Guerra, João Fontana, Marcos Conte, Antonio Conte, Fernando Perin, Vitorio, Antonio e Angelo Parizotto, Avelino Zanquetta, Albino Fontana, João Rech, Pedro Tranquilo Tasca, Angelo Tasca, Étore Panosso, Olivo Dela Vechia, Francisco Fontana, Domingos Conte, Silvestre

Negretti, Maximo Ambrosio, Cristiano Negretti, Lino Artuso, Stefenin Conte, Ernesto Fontana, Antonio Cadore e seus filhos João, Candido, Severino e Ernesto, José Fontana, João e José Artuso e suas grandes famílias.

Parte interna da igreja. Foto: Arquivo de Geneci Webber Fontana.

A partir do ano de 1942, começaram a reunir-se para a oração do terço, em uma escola que existia na comunidade. João e Joana Marcali Fontana doaram um quadro com a imagem de Santo Antônio e Pedro Tasca rezava o terço em casas de famílias e depois em uma escola. Somente em 1945 foi rezada a primeira missa na igreja, que foi rezada pelo pároco de Getúlio Vargas, Padre Angelo, e, a partir daí, passou a ser chamada de Santo Antônio do Carreteiro.

No ano de 1955, com a emancipação de Tapejara, passou a ser atendida por essa paróquia e não mais por Charrua e ter aqui o registro de todos os acontecimentos. Em 2015, a Comunidade de Santo Antônio do Carreteiro comemorou seus 70 anos, no dia 13 de junho, dia do padroeiro, conforme registro da comunidade. Hoje, somente com nove famílias residindo na comunidade, os serviços continuam sendo realizados. A única festa realizada é a do padroeiro. As pessoas mais velhas são André Conte e Santo Fontana.

Os pontos turísticos são a ponte e o Rio Carreteiro. A tradição que ainda permanece na comunidade é o grupo de bochas. Antigamente, era uma comunidade grande, com muitas famílias e juventude. Hoje, a comunidade é pequena, com poucas famílias, mas continua reunindo-se e participando das ações.

• Linha Valentini

Tereza Spuldaro Valentini e Francisco Valentini. Foto: Arquivo Valdecir Valentini.

A comunidade de Linha Valentini surgiu no dia 27 de maio de 1930, com a chegada das primeiras famílias de Santo Furlan, Julia Artuzo e Francisco Valentini. Ainda residem nessa comunidade quatro famílias.

Uma das curiosidades da comunidade é a exploração da agricultura e a casa com cobertura de tábua. Antigamente, havia um alambique, que fabricava a cachaça e cultivava da parreira. As tradições que as famílias ainda cultivam são os jogos de baralho e bochas. A comunidade recebeu esse nome através da família Valentini. As pessoas mais velhas são Lourenço Valentini e Rosa Maria Valentini, e Telvino Furlan e Tereza Furlan.

- **Linha Marcolin**

Primeira Eucaristia. Na foto, da esquerda para a direita: Profa. Maria Zapani, Zaira Melara, Lidia Melara, Noemi Grizon, Marlei Stefini, Marizete Faganelo, Elizabete Faganelo, Ileza Zapani, Algacir Scariot, não identificado, Justino Stefini, Irmã Caroline Kurek e o padre Dionísio Benvegnu. Foto: Arquivo de Paulo Dias.

A Linha Marcolin surgiu em 1932. Os primeiros moradores foram: José Comaseto, João Primário, Alberto Marcolin, Fidelis Alves Santo, Emilio Parizotto, Angelo Stefini, Primo Scariot, Roque Brusamarelo, João Batista Guerra e Tibério Amateá.

Antigamente, a comunidade chamava-se Vida Mirim, em seguida de Padre Luis Broetto e, por último, ficou como Linha Marcolin. A padroeira é Nossa Senhora de Lurdes. As principais promoções são os jogos de bocha e os jantares. Atualmente, sete famílias ainda residem na comunidade, a qual conta com vinte famílias sócias.

As pessoas mais velhas são: Antonio Scariot, Agenor Brusamarelo, Marino Três, Amarildo Stefini, Vital Calegari e Algacir Scariot. Um dos pontos turísticos é a trilha onde passam o grupo dos jipeiros. O jogo de bocha é a tradição que os moradores ainda preservam.

Festa com os moradores da comunidade. Foto: Arquivo de Paulo Dias.

• Linha Três

Em 1937, a comunidade de Linha Três era denominada de Sessão Ligeiro, que pertencia à Vila Teixeira. Um lugar com poucos moradores, famílias descendentes de italianos e de caboclos. Ali havia uma única estrada e somente se podia andar a cavalo. Havia uma casa de comércio, um moinho e, mais tarde, instalaram uma ferraria.

A prática religiosa era uma característica das pequenas comunidades, onde a oração do terço era feita todo final de semana, na escola da comunidade, dirigida por Jácomo Fiabane. As missas eram realizadas a cada três ou seis meses, sendo a primeira missa celebrada pelo Padre Calógero Tortoricci, e depois pelo Padre Paulo Chiaramonte.

Os primeiros moradores foram as famílias de: Jacob Marin, Mauricio Patrício Guetene, Jácomo Fiaba-

Linha Três: igreja antiga em um dia de festa. Foto: Arquivo de Geli Perera.

ni, Jacob Barcarolo, Maximiliano Sacon, Lourenço Quinali e Vergínio Sacon. No ano de 1937, por não haver na comunidade um bom espaço destinado às celebrações, os poucos moradores da Sessão Ligeiro resolveram construir uma igreja de madeira, ficando responsável pela obra Jacob Marim, o forquejador Caetano Sbardeloto e o carpinteiro Maximiliano Sacon.

Todos os moradores doaram madeiras e pinheiros, mesmo sendo tudo muito difícil na época, pois a madeira, além de ser verde, tinha o transporte feito através de cavalos e mulas. Mesmo assim, conseguiram, depois de muitos esforços, e no dia 31 de dezembro de 1937 foi realizada a primeira festa, com inauguração da igreja e missa celebrada pelo Padre Calógero Tortoricci. Construíram também um pavilhão e churrasqueira para realizar festas, com a seguinte diretoria: Jácomo Fiabane, Virgínio Sacon, Antônio Bressan e Jacob Marin, após um bom número de pessoas presentes, que participaram do almoço, em que foi servido churrasco e bebidas.

Todos os sócios colaboraram com 10 mil fiorini (dinheiro) e ainda doaram o que podiam para o dízimo. A imagem do Santo Padroeiro São Jacó foi ofertada por três moradores: Jacob Marim, Jacob Barcarollo e Jácomo Fiabane, mas como era ano da revolução e era proibido falar em italiano, o santo recebeu o nome de São Tiago, na língua alemã, mesmo assim todos continuavam chamando-o de São Jacó.

Um livro-caixa daquela época registra a contabilidade com as despesas, os lucros e o dinheiro do dízimo doado pelos fiéis e também os nomes dos integrantes da primeira diretoria.

Com esses recursos e mais os lucros das duas festas realizadas a cada ano, foi possível reformar a igreja, construindo um porão, baixando o teto e pintando as paredes de branco. Mas, com o passar do tempo, a comunidade foi crescendo e a diretoria, com Basílio Panisson e Antonio Bressan, decidiram construir uma nova capela, utilizando madeira aplainada e uma parte de tijolos; o responsável pela obra foi Máximo Fiabane.

No mês de maio de 1964, aconteceu a festa de inauguração da nova capela, pintada de laranja, com janelas verdes. No ano de 1971, foi construído o primeiro salão comunitário de Linha Três.

No mês de março de 1987, iniciaram-se as obras da nova igreja de alvenaria, onde novamente todos os sócios colaboraram com dinheiro e mão de obra. Dois anos após as obras, no dia 10 de setembro de 1989, foi inaugurada com uma grande festa e missa celebrada pelo Padre Valter Baggio. A imagem da

Membros durante a festa de 70 anos da comunidade, em 2007. Foto: Arquivo de Geli Perera.

Santa Madre Paulina foi uma doação feita por Laurindo Fiabane, filho do sócio fundador da comunidade, Jacob Fiabane. A tradicional festa do Padroeiro São Tiago é comemorada sempre no último domingo de julho.

Hoje, há trinta famílias residindo na comunidade e a tradição mantida é a missa realizada todos os domingos. A comunidade é pequena, mas a fé em Deus é maior.

• Linha Quatro

A comunidade de Linha Quatro surgiu em 1935. Os primeiros moradores foram as famílias Pagno, Nunes, Rigon, Mantovani, Rebelatto, Zamban, Rosa, Marchiori e Sandini. A padroeira é a Nossa Senhora do Carmo. As principais promoções realizadas são o baile no mês de maio, a Festa da Padroeira, no mês julho, e um baile no mês de setembro. No total, trinta e oito famílias ainda residem na localidade, cuja comunidade possui quarenta sócios. As pessoas mais velhas são: Maria Rigon, Santina Marchiori Bernardelli, Gentile Palpineli Stefani e Maria Bée Canali.

Igreja de Linha Quatro.
Foto: Arquivo da Divulgação.

Os pontos turísticos são a Ataero, o Rio Ligeiro, denominado de Prainhas de Linha Quatro, e a Estação de Tratamento de Lodo de Esgoto Doméstico (ETLED). A empresa Sementes Bée está instalada no local. A tradição que a comunidade ainda mantém são os grupos de pessoas que fazem massa.

• Santa Rita

Família de João Matheus Poggio. Foto: Arquivo de Ignês Poggio da Silva.

A comunidade de Santa Rita surgiu em 1937. A primeira festa da comunidade foi em 22 de maio de 1938, um dia com geada forte de manhã e chuva pela parte da tarde, e nesse dia foi realizado o matrimônio de Reinaldo Favaretto e Rosa Decezaro. Os primeiros moradores foram: José Luza, Conrado Marcon, Ancelmo Borilli, primo Besutti, Estevão Aimi, Guilherme Zapani, Luiz Marcon, Severino Lângaro, Eduardo Fontinelli, José Fontinelli, Angelo Langaro, João Matheus Poggio, Antônio Guerra, João Stefani, Alberto Seben, Rico Debona, João Scariot, Pedro Casamalli, Otavio Dalbosco, Domingos Fontana, Vitório Dalbosco, João Malagutti, Rovilio Negrini, Cristiana Lângaro, Bilio Fontinelli, Antônio Lângaro, Delbon Fontinelli, Mario Dalbosco, Luiz Debona, Basílio Marcon e Primo Negrini. Em uma reunião, os moradores decidiram fundar a comunidade e escolheram Santa Rita como nome e padroeira.

Por volta da década de 1940, havia na localidade moinho de farinha de trigo com marca registrada Farinha Santa Rita, tocado com turbina e roda d'água, de propriedade da família Luza e Favareto. A atafona que produzia farinha de mandioca era de Cornelo Grizon. A bodega de propriedade das famílias Escaia e Celeste Dalagna funcionava durante a semana e no domingo fechava, pois abria a bodega do Salão Comunitário.

No início da década de 1960, a Escola Municipal passou a ser Estadual e após 1964 chegou a ser frequentada por mais de uma centena de alunos, e apenas o professor Martinho Peruzzo atendia todas as classes, nos períodos da manhã e da tarde. Em 1965, foi criado o time de futebol da comunidade, denominado 1º de Maio, de Santa Rita. Surgiu, também, nessa época o grupo de jovens, sendo fundadores: Vicente Favaretto, Adalgir Coronetti Elvira Negri (em memória), Elsa Favaretto, entre outros. Realizavam jogos, mas em especial cultivavam uma lavoura de milho ou soja para arrecadar recursos para sustentar o grupo. Também ajudavam nos trabalhos da comunidade e até nas construções comunitárias.

Até 1969, havia uma pequena capela de madeira. Em meados de 1969, foi construída a atual capela de alvenaria. Na década de 1970, a Emater administrou um curso de Conservação de Solo, com o professor Leonardo. Na década de 1980, foi construído o salão comunitário e, no ano de 2000, aconteceu um encontro com os ex-moradores da comunidade, mostrando a união existente entre eles.

As principais promoções realizadas são: Jantar do Peixe, Festa do Padroeiro e Festa de Nossa Senho-

Inauguração da primeira capela em 22.05.1937. Foto: Arquivo de Sadi Zulian.

ra das Graças. Atualmente, trinta e uma famílias residem na comunidade. As pessoas mais velhas são: Narciso Favretto, Terezina Favretto, Maria Biazutti Poggio, Tereza Zulian, Genesio Favretto, Aurélio Conte, Adolfina Favretto e Angelina Besutti.

Uma das curiosidades da comunidade é a criação do Primeiro Grupo de Jovens (Sociedade Recreativa Juvenil de Santa Rita), que foi formado na Paróquia de Tapejara. Um dos pontos turísticos é a queda de água do Rio Carreteiro, nas divisas das comunidades de Paiol Novo, São Roque e Santa Rita.

Uma das tradições mantida é a da Noite de Natal, quando é feita a celebração com encenação do nascimento de Jesus e logo após é feita a Ceia de Natal, com bufê de sobremesa, participando toda a comunidade. A cada quatro meses, é realizado um almoço de confraternização, na comunidade, para comemorar o aniversário dos sócios e seus filhos, onde os aniversariantes pagam a sobremesa.

Em fevereiro de 2015, foi realizado Curso de Panificação, coordenado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais e ministrado pelo SENAC. Nesse ano a imagem de Santa Rita irá visitar todos as famílias da comunidade, alcançando os que estão residindo, atualmente, na cidade e retorna no dia da festa em procissão para Santa Rita.

- **Caravaggio**

Vista da serraria Nossa Senhora Caravaggio, de Angelo Dallagasperina e filhos na comunidade do Caravaggio, na década de 1970. Fonte: Arquivo de João Batista Dallagasperina.

Os moradores reuniram-se para conversar e sentiram a necessidade de formar uma comunidade. No ano de 1937, construíram a primeira escola, que servia também para se reunirem e rezar o terço.

Os primeiros moradores foram: Davi Piroli, Bortolo Dalanho, Joao Miquelon, Antonio Savaris, Luis Guidini, Antonio Biazus, Lodovino Dalbosco, João Evangelista dos Santos, Cezar Santi, Ermínio Dalagasperina, João Brusamarelo, Nicola Detofani, João Motale, Benvenuto Girardelo, José Zam, Luis Tolardo, João Maria Nogueira, João Gajardo, Claudino Dalbosco, Luis Dalri, Sabrino dos Anjos, Vergínio do Prado, Alexandre Langaro e João Maria Perera.

O nome surgiu pela devoção dos primeiros sócios, que compraram a imagem da Nossa Senhora do Caravaggio. As principais promoções são a festa da padroeira Nossa Senhora do Caravaggio e de Santa Bárbara. A comunidade conta com trinta e cinco sócios. O ponto turístico é a imagem que foi construída no pátio da Igreja do Caravaggio. As tradições mantidas são o grupo de mulheres, que se reúnem, juntamente com as extensionistas da Emater, quando realizam palestras e cursos de culinária. As pessoas mais antigas são: Fermino dos Santos, Dejanira dos Santos, Maria Savaris, Olga Dalagasperina, Amélia Guerra, Santa e Dileta Tolardo.

Todos os anos, no mês de maio, é comemorada a festa em honra a Nossa Senhora do Caravaggio. No ano de 1999, iniciou a procissão de motos, quando os motoqueiros a adotaram como sua protetora, sendo esta realizada até os dias atuais.

- **Linha Nova**

Dos primeiros moradores da comunidade, Catarina Spanhol Favaretto e Antonio Favaretto. Foto: Arquivo de Arlindo Migon.

No dia 21 de setembro de 1943, surgiu a localidade de Linha Nova, com a chegada de Luciano Tessaro, Luis Pozzer, Corado Marcon, Guilherme Girotto, Angelo Suzin, Antonio Girotto, Antonio Favaretto e João Belé.

O nome surgiu com os primeiros moradores, que chegaram à comunidade e derrubaram matos para a abertura de lavouras e estradas, dando o nome de Linha Nova. O padroeiro é São Jorge. Todos os anos são realizados a festa do padroeiro e jogos de bocha. Há dezessete famílias e vinte e dois sócios, totalizando setenta e seis pessoas. As pessoas mais antigas são: Tercílio Chiaparini, Hanorina Conte,

Irmãos Ernesto, Alceia, Modesto, Alecio, Genesio, João e Arlindo Migon. Linha Nova em 1969: meio de trabalho da época, trilhadeira puxada por dois bois. Foto: Arquivo de Arlindo Migon.

Ernesto Suzin, Santa Suzin e João Migon. Uma das atrações da comunidade é a pinguela de cem metros que se encontra sobre o Rio do Peixe.

• São José do Coroado Alto

A comunidade São José do Coroado Alto surgiu em 1944, com a chegada dos seguintes moradores: o fundador José Três, José Dalasanta, José Espadeta, João Bertoi, Pedro Sitta, Angelo Dalposso, Luis Slongo, Crecêncio Markes, Paulino D. Jorgi, Felício Frigeri, Benedito Broka, Caetano Borsonello, Constante Favaretto, Benvenuto Rech, Batista Manto, Armindo Andreola, Izidoro Slongo, Antonio Barizon, Pedro Paulo Barizon e Augusto Bolsonello. Em seguida, chegaram novos membros.

Atualmente, quinze famílias ainda residem na comunidade, a qual conta com oito sócios. As pessoas mais velhas são: Egide Slongo, João Andreola, Alice Mezomo e Maria Andreola Barizon.

O nome da comunidade, Coroado Alto, origina-se da língua indígena. Fica situada a nove km da área indígena e a nove km da cidade de Tapejara. Também levou o nome de São José do Coroado Alto porque quem doou a imagem de São José foi José Três, que também doou uma parte do material para a construção da capela, além do terreno.

Residência da família Bolsonello, construída em 1929, de Caetano Bolsonello e Catarina Rech Bolsonello, na comunidade de Coroado Alto. Em 1959 ela foi desmanchada, dando lugar à atual casa de alvenaria de Augusto Bolsonello e Gertrudes Canali Bolsonello. Estão na foto: Maria Bolsonello Bressan, Teresa Bolsonello Sitta e Santina Bolsonello. Foto: Arquivo de Leonice Bolsonello.

Diziam os antigos que, muitos anos atrás, quando os primeiros moradores chegaram, foram-se abrindo carreiros nas matas, fazendo estradas e construindo suas casas com dificuldade, pois não existia luz nem água encanada. Também não tinham ferramentas apropriadas para o trabalho, nem igreja para que pudessem rezar.

A primeira promoção da comunidade teve duração de dois dias, com muita alegria e confraternização, com hinos religiosos cantados por homens e mulheres e outras canções de origem italiana, que eram cantadas na época. A promoção também rendeu um bom lucro: arrecadaram três contos na época; convertidos para a moeda atual, daria mais ou menos dez mil reais.

A catequese acontecia nas famílias e Egide Manto Slongo foi a primeira catequista da comunidade a ensinar a mensagem da Palavra de Deus aos catequizandos. Egide ainda reside na comunidade. Em 1971, também houve aula pelo mobral, com aproximadamente quinze alunos com muitas dificuldades. Seus professores eram Celso Mezomo e sua esposa Alice Mezomo. Iam à escola com um lampião para iluminar a sala de aula e, assim, ensinaram os alunos.

Em outubro de 1996, foram celebrados os 50 anos de matrimônio de Pedro Paulo e Italia Andreola Barizon. Em julho de 2011, aconteceu celebração e missa de confraternização de 85 anos de vida de Egide Manto Slongo. Após, iniciou-se o clube de mulheres, fundado na administração de Ines Três e Amalia Comparin. Em seguida, mudaram o nome para Clube de Mães, que durou por dois anos, extinguindo-se por falta de mulheres na comunidade.

A comunidade ficou muito tempo sem ter seu clube comunitário com igreja, escola, barracão, todos de madeira; depois disso foi construído um salão de madeira; na época era Presidente Affonso Barizon, que contou com a ajuda de seus associados e membros. Um grande e religioso acontecimento ocorreu de 26 a 29 de março de 1983, as Santas Missões, que foram pregadas na comunidade por Frei Carlos

Igreja tombada pela Prefeitura. Foto: Arquivo de Maurício Mezomo.

Colloda.

Em 1988, foi tomada a decisão de se construir um clube de alvenaria. Na época, a diretoria era formada por: Leonir Dongeski, Antonio Slongo e Dorival Cristani e seus membros associados. Mas, para isso ser realidade foi necessária a ajuda de outras pessoas, firmas e do então Prefeito Bomfilho Seben e sua administração, que não mediram esforços para que fosse erguido o clube.

Em 10 de setembro de 1990, com a visita e presença de Dom Albano Allgaier, Valdemar Barizon e Darci Slongo foram confirmados como os dois primeiros agentes da Pastoral e ministros da Eucaristia.

Em 1994, a comunidade teve a alegria de rever o Padre Domingos Treviso, ele que ficou vários anos pregando o evangelho com amor e dedicação na comunidade. De 1994 a 2015, graças a Deus, nunca nos faltou sacerdote. O padre Raimundo Damin foi o primeiro padre e fundador da comunidade. Os demais padres foram: Angelo Dagira, João Schmidt, Nilo Canal, por mais de 20 anos, Artemio Foskera, João José Mascoski, Domingos Treviso, em duas oportunidades. Atualmente, Padre Pedro Acco.

Em 2010, a igreja foi restaurada e contou com a ajuda de seus oito sócios, demais pessoas, de instituições e da Prefeitura, com o atual Prefeito, Seger Luiz Menegaz, e sua equipe, que ajudaram financeira e espiritualmente, decretando a igreja como ponto turístico de Tapejara. Dessa forma, foi enviado à arquidiocese de Passo Fundo um documento para ficar registrado como modelo antigo de igreja. Em 23 de agosto de 2011, a Prefeitura tombou o prédio da igreja, através da Lei Municipal nº 3.548/11, para tornar patrimônio histórico e cultural do Município. Atualmente, são realizadas duas festas por ano e ainda cultivam os grupos de famílias.

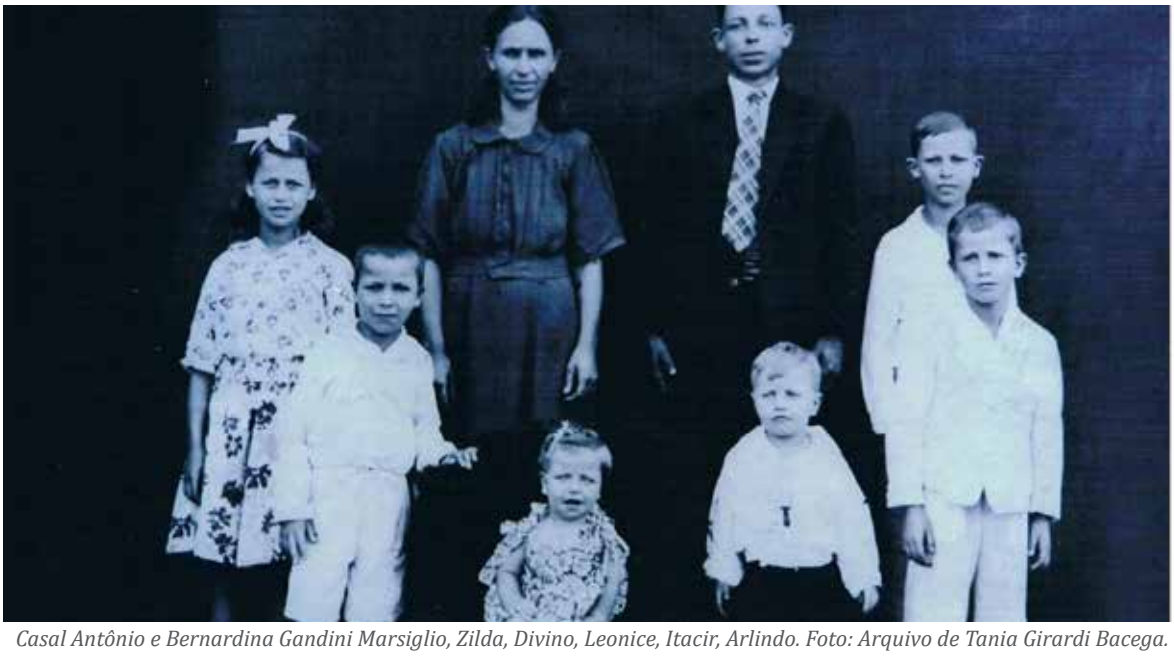
- **São Brás**

No início de 1944, reunidas as famílias de Antônio Marcilio, João Paviani, José Posser e Miguel Posser, surgiu a ideia de formar uma, pois acreditavam ser possível a construção, desde que se contasse com a doação de material e a boa vontade de todos. No decorrer do tempo, mais famílias foram surgindo para fazer parte da comunidade, entre elas: Valério e Avelino Bacega, Modesto Favareto, Angelin Lucion,

Família de Mário e Amabile Posser, Osilde, Alcides, Domingos e Lurdes. Foto: Arquivo de Tania Girardi Bacega.

Vergílio Oliboni, José da Rosa, Jerônimo Cezario Gomes, Alfredo Chaves, Aurélio Sossela Alfredo Dalmina, Pedro Calegari, Lucas Alves, Alberto Menegaz, Mansueto Tesser, Manuel Fenix, Fioravante Biazus, Jacó da Ponte, e, com a colaboração de todos, a capela foi concluída

Os sócios escolheram o nome do santo que deu origem ao nome da capela e por Antônio Marsiglio



Casal Antônio e Bernardina Gandini Marsiglio, Zilda, Divino, Leonice, Itacir, Arlindo. Foto: Arquivo de Tania Girardi Bacega.

alcançar uma graça por sofrer da garganta. Dessa forma, Antonio doou o padroeiro São Brás. As imagens: Santa Joana, foi doada por Catarina Bressan; Nossa Senhora das Graças, doada por Clementina T. Zanatta; Santo Antônio, doado por Dante Zanini e o crucifixo por João Paviani.

Casal Antônio e Bernardina Gandini Marsiglio, Zilda, Divino, Leonice, Itacir, Arlindo. Foto: Arquivo de

Tania Girardi Bacega.

No dia três de fevereiro de 1945, foi inaugurada a igreja, com missa e bênção, presidida pelo Padre Raimundo Damin. Após a bênção, teve almoço com churrasco e vinho na sombra de árvores em frente à capela, um ritual que foi repetido por vários anos.

Com os lucros das festas, foram comprados os quadros de Via Sacra, bancos, altar e, no decorrer do tempo, construíram o barracão com bodega, mesas, cancha de bochas e, mais tarde, uma pequena escola.

Em 1964, aconteceram as Missões, por uma equipe de missionários. Iniciou a catequese, com Graciema Paviani, Maria Marsiglio e Lidia Rovani; logo a seguir formaram o grupo de jovens. Em 1970, os missionários palotinos visitaram a comunidade.

Em 1975, foi construído o salão e em 1977 foram feitas duas canchas de bocha. Em 14 de setembro de 1980, foi inaugurada a nova igreja, com missa campal, celebrada pelo vigário Padre Valter Valentin Baggio.

Com a visita do Bispo Dom Urbano José Allgaier, após dois anos de curso, assumiu como ministro da Eucaristia Simão Paviani; mais tarde fizeram parte também Tobias Paviani e Itacir Rech.

Na comunidade, algumas festas são tradicionais, como a Festa do Padroeiro São Brás, no mês de fevereiro, e o Café na Colônia, realizado em setembro. Atualmente, são quarenta e seis as famílias que residem na localidade, que conta com cinquenta e quatro sócios.

A atual diretoria é a seguinte: Presidente, Ademir Luis Zanatta; Tesoureiro, Eliseu Girardi; e Secretária, Larissa Rech. As pessoas com mais idade são: Armelinda Rech, Ari Gaiardo, José Dalzotto e Olinto Baccega. São Brás é uma comunidade onde são mantidas as tradições, os grupos de famílias e a equipe de liturgia. A igreja é um ponto turístico da localidade.

Igreja da comunidade, final das Missões de 1982. Foto: Arquivo de Tania Girardi Bacega.

• São Domingos

Por volta do ano de 1935, surgiu a Comunidade de São Domingos, com pessoas vindas de Carlos Barbosa, Garibaldi, Antônio Prado e Caxias do Sul. Assim chegaram os primeiros moradores de São Domingos, de nacionalidade italiana, de carroça, numa viagem de oito a dez dias, como: João Fortunato,

Família de Giovani Luigi Perera e Helena Sassetti Perera em 1975. Da esquerda para a direita: Arcides Perera, Rosalino Perera, Giovani Luigi Perera, Helena Sassetti Perera, Olímpio Perera, Faustino Perera e Silvestre Perera.
Foto: Arquivo de Verenice Dametto.

Paulo Merotto, Olívio Dametto, Claudino Orlando, Marcelino Dalbosco, Fiorelo, Ângelo e Adolfo Damin, Severino Favretto, Ermenio Brunello, Giovani Luigi Perera. Preocuparam-se em construir suas casas, trabalhar na roça e, com suas famílias, cuidar do seu sustento.

Vieram para esse lugar procurando melhores condições de vida. Aqui havia sinais de indígenas. Derrubavam árvores para construir as casas; somente havia fogo de chão; então, eram penduradas as panelas para cozinhar a comida. Compravam rolos de tecidos e mandavam fazer as roupas; era comum aos irmãos saírem todos com o mesmo tipo de tecido; o modelo até podia ser diferente, mas o tecido era igual, pois ficava mais barato.

Para participar de uma Missa, deslocavam-se a pé nos finais de semana até a Sede Teixeira, onde aproveitavam para saber das novidades, tomar um sorvete e até se possível ficar para um matinê no Cine Tamoio, o que era costume de todas as comunidades. Mas, com o passar do tempo, sentiram a necessidade de ter um local mais próximo para as orações e celebrações; então resolveram construir um capitel. Foi então que João Rombaldi e família, moradores da Sede Teixeira, fizeram a doação da imagem de São Domingos para cumprir uma promessa que tinham feito por terem um filho doente que se chamava Domingos. No dia 15 de maio de 1949, às 11h, foi celebrada pelo Padre Raimundo Damin a primeira missa no capitel, com a introdução da imagem do Santo e a bênção a todos.

Na época, havia uma escola onde o material escolar era uma tabela de pedra para escrever; com o passar do tempo, ela veio a cair e então as aulas eram dadas dentro da igreja. Criavam animais e plantavam diversas variedades para se alimentarem. Cultivavam produtos como arroz, feijão, trigo, milho, mandioca, depois os ensacavam e comercializavam. Compravam a maioria das terras e as legalizavam em Lagoa Vermelha ou Passo Fundo. As ferramentas agrícolas utilizadas eram: arado, serrote, foice e facão. No capitel, era celebrada uma missa por ano pelo Padre Raimundo Damin, mas nos finais de semana a comunidade se reunia para rezar o terço e eram liderados por Orlando Dalbosco.

Em 1949, com a organização de vinte e três famílias sócias, foi criada a capela São Domingos, onde com o pagamento de joias e doações compraram madeiras da antiga Igreja Matriz, e juntos construíram

Missa presidida pelo Padre Raimundo Damin na comunidade de São Domingos na inauguração do capitel, com a introdução da imagem doada pela família Rombaldi. Na porta à esquerda, Dona Clementina Rombaldi, à direita, João Rombaldi e o padre Raimundo Damin está na porta. Foto: Arquivo de Corona Rombaldi.

a primeira igreja da comunidade, no mesmo modelo da Matriz, mas em tamanho menor.

Já havia um farmacêutico e um pequeno hospital no centro da cidade, no entanto, como não tinha ninguém preparado na comunidade, as pessoas ajudavam-se umas as outras com o conhecimento que possuíam.

Em 1959, foi construído um barracão para festas com churrasqueiras; a partir dessa data foram realizadas grandes festas. Havia atividades de lazer, como jogos de bocha, futebol e baralho.

A comunidade dedicava-se ao trabalho de olaria, marcenaria, carpintaria, bodega, engorda de gado e frutas. Por volta do ano de 1962, algumas famílias mudaram-se para o Paraná, Mato Grosso e Santa Catarina. Retornaram tempos depois a Tapejara, em busca de uma vida melhor.

Em 1971, a comunidade, vendo a necessidade de ter uma escola, comprou um terreno para a construção e depois, através de reinvindicação, o estado construiu a nova escola. Em 1989, a escola fechou e os alunos passaram a estudar em Escola-Polo; isso ocorre até os dias de hoje. No ano de 1973, com a ajuda do Padre Valter Baggio, sócio benemérito, é fundado o grupo de jovens "Paz e Amor".

Através da união e do trabalho dos associados, no dia 26 de junho de 1982, foi inaugurado o salão comunitário, com cancha de bochas. Nesse ano também aconteceram as Missões, com os Freis Capuchinhos, os quais fortalecem mais a fé e a organização comunitária.

No dia 30 de outubro de 1988, foi inaugurada a nova igreja, mais ampla e de alvenaria. Em 1997, a comunidade recebe a Eucaristia Permanente e no ano de 2001 tiveram fortes momentos de união, fé e entreajuda, através das Santas Missões Populares.

Hoje, na comunidade, existem trinta famílias sócias, divididas em grupos de famílias, onde cada mês um grupo é responsável pela adoração do Santíssimo, agentes de pastoral, grupo de liturgia, de jovens, de mulheres, time de futebol, agentes de saúde, zeladora de capelinha e líder sindical, e todos trabalham ligados ao Conselho Comunitário de Pastoral. Silvestre Perera é o senhor mais velho do local. Um ponto turístico é o Balneário Água Azul.

O padroeiro é São Domingos de Gusmão. Três festas são realizadas por ano: Festa Santo Expedito, a de São Domingos e o Jantar do Frango (FrangoFest). As tradições mantidas são os grupos de mulheres e os times de futebol. É uma comunidade pequena, mas que consegue manter-se viva porque os moradores são unidos e intercedem junto ao Pai através de São Domingos, comunidade que o consagrou como padroeiro.

Atual igreja. Foto: Arquivo de Verenice Dametto.

• Linha Marchiori

A Comunidade da Linha Marchiori surgiu em 1972. Os primeiros moradores foram: Nildo Cavachioli, Cezar Beé, Lupilho Bernardelli, Narciso Marchiori, Antonio Figueiredo, Caitano Sbardeloto, João Ambos, João Manuel Bernardi, Guerino Carpanil, Lucio Desilão, Humberto Perera, Antonio Panisson, Celestino Comiran, Augusto Bogoni, João Marchiori, Gregório Marchiori, Hugo Viadrigo, José Beé e Afonso Bernardelli. O padroeiro da comunidade é Santo Onofre, doado pelos devotos Anildo Cavachioli e Valentim Marchiori.

A comunidade iniciou-se com um bar, onde os homens jogavam baralho. Em 1975, foi fundado o Clube Esportivo e Recreativo Juventus, pessoa jurídica, em uma estrutura de madeira, contando com quarenta sócios fundadores. Em 1976, com a doação do terreno por Gregório Marchiori, foi fundada a Escola Municipal 31 de Março; antes da construção desta, as crianças precisavam ir a pé até a cidade para poderem assistir às aulas na Escola Municipal Giocondo Canali. A comunidade recebeu esse nome

Morador da comunidade Valentim Marchiori. Foto: Arquivo de Jecira Marchiori Andreola.

Santo Onofre, na Linha Marchiori. Foto: Arquivo da Divulgação.

Empresa Agrofly. Foto: Arquivo de Claudio Bee.

porque Gregório Marchiori fez a doação do terreno para a construção da Escola Municipal 31 de Março na comunidade, em 1975.

As principais promoções realizadas são o Almoço dos Sócios; Campeonato de Futebol Society; Jantar Baile e entrega da premiação do campeonato; Festa do Padroeiro; Bingo e Festival do Cordeiro. Vinte duas famílias residem na comunidade, que conta com 67 sócios. As pessoas mais velhas são: Iraci Marchiori, Laura Perera, Ernestina Zen Beé, Florenal Marchiori, Maria Leal e Ernesto Panisson.

O ponto turístico da comunidade é o Balneário Paraíso. A empresa Agrofly Aviação Agrícola também pertence ao local. A tradição mantida é a participação nos campeonatos de futsal entre comunidades na categoria feminino e masculino.

• Cachoeira Baixa

A Capela Sant'Ana Cachoeira Baixa surgiu em 1972. Os primeiros moradores foram: Alberto Saugo, Antonio Batista, Adelino José Dallagnol, Valério Fiabani, José Migon e Félix Lusa. O local recebeu esse nome por ser um lugar baixo e por possuir uma queda d´água, ou seja, uma pequena cachoeira; a

Família de Félix e Duzulina Lusa na década de 1980. Da esquerda para a direita: Ramir Lusa, Arlindo Lusa, Ilce Lusa, Feliz Lusa (pai), noiva Janete Dallagnol Lusa (nora), noivo Irton Lusa, Duzulina Saugo, Ivanir Lusa e Loreci Lusa Conte. Foto: Arquivo de Eniomar Antonio Migon.

Os primeiros moradores da comunidade, Paulina Gasparetto Migon e José Migon. Foto: Arquivo de Eniomar Antonio Migon.

Regina Saugo e Alberto Saugo. Foto: Arquivo de Eniomar Antonio Migon.

padroeira é a Sant'Ana.

São realizadas duas festas por ano, uma sendo a festa da padroeira. Atualmente, dezenove famílias residem na comunidade. A pessoa mais velha é a senhora Oraide Azevedo da Silva. O Rio do Peixe é o ponto turístico da localidade.

Igreja. Foto: Arquivo de Eniomar Antonio Migon.

• Linha Borille

Atualmente, cerca de treze famílias ainda residem na localidade. Existe uma associação na linha, porque possuem um poço artesiano, porém há poucos moradores; a maioria foi morar na cidade e somente retorna para cuidar de suas lavouras. As pessoas mais antigas que ainda residem aí são: Narciso Favaretto, Tereza Favaretto, Tereza Zulian e Gema Benetti.

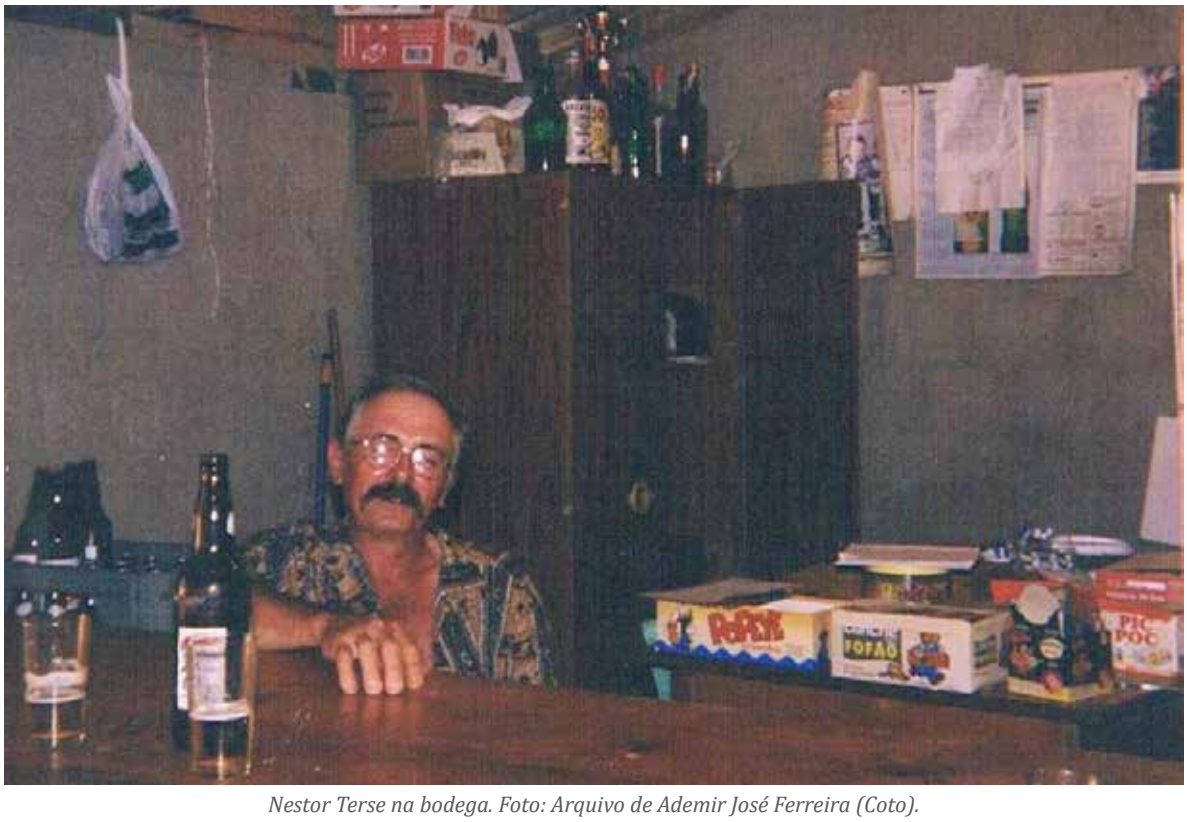
Um dos pontos turísticos da comunidade é uma queda d´água, chamada de cachoeirão. A comunidade recebeu esse nome porque na época da construção da escola foi o senhor Danilo Borille, que

Alunos da escola Francisca Julia da Silva em 1994. Alunos: Monica Borilli, Rosangela Malagutti, Claudia Favaretto, Janete Felix, Paulo Roberto de Oliveira, Marcio de Oliveira, Renata Favaretto, Ciliane Favaretto, Sedimar de Oliveria, Jocelia Martins, Mirian Benetti, Simone Conte, Simone de Oliveira, Ana Paula de Oliveira, Romário de Lima. A professora era Zenilda Salete Poggio Hansen. Foto: Arquivo de Zenilda Salete Poggio Hansen.

organizou um grupo para construírem e também porque a maioria dos moradores do local eram da família Borille.

- **Linha Scariot**

Capitel em Linha Scariot. Foto: Arquivo de Ademir José Ferreira (Coto).



Nestor Terse na bodega. Foto: Arquivo de Ademir José Ferreira (Coto).

A Linha Scariot foi fundada no dia 26 de junho de 1994. Os primeiros moradores foram: Aldo Basqueira, Nestor Tesser, Juventino Scariot, Otávio Brambati, Oralino Scariot, Evaldino Brambati, Orozimbo Bogoni, Ivanir Vicpiane, Atilio Bogoni, Martiniano Scariot, Guerino Scariot e Pedro Zulian.

A comunidade recebeu esse nome devido ao fato de a maioria dos moradores possuírem sobrenome Scariot. O primeiro presidente da capela foi Nestor Terse, uma pessoa que se dedicou à comunidade, principalmente no período de fundação.

No início, os bancos eram feitos de pinheiro cortados em pequenas torras; com o tempo, foi construído o salão da comunidade, onde até hoje é utilizado também para missas e celebrações, em uma parte separada.

A padroeira da capela é Nossa Senhora Aparecida. Na comunidade, é tradicional o Almoço Campeiro, realizado uma vez ao ano, com a ajuda da Prefeitura e da Emater. São realizadas também duas festas anuais, uma em abril, festa pequena da capela com almoço e outra no dia 12 de outubro, Dia de Nossa Senhora Aparecida. Atualmente, a comunidade conta com quatorze sócios. As pessoas mais velhas são Aldo Basqueiro e Guerino Scariot.

• Programas e projetos municipais para os produtores e agricultores

O Programa de Incentivo destinado ao Setor Agropecuário foi instituído em 1993. Tinha como finalidade: incentivar a prestação de serviços de máquinas para terraplanagem; destinada às edificações rurais para construções de pocilgas, aviários, estábulos, depósito para armazenamento de produtos; construção de açudes ou melhorias dos existentes e também a execução de práticas mecanizadas nas bacias hidrográficas, visando a conservação integrada do solo, água, flora e fauna. Mais tarde, foram incluídos instrumentos de drenagem e construção de reservatórios de água para irrigação. Em 1997 foram excluídos o incentivo de construção ou melhorias nos açudes e práticas mecanizadas nas bacias hidrográficas e, em 2003, foi incluído o incentivo de financiamento a fruticultura. Os destinatários eram os pequenos e médios produtores rurais, que tinham na exploração da unidade produtiva rural, sua principal atividade econômica e meio de subsistência.

No final de maio de 1996, foi criado o Conselho Municipal de Desenvolvimento Agropecuário e o Fundo Agropecuário. Vinculado a Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, o Conselho trata das questões relativas à política de desenvolvimento da agropecuária. Sua competência é promover, incentivar, orientar, fiscalizar as atividades agropecuárias, opinar sobre a concessão de auxílios a serem concedidos pelo Poder Público que visam o incentivo de produção e consumo. Foi constituído por membros nomeados pelo prefeito, produtores agrícolas, comerciantes, um representante do executivo municipal e representantes das entidades afins.

O Fundo de Desenvolvimento Agropecuário é destinado ao financiamento de programas especiais de apoio às atividades agropecuárias, de projetos de infraestrutura na área rural e a preservação de recursos naturais; pequenos estabelecimentos rurais, objetivando a elevação de seus índices de produção e produtividade e melhorias de condições de vida dos trabalhadores rurais. A natureza dos instrumentos utilizados era o financiamento para construção de benfeitorias rurais, máquinas e equipamentos, armazéns comunitários e individuais e implantação de agroindústrias. Os recursos eram oriundos do orçamento, captados através de convênios, com os governos estadual e federal e provenientes dos empréstimos concedidos.

Outro tipo de Programa, implantado tratou do Apoio e Incentivo às atividades Industriais e Agroindustriais com suporte do Fundo Rotativo de desenvolvimento Industrial e Agroindustrial. A finalidade

do Programa foi incentivar através da concessão de financiamento a aquisição de máquinas, equipamentos e materiais de construção. Os destinatários são os micros e médios empresários industriais e pequenos e médios produtores rurais que teriam na exploração da unidade produtiva rural uma principal atividade econômica e meio de subsistência; residam no estabelecimento ou em comunidade rural; participam com seus familiares ou dependentes da realização da atividade produtiva.

Os requisitos para usufruírem do financiamento eram: elaboração de projeto, contendo objetivos a serem alcançados; viabilidade econômica, produção inicial estimada; absorção de mão-de-obra e sua projeção futura; termo de compromisso com o executivo municipal de prestar contas de aplicação de 100% do investimento proposto com liberação financeira; o orçamento contendo o valor dos bens a serem adquiridos; anteprojeto técnico, documento comprobatório de constituição legal da empresa.

Concomitantemente, a criação do Programa, também foi criado o Fundo Rotativo de Desenvolvimento Industrial e Agroindustrial. Objetivava proporcionar o suporte financeiro para custear os programas de incentivo às atividades industriais e agroindustriais. Um dos resultados dessa parceria do Poder Público com a Iniciativa Privada propiciou a criação da Bacia Leiteira no município de Tapejara. Foi a partir de meados de 1985, que foi instalado o posto de resfriamento da Lacesa e, posteriormente, com as instalações dos Laticínios Aurora e Bom Gosto, houve um grande crescimento na produção de leite do município, que alcançou em meados de maio de 1994 aproximadamente 13 milhões de litros/ano.

A atividade representa para muitas propriedades a principal fonte de renda, o que tem contribuído para que muitos pequenos produtores possam permanecer no meio rural. Foi decisivo para este crescimento os incentivos que as administrações municipais do período concederam as empresas para se instalarem em Tapejara.

O dispositivo do ambiente regulatório prevê do total de horas trabalhadas na proporção do percentual subsidiado, ocorrendo modificações do indicador nos anos 1995 e 1997. A natureza do instrumento, utilizado, de terraplanagem, foi estendido nas construções rurais para os condomínios rurais ou associações devidamente legalizadas, sendo concedido 80% independente de horas trabalhadas; o beneficiário terá o prazo de dois anos a contar da data de realização do trabalho para efetuar a edificação, caso contrário deverá restituir o município 100% dos subsídios recebidos.

Porém, em 2003, a natureza dos instrumentos utilizados e os dispositivos que constituem o ambiente regulatório; o programa foi modificado com fundamento em Lei nº 2601 de 30 de maio de 2003, prevê a autorização ao poder executivo implantar Programas de Incentivo das Atividades Agropecuárias, na natureza dos instrumentos utilizados na forma de financiamento ou subsídio parcial ou integral de itens específicos dos Programas de Apoio, através de decreto e podendo ser realizado em parceria com a União, Estado, comunidades particulares, beneficiários, instituições financeiras e de apoio à agricultura.

De 1997 a 2004 a Política de Desenvolvimento implementada mediante incentivos foram os existentes, embora foram criados novos programas para dar conta da demanda e ter a possibilidade de estender a outros setores e segmentos.

Em 1999 foi constituído o ambiente regulatório, dispositivos que orientavam e regulamentavam a instalação e funcionamento de usinas para pasteurização de leite.

O Programa de Apoio às Atividades Agropecuárias era também ativado e suportado pelo Fundo Rotativo com financiamento para aquisição de equipamentos para as Associações de Produtores Rurais.

O Programa de Apoio às Atividades Agropecuárias, embora, modificado e dinamizado na natureza dos instrumentos utilizados de financiamento, novas máquinas beneficiando para reforma de quiosque e escavação de açudes; direito real de uso de máquinas, equipamentos e financiamentos entre 2001 a

2004, a diversas Associações de Agricultores.

De 2005 a 2008 os incentivos eram voltados para o auxilio às Associações de Agricultores para manutenção das máquinas e equipamentos cedidos pelo município em forma de concessão de direito real de uso.

Entre as máquinas estavam uma roçadeira TD 180 com kit, correntes de tração e um padronizador de sementes com conjunto de peneiras para todos os tipos de cereais e motor elétrico de 1 cv, um pasteurizador de leite para a ampliação de áreas, pulverizador agrícola de barra movido por motor de combustão com tração animal, torque, capacidade de 200 litros, barra com 12 bicos dobrável, com pneu aro treze, dosadores de cloros, entre outras. As máquinas eram divididas entre as comunidades rurais.

Em abril de 2005, foi instituído o Programa de Auxilio aos Agricultores produtores de leite, que consistia no fornecimento de ureia que objetivava melhorar a qualidade da pastagem e, consequente, o aumento da produtividade de leite. Também na metade de novembro foi instituído o Programa Municipal de Auxílio para o plantio de pequenas propriedades familiares com até dez hectares de área agricultável e mecanizável. O auxílio era no valor de R$ 50,00 ao hectare.

O programa de auxílio aos agricultores produtores de leite no final de março de 2006 foi fortalecido com a chegada do Programa Mais Leite, além do fornecimento de ureia, aveia preta e ervilhaca. Foi estabelecida a quantidade de animais proporcionais, a sacos de ureia. O objetivo do Programa, também, visava melhorar a qualidade de pastagens e consequentemente o aumento de produtividade do leite.

Outro programa foi criado no final de junho de Incentivo para o Setor Rural. Foram estabelecidos os instrumentos e ambiente regulatório nas áreas de saneamento, subsistência familiar, instalação de reservatórios de abastecimento. A finalidade do Programa era incentivar, através da concessão de auxílios as famílias residentes na área agrícola, que careciam de uma política de saneamento, incentivava a criação de pequenos animais e produção de hortigranjeiros e abastecimento de pulverizadores, visando melhorar a renda e a qualidade de vida, evitando que o abastecimento de pulverizadores fosse realizado em rios e arroios, do município, sem riscos ao meio ambiente e ao ser humano.

Os auxílios direcionados á área do saneamento, a liberação, seriam até R$ 700,00, a execução de fossa filtro, caixa de gordura e serviço de máquina. O beneficiário em contrapartida fica encarregado de mão de obra e de aquisição com recursos próprios os demais materiais necessários para a instalação. Quando os auxílios solicitados forem para a produção de alimentos de subsistência, a liberação será de até R$ 600,00 ficando restrita a criação de pequenos animais e produção de hortigranjeiros. As solicitações que visavam á instalação de pontos de abastecimento, eram de até R$ 800,00 e ficavam restritas a aquisição de reservatórios com instalação de canos com entrada e saída de água e maquinas para a realização de serviço quando necessário.

Nesta época também foi instituído o Programa de Auxilio para o Plantio em pequena propriedade familiar, localizada na área do Município, com até 20 hectares de área agricultável e mecanizada. Ficou estabelecido o auxilio de cinquenta por cento para agricultores cadastrados e selecionados pelo Condagro que possuem 11 a 20 ha de área agricultável e mecanizada. Não pode ser proprietário nem sócio de equipamentos para plantio de soja e milho.

Além disso, o Programa de Apoio as Atividades Agropecuárias foi normatizado os Procedimentos dos instrumentos e ambiente regulatório. Logo em seguida foram alterados alguns dispositivos do parágrafo 1° e art 9° conforme a (Lei n° 2946/06). Assim foram estabelecidos os procedimentos para a concessão de incentivos para o Setor Agropecuário que passava a vigir:

a) Terraplanagem que se destinarão as edificações rurais, visando o desenvolvimento de atividades

do Setor Agropecuário como: construção de pocilgas, aviários, estábulos, sirgárias, depósitos para armazenamento de produtos, construção e reformas de açudes, habitação rural.

b) Execução de práticas mecânicas, nas microbacias hidrográficas, visando a conservação integrada do solo, água, fauna e flora.

Desde 2009, diversos programas e projetos tiveram continuidade e outros foram criados a fim de incentivar a agricultura de Tapejara. Um deles, é o Programa Adequação Ecológica de Lavouras, voltado para a ampliação da área produtiva de cada produtor rural. A iniciativa da Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente, concede incentivo financeiro para pagamento de máquinas que realizaram trabalhos nas propriedades, permitindo o incremento da produção das famílias rurais. No dia 11 de setembro de 2015 foi realizada a primeira etapa do ano, sendo beneficiados 245 agricultores, com um investimento de recursos exclusivos do município, de mais de R$ 98 mil. Desde que o programa foi criado, em 2010,

Entrega dos cheques do Programa Adequação Ecológica de Lavouras na sede da Assertape no dia 11 de setembro de 2015. Foto: Suelen Defaveri.

mais de 1400 agricultores foram beneficiados, com a aplicação de quase R$ 500 mil.

Outro programa que beneficia as famílias para que permaneçam em suas propriedades é o Semear. Desde 2009, até o momento, 1042 agricultores foram beneficiados com a aplicação de mais de R$ 300 mil do Poder Público.

Os produtores rurais também podem participar do Programa Mais Leite que está em andamento desde 2013 no município. Já foram entregues 1300 sacas de adubo químico para formação de pastagem para 179 produtores, com 2321 animais em plena produção.

O Poder Público Municipal está investindo recursos na produção de hortifrutigranjeiros. Entre as famílias contempladas estão às de Ademir Zulian e Lurdes Sebben de Vila Campos, na produção de

morangos, tomates, melancias, morangas, temperos verdes, melões, peras, pepinos, pimentões e amoras. O incentivo acontece através da Lei Municipal nº 2.941/06 onde o Poder Público auxilia os produtores com R$600,00 mediante a apresentação de nota fiscal de material e equipamentos para o cultivo destes produtos. Até o momento, cerca de dez famílias foram contempladas com o auxílio.

Ainda existem vários outros projetos que vem ao encontro da produção rural e também na área urbana, da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, tais como: auxilio de fossa e filtro para sistema de saneamento básico, fruticultura, programa plantação de eucalipto e erva-mate, internet no interior, incentivo para reflorestamento de árvores nativas, principalmente em áreas de preservação permanente (APP's), programa de combate ao mosquito borrachudo com distribuição de BTI, entre outros.

Referências

BOSA, Jairo. *Informativo sindical: um jornal a serviço do novo sindicalismo rural gaúcho.* Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1994.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. São Paulo: Saraiva, 1991. (Série Legislação Brasileira)

BRUM, Argemiro Jacob. *Modernização da agricultura: trigo e soja*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988, apud BOSA, Jairo. *Informativo sindical: um jornal a serviço do novo sindicalismo rural gaúcho.* Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1994, p. 9-10.

CONFERÊNCIA DE VITÓRIA. *Terra, meio ambiente, direitos humanos*. São Paulo, 1993. 33 p., apud BOSA, Jairo. *Informativo sindical: um jornal a serviço do novo sindicalismo rural gaúcho*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1994, p.11.

IBGE. *Produção da Pecuária Municipal*: 1973. Disponível em: <>. Acesso em: 5 fev. 2015.

-----. *Séries históricas e estatísticas: temas e subtemas – Lavoura permanente, valor da produção.* Disponível em:<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series. aspx?no=1&op=0&vcodigo=PA10&t=lavoura-permanente-valor-producao>.Acesso em: 1 jun. 2015.

NEUMANN. Denise. Não é negócio vir para a cidade. *Informativo Sindical*, Porto Alegre, n.19, p.6-7, jan./fev. 1987, apud BOSA, Jairo. *Informativo sindical: um jornal a serviço do novo sindicalismo rural gaúcho*. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1994, p.14.

RIO GRANDE DO SUL. *Constituição do Estado do Rio Grande do Sul*. 1989. Disponível em: < http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/70451>. Acesso em: 1 jun. 2015.

SPANHOL, Itamar Antonio. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara: 50 anos – Histórias e Conquistas, 1962–2012. *Revista Comunicação*, Tapejara, setembro 2012. Publicação Especial.

TAPEJARA. Câmara Municipal. *Lei Orgânica Municipal de Tapejara*. Tapejara, 1989.

Capítulo 6

Perímetro Urbano

ANTECEDENTES DO TRAÇADO VIÁRIO

- **Regime constitucional urbanístico**

A criação do Município de Tapejara, em 9 de agosto de 1955, e a instalação, em 1º de janeiro de 1956, deram-se sob a proteção da Constituição de 1946, que criou o Município Brasileiro como entidade estatal de terceiro grau (o primeiro é a União e o segundo, o Estado), integrante do sistema federativo e necessário a ele, pela incapacidade de auto-organização, de elaboração de Leis Orgânicas próprias, bem como pela redução das competências impostas, especialmente por vias de Leis Orgânicas estabelecidas pelos Estados. O regime constitucional reconhecia a autonomia municipal em sentido remissivo, ou seja, a Constituição remetia aos Estados o poder de criar e organizar seus municípios, exigindo que lhes assegurassem a autonomia, mas apenas quanto à capacidade de: administração própria, para organizar, manter e prestar os serviços de interesse local; capacidade de autolegislação, mediante a competência de legislar sobre áreas que lhes são reservadas; e condição de autogoverno, pela eletividade do Prefeito e dos Vereadores.

A política de desenvolvimento é organizada para manter e prestar os serviços de interesse local, mediante a competência de legislar sobre áreas que lhes são reservadas, tais como a ordenação do uso e ocupação do solo. A ordenação do solo consiste na divisão urbanística da terra do Município, que implica uma série de medidas, voluntárias ou impostas por lei, destinadas à consecução de determinados objetivos urbanísticos, por meio dos quais se modificam ou se alteram certas relações dominais (domínio) sobre os terrenos ou se configuram, de modo diverso, as propriedades imóveis, do ponto de vista econômico ou jurídico, para os efeitos de sua edificação.

Tem, entre outros objetivos, os de: assegurar a reserva de espaços necessários, em localização adequada, destinados ao desenvolvimento das atividades urbanas (circular, habitar, recrear, trabalhar); assegurar a concentração equilibrada de atividades e pessoas no território do Município, mediante controle do uso e aproveitamento do solo; estimular e orientar o desenvolvimento urbano. Suas instituições fundamentais: o parcelamento do solo (arruamento, loteamentos), zoneamento do uso do solo e sua ocupação.

O instrumento mediante o qual se realiza essa instituição é o Plano Urbanístico, que trata de matéria de competência do princípio de prover a tudo que concerne ao seu particular interesse, cabendo-lhe, privativamente, entre outros: planejar o seu desenvolvimento, baixar normas de edificação, loteamento, arruamento e zoneamento urbano e estabelecer limitações urbanísticas.

Conforme a linha urbanística da época, os instrumentos utilizados foram as estruturas espacialmente projetadas para abrigar funções específicas no caso de morar e "prolongamento da morada"; transformação da matéria-prima (instalações de fábricas); administração pública (Prefeitura, Unidade de Saúde,

Escola, Exatoria, Cartórios, Fórum e Hospital) e privada (comércio e indústria), atividades esportivas (campos de futebol, ginásio de esporte) e de lazer (praças, piscinas, balneários), cada qual com estrutura espacial própria, em lugar exclusivo, na cidade, colocado em forma e em ordem, em estado de plena eficácia, interligados entre si pelo novo elemento de circulação, substituindo a rua, caminho de pedestres e pista de automóveis.

As primeiras ruas da cidade eram caminhos de chão batido, estradas sem pavimentos, situadas entre estruturas dispersas, seguindo o traçado inicial da demarcação da Colônia do Rio do Peixe. Posteriormente, por volta de 1915, as primeiras ruas fizeram parte do traçado elaborado pelo agrimensor João Falkembach. Mais tarde, por volta de 1917 a 1920, foi elaborado um plano de loteamento por Manoel Amâncio Teixeira e Julião Luiz de Farias de Almeida. Dessa forma, surgiu o primeiro núcleo de aglomeração onde se encontra a atual área central da cidade.

Conforme a arquiteta e urbanista Vanize Regina Roman, esse plano caracterizou-se por uma malha reticulada ortogonal, apresentando um traçado geométrico regular, com ruas retas e perpendiculares, que formavam entre si ângulos de 90o, proporcionando assim um melhor arranjo espacial. As quadras apresentam medidas de 100m e as ruas, em sua maioria, 20m, com orientação nordeste-noroeste, oferecendo incidência solar nos quatro lados do terreno. No entorno imediato desse centro urbano, existem chácaras com orientação leste-oeste, influenciada pelas estradas de acesso ao núcleo urbano. Por consequência disso, nos dias de hoje, a cidade apresenta lotes com divisas inclinadas em relação às ruas, visto que a ampliação da malha urbana ocorreu através do prolongamento das vias existentes.

Rua do Comércio na década de 1930.
Foto: Arquivo de Elizete Zanatta.

Rua do Comércio em 1938, em frente à atual Praça Silvio Ughini.
Foto: Arquivo de Elizete Zanatta.

Para orientação do uso e ocupação do solo, era utilizado o mecanismo de zoneamento, dividindo o território do Município em zona urbana e zona rural. Dessa forma, foram demarcados os Distritos de Água Santa, Charrua e o da Sede Teixeira. O Distrito da Sede, situado ao norte, começa na confluência do Rio Tapejara com o Arroio Abaticuru, subindo por este até a sua nascente, descendo o Arroio Rocha até a confluência com o Arroio Tapejara. A oeste começa com a confluência do Arroio Rocha, com o Rio Tapejara, seguindo por este até a confluência com o Arroio Abaticuru.

Vila Tapejara na década de 1950.
Foto: Arquivo de Mario José Felini.

Naquela época, não havia nenhuma necessidade de aprimorar seu sistema de circulação (ruas e quadras organizadas), pois a circulação de carro-

ças de tração animal constituía-se de volume reduzido. Porém, com a evolução da Sede Teixeira para Vila Tapejara, tão logo adquirindo sua emancipação, foram instaladas, no dia 1º de janeiro de 1956, as primeiras intervenções urbanísticas, que visaram a assegurar os espaços necessários destinados à circulação na cidade, realizados pelo Poder Público Municipal, que na época tinha como Prefeito Tranquilo Basso. A partir disso, ocorreram as aberturas de ruas, os prolongamentos e as denominações.

• Espaços para circulação

Tráfico intenso na Rua 15 de Novembro, nas proximidades do armazém da firma Ughini e Bertoldo & Cia. Ltda., na então Vila Teixeira, na década de 1940. Foto: Arquivo de Mario José Felini.

As intervenções urbanísticas que visaram a assegurar os espaços necessários destinados à circulação foram realizadas em loteamentos existentes, entre os quais: Rua Valdo Nunes Vieira e Rua Valeriano Ughini, pertencentes ao loteamento de Alberto Menegaz; Rua Osvaldo Cruz e Travessa D. Pedro II, pertencentes ao loteamento de Aquilino Cavichioli; Rua São Paulo, Rua José Bonifácio e Rua 21 de Abril, pertencentes ao loteamento do Frigorífico São Paulo; e Rua Silveira Martins e Rua Assis Brasil, pertencentes ao loteamento de Miguel Jacobs.

Além disso, foi realizado o prolongamento das ruas das residências de Ângelo Menegaz até a Rua Padre Anchieta e de Ângelo Pelissoni até a Rua Santo Canali. Ainda, foi realizado o prolongamento no final da Rua Júlio de Castilhos até atingir a estrada estadual Tapejara-Passo Fundo.

Para que isso ocorresse, foram desapropriadas partes de terrenos de Ernesto Ritter e outra de João Costa. Também foram denominadas, na época, de Rua Padre Nóbrega e Rua Carlos Gomes (novas vias abertas no terreno da família de João Costa), as quais correm paralelas às Ruas Sete de Setembro e Padre Anchieta.

Em meados de 1956, o Poder Público adquiriu uma área rural de 25.000m^2, de propriedade de Ricardo Sirtoli, localizada próximo à área urbana, para garantir a expansão urbana, a abertura de vias públicas e loteamentos. Em 1959, essa área foi declarada de utilidade pública para fins de desapropriação, já que no futuro iria tornar-se necessária para facilitar o trânsito de veículos na cidade. O alargamento foi de

cinco metros da Rua Sete de Setembro, considerando somente o lado direito de quem segue a referida rua, no sentido da estrada estadual de quem vai para o Distrito de Ibiaçá.

Desde então exigiu-se dos proprietários de terrenos ou edifícios, localizados no perímetro urbano da cidade, a construção de meio-fio e as calçadas dos logradouros públicos, de acordo com as bases padronizadas pela municipalidade. As rampas destinadas à entrada de veículos somente puderam ingressar com o meio-fio.

Antiga fábrica de tubos da Prefeitura Municipal de Tapejara, que servia para a captação da água das ruas do perímetro urbano e também do esgoto cloacal, em 1959, situada nas proximidades da casa do então Chefe de Obras, Giácomo Marin, na Rua do Comércio. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

As águas pluviais que vinham do interior das casas, terrenos ou calhas foram canalizadas por baixo dos passeios, por meio de manilhas de barro ou cano de ferro com capacidade suficiente para realizar o perfeito escoamento das águas. Para manutenção e conservação do perímetro urbano, foram instituídos os Serviços Urbanos Municipais, que incidiam sobre os proprietários e requeriam a recomposição do calçamento e do passeio das ruas.

• Plano e plantas de loteamentos

Em 1957, o crescimento da cidade e o alargamento do perímetro urbano começava a dificultar as intervenções urbanas; para tanto, foi criada a Lei nº 83, em 13 de setembro de 1957, que trata da elaboração do plano e das plantas de loteamentos, a fim de coibir a criação de loteamentos irregulares, que viriam a ocasionar o desordenamento da cidade.

Entre as exigências à aprovação do plano de loteamento era obrigatória a apresentação de memorial descritivo (projeto), com detalhes da propriedade a ser loteada, área e limites. O plano de loteamento deveria estar de acordo com o Programa de Crescimento Urbano ou organização de zoneamento (estabelecimento de zonas: residencial, comercial e industrial); o sistema de saneamento e escoamento de águas pluviais e esgoto; bem como rede elétrica e telefonia quando fosse o caso; a soma de plantas

planialtimétricas do terreno, da planta de sinalização e da planta geral. Definiu-se ainda que 10% da área loteada seria reservada para praças, parques e jardins, 10% para ruas e 5% à construção de edifícios públicos.

Para que fosse possível a aprovação de novos loteamentos e posterior venda de terrenos, era necessária a aceitação das autoridades (Poder Público, autoridades militares e autoridades sanitárias), caso alguma dessas autoridades não aceitasse, o loteamento não seria construído. Informações ligadas à defesa nacional e autoridades sanitárias eram coletadas, para provar que o local atendia às exigências mínimas de higiene e saúde pública à futura população do local.

• Instalações culturais e sociais públicas

As principais instalações culturais e sociais públicas existentes dentro da área territorial do Município, edificadas em áreas por ele autorizadas, que mais se evidenciam, de 1957 a 1960, no solo urbano foram: instalações esportivas, instalações da Capatazia do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER) e as instalações do Grupo Escolar Estadual Presidente Getúlio Vargas.

As primeiras instalações esportivas semipúblicas existentes dentro da área territorial da cidade, assentadas em áreas doadas pelo Município, o que foi evidenciado a partir de 1956 e se estendeu a meados de 1961, foram: para o Sport Clube Atlético, área de 14.300m^2, que já vinha sendo utilizada como praça esportiva, localizada nas proximidades do novo cemitério municipal; ainda, para o Grêmio Futebol Tapejarense foi cedido e em seguida doada área de 15.000m^2, adquirida de Guerino Sandrini, localizada ao nordeste de terras dos herdeiros de Albino Spader e a oeste do Arroio Felizardo; ademais, em meados de 1960, foi efetuada doação de área de 15.400m^2 quadrados para o São Paulo Futebol Clube. A área localizada nas proximidades do loteamento do Frigorífico São Paulo S/A, ao sul com terras dos herdeiros Antonio Cadore e ao nascente com terras de Waldomiro Sebben, adquirida de Vergilino Eron Borges.

Em meados de agosto de 1957, o Poder Público adquiriu por escritura pública da Mitra Diocesana de Passo Fundo, pelo preço de Cr$ 100.0000 (cem mil cruzeiros), uma área de 6.000m^2 destinada à instalação de residência do DAER, localizada confrontando no noroeste com o prolongamento da Rua Sete de Setembro; ao sudeste com terras da Mitra; ao nordeste com terras de Valentim Dametto; a sudoeste com continuação da Rua Amâncio Cardoso. Por volta de maio de 1958, foi permitida a ocupação do terreno urbano para implantação da Capatazia pelo tempo que foi necessário fazer uso dele.

Em maio de 1960, o Poder Público permutou dois terrenos triangulares de propriedade do Município, conforme registro de imóveis nº 62, na Rua Luiz Costa, com uma área de 220,50m^2, confrontando pela frente com a Rua Luiz Costa, à esquerda com terreno do Município e à direita e fundos com terreno de Amancilio Pelizzoni; e outro na Rua Pe. Anchieta, com área de 288m^2, confrontando pela frente com a Rua Pe. Anchieta, à esquerda com terreno de Amancilio Pelizzoni, conforme registro geral de imóveis nº 42233, situado na quadra onde foi construído um Grupo Escolar Estadual, com uma área de 702m^2, confrontando à direita e à esquerda com terreno de Amancilio Pelizzoni e à frente com terreno do Município. O terreno que passou a pertencer ao patrimônio do Município foi doado ao Estado para construção do Grupo Escolar Presidente Getúlio Vargas, atual escola Valeriano Ughini.

PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO URBANO E CÓDIGO DE OBRAS

• Origem do Plano Diretor de Tapejara

A origem do primeiro Plano Diretor de Tapejara remonta os antecedentes, premissas e principalmente influências do Urbanismo Modernista, de 1914-1918, na França. O Urbanismo Modernista tem como expoente o francês Charles Édouard Jeanneret (1887-1965), chamado de Le Corbusier, que assentou os fundamentos da política urbana, embasada em diversas premissas.

A explicação de ordem em Le Corbusier vem do seu entendimento de natureza, ao conceber o ângulo reto, conforme citação abaixo:

> *Instrumento necessário e suficiente para agir, pois serve para fixar o espaço com um rigor perfeito..., como encontro de linha vertical "produzida" pela lei da gravidade com a linha do horizonte, dizia que o que animava a natureza, visualmente acidentada, recortada e confusa, é um espírito de ordem,.... aprendemos saber... O trabalho humano é regrado pelo que sabemos e rejeitamos, pois o aspecto das coisas para nos prender ao que as coisas são (LE CORBUSIER, 1992, p. 19).*

Para Le Corbusier, esse espírito de ordem (como a lei da gravidade e a linha do horizonte) é que iria permitir ao homem criar e produzir um ambiente para a sua segurança, uma zona de proteção que esteja de acordo com o que ele é e com o que pensa. Contrastando com essa natureza caótica, dizia que quanto mais o homem se liberta da natureza, mais tende para a geometria; é então o que o homem fez e que chamou de ordem: quanto mais elevada a criação, mais pura a ordem, e isso é obra da arte (LE CORBUSIER, 1992, p. 19-21).

Essa ordem, expressão da vontade do homem, imposta à natureza seria alcançada pela arquitetura. Pois ela, segundo a Carta de Atenas, que preside os destinos da cidade, ordena a estrutura da residência, agrupa-as em unidades habitacionais, reserva espaços livres, distribui locais de trabalho e de diversão, determina a rede de circulação e é responsável pelo bem-estar e pela beleza da cidade (LE CORBUSIER, 1957, apud NYGAARD, 2005, p. 92).

A Carta de Atenas foi possivelmente o documento mais importante do Urbanismo Modernista; pretendeu ser uma resposta ao estado "caótico" das cidades. Ela contém as conclusões do 4º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (4º CIAM), realizado em Atenas, no ano de 1934. Foi elaborada em 1941 pelo grupo CIAM-França, tendo como principal redator Le Corbusier.

Cada coisa em seu lugar, com o objetivo de impor à "desordem" geradora do caos uma nova ordem, uma ordem cientifica, racional, deduzida da geometria, da linha reta, do ângulo reto. Le Corbusier dizia que "..... no fato urbano tudo é confusão, tudo se contradiz, nada está classificado. Se classificarmos, se pusermos em ordem, saborearemos as alegrias serenas da liberdade" (LE CORBUSIER, 1992, p. 210).

Deduzindo que o caos da cidade decorre de células diferentes, produzidas uma a uma e agrupadas livremente, reclamou a necessidade de padrões, de medidas de referência para a ordenação coletiva e

dizia que "...é necessário passar da cidade anacrônica de um imóvel isolado para a construção de ruas inteiras, de bairros inteiros" (LE CORBUSIER, 1992, p. 68-69).

As influências do Urbanismo Modernista, 1914-1918, difundidas por Le Corbusier, que classificou as funções urbanas em habitar, trabalhar, cultivar o corpo e espírito e circular, as justapôs no espaço e buscou para cada uma sua individualidade arquitetônica.

Le Corbusier entendia o exame da cidade como um trabalho científico, através do qual seria possível aprender a sua linha de evolução e o sentido de curva de desenvolvimento, permitindo com isso estabelecer previsões, mas condicionava a previsão à existência de um comando único para a cidade e à ordenação das células (unidades individuais) e registra isso na Carta de Atenas, nos seus parágrafos 84, 85 e 86.

A Carta de Atenas também indica aos Municípios que, em regime de urgência e conveniência, se estabeleça seu Plano Diretor, para evitar improvisações, e que este seja elaborado por especialistas que tenham capacidade de elaborar leis que permitam sua execução, dotando cada função-chave dos meios para mais bem expressar e se instalar nos terrenos mais favoráveis e às distâncias mais convincentes (LE CORBUSIER, 1957, apud NYGAARD, 2005).

Ainda reiterada no Primeiro Congresso Nacional de Municípios Brasileiros, realizado em 1948, na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, considera que o Plano Diretor se constitui como elemento de planejamento, modernização e aperfeiçoamento da administração local, e, através de sua elaboração, torna-se possível aos Municípios promover melhor utilização dos recursos humanos, naturais e institucionais da comunidade (CARTA..., 1948, apud MEIRELLES, 1957, p. 8). Os arquitetos racionalistas tinham plena consciência de que suas propostas eram incompatíveis com o controle privado do solo urbano e reclamavam, reiteradamente, seu controle pelo Poder Público, o que já vinha fazendo desde a Declaração de Serraz, no Primeiro Congresso do CIAM, em 1928 (BENÉVOLO et al., 1978, apud NYGAARD, 2005, p.78).

> *Diziam já naquela ocasião: nos primórdios o urbanismo era considerado somente meio de embelezar a cidade ao conjunto de recursos técnicos destinados a proporcionar as melhores condições de vida. O trinômio francês: sanear, ordenar, alindar foi superado pela concepção inglesa de desenvolvimento unificado dos recursos de uma Nação, Estado, Região, Município, visando a estabelecer a unidade fundamental entre a natureza e o homem.*

Antigamente, o urbanismo só se interessava pela estética urbana (embelezamento), colocando em segundo plano a funcionalidade da cidade, e sua missão propiciadora de bem-estar social. Na modernidade, antes da promulgação da Constituição de 1988 do Brasil, por um longo tempo, desde meados da década de 50, o urbanismo foi substituindo o estético pelo útil, deixando de visar unicamente à parte arquitetônica da cidade, para cuidar da sua estrutura e de seu funcionamento. O urbanismo objetivava a realização do maior bem para o maior número.

A finalidade do urbanismo é ligada ao bem-estar coletivo, ou seja, a humanização da cidade trata-se do "urbanismo para o homem", isto é, a procura das melhores condições de existência para o "ser urba-

no", tendo em mente a sua destinação de ambiente humano (BARDET, 1948, apud MEIRELLES, 1957, p. 2).

O urbanismo, na metade da década de 1950, tinha como finalidade a ordenação espacial e a racional orientação do desenvolvimento das comunidades urbanas, em sentido integral. Entretanto, a ação do Poder Público foi considerada primordial para alicerçar o planejamento e o Plano Diretor, que, embora expressem ideias afins, não possuem o mesmo significado técnico, nem devem ser confundidos na prática da administração pública. Planejamento é toda a ordenação de realizações para execução futura, podendo referir-se tanto às realizações administrativas quanto às materiais ou urbanísticas, normalmente é aliada a métodos, cálculos e previsão à consecução de qualquer empreendimento racional. Entretanto, Plano Diretor é o conjunto sistemático de previsões e programas de realizações materiais e sociais para o desenvolvimento integral de uma comunidade ou região.

Toda a realização do Poder Público deve ser, previamente, planejada, para que os objetivos almejados sejam atingidos com o mínimo de dispêndio e o máximo de eficiência. O principal planejamento administrativo é o planejamento urbanístico, ou seja, o Plano Diretor do Município que comporta várias fases de elaboração: iniciando-se pela equação dos problemas a solucionar e a fixação dos objetivos a atingir; passando pela fase da coleta de dados; interpretação dos dados, estruturação do plano; programação das etapas de execução; aprovação do plano e programa e, finalmente, a execução.

O Plano Diretor do Município deve expressar, através de normas, plantas, projetos e regulamentação legal que o acompanhe, as aspirações da coletividade, no que toca ao desenvolvimento da área planejada a fim de proporcionar o maior bem ao maior número. Eis o programa integral e perene que condiz com o desenvolvimento do Município, no que concerne com o crescimento da cidade e o melhoramento de suas condições de vida, visando a conduzir a cidade e sua área de influência aos índices racionais de progresso que seus habitantes almejam.

Na década de 1950, até antes da Constituição de 1988, o Plano Diretor considera, em primeiro lugar, os objetivos do Município, depois a utilização da terra e a distribuição da população e, finalmente, tendo estes em vista, os planos para melhoramentos da cidade, abrangendo ruas, serviços público, semipúblicos, áreas de lazer, escolas, edifícios públicos, trânsito, transporte, esquema para o entorno, construção de moradias, instalações industriais, agroindustriais, comerciais e prestação de serviços.

As cidades são construídas como lugares de moradia, com suas indústrias, agroindústrias, serviços, comércio, serviços públicos, semipúblicos. Nenhum dos propósitos do planejamento urbano pode ficar em compartimento estanque; todos se inter-relacionem intimamente, uma vez que têm a finalidade de ver a cidade como organismo funcional. Segundo Meirelles (1956, p. 352):

> *O Plano Urbano não é uma perspectiva ideal do futuro, nem mera tarefa para ser cumprida de uma só vez; ao contrário, é uma função municipal concreta e permanente. O estágio atual da cidade é a integração de todos os elementos e atividades passadas, do mesmo modo que a cidade futura dependerá do que ocorrer nas administrações que estão por vir. O Plano Diretor é que dará orientação conveniente ao encaminhamento dessas inumeráveis atividades cotidianas para objetivos definidos (TÉCNICA..., 1956, apud MEIRELLES, 1957, p. 7).*

O Plano Diretor, partindo das condições atuais e mínimas de bem-estar social, deve dirigir a cidade para o máximo de conforto aspirado por seus habitantes, e realizar dentro da realidade física, econômica, sociológica e cultural o que o Município propicia. Os objetivos do Plano hão de ser concretos e exequíveis dentro dos recursos existentes ou justificadamente esperados num prazo razoável, que permita a cada geração converter em realidade o que sensatamente idealizou (MEIRELLES,1957, p. 10).

A elaboração do Plano exige, além de visão urbanística, conhecimento especializado nas áreas das ciências humanas, sociais, culturais, econômicas, jurídicas, uma vez que o Plano há de ser a síntese do que de melhor se puder apresentar em todas essas áreas do conhecimento humano, intimamente relacionado com o desenvolvimento do Município e especialmente da cidade (MEIRELLES, 1957, p. 11).

As fases principais da elaboração do Plano Diretor são três: coleta de dados (pesquisa), interpretação dos dados e fixação das normas (elementos cartográficos e fixação das normas técnicas e legais). Conforme o professor Hely, é indispensável garantir a sua execução por uma legislação adequada e estável que imponha coercitivamente, e com sansões enérgicas, a estrita observância de todas as normas urbanísticas constantes do planejamento. Garantir a execução do Plano é tão importante quanto assegurar a sua perfeita elaboração; se um dos dois processo falhar, será inútil todo o trabalho despendido.

• Plano Diretor

Com a evolução e estruturação do desenvolvimento culminando com a elevação a Município em 1955, o então Município evidenciava como mola propulsora a sua forma de desenvolvimento e também seu traçado viário, abertura, prolongamento, denominação de suas ruas e vias em outros núcleos de aglomeração, que se constituíram, além dos loteamentos que surgiram em meados de 1956 a 1960. Assim, surgiu a necessidade de ampliar o traçado viário com o advento do Plano Diretor.

Por muitos anos, as alterações do Plano Diretor foram aprovadas por uma comissão formada por pessoas da comunidade, do quadro da Prefeitura e eram lavradas em um livro atas. Atualmente, essas alterações são implementadas através de leis municipais.

O Plano Diretor é considerado o instrumento básico de um processo de planejamento municipal para a implantação da política de desenvolvimento urbano, norteando a ação dos agentes públicos e privados. Entretanto, ampliou-se o traçado viário, adotando perfis transversais, pavimentos e deu-se denominação às vias e aos logradouros públicos.

O território do Município, perímetro urbano, foi dividido em quatro zonas: A, B, C e D. Cada uma indica quais os prédios e estabelecimentos que poderiam ser instalados para que houvesse uma melhor distribuição das edificações e dos estabelecimentos comerciais, industriais e residenciais.

Em 1960, o Poder Público foi autorizado pela Câmara de Vereadores a encaminhar a elaboração do Plano Diretor; para isso foi contratado o serviço do urbanista Roberto de Azevedo e Souza, de Porto Alegre, pela quantia de Cr$ 220.000,00 (duzentos e vinte mil cruzeiros). Roberto há pouco se havia tornado Especialista em Urbanismo na França. Em 2 de outubro de 1961, foi aprovada e sancionada a Lei Municipal nº 200, do primeiro Plano Diretor da cidade de Tapejara.

Em suma, essa lei passou a ser o documento de orientação do desenvolvimento urbanístico da cidade. A Lei demonstrava, principalmente, o traçado viário existente e futuro a ser seguido, demarcava os verdes públicos e os perfis transversais das vias que deveriam ser adotados. A permissão, orientação, coordenação e fiscalização do uso do solo ficaram centradas no Município com possibilidade de ouvir, previamente, o Conselho, assessorado pelo urbanista quando surgissem alterações necessárias.

O Plano Diretor, de 1961, previa alicerçar uma planta base que pudesse servir de estrutura geral para o desenvolvimento da cidade e, conjuntamente, se pudesse controlar, detalhe por detalhe, ao longo do tempo de desenvolvimento, através da fiscalização e do monitoramento do Conselho do Plano Diretor (CPD). Alicerçou sobre ele alguns princípios: o primeiro zoneamento, localizado na área central e mais industrializada deveria ter maior aproveitamento do terreno em base e altura, contendo no mínimo dois pavimentos; proibiu construções de madeira, limitadas estruturalmente, impondo melhorias na qualidade do padrão de construção, prevendo vantagens ao proprietário e ao investidor, como não ter que respeitar certos limites, tais como: recuos laterais, área total construída, redução da taxa de ocupação. Em relação ao aumento da altura, foram benéficos ao arranque e à formação do caráter da área comercial central. Ainda na área central, porém circundando o núcleo, este elaborou área de comércio, oficinas e pequenas indústrias, porém limitando a altura máxima para três pavimentos.

Contudo, para humanizar as zonas residenciais, procurou proibir a altura até dois pavimentos com menor aproveitamento do terreno, sendo que estes ficaram com 34% de área livre, deixando uma área frontal para jardim. Essa forma de humanizar esses espaços foi para apenas associar a possibilidade de o comércio atender as necessidades básicas dos residentes do próprio bairro ou circunvizinhança, entendendo que o pequeno comércio ali instalado fosse permitido somente se fizesse parte integrante do próprio prédio residencial.

A Lei original do Plano Diretor, com o passar dos anos, sofreu inúmeras alterações, propostas pelos sucessivos Conselhos do Plano Diretor ou por emendas. A decisão do CPD, em 19 de fevereiro de 1965, determinou zona industrial com recuo de seis metros na Rua Sete de Setembro (lado esquerdo), entre a Cel. Gervásio e estrada para Charrua e Ibiaçá. A decisão em 14 de julho de 1965 determinou a zona industrial com recuo de seis metros na Rua Sete de Setembro (lado esquerdo), entre a Rua Manoel Teixeira e Valeriano Ughini. A Lei nº 321, de 8 de novembro de 1965, dispensou a participação do urbanista no assessoramento do CPD quando de consultas e alterações necessárias.

A decisão do CPD, em 16 de maio de 1969, que acaba na Lei nº 412/69, permitindo em ambos os lados e por todo o prolongamento da Av. Sete de Setembro as atividades de indústria, exceto as indústrias que podiam apresentar perigo e dano à saúde pública, a critério do Prefeito, consultando, em caso de dúvida, o Conselho. Definiu-se que deveriam ser mantidas as indústrias que naquela data não se situavam em área industrial.

Na década de 70, o Poder Público delimitou as zonas urbanas da cidade, das Vilas e Sede dos Distritos. Nessa época, o Poder Público já havia doado solo para a implementação de instalações na estrutura de utilidade semipública para edificações da Sociedade Educacional Tapejarense (Escola Técnica de Contabilidade, em 1965); Estação Repetidora da Televisão Gaúcha Canal 12, em 1973; Terminal da Estação Rodoviária, em 1975.

Em 13 de agosto de 1984, foi decidida pelo CPD a eliminação da área verde com 6.800m^2 localizada na Praça Marechal Deodoro, compreendida entre as Ruas Osório da Silveira, Cel. Amâncio Cardoso, Pe. Anchietta e Rua Murilo Domingues. Em 16 de outubro de 1984, foi decidido pela eliminação da área verde com 7.406,60m^2 entre a Rua Valeriano Ughini e o Clube Atlético Tapejarense, visando à ampliação do cemitério municipal. Em 29 de outubro de 1985, passou a vigorar a Lei nº 1.555, permitindo galpões nas zonas C e D.

Em 22 de setembro de 1986, através da Lei nº 1.290, extinguiu-se um segundo recuo frontal, além do já estipulado de cinco metros para as construções dos lotes de esquina da zona A, com afastamento mínimo de 1,50m, sendo que a utilização do lado do terreno a ser adotado ficava a critério do proprie-

tário. A decisão do CPD, em 14 de dezembro de 1987, passou a ser a Lei nº 1.368, de 19 de janeiro de 1988, que autorizou uma correção do mapeamento, frente à realidade física. A Rua Giocondo Canali teve deslocamento de 25 metros rumo ao sudoeste, conforme mapa do Plano Diretor.

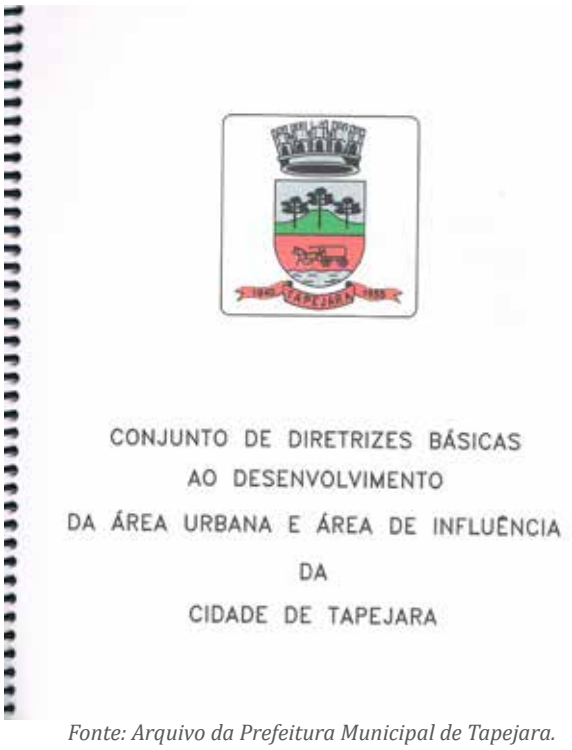
Em 9 de maio de 1988, através da Lei nº 1.383, foi alterado o zoneamento da D para A, a área compreendida da Av. Sete de Setembro, desde a Av. D. Pedro II, em toda a sua extensão no perímetro urbano da cidade, rumo ao nordeste e também o artigo 50 – Dimensões dos lotes.

A Lei nº 1.634, 16 de setembro de 1991, alterou o Mapa do Plano Diretor, suprimindo o zoneamento da área norte da cidade. No artigo 1º fica sem efeito o traçado das vias públicas localizadas ao norte da Av. 7 de Setembro, lado par, iniciando na confluência com a Rua Pedro Rebesquini; o prolongamento na Rua Júlio de Castilhos no rumo nordeste, prolongamento da Rua Tranquilo Basso, rumo nordeste.

A Lei nº 1.673, de 30 de março de 1992, alterou o artigo 50. Antes a área mínima dos lotes residenciais deveria ser de 360m² e a testada mínima de 12m. A partir de então passou a vigorar a seguinte redação: Nos lotes de esquina, a testada mínima deverá ser de 15m e em zona residencial para habitação popular os lotes deverão ser de testada mínima de 10m.

A Lei nº 3.262/09, de 30 de setembro de 2009, alterou a Lei nº 200, de 2 de outubro de 1961, que trata do Plano Diretor da cidade, que passou a vigorar com nova redação dos §§ 3º, 4º, 5º e 6º do artigo 7º, da alínea B do inciso I e dos incisos II, III, V, VI e VII do art. 32, e revogou o art. 34 e os §§ 1º e 2º do art. 53.

• Constituição de diretrizes básicas e recadastramento imobiliário



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

O Plano Plurianual, elaborado em dezembro de 1997, aprovado pela Câmara de Vereadores, vigente para o período de 1998 a 2001, objetivava criar a rubrica de constituição de um novo Plano Diretor e Recadastramento Imobiliário. O novo Plano Diretor objetivava disciplinar o uso e ocupação do solo urbano e ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade, nos termos do artigo 182 da Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988; conforme artigo

182: "A Política de Desenvolvimento Urbano, executada pelo Poder Público Municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes" (CAMPANHOLE, 1994).

Em novembro de 1999, como não foi elaborado o Plano Diretor, o Poder Público resolveu promover o Curso de Desenvolvimento Local Sustentável, quando as entidades participantes opinaram sobre o desenvolvimento globalizado no território do Município. Tempo depois foi elaborado o conjunto de diretrizes básicas, que constituiu um amplo guia legal para coordenar o crescimento e o desenvolvimento futuro do Município, incluindo as atividades públicas e privadas. A meta global das diretrizes foi incrementar políticas de melhoria na área urbana da cidade e sua área de influência dentro e fora do seu perímetro que assegurassem melhores condições de saúde, segurança, bem-estar e felicidade dos seus cidadãos.

Fazem parte das diretrizes básicas de desenvolvimento de Tapejara os objetivos inerentes aos seguintes elementos: uso do solo, circulação, habitações e construções, instalações e serviços, recursos históricos, culturais e arquitetônicos, espaços abertos, recursos paisagísticos e turísticos de conservação, e segurança ambiental.

• Os elementos de instalações e serviços das diretrizes básicas urbanísticas

Os elementos de instalações e serviços das diretrizes básicas urbanísticas remetem aos componentes de vida da comunidade à educação, cultura, recreação e bem-estar social dos moradores da área urbana de Tapejara e de sua esfera de influência. Esses aspectos no Município são distintos em número de estruturas, serviços, instalações públicas, semipúblicas e conselhos públicos com responsabilidade para implementar programas e operações. Esse elemento parte dos princípios das metas e dos objetivos e políticas operacionais dessas instalações, serviços, agências e conselhos.

A competência para realizar a revisão anual das metas, objetivos e políticas do conjunto de diretrizes básicas desse elemento é do Comitê Aconselhador de Diretrizes Urbanísticas Municipais e do Conselho Municipal do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano. O Conselho Municipal do Plano Diretor constitui instrumento necessário e exerce essa competência de interpretação, julgamento e orientação para que o planejamento seja compatível com o bem-estar da coletividade.

A fim de dar efetividade ao instrumento, o Conselho Municipal do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano foi reestruturado pelo Poder Público em março de 2006. O caráter, conceito, competência e composição foram expressos nos dispositivos da Lei nº 2.892, de 1º março do ano de 2006, conforme segue:

O Conselho Municipal do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, como órgão de cooperação governamental, tem a finalidade de auxiliar a administração na orientação, planejamento, interpretação e julgamento de matéria de sua competência. O CMPDDU é subordinado diretamente ao Gabinete do Prefeito.

O CMPDDU será o órgão encarregado de apreciar os projetos e planos relacionados com o planejamento urbano, disciplinando sua aplicação e propondo medidas adequadas a sua atualização, abrangendo os aspectos relativos ao traçado, zoneamento, diretrizes de expansão urbana, esquema de circulação, abastecimento, unidades escolares, programas de saneamento e edificações em geral, bem como interpretar a legislação correspondente, decidindo sobre os casos omissos e os de dúvida de interpretação, estudando e propondo, ainda, as modificações ou adaptações de leis necessárias à atualização do Plano

Diretor de Desenvolvimento Urbano e do Código de Obras.

Compete ao CMPDDU:

- Promover a elaboração, ampliação e atualização do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano da cidade, observando, no que respeita o traçado e saneamento urbano, as disposições legais e os projetos já existentes.

- Promover os estudos necessários ao PDDU ou a ele complementares, objetivando:

a) pesquisas urbanas de caráter físico, social e econômico;

b) zoneamento urbano;

c) plano viário;

d) serviços de saneamento, incluindo água, esgotos, limpeza pública e dragagem de águas pluviais;

e) rodovias, aeroportos, questões ferroviárias de interesse para o Município;

f) problemas relativos a núcleos habitacionais;

g) saúde pública e higiene;

h) localização de centros de produção agrícola e abastecimento domiciliar;

i) distribuição de energia elétrica e postos de distribuição de gás e combustíveis;

j) distribuição de escolas e hospitais;

l) parques, jardins, campos de esporte, locais de recreação, balneário e paisagismo;

m) construções particulares e gabaritos de prédios.

n) legislação relacionada com elementos mencionadas neste item.

- Traçar orientação sobre matéria de sua competência, encaminhando à consideração do Prefeito, quando for o caso, os projetos de lei ou de regulamentos que se fizerem necessários.

- Promover estudos referentes à atualização de lei do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e opinar sobre dúvidas em sua interpretação e casos omissos.

- Promover estudos referentes à atualização do Código de Obras e opinar sobre dúvidas e sua interpretação e casos omissos.

- Efetuar, sempre que necessário, a revisão do PDDU.

- Composição: é composto por 12 membros e seus respectivos suplentes, designados pelo Prefeito, com renovação bienal, admitida a recondução e escolhidos sob o seguinte critério:

Seis representantes do Município.

Secretários: Administração e Planejamento, Habitação, Serviços Urbanos, Agricultura e Meio Ambiente, Departamento Municipal de Turismo, Engenheiro ou Arquiteto do Município.

- Seis membros sem qualquer vinculação com o Município, representando, cada um, uma das seguintes entidades: Ordem dos Advogados do Brasil, Associação da Construção Civil e Moveleira de Tapejara e região, Acisat, Associação Comunitária de Tapejara, Corsan e Concessionária de Energia Elétrica, no perímetro urbano.

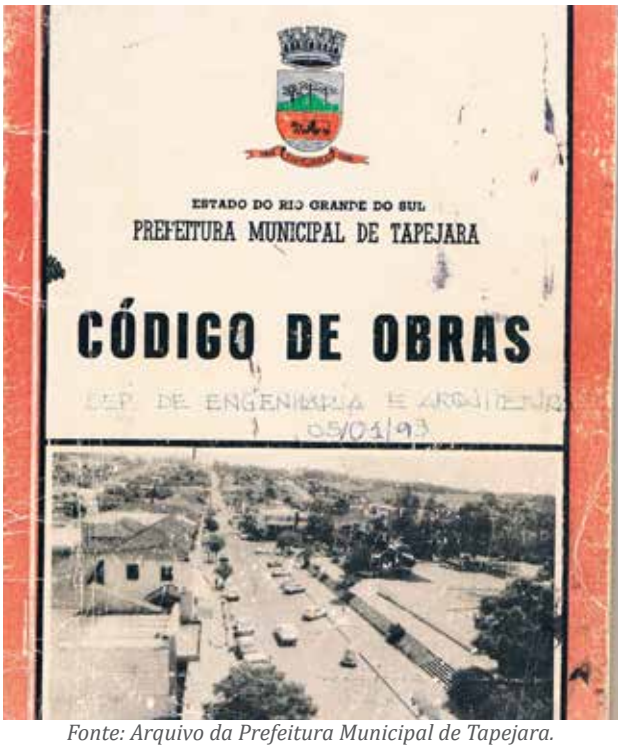
O Poder Público, em abril de 2006, alterou a Lei do Plano Diretor, extinguindo o Projeto de Área Verde para a construção de um local de lazer, localizado no Loteamento Borges, no Bairro São Paulo. Ainda em abril, foi alterado o Plano Diretor para extinguir, também, o Projeto de Área Verde localizado ao lado par da Rua Alberto Pasqualini, esquina com o lado par da Rua Pedro Rebesquini.

A partir de 2009, houve alterações mais significativas, como a lei que estabelece as taxas de ocupação, sendo a residencial de 80% e comercial de 100%, e a criação dos bairros. Essa permissão de ocupação do solo urbano, principalmente na área central, ocasiona uma barreira físico-visual e também a impermeabilização do solo, cuja consequência, juntamente com a canalização dos arroios, são as frequentes

inundações na cidade. “Como sempre, precisamos evoluir. Necessita-se criar mecanismos que oportunizem uma melhor ventilação e iluminação em nossas edificações. Espera-se, ainda, que se tenha um Plano Diretor que estabeleça recuos laterais e limitantes no Índice de Aproveitamento (IA) e na Taxa de Ocupação (TO), que exista a obrigatoriedade de áreas permeáveis, proporcionando assim melhores condições de habitabilidade em nossas edificações, evitando barreiras edificadas, como podemos ver em algumas das principais vias centrais da cidade”, falou a arquiteta Vanize.

• Código de Obras

O Código de Obras, também denominado Regulamento das Construções e Obras de Viação, é o conjunto harmônico e sistemático de dispositivos legais que o Município promulga para regular as edificações urbanas no que respeita o modo, a forma e a área de ocupação do terreno; altura, volume e demais detalhes que visem à segurança, à higiene, ao conforto e à estética das construções e da cidade em geral.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A Comissão de Cidades Novas, instituída na Inglaterra em meados de 1949, elaborou e divulgou o Plano de Cidades Novas, aconselhando a criação de cidades racionalmente planejadas e dirigidas no seu crescimento, de modo a pôr a vida urbana em maior contato com a natureza, preservando os espaços necessários à insolação, à vegetação, ao livre trânsito de seus habitantes, à recreação das crianças e ao conforto geral da população. Idênticas foram as orientações do Primeiro Congresso Nacional de Planejamento, realizado em Havana, em novembro de 1956, que proclamou a urgente necessidade de dotar toda a comunidade de um planejamento integral que lhe assegure o desenvolvimento nas melhores condições de habitação, localização da indústria e do comércio, educação, higiene e recreação.

A legislação sobre zoneamento e construções urbanas de qualquer natureza é da exclusiva competência do Município, por constituir matéria de seu peculiar interesse. “Além do mais, o Código Civil, ao cuidar do direito de construir, permite ao proprietário levantar em seu terreno as construções que lhe aprouver, salvos o direito dos vizinhos e os regulamentos administrativos”, conforme artigo 572 do Código Civil (CC).

• Código de Obras de Tapejara

Tapejara iniciou suas edificações baseada na abundância da madeira existente no seu entorno; caracterizava-se basicamente por casas térreas de madeira. Em um primeiro momento, também com coberturas em tabuinhas, como eram chamadas as telhas de madeira lascada, scatoles para os imigrantes italianos. A evolução da arquitetura acontece, basicamente, com a introdução de materiais industrializados, como o vidro, as telhas de zinco e cerâmicas, o ferro, os tijolos, dando início à construção

de casas em alvenaria, que deixaram de ser térreas para, cada vez mais, com o uso do concreto armado, atingir a verticalidade.

O Município dispõe do poder de polícia administrativa, sendo-lhe permitida a imposição de atos omissivos ou comissivos aos proprietários e possuidores de imóveis, a fim de coibir abusos e exigir o cumprimento da legislação. Constatadas irregularidades na obra que configuram ilícito administrativo (inobservância do recuo obrigatório e da taxa de ocupação, além da ausência de alvará), tem a Municipalidade o dever de embargar a construção, buscando a sua regularização. Caso não ocorra a regularização, deverá ser feita a demolição, sob pena de infração ao princípio da Legalidade.

Embora a moradia seja um direito constitucional fundamental, não é absoluto. Nesse contexto, o bem comum de todos os habitantes (crescimento ordenado das cidades) prevalece sobre interesses individuais.

Por regulamentos administrativos, na expressão da Lei Civil, devem entender-se as legislações municipais, disciplinadoras das edificações urbanas. A doutrina que tratava do Urbanismo e do Plano Diretor na década de 50 conclamava que era conveniente todo Município editar o seu Código de Obras, como elemento integrante do seu Plano Diretor, para que a cidade se desenvolva ordenadamente e ofereça à generalidade de seus habitantes um ambiente de conforto e bem-estar social.

Em 29 de dezembro de 1973, o Poder Público aprovou o Código de Obras do Município. Ele tratava das construções, licenças, projetos, construções de madeira, demolições; da insolação, iluminação e ventilação; das condições gerais dos pavimentos, do porão, do embasamento; das lojas, sobrelojas, andares, atilos; das obras de construção dos alicerces, dos pisos, das paredes; das águas pluviais; das obras nas vias públicas; das habitações em geral; da ventilação e iluminação da habitação mínima, escadas e elevadores, dos cômodos, salas, dormitórios, cozinhas; habitações coletivas, condições gerais, hotéis e casas de pensão, instalações sanitárias; fiscalização; penalidades.

No final de dezembro de 1984, o Poder Público reformulou o Código de Obras do Município. A Câmara de Vereadores aprovou e o Prefeito sancionou e promulgou a Lei Municipal nº 1.223, de 31 de dezembro de 1984, instituindo o Código de Obras do Município.

Para o efeito do presente Código foram admitidas as seguintes definições: acréscimo, alinhamento, alinhamento de construção, alvará, apartamento, aprovação de projeto, área, área aberta, área construída, área edificada, área fechada, área ideal, área livre, área interna, área principal, área secundária, área útil, arquitetura de interiores, aumento, conserto, compartimento, cota, decoração, demolição,dependências de uso comum, dependências de uso privativo, economia, edificação de madeira, edificação mista, edificação de alvenaria, embargo, embasamento, escala, especificações, fachada, galeria, galeria pública, gabarito, galpão, iluminação, insolação, largura de uma rua, licença, memória, pavimento, pavimento térreo.

Uma década após, foi necessário atualizar o Código anterior, pois no perímetro urbano a maioria das edificações de madeira foram substituídas por alvenaria. Também começava a construção de edifícios na zona central da cidade, nas principais ruas e avenidas. Despertava o interesse nos negócios da construção de imóveis. A partir de então nas novas edificações, antes de serem construídas, era necessário um projeto e responsável credenciado da obra. Foi o momento de estreia dos primeiros engenheiros e arquitetos tapejarenses. Em suma, as exigências e interesses de parcela da sociedade em relação à fisionomia da cidade estavam constituindo um novo padrão. Ao mesmo tempo, a legislação não acompanhava no mesmo ritmo. Percebendo esse descompasso e para sanar, o Executivo enviou o projeto para apreciação do Legislativo. A Câmara de Vereadores aprovou o novo Código, e o Poder Público sancionou e promul-

gou o novo Código de Obras do Município em 31 de dezembro de 1984.

A arquiteta Vanize destaca que, no ano de 1985, quando iniciou seu trabalho de arquitetura em Tapejara, a grande maioria das edificações eram térreas, algumas de dois pavimentos, e começaram a surgir os primeiros prédios com pouco mais de dois pavimentos. "A tipologia habitacional era de alvenaria, mista e algumas ainda em madeira, os telhados eram de fibrocimento, o que caracterizava a moda da época. Projetar obras mais elaboradas era mais difícil, pelo desconhecimento e insegurança dos proprietários, acostumados com edificações mais simples. A evolução da arquitetura pôde ser acompanhada de perto, assim como a valorização do arquiteto e do urbanista, que, nos dias de hoje, têm papel de destaque nas construções", falou.

Conforme a nova ordem jurídica urbanística, o Município pode legislar sobre o direito de propriedade, pois a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Cidade, de 2001, de forma mais contundente, operaram uma mudança de paradigma.

O Plano Diretor cumpre papel absolutamente distinto, pois permite que as propriedades urbanas que não cumprem sua função social encontrem mecanismos que capacitem o Poder Público a intervir nessa realidade e no processo de produção da cidade. Por isso, o Município pode estabelecer normas administrativas, constitucionais reguladoras das edificações urbanas e ordenadoras do desenvolvimento da cidade e de suas zonas próximas. Toda a limitação do direito de construir, que se alicerça no interesse coletivo, encontra justificativa na própria Constituição de 1988, no art. 5º, inciso XXIII, quando declara que "o uso da propriedade terá uma função social" (BRASIL, 1998, p. 7).

• Planejamento urbano

Segundo o estudo de caso, realizado por Larissa de Oliveira Angeliero, sobre o Zoneamento Urbano na cidade de Tapejara e a sua (in)adequação à Constituição Federal de 1988 e ao Estatuto da Cidade, com atenção especial com base na atual condição do Município e dos projetos de zoneamento a partir de 1961, constatou-se que no Brasil o surgimento das cidades iniciou com a ocupação das terras indígenas, promovidas por Portugal. Assim, começou-se a exigir a organização e o planejamento da terra, onde foram realizadas as primerias atividades ligadas ao planejamento urbano no Brasil. Esse direito somente teve reconhecimento com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e foi regulamentada através da Lei Federal 10.257/01, o Estatuto da Cidade, que, segundo Larissa, são instrumentos que trouxeram o conceito da função socioambiental da propriedade.

Larissa ainda comenta sobre a análise do planejamento urbano de Tapejara, em que se constatou o que aconteceu através do Plano Diretor do Município, em 1961. "O estudo da criação dos instrumentos urbanísticos no Município permite concluir que eles se deram no momento em que a cidade começou a se desenvolver" (ANGELIERO, 2013, p. 48). Dessa forma, surgiu a necessidade de regulamentar a ocupação do solo com regras, porém atualmente se necessita de um novo Plano Diretor, pois este está desatualizado, já que muitas leis já mudaram.

O rápido crescimento do Município tem como consequência diversos problemas, como ocupação de locais inadequados para moradia; alagamentos em alguns locais do centro da cidade causados pelos desvios feitos nos Arroios Caramirim e Ibirapuitã; diversas poluições causadas por indústrias localizadas próximo às residências, trânsito de caminhões dentro do perímetro urbano, entre outros.

Segundo Larissa, esses problemas ocorreram devido ao acelerado desenvolvimento do Município, pois a legislação urbana não o acompanhou, tornando-se desatualizada. "Serviu somente como remédio

para uma situação já instalada e faltou planejamento para as situações futuras" (ANGELIERO, 2013, p. 49).

Com isso verificou-se a necessidade de atualizar a legislação sobre o planejamento, uso e parcelamento do solo urbano no Município. Reafirma Larissa: "Com o advento da Constituição Federal de 1988 e a criação do Estatuto da Cidade em 2001, a propriedade deve garantir sua função socioambiental, respeitando os princípios da gestão democrática e a paticipação popular, assim como foram legitimizados instrumentos capazes de amenizar os problemas urbanísticos enfrentados pela cidade" (ANGELIERO, 2013, p. 49) e, assim, poder atender os interesses da comunidade. Salienta-se que por mais que o plano esteja desatualizado, existe um Conselho do Plano Diretor, de que participam membros da Prefeitura Municipal e de entidades, os quais deliberam sobre os assuntos referentes ao Plano Diretor.

VIAS PÚBLICAS E PAVIMENTAÇÃO

• Denominação de Vias Públicas e Pavimentação

A primeira rua a receber calçamento foi a Rua do Comércio, na área central.

Rua do Comércio, entre a Rua Ângelo Dalzotto (à esquerda) e a Rua Independência (à direita), na década de 1970.
Foto: Arquivo de Mario José Felini.

O Primeiro Plano Intensivo de Calçamento que se evidenciou em solo tapejarense ocorreu a partir de 1964, implementado pelo Poder Público, entre as seguintes ruas e quadras:

- A Rua Dr. Vergueiro, entre a Rua 15 de Novembro e a Cel. Lólico;
- Rua do Comércio, entre Valdo Nunes Vieira até o encontro do calçamento antigo entre as Ruas Cel. Amâncio Cardoso, até a Avenida que conduz a Charrua;
- Rua Júlio de Castilhos, entre as Ruas Santo Canali e Arthur Ferreira Filho;
- Rua 15 de Novembro, entre Pe. Anchieta e Av. Sete de Setembro e entre as Ruas do Comércio e Dr. Vergueiro;

- Av. Sete de Setembro, entre a Rua Santo Canali e a Av. que conduz a Charrua;
- Rua Independência entre a Av. Sete de Setembro e Rua do Comércio, entre a Júlio de Castilhos e a Dr. Vergueiro;
- Rua Cel. Lólico, entre a Av. Sete de Setembro e a Rua Dr. Vergueiro;
- Rua Cel. Amâncio Cardoso, entre a Av. Sete de Setembro e a Rua Júlio de Castilhos;
- Rua Cel. Osório da Silveira, entre a Av. Sete de Setembro e a Dr. Vergueiro;
- Rua Cel. Gervásio, entre a Av. Sete de Setembro e a Rua do Comércio.

A fim de viabilizar as exigências do Plano Diretor criou-se a Lei nº 407, de 8 de abril de 1969, de celebrações de Acordos Amigáveis de Desapropriação, através do pagamento aos proprietários dos terrenos utilizados para o prolongamento e alargamento de ruas, indispensáveis à execução do Plano Diretor da cidade, incluindo também as escrituras públicas de desapropriação amigável ou permuta de imóveis.

O Segundo Plano Intensivo de Calçamento foi implementado pelo Poder Público entre os anos de 1969 e 1972, contemplando as seguintes ruas e quadras:

- Rua Santo Canali, entre Júlio de Castilhos e do Comércio, 1 quadra;
- Rua Santo Canali, entre do Comércio e Antônio Marchiori, três quadras;
- Rua Pe. Anchieta, entre Santo Canali e 15 de Novembro, 1 quadra;
- Rua Independência, entre a Av. Sete de Setembro e a Carlos Gomes, 40 metros adiante da Carlos Gomes, 3 quadras;
- Rua 11 de Julho, entre a Av. Sete de Setembro e a Carlos Gomes, 3 quadras;
- Rua Dr. Vergueiro, entre Cel. Lólico e Amâncio Cardoso, 2 quadras;
- Rua Arthur Ferreira Filho, entre Dr. Vergueiro e Sete de Setembro, 3 quadras;
- Rua Amâncio Cardoso, entre Dr. Vergueiro e Júlio de Castilhos, 1 quadra;
- Rua Cel. Gervásio, entre Dr. Vergueiro e Júlio de Castilhos, 1 quadra;
- Rua Cel. Gervásio, entre a Rua do Comércio e a Sete de Setembro, 1 quadra.

As vias públicas existentes dentro da área territorial do Município constantes no Plano Diretor que ainda não tinham denominação, a partir de março de 1972, passaram a se denominar assim: Rua José Zanini, Rua João XXIII, Rua Pe. Feijó, Rua Armando Annes, Rua Rui Barbosa, Rua Giocondo Canali, Rua Bento Gonçalves, Rua Senador Alberto Pasqualini, Rua Victor Graeff, Rua Rio Branco, Rua 31 de Março, Rua Cabral, Rua Salzano Vieira da Cunha, Rua São Paulo, Rua Guilherme Lângaro, Rua Bonetes, Rua Manuel Alvarenga, Rua Coroados, Rua Pe. Calógero, Rua Fernando Ferrari, Rua Tiradentes, Rua Ângelo Manica, Av. D. Pedro II, Rua Presidente Vargas, Rua Angelo Dalzotto, Rua Álvaro Domingues, Rua Visconde de Mauá, Rua Tupinanbá, Rua Luiz Sitta, Rua Presidente Keneddy, Rua Leorindo Cavichioli, Rua 9 de Agosto, Rua 20 de Setembro, Rua 14 de Maio, Rua Silva Jardim e Rua Borges de Medeiros.

Em 1975, o Poder Público adquiriu áreas para abertura do prolongamento de ruas e alargamento de avenida; são elas: a aquisição de duas áreas urbanas de Pedro José Sitta, a primeira medindo 108.496.15m^2 (cento e oito mil, quatrocentos e noventa e seis metros quadrados e quinze centímetros), existente dentro da área territorial do Município, constante do perímetro urbano, em que inexistia calçamento, que permitiu a abertura do prolongamento das Ruas Borges de Medeiros e Rua Pe. Anchieta; e a segunda, de 1.502.80m^2 (mil quinhentos e dois metros quadrados e oitenta centímetros), para permitir o alargamento da Av. Sete de Setembro, ambas necessárias para o cumprimento do Plano Diretor.

Além dessas ruas da cidade constantes no Plano Diretor que ainda não possuíam denominação, em outubro de 1978, o Poder Público designou ruas abertas recentes, entre outras:

- Av Eliseu Rech, que tem início a partir do encontro das ruas Pe. Anchieta e Leorindo Cavichioli, no

atual prolongamento da Rua 15 de Novembro.

- Rua João Evangelista dos Santos, com início na Aquilino Cavichioli e seu prolongamento entre a Rua Santo Canali e nas quadras após a Visconde de Mauá.

Em meados de 1981, foi aberta a Rua Antônio Marchiori, localizada entre os desdobramentos de áreas de terras de José Carlos Rech e Célia Maria Rech, paralela à Rua Júlio de Castilhos.

Além disso, por volta de 1982, receberam denominação as ruas do recente desdobramento de áreas de terras de Sérgio Bernardes Dias; entre outras:

- Rua Eduardo Ferreira da Silva, localizada entre as quadras 23 B e 23 D.

- Virgilio Borela, localizada entre as quadras 23 D e 23.

- Hercilio Baptista Bé, artéria entre a Rua Antônio Marchiori e a estrada geral, que liga Tapejara a Passo Fundo.

- Alfredo Campiol, localizada entre a Rua Luiz Sitta, o Estádio Dr. Celso Domingues e o Cemitério Municipal.

- José Carlos Rech, como Virginio Três, localizada entre as quadras 143 B e 143 C.

- Carlos Augusto Lindner, a via pública paralela à Rua Pe. Júlio Marin, entre as Ruas João XXIII e Padre Raimundo Damin, Loteamento José Carlos Rech.

Ainda foi designada como Rua Albino Costa, localizada entre as quadras 52 B e limite do perímetro urbano.

Por volta de 1981, o Poder Público efetuou empréstimo junto ao Fundo de Investimentos Urbanos do RS (Fundurbano/RS) e aplicou em aterros e abertura de ruas no Loteamento Sol Nascente. Ainda recepcionou, em dezembro de 1982, as normas para aprovação de loteamentos em conformidade com o disposto no artigo 8º da Lei infraconstitucional nº 6.766, de 9 de dezembro de 1979, que tratou do parcelamento do solo urbano. O Município exigiu, nos projetos de loteamento e desmembramentos, somente os seguintes equipamentos públicos: abastecimento de água, energia elétrica e coleta de águas pluviais (Lei nº 1.106, de 6 de dezembro de 1982).

No final de 1981, a via pública existente dentro da área territorial do Município, antiga estrada que dava acesso a Ibiaçá, foi desafetada pelo Poder Público. O trecho ficava localizado no interior do quarteirão nº 4, entre as Ruas Cel. Lólico e Osório da Silveira em área de 721m^2, tendo 103 metros de comprimento por 7 metros de largura. O trecho de estrada era objeto de edital de fechamento nº 50/81, de 13 de outubro de 1981, e foi declarada fechada, por falta de trânsito e interesse público. O Poder Público transacionou com os proprietários de imóveis vizinhos nos termos do art. 61 da Lei Orgânica.

Em meados de 1984, o Município assentou calçamento dentro do perímetro urbano por permuta de terrenos. Foram realizadas obras em frente aos terrenos de propriedade de Geraldo Dalmina, situado na Rua do Comércio e na Rua Valeriano Ughini, totalizando 1.212,5m^2 de calçamento. Em troca do calçamento, o Município recebeu de Geraldo Dalmina dois terrenos urbanos: um, de 210m^2, localizado no leito da Rua Luiz Costa e outro, com 530 m^2, medindo 12 metros de frente, na Rua do Comércio, distante vinte metros da Rua Luiz Costa.

Algumas vias públicas sofreram alterações em sua denominação pelo Poder Público, entre os anos de 1982 e 1987; são elas: Rua Ângelo Dalzotto passou a ser Rua Ângelo Cassiano Peruzzo; a Rua 11 de Julho, para Ângelo Dalzotto; e recebe o nome Rua Pedro Col Debella parte da Rua Independência, paralela ao lado noroeste com a Rua Carlos Gomes.

O Elemento dos Espaços Abertos das Diretrizes Básicas Urbanísticas considera todas as áreas livres de edificações ou que tenham dimensões menores em relação à proporcionalidade dessas áreas. Os espaços

abertos podem ser áreas naturais intocáveis, seminaturais, transformadas e/ou totalmente urbanizadas. Caracterizam-se por serem áreas descobertas ou pela quantidade de extensão e/ou valor de sua cobertura vegetal. Também pela presença de outros recursos ambientais e arqueológicos de inquestionável valor. São consideradas como tal as áreas de relevado valor paisagístico e de potencialidade turística, bem como os locais que permitam desfrutar de visão panorâmica.

Todas as áreas livres institucionais, de caráter público e semipúblico, são considerados espaços abertos. As áreas institucionais públicas e semipúblicas que mais se evidenciam sobre o solo do território do Município são todas as áreas verdes, designadas institucionalmente, praças públicas, jardins, canteiros e assemelhados que compõem as vias, seus passeios públicos, calçamentos, parque de exposição e eventos, áreas de recreação, esporte, lazer e de apresentações culturais em espaços abertos. As áreas semipúblicas são todas as áreas abertas destinadas ao convívio e à utilização pública, sejam em caráter permanente ou temporário, que não pertencem à municipalidade e a outro órgão público estadual ou federal, sendo geralmente essas propriedades particulares, de clubes, associações e/ou agremiações locais.

As vias públicas existentes dentro da área territorial do perímetro urbano que ainda não possuíam denominação entre os anos 2002 e 2005 foram denomindas: Rua João Telmo Quissini, situada ao norte com terras pertencentes ao CTG Manoel Teixeira, em 106,66 metros, com a Sede Social do SINSEP em 127,50 metros, da sede da Brigada Militar em 123,22 metros, no leste com terras de Domingos Spader e 11,31 metros, ao sul com 350,94 metros, com terras de Valmor e Rogério Spader, ao sudeste em 14,17 metros com a Via Perimetral e ao oeste em 5,49 metros com área do CTG Manoel Teixeira em meados de outubro de 2002; Rua Carino Canali, logradouro público sem denominação, localizado no Loteamento Bianchini; Rua Desidério Tranqüilo Canali, também sem denominação, localizado no mesmo loteamento; ainda Rua João Manoel Bernardes, localizado paralelamente à Rua José Costa, no Loteamento Nazaré.

Mais ainda a Rua Predíval dos Reis, o logradouro público sem denominação localizado na Rua SP 01, no Loteamento Bianchini, Rua Ricardo Bassegio, localizado na Rua SD no aludido loteamento, em meados de setembro de 2003; Rua Affonso Alcides Scariot, logradouro público, sem denominação, localizado na Rua SD, no Loteamento Bianchini, Rua Luiz Zanini, localizada na quadra 186, Bairro São Paulo, que parte do lado ímpar da Rua Egídio Scatola, distante 34 metros da esquina com a Av. Sete de Setembro e que segue rumo ao norte até atingir o limite de área de propriedade de Celso Sbardelotto; Rua Mansueto Canali, localizada na quadra 181, Bairro São Paulo, que parte do lado par da Rua Egídio Scatola, distante 119,80 metros da esquina com a Av. Sete de Setembro e segue 30 metros rumo ao noroeste; Rua Francisco Aquilino Dallagasperina, localizada na quadra 181, também Bairro São Paulo, que parte do lado par da Rua Egídio Scatola, distante 83,50 metros da esquina com a Av. Sete de Setembro, rumo ao noroeste, em meados de março de 2004. E, ainda em abril, as ruas: Travessa São Cristóvão, localizada na quadra 705, Bairro São Cristóvão, que parte do lado par da Rua Aurélio Sossela distante 10 metros da esquina da Rua Júlio de Castilhos, seguindo rumo desta até atingir a projeção da Rua Antônio Marchiori; Rua Florindo Coronetti, localizada nas proximidades da Fábrica de Aberturas e Móveis de Irmãos Dalbosco, conhecido com Travessão Variza; Rua 8 de Março, que parte da Av. D. Pedro II, distante 461,5 metros da Rua Tranqüilo Basso, rumo ao oeste com uma extensão de 226 metros. Além disso, denominação de logradouros públicos sem denominação localizados nas Ruas SD 01 – Rua Anésio Borges, SD 02 – Rua Amélia Ferreira da Silva, SD 03 – Wilson Argenta, SD 04 – Rua Arlindo Matevi.

As vias públicas que o Poder Público pavimentava que se evidenciaram a partir de 2004, entre outras: a Avenida Dom Pedro II, Rua Eugênio Dametto, a complementação da Rua Aurélio Sossela até a ASSETAP, em frente à igreja São Cristóvão.

No ano de 2007, o Poder Público efetuou nova cobertura asfáltica em diversas ruas do perímetro urbano da cidade. Entre as vias que receberam nova camada asfática: Rua 20 de Setembro, Rua Santo Canali, Rua do Comércio, Av. D. Pedro II, Pedro Rebesquini e 9 de Agosto (Bairro São Paulo). Além disso, o reassentamento e o assentamento de calçamento em diversas ruas do perímetro urbano. Foi feito o reassentamento, reconstruído o calçamento, em trechos do prolongamento das Ruas Júlio de Castilhos, Tranqüilo Basso, Arthur Ferreira Filho, Av. D. Pedro II e no Bairro São Paulo; nas Ruas 21 de Abril e José Pagno; na Travessa São Cristóvão (Bairro São Cristóvão); e Servidão (Loteamento Posser).

O calçamento foi assentado, construído, na Rua José Pagno, 21 de Abril (Bairro São Paulo); Travessa São Cristóvão (Bairro São Cristóvão); Servidão (Loteamento Posser). Em 16 de novembro de 2007, quase dez mil metros de calçamento foram inaugurados no Bairro Treze de Maio pela Administração Municipal. A pavimentação poliédrica está dentro do Projeto Vida Nova, para o Bairro Treze de Maio. O projeto integrou diversas ações públicas na habitação, saúde, educação e a construção do novo ginásio de esportes.

Em 2007 e 2008, diversas ruas receberam pavimentação poliédrica, com pedra de basalto, no Loteamento Borges, num total de 4.312m^2. No Bairro Nazaré foram feitos 2.836m^2 de pavimentação poliédrica. Em diversas ruas do Bairro São Paulo foram feitos 3.399m^2. Diversas ruas espalhadas na cidade também receberam um total de 17.137,50m^2 de pavimentação.

No dia 28 de maio de 2010, através do Decreto Legislativo nº 001/10, foram denominadas as seguintes ruas:

- Loteamento João Costa – Bairro Nazaré: Rua Balduino Spagnol Zotti.
- Loteamento Favretto I e II, saída para Charrua: Rua Antonio Batista Dorneles.
- Loteamento Favretto I e II, saída para Charrua: Rua Amante Caselani.
- Loteamento Favretto I e II, saída para Charrua: João Evangelista Rodrigues.
- Loteamento Pinzon, Sol Poente: Rua Mario de Quadros Doring.
- Loteamento Bela Vista, saída para Passo Fundo: Rua Waldemar Sager.
- Loteamento Bela Vista, saída para Passo Fundo: Rua Ione Ana Col' Debella.
- Loteamento Bela Vista, saída para Passo Fundo: Rua Natal Parizotto.
- Loteamento Dalmina, saída para Funil: Rua Oreste Dalmina.

No dia 22 de novembro de 2011, a Lei Municipal nº 3.587/11 nomeou o trevo da Avenida Sete de Setembro com a Avenida Dom Pedro Segundo de acesso a Ibiaçá como Trevo Mauro Spagnol.

No dia 22 de maio de 2012, a Lei Municipal nº 3.658/12 denominou a ponte localizada sobre o Rio Carreteiro, entre as Comunidade de Caravaggio e Linha Salete, de Alécio Savaris, dividindo os Municípios de Tapejara e Vila Lângaro.

Em 22 de outubro de 2013, a Lei Municipal nº 3.837/13, após consulta popular, aprovou os nomes de pessoas que poderão ser denominadas ruas:

- Rua Abele Polycarpo Artuzi
- Rua Adelino Fontana
- Rua Alfeu Fianco
- Rua Ângelo Berton
- Rua Ângelo Menegaz
- Rua Arlindo Bamberg
- Rua Antoninho Ijoel Poggio
- Rua Antonio Dias

- Rua Antonio Giacomim
- Rua Antônio Mânica
- Rua Antônio Rech
- Rua Arcângelo Girardi
- Rua Atalibio Pinto Teixeira
- Rua Daniel Bassegio
- Rua Délcia Spanhol Baseggio
- Rua Fioravante Fabiani
- Rua Fiorino Calegari
- Rua Gabriel Osvald
- Rua Guerino Miotto
- Rua Henrique Dalligna
- Rua Ipê
- Rua Isidoro Danieli
- Rua Ivanete Rebelato Baroni
- Rua João Albino Valentini
- Rua João Costa
- Rua Laurentino Rigo
- Rua Luiza Forti Costa
- Rua Maximilia Seben
- Rua Miguel Tabbal
- Rua Nelso Ângelo Lângaro
- Rua Nelson Baseggio
- Rua Nenê Coronetti
- Rua Olívio Zanini
- Rua Oreste Teixeira Oliveira
- Rua Padre Calogero Tortoriti
- Rua Padre Guerino Parizotto
- Rua Padre Nilo Hilário Canal
- Rua Padre Pedro Honório Gajardo
- Rua Padre Valter Valentini Baggio
- Rua Paolo Merotto
- Rua Sergio Capelari
- Rua Sergio Nardi
- Rua Temistocle Marchioro
- Rua Ulisses Fruscalso
- Rua Urildo Sossella
- Rua Vergilino Eron Borges
- Rua Volnei Artuzi
- Rua Wilson Afonso Damin

O Decreto nº 3.942/ 13, de 22 de outubro de 2013, alterou e denominou os seguintes logradouros públicos:

- A Rua Mário de Quadros Doring passou a ser denominada de Rua Ipê.

- A Rua B, do Loteamento São João Batista, passou a ser denomiada de Rua Mario de Quadros Doring.

- A Rua C do Loteamento São Batista e sem denominação – 9 dos Loteamentos Real I e II como Rua Sérgio Nardi.

- Rua sem denominação – 01, do Bairro Treze de Maio, como Rua Anildo Bamberg.

- Rua sem denominação – 01, do Loteamento Real I, como Rua Sérgio Capelari.

- Rua sem denominação – 02, do Loteamentos Real I e II, como Rua Antonio Mânica.

- Rua sem denomimção – 04, dos Loteamento Real I e II, como Rua Ivanete Baroni.

- Rua sem denominação – 05, dos Loteamentos Real I e II, como Rua João Albino Valentini.

- Rua sem denominação – 06, dos Loteamentos Real I e II, como Rua Atalíbio Pinto Teixeira.

- Rua sem denominação – 07, dos Loteamentos Real I e II, como Rua Henrique Dall' Igna.

- Rua sem denominação – 08, dos Loteamentos Real I e II, como Rua Arcangelo Girardi.

- Rua sem denominação – 10, dos Loteamentos Real I e II, como Rua Sérgio Oreste Teixeira Oliveira.

- Rua sem denominação – 11, dos Loteamentos Real I e II, como Rua Laurentino Rigo.

- Rua sem denominação – 01, do Loteamento Colussi, como Rua Fiorino Calegari.

- Rua sem denominação – 02, do Loteamento Colussi, como Rua Luiza Forti Costa.

- Rua sem denominação – 02, entre a Travessa Dona Nenê e Rua Santo Canali, como Rua Ângelo Menegaz.

Em 2013, diversas pavimentações asfálticas e calçamentos foram realizados, totalizando 14.664,64m². Em 2014, foram realizados entre pavimentação asfáltica (a quente e a frio), calçamentos, recapeamentos, totalizando 32.190,00m².

HABITAÇÃO

Os programas habitacionais são voltado à população de baixa renda no Município e têm como objetivo centralizar programas e projetos destinados à habitação de interesse social, garantindo acesso a moradia digna.

O Poder Público realizou, entre os anos de 1989 e 1994, doações e auxílio às estruturas multifamiliares em loteamentos dentro da área territorial do Município; dentre elas cabe destacar o loteamento para a construção do mutirão habitacional em meados de 1989.

Mais tarde, em 1992, para ampliação, o Poder Público adquiriu para edificação a área com superfície de 15.210m², na divisa com as terras de Johnny Dorval Zoppaz, pelo valor de NCr$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros novos), e de Adelino Manto e Olga Manto Broch. Ainda em 1992, adquiriu uma área localizada nas proximidades com superfície de 5.137.80m², pela quantia de Cr$ 18.000,00 (dezoito mil cruzeiros), de Vergilino Eron Borges, destinada à ampliação do mutirão habitacional do Bairro São Paulo.

Ainda para o projeto habitacional do Bairro São Cristóvão, em 1992, adquiriu área de terra com 4.847.90m², localizada na Rua Aurélio Sossela, dos proprietários Nilva Spanhol Bordignon e outros e Josefina Verdi Spanhol e outros. Posteriormente, doou área de superfície de 14.959,85m², localizada no Bairro São Paulo, compondo o conjunto habitacional de setenta casas, construídas através da

Obras em andamento do mutirão habitacional Bairro São Paulo em julho de 1988.
Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Sociedade Comunitária Habitacional e do Município.

No dia 3 de fevereiro de 1995, através da Lei Municipal nº 1.864/95, adquiriu uma terra urbana com área superficial de 28.283,57m^2, de propriedade de Celso Antonio Três, localizada no Bairro São Paulo, com divisa de terra dos seguintes proprietários: Padre Carino Corso, Família Cadore, Vergilino Eron Borges e José Slongo Sobrinho e outro.

No final de agosto de 2006, o Poder Público alienou dois lotes urbanos de propriedade do Município, localizados no Loteamento Sol Nascente, a fim de assegurar habitação popular dentro da política de regularização fundiária.

O lote de nº 6 da quadra nº 1, com área de 197,34m^2 e avaliado em R$13.500,00. O outro lote, de nº 1, da quadra nº 4, com área de 188,13m^2, avaliado em R$ 20.000,00.

No dia 23 de novembro de 1995, através da Lei Municipal nº 1.899, o Poder Executivo Municipal ficou autorizado a destinar um auxílio financeiro no valor de R$ 5.950,00 à Sociedade Comunitária Habitacional, localizada no Bairro São Paulo, que tem por finalidade suprir a necessidade de habitação de pessoas carentes e de baixa renda.

No dia 3 de outubro de 2000, através da Lei Municipal nº 2.305, autorizou o Poder Executivo Municipal a transferir vinte e oito lotes urbanos de propriedade do Município, na Política de Regularização Fundiária, no Bairro São Paulo.

Em setembro de 2006, o Poder Público determinou loteamentos de caráter social. Os loteamentos contemplados foram o cooperativo organizado pela Cooperativa Regional de Habitação de Sananduva Ltda. (COOHASA), localizado no prolongamento da Rua Giocondo Canali e Rua Egidio Scatola, no Bairro São Paulo, numa área de 4,6 hectares; loteamento São Paulo, de propriedade do Município, localizado no prolongamento da Rua Alberto Pasqualini, com área total de 9.072m^2. Também o Loteamento São Cristóvão, de propriedade do Município, localizado entre as Ruas Fioravante Rech e Júlio de Castilhos, com área de 13.106.54m^2.

Ademais, o Poder Público, até o final de setembro, acionava o Programa Morar Melhor e investiu R$ 160.000,00 em 16 casas; o fornecimento de mão de obra para reforma e ampliação em 39 casas foi de R$ 20.000,00. Também com a canalização de 100 metros do arroio que serpenteia o Bairro Treze de Maio, que teve um investimento de R$ 20.000,00. Com esse trabalho serão construídas mais sete casas, totalizando o investimento público em torno de R$ 85.000,00, além de assinarem contrato de calçamento destinado às ruas, sendo que o investimento foi de R$ 100.000,00.

No dia 1º de julho de 2008, a Lei Municipal nº 3.127/08 autorizou o Poder Executivo Municipal a trasferir trinta e dois lotes urbanos de propriedade do Município localizados no Loteamento São Paulo para habitação popular.

Com relação aos Loteamentos implentados pelo Poder Público no período, cabe destacar a entrega de quarenta e três casas no final de 2009, o Loteamento Calegari, o Loteamento Real I e II e o Condomínio Ana Paula. No final de 2009, a Administração Municipal entregou quarenta e três casas às famílias. Foram trinta e quatro casas do Programa Social de Habitação que estavam com as obras paradas praticamente na base, através de um contrato com a empresa Marma com a Administração anterior, nove casas no interior, através de convênio com o Sindicato dos Trabalharoes Rurais, uma casa incendiada, que foi reconstruída, e uma casa em estado precário, que também foi reconstruída.

Com essas intervenções o Poder Público deu largada à implantação do Projeto Chave na Mão, que objetivava construir 500 unidades habitacionais até o final de 2012. O projeto deveria tomar corpo de forma mais consistente a partir do ano de 2010, quando uma área de terra foi adquirida pelo Município

na saída para Charrua e que deveria ser estruturada em forma de loteamento, para logo em seguida serem iniciadas as obras de construção de casas e apartamentos populares.

O corpo técnico do Projeto Chave na Mão esteve constituído por técnicos da Prefeitura Municipal de Tapejara, que realizaram a coordenação geral do trabalho e o levantamento dos dados necessários para a efetivação do projeto referenciado: Secretaria Municipal de Habitação, Irapuan Jorge Teixeira; Coordenador do Setor de Projetos, Paulo Roberto Scherer; Coordenador Municipal da Habitação, Deoclides Piffer; Assistente Social, Fabiane Albarello; Estagiária de Serviço Social, Simone Zanatta Guerra; Arquiteto e Urbanista, Geison Brusso; Estagiária de Engenharia Civil, Suelen Perera Cassol, e Secretária da Secretaria da Habitação, Giseli Borges de Vargas.

Ademais, o convênio com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais foi ampliado, beneficiando mais famílias em 2010, oferecendo conforto e incentivando os agricultores para permanecerem no meio rural.

Em abril de 2010, foram executados os serviços de abertura das ruas do Loteamento Calegari, pela Secretaria de Obras do Município. A cidade crescia e desenvolvia-se em ritmo acelerado, sendo que o Município, com o seu potencial industrial e comercial, estava sendo muito procurado por famílias de diversas regiões do Rio Grande do Sul e de outros Estados para residirem.

No dia 4 de maio de 2010, a Lei Municipal nº 3.349/10 autorizou o Poder Executivo a alienar dois lotes urbanos de propriedade do Município, localizados no Loteamento São Paulo, para fins de habitação popular. Nesse mesmo dia, através da Lei nº 3.350/10, outros dois lotes urbanos foram autorizados no Loteamento Sol Poente, para fins de habitação popular.

No dia 20 de julho de 2010, através do Decreto nº 3.530/10, foi declarado de Utilidade Pública um imóvel no Bairro São Paulo, destinado à habitação popular.

Em 2011, o Prefeito Seger Luiz Menegaz ganhou Certificação pelo Projeto Chave na Mão no Prêmio Gestor Público, promovido pelo Sindicato dos Servidores Públicos da Administração Tributária do RS (Sindifisco-RS) e pela Associação dos Fiscais de Tributos Estaduais do RS (Afisvec), em parceria com a Assembleia Legislativa do Estado. Os objetivos são incentivar a melhoria da gestão pública e o uso de metodologia nas prefeituras, estimular iniciativas inovadoras e destacar programas municipais que apresentam resultados positivos às comunidades. Em 2012, recebeu Menção Honrosa por ter mantido a mesma ou maior pontuação do último ano nesse projeto habitacional.

• Loteamento Real I e II

O Loteamento Real está assentado no Bairro 13 de Maio e tem acesso na Avenida Princesa Isabel. Em uma área de 10 hectares foram construídas 318 moradias, sendo que o local possui área de preservação, área pública reservada para futuras construções de interesse social. As ações para implementação do referido loteamento iniciaram em 2010. Na primeira quinzena de junho começaram a construção das primeiras vinte casas.

Em 16 de novembro de 2010, a Administração realizou parceria com a Corsan, que estendeu rede de água para as trinta e cinco famílias de baixa renda que iriam residir no Loteamento Real.

A Corsan forneceu 3.800 metros de redes e a mão de obra especializada ficou a cargo da Prefeitura a abertura e o fechamento das valas e a mão de obra não especializada. O valor liberado pela Corsan para a obra foi de cerca de R$ 80 mil reais. No total, o Loteamento Real I possui 152 casas construídas pelo Poder Pública Municipal e outras em parceria com programas municipais.

O Loteamento Real II possui 49.726m2 e foram construídas 166 casas pelos próprios beneficiários,

através do financiamento do Programa do Governo Federal Minha Casa Minha Vida. No local, ficaram reservados terrenos para praça, unidade de saúde, escola e área de preservação permanente. Já está em construção uma escola de ensino fundamental.

De 2009 a 2012, mais de 500 casas foram construídas através de programas, projetos e parcerias que a Prefeitura realizou a fim de conceder habitação social e polular a diversas famílias do Município.

No dia 2 de agosto de 2011, a Lei nº 3.544/11 autorizou o Poder Executivo a destinar quarenta lotes urbanos de propriedade do Município, localizados no Loteamento Real II, para fins de habitação popular

Vista aérea do Loteamento Real I, à esquerda, e o II, à direita. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

• Convênio garante 60 casas

No dia 19 de junho de 2010 foi realizada assinatura de autorização para a construção de sessenta moradias pelo Projeto Programa de Subsídio à Habitação (PHS) de Interresse Social, no Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira. O PHS é um programa de moradia popular direcionado para pessoas de baixa renda, com rendimentos de até três salários mínimos.

O programa é operado por instituições e agentes financeiros e utiliza recursos do Orçamento Geral da União para subsidiar operações de financiamento e parcelamentos habitacionais de interesse social, agregando a contrapartida do Estado, do Município e das famílias beneficiárias.

• Condomínio Ana Paula

No Bairro São Paulo foram construídos seis condomínios habitacionais, num conjunto denominado Condomínio Ana Paula, num total de noventa e seis apartamentos, com área de lazer, salão de festas e estacionamento. A solenidade de entrega dos apartamentos foi realizada no dia 3 de agosto de 2013, no pátio de entrada do local.

O condomínio faz parte do Projeto Chave na Mão e do Programa Minha Casa, Minha Vida, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Tapejara em parceria com a Caixa Econômica Federal (CEF) e com a construtora Carlotto Empreendimentos Imobiliários Ltda.

Condomínio Ana Paula. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

A área onde foi construído o condomínio foi adquirida pela administração municipal no período de 2009 e 2010; por meio dos Decretos 3.407/09 e 3.530/10, declarou essa área de 7.268,43m^2 como de utilidade pública para fins de desapropriação amigável com o ex-proprietário, José Rombaldi Mânica, adquirida pelo valor de R$ 210.000,00. O Poder Público viabilizou o terreno a preço de habitação de interesse social, proporcionando um custo menor às famílias. O condomínio consiste em seis blocos, com garagens, área de lazer com churrasqueiras, playground e área verde.

Esses noventa e seis novos apartamentos ajudaram muitas famílias a saírem do aluguel. Uma dessas famílias é a da síndica do Condomínio Ana Paula, Jaqueline Reginatto, que mora com o marido e a filha Nicoly, de dez meses. "Antes da gente vir pra cá, nós pagávamos um aluguel com preço bem alto. Daí agora saímos do aluguel, um sonho realizado. Aqui ficou um lugar muito bom de morar; temos uma área verde enorme, a vizinhança muito boa, enfim bem bom pra se morar. O nosso apartamento ficou bem melhor, inclusive melhor do que aquele em que a gente morava", contou. Jaqueline ainda falou que pagar aluguel é um dinheiro perdido, sem retorno. "Aqui nós estamos pagando o que é nosso, o que vai ficar de herança para a minha filha quando crescer", finalizou.

Para o beneficiário Augusto Tessaro, que mora com a esposa e o seu filho Vinícius, de seis meses, também foi um sonho realizado, já que antes não tinham um lugar para morar e se mudavam de tempos em tempos, revezando-se na casa dos pais. "Agora ficou muito mais prático; eu até já morei sozinho de aluguel, mas agora, morando no que é meu, sabendo que o dinheiro vai investido no que é nosso patrimônio é muito bom. Gostei do ambiente bem familiar, algo cativante, harmonioso, com vizinhos legais", frisou.

Outro morador que tinha despesas com aluguel era Renan da Conceição, que mora com sua esposa. "É um sonho realizado, é um desejo que todos têm da casa própria e felizmente a gente conseguiu realizar. O condomínio ficou muito bom, a estrutura ficou bem aconchegante e é legal conviver com várias pessoas que também realizaram seu sonho", ressaltou.

O Prefeito de Tapejara, Seger Luiz Menegaz, agradeceu todos as pessoas que se envolveram para que essa obra acontecesse, as quais não mediram esforços. Também ressaltou que, com muito empenho,

seriedade e dedicação, é possível fazer muitas obras. O gerente da Caixa Econômica Federal (CEF) Paulo Formica ressaltou sua satisfação em representar a Caixa na entrega dos apartametos, em que contribuiu, financeiramente, com o empreendimento.

Programas habitacionais desenvolvidos pela Secretaria Municipal da Habitação de 2008 a 2015

Programa PSH: 75 casas construídas, em 2010, no valor de R$1.387.500,00.

Programa Habitacional, através de emenda parlamentar: 20 casas construídas, em 2010, no valor de R$ 375.994,40.

Programa Sehadur: 10 casas construídas, em 2010, no valor de R$ 200.000,00.

Programa Recursos Próprios: 8 casas construídas, em 2011, no valor de R$ 118.799,84.

Programa Casas de Madeira: 15 casas construídas, em 2012, no valor de R$ 135.244,00.

Programa habitacional através de emenda parlamentar: 7 casas construídas, em 2012/2013, no valor de R$ 221.760,63.

Programa Lotes Urbanos – Real II – financiamentos: 166 casas construídas, em 2011, no valor de R$ 1.140.000,00.

Programa Lotes Urbanos: concessão de uso: 148 em 2011.

Programa Condomínio Ana Paula: 96 apartamentos, construídos em 2011, no valor de R$ 210.000,00.

Programa Habitacional – modalidade individual: 21 casas foram construídas em 2009/2010/2011/2012, com investimento de R$ 119.700,00.

Programa Habitacional em PVC: 30 casas que estão em construção, no valor de R$ 630.000,00.

Também foram construídos, de 2009 a 2013, 42 módulos sanitários, no valor de R$ 147 mil, para famílias em situação de vulnerabilidade econômica e social.

PRAÇAS

- **Praça da Matriz – Praça Silvio Ughini**

Obras na então Praça Central na metade da década de 1960. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A origem da área institucional da praça local remonta o final da década de 50. Na ocasião, o Poder Público estabeleceu a permuta de terrenos públicos com particulares para a instalação da praça municipal. Foi permutado o terreno situado na então Rua Sete de Setembro, com área de 6.616m², confrontando à frente com a Rua Sete de Setembro, fundos dos terrenos da família Sitta, à direita com a Rua Luiz Costa e à esquerda com terreno do Município, por uma área de terreno urbano de propriedade da Mitra Diocesana de Passo Fundo, situada na Rua Júlio de Castilhos, com área de 2.400m², confrontando pela frente com a Rua Júlio de Castilhos; pelos fundos com terrenos da viúva Staciak e Eugênio Felini; à direita com terreno do Município e à esquerda com a Rua Independência.

Em janeiro de 1960, o Poder Público desapropriou os imóveis existentes na área de abrangência da futura praça. A viúva Staciak e Eugênio Felini, proprietários, receberam indenização. O Poder Público desembolsou na ocasião Cr$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros). Em seguida, também foi adquirido material no valor de Cr$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) para obras da futura praça. Mais tarde, em meados de 1963, o Poder Público contratou por empreitada de serviços o topógrafo Jorge Rocha, no valor de Cr$ 460.000,00 (quatrocentos e sessenta mil cruzeiros) para direção e orientação de todos os serviços e execução da Praça Central, até o seu final e o levantamento cadastral.

As instalações foram concluídas em meados de 1970, e passou a ser conhecida como Praça da Matriz. Somente recebeu a denominação pelo Poder Público no retorno ao cargo do Prefeito José Maria Vigo da Silveira, acompanhado pelo Vice-Prefeito, Johny Dorval Zoppaz, então em 23 de novembro de 1981, denominaram Praça Silvio Ughini. Em seguida, no dia 9 de dezembro, denominaram a praça existente no quarteirão onde está implementada a Igreja Matriz Nossa Senhora da Saúde, da Praça da Matriz.

Família de Silvio Ughini e Irene Langaro Ughini (ambos em memória), em 1952. Da esquerda para a direita, em pé: Vilma, Alécio, Olga (em memória) e Carmen. Sentados: Telmo (em memória), Irene, Moacir, Silvio e Lídio.
Fonte: Arquivo de Carmen Ughini Vergara.

Em 2014, iniciaram os trabalhos de remodelação da Praça Central Sílvio Ughini, de Tapejara, prevista para acontecer em duas etapas: na primeira etapa, foram previstos os seguintes trabalhos: troca da pavimentação com utilização de blocos intertravados, com colocação de piso táctil; construção de banheiros

novos; substituição de bancos e lixeiras; colocação de novas mesas de concreto; substituição das luminárias; criação de área de caminhada, localizada à frente dos banheiros; e o manejo da vegetação.

Na segunda etapa, será construído um palco definitivo, já que na praça são realizados grandes eventos do Município, será reformado o playground, os muros, escadas e meios-fios, receberão pintura, serão colocados pergolados e decks de madeira, além do manejo da vegetação. A praça contará com mais área verde.

Projeto da revitalização da Praça Silvio Ughini, de 2014. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• Outras praças

A partir de 1972, diversas áreas verdes foram denominadas de praças, porém não foram dotadas de equipamentos e estruturas adequados, conforme se caracteriza uma praça pública, entre as quais:

A Praça Marechal Deodoro, situada entre as Ruas Osório da Silveira, Cel. Antônio Cardoso, Murilo Domingues e Pe. Anchieta.

Praça Presidente Costa e Silva, situada entre as Ruas Borges de Medeiros, Pe. Anchieta, Murilo Domingues e Eduardo Gomes.

Praça da República, situada entre as Ruas Nicolau Vergueiro, Silveira Martins, Antônio Xavier e Ângelo Dalzotto.

Praça Castelo Branco, situada entre as Ruas Dr. Victor Graeff, Av. Sete de Setembro e João XXIII.

Praça Marechal Rondon, situada entre as Ruas Nicolau Vergueiro, Júlio de Castilhos, Padre Damin e Padre Calógero.

Praça Duque de Caxias, situada entre a Av. Sete de Setembro, Rua Pe. Calógero, Pedro Rebesquini e Manoel Alvarenga.

Praça Floriano Peixoto, situada entre as Ruas Nicolau Vergueiro, 21 de Abril, José Bonifácio e Rua Cabral.

Praça São Pedro, situada na Av. Sete de Setembro, entre as Ruas José Bonifácio, Rio Branco e São Paulo.

Ainda no final de outubro de 1973, o Poder Público adquiriu terreno na área urbana, com 800m^2,

medindo 20 metros de frente, na Rua Dr. Vergueiro, por 40 de fundos, noroeste com terras de Luiz Slongo com o lote 146 dos sucessores de Manoel Teixeira e ao sudoeste com a Rua Antônio Xavier, de propriedade de Maria Batistella pelo preço de Cr$ 720.000,00 (setecentos e vinte mil cruzeiros). O imóvel adquirido destinava-se à futura Praça da República. Com o passar do tempo, o Município foi permutando todas essas áreas, ou cedendo para construções civis públicas e privadas.

- **Praça Lucélia Poletto**

Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A Praça Lucélia Poletto está localizada, no início da Avenida Elizeu Rech, esquina com a Rua Padre Anchieta, no Loteamento Basseggio, em Tapejara. Foi inaugurada no dia 5 de setembro de 2010. A população presente conferiu a inauguração de uma obra onde foram investidos mais de R$ 260.000,00, com área de lazer, recreação e esporte. A Praça Lucélia Poletto é uma realização da Prefeitura Municipal, através das Secretarias de Obras, Habitação, Educação e Indústria e Comércio. Na oportunidade, foi realizada a entrega de uma placa em homenagem a Pedro Poletto e esposa, representantes da família de Lucélia Poletto.

A arquiteta Mana Marchiori foi responsável pela remodelação do projeto e o arquiteto Júlio Seidler, responsável pela execução. O local é um espaço de lazer para caminhadas, jogos de futebol de areia, parque infantil e conta com bancos e equipamentos de academia. Todos os finais de semana famílias e jovens reúnem-se para tomar um mate, rever os amigos e conversar.

Lucélia Poletto nasceu no dia 29 de julho de 1977, na cidade de Tapejara. Terceira filha do casal Ivanir Poletto e Erenita D. Poletto, residia na Rua Padre Anchieta, em cuja rua localiza-se a praça com seu nome, denominada através do Decreto Legislativo nº 2/96.

Estudou no Colégio Medianeira de Todas as Graças, desde a educação infantil até a conclusão do ensino fundamental. O primeiro ano de ensino médio foi na Escola Senhor dos Caminhos. A partir dos 13 anos, começou a trabalhar na empresa da família. No seu tempo livre gostava de reunir-se com os

amigos, praticar esportes, dançar, fazer festas. No dia 22 de agosto de 1993, aos 16 anos de idade, um grave acidente veio a interromper sua vida.

- **Praça Sete de Setembro**

Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

No dia 15 de março de 2013, foi inaugurada a Praça Sete de Setembro, localizada em frente ao Edifício São Paulo, no Bairro São Paulo. Autoridades e a comunidade estiveram presentes. O local é uma área de lazer para todos os moradores dos arredores.

- **Academia de Saúde ao Ar Livre**

Academia de Saúde ao Ar Livre. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A inauguração da Academia de Saúde Valéria Debastiani e do Espaço de Vivência Leandro Henrique Vianna, localizados entre o Posto de Saúde São Paulo e o Clube Nativo, aconteceu no dia 9 de março de 2014.

A decisão de transformar a antiga praça em uma academia de saúde ao ar livre foi confirmada na noite do dia 17 de janeiro de 2013 em uma reunião realizada no salão comunitário da comunidade. Cerca de sessenta pessoas participaram da reunião, que contou com a presença do Prefeito Seger Luiz Menegaz; do Vice-Prefeito, Gilberto Oliboni; do Secretário da Saúde, Márcio Bertóglio; e de outros Secretários; da Coordenadora de Saúde, Daniela Girardi; de vereadores, líderes de entidades e da comunidade. A sugestão levada pelo Poder Público à comunidade de implantar a academia naquele local foi motivada pela expressiva quantidade de moradores, mais de sete mil pessoas.

É um projeto com verbas do governo federal, através do Ministério da Saúde, num valor de R$ 100 mil e que terá um incremento da Prefeitura Municipal. O campo de futebol ao lado também seria reformulado. A comunidade aprovou a ideia por maioria e parabenizou a administração pela iniciativa, já que ela há um bom tempo vinha solicitando uma área de lazer no bairro. As obras da construção da academia de saúde ao ar livre iniciaram em maio de 2013. A praça tem no espaço externo equipamentos de academia, brinquedos infantis e uma quadra para exercício e jogos, além de bancos e espaço para caminhadas. Ainda possui um espaço externo coberto destinado a atividades coletivas relacionadas às práticas corporais/atividade física, artes (teatro, música e artesanato) e reuniões de grupos, com banheiros adaptados.

CONSTRUTORAS

Em Tapejara, diversas empresas ajudaram e continuam contribuindo na evolução e verticalização urbana da cidade. Entre elas:

Vista de vários prédios existentes em Tapejara. Foto: Arquivo da Prefeitura de Tapejara.

• Bianchini Empreendimentos

Fundada em 1991, a Bianchini Empreendimentos é uma empresa do Grupo Bianchini dedicada à construção civil. É destaque em inovação, visão de futuro e, principalmente, na garantia de oferecer qualidade nos materiais utilizados nas obras. Possui um portfólio de vinte e cinco empreendimentos, entre edifícios residenciais, comerciais e loteamentos urbanos. O escritório está localizado na Rua Cel. Lolico, 522 – Centro.

São mais de 66.000m² entregues, totalizando: 432 apartamentos; 142 salas comerciais; 467 box/garagem. E ainda em andamento 12.700m², totalizando: 94 apartamentos; 5 salas comerciais; 118 box/garagem.

Em 2002, começou a comercialização do segmento loteamentos. O primeiro está localizado no Bairro São Paulo, totalizando 170.000m², com 246 terrenos. O segundo, Loteamento Bianchini, iniciou em 2009 e está localizado em Ibiaçá, de 11.000m², com 44 terrenos. O terceiro, Loteamento do Parque, está localizado no Bairro Nazaré; a comercialização iniciou em 2012, totalizando 8.000m², com 25 terrenos. E, em 2015, iniciou a comercialização de um novo loteamento, com mais de 50.000m², totalizando 85 lotes, localizado no Bairro São Paulo.

No decorrer desses anos, muitos pilares foram erguidos em pontos estratégicos, com o intuito de oferecer salas comerciais que proporcionem, além da valorização financeira, ambientes acolhedores, a fim de que os negócios realizados nesses locais sejam muito mais promissores. Ainda fazem parte do grupo Bianchini: Bianchini Agricultura, Bianchini Center Modas, Bianchini Logística, Bimóveis e Plasbil Revestimentos.

• Construtora e Incorporadora Dalposso

Em 1994, Hugo Dalposso iniciou suas atividades no ramo das construções de edifícios. Na época, construiu dois condomínios fechados, o Edifício Victor Emanuel e o Edifício Perera, ambos na Avenida Sete de Setembro. Convidou pessoas para fazerem uma parceria e abrir uma empresa para construir prédios. Hugo lembra que as pessoas com quem conversou disseram que a ideia não daria certo.

Em 1º de fevereiro 1996, decidiu abrir a empresa Construtora e Incorporadora Dalposso, atuando na construção e incorporação imobiliária. Hugo Dalposso iniciou as atividades trabalhando, diretamente, nas obras, levantando as paredes dos primeiros prédios construídos pela empresa. Seu primeiro escritório esteve situado na Rua Cel. Lolico, 517, sala 208, Centro. Atualmente, exerce as atividades na Av. 7 de Setembro, 924, sala 2, Centro, Tapejara. Hoje, a gerência da Dalposso é realizada pelos filhos Gisela Dalposso e Henrique Dalposso, que constroem o 10º edifício dessa empresa.

Dall' Igna Construtora e Incorporadora

A Dall Igna Construtora e Incorporadora Ltda. é uma empresa que atua há mais de cinquenta anos na construção civil de Tapejara. Em 2004, a empresa começou a trabalhar em uma linha nova da construção civil.

No Município ainda existem outras construtoras, entre elas: Rovani Construtora e Incorporadora, CVZ Empreendimentos Imobiliários, Caselani Engenharia, Menon e Girardi Construtora e Incorporadora, Z e G Construtora e Incorporadora, Coronetti Engenharia e Construção, Mazzutti Construtora e Incorporadora, Alisan Construtora e Comercialização, Girardi Construtora e Incorporadora, Colussi Construtora, Scariot Construção e Comércio, entre outras.

BAIRROS

A história dos bairros, assim como a da cidade e a das pessoas que nela vivem se vai transformando com o tempo, e os seus nomes refletem isso. Para os bairros de Tapejara, por exemplo, dois tipos de nomes são usados hoje: os oficiais e os populares. Os nomes oficiais, para alguns bairros, são os que foram dados no projeto original da cidade. Para outros, que surgiram depois do planejamento inicial, o nome oficial é o da época da aprovação do loteamento do bairro: São Cristóvão, Nazaré, Treze de Maio.

Nos primeiros tempos, sem ordenação e planos, havia apenas trilhas e caminhos feitos pelos moradores, onde passavam carroças e alguns veículos. As moradias eram em pequenos lotes, simples e de madeira, nas proximidades desses caminhos. Eram provenientes do interior e das redondezas do Município e da região. Aos poucos, foram acostumando-se à nova realidade urbana. Começaram abrindo pequeno comércio, bodegas, fundando os times de futebol, além de servirem de mão de obra para o frigorífico, os serviços públicos, funcionários da Prefeitura e da construção civil.

Com a emancipação do Poder Público, a trilha deu espaço à circulação de caminhões até o frigorífico. Mais tarde, com alargamento e prolongamento da Avenida Sete de Setembro, foram colocados calçamentos para em seguida cobrir a pista da via com asfalto, tornando-a a principal artéria do bairro. Nos últimos vinte anos, o corredor da Avenida Sete de Setembro transformou-se nos dois sentidos Bairro-Centro e Centro-Bairro, uma paisagem de assentamento de inúmeros estabelecimentos de comércio e serviços diversificados atraindo as atenções do consumo e uso dentro da programação de necessidades imediatas. Por sua vez, nas três últimas décadas, houve no bairro o assentamento de diversos templos religiosos em diferentes pontos.

Avenida Sete de Setembro na década de 70. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Para outros, ainda, o nome oficial foi dado por lei depois que aquela região já estava ocupada, como é o caso do Bairro São Paulo. Os nomes populares são aqueles pelos quais conhecemos nossos bairros. Sua origem está ligada a alguma característica física ou cultural do lugar, como no caso do então Frigorífico São Paulo, que deu nome ao local. Outro caso é o atual Bairro Treze de Maio, que antigamente era conhe-

cido como Brasília ou Brasa, mas que hoje somente existe na memória de antigos habitantes da cidade.

O processo de criação dos bairros de Tapejara teve origem na Escola Estadual de Ensino Fundamental Severini Dalzotto, nas aulas de Geografia da professora Ivanete Baroni, onde os alunos questionaram sobre como era a delimitação dos bairros da cidade. Ivanete informou-os que o Município ainda não possuía bairros criados, legalizados, somente costumeiramente conhecidos como tais. Diante de tal questionamento, a Escola Estadual Severino Dalzotto entrou em contato com o Legislativo Municipal, para que se estudasse a possibilidade de criar efetivamente os bairros em Tapejara.

Então, o Legislativo passou a analisar e, no dia 25 de fevereiro de 2009, aconteceu a primeira reunião na Câmara Municipal de Vereadores, com diversas entidades do Município, com o objetivo de expor sobre a importância de se terem bairros legalizados e levantar sugestões, já que existiam algumas divisões delimitadas, porém nada era oficial.

Nessa reunião também foi formada uma comissão para dar continuidade ao projeto, sendo composta por representantes: do Legislativo – Vereador Márcio Bertoglio; da Secretaria Municipal da Saúde – secretário Umberto Bolsonello; da Paróquia Nossa Senhora da Saúde – Padre Hélio Corso Marsiglio; do IBGE – Julio Francisco dos Reis e Ivanete Baroni; e da Agência dos Correios de Tapejara – Gerente Luis Carlos Civardi. A Comissão reuniu-se por mais duas oportunidades (07.04.2009 e 14.04.2009), para avaliar as divisões já existentes e, a partir destas, formar uma divisão comum.

Com as definições encontradas nas reuniões, a Comissão passou a realizar audiências públicas nos possíveis bairros, expondo a importância de tê-los e também a possibilidade de obter melhores resultados no censo de 2010, além de facilitar a entrega de encomendas e correspondências. Após, com aprovação da comunidade, passou-se à elaboração do projeto de lei, em conjunto com o Executivo Municipal.

O projeto de lei foi aprovado por todos os vereadores no dia 29 de junho de 2009, sendo a lei sancionada pelo Poder Executivo em 1º de julho de 2009. A limitação dos bairros foi definida, oficialmente, conforme art. 7º da Lei Municipal nº 3.228/09.

• Bairro Centro

Centro da então Sede Teixeira em meados de 1920. Fonte: Arquivo de Mario José Felini.

Vista do Centro da cidade. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

Centro em 1965. Obras da então Praça Central, atual Silvio Ughini. Foto: Arquivo de Mario José Felini.

Centro da cidade, na Rua do Comércio, na década de 1960. Na foto, da esquerda para a direita: Gilberto Zanatta, Neuza Bamber (primeira Miss Tapejara), Cabo Darci Borela e prof. Aldino Guerno Langaro. Foto: Arquivo de Santina Zanini.

Centro da cidade no final da década de 1970. O prédio maior na foto é o Banco do Brasil. Foto: Arquivo da Prefeitura de Tapejara.

A partir de 1910, no então Núcleo Itália, em diversos pontos, no interior e nas proximidades do Centro, existiam serrarias, olarias, atafonas, bodegões, assim como prédios com casas comerciais, hotéis, gasosarias, moinhos de trigo, moinhos de pedra, fábrica de móveis, fábrica de caramelos e marmelada, cantina de vinho, selarias e cortume, entre outros estabelecimentos. Com o tempo, foram construídos prédios para instalar repartições públicas, entre elas comércios e prestações de serviços de diversas áreas.

O centro da cidade inicia na vértice 16, na estrada para Paiol Novo, a 100m da estrada secundária para Paiol Novo. Do ponto inicial segue pela estrada para Paiol Novo até a estrada secundária para Paiol Novo; desse ponto por essa e, posteriormente, pela Rua Osório da Silveira até a Rua Isaco Calegari; desse ponto por essa e posteriormente pelo seu alinhamento até a Av. Dom Pedro II; desse ponto por essa até a perimetral; desse ponto pela perimetral em 100m, até o ponto fronteiriço ao vértice 4; desse ponto em linha reta por 50m até o vértice 4; desse ponto por linha paralela à perimetral, sempre numa distância de 50m até a estrada de saída para Água Santa; desse ponto por essa e posteriormente pela Av. Valdo Nunes Vieira, até a Rua Júlio de Castilhos; por essa até o Arroio Ibirapuitã; desse ponto, águas abaixo até a estrada para Santa Rita; por essa até o vértice 17 a 400m do Parque de Rodeios; desse ponto por linha reta até o vértice 16, ponto inicial (AC).

- **Bairro São Cristóvão**

O embrião do bairro iniciou com a devastação da mata e o cultivo de parte das áreas de terras por famílias de pequenos colonos, que, inicialmente, retiravam da terra, através do trabalho manual,

os alimentos para subsistência e criavam animais domésticos. Também abatiam animais existentes nos matos das proximidades e redondezas. Entre as famílias que vieram radicar-se na metade da primeira década do século XX estão as de Fiorindo Coronetti e Otavio Dalbosco, que moravam nas margens da então primeira estrada da Sede Teixeira para a então estação de Coxilha e Passo Fundo.

Com o passar do tempo, circularam pela estrada carroças puxadas por ternos de mulas ou de juntas de bois carregadas de produtos coloniais como banha, galinhas, milho, arroz, feijão, batata e outros, provenientes das proximidades e das localidades de Nossa Senhora do Caravaggio e Nossa Senhora da Salete. Essas dirigiam-se para o centro da Vila Teixeira, nas casas comerciais das firmas Ughini & Irmãos e Busatto & Irmãos, onde trocavam por açúcar, sal, café, soda, breu, tripas, espingarda, pólvora, chumbo, fumo em corda, utensílios domésticos, tecidos, riscado, brim, cambraia, fustão, entre outros.

Também circulavam pela estrada colonos montados em cavalos ou mulas; usavam esse meio quando precisavam se deslocar no centro ou redondezas para uma visita a doentes, pagar os impostos, registrar os filhos ou a terra no cartório, comprar algum medicamento, fazer pequenas compras nos botequins.

Mais tarde, na primeira metade da década de 1930, com a melhoria da estrada e a construção de novas pontes sobre o Rio Carreteiro e do Rio do Peixe, começaram a circular caminhões de reboque que transportavam toras de pinheiro ou madeira beneficiada das diversas serrarias existentes em vários pontos do território da então Vila Teixeira.

Estrada na saída para Passo Fundo em dia de barro. Foto: Arquivo de Ângelo Manica na década de 1930.

Com essa movimentação em determinado trecho da estrada da Vila Teixeira para as localidades de Nossa Senhora do Caravaggio, Salete, Estação Coxilha e Passo Fundo, localizado nas redondezas da Sede, despertou-se interesse de mais famílias para ali morarem e abrirem seus negócios.

Entre os que estenderam seus negócios está a família de Valeriano Ughini, que já possuía uma casa comercial assentada desde a metade da primeira década no centro da Sede Teixeira. Valeriano Ughini comprou um pedaço de terra próximo à área de terras de Otavio Dalbosco e construiu um prédio que serviu de matadouro para o abate de gado. Ele adquiria o gado através de troca de mercadorias e uma

pequena quantia de dinheiro. O gado era entregue no estabelecimento, em seguida babatido, cortado em grandes peças e transportado, por um pequeno furgão, para o prédio de alvenaria situado ao lado da casa comercial, onde estava instalado o açougue, e então a carne e os miúdos eram colocados à venda.

Mais tarde, quando a firma dos Ughini encerrou suas atividades de venda de carne fresca, Eugênio Dametto veio radicar-se com a família nas proximidades e passou a utilizar as dependências do abatedouro. Os animais continuaram sendo abatidos ali. As peças de carne eram transportadas por um pequeno utilitário até um prédio de alvenaria dotado de instalações de um açougue, assentado na atual Rua XV de Novembro, ladeado pelo terreno e pela residência de Alfredo Campiol e do outro lado por Pedro Poletto.

Nesse local, atualmente, foi construído um prédio de alvenaria que passou a ser lindeiro de um lado da casa de alvenaria que abrigou, recentemente, as instalações da Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações, Central Telefônica de Tapejara, de outro lado o Edifício Attualitá, que se estende até a esquina da Av. 7 de Setembro, onde faz sua frente com o número 1.000.

Nas proximidades da então cancha de carreiras de cavalos, instalada por João Rombaldi, pouco tempo depois, a firma Ughini Bertoldo & Cia. assentou uma serraria. Waldemar Dalbosco conta: "No começo as toras chegavam à serraria transportadas por fieira puxadas por juntas de bois, mais tarde por caminhões de reboque. As toras eram transformadas em tábuas, caibros e uma boa parte era carregada em caminhões e levada para Coxilha e Passo Fundo, e outra ficava empilhada fora do barracão, à espera de compradores da Vila e da redondeza. A serraria esteve em franca atividade até, aproximadamente, meados do ano de 1954", contou.

A partir dessa data, as instalações e os negócios da serraria, de acordo com Ivone Rech de Quadros, "foram transferidos para uma localidade do interior do Município de Lages, no Estado de Santa Catarina. Nesse lugar, a firma Ughini Irmãos e Cia. Ltda. instalou a serraria, colocando o meu pai Vitório Rech, casado com minha mãe Maria Didomenico Rech, como administrador do negócio".

Em meados da década de 1940, foi assentada uma olaria de propriedade da família de Fiorindo Coronetti. O estabelecimento estava situado nas proximidades da antiga serraria, produzia telhas e, principalmente, tijolos, que eram vendidos para os interessados em construir moradias de alvenaria, no centro e nas proximidades do então Distrito de Tapejara. Nos últimos anos de funcionamento, o estabelecimento passou ser administrado por Domingos Coronetti.

O barro para fabricar as telhas, de acordo com Waldemar Dalbosco: "era retirado dos fundos do barracão, levado por uma gaiota puxada por uma junta de bois até dentro do prédio onde, em seguida, era amassado pela força de um cavalo que movia o caracol, tipo de recipiente onde o barro era depositado. A olaria estava situada onde, hoje, está o prédio do Centro Comunitário da Comunidade".

Por sua vez, Neli Sérgio Pina conta: "Meus pais, Antônio Pina e Maria Verardi Pina, chegaram na Vila Teixeira no começo do ano de 1949. Eu tinha cinco anos de idade. A família veio de Vila Maria e foi morar nas proximidades da olaria de Fiorindo Coronetti. O pai chegou a trabalhar uns anos de oleiro na olaria do Coronetti."

Na primeira metade da década de 1940, Otávio Dalbosco instalou numa das peças de sua morada uma pequena bodega. O prédio estava localizado nas proximidades da fábrica de móveis do filho Mário e da morada de Fiorindo Coronetti e, mais adiante, existiu um potreiro. Waldemar conta: "O bar do Otavio era um ponto de parada, para tomar um trago e para o encontro dos colonos que vinham de carroça ou a cavalo de Nossa Senhora do Caravaggio, Salete, Santa Rita, para o centro do Distrito, para fazer seus negócios e trocar produtos por mercadorias, nas casas comerciais que existiam". O bar, com o falecimen-

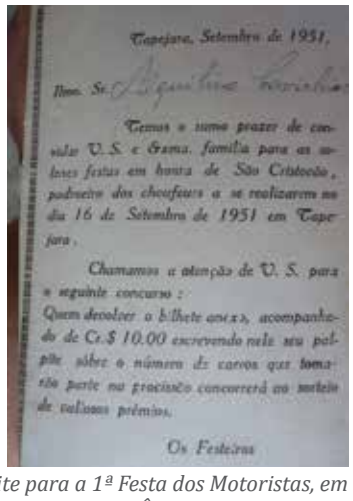
to de Otavio, passou por um curto tempo para as mãos de Mário Coronetti, que, em seguida, fechou as portas.

Os mais antigos moradores do Bairro São Cristóvão contam que havia estabelecimentos de: beneficiamento de madeira e fabricação de móveis, de tijolos e telhas, abate de animais, bar, oratório (pequena capela), cancha de carreira. É o bairro onde está assentado o atual cemitério municipal, o Estádio Dr. Celso Domingues e a Escola de Ensino Fundamental Valeriano Ughini. As áreas de terra de cultivo e potreiro foram transformadas em loteamento, com a abertura de vias de circulação em função da chegada de novas famílias. Ainda possui a edificação da Loja Maçônica e da sede do Lions Clube. As construções mais recentes são o Complexo Educativo e Esportivo Albino Sossela, a Unidade de Saúde e a Creche de Helena Andreazza Sitta, entre outros estabelecimentos, organizações e entidades assentadas, instaladas e colocadas em funcionamento no solo e área que fazem parte do território do bairro.

Vista de parte do Bairro São Cristóvão. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

COLONOS E MOTORISTAS

Uma série de iniciativas, nas áreas da indústria, do comércio e de serviços, movimentavam a vida social-econômico-religiosa do então Distrito de Tapejara no início da década de 1950. Foi nessa fase de desenvolvimento que o transporte de carroças e cargueiros, do que era produzido no meio agrícola e nos estabelecimentos existentes até então, não conseguia dar mais conta. Na década de 1940, começaram a surgir os primeiros automóveis e os caminhões, que aumentaram na quantidade a partir da década de 1950.



Tapejara, Setembro de 1951.

Ilmo. Sr.

Temos o sumo prazer de convidar V. S. e Exma. família para as solenes festas em honra de São Cristovão, padroeiro dos choufeurs a se realizarem no dia 16 de Setembro de 1951 em Tapejara.

Chamamos a atenção de V. S. para o seguinte concurso:
Quem devolver o bilhete anexo, acompanhado de Cr.$ 10.00 escrevendo nele seu palpite sôbre o número de carros que tomarão parte na procissão concorrerá ao sorteio de valiosos prêmios.

Os Festeiros

Convite para a 1ª Festa dos Motoristas, em 1951. Foto: Arquivo de Ângelo Rombaldi Manica.

Resultou num aumento de circulação de veículos automotores na então estrada de Tapejara em direção a Coxilha e Passo Fundo. Uns caminhões transportando madeiras beneficiadas à Estação Coxilha e outros transportando feijão, milho, arroz, cevada, trigo para Passo Fundo e trazendo, na volta, cal, cimento, açúcar, sal, café, soda, tecidos, utensílios domésticos, ferramentas, entre outras mercadorias destinadas a abastecer as então casas comerciais, assentadas na zona central da sede do Distrito.

Naquele tempo um grupo de motoristas, entre eles: Claudino Zoldan, Vergilio Três, João Girardi, José Sandini Netto, Albano Rech, João Mocelin, entre outros, tomou a iniciativa de propor ao então Pároco Raimundo Damin a construção de um oratório, com a invocação a São Cristóvão, protetor dos motoristas e colonos.

Caminhões trafegando pela antiga estrada para Passo Fundo, transportando madeiras para a Estação de Coxilha em meados de 1940. Fonte: Arquivo de Mario José Felini.

Com a aprovação do Padre Damin, saíram em busca de um lugar em que fosse possível colocar a imagem de São Cristóvão. O local que então conseguiram foi num pedaço de terra cedido por Fiorindo Coronetti, situado às margens da estrada Tapejara-Coxilha, em frente às moradias existentes no núcleo, nas proximidades de sua morada. Ali foi construída uma pequena capela para abrigar a imagem de São Cristóvão, que foi doada por Ricardo Baseggio.

De acordo com registro no livro-tombo da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, as solenidades de inauguração e a festa do oratório aconteceram no dia 16 de setembro de 1951; na ocasião, foram abatidos oito bovinos, e toda carne foi vendida. A carne foi assada a céu aberto, numa churrascaria improvisada, numa extensa vala, sendo espetada em varas de cambuí colocadas uma ao lado da outra, próximas do braseiro existente dentro da vala.

Capitel de São Cristóvão, protetor dos colonos e motoristas, em 1951. Fonte: Arquivo de Américo Ferreira da Silva.

Dia 16.09.1951: procissão da 1ª Festa dos Motoristas, no capitel São Cristóvão, situado na estrada da então Vila Tapejara para Passo Fundo. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Às 15h, defronte às obras do alicerce da nova Igreja Matriz, foi dada a partida da procissão de caminhões, camionetes e automóveis com a imagem de São Cristóvão rumo ao oratório. Na medida em que os veículos, os condutores e as pessoas se aproximavam do local, eram acolhidos com a bênção do então Padre Raimundo Damin. A doação dos padrinhos rendeu 13 mil cruzeiros e o lucro da festa foi de 32 mil cruzeiros. O resultado financeiro total foi de 45 mil cruzeiros.

Frota de caminhões durante a festa de São Cristóvão. Foto: Arquivo de Mario José Felini.

Em janeiro de 1953, aconteceu a segunda e última Festa de São Cristóvão. Foi um domingo de muita chuva. A procissão de caminhões, camionetes e carros saiu, novamente, defronte às obras em andamento da atual Igreja Matriz e participaram aproximadamente 100 veículos. Em meados de 1960, a imagem de

São Cristóvão foi retirada do oratório pelo então pároco e levada à Igreja Matriz. Também a procissão e a festa em honra a São Cristóvão voltaram a acontecer a partir de 1982 e continuam até hoje.

Em 1953, Mário Dalbosco, que possuía uma pequena área de terras nas proximidades do oratório, porém do outro lado da estrada, adquiriu uma parte da madeira da antiga olaria de Fiorindo Coronetti e outra parte da família de Ângelo Dallagasperina, que eram proprietários de serraria localizada no Caravaggio, em sociedade com Alcides Perera, e construíram a sua marcenaria, com fábrica de móveis e aberturas de madeira. As primeiras máquinas foram montadas com armação de madeira, eixos de ferro e correias de lona, sendo as serras de ferro feitas por Mário e Alcides. Eram produzidos armários, guarda-roupas, bidês, guarda-louças e mesas. A produção era feita por encomenda pelos interessados. Diversos móveis foram adquiridos por moradores das localidades de Salete, Nossa Senhora do Caravaggio, Santa Rita, Colônia Lângaro, entre outros.

A marcenaria e a estrada, com o passar do tempo, sofreram grande transformação. O estabelecimento passou à sociedade dos filhos do Mário, que construíram um prédio de alvenaria no mesmo local da antiga construção, e passaram a produzir móveis e aberturas de acordo com o padrão e exigências recentes do mercado. Atualmente, o endereço da empresa Móveis e Aberturas Dal´Bosco está na Rua Valdo Nunes Vieira, 1.140, no Bairro São Cristóvão.

Por sua vez, a estrada foi transformada em uma via pública e foi executado o prolongamento da Rua Valdo Nunes Vieira, que recebeu uma camada asfáltica, pois a saída da cidade em direção a Coxilha e Passo Fundo foi transferida para o prolongamento da Avenida Sete de Setembro. Atualmente, no Bairro São Cristóvão encontra-se assentado o cemitério municipal João Rombaldi, ao lado do Estádio Dr. Celso Domingues.

A praça esportiva, Estádio Dr. Celso Domingues, reduto do Clube Atlético Tapejarense encontra-se assentada no atual Bairro São Cristóvão. No final da década de 1950, o Poder Público doou para o Sport Clube Atlético área de 14.300m^2 área que já vinha sendo utilizada como sua praça esportiva, localizada nas proximidades do novo cemitério municipal. De acordo com Gesuino Cauduro, "era uma área de terras com onze pinheiros e diversas outras árvores, entre as quais: angico, cedro, canela, que foi doada por João Rombaldi para o Município. Em seguida, as árvores foram derrubadas e o terreno começou a ser nivelado. Num primeiro momento, a área foi aplainada à enxada por diversos simpatizantes e atletas do Atlético e pouco tempo depois, nos primeiros anos da década de 50, o José Bertoglio conseguiu o trator de esteira que servia à Escola Técnica Agrícola Federal Engenheiro Luiz Englert, Sertão, para fazer o destoque das raízes das árvores."

Em meados de 1956 é que a área foi demarcada. Pouco tempo depois, recebia leivas de grama e a demarcação definitiva. Nessa época, Gesuino estava iniciando sua atividade de operador da patrola recém-adquirida pela Administração Pública. Ele lembra: "Nos sábados à tarde e altas horas da noite e diversos domingos durante todo o dia trabalhei de operador da patrola a fim de aplainar o terreno. Além disso, a grama foi conseguida de graça e retirada da área de terras da família Coronetti, que morava não muito longe. A madeira para o cercamento também foi conseguida sem se pagar um tostão, pois se tratava de doação efetuada por Eugênio Zanatta, que tinha uma serraria."

Nas proximidades da então olaria e serraria, por volta da segunda metade da década de 1970, foi construído um pequeno prédio de madeira e instalada a Escola Municipal de Primeiro Grau Incompleto Princesa Isabel. A partir de 6 de junho, passou à denominação de Escola Municipal de Primeiro Grau Incompleto Adelaide Maria Dalbosco. Em final da década de 1980, a escola encerrou suas atividades.

Foi a partir das décadas de 1980 e 1990 que começou a arrancada de organização e estruturação

urbana de bairro, pois até então era um núcleo de moradores e alguns estabelecimentos próximos, uns situados à margem e outros poucos metros afastados de uma via de circulação que haviam herdado o nome de São Cristóvão, em alusão ao então oratório existente nesse local.

A arrancada da estruturação urbana começou na década de 1980, quando Feliz Pelizzoni, proprietário de áreas de terras situadas nas proximidades do atual cemitério municipal, do então matadouro de Eugênio Dametto e da Fábrica de Móveis Dalbosco, ingressou na Prefeitura Municipal com projeto de loteamento da área de 21.238,335m^2. Em 26 de julho de 1984, o Poder Legislativo autorizou o Poder Executivo a aprovar o projeto com a área de 21.238,335m^2, contudo ficou incorporado ao patrimônio do Município a área de 6.002,30m^2, destinada às ruas do referido loteamento.

A partir de então, os lotes passaram a ser vendidos e assentadas moradias de madeira e alvenaria. Também as ruas passaram a serem denominadas, tais como: as quadras 2B e 2C de Rua Aurélio Sossella, em toda sua extensão e prolongamentos, e a Rua Fioravante Rech, em toda a sua extensão e prolongamentos futuros.

Também contribuiu com o desenvolvimento, de acordo com Waldemar Dalbosco: "Por volta de 1982, no final de outubro até 18 de novembro, tempo em que aconteceram Missões na Paróquia Nossa Senhora da Saúde, de Tapejara, numa noite aconteceu um encontro de famílias com a presença de missionários numa das casas dos moradores próximos da nossa fábrica. Depois de canto e muita reza, os missionários desafiaram as famílias, os filhos do Mário Dalbosco, Dorvalino Biazus, Domingos Coronetti e outras presentes na ocasião, para organizar uma Comunidade Católica aqui por estas bandas da cidade". As famílias aceitaram o desafio, em seguida visitaram outros moradores nas proximidades e redondeza e conversaram sobre a iniciativa da formação de uma comunidade dotada de centro comunitário e igreja.

A primeira iniciativa do grupo foi formar uma Diretoria, composta por Waldemar Dalbosco, Itacir Calegari, Gentilino Miquelon, Gilberto Baseggio, Altair Marcon, Anildo Piroli e outros. Em seguida, foi tarefa da Diretoria arrecadar recursos financeiros para adquirir a área de terras para assentar o centro comunitário e a igreja. Para obter os recursos financeiros para tal, promoveram uma série de almoços, jantas, rifas, no prédio da sede da Associação de Funcionários Municipais, assentada nas proximidades da Marcenaria Dalbosco.

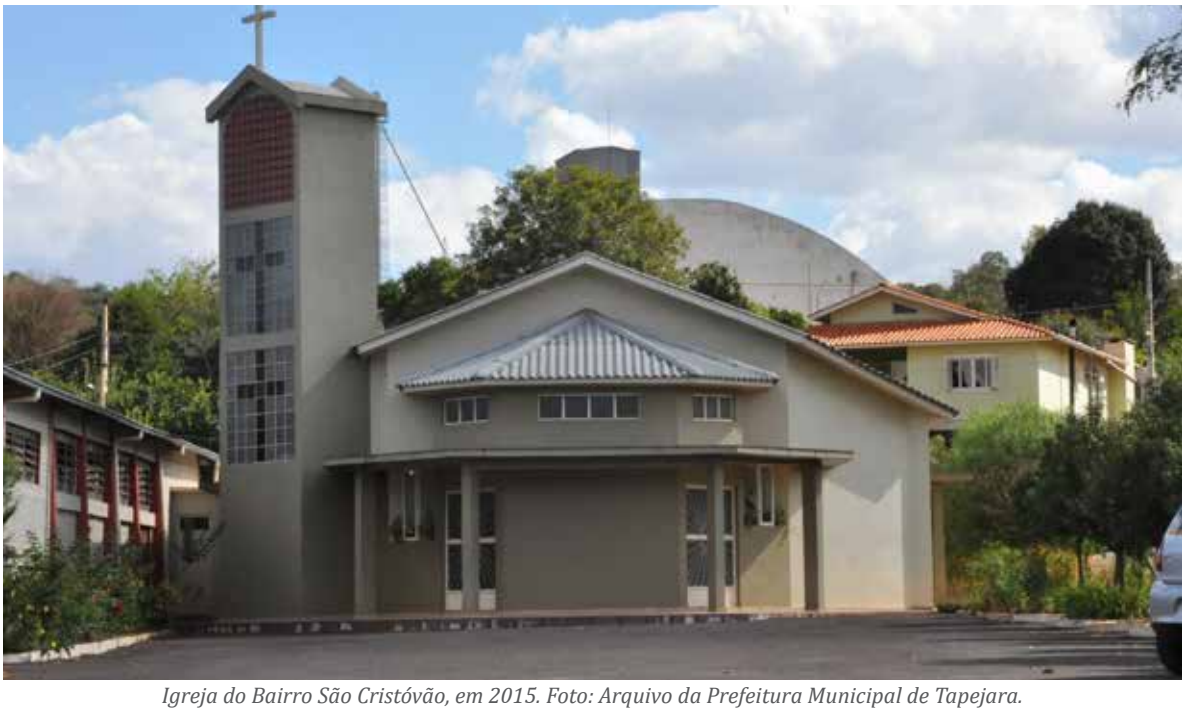
Com os resultados financeiros conseguidos nas promoções de eventos e rifas e mais com a doação da quantia de Cr$ 10 mil cruzeiros, pela Paróquia Nossa Senhora da Saúde, em 31 de março de 1986, foi possível adquirir um terreno de José Carlos Rech e Fiorindo Belan e construir o prédio do centro comunitário.

Assim, as promoções e eventos bem como as missas e reuniões passaram a ser realizadas nas dependências do centro comunitário. Também mais famílias começaram a participar e iniciaram, através da Diretoria, as tratativas para o assentamento do prédio de alvenaria da igreja.

Em meados de 1990, a Paróquia Nossa Senhora da Saúde junto com a então Diretoria da Comunidade de São Cristóvão, elaboraram projeto do prédio da igreja para obter recursos financeiros a fim de suportar as despesas da construção. O pedido de ajuda foi enviado à Advenit, organização Católica da Alemanha. Em 27 de julho de 1991, a entidade alemã remeteu para a Comunidade São Cristóvão a quantia de quatro mil e seiscentos marcos.

Com a quantia recebida do exterior mais o resultado de promoções e eventos, o apoio e a ajuda de famílias, as obras do prédio da igreja foram concluídos aproximadamente uns dois anos depois. Em 12 de dezembro de 1993, aconteceram as solenidades e a festa da entronização do Padroeiro São Cristóvão na comunidade do bairro. Mais tarde, por volta de 7 novembro de 1999, aconteceram Missa e solenida-

des da Primeira Comunhão de um grupo de catequisandos, filhos de moradores das proximidades do Bairro São Cristóvão.



Igreja do Bairro São Cristóvão, em 2015. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Os antecedentes do assentamento do prédio das instalações da Ordem Maçônica Triângulo Maçônico no Bairro São Cristóvão dão conta de que em 26 de julho de 1985 o Poder Público alienou um terreno com área de 740m^2, situado na Rua Murillo Domingues. O objeto da alienação foi a construção da sede própria da Ordem Maçônica, Triângulo Maçônico Senhor dos Caminhos.

O Lions Clube de Tapejara assentou a sua sede própria no Bairro São Cristóvão. Os antecedentes contam que, em 1991, começaram os procedimentos para a construção da sede própria. A partir da ação de seu sócio Affonso Muxfeldt e de sua esposa Serenita, que doaram um terreno localizado na Rua Eugênio Dametto. Nomeada a Comissão pelo então Presidente Celso Basso, presidida pelo sócio Luiz Carlos Pomagerski, secretariada pelo então sócio Ildo Aldino Lamb e tendo como Tesoureiro Vilmar Coronetti.

A sede proporcionou um local onde a entidade pôde guardar toda a documentação. Além disso, a sede serve de local para reuniões. No subsolo funciona o LEO Clube, que também é local onde estão guardados os documentos do Distrito LEO LD 7.

O Complexo Educacional e Esportivo Albino Sossella trata-se das instalações da Escola Integrada com Ginásio de Esportes, uma edificação de alvenaria localizada nos altos da Rua Eugênio Dametto, esquina com a Avenida Sete de Setembro, no Bairro São Cristóvão. A iniciativa do empreendimento veio por conta do Poder Público em 2003. O ato inaugural da edificação aconteceu no dia 18 de dezembro de 2004, denominando a obra inaugurada de Complexo Educacional e Esportivo Albino Sossella, Escola Municipal de Ensino Fundamental Leonel de Moura Brizola e Ginásio Poliesportivo Jaimir Antônio Pinto Ribeiro.

A Unidade Básica de Saúde que chegou no Bairro São Cristóvão nasceu de uma série de reuniões de lideranças locais que buscaram e tiveram apoio do Poder Legislativo e obtiveram recursos financeiros provenientes do Governo Federal. Em 2010, o prédio sofreu uma revitalização e foram executadas obras

no que se refere a um local para abrigar os usuários da chuva e do sol. No mês de setembro, aconteceu a solenidade de inauguração do estabelecimento público de saúde.

Ao lado da Escola Municipal de Ensino Fundamental Leonel de Moura Brizola está instalada a Creche Municipal Helena Andreazza Sitta, inaugurada em um sábado, no dia 2 de abril de 2011. Ainda há a Escola Valeriano Ughini, Cereais Fontana, Supermercado São Cristóvão, Móveis Dalmina, Moinho São Paulo, Fábrica de Balas e Chocolates Simonetto, Aral Cabinas, CTG Manoel Teixeira, Distrito Industrial João Fortunatto, entre outros.

Antiga estrada de Tapejara para Passo Fundo, onde surgiu o Bairro São Cristóvão, na década de 1960.
Foto: Arquivo da família Dalbosco.

O Bairro São Cristóvão inicia a 50m do entroncamento da perimetral com a estrada da saída para Água Santa. Do ponto inicial, segue por linha paralela à perimetral, sempre numa distância de 50m até 200m aquém da RS 463, no vértice 3; desse ponto, por linha paralela, sempre numa distância de 200m da RS 463, até o vértice 2, no Km 3, próximo à antiga estrada para Passo Fundo; desse ponto, por linha reta, de 400m ultrapassando a RS 463 em 200m até o vértice 1; desse ponto, por linha paralela, a RS 463 sempre numa distância de 200m da mesma até o vértice 20 no ponto fronteiriço da perimetral; desse ponto, por linha reta, até o vértice 19; desse ponto, por linha reta, até o vértice 18, localizado junto à antena de transmissão de televisão; desse ponto, em linha reta, em direção ao vértice 17, até a Av. Valdo Nunes Vieira; por essa e, posteriormente, pela estrada de saída para Água Santa, até o ponto inicial.

• Bairro São Paulo

Vista parcial, ao lado do então Frigorífico São Paulo S/A, na direção das primeiras moradias localizadas no sentido bairro-centro. Da esquerda para a direita, com as mãos no bolso, Balduíno Zaparoli (Titi), um dos motoristas do estabelecimento, em manhã de inverno, grama coberta de gelo, em meados da década de 1960. Foto: Arquivo de Erahy da Silva Zaparoli.

Vista parcial, ao lado do então Frigorífico São Paulo S/A, na direção das primeiras moradias localizadas no sentido bairro--centro. Da esquerda para a direita, com as mãos no bolso, Balduíno Zaparoli (Titi), um dos motoristas do estabelecimento, em manhã de inverno, grama coberta de gelo, em meados da década de 1960. Foto: Arquivo de Erahy da Silva Zaparoli.

Vista de parte do Bairro São Paulo. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

As primerias famílias que residiram no atual Bairro São Paulo moravam longe da Igreja Matriz Nossa Senhora da Saúde. Dessa forma, resolveram construir um pequeno oratório, onde passaram a se reunir e fazer as orações. O oratório era em honra a Santa Catarina, localizando-se onde, mais tarde, foi construído o prédio do Frigorífico São Paulo. Em 28 de agosto de 1947, foi inaugurado esse oratório com uma procissão, vinda da Igreja Matriz. A imagem foi doada por Avelino Saccon. Mais tarde, esse oratório foi desmanchado e a imagem foi recolhida para a Casa Canônica e, posteriormente, introduzida na nova capela do Bairro São Paulo.

Mas, com a evolução da Sede Teixeira, Vila Teixeira, Vila Tapejara, sede do Município, conquistando com a emancipação, em 9 de agosto de 1955, as primeiras intervenções urbanísticas, visaram a assegurar os espaços necessários destinados à circulação na cidade; então foi realizado, pelo Poder Público, na primeira gestão do Município, o arruamento, a abertura, o prolongamento e a denominação de ruas, a partir de 1956 até 1960.

As intervenções urbanísticas que visaram a assegurar os espaços necessários destinados à circulação foram feitas em loteamentos existentes, entre os quais o loteamento do Frigorífico São Paulo através da abertura das Ruas São Paulo, José Bonifácio e a 21 de Abril. Com a chegada do Frigorífico São Paulo, a população começou a denominar a localidade de São Paulo, nos primeiros anos da década de 1950.

Em que pese ser conhecido por essa denominação por quase meio século, o nome e o território foi reconhecido e delimitado somente na metade do ano de 2003. Foi através da Lei 3.228/09, de 1º de julho de 2009, que o Prefeito Municipal Seger Luiz Menegaz reconheceu o nome e delimitou a área do bairro. Assim, ficaram estabelecidas, oficialmente, as delimitações do atual Bairro São Paulo.

O ponto inicial do bairro está no entroncamento da Av. Dom Pedro II com a estrada para Paiol Novo. Do ponto inicial, segue em linha reta, de 50m, em direção leste até o vértice 14; desse ponto, por linha reta, até o vértice 13, no eixo da Rua Alcides Mario Tefilli, a 200m da Av. 7 de Setembro; desse ponto segue, por linha paralela, à Av. 7 de Setembrom, sempre numa distância de 200m até o vértice 12, a 200m do início da estrada dos Canali; desse ponto, por linha reta, atravessando a Av. 7 de Setembro em 200m até o vértice 11; desse ponto, por linha paralela, a 200m da Av. 7 de Setembro até o vértice 10 a 160m, da Rua Alberto Pasqualini; desse ponto, por linha reta, de 160m até o vértice 9; desse ponto, por linha reta, até o vértice 8, a 200m da Rua Ari Calegari; desse ponto, por linha paralela, à Rua Ari Calegari, sempre numa distância de 200m até o vértice 7, a 100m da saída para Ibiaçá; desse ponto, por linha paralela, a ERS 467m sempre numa distância de 100m, até o vértice 6, no travessão; desse ponto pelo travessão, atravessando a ERS 467 e, posteriormente, por outra estrada até o vértice 5, situado a 100m da RS 467; desse ponto, por linha paralela, a ERS 467, sempre numa distância de 100m, passando pelo vértice 4, até a perimetral, por esta até a ERS 467; desse ponto pela ERS467 e, posteriormente, a Av. Dom Pedro II, até o ponto inicial.

O desenvolvimento comercial e industrial dá conta de que o Município prosseguiu com os antecedentes e a arrancada industrial por iniciativa do Poder Público, na metade da década de 1980 e em meados de 1990, pela aquisição de áreas de terras e pelo incentivo à instalação de indústrias, pois no território do atual bairro foram assentados inúmeros estabelecimentos de diversos ramos. Cabe destacar as áreas e algumas das empresas instaladas e beneficiadas pela política de incentivo público.

A primeira área industrial adquirida pelo Poder Público em 1985, imóvel rural com área de 37.300m^2, localizada ao lado esquerdo da estrada no sentido Tapejara-Charrua, confrontando com terras de Adolfo Comiran e de outros e de outros lados com outros herdeiros, pelo valor de Cr$ 38 (trinta e oito) milhões de cruzeiros, pertencente ao Bairro São Paulo.

Empresas que foram instaladas: Biasi e Biasi; Artefatos de Cimento; Vanderlei Miguel Johnn, indústria de beneficiamento de erva-mate; empresa Lacesa S/A, para instalação de posto de resfriamento de leite. Mais tarde, a beneficiária empresa Lacesa S/A foi contemplada com auxílio financeiro para ampliação das instalações do posto de recepção e resfriamento de leite.

A segunda área industrial foi adquirida nas antigas instalações do frigorífico São Paulo S/A, no prolongamento da Av. 7 de Setembro, Bairro São Paulo. Além da aquisição de área de terras, com 33.400m2, localizada no entorno do frigorífico São Paulo S/A, para implementação da área industrial.

Na época foram beneficiárias as empresas: MetalBrasil, Indústria, Fabricação de telhas de alumínio, zinco, desbobinagem de quadro de aço; moveleira Tapejara Ltda., indústria de móveis; Cajumar Ltda., indústria de móveis, aberturas e beneficiamento de madeira (área para construir prédios); Mademóveis Tapejara Ltda., indústria de móveis de série, aberturas e beneficiamento de madeiras (área para construção de prédio), móveis tabulares e aramados (terreno), Neon Indústria de Calçados e Confecções (área para construção de prédio); Sbeghen Brusso e Cia. Ltda, indústria de artefatos de cimento (área); Laticínio Bom Gosto, indústria de resfriamento, preparação e fabricação de derivados de leite (área para instalação da empresa).

Mais tarde, na área industrial foram beneficiárias as empresas Móveis Cajumar Ltda.; Mademóveis Tapejara Ltda., Sbeguen Brusso x Cia. Ltda., mas, pela impontualidade na construção do pavilhão, por não darem início às atividades, o que estava previsto ocorrer no máximo em dois anos, e manterem a atividade em funcionamento por um período mínimo de cinco anos, os benefícios a essas empresas foram revogados.

Naquela época, houve a doação de área urbana e foram beneficiárias: fábrica de carrocerias Três Irmãos Ltda.; artefatos de madeira, sito na Av. Dom Pedro II, saída para Charrua; Marcelo Caetano Manente, móveis residenciais, sito na Av. 7 de Setembro, esquina Egidio Scatola; Agroindustrial Vinícola Tapejara, vinhos e sucos, processamento de produtos agropecuários, sito no prolongamento da Av. 7 de Setembro.

Os incentivos concedidos são oriundos de instrumentos utilizados na isenção de tributos e taxas sobre a construção das instalações, bem como serviços de terraplenagem, são beneficiárias entre outras, em 2001: Famarini Confecções Ltda., situada na Av. Dom Pedro II, 405.

Com a isenção de tributos incidentes sobre a construção de novos prédios para atividades de prestação de serviço, entre outros foram contemplados em 2003, incluindo cessão de área e pavilhão, o Laticínio Bom Gosto Ltda.

Ademais, a política de Incentivos com natureza de instrumentos utilizados de cessão de áreas de terras e prédios do patrimônio público por meio da permissão de direito real de uso com vistas à implementação de novas indústrias contemplou, entre outras beneficiárias: Indústria de Chopps e Cervejas, Empresa Cervejaria Euro-Bier Ltda., área de 5.149.45m2, e com área construída de 1.500m2, sito no prolongamento da Av. 7 de Setembro (antigas instalações do Frigorífico São Paulo) e Artefatos de Resina Ltda., área de 1.716m2, com área construída de 428m2 (antigas instalações da Escola Municipal Giocondo Canali, Bairro São Paulo).

Em meados de 1993, a empresa Pietrobon teve um grande salto: a unidade industrial de balas e chocolates foi transferida para um local com área construída de 10.500m^2, juntamente com o centro administrativo, localizado na Rua Osvaldo Cruz, 126, Bairro São Paulo.

O atual Bairro São Paulo é composto por loteamentos cujas histórias se encontram, intimamente, ligadas ao início de Tapejara, podendo ser considerado um dos mais antigos da cidade. O Bairro São

Paulo foi a primeira residência dos operários do então matadouro, abate e compra e venda de suínos, da Associação de Defesa Ativa Colonial, assentada na metade da década de 1940. Mais tarde, por volta dos primeiros anos de 1950, transformado em Frigorífico São Paulo S/A, que, assolado por uma grave crise no final de 1970, encerrou suas atividades de abate e industrialização de carnes e derivados de suínos.

• Mutirão Habitacional I e II

Nas proximidades e redondezas do então Frigorífico São Paulo houve expansão de moradias e estabelecimentos que, com o passar dos anos, deram origem a loteamentos populares como Mutirão Habitacional I e II, denominado pelos moradores de Menino Deus. Essas moradias foram construídas no final da década de 1980 e, em 2000, o Loteamento Bianchini, conhecido por Santa Paulina, por existir uma pequena capela destinada a essa santa no local.

• Loteamento Bianchini

Em 2002, a empresa Bianchini Empreendimentos começou a comercialização do segmento de loteamentos. O primeiro está localizado no Bairro São Paulo, totalizando 170.000m^2, com 246 terrenos.

Vista de parte do Loteamento Bianchini. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

• Loteamento Coohasa e São Paulo

O Poder Público determinou loteamentos de caráter social, em meados de setembro de 2006. Os loteamentos contemplados foram o cooperativo, organizado pela Cooperativa Regional de Habitação de Sananduva Ltda. (Coohasa). Localizado no prolongamento da Rua Giocondo Canali e Rua Egidio Scatola, no Bairro São Paulo, numa área de 4,6 hectares; e o Loteamento São Paulo, de propriedade do Município, localizado no prolongamento da Rua Alberto Pasqualini, com área total de 9.072m^2.

Resultou, no decorrer do tempo, a necessidade de novos estabelecimentos no bairro, destinados ao

bem-estar público para suprir diferentes necessidades da coletividade. Dada uma série de fatores estruturais, essa promoção social envolveu uma variedade de interesses e refletiu tanto a ação da Administração Pública, quanto a da iniciativa privada.

No ano de 1979, o Poder Público iniciou as tratativas com os Governos Estadual e Federal para o assentamento de um Centro Social Urbano no bairro que visava a desenvolver atividades comunitárias nos campos da educação, da cultura, do desporto, da saúde, da recreação e do lazer às famílias mais carentes, para que essas pudessem ter a oportunidade de serem beneficiadas com serviços úteis prestados pelo governo municipal.

Em novembro de 1979, o Poder Público doava ao Estado área urbana com 9.476m², situada no quarteirão 131, com frente para a Av. 7 de Setembro, Rua João XXIII e Victor Graeff, destinado à construção das instalações do Centro Social Urbano. Em fevereiro de 1982, o Poder Público, com o então Prefeito José Maria Vigo da Silveira e o Vice Johnny Dorval Zoppaz, lavrava assinatura com o Estado, através da Secretaria do Trabalho e Ação Social, com interveniência da Fundação Gaúcha do Lazer e Recreação, à implantação de módulo básico das obras civis do Programa Estadual de Centros Sociais Urbanos.

Nesse local, foram desenvolvidas diversas ações e levados a efeito programas voltados à comunidade carente do Município pela Legião Brasileira de Assistência (LBA), coordenada por Maria Muxfeldt Basso. O Centro Social Urbano de Tapejara encerrou suas atividades em 1983. Em 1986, o terreno foi destinado pelo Poder Público à construção da Delegacia de Polícia.

No dia 6 de julho de 1991, foi fundado o Centro de Treinamento Educacional Padre Valter Valentim Baggio e inaugurado no dia 9 de agosto de 1991, situado ao lado da então área industrial, no Bairro São Paulo. O objetivo era capacitar os jovens rurais ao aperfeiçoamento na produção agrícola e com isso obterem rendimentos maiores e qualidade melhor de seus produtos. O estabelecimento, com o passar do tempo, foi utilizado pelo Município, o qual, em meados de 2008, firmou termo de cessão do imóvel à empresa Laticínio Bom Gosto para realizar suas atividades recreativas e educativas.

Na área da educação, ainda possui a Creche Mãe Augusta Zanatta, inaugurada em maio de 1991, para abrigar os filhos dos trabalhadores das indústrias daquele bairro. Em novembro de 2013, o Poder Público iniciou a construção de uma nova creche no Bairro São Paulo, com o objetivo de atender crianças até cinco anos. A escritura de compra do terreno para a construção da nova creche aconteceu em 23 de dezembro de 2013, no Cartório de Tapejara, e contou com a presença dos donos do terreno, Ana e Ademar Sebben. O nome será Creche Gema Canali Sebben.

No setor da Educação, foi construída a Escola Municipal Giocondo Canali, assentada na Rua Giocondo Canali, no Bairro São Paulo. O estabelecimento de ensino funcionou ali até 2001 e foi transferido para o novo prédio, localizado na Av. 7 de Setembro, ao lado da Delegacia de Polícia. Outra escola pertencente ao bairro é a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental São Paulo, que iniciou suas atividades em novembro de 2012. Começou a funcionar com a turma da pré-escola da educação infantil, com 18 alunos de cinco anos. Com mais de dois mil metros quadrados, a escola poderá atender até 600 alunos.

Na medida em que o bairro foi crescendo, começou a surgir a reivindicação da população da necessidade de instalação de uma unidade de saúde mais próxima para fazer o atendimento. No final da década de 1990, o Poder Público assentou um prédio localizado, na Rua Alberto Pasqualini, dotado de equipamentos, sendo este o primeiro posto do bairro. Em 2011, através de verba de R$ 250 mil reais recebida do Governo Federal, a Administração Pública construiu uma nova unidade de saúde, localizada no Loteamento Bianchini, denominada de Unidade Básica de Saúde Santa Paulina.

Na década de 2000, houve grande crescimento e expansão da construção civil voltada para casas e

prédios de alvenaria assentados no bairro. Mas, na evolução do boom imobiliário, sempre canalizados à rentabilidade das locações verticalizadas, o interesse das construtoras e incorporadoras alcançou parte do Bairro São Paulo e nele encontrou facilidades e condições necessárias para levantar construções. Há diversas indústrias instaladas no bairro, entre elas: Laticínios Bom Gosto, atual Italac; Euro Bier; Fábrica de Vassouras Primavera; Espelhos e Vidros Decorart; Loja Desigual; Supermercado Ponto Bom; Fitness & Performance: Personal Trainer e Acqua; Academia Bio Corpo; Plasbil; entre outras.

Com o crescimento do bairro, o Sicredi percebeu a necessidade de instalar uma unidade de atendimento e no dia 21 de maio de 2012 foram inauguradas as novas instalações.

Diversas ruas que não tinham denominação foram denominadas pelo Poder Público, a partir de 2002. Foi também nesse bairro que nasceu o São Paulo Futebol Clube, em 28 de junho de 1956. Entre seus fundadores estavam os dirigentes e funcionários do então Frigorífico São Paulo: Virgilino Eron Borges, Mário Dal'Pont, Ernesto Canali e os funcionários Dolcino Darci Brunetto, Ary Antônio Brunetto, Alberto Menegaz, entre outros. A primeira praça esportiva da agremiação tricolor estava demarcada numa área de terra de chão batido, de propriedade de Albino Costa, localizada nas proximidades do frigorífico.

Nesse bairro também há diversas igrejas, entre elas: Igreja Católica, na Rua Alberto Pasqualini; Assembleia de Deus; e o Templo da Igreja Evangélica Luterana do Brasil de Tapejara, na Av. 7 de Setembro.

A Rádio Caiobá, Sociedade Senhor dos Caminhos, foi fundada em meados de 1992 e foi ao ar nesse mesmo ano, marcando o início de suas transmissões radiofônicas em ondas FM, no atual Bairro São Paulo. No começo, seus equipamentos e estúdio irradiaram de uma pequena construção assentada na Rua Alcides Mário Tefili, proximidades do antigo Frigorífico São Paulo S/A. Pouco tempo depois, as instalações foram transferidas para a Av. 7 de Setembro, 924, sala 201, no Centro.

No ano de 2007, o Poder Público efetuou nova cobertura asfáltica em diversas ruas do perímetro urbano da cidade. Entre as vias que receberam nova camada asfática: Av. D. Pedro II; Pedro Rebesquini, 9 de Agosto. Além disso, o reassentamento e assentamento de calçamento em diversas ruas do perímetro urbano e bairros. O reassentamento, reconstruído, o calçamento foi realizado em trechos do prolongamento da Av. D. Pedro II e das Ruas 21 de Abril, José Pagno. O calçamento foi assentado, construído, nas Ruas José Pagno e 21 de Abril (Bairro São Paulo).

A inauguração da Academia de Saúde Valéria Debastiani e do Espaço de Vivência Leandro Henrique Vianna, localizados entre o Posto de Saúde São Paulo e o Clube Nativo, aconteceu no dia 9 de março de 2014. Possui, no espaço externo, equipamentos da academia, brinquedos infantis e uma quadra para exercício e jogos, além de bancos e espaço para caminhadas. Ainda possui um espaço externo coberto destinado a atividades coletivas relacionadas às práticas corporais, atividade física, artes e reuniões de grupos, com banheiros adaptados.

• Bairro Treze de Maio

A origem dos moradores e da área do atual Bairro Treze de Maio remonta a meados de 1960, quando o Poder Público removeu diversas famílias que moravam em precárias condições de moradia e de saneamento no quarteirão, onde estava localizado o então Ginásio Estadual, atual Escola Severino Dalzotto e a então Escola Técnica de Contabilidade, atual Escola Senhor dos Caminhos.

O Poder Público adquiriu uma área de terra e ali construiu pequenas casas para essas famílias. A proposta do Poder Público era que os moradores se organizassem em grupo e realizassem serviços comuns no local, como um horta comunitária, conservação das casas e ruas, preservação do arroio que

serpenteia o local e também se qualificassem, profissionalmente, em diversas áreas. No início, houve algumas tentativas de implementar o projeto através de ações sociais, porém o Poder Público encontrou muitas dificuldade e resistência, por parte dos moradores, e, dessa forma, também não insistiu e o projeto acabou não acontecendo.

Vista de parte do Bairro Treze de Maio. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Inicialmente, esse local foi denominado de Brasília (Brasa). Posteriormente, denominada de Vila Princesa Isabel, em seguida Vila Treze de Maio e, recentemente, denominado de Bairro Treze de Maio.

O Bairro Treze de Maio inicia no vértice 15, no entroncamento da estrada para Paiol Novo com a Av. Dom Pedro II. Do ponto inicial segue pela Av. Dom Pedro II até o ponto de alinhamento com a Rua Isaco Calegari; desse ponto, por linha reta, até o início da Rua Isaco Calegari e, posteriormente, por esta até a Rua Osório da Silveira; desse ponto pela Rua Osório da Silveira e, posteriormente, pela estrada secundária para Paiol Novo até a estrada para Paiol Novo; desse ponto pela estrada para Paiol Novo, até o ponto inicial.

Os primeiros moradores foram os familiares de Siliano da Cruz, Merência Ribeiro, Maria Dileta da Silva (Polaca), Angelina Ribeiro, Amélia Nunes (Meca), Paulina Dias dos Santos. Inicialmente, o atual bairro possuía duas fileiras de poucas casas. A igreja de madeira, denominada Brizoleta, servia de escola e funerária.

Recentemente, o Poder Público adquiriu uma área de terras e com o programa do Governo Federal Minha Casa, Minha Vida foram construídas mais de cinco centenas de moradias; o loteamento foi denominado de Real I e Real II, onde está em construção uma nova escola municipal. Ainda nesse bairro se localizam: o Distrito Industrial Augusto Menegaz, a Escola Catarina De Bastiani, Unidade Básica de Saúde, a sede do Programa Primeira Infância Melhor (PIM), uma Igreja Católica, uma Evangélica e uma Assembleia, um time de futebol, Molecada, entre outros.

• Bairro Nazaré

Vista parcial do Bairro Nazaré. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

O ponto inicial é no vértice 17, na estrada para Santa Rita, a 400m do Parque de Rodeios. Do ponto inicial, segue pela estrada de Santa Rita até o Arroio Ibirapuitã; por este, águas acima, até a Rua Júlio de Castilhos; por esta até a Av. Valdo Nunes Vieira; por esta até o ponto de alinhamento do vértice 18, localizado na antena de transmissão de televisão, e vértice 17; desse ponto, por linha reta, até o ponto inicial.

No início, o atual Bairro Nazaré começou com venda de lotes pela família de João Bernardes Dias e da família Costa, na década de 1990. As famílias que começaram a chegar, na maioria eram católicas e reuniam-se em momentos festivos de Natal e Páscoa, para realizar as novenas. Esses grupos foram denomindados de Polo, até que o padre solicitou que escolhessem um nome. Na época, diversos foram sugeridos, como: Santo Antônio, Santa Lúcia, São Luís, Aurora, Polo Nazaré, entre outros. Numa reunião de um grupo de famílias, o nome escolhido foi Polo Nazaré, sugerido por Aurora Braganhollo da Silva, hoje Bairro Nazaré.

O salão do bairro foi construído anos mais tarde, em um terreno doado por João Bernardes, membro do bairro, localizado na Rua Tupinambá. Para sua construção houve o auxílio dos moradores do próprio bairro. Nestes últimos 20 anos, passaram diversas diretorias pelo local, sendo o primeiro presidente Balduíno Zotti. O local é usado para a realização de festas.

Em meados de 1991 e 1992, o Poder Público autorizou o desdobramento de áreas de terras de propriedade de João Bernardes em lotes urbanos; tratava-se de uma área urbana da quadra nº 503, situada no lado ímpar da Rua José Costa, esquina com a Rua Tupinambá, quarteirão formado por essas e pelas Ruas Aquilino Cavichioli e Valeriano Ughini, com área de 4.625.31m^2, desdobrados em 11 lotes (primeira base territotorial do bairro).

Esse bairro possui Unidade Básica de Saúde, Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto e o Estádio Municipal Laércio Poggio. Entre as empresas estão: Mecânica do Vani; Pallun Ferragens, Rollun Metalur-

gia; Empresa de Transportes Zotti; Padaria Casa das Massas; Matadouro e Frigorífico dos Imãos Dametto; Bar e Cancha de Bochas de Zotti, entre outras.

Associação da Comunidade Família Nazaré. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

SANEAMENTO BÁSICO

O atual saneamento básico, regido pela Lei Federal nº 11.445/07, é a atividade relacionada com o abastecimento de água potável, o manejo de água pluvial, a coleta e o tratamento de esgoto, a limpeza urbana, o manejo de resíduos sólidos e o controle de pragas e qualquer tipo de agente patogênico, visando à saúde das comunidades. É o conjunto de procedimentos adotados numa determinada região, visando a proporcionar uma situação higiênica saudável para os habitantes.

• Abastecimento de água potável

Os antecedentes remontam à instalação do Sistema e Serviço de Utilidade Pública de Abastecimento de Água no perímetro urbano da cidade, ainda nos primórdios da Sede Teixeira. Os primeiros moradores, as atividades comerciais e ofícios praticados estabelecidos e localizados no núcleo central obtinham a água de poços, fontes, depositada e transportada por meio de baldes, confeccionados de madeira, mais tarde, com a instalação de funilaria, de zinco ou cobre. A água era utilizada para dar conta das atividades do núcleo familiar, como cozinhar, acesso pessoal e doméstico, além de saciar a sede, inclusive dos animais domésticos.

Para a lavagem de peças do vestuário, cama e mesa eram aproveitadas as águas originárias de nascentes, fontes, vertentes, que formavam pequenos cursos de águas nas partes mais baixas da zona central na Sede, posteriormente Vila. Em certa altura do trajeto, os cursos de água constituíam pequenos arroios; parte do curso de águas desses eram desviadas para valas e direcionadas para canaletas, bicas feitas de madeira que transportavam para tanques também de madeira, utilizado pelas moradoras para lavagem das peças.

No entorno da zona central, havia diversos pontos constituídos de quatro a seis tanques, frequentados, diariamente, pelas moradoras do entorno, que realizavam a lavagem das peças pessoais e domésticas, em água corrente e abundante. As peças eram colocadas dentro do tanque, em seguida besuntadas com sabão caseiro e deixadas um tempo em repouso, na grama, nas proximidades. Em seguida, voltavam para o tanque para serem escovadas, esfregadas e enxaguadas. Retirado o excesso da água e depositadas em bacias ou baldes, eram transportadas para o núcleo familiar, onde eram estendidas em cordas ou fios de arame liso, localizados nos fundos das moradias, geralmente, em pátios ao ar livre, para secar, aproveitando os raios solares.

Eram cerca de três a quatro ou mais tanques em cada ponto existentes, construídos e instalados pelos proprietários das áreas com ajuda de usuários; podiam ser utilizados por todos os moradores do entorno, desde que não fossem danificados e respeitados os horários que as proprietárias da área, habitualmente, utilizavam. Entre os diversos pontos de tanques, para lavagem de peças pessoais e domésticas na zona central, existentes no decorrer do tempo na Sede, Vila Teixeira e Tapejara é preciso destacar.

O ponto localizado na área de terras de João Costa, situado nas proximidades da Cantina de Vinho da firma Ughini & Bertoldo e Irmãos. A água provinha de nascentes existentes na aludida área, era direcionada em valos construídos e captada em canaletas transportada e depositada nos tanques. Nesse local, durante o dia, com exceção dos domingos (dia santo de guarda, proibidos afazeres extras fora do lar e dedicado ao descanso, divertimento, oração) e feriados religiosos, no decurso do ano foram utilizados pelas moradoras do entorno, inclusive pelas empregadas do hotel de Taudelino Antunes de Quadros, mais tarde, de Ernesto Ritter, para lavagem de peças usadas no hotel.

Outro ponto estava localizado em área de Albino Costa, nas proximidades da atual Av. 7 de Setembro, esquina com a Rua Ângelo Dalzotto, era constituído de seis tanques. A origem da água foram as nascentes situadas nas terras (chácara) de Antônio Felini, proximidades da atual Gruta Nossa Senhora de Lourdes, que em seu curso formava arroio. A certa altura do arroio o curso das águas foi desviado para um canal e ali colocadas canaletas para transportar a água para os tanques existentes na época. Foi um dos pontos muito concorridos, devido à localização e à existência de muitos moradores no seu entorno, que utilizavam o ponto para lavagem das peças do vestuário e domésticas. Ainda eram lavadas, nos primeiros tempos, as peças utilizadas no primeiro Hospital da Sede e Vila Teixeira, situado na atual Rua Ângelo Dalzotto, esquina com a Rua do Comércio, instalações da Relojoaria Taube.

As primeiras atividades comerciais, industriais e prestadoras de serviços instaladas na Sede, Vila Teixeira depois Vila Tapejara, no começo, utilizavam água cuja origem era, também, de fonte, nascente e poço e era extraída por manejo manual ou por "carneiros".

Com a vinda da Usina Hidroelétrica foram introduzidos canos de metal na origem e impulsionada por motores que coletavam o líquido e distribuíam, em rede, para diversos locais e depositavam em diferentes reservatórios. Entre locais em que existiam essas instalações, em meados de 1940, quando iniciava suas atividades em novo prédio, o Hospital Santo Antônio era abastecido por água oriunda de fonte localizada na área de terras de Antônio Guerra, impulsionada por motor, e transportada por canos de ferro até o reservatório da instituição.

O Hotel Ritter, antigo, de Taudelino de Quadros, foi abastecido de água proveniente de fonte situada em área de terras de Guerino Zanatta e Luiza Carlotto Zanatta, localizada, na atualidade, na Av. 7 de Setembro, esquina com a Rua Santo Canali, hoje edificado prédio de propriedade de Adelar Spagnol. Nesse local, era instalado "carneiro", além de reservatório, impulsionada para canos de ferro, que a transportavam até os reservatórios existentes no entorno que abasteciam a casa comercial de Hugo

Antônio Busatto e Irmãos e o Hotel Aurora, de Taudelino Antunes de Quadros, em meados da década de 30.

Todavia, outros estabelecimentos industriais foram abastecidos por água que vinha encanada por meio de gravidade, até o reservatório ou tanques, como o que existia na década de 1950, ocasião da instalação e do funcionamento da Cantina de Vinhos de Ughini & Irmãos, localizada nas atuais instalações, administração e depósito da empresa Adubos Coxilha, situada na Rua Júlio de Castilhos, 890. A água tinha origem em vertentes existentes a cerca de cem metros do estabelecimento, situada na Rua Júlio de Castilhos, esquina com a Rua XV de Novembro.

Os antecedentes do sistema público de abastecimento de água na cidade de Tapejara foram alicerçados em tratativas e ações do Poder Público local, com particulares e autoridades governamentais. Com particulares, quando considerava de utilidade pública área de terra com 750m^2, localizada com frente para a Rua Santo Canali, esquina com Fredolino Chimango, em forma de um retângulo com as seguintes confrontações e medidas: ao noroeste, com a Rua Santo Canali, onde mede 25 metros; ao nordeste com a propriedade de Orestes Pedrussi, que mede também 25 metros; ao noroeste, também faz frente com prolongamento da Rua Fredolino Chimango, onde mede 30 metros, e, sudeste com a propriedade de Adão Gonçalves Oliveira, onde mede 30 metros. Foi desapropriada dos proprietários Ivo Bassegio e Orestes Ângelo Pedrussi, conforme Decretos 72 e 73, de 16 de março de 1964, e destinada à construção de reservatório subterrâneo da hidráulica.

A área que foi transferida para o nome da Companhia Rio-Grandense de Saneamento (Corsan), em 1976, onde construído o reservatório enterrado de 100 metros cúbicos do sistema de abastecimento de água da cidade.

Por volta da metade de dezembro de 1968, o Poder Público celebrava contrato de execução de obras de abastecimento de água na cidade e concessão da exploração dos serviços respectivos, de acordo com o instrumento padrão adotado pela aludida empresa, obrigando-se o Município a contribuir para o custeio da obra, com a importância de 25%, no mínimo, do custo total.

• Corsan

No final dos anos 60 e início do anos 70, instalou-se na cidade a Corsan, com o fim de fornecer os serviços de água e esgoto. Para o serviço de construção dos dutos, foi contratado o tapejarense, da construção civil, Ricardo Marcon, que, junto com sua equipe, deu início à obra. O trabalho foi árduo, valas foram abertas para colocação de canos, com poucos recursos de maquinários. Os trabalhadores, com picaretas, escavaram a terra e, muitas vezes, tinham de cavar rochas para nivelar os dutos.

Domingos Luiz Dallagasperina acompanhou toda obra, já que morava perto, na esquina da Avenida Sete com a Angelo Dalzotto. “Da janela de minha casa eu via o Ricardo com seu jipão, arrastando canos ao longo da avenida, entre nuvens de poeira. Estando escavadas as valas, os canos foram colocados e encaixados um no outro, sucessivamente, a partir da fonte até a caixa reservatória lá no alto da Avenida Sete, onde ainda está hoje. Imaginem o trabalho, além dos canos-mestre; para cada residência ou terreno, mesmo sem construção, era colocada uma ligação. Foram quilômetros de canos condutores em todas as ruas e ligações para os consumidores. Os dutos foram soterrados sem serem testados com injeção de água para saber se estavam bem vedados, porque as bombas ainda não tinham sido instaladas”, contou.

O sistema de abastecimento de água potável, na cidade, foi inaugurado em 6 de agosto de 1968, pelo então governador do Estado Walter Perachi de Barcelos, na administração municipal dirigida pelo

então Prefeito José Maria Vigo da Silveira, sendo nomeado como chefe de saneamento Anselmo Brito. Na ocasião, foi implantado recalque, com dois grupos motor-bomba de 25 HP, rede de distribuição numa extensão de 8.256 metros, reservatório elevado com capacidade para 250 metros cúbicos e semienterrado com capacidade de 100 metros cúbicos.

Na foto, podemos ver, entre outros: José Maria Vigo da Silveira, Dr. Sady Stein, Padre Guerino Parizotto, Bispo Dom Claudio Colling, Governador do Estado Walter Perachi de Barcelos e, ao fundo, podemos ver Dr. Diter Adolfo Bauerman, João Antônio Marcon e militares que acompanharam o Governador. Foto: Arquivo de José Parizotto.

Na foto, podemos ver, entre outros: José Maria Vigo da Silveira, Dr. Sady Stein, Padre Guerino Parizotto, Bispo Dom Claudio Colling, Governador do Estado Walter Perachi de Barcelos e, ao fundo, podemos ver Dr. Diter Adolfo Bauerman, João Antônio Marcon e militares que acompanharam o Governador. Foto: Arquivo de José Parizotto.

Tão logo foi inaugurada a Corsan, foram acionados os motores de bombeamento a partir da fonte, para que a água preenchesse as tubulações e chegasse até a caixa lá no alto. Os motores estavam ligados, bombeando, mas a água nunca chegava até a caixa. "Foram dias ligados e, assim mesmo, nada de água na caixa. O pior, não havia vestígios do sumidouro. Diante disso, o Marcon solicitou a vinda de técnicos de Porto Alegre para inspecionar a rede e saber por que não estava dando certo. Constatou-se, depois de muita procura, que a água chegava somente até a altura do Supermercado Rech. Dali não subia e não se sabia onde ela estava vazando", lembrou Domingos.

Em 1969, a obra foi inaugurada com a participação de autoridades estaduais, militares, religiosas, políticos e muitos moradores. Foi celebrado o Contrato de Concessão, assinado em 12 de maio de 1969, pelo Prefeito da época, Severino Dalzotto e o então Diretor-Presidente da Corsan, Arquiteto Waldyr José Maggi. O contrato foi autorizado pela Lei Municipal nº 391, de 16 de dezembro de 1968. O fornecimento de água era feito através de fontes, sendo que a água vinha por gravidade até o reservatório semienterrado, recebia o tratamento e era recalcada para o reservatório elevado.

Após meses em busca da solução, descobriram que, após os canos estarem colocados, a patrola da Prefeitura, ao compactar a terra, acabou deslocando e quebrando alguns canos e, dessa forma, sumia

toda a água bombeada. Somente quando a terra estava encharcada de tanto vazamento, a água começou verter nas ruas, principalmente na Av. 7 de Setembro, por ser o terreno mais baixo, formando vertedouros e criando um riacho na avenida.

Novamente, a equipe teve que escavar e procurar os lugares danificados e assim consertar. Foram meses de trabalho até solucionar, totalmente, o problema. Consertados os dutos, a água chegou enfim na caixa reservatória, porém surgiu um novo problema: a caixa d'água não enchia, mesmo com os registros de saída totalmente fechados; não passava da metade do espaço da caixa. Novamente, técnicos e empreiteiros debruçaram-se sobre o novo mistério, procurando por onde sumia tanta água sem deixar vestígios.

De tanto procurar, descobriram que, novamente, os canos de ferro e de plástico usados e que não tinham sido substituidos, não resistiram à pressão exercida pela água, rompendo-se e deslocando-se de suas juntas, e a água sumia para as profundezas. Tudo consertado, mas foram gastos seis meses para sanar esses defeitos. Porém, ainda não estava sanado o problema. "Após a regularização do abastecimento de água, a Prefeitura iniciou o calçamento das ruas. O primeiro trecho calçado aqui foi de somente uma quadra: Da Rua 11 de Julho, até a 15 de Novembro (iniciando na atual Rua Angelo Dalzotto, na esquina da Praça Central, até o atual Supermercado Central). Somente mais tarde foram calçadas outras ruas. Mas, a Corsan voltou a ter problemas e desta vez a coisa foi mais complicada. Aqueles canos de ferro colocados nas valas enferrujaram e começaram a romper em dezenas de lugares e os de plástico romperam sob a pressão e outra vez a água aflorou pelas ruas da cidade. Dessa vez, surgiam vazamentos em diversos lugares", contou.

Mais uma vez, Ricardo Marcon foi convocado para consertar o problema de remover a calçada, tirar os canos enferrujados e colocar canos de cerâmica. Todos os problemas foram resolvidos. O empresário da construção Ricardo Marcon teve, durante essas últimas etapas de reparos, o auxílio de seu filho Wilson e, juntos, entregaram à comunidade a rede de abastecimento, em pleno funcionamento.

As principais ações desenvolvidas são: operação e manutenção dos serviços de abastecimento de água potável, incluindo captação, bombeamento, tratamento, adução e distribuição de água, medição do consumo e controle da qualidade da água; participação em campanhas para preservação dos recursos hídricos, uso responsável da água e preservação do meio ambiente; participação nos diversos conselhos municipais.

Tão logo em funcionamento, fornecendo água tratada à população da cidade, no final do mês de maio de 1972, o Poder Público doou uma área urbana de 1.875m^2. Em agosto de 1976, foi doada área urbana destinada ao bombeamento de 750m^2. A área constituída, localizada próximo à Delegacia de Polícia, onde está a atual caixa d'água, no Bairro São Paulo. Ainda na oportunidade, foi transferido para o nome da Corsan o terreno de 600m^2 ocupado pelo reservatório, elevado de 250m^3 do sistema de abastecimento de água. Em novembro de 1974 entrava em funcionamento o poço artesiano, com produção de 28m^3 por hora.

Em maio de 1980, o Poder Público abriu crédito especial no valor de Cr$ 50 mil para a construção e instalação de rede de água na Vila Princesa Isabel.

Também foi construído o poço artesiano em área de 295,75m^2, localizado próximo ao Corpo de Bombeiros Voluntários, doado à Corsan, que realizou perfuração e construção de mais um poço artesiano para abastecimento de água à cidade, em meados de 1984.

A Corsan é um estabelecimento público e estadual dedicado às atividades e à prestação de serviços públicos necessários à comunidade, como coleta, tratamento e distribuição d'água. Localizada na quadra

22, na Rua Leorindo Cavichioli, onde estão as instalações de seu escritório. A companhia trabalha no Município através de contrato de concessão que se renova a cada 20 anos. O contrato de vigência atual venceu em 12 de maio de 2008 e foi renovado.

Os gerentes que passaram pela Corsan foram: Anselmo Brito, Sérgio Nardi, Delvino Casamali, Otomar Luiz do Nascimento, Ivair Pasquali, Belonir de Souza e, atualmente, Valdir Defaveri .

- **Água Viva Poços Artesianos Ltda.**

A empresa Água Viva Poços Artesianos Ltda. foi fundada no ano de 1999, na cidade de Água Santa; na época denominava-se Poços Artesianos Água Santa, em homenagem à cidade onde nasceu. Iniciou suas atividades perfurando e instalando poços artesianos de menor profundidade com o primeiro equipamento adquirido, uma perfuratriz rotopneumática A10.

Em 2001, transferiu-se à cidade de Tapejara, buscando expansão de mercado e melhor localização. Está localizada na Av. 7 de Setembro, 200, Bairro São Cristóvão. Hoje, com seis perfuratrizes e sede própria, atende as regiões Sul e Sudeste do Brasil, prestando serviços de perfuração, instalação, manutenção, legalização de poços artesianos e construção de redes de água. Perfura poços em curto espaço de tempo, até 1.500 metros de profundidade, fornecendo água para o consumo humano, lazer, irrigação e atividades industriais.

Foto: Arquivo de Foto Video Artusi.

FORNECIMENTO DE ENERGIA

- **Usina Hidroelétrica – Mux Energia**

Nos primeiros anos da colonização, utilizava-se o chiaretto ou o lampião, abastecido por querosene ou banha de porco, quando faltasse. Durante muitos anos, esse foi o recurso utilizado à iluminação noturna das casas em todo o território da Colônia do Rio do Peixe.

Em meados da década de 1930, diversas pequenas usinas foram instaladas nos pequenos núcleos comunitários que se vinham constituindo, o que não foi diferente na Sede e Vila Teixeira. Era utilizada a força da água dos arroios, em vários pontos do território. Fazia-se uma pequena represa de pedra, ou troncos de árvores, canalizava-se a água até a rede d´água ou turbina, construída por marceneiros locais, instalavam um dínamo (gerador), com uma correia acionada pela roda, tocada pela água, e a energia era produzida. Era suficiente para abastecer a residência do proprietário e, muitas vezes, conforme a capacidade, de alguns vizinhos.

Um registro de geração de energia elétrica, que abastecia além da residência do proprietário e era estendida para estabelecimentos localizados na zona central da Vila Teixeira, foi o dínamo (gerador), instalado na então área de terras de João Costa, pertencente a Máximo Cambrussi, entre os quais Hotel Aurora, de Taudelino Antônio de Quadros.

O dínamo era acionado durante algumas horas da noite e iluminava algumas residências do núcleo central da Vila, além da casa paroquial e da Igreja Matriz, quando havia missa ou culto religioso à noite. Geralmente, funcionava das 19 às 23h, diariamente. Antes de desligarem o fornecimento de energia, era dado um sinal diminuindo a tensão, que era percebido pelos usuários na intensidade luminosa das lâmpadas. Era um aviso para o pessoal recolher-se ou providenciar novamente seus lampiões.

A primeira usina hidroelétrica que abasteceu, principalmente, a sede da Vila Tapejara, nasceu da iniciativa de Affonso Muxfeldt, convidado que fora pelo então Prefeito de Passo Fundo, Nicolau de Araújo Vergueiro, em meados da década de 1940. Affonso conhecia a tecnologia, porém não possuía recursos suficientes para realizar o empreendimento. Então, convidou Giácomo Marin para ser sócio. Mas, mesmo assim, os recursos eram insuficientes. Ambos convidaram então João Bernardes Dias para ajudar a custear a viabilização do empreendimento.

Depois de formada a sociedade, Muxfeldt, Marin & Cia., os três sócios partiram em busca de local adequado, embrenhando-se no mato até conseguirem o ponto certo para o início das obras que encontraram na costa do Rio Ligeiro. Na época da implantação da empresa, no ano de 1944, Tapejara, então distrito de Passo Fundo, era uma pequena vila, isolada do sistema energético do Estado.

A Usina denominada Avante foi inaugurada no dia 6 de janeiro de 1945, com grande festa popular nas margens do Rio Ligeiro, durante todo o dia. As festividades estenderam-se pela parte da noite, com animado baile nas dependências da Ferraria de José Zanini. A construção da usina significou um marco histórico no desenvolvimento da região.

Sede das instalações da Usina Hidroelétrica Avante, em 1953. Foto: Arquivo Público do RS – Ricardo Giusti.

Vencidas as resistências daqueles que acreditavam ser a energia elétrica um bem supérfulo e passados os efeitos da Segunda Guerra Mundial, a pequena Vila Teixeira começou a crescer de tal forma que a energia elétrica gerada pela usina já não atendia à demanda. Isso levou os sócios da Muxfeldt, Marin & Cia. a decidirem, no final do ano de 1947, pela ampliação da capacidade geradora, construindo outra usina, quinhentos metros abaixo da primeira e aproveitando parte da estrutura dela, com um gerador de 312 KVA, que entrou em funcionamento no início do ano de 1950.

Com a emancipação em 1955, o ritmo de crescimento de Tapejara aumentou, consideravelmente, e alguns anos depois, a nova usina já não produzia o suficiente para atender a demanda de Tapejara e Ibiaçá.

Instalação de tranformador de distribuição de energia elétrica em um dos pontos da zona central de Tapejara, em meados da década de 1950. Foto: Arquivo de Vera Doring.

Em 1965, a Companhia Estadual de Energia Elétrica do Estado do Rio Grande do Sul – CEEE construiu uma linha de transmissão de Desvio Englert – Sertão – Tapejara, aportando o suprimento necessário a Muxfeldt, Marin & Cia. e, em seguida, dando também atendimento a Água Santa e Charrua.

A usina foi desativada em 1992 por ter sido destruída por uma grande enchente no Rio Ligeiro, passando a empresa a ser apenas distribuidora de energia elétrica. Em 2001, entrou, novamente, em funcionamento a usina hidroelétrica, totalmente reconstruída, automatizada e equipada com uma turbina com potência de 1.000 Kw e um gerador com potência de 1.250 KWA e tensão de 380 V. Está localizada às margens do Rio Ligeiro, no Município de Ibiaçá. A geração própria corresponde, atualmente, a aproximadamente 10% do total da energia consumida na sua área de concessão.

A gerência da usina esteve ao encargo de Affonso e à subgerência de Giácomo por muitos anos. Com a morte de Giácomo, assumiu o seu filho Mário Marin. Mais tarde, Affonso também veio a falecer, em meados de 1994. Então coube a Mário assumir a gerência da empresa. As primeiras medidas tomadas pelo novo gerente foram de natureza jurídica, entre as quais: a mudança da denominação da empresa, que passou a chamar-se Mux Energia. Além disso, juntou esforços na regularização completa da empresa na Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), órgão federal competente para conceder a permissão de fornecimento de energia elétrica. Conseguiu contrato de concessão de energia firmado com validade até 2017, com direito a mais uma renovação.

Casa e escritório de Affonso Muxfeldt, da Usina Hidroelétrica Avante, em 1953. Foto: Arquivo Público do RS – Ricardo Giusti.

COLETA E TRATAMENTO DE ESGOTO

A zona urbana do município não é servida, na sua totalidade, com rede coletora de esgoto cloacal, porém parte do Bairro São Cristóvão possui uma rede coletora que está em fase de obtenção de licença ambiental e licença de operação pelo Órgão Ambiental Estadual Fepam, que compreende trechos das ruas Fiorante Rech, Aurélio Sossella, Eugênio Dametto, Luiz Sitta, Alfredo Campiol, Avenida Valdo Nunes Vieira, Ervilho Bée, Antonio Marchiori, Júlio de Castilhos e Travessa São Cristóvão, sendo que esta conduz para uma subestação de tratamento também localizada no Bairro São Cristóvão, próximo da Assertape. Essa região da cidade está compreendida na bacia 3, onde poderá atender até 830 habitantes.

No restante da área urbana, o tratamento dos esgotos é individual, na residência, porém alguns imóveis residenciais e estabelecimentos fazem a ligação na rede pluvial após tratamento, e outros conduzem diretamente seus esgotos, sem tratamento, aos rios que cortam a cidade.

Atualmente, o Município foi contemplado com recursos no valor de R$ 799.500,00 da Agência Nacional das Águas (ANA) para tratar o lodo do esgoto doméstico retirado das fossas sépticas de todas as residências e implantou uma estação de tratamento para esse lodo, que possui 365m^2 de área construída, em uma área total de 30 mil m^2, caracterizando como um ganho ambiental e de qualidade de vida, pois esse resíduo será devolvido ao meio ambiente com padrões permitidos, diante das legislações pertinentes. Está localizada na localidade de Linha Quatro, com área licenciada pela Fepam. Também foi fundamental o recurso de R$ 600 mil da Corsan para compra de caminhões e equipamentos combinados para hidrojateamento de alta pressão e sucção a vácuo. Segundo o Prefeito Seger Luiz Menegaz, essa obra é muito importante para o Município, pois o lodo doméstico será tratado de forma adequada, sem gerar impacto na natureza quando for devolvido ao meio ambiente.

Antigamente, o lodo doméstico era destinado a uma empresa de Passo Fundo, que efetuava o recolhimento duas vezes por semana, gerando um custo mensal de R$ 30 mil para o Município. Essas obrigações fora exigidas pelo Ministério Público para que se destinasse a locais devidamente licenciados ambientalmente e não lançados ao meio ambiente sem tratamento, conforme se fazia no passado.

O Município de Tapejara é o primeiro da região da Associação dos Municípios do Nordeste Rio-Grandense (Amunor) a projetar um sistema de tratamento como esse. A implantação atende os critérios da legislação ambiental vigente. O sistema é operado por um responsável técnico para dar condições para que o efluente seja devolvido ao meio ambiente após tratado, de acordo com os padrões de emissão permissíveis. No local, ainda há um viveiro que produz mudas de árvores nativas, sendo que estas são irrigadas com o efluente tratado, e o adubo utilizado é o lodo desidratado da estação. Essas mudas de árvore são plantadas nos passeios puiblicos, nas áreas verdes do Município.

Paralelo a esse grande projeto implantado, anualmente, o Município, junto com a Corsan, busca recursos para complementar as melhorias de drenagem e de tratamento de todos os esgotos domésticos da área urbana do Município.

As medidas tomadas pelo Poder Público para tentar minimizar essa situação do esgoto cloacal e pluvial foram as seguintes: em meados de 2000, o Município promoveu muitas melhorias em drenagem pluvial, contemplando as ruas Amâncio Cardoso, da Av. 7 de Setembro até a Gruta, da Rua José Costa, do Bairro Treze de Maio, do Bairro Menino Deus, da Rua Alberto Rebesquini. Foi também firmado convênio técnico de cooperação mútua com a Corsan visando à implementação do Serviço de Tratamento de Esgoto Sanitário, em outubro de 2002, além de assinado contrato de responsabilidade da companhia com o tratamento e a rede coletora de esgoto cloacal da cidade, sendo que essa reponsabilidade foi reafirmada

em 2011, com vigência de 25 anos.

As ações da Corsan foram até o momento as seguintes: melhorias das tubulações de encanamento de água; ampliação de reservatórios de água, doação de dois caminhões para esgotamento das fossas e dos sumidouros do lodo de esgosto doméstico, entre outros. O objetivo foi resolver a questão do tratamento doméstico, evitando os danos causados ao meio ambiente e à saúde pública.

A Prefeitura Municipal de Tapejara analisa e aprova os projetos de engenharia civil quanto ao tratamento de esgoto doméstico, exercendo a fiscalização dos imóveis e estabelecimentos para a correta execução do sistema de tratamento de esgoto.

As indústrias, o comércio e a prestação de serviços existentes no Município, em sua maioria, também apresentam sistema adequado de tratamento de seus resíduos domésticos e industriais. O Município, através de fiscalização, solicita aos estabelecimentos que não possuem os devidos tratamentos para que façam as adequações necessárias dentro de um prazo delimitado, com posterior comprovação da execução e implantação dos referidos sistemas. Na zona rural, constata-se que a maioria das residências apresentam sistema de tratamento individual de esgoto doméstico.

A Prefeitura realizou nos anos de 2013 e 2014, através de assessoria técnica, um estudo de caracterização e mapeamento de todos os recursos hídricos e drenagens localizados na área urbana do Município, tendo como finalidade a criação de um marco regulatório para preservação, conservação e regularização fundiária.

Com esse estudo, o Município, atendendo ao disposto em legislações federais e estaduais, criou, através da Lei Municipal nº 3.887/14 e do Decreto Municipal nº 4.047/14, um ordenamento territorial urbano no que tange à preservação dos recursos hídricos e à utilização de imóveis urbanos para construções.

Considerando a manutenção dos recursos hídricos, para o futuro, é preocupante o fato de os mananciais estarem sujeitos a contaminação, por esgoto doméstico e efluentes industriais, situação que pode agravar-se com a tendência do crescimento da cidade e o aumento, de forma acelerada, da urbanização.

• A coleta de lixo e a destinação

A preocupação com a conservação e a limpeza das principais ruas da cidade, do recém-emancipado Município de Tapejara repercutiu na Câmara de Vereadores em 18 de julho de 1958. Naquela data, na reunião da Comissão Representativa dos Partidos, composta por Severino Dalzotto (PDS), Vergelino Eron Borgers (PTB), sob a presidência do então Presidente da Casa, Miguel Tabbal, no momento da explicação pessoal, as questões da limpeza pública e da conservação das vias públicas vieram à tona. Vergelino referiu-se ao excesso de lixo que se encontrava depositado nas vias públicas, especialmente na quadra em que se encontra a Estação Rodoviária. Ele disse que seria justo que o Prefeito tomasse providências, emitindo uma norma no sentido de educar a população para cooperar na limpeza pública. Disse, também, o Vereador Dalzotto que o Prefeito estava preocupado com esse problema e se não tomou providência objetiva foi em virtude de suas frequentes viagens à capital do Estado no interesse da Administração.

Referiu que o Prefeito já teria solicitado, aos proprietários de bares e cafés, a colocação de caixas de lixo em frente aos seus estabelecimentos. Com a palavra novamente o orador, este refere que existe o zelador das ruas da cidade, sem qualquer providência da Administração para o seu preenchimento.

Entretanto, tempo antes o Poder Público, por força da Lei Municipal nº 11, de 7 de janeiro de 1956, cobrava a Taxa de Limpeza para o custeio do serviço de remoção do lixo e limpeza das ruas, que era de

responsabilidade dos respectivos proprietários sobre o imposto predial, na base de 10%, de conformidade com tabela em que consta orçamento do Município de Passo Fundo, ora admitido pelo de Tapejara.

Porém, foi criada a Lei Municipal nº 102, de 18 de setembro de 1958, que revogou a Lei nº 11, de 7 de janeiro de 1956, criando a Taxa Beneficente que incidia sobre todos os impostos na base de 20%. A Taxa Beneficente era aplicada em auxílios a escolas particulares, à LBA, contribuições e auxílios diversos, à maternidade e à infância, a hospitais e indigentes.

Mais tarde, retornou a preocupação do Poder Público com a questão da limpeza pública. Dessa forma, através da Lei Municipal n° 1.806, em 31 de dezembro de 1993, foi criada a Taxa de Limpeza Pública e a Taxa de Coleta de Lixo, cobrada do contribuinte através do Imposto sobre Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU), cujo bairro fosse beneficiado, efetiva ou potencialmente, pelos serviços.

Atualmente, a cobrança da Taxa de Limpeza Pública e da Taxa de Coleta de Lixo é feita anualmente e sua arrecadação processada juntamente com o IPTU.

A Taxa de Lixo foi consignada no elenco tributário municipal com a revogação da lei anterior através Lei Municipal nº 2.115, de 30 de dezembro de 1998, que instituiu o Código Tributário do Município, consolidando a Legislação Tributária. A Taxa de Coleta de Lixo está consignada no Titulo I, artigo 2º, inciso I, letra "b". A preocupação do Poder Público não foi apenas em relação à cobrança da Taxa de Coleta do Lixo, mas com o destino final dos resíduos coletados das residências do Município.

Nesse sentido, o Poder Legislativo aprovou e o Poder Executivo sancionou e promulgou a Lei Municipal nº 2.158, em 14 de junho de 1999, para a construção da Usina de Reciclagem de Lixo, com infraestrutura básica, conforme projeto e licença ambiental emitida pela FEPAM, localizada em Santa Cecília do Sul. Ainda autorizou o Executivo Municipal a efetuar processo licitatório, modalidade "concorrência", para contratação de serviços de exploração, transporte e destino final do lixo urbano.

O Poder Público avançou no rumo ao constituir consórcio intermunicipal, com a aquisição de uma usina de reciclagem de lixo. Foi sancionada e promulgada a Lei nº 2.204, em 14 de dezembro de 1999, que autorizou o Município a constituir, juntamente com os Municípios de Vila Lângaro, Água Santa e Santa Cecília do Sul, consórcio intermunicipal para aquisição, instalação, operacionalização e utilização conjunta de uma usina de reciclagem.

A partir do ano de 2009, o consórcio foi destituído e o Município assumiu, na íntegra, com as suas responsabilidades, quanto ao recolhimento, transporte e destino final dos resíduos urbanos domésticos.

A iniciativa do Poder Público Municipal em dar um atendimento especial às embalagens de agrotóxicos ocorreu através da Lei nº 2.219, em 25 de fevereiro de 2000, segundo a qual o Município foi autorizado a participar do Consórcio Intermunicipal para a Destinação Final de Embalagens de Agrotóxicos. Três anos depois, o Presidente da Câmara de Vereadores, no exercício do cargo de Prefeito Municipal de Tapejara, Jurandir Bogoni, através da Lei Municipal nº 2.646, em 24 de outubro de 2003, assinou Termo de Cessão Administrativa de Uso de prédio edificado sobre o imóvel matriculado sob o nº 61.931, do Cartório de Registro de Imóveis de Passo Fundo, destinado a abrigar a Central de Recebimento de Embalagens de Agrotóxicos, denominada Cinbalagens.

Em 2010, as responsabilidades diante desses resíduos é inteiramente da fonte geradora, ficando o Poder Público com a fiscalização e a educação ambiental, reforçando o destino ambientalmente correto.

Atualmente, a responsabilidade da Prefeitura é de recolher, transportar e dar o destino final dos resíduos sólidos urbanos provenientes das residências e dos setores públicos municipais, e desenvolve com muita propriedade, pois atinge 100% a população urbana e a rural, com atendimento do serviço para uma população, conforme o IBGE, de 21.224 habitantes.

Hoje, o Município gera uma média de 800 gramas a 1 kg de resíduos domésticos por habitante/dia. A partir dos meados do ano de 1989, o Município implantou Programa da Coleta Seletiva, tendo sido, na época, disponibilizadas lixeiras fixas com cores diferenciadas para que a população separasse o lixo orgânico do inorgânico. Com o passar dos anos, o programa de coleta seletiva apresentou melhorias e alterações e, hoje, os resíduos da população podem ser dispostos em coletores disponibilizados pela Prefeitura nas esquinas das quadras com cores diferenciadas.

Saliente-se que esses resíduos são segregados (separados) previamente nas residências, conforme orientação do Poder Público, em seco e orgânico, e posterior separação, conforme suas tipologias, na central de triagem e compostagem com aterro de resíduos de empresa contratada, localizada no Município próximo de Santa Cecília do Sul, denominada de Copercicla. Nela, após os resíduos serem separados, são destinados de forma ambientalmente correta.

Cabe salientar que, no cenário nacional, no ano de 2010 foi instituída, através da Lei Federal nº 12.305/10, a Política Nacional de Resíduos Sólidos; nela foram definidas obrigações para destino e tratamento. Assim, as indústrias, o comércio, as atividades de prestação de serviço, serviços de saúde, agricultura e demais setores da sociedade possuem obrigações quanto à separação, transporte e o destino final de seus resíduos. O Poder Público reforça essas obrigações através de campanhas de educação ambiental e de licenciamento ambiental das atividades.

Além do recolhimento dos resíduos domésticos, o Poder Público também realiza serviços de limpeza urbana, como varreção das vias públicas, manutenção de áreas verdes, praças e parques e manejo (poda, corte e transplante) de vegetação localizadas em área de domínio público.

ENCHENTES, INCÊNDIOS E FENÔMENOS NATURAIS

• As enchentes no centro da cidade

A hidrografia do Município de Tapejara é classificada compreendendo a grande Bacia do Rio Uruguai, sendo com densidade concentrada, mas apresentando rios de pequena extensão. A configuração dos leitos dos rios do Município, em sua grande maioria estreitos, favorece o rápido aumento do nível das águas, por ocasião das chuvas.

Tapejara pertence à Bacia do Rio Uruguai e a Microbacia do Rio Apuaê Inhandava, que recebe as drenagens de todos os rios e arroios que cruzam o Município, com macrodrenagens dos Arroios Bonetes, Caramirim, Agnoletto, Ibirapuitã, Paramirim, AABB e São Francisco.

Os referidos arroios receberam denominações em 2013. Antigamente, suas águas corriam límpidas e serviam para, além de saciar a necessidade dos animais, como locais para lavagem de roupas e utensílios dos primeiros colonizadores em dive-

Av. 7 de Setembro na década de 1960.
Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Arroios. Foto: Arquivo do Google Earth 2009.

sos pontos do então Núcleo Itália, mais tarde na Sede Teixeira. Também a água servia para mover os moinhos coloniais e as pequenas usinas na produção de energia elétrica para iluminar as casas, pela parte da noite, por algumas horas.

Mais tarde, na então Vila Tapejara, na década de 1940, com o aumento da população e o desenvolvimento de estabelecimentos comerciais, prestadores de serviços e pequenas indústrias, assentados nas proximidades e redondeza, começaram a utilizar o curso dos arroios como um canal para escoar dejetos e descarte de materiais não usados.

Em meados da década de 1960, o aumento do descarte de dejetos e materiais acabaram causando obstrução em diversos pontos do leito das águas dos arroios, que desaguavam na sub-bacia do Arroio Bonetes, que recebia águas dos demais.

Com a chegada de chuvas mais intensas, em determinados períodos do ano, começou a transbordar em alguns locais da zona central da cidade, resultando, além de transtornos, em consideráveis prejuízos aos moradores e estabelecimentos assentados nas proximidades.

Mulheres da firma Dalzotto limpando a calçada após alagamento. Da esquerda para a direita: Margarida Marin Dalzotto e Lurdes Sandini Girardi, em meados de 1960. Foto: Arquivo de Lurdes Sandini Girardi.

Alagamento na Av. 7 de Setembro na década de 1960. Foto: Arquivo de Gema Dalzotto.

Rua Independência esquina com a Av. 7 de Setembro, na década de 1980. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Ivone Rech de Quadros conta: "Não posso esquecer as enchentes gigantes; muitas pessoas nem imaginam que no centro de Tapejara, embaixo de edifícios e ruas, existem dois arroios que cortam a cidade. Quando as chuvas eram torrenciais, o escoamento pluvial não evacuava de forma suficiente por falta de

planejamento, ficando o centro e principalmente a loja e o supermercado da Ughini alagados. Quantas vezes trabalhávamos e organizávamos tudo na loja sem energia elétrica, pois quando chovia muito, raramente tínhamos luz."

Edda Diniz Girardello Lindner, na sua segunda estada como funcionária da então empresa Ughini S/A, em meados do início do ano de 1971, recorda: "Quando aconteciam as enchentes, muitas vezes na madrugada, ou no domingo, éramos chamados para salvar as mercadorias possíveis. Isso porque havia um rio que corria embaixo do prédio que inundava a cidade."

Um dos arroios, denominado de Caramirim, cujo curso de águas, em certa altura, trasitavam nas proximidades da então serraria da família Calegari, seguindo, passando nos fundos da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, em seguida chegando na bacia da cidade a pouca distância da então Gasosaria de Albino Costa e, mais adiante, nos fundos do parque e oficina das máquinas da Prefeitura e ao lado da antiga Marmoraria de Anildo Bamber, cruzando a Rua Independência.

Nessa altura, encontrava-se com outro arroio, as suas águas alcançando perto da outrora Fábrica de Balas e Mandolates de Mansueto Canali, em seguida cruzando a Av. 7 de Setembro, correndo à frente das moradias de Pedro Bertoglio, Dionisio Bertoglio e Vergilio Três. Em seguida, desembocando num trajeto nos fundos e outra parte por baixo das instalações da Mecânica Tapejarense, para logo em frente cortar a Rua do Comércio e passar pelos fundos do prédio da casa comercial da firma Ughini e por debaixo do piso do armazém dessa empresa.

Em seguida, atravessava a Rua XV de Novembro, passava ao lado da então ferraria e do terreno de José Zanini, atravessando a Rua Júlio de Castilhos até chegar em uma área irregular, formando uma cascata situada onde, atualmente, está edificado o prédio Adubos Coxilha, seguindo em frente até alcançar as proximidades da moradia e da carpintaria de Marcos Menegaz e José Ferrari, onde aproveitavam o curso das águas para moverem seus estabelecimentos, que fabricavam móveis, aberturas, altares, entre outros. Mais adiante, o curso das águas alcançou as proximidades do Matadouro e Frigorífico do Irmãos Dametto, o Estádio Municipal Laércio Póggio e o Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto.

Em seguida, cruzando a estrada de Santa Rita, onde, atualmente, foi construída uma ponte em alvenaria e nas proximidades das terras da família Borela, de Marau, onde edificaram um chiqueiro de criação de suínos, os quais eram abatidos em Marau. Prosseguindo, os cursos das águas serviram também para mover os moinhos, sendo um de Antonio Spader, outro de Alberto Marcolin, outro da firma de Ughini e Irmãos e outros dois, um da família Favaretto e outro da família Lusa, em Santa Rita.

Uma das primeiras intervenções do Poder Público aconteceu por volta da década de 1960. Foi a construção de taludes (paredes) a fim de canalizar as águas no trecho dos fundos da propriedade de Albino Costa, denominado Arroio Caramirim, até alcançar as proximidades da então Mecânica Tapejarense. Nesse trajeto, além de construídas paredes de pedras em determinados lugares foi feita uma chapa de concreto. Entre esses locais, que receberam, além das paredes, a chapa de concreto, cabe destacar também em todo percurso próximo da Rua Independência, pois as águas corriam defronte a diversas moradias. Antes disso, a firma Ughini & Irmãos e a Ferraria de José Zanini haviam canalizado e construído uma galeria no trecho de águas que passava nos fundos e ao lado de seus estabelecimentos.

Mas, essas intervenções não conseguiram dar conta da vazão das águas na bacia dos Arroios Paramirim, Caramirim e Ibirapuitã, pois acabaram recebendo mais águas com o loteamento da família de Elizeu Rech, além da abertura e do prolongamento da atual Avenida Elizeu Rech, em meados da década de 1970.

O Poder Público, num primeiro momento, construiu um talude no meio da via para desviar as águas

oriundas do Arroio Ibirapuitã, numa tentativa de dar conta, porém apenas diminuiu o volume de águas, pois os transbordamentos continuaram acontecendo, em dias de torrenciais chuvas, provocando prejuízos aos moradores e estabelecimentos assentados nas redondezas do percurso das águas.

Alagamento na Av. 7 de Setembro na década de 1980. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Enquanto isso, o Poder Público realizava uma série de tratativas junto aos órgãos governamentais de Brasília, com a finalidade de elaboração de projeto e liberação de recursos financeiros para uma maior e melhor intervenção no curso das águas e dessa maneira procurando acabar com as inundações, no perímetro urbano, já que vinha arrastando-se e causando danos e prejuízos arcados pela população.

Entre essas iniciativas, destaquem-se as tratativas iniciadas na administração do Prefeito Norberto Dall'Olivo e do Vice José Rombaldi Mânica, logo ao assumirem, em meados de 1983, numa soma de esforços com o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) que resultou na elaboração do projeto. Mas os recursos financeiros liberados pelo Governo Federal para dar início às obras demoraram aproximadamente uma década.

Entretanto, em maio de 1992, o ex-Ministro da Ação Social, Deputado Ricardo Fiúza, autorizou a liberação do recurso no montante de um bilhão, trezentos e onze milhões. Porém, com o processo do impeachment do ex- Presidente Fernando Collor de Mello, o assunto ficou parado no Departamento Técnico do Ministério.

Em novembro de 1992, em audiência com o Ministro Jutay Magalhães, do novo Ministério do Bem-Estar, estavam presentes o deputado Odacir Klein, o ex- Prefeito Bomfilho Sebben e o Prefeito Gilberto Borgo foi empenhado o recurso em dezembro de 1992, liberado no dia 24 de fevereiro e pago em março de 1993.

De acordo com o Prefeito Gilberto Borgo, segundo o jornal O Caiobá, do dia 23 de março de 1993, "era um compromisso que assumimos com a comunidade e com certeza estaremos, de uma vez por todas, solucionando o problema das enchentes no centro da cidade".

As obras de canalização do Arroio Ibirapuitã iniciaram em abril de 1993. Essa etapa compreendia a abertutura, o alargamento do valo e a dinamitação das rochas ali existentes. As obras estavam ao encar-

go da empresa Paviter – Comércio, Pavimentação e Terraplanagem Ltda., de Frederico Westphalen.

A expectativa do Poder Público, na ocasião, era que até o final do mês de maio a obra estivesse concluída. O então Prefeito Gilberto Borgo queria terminar logo com esse problema de inundações no centro da cidade e dar maior tranquilidade aos comerciantes e moradores da redondeza. De acordo com a matéria publicada numa das páginas do jornal O Caiobá, em sua 3ª edição, em meados de maio de 1993, com a chamada "30 anos depois: a solução".

O teor da matéria deu conta de que o Município de Tapejara, havia mais de 30 anos enfrentava problemas de inundações no centro da cidade. A canalização de córregos e riachos que atravessam a cidade sempre foram um desafio e, enquanto ninguém assumia esse desafio, as inundações traziam prejuízos e transtornos para moradores e comerciantes locais.

Como compromisso, a Administração 93/96 conseguiu a liberação de uma parte da verba necessária para a canalização do Arroio Ibirapuitã junto ao Ministério do Bem-Estar Social, no valor de CR$ 1.311.393.990,00. Essa verba foi liberada no dia 24 de fevereiro de 1993. A obra, que já estava em andamento, deveria ser feita em etapas, sendo a primeira sob a responsabilidade da Empreiteira Rodiz, de Veranópolis.

A verba conseguida não foi suficiente para concluir as obras de canalização do Arroio Ibirapuitã, por isso Borgo encaminhou, através do Deputado Federal Odacir Klein, um projeto com levantamento real e atual dos custos da obra, que seria passado para o Ministro Jutahy Magalhães.

No dia 26 de maio de 1993, o Prefeito Gilberto Borgo esteve em Brasília, no Ministério do Bem-Estar Social, em audiência com o Ministro Jutahy Magalhães e buscou complementação dos recursos financeiros necessários à conclusão da obra de canalização do Arroio Ibirapuitã, com uma ótima recepção por parte do Ministro, que acenou com boas possibilidades da complementação da verba.

Enquanto isso, a empresa Paviter – Comércio, Pavimentação e Terraplanagem Ltda., responsável pelas detonações para o desmonte das rochas, findou seu trabalho no dia 4 de junho de 1993, dentro do prazo previsto. Depois do desmonte da rocha e limpeza dos resíduos de pedra, iniciou-se o trabalho de construção da galeria com prazo previsto de sessenta dias, executada pela Construtora Rodil, de Veranópolis.

As obras de canalização do Arroio Ibirapuitã, em agosto de 1993, estavam em ritmo acelerado. Grande parte do canal já era construído pela empresa Rodil. A canalização teve continuidade, estendendo-se até as proximidades da empresa Comercial Dacal de Adubos Ltda., situada na Rua do Comércio, 1.419, onde também eram realizadas obras para aumentar a vazão do canal existente, pois, com isso, haveria maior escoamento das águas e solucionaria o problema das cheias no centro da cidade.

Pela galeria iriam passar aproximadamente 400m^3 de água por minuto, numa extensão de aproximadamente 390 metros. Em meados de outubro de 1993, a Prefeitura Municipal de Tapejara deu andamento à última etapa das obras de canalização do Arroio Ibirapuitã. Estava na época em construção a nova galeria no trecho entre o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, situado na Rua XV de Novembro, frente e lado, até alcançar e atravessar a Rua Júlio de Castilhos.

Os trabalhos foram desenvolvidos por funcionários da Secretaria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal. Na mensagem de final de ano do Prefeito de Tapejara, veiculada nos meios de comunicação locais, enfatizava-se a realização e conclusão das obras da canalização do Arroio Ibirapuitã.

Mas houve uma trégua das chuvas torrenciais na década seguinte, o que não preocupou as administrações que se sucederam em construir as obras complementares, de acordo com o Administrador Público que havia alertado quando foi executada a última intervenção na bacia do Arroio Ibirapuitã em vista de evitar os alagamentos no centro da cidade. Entretanto, com o aumento de dejetos, lixo e

entulhos, lançados nos arroios e edificações próximas as margens dos mesmos, com a volta das chuvas e a falta de obras complementares para drenagens das águas, os alagamentos voltaram a acontecer na região central da cidade de Tapejara.

Foto:http://www.bing.com/images/search?q=Alagamentos+Tapejara+rs&id=6B2D8FB5A6386A6C5AF274AC6EBD2884DE-29DDC6&FORM=IQFRBA#view=detail&id=6B2D8FB5A6386A6C5AF 2681596D375DC86382536&selectedIndex=11
Acesso: 14-05-2014.

Foto:http://www.bing.com/images/search?q=Alagamentos+Tapejara+rs&id=6B2D8FB5A6386A6C5AF274AC6EBD2884DE-29DDC6&FORM=IQFRBA#view=detail&id=6B2D8FB5A6386A6C5AF20475CC66691F1FB4E0F3&selectedIndex=3
Acesso: 14-05-2014.

Foto: http://jnovotempo.blogspot.com.br/2011/06/tubulacao-pode-amenizar-enchentes-no.html Acesso: 14-05-2014.

Cabe destacar que o mais recente alagamento aconteceu no dia 26 de março de 2011. A chuvarada causou sérios prejuízos às atividades comerciais assentadas na Av. 7 de Setembro, com a Rua Independência, o que levou o Poder Público a tomar iniciativas na tentativa de dar uma resposta para o problema.

A solução encontrada pelo Poder Público começou a ser efetivada em junho de 2011, na tentativa de escoar as águas que se acumulam na Av. 7 de Setembro, em dias de chuva. Duas tubulações de cerca de um metro de diâmetro foram implantadas abaixo do solo, num terreno localizado na via, levando toda a água para diante, onde passa parte do Arroio Caramirim.

De acordo com o Prefeito Seger Luiz Menegaz, duas construções antigas foram removidas desse terreno, onde foi construído um prédio. O proprietário autorizou trabalhar nessa obra antes de iniciar a nova construção. Conforme o Prefeito, "o engenheiro responsável nos garantiu que é uma ótima alternativa. Não podemos prometer que é o fim das enchentes, porque tudo depende do volume de chuvas e do escoamento das demais drenagens."

INCÊNDIOS

Os três estabelecimentos após o incêndio. Foto: Arquivo de Dino Bertoglio.

• Café Central, Hotel Central e Hotel Aurora

Um grande incêndio, que abalou Tapejara, aconteceu em 1945, quando três importantes estabelecimentos no centro da então Vila Tapejara pegaram fogo durante a noite. Foram eles: Café Central, Hotel Central, que pertenciam à família Bertoglio, e o Hotel Aurora, que era de Taudelino de Quadros, todos situados na Rua do Comércio. Esse foi sem dúvida o maior incêndio ocorrido em Tapejara, onde tudo virou em cinzas.

• Loja em frente à praça

Outro grande incêndio consumiu uma loja, também de madeira, situada em frente à praça onde mais tarde foi construído o Café União. Era um casarão enorme, com dois pisos e um porão, de propriedade de João Casa.

Ao lado da loja existia uma casa onde moravam os pais de João e Vitório Casa. Muitos ajudaram a salvar os moradores e algumas coisas que foi possível. Hoje ainda existe uma construção pequena de alvenaria em seu lugar, onde funcionou um açougue por muito tempo e hoje está ocupada por um barzinho, ao lado da loja Lima Limão.

• Fábrica de Móveis, Aberturas e Beneficiamento de Madeiras

Outros dois grandes incêndios aconteceram na Fábrica de Móveis, Aberturas e Beneficiamento de Madeiras de Ricardo Dallagasperina. O primeiro grande incêndio que o empresário Ricardo Dallagasperina sofreu foi em 1967. O fogo consumiu por completo seu depósito de madeiras para construção e também madeiras nobres para fabricação de móveis e aberturas. O depósito situava-se na Rua Coronel Lolico, entre a Rua do Comércio e a Av. 7 de Setembro. Pilhas de madeira arderam furiosamente, causando prejuízo total.

Não obstante esse golpe, que lhe dizimou o vultoso estoque e total prejuízo, a fatalidade do fogo destruidor voltou a atacar o empresário. Dessa vez, os prejuízos causados foram ainda maiores do que o primeiro. Apenas dois anos depois do primeiro, em 1969, o fogo destruiu completamente um prédio de dois pisos da fábrica de móveis, repleto de móveis, madeira, máquinas e ferramentas situado na Av. 7 de Setembro, no centro da cidade, onde hoje está a nova sede. Os bombeiros de Passo Fundo foram acionados, mas quando chegaram nada mais pôde ser salvo. O estabelecimento não possuía seguro.

Foto: Arquivo de Domingos Luiz Dallagasperina.

Após o incêndio, o que restou.
Foto: Arquivo de Domingos Luiz Dallagasperina.

Como sempre, quando aconteciam incêndios, que, aliás, ocorriam seguidamente, pelo fato de as casas serem construídas de madeira, volúveis ao fogo, fogões à lenha, más instalações elétricas e, por outros motivos, os moradores próximos corriam para socorrer as pessoas e auxiliar para salvar alguns pertences. Essa solidariedade sempre foi exercida no Município. Segundo Domingos Luiz Dallagasperina, muitos outros incêndios aconteceram, como o caso da serraria de Pedro Calegari e de várias casas de moradia e fábricas.

SITUAÇÃO DE CALAMIDADE PÚBLICA

No dia 12 de abril de 2014, o Município de Tapejara passou por uma situação devastadora. Segundo a MetSul Meteorologia, um tornado na escala Fujita F1 (117 a 180km/h) a F2 (181 a 250km/h) passou e varreu alguns pontos da cidade, por volta das 5h30. A conclusão foi tirada após análise das imagens de danos, dados e depoimentos.

Os Bairros Treze de Maio e São Paulo e dos Loteamentos Real I, Real II e Santa Paulina, foram os mais afetados. O dia amanheceu triste, não somente para quem vivenciou a cena do forte temporal destelhar e até derrubar suas casas, mas também para quem nunca pensou em ver bairros totalmente destruídos por um desastre natural. Diversos postes de luz caíram na cidade.

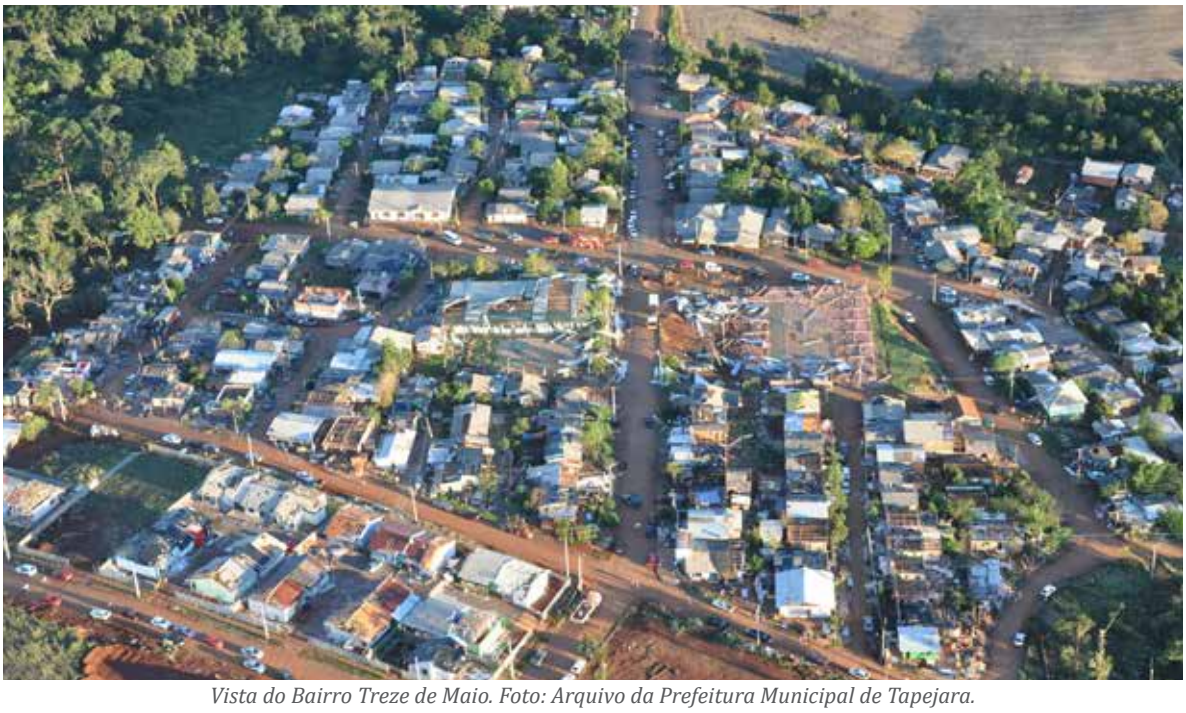
No início da manhã, as Secretarias da Prefeitura Municipal de Tapejara começaram juntas a trabalhar e ajudar as famílias prejudicadas. Moradores de toda a cidade também começaram a se solidarizar e ajudar. Para tanto, no dia seguinte, 13 de abril, foi criado o Comitê Pró-Reconstrução, formado por entidades do Município, para que juntos pudessem pensar em soluções imediatas. O Presidente da Associação dos Universitários Tapejarenses (Autape), Leonardo Ghibaudo, a Tesoureira da Associação Laura Fontana Favretto, o membro do Rotary Club, Darlei Mangoni, e o Presidente da JCI, Wagner Bée, ficaram responsáveis pelo Comitê.

O Centro de Referência de Assistência Social (Cras), juntamente com a Secretaria de Assistência Social, começaram a fazer o cadastramento das famílias atingidas para levantar os dados dos prejuízos. Engenheiros, arquitetos, topógrafos, técnicos e voluntários do Município finalizaram o serviço de levantamento de dados, informações e cadastros sobre edificações e famílias atingidas pelo tornado. E constataram cento e cinquenta casas totalmente destruídas e seiscentas e dezesseis propriedades particulares danificadas parcialmente, assim como estabelecimentos comerciais e industriais; empresas prestadoras de serviços; órgãos públicos localizados no Bairro Treze de Maio, com a Escola Municipal Catarina Debastiani destruída parcialmente e o Ginásio de Esportes com perda total; a Unidade Básica de Saúde do Bairro São Paulo e várias edificações públicas pertencentes à Secretaria Municipal de Obras e Viação, como garagem, oficina, pavilhão e escritório, totalizando setecentas e sessenta e seis danificações.

O Município determinou, através do Decreto nº 3.998/14, Situação de Emergência e encaminhou à Defesa Civil de Brasília documentação, juntamente com arquivos fotográficos, que comprovam a destruição causada.

A Caritas de Passo Fundo deixou a conta do Fundo de Solidariedade da Arquidiocese de Passo Fundo para arrecadar fundos às famílias atingidas. Nos dias seguintes, chegaram doações de toda região e do Estado do Rio Grande do Sul, os quais ajudaram com gêneros alimentícios, produtos de limpeza, colchões, cobertores, fogões, camas e demais móveis.

Cenário de destruição. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.



Vista do Bairro Treze de Maio. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• Prestação de contas

Em uma prestação de contas, realizada no dia 13 de junho de 2014, a Prefeitura de Tapejara e o Comitê Pró-Reconstrução destacaram que haviam sido liberados R$ 262,6 mil do Ministério da Integração Nacional para pagamento de telhas e outros gastos menores. Como esse valor não foi suficiente para o pagamento, a Secretaria da Habitação ajudou com recursos próprios de cerca de R$ 85 mil. Os valores solicitados para o pagamento do aluguel social ainda não foram liberados. Dessa forma, a Prefeitura está arcando com todos esses gastos.

O valor arrecadado do Fundo de Solidariedade da Caritas da Arquidiocese de Passo Fundo foi de R$ 25.900,00. O Rotary Clube conseguiu arrecadar R$ 24.400,00 para compra de tijolos adquiridos e pagos com as verbas oriundas de 50% do resultado do Baile Temático realizado pelo Rotary, R$ 5 mil, doados pela fundação Rotária do Distrito 4.700 e mais doações do Rotary Clube de Sananduva, Vacaria e Erechim. O Lions Clube também repassou em torno de R$ 18 mil e a Associação dos Colorados R$ 5 mil.

Além desses valores, o Município recebeu inúmeras doações em forma de agasalhos, alimentos, móveis, colchões, cobertores, utensílios domésticos, entre outros. A equipe da Secretaria de Assistência Social e o Cras continuam prestando atendimento à comunidade atingida, assim como com atendimentos psicológicos.

A Prefeitura continua trabalhando na reconstrução das casas, realizadas a longo prazo, já que o Município depende da liberação de verbas federais solicitadas, no valor de R$ 1.476.934,90. A Secretaria da Habitação também ajudou cerca de 350 pessoas que solicitaram documentação para a retirada do FGTS na Caixa Econômica Federal. E a Secretaria de Indústria e Comércio pleiteou uma Linha de Crédito Especial, disponibilizando a linha já existente do Microcrédito para ajudar as empresas atingidas.

No dia 14 de outubro de 2014, foi publicado no Diário Oficial da União a autorização do empenho no valor de R$ 756.800,00, destinado ao Município de Tapejara. O recurso oriundo do Ministério da Integração Nacional, juntamente com a Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil, é destinado à reconstrução do ginásio do Bairro Treze de Maio, destruído no dia 12 de abril, após a passagem de um tornado. A utilização desse valor será exclusivamente à execução das ações especificadas no art. 1º dessa portaria, que diz que será destinado à reconstrução de danos causados pelo tornado descrito no Plano de Trabalho. O projeto foi orçado em R$ 68.800,00 e já está pronto, os restantes R$ 688.000,00 serão destinados para a obra. No momento acontece o processo licitatório para a escolha da empresa que irá construir o novo ginásio.

Para a reconstrução das casas ainda não foi liberado nem empenhado nenhum recurso. No momento, as casas estão sendo reconstruídas através da parceria da Secretaria da Habitação com as famílias atingidas, onde a secretaria ajuda com os materiais de construção. Quinze famílias já retornaram para seus lares. No momento, ainda duas famílias não retornaram para suas casas e estão em aluguel social pago pela Prefeitura.

PAVIMENTAÇÃO ASFÁLTICA

• Tapejara-Passo Fundo – Antecedentes

O primeiro quinquênio da década de 1970 era de prosperidade, principalmente no setor agrícola, e a expansão viária era essencial para promover o escoamento da produção. Grande parte das rodovias do Estado, no início daquele período, não possuíam pavimentação, e isso era fator prejudicial ao desenvolvimento econômico. Para Passo Fundo, o melhoramento viário, além de promover o escoamento da produção local, facilitaria a sua ligação com as cidades vizinhas e o deslocamento das pessoas e das mercadorias entre esses Municípios, propiciando o progresso de toda a região.

Em setembro de 1973, o jornal O Nacional publicava informações do Daer que destacavam o precário estado de trafegabilidade das rodovias que ligavam Passo Fundo a Tapejara, Getúlio Vargas e Ronda Alta. Um ano depois, a redação daquele jornal recebia carta de moradores de Tapejara reclamando das condições da RS-32 e pedindo providências. No mesmo mês, o Prefeito de Tapejara, Aldino Lângaro, recebeu informação do Daer que a então estrada renomeada para RS-423 (Getúlio Vargas – Charrua – Tapejara – Santa Cecília – BR-285) estava contemplada no Plano Estadual de Estradas de Rodagem para o período de 1975 a 1980.

Na ocasião, o Prefeito solicitou ao órgão de infraestrutura o levantamento topográfico e de viabilidade à construção de uma rodovia ligando Tapejara a Sertão, que reduziria a distância a Passo Fundo.

Atualmente, a ERS 463, cuja construção data da década de 1990, faz a ligação asfáltica entre Tapejara e Passo Fundo, via cidade de Coxilha, em traçado diverso do proposto na década de 1970.

Por volta do final da década de 70 e início dos anos 80 foram finalizadas as obras de pavimentação da estrada Sananduva-BR 285. A empresa que acabava de entregar a obra de asfalto era a Sultepa, que havia deslocado para o local grande contingente de seu maquinário, de técnicos e operários acampados a poucos quilômetros da rodovia. Enquanto isso, há vários anos repercutia na comunidade de Tapejara, reivindicando providências de sucessivos governos estaduais pelo seu acesso rodoviário, durante mais de vinte anos, os administradores municipais sempre do mesmo partido (PSD, ARENA e PDS) do Governo Estadual.

Aproveitando a presença da empresa Sultepa, parque de máquinas, técnicos e operários, o então Prefeito Municipal, José Maria Vigo da Silveira, envidou esforços junto aos órgãos governamentais no sentido de que a empreiteira construísse as obras de pavimentação do trecho Tapejara-BR 285.

Após diversas tratativas da autoridade local com a estadual, as obras de pavimentação foram iniciadas no trecho Tapejara-BR 285. Implantou-se a rodovia e isso gerou muitas críticas na cidade. A distância a Passo Fundo, por essa estrada, somou mais de 100 quilômetros. Ao mesmo tempo, existia uma estrada ligando a sede do Município a RS 153, que, sendo asfaltada, diminuiria pela metade o percurso até o principal pólo regional. Realizaram as terraplanagens necessárias através do Daer e procedeu-se à licitação, vencida pela empresa Sultepa e as obras indispensáveis foram iniciadas e, pouco tempo depois, cessaram todos os movimentos de obras do trecho da estrada Tapejara-BR 285 pela mesma empreiteira.

Por outro lado, continuava a necessidade que tinham os tapejarenses de via de transporte rápido e seguro para escoarem sua abundância de grãos, para fazerem funcionar o seu comércio e indústria, para que seus filhos pudessem, mais facilmente, buscar os conhecimentos técnicos e científicos, para que tivessem melhores condições de progredir através de mais conhecimentos.

Em 15 de abril de 1982, foi feito um levantamento preciso pela Câmara Júnior de Tapejara, que mostrou uma alternativa que encurtava, enormemente, as distâncias, onerava muito menos os cofres públicos do Estado do Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que servia com maior vantagem um maior número de Municípios da região. As sugestões são as seguintes:

a) Pelos projetos existentes, o Estado construiria 94km de estrada asfaltada – Pelo projeto sugerido, o Estado construiria 53km de estrada asfaltada, economizando nada menos de 41km de asfalto, ou seja, quase 50% de economia para o Estado.

b) A redução em km que seriam beneficiados os Municípios pelo projeto existente daria 91km – Pelo projeto sugerido, 48km, economizando 43km de rodovia. Ibiaçá a Passo Fundo: pelo projeto existente daria 95km; pelo projeto sugerido 66km, economizando 29km de rodovia. Sananduva a Passo Fundo, pelo projeto existente, daria 120 km; pelo projeto sugerido, 78km, economizando 42km de rodovia.

c) Com o projeto sugerido, ainda se beneficiariam outros Municípios, como São José do Ouro, Paim Filho, Barracão, Maximiliano de Almeida, Machadinho e outros, o que não ocorreria com a proposta existente.

d) Com a sugestão aventada, poderá ser feita ligação com o vizinho Estado de Santa Catarina, pois até a divisa do RS já existe asfalto. E, considerando a escassez de recursos, a crise mundial de energia e a necessidade de redução de custos, tanto no âmbito do Poder Público como no das comunidades, são fatores que contribuirão para a melhoria das condições de vida da população.

O Poder Público, tendo como Prefeito e Vice Noberto Dall'Olivo e José Rombaldi Manica, em 1982, convidou entidades associativas, classistas, religiosas, comunitárias para juntas constituírem uma

comissão denominada Pró-Asfalto, com a finalidade de acompanhar as tratativas da implementação do asfalto de Tapejara a Passo Fundo. A primeira reunião aconteceu no dia 15 de março e a organização em 13 de maio de 1986.

Em 26 de abril de 1986, o Prefeito Norberto Dall'Olivo remeteu correspondência, anexando ao presente projeto o levantamento, ao Secretário do Transporte, Telmo José Kirst, relatando as condições das estradas na região. Ele destacou que "as estradas de que, atualmente, nos servimos para nos deslocarmos e para escoar a produção não só de Tapejara, mas também dos outros Municípios da região Nordeste do Estado, são deficientes, perigosas, antieconômicas e incompatíveis com os níveis de produção do Município de Tapejara e da região".

Outra medida tomada pela adminsitração que demonstrou a determinação de conseguir a ligação asfáltica de Tapejara a Passo Fundo foi a contratação, a partir de outubro de 1987, do técnico Jairo Batista da Silveira e cedência para exercer atividades junto ao laboratório da Superintendência da Fiscalização do Daer em Passo Fundo. O valor da contratação foi de CZ$ 13.200,00 (treze mil e duzentos cruzados). Depois de muitos impasses que uma obra viária demandava, como desapropriações, pagamento aos proprietários, pagamento do governo à empreiteira, entre outros, finalmente, no dia 21 de setembro de 1990, foi inaugurado o asfalto da antiga estrada de Tapejara a Passo Fundo.

Audiência pública para debater o novo traçado da RS 463

No dia 30 de março de 2012, no auditório do Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira, Município de Tapejara, foi realizada uma audiência pública para debater o novo traçado da ERS 463, sob a presidência do Deputado Gilmar Sossella. O Requerimento de Audiência Pública 50/2011 foi aprovado na Comissão de Assuntos Municipais em 6 de setembro de 2011.

Estiveram presentes o Prefeito de Tapejara, Seger Luis Menegaz; o Vice-Prefeito, Vilmar Merotto; os Deputados Márcio Biolchi, Dr. Bassegio e Gilberto Capoani; Secretário Estadual da Infraestrutura e Logística – Seinfra, Beto Albuquerque; Superintendente do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem – Daer, de Passo Fundo, Júlio Oscar Huber; o Prefeito de São João da Urtiga e presidente da Amunor, Ederildo Paparico Bach; Presidente da Associação dos Universitários de Tapejara – Autape, Rafael Borile; Presidente da Câmara de Vereadores de Tapejara, Vereador Umberto Bolsonelo; Vereadora Cledi Hanel; Vereador Marcio Bertoglio; Vereador Paulo Langaro; Vereador Altemir Abido; Prefeito de Santo Expedito do Sul, Jacir Luis Slongo; Secretário da Comissão de Assuntos Municipais, Filipe Madsen Etges; e empresários locais.

O Deputado Gilmar Sossella, presidindo os trabalhos, explanou sobre o funcionamento da audiência pública e passou a palavra ao Prefeito de Tapejara, Seger Luis Menegaz, o qual agradeceu ao Secretário Beto Albuquerque pelos investimentos aportados no Município. Falou do hospital municipal e do afaltamento da perimetral que corta a cidade. Disse que a ligação de Coxilha a Barracão trouxe desenvolvimento à região, sendo um "divisor de águas" nesse sentido. Assim, a melhoria da ERS 463, bem como uma nova rota encurtando distâncias entre os Municípios da região, vai criar uma nova veia de desenvolvimento. Falou do projeto de ligação entre Água Santa e Tapejara, além de outras vias asfálticas de interesse para o escoamento da produção regional.

O Presidente da Autape, Rafael Borille, explicou sobre o trabalho da entidade, citando que organizam o transporte de universitários da região. Falou das condições da RS 463 e dos perigos enfrentados, diariamente, no trajeto entre Tapejara e Passo Fundo com destino à Universidade de Passo Fundo (UPF). Informou que existe descontentamento dos estudantes, que já estavam organizando protestos para buscar melhoria nas condições da pista e na sinalização.

O Presidente da Câmara de Vereadores de Tapejara, Humberto Bolsonelo, disse que a obra da RS 463 é um investimento grande, mas também de grande importância. Pediu atenção também para a conclusão da perimetral, pois é de interesse regional, uma vez que sem ela o tráfego tem que passar todo por dentro da cidade de Tapejara.

O Deputado Marcio Biolchi disse estar contemplado pela fala do Rafael Borile e enfatizou o fato de que, mesmo sendo Deputado de oposição, não está para colocar uma espada sobre a cabeça do Secretário, mas sim para contribuir para a melhoria da situação da rodovia. Falou sobre a situação do hospital do Município, posicionando a obra em discussão entre as prioritárias do governo, assim como a perimetral.

O Vereador e Diretor da Escola Estadual Senhor dos Caminhos de Tapejara, Paulo Langaro, disse que a reunião serviu como exemplo de cidadania e que a Escola Senhor dos Caminhos faz um trabalho duradouro nesse sentido. Falou da importância de o governo canalizar recursos para a RS 463, o que evitará muitas mortes em acidentes, além de propiciar melhoria na qualidade de vida para os moradores da região.

O Vice-Prefeito de Tapejara, Vilmar Merotto, falou sobre a agonia das famílias ao deixarem seus filhos irem à Universidade de Passo Fundo – UPF pela RS 463, pelo perigo que representa. Falou da dependência em relação ao hospital de Passo Fundo, mesmo com os recursos aplicados no hospital local, o que é afetado pelas más condições da estrada, uma vez que os doentes por ela trafegam. Além da melhoria do traçado e do recapeamento da RS 463, disse que é importante fazer, também, a ligação desta com a RS 467.

O Secretário Estadual da Infraestrutura e Logística – Seinfra, Beto Albuquerque, falou sobre os problemas de infraestrutura do Estado. Tratou dos acessos asfálticos como questão prioritária para o governo e como dívida histórica com essas comunidades. Que o orçamento do Estado vai para a saúde e a educação, sendo que as obras de infraestrutura serão custeadas por financiamentos externos. Tratou do modelo de restauração de estradas que será implantado pelo Governo. Disse que a restauração da RS 463 pertencia ao Programa Daer na Estrada, que está sendo auditado pelo Tribunal de Contas – TCE, o que paralisou o contrato enquanto não se esclarecem os apontamentos. Vai determinar ao DAER que execute estudos de viabilidade econômica sobre melhorias na RS 463, através de contratação de consultoria. Falou que o trecho da Agro Daneli terá a licitação autorizada na semana seguinte. Sobre os convênios de perimetrais de Charrua e Tapejara, disse que o Estado não tem condições de arcar com todos os convênios. Assim, serão feitos somente aqueles que se ligarem a estradas estaduais, pois existem somente seis milhões de reais em recursos, havendo necessidade de suplementação orçamentária, mas acha que, em curto prazo, se poderá avançar na questão. Disse que o Estado está atento às obras mal feitas, através dos seus órgãos de fiscalização. Falou sobe as possibilidades alternativas de saídas às estradas da região, como a rodovia entre Charrua e Tapejara.

Por fim, foi decidido criar um grupo de trabalho para seguir acompanhando a questão. O inteiro teor foi gravado, passando o arquivo de áudio a integrar o acervo documental dessa reunião.

- **Perimetral**

No início dos anos 90, Tapejara vivia um momento especial: a ERS 463 acabava de ser asfaltada, pressagiando dias de desenvolvimento. Somando-se a isso havia o projeto de asfaltamento da ERS 467 e a construção da ponte de Barracão, tornando Tapejara um ponto de passagem ao Estado de Santa

Catarina e, com isso, trazendo mais pessoas para o Município.

Na época, o então Prefeito Bomfilho Seben reconstruiu toda a Av. 7 de Setembro, alterando os canteiros, arborizando e asfaltando a principal via da cidade, com o objetivo de embelezá-la e impressionar os visitantes, bem como oferecer mais conforto à população.

No entanto, preocupado com o trânsito de veículos pesados na nova avenida, decidiu construir a Perimetral. "Num domingo de manhã, eu e o Rofino, que era funcionário do Daer, andamos em meio às lavouras no entorno de Tapejara e traçamos ali, sem mapa nem nada, o que veio a se transformar na Perimetral", contou o ex-Prefeito.

A construção da via foi possível graças a um convênio com o Estado, que emprestou caminhões, trator de esteira e motoniveladora. Foi feito um acerto amigável com os donos das terras onde a estrada foi construída e, segundo Bomfilho, todos aceitaram bem a ideia, pois previam a valorização das áreas.

Ainda, segundo o ex-Prefeito, além de ser uma ligação entre duas rodovias, a Perimetral também foi construída com o objetivo de ser um traçado turístico, já que a via dá acesso ao antigo "Pinheiro Torto", o qual era um dos pontos turísticos do Município e oferecia uma ampla visão do alto de toda a cidade de Tapejara. Além disso, junto com a estrada, foi instalada a rede elétrica em toda a sua extensão, que é de 4,8km, com o objetivo de atrair indústrias às suas margens.

No dia 5 de maio de 2011, iniciaram as obras da via Perimetral, trecho que liga a RS 463 (Coxilha-Tapejara) e RS 467 (Tapejara-Ibiaçá). O objetivo principal da via é desviar o tráfego de caminhões do centro da cidade. "Iniciamos as tratativas para esse convênio em agosto de 2009 e assinamos contrato com o Governo Estadual, no final de 2010. Entendemos que estamos em uma fase de transição governamental, mas decidimos iniciar a obra com os recursos que serão disponibilizados pelo Município", informou o Prefeito Seger Luiz Menegaz.

A obra de 4,8km tem estimativa de investimento de R$ 4,7 milhões, dos quais 20% são recursos municipais, sendo um quilômetro concluído no mesmo ano, faltando ao governo estadual liberar os 80% dos recursos para asfaltar os 3,8km faltantes para o término da obra. Porém, esses recursos não foram disponibilizados.

• Nova promessa

A ordem de reinício de asfaltamento da via que liga a ERS 463 à ERS 467 foi assinada no dia 4 de junho de 2014, pelo Diretor-Geral do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer), Carlos Eduardo de Campos Vieira, no Gabinete da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A obra é fruto de uma luta do Prefeito Seger Luiz Menegaz que iniciou as tratativas ainda em 2008, antes mesmo de assumir como Prefeito de Tapejara. Em sua gestão, Menegaz criou um convênio com o Estado onde o Município ficaria responsável por 20% da obra e o Estado por 80%. O Município já fez sua parte, asfaltando um quilômetro da rodovia, agora faltam 3,8km para serem feitos, do total de 4,8km de asfaltamento. "A Perimetral possui duas intersecções na ligação com Santa Cecília do Sul e com Água Santa e um trevo próximo ao CTG Manoel Teixeira, onde nós estamos trabalhando com a empresa para iniciar a obra por ali, fazer a entrada da cidade e com isso também melhorar o acesso para dentro da cidade e também à Perimetral", contou.

Segundo Menegaz, a Perimetral foi licitada ainda em 2011, na sua totalidade. O dinheiro já está na conta, no valor de R$ 2.209.000,00, que foi liberado. "Temos uma meta de oito meses para que se conclua junto com a empresa vencedora da licitação que é a Traçado Construções e nós esperamos que tudo

ande dentro dos conformes", enfatizou.

Também destacou que é uma grande conquista e um sonho ver a Perimetral toda asfaltada, já que vai desafogar o trânsito pesado do centro; o trânsito será mais seguro, as ruas estarão mais bem conservadas e, sem o tráfego intenso de veículos pesados, a cidade terá mais pontos comerciais nas ruas Padre Anchietta, Leorindo Cavichiolli (via rápida) e nas proximidades. "Cerca de 1.300 caminhões passam por essa via todos os dias. Temos uma escola onde os pais possuem grande preocupação com esse trânsito e com a conclusão dessa obra; o trânsito pesado será retirado e aliviado", comemorou.

Na Perimetral, também já há várias indústrias instaladas, que com o asfaltamento serão beneficiadas. "Estamos muito contentes. Tapejara e região ganham com essa ligação regional. Agradecemos muito ao diretor Vieira, que se empenhou para que nós pudéssemos estar nesta primeira etapa dos convênios; estamos entre os oito Municípios que serão beneficiados", frisou.

O Diretor-Geral do Daer, Carlos Eduardo de Campos Vieira, destacou que estão viabilizando a ordem de reinício desses convênios, pois estavam paralisados e não havia disponibilidade de recurso para viabilizar a execução antes. "Nós conseguimos via BNDS (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) financiamento ao Estado para repassar esses recursos aos Municípios. Então nós incluímos quinze Municípios nesse financiamento para ter essa experiência, e Tapejara e Charrua foram os primeiros Municípios que providenciaram toda a documentação, que nós encaminhamos para o banco, que o aprovou. Recurso a gente tem. Então vamos executar as obras e na sequência voltar aos Municípios para inaugurar", disse.

Durante a tarde, os representantes do DAER realizaram uma vistoria nas obras da rodovia que liga Tapejara a Santa Cecília do Sul. Estiveram presentes no ato o Diretor de Infraestrutura Rodoviária do Daer, Carlos Alexandre Toniolo, bem como os Superintendentes Regionais de Passo Fundo e de Erechim, Deputados, Vice-Prefeitos, Secretários Municipais, Vereadores e a comunidade em geral.

• Nova tentativa de cobrança

Autoridades municipais e estaduais presentes na assinatura da ordem de reinício de asfaltamento das obras da Perimetral. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

Após a assinatura da ordem de reinício de asfaltamento, em junho de 2014, a obras não reiniciaram. O trabalho de construção da parte de drenagem começou a ser construída pela empresa responsável no final do ano. No entanto, o prometido asfaltamento foi adiado novamente.

Depois de vários contatos com a empresa responsável e com o governo do Estado, buscando, sem sucesso, uma solução para o caso, o Prefeito Menegaz solicitou uma audiência na superintendência regional do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER), em Passo Fundo, que foi agendada para o dia 18 de março de 2015.

A Administração Municipal solicitou que os interessados em participar do encontro se mobilizassem para fortalecer a reivindicação em busca de informações oficiais. Confirmaram participação na reunião o Presidente da Acisat (Associação Comercial, Industrial, de Serviços e Agropecuária de Tapejara), Laurimar Coronetti; o Presidente da Câmara de Vereadores, Márcio Canali; o Presidente eleito do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara, Adagir Coronetti; o Presidente da Associação dos Motoristas de Tapejara, Moacir Bertollo; bem como representantes de empresários e moradores das proximidades.

Para o Prefeito Menegaz, na audiência pretende-se ter um posicionamento oficial para saber de quem é a responsabilidade pela paralisação das obras. “Queremos que alguém assuma o compromisso de esclarecer o que está acontecendo e por que os trabalhos não continuam”, cobrou Menegaz.

Resultado da audiência sobre a Perimetral

Na audiência realizada no dia 18, na sede da Superintendência Regional do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer), o Prefeito de Tapejara, Seger Luiz Menegaz, juntamente com uma comissão de representantes da sociedade, buscou explicações sobre a paralisação nas obras de asfaltamento da perimetral que liga a RS 463 à RS 467.

O Superintendente Regional Adjunto do Daer, Adriano de Oliveira, recebeu a comissão e informou que os recursos para a obra estão empenhados, faltando apenas um aval da direção geral do departamento para que a empresa seja autorizada a retomar os trabalhos, o que deve acontecer na próxima semana.

O engenheiro Sergio Patussi Neto, representante da Andretta, empresa responsável pela execução da obra, disse que assim que a autorização for emitida, estará providenciando o deslocamento de equipes para o local.

O Prefeito Menegaz disse que a comunidade aguarda com expectativa a retomada das obras. “Vamos continuar cobrando que o governo do Estado faça a sua parte, já que a contrapartida do Município já foi executada pela Prefeitura”, salientou Menegaz.

Participaram do encontro em Passo Fundo o Presidente da Associação Comercial, Industrial, de Serviços e Agropecuária de Tapejara (Acisat), Laurimar Coronetti; o Presidente da Câmara de Vereadores, Márcio Canali; o Secretário de Planejamento, Júlio Francisco dos Reis; o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Adagir Coronetti; e também os empresários Paulo Bortolotto e Cristiano Artuzi, representando as empresas estabelecidas às margens da Perimetral.

ESTACIONAMENTOS

• Estacionamento Público Municipal

No ano de 2012, iniciou-se um projeto de implantação de Estacionamento Público Municipal, sendo aprimorado e ampliado nos anos decorrentes com possiblidade de ampliação para novos espaços. Embasados em Lei Municipal do Código Tributário, o Poder Executivo Municipal utiliza-se de terrenos

privados localizados em locais estratégicos e/ou centrais, visando a criar mais vagas de estacionamento e, assim, facilitar a mobilidade urbana.

Os donos dos terrenos são isentos de pagamento do IPTU referente ao tempo de utilização do espaço pela Prefeitura Municipal. Hoje, são doze estacionamentos públicos, num total de, aproximadamente, trezentas e sessenta vagas.

O objetivo é oportunizar a todos os munícipes tapejarenses um igualitário acesso à cidade, à mobilidade e aos benefícios que elas oferecem, visando a uma maior integração social e à democratização do espaço público.

Estacionamento localizado na Rua do Comércio, ao lado do Supermercado Dalzotto.
Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

- **Estacionamento Rotativo Gratuito**

O Estacionamento Rotativo Gratuito foi implantado pelo Poder Público Municipal em 2010, a fim de facilitar a mobilidade urbana e possibilitar maior facilidade em estacionar. O tempo máximo de estacionamento permitido é de 1h30. Atualmente, são dezenove quadras de estacionamento rotativo gratuito no centro do Município.

- **Pavimentação Solidária**

No dia 26 de agosto de 2014 foi criada a Lei Municipal nº 3.906/14 que instituiu o Programa Municipal de Pavimentação Solidária. O objetivo do programa é realizar melhorias em vias públicas, melhorar a qualidade de vida dos munícipes, realizar obras de pavimentação em diversos pontos da cidade e, assim evitar o surgimento e propagação de doenças, além de criar um ambiente mais urbanizado e limpo para a cidade. A pavimentação é executada nas ruas em que houver a adesão de, no mínimo, 80% dos proprietários.

Para a execução do programa, a Prefeitura de Tapejara é responsável pela preparação e regularização

da cancha, bocas de lobo, pedrisco, meio-fio, esgotamento pluvial e serviços de topografia. Aos proprietários caberá o pagamento dos valores da obra decorrentes das depesas com a mão-de-obra, paralelepípedos, ou similares, em até 50% da largura da rua.

A parceria entre os moradores e a Prefeitura já é realidade em ruas dos Loteamentos Damin, Coohasa e Bianchini e no Bairro Nazaré.

Rua contemplada com o Programa Municipal de Pavimentação Solidária. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Referências

30 ANOS depois a solução. *O Caiobá,* Tapejara, v.1, n.3, p. 5, maio 1993.

ALFONSIN, Betânia de Morais. Plano diretor: necessidades e possibilidades. *Boletim IBib* – Instituto de Registro Imobiliário em Revista, São Paulo, n. 314, p. 49-53, jan./fev. 2004.

ANGELIERO, Larissa de Oliveira*. O zoneamento urbano na cidade de Tapejara e a sua (in)adequação à Constituição Federal de 1988 e ao estatuto da cidade: estudo de caso com base na atual condição do Município e dos projetos de zoneamento a partir de 1961.* Monografia para o Curso de Graduação em Direito, Faculdade Meridional – Imed, Passo Fundo, 2013.

ARROIO Bonetto. *O Caiobá*, Tapejara, v.1, n.8, p.5, out. 1993.

BARDET, Gaston. *Le nouvel urbanisme*. 1948, p.43, apud MEIRELLES, Hely Lopes. Urbanismo e plano diretor. *Revista de Direito da Procuradoria-Geral do Rio de Janeiro,* Rio de Janeiro, p. 1-31, 1957.

BENEVOLO, R. et al. 1978, apud NYGAARD, P. D. *Planos diretores: discutindo sua base doutrinária*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 78.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: *promulgada em 5 de outubro de 1988*. 18.ed., atualiz. e ampl. São Paulo: Saraiva, 1998. (Série Legislação Brasileira)

CAJUTAP sugere asfalto econômico. *O Tapejarense*, v.2, n. 26, p.1, 22 maio 1922.

CAMPANHOLE, Adriano; LOBO, Hilton. *Constituições do Brasil*. 11.ed. São Paulo: Atlas, 1994.

CARTA de Princípios, Direitos e Reivindicações Municipais. In: CONGRESSO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, 1., 1948, Petrópolis, apud MEIRELLES, Hely Lopes. Urbanismo e plano diretor. *Revista de Direito da Procuradoria-Geral do Rio de Janeiro*, p.1-31, 1957.

CONCLUÍDOS os trabalhos de detonação para abertura do canal do Arroio Bonetto. *O Caiobá*, Tapejara, v.1, n.4, p. 7, jun. 1993.

DURKS, Ricardo Telló. *O* boom *viário nas cercanias de Passo Fundo (1972-1975)*. 2011. Disponível em: http://historiaupf.blogspot.com.br/2011/03/ahr-memorias-pavimentacao-asfaltica.html. Acesso em: 26 dez. 2014.

ESTATUTO da Cidade. 2.ed. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas, 2004.

INICIAM as obras de canalização do Arroio Bonetto. *O Caiobá*, Tapejara, v.1, n. 2, p.1 e 7, abr. 1993.

LE CORBUSIER. La Carta de Atenas, 1957, apud NYGAARD, P. D. *Planos diretores: discutindo sua base doutrinária*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

LE CORBUSIER. *Urbanismo.* São Paulo: Martins Fontes, 1992. 307p.

MEIRELLES, Hely Lopes. Urbanismo e plano diretor. *Revista de Direito da Procuradoria-Geral do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, p. 1-31, 1957.

MINISTÉRIO do Bem-Estar Social libera para Tapejara 1 bilhão, trezentos e onze milhões. *O Caiobá*, Tapejara, v.1, n.1, p. 1, 23 mar. 1993.

NOVO TEMPO. *Tubulação pode amenizar enchentes no centro de Tapejara*. Disponível em: <http://jnovotempo.blogspot.com.br/2011/06/tubulacao-pode-amenizar-enchentes-no.html >. Acesso em: 14 maio 2014.

NYGAARD, P. D. *Planos diretores: discutindo sua base doutrinária*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

OBRAS de canalização do Arroio Bonetto em fase de conclusão. *O Caiobá*, Tapejara, v.1, n.6, p.5, ago. 1993.

RIO GRANDE DO SUL. Comissão de Assuntos Municipais. Ata n.9. *Diário Oficial da Assembleia Legislativa*, Porto Alegre, v.69, n.10241, p.14-16, 18 abr. 2012. Disponível em: <http://www2.al.rs.gov.br/diariooficial//MostraPDF.aspx?arq= D72ECCD1-8A1C-4EE1-80E2-3FC9B8F3F7AC>. Acesso em: 11 abr. 2014.

SENHOR DOS CAMINHOS. Órgão de divulgação do Lions Clube de Tapejara. 2014. Edição Especial – (Cinquentenário do Lions Clube de Tapejara).

SILVA, José Afonso. Município, urbanismo e proteção ambiental. *Revista da Procuradoria Geral do Município de Porto Alegre*, v. 7, n. 8. p.14-15, 1994.

SPANHOL, Itamar Antonio. 80 Anos de Caminhada da Paróquia Nossa Senhora da Saúde. 1ª parte. *Revista Comunicação,* Tapejara, v. 3, n.30, p. 10-21, dez. 2006.

_____. 80 Anos de Caminhada da Paróquia Nossa Senhora da Saúde. 2ª parte. *Revista Comunicação*, Tapejara, v. 3, n. 31, p. 10-19, jan. 2007.

_____. *Elementos do urbanismo e plano diretor da cidade de Tapejara, 1956-2006.* Porto Alegre, [2007]. Mimeografado.

_____. Evolução do urbanismo em Tapejara – dos caminhos de chão batido para o chão batizado e revestido. *Revista Comunicação*, Tapejara, v. 6, n. 70, p. 8-19, abr. 2010.

_____. Mulheres empreendedoras. *Revista Comunicação*, Tapejara, maio 2011. Edição Especial.

_____. *Evolução do desenvolvimento local e política de incentivos*. Tapejara 1910-2006. Porto Alegre, 2006. 70 p. Mimeografado.

_____. *Evolução do desenvolvimento local e política de incentivos: protagonistas, normas, instrumentos, programas, fundos e beneficiários – 1956-2007: pesquisa e estudo.* Porto Alegre, 2007. 80 p. Mimeografado.

TAPEJARA. Câmara Municipal de Vereadores. *Consolidação das Leis Municipais*. 2004-2015.

TAPEJARA. Prefeitura Municipal. *Conjunto de diretrizes básicas ao desenvolvimento da área urbana e da área de influência da cidade de Tapejara*. Tapejara, 2000.

TAPEJARA. Secretaria Municipal Geral de Obras e Viação. Um sonho que virou realidade. *O Caiobá*, Tapejara, v.1, n.10, p.20, dez. 1993.

TÉCNICA de Administração Municipal. Rio de Janeiro, 1956, apud MEIRELLES, Hely Lopes. Urbanismo e plano diretor. *Revista de Direito da Procuradoria-Geral do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, p. 1-31, 1957.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO PARANÁ. 5ª Câmara Cível. *Ação Cível 1262220-3* – Foro Central da Comarca da Região Metropolitana de Curitiba – Rel.: Luiz Mateus de Lima. - Disponível em:< http://tj-pr.jusbrasil.com.br/jurisprudência 147914979>. Acesso em: 14 out. 2014.

Capítulo 7

Manifestações Religiosas

Sabemos que a religião exerceu grande influência na vida dos nossos colonos, pois eram católicos fervorosos e sabiam cultivar a caridade, o respeito pelo irmão e ter um comportamento saudável. A religião foi uma das maiores forças que contribuiu para que nossos antepassados imigrantes pudessem enfrentar e vencer as dificuldades encontradas no início da imigração.

Quando aqui chegaram, trataram de construir suas casas e, em seguida, capitéis, depois as capelas e mais tarde as igrejas, para orações em comunidade. Logo após as orações, cada imigrante comentava com os demais sobre as suas dificuldades e juntos buscavam a solução. Repartiam o que tinham como se fossem uma única família.

A preocupação na época era ter e dar alimento aos familiares e salvar a sua alma, praticando sempre o bem a si e a todos, valorizando assim a vida recebida de forma gratuita e sendo esta o maior tesouro.

Hoje, nossos jovens muitas vezes têm dificuldade de compreender o espírito religioso que tinham nossos antepassados, mas a importância que a fé exerceu na vida deles não tem mesura e ela é uma prática sempre cultivada.

• Paróquia Nossa Senhora da Saúde

Casal João Rombaldi e Clementina Cambrussi Rombaldi doaram a imagem de Nossa Senhora da Saúde da Matriz trazida de carroça de Caxias do Sul, da Fábrica Zambelli. Foto: Arquivo de Verginia Manica.

As primeiras famílias de imigrantes que colonizaram a Colônia do Rio do Peixe, especificamente no Núcleo Itália, traziam consigo a marca da tradição religiosa católica ou luterana, herdada de seus antepassados.

Os primeiros colonizadores italianos manifestaram sua crença pela prática de orações na família, terço, culto nas casas e capelas, celebrações nos velórios e sepultamentos. Nos primeiros tempos, nas casas das famílias, pois não havia um espaço próprio para manifestarem suas crenças; as atividades eram realizadas por um membro responsável pela família, normalmente o pai.

A primeira capela foi construída em 1914, no meio de uma mata existente na época, situada na atualidade próximo da Escola Severino Dalzotto, com a colaboração dos primeiros colonizadores, que doaram madeira e mão de obra para sua edificação.

A invocação da capela recaiu sobre Nossa Senhora da Saúde, reverência trazida pelas famílias dos imigrantes italianos, que chegaram em meio a muitas dificuldades e doenças e invocaram a Santa, como os seus antepassados, que foram libertos de uma epidemia onde ocorreu a morte de muitas pessoas. Na Itália, um Santuário existe até hoje, em frente à Praça São Marcos, em Veneza.

A imagem de Nossa Senhora da Saúde foi trazida pela família de João e Clementina Rombaldi, que foram de carroça até Campo dos Bugres (Caxias do Sul), na fábrica Zambelli, adquirir a réplica de Nossa Senhora.

João e Clementina Cambrussi Rombaldi no centro com familiares. Foto: Arquivo de Verginia Manica.

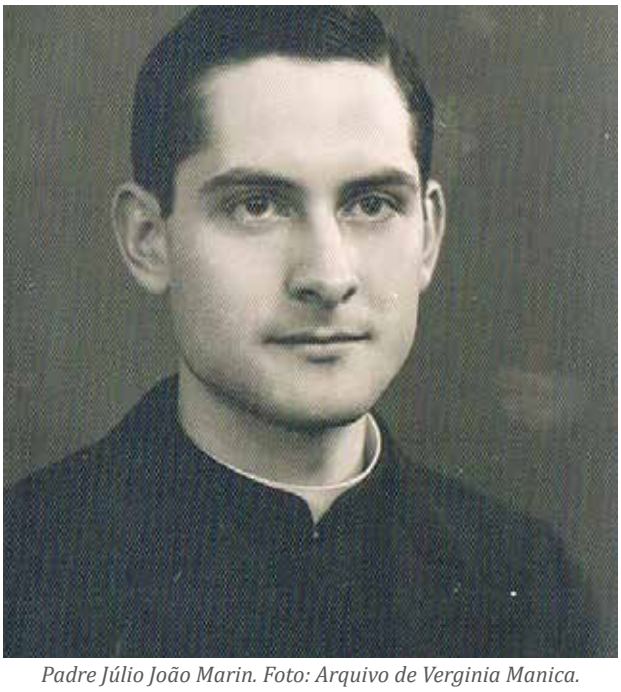
As atividades religiosas passaram a ser realizadas na capela, nos finais de semana, principalmente aos domingos, com celebração de cultos e, algumas vezes, missas presididas por padres que vinham de Sananduva, Marau ou Passo Fundo.

Com o passar do tempo, com o crescimento e desenvolvimento de Sede Teixeira, em sua área central e localidades no seu entorno, foram criadas mais capelas, no meio rural, pelas famílias dos colonizadores, que faziam, nesses locais, centros de manifestação de sua fé e convivência social. Essas capelas careciam de uma centralidade que pudesse dar suporte e coordenar sua linha de atuação. Então foi solicitada,

junto às autoridades eclesiásticas da Diocese de Santa Maria a criação de uma Paróquia na Sede Teixeira, para acompanhar e dar o devido suporte às capelas em suas atividades pastorais.

Em 30 de dezembro de 1926, foi criada a Paróquia Nossa Senhora da Saúde, desmembrada de territórios pertencentes a Passo Fundo, Erechim, Sananduva e Marau e passando a pertencer à Mitra Diocesana de Santa Maria, à qual passava a ser subordinada a Igreja local, pelo Bispo Dom Atílio Eusébio Rocha, tendo como primeiro pároco o Padre Júlio João Marin, que tomou posse no dia 23 de janeiro de 1927.

O pároco passou a morar em uma casa alugada de André Suzin, até que fosse concluída a casa canônica. Havia, no entanto, na Sede Teixeira, cerca de oito capelas: em Paiol Novo, Cachoeira, Colônia Lângaro, São Miguel, Santa Rosália, Vista Alegre, Fazenda Santa Cecília e Rio Carreteiro. A capela de Água Santa estava em construção, além de outros três projetos.



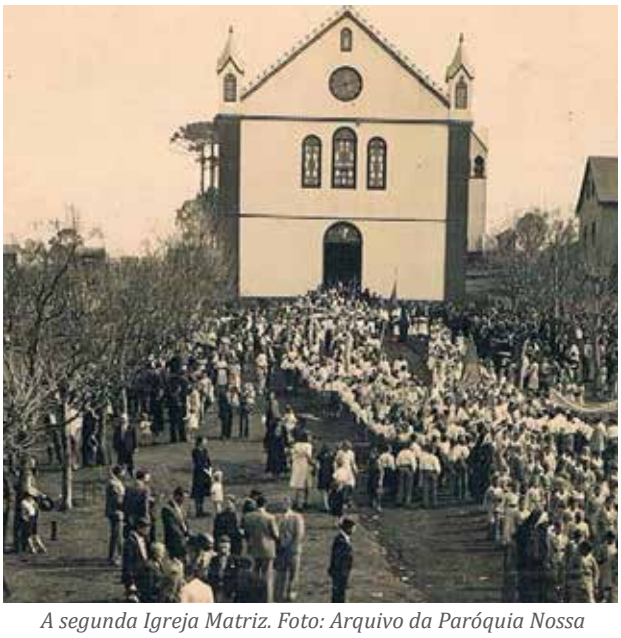
Padre Júlio João Marin. Foto: Arquivo de Verginia Manica.

Em 1927, um ano após a criação da Paróquia, o Padre Júlio João Marin fundou a Escola Paroquial Nossa Senhora da Conceição. As primeiras aulas foram ministradas pelo próprio Pároco, nas dependências da nova Casa Canônica, onde, nos dias que podia, lecionava para as crianças fundamentos de instrução religiosa e lições elementares; contava, no final do ano, com cento e um alunos.

As aulas foram encerradas no dia 11 de dezembro de 1927 para um breve descanso. Em meados de 1928, continuaram com as atividades, porém com um número maior de alunos, cerca de cento e trinta e dois. Como aumentou o número de alunos, Padre Júlio João Marin contratou os professores Eduardo Damiani, Primo Guadanin e Valentim Núncio, que desenvolveram, além do Ensino Religioso, incentivo à leitura, promoveram concurso literário, ensino de gramática e cálculos, geografia e história e, no final do ano, foi aplicada uma prova em que setenta e sete alunos foram aprovados.

As obras da segunda Igreja Matriz iniciaram-se em agosto de 1927 e foram concluídas no final de junho de 1930, também de madeira. A Igreja está localizada na mata a 500 metros da então casa canônica, hoje Praça Central Silvio Ughini.

No ano de 1929, ocorreram diversas inaugurações de prédios-capela pertencentes à Paróquia Nossa Senhora da Saúde. Na localidade de Santa Cecília, foi inaugurada uma grande capela, toda edificada em madeira de pinho, localizada no centro do povoado. Em Vila Campos, foi inaugurada no dia 6 de agosto; em Linha Quatro, construída pelos moradores; em Colônia Lângaro, o prédio foi reformado e inaugurado em 24 de março.

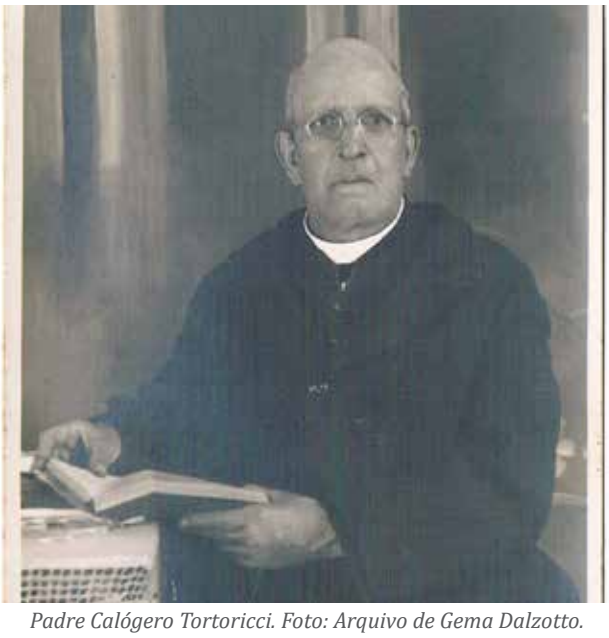


A segunda Igreja Matriz. Foto: Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Saúde.

No dia 10 de novembro de 1932, ocorreu a primeira visita pastoral do Bispo Diocesano Dom Antônio Reis, de Santa Maria, na Vila Teixeira. Na oportunidade, visitou as capelas de Água Santa e as pertencentes à Vila, permanecendo até o dia 14 de novembro. Durante a visita pastoral na Sede da Vila Teixeira, ajudou a constituir a Junta Eleitoral Católica, que teve a seguinte diretoria: Presidente – Ângelo Zanatta; Vice-Presidente – Luiz Costa; Secretário – Dirceu Pereira; Segundos Secretários – Orozimbo Tonello, José Zanini, Sebastião Marcolin e Luiz Bertoldo; Substitutos – Luiz Rodrigues, Ângelo Mânica, Ângelo Bertoglio, Silvio Ughini e Mansueto Canali; e Diretoria das Seccionais – Emma Sandini, Ermelinda Busatto, Jovania Biazus, Josefina Rech, Elisa Bertoldo, Margarida de Quadros e Augusta Zanatta.

Em 1930, assumiu a Paróquia Nossa Senhora da Saúde o Padre Calógero Tortoricci, imigrante italiano que antes de vir para o Brasil concluiu doutorado na Itália e trouxe, como cooperador, o sobrinho recém-ordenado Padre Paulo Chiaramonte. Os padres Calógero e Paulo, em suas atividades religiosas na Igreja Matriz e nas diversas capelas que pertenciam à então Vila Teixeira, perceberam que a comunidade católica paroquial possuía a expectativa e o sonho de implementar um colégio sob direção e orientação de irmãs.

Após reuniões, o Padre Chiaramonte foi escolhido para iniciar as tratativas junto às direções das congregações religiosas. A Congregação Notre Dame, de Passo Fundo, manifestou interesse.



Padre Calógero Tortoricci. Foto: Arquivo de Gema Dalzotto.

Padre Paulo Chiaramonte. Foto: Arquivo de Verginia Manica.t

Altar da Igreja Matriz. Foto: Arquivo de Lurdes Sandini Girardi.

Entre os anos de 1934 e 1937, a Ação Pastoral da Paróquia Nossa Senhora da Saúde estava às voltas com a organização interna da nova Igreja Matriz e a implementação de um colégio dirigido por irmãs religiosas. Além disso, foi desmembrada da Paróquia a Capela de Nossa Senhora do Rosário, da localidade de Sete de Setembro (atual Município de Charrua), com a criação da Paróquia Nossa Senhora da Saúde em 16 de janeiro 1935.

Em 1935, foi construído um novo e suntuoso altar por José Ferrari, com nichos para colocação de estátuas: em cima, a imagem da padroeira, Nossa Senhora da Saúde; embaixo, Santa Ana, ladeada de Santo Antônio e São Roque e, no outro lado, imagem do Sagrado Coração de Jesus. Em 1936, outro altar foi doado e construído por Ângelo Zanatta, dedicado a São José e, nessa ocasião, Carino Canali doou a

estátua de Maria, colocada embaixo, no altar. Em 1937, foi construído um novo púlpito, por José Ferrari.

Interior da Igreja Matriz. Foto: Arquivo de Gema Dalzotto.

No ano de 1937, ficou pronto o prédio do Colégio Medianeira. No dia 10 de fevereiro de 1938, o Padre Paulo buscou as irmãs pioneiras Maria Alfredis, Imaculada Norbetile e Heloísa Galgoni no colégio das irmãs, em Passo Fundo.

As aulas iniciaram-se no dia 1º de março de 1938, com cento e vinte alunos e já em abril contava com cento e sessenta alunos, ficando determinado como data da fundação o dia 10 de fevereiro de 1938.

Procissão de Corpus Christi promovida pela Paróquia em meados de 1940. Fonte: Arquivo de Mario José Felini.

Em 19 de novembro de 1939, na Vila Teixeira, aconteceu na Igreja Matriz a missa e a bênção da bandeira e da imagem de Nossa Senhora da Medianeira no Colégio para, em seguida, ser levada em procissão e entronizada na Capela, no interior do estabelecimento de ensino. Os padrinhos da imagem foram Ângelo Sbardelotto, Tranqüilo Canali, Emílio Parizotto, João Batista Dalzotto, as madrinhas foram Elvira Suzin, Luiza Costa, Helena Spagnolo, os festeiros foram José Zanini, João Costa, Antônio Marchiori e o Subprefeito da Vila, Sebastião Nunes.

De 22 a 28 de novembro de 1939, ocorreu a segunda Visita Pastoral do Bispo Diocesano de Santa Maria, Dom Antonio Reis, que veio para Vila Teixeira ministrar a Crisma. Na oportunidade, confirmou seiscentos e setenta e quatro crismandos. No dia 24, esteve na Capela Santo Antônio, na localidade de Água Santa, onde crismou quinhentas e dezesseis crianças. Logo após os atos religiosos, o Bispo participou de uma reunião com lideranças locais, que demonstraram ao Bispo a necessidade de criarem uma Paróquia, e mostraram que toda a comunidade estava disposta a cooperar na construção da nova Igreja Matriz e da Casa Paroquial. Nessa ocasião, foi formada uma comissão composta por membros da comunidade para continuar as tratativas voltadas à criação da Paróquia. A comissão era formada por Antonio Col'Debella, Teodoro Rech, Camilo Ughini e Antonio Rodrigues da Silva.

No dia 27, a Visita Pastoral foi na capela da localidade de Santa Cecília, onde o Bispo foi recebido por uma caravana coordenada pelo Padre João Benvegnu, Vigário de São Domingos (Casca), da Arquidiocese de Porto Alegre, acompanhado de banda e saudação feita por Rosalvo Bertoldo.

Primeira Comunhão na Igreja Matriz. No centro, Padre Raimundo Damin, com os catequizandos, no início de 1940. Foto: Arquivo de Angela Biasi Lizzoni.

Primeira Comunhão em 1953: Célia Dalzotto, Marilene Ughini, Leda Martinelli, Verginia Mânica, Sirlei Busatto, Carmem Costa, Eunice Basso, Lorena Casa, Mires Sitta, Valdir Três, Gelson Valério, Edino Bertoglio, Olavo de Almeida, Arlindo Poletto, Mario Menegaz, Maurício Baccega, Ninho Gerlatti Ernesto Bianchini, Flávio Paviani. Foto: Arquivo de Valdir Três.

• A Ação Pastoral da Paróquia Nossa Senhora da Saúde

A Ação Pastoral da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, no período de 1940 a 1956, em Vila Tapejara e depois Município de Tapejara, teve como focos: as Missões nas capelas; construção e bênção de novas capelas nas localidades; promoção de festas na Matriz, com a finalidade de arrecadar recursos financeiros para a construção do novo Hospital Santo Antônio; apoio na construção de Grupos Escolares nas localidades pertencentes à Vila Tapejara; construção do Salão Paroquial, da nova Igreja Matriz e da Casa Paroquial.

As Missões ocorreram, na Paróquia Nossa Senhora da Saúde, de 26 de setembro até 3 de novembro de 1940, na Igreja Matriz, sede da Vila. O encerramento das Missões ocorreu com uma grande procissão, a participação de três mil pessoas e a presença de trezentos e vinte e três cavaleiros que levaram uma

grande cruz.

Missionários em frente à Casa Paroquial. Foto: Arquivo da família de Antônio Manica.

Depois foram levadas à Capela Nossa Senhora do Rosário, em Vila Lângaro, estendendo-se às Capelas Santo Antônio, Água Santa e Santa Cecília, em 10 de novembro até o dia 17. O encerramento das Missões contou com a participação, na procissão, de quatorze ônibus, um automóvel, cinco caminhões e trezentos cavaleiros, que saíram de Santa Cecília e foram até Água Santa, dirigindo-se para a frente da capela, onde ocorreu o encerramento. As Missões foram pregadas pelos freis Daniel de Vilas Boas, João Batista, Bernardino Vilas Boas e Domingos, vindos de Alfredo Chaves.

Ainda em 1940, surgiu um movimento na Vila Tapejara, constituído de lideranças do comércio, agricultores e religiosos, que tinha como finalidade a construção de um novo prédio para o hospital, pois o atual não oferecia mais condições adequadas para atender a demanda da população local.

Missões em 1944. Foto: Arquivo da família de Ângelo Rombaldi Manica.

Em 13 de junho de 1943, a Paróquia Nossa Senhora da Saúde foi novamente desmembrada, com o surgimento da Paróquia de Santo Antônio na localidade de Água Santa. As Missões ocorreram novamente em 1944. Também foram realizadas em 1948, sendo a primeira vez que as Missões ocorrem nas capelas de São Jacó, Santa Rita, São João Batista e Caravaggio. Em 1952, as Missões foram realizadas com festa e bênção da pedra angular da nova Igreja Matriz na Sede do Distrito de Vila Tapejara.

A Ação Pastoral Eclesial de Evangelização realizada pela Paróquia Nossa Senhora da Saúde na primeira metade da década de 1950 aconteceu nas seguintes localidades:

Ano da criação: 1914, na sede do distrito – cidade – Igreja Matriz Nossa Senhora da Saúde.

Ano da criação: 1920, na Capela de São Silvestre.

Ano de criação: 1925, em Paiol Novo, Capela Santa Terezinha.

Ano de criação: 1929, em Linha Quatro, Capela Nossa Senhora do Carmo.

Ano de criação: 1929, em Vila Campos, Capela São João Batista.

Ano de criação: 1936, em Nossa Senhora do Caravaggio, Capela Nossa Senhora do Caravaggio.

Ano de criação: 1937, em Santa Rita, Capela Santa Rita.

Ano de criação: 1940, em Santa Ana, na Capela de Santana.

Ano de criação: 1940, em Salete, Capela Nossa Senhora da Salete.

Ano de criação: 1944, em São Luiz do Gramadinho, Capela São Luiz.

Ano de criação: 1945, em São Braz, na Capela São Braz.

Ano de criação: 1947, em Linha Schleder, na capela Nossa Senhora Aparecida.

Ano de criação: 1947, em Linha Calegari, na Capela Santo Antônio.

Ano de criação: 1947, em Carreteiro, na Capela Santo Antônio.

Ano da criação: 1949, em São Domingos, na Capela São Domingos.

Ano da criação: 1949, em São Isidoro, na Capela São Isidoro.

• Primeiro Salão Paroquial

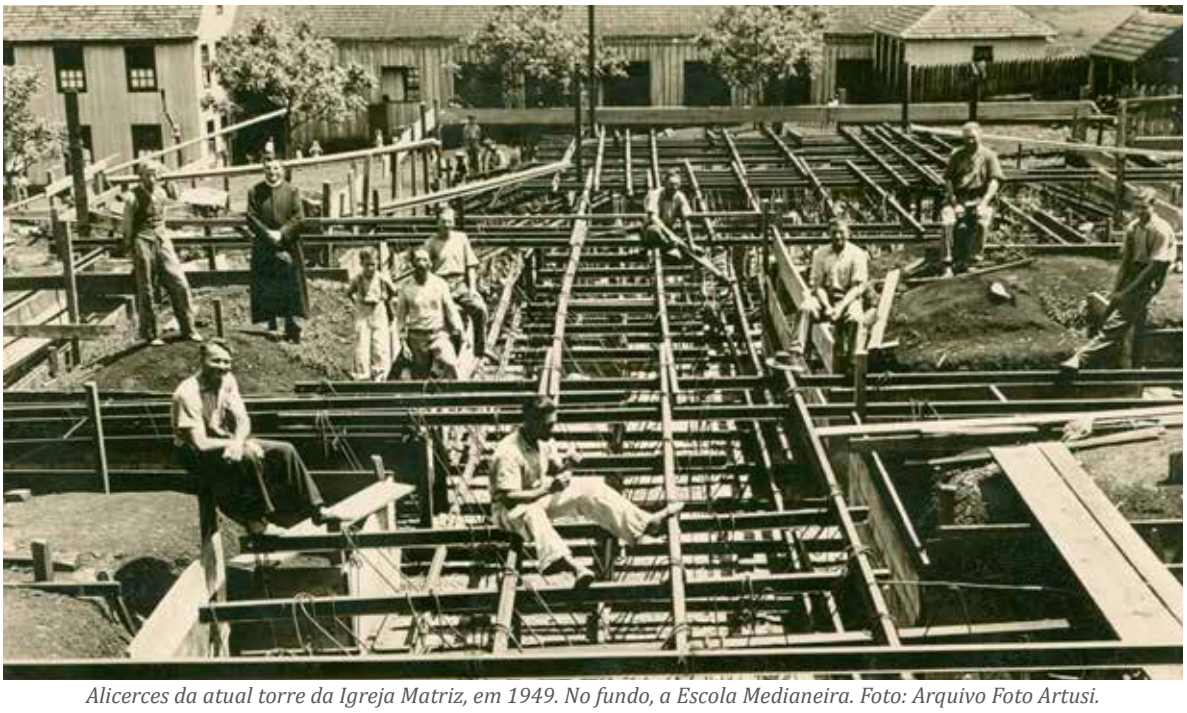
Em janeiro de 1945, iniciaram as escavações do primeiro Salão Paroquial, localizado numa das pontas da atual Praça Silvio Ughini. O prédio foi inaugurado em 27 de setembro de 1945, edificado em dois andares. O térreo era ladeado por parede de alvenaria e, internamente, o espaço era dividido em uma grande cozinha e o salão era equipado com mesas e cadeiras, local onde foram realizadas muitas festas.

Antigo Salão Paroquial, localizado em uma das pontas da atual Praça Silvio Ughini. Mais tarde foi utilizado pelo Ginásio Pio XII. Foto: Arquivo de Mario José Felini.

No segundo andar, havia um palco que servia para dar suporte a eventos como: teatro, cinema, música, palestras, sessões da Câmara de Vereadores, que iniciou os seus trabalhos no dia primeiro de janeiro de 1956 em sessão solene de instalação do Município de Tapejara e, ali, desenvolveu suas atividades legislativas até início da década de 1960.

No final de abril e início de maio de 1955, foi instalado no Salão Paroquial o Cine Paroquial. Na metade do ano de 1960, o local também foi reestruturado para sediar o Ginásio Pio XII, que iniciou suas atividades em março de 1961.

• Pedra fundamental da nova igreja



Alicerces da atual torre da Igreja Matriz, em 1949. No fundo, a Escola Medianeira. Foto: Arquivo Foto Artusi.

Alicerces da atual torre da Igreja Matriz, em 1949. No fundo, a Escola Medianeira. Foto: Arquivo de Artusi.

Em 24 de julho de 1949, estavam previstas grandes solenidades na Vila Tapejara, devido à Festa de Santa Ana. Na oportunidade, seria realizada a bênção e o lançamento da pedra fundamental da nova Igreja Matriz (atual). Porém, choveu um dia antes do evento, sendo assim transferida a festa para o dia 28 de agosto.

No dia 28, o tempo colaborou e aconteceu a festa e o lançamento da pedra fundamental da nova Igreja Matriz, evento muito esperado pela comunidade. Houve três missas, que contaram com a presença do Coral da Escola Medianeira.

Durante as festividades, foram revelados os padrinhos e as madrinhas do novo templo. Os padrinhos selecionados foram o Doutor Miguel

Bênção da pedra fundamental da nova Igreja Matriz em 28 agosto de 1949. Na foto, Dom Antônio Reis, Padre Raimundo Damin, entre outros padres e fieis. Foto: Arquivo de Gema Dalzotto

Tabbal, que contribuiu com a quantia de 5.600 cruzeiros; Pedro Spuldaro, com 5.500 cruzeiros; Ricardo Baseggio, com 5.000 cruzeiros; e Dona Picucha, com 5.700 cruzeiros. Por outro lado, as madrinhas foram as Capelas de São Silvestre, que contribuiu com 5.200 cruzeiros; e Colônia Lângaro, com 5.100 cruzeiros.

Com o objetivo de simbolizar a união de todos para a construção do templo, foi escrito em um pergaminho o nome da Matriz, capelas, padrinhos e madrinhas, inclusive na pedra fundamental, para memória perpétua. Na parte da tarde, aconteceu a bênção e o lançamento oficial da pedra fundamental, partindo o povo em procissão da igreja para o local da nova Matriz, onde foi realizada a cerimônia solene da bênção pelo Bispo Diocesano Dom Antônio Reis.

A construção da nova Igreja Matriz, da Casa Canônica, do Salão Paroquial na Vila e diversas capelas no interior, reunindo condições favoráveis para uma intensa ação evangelizadora, com Missões por missionários e Visitas Pastorais do Bispo Diocesano, mobilizando as famílias em torno de suas capelas e constituindo comunidades de culto, serviço, lazer e solidariedade.

Construção da primeira Casa Canônica. Foto: Arquivo de Mario José Felini.

Em meados de fevereiro de 1956, ocorreu a homenagem ao Padre Raimundo pelos serviços prestados à comunidade. Em abril, assumiu como Bispo da recém-criada Diocese de Passo Fundo D. Cláudio Colling, que realizou a primeira Visita Pastoral ao novo Município. Durante a missa, ao reportar-se à obra em andamento da nova Igreja Matriz, afirmou: "Será uma das mais lindas igrejas da Diocese" (BAGGIO, 1999, p.13).

• A ordenação do Padre Narciso Zanatta

A ordenação sacerdotal do diácono Narciso Zanatta ocorreu no dia 17 de dezembro de 1949, na então Vila Tapejara, sendo conferida por D. Cândido Bampi, Bispo-Prelado de Vacaria. Foi um acontecimento que mobilizou a Paróquia Nossa Senhora da Saúde, que tinha como pároco o Pe. Raimundo Damin. Para paraninfo da cerimônia, foi convidado o Mons. João Farinon, pároco de Getúlio Vargas.

Padre Narciso Zanatta. Foto: Arquivo de Gema Dalzotto.

Já no dia 16, às 18h, o Bispo, o jovem ordenado e a comitiva foram recepcionados junto à barca do Rio Ligeiro, por uma comissão da Vila, formando uma caravana de automóveis e caminhões. Na passagem por Vila Campos, a comitiva recebeu homenagem da população, com discurso da professora Ricene Damin Toson e dos alunos do Grupo Escolar Teresinha Cauduro e Teresa Muxfeldt.

Na chegada à Vila Tapejara, a comitiva foi recebida com cânticos e discursos, onde discursaram Junir Riva e Severino Dalzotto. À noite, os alunos do Colégio Nossa Senhora Medianeira realizaram uma passeata, estacionando em frente à Casa Paroquial, onde fez uso da palavra Genésio Col'Debella.

No dia 17, às 8h, a procissão acompanhou o Bispo, e o ordenando da Casa Paroquial até a Igreja Matriz, onde discursaram o vereador Tranqüilo Basso e a aluna Zélia Marin.

Final da Ordenação do Padre Narciso Zantatta, no dia 17 de dezembro de 1949. Foto: Arquivo de José Parizotto.

Em seguida, teve início a tocante cerimônia da ordenação sacerdotal, que ocupou o resto da manhã. Ao meio-dia, durante o almoço, no Salão Paroquial, falaram vários oradores. O radialista Mauricio Sirotsky fez uma de suas primeiras gravações, que logo a seguir foi transmitida pela Rádio Passo Fundo, com admiração geral, em virtude de ser algo inédito. Em nome da família Zanatta, falou a estudante Inês Zanatta.

No dia 18, domingo, o neossacerdote celebrava solenemente sua Primeira Missa. Após a procissão, da Casa Paroquial à Matriz, saudou o novo sacerdote o aluno Flávio Sandini. Durante a missa, ocupou o púlpito o orador sacro Padre Argemiro Pedro Dallamea. Os cânticos estiveram a cargo do coral São Luiz Gonzaga. À tarde, às 15h, foi entoado solene Te Deum.

A pedido de D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria, D. Cândido cedeu seu novo sacerdote, durante seis meses, para atendimento da Paróquia de Água Santa, Município de Passo Fundo, em substituição do Padre Júlio Marin. De Água Santa foi transferido para Ibiaçá, como coadjutor do Padre Luiz Lovatel.

O Padre Guerino Parizotto foi ordenado sacerdote com mais três colegas da Sagrada Família no dia 25 de novembro de 1956. Foto: Arquivo de José Parizotto.

Última ordenação realizada na antiga Igreja Matriz da Praça Central no dia 25 de novembro de 1956. Foto: Arquivo de José Parizotto.

No dia seguinte, celebrou a sua primeira Missa. Depois de exercer o pastoreio em diversas paróquias da Diocese de Passo Fundo, o Padre Guerino assumiu a condição de Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, no dia 4 de janeiro de 1968, e permaneceu até março de 1972. Mais tarde, na metade da década do ano de 2000, voltou a cooperar na Paróquia e residir na cidade.

Bispo fazendo o sermão durante a Missa na Igreja Matriz. Foto: Arquivo de José Parizotto.

• Conclusão das obras da Igreja Matriz

As obras da Igreja Matriz prosseguiram em 1956 e continuaram até meados em 1959. Nessa época, foram adquiridos os Vitrex Duratex, em Porto Alegre, colocados pelo Padre Carino Corso. Ainda os lustres foram comprados e alguns doados pelas famílias de: Albino Costa, Luiza Costa e filha Josefina; firma de Antônio Poletto e Cia. Ltda.; Ângelo Ughini; Nelson Zanatta; e crianças da Escola Medianeira; iniciado e concluído o revestimento de granito das paredes externas; aquisição de novos bancos, órgão eletrônico, crucifixo do altar. Em 21 de novembro de 1957, durante todo o dia, foram concluídos os trabalhos internos e à noite celebrada a primeira missa na nova Matriz.

As obras da torre da Igreja Matriz estavam em andamento em 1960. Nessa época realizaram o acabamento da fachada da Matriz, colocaram a imagem do Cristo Redentor medindo 4,06m x 80cm de base e foi construído o calçamento ao redor da matriz. As obras da nova Casa Canônica estavam quase concluídas.

Por volta de 1961, foi desenvolvida uma campanha para a conclusão da obra, coordenada pela diretoria, composta por: Albano Rech, Pedro Poletto, João Zanatta, Antonio Poletto, e Pároco Luiz Broetto.

O Departamento de Finanças da Paróquia era constituído por: Presidente, Ricardo Dallagasperina; Suplente, Dionísio Bertoglio; Tesoureiro, Ângelo Rombaldi Manica; Suplente, Ângelo Dalzotto; Secretário, Prof. João Antonio Marcon; Suplente, Abele Policarpo Artusi; o Pároco, Padre Guerino Parizotto; e cooperador, Padre Ângelo Biasi Follador.

Em 1960: Padre Guerino Parizzotto, Angelo Manica, dois construtores de Passo Fundo, Ricardo Dalagasperina, Angelo Dalzotto, Padre Dionísio, outro construtor de Passo Fundo. Foto: Arquivo de Ângelo Rombaldi Manica.

• Implementação de um ginásio e novas obras do Salão Paroquial

Em meados do ano de 1960, as lideranças religiosas e políticas, reunidas, decidiram desenvolver trabalho de implantação de curso ginasial no Município. Na ocasião, a Paróquia disponibilizou as dependências do atual Salão Paroquial, localizado numa das pontas da Praça Central, defronte ao Colégio Medianeira. Feitas todas as modificações necessárias, constituíram o quadro de professores e ainda

obtiveram licença e reconhecimento para o funcionamento e validade em Santa Maria. Em pouco tempo foi organizado e estruturado.

O velho Salão Paroquial, a partir da década de 1970, foi desocupado por apresentar condições inadequadas para voltar a funcionar e abrigar atividades promovidas pela Paróquia. Então foi decidida, pela Diretoria e pelos Padres, a demolição do prédio e construção de novo Salão Paroquial em outro local, pois se encontrava em uma área considerada pública, que seria atingida pela ampliação em curso da Praça Central.

Para dar encaminhamento a essa tarefa foi formada uma comissão paroquial constituída por Ricardo Dallagasperina, Domingos Secco, Ardulino Lângaro e Giácomo Marin. As medidas tomadas pela comissão foram, entre outras, a indicação de Napoleão Borgo para a coordenação dos trabalhos de demolição do velho salão, serviços executados por equipes constituídas de membros das comunidades rurais, que demoraram cento e dezesseis dias.

Em 19 de fevereiro de 1972, foram iniciadas as obras do novo salão. Em 7 de setembro foi inaugurada a cobertura. Em 17 de fevereiro de 1975, foi inaugurada a cancha de futsal, com torneio intermunicipal, participando as equipes: Bombassaro (Lagoa Vermelha), Aliança Guarani (Sananduva), Cobra Preta (Getúlio Vargas), Elite (Sertão), Cafona, Ajax e Vasco da Gama (Tapejara). Foi um acontecimento histórico, pois foram realizadas as primeiras atividades esportivas, futsal (conhecido na época como futebol de salão) em local coberto, com quadra de parquê sendo inaugurada no Município.

Encontro de casais cursilistas da Igreja Matriz na década de 1970. O orientador espiritual era o Padre Adroaldo Luiz Ciapparini. A foto foi tirada no pátio da então Escola Medianeira de Todas as Graças. Foto: Arquivo de Verginia Manica.

O antigo futebol de salão, hoje futsal, foi introduzido na cidade na metade da década de 1960, praticado em quadra de terra compactada com cascalho fino nos fundos do estádio Dr. Celso Domingues. Em seguida, foi difundido e praticado em quadra de terra, iluminado com lâmpadas fosforescentes na Praça Central, nas sessões de educação física ministradas pelo Prof. Genésio Col'Debella aos alunos do Ginásio, torneios e campeonatos promovidos pelo Grêmio Estudantil e posteriormente União Municipal de Estudantes Tapejarenses (UMET). Mais tarde, em meados da metade 1970, em quadra de piso

de cimento, aberta, com iluminação de refletores, situada ao lado do novo prédio do Ginásio Estadual, tempo depois no Ginásio de Esportes Lourenço José Dall'Olivo. Na atualidade, é praticado no Complexo Esportivo Municipal Albino Sossella.

• A descentralização da Matriz

Nessa época, com o deslocamento crescente da população do meio rural para arredores da cidade, entre as atividades desenvolvidas pela Ação Sócio Evangelizadora da Paróquia constam as Missões, descentralização da Matriz, Pastoral da Saúde, apoio à criação da Comissão Interinstitucional Municipal da Saúde (CIMS), entre outras.

Padre Valter Valentim Baggio na celebração dos 50 anos de matrimônio de Vitório Casa e Dorvalina Zambenedetti Casa na Igreja Matriz, em 1990. Foto: Arquivo de Ana Maria Casa Marsiglio.

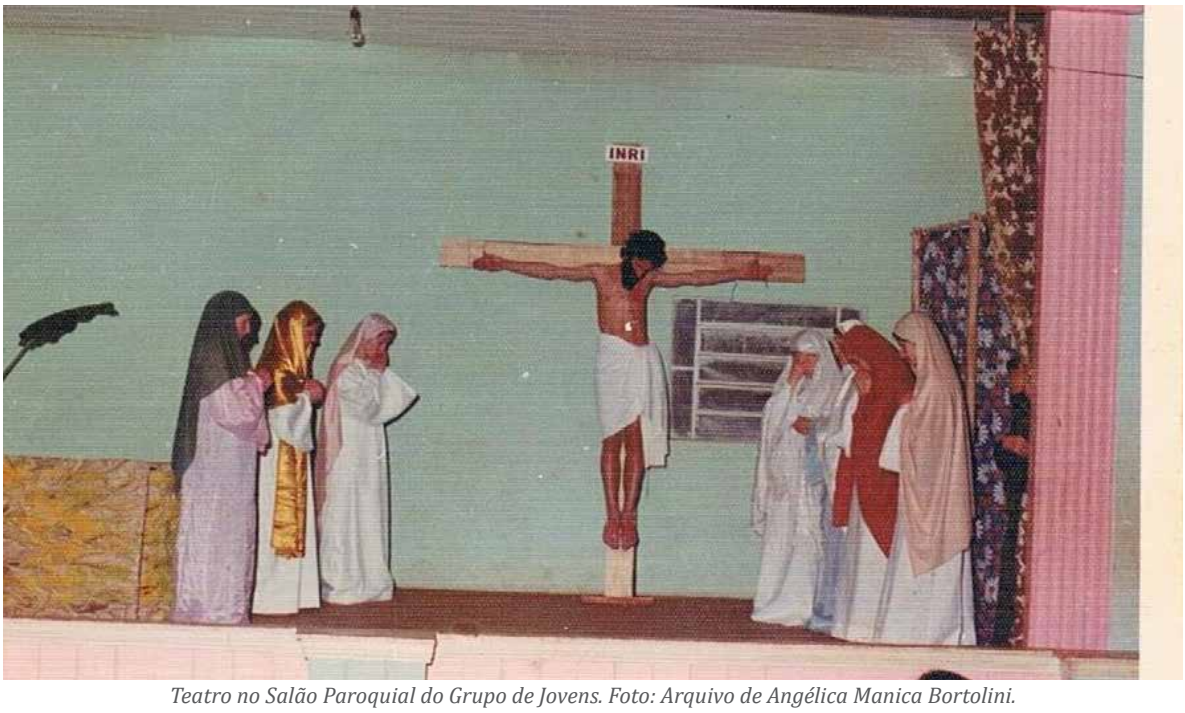
Padre Valter Valentim Baggio na celebração dos 50 anos de matrimônio de Vitório Casa e Dorvalina Zambenedetti Casa na Igreja Matriz, em 1990. Foto: Arquivo de Ana Maria Casa Marsiglio.

No final da década de 70, foram realizadas Missões nas capelas rurais, polos, e na Matriz; ocorreram de 30 de outubro a 28 de novembro de 1982, animadas pela equipe de freis capuchinhos e leigos. Em seguida, após missão, por volta dos dias 7 e 8 de dezembro, foi realizado curso de formação de lideranças e serviços. Nessa época, com o crescimento e a concentração cada vez maior da população na cidade e arredores, a ação evangelizadora, centrada na matriz, começou a ser descentralizada nos bairros. Nos bairros São Paulo, Princesa Isabel foram constituídas comunidades e também polos no perímetro urbano, entre outros: Nazaré, Fátima, Gruta Nossa Senhora de Lourdes, São José, Santo Antônio, Aparecida. Nesses locais, em casas, salões, garagens, são celebradas missas, reflexões, catequese, encontros de grupos de família e novenas.

• Padre Valter Valentim Baggio

Concluído o curso de Filosofia, na Faculdade Imaculada Conceição, de Viamão, e Teologia e Ciências Religiosas, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC), em Porto Alegre, entre 1967 e 1972, e realizando nessa época, concomitantemente, trabalho de lideranças entre universitários e operários na capital e em Viamão, em 1972 é ordenado o Padre Valter Valentim Baggio, em Passo Fundo, e nomeado cooperador da Paróquia Nossa Senhora da Saúde em meados de 1973.

Ao desenvolver suas atividades nas comunidades rurais, constata a realidade que os jovens viviam: desorganizados, desmotivados e discriminados na cidade. Percebeu que a situação era um desafio à Ação Pastoral Evangelizadora com os jovens. Assim, aos poucos, foi convidando uns jovens, ouvindo, dialogando, até que conseguiu constituir um pequeno grupo unido e organizado.



Teatro no Salão Paroquial do Grupo de Jovens. Foto: Arquivo de Angélica Manica Bortolini.

Acompanhou esse pequeno grupo, que aos poucos buscava conhecimento e experiências de como se deveria encaminhar um trabalho com jovens. Participaram de congressos de jovens nas comunidades de Igrejinha e Pinheiro Machado, pertencentes ao município de Carazinho e de outros encontros, com a finalidade de conhecer e buscar subsídios.

Encontro de jovens de Tapejara e Passo Fundo na Escola Medianeira para Treinamento de Liderança Cristã (TLC) em 1974, com os padres José Spuldaro, Adroaldo Chaparini e Valter Baggio Foto: Arquivo de Angelica Manica Bortolini.

Aos poucos, as atividades começaram a ser organizadas e dinamizadas, através de visitas e reuniões nas comunidades com os jovens, no sentido de despertar e incentivar a juventude.

• Congressos de Jovens Rurais

Em 1974, surgiu a ideia de realizar Congressos de Jovens Rurais. Atividades e ações foram fundamentais na realização do Primeiro Congresso de Jovens Rurais, que ocorreu nos dias 22 e 23 de fevereiro de 1974, em Vila Lângaro. Os objetivos foram analisar a realidade dos jovens rurais para juntos crescerem em comunidade, despertar e unir os jovens, incentivar e formar líderes nas comunidades rurais.

A imagem retrata um grupo de jovens representantes de diversas comunidades do Município de Tapejara, juntamente com o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Pároco e o Padre Assistente dos Jovens Rurais. De pé, da esquerda para a direita: Affonso Muxfeldt (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais), Padre Adalíbio Barth (Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Saúde), Gilberto Lângaro, Divino Calegari, Luiz Gasperin, Anildo Milani, Adagir Coronetti, Dirceu Denardi, Padre Pedro Gajardo (Assistente dos Jovens) e Antenor Marcon. Sentadas: Isolda Favaretto, Isabel Lucion, Nair Pegoraro, Ilair Zotti, e Amélia Gajardo. Foto: Arquivo do STR de Tapejara.

Entre os palestrantes presentes no congresso esteve o dirigente da Frente Agrária Gaúcha (FAG) Gentil Bonatto e o assessor da FAG, Bispo de Porto Alegre, Dom Edmundo Kunz. Na oportunidade, foram marcadas as datas do Segundo Congresso, de 6 a 8 de fevereiro de 1975, em Vila Campos, com a preocupação de organizar os grupos de jovens nas comunidades.

O Terceiro Congresso ocorreu de 19 a 21 de fevereiro de 1976, na comunidade de Linha Calegari, tendo como preocupação o entrosamento entre os grupos e a assessoria da Associação de Jovens Rurais de Tapejara (AJRT). Entre os palestrantes esteve Otávio Klafre (FETAG), Gentil Bonatto (FAG), Dom Edmundo Kunz (FAG), além de jovens dos Municípios de David Canabarro, Ibiaçá, Água Santa e Sertão.

De 17 a 19 de fevereiro de 1977, ocorreu o Quarto Congresso, na Linha Salete, com a preocupação de

reintegração entre jovens associados e grupos. Entre os temas refletidos estavam a formação e a espiritualidade da juventude, que foi abordado por membros da equipe de jovens do Treinamento de Lideranças Cristãs (TLC) da Matriz, monocultura e êxodo rural, pelo secretário da Fetag, Geraldo Pegoraro.

De 2 a 4 de fevereiro de 1978, aconteceu o Quinto Congresso, em São Brás. Entre os palestrantes esteve o vice-presidente da Fetag, Eugênio Roth, que abordou o tema Sindicalismo; Irmão Cláudio Rockembach (FAG), que falou da formação de grupos; e Dom Edmundo Kunz (FAG), que explanou sobre a fé e os jovens rurais.

Congresso dos Jovens Rurais. Da esquerda para a direita: Padre Valter Baggio, Etelvino Bortolini, Luiz Gajardo, Luiz Biazus, Amélia Gajardo Sossella, Valmor Sossella e Adalgir Coronetti. Na frente: Valdemar Arcari, Amélide Bortolini, Rita Biazus e Idete Rovani. Foto: Arquivo de Amélide Bortolini.

De 15 a 17 de fevereiro de 1979, foi realizado o Sexto Congresso, em São Silvestre, tratando dos encontros entre grupos de estudos. Os temas abordados foram Educação, Sindicalismo, Cooperativismo e Política. Entre os palestrantes, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara, Diniz Fontana, que falou do jovem na família, e o Padre Domingos Treviso, que abordou o tema Comunidade.

O Sétimo Congresso aconteceu de 14 a 16 de fevereiro de 1980, em Santa Rita.

Protesto contra o confisco da soja em abril de 1980. Na foto: Etelvino Bortolini, Padre Valter Baggio e Bispo Dom Claudio Colling. Foto: Arquivo de Etelvino Bortolini.

Protesto contra o confisco da soja em abril de 1980. Na foto: Etelvino Bortolini, Padre Valter Baggio e Bispo Dom Claudio Colling. Foto: Arquivo de Etelvino Bortolini.

De 18 a 20 de fevereiro de 1981, aconteceu o Oitavo Congresso, em Rio Carreteiro. O Nono Congresso foi realizado de 18 a 20 de fevereiro de 1982, no Caravaggio, com o tema "Jovens hoje e o futuro". Entre os palestrantes, o professor Olinto Fuzinatto, da Universidade de Passo Fundo (UPF), que falou sobre a realidade da educação no meio

rural. Nesse ano, existiam trinta e um grupos, que totalizaram 1.074 jovens cadastrados como sócios da AJRT.

Comissão organizadora da AJRT na comunidade do Caravaggio. Da esquerda para a direita: Amélide Bortolini, Itacir Segat, Sonia Marcon, Vilson Scariot, Claudio Dalmina, Osmar Vidal, Etelvino Bortolini, Anadir D. Marcon, Ildo Costela, Sadi Zulian, Helena Rovani, Lidio Marcon, Valdir Parizotto, Maximino Lovatto e Amarildo Rovani. Foto: Arquivo de Etelvino Bortolini.

De 3 a 5 de fevereiro de 1983 foi realizado o Décimo Congresso, em São Domingos. O Décimo Primeiro aconteceu de 2 a 4 de fevereiro de 1984, em São Roque. O Décimo Segundo, de 28 de fevereiro a 2 de março de 1985, em Vista Alegre. O Décimo Terceiro, de 13 a 15 de fevereiro de 1986, em Paiol Novo.

Encontro dos Jovens Rurais em 1986, em Paiol Novo. Da esquerda para a direita: Valdemar Sbardelotto, Delvo Bortolini, Airton Bogoni e Etelvino Bortolini. Foto: Arquivo de Etelvino Bortolini.

O Décimo Quarto Congresso ocorreu de 12 a 14 de fevereiro de 1987, em Santana. O Décimo Quinto, de 4 a 6 de fevereiro de 1988, em Santo Antônio do Carreteiro. O Décimo Sexto, de 2 a 4 de fevereiro de 1989, em Linha Quatro.

O Décimo Sétimo, de 1º a 3 de fevereiro de 1990, em Linha Três, onde foi retomada a reflexão da possibilidade de criar escola rural ou agrícola no Município, o tipo, critérios, direção, entidades que participariam e orientação educativa.

Entre 31 de janeiro a 2 de fevereiro de 1991, ocorreu o Décimo Oitavo Congresso, em Vila Lângaro, com o tema avaliação e motivação dos grupos. Entre 27 e 29 de fevereiro de 1992, foi realizado o Décimo Nono Congresso, em Salete. Entre os palestrantes esteve o Engenheiro-Agrônomo da Emater Jorge Silber, Luiz Gajardo e Wilson Zanatta, que abordaram o tema cooperativismo.

De 4 a 6 de fevereiro de 1993 aconteceu o Vigésimo Congresso, em São Silvestre. De 3 a 5 de fevereiro de 1994, o Vigésimo Primeiro Congresso, em São Roque. De 2 a 4 de fevereiro de 1995, o Vigésimo Segundo Congresso, em Santana, onde participaram quatorze grupos e estiveram presentes representantes de quinze entidades.

O Vigésimo Terceiro Congresso aconteceu de 8 a 10 de fevereiro de 1996, na Comunidade de Nossa Senhora Aparecida, na Linha Schleder; tratou da agricultura ecológica, medicina alternativa e farmácia alternativa, que funcionavam no STR, contendo setenta tipos de ervas e fabricação de remédios. Nesse ano a lista da AJRT congregou dezesseis grupos, com 553 associados.

De 30 de janeiro a 1º de fevereiro de 1997, foi realizado o Vigésimo Quarto Congresso, em Santa Rita, com a participação de 15 grupos e 23 entidades, objetivando a conscientização do valor da agricultura, sempre em busca de novas alternativas, com a força do jovem rural.

Entre 29 e 31 de janeiro de 1998, aconteceu o Vigésimo Quinto Congresso, em São Silvestre, em homenagem aos 25 anos de fundação. O objetivo foi lembrar e avaliar os 25 anos da AJRT, dificuldades e conquistas, avanços significativos, falhas, perspectivas, tipo de sociedade que os sócios buscavam. Participaram treze grupos e cinquenta e seis pessoas entre autoridades, entidades e convidados. Os 25 anos resultaram na formação de lideranças, criação de entidades, direção de entidades, sindicatos, cooperativa, partidos políticos, vereadores, vice-prefeito, prefeito e associações.

Os Congressos de Jovens Rurais continuaram durante todos os anos seguintes. O Vigésimo Oitavo aconteceu na Comunidade de Vila Campos, de 1 a 3 de fevereiro de 2001. Entre os temas abordados estavam o das drogas, que foi explanado pelo Padre Darci Treviso, na palestra cujo titulo era "Vida Sim, Drogas Não". Participaram cento e cinquenta jovens, mais da metade dos jovens estudavam ou trabalhavam na cidade, o que ocasionou uma diminuição da presença de jovens no interior.

Os 25 anos da caminhada dos Jovens Rurais. Fonte: Paróquia Nossa Senhora da Saúde.

O Vigésimo Nono Congresso foi realizado em Vista Alegre, de 31 de janeiro a 2 de fevereiro de 2002. Entre os temas debatidos estiveram a autoestima dos jovens e as alternativas para a agricultura no momento. A presença foi de um número

menor de jovens do que no ano anterior, já que as dificuldades para se liberarem do trabalho na quinta e sexta-feira eram grandes.

O ano de 2003 foi marcado pelo Trigésimo Congresso de Jovens Rurais, realizado nos dias 30 de janeiro a 1º de fevereiro, na comunidade de Linha Quatro. Teve como tema principal a Celebração da História dos 30 Anos. Foi constatado, na ocasião, que o número de jovens participantes nos últimos anos tinha sido cada vez menor, pois a maioria deles já trabalhava na cidade e sua participação em dia útil ficava mais difícil.

Em 2004, ocorreu o Trigésimo Primeiro Congresso de Jovens Rurais, entre 5 e 7 de fevereiro, na comunidade de São Silvestre. O tema abordado foi a Organização da Ação da Pastoral da Juventude da Diocese.

- **Paróquia Nossa Senhora da Saúde no período de 1956-1979**

Lembrança dos 50 anos da Paróquia Nossa Senhora da Saúde. Foto: Arquivo de Angélica Manica Bortolini.

A Paróquia incentivou e apoiou a realização da Festa das Colheitas e Exposições Agrícolas na década de 70. A Ação Pastoral e Evangelizadora da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, no período de 1956-1979, realizou, entre outras atividades: conclusão das obras da Igreja Matriz; implementação e dinamização do Ginásio Pio XII; Salão Paroquial; Congresso de Jovens Rurais; reabertura do Cine Paroquial; criação do grupo teatral; incentivo e apoio a festas; exposições agrícolas comerciais; promoção da festa dos 100 anos da imigração italiana. A preocupação da Paróquia nessa época, 1960, era com o crescente número de adolescentes que concluem o curso primário, cinco anos, no Colégio Medianeira e Grupo Escolar Fernando Borba. Depois, interrompiam seus estudos devido à inexistência de estabelecimento (Ginásio – quatro anos) para prosseguimento nos estudos.

No final da década de 70, foram realizadas Missões nas capelas rurais, nos polos e na Matriz. As preparações para as Missões ocorreram em 1982, animadas pela equipe de freis capuchinhos e leigos. Nessa época, com o crescimento e a concentração cada vez maior da população na cidade e arredores, a

ação evangelizadora, centrada na matriz, começou a ser descentralizada nos bairros. A programação das Missões era valorizar as pessoas e a cultura do Município.

A Ação Sociopastoral, no final da década de 1980 a 1995, ocorreu num período de mudança de mentalidade, transição de estrutura agrícola para urbana e de orientação político-administrativa.

• Programa da Paróquia Nossa Senhora da Saúde na Rádio Tapejara

Entre meados de agosto e metade de novembro de 1982, foi criada e colocada, em caráter experimental, no ar a primeira emissora de rádio do Município, denominada Rádio Tapejara, em conformidade com o Decreto nº 87.487, de 18 de agosto de 1982.

A grade de programação definida era dar ênfase à comunidade local, valorizando a cultura do Município. Na primeira grade da Rádio Tapejara, que começou suas transmissões em definitivo em meados de dezembro de 1982, foram inseridos dois programas pertinentes à Paróquia Nossa Senhora da Saúde, produzidos e apresentados pelos Padres. Um deles era a Missa Dominical, que ocorria aos domingos, às 9h, na Igreja Matriz, sendo que a primeira transmissão ocorreu no segundo domingo de dezembro de 1982. O outro programa foi "Palavra Sacerdotal", também produzido e apresentado pelos Padres, levado ao ar pela emissora de segunda-feira a sábado, das 12 às 12h15; teve início também em meados de dezembro de 1982. São programas que continuam a ser realizados até os dias atuais.

• Comissão Interinstitucional Municipal da Saúde

O CIMS é uma organização local, em nível de Município, que congrega representantes dos órgãos públicos responsáveis pela Saúde e por entidades que representam os usuários, ou seja, os que usam os serviços de saúde (toda a população), e os prestadores de serviços (entidades e profissionais da área da saúde).

É formada por todas as entidades legalmente constituídas e cadastradas junto ao CIMS; possui um núcleo de coordenação composto de doze membros representantes de entidades do Município. O seu principal objetivo é a gestão e o planejamento das ações de Saúde no Município. Também elabora o Plano Municipal de Saúde. A primeira direção do CIMS 87/88 foi composta por: Presidente, Mario Antônio Maurina; Vice-Presidente, Beatriz Kunzel; Primeiro Secretário, Ildo Costella; Segundo Secretário, Luiz Virgilio Gajardo; Conselheiros: Agnelo Mânica, Lincoln Nardin, Lorena Pelissoni, Salete Bordignon, Margarete Benvegnú, Bel. Norberto Dall'Olivo, Rosângela Dallagasperina e Elso Scariot.

• Cáritas Paroquial de Tapejara

Caritas é palavra de origem latina que significa caridade/amor. Atua na defesa dos direitos humanos, solidários e sustentáveis; seus agentes trabalham junto aos mais empobrecidos, em parceria com outras instituições e movimentos sociais.

Em Tapejara, iniciamos os trabalhos em 1994, com o objetivo de promover ações caritativas organizadas em defesa dos mais necessitados.

A Cáritas está situada na Rua Júlio de Castilhos, 1.210, sala 2, onde o atendimento é realizado às segundas-feiras à noite, e às terças e quintas-feiras à tarde. Nos outros dias, são feitos trabalhos de recolhimento, distribuição de móveis e demais doações e visitas às famílias necessitadas.

Membros atuantes da Cáritas. Da esquerda para a direita, em pé: Eliane Bortolini Vidal, Rosalino dos Santos, Lurdes Correa do Prado, Zulmara Spanhol, Fátima Paze, Ines Rodigueiro, Jovilda Mazzutti, Luci Slongo, Pedro Rogueiro, Ronaldo Peterson, Jandira Fontana e Onires Teixeira. Agachadas: Lorilene Fontana, Helena Stefani, Leonilce Bolsonello, Tania Biazus e Loreli Rocha. Foto: Arquivo de Angelica Manica Bortolini.

'Atualmente, trabalham como voluntários vinte e cinco pessoas, sendo três como cozinheiras no Bairro Treze de Maio, onde é servido almoço nas segundas e quartas-feiras. São recolhidos, dos mercados, ossos para sopa, frutas, legumes, verduras e são distribuídos no bairro, favorecendo, assim, os mais necessitados.

Oito costureiras e atendentes trabalham na Cáritas ou em casa, na confecção de lençóis, capas para colchão, acolchoados, travesseiros, tapetes, panos de prato, panos de limpeza, estopas para postos de combustível e oficinas.

São distribuídos mensalmente sessenta ranchos às famílias necessitadas. A venda de algumas doações reverte em benefício dos necessitados. São recolhidos: móveis, eletrodomésticos, roupas, alimentos, brinquedos e retalhos. As doações são consertadas antes de serem distribuídas.

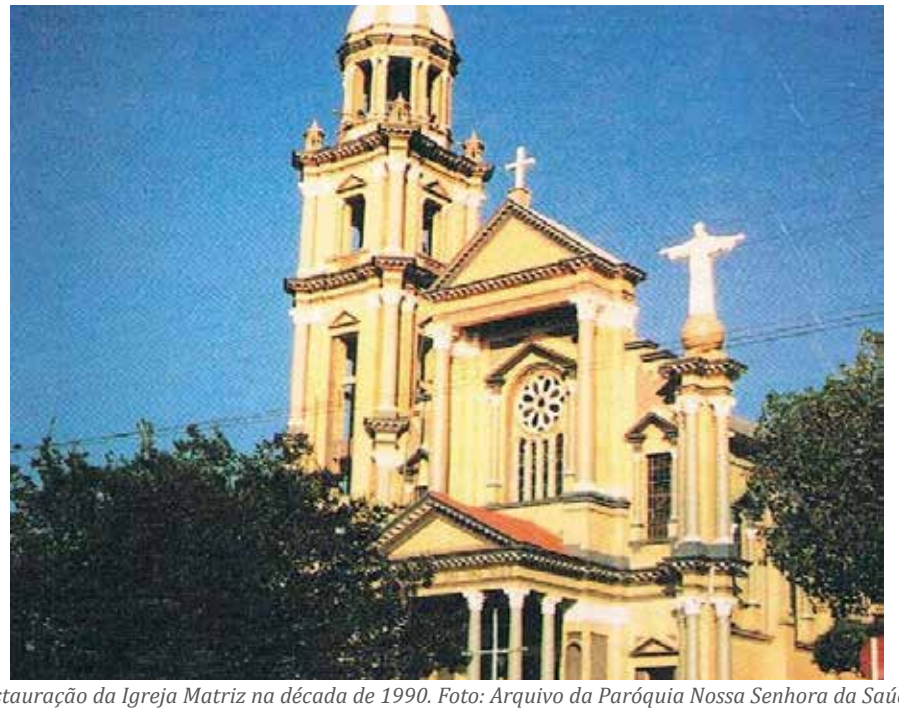
Através de dois projetos encaminhados ao Fundo Diocesano de Solidariedade, conseguiram três máquinas industriais, tecidos e equipamentos para confeccionar e reformar roupas para doação e comercialização, na busca de recursos para o auxílio às famílias em vulnerabilidade social do Município. Na medida em que sobram doações de roupas, calçados e retalhos, são enviados a outras paróquias em que existe a necessidade.

A Cáritas ajudou mais de cem pessoas oriundas do Senegal e da Somália que vieram para Tapejara em busca de trabalho e necessitando de apoio para mobiliar suas casas; graças à solidariedade dos tapejarenses e campanhas nas missas e rádios, foi possível atender às necessidades momentâneas. Hoje, a equipe sente a necessidade de mais recursos humanos, pois é um desafio constante nesse trabalho e é com o auxílio das pessoas voluntárias que se leva adiante essa missão.

• Restauração da igreja

No final de dezembro de 1995, foi concluída a restauração externa e iniciada a parte interna da Igreja Matriz, contando com a ajuda da comunidade, com recursos arrecadados através de doações de

pessoas, famílias, comunidades, empresas. Em meados de 1996, foram efetuados os restauros internos, paredes, vitrais, bancos, altar e troca de piso.



Restauração da Igreja Matriz na década de 1990. Foto: Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Saúde.

A restauração do templo tem sentido histórico. No dia 30 de dezembro de 1996, a Paróquia Nossa Senhora da Saúde comemorou setenta anos de criação. O Padre Júlio João Marin foi o primeiro pároco e o Patrono do Município é o Padre Raimundo Damin.

• Lideranças da Associação de Jovens Rurais

No dia 17 de julho de 1997, aconteceu um encontro com a presença de várias lideranças da Associação de Jovens Rurais que atuavam em entidades, instituições públicas e outras instituições ligadas à agricultura. Encontraram-se para trocar experiências e buscar uma ação conjunta com os agricultores. Após um ano de entreajuda e vontade de crescer em conjunto pela causa que representavam, decidiram realizar um trabalho com as famílias dos agricultores na abrangência das mesmas entidades.

Nos meses de julho e setembro de 1998, foram realizados encontros regionais com todas as entidades e famílias de agricultores para dialogar e tentar uma ação para melhorar a qualidade de vida do meio rural. A coordenação geral coube ao Padre Valter V. Baggio, e participaram as entidades: Cotapel, AJRT, MTR, STR, Sicredi, Paróquia, Emater, Secretaria da Agricultura e Orçamento Participativo.

• Saída do Padre Valter e vinda de Darci Treviso

Em outubro de 1999, circulou, nos meios eclesiais, a notícia da possibilidade de transferência do Padre Valter Valentim Baggio. Sabendo da notícia, a comunidade mobilizou-se para evitar a sua transferência. A primeira ação ocorreu em 9 de novembro, quando uma comissão de quinze líderes de entidades dos Municípios de Tapejara e Vila Lângaro, juntamente com os Prefeitos, estiveram no Palácio Episcopal, com o Bispo Dom Ercílio. Foi decidida a transferência pela autoridade eclesial e enviado para a Paróquia um documento onde constou a nomeação e provisão do novo Pároco, Padre Darci Treviso, e

lido no dia 1º de setembro, durante uma reunião do Conselho Paroquial Pastoral (CPP).

No dia 6 de setembro, a Comissão Eclesial entregou mais de mil assinaturas, encaminhando ao CPP, em nome da Igreja Católica de Tapejara e de Vila Lângaro, através de lideranças preocupadas com a transferência do Padre Valter e considerando preocupante a caminhada da pastoral desenvolvida nos 27 anos. Apresentou o abaixo-assinado para solicitar a permanência do Padre Valter e também do Padre Célio Zamarchi na coordenação das atividades pastorais da Paróquia Nossa Senhora da Saúde.

Porém, a decisão da autoridade eclesial, do bispado, comunicada à Comissão, foi de que a transferência seria realizada. No final do ano, o Padre Valter deixou a Paróquia Nossa Senhora da Saúde, após 27 anos de atividade sócio pastoral.

Em 27 de fevereiro de 2000, assumiu o Padre Darci Treviso. Durante a sua permanência, a paróquia realizou diversas palestras em escolas tratando dos temas das drogas e das bebidas alcoólicas, ocorreram visitas dos Bispos diocesanos e foram iniciadas e concluídas as obras do salão, anexo ao Centro Comunitário Paroquial. Em 2001, os Bispos diocesanos, D. Ercílio Pedro Simon e D. Urbano José Allgayer, estiveram na Paróquia, ministrando a Crisma, em 18 de novembro. Nesse dia, às 10h, D. Ercílio presidiu a celebração, na Matriz, comemorativa aos 75 anos da Paróquia, dia da Festa da Padroeira, e crismou os adolescentes na Matriz e no Bairro São Paulo. No mês de dezembro de 2001, ocorreram as Santas Missões Populares, evento que reuniu muitos católicos, com momentos de oração e de muita fé.

Santas Missões Populares em 2001.
Foto: Arquivo de Angelica Manica Bortolini.

Missões na Linha Calegari em 2001.
Foto: Arquivo de Idalino Canali.

• Projeto do novo salão comunitário anexo

No dia 23 de junho de 2002, aconteceu reunião dos casais da Diretoria Administrativa da Paróquia e dos Padres com a equipe de três engenheiros da construção civil para darem início ao projeto de construção de um salão de dois pisos, anexo ao atual Centro Comunitário Paroquial, localizado na esquina das ruas Ângelo Dalzotto e Júlio de Castilhos. Na reunião, no dia 7 de agosto, o anteprojeto foi apresentado pelo engenheiro Miguel Girardi, em nome de seus colegas que estavam fazendo o projeto do salão. Estiveram presentes na reunião Padre Darci, Arlindo Borille e Altair Piroli, respectivamente Presidente e Tesoureiro da Diretoria Administrativa.

• Saída das Irmãs do Colégio Medianeira

Entre 29 de dezembro de 2004 e início do ano de 2005, as Irmãs de Notre Dame – Medianeira começaram a deixar a Escola. Os primeiros passos que apontaram para a saída foram dados quando o Pároco, Padre Darci, foi até a Capela do Colégio, acompanhado das irmãs que ainda ali estavam, para a retirada do Santíssimo, já que no dia seguinte deixariam Tapejara. Entretanto, a escola continuaria a

funcionar, mas com nova parceria e com outra escola particular de Passo Fundo.

Em 2 de janeiro de 2005, veio a Irmã Provincial de Notre Dame para justificar à comunidade sobre a decisão de sair de Tapejara. Na Missa, das 9h, na Matriz, esteve presente a Irmã Provincial, Araci, da Congregação de Notre Dame. Na oportunidade, foram explicadas as razões que levaram a entidade a efetuar a retirada das Irmãs, que por sessenta e cinco anos atuaram no Colégio Notre Dame Medianeira, cujos trabalhos eram de natureza administrativa, inviabilizando há anos a sustentabilidade do colégio, e de natureza humana, com a diminuição do número de religiosas, optando as atuais por trabalharem em outras frentes missionárias. Pelos serviços prestados pelas Irmãs nos sessenta e cinco anos, toda comunidade é grata, pois atuaram no campo da educação, da saúde, junto ao Hospital Santo Antônio e na Paróquia, atuando na Pastoral, especificamente na Liturgia e na Catequese.

• Transferência do Padre Treviso

Em dezembro de 2006, começou a desenhar-se a transferência do Pároco Padre Darci Treviso da Paróquia para assumir nova missão na diocese de Passo Fundo. O fato que originou a transferência ocorreu no dia 14 de dezembro, quando aconteceu mais uma reunião do Conselho da Rádio Planalto, ocasião em que o Padre Darci foi nomeado diretor da Fundação Cultural Planalto, que compreende as Rádios Planalto AM e FM, em substituição ao Padre Anacleto Zafari, falecido no dia 11 de outubro.

O Padre Darci então passou a assumir a direção, indo duas vezes por semana para Passo Fundo prestar serviço na Rádio Planalto. Todavia, o tempo passou e o momento da despedida chegou. Ela ocorreu durante a celebração da Festa de Nossa Senhora de Lourdes, na Gruta, no dia 19 de fevereiro de 2006, durante a Missa festiva. O Padre manifestou os seus agradecimentos a todos que colaboraram com os seis anos no seu trabalho pastoral, desenvolvido na Paróquia. Na oportunidade, também houve a posse do novo Pároco, Padre Domingos Bergher, e do Padre Guerino Parizotto, Vigário Paroquial.

• Primeiras medidas tomadas pelo Padre Domingos

As primeiras medidas tomadas pelo novo Pároco, Padre Domingos, recaíram sobre as condições físicas da Igreja Matriz, que demandavam reparos e pintura interna e externa do templo, e assim foram tomadas as devidas providências para realizar as obras. Ainda no dia 11 de junho de 2006, foram concluídas e inauguradas as obras da nova capela de pedra na Comunidade de Santo Antônio, na Linha Calegari.

A festa da Padroeira, Nossa Senhora da Saúde, aconteceu no dia 19 de novembro de 2006, tendo como tema central a celebração dos 80 anos da Paróquia, criada em 30 de dezembro de 1926. A programação contou com Missa festiva, almoço e reunião dançante, no Centro Comunitário Pastoral.

• Padres que trabalharam na Paróquia Nossa Senhora da Saúde

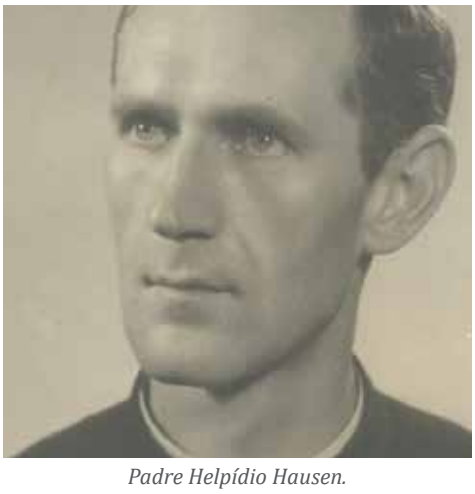
Párocos:
Júlio João Marin: 1926 a 1930
Calógero Torturiti: 1930 a 1950
Raimundo Damin: 1950 a 1955
Carino Corso: 1956 a 1961
Luiz Broetto: 1961 a 1967
Guerino Parizotto: 1968 a 1972

Eolino Bortolanza: 1972
Adalibio Barth: 1973
Adroaldo Luiz Ciapparini: 1974 a 1976
Valter Valentini Baggio: 1976 a 1999
Darci Treviso: 2000 a 2006
Domingos Bergher: 2006
Helio Corso Marsiglio: 2007
Itamar Lavarda: 2014, até os dias atuais.

- **Cooperadores, coadjutores e vigários paroquiais**

Pio Redin: 1929
Thiago Banziger: 1930
Ivaldo: 1933
Paulo Chiaramonte: 1937
Julio Sachet: 1949
Fioravante Magrin: 1950
Nicolau Schuster: 1951
Nunzio Rotondi: 1952
Lazaro Rubbo: 1956
Bazilio Volpato: 1960
Angelo Biasi Follador: 1961
Helpidio Hausen: 1966
Simplicio Hoffmann: 1966
Antonio Vilybaldo Rambo: 1967
Nilo Canal: 1980
Domingos Finatto: 1984 a 1986
Helio Schuster: 1987 a 1988
João José Modkoski: 1994
Renato Biasi: 2003
Célio Luiz Zamarchi: 2006
Jocelio de Azevedo: 2007
Leandro Mello: 2008
Mateus Danelli: 2009
Darci Gracioso Zanolla: 2011
Ludgero Mafra: 2012
Daniel Rodrigo Feltes: 2015

Padre Julio Sachet.
Foto: Arquivo de Gema Dalzotto.


Padre Helpídio Hausen.
Foto: Arquivo de Joannina Sandini Manica.

- **Padres ordenados em Tapejara e Vila Lângaro**

Narciso Zanatta: 1949
Guerino Parizotto: 1956
Nilo Canal: 1957
José Jacob Spuldaro: 1966

Pedro Onorio Gajardo: 1973
Frei Paulino Costella: 1974
Paulo Gaiardo: 1977
Frei Daniel Costella: 1978
Helio Corso Marsiglio: 1979
Frei Ari Tognon: 1980
Itamar Antonio Spanhol: 1983
Evanir Adão Rosa: 1985
Rodimar Mascarello: 1997
Eberson Fontana: 2013

- **Estilo predominante da Igreja Matriz**

O projeto da Igreja Matriz Nossa Senhora da Saúde é de autoria do arquiteto italiano Ângelo João Baptista Fontanive, oriundo de Taibon, região de Belluno, formado pela Universidade de Belas Artes de Veneza. “Sua construção levou dez anos, iniciada em 1949 e finalizada em 1959. Graças ao empenho e doação de muitas pessoas da comunidade, como podemos ver descrito nos vitrais, assim como nos bancos, e do trabalho de pessoas anônimas, foi possível a realização dessa obra que, ainda hoje, eviden-

O projeto. Foto: Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Saúde.

cia sua grandiosidade na paisagem urbana de Tapejara”, contou a arquiteta urbanista Vanize Regina Roman.

Vanize conta que a igreja ressalta sua importância perante a sociedade por apresentar solidez em grossas paredes de alvenaria que a diferenciam do conjunto urbano da época, com edificações térreas, predominantemente em madeira. O espaço exterior, marcado pela presença de escadarias que elevam a edificação, permite contemplar a escala monumental. “O projeto original apresentava duas torres simétricas, porém apenas uma assimétrica em relação ao eixo principal do conjunto foi construída. Essa evidencia sua verticalidade e pode ser observada de vários pontos da cidade, transmitindo a ideia de que a igreja existe para todos, conotando sua importância cultural”, falou. Ainda, segundo a arquiteta, a edifi-

Igreja Matriz em meados de 1980. Foto: Arquivo de Carlos Adalgir Scuro.

cação possui um estilo eclético, caracterizado pelo uso de elementos de diversos estilos arquitetônicos.

Segundo estudo da arquiteta e urbanista Eliane Panisson (2006), entre os elementos de arquitetura, na fachada frontal da igreja, aparecem frontões, acompanhados da presença de colunas coroadas por capitéis de ordem coríntia, tais elementos buscados da arquitetura religiosa clássica grega.

"A falsa ideia de três naves representadas pelas três portas frontais, embora dando acesso a uma única nave, remete a característica da arquitetura religiosa clássica romana, e na mesma fachada principal, a rosácea do gótico tem seu destaque. Internamente, os sete lustres representam os sete sacramentos da Igreja Católica. A relação dos usos dos elementos arquitetônicos consagrados na elaboração de uma edificação religiosa com a representatividade dos anseios de grandeza, elevação e principalmente a importância da fé está nitidamente exemplificada no caso da Igreja Matriz de Tapejara", frisou Vanize.

Parte interna da Igreja.
Foto: Arquivo de Angélica Manica Bortolini.

• Atuais comunidades da Paróquia Nossa Senhora da Saúde

1) Nossa Senhora da Saúde, Matriz – urbana (1914)
2) Nossa Senhora do Rosário, Vila Lângaro – urbana (1920)
3) São Silvestre – rural (1920)
4) Santa Terezinha – Paiol Novo – rural (1925)
5) São Sebastião – Vista Alegre – rural (1927)
6) Nossa Senhora do Carmo – Linha quatro – rural (1929)
7) São João Batista – Vila Campos – rural (1929)
8) Nossa Senhora do Caravaggio – rural (1936)
9) Linha três – São Tiago – rural (1936)
10) Santa Rita de Cássia – rural (1937)
11) Nossa Senhora da Salete – rural (1940)
12) Santa Ana – rural (1940)
13) São Luiz – rural (1944)
14) São Brás – rural (1945)

15) Nossa Senhora Aparecida – Schleder – rural (1947)
16) Santo Antônio – Calegari – rural (1947)
17) Santo Antônio – Carreteiro – rural (1947)
18) São Bernardo – rural (1947)
19) São Domingos – rural (1949)
20) Santo Isidoro – rural (1949)
21) Nossa Senhora de Lourdes – Polo – Gruta – urbana (1950)
22) São Roque – rural (1950)
23) Linha Dalpozzo – rural (1961)
24) Linha Dalzotto – rural (1961)
25) Linha Grison – rural (1961)
26) Linha Marchiori – rural (1961)
27) Linha Spanhol – rural (1961)
28) Linha Marcolin – rural (1961)
29) Santo Antônio – Girardi – Rural (1961)
30) São Paulo – Bairro – urbano (1973)
31) Nossa Senhora Aparecida – Polo – urbano (1981)
32) Nazaré – Polo – urbano (1981)
33) Nossa Senhora Aparecida – Vila Treze de Maio – urbano (1981)
34) Nossa Senhora de Fátima – Polo – urbano (1981)
35) Santo Antônio – Polo – urbano (1981)
36) São Cristóvão – Bairro – urbano (1981)
37) São José – Polo – urbano (1981)
38) Nossa Senhora de Fátima – Linha Costella – rural (1993)
39) Nossa Senhora Aparecida – Scariot – rural (1995)

• Igreja Católica no Bairro São Paulo

As famílias do atual Bairro São Paulo, antiga Santa Catarina, por formarem um grande número e residirem um tanto distante da Matriz, resolveram construir um oratório onde passaram a se reunir e fazer suas orações, oratório este em honra a Santa Catarina, localizado na época onde, anos mais tarde, foi construído o frigorífico São Paulo. Em 28 de agosto de 1947, foi inaugurado o oratório com uma procissão vinda da matriz. A imagem de Santa Catarina foi doada por Avelino Saccon e levada de volta à Matriz por não ter onde guardar.

Na década de 1950, foi inaugurado o Frigorífico São Paulo e com isso o bairro muda o nome, passando a ser Bairro São Paulo. O bairro foi crescendo e não havia um local para as celebrações, sendo que utilizavam para isso o clube da associação. A construção de um templo da Igreja Católica no bairro aconteceu pela iniciativa das famílias integrantes do Movimento de Cursilistas da Igreja Matriz e de alguns dos Grupos de Famílias do lugar, que funcionavam nas vésperas do Natal e da Páscoa, por volta da década de 1970. Naquele tempo, conseguiram um terreno situado nas proximidades da então sede social do São Paulo F.C. A partir de então foram desenvolvidas uma série de atividades e ações para arrecadar recursos financeiros e pessoas para iniciarem as obras.

Mais tarde, começaram a ser realizadas festas com o objetivo de angariar fundos à construção de

uma capela. A primeira festa foi realizada no dia 16 de fevereiro de 1975, na área de terra arborizada da família Sebben. No dia 7 de novembro de 1976, iniciaram as obras para a construção da capela, num local próximo ao clube na Av. 7 de Setembro. No dia 3 de julho de 1977, foi realizada mais uma festa em honra a São Paulo, no mesmo local anterior.

Imagem de Santa Catarina. Foto: Arquivo de Clai T. F. de Oliveira.

O templo começou a ser assentado em 7 de novembro de 1976. A inauguração aconteceu no dia 10 de junho de 1980, com missa solene e festa. Na celebração, de 28 de junho de 1980, foi introduzida no templo a imagem de São Paulo, doada por Antônio Manica, e um crucifixo, ofertado por Victório Rech.

No ano de 1982, realizaram-se as Santas Missões, pregadas pelos Freis Capuchinhos, sempre com grande número de fiéis. Muitas diretorias trabalharam, cada qual fazendo sua parte para que a comunidade pudesse continuar a crescer.

Missões realizadas no ano de 1982. Missionários, em cima, da esquerda para a direita: Frei Teobaldo Deon, Frei Augusto Denardi, Frei Paulino Costela e Frei Ari Filippi. No meio: Frei Gregório Dezen, Irmã Gaciosa Demari, José Clair Brezolin (leigo), Nelva Tormen (leiga), Idesse Santin (leiga), Frei Santos Carlos Coloda, Frei Nelson Campregher. Sentados: Frei Danilo Pagliari, Frei Euzídio Deon, Frei Pedro Bianchi, Frei Daniel Costela, Frei Manoel Baldissera e Frei Leão Marin. Foto: Arquivo Angélica Manica Bortolini.

Porém, em pouco tempo, o templo não dava mais conta, pois com o aumento, crescente, de famílias católicas chegando à cidade, o local começou a apresentar limites de acomodação, bem como não existia um prédio com espaço para a comunidade que estava se formando, para realizar suas atividades sociais e recreativas.

Em 27 de outubro de 1984, uma nova diretoria convocou os sócios e apresentou um projeto: comprar mais terrenos ao lado, distante três quadras, para a construção de uma nova capela e um centro comunitário. Os dizimistas aprovaram o projeto. Vendida a capela com o terreno, iniciaram-se as obras do centro comunitário; foi construído um salão, que passou a servir para festas e bailes, bem como orações, missas e demais celebrações comunitárias. Com a festa de inauguração, foram saldadas todas as dívidas e com o bom êxito da festa, e os associados colaborando, a diretoria criou mais ânimo. Iniciaram, então, a construção da nova capela.

Em 22 de fevereiro de 1985, foi inaugurada a nova capela, com corte de fita, bênção e Missa presidida pelo Padre Domingos Finatto, juntamente com o Padre Valter Velentim Baggio. O idealizador da obra foi Hermínio Paulino Pozzer.

Em dezembro de 2001, houve a realização das Missões Populares. A comunidade, hoje, conta com agentes de Pastoral, equipe de Liturgia, ministros da Eucaristia, grupo de cantos e equipe de catequistas. São realizadas duas missas por mês, uma no segundo sábado e outra na última sexta-feira do mês.

Em 2010, foi concluído e inaugurado amplo salão para festas, que serve de igreja em datas importan-

tes, pois a capela não comporta todos os fiéis. Tem um centro catequético e foi ampliada a churrasqueira. Também existe, em anexo, um pavilhão com cancha de bochas.

A atual diretoria está composta pelos seguintes casais: Presidente, Valmor de Oliveira e Clai Terezinha F. de Oliveira; 1º Vice-presidente, Celso Miotto e Celoi Miotto; 2º Vice-Presidente, Aladir Perera e Maria Helena Perera; Tesoureiro, Augusto Sbardelotto e Neli Hall Sbardelotto. Demais membros: Leonildo Colombo e Loreni; Sadi Benetti e Janete; Anderson Maschio e Rogéria; Pedro Pasquali e Gema; Valter Boff e Francieli; Amarildo Bressan e Sônia; Gilnei Tasca e Tatiane, Anildo Pelizzaro e Marilene. A secretária da capela é Eunir Scuro.

Lista dos Presidentes que contribuíram com a capela do bairro, cedidos por Valmor de Oliveira, Dorvalino Mezavila e Eunir Scuro:

1980-1982: Presidente, Giácomo Marin; Vice-Presidentes, Dorvalino Rodighero, Augusto Sbardelotto, Dolcino Darci Brunetto, Adair Bertollo, Ivo Marsiglio e Orlando J. Bonfante.

1983-1984: Presidente, Dolcino Darci Brunetto.

1985-1986: Presidente, Hermínio Paulino Pozzer.

1987-1988: Presidente, Nazareno Cazelani.

1989-1990: Presidente, Arlindo Pedro Mulinari.

1991-1992: Presidente, Hermínio Paulino Pozzer.

1993-1994: Presidente, Ari Canali.

1995: Presidente, Juarez Cadore.

1996: Presidente, Neivo Pozzer.

1997: Presidente, Valmor de Oliveira.

1998: Presidente, Leonir José Sanzovo.

1999: Presidente, Laurentino Rigo.

2000-2001: Presidente, Nelson Marcon.

2002: Presidente, Vilmar Werner.

2003-2006: Presidente, Osmar Hannel.

2007-2008: Presidente, Nelso José Marcon,

2009: Presidente, Jandir Della Santa.

2010-2011: Presidente, Valmor de Oliveira.

2012: Presidente, Marcelo Panho.

2013-2014: Presidente, Valmor de Oliveira.

Atual igreja do Bairro São Paulo.
Foto: Arquivo de Clai T. F. de Oliveira.

Interior da igreja do Bairro São Paulo.
Foto: Arquivo de Clai T. F. de Oliveira.

- **Renovação Carismática Católica**

A Renovação Carismática Católica é um movimento da Igreja Católica que tem por característica encontros para oração, os chamados Grupos de Oração.

A Renovação Carismática Católica teve seu início, em Tapejara, no dia 14 de março de 1992, quando, com a permissão do pároco daquela época, Padre Valter Baggio, juntamente com Sely Dall'Olivo, Enilde Spagnol, Amélia Dametto, Lúcia Ghidini, Neiva Bertoglio e Zabelita Bevilaqua, se reuniram com, aproximadamente, cinquenta pessoas para rezarem e debaterem sobre a inicialização de um grupo de oração na cidade. Depois desse primeiro encontro, outros aconteceram e mais pessoas foram integrando-se ao movimento, como Pedro Rodighero, Domingos e Lula Secco, Anelita Rigo, entre outros. Inúmeras pessoas passaram pelos grupos de oração, desde então, dando sempre a sua contribuição de fé.

Hoje, a RCC conta com um grupo de oração na Igreja Matriz, um no Bairro São Paulo, um em Santa Cecília e um Grupo de Oração jovem também no Bairro São Paulo; os encontros acontecem, respectivamente, toda segunda-feira, quinta-feira, terceira segunda-feira do mês e toda terça-feira, sempre às 20h.

Os grupos de oração são grupos abertos onde todos podem participar; a RCC conta com aproximadamente trinta servos (intercessores, pregadores, músicos) que trabalham para que esses continuem levando a palavra de Deus para todos os que se dispõem a ouvi-la; cerca de cento e vinte pessoas passam pelos grupos, semanalmente. Atualmente, a RCC em Tapejara é coordenada por Tuana Lopes Canali.

- **Pastoral da Juventude – Igreja Jovem: o caminho se faz caminhando**

Em 6 de outubro de 2012, a Paróquia Nossa Senhora da Saúde, aliada à Pastoral da Juventude, desafiou-se a evangelizar a juventude. Assim nasceu o grupo Jovem Evangelizando Jovem.

Há entre os participantes um princípio que os move ao diálogo, ao relacionamento, à participação, ao encontro, à amizade. É a necessidade de descobrir o diferente que existe em cada pessoa.

Não é difícil perceber que há sempre mais para se caminhar do que todo caminho percorrido. Por essa razão torna-se tão importante a participação e o envolvimento em grupos de referência. Seja em grupos de esportes, de música, de estudos, teatro, grupo de jovens; a turma é que marca a juventude.

O grupo reproduz uma sociedade em miniatura. É um laboratório de sociedade, espaço de participação, de individualidade e coletividade pedagógicas, na formação.

GRUTA NOSSA SENHORA DE LOURDES

Tapejara oculta e revela singularidade urbanística e arquitetônica pelos seus traços particulares e influência de outros lugares e de outras culturas que se impuseram ou se integraram no tecido social local. Esse processo cria o patrimônio cultural, histórico, urbanístico e cultural arquitetônico edificado. O que denominamos de patrimônio cultural arquitetônico edificado é o conjunto de bens imóveis edificados pelo homem. Nas paisagens da cidade e no seu interior, a cultura arquitetônica e urbanística manifesta-se através das construções com formas e funções diferenciadas. No caso específico em tela, trata-se do patrimônio histórico, paisagístico, arquitetônico e cultural edificado da Gruta Nossa Senhora de Lourdes.

Vista da Gruta Nossa Senhora de Lourdes de Tapejara, em 1950. Da esquerda para a direita, Pe. Júlio Sachet e Pe. Raimundo Damin. Foto: Arquivo de Ivone Maria Felini Moro.

A construção da Gruta Nossa Senhora de Lourdes foi motivada pela promessa feita pelo Padre Raimundo Damin, no dia 27 de agosto de 1949, para que não chovesse no dia da festa de lançamento da pedra fundamental da nova Igreja Matriz, ocorrida no dia 28; o dia amanheceu e permaneceu ensolarado.

Conforme promessa, as obras da gruta iniciaram no dia 14 de outubro de 1949, com o nivelamento do terreno. A gruta foi construída na Chácara da Igreja, a qual fazia divisa com a chácara da família de Eugênio Felini, apenas separadas por um riacho. A inauguração do espaço religioso aconteceu no dia 15 de abril de 1950. A programação contou com tríduo e procissão luminosa, onde a imagem de Nossa Senhora de Lourdes foi transportada, em um carro aberto, partindo da Igreja Matriz até a gruta, acompanhada por grande multidão, que manifestava sua fé por meio de orações e cantos.

Uma das jovens da época, Edy Quintina Zambenedetti, contou que fazia parte do grupo conhecido como Filhas de Maria, movimento existente na Paróquia. Ela recorda que, além dela, Maria Spader, Elvira Marcolin e Norma Zapani ajudaram na parte dos cantos e orações na noite da procissão e no dia da festa. No domingo, dia 16 de abril, às 10h, a gruta foi inaugurada com a bênção e a Missa presidida pelo Padre Julio Sachet. Os festeiros eram Padre Júlio, Guerino Maito, Tonico Costa, Elvira Marcolin, Mercedes Zanini e Maria Zanatta.

O Padre Parisotto contou que, em janeiro de 1950, ainda seminarista, junto com Nilo Canal, na ocasião em férias na casa de seus familiares, foram procurados pelo Padre Damin, então Vigário, que lhes solicitou que concluíssem o trabalho de acabamento do local onde seria colocada a imagem de Nossa Senhora de Lourdes. A tarefa a eles atribuída era ornamentar, com pedras ametistas, o arco e toda a gruta que circunda e abrigaria a imagem de Nossa Senhora; ambos aceitaram a missão, com a ajuda de pessoas da comunidade.

No ano de 1986, o Padre Valter e a Diretoria da igreja, com o seu Presidente, João Pietrobon, pensaram em restaurar a gruta e fazer um pavilhão, churrasqueiras e, assim, poder realizar uma festa todos os anos, uma vez que o ambiente era favorável junto à natureza.

O único problema era o espaço muito pequeno. Foi o momento em que a Diretoria da igreja entrou em contato com Maria Menegaz Felini, esposa de Eugênio Felini (em memória). Em comum acordo, a famí-

lia, em abril de 1986, em consideração ao pai, que amava a gruta e tinha prazer em conservá-la, doou um pedaço de terra. Na ocasião, foi desviado o arroio que corria nas proximidades e o local foi cercado. Entre agosto de 1987 e 1988, foi construído, pela paróquia, um pequeno pavilhão e churrasqueira. A gruta, por ser um local arborizado, com água limpa na época, servia de local para as crianças da vizinhança que quisessem brincar.

Em 1991, o Presidente da Diretoria Administrativa da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, João Amaro Pietrobon, conseguiu a extensão de rede elétrica e água potável para o ambiente da gruta. Também construiu um novo pavilhão das churrasqueiras, graças ao apoio e à colaboração de muitas pessoas. O espaço da gruta foi embelezado por Ida Brusso e ficou ao encargo de Maria de Lourdes Felini, uma vez por semana, o cuidado permanente.

• Os preservacionistas

No dia 21 de fevereiro de 2010, foram comemorados os sessenta anos de assentamento da gruta. Na ocasião, foi realizada uma celebração e festa ao redor do local da imagem de Nossa Senhora de Lourdes.

Entre as pessoas que contribuíram com a preservação e ampliação do local e da gruta, e ações decisivas para que o ambiente existisse, cabe destacar: o idealizador, Padre Raimundo Damin; família de Eugênio Felini; professora Maria de Lourdes Felini; Guerino Maito; Padre Guerino Parisoto; Padre Nilo Canal; Padre Valter Valentim Baggio; Hermínio Paulino Pozzer; João Amaro Pietrobon; José Carlos Lovatto; entre outros. Dona Maria Felini levava alimentos para os que ajudavam a construir a gruta.

• Tentativa de transferir a gruta

Um dos primeiros festeiros, Guerino Maito, recorda que "foi convidado pelo Padre Damin para organizar a festa de inauguração da gruta com o Tonico Costa e o Padre Júlio Sachet. Tomamos diversas providências, entre as quais a limpeza do local e do seu entorno, para que as pessoas pudessem encontrar um ambiente adequado para rezar e festejar no dia."

Em 1974, o Pároco Adroaldo Chaparini aventou a possibilidade de doar para o Município a área onde estava a gruta; em contrapartida, o Poder Público realizaria e arcaria com os custos de transferir e assentá-la defronte à atual Igreja Matriz. O Prefeito na época, Aldino Guerino Lângaro, manifestou interesse e apoio caso a medida fosse tomada pela autoridade eclesial.

Porém, o então Vigário Paroquial, Padre Valter Valentim Baggio, e a Diretoria da paróquia reuniram esforços junto às lideranças e impediram que tal medida fosse tomada e implementada. A gruta, diariamente, recebe e acolhe inúmeras pessoas devotas de Nossa Senhora de Lourdes que para ali se dirigem para agradecer e fazer pedidos, além da realização de festas e missas.

• A queda de árvores antigas e o replantio

Em 19 de abril de 1990, aconteceu grande vendaval que resultou na queda de árvores antigas, ciprestes existentes na área que circunda a gruta, mas não mexendo em nenhuma pedra da construção. Tomando conhecimento do ocorrido, Hermínio Paulino Pozzer dirigiu-se à Casa Paroquial e em contato com o Padre Valter Baggio colocou-se à disposição para repor as árvores que haviam sido danificadas ou arrancadas pelo vendaval. A iniciativa de Hermínio repercutiu de forma positiva na comunidade.

Após conversas, sua proposta foi aceita e em pouco tempo o meio ambiente da gruta estava novamente arborizado.

• Antepenúltima festa antes da destruição

No dia 20 de fevereiro de 2011, foi realizada a 61ª Festa de Nossa Senhora de Lourdes, na gruta de Tapejara. A Missa foi celebrada pelos Padres Hélio e Matheus, sendo a antepenúltima festa realizada com a construção antiga da gruta. Na oportunidade, aconteceu a troca de Diretoria do Conselho Pastoral da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, para o exercício dos próximos dois anos.

A Diretoria que deixou suas funções contou com os seguintes casais: Valdir e Inez Ghidini, João e Merci Cadore, Norberto e Jocelia Dall'Olivo, Delcio e Márcia Borgo, Paulo e Tarcia Joris, Gabriel e Marizelda Oliboni, Édio Luiz e Silvane Sbeghen, Miguel e Anelise Rovani, Itamar e Rosangela Dalagasperina e Sérgio Scariot.

A Diretoria que assumiu para os seguintes dois anos é composta por: Presidente, Delvo e Marici Marcon; Vice-Presidente, Idélcio e Celoir Slongo; Tesoureiro, Aluísio e Clélia Sachetti; além de Ari e Ivanete Canali, Itaner e Elida Fontana, Luiz Carlos e Loreci Baseggio, Modesto e Marilene Migon, Olinto e Dirce Sanzovo, Silvino e Elza Malagutti e Wilson e Iraci Marcon.

• Penúltima festa na gruta e despedida do Padre Matheus

No dia 19 de fevereiro de 2012, aconteceu a festa e a celebração na gruta de Nossa Senhora de Lourdes de Tapejara, com a despedida do jovem Padre Matheus e a posse do conhecido Padre Darci Zanolla, que trabalhou em Água Santa por mais de quarenta anos. Também participaram da celebração o Padre Hélio Corso Marsiglio e o Bispo Diocesano Dom Liro Meuer.

Vista da antiga construção que abrigou por mais de seis décadas as imagens de Nossa Senhora de Lourdes e Bernardete.
Foto: Arquivo de Gilmar Berton.

• Troca de Diretoria

Em 2013, aconteceu nova troca de Diretoria Paroquial, ficando os seguintes casais: Wilson e Enia Casamali, Lori e Clarice Menon, Vilmar e Rosane Merotto, Domingos e Cleci Favretto, Ivo e Fatima Giacomin, Adélio e Célia Baseggio, Adecir e Lucilene Langaro, Vicente e Marines Borilli, Neri e Leonice Baseggio e Altair e Ana Miotto.

• Destruição da antiga gruta

No dia 20 de janeiro de 2013, o Padre Hélio Corso Marsiglio, o Padre Ludgero Mafra, o Presidente da Diretoria da Paróquia, Wilson Casamali (Kaninha), e o Vice-Presidente, Lori Menon, decidiram por um novo projeto, que previa a demolição da antiga construção da gruta, cedendo lugar a uma nova edificação.

Segundo o Padre Ludgero, as obras eram necessárias para dar mais segurança e qualidade. "A gruta é muito antiga e a estrutura de pedras colocava em risco a vida das pessoas que por ali passavam; havia uma enorme infiltração, por estar amparada num barranco. As pessoas podem ficar tranquilas, pois a gruta continuará sendo um local abençoado e propício para receber pessoas. Temos que nos preocupar com nossa espiritualidade e não depositar nossa fé em pedras. A fé é muito mais que isso", comentou.

A máquina da Prefeitura Municipal de Tapejara destruindo e recolhendo o material da antiga gruta de Nossa Senhora de Lourdes no dia 20 de janeiro de 2014.
Foto: Arquivo da Rádio Tapejara.

Projeto da nova gruta. Foto: Arquivo da Rádio Tapejara.

• Primeira Missa durante as modificações da gruta

No dia 16 de fevereiro de 2014, foi realizada mais uma festa na gruta em honra a Nossa Senhora de Lourdes, com Missa solene dos 64 anos, no ambiente que estava sendo modificado. A Missa foi presidida pelos Padres Hélio e Ludgero e teve a presença de Eberson Fontana, o qual foi ordenado presbítero da Arquidiocese de Passo Fundo no dia 22 de fevereiro de 2014.

Vista das obras em andamento da nova construção da gruta durante a missa e a festa. Ao fundo as imagens de Bernadete e Nossa Senhora de Lourdes. Foto: Arquivo de Gilmar Berton.

Vista das obras em andamento da nova construção da gruta durante a missa e a festa. Ao fundo as imagens de Bernadete e Nossa Senhora de Lourdes. Foto: Arquivo de Gilmar Berton.

• Repercussão na comunidade

Em nota, denominada de esclarecimento, a pedido da Família Felini, veiculada no site da Rádio Tapejara, no dia 6 de fevereiro de 2014, veio a público manifestar seu sentimento pelo acontecido. A porta-voz foi a professora Maria de Lourdes Felini, que iniciou com um breve resgate da origem da gruta, ao destacar a iniciativa do Padre Raimundo Damin, a contribuição de todas as comunidades do interior e os serviços dos então seminaristas, tempo depois ordenados padres, Nilo Canal e Guerino Parizzotto, trabalhos na gruta iniciados em meados de 1949 e inaugurada em meados do ano de 1950. Ela revelou o sentimento que atingiu em cheio a sua família e, segundo ela, muitas pessoas da comunidade tapejarense pelo acontecimento: "Nosso sentimento não é pela terra doada, mas sim por ser considerado um patrimônio histórico, que lembrava o trabalho e o sacrifício dos nossos antepassados".

Imagem da Gruta reformada.
Foto: Arquivo de Angélica Manica Bortolini.

O fato também repercutiu nas redes sociais, onde um grande número de pessoas, conhecedoras da história da gruta se revoltaram com a atitude tomada sem consulta pública. Muitos foram os comentários; entre eles, citamos: "Estamos muito tristes com o acontecido e pela falta de consideração com a população tapejarense", falou uma cidadã. Outro morador ainda desabafou: "A maior falta de respeito do Padre em destruir o que foi construído e conservado por todos esses anos"; uma outra ainda falou: "O padre devia ter pedido a opinião da população, e tem mais, arrumar é uma coisa, destruir é outra"; um senhor comentou também: "Poderiam ter restaurado, mas destruído e da forma como foi, isso é muito ruim".

Em contrapartida, nas redes sociais outras pessoas postaram que o projeto era muito bonito: "A beleza está no interior das pessoas, no sentimento guardado, independendo do lugar. Muito lindo e seguro será esse novo lar", falou um cidadão.

Na Sessão da Câmara de Vereadores, no dia 17 de fevereiro de 2014, o fato também repercutiu. O Vereador Marcelo Panho (PMDB), na tribuna, manifestou seu pensamento sobre as obras da gruta de Nossa Senhora de Lourdes: "As igrejas (templos) da Europa nos chamam muito atenção e nos encantam pela sua beleza na sua edificação e, o mais importante, nos impressionam pelos muitos anos de vida.

Acontece que lá elas são protegidas e conservadas, pois existe o respeito da população e das autoridades com o seu passado, com a história, da sua terra e da sua gente. Com esse comportamento, estes países conseguem atrair para os locais onde estão construídos os templos muitas pessoas de diferentes partes do mundo, independente de religião a que ali recorrem." De acordo com Panho, "com o passar do tempo, ideias podem mudar, mas as convicções, os valores e as realizações de uma comunidade devem permanecer para que a gente possa ter uma identidade reconhecida pelos outros povos".

O vereador rebateu em seu pronunciamento: "Se a gente não respeita os nossos antepassados então vamos rasgar a Bíblia e escrever uma nova. Somente aprendemos com o passado, pois o futuro ainda não chegou". Encerrando a locução, revelou sua posição: "Não sou contra a construção de uma nova, porém não deveriam ter destruído a antiga, pois ela fazia parte de nossa História".

Nos dias seguintes, a destruição da gruta ecoou na comunidade desta forma: uma comitiva deslocou-se até Passo Fundo, onde conversaram com o Arcebispo Dom Antônio Altieri, manifestando o descontentamento da comunidade pelo fato ocorrido. Segundo a comitiva, o Arcebispo revelou que não tinha total conhecimento da transformação na edificação da gruta. O Arcebispo sensibilizou-se com o caso e destacou que se a comunidade se mobilizar há possibilidades de reconstruir a antiga gruta.

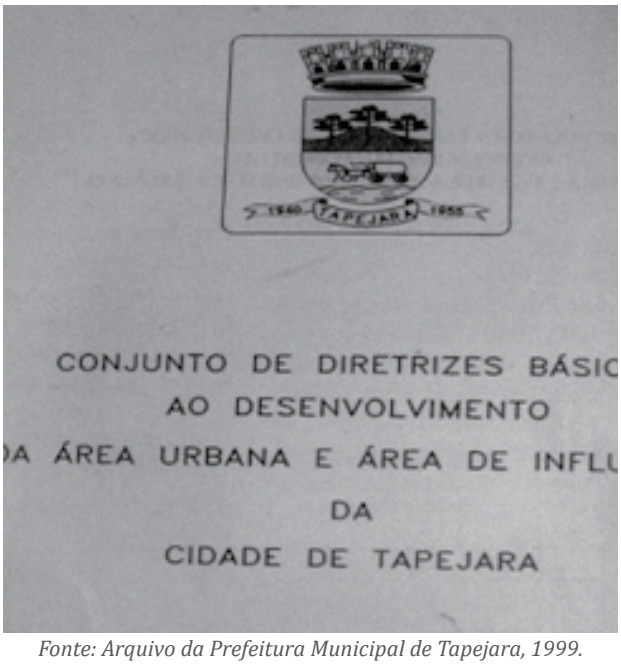
O A comunidade é proprietária do bem histórico e cultural

Segundo o autor Bruno Zevi, na sua obra Saber Ver a Arquitetura, todas as pessoas podem desligar o rádio, fugir de concertos, aborrecer-se no cinema ou no teatro, ou até não ler livros, mas ninguém pode fechar os olhos frente a todas as edificações que integram a vida cidadã e levam o selo do homem aos campos e à paisagem.

Zevi destaca que toda a comunidade é proprietária da obra da arquitetura histórica, conforme texto constitucional da cultura (Seção II, capítulo III, art. 215 a 216 da Constituição Federal de 1988), no que se refere à função social da propriedade e à preservação dos bens culturais. A herança cultural é o legado destinado a todas as gerações atuais e vindouras. A meta da sociedade é de transmitir o patrimônio cultural edificado, que acontece através do reconhecimento e da preservação do que foi produzido pelos antepassados.

• Mecanismos legais de proteção e ações preservacionistas

O inventário e o cadastramento, precedidos de ações preservacionistas, permitem legar aos nossos descendentes aquilo que a nós foi confiado e aquilo que as necessidades do nosso tempo exigiram que acrescentássemos ou subtraíssemos da paisagem edificada. Desses inventários e cadastramentos, a partir de seleções criteriosas de especialistas, são destacadas as edificações dignas de compor o rol das denominadas "Edificações Tombadas ou Edificações de Interesse Histórico Cultural Paisagístico", sendo passíveis de medidas legais de proteção por parte do Poder Público.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara, 1999.

O Poder Público de Tapejara elegeu e registrou no Conjunto de Diretrizes Básicas ao Desenvolvi-

mento da Área Urbana e Área de Influência da Cidade de Tapejara, instrumento do Plano Diretor, onde um de seus elementos constou, o Elemento de Recursos Históricos, Culturais, Arquitetônicos e Paisagísticos, em meados de 1999. Esse Elemento faz parte do Plano Diretor de Tapejara, com o objetivo de identificar construções e locais que podem ser julgados e ter significância histórica, cultural ou arquitetônica.

Esse elemento leva, ao Administrador Público, o imperativo de estabelecer objetivos, diretrizes e política; alinhar gerais e específicas recomendações a serem adotadas pelas quais construções e locais podem ser preservados; considera as construções e locais que contribuem à identidade e que reflitam um período particular do desenvolvimento da cidade; tem o propósito de inventariar e identificar componentes que constituem lembranças históricas do desenvolvimento passado da cidade; busca pela identificação de construções e locais dentro e fora do perímetro urbano, que demonstre o caráter inicial da comunidade. O reconhecimento de heranças, de recursos desse elemento, pode ser nutrido por uma tomada de consciência e desenvolvimento de réplicas. São denominados recursos todos os bens de estoque e reserva histórico-culturais, paisagísticos e arquitetônicos disponíveis e únicos, de valor inigualável, intrínsecos ao patrimônio comunitário.

• A gruta

A gruta Nossa Senhora de Lourdes, local e construção, era considerada um recurso paisagístico e arquitetônico, pois esta é verdadeiramente significante e reconhecida, amplamente, como uma estrutura histórica, cultural, paisagística e arquitetônica representativa de Tapejara.

Um critério para balizar o julgamento potencial da construção e do local é verificar até que ponto a remoção representaria uma perda importante à comunidade. No caso da Gruta Nossa Senhora da Saúde, o reconhecimento dos materiais, o revestimento e os sistemas construtivos ligados à herança de seus primeiros imigrantes, que caracterizam estilos de uma época utilizados nas construções da cidade.

Entre diretrizes para a escolha desse recurso, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes considerou: a estrutura possui elementos e documentos comprobatórios, motivos de sua designação; a estrutura permanece substancialmente com a mesma forma e caráter original; a estrutura é fortemente associada com a cultura histórica e o período de desenvolvimento atravessado pela comunidade de Tapejara; a estrutura é fortemente associada à importância de pessoas, grupos e eventos. Por isso, a Gruta Nossa Senhora é identificada como, potencialmente, aceita e significante.

• A importância da proteção, preservação e difusão da nossa identidade

O reconhecimento da herança somente pode ser respeitado e nutrido por uma tomada de consciência. Parafraseando Aluisio Magalhães: "Só se protege o que se ama, mas só se ama o que se conhece" (MAGALHÃES, 1997, p. 190). Em outras palavras, devemos estar abertos para o estudo, reflexão e pesquisa, proporcionando assim condições de criar mecanismos para defender e promover o patrimônio público.

Já dizia o filósofo existencialista Kierkegaard que "a vida só pode ser vivida olhando-se para frente, mas só pode ser compreendida olhando-se para trás". Essa assertiva ilustra bem o quanto é importante cultuarmos nossa memória e nossa história como uma forma de preservarmos nossa identidade cultural e nossa singularidade no contexto das comunidades, dos estados e das nações.

Em Tapejara, algumas edificações têm sido obra de ação destrutiva célere ou desatenção nas inter-

venções. Veja-se o caso da Gruta Nossa Senhora de Lourdes, idealizada pelo Padre Raimundo Damin, com obras iniciadas em meados de 1949, com ajuda dos então seminaristas, mais tarde padres, Guerino Parizotto e Nilo Canal e pessoas da época, sendo marco da religiosidade e da cultura religiosa da comunidade que não havia sofrido intervenção arquitetônica nas últimas décadas.

É preciso que as autoridades religiosas, públicas e a comunidade tapejarense façam a sua parte com atenção e invistam para que o patrimônio cultural, paisagístico, histórico e arquitetônico possa ser transmitido ileso às futuras gerações quando essas buscarem sua origem.

A despreocupação com a Preservação, revelada pela omissão em preservar legado para gerações futuras, proporcionam margens para intervenções, como no caso da Gruta Nossa Senhora de Lourdes e também da edificação da Igreja Matriz, deixando as edificações serem destruídas, e, assim, não cumprindo o seu papel de testemunho histórico.

Assim procedendo, o patrimônio público não está sendo preservado, pois se está a desconsiderar sua originalidade. Dessa maneira, as futuras gerações não terão condições de apreciar as edificações, estudá-las e contemplá-las como foram concebidas. É necessário o entendimento dos dirigentes públicos e privados no estabelecimento de políticas públicas consistentes, para garantir a memória e a história de Tapejara.

OUTRAS IGREJAS EM TAPEJARA

- **Igreja Evangélica Assembleia de Deus**

Atual templo da igreja da Assembleia de Deus na Av. 7 de Setembro. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A origem da igreja aconteceu em 12 de abril de 1924, em Porto Alegre, sendo o primeiro pastor Gustav Nordelund. Com o tempo, foram espalhando-se pelas várias regiões do Estado do Rio Grande do Sul. Em Tapejara, surgiu em meados de 1960, sendo designado como obreiro local João Apóstolo.

As primeiras congregações evangelísticas aconteceram nas casas das famílias de Valdomiro Nunes,

João Francisco da Silva, Erondina Teixeira e outras. Em meados de 1962, foi conseguido um terreno, onde foi construído um prédio de madeira medindo 38,50m², localizado na Av. 7 de Setembro, 2.369.

Atual templo da igreja da Assembleia de Deus na Av. 7 de Setembro. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Mais tarde, em 1992, foram iniciadas as obras do atual prédio de alvenaria da igreja. Em 11 de julho de 1997, foi emancipado o campo evangelista e passou a ser de sede própria, por decisão da Convenção dos Pastores do Estado do Rio Grande do Sul, quando foi homologada a posse do primeiro Pastor-Presidente Leopoldo Martins.

Por determinação da convenção, foram designados entre os pastores: Eloi Rosa, em 23 de dezembro de 2010, e Rafael Brizolla, tomando posse de 2010 a 2015. Entre as ações sociais da igreja estão: distribuição de cestas básicas às famílias e pessoas necessitadas da cidade e assistência espiritual, como cerimônias de batismo, casamento, cultos fúnebres e visitas em hospitais. Nessas ocasiões, os membros da Igreja contribuem com recursos financeiros, dentro de suas possibilidades. Também é realizada a pregação do Evangelho, em cultos semanais na Escola Dominical Teológica.

• Primeira Igreja do Evangelho Quadrangular

A Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada no Brasil, no ano de 1951, em São João da Boa Vista – SP, pelo missionário Harold Willians. Atualmente, está em mais de 150 países e em Tapejara há mais de 34 anos. Fundada em 1979 no Município, pregando o Evangelho da Cura, do Batismo no Espírito Santo e da volta do Senhor Jesus. Conta com os seguintes departamentos: grupo missionário de homens, grupo missionário de mulheres, diaconato, jovens, adolescentes, juniores e crianças. Tem como seu pastor titular Reverendo Cláudio dos Santos e está localizada na Rua Assis Brasil, 397. Tem como lema: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e eternamente”.

Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ)

A história da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) de Tapejara começou no ano de 1979, na Rua Padre Anchieta, Centro da cidade, em um porão alugado, de uma antiga casa de madeira, sob a responsabilidade do Missionário José Valdair.

Algum tempo depois, a Igreja passou a realizar suas reuniões na sede própria, antigo casarão de madeira, na Rua Assis Brasil, onde atualmente se situa. Em meados dos anos 80, com a colaboração dos membros e demais simpatizantes da obra, foi construído o templo, deixando o velho casarão apenas para moradia do Pastor Delfino Bortolini e sua família.

Em seguida, com a intermediação do irmão Antônio Ferrari, que comprou o terreno ao lado do templo, com a finalidade de revendê-lo à Igreja. Assim, mais uma vez, com a colaboração dos membros e simpatizantes, adquiriu-se o imóvel para construção da casa pastoral. Anos mais tarde, foi construída a casa pastoral para que o Pr. André de Oliveira pudesse ter melhores condições de vida com a esposa e os filhos.

Na sequência, já sob o comando do Pr. Albery de Moraes, foi erguida a estrutura do salão social, cuja cobertura foi feita nos tempos do Pr. Antônio dos Santos. A obra foi completada pelo Pr. Marcos Fernando Moreira, membros e colaboradores. Dentre os muitos empreendimentos, foi feita a ampliação do templo, iniciada pelo Pr. Eduardo dos Santos Almeida.

Entre as ações sociais e religiosas, esteve a visita e orações em hospitais, ajuda a crianças carentes da comunidade e complementação de alimentação para famílias e pessoas. Os cultos acontecem semanalmente, nas terças, sextas e domingos às 19h30. O trabalho em células são cultos familiares. Na cidade existe a primeira Igreja com sede na Rua Assis Brasil, 391, com congregações na Rua 20 de Setembro, em frente à estação rodoviária, além da segunda Igreja, situada na Av. 7 de Setembro, no Bairro São Paulo. Ainda há pontos de pregação nos Municípios de Vila Lângaro, Água Santa e Santa Cecília do Sul. O Pr. Titular da Primeira Igreja é Felipe do Couto, que assumiu a Igreja no dia 18 de junho de 2014, sendo Celso Martins o titular da Segunda Igreja.

• Testemunhas de Jeová

O movimento religioso de Testemunhas de Jeová chegou a Tapejara por volta de meados da década de 1980. Terezinha Bolzan foi quem iniciou as primeiras pregações de evangelização nas casas de famílias, que aos poucos, começaram a fazer parte do movimento. No decorrer do tempo, com ajuda de voluntários, construiu-se a sede própria, Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, localizado na Rua Eugênio Felini, 565. As reuniões congregacionais acontecem nas quintas-feiras, a partir das 19h30 e, nos domingos, a partir das 18h.

• Igreja Evangélica Rosa de Sarom

A sede central da Igreja Evangélica Rosa de Sarom está localizada em Passo Fundo, sendo o Pastor Presidente Geral do Ministério Júlio Cesar Fernandes Terra. Em Tapejara, o início da Igreja aconteceu em meados de 1990, com a missionária Irondina Teixeira, que iniciou suas atividades com visitas às famílias do Bairro São Paulo e, em seguida, realizando cultos na sua residência, localizada nas proximidades do atual templo.

A Pastora conseguiu um terreno e iniciou a construção do atual Templo, em meados de 1994, a que foi dado andamento e concluído pelo Pastor Júlio Sulivão, em meados de 1996. Na inauguração do templo estiveram presentes várias delegações do Ministério da Igreja da região, inclusive contou com o Pastor Presidente de Passo Fundo; também, na ocasião, houve a admissão de novos membros.

Entre as primeiras famílias que ingressaram na Igreja, de acordo com o atual Pastor Júlio Sulivão Santos Pinheiro, foram: Divino de Oliveira e sua respectiva família, Setembrina de Oliveira, Lindolfo Comiran e outras. Ele lembra que, depois do Pastor Júlio, passaram pela Igreja os Pastores Jair Dias, Jonathan Muniz, João Silva, Ivan Tiago Graff, entre outros.

Em meados de 2012, retornou de São Leopoldo o Pastor Júlio Sulivão Santos Pinheiro, que irá permanecer até o final de 2015. Ele conta que, além da sede de Tapejara, situada no Bairro São Paulo, existem mais duas congregações, uma no Loteamento Cohasa e outra no Loteamento Real I.

De acordo com o Pastor Júlio, as atividades da Igreja estão centradas em ações religiosas, cultos e pregação durante a semana e em final de semana; congressos e ações com jovens, com a finalidade de libertá-los dos vícios; de obreiros onde acontece o intercâmbio e a integração entre os membros da Igreja de outras localidades, entre outras. Além disso, o grupo de senhoras organiza e promove, mensalmente, um brechó de roupas usadas e ajuda todas as pessoas necessitadas que recorrem à Igreja.

Sede da Igreja Evangélica Rosa de Sarom. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• Comunidade Evangélica Luterana Cristo para Todos

As atividades da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) em Tapejara iniciaram no ano de 1997, quando na cidade residiam em torno de seis famílias luteranas. No início, os cultos eram realizados nas casas dos membros e, em 28 de outubro de 2012, foi inaugurado o Templo da Comunidade Evangélica Luterana Cristo para Todos de Tapejara, que está localizado no Bairro São Paulo, seguindo pela Av. 7 de Setembro, no sentido centro-bairro.

A Comunidade Luterana de Tapejara está vinculada à Paróquia Luterana São João, com sede em Charrua (RS). Na Comunidade Luterana, em Tapejara, acontecem três encontros mensais. No segundo final

de semana e no quarto domingo à noite, cultos são realizados, sendo que no segundo final de semana os horários variam entre sábado à noite e domingo pela manhã. E na primeira terça-feira, às 19h30 acontece um momento de louvor, oração e estudo da Palavra de Deus. Atualmente, participam em Tapejara, ativamente, dezesseis famílias, totalizando cinquenta e duas pessoas.

Igreja Evangélica Luterana Cristo para Todos, de Tapejara. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

- **Igreja Batista Pioneira**

Igreja Batista Pioneira de Tapejara. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A Igreja Batista Pioneira começou sua Missão em Tapejara em meados de 1996, com duas famílias que vieram aqui residir e trabalhar na empresa que estava executando as obras de asfaltamento da rodovia Tapejara-Ibiaçá.

Em fevereiro de 1997, chegou o Pastor Diógenes de Almeida com sua família, radicou-se na cidade e deu continuidade à Missão, até 2000. Em 2001, assumiu o Pastor Ignácio Blockh, que permaneceu até o final do ano de 2007. Ele foi sucedido pelo Pastor Miguel Bruno dos Santos, no início de 2008, o qual permanece até os dias atuais.

O primeiro local público de encontro com as famílias da Igreja aconteceu num prédio localizado próximo à Fábrica de Balas Cristal na Rua Cel. Lolico. Mais tarde, transferiram-se à atual sede, situada na Rua do Comércio, 1.789. Hoje, setenta membros integram a Igreja.

O trabalho da Missão, durante os dias de semana, acontece nas casas das famílias; no sábado na Igreja com adolescentes e jovens; no domingo na Igreja, pela parte da noite, com as famílias. Durante a semana, são realizados atendimentos a familiares e dependentes químicos e encaminhados para internamento e restabelecimento da saúde.

• Casa Tabernáculo Pentecostal

Casa Tabernáculo Pentecostal em Tapejara. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A Casa Tabernáculo Pentecostal começou as reuniões de Reflexões Bíblicas em Tapejara através do Pastor Valdeci dos Santos, na metade de 2003. As reuniões acontecem nas terças e sextas-feiras e domingo na casa localizada na Rua Júlio de Castilhos, 617, no centro da cidade de Tapejara.

• Igreja Evangélica Senhor dos Caminhos de Tapejara

Foi no domingo de 25 de maio de 2003 que aconteceu a inauguração do templo da Igreja Evangélica Luterana no Brasil "Senhor dos Caminhos" de Tapejara. Na oportunidade, assumiu o pastoreio da Comunidade o Pastor João Willig. O então Pároco Padre Darci Treviso compareceu e manifestou, em

nome da Comunidade Católica, cumprimentos pelo acontecimento.

No dia 25 de maio de 2013, a Igreja Evangélica Senhor dos Caminhos de Tapejara celebrou os 10 anos de sua dedicação. Ainda em 2013, foi criada uma nova paróquia, denominada Paróquia Evangélica de Confissão Luterana de Tapejara, que começou suas atividades no dia 1º de janeiro, com sede na Rua Padre Anchieta. A nova paróquia desmembrou-se da paróquia evangélica de Getúlio Vargas. Atualmente, além de abranger a Igreja Senhor dos Caminhos de Tapejara, abrange também as comunidades de Cachoeira Alta, Charrua, Ligeiro Alto e Ligeiro Baixo. Ainda possui pontos de pregação em Ibiaçá e Sananduva.

Igreja Evangélica Senhor dos Caminhos de Tapejara. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

- **Igreja Universal do Reino de Deus**

Igreja Universal em Tapejara. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A Igreja Universal do Reino de Deus está situada na Rua Independência, 476, centro da cidade de Tapejara, desde 2005. Com o objetivo de levar a palavra de Deus a todas as pessoas, através da evangelização nos hospitais, centros de recuperação, asilos e nos bairros, realizando orações por meio da fé das pessoas, sempre está com suas portas abertas, com um pastor para atender a população da cidade. O atual pastor é Anderson Saldanha. A programação é a seguinte: as reuniões acontecem durante a semana na segunda, terça, quarta e sexta, às 8h15. No domingo, às 8h e às 18h, realizando orações pela família, vida financeira, pelos casais, para que a população de Tapejara tenha uma vida abençoada em todos sentidos, e, às 19h30, com concentração de fé e milagres.

- **Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Madureira**

Igreja Ministério Madureira, de Tapejara. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Os antecedentes da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Madureira de Tapejara contam que, de 2005 a 2006, o Presbítero Valmir de Oliveira visitou algumas famílias da cidade, levando o convite para participarem dos cultos que iriam ser realizados no prédio de alvenaria onde até então era sede de um centro espírita e, atualmente, é o templo da Igreja. Aos poucos, começaram a recorrer ao templo, nos cultos e momentos de oração, várias famílias e pessoas.

Em 6 de junho de 2006, foi constituída a primeira Diretoria da instituição, sendo escolhido o Primeiro Tesoureiro, Célio da Rosa; o Segundo Tesoureiro, Diaconiza Roselaine de Oliveira; o Conselho Fiscal composto por: Vilmar Amaral dos Santos, Marcelo Mendes; Primeira Secretária, Joceli A. M. Duarte; e

Segunda Secretária, Juliana Cristina O. Mendes.

O Setor de Tapejara foi instalado pela coordenação de Carazinho, pelo Pastor Antônio Batista Carlos, que empossou o Presbítero Valmir de Oliveira; sucedido pelo Pastor Cristiano de Souza e sua esposa Verônica A. D. F. Souza, em 17 de maio de 2008.

Em fevereiro de 2009, assumiu o ministério o Pastor Marcondes dos Santos. Em 2012, assumiu o Pastor Evangelista Wanderson Geovani Cavalheiro Rodrigues, que permaneceu até dezembro de 2014. Em seguida, assumiu o Pastor Domingos Carlos Ferreira.

O Pastor Domingos Carlos Ferreira veio para Tapejara procedente de Santa Maria da Serra, Município do Estado de São Paulo, na qual vinha exercendo o serviço de Ministro do Evangelho na Congregação e Águas de São Pedro, sob a direção do Pastor Presidente Dilmo dos Santos Campos, da cidade de Piracicaba, tendo sede localizada na Rua Alfredo Guedes, 1.950.

De acordo com o Pastor Domingos Carlos Ferreira, a Igreja atua na área material e espiritual. As pessoas que recorrerem ao templo são acolhidas e ajudadas, na medida do possível, em suas necessidades materiais e espirituais. Em relação às necessidades espirituais, acontecem cultos de oração, de ensinamentos com crianças e jovens durante a semana e no domingo o culto com toda a família.

O templo está situado na Rua Assis Brasil, 171, no perímetro urbano da cidade de Tapejara. O Pastor João Marcos Simionato, atual coordenador-geral de Carazinho, visitou várias vezes o templo de Tapejara.

• Igreja Pentecostal Deus é Amor

Igreja Deus é Amor, de Tapejara. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A congregação da Igreja Pentecostal Deus é Amor iniciou seu trabalho evangelístico em Tapejara em meados de 2000. No começo, os cultos aconteceram na casa das famílias; em seguida chegou o Pastor Livino dos Santos Matos, sucedido por Elias Ribeiro, João Carlos, João Alexandre, Edilson Fernandes e o atual pastor é Ivo Variza. Eles procuraram unir suas famílias em torno do culto e da oração e da construção de um local para os encontros das famílias.

Hoje, existem duas igrejas: a sede está localizada na Rua Padre Raimundo Damin, 40, no Bairro São Paulo, sob responsabilidade do Pastor Ivo Variza, e a outra na Rua Manoel Teixeira, sob responsabilidade do Pastor Domingos Fiorentin. Os cultos na sede no Bairro São Paulo acontecem nas quartas-feiras à tarde, sextas à noite e domingo à noite; no Bairro Nazaré, nas terças e sextas-feiras e domingo à noite.

- **A Casa de Oxalá**

Babalorixá André Dametto. Foto: Arquivo de André Dametto.

A sede própria do Ilê Axé Oná Oxaguiã Oxalá foi fundada em 6 de janeiro do ano de 2000, por iniciativa do Babalorixá André Dametto. Está localizada na linha Grizon, interior do Município de Tapejara. Conhecida por todos os que a frequentam como "A Casa de Oxalá".

A casa de Pai André de Oxalá (A Casa de Oxalá) possui todas as dependências necessárias ao culto da religião dos Orixás, um espaço onde são realizadas as iniciações e os preceitos dos Filhos de Santo, sessões públicas (giras), festas, e é onde Pai André de Oxalá orienta, através de jogo de búzios, os filhos de santo, amigos, clientes e simpatizantes que necessitam de apoio espiritual.

Todo ano, no mês de janeiro, Pai André de Oxalá realiza a tradicional quinzena de Oxalá, quando é feita uma grande festa em homenagem ao dono da casa (Pai Oxalá). No mês de abril, a casa movimenta-se nos preparativos em homenagem ao Orixá Ogum. Em uma sessão festiva, reúne filhos de santo, amigos, clientes e simpatizantes.

Em maio, realiza-se a tradicional festa em homenagem aos Pretos Velhos, onde os filhos de santo, amigos, clientes e simpatizantes recebem as bênçãos dos espíritos protetores e confraternizam junto a

eles, em um almoço servido em sua homenagem.

Acontece ainda no mês de agosto a tradicional festa do Guardião da Casa de Oxalá, seu Tranca Rua das Almas, quando o próprio guardião recebe convidados, filhos de santo, amigos, clientes e simpatizantes em uma festa realizada com muitas comidas, doces e bebidas diversas. Festa e Axé comemorando as bênçãos da vida, a prosperidade e a alegria de viver. Todas as atividades da casa são preparadas por Pai André de Oxalá e seus filhos de santo, seguindo sempre as normas de conhecimento antigas e os fundamentos religiosos.

A Casa de Oxalá promove ainda tradicionais giras, semanalmente, nas segundas ou sextas-feiras, quando os consulentes podem tomar passes, realizar descargas e obter orientações espirituais.

Pai André de Oxalá ainda realiza, com hora marcada, jogo de búzios, defumação, banho de ervas, feituras e preceitos para o público em geral. Pai André de Oxalá, hoje, posiciona-se como Babalorixá da Casa de Oxalá, com clientes nos mais diversos Estados do Brasil e também na Argentina e no Uruguai.

• Igreja Batista Independente

Igreja Batista Independente de Tapejara. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A Congregação da Igreja Batista Independente iniciou sua missão em Tapejara através do Pastor Daniel Lutz, atendendo três famílias que vieram morar em Tapejara. As famílias eram de João Pereira, Paulo Pereira, Natael de Oliveira e as famílias que já moravam em Tapejara, de Luciano Variza e Francisco Brusch, em meados de 2001.

Os primeiros cultos iniciaram em um prédio localizado na Rua do Comércio, nas proximidades do Banco do Brasil. Em 10 de janeiro de 2004, chegou o Pastor Juvêncio Prestes do Estreito, que fundou a Igreja Batista de Tapejara.

Em meados de fevereiro de 2004, era iniciada a construção da sede própria da Igreja, localizada no Bairro Treze de Maio. Do ano de 2004 até 2013, o responsável pela Igreja foi o Pastor Juvêncio Prestes do Estreito. Em 2014, assumiu o Pastor André Junio Moraes do Estreito.

Em meados de 2015, a sede da Igreja transferiu-se para um prédio de alvenaria situado na Rua Alberto Pasqualini, próximo à Unidade de Saúde do Bairro São Paulo. O atual Pastor é André Junio Moraes do Estreito. Nas quartas-feiras tem Ensino Bíblico, no sábado Culto da Mocidade e no domingo Culto da Família.

• Associação Espírita Ramatis Caminhos de Luz

A Associação Espírita Ramatis Caminhos de Luz de Tapejara foi fundada em 2005 por um grupo de pessoas que, a princípio, queriam estudar e conhecer a doutrina espírita. Durante cerca de quatro anos apenas estudaram a doutrina de portas fechadas. Em seguida, em 2008, a vontade de ajudar o próximo e também divulgar a doutrina fez com que o grupo abrisse as portas ao público.

A doutrina espírita tem por objetivo ajudar as pessoas e confortar com os ensinamentos trazidos por irmãos espirituais sobre a vida pós-morte e a reencarnação, tudo baseado nos ensinamentos de Jesus, na reforma íntima e na evolução espiritual. Nenhum atendimento é cobrado, a casa mantém-se através de doações espontâneas, feitas pelos frequentadores e pelos trabalhadores da casa.

A casa está localizada na Rua Independência, 48, próximo ao Clube Comercial e oferece palestras, passes, água fluidificada, cirurgia espiritual e atendimento fraterno. Fica aberta ao público todos os sábados à tarde, das 14 às 17h e nas segundas à noite, das 20h até 22h, na segunda, terceira e quarta segunda do mês, sendo que qualquer pessoa, independente da religião, pode participar.

A doutrina espírita não possui hierarquias; apenas um dirigente, Lucimar Giacomin, que conduz os trabalhos desde a sua fundação. Para os assuntos gerais, existe uma diretoria, escolhida em assembleia, composta de presidente, vice e secretária.

Associação Espírita Ramatis Caminhos da Luz, em Tapejara. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

• Igreja Adventista do Sétimo Dia

Igreja Adventista do Sétimo Dia, de Tapejara. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.'

De acordo com Maria Silva Três, o início da Igreja Adventista do Sétimo Dia aconteceu a partir de um Congresso que tratou de temas da alimentação e vícios, que foi realizado nas proximidades do trevo de saída para Charrua, em 2007. Os primeiros trabalhos foram realizados pelo Pastor Eberson. Os encontros continuaram nesse local por pouco tempo. Transferiram-se para o piso térreo de uma casa de alvenaria localizada na Rua Alberto Pasqualini, 598, no Bairro São Paulo. A partir de então, vieram presidir os trabalhos da Igreja os pastores Eberson, sucedido por Paulo Marcon, de Passo Fundo. Em seguida, pelos pastores Joelton, Diego e João de Erechim. Os cultos acontecem nos sábados, às 9h, e nas terças-feiras, às 19h.

• Seicho-No-Ie

Seicho-No-Ie em Tapejara. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

O Seicho-No-Ie é um ensinamento de amor que prega que o ser humano é filho de Deus, que o mundo da matéria é projeção da mente e, também, revela qual é a verdadeira natureza. É uma filosofia que transcende o sectarismo religioso, pois acredita que todas as religiões são luzes de salvação que emanam de um único Deus.

Em Tapejara, foi fundada em janeiro de 2008, como Associação da Prosperidade da Seicho-No-Ie. Está localizada na Rua 20 de Setembro, 141, sala 101. Tem como principais atividades: palestras, cultos em reverência aos antepassados, orações e a leitura de livros e revistas sagrados.

A Seicho-No-Ie pode ser considerada uma filosofia de vida e também uma religião; não há rigidez de conceito nesse sentido. Ela tem como objetivo despertar, no coração das pessoas, a verdade de que todos são filhos de Deus e fazer com que, através de atos, palavras e pensamentos, tornem este mundo melhor.

Aqueles que praticam os ensinamentos da Seicho-No-Ie aprendem a reconhecer sua verdadeira natureza de filhos de Deus e, em consequência disso, começam então a ocorrer fatos milagrosos, como a cura de doenças, reconciliação de lares em desarmonia, exteriorização de grandes talentos, êxito profissional, solução de problemas econômicos e amorosos, etc. Existem pessoas que, mesmo já sendo adeptas de uma religião e frequentando suas atividades, sentem-se muito bem e felizes ao entrar em contato com os ensinamentos da Seicho-No-Ie, que, por sua vez, recebe todas as pessoas sem nenhuma restrição.

- **Igreja Internacional da Graça de Deus**

Igreja Internacional da Graça de Deus em Tapejara. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A Igreja Internacional da Graça de Deus iniciou sua missão em Tapejara em meados de 2010. A implementação da Igreja em seus diversos pontos no mundo, é precedida da divulgação nos programas de televisão Bandeirantes, Rede TV e Riti. O início da Igreja aconteceu a partir de encontros com algumas famílias que buscam ajuda espiritual. Em Tapejara, a primeira Igreja foi construída no Bairro São Paulo e São Cristóvão. A Igreja, no passar do tempo, transferiu-se para outros pontos do perímetro urbano da cidade de Tapejara. Atualmente, encontra-se situada na Av. 7 de Setembro, 1153. Vários pastores desenvolveram suas atividades na Igreja, entre eles Pastor Jonatan, Pastor João Ted e, atualmente, o Pastor Denet Fortunatto. A programação da Igreja é a seguinte: segunda, quarta, sexta e domingo acontece culto, pela parte da manhã, da tarde e da noite.

- **Segunda Igreja do Evangelho Quadrangular**

A Segunda Igreja do Evangelho Quadrangular iniciou a sua obra missionária em Tapejara em janeiro de 2012. Os trabalhos começaram com o Pastor Celso Martins; os encontros aconteciam na casa de

Airton Anzelieiro, situada na Rua Alberto Pasqualini, 491, Bairro São Paulo. Em seguida, transferiu-se para o local onde se encontra a sua atual sede, na Av. 7 de Setembro, próximo ao Mercado Bom Dia. Atualmente, coordenam os trabalhos da Igreja o Pastor Celso Martins e Matheus Emanuel de Paula Wasmuth.

Em março de 2015, iniciou um trabalho de oração pela cidade de Tapejara. Cada semana é invocado um tema: família, educação, saúde, entre outros, durante trinta semanas, sendo previsto o programa até final de 2015.

As atividades da Igreja acontecem à noite: nas segundas-feiras, com a reunião de lideranças; quartas-feiras, culto às 20h e, aos domingos, às 9h, 18h30 e, às 20h, acontecem os cultos na Igreja. Durante a semana, acontecem visitas às famílias e nos finais de semana os encontros na Igreja.

Segunda Igreja do Evangelho Quadrangular. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

- **Congregação Evangélica Maanain**

Congregação Evangélica Maanaim em Tapejara. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A Congregação Evangélica Maanain iniciou a sua missão em Tapejara no dia 19 de julho de 2014. Sua sede está localizada na Rua Osório da Silveira, 743. A missão da Congregação é contribuir com a recuperação de pessoas dependentes químicos e apoio aos seus familiares. A Congregação já possui uma casa localizada em Água Santa de recuperação de dependentes químicos, funcionando há mais de quinze anos. Os primeiros membros da Congregação foram Gerônimo João Rubas, Adair A. Machado, Ronivão dos Santos. O Presidente é Mário Luiz Vieira e sua esposa Silvana.

• Igreja Evangélica Cristo para as Nações

A Missão da Igreja Evangélica Cristo para as Nações iniciou com a Consagração ao Ministério do Apóstolo Gerson Daniel Moura da Silva, em 10 de março de 2014. O Apóstolo Daniel possui o Ministério da Capelania, que o habilita a exercer o Ministério junto a hospitais, asilos, escolas e presídios. Também exerce o Ministério de Juiz de Paz, realizando casamentos. Os cultos acontecem nas quartas e sextas-feiras e domingo à noite.

Igreja Evangélica Cristo para as Nações. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

• Igreja Evangélica Missionária Nova Aliança

A Obra Missionária da Igreja Evangélica Missionária Nova Aliança iniciou em Tapejara em 21 de fevereiro de 2015. A Igreja está situada na Rua Cel. Lolico, 557, no centro da cidade. Em Ibiaçá começou na mesma data.

Os encontros dos membros da comunidade acontecem nas casas das famílias durante a semana. Na segunda–feira à noite, Círculo de Oração na Igreja; terça-feira, estudo bíblico; quarta-feira, ensaio do coral feminino; quinta–feira, Culto de Libertação e Quebra de Maldição; sexta-feira, a cada quinze dias, um grupo de membros da Igreja se desloca pela parte da noite à Praça Silvio Ughini para entoar cânticos e orações com os que lá se encontram. No sábado, pela parte da tarde, coreografia e cantos das crianças, ensaio com a banda com os jovens e à noite oração aberta à comunidade e no domingo, culto da família.

A Ação Social da Igreja está voltada para recuperação dos dependentes químicos e depressivos. A ação é realizada em convênio com o Centro de Reabilitação e Prevenção de Dependentes Químicos Casa Vita, de Passo Fundo.

Os Pastores da Igreja de Tapejara, atualmente, são Ronivon dos Santos e Robleson da Silva; os Levitas, responsáveis pelos cânticos e hinos, Paulo Soares dos Santos e Guilherme Nunes Machado.

Igreja Evangélica Missionária Nova Aliança de Tapejara. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

Referências

BAGGIO, Valter Valentim. 25 anos de caminhada da associação de jovens rurais de Tapejara – 1973/1998. Tapejara, 23 set. 1998.

BAGGIO, Valter Valentim. História da Paróquia Nossa Senhora da Saúde de Tapejara e outros... Tapejara, 1999.

BIANCHINI, Maristela. Tapejara, sua História. Memória Arquitetônica Regional. 1991. Monografia realizada para o Curso de Educação Artística, habilitação em Desenho, Universidade de Passo Fundo, 1991.

FESTA de Nossa Senhora de Lourdes: gruta na cidade de Tapejara. Rádio Tapejara. Disponível em:<http://www.radiotapejara.com.br/noticia.php?not_id=7833>. Acesso em: 23 fev. 2014.

GRUTA Nossa Senhora de Lourdes: festa 61 anos – Tapejara. Rádio Tapejara. Disponível em: < http://www.radiotapejara.com.br/noticia.php?not_id=6103>. Acesso em: 8 fev. 2014.

INAUGURAÇÃO do templo da Igreja Luterana em Tapejara. Disponível em: <http://igrejaluteranadecharrua.blogspot.com.br/search?updated=-min2012=01-01-00T00:00:02-00:&updated-max-2013-01-01T00:00:00-02:00&max-results=4>. Acesso em: 30 maio 2013.

MAGALHÃES, Aloísio. E triunfo?: a questão dos bens culturais no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

PANISSON, Eliane. Na busca do caráter: o caso da Igreja Matriz de Tapejara, RS. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA E TEORIA DE ARQUITETURA, 10.ed., 2006, Caxias do Sul, RS. Cidades gaúchas: transformações e permanências, 2006.

SIMON, Ercílio. Uma diocese chamada Passo Fundo. Passo Fundo: Gráfica e Editora Berthier, 2005.

SPANHOL, Itamar Antonio. 80 Anos de Caminhada da Paróquia Nossa Senhora da Saúde. 1ª parte. Revista Comunicação, Tapejara, v. 3, n. 30, p. 10-21, dez. 2006.

_____. 80 anos de caminhada da Paróquia Nossa Senhora da Saúde. 2ª parte. Revista Comunicação, Tapejara, v. 3, n. 31, p. 10-19, jan. 2007.

_____. Memória dos 60 anos da Igreja Matriz de Tapejara. Revista Comunicação, Tapejara, v. 5, n. 66, p. 8-28, dez. 2009.

_____. O patrimônio cultural edificado. O Caiobá, Tapejara, v. 1, n. 3, p. 12, maio 1993.

_____. O tombamento como instrumento de proteção jurídica dos bens culturais. 2002. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Direito, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2002.

TAPEJARA. Prefeitura Municipal. Conjunto de diretrizes básicas ao desenvolvimento da área urbana e área de influência da cidade de Tapejara. Tapejara, 2000.

ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Capítulo 8

Educação

PRIMEIRAS ESCOLAS

Antigamente, como não havia escolas, os professores deslocavam-se até as casas das famílias para lecionar; isso era feito por pessoas como Augusta Manica, Ana Jaques e João Maria. Com a necessidade de se ter um local próprio para os ensinamentos, o então Vigário Júlio João Marin fundou a primeira Escola Paroquial de Tapejara, onde, quando podia, lecionava às crianças. A escola teve início em 4 de julho de 1927, chegando ao término do ano com cento e um alunos. Com a assistência dos pais nos ensinamentos, as aulas foram encerradas no dia 11 de dezembro, para o descanso.

As atividades da Escola Paroquial retornaram no ano seguinte, com muitos alunos, tendo a necessidade de novos professores. Dessa forma, o vigário contratou os professores Eduardo Damiani, Primo Guadanin e Guerino Valentin Nuncio.

Dez anos mais tarde, no dia 10 de março de 1938, o Colégio Medianeira de Todas as Graças começou a funcionar no Município, sob a coordenação das irmãs da Congregação de Notre Dame, de Passo Fundo. Também nesse ano começou a funcionar o Grupo Escolar Fernando Borba.

Em 1985, segundo Altair Scholer, o Município contava com as seguintes escolas: Escola Medianeira de Todas as Graças, Grupo Escolar Fernando Borba, Escola Estadual Valeriano Ughini, Ginásio Estadual de Tapejara, que em 1986 passou a ser denominada Escola Estadual de Primeiro Grau Severino Dalzotto, Escola Municipal Giocondo Canali e a Escola Estadual de 2º Grau. No interior, existiam sessenta e duas escolas municipais, três do Programa de Orientação Educacional Municipal (POEM), onze estaduais, uma escola federal e uma escola particular.

Além dessas, no decorrer do tempo, as escolas encontradas nos arquivos que fizeram parte da história da educação de nosso munícipio foram:

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto São Jorge, localizada na comunidade de Linha Nova. Desativada em 31/03/1955.

Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Leopoldina, localizada na comunidade de Santa Rita, criada em 30/03/1961.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto São Roque, localizada em Cerro Alto. A partir de 1991 passou para Linha Girardi. Iniciou as atividades em 13/02/1962 e foi desativada em 06/03/1996.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto João Ramalho, localizada na comunidade de Santana, aberta em 22/09/1977 e fechada anos depois.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Monteiro Lobato, localizada na comunidade de Linha Carreteiro, depois passou a denominar-se Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Antenor Marcon. Foi aberta em 22/09/1977 e anos depois sendo desativada.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Santo Antônio, localizada na comunidade de Cachoeira

Média, a partir de 06/06/1984 passou a chamar-se Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Ivo Secco. Desativada em 31/03/1995.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Princesa Isabel, localizada na Linha Marcolin, depois passou a ser Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Adelaide Maria Dalbosco, localizada no Bairro São Cristóvão. Foi desativada em 06/03/1996.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto José Garibaldi, localizada na comunidade de Cachoeira Baixa. Desativada em 31/03/1995.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto 1º de Maio, localizada na Comunidade de Linha Valentini. Desativada em 31/03/1995.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Barão de Cotegipe, localizada na comunidade de Linha Spigolon e desativada em 31/03/1995.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Alphonsus Guimarães, localizada na comunidade de Linha Quatro. Foi desativada em 06/03/1996.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Fiorante Fiabane, localizada na comunidade de Linha Calegari. Desativada em 06/03/1996.

Escola de 1º Grau Incompleto Duque de Caxias, localizada na comunidade de São Valentim. A partir de 31/07/1998 passou a denominar-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias. Atualmente, pertence ao Município de Santa Cecília do Sul.

Em 1953 surgiu a Escola Rural de Vila Campos. Em 1981, o nome foi alterado para Escola de 1º Grau Incompleto Vitor Meireles. E, em 2001, passou, definitivamente, a denominar-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Benvenuta Sebben Fontana.

Professora Terezinha Costa e o formando Renilto Fontana, no então Curso Primário da Escola Rural de Vila Campos. Ao fundo, da esquerda para a direita, o Vice-Prefeito Ângelo Ughini e ao lado o Padre Carino Corso, em 1958.
Foto: Arquivo de Renilto Fontana.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Osório Bonifácio, localizada na comunidade de Linha Scariot. Desativada em 06/03/1996.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Manuel Alvarenga, localizada na comunidade de Coroado Alto. Desativada em 06/03/1996.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Silva Ramos, localizada na comunidade de Caravaggio. Desativada em 06/03/1996.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Barão do Rio Branco, localizada na comunidade de Vista Alegre. Foi desativada anos depois.

Escola Municipal de Ensino Fundamental Silva Jardim, localizada na comunidade de São Silvestre. Desativada em fevereiro de 2012.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto João Sasset, localizada na comunidade de Barra Rio Ligeiro. Desativada anos mais tarde.

Escola Municipal de Ensino Fundamental Independência, localizada na comunidade de Santa Teresinha. Desativada anos depois.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Belmiro Braga, localizada na comunidade de Linha Três.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Pio X, localizada na comunidade de Linha Mioto.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Felipe Camarão, localizada na comunidade de São Brás.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Olavo Bilac, localizada na comunidade de Cachoeira Alta.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto 31 de Março, localizada na comunidade de Linha Marchiori.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Júlia da Silva, localizada na comunidade de Linha Borile.

Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Senador Alberto Pasqualini, localizada na comunidade de Coroado Baixo.

Escola Visconde de Cairu, em Paiol Novo, que, mais tarde, tornou-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Ângelo Posser.

Escola Monteiro Lobato, na Linha Spanhol.

Escola Monteiro Lobato na Linha Spanhol na década de 40. A professora Naide Andreazza com os alunos.
Foto: Arquivo de Olinto Tognon.

• Associação Municipal de Pais e Mestres de Tapejara

A Associação Municipal de Pais e Mestres de Tapejara foi criada pelos então presidentes e demais membros da Diretoria das Escolas Municipais, no dia 1º de junho de 1969.

A primeira diretoria ficou assim constituída: Presidente, Ernesto Canali; Vice-Presidente, Vicente Lourenço Gusatto; Secretário, Crehistiano Melara; e Tesoureiro, João Vitório Capra.

Em 3 de abril de 1970, nas dependências do cinema Tamoio, de Tapejara, foi eleita a nova Diretoria da Associação Municipal de Pais e Mestres de Tapejara. Foram escolhidos os seguintes membros: Presidente, Angelo Rafael Comiran; Vice-Presidente, Leonel Paulino Denardi; Tesoureiro, Julio dos Santos; Segundo Tesoureiro, Jacob Borgetti; Secretário, João Honorino Giacomin.

Em reunião, no Centro Comunitário Paroquial de Tapejara, no dia 7 de janeiro de 1974, com a presença do Prefeito Municipal de Tapejara, Aldino G. Lângaro, e da Coordenadora do Serviço de Educação Municipal de Pais e Mestres de Tapejara, Sely Antonia Dall'Olivo, a Diretoria, que foi eleita, ficou assim constituída: Presidente, Julio dos Santos; Vice-Presidente, Alexandre Dysard; Primeiro Secretário, Francisco Moretti; Segundo Secretário, Valdemar Langaro e Tesoureiro, José Parizotto.

No dia 17 de março de 1975, no Centro Comunitário, foi escolhida a nova Diretoria da Associação Municipal. A chapa eleita teve como Presidente, Idalino Calegari; Vice-Presidente, Armando Prante; Secretário, Elibio Favaretto; Tesoureiro, Roque Sachetti; no Conselho Fiscal: Titulares, Julio dos Santos, Bruno Ritter, José Parizotto; e os suplentes, Antonio S. da Silva, José Nunes e Severino Scariot.

Em 4 de março de 1977, no salão de festas do Clube Comercial, aconteceu a reunião da Associação; estiveram presentes a Coordenadora do Ensino Municipal, a Professora Gioconda Carniel Antonio, o Exmo. Juiz de Direito da Comarca, Darci Neumann, o Prefeito Municipal, José Maria Vigo da Silveira. Na oportunidade, foi procedida à escolha da nova Diretoria da Associação Municipal, por meio de chapa única, que, depois de eleita, ficou constituída da seguinte forma: Presidente, Julio dos Santos; Vice-Presidente, Lourenço Valentini; Secretário, Valdemar Frankelin; Tesoureiro, Mario Brazaga; Conselho Fiscal: Titulares, Ernesto Bernadelli, Antonio Serafim da Silva, Pedro Lazzari, e suplentes, Vitorino Capelin, Germano Mazuti e Pedro Negri.

Aconteceu em 6 de setembro de 1978, no auditório da Prefeitura Municipal de Tapejara, com a presença da então Coordenadora do Serviço de Educação Municipal Gioconda Carniel Antonio, do Vice-Prefeito Johnny Dorval Zoppas e de Alceu Basso, Consultor Jurídico do Município, a escolha da Diretoria da Associação do Círculo de Pais e Mestres das Escolas Municipais de Tapejara. A Diretoria ficou composta pelo Presidente, Doralino Marchiori; Vice-Presidente, Arlindo Wolff; Secretário, Francisco Moretti; Tesoureiro, Claudio Denis Poli; Conselho Fiscal: Titulares, Marino Fontana, Adelar Spagnol, Nildo Saquetti; e suplentes, Guerino Miotto, Carmelindo Gatto e Zenir Biazus.

Com o passar do tempo e em função da nova legislação, cada escola criou o Círculo de Pais e Mestres (CPM) ou a Associação de Pais e Mestres (APM), uma vez que, para fazer atividades como rifas, jantares, bingos e ainda para liberação de recursos federais, a exigência é que cada escola tenha o seu próprio CPM.

• Cenário educacional atual

Passados sessenta anos e com o crescimento do Município de Tapejara, a educação também sofreu transformações, e muitas escolas foram desativadas, tendo em vista a criação das escolas polo na

zona rural do Município.

Também cabe destacar que com a mudança de legislação, com o passar do tempo, as escolas multisseriadas deixaram de existir e, a partir de então, cada turma tem professor habilitado dentro da área do conhecimento na qual exerce sua função.

Hoje, o Município conta com seis escolas municipais, quatro estaduais, sendo duas que atendem os alunos do ensino médio. Em relação à educação infantil, existem três creches e uma em construção, bem como três escolas particulares de educação infantil. O Município conta com uma escola particular que atende da educação infantil ao ensino superior.

CRECHES – EDUCAÇÃO INFANTIL

- **Creche Municipal Isabel Basso**

Inauguração da Creche Isabel Basso. Da esquerda para a direita: Prefeito José Maria Vigo da Silveira, esposo da homenageada, Sr. Tranquilo Basso, e a filha Avani Basso. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A Creche Municipal Casa da Criança Isabel Basso foi inaugurada no dia 9 de agosto de 1982 e está situada na Travessa Dona Nenê, 25. Atende um total de oitenta e oito crianças com idade entre 2 e 5 anos em turno integral, de segunda a sexta-feira. As atividades iniciam às 6h40 e encerram às 18h30. Diariamente, são servidas cinco refeições para cada criança (café da manhã, lanche da manhã, almoço, lanche da tarde e janta). A alimentação fica sob a responsabilidade da nutricionista da Prefeitura, sendo um cardápio rico em frutas, legumes, carnes, massas, leite e seus derivados.

A Prefeitura disponibiliza a todos os alunos transporte gratuito e acompanhamento de duas atendentes no ônibus, que auxiliam e cuidam das crianças durante todo o trajeto. O corpo docente conta com uma diretora, atualmente Volida Lurdes Scariot, sete monitoras, sete atendentes, duas estagiárias, uma nutricionista, uma fonoaudióloga, uma psicóloga, uma operária, duas cozinheiras e duas auxiliares de cozinha. Conta com o Círculo de Pais e Funcionárias (CPF) da creche, que apoia os eventos e confraterni-

zações realizadas pela instituição de ensino.

Além do cuidado com as crianças, da alimentação oferecida, dos passeios proporcionados, desenvolvem-se vários projetos. Dentre eles destacam-se: o resgate das brincadeiras antigas, aprender brincando, água, nossa pátria, higiene, alimentação, além de trabalhos realizados em datas comemorativas. Também é trabalhada a importância do respeito pelas pessoas, o diálogo, a espontaneidade e exploradas as potencialidades de cada criança, além de buscar desenvolver suas limitações. A filosofia da creche é: "É através da educação que o ser humano potencializa o seu desenvolvimento".

O Círculo de Pais e Funcionários (CPF) da Creche Isabel Basso foi fundado no dia 28 de junho de 2007, ficando assim constituído: Presidente, Leonel da Silva Vieira; Vice-Presidente, Gilvania Biasotto; 1ª Secretária, Adriane Bech Simon; 2ª Secretária, Danubia Borges; 1ª Tesoureira, Vilma Maria Biasi; 2º Tesoureiro, Jéferson Flor Trierweiler; e Diretora da Creche, Anelise Rodrigues. A troca da diretoria do CPM acontece a cada dois anos.

A Diretoria do CPF da Creche no período de 2013/2014 foi a seguinte: Presidente, Roberto Carlos de Carvalho; Vice-Presidente, Deivi Mazoel Santos; 1ª Secretária, Anelise Rodrigues; 2ª Secretária, Fernanda Sitta Favretto; 1ª Tesoureira, Julia Brambatti; 2ª Tesoureira, Adriane Dalmina; e Membro Nato, a Diretora, Volida Lurdes Scariot.

Creche Municipal Casa da Criança Isabel Basso. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• Creche Municipal Mãe Augusta Zanatta

A Creche Municipal Mãe Augusta Zanatta foi fundada em 4 de agosto de 1990, porém as atividades iniciaram somente em maio de 1991, com o objetivo de abrigar os filhos dos trabalhadores das indústrias. Na inauguração, esteve presente o Padre Narciso Zanatta. Está localizada na Rua Alberto Pasqualini, s/n, no Bairro São Paulo, próximo ao Posto de Saúde daquele bairro.

Atualmente, atende setenta e sete crianças de dois anos completos a cinco anos incompletos, em turno integral, residentes no Bairro São Paulo. O objetivo é o atendimento integral, proporcionando o desenvolvimento físico, afetivo, social, intelectual, psicomotor e sexual, complementando a ação da

família e da comunidade.

O atual quadro profissional é composto pela Diretora Odete Maria da Silva Zanatta, secretária, cinco atendentes, nove monitoras, duas cozinheiras e duas auxiliares de servente de limpeza. Também possui uma equipe de apoio, sendo formada por: psicóloga e fonoaudióloga. Tem como infraestrutura uma secretaria, seis salas de aula, sala de TV, refeitório, banheiro para professores e funcionários, banheiros para o uso das crianças, parquinho e área coberta. Tem como horário de funcionamento das 7h às 18h30, atendendo- turmas de maternal até a pré-escola, conforme a faixa etária.

O primeiro CPM da creche assumiu no dia 20 de maio de 1999, com os seguintes membros: Presidente, Ana E. dos Santos; Vice-Presidente, Ivo José Schmit; 1ª Secretária, Maria Elisabete Langaro; 2ª Secretária, Silvana Borille; 1ª Tesoureira, Silvia Scuro; 2ª Tesoureira, Sandra Favretto; e Coordenadora Nato, Eunice Capellaro.

A atual diretoria do CPM que assumiu no dia 9 de maio de 2014, sendo a seguinte: Presidente, Claudiane Pegoraro Decésare; Vice-Presidente, Daniela Alérico; 1º Secretário, Elton Luiz Guisolfi Corrêa; 2º Secretário, Erivaldo Bortolotto; 1ª Tesoureira, Rosalba Gonçalvez; 2º Tesoureiro, Vitor Luiz Madalozzo; e Membro Nato, a Diretora, Odete Maria Silva Zanatta.

Creche Municipal Mãe Augusta Zanatta. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• Creche Municipal Helena Andreazza Sitta

A Creche Municipal Helena Andreazza Sitta, situada no Bairro São Cristóvão, foi criada pelo Decreto Municipal nº 3.437/09, em 9 de novembro de 2009, em homenagem à senhora Helena Andreazza Sitta, que foi uma batalhadora na construção do progresso e do desenvolvimento do Município, representando as mulheres tapejarenses.

As atividades tiveram início em 3 em fevereiro de 2011, sendo a primeira diretora da instituição Sirlei Márcia Baggio Giaretta. Atende crianças dos bairros São Cristóvão, Sol Poente, Nazaré e Centro, com capacidade para cento e vinte crianças, de dois a cinco anos. Tem como filosofia a busca por uma formação das crianças baseada na responsabilidade, no respeito pelas pessoas, diálogo, espontaneidade,

autonomia, preservação do meio ambiente, criatividade e na afetividade, voltada para uma educação que privilegie a paz, a vida em sociedade, a democracia, os direitos e os deveres.

Para a formação dessa criança cidadã, busca-se atuar com atitudes e posturas de educadores, prezando a responsabilidade, afetividade, comprometimento, criatividade e dinamismo, respeitando o ritmo de cada criança, superando as dificuldades e explorando habilidades e competências.

Em relação à infraestrutura, tem oito salas de aula, sendo seis com sala de dormir conjugadas, sala de leitura, sala de informática, lactário, banheiros, cozinha, lavanderia, área de serviço, área coberta com refeitório, área aberta (pátio), parquinho infantil, secretaria, sala de diretoria, sala de professores, sala para atendimentos, almoxarifado e dois depósitos.

A creche inicia suas atividades às 6h30 e encerra às 18h30, de segunda a sexta-feira. São trinta pessoas que trabalham, sendo: diretora, professoras, monitoras, vigilante, psicóloga, fonoaudióloga e operárias da limpeza e cozinha.

O primeiro CPM da escola assumiu no dia 2 de abril de 2011, ficando composto com os seguintes membros: Presidente, Éder dos Santos; Vice-Presidente, Acidil dos Santos Neto; 1ª Secretária, Rosalete Dallagnol; 2ª Secretária, Andréia Marcon; 1ª Tesoureira, Ivone Salete Brunetto; e 2º Tesoureiro, Ricardo Miola.

A Diretoria atual do CPM assumiu no dia 25 de março de 2015, ficando assim constituída: Presidente, Fabiano Antônio Santos; Vice-Presidente, Silvana Brollo; 1ª Secretária, Lucimar de Lurdes Calegari Bonora; 2ª Secretária, Vanderléia Favretto dos Santos; 1ª Tesoureira, Kaliene Rostirolla Fochi; 2ª Tesoureira, Libiane de Oliveira; e Membro Nato, a Diretora, Sirlei Marcia Baggio Giaretta.

Creche Municipal Helena Andreazza Sitta. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• Nova creche

Em 2014, iniciaram-se as obras de uma nova creche, localizada na Rua Rui Barbosa, no Bairro São Paulo, próximo à Escola Municipal São Paulo. Esse novo local atenderá cento e vinte crianças, em turno integral. Os recursos para a construção são provenientes do Fundo Nacional de Desenvolvimento

da Educação (FNDE), no valor de R$ 1,5 milhão. A Prefeitura adquiriu o terreno e também realizou os serviços de infraestrutura. As unidades construídas, no âmbito do Pró-Infância, são dotadas de ambientes essenciais à aprendizagem das crianças, como: salas de aula, sala de informática, biblioteca, sanitários, fraldário, área para recreio coberto, parquinho, refeitório, entre outros ambientes, que permitem a realização de atividades pedagógicas, recreativas, esportivas e de alimentação, além das administrativas e de serviço.

As atividades de inauguração e início das aulas estão previstas para 2016. O nome escolhido foi Gema Canali Sebben.

Local onde será construída a nova creche. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: PARTICULARES

• Escola de Educação Infantil Criança Feliz

A Escola de Educação Infantil Criança Feliz foi fundada em 1º de abril de 2004. Está localizada na Rua Ângelo Dalzotto, 480, Centro. Tem como proprietárias: Carina Biazotto e Vanise Brusso. Atende pela parte da manhã e à tarde, as turmas de maternal à pré-escola. O horário de funcionamento é das 7h15 às 18h30.

Os objetivos da escola são: desenvolver a autonomia, criatividade, responsabilidade, criticidade, espírito de cooperação, solidariedade, integrando a escola, a família e a comunidade.

As professoras/monitoras da escola são: Vanise Brusso, Ana Karen Bressan, Ingred Julia dos Santos, Taina Piffer de Oliveira, Renata Sanboray, Sabrina dos Santos e as funcionárias são Nathália dos Santos, Liziane Martini de Oliveira, Carina Biasotto e Gabriela dos Santos. Conta com psicólogo e fonoaudiólogo, uma vez por semana.

Em relação à infraestrutura, a escola conta com: três salas de aula, sala de vídeo, cozinha, pátio interno, pátio externo, sala de dormir, sala de brincar e arte e cozinha.

• Escola de Educação Infantil Anjo da Guarda

A Escola de Educação Infantil Anjo da Guarda foi fundada no dia 8 de maio de 2007. Está localizada na Rua Coronel Lolico, 767, Centro. Atende crianças de zero a seis anos de idade e turma extracurricular, divididas em: berçário, maternal I, maternal II, jardim, pré-escola de 4 e 5 anos, além da turma extracurricular – alunos maiores de 6 anos até os 9 anos, sendo que devem estar matriculados no ensino fundamental. Os horários de atendimento são das 7h às 18h30, para o turno integral e das 7h às 12h ou das 13h às 18h30, para meio turno. É servido o café da manhã, almoço, lanche e a janta.

A escola tem como filosofia respeitar os conhecimentos trazidos pelo educando e, partindo deles, desenvolver a autonomia, a criatividade, a responsabilidade, a ação cooperativa, integrando escola, família e comunidade. Busca valorizar e trabalhar a capacidade afetiva e humana dos educandos, que envolve respeitar, compreender, conviver e produzir com os outros. O objetivo principal é relacionar todas as áreas do conhecimento, visando a formar cidadãos conscientes e bem estruturados para a sociedade, integrando as concepções e ações de cuidar e educar.

A equipe da escola é composta por nove professoras, sendo uma diretora. Também conta com o atendimento de nutricionista, psicóloga, professora de dança, inglês e psicomotricidade.

Possui uma sala de berçário, separados em dois ambientes, sala do soninho e sala de estímulos. Também possui nessa sala um trocador de fraldas, com torneira de água quente. A escola possui ainda cinco salas de aula, que são adequadas conforme a faixa etária, banheiros adaptados para o tamanho das crianças, sala de vídeo, sala de psicomotricidade, cozinha, refeitório, sala para direção e coordenação, sala de recursos e sala de informática.

A escola acredita que, através do brincar, a criança descobre-se no espaço, passando a ter consciência de seus gestos corporais. Ela constrói também um mundo ilusório, com situações imaginárias, elaborando regras embutidas em atos sociais.

• Escola de Educação Infantil Aprender Brincando

A Escola de Educação Infantil Aprender Brincando foi fundada em maio de 2011, tendo como fundadora a professora Nubia Ioli Pereira dos Santos. Está situada na Rua Júlio de Castilhos, 1.729, Centro, atendendo crianças a partir de quatro meses de idade até cinco anos e onze meses.

A escola propõe-se a um trabalho baseado nas diferenças, individualidades e na consideração das possibilidades das crianças na faixa etária atendida, um ensino que sigue a linha "diálogo, ação, compreensão e participação", baseadas em relações diretas da experiência da criança.

Em síntese, a atuação da escola consiste na preparação da criança para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo-lhes instrumentos por meio de aquisição de conhecimento e socialização, para uma participação organizada e ativa na sociedade, orientando e proporcionando o desenvolvimento integral da criança no seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, levando em consideração as diferenças e vista como sujeito em desenvolvimento.

ESCOLAS MUNICIPAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL

- **EMEF Benvenuta Sebben Fontana**

Escola Benvenuta Sebben Fontana. Foto: Arquivo da Escola.

No ano de 1953, foi assinado o Decreto nº 3.871, de 13/03/1953, através do qual foi criada a Escola Rural de Vila Campos. Em 1981, foi alterada a denominação, passando a ser Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Vitor Meireles. Em 1996, foi ampliado o prédio e criada a Escola polo, havendo a transferência de manutenção, conforme parecer nº 1.111/96, de 10/10/1996, passando a ser Escola Municipal de 1º Grau Vitor Meireles, quando começou a atender alunos de pré-escola e da 1ª a 8ª séries, oriundos de Vila Campos e de 10 comunidades vizinhas: Linha Três, Linha Marchiori, Linha Quatro, Coroado Baixo, Coroado Alto, Linha Calegari, São Brás, Linha Scariot, Linha Girardi e Linha Dalzotto.

No ano de 2001, a pedido da Vereadora Amélia Gajardo Sossella, que representava a comunidade de Vila Campos, foi alterada a denominação desse educandário para Escola Municipal de Ensino Fundamental Benvenuta Sebben Fontana, através da Lei nº 2.367, de 29/06/2001. Benvenuta era uma pessoa solidária, disponível em ajudar quem precisasse. Sua casa estava sempre aberta para os necessitados. Também ajudava os padres e missionários que chegavam na comunidade de Vila Campos.

A filosofia da Escola é: "A educação, como um processo permanente e integral, fundamenta-se no compromisso de oferecer ao educando oportunidades de desenvolver a autonomia, a criatividade, a criticidade, numa busca constante de uma melhor qualidade de vida e permanência no campo. Dentro dessa proposta, destaca-se a importância de o educando construir e aperfeiçoar seus conhecimentos de forma coletiva, a partir dos saberes intrínsecos e específicos do meio rural, vivenciando o respeito, a cooperação, a afetividade e a responsabilidade como valores essenciais para si e para o grupo a que pertence."

O objetivo, tendo como base a filosofia da escola, esta, além de difusora do conhecimento, tem papel de parceria para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, que pretende levar seus inte-

grantes a serem seres humanos felizes, os quais terão clareza de seu papel na comunidade, trabalhando em conjunto para se tornarem, verdadeiramente, sujeitos de sua realidade.

Atualmente, na escola trabalham vinte professores, todos com graduação e pós-graduação, e dois professores com mestrado, uma coordenadora pedagógica, uma diretora, uma psicóloga, quatro funcionárias, sendo uma secretária, uma merendeira e duas auxiliares de serviços gerais. A escola conta também com atendimento de fonoaudiólogo, e os alunos que necessitam da sala de recursos utilizam a estrutura na Escola Giocondo Canali, além de atendimento odontológico, com agendamento, no Posto de Saúde do Centro.

Atende, atualmente, cento e trinta e três educandos da Educação Infantil ao 9º ano. Quanto à infraestrutura, conta com cinco salas de aula, biblioteca, sala dos professores, cozinha, secretaria, banheiros femininos e masculinos, sala da psicóloga, sala da direção e coordenação, e com área coberta que serve como refeitório.

A Diretoria do atual CPM é composta por: Presidente, Sadir Guindani; Vice-Presidente, Alexandre Viapiana; 1ª Secretário, Lorizete Ivone Mazzutti; 2ª Secretária, Maritania Girardi Bressan; 1ª Tesoureira, Cristine Biasi Torres; e 2º Tesoureiro, Evaldo Gaiardo. Conselho Fiscal: Titulares, Ivanir José Damiani, Nilso Bacega e Evandro Leonir Perera; Suplentes: Rejane Consoladora Bogoni de Lima, Claudete Canali e Oberdan Scariot; Membro Nato, Tarciana Calegari.

• EMEF Giocondo Canali

A Escola Municipal Giocondo Canali teve seu início em 1º de março de 1964. Recebeu esse nome em homenagem ao Sr. Giocondo Canali, uma pessoa que contribuiu na construção da escola, sendo ele sempre muito solidário com a comunidade. Giocondo Canali sempre morou na Linha Calegari e era proprietário de uma serraria; também era sócio do antigo frigorífico, localizado no Bairro São Paulo. Tendo vários empregados e estes vários filhos para estudar, Giocondo resolveu doar madeira para que fosse construída a primeira escola no Bairro São Paulo, próximo ao frigorífico em terreno doado por Gregório Marchiori; a escola possuía duas salas de aula.

O primeiro prédio foi construído em 1964, quando foi fundada a escola. As aulas iniciaram em 3 de março de 1964, com cinquenta e seis alunos matriculados da 1ª a 5ª séries. As primeiras professoras foram: Inês Doring Muxfeldt e Sely Antonia Dall'Olivo. Os alunos atendidos vinham do próprio bairro, da Linha Marchiori, da Linha Calegari, da Linha Quatro e outros. Nesse mesmo ano, foi constituído o Círculo de Pais e Mestres (CPM) da escola, sendo o primeiro presidente Ernesto Canali.

Em meados de 1975 e 1976, a construção foi demolida, dando lugar a um novo prédio, em alvenaria, possuindo também duas salas de aula e energia elétrica. Nos anos seguintes, sofreu ampliação, sendo que ficou com seis salas e atendendo alunos da pré-escola à 5ª série. Em 1995, foi denominada Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Giocondo Canali.

Em 1996, foi criada a 6ª série. Nos anos seguintes, começaram a ser atendidos alunos da 7ª série. Em 1998, passou a ser Escola Municipal de Ensino Fundamental Giocondo Canali. A primeira turma de alunos a completar a 8ª série foi em 2000, mas a 7ª e 8ª séries foram autorizadas a funcionar somente em 25 de setembro de 2002.

No ano de 2000, com a construção do novo prédio, houve a mudança de domicílio da Rua Giocondo Canali, 40, para a Av. 7 de Setembro, 2.225, no mesmo bairro. Este com 12 salas de aula e com outras dependências. Hoje, a escola conta com aproximadamente 485 alunos, nos turnos da manhã e da tarde,

que vão da pré-escola até o 9º ano, atendendo alunos na faixa etária de 5 a 16 anos. A atual diretora é a professora Lurdes Elena Ribeiro.

A escola conta com quarenta e sete professores, oito funcionários e uma psicóloga. A grande maioria dos alunos reside no Bairro São Paulo, Bairro 13 de Maio e no centro da cidade; atende também alguns alunos oriundos da zona rural. No que se refere à manifestação religiosa, pode-se perceber que boa parte dos alunos é da religião católica, mas há presença significativa de evangélicos e de outas religiões.

Na escola, está inclusa a sala de recursos multifuncional, que atende alunos com deficiência mental (DM), transtorno global do desenvolvimento (TGD) e alunos com altas habilidades/superdotados (AH/SD), que, por apresentarem necessidades especiais, recebem atendimento especializado em turno inverso.

A escola destaca-se pela participação em festivais de teatro e dança, recebendo sempre boas premiações. O esporte também é muito bem representado, participando todos os anos dos Jogos Estudantis do Rio Grande do Sul (JERGS) e de campeonatos regionais. O objetivo dos educadores é proporcionar condições para que a comunidade escolar realize um trabalho com espírito de cooperação e participação, visando a desenvolver no aluno o senso crítico e o desenvolvimento integral de suas potencialidades, bem como ser capaz de exercer sua cidadania de forma consciente, participativa e transformadora.

A atual Diretoria do CPM é composta por: Presidente, Roberto Miguel Peruzzo; Vice-Presidente, Giovana Marsiglio; 1ª Secretária, Gabriela Bee Manente; 2ª Secretária, Rubia Lish; 1ª Tesoureira, Lidiane Dallagasperina Dalagnol; e 2ª Tesoureira, Micheli Cristina Algeri. Conselho Fiscal: Titulares, Daniela de Oliveira, Vera Lucia Simionatto Nepomuceno e Taciane Capra Felini; Suplentes: Maria Elizabete Malagutti, Sandra Favretto e Simone Marcon. A Diretora Lurdes Elena Ribeiro faz parte do CPM como Membro Nato.

Escola Giocondo Canali. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

- **EMEF Catarina de Bastiani**

Escola Catarina. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

A Escola Municipal Catarina de Bastiani foi fundada em 4 de março de 1977, chamando-se, na época, Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Ana Nery; está localizada na Linha Rebelato, Charrua, distrito pertencente ao Município de Tapejara.

Por não conter o número necessário de matrículas para seu funcionamento, em 13 de março de 1985, a escola foi declarada inativa. Os alunos que lá estudavam foram remanejados para as escolas mais próximas de suas residências. Após passar cinco anos inativa, em 15 de fevereiro de 1990 ocorreu a alteração de localização da escola: da Linha Rebelato passou a funcionar na localidade denominada Vila Treze de Maio, onde foi reativada.

No dia 8 de setembro de 1992, a Lei Municipal nº 1.706 alterou o nome da escola, passando de Ana Nery para Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Catarina De Bastiani. Em 31 de julho de 1998, sua denominação foi alterada para Escola Municipal de Ensino Fundamental Catarina De Bastiani. Está situada na Avenida Princesa Isabel, no Bairro Treze de Maio. Os alunos da escola moram no Bairro Treze de Maio, no Loteamento Real I e Real II.

O corpo docente da escola é constituído por treze professores, dos quais sete são efetivos e cinco contratados, temporariamente, na área específica. A escola ainda conta com funcionários nas áreas da psicologia, psicopedagogia, fonoaudiologia, técnico de informática, agente administrativo, serviços gerais, jovem trabalhador e vigilante, sendo que o total é de dez funcionários.

A escola tem como filosofia respeitar os conhecimentos trazidos pelo educando e a partir deles desenvolver a autonomia, a criatividade, a responsabilidade, a ação cooperativa de forma crítica e consciente, integrando escola, família e comunidade. Permitir a todos os educandos, sem descriminação, igualdade de acesso ao conhecimento, tornando-os seres ativos para uma vida social transformadora. Valorizar e trabalhar a capacidade afetiva e humana dos educandos, que envolve respeitar, compreender, conviver e produzir com os outros, sendo capaz de colocar-se no lugar do outro e refletir sobre seus próprios

pensamentos e ações. Ao lado da escola, também foi construída uma quadra coberta para realização da prática esportiva e recreativa das crianças.

O objetivo geral é proporcionar aos educandos condições estimulantes e desafiadoras para o seu pleno desenvolvimento, levando-os a construir seus conhecimentos, nas diferentes áreas, aproximando esses conhecimentos da sua vivência e tornando-os capazes de pensar e agir em prol de seu meio, promovendo a inclusão como uma ação política, social e pedagógica. Conforme a atual Diretora, Professora Marizete Fátima Simonetto, algumas mudanças foram observadas nas crianças após seus pais iniciarem o trabalho nas indústrias e fábricas da cidade, o que acabou motivando as crianças, as quais buscam a aprendizagem com mais ânimo e atenção, com resultados surpreendentes.

- **EMEF Ângelo Posser**

A partir de 1977, foi assinado o decreto da criação da Escola Visconde de Cairu. Em 1982, houve a reorganização, passando a ser Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Visconde de Cairu. Em 1987, através do Decreto nº 1.665, publicado em 20 de maio de 1987, alterou a denominação para Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Ângelo Posser. Em 1995, o então Prefeito Gilberto Borgo, criou a Escola Polo, atendendo sete comunidades vizinhas de 1ª a 5ª séries. Em 1996, foi autorizado o funcionamento da 6ª série do Ensino Fundamental e em 1997 passaram a funcionar a 7ª e a 8ª séries do Ensino Fundamental.

A partir do ano de 1997, a escola passou a atender todo o ensino fundamental e, em 31 de julho de 1998, foi alterada a denominação para Escola Municipal de Ensino Fundamental Ângelo Posser, conforme Decreto nº 2.582.

Tem como filosofia: "Escola, Família e Comunidade unidas na formação de cidadãos críticos, conscientes, comprometidos, cooperativos, participativos e responsáveis em transformar sua realidade". O objetivo geral da escola é buscar a integração escola-comunidade, fazendo com que o aluno se torne um sujeito crítico, participativo, criativo, atuante e transformador.

A escola atende alunos de pré-escola e do 1º ao 9º anos do ensino fundamental. É uma escola nucleada, distante oito quilômetros da sede e atende alunos das seguintes comunidades: Paiol Novo, Cachoeira Alta, Cachoeira Média, Cachoeira Baixa, Linha Nova, Santo Antônio do Carreteiro, Santa Rita, Caravaggio e São Domingos. Os alunos dessas comunidades utilizam o transporte para chegar à escola, já que ela é de difícil acesso.

Atualmente, a escola conta com dezesseis professores, três funcionários, cento e três alunos. O contingente de famílias pertencentes à comunidade escolar é de aproximadamente oitenta e três famílias, sendo que a maioria delas se dedica às atividades ligadas à agricultura, à avicultura, à produção de leite, à suinocultura, à piscicultura e à agricultura de subsistência familiar.

A escola dispõe de infraestrutura para o desenvolvimento das atividades, sendo que possui: biblioteca equipada com sete computadores ligados à internet; dois televisores, DVD, vídeo-cassete, dois notebooks, data-show, caixa amplificada e três rádios.

A escola conta, também, com cinco salas de aula; sala para professores; sala para atendimentos de psicóloga e psicopedagoga; sala para secretaria, em anexo à biblioteca; cozinha; refeitório. Também possui merendeira, auxiliar para limpeza e secretária.

A parte externa é cercada, possuindo um campo de futebol de areia e parquinho, além de bancos espalhados pelo pátio. O salão da comunidade é utilizado para as aulas de Educação Física.

Em ordem cronológica passaram pela escola os seguintes diretores: Silvia Cadore, Ivanir José Damia-

ni, Cleomar Zanchetta, Leonice Scariot Quissini, Marli Diva Zoculotto da Silva, Fabiana Rodigheri e Cândida Slongo Spagnol.

A primeira Diretoria do CPM foi composta pelas seguintes pessoas: Presidente, Itacir Mazzutti; Vice-Presidente, Leonel Kaeffer; 1ª Secretária, Silvia Cadore; 2º Secretário, Ivanir Mazzutti; 1º Tesoureiro, Vanderlei Cadore; 2º Tesoureiro, Valdecir Valentini; Diretora, Cleomar M. Zanchetta; Conselho Fiscal: Titulares, Irton Conte, Delvo Rigo, Josara Souto; suplentes, Eliseu Peter, Jair Krug, Wanderlei Giacomin e Celso Luiz Bianchi.

A atual Diretoria do CPM da escola está composta da seguinte forma: Presidente, Elder Migon; Vice-Presidente, Gilberto Damiani; 1ª Secretária, Cândida Slongo Spagnol; 2º Secretário, Vilson Damiani; 1º Tesoureiro, Jair Roberto Krug; e 2º Tesoureiro, Irton Conte. Conselho Fiscal: Titulares, Leonel Kaefer, Ramir Mazutti e Jair Migon; Suplentes, Valdecir Favaretto, Ivanir Mazzutti e Edson Suzin.

EMEF Ângelo Posser. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• EMEF Leonel de Moura Brizola

Com a construção do Complexo Esportivo Albino Sossella, verificou-se que havia um espaço favorável na parte inferior do prédio para ser utilizado; foi assim que surgiu a ideia de organizar esse espaço para que fosse possível a instalação de uma escola. Essa surgiu da necessidade de atender alunos do Bairro São Cristóvão devido ao crescimento do local, com instalações de indústrias, comércio, empresas, supermercados e empresas de prestação de serviços.

Tem como filosofia: "A ação educativa desta escola visa a uma educação dialógica, reflexiva, integradora e mediadora, para que o educando seja um sujeito responsável, criativo, participativo, cooperativo e construtor de seu conhecimento, tornando-se assim sujeito de sua própria história".

Assim, no dia 20 de fevereiro de 2006, aconteceu a inauguração das instalações da escola, que passou a chamar-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Leonel de Moura Brizola, conforme Decreto de criação nº 3.039/04, de 13/12/2004, Portaria de funcionamento nº 3.151/06, em 01/6/2006, e parecer do Conselho Municipal de Educação nº 1 e nº 2/2006. No ano de 2007, foi fundado o CPM da escola, com

registro nº 260, do livro A3, folhas 94 a 96, no Cartório de Registro de Pessoas Jurídicas.

O objetivo geral da escola é, de acordo com a filosofia, proporcionar à comunidade escolar condições para que se desenvolva no educando suas potencialidades, tendo como princípio o resgate de valores, preparando-os para o exercício da cidadania e a convivência em sociedade.

Os alunos são oriundos, na maioria, do Bairro São Cristóvão, do Bairro Nazaré, Centro e alguns do interior do Município. Além das atividades curriculares, a escola desenvolve vários projetos, como informática, aulas de apoio pedagógico de matemática e para os alunos dos anos iniciais que apresentam dificuldades na aprendizagem. A escola tem o Grêmio Estudantil, representado por alunos dos anos finais.

Tem infraestrutura necessária para o desenvolvimento das atividades escolares, com seis salas de aula, refeitório, cozinha equipada, merendeira que atende a parte da alimentação, dois serventes para limpeza e um vigilante, sala de professores, sala de vídeo, sala de informática e uma biblioteca com livros de diversos gêneros à disposição dos professores, alunos, pais e funcionários.

Para desenvolver as atividades pedagógicas a escola conta com vinte e cinco professores, com formação necessária e específica em cada área e currículo, sendo que cinco possuem licenciatura plena, dezenove tem especialização e um mestrado; equipe de apoio composta de psicóloga, psicopedagoga e fonoaudióloga, para o melhor atendimento ao educando.

Lista de premiações e destaques da Escola: 1º lugar nos Jogos Municipais Estudantis – 2006; 1º lugar nos Jogos Municipais Estudantis, masculino – 2006; 3º lugar de Teatro Estudantil – 2006; 1º lugar nos Jogos da Olimpíada Estudantil de 2007; 3º lugar no Festival Regional de Teatro, Categoria Infantojuvenil – 2008; Mostra de Dança Festival Regional – 2009; Melhor Cenário no Festival Regional de Teatro Amador e Estudantil – 2010; vice-campeão do Campeonato Aberto de Inverno de Futsal – 2010; Campeão da Copinha Mirim de Futebol em 2010; Campeão do Guri Bom de Bola de 2011; 1º lugar no Festival de Teatro, categoria Mirim, melhor figurino, melhor atriz e ator, melhor direção – 2014. A escola sempre participou do Concurso de Oratória, promovido pela JCI, com parceria da Secretaria da Educação, sendo que em 2006, 2012, 2013 e 2014 ganhou a premiação de 1º lugar e em 2013 foi campeã regional, conquistando vaga à fase nacional do concurso.

O CPM foi fundado em 28 de março de 2007. Na oportunidade, o Presidente eleito foi Carlos Rodigheri; Vice-Presidente, Adir Pamocene; 1ª Secretária, Fabiana Rodigheri; 2ª Secretária, Geneci da Rosa Vidal; 1ª Tesoureira, Denise Maria Fontana de Oliveira; 2º Tesoureiro, Carlos Augusto Leão da Cunha Caldeira. Conselho Fiscal: Titulares, Delvina Bugone Emcke, Elena Cecchetti e Simone Pelissaro; Suplentes, Ivanete Dias da Conceição, Mara Regina Fagundes Magni e Maria Joselita Souto; Membro Nato, a Diretora, Rozeli Rech Spagnol.

A atual Diretoria do CPM é composta pela Presidente, Marcia Biazus Borchardt; Vice-Presidente, Hélio Miranda D`Avila; 1ª Secretária, Sivone Panisson Biasotto; 2ª Secretária, Silvana Gomes Vidal; 1ª Tesoureira, Cleci Cledi Peter e 2ª Tesoureira, Silvana Melara Perera. Conselho Fiscal: titulares, Ceni Armonge Rech, Evandir Brasil e Rozeli Rech Spagnol; suplentes, Milânia Panisson Sirtoli, Dilmara Terezinha Panisson Scariot e Felipe de Oliveira Neto; Membro Nato, a Diretora, Neli Bressan.

Escola Leonel de Moura Brizola.
Foto: Arquivo da Divulgação.

EMEIF São Paulo

Escola São Paulo. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental São Paulo, situada no Bairro São Paulo, foi uma conquista e um sonho realizado pela Administração Pública Municipal para atender a demanda da comunidade. A obra foi realizada no período de 2011 a 2012, sendo concluída em apenas dez meses. O prédio está estruturado em dois pisos, com 1.917,86m^2, tendo capacidade para atender até seiscentos alunos, em três turnos. A origem da designação São Paulo surgiu em homenagem ao próprio bairro e por estar localizada na área onde estava situado o Campo de Futebol do Esporte Clube São Paulo.

A escola São Paulo foi inaugurada em 30 de junho de 2012, iniciando suas atividades em setembro do mesmo ano, com uma turma de pré-escola. Atualmente, a escola atende duzentos e sessenta e oito alunos, com turmas desde o ensino infantil até o ensino fundamental – anos finais no turno da manhã e da tarde, contabilizando onze turmas. A atual e primeira diretora é a professora Venelci Lucia Santini. A escola também atende cursos profissionalizantes no turno da tarde e da noite.

A escola possui estrutura física e conta com adequada equipe de trabalho, sendo o quadro de trinta professores, sete funcionários, diretora e uma coordenadora pedagógica. A escola também oferece aos seus educandos atendimento pedagógico em turno inverso ao de aula regular, atendimento psicológico e fonoaudiólogo, psicopedagógico e atendimento pedagógico (reforço escolar).

A Associação de Pais e Mestres (APM) foi fundada em 23 de fevereiro de 2013, sendo a primeira Presidente, Marcia Cristiane de Oliveira do Estreito e Vice-Presidente, Nilso Gilvani Derengoski.

Atualmente, o Presidente é Nilso Gilvani Derengoski; o Vice-Presidente, Ivanice Pelissoni; 1ª Secretária, Liziane Gomes Teixeira; 2ª Secretária, Paula Bernardes Dias; 1ª Tesoureira, Claudia Dal'Igna; 2ª Tesoureira, Maria Elisabete Langaro. Conselho Fiscal: Titulares, Márcia Cristina Detofano, Cleide Rech e Kartine Pazinato Pilatti; Suplentes, Eloane Czyzewski, Márcia de Oliveira do Estreito e Emanuela Borile; Membro Nato, a Diretora, Venelci Lucia Santini.

No dia 10 de maio de 2014 foi inaugurada a quadra esportiva da Escola São Paulo. A obra teve um

investimento de R$ 248.309,49, através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), sendo uma emenda parlamentar do Deputado Federal Paulo Pimenta. A quadra serve para a prática de esportes, lazer e recreação dos alunos. Após o descerramento da placa, teve show beneficente com o grupo Swing Marotto, e o padre Itamar Lavarda realizou a bênção do local.

- **Nova escola em construção**

Nova escola sendo construída. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

Em 2014, iniciaram-se as obras de construção de uma nova Escola de Ensino Fundamental no Loteamento Real I e II, no Bairro Treze de Maio. Está sendo construída pela empresa L0oss Construções e Pré-Moldados Ltda., com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), no valor de R$ 1.015.247,12, além da contrapartida do Município com o terreno. A capacidade da nova escola será para trezentos alunos, da educação infantil e ensino fundamental, terá seis salas de aula, além de estrutura administrativa e pedagógica. A obra está sendo fiscalizada pelo Departamento de Engenharia da Prefeitura de Tapejara, e a previsão de término da obra é para final de 2015.

CURSOS PARA OS PROFESSORES

- **Curso de Aperfeiçoamento para Professores Municipais**

Em 23 de dezembro de 1956 realizou-se o primeiro Curso de Aperfeiçoamento para Professores Municipais pertencentes ao quadro de contratados do Município de Tapejara. O curso foi dirigido pela Professora Serenita Doring Muxfeldt, auxiliada pelas Professoras Irena Doring Muxfeldt, Cleide F. Sciessere, em exercício no Grupo Escolar de Tapejara, e de Irma Canali, orientadora das aulas municipais. O curso contou com as seguintes matérias: linguagem, matemática, estudos sociais e prática profissional. O horário de estudo foi das 8h às 12h.

Foram aplicadas provas com a presença das Professoras Serenita Doring Muxfeldt e Irma Canali. O referido curso aconteceu no prédio do Grupo Escolar de Tapejara e, de acordo com os resultados, seriam

colocados em primeira e segunda instância. A lista dos alunos que frequentaram o Curso de Aperfeiçoamento no período de 3 a 20 de dezembro de 1956 foram os seguintes: Ângelo Estevão Damiani, Otavio Chaparini, Ana Rosa Anholeto, Aurora T. B. da Silva, Ceci Mascarello, Elsa Behm Giaretta, Erminia Korvezzan, Iria Baroni, Juraci Sacherf, Jurema Sacherf, Maria de Lourdes Melara, Nilve Hoffmann, Terezinha Anholeto e Terezinha Ferro.

De 5 a 22 de novembro de 1957, foi realizado o Curso de Aperfeiçoamento para os Professores Municipais. O curso foi ministrado pelas Professoras Serenita Doring Muxfeldt, Lucinda Simões, Gládis Schell e Irena Doring Muxfeldt, todas elas em exercício no Grupo Escolar desta cidade. Participaram do curso dezesseis professores. No ano seguinte, 1958, o curso foi dirigido pela Professora Serenita Doring Muxfeldt e participaram trinta e seis professores.

Mais tarde, em 14 de julho de 1964, aconteceu o Curso de Aperfeiçoamento. As professoras que ministraram o curso foram as seguintes: Iris Maria Variza, na matéria de Português; Carmen Zanatta sobre Higiene e Urbanidade; Ignêz Doring Muxfeldt, sobre Geografia; Rita Sandini, sobre Matemática; Sely Antonia Dall'Olivo, falou sobre Didática; Maria de Lourdes Felini abordou o tema de Ciências; Noema Eva Lovatto, sobre Matemática e História do Brasil; Esmeralda Muxfeldt, sobre Música; Sady Stein, sobre Geografia do Brasil; o tema Religião foi abordado pelos padres Luiz Broetto e Darci Zanolla.

Após a conclusão das aulas, prestaram exames as seguintes professoras: Maria Melara, Olga Maria Rebeschini, Iracema Zotti, Tarcila Madalozzo, Remi Luiz Fontana, Celina M. Posser, Rosa Domingues, Maria Aurora Martins, Madalena Maculan, Leonora L. Bortolini, Terezinha N. Ramos, Natalina Ramos, Lidio Della Bêtta, Davida Rizatti, Neli Olga Engel, Antônio Basegio, Lauro R. Uhlein, Irene Dal'Agnol, Maria Dal'Pinzol, Maria A. Sansovo, Joana A. Rovani, Maria G. Prestes, Cipriana S. da Rosa, João F. Souza da Rosa, Maria F. da Silva, Irma Scharf, Maria C. dos Santos, Terezinha dos Santos, Maria C. dos Santos, Joana F. r. Mello, Maria de L. Lopes, Cecilia da Silva, Maria Bedendo, Ivone Terezinha Cé, Aurora F. B. da Silva, Ivo Perozzo, Elsa Belma Giaretta, Terezinha Dalzotto, Maria Juraci Scherf, Amália Sbardelotto, Rui Marcolin, Santina A. Bernardelli, Maria Gersi de Oliveira, Maria Helena Sousa, Vitorino Mezadri e Pedro Arnaldo Telles.

Em 1º de dezembro de 1965, ocorreu Curso de Aperfeiçoamento dos Professores Municipais. Ministraram o curso Gioconda Carniel Antonio (coordenadora), Sely Antonia Dall'Olivo e Inêz Doring. As supervisoras que colaboraram com o curso foram as Professoras Serenita Doring Muxfeldt, com Artes Industriais; Geraldina Spader, com Geografia; e Ires Variza, com História. Participaram treze professoras.

Em 9 de janeiro de 1967, aconteceu o Curso de Revisão e Orientação Didática. As Professoras que trabalharam no curso foram as seguintes: Suely Antonio Dall'Olivo, Gioconda Carniel Antonio, Ignêz Doring Muxfeldt, Esmeralda Bianchin, Terezinha Ferreira de Figueiredo, Maria Muxfeldt Basso e Iris Maria Variza. Participaram do curso quarenta e seis professores.

Em 6 de janeiro de 1969, foi realizado o curso com o fim de preparar os professores para prestarem exame. Na oportunidade, trabalharam os professores Alécio Adão Lovatto, com Português e Matemática; João Antônio Marcon, com Ciências; Aldino Guerino Langaro falou sobre História; e Natalina Variza sobre Geografia.

Em 12 de janeiro de 1970, foi realizado o Curso de Preparação para o Exame de Madureza Ginasial. Trabalharam no curso Ione Ana Col Debella, Matemática Moderna; Peter Mathias Antonius Maria Rietjens, Português; Maria Muxfeldt Basso e Eloá Muxfeldt, Ciências; Ignez Maria Canali, História. Participaram quarenta e um professores.

O último curso de Preparação para os Exames de Madureza Ginasial foi realizado em 12 de julho de

1971, sendo ministrado pelos professores: Ema Ana Pongeslsin, Português; Marlene Melatto, Professores Integrados do Projeto Rondon; Ione Ana Col Debella, Matemática, contratada pela Prefeitura Municipal. Participaram trinta e seis professores.

• Curso de Formação Continuada

A Secretaria Municipal de Educação do Município de Tapejara tem como prioridade a qualidade do trabalho desenvolvido nas escolas. Dessa forma, o investimento mais importante está no capital humano: o professor, que é o responsável pelo processo de mediar, orientar e incentivar o desenvolvimento do aluno com estratégias de atendimento diferenciado, a fim de alcançar os objetivos propostos. Pois, conforme Sousa (2008, p. 42): "Ser professor, hoje, significa não somente ensinar determinados conteúdos, mas sobretudo um ser educador comprometido com as transformações da sociedade, oportunizando aos alunos o exercício dos direitos básicos à cidadania".

Com a intenção de contribuir à melhoria da formação do profissional em educação, a Prefeitura Municipal de Tapejara, através da Secretaria Municipal de Educação vem proporcionar novos conhecimentos e atualização aos profissionais da educação, pois a formação continuada possibilita ao docente a aquisição de conhecimentos, torna os professores mais capacitados a atender as exigências impostas pela sociedade, exigências estas que se modificam com o passar dos tempos, tendo então o educador que estar constantemente atualizado, o que refletirá na aprendizagem dos alunos.

A ideia de formação permanente no pensamento de Freire (2011) é o resultado do conceito de que o ser humano tem ciência dessa sua situação de inacabamento. Dessa forma, é necessário educação e formação permanente durante toda a vida, pois ela é mais um suporte e proporciona aos professores oportunidades de inovar/adquirir conhecimentos para favorecer uma educação que atenda às exigências de uma sociedade que está em constantes mudanças.

Dessa forma, ainda que formação continuada deva atender às necessidades do professor no seu cotidiano, ela não pode ser entendida como um receituário, ou seja, um conjunto de modelos metodológicos e/ou lista de conteúdos que, se seguidos, serão a solução para os problemas. Os processos de formação continuada podem ser valiosíssimos, se conseguirem aproximar os pressupostos teóricos e a prática pedagógica. A formação continuada deve ser capaz de conscientizar o professor de que teoria e prática são "dois lados da mesma moeda", que a teoria o ajuda a compreender melhor a sua prática e a lhe dar sentido e, consequentemente, que a prática proporciona melhor entendimento da teoria ou, ainda, revela a necessidade de nela fundamentar-se (CHIMETÃO, 2009).

Conforme Alarcão (2001), urge que a escola mude, que rompa com velhos paradigmas, que se enquadre na atualidade. E, para que isso seja possível, é necessária uma mudança de pensamento sobre a escola, é necessário que acreditemos na possibilidade de encontrar caminhos melhores e mais adequados para os problemas vivenciados no momento. O envolvimento de todos aqueles que fazem parte da escola é imprescindível, pois a escola se faz da interação entre alunos, professores, equipe pedagógica, pais e colaboradores. Todos, sem exceção, precisam reavaliar seus conceitos, suas crenças e sua prática (incluindo seus sucessos e fracassos) para irem em busca de renovação.

Nos dias de hoje, a educação é vista como o caminho para o desenvolvimento do país, e a formação continuada dos professores é um dos fatores mais relevantes à qualidade tão desejada em termos educacionais. Diante das demandas e exigências que se apresentam relacionadas aos avanços sociais, tecnológicos e científicos, há a necessidade permanente de atualizar e habilitar os profissionais de ensino.

Enfim, a formação continuada será significativa e ajudará a provocar mudanças na postura do professor quando conseguir formar um professor: a) competente na sua profissão, a partir dos recursos de que ele dispõe; b) dotado de uma fundamentação teórica consistente; e c) consciente dos aspectos externos que influenciam a educação, visto que a educação não se resume à sala de aula ou à escola, mas está presente num contexto cujas características interferem no seu andamento.

Os objetivos da formação continuada são:

- Proporcionar ao professor a motivação necessária às mudanças significativas de sua ação pedagógica e, consequentemente, da escola.

- Institucionalizar o atendimento da demanda de formação continuada.

- Contribuir com a qualificação da ação docente no sentido de garantir uma aprendizagem efetiva e uma escola de qualidade para todos.

- Contribuir com o desenvolvimento da autonomia intelectual e profissional dos docentes.

- Desencadear uma dinâmica de interação entre os saberes pedagógicos produzidos pelos Centros, no desenvolvimento da formação e pelos professores dos sistemas de ensino, em sua prática docente.

- Subsidiar a reflexão permanente sobre a prática docente, com o exercício da crítica do sentido e da gênese da cultura, da educação e do conhecimento e subsidiar o aprofundamento da articulação dos componentes curriculares.

- Institucionalizar e fortalecer o trabalho coletivo como meio de reflexão teórica e construção da prática pedagógica.

- Promover formação a todos os profissionais da educação da rede municipal de Tapejara com encontros, oficinas e palestras.

Os assuntos abordados no decorrer dos anos estão relacionados com o interesse e a necessidade dos professores para seu trabalho diário, que são:

- Oficinas por área do conhecimento.

- Novas perspectivas na educação atual (novas demandas de articulação entre teoria e prática: interdisciplinaridade, avaliação, planejamento diversificado e perfil do professor).

- Alfabetização (ser educador hoje: desafios da alfabetização. Concepção da alfabetização, letramento e processo de ensino-aprendizagem).

- Redes sociais e mídias na educação (inserção das redes no cotidiano das escolas. Informação e conhecimento. Espaço de Inovações. Redes no âmbito familiar).

- Contribuição de todos os segmentos da Escola no processo de aprendizagem (políticas públicas. Acompanhamento de projetos, programas e iniciativas. Valorização do material humano e suas contribuições empíricas).

- Autoestima (autoestima e sua perspectiva histórica. A escola e o funcionário no processo de formação da autoestima. A importância da família na construção da autoestima. A autoestima nas escolas).

- Relacionamento pessoal e interpessoal (relacionamento no trabalho e fora dele. A concorrência, as comunicações virtuais e as mudanças comportamentais. Comunicação pessoal e intrapessoal).

- Violência infantil (limites, violência infantil, relação escola-família).

- Processo de construção da avaliação na educação infantil (como avaliar a construção do conhecimento na educação infantil).

As instituições que foram responsáveis pela formação foram: Educar, Ideau, UPF, FAT de Tapejara, entre outras.

ESCOLAS ESTADUAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

• Antecedentes: Grupo Escolar Fernando Borba

Foto da escola localizada perto do atual Boone's Bar. Na foto, Padre Paulo Chiaramonte e a Profa. Zulma Abott, na década de 1940. Foto: Arquivo de Angelo Rombaldi Manica.

Os antecedentes da criação do Grupo Escolar de Vila Teixeira contam que em meados do ano de 1937 surgiu um movimento liderado pelo então subintendente Franklin da Silva com um grupo de famílias no sentido da construção e do funcionamento de um grupo escolar, os quais já haviam conseguido os móveis usados da antiga escola paroquial e também duas professoras já contratadas para trabalhar: diretora Maria Isabel Crossetti e auxiliar Maria Suria Dipp.

Em 25 de junho de 1937, foi criado o Grupo Escolar de Vila Teixeira e no dia 17 de setembro, no salão da edificação onde deveria funcionar o Grupo Escolar, foi inaugurado. A edificação era o antigo prédio da família Valentini.

Entretanto, apenas no dia 19 de setembro de 1938, destinado ao funcionamento do Grupo Escolar da Vila Teixeira, foi instalado, pela Diretora contratada Maria Isabel Crossetti, estando presentes a Professora contratada Maria Suria Dipp e vinte alunos matriculados. O ano letivo foi encerra-

Antigo prédio da Escola Fernando Borba, localizado na Rua do Comércio, foi também sede da Prefeitura de Tapejara. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Inauguração do novo prédio, de alvenaria, do Grupo Escolar. Momento da bênção do Padre Guerino, no centro, junto com Catarina Borba e Berta Menegaz. Foto: José Parizotto.

do em 15 de dezembro de 1938, com vinte e oito alunos. No dia 2 de setembro de 1941, foi inaugurado o novo prédio do Grupo Escolar, onde hoje se situa a edificação da Prefeitura Municipal.

Em 1963, estavam matriculados no estabelecimento cento e noventa e nove alunos e no ano de 1969, a escola já contava com quatrocentos e trinta alunos, sendo trinta do curso Supletivo. Nesse ano também foi elaborado o Estatuto do COM, o Regimento do Grupo Escolar e o Estatuto da Biblioteca. No dia 4 de março de 1968, foi realizada a inauguração do novo prédio, onde está localizado até hoje.

Os nomes que a escola teve desde a inauguração até os dias atuais foram: Grupo Escolar de Vila Teixeira (1937 a 1955); Grupo Escolar de Tapejara (1955 a 1964); Grupo Escolar Fernando Borba (1964 a 1984); Escola Estadual Fernando Borba, 1ª a 4ª séries (1983 a 1986); Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Fernando Borba (1986 a 2001); Escola Estadual de Ensino Fundamental Fernando Borba (2001, até a presente data).

Professores da Escola Fernando Borba na década de 1960. Em pé da direita para a esquerda: Desconhecida, Iolanda, Irene, Romilda, Catharina Borba, Nelson. Sentadas: Inês Rombaldi, Maria de Lurdes Felini, Selma Gandini, Ricene Tozon, Marlene e Teresinha Cauduro Pina. Foto: Arquivo de Catharina Borba.

A Escola Fernando Borba situa-se na Rua do Comércio, 1.589, Centro de Tapejara. O prédio escolar situa-se em um terreno de 3.000m^2, doado pela Prefeitura de Tapejara, representada na época pelo Prefeito em exercício Johnny Dorval Zoppas, para o Estado do Rio Grande do Sul, conforme Registro no Cartório em 10 de junho de 1981, sendo 793m^2 de área construída e 2.207m^2 de área para recreação. Construído em pavimento térreo, possui cinco salas de aula, refeitório, sala de direção, secretaria, cozinha, uma sala conjugada servindo de sala de professores e biblioteca, laboratório de informática, Atendimento de Educação Especial (AEE), sala de artes, quadra esportiva coberta e parquinho, com diversos brinquedos.

No pátio da escola, existe um campinho de grama e uma área verde, onde foram instaladas mesas e bancos. Toda a escola é cercada por muros, com campainha no portão e sistema de alarme nas dependências da escola. Os recursos financeiros são recebidos através da verba mensal do governo estadual,

um repasse federal anual do FNDE, contribuição espontânea dos pais, doações de empresas da comunidade, promoções do CPM, Conselho Escolar e Comissão de Eventos.

Atualmente, a escola atende duzentos e trinta cinco alunos de 1º a 5º anos do Ensino Fundamental de nove anos, nos turnos da manhã e da tarde. Possui vinte profissionais atuando na escola: doze professores com especialização, duas professoras com graduação e seis funcionárias, destas duas secretárias, dois agentes educacionais I – alimentação e dois agentes educacionais I – manutenção e infraestrutura. A escola conta com serviço de Orientação Educacional e Coordenação Pedagógica nos dois turnos e Sala de Recursos, com profissional habilitado para Atendimento Educacional Especializado (AEE), no turno da tarde.

A filosofia é: "A educação deve proporcionar a formação do aluno integralmente, procurando desenvolver suas capacidades individuais para o bem comum, com senso de liberdade, responsabilidade, fazendo-o tornar-se mais útil, cooperativo, consigo mesmo, com seu próximo e com o meio em que vive".

O objetivo geral da escola é proporcionar ao educando uma escola onde as ações de interação e cooperação oportunizem a construção do conhecimento através de um ambiente onde a criatividade e a consciência crítica, diante da realidade escolar e social, favoreçam o crescimento do educando e do educador, despertando-os à consciência dos valores humanitários e da diversidade do ambiente em que vivem para melhor atuar e transformar no sentido de aprimorar as relações e, assim, a qualidade de vida.

As diretoras dessa escola, a partir do ano de 1937, foram: Maria Isabel Crossetti, Olga Selligman Carpilovski, Zulma B.Abott, Serenita Doring Muxfeldt, Nazy Borges Kraid (interina), Catarina Borba, Therezinha Adelina Cauduro Pina, Maria de Lourdes Felini, Marilei C. S. Rovani, Geni Firentin, Marilena Dorini de Quadros, Zabelita Bevilácqua, Marlene de Amarante Dametto, Marilene Ghidini, Márcia Terezinha Anzilieiro, Maria de Fátima Rodrigues Daré, Nelci Corral Heredia e Maria Angélica Pozzer. A Diretora atual é a Professora Marlene do Amarante Dametto e a Vice, Adriane Bernardi.

Entrada do prédio da Escola Fernando Borba. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

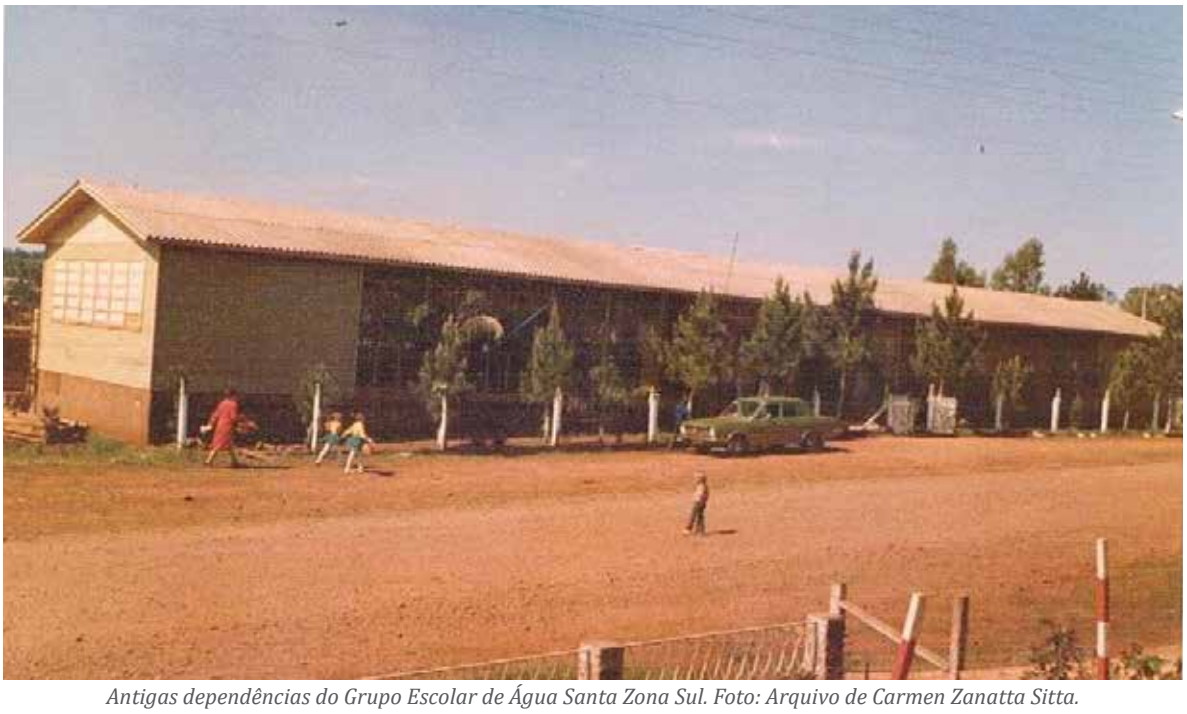
- **EEEM Valeriano Ughini**

A Escola Estadual de Ensino Médio Valeriano Ughini situa-se na Rua Luiz Costa, 259. Recebeu esse nome em homenagem a um dos primeiros comerciantes da cidade. Ao longo dos anos, a instituição

passou por várias modificações, tanto na estrutura física como nos aspectos metodológicos e de aprendizagem.

Em 1939, na Vila de Água Santa, Distrito de Passo Fundo, havia o Grupo Escolar de Água Santa. Essa comunidade era pequena e abrigava duas escolas, uma estadual e outra particular. Políticos da época resolveram transferir o Grupo Escolar para o Distrito de Tapejara, devido à falta de escolas nessa localidade e o fato de uma escola ser suficiente para a Vila Água Santa. Iniciou-se assim a construção do prédio para a nova escola, o qual abrigaria o Grupo Escolar de Água Santa Zona Sul, no mesmo endereço atual, Rua Luiz Costa.

A Escola foi criada no ano de 1939, através do Decreto nº 7.675. O término da construção do primeiro prédio, aqui em Tapejara, ocorreu em 30 de junho de 1961 e o seu funcionamento, efetivamente, aconteceu em 3 de julho de 1961, sob a direção da Professora Ermelinda Celaro.



Antigas dependências do Grupo Escolar de Água Santa Zona Sul. Foto: Arquivo de Carmen Zanatta Sitta.

Inicialmente, a Escola funcionou com poucos alunos e apenas de 1ª a 4ª séries. O prédio da escola passou por várias mudanças. O primeiro prédio era de madeira e tinha apenas quatro salas. Na primeira sala funcionava a secretaria, a sala dos professores e a biblioteca e nas outras salas funcionavam a 1ª, a 2ª e a 3ª séries, pela manhã, e a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries, pela parte da tarde.

O prédio foi ampliado de acordo com as necessidades. A obra de madeira foi substituída por um prédio de alvenaria; depois construíram o segundo bloco e, posteriormente, o terceiro bloco, os banheiros, a parte administrativa e, mais recentemente, o ginásio de esportes, o laboratório de informática e uma nova biblioteca.

Durante esse processo, a escola teve várias denominações: Grupo Escolar de Água Santa; Grupo Escolar Zona Sul; Escola Estadual Valeriano Ughini; Escola Estadual de Ensino Fundamental Valeriano Ughini e, atualmente, Escola Estadual de Ensino Médio Valeriano Ughini.

Tem por filosofia ser uma "escola democrática, dinâmica e autônoma, visando à construção do saber de forma criativa, crítica e inclusiva". Dessa forma, objetiva oportunizar condições para que a comunidade escolar desenvolva um trabalho com espírito de cooperação, participação e afetividade, visando

a formar um sujeito crítico, capaz de compreender o mundo e transformá-lo, através da construção do conhecimento, das habilidades e competências do aluno.

A equipe diretiva é composta pelos seguintes professores: Diretora, Elizete Guidini; Vice-Diretoras, Vera Lúcia Marcon (turno da manhã); Tania Olivia Aita Artusi (turno da tarde) e Marcia Marcon (turno da noite). Os coordenadores pedagógicos são: Paulo Rodrigues Junior (turno da manhã), Joana Scariot (turno da tarde) e Rogério Spader (turno da noite). A orientadora educacional é Carmem Estelita Dalmina.

Atualmente, a escola conta com o trabalho de seis funcionários e de trinta professores, todos com graduação nas disciplinas de atuação; a maioria dos professores possui título de especialista e um está cursando mestrado. A Escola atende um total de quatrocentos e quarenta e dois alunos.

Escola Valeriano Ughini. Foto: Arquivo da Divulgação.

• Sociedade Educacional Tapejarense

Com a emancipação do Município, nos primeiros anos a proposta das autoridades, lideranças e população foi estruturar de forma adequada as escolas municipais e interceder junto ao governo estadual a fim de que fizesse o mesmo com as de sua responsabilidade. No entanto, todas eram de ensino primário. Diante dessa realidade, os alunos que completavam seus estudos primários tinham dificuldade quanto à continuidade, pois, apesar de a grande maioria ser de classe média, ficava quase que impossível ir até Passo Fundo, Erechim, Getúlio Vargas ou a qualquer outro Município para estudar.

Em 15 de janeiro de 1960, representantes de todas as classes do Município, liderados pelo então Prefeito Municipal, Severino Dalzotto, e pelo Pároco, Padre Carino Corso, reuniram-se no salão de festa do Clube Comercial, situado na Rua XV de Novembro, a fim de discutir a possibilidade da constituição de uma sociedade civil para criação de uma escola de ensino médio.

Foi no dia 21 de abril de 1960 que aconteceu a assembleia geral para constituir, legalmente, a sociedade particular para a manutenção de uma escola de ensino médio em Tapejara. Foi apresentado o anteprojeto de estatuto e regulamento interno pelo Presidente da comissão provisória, Padre Carino Corso,

e pelo Secretário convidado, Alceu Basso. Os anteprojetos, colocados em votação, foram aprovados por unanimidade e, dessa forma, estava legalmente fundada a Sociedade Educacional Tapejarense, denominação adotada.

Na oportunidade, também foi eleita a Diretoria, constituída por: Presidente, Padre Carino Corso; Vice-Presidente, Celso Domingues; Primeiro Secretário, Alceu Basso; Segundo Secretário, Vergilino Eron Borges; e Tesoureiro, Rosalino Menegaz.

Entre os fundadores da Sociedade Educacional Tapejarense cabe citar os seguintes cidadãos presentes na Assembleia Geral: Vergilino Eron Borges, José Maria Vigo da Silveira, Ângelo Ughini, Pedro Col'Debella, Armando Sbegner, Abele Policarpo Artusi, Antônio Lovatto, Teodósio Lovatto, Pedro Poletto, Torino Costa, Vergínio Borela, Américo Calegari, João Antônio Bertoglio, Alfredo Bauermann, Francisco Zanatta, Luiz Francisco Petrini, Jovina Noeli dos Anjos Ferreira, Catharina Borba, Serenita Doring Muxfeldt, Gilberto Brum Ferreira, Padre Carino Corso, Celso Domingues, Rosalino Menegaz, Laurindo Cavichiolli, Waldemar Sager, Eugênio Zanatta, Ângelo Ivo Três, Ardolino Lângaro, Ataides Pinto Teixeira, Atalibio Pinto Teixeira, Celso Basso, Genésio Col'Debella, Amancilio Pelizzoni, Giacomo Marin, Orlando Zanini, Alfredo Campiol, Affonso Muxfeldt, Frederico Bauermann, Luiz Girardello, Genarino Girardi, Antônio Vieira Borba, Zeferino Scariot e Claudio C. Frobilich.

O próximo passo foi tomar as providencias para a legalização de um ginásio. Para isso, foi criada uma comissão representativa provisória, composta pelos seguintes cidadãos: Padre Carino Corso, Severino Dalzotto, Miguel Tabbal, Tranquilo Basso, Angelo Ughini, Afonso Muxfeldt, Dionisio Novelo, Vergilino Eron Borges, Celso Domingues, Alceu Basso, José Maria Vigo da Silveira, Rosalino Menegaz, Mario Dalpont, Cerenita D. Muxfeldt, Ricene de Toson, Pe. Moises Mocelini, Dino Rech, Davi Riva, João Lopes Veloso, Alcides Mario Tefili, Nilo Canal, Dario, Vitorio Dorini, Nicolau Zimmerman e Guilherme Lângaro.

Em 7 de fevereiro de 1960, criou-se uma Diretoria provisória para tratar das providencias iniciais para o licenciamento do ginásio, ficando assim composta: Presidente, Padre Carino Corso; 1º Vice-Presidente, Celso Domingues; 2º Vice-Presidente, Tranquilo Basso; e Secretário, Alceu Basso. Nessa mesma data, ficou decidido que o ginásio seria mantido por uma entidade particular e o ensino seria gratuito, dependendo de verbas e subvenções federais e estaduais.

Porém, não havia local para o ginásio funcionar; então o Pároco cedeu as dependências do Salão Paroquial para o funcionamento provisório da escola. A primeira etapa para obter a instalação de um curso secundário consistia em conseguir a autorização de funcionamento, que antecedeu o reconhecimento. A autoridade competente, a inspetoria seccional do Ministério da Educação (MEC), estava instalada em Santa Maria. Dessa forma, o Vereador José Maria Vigo da Silveira, o Padre Carino Corso e o Secretário Alceu Basso viajaram até a referida cidade. O meio de transporte utilizado foi o carro "Barata Mercuri", de propriedade do Vereador. Retornaram trazendo, além das orientações, a certeza de muitos obstáculos burocráticos.

Era necessário comprovar junto à autoridade competente que havia possibilidade de funcionamento da escola secundária. Foi necessário fotografar o local, os móveis (emprestados das escolas municipais), material didático, organizar o corpo docente aceitável e constituir uma sociedade particular para a manutenção do ginásio.

Surgiu, então, a Sociedade Educacional Tapejarense, até hoje organizada e dona do terreno e prédio onde funciona a Escola Estadual de Ensino Médio Senhor dos Caminhos, sem cobrança de qualquer ônus ao Estado.

A escolha da direção e do corpo docente foi difícil, pois não bastava a pessoa querer colaborar; era

necessário ter situação escolar compatível com magistério. Quem não apresentasse essa compatibilidade participava de cursos de suficiência em Santa Maria, que formavam professores, devendo fazer estágio de conteúdo e didática por trinta dias.

Na época, os professores e direção trabalhavam gratuitamente, única e exclusivamente por amor e dedicação à educação. Organizado o estatuto, escolhido o corpo docente, assinados os papéis, o Vereador José Maria Vigo da Silveira e o Secretário Alceu Basso viajaram, novamente, a Santa Maria a fim de encaminhar os documentos na Inspetoria Seccional do MEC.

Em 25 de março de 1961, o diretor do ensino secundário do MEC, Gildasio Amado, expediu a Portaria nº 244, criando oficialmente o primeiro educandário de nível secundário em Tapejara, o Ginásio Pio XII.

• Antecedentes: Do Ginásio Pio XII à EEEF Severino Dalzotto

Com o início das aulas no Ginásio Pio XII surgiram os problemas: falta de giz, pagamento de luz, compra dos diários de classe e do material de expediente. Para solucioná-los, os alunos, pais e professores organizaram reuniões dançantes e quermesses para arrecadar fundos, como ainda é realizado nos dias atuais, rifas, jantas, bingos, bailes e shows para se manter.

Prédio do antigo Salão Paroquial e sede do então Ginásio Pio XII.
Foto: Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Saúde em meados da década de 1960.

Para organizar essas atividades foi fundado o Círculo de Pais e Mestres (CPM), cuja primeira Diretoria ficou assim constituída: Presidente, João Roman Vieda; Secretário, David da Silveira; Tesoureiro, José Maria Vigo da Silveira. Conselho Fiscal: Diter Adolfo Bauermann, Catarina Dalacosta, Leorindo Cavichioli, Pedro Sitta e Alfredo Campiol.

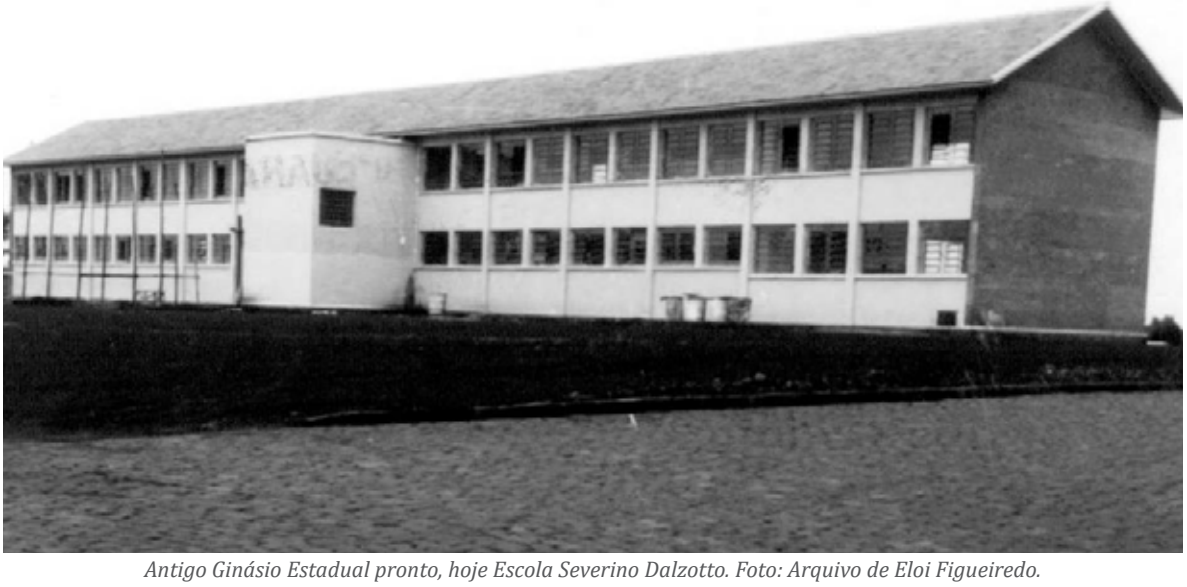
A Diretora era Serenita Doring Muxfeldt e os professores: Alceu Basso, de Português; Aldino Querino Langaro, de História; Augusto Paiva Neto, de Ciências Naturais; Catarina Dalacosta, de Francês; Diter Adolfo Bauermann, de Inglês; Genésio Col'Debella, de Educação Física e Geografia Geral; Jovina Noeli dos Anjos Ferreira, de História do Brasil; Maria D. Muxfeld, de Desenho; Padre Carino Corso, de Latim;

Rosalino Menegaz, de Matemática; e Sady Stein, de Geografia do Brasil. O Secretário era Celso Basso e o inspetor, João Lopes Veloso, o qual era funcionário federal civil, chefe dos Serviços de Proteção aos Índios, que aceitou responder pelo expediente da Inspetoria Federal do Ginásio Pio XII. O Ginásio funcionou na década de 1970.

Turma do Ginásio em 1964, em frente à Praça Central, após um desfile de Sete de Setembro. Da esquerda para a direita: Vicente Basso, Mario José Felini, Helena Girardelo, Valmor Baseggio, Elza Col'Debella, Oscar Zanini, Ivanira Baseggio, Paulo Adil Ferrenci, Avani Basso, Moarcir Bernarth, Domingos Dalagasperina, Valdereza Girardelo, Mario Domingos Spader, Leda Ghidini, Sérgio Zanini, Santina Zanini e Genésio Berton. Foto: Arquivo de Santina Zanini.

Formandos do Ginásio Estadual – 1ª turma, 1964. Formandos: Adir Maria Cauduro, Avani Basso, Celso Canali, Clair T. Crespan, Cleci Marcolin, Dionéia Petrini, Domingos Luis Dallagasperina, Eloá Muxfeldt, Elza Zimermann Doring, Elsa Col Debella, Eunice Rodrigues, Gelsi Reni Sager, Genesio Berton, Gilberto Zanatta, Helena Maria Girardello, Ilse Costa, Iraci Germiniani, Ivanira Baseggio, Leda Ghidini, João Carlos Conte, Mario Domingos Spader, Mario José Felini, Moacir Bernart, Natalina Variza, Nelsi Miorando, Osana Lidia Dametto, Oscar Zanini, Paulo Adil Ferenci, Pierina Morello, Santina Zanini, Segundino Tres, Sergio Cavichioli, Sergio Tadeu Zanatta, Valdereza M. Girardello, Valmor Baseggio, Valmor Sandini, Vicente Basso e Zelia Campiol. Foto: Arquivo de Gilberto Zanatta.

- **Ginásio Estadual de Tapejara**



Antigo Ginásio Estadual pronto, hoje Escola Severino Dalzotto. Foto: Arquivo de Eloi Figueiredo.

Pelo Decreto nº 15.076, de 22 de abril de 1963, o Governador Ildo Meneghetti criou o Ginásio Estadual de Tapejara, que continuou funcionando nas instalações cedidas pela Mitra Diocesana, com cento e trinta e cinco alunos.

Em maio desse mesmo ano, firmou-se convênio entre a Sociedade Educacional Tapejarense e a Secretaria de Educação, assinado pela então Secretária de Estado dos Negócios da Educação e Cultura, Zilah Matos Totta, segundo o qual o acervo do Ginásio Pio XII, inclusive professores e alunos, foram transferidos para o recém-criado Ginásio Estadual.

A transformação do antigo Ginásio Pio XII em Ginásio Estadual de Tapejara foi a concretização do velho sonho dos tapejarenses de ter na comunidade um curso secundário gratuito, oferecendo a todo estudante a oportunidade de prosseguir seus estudos. A estadualização foi fruto de trabalho árduo e da união de um grande número de cidadãos que não mediram esforços para que o sonho se realizasse.

A cada início de ano letivo o número de alunos aumentava, tornando inviável o local utilizado pelo Ginásio Estadual de Tapejara. A Diretora, Serenita Doring Muxfeldt, em 27 de abril de 1964, com duzentos alunos matriculados, solicitou a construção de novas instalações para suprir a demanda.

Ainda em 1964, o Município doou ao Estado, através da Secretaria de Educação, um terreno para construção do novo prédio e demais instalações do Ginásio. Tratou-se de quadra localizada no perímetro urbano medindo 12.000m2, situada ao nordeste com a Rua Dr. Vergueiro, sudeste com a Cel. Gervásio, sudoeste para a Rua Júlio de Castilhos, e nordeste, Dr. Arthur Ferreira Filho. Na época, o local era ocupado por muitas famílias que viviam em precárias condições de moradia, esgoto e água.

Em agosto de 1966, foi assinado o convênio entre o Município e o Estado para a construção das novas instalações do Ginásio Estadual. Para o quatriênio 1969-1972, foram eleitos como Prefeito Severino Dalzotto, acompanhado pelo Vice-Prefeito Sady Stein, que deram continuidade à implementação do Ginásio. Trataram de remover as famílias que ocupavam a área destinada ao Ginásio, e a Prefeitura

construiu novas casas para essas famílias, na Vila Princesa Isabel, atual Bairro Treze de Maio.

A partir de meados de 1968, foi dado início às obras do novo prédio de alvenaria de dois pisos do Ginásio Estadual, que foram concluídas por volta do ano de 1969. Com quadro de professores, alunos, direção, o Ginásio Estadual iniciou suas atividades em março de 1970. A primeira Diretora foi Serenita Doring Muxfeldt. Entre as professoras estavam: Elza Col'Debella, de Música; Geraldina Spader, de Geografia; Lúcia Dall'Olivo Ghidini e Rosalino Menegaz, de Matemática; Grazira Battochio, Suzete Antonieta Fáccio, Peter Mathias Antonius Maria Rietjens, de Português; Ione Ana Col'Debella, de Matemática; Maria Muxfeldt, de Artes; Eloá Muxfeldt e Augusto Paiva, de Ciências; Esmeralda Muxfeldt, Genésio Col' Debella e Euclides Bertoglio, de Educação Física; Alceu Basso, Celso Basso, Padre Carino Corso, Darci Bordignon, João Antonio Marcon, Mario Menegaz, Diter Adolfo Bauermann e Catarina Dalla Costa, de Francês; Sady Stein, Avelino Paiva Neto, Jovina Noeli dos Santos Fernandes e Aldino Guerino Lângaro, de História.

Em escritura pública lavrada no dia 24 de fevereiro de 1972, no Tabelionato da cidade de Tapejara, por Maria Ribas Ferreira e registrado no dia 18 de dezembro de 1972 no Cartório de Registro de Imóveis de Tapejara, pelo Prefeito Severino Dalzotto, a Prefeitura fez a doação de terrenos perfazendo um total de 10 mil m^2 ao governo do Estado do RS, onde hoje está instalada a Escola Severino Dalzotto, na Rua Coronel Gervasio, 697, esquina com a atual Rua Júlio de Castilhos.

No ano de 1986, a escola recebeu a autorização para o funcionamento das séries iniciais, de primeira a quarta séries, e passou a ser denominada de Escola Estadual de Primeiro Grau Severino Dalzotto, numa homenagem ao ex-Prefeito que muito se empenhou pelo desenvolvimento educacional do Município e que colocou em funcionamento a escola.

• EEEF Severino Dalzotto

Prédio da Escola Severino Dalzotto, atrás, e na frente, prédio da Escola Senhor dos Caminhos.
Foto: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Severino Dalzotto, localizada na Rua Coronel Gervásio, 697, com data de fundação de 25 de março de 1961, atualmente atende turmas do 1º ao 9º ano, além do

EJA (Educação de Jovens e Adultos), do ensino fundamental. Conta com quarenta e um professores e dez funcionários.

A filosofia da Escola é: "A escola visa à contribuição do aprender do educando em ser, juntamente com o professor, sujeito de todo processo educacional, de expressar e transformar a realidade em que vive individualmente e socialmente. A educação como processo de libertação, de despertar a consciência crítica, tendo o diálogo como condição básica para a aprendizagem."

O objetivo da Escola é buscar a integração da criança e inseri-la na realidade social, econômica e política atual, vivenciando e sistematizando de forma coerente, crítica e criativa o conhecimento, para que eles desenvolvam o raciocínio lógico e um bom relacionamento consigo mesmos, com os outros e com o mundo, exercendo sua cidadania de forma consciente, participativa e transformadora.

Premiações esportivas conquistadas pela Escola:

1999 – vice-campeã regional do projeto Guri Bom de Bola.

2000 – campeã regional do Guri Bom de Bola, disputado em Carazinho, e vice-campeã no RS.

2000 – 3º lugar nos Jogos Esperança, no Rio de Janeiro, entre 16 Estados.

2002 – campeã estadual do Guri Bom de Bola.

• Antecedentes: De Escola Técnica de Contabilidade à Escola Senhor dos Caminhos

Em 20 de agosto de 1964, foi eleita e empossada a nova Diretoria da Sociedade Educacional Tapejarense, assim composta: Presidente, Sady Stein; Vice-Presidente, João Roman Vieda; Primeiro Secretário, Vergilino Eron Borges; Segundo Secretário, Aldino Guerino Langaro; e Tesoureiro, Eugênio Zanatta.

No dia seguinte, 21 de agosto de 1964, foi realizada uma assembleia da Sociedade Educacional Tapejarense, em que o Presidente Sady Stein esclareceu que a ideia da sociedade era organizar um Curso de Contabilidade, para colocar em funcionamento nas mesmas instalações do Ginásio, em período noturno. Stein esclareceu que a organização do curso era necessária para a sociedade local, pois permitiria que os jovens formados no curso ginasial prosseguissem seus estudos.

Solenidade de apresentação do projeto da construção do prédio da Escola Técnica de Contabilidade na década de 1960. Da esquerda para a direita: Esmeralda Muxfeldt, Eugênio Zanatta, Darci Bordignon, Miguel Tabbal, Alceu Basso, Sady Stein e o Juíz de Direito Waldocy Silveira Viegas. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Na oportunidade, a assembleia escolheu como pessoa habilitada para assumir a condição de Diretor do Curso, Alceu Basso, pois, além de contador e advogado, já tinha alguns anos de Magistério. Foram-lhe outorgados todos os poderes necessários para requerer, junto à Secretaria de Educação e o Conselho Estadual de Educação, a autorização para o funcionamento de um Curso de Contabilidade. Em 12 de abril de 1969, foi inaugurada a Escola Técnica de Contabilidade.

Formatura da primeira turma de técnicos em Contabilidade. Foto: Arquivo de Gilberto Zanatta.

• Reforma do ensino em debate e ações

Por iniciativa da Direção da Escola Técnica de Contabilidade de Tapejara, reuniu-se, no Centro Comunitário Paroquial, a comunidade local, interessada na implantação da Reforma do Ensino de Segundo Grau. Depois de debatidos assuntos e analisadas as possibilidades, verificou-se viável a implantação dos Cursos de Auxiliar de Contabilidade, Técnico em Contabilidade e Magistério.

O Diretor Sady Stein comunicou que fizera junto ao Governo do Estado, numa audiência especial, reivindicações para que contemplasse a Sociedade com o auxílio de Cr$ 600.000,00 (seiscentos mil cruzeiros), de acordo com o projeto arquitetônico elaborado pelo arquiteto José Guilherme Picoli, de Porto Alegre. Declarou ainda que, na ocasião, o Governador do Estado assumiu o compromisso de liberar a verba.

Em 9 de maio de 1979, foi escolhido o novo Diretor da Escola Técnica de Contabilidade, visto que o atual, Sady Stein, tinha assumido funções no Governo do Estado, tendo mudado de residência para Porto Alegre. Diante de tal fato, o Presidente, em nome da Diretoria, sugeriu a indicação do Professor José Carlos Girardelo, aduzindo que ele já era assessor do antigo diretor. O nome foi aprovado pela assembleia por unanimidade.

Os professores que colaboraram com a escola no decorrer do tempo foram: Alceu Basso, Sady Stein, Aldino Guerino Langaro, Peter Mathias Antonius Maria Rietjens, Diter Adolfo Bauermann, Euclides Bertóglio, Genésio Col'Debella, Ione Ana Col'Debella, Dalva Bisognin, João Cadore, Maria Amélia Pietrobom, Sérgio Zanini, Glória Col'Debella, José Carlos Girardelo. O secretário era Celso Basso e o assistente de direção, José Carlos Girardelo.

• A desativação das primeiras séries

Em assembleia geral extraordinária, realizada em 8 de junho de 1979, foi apresentado aos sócios da Sociedade Educacional Tapejarense a necessidade da desativação das primeiras séries dos cursos mantidos pela escola, já a partir de 1980. Também foi mostrado aos sócios a situação atual da escola, que, em termos financeiros, já não suportava os encargos referentes à remuneração dos professores, previdência social e a manutenção administrativa, prejudicando, consequentemente, as atividades pedagógicas.

Por unanimidade, foi decidido pela desativação a partir de 1980, da primeira série e, como consequência, nos anos posteriores, a segunda e a terceira séries. A assembleia aprovou também, por unanimidade, uma moção no sentido de solicitar ao Governo do Estado que criasse uma Escola de 2º Grau, a qual iniciou suas atividades, concomitantemente com a desativação da primeira série da escola particular.

• Denominação da Escola de 2º Grau

Em 18 de junho de 1980, reuniu-se a Diretoria da Sociedade Educacional Tapejarense com a finalidade de deliberar sobre a nova denominação da Escola de 2º Grau. Por unanimidade, sugeriu-se o nome de Escola de 2º Grau Nove de Agosto. Foi lembrado esse nome por ser a data em que se comemora a emancipação político-administrativa de Tapejara.

O Dificuldades da Sociedade Educacional Tapejarense

A Sociedade Educacional Tapejarense enfrentava sérias dificuldades financeiras e por ato dos órgãos estaduais foi desativada. Com a crescente diminuição dos alunos, fruto da desativação no final do ano de 1980, o funcionário José Carlos Girardelo foi dispensado das funções de Diretor da Escola de 2º Grau.

• Rumo da Sociedade Educacional Tapejarense

Em 17 de agosto de 1981, ocorreu a assembleia geral extraordinária dos sócios da Sociedade Educacional Tapejarense com a finalidade de discutir a respeito da sociedade, uma vez que a Escola de 2º Grau, antes sob a tutela da Sociedade, já passara a pertencer ao Governo do Estado e seria mantida por ele.

Foram levantadas duas hipóteses: a primeira seria extinguir a sociedade, ficando o patrimônio para a Prefeitura Municipal, que assumiria o ativo e o passivo, e a segunda, manter a sociedade, mesmo não mantendo o curso regular, vendendo alguns de seus pertences para pagar seus débitos, na ordem de aproximadamente Cr$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros). Foi aprovado o pedido de autorização da venda total das instalações à Escola de 2º Grau.

• Doação do imóvel para o Estado do Rio Grande do Sul

Em assembleia geral extraordinária realizada no dia 7 de dezembro de 1992, os sócios da Sociedade Educacional Tapejarense, depois de muito debate, aprovaram, por unanimidade, a doação com encargo ao Estado do Rio Grande do Sul do imóvel pertencente à Sociedade, compreendendo terreno e benfeitoria, móveis e equipamentos em geral.

O encargo para o donatário ficou explícito como sendo a construção de um ginásio de esportes, dotado de instalações para a prática de Educação Física e quadra polivalente para esportes em geral, cuja

planta arquitetônica deverá, previamente, ser aprovada pela Sociedade. O referido encargo deverá ser cumprido no mandato do atual Governo do Estado.

• Doação de terreno ao Estado

Em 28 de dezembro de 1999, reuniu-se, em assembleia extraordinária, a Sociedade Educacional Tapejarense para decidir sobre a doação do terreno situado na Rua Júlio de Castilhos, esquina com a Rua Arthur Ferreira Filho, para que fossem construídas salas de aula e banheiros, com encargo ao Estado do Rio Grande do Sul.

Em votação, foi aprovada, por unanimidade, a doação com encargo ao Estado do Rio Grande do Sul do imóvel pertencente à Sociedade. O encargo para o donatário fica explícito como sendo construção das salas de aula e banheiros, cuja planta arquitetônica deveria ser previamente aprovada pela sociedade doadora. O referido encargo deveria ser cumprido, totalmente, no prazo de dois anos, pois o número de alunos excedente era maior do que o atual espaço físico comportava. Quaisquer despesas relacionadas com a transmissão de doação correrão por conta do Estado do Rio Grande do Sul.

• A doação de terreno da Sociedade para o Estado

Na assembleia geral ordinária de 12 de janeiro de 2014, o segundo item do edital da convocação tratou da doação de terreno situado na Rua Arthur Ferreira Filho, esquina com a Rua Tranquilo Basso, em Tapejara, com área superficial de 1.540m^2, contendo um prédio de alvenaria com um piso, coberto de telhas de amianto, com dimensões de área construída de quinze metros e quarenta centímetros por sessenta e dois metros e dez centímetros, dividido, internamente, em salas de aula, corredor de circulação e demais dependências de ensino, construído em 1976.

A referida doação foi feita, ao Estado do Rio Grande do Sul, para que este pudesse efetuar reformas no prédio onde funcionaria a Escola Estadual de Ensino Médio Senhor dos Caminhos, com encargo do Estado.

Após votação, foi aprovada, por unanimidade, a doação, com encargo ao Estado, do imóvel e benfeitorias pertencentes à Sociedade. Qualquer despesa relacionada com a transmissão da doação correria por conta do donatário. A doação foi publicada no Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul e, após, inscrita em Livro Próprio no Registro Civil de Pessoas Jurídicas.

• Extinção da Sociedade Educacional Tapejarense

A assembleia geral extraordinária da Sociedade Educacional Tapejarense realizada em 20 de maio de 2014 teve como finalidade a extinção da Sociedade. A assembleia, por unanimidade de votos, aprovou sua extinção, ficando sob a responsabilidade de o presidente da Diretoria providenciar os registros e cancelamentos pertinentes nos órgãos públicos, bem como providenciar o que necessário for. A Sociedade Educacional Tapejarense não possui patrimônio a ser transferido em vida.

• Escola Estadual de Segundo Grau Senhor dos Caminhos

A Portaria Governamental nº 11.541, de 29 de fevereiro de 1980, extinguiu a Escola Particular Nove de Agosto, cuja mantenedora era a Sociedade Educacional Tapejarense.

O Parecer 227/80 foi emitido pelo Conselho Estadual de Educação, favorável à autorização de funcionamento de Escola de Segundo Grau em Tapejara com as habilitações de Auxiliar de Adubação e de Escritório, devendo ser tomadas as providências quanto a equipamentos e material de laboratório de ciências físicas e biológicas e o acervo bibliográfico.

A Portaria 19.878, de 17 de abril de 1980, autorizou o funcionamento da Escola de 2º Grau em Tapejara. O Secretário de Estado de Educação, Plácido Steffen, substituto, no exercício de titular da pasta, face ao Parecer nº 227/80, do Conselho Estadual de Educação, autorizou o funcionamento da Escola Estadual de Segundo Grau no Município de Tapejara, com as habilitações de Auxiliar de Escritório e Auxiliar de Adubação, criada pelo Decreto Estadual nº 29.438, de 27 de dezembro de 1979, sob a jurisdição da 7ª Delegacia de Educação, sediada em Passo Fundo, e, nos termos do Parecer nº 148/80 da Unidade de Regimentos Escolares da Supervisão Técnica dessa Secretaria, aprova o Regimento da referida escola.

A Escola Estadual de Segundo Grau Senhor dos Caminhos foi fundada em 17 de abril de 1980. A criação da Escola de Segundo Grau aconteceu através do Decreto nº 29.438, de 27 de dezembro de 1979, onde, de acordo com o diploma legal, se criou a Escola Estadual de Segundo Grau em Tapejara. O decreto de criação foi sancionado pelo então Governador do Estado do Rio Grande do Sul, José Augusto Amaral de Souza, e o então Secretário da Educação, Ricardo Leônidas Ribas.

A Portaria nº 40.522, de 23 de setembro de 1983, reconhece a Escola de 2º Grau de Tapejara. O Secretário de Estado de Educação e Cultura, João Pradel de Azevedo face à Resolução nº139/79 e Parecer nº 478/83, do Conselho Estadual de Educação, reconhece até 31 de dezembro de 1988 a Escola Estadual de 2º Grau em Tapejara, com as habilitações de Auxiliar de Escritório e de Auxiliar de Adubação, sob a jurisdição da 7ª Delegacia de Educação, sediada em Passo Fundo.

A Portaria nº 25.526, de 14 de outubro de 1986, altera a denominação da Escola Estadual de 2º Grau em Tapejara para Escola Estadual de 2º Grau Senhor dos Caminhos. O Secretário de Estado da Educação e Cultura, Plácido Steffen, no uso da delegação de competência conferida pelo Decreto Estadual nº 29.008/79, denomina como Escola Estadual de 2º Grau Senhor dos Caminhos, em Tapejara, a Escola Estadual de 2º Grau, criada pelo Decreto Estadual nº 29.438, de 27 de dezembro de 1979, e autorizada a funcionar pela Portaria/SE nº 19.878, de 17 de abril de 1980, sob a jurisdição da 7ª Delegacia de Educação, sediada em Passo Fundo.

A filosofia da escola tem por base uma educação democrática e humanística, partindo da realidade onde está inserida, numa proposta pedagógica que favoreça a construção de aprendizagens significativas, para que o educando adquira espírito crítico e participativo, o que o torna um cidadão consciente, capaz de intervir na sociedade no mundo do trabalho.

Os objetivos da escola são: desenvolver o senso crítico no educando, possibilitando-lhe a análise da realidade e tornando-o capaz de agir e interagir no meio em que vive, como cidadão responsável, para uma sociedade mais justa, humana e democrática; proporcionar a formação para a vida e para a convivência, no exercício cotidiano dos Direitos Humanos como forma de vida e organização social, política, econômica e cultural; proporcionar aos alunos que apresentam deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e/ou altas habilidades/superdotação, apoio especializado no processo de construção do conhecimento.

A escola conta com quarenta e nove professores, todos graduados. Desses, quarenta possuem pós-graduação e um, mestrado, além de nove funcionários.

Em relação à infraestrutura, a escola possui: nove salas de aula, uma biblioteca, uma sala de vídeo e refeitório no mesmo ambiente, um laboratório de informática, um laboratório de ciências, uma cozinha,

uma sala de professores, uma secretaria, uma sala de coordenação e direção, quatro banheiros femininos e quatro banheiros masculinos.

Escola Senhor dos Caminhos. Foto: Arquivo da Divulgação.

- **Premiações esportivas**

Equipe de volta ao Estado com o título nacional. Foto: Arquivo da Escola Estadual de Ensino Médio Senhor dos Caminhos.

No decorrer dos anos, os alunos da Escola Senhor dos Caminhos participaram de diversos campeonatos esportivos, conquistando várias premiações, entre elas, em 2011, a conquista do 1º lugar estadual nos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul (JERGS) na modalidade Futsal, categoria Juvenil Mascu-

lino. A equipe era composta pelos alunos Alexsandro Giaretta, Ângelo Calegari Canali, Diego Augusto Gasparin, Dinarte Giaretta, Fabricio Poggio da Rosa, Lucas Bombarda Canali, Luiz Alberto Reis Neto, Marcos Eduardo dos Santos, Pedro Afonso Bortolini, Rubens Calegari Bonora e a Professora Marta Luiza Mioto. Com esse título, a Escola Senhor dos Caminhos disputou com a equipe campeã da competição de escolas particulares o direito de representar o Estado do Rio Grande do Sul nos Jogos Nacionais da Juventude, que aconteceram naquele mesmo ano em Curitiba. Depois de quase uma semana de jogos, a equipe de futsal masculino da Escola Senhor dos Caminhos trouxe para o Rio Grande do Sul o título de Campeão Nacional das Olimpíadas Escolares da Juventude.

Em 2013, foi a vez da Equipe de Futsal Feminino da Escola Senhor dos Caminhos que, depois de conquistar o título de Campeã do CERGS (Campeonato Estadual do Rio Grande do Sul) foi incumbida de representar o Estado do Rio Grande do Sul em Belém do Pará, nos Jogos Escolares da Juventude. A equipe composta pelas alunas Karen Bender, Ana Cecilia Francio, Liliane Guisso, Kelen Bender, Ana Julia Danelli, Erica Bugone, Bruna Calderan, Nicoli Porto, Laura Pelizzoni, Bruna Werner e pela Professora Marta Luiza Mioto, encerrou a competição em 4º lugar nacional.

Volta a Tapejara com o quarto lugar. Foto: Arquivo da Escola Estadual de Ensino Médio Senhor dos Caminhos.

• Colégio de Irmãs de Notre Dame Medianeira

Prédio do então Colégio Medianeira em 1953. Foto: Arquivo Público do RS – Ricardo Giusti.

Alunos do Colégio Medianeira. Foto: Arquivo de Elizete Zanatta Sager.

Em 1930, em Vila Teixeira, assumiu a Paróquia Nossa Senhora da Saúde o Padre Calógero Tortoricci, que havia concluído doutorado na Itália e trouxe, como cooperador, o sobrinho recém-ordenado, Padre Paulo Chiaramonte.

Os Padres Calógero e Paulo, em suas atividades religiosas na Igreja Matriz e nas diversas capelas que pertencem a Vila Teixeira, perceberam que a comunidade católica paroquial possuía a expectativa e o sonho de implementar e colocar em funcionamento um colégio dirigido e sob orientação de irmãs. Esse sonho começou a se tornar realidade na medida em que os religiosos, com a participação de lideranças da comunidade, começaram a realizar reuniões na Casa Paroquial para dar os devidos encaminhamentos a fim de verem suas expectativas atendidas e o sonho transformado em realidade. Após diversas reuniões, o Padre Chiaramonte foi escolhido e incumbido de iniciar as tratativas junto às direções das congregações religiosas.

Alunos do Colégio Medianeira. Foto: Arquivo de Mario José Felini.

Irmãs do Colégio Medianeira. A terceira da esquerda para a direita, é a Irmã Ivone. Foto: Arquivo de Elizete Zanatta Sager.

As primeiras congregações visitadas foram das Irmãs Josefinas e Franciscanas, em Sananduva, mas ambas recusaram, alegando falta de Irmãs, o que impedia a abertura de um novo colégio. Então, a tentativa voltou-se às Irmãs da Congregação Notre Dame, de Passo Fundo, que manifestaram interesse na abertura de uma escola em Vila Teixeira.

Em 1937, com auxílio e contribuição das famílias e da paróquia, em poucos meses, ficou pronto o prédio de madeira que iria acolher a comunidade das Irmãs e funcionar como colégio, tendo, logo em seguida, sido mobiliado e providenciado o necessário para o funcionamento da escola e a moradia das Irmãs. Então, em 10 de fevereiro de 1938, o Padre Paulo deslocou-se até Passo Fundo para buscar as Irmãs pioneiras Maria Alfredis, Imaculada Norbetile e Heloísa Galgoni, que, depois de oito horas de viagem, chegaram em Vila Teixeira.

Dia de Festa da Primavera no Colégio Medianeira. Foto: Arquivo de Elizete Zanatta Sager.

As aulas iniciaram no dia primeiro de março de 1938, com cento e vinte alunos e já em abril contava com cento e sessenta alunos, ficando determinado como data da fundação o dia 10 de fevereiro de 1938.

Em 26 de junho de 1940, foi inaugurado, com grande festa popular, animada com atividades culturais, o Pavilhão de Esportes do Colégio, que servia para os alunos fazerem educação física nos dias de chuva e local para desenvolverem atividades culturais, entre as quais teatro.

Turma de alguns alunos do Colégio Medianeira com a Irmã Ivone. Alunos: Jonny, Itamar, Sirlei, Maria Olinda, Rejane, Odil Léo, Neri, Cesar, Luci, Fátima, Maria Angelica, Eliana, Claudia, Marilei, Marlene, Vilma e Gladis. Foto: Arquivo de Elizete Zanatta Sager.

Turma de alunos do Colégio Medianeira com a professora Marilene de Quadros – classes antigas. Foto: Arquivo de Elizete Zanatta Sager.

Alunos na escadaria do Colégio Medianeira. Foto: Arquivo de Elizete Zanatta Sager.

Turma do Coral Medianeira. Foto: Arquivo de Elizete Zanatta Sager.

Na segunda metade de 2004 e início de 2005, as Irmãs de Notre Dame Medianeira começaram a deixar a Escola. Os primeiros passos que apontaram para a saída foram dados quando o Pároco, Padre Darci Treviso, foi até a Capela do Colégio acompanhado das Irmãs que ali estavam para a retirada do Santíssimo, já que no dia seguinte deixariam Tapejara. Entretanto, a escola continuaria funcionando, mas com nova parceria, com outra escola particular de Passo Fundo.

No dia 2 de janeiro de 2005, na Missa das 9 horas, na Matriz, esteve presente a Irmã Provincial, Araci, da Congregação de Notre Dame e explicou as razões que levaram a entidade a efetuar a retirada das Irmãs, que por sessenta e cinco anos atuaram no Colégio Notre Dame Medianeira, que, basicamente, eram de natureza administrativa, inviabilizando há anos a sustentabilidade do colégio, e de natureza humana, com a diminuição do número de religiosas, optando as atuais por outras frentes missionárias. As Irmãs prestaram o serviço durante 65 anos no campo da educação e também na saúde junto ao Hospital Santo Antônio e na Paróquia Nossa Senhora da Saúde, através da atuação pastoral, especificamente na Liturgia e na Catequese.

• Instituto Anglicano Barão do Rio Branco

Instituto Anglicano Barão do Rio Branco. Foto: Moisés Lopes.

O sucessor do Colégio Medianeira é o Instituto Anglicano Barão do Rio Branco, localizado na Rua Júlio de Castilhos, 1.124. Começou a funcionar no prédio e instalações da antiga Escola Medianeira a partir de meados de 2006. O educandário oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Pós-Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ainda implantou o curso de Técnico em Segurança no Trabalho, em nível pós-médio, ou seja, destinado para quem está no terceiro ano do Ensino Médio ou já concluiu. Tanto o curso pós-médio como o EJA são noturnos. Em agosto de 2014 iniciou a primeira turma do Curso Técnico de Enfermagem e, em março de 2015, a segunda turma, com duração de dois anos, no turno da noite.

A estrutura é composta com pátio interno e externo, para recreação; parque infantil; brinquedoteca; banheiros adaptados de acordo com a idade da criança; biblioteca infantil; biblioteca central; sala de vídeo; laboratório de informática; laboratório de ciências; e ginásio de esportes.

A filosofia do Barão do Rio Branco leva em conta a formação do ser humano de forma integral, incentivando todas as capacidades do aluno. A escola oferece áreas exclusivas para cada nível; aulas de inglês e informática a partir da educação infantil; aulas de espanhol a partir da 4ª série; professores especializados; orientação educacional; orientação cristã; e acompanhamento e atendimento por fonoaudiólogo e psicólogo, quando necessário.

A escola tem 5.000m2 de área total. No primeiro piso: recepção e secretaria; três salas de aulas para atender a educação infantil, banheiros dentro da sala, biblioteca infantil, espaço kids, sala da coordenação, sala dos professores, cozinha e sala de materiais. No segundo piso: oito salas de aula, todas com quadro-branco e três com lousas digitais; Laboratório de Ciências; Laboratório de Informática; Biblioteca; área coberta, banheiros, pátio ao ar livre com quadras esportivas, parque infantil e acesso interno ao ginásio de esportes da escola. O terceiro piso conta com: três salas de aula, todas com quadro-branco; sala de artes, sala de balê, sala de teatro, capela, banheiros, cozinha e almoxarifado.

A equipe é formada por uma professora, coordenadora da educação básica, professoras, orientadoras nos turnos manhã e tarde, e quarenta professores que atendem as quatro modalidades de ensino.

Todos os professores têm graduação específica nas disciplinas em que atuam, sendo 80% pós-graduados e alguns Mestres em Educação. Além dos professores, dezesseis funcionários integram o quadro da

escola para melhor servir seus alunos e a comunidade.

- **Grêmio Estudantil Tapejarense do Ginásio Pio XII**

Da esquerda para a direita: Vice-Presidente Rodolfo Canali, Santina Zanini, Avani Basso e Presidente Pedro de Quadros. Foto: Arquivo de Pedro de Quadros.

Um grupo de estudantes do Ginásio Pio XII decidiu criar, com o apoio da direção do estabelecimento de ensino, a entidade Grêmio Estudantil Tapejarense, inaugurado em 2 de março de 1961 e colocado em funcionamento no então Ginásio Pio XII.

Sua primeira diretoria ficou assim constituída: Presidente, Pedro de Quadros; Vice-Presidente, Rodolfo Canali; Secretário-Geral, Valdir Dal Bosco; 1º Secretário, Nazareno Caselani; 2º Secretário, Wilson Cavichioli; 1º Tesoureiro, Adelino Canali; 2º Tesoureiro, Joir F. Silveira.

Grupo de teatro na década de 1960. Da esquerda para a direita, em pé: Pedro Hugo Sitta, Jovir da Silveira, Mario José Felini, Domingos Luiz Dallagasperina, Pedro de Quadros, Rodolfo Canali, Dorali Brambatti, Genésio Berton e Albino Scariot. Agachadas: Elza Col'Debella, Valdereza Girardelo, Ana Maria Casa, Avani Basso, Santina Zanini, Adir Cauduro, Ana Diva Berton, Conceição Rodrigues, Helena Maria Girardelo. Foto: Arquivo de Pedro de Quadros.

• Grêmio Estudantil Nossa Senhora da Saúde da Escola Técnica de Contabilidade

Em 12 de abril de 1969, foi inaugurada entidade representativa dos alunos da Escola Técnica de Contabilidade. Os estudantes do curso de Contabilidade passaram a ter como entidade representativa o Grêmio Estudantil Nossa Senhora da Saúde, tendo como seu primeiro Presidente, Domingos Luiz Dallagasperina, que permaneceu no mandato durante três anos.

• UMET

A fundação da União Municipal dos Estudantes de Tapejara (UMET) aconteceu no início da década de 1960. Com o passar do tempo, o Grêmio Estudantil Tapejarense do Ginásio Pio XII e o Grêmio Estudantil Nossa Senhora da Saúde da Escola Técnica de Contabilidade passaram a compor a UMET.

Domingos contou que, como Presidente da UMET, na época viviam os primeiros anos do regime militar no País. Aconteciam movimentos estudantis por todo o País, liderados pela União Nacional dos Estudantes (UNE). "Um fato que me marcou foi quando convidei um palestrante da UNE, de Porto Alegre, para fazer uma palestra em Tapejara sobre o movimento estudantil em todo o Brasil. O palestrante era o estudante José Luiz Fiori. Todos os estudantes estavam presentes no Clube Comercial, bem como o Presidente da Sociedade Educacional Tapejarense, Celso Domingues; a diretora do Ginásio, Serenita Doring Muxfeldt; o diretor da Escola Técnica de Contabilidade, Alceu Basso; o Prefeito, Severino Dalzotto; o padre, Luiz Broeto, além de diversos professores.

Iniciada a palestra, sentiu-se que os assuntos eram voltados contra o governo militar, e, de repente, começaram movimentos de entrada e saída do Prefeito, dos diretores e também do padre. Durante a palestra, fui convidado pelo Prefeito a comparecer na secretaria do clube para uma conversa. Para minha surpresa, o palestrante estava sendo vigiado por um agente do Serviço Nacional de Informações (SNI), sob suspeita de estar tramando contra a ditadura militar. Graças ao Prefeito, ao padre e aos demais diretores e professores, fui inocentado de qualquer envolvimento subversivo por ter convidado o palestrante sem saber qual era sua intenção. Soube mais tarde que o José Luiz fora preso e banido do País, somente retornando após a anistia. Hoje, ele é um cientista político e mora no Rio de Janeiro".

Na segunda metade da década de 1960, cabe destacar a atuação do dirigente estudantil Bomfilho Seben, que militou na União Municipal de Estudantes Tapejarenses (UMET). Ele iniciou sua militância no movimento estudantil em 1967, no auge da ditadura militar. Em 1968, assumiu a presidência da UMET e nesse mesmo ano foi preso ao liderar um movimento estudantil na cidade de Tapejara, juntamente com o Presidente da União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas (UGES), Luiz André Fávero, então assessor do Presidente da França, François Miterrand, na década de 1990, quando Bomfilho exercia o mandato de Prefeito de Tapejara.

As políticas e ações desenvolvidas pelas sucessivas gestões eleitas pelos estudantes tapejarenses, durante a década de 1970, tiveram como prioridades as áreas da reestruturação interna nos departamentos esportivos e sociais, além da aproximação e da representação da entidade em diversos eventos da cidade, da região e em variadas cidades do Estado.

Assembleia geral da UMET em 20/08/1975. Gestão UMET 74/75. Da esquerda para a direita, em pé: Roberto Ghidini, Ivone Felini, Odalgir Carlos Scuro, Marli Dalagasperina, Sady Stein (diretor da então Escola Técnica de Contabilidade), Itamar Antonio Spanhol, Benhur Ruas, Marilene Ghidini, Moacir Gardelin, Ildo Aldino Lamb, Paulo Gardelin; sentados: João Carlos Tres, Eliana Langaro, Clari Girotto (rainha), Maria Olinda Stein, Aldino Guerino Langaro (Prefeito), Celso Zanini e Rogério Baseggio. Foto: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

Naquela época, poucas entidades assumiram publicamente uma posição forte contra o regime autoritário imposto no país. O que havia eram lideranças em centros urbanos que se rebelavam, mas o seu protesto era reprimido e as lideranças perseguidas, presas e torturadas, quando não assassinadas em nome da Segurança Nacional.

Enquanto isso, em Tapejara, a retomada do movimento estudantil foi em 1973, por iniciativa de Celso Zanini e Ildo Aldino Lamb, filhos de famílias tradicionais estabelecidas na cidade com as atividades de serviços, respectivamente, de mecânica e bar. Além disso, seus familiares eram muito próximos e identificados com os últimos vinte anos da Administração Pública tapejarense.

Celso e Ildo convidaram Maria Olinda Stein, João Carlos Três, Moacir Gardelin e Itamar Antonio Spanhol para compor uma nominata estruturada em uma diretoria. Em seguida, apresentada para os estudantes do Ginásio Estadual e da Escola Técnica de Contabilidade para votar ou apresentar outra chapa.

A chapa era constituída por: Celso Zanini (Presidente), Moacir Gardelin (Vice-Presidente), Ildo Aldino Lamb (Tesoureiro), João Carlos Três (Secretário), Maria Olinda Stein (Social) e Itamar Antonio Spanhol (Esportes).

A maioria da comunidade estudantil aprovou a nominata. A primeira medida tomada pela direção eleita foi reestruturar e colocar em funcionamento os departamentos. Foram convidados para integrar a diretoria, no departamento social, Adalgir Carlos Scuro e Eliana Langaro e, no departamento esportivo, Marilene Ghidini e Rogério Baseggio.

A UMET foi convidada pela UGES, em janeiro de 1973, a participar do Projeto de Ação Comunitária que consistia numa ação de pesquisa junto à periferia de cidades de grande e médio porte e visava ao levantamento dos problemas socioeconômicos enfrentados pela população que ali morava. A delegação de Tapejara, que participou do projeto, foi constituída por Rogério Baseggio, Gilmar Barizon, Régis Dalzotto, Paulo Gardelin, Roberto Ghidini, Carlos Barbosa e Itamar Antonio Spanhol.

A maioria dos representantes da UMET integraram um grupo coordenado por um membro da UGES, o Davi de Oliveira, e realizaram o trabalho na periferia da cidade de Bagé. Enquanto o Itamar Antonio Spanhol coordenou, com a supervisão de um representante da UGES, a Alice Dornelles, um grupo de trabalho na periferia da cidade de Lajeado. As demais ações foram voltadas à confecção da carteira estudantil, que possibilitava 50% de desconto para eventos sociais.

Foram compradas camisetas para os times das modalidades de voleibol, handebol e futebol de salão. Também foi confeccionada, na Malharia Princesa, de Lidia Simoni, uma jaqueta de lã de cor preta com listras amarelas e, nas costas, ao alto, estampada em letras grandes "UMET" e, mais abaixo, a inscrição "Tapejara". Nessa gestão, foi retomada a escolha da Rainha dos Estudantes e a realização do Baile de Coroação no Clube Comercial. A escolha da Rainha feita pelos estudantes recaiu sobre Clari Girotto, que foi coroada em baile nas dependências sociais do Clube Comercial de Tapejara, animado pelo conjunto Itamone Show, de Caxias do Sul.

O departamento esportivo, tendo como responsáveis Itamar Antonio Spanhol e Marilene Ghidini, deram início à organização e movimentação do esporte nas modalidades de voleibol, handebol e futebol de salão. As primeiras providências foram conseguir, junto à direção, a liberação de recursos financeiros para aquisição de camisetas para os atletas das modalidades esportivas escolhidas.

Ao mesmo tempo em que estavam em andamento as tratativas para conseguir o material esportivo, promoveram torneios esportivos entre as séries do Ginásio e o Contador, com a finalidade de descobrir atletas para integrar o elenco da representação esportiva tapejarense. Conseguido o material esportivo, foram realizadas as primeiras excursões às cidades vizinhas de Sananduva e Sertão, para participar de olimpíadas estudantis. A participação esportiva inicial rendeu uns poucos troféus e umas medalhas.

Nessa época, circulava uma ideia do então Presidente Celso Zanini: a construção de uma sede própria da entidade. Parte desse sonho foi conseguido em 20 de agosto de 1975, no final de seu mandato. Nessa noite, aconteceu no Centro Comunitário Paroquial uma Assembleia dos Estudantes Tapejarenses. Na oportunidade, o Prefeito, Aldino Guerino Langaro, entregou a escritura do terreno doado pelo Município, através da Lei Municipal nº 661, de 19 de junho de 1975. Mais tarde, no terreno foi construído o atual Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira.

Entre as medidas tomadas e ações desenvolvidas pela Diretoria eleita e os membros da gestão 1975 e 1976 foi a continuidade da gestão anterior. A Diretoria era assim composta: Moacir Gardelin (Presidente), Roberto Ghidini (Vice), Ildo Aldino Lamb (1º Tesoureiro), João Carlos Três (2º Tesoureiro), Magali Cauduro (1ª Secretária), Eliane Ghidini (2ª Secretária), Eliana Poletto (Social), Carlos Adalgir Scuro (Social), Itamar Antonio Spanhol (Coordenador do Departamento de Esportes), Paulo Gardelin (adjunto nos esportes), Rogério Baseggio (adjunto nos esportes), Marilene Ghidini e Ivone Felini (adjuntas nos esportes).

Nessa época, ingressaram na UMET os Grêmios Estudantis do Colégio Medianeira e do Colégio Santa Inês, do então Distrito de Água Santa. Aumentou a participação em olimpíadas estudantis nas cidades da região e em encontros estaduais de lideranças em parceria com a Paróquia Nossa Senhora da Saúde na formação e viabilização de um grupo teatral, bem como na organização e realização de campeonatos de futebol de salão, além da realização de torneios de voleibol, futebol de salão e handebol entre séries dos estabelecimentos de ensino.

Entre as inúmeras conquistas das modalidades esportivas no período de 1975 a 1976, cabe destacar a conquista do quinteto de futebol de salão da UMET do memorável Troféu Alusivo ao XX Aniversário do Município de Tapejara, realizado no dia 6 de agosto de 1975, na recém-inaugurada quadra de espor-

tes do Centro Comunitário de Tapejara. A equipe vitoriosa teve nos seus quadros: Heleno Cauduro (em memória), Helio Casamali, Edson Rech, Paulo Gardelin, Régis Dalzotto, Alexandre Zanini, Flávio Zanini, Irineu Sandini e na direção técnica, Itamar Antonio Spanhol e Ildo Aldino Lamb.

Equipe do então futebol de salão da UMET, campeã do 20º aniversário do Município em 06/08/1975, no Centro Comunitário Paroquial. Da esquerda para a direita, em pé: Itamar Antonio Spanhol, Heleno Cauduro (em memória), Paulo Gardelin, Edson Rech, Hélio Casamali, Ildo Aldino Lamb; agachados: Regis Dalzotto, Flavio Zanini, Irineu Sandini e Alexandre Zanini. Foto: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

Ainda nessa época, o destaque também ficava para a equipe de handebol feminina, que conquistou várias medalhas e troféus nas participações de olimpíadas nas cidades da região. Cabe destacar o título conquistado em Passo Fundo quando estiveram presentes as representações esportivas das cidades que integravam a 7ª Delegacia Regional de Ensino. Entre as atletas vitoriosas estiveram: Claura Barcarollo, Rosana Hall, Rosane Liska, Marilei Zanini, Goreti dos Santos, Marilei Cambrussi, Marli Cambrussi (irmãs gêmeas), Alba Valéria Col Debela, Denise Cauduro, Preta Barcarollo, entre outras.

Nesses anos, 1975 a 1976, o Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, Padre Valter Valentim Baggio, iniciou um trabalho com os jovens urbanos da cidade. Em pouco tempo, conseguiu formar um grupo de jovens da Igreja. Esse grupo de jovens, formado por lideranças, além de desenvolverem atividades ligadas à Paróquia, fundou um Grupo de Teatro com o apoio e assessoramento do Padre Valter. Faziam parte do grupo, entre outros, os jovens: Eliza Ghidini, Itelvina Picolotto, Sirlei Scariot, Marilena Scariot, Rosangela Ambrosio, Lenira Debastiani, Angelica Manica, José Sandini Filho, Clovis Borela, Camilo Borella, Rita Felini e Carlos Adalgir Scuro.

A direção do Grupo de Jovens da Paróquia procurou a direção da UMET convidando para que integrantes da entidade fizessem parte do grupo teatral que estava montando uma peça teatral. Os membros da diretoria da entidade que passaram a compor o grupo na oportunidade foram: Ildo Aldino Lamb, Carlos Adalgir Scuro, Maria Olinda Stein, João Carlos Três, Marlene Dallagasperina, Rozeli Rech Spanhol e Itamar Antonio Spanhol. Foi criada uma peça denominada “Caminhos de um Transviado”.

As apresentações foram em Tapejara, em seguida nos distritos de Água Santa, Santa Cecília, Vila Lângaro, Charrua, Ibiaçá, Sananduva, Não Me Toque, Passo Fundo, Marau, Casca e Getúlio Vargas. O

Grupo de Teatro, que fora criado em meados de 1975, encerrou suas atividades ao final do ano de 1978.

No dia 20 de agosto de 1975, foi realizada uma Assembleia dos Estudantes no Centro Comunitário Paroquial. Estiveram presentes o Prefeito Aldino Guerino Lângaro, o Diretor da Escola Técnica de Contabilidade, Sady Stein, Padre Adroaldo Chiaparini, representando o Ginásio Estadual, Elza Anna Col'Debella, o Delegado de Polícia e a Diretora do Colégio Medianeira de Todas as Graças, entre outras autoridades.

Compareceram, além deles, todos os membros da Diretoria, ampliada com novos integrantes nos departamentos e na administração. Na assembleia, foi apresentada a prestação de contas da gestão da entidade estudantil e a apresentação, por parte do engenheiro do projeto Benhur Ruas e o pronunciamento do Prefeito, em seguida a entrega do projeto da sede nas mãos do Presidente.

De 1978 a 1982, passou-se por um tempo de mudanças, entre as quais uma participação mais seguida de seus representantes em encontros, seminários e congressos; a criação e o funcionamento de novos departamentos; a participação dos estudantes na elaboração e realização de programa de gestão estudantil, entre outros.

A mudança que ocorria resultava da emergência de novas lideranças oriundas de famílias e do meio social descontentes com o modelo político-administrativo e agrícola-comercial, e imbuídas de espírito de mudanças. O descontentamento maior era com o modelo de continuísmo que vinha sendo seguido há mais de vinte anos pelo modelo político-administrativo.

Entre as diversas participações em eventos estudantis, uma delas foi a de outubro de 1978, quando viajaram para Caxias do Sul, a fim de representar a UMET no IV Congresso Estadual de Representantes Extraordinários, promovido pela União Gaúcha dos Estudantes, o Presidente, Sirinei Panizzon; o Vice-Presidente, Régis Dalzotto; o Tesoureiro, Carlos Barbosa; e o Primeiro Secretário, Sinval Sebben.

Além disso, em abril de 1979 tomou posse a nova Diretoria eleita pelos estudantes, que ampliou os departamentos na entidade ao criar o de Cultura e Rádio e Difusão. A Diretoria era assim composta: Presidente, Sirinei Panizzon; Vice-Presidente, Sidney Teixeira; Secretário-Geral, Gilmar Berton; 1º Secretário, Serli Poggio; 2º Secretário, Marizete Pereira; 1º Tesoureiro, Carlos Roberto Barbosa; 2º Tesoureiro, Maria Angélica Zanini.

Os Departamentos eram e foram integrados por Departamento Esportivo: Leonir Girotto, Ernani Dalzotto, Rogério Antônio Coser; Departamento Cultural: Paulo César de Figueiredo, Vera Lúcia Cardoso; Departamento Social: Eliane Maria Ghidini, Leci Hanel; Departamento de Rádio e Difusão: Marisa Dallagasperina, Gelson Edgar Leão.

O dinamismo desenvolvido nessa gestão estimulava a participação de cada vez mais estudantes nas atividades desenvolvidas. Elas oportunizaram o surgimento de novas lideranças, que, na maioria, vinham de meios que também estavam descontentes com o modelo político-administrativo local e nacional.

Em assembleia geral, realizada no dia 10 de abril de 1981, aconteceu a eleição da nova Diretória da UMET, com a participação de duzentos e sessenta e oito estudantes, que votaram em uma única chapa, composta por: Presidente, Walter P. dos Santos; Vice-Presidente, Jurandir Bogoni; Secretário-Geral, Lorisete Perez; 1º Secretário, Marcos F. Zanini; 2º Secretário, Carlos dos Santos; 1º Tesoureiro, Ramir Zanatta; e 2º Tesoureiro, Carlos Roberto Simoni. Essa chapa foi eleita com duzentos e cinquenta e três votos, tendo sido apurados ainda doze votos em brancos e três nulos.

A nova Diretoria já tinha um programa que foi colocado em prática, com a participação dos estudantes, conscientes de que sem a sua participação não iriam conseguir implementar o programa que fora proposto pela chapa vencedora. A nova gestão da entidade 81/82 tomou posse em 20 de abril de 1981,

oportunidade em que recebeu a Diretoria do ex-Presidente Sidney Teixeira e demais membros da Diretoria anterior.

Eliane Maria Guidini foi uma das fundadoras do Grêmio Estudantil do então Colégio Medianeira de Todas as Graças, em meados de 1973. Foi eleita como primeira Presidente da recém-fundada entidade estudantil, exercendo a gestão 1973/1974. No ano seguinte, integrou a Diretoria da União Municipal de Estudantes Tapejarenses, no cargo de Secretária Adjunta na gestão 1975/1976 e Coordenadora do Departamento Social em 1979. Faleceu em 15 de fevereiro de 2014, no Hospital da Cidade de Passo Fundo, com 53 anos de idade.

CURSO SUPERIOR EM TAPEJARA

• Curso de Pedagogia da ULBRA

O Curso de Pedagogia da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA chegava em Tapejara em 2006. O curso superior era ministrado na Escola Leonel de Moura Brizola, com cinquenta e sete alunos, estudando em duas turmas.

• Polo UAB Tapejara

Em 2007, o Município de Tapejara foi considerado Polo do Ensino Superior Federal à Distância, através da implantação da UAB (Universidade Aberta do Brasil). Foram aprovados para Tapejara cursos do Ensino Superior. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) divulgou no Diário Oficial da União, no dia 4 de abril de 2007, os Cursos de Ensino Superior que fariam parte do Polo de Tapejara, onde funcionaria a Universidade Aberta do Brasil (UAB), que atenderia a região Nordeste do Rio Grande do Sul.

No início de junho, foram realizados os vestibulares para os cursos de Agricultura Familiar e Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria e Gestão Pública pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (CEFET – SC). No segundo semestre de 2007, iniciou o funcionamento dos Cursos de Ciências Econômicas, Ciências Contábeis e Administração.

A faculdade de Gestão Pública foi ofertada pelo CEFET – SC. Foi o primeiro curso de Ensino Superior Federal de Tapejara, com as tutoras Fabiana Rodigheri e Elaine Elisa Hanel. Nesse ano, 2007, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) ofertou para o Polo de Tapejara os Cursos de Pedagogia e Administração de Propriedades Rurais, com ênfase em Agricultura Familiar.

Foram dezessete Municípios que enviaram a moção de apoio no sentido de Tapejara sediar o Polo de Educação Superior. Os Municípios que apoiaram Tapejara foram: Barracão, Machadinho, Vila Lângaro, Paim Filho, Charrua, Ibiraiaras, Água Santa, São João da Urtiga, Monte Alegre dos Campos, Caseiros, Maximiliano de Almeida, Santo Expedito do Sul, Cacique Doble, Ibiaçá, Santa Cecília do Sul e São José do Ouro.

A Faculdade de Gestão Pública foi ofertada pelo CEFET – SC de forma gratuita e com duração de dois anos, com um encontro semanal do Polo da Universidade Aberta do Brasil em Tapejara, que funcionou na Escola Leonel de Moura Brizola.

O convênio foi celebrado entre o Município e a CEFET – SC para o Curso Superior pela Coordenadora do Polo da UAB, Tapejara, Professora Loreci Maria Biasi, que representou o Prefeito Juliano Girardi, no dia 20 de agosto de 2007, em Florianópolis, na assinatura do convênio firmado para a Faculdade de Gestão Pública.

Dias antes, em 1º de agosto, foi lançada a pedra fundamental do Núcleo Tecnológico Educacional de Tapejara localizado na Linha Girardi, perimetral, a aproximadamente três quilômetros da cidade.

No Núcleo Tecnológico, funcionariam os cursos ofertados pelas seis faculdades federais da Universidade Aberta do Brasil: Pedagogia, Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Agricultura Familiar e Sustentabilidade, e Gestão Pública. A obra foi orçada em R$ 900.000,00. Aproximadamente, 1.000m^2 de área construída e terreno de 10 hectares, dando assim condições para que o Câmpus Universitário pudesse ser ampliado.

O Polo UAB Tapejara foi criado através da Lei 3.006/07, em 17 de abril de 2007, com o nome de Núcleo de Tecnologia Educacional de Tapejara. Funcionava na Escola Municipal Leonel de Moura Brizola. A primeira turma do Polo foram os acadêmicos do Curso Tecnológico em Gestão Pública, ofertado pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), antigo CEFET, com cinquenta alunos. Em seguida, veio a parceria com a Universidade de Santa Catarina (UFSC), com os cursos de Administração e, também com essa universidade, os cursos de Ciências Contábeis e Ciências Econômicas iniciaram suas atividades.

No ano de 2008, foram inauguradas as novas instalações do Polo UAB Tapejara, que se encontra atualmente na Linha Girardi.

Em seguida, uma nova parceria foi feita com a Universidade de Santa Maria, que iniciou as atividades no polo com os cursos de Pedagogia, Administração Pública, Letras-Espanhol, Letras-Português e Agricultura Familiar. No ano de 2010, a parceria foi ampliada com o início dos cursos de Pós-Graduação em Gestão Pública e Gestão em Saúde e também do Curso de Administração Pública.

Até o ano de 2010 o Polo era coordenado pela Professora Loreci Maria Biasi. Também nesse ano transferiu-se para o polo o Curso do Senai Assistente Administrativo, em que o instrutor era o Professor Breno Sabedot.

A Professora Rosana Miotto Caldeira assumiu a coordenação do Polo em 2011. Em 2014, foi realizado convênio com o Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM da UFSM), com os cursos de Automação Industrial e Mecânica, e também com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no Curso de Desenvolvimento Rural.

Os cursos ofertados pelo Polo UAB Tapejara são: Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Tecnólogo Gestão Pública, Administração Pública, Pedagogia, Planejamento e Desenvolvimento Rural, Letras/ Espanhol, Formação de Pofessores para a Educação Profissional, Especialização em Matemática, em parceria com as universidades UFSM, UFSC, UFRGS, IFSC.

O Polo conta com uma estrutura física equipada para atender as necessidades da educação à distância com salas de aulas amplas, equipamentos de videoconferência, datashow, computadores, biblioteca com diversificado acervo bibliográfico, dois laboratórios de informática para pesquisa, duas salas de coordenação, uma secretaria, além de banheiro, plataforma, cozinha e internet.

Hoje, o Polo conta com quinhentos e dez alunos, doze tutores presenciais com graduação e especialização, que atendem os alunos, e cinco colaboradores.

Sede do Polo UAB de Tapejara. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

- **Faculdade Anglicana de Tapejara**

Sede da FAT em Tapejara. Foto: Arquivo da Divulgação.

A Faculdade Anglicana de Tapejara é mantida pela Legião da Cruz de Erechim, que atua na área educacional desde 1929, através do Instituto Anglicano Barão do Rio Branco.

O histórico da Faculdade Anglicana de Tapejara inicia através do Colégio Notre Dame Medianeira, fundado em 1938, com o nome de Escola Medianeira de Todas as Graças, mantido e dirigido pela Congregação de Nossa Senhora, que tem sua sede no Município de Tapejara.

Em 2006, a Legião da Cruz assumiu a Escola Medianeira Notre Dame, em Tapejara, a pedido da comunidade, ocorrendo também a decisão de criar a Faculdade Notre Dame, credenciada através da Portaria

DOU nº 353, de 14/03/2008. Em 2009, através da Portaria DOU nº 817, de 23/06/2009, foi alterada a mantenedora e a denominação da Faculdade Notre Dame, passando a pertencer à Legião da Cruz de Erechim e a denominar-se Faculdade Anglicana de Tapejara (FAT), sendo a segunda instituição anglicana de ensino superior do país.

O curso superior em Administração foi o primeiro a ser ofertado. O início das aulas aconteceu no ano de 2009, formando a primeira turma quatro anos depois. Em 2012, a FAT passou a oferecer vagas nos cursos de Ciências Contábeis e Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

A FAT é uma instituição de educação superior mantida pela Legião da Cruz de Erechim, sociedade civil de caráter beneficente, educativo, cultural e de assistência social. Tem por finalidade manter estabelecimentos de ensino.

UNIDADE REMOTA DE TAPEJARA

- **Pronatec/ FIC**

As tratativas de convênio e pactuação de cursos do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS/Câmpus Sertão) iniciaram em outubro de 2012. Em abril de 2013, foram iniciados dois cursos técnicos concomitantes ao ensino médio na modalidade do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec): Técnico em Comércio e Técnico em Manutenção e Suporte em Informática, ambos com trinta vagas. Ainda em 2013, foram realizados Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC): Desenhista Mecânico e Programador Web, sendo que trinta alunos concluíram e receberam certificado.

Em 2013, foram pactuados nove cursos FIC para realização em 2014; em apenas um mês as 270 vagas foram preenchidas através de pré-inscrição realizada no mês de fevereiro. Apenas três Cursos FIC foram iniciados em outubro de 2014: Inglês Aplicado aos Serviços Turísticos, Padeiro e Cuidador de Idoso, com conclusão no final do ano.

Formatura da turma de Inglês. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

Em dezembro de 2014, o Curso Técnico em Comércio foi concluído formando dezenove novos técnicos. O curso conta com alunos de Tapejara e Vila Lângaro. A previsão para formatura do Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática é para julho de 2015.

Para 2015, a unidade remota irá transformar-se em um Centro de Referência. O processo de implantação já está em andamento, o que possibilitará ao Município de Tapejara ter mais autonomia administrativa nos cursos.

• APAE Tapejara

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Tapejara, fruto do espírito de solidariedade e dos ideais mais elevados de toda a comunidade, representada na ocasião de sua formação por um grupo de pessoas que, com determinação e desprendimento, passaram a dedicar-se à construção de um sonho. O sonho desse grupo de pessoas, os sócios fundadores da APAE, deu início a uma caminhada, cujo mérito foi e é oferecer às pessoas com deficiência um atendimento especializado, com acompanhamento contínuo, visando a sua inclusão social e educacional. Fundada em Assembleia realizada em 30 de julho de 1985, tendo como primeiro Presidente o Senhor Arlindo Lengart, que permaneceu no cargo por alguns meses, assumindo logo após a Senhora Lucer Secco (Dona Lula). No ano seguinte, em março, deu-se início às atividades de atendimento às pessoas com deficiência.

Após a legalização da entidade, iniciou-se o processo para autorização de funcionamento da Escola de 1º Grau Incompleto Helen Adans Keller, tendo sua autorização pelo Parecer nº 10/90/89, Processo SE 3198/19.00/88, CEE nº 844/89. Posteriormente, a Escola passou a chamar-se Escola de Educação Especial Helen Adams Keller, conforme Ata de Aprovação nº 14/99, tendo sido encaminhado e aprovado o processo na 7ª Coordenadoria Regional de Educação.

A Administração Pública proporcionou aos portadores de necessidades especiais do Município uma melhor orientação e efetividade; em forma de concessão, entregou um prédio de alvenaria com 124,16m², composto de quatro salas, um sanitário masculino e um feminino, um refeitório, uma cozinha, uma despensa e mais hall, alpendre e área de circulação, e mais uma área urbana com 1.225m², assentada na Rua Luiz Costa, 293, no dia 25 de março de 1991.

A filosofia é: "Desenvolver ações baseadas nos princípios de Cidadania, Individualidade, Participação/Diálogo, Ética/Moral e Conhecimento visando à inclusão efetiva da pessoa com deficiência intelectual e múltipla no contexto social, cultural, educacional e político da comunidade".

O objetivo é oportunizar atendimento educacional a educandos com deficiência intelectual e/ou múltipla no Município de Tapejara e na região de abrangência, de acordo com os princípios de liberdade, solidariedade e promoção humana, que regem a Educação Especial e em consonância com

Inauguração da Apae. Descerrando a fita inaugural, Salete De Bastiani e o então Prefeito Bomfilho Seben. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

a filosofia que norteia a ação educativa. A escola adota a organização curricular por Educação Infantil de 4 e 5 anos e ciclos para o Ensino Fundamental Anos Iniciais: Ciclo I – 6 a 8 anos; Ciclo II – 9 a 11 anos; Ciclo III – 12 a 14 anos; e por etapas para o Ensino Fundamental Anos Iniciais na modalidade de Educação de Jovens e Adultos a partir de 15 anos.

Hoje, na escola estão matriculados sessenta e três alunos atendidos por oito professores, todos com formação, e uma diretora. Conta com uma equipe de apoio que conta com duas fonoaudiólogas, duas psicólogas, três fisioterapeutas, assistente social, secretária, motorista e dois auxiliares de serviços gerais. A infraestrutura da escola é composta por seis salas de aula, sala de informática, sala de fisioterapia, de fonoaudiologia, psicologia, sala de direção, de serviço social, secretária, sala de reuniões, refeitório, cozinha e sala de professores.

• Centro Educacional Padre Valter Valentim Baggio

Tapejara, desde muito tempo, vinha discutindo a criação de uma escola com os objetivos voltados ao meio rural. Após o assunto ser amplamente debatido pelas famílias dos jovens rurais e entidades ligadas ao setor primário, chegou-se à conclusão de que deveria ser criado um Centro de Treinamento visando à formação técnica e humanística das pessoas que o frequentassem.

As primeiras tratativas e medidas para a implantação de uma Escola de Treinamento Educacional aconteceram por ocasião da Assembleia Constituinte Municipal, em meados de 1988. As instituições, Prefeitura Municipal de Tapejara, Paróquia Nossa Senhora da Saúde, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Cooperativa Tapejara Ltda. e Associação de Jovens Rurais ingressaram com uma proposta na Lei Orgânica do Município através do Setor de Administração e Finanças e Secretaria da Educação e Cultura, com a finalidade de implantação da Escola. Foi nessas secretarias municipais que se buscou apoio com a finalidade de garantir recursos financeiros para a construção do prédio, e dotar de equipamentos e funcionamento.

No início de novembro de 1991, a Câmara de Vereadores aprovou e o Executivo sancionou e promulgou a Lei nº 1.651, em 4 de novembro de 1991, criando o Centro Educacional Padre Valter Baggio. A área foi cedida pelo Município, assinado o termo em forma de comodato. A escola foi constituída como fundação e administrada, inicialmente, pelos próprios agricultores. Em 6 de julho de 1991, foi criado o Centro de Treinamento Educacional Padre Valter Valentim Baggio. Em 10 de agosto de 1991, foram inauguradas as instalações do Centro de Treinamento localizado nas proximidades do Laticínio Bom Gosto. O prédio foi construído de alvenaria e equipado. A escola iniciou em janeiro 1992, atendendo trinta alunos em regime de semi-internato, de segunda a sábado, tendo em vista que a também chamada Escola Alternativa possuiu dormitório, refeitório e cozinha, proporcionando acomodações para os jovens que se inscreveram para realizar o curso.

O centro objetivou o treinamento e a capacitação dos jovens rurais para o desenvolvimento de técnicas alternativas na propriedade, com a finalidade principal de intensificar a diversificação de culturas, aumentar a produtividade e a consequente melhoria das condições de vida dos produtores rurais. Em meados de 2000, foi sede da Escola Municipal Giocondo Canali até a construção do novo e atual prédio, na Av. 7 de Setembro.

O Poder Público foi autorizado a firmar convênio com entidades públicas ou privadas para cooperação técnica e financeira voltada ao desenvolvimento das atividades do Centro Educacional Padre Valter Baggio.

Ademais, os recursos para o funcionamento do Centro Educacional Padre Valter Baggio foram formados por auxílios do Governo Federal, Governo Estadual, entidades públicas ou privadas e recursos do Município pelas dotações constantes no orçamento vigente.

A Escola iniciou em 1992, tendo como administrador Alcione Bedendo e diretor Celso Nardi, com experiência no Instituto Rural de Tapera. A escola visava à formação geral para os agricultores e, posteriormente, proporcionaria especializações em vários campos da agricultura e da pecuária. Na falta de alunos, a escola fechou em 1996, servindo para a realização de outros cursos e treinamentos; em meados de 2000 foi sede da Escola Municipal.

A ideia do Padre Valter Valentim Baggio, em 1998, era a promoção de um debate amplo com os jovens agricultores sobre a possibilidade de reiniciar uma Escola de Agricultores administrada por eles até quando necessário e, depois, que fosse destinada à formação de profissionais urbanos em diferentes áreas. Caso os agricultores não se interessassem de imediato que se tornasse uma Escola Profissional para trabalhos urbanos, administrada por entidades idôneas, permanecendo pública para proporcionar outros encontros e eventos.

Por um certo período o prédio ficou desativado e com a falta de interesse de entidades, a Prefeitura Municipal de Tapejara, atendendo a ampliação da empresa Bom Gosto, atual LBR S/A, cedeu em cessão de uso o prédio para promover palestras e seminários aos funcionários.

• Escola de Datilografia Remington Rand

Formatura do Curso de Datilografia da Prof. Maria de Lurdes Basso. Foto: Arquivo de Marilene Três.

A inciativa de instalar e colocar em funcionamento uma Escola de Datilografia, utilizando máquinas Remington Rand, na cidade de Tapejara, foi de Maria de Lourdes Basso, filha de João Falkembach e Adelaide Falkembach, residentes em Passo Fundo, casada com Alceu Basso, Procurador do Município, por volta de 1965.

Tendo residido em Passo Fundo até o casamento e frequentado o Curso de Datilografia naquela cida-

de, viu-se num Município novo, Tapejara, a necessidade de uma Escola de Datilografia, visando à preparação dos jovens para enfrentar as dificuldades futuras, uma vez que para o trabalho em escritórios, bancos, lojas e outras atividades, a noção de datilografia começava a ser importante.

Surgia, assim, a Escola Remington de Datilografia, para ampliar os horizontes das pessoas, qualificando-as ainda mais. De acordo com Maria de Lourdes, a aquisição de cinco máquinas de escrever da marca Remington Ran, para a época – 1965 – foi um investimento arrojado, principalmente pela incerteza do retorno. Mas, essa incerteza foi logo dissipada, tão logo as primeiras matrículas começaram a efetivar-se. A procura pelo aprendizado foi aos poucos concretizando-se e os primeiros alunos foram os filhos dos empresários e comerciantes da cidade, buscando aprimorar seu conhecimento.

As aulas aconteciam nos turnos da tarde, das 14 às 18h, e à noite, das 20 às 22h, com a duração de uma hora cada turma. A sala de aula era uma peça da residência da Professora Maria de Lourdes.

A escola encerrou suas atividades na época da chegada da informática, na metade da década de 1990. Maria de Lourdes contou que era chegada a hora de modernizar-se ou encerrar a atividade. Como estava aposentando-se, optou por fechar as portas da escola.

• Biblioteca Pública Municipal Eduardo Damiani

Ato de inauguração da Biblioteca. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

No dia 10 de agosto de 1968, o Poder Público firmou convênio com o Serviço Nacional de Bibliotecas Municipais, Órgão do Ministério de Educação e Cultura para instalação de Biblioteca Pública na cidade.

Uma década depois, em março de 1979, foi criada e autorizada a assinatura de convênio com o Instituto Nacional do Livro e o Poder Público, que criou os cargos de Bibliotecária, sendo um Auxiliar de Biblioteca, dois serventes e um para instalação e funcionamento da Biblioteca Pública Municipal.

O Município cedeu o terreno para a construção, localizado na Rua Coronel Gervásio, 510. Em seguida, iniciaram-se as obras do prédio de alvenaria, com espaço interno amplo, constituído de quatro salas,

espaço para o acervo bibliográfico, banheiro masculino e feminino, espaço para exposição de artes, cozinha e sala para a coordenação.

A Biblioteca Pública Municipal foi inaugurada em 9 de agosto de 1980. Foi um ato inserido dentro da programação dos 25 anos, jubileu de prata, de emancipação político-administrativa do Município de Tapejara. Na solenidade, estiveram presentes diversas autoridades locais, como o Prefeito José Maria Vigo da Silveira, Vice-Prefeito Johnny Dorval Zoppas, vereadores e autoridades regionais, entre os quais o então Governador do Estado, Amaral de Souza. Em 20 de dezembro de 1984, o Poder Público denominou o local de Biblioteca Pública Municipal Eduardo Damiani, em homenagem ao primeiro professor de Tapejara.

Festa do Dia da Criança em 1984, na Biblioteca Municipal. Palhaço Jurandir Bogoni (Caixinha), e Emilia e Giovania Scariot. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Em 2008, foi instalado na Biblioteca um Telecentro com onze computadores. O uso livre dos equipamentos, cursos de informática básica e oficinas especiais foram atividades oferecidas à população. Constituiu um projeto do Poder Público de Tapejara e do Governo Federal, de uso intensivo de tecnologia da informação. Um dos objetivos principais do projeto foi permitir às pessoas adquirirem autonomia tecnológica básica e combate à exclusão. Tratou-se de uma iniciativa para capacitar a população tapejarense e inseri-la na sociedade da informação.

Em 2010, a Biblioteca Pública Municipal de Tapejara recebeu uma doação da tapejarense Miriam Manica. Foram mais de quatrocentos exemplares de livros de diversos assuntos. Na grande maioria, livros de autoajuda, psicologia, motivacionais, sexologia, entre outros. Além dos livros, também doou cadeirinhas infantis para que as crianças menores possam sentar e ouvir histórias lidas por suas mães.

Biblioteca Municipal. Foto: : Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Em 2011, a Secretaria de Educação de Tapejara adquiriu trezentos livros de literatura infantil para a Biblioteca Pública Municipal Eduardo Damiani, que estão sendo utilizados para empréstimos a todas as crianças do Município. A aquisição fez parte do Projeto Contação de História, realizado na biblioteca nas quartas e sextas-feiras à tarde. O projeto tem o objetivo de incentivar a leitura e o senso crítico de crianças através da leitura de livros em um espaço atrativo, montado dentro da biblioteca, que estimula a imaginação dos participantes.

Desfile de Sete de Setembro em frente ao atual hospital. Foto: Arquivo de Verginia Manica

• Desfiles de Sete de Setembro

Altar da Pátria – Pira do Fogo Simbólico localizada ao lado do atual Posto Kaninha na Rua 15 de Novembro. No fundo os prédios de José Zanini, o primeiro o da Ferraria e o segundo o da residência de dois andares ambos de alvenaria. Década de 40. Fonte: Arquivo de Vergínia Manica.

Antigamente, todas as escolas do Município participavam dos desfiles de Sete de Setembro. Eram feitos muitos ensaios para que todos os alunos apresentassem uma boa marcha, bem ordenada. Inicialmente, os desfiles eram realizados na Rua Tranquilo Basso, passando em frente ao hospital. No decorrer dos anos, passou a ser realizado na Rua do Comércio, passando em Frente à Praça Central, como acontece até os dias atuais. Atualmente, além das escolas, entidades e grupos participam do desfile.

Desfile de 7 de setembro em meados de 1930, rua do Comércio. Foto: Arquivo de Elizete Zanatta Sager.

Desfile de 7 de setembro, em frente ao Altar da Pátria, localizado na rua do Comércio. Foto: Arquivo de Elizete Zanatta Sager.

Desfile de Sete de Setembro na Rua do Comércio, em frente à Praça. Foto: Arquivo de Elizete Zanatta Sager.

PROJETOS RELACIONADOS À EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO

A educação integral é de extrema importância para nossas crianças e adolescentes. Com o crescente número de mulheres buscando o mercado de trabalho, surgiu a necessidade de ter um lugar para acolher os filhos no turno inverso ao da escola. Com isso, o Poder Público realiza parcerias através da Secretaria da Educação, Desporto e Cultura para desenvolver projetos e programas sociais que buscam atender as crianças e adolescentes através de oficinas que propiciam o aprendizado e, com, isso, deixando-as longe das ruas e dos perigos da sociedade. Também se garantia um local de convívio saudável, com acompanhamento de profissionais e integração com as demais crianças.

• Programa AABB Comunidade

O Programa AABB Comunidade foi implantado em Tapejara em 1998. É um convênio entre a Prefeitura Municipal e o Banco do Brasil, através da Secretaria da Educação. Atende duzentas crianças na faixa etária dos 6 aos 14 anos, no turno inverso ao da escola. No Programa AABB Comunidade, os educandos desenvolvem oficinas de artes lúdicas, artesanato, jogos, dança, coral, culinária e educação física.

As atividades são realizadas na sede da Associação Atlética Banco do Brasil de Tapejara, sob coordenação da Professora Elisangela Merotto. Assim, foram abertas as portas da AABB às crianças e aos adolescentes, oferecendo-se, acima de tudo, uma oportunidade de aprendizado que melhora a vida de cada um. No programa, eles se divertem, aprendem, exercitam a criatividade, e recebem orientação, atenção e carinho.

• Oficinas do Segundo Tempo Escolar

O Segundo Tempo foi desenvolvido pela Secretaria da Educação com o apoio da Prefeitura Municipal de Tapejara desde o ano de 2009. Em 2012, o programa passou a se chamar “Oficinas do Segundo

Tempo Escolar" e é de inteira responsabilidade municipal.

O público-alvo são crianças e adolescentes dos 6 aos 14 anos, meninas e meninos que recebem atendimento no turno inverso da escola. Hoje, são atendidos, aproximadamente, duzentos e oitenta alunos. A meta do projeto é proporcionar ao aluno a possibilidade de atingir um desenvolvimento de valores sociais, melhoria na capacidade física e motora, integração social, além de afastá-los dos riscos sociais.

Conta com oficinas de futsal, artesanato, sala de produções com incentivo à leitura, informática, coral e música, teatro, dança, apoio pedagógico, sala de jogos e iniciação ao voleibol, nos sábados de manhã.

- **Projeto Karatê "Além do Esporte"**

O Projeto Karatê "Além do Esporte" iniciou em abril de 2011, sendo destinado a incentivar a prática desportiva do karatê nas crianças e jovens do Município de Tapejara, com idade entre 6 e 17 anos, promovendo a integração social infantil, infantojuvenil e juvenil, visando à melhoria da qualidade de vida e à defesa de seu direito à cidadania.

Nas terças e quartas participam os alunos (meninos e meninas) no ginásio da Escola Municipal de Ensino Fundamental Giocondo Canali; cerca de cem crianças frequentam o projeto no turno inverso ao da escola.

O Projeto Karatê "Além do Esporte" visa a desenvolver o raciocínio e a inclusão social. Além de ser um excelente meio de autodefesa, o karatê é considerado, hoje, o esporte que desenvolve força, velocidade, coordenação motora e condicionamento físico.

O projeto Karatê é uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Tapejara, através da Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura, e a Federação Gaúcha de Karatê, com sede em Porto Alegre. O objetivo é desenvolver atividade física, inclusão social e tornar futuros atletas. A Federação oferece uniformes e o curso é totalmente gratuito. O professor e coordenador é José Ivar Mesavilla.

O Banda Marcial Municipal de Tapejara

A primeira banda existente em Tapejara remonta a então Sede Teixeira, em meados de 1927; naquela época, foi criada a Banda Santa Cecília. O elenco era formado por mais de vinte integrantes, para solenizar os dias de festas da Paróquia Nossa Senhora da Saúde.

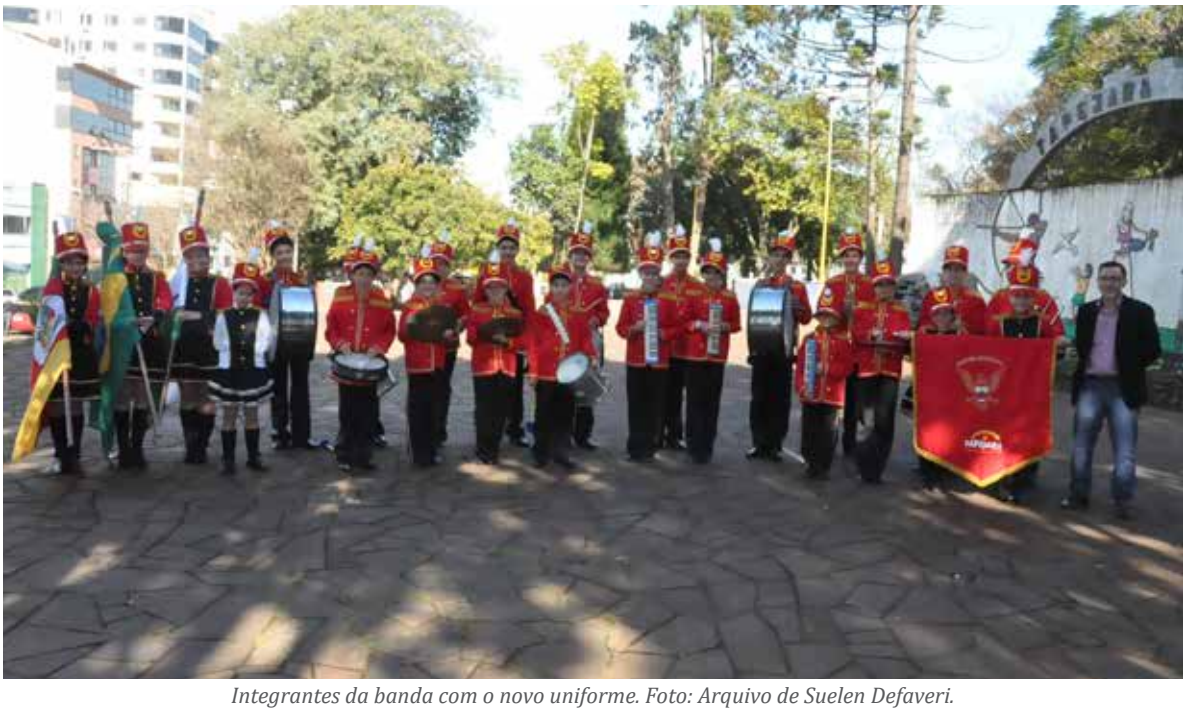
A Banda Marcial Municipal de Tapejara nasceu, em 1998, somente com instrumentos de percussão. Após um ano, no ano de 1999, com novos horizontes, a banda incluiu escaletas e liras. Em consequência dessa inovação, a banda participou do Concurso Estadual de Bandas e Fanfarras em Porto Alegre (RS), quando trouxe para Tapejara o troféu de Vice-Campeã e, no ano seguinte, o de Vice-Campeã no Concurso Sul-Brasileiro de Bandas e Fanfarras, realizado em Carazinho (RS).

Em 2003, a banda incluiu instrumentos de metais, trompetes e trombones, quando se titularizou Banda Marcial Municipal de Tapejara e, gradativamente, tornou-se uma das bandas mais respeitadas da região. No ano de 2010, a banda tapejarense esteve sob regência do professor Ervan Silveira. Atualmente é coordenada por Inês Picolotto e tem como professores Emerson do Amaral, Guilherme Casanova da Silva e Marivânia Picolotto.

O objetivo da banda é dar iniciação musical aos alunos, disciplina, postura, responsabilidade, autoestima, trabalho em equipe, amor cívico, tudo isso em uma ocupação extracurricular. A banda conta com quarenta alunos e ex-alunos da rede pública de ensino.

Com o intuito de melhorar o visual dos integrantes da Banda Marcial Municipal, a Prefeitura Municipal de Tapejara, através da Secretaria de Educação, Desporto e Cultura, investiu R$ 8 mil em novos

uniformes. Em agosto de 2014, os integrantes já se apresentavam com a nova vestimenta.



Integrantes da banda com o novo uniforme. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

• Corais infantis nas Escolas Giocondo Canali e Leonel de Moura Brizola

Com o tema "A Escola precisa de Música", as escolas municipais de Tapejara Giocondo Canali e Leonel de Moura Brizola acharam por bem incluir a música na escola.

Desde o ano 2010, o projeto chamado "Canto Coral" já está sendo desenvolvido e coordenado pelos Professores Ivan Bressan e Odete Zanatta. Os alunos que participam desse projeto ensaiam uma vez por semana durante 1h30, no turno inverso do horário escolar.

Nesse projeto, os alunos aprendem teoria musical, violão e também as inúmeras habilidades que a música desenvolve no ser humano. Está incluído na educação básica o ensino da música, através da Lei 11.769/2008. Nesse sentido, o projeto é amparado nessa lei e conta com o apoio da Secretaria Municipal de Educação e das direções dessas escolas.

• Projeto de Gaita e Violão

Em julho de 2010, com iniciativa da Administração Municipal, juntamente com a Secretaria da Educação e o professor Felipe Gambin, foi iniciado um projeto cultural focado em música, com aulas de gaita e violão.

Inicialmente, o projeto contava com dezesseis alunos de gaita e violão, mas devido ao sucesso do projeto, foi necessário aumentar o número de horas. O projeto não é restrito para alunos da rede pública, estendendo-se a toda a comunidade, independente de idade ou escolaridade. É desenvolvido na Escola Municipal Giocondo Canali e no Centro Cultural, no turno da noite.

• Projeto Segunda Idade Saudável

Foi lançando no dia 1º de agosto de 2013 o projeto Segunda Idade Saudável, com o lema: "De coração aberto para a vida". O projeto está vinculado à Secretaria da Educação. O Município de Tapejara torna-se pioneiro lançando um projeto como este, planejado para que as pessoas tenham uma vida mais saudável, com alegria e bem-estar.

Diante dessa realidade, percebeu-se a necessidade de criar um novo espaço na comunidade tapejarense, sendo que ele atenderá a demanda e a grande procura para grupos direcionados que desenvolvam atividades adaptadas, para pessoas que ainda não são consideradas idosas.

Esse projeto constitui-se em um conjunto de atividades práticas planejadas às pessoas que se encontram na faixa etária de 50 a 60 anos. As atividades corporais e os movimentos expressivos são características preponderantes para esse trabalho. São realizados encontros semanais, no Salão da Terceira Idade, junto ao Centro Cultural, com aulas de uma hora, elaboradas para essa faixa etária, pelo Prof. Ezequiel Panisson, coordenado por Ana Paula de Oliveira Bacega. O Projeto Segunda Idade Saudável conta com um grupo composto por cerca de oitenta e cinco integrantes.

Integrantes da Segunda Idade Saudável. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• Projeto Oratória nas Escolas

O projeto tem por objetivo estimular o estudo e a reflexão sobre os temas propostos. Acredita-se que com essa iniciativa jovens estudantes poderão formar uma consciência crítica em relação aos temas. Também será possível estimular a prática de falar em público, competência necessária para diferenciar-se no mercado de trabalho atualmente.

Para 2015 o tema é: "Minha cidade precisa de mim, qual é o meu papel?". Nos outros anos foram temas como: Combate à Corrupção, Objetivos do Milênio, Mudanças Climáticas, Resgate a Brasilidade, entre outros. O público-alvo do projeto são alunos de escolas municipais, estaduais ou particulares que estejam cursando o Ensino Fundamental durante a realização do concurso (8ª e 9ª anos ou 7ª e 8ª

séries).

As etapas do Concurso Nacional de Oratória são:

Interno nas escolas – onde é feita a escolha do representante da escola.

Local/Municipal – onde, dentre os selecionados de cada escola, é feita a escolha do representante do Município, que participará da fase seguinte.

Regional – terá a participação dos campeões das etapas locais de cada Município que desenvolve o projeto. Os Encontros Regionais ocorrem por região, entre os meses de junho e agosto, conforme Calendário de Atividades da JCI Brasil.

Nacional – desenvolver-se-á com os campeões das etapas regionais e ocorrerá durante a Convenção Nacional da JCI Brasil.

Durante a etapa interna nas escolas, a JCI oferece uma palestra a todos os alunos sobre o tema proposto e também um curso de oratória para os alunos que se inscreveram no concurso e aos professores que quiserem orientar melhor os alunos.

Os vencedores da etapa local (1º ao 3º lugares, professor responsável pelo aluno que ficou em 1º lugar e escola do aluno que ficou em 1º lugar) recebem premiações muito atrativas.

O projeto é executado em Tapejara desde 2005. Os alunos ganhadores de cada edição do concurso são:

2014 – Joana Fontana – Escola Barão do Rio Branco.

2013 – Gabriela Zanatta – Escola Leonel de Moura Brizola. Foi classificada no Encontro Regional e participou da Convenção Nacional, no Rio de Janeiro.

2012 – Eduse Ribeiro – Escola Leonel de Moura Brizola.

2011 – Ana Carla Rodrigues – Escola Leonel de Moura Brizola. Foi classificada no Encontro Regional.

2010 – Leonardo Brusso – Escola Valeriano Ughini.

2009 – Paula Roberta Frison – Escola Severino Dalzotto.

2008 – Edivana Dela Santa – Escola Giocondo Canali. Foi classificada no Encontro Regional e participou da Convenção Nacional, em Chapecó.

2007 – Indiana Derossi – Escola Ângelo Posser.

2006 – Shaiane Hoffmann – Escola Leonel de Moura Brizola.

2005 – Ana Paula Zanatta – Escola Giocondo Canali.

Alunos participando da palestra da JCI no Centro Cultural. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Para que esse projeto fosse sempre realizado com sucesso, a JCI Tapejara contou com alguns parceiros, que são: Prefeitura Municipal de Tapejara, Secretaria de Educação de Tapejara, Câmara de Vereadores de Tapejara, Wizard, Sicredi, Babilônia, Banrisul, Adubos Coxilha, Supermercado São Cristóvão, Emater, Secretaria da Agricultura de Tapejara, dentre outros.

ESCOLA DE IDIOMAS

- **CCAA**

A franquia CCAA foi inaugurada em janeiro de 2003 por Adenilso Aimi e Dariane Biazus Aimi, que continuam sendo os proprietários até os dias de hoje. Adenilso é professor de inglês, com experiência de um ano e meio nos Estados Unidos, e Dariane, administradora. O CCAA atua no ensino de inglês e espanhol, sendo aplicador do exame de proeficiência TOEFL. Estão localizados na Rua Ângelo Dalzotto, acima dos Correios, 345, sala 203.

Prédio da Wizard. Foto: Arquivo de Angelica Manica Bortolini.

- **Wizard**

A Escola Wizard Tapejara foi aberta no dia 1º de fevereiro de 2009 pelo franqueado da Wizard Brasil Alencar Mezzomo, também proprietário da unidade de Casca. A Wizard Tapejara faz parte de uma rede de franquias (Wizard Brasil/ Pearson) com mais de cento e cinquenta anos de mercado, sendo a maior e melhor multinacional do ramo de ensino de línguas. Em Tapejara, a Wizard atua com o ensino de inglês, espanhol, italiano e francês, para todas as faixas etárias. Conta com uma equipe de onze colaboradores nas áreas pedagógica, comercial e administrativa, entre eles três professores com suas formações dentro da Wizard e uma coordenadora pedagógica pós-graduada bilíngue, com experiência no exterior. A Wizard é a maior escola de idiomas do Brasil e tem um compromisso com a Nação: tornar nosso país bilíngue, e para isso conta com uma metodologia própria e inovadora, com modalidades que realçam o aprendizado dos alunos, dando noção de realidade em um curto período de tempo, já recebendo uma certificação internacional (TOIC).

Prédio da Wizard. Foto: Arquivo de Angelica Manica Bortolini.

Referências

ALARCÃO, Isabel (org.). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ANTUNES, Celso. *Educação infantil: prioridade imprescindível***.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

ASSOCIAÇÃO MUNICIPAL DE PAIS E MESTRES DE TAPEJARA. *Livro de Atas*. Atas n. 1/69; 6/72; 8/74; 10/75; 13/77; 17/78.

BRASIL. *LDB: Lei de Diretrizes e Bases*: Lei nº 9.394, de 1996. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHIMETÃO, Lilian Kemmer. *O significado da formação continuada docente*. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/ comunicacaooral artigo/artigocomoral2.pdf≥. Acesso em: 5 jan. 2014.

COMISSÃO REPRESENTATIVA PRÓVISÓRIA PRÓ-FUNCIONAMENTO E CONSTRUÇÃO DO GINÁSIO DE TAPEJARA, 1960-2014. *Livro de Atas*. Atas 1–8.

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DOS PROFESSORES MUNICIPAIS. *Registro das atas do curso "Duque de Caxias"' que consta de aulas e exames para os professores municipais*. Tapejara, 7 de janeiro de 1957.

DEBELLA, Glória Col; MARCHIORI, Neusa Inês. Escola Estadual de Ensino Fundamental Severino Dalzotto. Tapejara, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FACULDADE ANGLICANA DE TAPEJARA. *Instituição: histórico*. Disponível em: http://www.fatrs.com.br/instituicao. Acesso em: 8 jan. 2015.

MACEDO, Lino. *Ensaios pedagógicos*. São Paulo: Artmed, 2010.

MARQUES, Mario Osorio. *A formação do profissional da educação*. 3.ed. Ijuí: Unijuí, 2000.

MENESTRINA, Tatiana Camiotto; MENESTRINA, Eloi. *Autorrealização e qualidade docente.* Porto Alegre: EST, 1996.

NÓVOA, António*. Profissão professor***.** 2.ed. Portugal: Porto Editora, 1995.

SOUSA, Maria Goreti da Silva**.** *A formação continuada e suas contribuições para a profissionalização de professores dos anos iniciais do ensino fundamental de Teresina (Pi): revelações a partir de histórias de vida.* 2008. 130 f. Dissertação (Mestrado), Faculdade em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

SPANHOL, Itamar Antonio. 80 anos de caminhada da Paróquia Nossa Senhora da Saúde. 1ª parte. *Revista Comunicação*, Tapejara, v. 3, n. 30, p. 10-21, dez. 2006.

_____. 80 Anos de Caminhada da Paróquia Nossa Senhora da Saúde. 2ª parte. *Revista Comunicação*, Tapejara, v. 3, n. 31, p. 10-19, jan. 2007.

_____. Mulheres empreendedoras. *Revista Comunicação*, Tapejara, maio 2011. Edição Especial.

TAPEJARA. Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura. *Projeto Politico-Pedagógico*. Tapejara, 2011.

_____. *Regimento Escolar*. Tapejara, 2010.

TIBA, Içami. *Disciplina: limite na medida certa***.** São Paulo: Integrare, 2006.

Capítulo 9

Saúde

OS PRIMEIROS CUIDADOS COM A SAÚDE

Antigamente, o então Município de Tapejara não possuía recursos voltados à saúde, como postos de saúde e hospitais. As pessoas que ficavam doentes eram curadas com o auxílio de moradores que faziam chás de ervas e outros que rezavam e benziam. Dependendo da doença, muitos vinham a falecer. As mulheres grávidas ganhavam seus bebês em suas casas com a ajuda de parteiras que passaram por essa localidade ao longo dos anos.

Nos primeiros anos do Núcleo Itália, de 1910 e 1920, na Sede Teixeira, não havia hospital nem mesmo médicos para o atendimento no caso de moléstias, doenças ou acidentes com que os colonizadores poderiam ser acometidos nessa época. O imigrante italiano Santo Canali, casado com Corona Dallagasperina Canali, acreditava na cura de moléstias, doenças e ferimentos pela utilização e infusão de ervas e raízes medicinais. Ele era solicitado para comparecer nas casas dos primeiros colonizadores para socorrer os que eram acometidos por enfermidades, epidemias e ferimentos. Aplicava o tratamento por meio de infusão e banhos de chás de ervas medicinais. Recorda o imigrante italiano Ângelo Bortolo Dallagasperina: "Um dos meus filhos, o João Batista, sofreu uma forte pneumonia, e depois do tratamento do Santo ficou curado".

Quando Santo era chamado, ele se deslocava à casa das famílias para atender os que sofriam enfermidades. Tinha o costume de somente afastar-se no momento em que o paciente já estivesse restabelecido.

Outro fato de enfermidade que aconteceu foi quando, na Vila Teixeira, Albino Spader, então viúvo, casou-se novamente; sua esposa era Luíza, com a qual teve as filhas Aurora Terezinha, Maria Gema, Terezinha Elizabeta, Alice Ignez, Ursolina Petronila e os filhos Antônio Atanázio, Octávio Honorino e Domingos Dionísio. Entre muitas experiências vividas pela família, Luíza conta uma que jamais vai esquecer, pois foi quando uma das suas filhas estava muito doente; então chamaram o Santo Canali, para que a tratasse. Luíza recorda: "Santo pegou a criança, despiu-a e colocou-a numa gamela de água fria. A criança ardia em febre. Retirou-a em seguida da água e envolveu-a num cobertor de lã, sem secar-lhe o corpo; assim salvou-lhe a vida. No momento em que Santo colocou a criança com febre na água fria, achei que a estava matando; fiquei muito assustada e apavorada", recordou Luíza, hoje com gratidão a Santo.

Também sua neta Gema Canali, filha de Giocondo Canali e Ana Bressan Canali, recordou que seu avô ajudou a curar muitas pessoas na então Sede Teixeira através da infusão de chás de folhas e raízes, já que o recurso mais próximo era Sananduva ou Passo Fundo.

Outro curador da época era Ângelo Manica, além das atividades agrícolas e comércio, que exercia. Sua bisneta Fátima Mânica recorda: "Era considerado o médico da localidade, pois socorria todas as pessoas que sofriam ferimentos, principalmente aqueles ocorridos no desempenho das atividades agrícolas, além de prestar serviços na comunidade católica, pois organizava e animava cultos, procissões,

enterros, cantando e rezando em latim", contou.

Judite e Angelo Manica. Foto: Arquivo de Fatima Manica.

- **Benzedeiras e parteiras**

No dia 18 de maio de 2011, a Prefeitura Municipal de Tapejara promoveu um encontro com a palestrante e escritora Elma Sant'Ana, de Porto Alegre, que aconteceu no Centro Cultural de Tapejara. Nesse dia, a Elma fez uma série de palestras sendo pela parte da manhã com alunos das quintas e sextas séries do ensino fundamental das escolas municipais. À tarde, palestrou com o grupo da terceira idade e, à noite, a palestra foi direcionada às parteiras e benzedeiras de Tapejara. O tema principal era "O papel da mulher na história e na cultura popular no Rio Grande do Sul", em especial as parteiras e benzedeiras, que na oportunidade foram homenageadas, recebendo um certificado.

As homenagens foram direcionadas às parteiras Elza Toson, Irma Bogoni, Amelia Nunes (Meca) e benzedeiras (os): Adão Rosa Morais, Adão Rodrigues, Cirlanda M. C. de Almeida, Danilo Borille, Noemia Terezinha Fischer (Ema), Amelia Nunes (Meca), Elisa Sandini, Eva Alves, Honorino Borille, Ilda Rodrigues da Silva, Irma Zanini, Isabel Dutra, Lucia Rech, Maria Luza Scariot, Nelci Aimi Costa, Nelei Costa, Néli Pina, Nelso Aimi, Osvaldo Moreira da Rosa, Romano Borille, Teresa dos Santos, Terezinha Pina, Rosalino Tonho Laguião, Vergínia Mânica, Maria Luiza Gomes Nogueira, Sivone Panisson, entre outras

PARTEIRAS

- **Augusta Zanatta**

Em meados de 1925, a família de Ângelo Zanatta e Augusta Zanatta, atraídos pela fertilidade das novas terras do interior de Passo Fundo, zona da mata, onde já morava o primo Augusto Zanatta, emigrou para a Sede Teixeira. A nova propriedade distanciava-se sete quilômetros da sede da Colônia, atual comunidade de Santana. Enquanto Ângelo construía a casa, a família ficou morando com o primo

Augusto.

Ângelo, em sociedade, instalou uma serraria para o aproveitamento da grande quantidade de enormes pinheiros em toda a região. A madeira era transportada por meio de carretas de ternos de mulas até Coxilha.

Augusta Zanatta fez promessa de mandar erigir uma capela dedicada a Santa Ana, cuja imagem foi doada por ela. Depois da inauguração da Capela, passado pouco tempo, a família transferiu-se para o povoado de Sede Teixeira. Depois de residir alguns anos em uma casa, a família adquiriu uma chácara, onde passou a morar. Augusta, filha de imigrantes italianos, passou toda a infância e adolescência, praticamente, no meio do mato, onde não havia escolas. Com o passar dos anos, por iniciativa própria, conseguiu alfabetizar-se rudimentarmente, o suficiente para exercer sua missão de mãe e esposa e o ofício de parteira prática.

Da esquerda para a direita Padre Narciso, Armando, Albertino, Maria de Lourdes, Olímpio e Irmã Julieta (Leonora) 1957.
Fonte: Revista Comunicação.

Exerceu esse ofício durante toda sua existência, tendo atendido grande número de partos. Em sua missão, percorria a colônia, a cavalo ou a pé, com chuva ou a sol, de dia e de noite, enfrentando o frio e a ventania, por vezes sozinha, perdendo-se por vezes pelas picadas no meio do mato.

Quando a família se transferiu para Sede Teixeira, obteve o Alvará de Licença para exercer a profissão, em 22 de setembro de 1939, fornecida pelo Dr. Armando Vasconcellos, Chefe do Posto de Higiene de Passo Fundo. Sempre manteve grande disposição à maternidade, às crianças, assim como a pobres e velhos desvalidos.

Ajudava nos seminários diocesanos e religiosos, a ponto de o Bispo de Vacaria, D. Cândido Bampi, deixar escrito no Livro Tombo da Paróquia de Ibiaçá, no dia 30 de abril de 1954, estas palavras: "Agradecemos de coração a D. Augusta Zanatta o desvelo maternal que mostra para o Seminário Diocesano". Em meados de 1970, morava numa casa que seu filho, Padre Narciso Zanatta, lhe deu em Palmas, Paraná, bem defronte à casa paroquial. Em companhia da neta Vera Lúcia Zanatta, passou os últimos dias de vida e morreu no dia 6 de novembro de 1971. Em reconhecimento pelo seu trabalho e contribuição no

desenvolvimento do Município de Tapejara, uma das creches municipais leva o seu nome; é a localizada no Bairro São Paulo, a Creche Municipal Mãe Augusta Zanatta.

• Catarina De Bastiani

A família de descendentes italianos Catarina De Bastiani e Severo De Bastiani transferiu-se para Vila Tapejara em meados de 1946. Casados, em 24 de julho de 1926, na localidade de Vila Maria, tiveram 14 filhos. No dia 9 de setembro de 1942, passaram a residir em Água Santa e, no dia 8 de junho de 1946, vieram residir em Vila Tapejara, juntamente com seus oito filhos, pois seis já haviam falecido.

No dia 17 de novembro de 1946, meses após ir morar na Vila, Catarina perdeu seu esposo Severo, que era carpinteiro. A partir da morte do esposo e, mesmo antes, quando morava em Água Santa, Catarina trabalhava como parteira, tendo sido discípula de "Mãe Augusta Zanatta". Além de parteira, Catarina, para poder sustentar seus oito filhos, trabalhava em casa na empalhação de cadeiras para a fábrica de cadeiras colonial que existia na época na Av. 7 de Setembro, de Gumercindo Ongaratto, mais tarde adquirida por Lauro Rosa.

Catarina em serviço de parto com o seu bisneto João Paulo Gardelin, em 27/06/1982. Foto: Arquivo de Júlio Debastiani.

Trabalhou na maioria das vezes para pessoas de baixa renda, pessoas que não tinham condições sequer de ir ao hospital, sendo que o atendimento era feito na própria casa da parturiente. Era solicitada para atender partos em toda a localidade, bem como em Ibiaçá e outros Municípios vizinhos. Para chegar até a casa da parturiente ela ia de caminhão, carroça e a cavalo, e muitas vezes tinha que fazer grandes caminhadas para poder chegar à casa, onde ficava, não raras vezes, uma noite inteira até a mulher dar à luz.

Nos últimos anos de sua vida, Catarina começou também a prestar serviço no Hospital Santo Antônio, sendo que muitas vezes ficava noites em claro esperando o nascimento da criança. Durante seus mais de 40 anos no exercício do ofício de parteira, trouxe à luz grande número de crianças que hoje habitam

Tapejara e Municípios vizinhos. No dia 3 de dezembro de 1984, após quase três meses de sua enfermidade, Catarina Debastiani veio a falecer no Hospital Santo Antônio. Como reconhecimento pelo seu trabalho e contribuição ao desenvolvimento do Município, o Poder Público denominou a Escola Catarina Debastiani com o seu nome.

- **Maria Petronilla Pellizzoni**

Maria Petronilla Pellizzoni, que era conhecida pela população como Dona Nenê, nasceu em 22 de agosto de 1903, em São Francisco de Paula, filha de Francisco Friederichs e de Maria Volkweis. Ela tinha três irmãos e era casada com Amancilio Pellizzoni. Em 1923, a fim de buscar trabalho e uma vida melhor, mudou-se de São Francisco de Paula para Sede Teixeira, onde exerceu sua atividade de parteira. Seu esposo era agricultor e também foi auxiliar de uma sapataria. Juntos, o casal passou muitas dificuldades e, aos poucos, com o passar dos anos, adquiriram um pedaço de terra, onde plantavam e tiravam o seu sustento.

Dona Nenê adquiriu esse apelido pelo fato de ser parteira. Os meios de transporte na época eram o cavalo, a carroça e a charrete; com isso enfrentava o frio, barro e atoleiros para chegar até a casa da grávida, independente de dia e horário e ainda, muitas vezes, tinha que andar alguns quilômetros a pé. Sua filha Alaídes Felini recorda: "Às vezes quando a paciente morava muito longe da Sede e estava prestes a ter o bebê, Dona Nenê a hospedava em sua própria casa, até que esta desse à luz". Com o passar do tempo, foi construído o hospital, e assim todos os partos ocorriam naquele local.

Por gostar muito de crianças e por não poder ter filhos, Dona Nenê, com muita dedicação, criou cinco filhos adotivos: Alaides Felini, Carmen Toson, Lourdes Maciel, Pedro Bio e Salustiano Menegildo. Faleceu, com 74 anos de idade, em 21 de maio do ano de 1978, no Hospital Santo Antônio. Em homenagem a Dona Nenê, foi criada, na cidade, a Travessa Dona Nenê, em frente à Creche Isabel Basso.

Ana Maria Ferenci, Ana Cristina (Neta) e Maria Petronilla. Foto: Arquivo da família de Homero Felini.

• Tereza Rigon

Da esquerda para a direita: Prefeito de Tapejara, Seger Luiz Menegaz, parteira Tereza Rigon e funcionária do Hospital Santo Antônio Daniela Bianchi Baranzelli. Foto: Arquivo do Hospital Santo Antônio.

Tereza Rigon nasceu em 26 de dezembro de 1914, no interior do atual Município de Flores da Cunha. Com seus pais, partiu de sua comunidade com três anos de idade para morar na Linha Pinhal, Navegantes, interior de Sananduva. Em 1928, com 14 anos, mudou-se para Sede Teixeira, na localidade de Linha Quatro. Casou-se com Aristides Sales de Oliveira, o qual já tinha duas filhas do primeiro casamento.

Tereza foi parteira na cidade de Tapejara e nos Distritos de Água Santa, Santa Cecília e Ibiaçá. Antes de iniciar os trabalhos de parto, revelou que "rezava para Nossa Senhora do Bom Caminho e também para o Anjo da Guarda, porque todos nós temos um Anjo da Guarda que nos protege e nos guia".

Ela contou que quando as dores do parto não vinham e a futura mãe já estava ficando angustiada, oferecia-lhe um cafezinho e tudo se resolvia. Quando precisava fazer cesariana, levava a parturiente para o médico. Ainda recorda: "A maior parte dos partos era natural, respeitando a natureza de cada um. Uns demoravam mais e outros menos, mas, no final, tudo acabava bem."

A tabela abaixo é uma singela amostra do período em que a atuação das parteiras foi intensa: a maioria dos partos era normal e ocorriam na casa das parturientes. Por outro lado, quando aconteciam no Hospital Santo Antônio, eram acompanhadas pelas parteiras:

Ano	*Parto normal*	*Cesariana*
1963	*26*	*0*
1973	*232*	*33*

Fonte: Relatórios de prestação de contas do Hospital Santo Antônio de Tapejara referentes aos exercícios de 1963 e 1973.

• Dona Meca

Amélia Nunes (Dona Meca ou Mãe Gaudência) perdeu o pai Elpídio Nunes Gonçalves com apenas quatro anos de idade e por ser de uma família grande, com vinte e três irmãos, foi adotada pela

família de José Fazzolo (Bepe) e Maria Fazzolo (em memória), que moravam em Sananduva. Quando Bepe faleceu, sua irmã casou-se e levou Meca consigo para o interior de Ibiaçá. Porém, como não havia serviço, voltaram para Tapejara.

Aos 14 anos, Meca começou a trabalhar no Hospital Santo Antônio, aprendendo o ofício de parteira. Trabalhou com Antônio Lovatto e permaneceu por alguns anos. Meca, além de parteira, aprendeu a benzer, desde pequena, com a mãe adotiva. Benzia do sol na cabeça, tirava quebrante (mau-olhado), tirava sangue de nariz e arrumava ossos.

Casou-se com Saturno Kelim, um italiano de São João da Urtiga. Teve doze filhos naturais e cinco criados, entre netos e adotivos.

Realizou diversos partos na então Vila Treze de Maio. Atualmente, faz crochê e borda toalhas passar o tempo. Completará 88 anos no dia 15 de outubro de 2015. Ela disse que Deus a ajudou muito nos partos, porque nunca teve um problema.

BENZEDEIRA

• Concheta Maria B. Sebben

Tanto na Itália quanto no Brasil, as benzedeiras compartilharam conhecimentos e práticas relativas à saúde e a doenças com as freiras e os padres. As benzedeiras usavam a simbologia e os ritos da Igreja Católica em suas benzeduras: dores nas costas e reumatismo ciático nos músculos benzia sempre com o Sinal da Cruz. "A maior parte das benzedeiras fazia orações e recomendava orações, o que geralmente dava como resultado o alívio da dor e a cura das moléstias dos necessitados que as procuravam" (DE BONI; COSTA, 1984, p. 176).

Concheta Maria B. Sebben herdou de seus pais os ensinamentos e a prática religiosa, desde muito cedo, e experimentou, em sua vida, a força e o poder do benzimento e oração em momentos de dificuldades atravessados por sua família, formada por um grande número de filhos. Na medida em que estava crescendo, cada vez mais, a sua crença na fé aumentava, pois via no testemunho de sua mãe ao acolher em sua casa pessoas necessitadas que a procuravam para aliviar suas dores, sofrimentos e dificuldades e pouco tempo depois voltavam para agradecer pela ajuda que haviam recebido.

Ela, quando jovem, além de testemunhar a ajuda aos necessitados, procurou saber como sua mãe conseguia contribuir para aliviar as dores e os sofrimentos das pessoas que buscavam seu bem-estar físico e psíquico. Sua mãe revelou que tudo era uma questão de fé, de acreditar na força e no poder do benzimento e da oração na cura das dores, enfermidades e moléstias.

A receita recomendada era o benzimento com o Sinal da Cruz e a Oração de uma Ave-Maria, um Pai-Nosso e um Glória durante três dias seguidos, que a dor ou moléstia desapareceria. Esse legado, deixado por sua mãe, foi continuado e levado adiante por Dona Conchetta, que passou também a praticar o benzimento a partir da sua idade adulta, até os últimos dias de sua vida.

Durante sua vida, acolhia com solicitude em sua morada todas as pessoas acometidas de dores e moléstia. Atenta e pacientemente, ouvia o relato do necessitado e, em seguida, procedia ao benzimento ensinado pela sua mãe.

• Noemia Terezinha Fischer

Noemia Terezinha Fischer (Ema para os amigos) faz parte da família Anziliero, de Vila Campos. Foi morar com a família ainda menina e, por ser de família simples, sempre ajudou nos afazeres domésticos.

Há alguns anos, estando com muita dor nas costas e sem saber o que fazer, apareceu-lhe uma amiga para visitá-la e esta percebeu que Ema estava rendida e então fez-lhe "a costura", ou seja, benzeu-a.

Ema foi melhorando como por milagre e ficou feliz quando sua amiga ensinou-lhe o ofício. A partir de então está sempre pronta para "costurar" quem a procura e diz com satisfação: "É um bem que estou fazendo ao próximo e a partir daquele dia nunca mais fiquei sem linha. Atendo também por telefone se alguém precisar; os resultados são bons e agradeço a Deus por ter aprendido e, assim, também posso ajudar", conclui Ema.

• João Batista Segatt

João Batista Segatt também era um dos benzedeiros de antigamente. Era casado com Veronica Zanin Segatt e pai de 15 filhos. João benzia as crianças que estavam com "bichas" (vermes). Realizado o benzimento com um prato com água e com uma caneta escrevia na água e dava para a criança beber. Uma de suas filhas, Olga Segatt Cambrussi, contou que os ensinamentos tinham sido adquiridos com o Padre Calógero Tortoricci. Muitas pessoas o procuraram para "curar" seus filhos. Ele também possuía um bar, juntamente com sua casa, na saída para Charrua.

Família Seggat. Da esquerda para a direita, em pé: Ivo, Sabino, Mário, Arcide, Casemiro, Teolide, Diva e Olga; na frente: Arlindo, Horácio, Aquelino, mãe Veronica com Adelar no colo, Ivone, pai João e Ládia. Foto: Arquivo de Diles Cambrussi Marsilio.

HOSPITAL SANTO ANTÔNIO

• O primeiro hospital e a fundação da sociedade

Foi na década de 1930 que os irmãos Giácomo Marin e Bejamin Marin adquiriram o antigo casarão de madeira que até então era ocupado por uma casa comercial, localizado no centro da Vila e, fazendo

as devidas reformas, transformaram o antigo casarão, no primeiro hospital da Vila Teixeira.

Denominado Hospital Santo Antônio, dispunha de quatorze quartos, vinte e cinco leitos e sala de operação. A direção médica estava a cargo do Dr. Ivanorich Sawa Lachno (Russo), auxiliado pelo Dr. Daben Capilavischy e como administrador Bejamin Marin.

Giácomo Marin. Foto: Arquivo de HSA.

Recepção da chegada do Dr. Sawa em 1932. Foto: Arquivo da família de Ivanorich Sawa.

• Sociedade Pró-Novo Hospital

Diante do surto de crescimento e desenvolvimento do Distrito de Vila Teixeira, o hospital não suportava a demanda da população que a ele recorria a fim de obter a assistência e os cuidados à saúde. Surgiu então, em meados de 1940, um movimento, integrado por agricultores, comerciantes e religiosos preocupados com a situação e dispostos a constituir uma sociedade, com apoio da população, que objetiva a construção de um grande hospital.

A fundação da sociedade aconteceu no dia 30 de outubro de 1937, na residência de Taudelino de Antunes de Quadros. Compareceram a essa reunião preliminar: o Dr. Sawa Lachno; o farmacêutico Mario J. Ferreira; o Pároco, Padre Calógero Tortorici, e representantes do comércio e serviços: Silvio Ughini, Taudelino Antunes de Quadros, Humberto e Marcelino Busatto, Aquilino Cavichioli, José Zanini, Tibério Amatéa, Jacob Marin, Rosalino Bertoldo, Armando Silochi, Dr. Otacílio Ribas, José Koller, entre outros os agricultores: Antônio Marchiori, Gilio Bacega, Arcádio Weger, Sebastião Marcolin, Higino Zilli, Concilio Mezomo, Gabriel e João Zanatta, José Concato, Pedro Paulo Balem, Vitório Dametto, Cattarino Dalmina, Emiliano Rebelatto, João Sasset, Luiz Sitta, Benedito Santo Peletti, Severino Biazus, André Rovani, Ângelo Tognon, Flor Arcari, Maximo Lângaro, Eurico Rocha dos Santos, Carino Canali e Luis Rodrigues.

Na oportunidade, foi decidido que os fundos necessários seriam angariados entre os que tivessem interesse em ajudar em cotas superiores a cem contos de reis (100$000) por pessoa. Para isso os presentes escolheram uma Diretoria provisória para dar os primeiros passos na arrecadação de fundos, ficando assim constituída: Tesoureiro, Dr. Sawa Lachno; Secretário, Mário J. Ferreira; Auxiliares, Silvio Ughini, Alberto Busatto, Aquilino Cavichioli, Antônio Marchiori, Gilio Bacega, Taudelino Antunes de Quadros, Arcádio Weger. Ficou acertado, desde então, que o Padre Calógero Tortorice seria o Capelão do Hospital que se pretendia fundar.

A primeira reunião, da Diretoria constituída, aconteceu no dia 17 de janeiro, realizada na residência do 2º Secretário, Murillo Domingues. O Presidente, Antônio José Zanini, escolheu os seus companheiros de Diretoria, para o ajudarem a definir o local onde iria ser construído o referido hospital.

Após uma missa campal, foi lançada a primeira pedra fundamental do edifício do Hospital Santo Antônio, no dia 4 de agosto de 1940. A convite de José Zanini, Presidente do Hospital, o Padre Paulo Chiaramonte deu a bênção à primeira pedra.

• Estruturação e funcionamento do novo hospital

Na reunião da Diretoria, na residência do então Presidente, José Zanini, realizada no dia 17 de março de 1940, foi aprovada a minuta do contrato e o projeto para a construção do novo edifício do Hospital Santo Antônio. Também foi firmado contrato com João de Cesaro, construtor responsável.

Quando o projeto original foi apresentado às autoridades governamentais, foi recusado; o motivo alegado foi que a localização do terreno (em frente ao atual edifício, no atual estacionamento), não obedecia à orientação solar adequada. Para solucionar o problema, os idealizadores foram buscar a orientação de pessoas mais antigas da comunidade. A maioria falou que a solução era edificar no outro lado da rua (atual localização). A orientação foi acatada pelas lideranças e o projeto foi aprovado. Assim, continuaram as obras do edifício do Hospital Santo Antônio.

• Doação de terreno

Família de Pedro Rebesquini, um dos doadores do terreno. Foto: Arquivo do HSA.

Na medida em que a Diretoria viabilizava a documentação e o material necessário para a obra, a comunidade local era motivada e convidada, principalmente pela Paróquia Nossa Senhora da Saúde, a contribuir com a entidade na construção do edifício do Hospital Santo Antônio. Essa mobilização começou a dar resultados em pouco tempo.

Entre os terrenos doados, estavam os de Julião Luiz de Almeida, com um lote de 800m², localizado na Rua Dr. Vergueiro; de Manuel Amâncio Teixeira, de 800m², situado na esquina da Rua 11 de Julho; de Jacob Poletto, de 1.280m², correspondente a um lote e meio; e de Pedro Rebesquini, que doou uma área superficial de 2.720m², o que corresponde a três lotes e meio, sendo que duas partes de terras ficaram ligadas aos terrenos adquiridos pelo Hospital Santo Antônio, situados no centro da Vila.

- **Sócios fundadores e receitas**

Modelo de recibo de doação para a construção do prédio do HSA. Dia 02/04/1938, no valor de 500 mil contos de réis, de Emílio Parizotto. Foto: Arquivo do HSA.

Em outubro de 1940, o valor pago por conta da construção do edifício ao construtor João de Césaro foi de 20.000$000 (vinte mil contos de réis). O pagamento na compra de cinco lotes, conforme escrituras, foi de 2000$000 (vinte mil contos de réis) e as despesas com as escrituras dos lotes, estatutos e impressos de 852$600 (oitocentos e cinquenta e dois mil e seiscentos contos de réis), perfazendo o total das despesas em 22:852$60 (vinte e dois milhões, oitocentos e cinquenta e dois mil e sessenta contos de réis). Mas, houve receita de cerca de trezentos e quarenta e três sócios fundadores, que contribuíram, na sua grande maioria, com a quantia 100$000 réis; uns com 200$000 réis; outros com 300$000 réis e uns poucos com 500$000 réis.

Os sócios fundadores foram os seguintes: Atílio Ambrosi, Augusto Bogoni, Avelino Bacega, Abel Bernardi, Alberto Beneti, Arnaldo Bertoldo, Aquilino Cavichioli, Abino Costa, Adriano de Rossi, Ângelo Dallagasperina, Angelo Dalzotto, Angelo Fortunatto, Angelo Fontana, Angelo Giotto, Avelino Damiani, Avelino Guerra, Alberto Bordin, Arcangelo Girardi, Angelo José Bertóglio, Angelo Manica, Alberto Marcolin, Angelo Menegaz, Antônio Poletto, Antônio Pagno, Antônio Marcon, Antônio Marcolin, Antônio Maria-

no Spanhol, Antôno Morelo, Antônio Marchiori, Antônio Manica, Antônio Três, Antônio Tognon, Antônio Rovani, Antônio Rebelatto, Antônio Spanhol, Antônio Savaris, Antônio Sandini, Antônio Ughini, Antônio Zanatta, Antônio Zanatta Sobrinho, Antônio Zanchetta, Armando Zanatta, Belisano Corso, Bortolo Dallagasperina, Bejamin Fioravante Marin, Bertoldo Poletto, Bertoldo Perera, Bento Silveira, Bomfilho Seben, Bertoldo Seidler, Batista Turela, Bejamin Zanatta, Celestino Comiran, Celeste Casagrande, Cornélio Costa, Caetano Comiran, Catarino Dalmina, Carlos Parizoto, Carlos Poltronieri, Constante Scariot, Calixto Severino Tres, Celeste Ughini, Camilo Ughini, Dionisio Bisuti, Domingos Busatto, David Costela, Domingos Canali, Dr A. de Bem Carpiloviski, Domingos Dalzotto, Demétrio Marcolin, Diamantino Machado de Lirio, David Piroli, Domingos Pelissaro, Domingos Spanhol, Delfino Tognon, Etore Bortolini, Ernesto Dalmina, Ernesto Fontana, Ernest Kaffer, Emilio Pentin, Emilio Parisoto, Ernesto Langaro, Ernesto Marin, Eugênio Rigon, Eurico Rocha dos Santos, Emiliano Rebelatto, Eliseo Rech, Eugenio Secco, Ernesto Slavieiro, Eduardo Sasset, Ernesto Zem. Eugenio Zanatta, Eugenio Zanchetta, Florentina Jouris Bacega, Francisco Barison, Fioravante Chaparini, Francisco Canali, Fiori Costela, Fioravante Fabiani, Francisco Favareto, Francisco Fontana, Francisco Giroto, Florenal José Ferreira, Francisco Lucion, Fernando Lisoni, Fortunato Menegaz, Francisco Mazutti, Felice Marcon, Frederico Peter, Felicio Posser, Fioravante Rech, Frederico Storch, Firavante Zanatta, Gilio Bacega, Gateano Bolsonelo, Guerino Bertóglio, Guerino Comiran, Giocondo Canali, Guilherme Guidini, Generino Girardi, Guilherme Langaro, Geraldo Langaro, Guilherme Sitta, Gervásio Sbeghen, Germano Sbardelotto, Gil da Silva Boeira, Gabriel Kurtz, Gabriel Zanatta, Guerino Zanatta, Germano Zapani, Guido Zancheta, Guerino Zanatta Filho, Henrique Bassani, Hercules Boscheroli, Herminio Casa, Henrique Fontana, Henrique Mariani, Higino Zili, H. Theo Möller & Cia, Herberto Hanel, Humberto Luiz Perera, Herminia Parisoto Bée, Isidoro Arcari, Inácio Bacega, Ilano Marchiori, Josefina de Rossi, Jacob Fiabani, Jacob Marin, Jacob Poleto, Jacob Peter, Julio Zanatta, José Bressan, José Bacega, José Broch, José Bertoglio, José Coco, José Concato, José Comasseto, José Dalmina, José Debona, José Favareto, José Felini, José Jouris, José Masuti, José Marcolin, José Momo, José Peter Filho, José Piroli, José Peter, José Pegoraro, José Parisoto, José Rigon, José Scariot, José Tognon, José Volpato, José Zanini, João B. da Silva, Jorio Barison, João A. Casa, João Artur Lamb, João Batista Fontana, João Batista Guerra, João Bertolo, João Belegante, João Batista Rovani, João Bordignon, João Brusso, João Batista Dalzotto, João Costela, João Costa, João Dalzoto, João Dalagasperina, João Dalposso, João Fortunato, João Favareto, João Giacomin, João Galina, João Michelon, João Momo,João Manuel Bortoncelo, João Menegaz, João Marchiori, João Matheus Poggio, João Sasset, João Sebben, João Scain, João Sbardelotto, João Pedro Germano Lamb, João Pagno, João Pereira, João Pegarini, João Rombaldi, João Zanatta, Luiz Augusto Zanatta, Luiz Artuso, Luiz Baiase, Luiz Bisuti, Luis Federle, Libero Bordignon, Luiz Fontana, Luiz Gasperin, Luiz Gratieri, Luiz Langaro Primo, Luiz Lucio, Luiz Marcolin, Luiz Rovani, Luiz Bernardo Sbardelotto, Luiz Sitta, Lauriano Spanhol, Luiz Ughini, Libero Ughini, Luiz Variza, Luiz Tolardo, Luiz Zen, Laurindo Zapani, Lodovino Zancheta, Marcelino Artuso, Marcos Bortolini, Mario Bogoni, Máxino Cambrussi, Murilo Domingues, Modesto Favareto, Mateus Fortunato, Maria Koch, Máximo Langaro, Marcos Leão Canali, Marcos Menegaz, Maria Vechi Momo, Miguel Posser, Martim Três, Mario Sbeghen, Mateus Spanhol, Marcos Schamberg, Modesto Ughini, Miguel Zancheta, Mario Lago, Nilo Bortolini, Napoleão Borgo, Norberto Lamb, Nicolau Spanhol, Natal Parisoto, Oto Britzius, Osvaldo Culman Confild, Oreste Dalmina, Otaviano José Bortolini, Oreste Gargioni, Otacílio Machado de Lírio, Oscar Simon, Orestes Zanini, Patrício Antoniazzi, Primo Besuti, Padre Calógero Tortorici, Pedro Col Debella, Padre Paulo Chiaramonte, Paulo Dalsasso, Pedro Machado de Lírio, Paulo Morelo, Paulo Meroto, Pedro Koch, Pedro Langaro, Pedro Panisson, Pedro Bruch, Pedro Rovani, Pedro Rech Loti, Pedro Savaris, Pedro Scariot, Pedro Spuldaro, Primo Scariot,

Pedro Zanatta, Romeu Arcari, Ricardo Basegio, Roque Brusamarelo, Reinaldo Negrini, Ricieri Michelon, Ricardo Spanhol, Ricardo Sirtoli, Riceiri Girardi, Rodolfo Maine, Raimundo Melara, Reinaldo Ragrimini, Riceiri Zanatta, Santo Bordignon, Silvio Chaparini, Silvino Fortunato, Santo Guidini, Simão Hanel, Sebastião Marcolin, Sebastião Nunes, Santo Pigasso, Santo Posser, Silvio Ughini, Santo Scariot, Tibério Amatéa, Tranqüilo Basso, Taudelino Antunes de Quadros, Tranqüilo Canali, Teobaldo Koch, Teolinda Lamb, Teodoro Storch, Tereza Zanini, Upelo Bernardelli, Vitório Artuso, Vva. Bruno Bertoto, Valério Bacega, Verginio Basso, Vergílio Carissími, Vitório Costela, Valentim Comiran, Vitório Dameto, Vitório Dalmina, Vitório Guerra, Vva. Genoefa P. Sitta, Vva. Germano Prante, Vitório Lucion, Vitório Langaro, Vitório Lissoni, Vitório Parisotto, Vergílio Oliboni, Valeriano Ughini, Vitório Rech e Valentim Zanata.

Todos os sócios citados foram os fundadores, com exceção de João Zanata, que foi o benfeitor e, de acordo com suas contribuições, gozará de abatimento sobre as diárias.

As atividades da Sociedade Santo Antônio foram intensas no ano que antecedeu a inauguração do edifício-sede do Hospital Santo Antônio. Em virtude do resultado verificado das urnas, ficou eleito o seguinte Conselho Administrativo: Presidente, José Zanini; Vice-Presidente, Sebastião Marcolin; 1º Secretário, Tibério Amatéa; 2º Secretário, Murillo Domingues; 1º Tesoureiro, Silvio Ughini; 2º Tesoureiro, Pedro Col Debela: e Assistentes: Padre Paulo Chiaramonte, Arnaldo Bertoldo e João Costa.

• Ano antecedente à inauguração

No dia 13 de outubro, ocorreu a festa paroquial em benefício da nova casa de saúde. O lucro da festa foi de cinco contos de réis, doados para compra de material destinado à construção da edificação. Em meados de janeiro de 1941, o Dr. Miguel Tabbal foi convidado a trabalhar na então Vila Tapejara, pelo Dr. Ivanorich Sawa Lachno.

No dia 19 de maio de 1941, mais uma reunião aconteceu antes da inauguração. Foi discutida e votada a nomeação do Diretor do Hospital Santo Antônio da Vila Teixeira, o Dr. Miguel Tabbal. Decidiu-se que a duração do mandato fosse até 31 de dezembro de 1943. Dessa forma, o Dr. Miguel Tabbal ofereceu empréstimo de uma autoclave e uma mesa operatória que o hospital lhe pagaria em pequenas prestações, conforme combinado anteriormente.

• Ingresso de acidentados

Antes mesmo das solenidades de instalação e inauguração do Hospital Santo Antônio e da nomeação do diretor do estabelecimento, existia e funcionava a clínica do Dr. Miguel Tabbal. A clínica foi instalada no edifício e começou a funcionar em virtude de inúmeros pacientes que chegavam em busca de assistência e cura.

Além da população em geral, os acidentados em diversas serrarias da Vila Teixeira e dos arredores. Os oriundos das serrarias eram: cortadores, arrastadores, serradores e seus ajudantes e operários. O Livro de Registro de Acidentados do Trabalho da Clínica do Dr. Miguel Tabbal evidenciou, no período de 3 de março de 1942 a 11 de maio de 1942, a chegada de treze pessoas que tiveram cura no intervalo de 12 de abril a 13 de maio de 1942.

• Parcela de acidentados curados em 1942

Com a parcela de acidentados que ingressaram e foram curados no estabelecimento de saúde, antes da inauguração, no intervalo de 12 de abril a 13 de maio de 1942, e após, no período de 23 de junho a 25 de dezembro de 1942, a Sociedade Hospital Santo Antônio conseguiu arrecadar, por serviços prestados a quarenta e seis pessoas, a quantia financeira de aproximadamente Cr$ 5.212.000,00 (cinco milhões e duzentos e doze mil cruzeiros).

• Procedência dos acidentados curados

Inúmeros acidentados, ajudantes, operários, serradores, arrastadores e cortadores que acessavam em busca dos serviços do estabelecimento de saúde para a cura de ferimentos que aconteciam na atividade laboral, procediam de serrarias. Entre as diversas serrarias instaladas e em pleno funcionamento na época na então Vila Teixeira, destaquem-se as de Oscar Dias, Ricardo Basseggio, Armando Siloch, Ughini & Bertoldo, Valentim Zanatta, Guerino Zanatta, Júlio Zanatta, Zanatta & Irmãos, Armando Zanatta e Zanatta e Cia. e Luiz Costa.

Os acidentados dessas serrarias eram segurados pelas seguradoras Cia. Madepinho S/A e Cia. Protetora. Os primeiros que acessaram os serviços do Hospital Santo Antônio, no período após a inauguração, 24 maio de 1942, foram um ajudante e um serrador, em 7 de dezembro de 1942, e o último foi um operário, em 13 de dezembro de 1949, totalizando 110 curas nesse período.

Em busca dos serviços curativos do hospital, a ele acorreram também, aproximadamente, oitenta acidentados segurados, parte de um universo de setecentos e oitenta, oriundos também da serraria de Hércules Bosquerolli, instalada e localizada na localidade de São Luiz do Gramadinho, interior do Município, no período de 11 de setembro de 1961 a 15 de maio de 1964. No total, foram realizadas oitenta curas.

Além disso, também foram atendidos os aprendizes, operários e serventes que necessitaram dos serviços do estabelecimento hospitalar para a cura de ferimentos que ocorriam na atividade laboral do então Frigorífico São Paulo S/A.

Dentro de um contingente de quatrocentos e quarenta e cinco acidentados segurados do IAPI, a partir de 13 de junho de 1953 a 13 de novembro de 1959 acessavam aproximadamente cento e seis, cuja procedência foi do Frigorífico São Paulo S/A, em 13 de abril de 1953 e curado em 20 de maio; o último em 13 de novembro de 1959 e curado em 28 de novembro. Num universo de setenta e quatro acidentados segurados, da Companhia Atalaia, a partir de 12 de fevereiro de 1957 a 2 de janeiro de 1959, o primeiro foi curado em 1º de março e o último em 19 de janeiro de 1959.

Nesse conjunto de acidentados, doze foram mulheres serventes, que acessaram os serviços do Hospital Santo Antônio a partir de 4 de setembro de 1954 a 6 de outubro de 1959. Os diagnósticos dos acidentes foram: ferimentos nas mãos, nos dedos, nos pés e nos joelhos e contusão no joelho. O hospital arrecadou com essas doze mulheres o valor de R$ 6.250,00.

Os serviços do Hospital Santo Antônio continuavam sendo necessários por aproximadamente noventa acidentados do Frigorífico São Paulo S/A, no intervalo de 11 de junho de 1962 a 2 de maio de 1964.

• Antecedentes e chegada das Irmãs

As tratativas que antecederam a chegada das Irmãs de Nossa Senhora, em Vila Teixeira, para prestarem serviços no Hospital Santo Antônio, estão registradas nos Anais da Congregação. Os acontecimentos ocorridos, na época, do ponto de vista das Irmãs pioneiras, foram os que seguem: dois anos antes da abertura, as Irmãs do Colégio de Vila Teixeira afirmaram que seria construído um novo hospital e que passaria aos cuidados das Irmãs. No decorrer do ano de 1941 autoridades da Vila se deslocaram até Passo Fundo pedindo às Irmãs superioras, pois estavam para serem abertas várias novas filiais, mas faltavam Irmãs e as superioras viram-se impossibilitadas de atender o pedido.

O Padre Paulino Chiaramonte, segundo sacerdote de Vila Teixeira, apresentou-se em Passo Fundo, pedindo com tanta insistência para liberarem as Irmãs, que não encontrou mais resistência, já que a abertura do Hospital de Carazinho parecia estar retardando. Após o retiro, em fevereiro de 1942, foram escolhidas as Irmãs Madre, Teonilda, Madre Adelheide e Madre Filipa, para dar início às atividades no Hospital Santo Antônio.

No dia 27 de fevereiro, após terem arrumado as malas e caixas, iniciaram a viagem de ônibus. A Irmã Madre Engelfrieda acompanhou-as, por uns dias, para assisti-las nas dificuldades iniciais. As Irmãs M. Ernestina e M. Norbertila, do colégio, esperavam-nas na rodoviária. Ficaram uns dias no colégio, até poderem instalar-se no novo edifício. Após a primeira noite, participaram da Santa Missa. Em seguida, chegou o Padre Paulino, de carro, para levá-las ao alto do monte, ao novo prédio do hospital.

> *Alegramo-nos com esta feliz localização da casa. O edifício, pintado com cores claras, parecia convidativo. Estava completamente vazio, nada tinham às Irmãs e há três semanas a M. M. Valeriana indicara onde queria a clausura e qual seria a mobília. Somente o farmacêutico Mario José Ferreira mudara-se da Vila ao Hospital e estava instalado. Teve a visível proteção de Deus, pois umas horas após a mudança, durante a noite, sua casa queimou completamente (Anais da Congregação).*

Em todos os corredores e cantos viu-se a sujeira da construção. De início, as Irmãs entristeceram-se, mas aos poucos venceram com a vontade de trabalhar. À tarde, informaram-se com os senhores da Diretoria a respeito da compra do mais necessário. Eles entenderam que os pedidos das Irmãs eram justos e necessários. Na cozinha viu-se um grande fogão com um enorme recipiente, que aguardavam serem montados. Porém, faltou o essencial: a água.

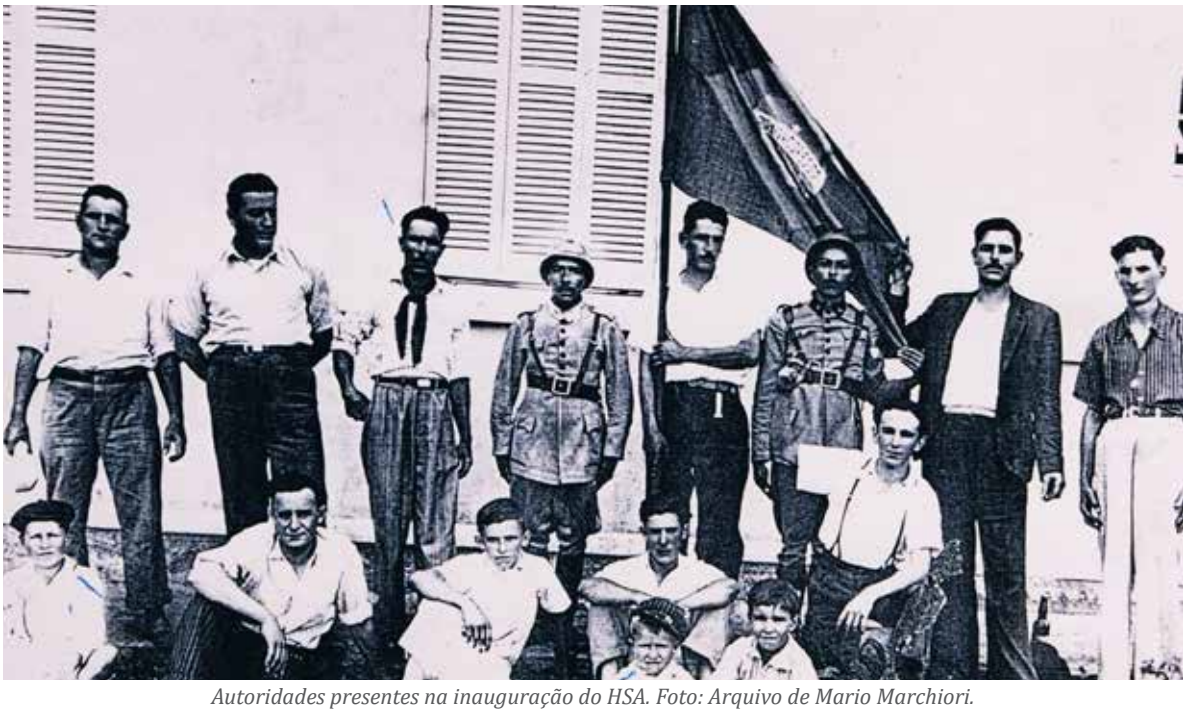
A noviça Ir. M. Felipa costurou no colégio lençóis, fronhas, aventais para auxiliares e a Ir. M. Adelheide providenciou, também no colégio, as frutas. A Irmã Engelfrieda e M. Teonilda fizeram as compras necessárias. Em março, todas as Irmãs realizaram a limpeza das janelas e dos assoalhos. Quando, em abril, parecia possível iniciar o funcionamento, faltou o médico. Havia dois no lugar, mas a diretoria quis um terceiro.

As Irmãs de Nossa Senhora, designadas, pela Congregação, para prestarem serviços no hospital, ao iniciaram suas atividades, encontraram uma realidade e situação de carência de meios. Essa situação foi registrada nos Anais da Congregação. Entre eles o ocorrido em 8 de abril de 1942, quando o primeiro

doente acessou os serviços do então, ainda não inaugurado, Hospital Santo Antônio. O episódio foi assim descrito:

> *Inesperadamente trouxeram ao hospital uma criança doente que não pôde ficar no hotel devido ao perigo de contágio de difteria. Assim, com o isolamento abriu o funcionamento da casa. A diretoria se viu obrigada a ligar a água e montar o fogão. Dois dias depois recebemos a comida do colégio. Uma cama e uma cadeira emprestada da farmácia já tínhamos. Nem copo, nem xícara, nem colher. O farmacêutico ajudou onde podia. Os parentes do doente já quiseram retirar-se, mas chegou o médico. Após três dias, a criança voltou curada para casa. As Irmãs encheram-se de coragem e continuaram com a limpeza do prédio.*
> *No mês de abril, foram atendidos vinte e um doentes. O mês de junho trouxe tanto trabalho com pneumonia e gripe que dia e noite as Irmãs não tiveram calma. As Madres ficaram sem serem interrompidas, nas refeições. No dia 13 de julho, nos surpreendeu a M. M. Valeriana, quando trouxe a Ir. M. Friedegund para ser introduzida na farmácia, pois a diretoria pretendeu abrir uma por conta própria. Em setembro, veio para a mesma finalidade a Irmã M. Reinoldis, mas devia voltar à casa provincial, já que uma postulante adoeceu seriamente. Em outubro, mês do rosário, conseguimos revezar-nos para a devoção, com bênção na igreja (Anais da Congregação).*

• Inauguração do Hospital



Autoridades presentes na inauguração do HSA. Foto: Arquivo de Mario Marchiori.

Finalmente, chegou o dia 24 de maio de 1942, Dia de Pentecostes, com a inauguração do hospital pelas autoridades eclesiásticas e civis, que oferecia condições de acolhida às irmãs trazidas pelo Padre Paulo. Teve missa campal, presidida pelo Padre Henrique Yolh, representante do Bispo Dom Antônio Reis, da Diocese de Santa Maria, à qual a Paróquia Nossa Senhora da Saúde, criada em 26 de dezembro de 1926, era subordinada. À tarde, na praça, em frente ao hospital, foi realizada uma grande festa popular.

Estiveram presentes autoridades civis e religiosas, entre as quais: Vitor Graeff, Prefeito Municipal; Armando Vasconcelos, Chefe do Posto de Higiene; Darci Berberger, Delegado de Polícia; Bernardino Costa Santos, Oficial do 3º Batalhão do 8º RI; Bujter Beituese, Oficial do 3º Batalhão do 8º RI; Artur Lângaro, Presidente da Associação Comercial; Antônio Augusto Uflacher, Juiz Municipal; João de Cesaro, construtor; Túlio Fontoura, Diretor do jornal O Diário da Manhã, de Passo Fundo; Miguel Tabbal, Sebastião Nunes, Subprefeito e Subdelegado; Dr. Sawa Lachno; Pároco Padre Tortorici, Padre Paulo Chiaramonte, Mario José Ferreira e membros da Diretoria biênio 41/42.

A fita simbólica foi cortada pelo Prefeito Municipal, Dr. Vitor Graeff, a convite do Presidente do Hospital, José Zanini, declarando inaugurado o referido estabelecimento hospitalar.

Em seguida, o Dr. Miguel Tabbal proferiu um discurso, salientando o esforço da Diretoria atual, e finalizou agradecendo a honrosa presença dos ilustres visitantes. Usando a palavra, o Prefeito, Dr. Vitor Graeff, cumprimentou o povo do Distrito pela construção do prédio inaugurado, que trará inúmeros benefícios à população em geral. O representante do Bispo Dom Antônio Reis finalizou, dando a bênção ao prédio.

• Repercussões da inauguração na imprensa

Inaugurado, domingo ultimo, em Vila Teixeira
o novo edificio do Hospital Santo Antonio
Como decorreu a solenidade do importante melhoramento para Vila Teixeira
O ato inaugural foi presidido pelo dr. Victor Graeff, Prefeito Municipal

Fonte: Jornal Diário da Manhã, de Passo Fundo.

• Inauguração no olhar das irmãs e visita nas comunidades

Na segunda-feira de Pentecostes, as Irmãs do Colégio Medianeira M. Valeriana, M. Afonsa, M. Reinoldis e M. Afonso, com todo o zelo, prepararam o tabernáculo e colocaram o símbolo de Jesus na

capelinha. O Padre Yolk rezou a primeira missa e, depois da consagração, a Irmã Teonilda acendeu a luz perpétua.

Vista do prédio do Hospital Santo Antônio em meados de 1953. Foto: Arquivo Público do RS, reprodução de Ricardo Gusti.

A jornada de serviço das Irmãs de Nossa Senhora no Hospital Santo Antônio, nos primórdios, foi marcada por intensas e envolventes atividades. O pouco tempo que restava na lida cotidiana era reservado para assistirem à Missa na capela do hospital e em datas especiais participarem de cerimônias religiosas na Igreja Matriz, embora durante o ano houvesse uma temporada em que baixava o movimento de procura e internação no hospital, o que proporcionava que elas pudessem visitar famílias da comunidade. Essa temporada coincidia com a safra de uva, figo, ameixa, pêssego e outras frutas da estação primavera-verão.

Nessa época, a prática das famílias agrícolas era a seguinte: a primeira coleta das frutas era destinada para os padres, irmãs e médicos. A uva, o figo, o pêssego e a ameixa, depois de selecionados, eram colocados em cestas e depois em caixas das carroças e transportadas até a Casa Paroquial, o Colégio das Irmãs de Nossa Senhora e o Hospital Santo Antônio. Além de brindar com as frutas, também, convidavam o padre, a Irmã e o médico para visitarem a propriedade, a fim de saborearem as frutas da época.

O convite da visita não era recusado pelas Irmãs. Na medida do possível, na baixa temporada dos serviços e com a ajuda do Jeep no transporte, tendo na direção do enfermeiro Antônio Lovatto, conseguiam deslocar-se até a casa das famílias. Eram acolhidas com alegria e respeito pelas famílias. Em seguida, eram levadas ao pomar para tomar conhecimento da produção das frutas. Depois, eram convidadas a ingressarem nas dependências da casam onde lhes eram oferecidas frutas da época.

Armindo Spanhol, filho de Nicoletto e Victória Dallagasperina Spanhol, sócio-contribuinte pioneiro do Hospital Santo Antônio, recorda que, quando jovem, assistiu a um fato curioso na casa de seus pais. Ele conta que as frutas foram depositadas em pratos e colocadas sobre uma mesa existente na sala, e não na cozinha, onde estavam as Irmãs conversando com os seus familiares. As Irmãs foram convidadas para saborear as frutas. Então elas se deslocaram até a sala e a porta foi fechada. Na sala, sozinhas, saborearam as frutas. Na volta à cozinha, movido pela curiosidade, Armindo perguntou por que as Irmãs faziam as refeições separadas e de portas fechadas. Armindo recorda que as Irmãs disseram que era costume

isso acontecer. Não somente nas casas ocorria, mas também nos colégios, onde as Irmãs faziam suas refeições separadas das internas e com as portas fechadas, bem como no Hospital, em que sua área era separada da dos demais funcionários. Em seguida, ao voltarem à cozinha, uma cesta de frutas aguardava-as sobre a mesa. Agradeciam e se despediam retornando ao Hospital Santo Antônio.

Casal Josefina Simão Zanatta e João Zanatta, sócios benfeitores do HSA na década de 1940. Foto: Arquivo de Carmen Zanatta Sitta.

Entre as funcionárias do hospital, destaque-se Amabilia Lourdes Giacomin, que permanece na instituição com a idade de 75 anos e cerca de 35 anos dedicados aos serviços de horta, limpeza e cozinha. Ela recorda que, quando criança, seus pais contavam ao redor da mesa como era a situação e o funcionamento do hospital no começo de suas atividades. Era contado que a comida oferecida aos poucos doentes internados era cozida num fogão constituído por uma chapa de ferro suportada por tijolos. O cozimento da sopa, de arroz, batata e carne de galinha era feito em galão (higienizado) de cinco litros de querosene.

Os pratos e talheres para servir o almoço e a janta eram trazidos de casa por José Zanini, que ajudava na lavagem. Pela parte da noite, era oferecido aos doentes baixados chá de marmelo, maçã, café e leite, pão e doce de marmelo, figo ou uva. A água para o consumo (fervida) e a limpeza das dependências do prédio era obtida de um poço localizado nos fundos do edifício.

Funcionários do HSA na década de 1970. Foto: Arquivo do HSA.

• Medidas implementadas pela Diretoria

Diversas medidas foram decididas, no período de 1942 a meados de 1969, com a finalidade de estruturar e fazer funcionar de fato o Hospital Santo Antônio.

Algumas das primeiras medidas tomadas pela Diretoria: no dia 3 de dezembro de 1942, foi assinado o contrato com Marcos Menegaz para o fornecimento de força para acionar o dínamo que até ali era acionado pela roda de água de Eugênio Felini. A proposta de Marcos Menegaz foi de mil cruzeiros por ano para o fornecimento de força para mover o citado dínamo, e o contrato teria a durabilidade de dois anos. O pagamento ficou acordado que seria feito semestralmente. Marcos Menegaz comprometeu-se a zelar pela conservação e o bom funcionamento do dínamo.

No dia 9 de setembro de 1944, as preocupações da Diretoria estavam voltadas para o registro do hospital, para a questão da farmácia, para a nomeação e o ordenado do guarda-livros, a gratificação das Irmãs de Caridade, para o resultado da festa do dia 21 de novembro e para a prorrogação de nomeação do diretor técnico. As medidas tomadas foram: delegado poder para Arnaldo Bertoldo para tratar em Porto Alegre do registro do hospital; sobre o caso da farmácia, ficou determinado procurar uma pessoa conhecedora da legislação sobre o ramo para os esclarecimentos necessários; para dirigir o serviço de contabilidade ficou nomeado Álvaro Domingues, o qual já vinha exercendo provisoriamente o cargo, com o ordenado mensal de duzentos cruzeiros; gratificar as Irmãs com dois meses de ordenado pelo empenho e dedicação desenvolvidos no trabalho com que vinham dirigindo o hospital; e combinar com o Padre Raimundo Damin que o resultado da festa do dia 21 de novembro seria destinado à construção da capela e da clausura das Irmãs.

No dia 19 de dezembro, ocorreu a prorrogação de mais um ano de nomeação do Dr. Miguel Tabbal como Diretor Técnico do hospital.

o Compra, em sociedade, da farmácia

Por volta de 15 de outubro de 1944, a Diretoria surgiu com duas propostas para a compra da farmácia pelo Hospital. A proposta vencedora foi de fazer sociedade com o farmacêutico Achiles Ferreira Garcez, o qual propôs ficar com a metade da farmácia, entrando com capital igual, para fazer sociedade com o hospital. A parte técnica caberia a ele, que percebia da sociedade um ordenado mensal de oitocentos cruzeiros (Cr$ 800,00).

A sociedade durou até 2 de agosto de 1947, quando o hospital decidiu adquirir as cotas de capital com que Achiles Ferreira Garcez havia contribuído na compra da farmácia, fazendo-se o acerto correto entre Achiles e o hospital.

A partir do dia 1º de agosto de 1947, Achiles Ferreira Garcez passou a ser funcionário do hospital, ficando com a obrigação de atender, diariamente, o laboratório da farmácia com manipulação de remédios.

Os pedidos de mercadorias passavam doravante a serem assinados pelo Dr. Miguel Tabbal. A cobrança de conta, entrega de remédio no balcão, recebimento de dinheiro, bem como o caixa, ficaram exclusivamente a cargo da Irmã Maria Freidgund.

o Direção interna

A direção interna do Hospital nessa época estava nas mãos da Irmã Eberta, cujo encargo havia iniciado no dia 4 de janeiro de 1953, ocupando o lugar da Irmã Maria Freidegund, que havia dirigido o hospital durante o período de seis anos consecutivos, tendo antes trabalhado mais seis anos como farmacêutica. A Irmã retornou ao cargo da direção interna do hospital no dia 24 de fevereiro de 1960.

• Construção da nova ala do hospital

Naquele tempo, iniciou a construção de uma nova ala do hospital, onde já haviam gasto Cr$ 128.163,00. O engenheiro Roberto Politta assumiu a obra, que iria custar Cr$ 300.000,00. O material para a construção ficou por conta do hospital, o qual o orçou no valor de Cr$ 700.000,00.

Em meados de 1967, iniciou a construção de mais uma ala do hospital, a qual se destinava à instalação de uma maternidade, sendo que até o final do ano de 1966 tinham sido aplicados NCr$ 5. 643,06.

Em 1968, houve a ampliação do prédio do hospital. O prédio em construção, um edifício de três pavimentos, anexo ao existente, encontrava-se em fase adiantada. Nessa obra havia sido aplicado o valor de NCr$ 35.282, 52.

No final de 1972, foi finalizada a ampliação dos dois pisos do prédio. Os dois inferiores ficaram totalmente mobiliados e em funcionamento. Quanto à reforma do último, para abranger o centro cirúrgico, já estava em fase de acabamento.

• Serviço de assistência e operações

Médicos realizando uma cirurgia. Foto: Arquivo do HSA.

Durante o ano de 1953, foram hospitalizados 583 doentes de ambos os sexos e foram fornecidas 2.905 diárias. Os fornecimentos dispensados aos indigentes nesse ano foram os seguintes: 255 fórmulas farmacêuticas; 125 injeções aplicadas; 15 pequenas intervenções. Aos doentes hospitalizados, foi prestada a seguinte assistência religiosa: 116 Santas Comunhões; 132 Confissões; 1 Crisma; 15 Extremas-Unções. Ainda nesse ano, foram praticadas 161 pequenas intervenções e 3 operações de alta cirurgia. Havia dez leitos destinados aos indigentes, mas com a construção da nova ala do hospital iria aumentar o número.

Em 1957, foram hospitalizados 1.005 enfermos, constituídos de adultos e crianças, e fornecidas 3.842 diárias. Foram feitas 171 fórmulas farmacêuticas; 624 injeções aplicadas; executadas 35 peque-

nas intervenções cirúrgicas e realizada apenas uma grande intervenção cirúrgica, sendo beneficiários os indigentes contemplados com essas cirurgias, além da internação de 89 adultos e 26 crianças. Para as pessoas que possuíam renda, os procedimentos eram realizados pelo Dr. Miguel Tabbal, sendo 108 pequenas cirurgias, e pelo Dr. Celso Domingues, sendo 151 intervenções de alta cirurgia. Aos doentes hospitalizados, foi prestada a seguinte assistência religiosa: 385 Santas Comunhões, 358 Confissões, 13 Batismos e 10 Extremas-Unções.

Quadro de funcionários do HSA na década de 1960. Da esquerda para a direita, em pé: Leonilda Volpatto, Reni Biasutti, Terezinha Volpatto, Adelaide Rigon, Valdereza Girardello, Avani Basso, Delcia, Adelia Posser e Ivanilde Artuzi; sentados: Antonio Lovatto, sem identificação, diretora Irmã Eberta, adjunta da diretora, Irmã Ubaldina, e Irmã Anites. Foto: Arquivo da família Lovatto. Informações de Adelaide Rigon.

Com a conclusão da nova ala, o número de leitos para indigentes aumentou de dez para vinte, sendo, assim, possível atender em maior âmbito o serviço de assistência social aos necessitados. Durante o ano de 1957, nasceram quatorze crianças, sendo oito meninos e seis meninas. Funcionava na época, no hospital, um aparelho de Raio-X na sala de radiologia, dirigida pelo Dr. Celso Domingues, e dois aparelhos de aplicação, sendo um de ultravioleta e outro de infravermelho. Existia ainda um aparelho de ondas curtas, que pertencia ao Dr. Miguel Tabbal, e um laboratório de análises clínicas, que pertencia ao Dr. Celso Domingues.

A tabela abaixo retrata o ano, o número de internações e o número de cirurgias praticadas com a parcela da população que possuía renda e os respectivos médicos na época:

Ano	*Nº internações*	*Nº cirurgias*	*Médicos*
1953	*583*	*164*	*Dr. Miguel, Dr. Sawa*
1957	*1.005*	*259*	*Dr Miguel, Dr. Celso*
1959	*945*	*387*	*Dr Miguel, Dr. Celso*
1962	*917*	*512*	*Dr Miguel, Dr. Celso*
1963	*1.220*	*517*	*Dr Miguel, Dr. Celso*
1966	*1.237*	*252*	*Dr Miguel e Dr. Johnny*
1973	*3.291*	*285*	*Dr Johnny, Dr. Demétrio*
1974	*3.997*	*240*	*Dr Johnny, Dr. Demétrio*

FONTE. Relatórios de prestação de contas do Hospital Santo Antônio relativos aos exercícios de 1953, 1957, 1959, 1962, 1963, 1966, 1973, 1974.

• Declaração de Utilidade Pública

No dia 9 de novembro de 1956, o Poder Público Municipal, através do Prefeito Tranqüilo Basso, declarou o Hospital Santo Antônio como de Utilidade Pública, através da Lei Municipal nº 34, de 9 de novembro de 1956, já que o estabelecimento hospitalar atendeu as exigências prescritas pela legislação federal.

• Transferência do Dr. Miguel Tabbal

Com a transferência do Dr. Miguel Tabbal para Porto Alegre, no final de 1968, o hospital ficou privado do diretor médico. Dessa forma, foi proposta a nomeação do Dr. Johnny Dorval Zoppas para exercer o cargo. Posto em votação na reunião do Conselho Administrativo, realizada em 30 de maio de 1969 nas dependências do hospital, a indicação foi aprovada por unanimidade.

Além disso, na ocasião foi proposto e aprovado um voto de louvor ao Dr. Miguel Tabbal pelo longo tempo que exerceu o cargo de diretor médico do hospital, ao seu nome ficou indelevelmente ligado pela maneira firme e justa como conduziu os destinos do nosocômio.

• Atribuições aos médicos

No dia 15 de junho de 1969, o Conselho Administrativo realizou uma reunião na sala da secretaria do hospital, conduzida pelo Vice-Presidente em exercício, Giácomo Marin, com a finalidade de dar atribuições específicas aos médicos, nos diversos atendimentos dos pacientes do Hospital Santo Antônio. Na oportunidade, ficou aprovado, por unanimidade, atribuir ao Dr. Johnny Dorval Zoppas a responsabilidade dos serviços de obstetrícia e da clínica cirúrgica. O Dr. Demétrio Valdívia Gonzáles ficou com a responsabilidade dos serviços da clínica médica hospitalar.

• Crise Institucional – prejuízo com convênio

Em julho de 1983, em assembleia geral extraordinária, foi exposta aos sócios do Hospital Santo Antônio a situação relativa ao convênio combinado com o Funrural. Pelo convênio, o hospital deveria receber do INAMPS pelo atendimento dos agricultores, no período de janeiro a junho de 1983, a importância de Cr$ 16.920.000,00, já reajustado. No mesmo período, o hospital realizou atendimentos no valor de Cr$ 23.140.428,56, tendo havido prejuízo no valor de Cr$ 6.220,428,56. Na ocasião, ficou decidido, com a concordância da assembleia geral e dos médicos que trabalhavam no hospital, que, a partir daquela data, somente seriam baixados os casos de urgência, de acordo com o convênio. Essa decisão foi aprovada por todos os presentes.

Em agosto, apesar do atendimento realizado ser superior ao da verba do Funrural, havia uma promessa do INAMPS de reajustar o valor da verba até o fim do ano. Portanto, não havia necessidade de romper o convênio com o Funrural, era a decisão da assembleia geral de 1º de agosto de 1983. A promessa do INAMPS não foi cumprida e na assembleia geral realizada em 17 de dezembro foi relatada a situação de prejuízo que se avolumava.

O agravamento da crise financeira e administrativa aconteceu num cenário nacional, no final do ano de 1984, ano em que a inflação brasileira superou 200%, além de nos últimos doze meses o governo Sarney tentar aplicar “choques econômicos” de combate à inflação: Plano Bresser, em 1987; Plano Verão,

em 1989, porém todos fracassaram e a inflação acumulada chegou a 2.751,34%. Esses patamares de inflação acabaram prejudicando, principalmente, as classes assalariadas, que viram diminuir ainda mais seu poder aquisitivo. Além disso, a falta de investimentos ao setor produtivo (expansão das empresas) resultou numa redução do crescimento econômico do Brasil, cuja consequência social mais importante foi o aumento do desemprego.

Além disso, outros fatos, diretamente ligados ao ambiente do Hospital Santo Antônio, vieram a corroborar para que houvesse o agravamento da crise financeira, política e administrativa sem precedentes no Hospital Santo Antônio nessa época.

• Descontentamento e paralisação dos funcionários: manifestação de solidariedade ao movimento grevista

No decorrer do tempo, a Gruta Nossa Senhora de Lurdes também foi um espaço de manifestações de solidariedade e compromisso por melhores condições de vida e trabalho. Cabe resgatar a greve de vinte e seis funcionários do Hospital Santo Antônio, no final da tarde do dia 11 de fevereiro de 1987. Eles realizaram uma caminhada de protesto pelas ruas centrais da cidade de Tapejara e encerraram na gruta a fim de participar de uma celebração e receber a manifestação de apoio de lideranças sociais e religiosas da cidade. Após a Missa, os presentes puderam falar sobre a manifestação.

O primeiro a falar foi o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara, Mário Antônio Maurina, que manifestou seu apoio aos funcionários da Saúde. Vicente Daronch, do Movimento Municipal dos Agricultores atingidos pelas barragens, também expressou sua solidariedade. Em nome da Cooperativa Agrícola Tapejara Ltda., Lídio Marcon, que também era Presidente da Associação dos Jovens Rurais de Tapejara, manifestou apoio integral à paralisação, e reiterou a necessidade de achar uma solução para o caso.

Na ocasião, Itamar Antonio Spanhol também usou a palavra e ressaltou que o Hospital Santo Antônio era dos trabalhadores, os quais fundaram a instituição e não possuíam nenhum direito. O Padre Helio Schuster destacou a união dos funcionários e disse que se sentiu alegre ao chegar à gruta e ver o povo unido em busca de condições melhores.

Por fim, falou o Padre Valter Valentim Baggio, que, antes de dar a bênção final, disse que a união dos pequenos é que dá forças para todos continuarem lutando por uma nova sociedade, com uma proposta diferente, que tem o apoio da Mãe de Deus.

Além disso, a crise financeira e administrativa agravada fazia imperar no ambiente de trabalho um clima de insatisfação e descontentamento do quadro de funcionários em virtude dos baixos salários e das péssimas condições de trabalho. Os funcionários, influenciados e apoiados pelo Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde de Passo Fundo e região, decidiram paralisar as atividades por tempo indeterminado. Assim, mais um ingrediente chegou para engrossar o caldo da crise que vinha assolando a Sociedade Hospital Santo Antônio, em meados de janeiro de 1987.

Os funcionários apresentaram ao Presidente, Sérgio Zanini, a proposta salarial da categoria em reunião que ocorreu no dia 22 de janeiro de 1987 no salão nobre do Hospital Santo Antônio. O Presidente, Sérgio Zanini, pediu um prazo para dar a resposta.

Os funcionários, além de apresentarem a proposta salarial, do piso salarial, reivindicavam jornada de seis horas diárias. Com o passar dos dias, os funcionários avançaram na sua reinvindicação, pois passaram a exigir insalubridade, adicional noturno, horas extras, vestuário, uniformes, material adequado à equipe de limpeza e material de bolso à enfermagem. Eram os itens listados para serem agregados na

proposta, apontados em reunião que aconteceu em 28 de janeiro de 1987, no Clube São Paulo, com a presença dos funcionários e representantes do Sindicato.

No dia seguinte, 29 de janeiro, os funcionários, juntamente com a Tesoureira do Sindicato dos Empregados em Serviços de Saúde de Passo Fundo e Região, Terezinha Perissinoto, e do Presidente Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara, Mário Maurina, conseguiram agendar uma reunião com o Presidente do Hospital, Sérgio Zanini, e a administradora, Irmã Irene Comiran. Na ocasião, o Presidente do Hospital disse não ter condições de atender a proposta, por motivos financeiros. O Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara, Mário Maurina, pediu que fossem colocados à comunidade os problemas financeiros do hospital.

A administração do Hospital Santo Antônio, porém, apresentou a contraproposta aos funcionários em reunião que aconteceu no dia 3 de fevereiro de 1987. Entretanto, os funcionários não aceitaram, achando muito baixos os valores estabelecidos. Eles fizeram uma nova proposta ao hospital, a qual a direção não aceitou, dizendo ser a palavra final em 9 de fevereiro de 1987. Com isso, os funcionários aderiram pela paralisação geral por tempo indeterminado.

A grande maioria dos funcionários aderiu à paralisação. Durante a paralisação houve plantão no atendimento às urgências e atendimento de emergência. Os piquetes foram pacíficos, sem violência.

Para que não houvesse prejuízo no atendimento aos pacientes do hospital, os funcionários fizeram uma distribuição do pessoal para fazerem revezamento dentro do estabelecimento a partir de 11 de fevereiro. A paralisação dos funcionários do Hospital Santo Antônio acabou no dia 12 de fevereiro, após intensas tratativas entre os representantes dos funcionários e a direção da instituição. Em reunião, na noite do dia anterior, o Presidente do hospital, representando a direção, e os vinte e seis funcionários chegaram a um acordo que pôs fim ao movimento reivindicatório que durou exatamente quatro dias, pois iniciou às 21h de segunda-feira, dia nove de fevereiro (9/02), e terminou às 21h de sexta feira, quando os funcionários já retornavam a trabalhar no Hospital Santo Antônio. Às 21h os funcionários que trabalhavam naquela noite voltaram ao trabalho, normalmente, e a paralisação terminou. As partes chegaram a um entendimento e foi assinado documento com a proposta aprovada. Além disso, foi combinado que os funcionários receberiam cinquenta por cento dos dias parados, e ainda o hospital se comprometeu a pagar as horas que os funcionários paralisados estiveram no hospital realizando o seu trabalho no atendimento de casos de urgência. Todos os funcionários têm o direito de receber a insalubridade prevista em lei e a ser definida conforme a Consolidação das Leis Trabalhistas, e quem trabalha na cozinha e na lavanderia receberá um abono de Cz$ 100,00 (cem cruzados) sobre o salário que passarão a receber.

Ao término da reunião, que encerrou a paralisação iniciada havia quatro dias, todos se mostravam felizes pelo acordo feito e prometeram voltar ao trabalho com dedicação, responsabilidade e zelo no atendimento à população tapejarense. Dos vinte e seis que participaram da paralisação, vinte quatro eram mulheres e dois homens.

• Medidas tomadas para sanar a crise financeira

O período de 1989-1991 registrou medidas que eram tomadas pela administração do Hospital Santo Antônio a fim de combater e superar o agravamento da crise financeira, administrativa e política sem precedentes, que a instituição vinha suportando desde meados da década de 70. As primeiras medidas começaram a serem tomadas em março de 1989.

Entre as primeiras, estava a alteração dos Estatutos Sociais, pois, conforme a percepção dos sócios,

já não se ajustava mais à época. Para realizar essa tarefa foi constituída, em 8 de março de 1989, uma comissão.

A situação do Hospital Santo Antônio, conforme revelou o administrador Ildo Costella na assembleia de 28 de dezembro de 1989, "é viável, a situação está sob controle, desde primeiro de agosto passado, não opera mais no negativo, portanto não é verdadeira a afirmativa que se encontra por aí".

Quanto às AIHs excedentes, as atrasadas foram todas recebidas, o número foi aumentado para cento e cinquenta e com a filantropia melhorava, sensivelmente, o atendimento. Havia um médico de plantão as vinte e quatro horas do dia, havia três mil atendimentos ambulatoriais e cento e noventa internações mensais.

A situação financeira estava em dia, tendo sido pagas todas as dívidas e compromissos, o salário de dezembro, o décimo terceiro salário dos funcionários e as parcelas do Instituto Nacional de Previdência Social (INAMPS).

Para provar que a situação do Hospital Santo Antônio melhorou, foram postos à disposição dos interessados os documentos e a contabilidade da sociedade. Foi comunicado que estava sendo feita uma auditoria financeira patrimonial, chefiada pelo contabilista João Cadore.

O Balanço do exercício 1990 foi apresentado, no dia 20 de março de 1991, nas dependências do Centro Comunitário Paroquial, comandado pelo contador do Hospital, Avelino Bianchin. O exercício revelou o lucro liquido de Cr$ 11.055.226,66 (onze milhões, cinquenta e cinco mil, duzentos e vinte e seis cruzeiros e sessenta e seis centavos), proveniente da atividade hospitalar, da farmácia, das vendas externas, das doações, de descontos em contas pagas e de verbas municipais. Ainda foi revelado o nome das entidades previdenciárias e respectivas importâncias que o hospital tinha a receber. Elas eram: Banco do Brasil, Convênio de Filantropia, Previdência Social, Funrural, INPS, IPERGS, UNIMED.

• Projeto de modernização no hospital

O projeto de modernização teve como objetivo criar condições e estrutura suficiente e necessária para prestar assistência qualificada, mais abrangente do que a atual e em tempo integral, com menores custos, tanto para a população, como para o hospital, com mais rapidez, tendo em vista a redução dos percursos e o fortalecimento da estrutura médica e hospitalar de microrregião, reduzindo a dependência de centros maiores.

O projeto avançou no período de 1992 a 2007. Em 2001, foi realizado o Plano Diretor de Informática para o Hospital Santo Antônio, pela empresa Âncora Consultoria e iniciaram as atividades do Programa de Planejamento Estratégico, pela empresa Vida Consultores Hospitalares. Nessa etapa, entre os resultados obtidos estavam a regularização do quadro social, a aquisição e instalação de novo parque de equipamentos, instrumentos cirúrgicos e móveis e utensílios; ampliação da estrutura física e pintura interna e externa dos prédios.

Em 12 de setembro de 2001, aconteceu a solenidade de credenciamento do serviço de mamografia do Hospital Santo Antônio. Na ocasião, foram credenciados para o Sistema Único de Saúde (SUS) cento e trinta exames para vinte Municípios da região. Ainda foram colocados em funcionamento os serviços de apoio à microrregião nas parcerias com o pronto atendimento, laboratório de análises clínicas regionais e no atendimento aos vinte Municípios que buscavam no hospital os serviços de mamografia e plantão 24 horas.

Além disso, aconteceu a criação de comissões internas, entre as quais: Comissão de Análise e Pron-

tuário Médico e Óbito; Comissão de Controle de Infecção Hospitalar; Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA); Comissão de Humanização; Colaboradores Comprometidos com o Meio Ambiente; Setor de Nutrição; Coleta de Sangue. Ademais, as parcerias com a Associação dos Funcionários e empresas conveniadas, além do engajamento da instituição no Movimento "Mais Saúde para os Hospitais".

• Novo parque de equipamentos

A partir do ano de 2000, o hospital começou a reestruturar e inovar o seu parque de equipamentos, instrumentos cirúrgicos, móveis e utensílios. Além da instalação do novo parque de equipamentos em 2001, também aconteceu a reforma da Unidade de Pediatria. Nessa unidade, foram coloridas as paredes com desenhos ilustrativos e foi organizada uma sala para recreação. Dias depois de concluídas, as obras foram inauguradas. Na oportunidade, recebeu o nome de Unidade Pediátrica Antônio Lovatto, uma homenagem singela de reconhecimento e gratidão ao funcionário que por muitos anos prestou serviços à instituição.

Em julho de 2002, foi firmado o convênio entre o Município e o Hospital Santo Antônio para a criação do Laboratório de Análises Regional, para atender os Municípios de Água Santa, Vila Lângaro, Tapejara e Santa Cecília do Sul. Na época, o hospital foi contemplado com uma verba de R$ 30.000,00 do COREDE da região, sendo que o Município cedeu os equipamentos do Laboratório Municipal. A sala do Laboratório Regional foi totalmente mobiliada e a instituição contratou profissionais para exercer as atividades.

Porém, o Laboratório Regional somente iniciou suas atividades no dia 1º de abril de 2003 e passou atender as comunidades de Água Santa, Vila Lângaro, Santa Cecília do Sul, Charrua e Tapejara, com diversas formas de convênios, como: SUS, IPE, UNIMED e também particulares. Em 2003, foram efetuados aproximadamente 20.000 mil exames. O hospital adquiriu ainda diversos equipamentos para o laboratório, como cozinha, farmácia, sala de parto, laboratório e sala de emergência e radiologia, durante o ano de 2003.

A partir de 2003, aconteceram diversas mudanças na Farmácia do Hospital Santo Antônio. Houve a contratação de uma farmacêutica, que trabalha, diariamente, para melhorar o andamento das atividades. A farmácia foi informatizada; os kits de medicação estão embalados conforme cada procedimento realizado; os medicamentos foram padronizados; foram promovidos cursos e treinamentos de qualificação dos funcionários.

• Comissões internas

Ao mesmo tempo em que eram reestruturados e inovados o parque de equipamentos, instrumentos, móveis e utensílios e ampliada a estrutura física, eram constituídas diversas comissões internas, compostas por representantes do Conselho Administrativo, do corpo clínico e dos funcionários.

Assim organizados e qualificados, os recursos humanos da instituição conseguiram dar uma resposta adequada e compatível com as exigências do ambiente de trabalho e da nova realidade. Entre as comissões constituídas, destacam-se: a Comissão de Análise de Prontuário Médico e Óbito (CAPO), designada para verificar itens que deverão constar obrigatoriamente no prontuário e na declaração de óbito, além de assegurar a responsabilidade do preenchimento, arquivo e manuseio dos prontuários, que cabem ao médico assistente, ao chefe de equipe, ao chefe clínico e à direção técnica da unidade. A comissão é formada por dois representantes do corpo clínico, um representante da administração, um representante da enfermagem, um representante do serviço de faturamento e arquivo médico, um representante da

farmácia e um representante do Serviço de Vigilância Sanitária e Epidemiológica da Secretária Municipal da Saúde, os quais se reúnem bimestralmente nas dependências do hospital para análise e discussão de prontuários médicos e de óbitos ocorridos na instituição nesse intervalo de tempo.

A Comissão de Controle de Infecção Hospitalar é um órgão de assessoria da Direção, colaboradores e corpo clínico do Hospital Santo Antônio e tem por finalidade a definição de ações que visem ao controle das infecções hospitalares. É composta de membros indicados e aprovada pela própria comissão e nomeados pela Diretoria do hospital. Atualmente, fazem parte da CCIH dois médicos, dois membros da administração, dois enfermeiros, um bioquímico e um farmacêutico. As reuniões ocorrem, bimestralmente, nas dependências do hospital, onde são discutidos relatos ou casos de infecções que tenham acontecido nesse intervalo de tempo, sendo debatidas, em conjunto, as medidas de prevenção dos possíveis episódios de infecção.

Entre as medidas adotadas pela CCIH, uma é o contato telefônico com os pacientes pós-operatório, chamado de "Busca Ativa", visando a coletar informações sobre a recuperação domiciliar ou relatando quaisquer anormalidades decorrentes do processo pós-cirúrgico. O contato é realizado pelo enfermeiro da comissão, registrando e arquivando no hospital. Mais ainda, estipulou e disponibilizou o horário de visitas aos enfermos das 13 às 15h, sendo que após esse intervalo de tempo são realizados procedimentos junto ao paciente.

A Comissão Interna de Gerenciamento dos Resíduos de Saúde é constituída por colaboradores representantes dos diversos setores do Hospital Santo Antônio, que criam condições para a correta seleção e destino de todos os resíduos gerados no ambiente hospitalar. A comissão desenvolveu diversas campanhas com o envolvimento de todos os colaboradores quando acontece a coleta de lixo reciclável – papel, papelão, garrafas pet e latinhas.

A Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) é uma Comissão composta por representantes do empregador e dos empregados e tem como missão preservar a saúde e a integridade física dos trabalhadores e de todos aqueles que interagem com a empresa. O Hospital Santo Antônio, em conjunto com a CIPA, tem dedicado especial atenção aos problemas de segurança do trabalho. A maioria das atividades desenvolvidas pela comissão foi: promoção de treinamentos, cursos, palestras e elaboração e difusão de textos educativos.

A Associação dos Funcionários do Hospital Santo Antônio (AFUHSA), que tem como missão a integração dos sócios e da comunidade hospitalar, vem realizando diversos eventos no decurso do tempo. Nesse período, entre as atividades realizadas, aconteceram: jantar dançante em comemoração ao Dia dos Pais; jantar em comemoração ao Natal; rifa de Páscoa, com jantar em comemoração à Páscoa.

• Setor de Nutrição e Dietética

O Setor de Nutrição e Dietética busca, anualmente, melhorar a qualidade do serviço prestado, através de treinamentos, mensais, para os colaboradores que atuam no setor. Os treinamentos são coordenados pela nutricionista e versam sobre os cardápios, uso de equipamentos e outras atividades que visem ao bom funcionamento do setor. Em média, são servidas, na atualidade, entre funcionários e pacientes, 4.751 refeições por mês, divididas em café da manhã, almoço, lanche e jantar. O quadro de funcionários conta com quatro auxiliares de cozinha, três copeiras, uma coordenadora e uma nutricionista. As avaliações nutricionais, dos pacientes, são realizadas sempre que solicitadas pelos médicos.

• Setor de Radiologia

Em 2003, o Setor de Radiologia do Hospital Santo Antônio contava com profissionais qualificados à disposição e para atendimento 24 durante horas para atender a população regional e local. Conforme dados estatísticos, foram atendidos, no Raio-X, 5.252 pacientes, em diversas incidências e 1.883 mamografias foram realizadas. O setor também é credenciado para os seguintes convênios: SUS, IPÊ, UNIMED, GEAP, CASSI, TAPCARD, CABERGS, TAPMED, inclusive para mamografia, prestando serviços a toda a comunidade regional. O setor disponibiliza, também, o serviço de ultrassonografia, para melhor qualificar o atendimento ao paciente.

• Setor do CPD

Em meados de 2003, após estudo das ferramentas disponíveis no mercado, decidiu-se pelo uso de um banco de dados que pudesse, ao mesmo tempo, ser usado para os novos projetos, como para dar suporte aos sistemas informatizados que já existiam. Com a equipe formada e as ferramentas eleitas, a Central de Processamento de Dados (CPD) fez melhorias nos sistemas informatizados já existentes e também desenvolveu novos projetos. Entre outros benefícios trazidos, foram: desenvolvimento de rotinas, relatórios e programas necessários para que todos os setores pudessem desenvolver suas atividades sem depender do CPD; desenvolvimento de um menu gerencial para a administração do hospital, permitindo que sejam visualizadas em um único gerenciador as mais diversas informações de todos os setores; desenvolvimento de um visualizador da ocupação dos leitos do hospital para auxiliar na recepção no momento das baixas.

Além desses projetos, o CPD, em conjunto como Setor de Recursos Humanos, organizou um treinamento em informática aos funcionários do hospital com o objetivo de repassar a eles um conhecimento básico, já que a intenção era expandir a rede de computadores a todos os setores do hospital, integrando, totalmente, as informações.

• Biblioteca hospitalar

A Sociedade Hospitalar Santo Antônio, preocupada com o aprendizado dos colaboradores, colocou, em meados de 2003, a disposição uma biblioteca. Os livros e revistas foram doados por médicos e funcionários, alguns foram subsidiados pelo hospital. Também na biblioteca encontra-se à disposição do colaborador um computador, sendo que pode ser utilizado para pesquisas na Internet.

• Treinamentos

No ano de 2003, foram proporcionados cursos e palestras, entre os quais: Curso de Ética Profissional; Curso de Urgência e Emergência; Curso de Dispensação de Medicamentos; Curso de Procedimentos para Transfusão de Sangue; Relacionamento Humano, Ética e Atendimento ao Paciente; Palestra sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis – DTS; Programa de Qualidade de Vida na Alimentação; Integração Motivacional; Palestra sobre Sexualidade; Curso para Componentes da CIPA.

• Sistema de descontos

Foi constituído, em parceria com a Acisat, o Cartão TAPCARD Empresarial, voltado ao atendimento especializado, auxílio e bem-estar dos colaboradores de empresas conveniadas. O atendimento é realizado por especialistas em diversas áreas, entre as quais: análises clínicas; ultrassonografia; odontologia/ortodontia; oftalmologia, entre outros. Em 2006, o Cartão de Descontos do Hospital Santo Antônio, TAPCARD, passou por um processo de reestruturação, tendo sido firmados novos convênios com a finalidade de ampliar os serviços e propiciar melhor atendimento aos conveniados.

• Plantão 24 horas

O início das atividades do pronto atendimento médico e recepção 24 horas, foi em meados de 2001. Em março de 2006, o Município (Poder Público) firmou termo aditivo ao convênio firmado com o Hospital Santo Antônio em 2 de março de 2005, referente ao Plantão 24 Horas Urgência-Emergência.

O convênio datado de 2 de março de 2005 era prorrogado até 31 de março de 2006. O convênio prevê o repasse do Município para o hospital no valor de R$ 13.157,01 (treze mil, cento e cinquenta e sete reais e um centavo) mensais a partir do mês de março de 2005, a título de complementação da tabela de remuneração do Sistema Único de Saúde. É prevista em nível ambulatorial urgência e emergência, praticada pelo Sistema Único de Saúde. O repasse ficou condicionado à prestação ambulatorial 24 horas de urgência, nas clínicas, obstétrica, pediátrica e médica, raio-X urgência e emergência.

Em 2005, também foram adquiridos diversos equipamentos. Por fim, no final de setembro de 2006, foram instaladas uma processadora de filmes de mamografia e uma mesa obstétrica para a sala de parto, adquirida pelo Município, com recursos do Ministério da Saúde, no valor de R$ 24.200,00, e contrapartida do Município no valor de R$ 9.000,00, somando o total de R$ 33.000,00. Ambos os equipamentos foram cedidos ao hospital através de um termo de cessão de uso assinado no dia 24 de agosto de 2006.

• Centro médico e serviços

Um dos grandes objetivos da instituição, nesses últimos anos, foi a melhoria do atendimento ambulatorial e do pronto atendimento. Hoje, o pronto-atendimento tem parceria com cinco Municípios da região – Água Santa, Charrua, Tapejara, Vila Lângaro e Santa Cecília do Sul e oferece atendimento 24 horas, nas três clínicas básicas: Clínica Geral, Obstétrica e Pediátrica. O Laboratório Regional de Análises Clínicas realiza todos os exames necessários para o paciente, em todos os convênios. Os serviços de mamografia são disponibilizados para vinte Municípios da região norte do Estado, para todos os convênios. Ainda na área de diagnóstico, o hospital dispõe dos serviços de raio-X, ultrassonografia e eletrocardiografia. Os serviços de endoscopia digestiva são terceirizados e encontram-se dentro do hospital. Para atender os serviços de internação clínica, cirúrgica e pediátrica, o hospital dispõe de oitenta e três leitos. Na área de cirurgia geral, são realizados diversos procedimentos cirúrgicos, inclusive por videolaparoscopia.

• Equipe de colaboradores do corpo clínico

O corpo clínico do Hospital Santo Antônio, atualmente, é composto por: Andressa Bortolini – Clínica Geral; César Augusto Queiroz – Ginecologia e obstetrícia; Daniel Said Fontanini Diniz – Anestesiolo-

gia; Daniel Santos de Araújo – Clínica Geral e Pediatria; Daniela Maris Piccoli – Ginecologia, Obstetrícia e Ultrassonografia; Delvo Menegaz – Ginecologia, Obstetrícia e Ultrassonografia; Demétrio Honório Valdivia – Clínica Geral e Cirúrgica; Eduardo Jungbluth – Pediatria; Elenice Blaya – Pediatria; Fabiano Mozzini – Clínica Geral e Obstetrícia; Felipe C. Ribeiro – Cirurgia Geral; Geanpaolo Aver – Psiquiatria; Gerson da Silveira Peres – Pediatria; Gustavo Ghedini – Ortopedia e Traumatologia; Jair Tognon – Clínica Geral; João Rudemar da Costa – Clínica Geral; Johnny Dorval Zoppas – Clínica Geral; José Alberto da Silva – Clínica Geral, Endoscopia Digestiva e Cirurgia; José Carlos F. Alves – Ginecologia, Obstetrícia e Ultrassonografia; Juliana Rietjens – Dermatologia; Juliano Grandi – Oftalmologia; Lídio Derossi – Clínica Geral; Lucas Ludwig – Otorrinolaringologia; Luis Francisco Langer – Radiologia, Ultrassonografia, Mamografia, Biópsia Guiada e Agulhamento de Mama; Mario Rodrigues Blaya – Ginecologia, Obstetrícia e Ultrassonografia; Mariza Fernanda Garcia Rosa – Cardiologia; Meiruele Machado Pozzer – Clínica Geral; Miriam Manica Fontana – Ginecologia, Obstetrícia e Ultrassonografia; Paulo Lague Júnior – Psiquiatria; Rangel Guzzo – Ortopedia e Traumatologia; e Rogério Jobim Valdivia – Ginecologia, Obstetrícia e Ultrassonografia.

Atualmente, o Hospital Santo Antônio conta com uma equipe de mais de cento e setenta servidores e configura-se como um centro médico regional, prestando serviço para diversos Municípios da região norte do RS, a uma população de aproximadamente trinta mil habitantes. O corpo clínico é composto por vinte e um médicos, especialistas em clínica médica, cirurgia, obstetrícia, ginecologia, pediatria, cardiologia e dermatologia. Outras especialidades nas áreas de traumatologia, ortopedia, ortopedia, urologia, oftalmologia, otorrinolaringologia e cirurgia plástica também prestam atendimento à comunidade.

• Campanha: “Eu ajudo o Hospital Santo Antônio”

Hospital Santo Antônio. Foto: Arquivo do HSA.

O crescimento populacional e econômico do Município, o surgimento de novas tecnologias, a necessidade de adequação às normas da vigilância sanitária e a regionalização do hospital, passando a ser responsável por, aproximadamente, 40.000 habitantes, culminou com a elaboração de um Plano Diretor no ano de 2008, na gestão da Presidente Anadir Danieli Marcon, elaborado pelo Arquiteto Guilherme Simon Battisti. O Plano Diretor foi, amplamente, discutido por todos os setores do hospital e aprovado pela assembleia geral dos associados, em 13 de março de 2009, na mesma ocasião em que assumiu a

presidência Sirinei Panizzon.

O Presidente, juntamente com toda a Diretoria, frente à ampliação e à reestruturação do hospital, durante o ano de 2009, encaminhou diversos projetos para a Secretaria Estadual da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul (SES/RS). Os projetos versavam sobre ampliação das instalações em três novos pisos, projeto para reforma de toda área de urgência e emergência e projetos para reforma das demais áreas do hospital, cumprindo as adequações levantadas e delineadas pelo Plano Diretor. Todos os projetos foram submetidos à análise e aprovação da Vigilância do Estado do RS.

Assim, hoje todas as instalações do hospital estão aprovadas pela Vigilância Sanitária e, paulatinamente, estão sendo devidamente adequadas às exigências legais, que, junto à aquisição de novas tecnologias, permitirá o enfrentamento da demanda criada pelo crescimento regional.

Como os recursos na área hospitalar sempre foram reduzidos e, diante da necessidade de concretização da ampliação, no dia 20 de maio de 2010, foi lançada, no Clube Comercial de Tapejara, a campanha "Eu Ajudo o Hospital Santo Antônio". Essa campanha, conduzida pela direção através da comissão de investimentos, capitaneada por Valdir Pietrobon e Norberto Dall'Olivo, alcançou sucesso absoluto junto à comunidade, com a arrecadação de recursos na ordem de R$ 569.335,29.

A Campanha "Eu ajudo o Hospital Santo Antônio" alcançou êxito graças à contribuição de muitas empresas e pessoas de nossa comunidade, alguns anônimos, que somaram o montante de R$ 524.080,96, até 2015. Empresas e pessoas que contribuíram com mais de R$ 2.000,00 estão gravadas em uma placa, localizada na recepção do Centro de Diagnóstico.

Todos os doadores da obra de ampliação constam em um Livro Ouro, o mesmo que registrou as primeiras doações da obra de edificação do Hospital Santo Antônio, efetuado no ano de 1942, cuja redação na sua abertura trazia o seguinte texto: "Livro Ouro, destinado a recordar, eternamente, os nomes das pessoas que contribuíram para o Hospital Santo Antônio. Vila Teixeira, 24 de maio de 1942". Em 31 de maio de 2010, 68 anos após, o mesmo Livro Ouro foi reaberto, pela direção, para que constassem os nomes das pessoas e empresas que contribuíram para a obra de ampliação.

• Andamento das obras da nova área de Diagnóstico do Hospital Santo Antônio

Demarcação preliminar das fundações. Fonte: Arquivo do HSA.

Estavam presentes, da esquerda para a direita: a representante da 6ª Coordenadoria Regional de Saúde, Alba Valéria Coldebella, Deputado Federal Geronimo Goergen, Deputado Estadual Gilberto Capoani, Secretário Estadual da Saúde, Ciro Simoni, Fábio Rolin Medeiros, Presidente do Hospital Sirinei Panizzon, Deputado Federal Osmar Terra, Deputado Estadual Gilmar Sossela, Prefeito de Tapejara, Seger Luiz Menegaz, Deputado Estadual Márcio Biolchi e Presidente do Poder Legislativo de Tapejara, Ramir Sebben. Foto: Arquivo da Divulgação.

Novo prédio do HSA. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri

No mês de outubro de 2010 foi iniciada a obra de ampliação do HSA, compreendendo um total de 1.572m2, fazendo parte da Campanha "Eu Ajudo o HSA".

A inauguração do Centro de Diagnóstico (CD) do HSA aconteceu no dia 6 de abril de 2013. Em um espaço moderno, amplo e confortável, a população do Município e da região desfrutará dos principais serviços de diagnóstico disponíveis na instituição: laboratório de análises clínicas, exames de mamografia, raio-X, densitometria óssea, endoscopia digestiva e ultrassonografia. O primeiro piso, o que foi inaugurado e que contempla o CD, faz parte da obra de ampliação do hospital que está em andamento e que totaliza 1.688 m^2, onde ainda haverá bloco cirúrgico, com três salas de cirurgia e central de esterilização de matérias, no segundo piso, e no terceiro andar, área de internação, com dezesseis quartos.

A área inaugurada já recebeu toda a pintura interna, canalização de ar comprimido, oxigênio, óxido nitroso e vácuo clínico, parte de logística (telefone, internet, televisão e câmeras de monitoramento) e móveis. Diversos equipamentos já estão instalados e outros em fase de instalação. A previsão para o serviço entrar em funcionamento no novo local é de trinta dias. O valor do investimento na obra, até o presente momento, é de R$ 1.547.543,81, sendo que R$ 514.021,21 são oriundos da campanha "Eu Apoio o Hospital Santo Antônio", R$ 501.680,74 oriundos de recursos da Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul e R$ 531.841,86 de recursos próprios.

O Presidente do HSA, Sirinei Panizzon, disse que este era o momento de agradecer a todos os que ajudaram para que este sonho se tornasse realidade. Mais de 75 anos após a inauguração do hospital, uma união de forças possibilitou a ampliação, através de governantes estaduais, deputados federais e estaduais, secretários estaduais, prefeitos, entidades, da comunidade e da Diretoria que dirige a instituição. "Para mim, a maior obra que fizemos, muito maior do que esta física, é a união de diversas pessoas em nome de um objetivo, pessoas de partidos e ideologias diferentes, mas que juntas oportunizaram a continuidade de um grande sonho, que começou com nossos pais e avós e que estamos seguindo. É um orgulho ter feito parte disso", ressaltou.

O Prefeito, Seger Luiz Menegaz, ressaltou que a ampliação é um exemplo importante de que quando as pessoas desejam algo, juntas elas podem realmente fazer. Ele lembrou que, desde 2009, o Município aumentou em 375% o repasse de verbas ao hospital, totalizando mais de R$ 3 milhões e que junto com o empenho da comunidade, que realizou doações, e com verbas federais e estaduais, conseguidas com o empenho dos deputados, foi possível fazer uma obra que vai beneficiar a toda a comunidade do Município e da região.

A cerimônia de inauguração contou com a participação de diversas autoridades e da comunidade regional, que ressaltaram o empenho para a realização da obra.

• Inauguração da Urgência e Emergência do HSA

No dia 17 de setembro de 2014, foi inaugurado o setor de urgência e emergência do Hospital Santo Antônio de Tapejara. Participaram diversas autoridades municipais, regionais e também a Secretária Estadual da Saúde, Sandra Fagundes, que parabenizou Tapejara por sua capacidade de acolher as pessoas e manter servidores da área da saúde, o que, segundo ela, é uma grande dificuldade.

O Presidente do Hospital Santo Antônio, Sirinei Panisson, agradeceu toda a disponibilidade da Prefeitura Municipal, que sempre, quando chamada, colaborou com a realização da obra. O Prefeito Seger Luiz Menegaz, em seu pronunciamento, salientou as dificuldades em manter os serviços de saúde nos Municípios com o sistema estabelecido no país, onde a União fica com a maioria dos recursos e reduz o

repasse de valores aos Municípios.

Autoridades descerrando a placa. Da esquerda para a direita: Diretor da Secretaria Estadual de Saúde, João Carlos Arcego; Diretor Técnico do HSA, Johnny Dorval Zoppas; Presidente da Câmara Municipal de Vereadores, Ramir Sebben; Assessora Parlamentar Beatriz Kunkel; Prefeito de Tapejara, Seger Luis Menegaz; Secretária Estadual da Saúde, Sandra Fagundes; Presidente do HSA, Sirinei Panizzon; e Vice-Presidente do HSA, Norberto Dall'Olivo. Foto: Arquivo da Rádio Tapejara.

• Relação da Diretoria do Hospital Santo Antônio para o biênio 2015/2017:

Presidente: Valdir Pietrobom
Vice-Presidente: Norberto Dall'Olivo
Primeiro Secretário: Peter Mathias Antonius Maria Rietjens
Segundo Secretário: Rovílio Tondello
Primeiro Tesoureiro: Valdir Marin
Segundo Tesoureiro: Cláudio Lucion

Suplentes da Diretoria:
Claudimar Baseggio
Osmar Bortolotto
Osana Dametto Coronetti

Conselho Fiscal:
Anadir Danieli Marcon
Claudio Girardi
Olinto Melara

Suplentes do Conselho Fiscal:
Angelica Manica Bortolini

Bruno Storck
Wilson Arcari

- **Presidentes da instituição até a presente data:**

José Zanini, de 1938 a 1969.
Genésio Col Debella, de 1970 a 1985.
Sérgio Zanini, de 1986 a 1987.
Celso Basso, de 1988 a 1989.
Miguel Alécio Rovani, de 1989 a 1991.
Umberto Bolsonello, em 1992.
Sadi Comiran, em 1993.
Jair Tognon, de 1993 a 1995.
Adagir Coronetti, de 1995 a 1997.
Carmelino Luis Rovani, de 1997 a 1999.
Claudimar Baseggio, de 1999 a 2001.
Mário Antônio Maurina, de 2001 a 2007.
Anadir Danielli Marcon, de 2007 a 2009.
Sirinei Panizzon, de 2009 a 2015.
Valdir Pietrobom, de 2015 a 2017.

SERVIÇOS ODONTOLÓGICOS

Os antecedentes contam que os primeiros dentistas exerciam o ofício sem a devida habilitação profissional e especialização legal. Isso porque a Escola de Odontologia, então existente no Estado, estava até 28 de novembro de 1934 incorporada no curso de Medicina.

Nos primeiros anos da então Sede Teixeira, chegava um que outro prático vindo de Passo Fundo, trazendo consigo alguns instrumentos. Alugava um quarto em um dos hotéis daquela época, entre os quais o denominado de Hotel Aurora, cujo proprietário era Taudelino Antunes de Quadros. Ali passava uns dias extraindo os dentes dos que o procuravam.

Mais tarde, por volta de 1932, chegaram o Dr. Ivarich Sawa Lachno e o Dr. Daben Capilovischi, que passaram a atender os casos dentários mais graves no então hospital de Giacomo Marin & Bejamin Marin, localizado no centro do povoado de Sede Teixeira.

Em 1942, chegou na Vila o Dr. Miguel Tabbal para trabalhar no Hospital Santo Antônio. Ele instalou no seu consultório botijões, forces e passou a atender os casos mais graves, acabando por extrair os dentes que estavam causando desconforto daqueles que o procuravam.

Em 1945, chegou ao então Distrito de Tapejara a família de Alfredo Bauermann e Gilhermina Sager Bauermann, provenientes de Getúlio Vargas. Ele havia conseguido aprovação num curso de habilitação profissional de dentista, ministrado na Escola de Odontologia de Porto Alegre e por ter preenchido as exigências do Decreto nº 20.862, art 1º, de 28 de dezembro de 1931, conseguiu, em data de 18 de junho de 1934, seu título de habilitação profissional, devidamente registrado na Diretoria de Higiene e Saúde Pública e na Inspetoria de Fiscalização de Medicina e foi, depois, inscrito no Conselho Regional de Odontologia, sob o nº DPL 132.

Da esquerda para a direita: o filho Diter Adolfo Bauermann, mãe Guilhermina Alvina Sager Bauermann, pai, dentista Alfredo Adolfo Bauermann e filho Frederico Gunter Bauermann. Foto: Arquivo de Vergínia Mânica.

Alfredo instalou o seu gabinete odontológico na atual Rua Coronel Lolico, 500, onde residiu e desenvolveu a atividade por aproximadamente três décadas. Desde o início de sua profissão, Alfredo, segundo revelou seu filho Diter Adolfo, teve ao seu lado sua esposa Guilhermina como assistente no gabinete e ajudante na confecção de próteses dentárias.

Olmar Domingos Simoni nasceu em Guaporé. Ali aprendeu o ofício de dentista prático com seus pais. Em meados do ano de 1950, mudou-se para Água Santa, naquele tempo Distrito de Passo Fundo. Além de atender todos os que o procuravam no Distrito, ainda atendia os necessitados das localidades vizinhas. Também, muitas vezes, deslocou-se para a sede do Distrito de Tapejara, numa sala no centro, onde atendia a todos os que o procuravam. O serviço comum executado era a extração de dentes e a confecção de próteses.

Em meados de 1952, Olmar e sua família mudaram-se para Tapejara. Tanto a sua sala de atendimento quanto a sua residência estavam localizadas em um prédio de alvenaria de dois pisos, no centro da cidade, quase em frente à loja Ughini. Ele exerceu o ofício de dentista prático por quase duas décadas.

Nos últimos anos da década de 1950, chegou ao recém-emancipado Município de Tapejara, de acordo com o cirurgião dentista Celso Basso, "o dentista Lotário Simon, que trouxe consigo o conjunto instrumental dentário e instalou o seu consultório numa das salas de um dos hotéis existentes no centro da cidade. Ele possuía uma vasta cultura humanista. Certa ocasião esteve no então Ginásio Pio XII oferecendo aos professores uma coleção de gramática latina", contou Basso. Lotário permaneceu em Tapejara por pouco tempo.

Os primeiros cirurgiões-dentistas começaram a chegar e estabelecer-se na cidade somente a partir do início da década de 1960. O primeiro foi Artêmio Antônio, que havia há pouco tempo se formado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Em meados de 1961, instalou e colocou em funcionamento o seu consultório e gabinete num prédio de dois pisos de alvenaria no andar térreo situado na Rua do Comércio, defronte à atual Praça Silvio Ughini. Nesse local, desenvolveu suas atividades por quase duas décadas. Mais tarde, mudou-se para o prédio da Clínica Dentária, localizada na Rua Independência, 620.

O odontólogo Dr. Celso Basso, um dos alunos formandos da primeira turma da Faculdade de Odontologia da Universidade de Passo Fundo, formou-se no final do ano de 1964.

Em meados de 1965, foi a vez de o cirurgião-dentista Celso Basso instalar o seu consultório e gabinete dentário. O estabelecimento ocupava duas salas do então prédio de Leopoldo Muxfeldt, onde atualmente está o Edifício Lafayette, localizado na Rua do Comércio, esquina com a Rua Coronel Lolico. Celso atuou por quase duas décadas, além de prestar o serviço de extração, obturação, colocação de coroas, próteses e raio-X. Também realizava, com os usuários, um trabalho educativo preventivo sobre a saúde bucal.

Poucos anos depois, foi a vez de o Cirurgião Dentista Natalino Rovani instalar seu consultório para a realização de serviços clínicos, cirurgia e prótese. O consultório estava instalado numa peça de prédio situado na Rua do Comércio, 729, no centro da cidade de Tapejara.

Nessa época, o cirurgião-dentista Nerinho Félix dos Santos também instalou o seu consultório dotado de clínica e serviços de prótese e raio-X. O consultório estava instalado numa sala de prédio no segundo andar localizado na Rua do Comércio, 1919, no centro da cidade.

A clínica dentária surgiu a partir de uma reunião das famílias de Artêmio, Celso e Natalino, por volta da primeira metade da década de 1970. Naquela ocasião, recorda Celso, "conversamos sobre como diminuir nossos custos do serviço prestado e buscar alternativas nos rumos de nosso serviço. Então chegamos à conclusão de que deveríamos nos unir. O Artêmio tinha o terreno e mostrou disposição de construir o prédio. O Natalino e eu concordamos em pagar aluguel e, assim, foi acordado e, em pouco tempo, levantado o prédio de alvenaria. Em seguida, os nossos gabinetes foram sendo instalados e colocados em funcionamento no novo estabelecimento situado na Rua Independência, 620", relatou Basso.

Prédio da clínica dentária de propriedade de Artêmio Antonio, Celso Basso e Natalino Rovani, situada na Rua Independência, nº 620. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

A clínica dentária, dos cirurgiões-dentistas Artêmio Antonio, Celso Basso e Natalino Rovani, prestou o atendimento à saúde bucal com serviço de clínica, cirurgia, prótese e raio-X. Além disso, realizou trabalho educativo preventivo com os usuários, por mais de uma década e meia.

A fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara deu-se em 15 de agosto de 1962. Entre outras ações desenvolvidas junto aos associados e seus dependentes, em meados de 1972, instalou-se um gabinete dentário numa das peças da sede. Em seguida, passou-se a oferecer o serviço de saúde bucal com a contratação do cirurgião-dentista Celso Basso, para executar a extração e restauração básica de dentes. Os serviços eram subsidiados, restando apenas ao usuário uma taxa de prestação de serviço, a título de colaboração com a entidade prestadora.

Em meados de 1974, o sindicato adquiriu um gabinete dentário usado composto de um equipo, cadeira, compressor e motor, que foi destinado e em seguida instalado no então Distrito de Água Santa, em 28 de setembro de 1974.

Dois meses depois, novamente em reunião da Diretoria, foi decidido que o Sindicato iria realizar um convênio com a então Cooperativa Mista Charrua Ltda. para instalação de um gabinete dentário no então Distrito de Charrua. No final de novembro de 1974, a Diretoria decidiu pela contratação de mais um cirurgião-dentista para o atendimento nos gabinetes instalados e colocados em funcionamento nos então Distritos de Água Santa e Charrua.

Foi comunicado pelo então Presidente aos membros da Diretoria, em 28 de dezembro de 1974, a contratação em definitivo do cirurgião-dentista Nerinho Félix dos Santos, em convênio com a Cooperativa Mista Charrua Ltda. (COOCHARRUA). Dessa maneira, o Sindicato, no final do ano de 1974, conseguiu oferecer ao seu quadro de associados e dependentes uma estrutura dentária, um na sede da entidade e outros dois distribuídos nos então distritos de Água Santa e Charrua.

No decorrer do tempo e até nos dias atuais, vieram também a possuir gabinete dentário em Tapejara os seguintes cirurgiões-dentistas: Neli Fontana, Margarete Benvegnu, Roberto Marcolin, Adroaldo Francisco Zolet, Helder Mânica, Consultório Odontológico Estela Manica, Rosane de Almeida, Marcos Mezzomo, Juliano Cadore, Idene Eni Campara de Moura, Grace Manica, Gilberto Moreira Ribas, Dirce Pelizzaro Cauduro, Vanusa Cauduro Ventura, Airton Aime, Natalia G. Aime Bergamin, Elga Julia Defaveri Sasset, Franciela Borges, Douglas Willi Wolff, Vinícios Battochio, Mateus Campara de Moura, Ana Laura Campara de Moura e outros.

• Laboratório Santo Antônio

Na década de 1950, Celso Domingues iniciou os serviços do Laboratório Santo Antônio. A partir de meados de 1968, o laboratório teve como responsável a Química Farmacêutica Noely Jobim Valdívia, formada na Faculdade de Farmácia e Bioquímica da UFRGS, e foram adquiridos aparelhos de qualidade e precisão. Era denominado de Laboratório de Análises Químicas e Hematologia. Em meados de dezembro de 1974, passou a contar com mais uma bioquímica, a Alzira Alves da Silveira. Em 1980, o laboratório adquiriu um aparelho que era capaz de, em sete segundos, realizar contagem de leucócitos, contagem de hemácias e determinação de concentração de hemoglobina. Atualmente, o laboratório está ao encargo de Mauren Spagnol Melara.

Laboratório Santo Antônio. Foto: Arquivo da Divulgação,

- **Laboratório Link Lodi**

Foto: Arquivo do Laboratório Link Lodi.

O Laboratório Link Lodi Ltda. iniciou suas atividades, em Ibiaçá, pelos Farmacêutico-Bioquímicos Osmar Angelo Lodi e Ana Lucia Link Lodi, em janeiro de 1981.

Após 12 anos prestando serviços em Ibiaçá, a convite do médico Lincol Nardin, mudou-se para Tapejara, em parceria com a Farmacêutica-Bioquímica Luciane Ghidini e depois, em 1º de janeiro de 1993, com serviço próprio e terceirização de exames mais complexos.

Atualmente, o Laboratório está localizado na Rua Ângelo Dalzotto, 723, sala 201, ao lado da Igreja Matriz, com o Serviço de Análises Clínicas e Biológicas. Os resultados são avaliados pelo Programa Nacional de Controle de Qualidade (PNCQ). O laboratório já ganhou diversas premiações e participa de diversos eventos em Tapejara, como Expo-Feiras, atividades de entidades e Feiras de Saúde promovidas pela Secretaria da Saúde. Conta ainda com excelente quadro de funcionários na coleta e digitação de resultados.

UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE DE TAPEJARA

O Município de Tapejara conta com sete Unidades Básicas de Saúde em funcionamento. Há duas no Bairro São Paulo, já que concentra a maioria da população morando no local; no Bairro São Cristóvão; no Bairro Nazaré; no Bairro Treze de Maio; e um Centro de Referência em Especialidades – Postão do Centro – em construção. Desde 2009, houve a duplicação do número de agentes de saúde, passando de onze para vinte e cinco.

Hoje, o Município conta com seis médicos: dois clínicos gerais, pediatra, ortopedista, psiquiatra e ginecologista. Neste ano também houve aumento no número de dentistas disponíveis à população, passando de quatro para seis, além de fisioterapeutas que fazem atendimentos nos postos e que realizam em torno de nove mil procedimentos ao ano.

• Primeiro Posto de Saúde

Primeiro Posto de Saúde do Município. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

O primeiro Posto de Saúde de Tapejara foi instalado e colocado em funcionamento em uma casa de madeira assentada de frente ao atual Posto de Saúde, na Rua Coronel Lolico. A casa foi cedida por uma família para o Estado, em meados de 1950. Na madrugada de 1961, rompeu um incêndio que destruiu a casa e suas instalações e consumiu grande quantidade de leite em pó que dias anteriores havia sido recebido da Secretaria da Saúde do Estado.

O leite seria destinado às famílias carentes da cidade. Devido ao incêndio, as autoridades locais buscaram um novo local, no final do ano de 1961. Vicente Dalmina havia concluído as obras de uma casa de alvenaria localizada na Avenida Valdo Nunes Vieira, 490; o proprietário Vicente foi procurado pelas autoridades e ficou acordado que a casa iria sediar o Posto de Saúde, onde permaneceu até o final de 1965.

Com a conclusão das obras do atual Posto do Centro, as instalações foram transferidas para esse local. Mais tarde, também foi instalado consultório odontológico. Atualmente, o posto conta com farmácia,

salas de vacina, enfermagem, curativo e sinais vitais, de ultrassom, sala de vigilância epidemiológica e sala da vigilância sanitária e ambiental. Também conta com três consultórios médicos, um para a pediatria, outro para clínico geral e um para o ortopedista.

• Unidade Básica de Saúde do Bairro São Paulo

Unidade Básica de Saúde do Bairro São Paulo. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

A Unidade Básica de Saúde do Bairro São Paulo foi inaugurada no dia 18 de dezembro de 1999. Contava com: consultório dentário, um consultório médico e salas de enfermagem, curativo, sinais vitais e farmácia.

Em 2009, a unidade recebeu reforma e ampliação da estrutura, passando a contar com salas e aparelhos mais modernos. Atualmente, conta com: nutricionista, psicóloga e fisioterapia, consultório dentário, dois consultórios médicos, salas de esterilização, enfermagem, vacina, curativo, sinais vitais e farmácia.

• Unidade de Saúde Bairro Treze de Maio

A Estratégia Saúde da Família, do Bairro Treze de Maio, foi inaugurada, em 2002. Disponibiliza, em turno integral, com médico clínico geral, enfermeira, técnicas de enfermagem que desempenham procedimentos em saúde, consultório odontológico e sala de vacinas. Conta com a farmácia básica, possuindo uma farmacêutica, uma vez na semana, para disponibilizar as medicações com controle especial.

Também conta com psicóloga, nutricionista e dois médicos pediatras que atendem em dias alternados. A equipe possui seis agentes comunitários de saúde, que prestam visitas domiciliares às famílias, facilitando o contato entre os pacientes com o posto de saúde. No posto de saúde, é realizado curso de gestantes, quinzenalmente, sendo prestada assistência com equipe multiprofissional às gestantes.

No andar térreo do posto de saúde, funciona a sede do PIM, que presta acompanhamento às crianças.

Unidade de Saúde Básica do Bairro 13 de Maio. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

- **Unidade de Saúde Bairro São Cristóvão**

Unidade de Saúde do Bairro São Cristóvão. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

No dia 9 de agosto de 2006, foi realizada a inauguração da Unidade Básica de Saúde no Bairro São Cristóvão, localizada nas proximidades do Complexo Esportivo. Além de equipamentos modernos, a unidade conta com salas de atendimento médico, odontológico, fisioterapia, enfermagem, fonoaudiologia, de curativos e farmácia básica.

- **Unidade de Saúde Santa Paulina**

Unidade de Saúde Santa Paulina. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

No dia 15 de março de 2013, foi realizada a inauguração do Posto de Saúde Santa Paulina, localizado no Bairro São Paulo. O posto, que está em funcionamento desde outubro de 2012, conta com uma equipe de saúde da família e atende cerca de três mil habitantes do Município.

- **Unidade de Saúde Bairro Nazaré**

Unidade de Saúde Bairro Nazaré. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

O Bairro Nazaré conta com uma Unidade Básica de Saúde, localizada ao lado do Salão Comunitário. O novo posto começou a funcionar no dia 2 de dezembro de 2013 e tem uma equipe que atende cerca de mil habitantes do Município, que residem no Bairro.

O posto conta com consultório médico, odontológico e de enfermagem. O investimento foi de R$ 376 mil, sendo R$ 200 mil do Fundo Nacional de Saúde e contrapartida da Prefeitura de R$ 186 mil. Destes, R$ 61 mil foram investidos na obra e R$ 115 mil em mobília e equipamentos.

- **Centro de Referência em Especialidades – Postão do Centro**

Projeto do Postão. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Na última semana de março de 2014, iniciaram as obras do novo Centro de Referência em Especialidades – Unidade Central (Postão do Centro), localizado em frente ao Hospital Santo Antônio. O projeto foi elaborado e aprovado pela Vigilância Sanitária Estadual. O investimento será de R$ 983.913,36, destes R$ 575.913,36 de contrapartida do Município e R$ 408 mil de recursos federais, do Fundo Nacional da Saúde. O Município também adquiriu o terreno, no valor de R$ 320 mil. Serão construídos dois pisos, numa área total de 736m^2.

O diferencial do posto é o atendimento integrado, envolvendo diversas especialidades, onde o paciente é visto de forma integrada pelas diferentes áreas. Além disso, o Município irá economizar com o aluguel que atualmente é gasto com a Secretaria da Saúde.

Os atendimentos com fonoaudiologia e fisioterapia que acontecem no Posto de Saúde do Bairro São Cristóvão serão centralizados neste posto, facilitando, assim, o acesso de quem precisa. Ainda irá aumentar o atendimento com ortopedista e também na área da psicologia e psiquiatria. Para 2015, o Postão deverá estar em funcionamento.

AGENTES DE SAÚDE

Uma linha de ação desenvolvida pela Paróquia Nossa Senhora da Saúde de Tapejara, na década de 1980, foi a preocupação do cuidado com a saúde das famílias da comunidade.

Em 29 de abril de 1980, foi criada a Pastoral da Saúde. Na oportunidade, foi formada uma equipe composta por Ângelo Manica, Joannina Sandini Manica, Antônio Manica, Neiva Bertóglio, Iracilda Girardi, Salete Debastiani, as irmãs religiosas Hilda e Gema e o então pároco Valter Valentin Baggio.

As primeiras ações foram de visitas e ajuda direcionadas às pessoas de mais idade e necessitadas. Também foi realizado um trabalho de conscientização no sentido de mais pessoas se engajarem nas ações da Pastoral da Saúde. Além disso, os membros da equipe tiveram a oportunidade de participar de alguns cursos e palestras referentes ao tema Saúde.

Em meados de 1984, foi criada a Associação dos Agentes de Saúde, com o 1º Curso de Pastoral da Saúde, em Tapejara, em maio de 1984, contando com a ajuda da ex-irmã Beatriz Kunkel, que, cedida pela paróquia, ministrava os cursos engajando-se também na luta pela saúde. A 1ª Diretoria ficou assim constituída: Coordenadora, Maria de Lurdes Felini; Vice-Coordenadora, Elvira Borela; Secretária, Nelita Rigo.

A partir de 1985, houve o trabalho de conscientização nas comunidades rurais do Município, sobre medidas preventivas contra moléstias, orientações no uso de ervas medicinais, estímulo para a implantação de hortas comunitárias, combate à verminose e foi ampliada a parceria com a Emater.

Os Agentes de Saúde tiveram participação ativa na criação e no funcionamento da Comissão Interinstitucional Municipal de Saúde (CIMS), em 1987. O CIMS é uma organização local, em nível de Município, congrega representantes dos órgãos públicos responsáveis pela saúde e por entidades que representam os usuários, ou seja, os que usam os serviços da saúde (toda população), os prestadores de serviços (entidades e profissionais da área da saúde). É formada por todas as entidades legalmente constituídas e cadastradas junto ao CIMS e possui um núcleo de coordenação composto de doze membros representantes de entidades do Município. O seu principal objetivo é a gestão e o planejamento das ações de Saúde no Município. Também elabora o Plano Municipal de Saúde.

A 1ª direção do CIMS 87/88 foi composta por: Presidente, Mario Antônio Maurina; Vice-Presidente, Beatriz Kunzel; 1º Secretário, Ildo Costella; 2º Secretário, Luiz Virgilio Gajardo; Conselheiros: Ângelo Manica, Lincol Nardin, Lorena Pelissoni, Salete Bordignon, Margarete Benvegnú, Norberto Dall'Olivo, Rosângela Dallagasperina e Elso Scariot.

Em 25 de janeiro de 1989, foi escolhida a Diretoria da Associação dos Agentes de Saúde da cidade e do interior. Na ocasião, planejaram e após realizaram a 1ª Feira da Saúde. Na oportunidade, mostraram pomadas caseiras, xaropes , chás, soro caseiro, frutas e legumes orgânicos. Em 13 de julho de 1994, foi instalada a Farmácia Alternativa, numa sala do prédio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Em 9 de agosto de 1994, aconteceu o Terceiro Encontro de Agentes de Saúde, realizado no Centro Comunitário Paroquial. Dentro da programação do evento, aconteceu uma visita dos participantes ao Centro Alternativo, estabelecido numa das salas do STR de Tapejara. Também, nesse ano de 1994, foi criada a Associação de Agentes Voluntários de Saúde, juntamente com a Pastoral de Saúde, com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Emater, Paróquia, Cooperativa, Associação de Jovens Rurais, Movimento de Mulheres, Poder Público, fazendo parte da Associação Regional de Agentes Voluntários de Saúde (ARAS), da Associação de Fitoterápicos da Universidade de Passo Fundo (UPF) e, também, do Conselho Municipal de Saúde, defendendo sempre os direitos dos usuários no atendimento do SUS.

• Centro de Produtos Alternativos

No mês de abril de 1995, teve início o Centro de Produtos Alternativos, que, sob a coordenação dos Agentes de Saúde de Tapejara e ligados à Associação Regional de Agentes de Saúde, de que fazem parte vinte e cinco Municípios da região. O Centro localiza-se no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara e conta com duas funcionárias: Carmen Favaretto e Jocelina Vieira Bristotti. O trabalho desenvolvido é semelhante à homeopatia, visto que é feita a destilagem das ervas. As ervas medicinais usadas pelo centro são conseguidas no Município de Tapejara; nos fundos, existe uma horta, de onde são tiradas os vegetais usados na elaboração dos produtos do centro.

O objetivo é a prevenção de doenças, divulgar o uso correto das plantas medicinais, identificação, dosagens, contraindicações e resgatar a sabedoria popular. Na área da alimentação, incentivam o uso de alimentos integrais, multimistura, soja, aveia, farelos, linhaça, o uso do pó de folhas verdes, mandioca, batata-doce, moranga, chuchu e sementes: abóbora, melancia, girassol, nozes, amendoim e a casca do ovo como fonte de cálcio.

Possuem uma horta com plantas medicinais para identificação no terreno cedido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais e uma sala no STR, onde são elaborados os seguintes produtos: xaropes, cremes, multimistura, tinturas, essências, vinagre de maçã, óleos, shampoo, sabão medicinal, pomadas, kefir, cuja água é muito medicinal, sorine natural; possuem ainda ervas medicinais desidratadas e trabalham com os florais de Bach. Também existe no local uma pequena biblioteca com livros e vídeos relacionados à saúde, fitoterápicos, alimentação, etc. A atual Diretoria é a seguinte: Presidente, Lurdes Maria Felini; Vice-Presidente, Volmar Stefani; Secretária, Silvane Vígolo Guerra; Tesoureira, Neli R. D. Negretti.

Hoje as pessoas que estão trabalhando no Centro de Produtos Alternativos são: Aurora, Ivone, Vergínia, Eva, Neli e Silvane. O número total de pessoas que fazem parte da Pastoral e da Associação são em torno de dezoito, todas atuantes.

Membros da Pastoral da Saúde e Agentes Voluntários da Saúde em 2005. Em pé, da esquerda para a direita: Lidia, Vergínia, Ivone, Celi, Sérgio, Luiza, Volmar, Carmen, Nair, Eva, Beatriz, Marilucia, Alzira, Eufélia, Silvane, Maria de Lurdes e Santina; sentadas: Maria Borges, Aurora, Ida, Nair, Nelita, Elvira, Égide, Jocelina e Leonilda. Foto: Arquivo da Divulgação.

Centro de Produtos Alternativos. Foto: Arquivo de Neli Ritter Negretti.

Neli Ritter Negretti na parte interna, local de venda dos produtos do Centro de Produtos Alternativos. Foto: Arquivo de Neli Ritter Negretti.

MÉDICOS CUBANOS EM TAPEJARA

Médicos cubanos Dr. Jorge e Dra. Joaquina em Porto Alegre, juntamente com o então Secretário da Saúde, Julio Francisco dos Reis. Foto: Arquivo da Divulgação.

O Município de Tapejara foi contemplado com dois médicos do Programa Mais Médicos, do Governo Federal. Os profissionais, que atenderão na Unidade Básica de Saúde nos Bairros São Cristóvão e São Paulo, chegaram à cidade no dia 17 de abril de 2014. Nos primeiros dias, os médicos conheceram os locais de trabalho e a cidade. A médica Joaquina Mauri Pelayo e o médico Jorge Luiz Posada Scoto, têm mais de 20 anos de experiência, estudaram o funcionamento do SUS e estão habituados com a língua portuguesa. O período de adaptação aconteceu por um mês em Brasília e ambos irão residir em Tapejara por três anos.

PROGRAMAS

• Programa Primeira Infância Melhor

O Programa Primeira Infância Melhor (PIM) é um programa de nível estadual, implantado no Município de Tapejara em agosto de 2005. Atualmente, o PIM atende duzentas crianças. Sua equipe é formada por um Grupo Técnico Municipal (GTM) composto por psicólogo, professora, monitora e dez visitadoras, as quais atuam, diretamente, com as crianças, pais/cuidadores e gestantes, através de atividades específicas.

As atividades são realizadas na modalidade individual no domicílio, com hora marcada para crianças de zero a três anos, estimulando quatro áreas do Desenvolvimento Infantil, que são: o desenvolvimento motor, a comunicação e linguagem, o cognitivo e o socioafetivo. O atendimento a gestantes é individual e no domicílio, realizado, quinzenalmente, com atividades de orientação sobre a gestação e confecções de vários itens, como as lembrancinhas, enfeite de porta, porta-algodão e muito mais. As crianças de três a cinco anos são atendidas em modalidade grupal, que visa à socialização, sempre com o acompanha-

mento da família e em local próximo à residência da criança. O trabalho do PIM é desenvolver a criança de forma lúdica através de brincadeiras, resgate de cantigas de roda, cantigas de ninar e confecções de brinquedo para cada faixa etária da criança atendida pelo programa.

O objetivo do programa é orientar as famílias, a partir de sua cultura e experiências, para que promovam o desenvolvimento integral de suas crianças desde a gestação até os seis anos de idade. Sua missão é: "Orientar as famílias, a partir de sua cultura e experiência, para que possam estimular o desenvolvimento pleno das capacidades e potencialidades de suas crianças".

O PIM, em parceria com a Biblioteca Pública Municipal Eduardo Damiani, desenvolve um projeto de Contação de Histórias, uma vez por semana, aberto para todas as escolas e creches do Município; também participa dos grupos de gestantes dos postos de saúde, onde são confeccionadas lembrancinhas e ministradas palestras sobre desenvolvimento infantil. Os estudos científicos apontam a fase dos zero aos seis anos de idade como fundamental para o desenvolvimento pleno das capacidades físicas, intelectuais, sociais e emocionais do ser humano. O lema é "O que você faz pelo seu filho agora vale para toda a vida".

Atividades lúdicas no parque. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• CAPS

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Renascer e Viver de Tapejara é um serviço de saúde pública municipal, de caráter aberto e comunitário, constituído por equipe multiprofissional que realiza atendimento diário a pessoas com transtornos mentais graves e persistentes e pessoas com sofrimento ou transtorno mental em geral, incluindo aquelas com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas.

Foi inaugurado em junho de 2012 e, atualmente, oferece atendimento psicológico individual e em grupo, atendimento social, atendimento psiquiátrico, acompanhamento familiar, orientação da medicação, visitas domiciliares, atividades comunitárias e oficinas terapêuticas, visando ao acompanhamento, à reinserção social, ao fortalecimento dos laços familiares e comunitários e à autonomia dos usuários.

Está localizado na Rua João XXIII, entre o Ginásio de Esportes da Escola Municipal Giocondo Canali e a Casa de Convivência Dona Verônica. A coordenadora é a psicóloga Renata Rebeschini.

Sede do CAPS. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

- **Casa Rosa**

Casa Rosa
CENTRO MUNICIPAL DE REFERÊNCIA À MULHER
TAPEJARA/RS

Casa Rosa. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

O Centro Municipal de Referência à Mulher – Casa Rosa foi inaugurada no dia 1º de outubro de 2011. O projeto foi idealizado pela primeira dama, Lourdes (Kuki) Manica Menegaz, e pela então Secretária da Saúde, Rosane Faedo Merotto. O local oferece um espaço exclusivo de atendimento e apoio à mulher nas áreas de saúde, jurídica, psicológica e social. Vinculado ao Gabinete do Prefeito, a Casa conta

com uma equipe de trabalho composta por coordenadora, psicóloga, advogada, recepcionista e estagiária, além do apoio de toda rede de profissionais, principalmente da saúde, assistência social e educação.

A primeira coordenadora foi Mariana Barizon e, atualmente, está ao encargo de Sandra Bilhar Pelisser. As mulheres que buscam esse espaço encontram, além da acolhida e do apoio, oportunidade de participarem de oficinas diversas, grupos, palestras, rodas de conversas, onde é trabalhado, principalmente, a autoestima, o autoconhecimento e o autodesenvolvimento. A partir do momento em que a mulher conhece seu potencial e o valoriza, busca fazer escolhas positivas em sua vida, e isso se reflete de forma positiva em seus relacionamentos familiares e sociais.

A Casa Rosa também oferece atividades especiais na semana do Dia Internacional da Mulher, no mês

Casa Rosa. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

de março; no mês das mães, em maio; em Outubro, com a Campanha Outubro Rosa; e no mês de novembro, com a campanha contra a violência.

A Casa Rosa foi criada para Tapejara ter um espaço exclusivo de apoio à mulher, dando ênfase à violência doméstica. Até o momento, mais de seiscentas mulheres já buscaram auxílio da Casa Rosa, muitas delas conseguindo, efetivamente, melhorar sua saúde física e mental, pois tiveram o apoio adequado e necessário para uma mudança positiva em suas vidas.

A Administração Municipal de Tapejara, através da Casa Rosa, desenvolve políticas públicas voltadas à mulher, visando sempre a garantir sua cidadania e emancipação. Em 2013, o Prefeito Seger Luiz Menegaz ganhou o prêmio máximo da 12ª edição do Prêmio Gestor Público (PGP) 2013, conquistado através do projeto Casa Rosa. Em 2014, durante a 13ª edição do PGP, aconteceu o lançamento do livro Buscando Ideias, Mudando Vidas, que apresenta os principais projetos premiados pelo PGP desde o seu lançamento, sendo que a Casa Rosa de Tapejara está incluída.

Está localizada na Rua Cel. Gervásio, 506, no Centro de Tapejara, em frente à Biblioteca Pública Municipal.

Comitiva tapejarense recebendo o Prêmio Gestor Especial 2013. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

SAÚDE CENTER CLÍNICA

A Saúde Center Clínica surgiu em Tapejara em 14 de maio de 2004. A instalação da Saúde Center Clínica foi um marco na história da saúde regional, pois trata-se de uma clínica médica que, desde a sua inauguração, segue os padrões dos grandes centros de saúde do país. Tal fato pode ser evidenciado pela Saúde Center possuir equipamentos de última geração, dispor de uma estrutura física adequada para a realização de consultas e exames, dotada de amplas salas de espera e modernos consultórios, tudo para melhor atender a população e, principalmente, contar com um corpo médico especializado nas mais variadas áreas da medicina.

A ideia da instalação de uma clínica desse porte em Tapejara foi concebida a partir do grande número de pacientes da cidade e região que se dirigiam a Passo Fundo para buscar especialistas. Por isso, a proposta inicial, mantida até hoje, foi de trazer para Tapejara o maior número possível de especialistas e equipamentos que permitissem um diagnóstico confiável, evitando assim o deslocamento dessas pessoas a outras cidades e acompanhando o desenvolvimento de Tapejara.

A clínica foi inaugurada pelos médicos Dr. Nelson Mariotto (em memória), Dra. Elenice Mariotto Blaya, Dr. Johnny Zoppas, Dr. José Alberto da Silva, Dra. Miriam Mânica Fontana, Dra. Mariza Rosa, Dra. Juliana Rietjens, e Dr. Mário Blaya, e contou na época com o apoio do Laboratório Link Lodi e da Clínica Kozma.

A Saúde Center Clínica foi construída na esquina das ruas Tranqüilo Basso e Cel. Lolico, onde antes havia uma capela com a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Essa imagem foi trazida a Tapejara, em 1950, por Antônio Lovatto, e desde então várias cerimônias religiosas foram realizadas no local. Após a construção da Saúde Center Clínica, os médicos responsáveis restauraram a imagem de Nossa Senhora de Fátima e a instalaram de forma magistral em frente ao prédio.

Hoje, a Saúde Center Clínica é considerada um centro médico regional, pois disponibiliza um corpo profissional composto por dezenove médicos, atuando em dezesseis áreas distintas e com equipamentos de última geração. Conta ainda, em suas instalações, com o Laboratório Crezon, para análises clínicas, a Farmácia Naturativa, para facilitar o atendimento ao cliente, e a nutricionista Debora Zanatta.

Pensando na qualidade de vida dos pacientes, a Saúde Center Clínica dispõe de uma estrutura física ampla, moderna e preparada para atender com a agilidade e a confiança necessária em uma consulta médica. Os médicos da Saúde Center Clínica são profissionais consolidados e requisitados.

Dessa forma, a Saúde Center atende pessoas de toda a região de forma profissional, e executa ações pensando sempre na saúde e na qualidade de vida da população, tais como a resolutividade nos atendimentos do corpo clínico e colaboradores da Saúde Center Clínica.

Desde 2010, promove a Rústica da Saúde Center no Município de Tapejara. Ao término da corrida os vencedores recebem premiações.

SAMU EM TAPEJARA

Atual equipe da Samu. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

O Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) é acionado através do número 192. Em Tapejara, começou a funcionar em 2011 com uma ambulância. Três anos depois, esse número continua o mesmo, conforme contabiliza o Coordenador Fábio Biolchi da Costa.

O SAMU está localizado junto ao Hospital Santo Antônio de Tapejara. O Município conta hoje com seis técnicos, cinco motoristas e um enfermeiro, que prestam atendimento emergencial à população, funcionando no sistema 24 horas, sete dias por semana.

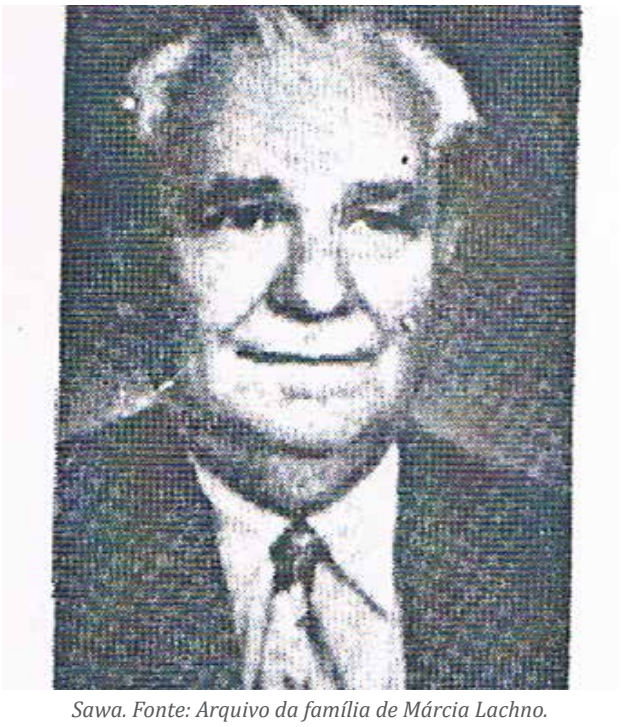
A central reguladora está localizada em Porto Alegre. Quando a pessoa liga para o 192, um médico atende a ligação e solicita todas as informações do local do acidente e qual é o estado de saúde do paciente. A partir disso, entra em contato com o SAMU, em Tapejara, e repassa os dados. A equipe já chega no local informada sobre o caso e pronta para atender rapidamente. A ligação é atendida por uma atendente que, após coletar os dados, transfere para o médico.

O serviço realizou uma parceria com os Bombeiros Voluntários de Tapejara para que ambos possam atender a comunidade tapejarense. No dia 11 de fevereiro de 2015, o SAMU comemorou quatro anos de serviços prestados e, em evento realizado na Sede do SAMU, entregou rádios para que ambos possam

realizar os atendimentos em conjunto. Em 2011, a equipe realizou 215 atendimentos; em 2012, foram 496; em 2013, realizaram 520; e em 2014, o Samu atendeu 463 pessoas, totalizando 1.694 atendimentos.

PRIMEIROS MÉDICOS

• Ivanorich Sawa Lachno



Sawa. Fonte: Arquivo da família de Márcia Lachno.

O médico Ivanorich Sawa Lachno, natural da Rússia (Ucrânia), nasceu no dia 24 de abril de 1894. Filho de Ivan (João) e Olga Lachno, iniciou os estudos de Medicina na Academia Militar de Medicina de São Petersburgo, na Rússia, os quais foram interrompidos pela Revolução Russa de 1917. Adepto das forças nazistas, lutou por esse ideal, prevalecendo, contudo, a força e os princípios impostos pelo opositor. Sentiu a necessidade de abandonar seu país de origem, emigrando, inicialmente para a Iugoslávia e, posteriormente, para a Tchecoslováquia, onde concluiu o curso de Medicina em 2 de abril de 1927, na Universidade de Carolina, de Praga.

Logo após o término de seus estudos, veio para o Brasil, que necessitava de profissionais da área. Aqui chegou em 24 de junho de 1927 e desembarcou no Porto de São Francisco, em Santa Catarina. Dirigiu-se para o Rio Grande do Sul, para São Marcos, então Distrito de Caxias do Sul, onde desempenhou suas atividades até meados de 1932. Após, transferiu-se para a Sede Teixeira, na época Distrito de Passo Fundo, onde residiu e clinicou até 1946.

Em 1942, casou-se com Leonora Brígida Della Méa, filha de Ludovico Della Méa e Beatriz Della Méa, residentes em Passo Fundo. O casal Sawa e Leonora teve os filhos Olga, Beatriz, Ivan e Ludovico. Mais tarde, estabeleceu-se em Passo Fundo. Em pouco tempo, adquiriu a estima e a confiança da população. Faleceu no dia 14 de abril de 1968, em Passo Fundo.

• Miguel Tabbal

O médico Miguel Tabbal, filho dos imigrantes libaneses Alexandre e Labibe, nasceu em 10 de novembro de 1917, em Elias Fausto (SP). Mudou-se, ainda menino, para Pelotas, onde cursou o primário no Colégio São José, e secundário no Ginásio Pelotense. Aos 23 anos, graduou-se na então Faculdade de Medicina de Porto Alegre, atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Recém-formado, desempenhou as funções de interno (médico residente) nos serviços de cirurgia e de clínica médica da Santa Casa da Misericórdia, de Porto Alegre.

Em janeiro de 1941, foi convidado a trabalhar no Hospital da então Vila Tapejara, por um dos médicos, Ivanorich Sawa Lachno. O primeiro telefone existente na Vila Tapejara foi comprado pelo Dr. Tabal quando se instalou no Hotel Aurora, de Taudelino de Quadros. Tinha ligação com o Hospital Santo Antô-

nio, porque em caso de necessidade ligavam para fazer os atendimentos.

Nessa época, em 1941, havia na Vila uma mobilização composta de agricultores, comerciantes e religiosos com a finalidade de constituir uma sociedade que objetivava a construção de um grande hospital, pois o atual não oferecia mais condições adequadas para a demanda da população local. Logo que chegou na Vila Tapejara, Miguel foi convidado pelos líderes do movimento José Zanini e o Padre Paulo Chiaramonte para integrar a diretoria da comissão pró-construção do novo hospital. Aceitou e empenhou-se na construção e instalação da nova casa de saúde.

Miguel Tabbal. Foto: Arquivo do HSA.

Em 24 de maio de 1942, foi inaugurado o novo prédio do Hospital Santo Antônio, que oferecia condições de acolhida, por irmãs trazidas pelo Padre Paulo, equipamento de raio-X e laboratório pelo Doutor Tabbal. O sonho tornou-se realidade em pouco tempo na vida do médico, que, no período de estudos, acalentou que, quando formado, pudesse dispor de um espaço físico adequado para acolher e dispensar os devidos cuidados à saúde da população, principalmente da parcela mais necessitada.

O médico Miguel contou que no primeiro dia de funcionamento do Subposto de Saúde de Água Santa, atendeu oitenta e sete pessoas. Enfatizou que foi uma das experiências mais marcantes, pois os problemas apresentados eram diversos.

A trajetória do Dr. Miguel, além disso, é marcada pela atuação na política administrativa do Município no decurso do tempo. Em 1946, foi eleito vereador, integrando a Câmara de Passo Fundo como representante da Vila Tapejara. A atuação na Câmara foi caracterizada pela elaboração de preceitos, leis e projetos que trataram, fundamentalmente, de cuidados preventivos e combate a moléstias constatadas na época, entre elas o alto índice de verminose existente na população. Os projetos aprovados foram implementados na sede da Vila e em comunidades do interior, por meio de encontros, palestras nas escolas, salões e visitas às famílias.

Em meados de 1950, participou ativamente do movimento de emancipação político-administrativa de Tapejara. Integrante da comissão executiva, ocupou o posto de Vice-Presidente. Emancipado o Município, eleito o vereador mais votado, foi escolhido como Presidente da Câmara de Vereadores e foi-lhe delegada a responsabilidade, com o auxílio do Secretário Alceu Basso, para estruturar e organizar a Câmara de Vereadores, no período de 1956 a 1959. Em 1960, foi escolhido pelo voto popular como Vice-Prefeito, sendo Prefeito Severino Dalzotto, concluído o mandato em 1964. Em 1965, Tabbal voltou a ser Vice-Prefeito, dessa vez de José Maria Vigo da Silveira, até o final de 1968. Nessa época, sua prioridade continuava sendo os cuidados à saúde e ao bem-estar da população do Município. Além de conseguir junto ao Estado a instalação de Posto de Saúde municipal, reforma e ampliação do hospital, continuou com a elaboração e implementação de programas que visavam à prevenção de moléstias comuns na época.

Durante sua vida, sempre procurou o bem comum da comunidade local, os cuidados preventivos e

curativos à saúde da população. Isso se comprovou nos quase quarenta anos que exerceu a atividade médica no Município, de 1941 a dezembro de 1968 .

Por fim, na sua vida, o médico, político, humano, solidário, revelou também a preocupação com a busca do sentido da existência do ser humano inspirado na religiosidade. Isso foi comprovado no Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, o qual narrou que no domingo de 28 de agosto de 1949, por ocasião da festa promovida pela Paróquia na bênção da pedra fundamental da nova Igreja Matriz da Vila Tapejara, atual, na contribuição ofertada, o Doutor Miguel foi escolhido um dos primeiros padrinhos do novo templo.

No dia 27 de janeiro de 2006, o médico Miguel Tabbal faleceu com 88 anos, de parada cardíaca, enquanto se recuperava de infecção pulmonar em Porto Alegre. Deixou seus três filhos: Arthur, Rosane e Luciane, nascidos em Tapejara, da união com Fanny, sua mulher.

• Celso Domingues

Celso Domingues. Foto: Arquivo do Hospital Santo Antônio.

O médico Celso Domingues nasceu em 27 de junho de 1928, em Lagoa Vermelha. Formou-se em Medicina na UFRGS em 1953. Trabalhou no Hospital em Lagoa Vermelha, em 1954. Em 1955, transferiu-se para Tapejara, onde permaneceu por dez anos. Faleceu no dia 14 de agosto de 1973, em Porto Alegre.

• Johnny Dorval Zoppas

Johnny. Foto: Arquivo do HSA.

Um dos pioneiros na área da saúde em Tapejara é o médico Johnny Dorval Zoppas, que atua, diariamente, nas áreas de clínica e cirurgia geral. Dentre os profissionais em atividade, ele foi o primeiro a chegar em Tapejara, em janeiro de 1964. Recém-formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi convidado pelo médico Tabbal a iniciar a carreira na cidade, substituindo o médico Celso Domingues.

Nesses mais de 50 anos cuidando da saúde da população, ele também foi vereador por duas legislaturas, tendo registrado a maior votação individual da história da cidade: 1.131 votos quando eram somados pouco mais de sete mil eleitores. Foi Vice-Prefeito e Presidente do Clube Comercial durante dez anos.

Johnny é testemunha do desenvolvimento de Tapejara e sente-se satisfeito com o rumo da área da saúde. “No começo era muito difícil. Encontramos algumas resistências com relação à prevenção na forma de vacinas, mas logo conseguimos a compreensão da população”, disse. Na época, o médico realizava todos os procedimentos, desde uma simples

consulta até cirurgias. “Foi uma experiência muito boa; passei por, praticamente, todas as áreas da medicina e tomei gosto mesmo pela cirurgia”, enfatizou.

Hoje, o Município conta com mais de vinte médicos que atuam em diversas especialidades e outros vindos de centros maiores, que atendem, periodicamente, na cidade. As diversas ações realizadas no sentido de ampliar o atendimento na área de saúde, entre elas a ampliação do Hospital Santo Antônio e a construção do novo Postão, contribuem para tornar o Município um polo no setor.

• Demétrio Honório Valdívia Gonzales

Demétrio. Foto: Arquivo do HSA.

O médico Demétrio Honório Valdívia Gonzales iniciou suas atividades no Hospital Santo Antônio a partir de 27 de outubro de 1967, data esta que se refere a sua mudança do Município de Ibiaçá, onde trabalhou desde 6 de janeiro de 1965.

Formou-se pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. “Muito tempo passou desde que estamos por estas bandas; a primeira, e mais fundamental, era a de nos adaptar e interagir com todos os cidadãos tapejarenses. Nosso respeito e admiração para todos. Em verdade, para nós esse aprendizado proporcionou um contato direto com imigrantes de todas as raças, o que melhorou, e muito, nosso conhecimento e principalmente cultura”, falou o médico.

Foi o primeiro especialista em Gastroenterologia e Nutrição. Especializou-se em Clínica Médica e Cirúrgica pela Faculdade de Medicina na UFGRS.

Demétrio foi convidado a exercer a profissão de médico no Hospital Santo Antônio pelos colegas Miguel Tabal e Johnny Zoppas. “Foi com esse trio que ajudamos a pôr em prática nosso conhecimento médico. Éramos três colegas e trabalhávamos juntos, em regime de caixa único, ou seja, dividimos os ganhos entre os três, coisa que hoje não existe mais. Colaborei muito com eles, já que naquela época eles também participavam, politicamente, no Município e prestavam serviços médicos no Posto de Saúde”, ressaltou.

Dentro do trabalho de serviço médico ao Município, também tinham a incumbência de atender os distritos e novos Municípios ligados à coordenadoria estadual, tais como Água Santa, desmembrado de Tapejara, Santa Cecília, Sertão e outros, em caso de falta de médicos. "Participamos, ativamente, da comunidade tapejarense, ajudamos a desenvolver em todos os setores, tais como instalar clubes de serviço, esportes, incentivar a cultura, promover a religiosidade e participar da fundação do Cursilho da Cristandade. Ajudamos com o crescimento e a instalação da Faculdade de Medicina da Universidade de Passo Fundo, onde fui Professor de Gastroenterologia, sendo Diretor, naquela época, o Dr. Madalosso. Após o fim do Governo Militar, que foi chamado mais tarde como Ditadura (1964-1983), instalou-se a nova democracia, cujo trabalho político teve papel preponderante ao Movimento Democrático Brasileiro. Anos mais tarde, devido a desigualdades políticas, no Município, um grupo de tapejarenses achou por bem criar um novo tipo de governo; foi aí que entrei na política pelo PDT. Exerci a função de Vereador em duas eleições. A política, a entendemos como uma doação pessoal de nosso conhecimento em prol da comunidade, onde se exerce sua profissão e nunca para adquirir bens ou favorecimentos pessoais. O ponto básico para esse meu pensamento é ser solidário, humilde, honesto em todos os aspectos. Tive muitos prêmios, mas o mais importante para mim foi concedido pela Câmara Municipal, o título de Cidadão Tapejarense, ocorrido em 19 de junho de 2008."

- **Jair Tognon**

O médico Jair Tognon colou grau no curso de Medicina da Universidade Federal de Pelotas em 1977. Ingressou no corpo clínico do Hospital Santo Antônio de Tapejara, na função de médico Clínico Geral, em meados de 1988.

Na década de 1990, exerceu a presidência e a direção técnica do Hospital Santo Antônio. Durante o exercício de médico cursou Pós-Graduação em Saúde Pública na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Escola de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul em 1993. Também cursou Pós- Graduação em Medicina Chinesa na Universidade Federal de Florianópolis, na segunda metade da década de 1990, e especializou-se em Acupuntura na Universidade Federal de Florianópolis, em 1999.

Jair Tognon. Foto: Arquivo de Jair Tognon.

Em sua trajetória de médico, também procurou e conseguiu, junto às instituições públicas, recursos financeiros destinados à manutenção e investimentos em obras e equipamentos para o Hospital Santo Antônio, de Tapejara.

PRIMEIRAS ACADEMIAS E PERSONAL TRAINERS

Uma das primeiras academias de exercícios físicos instaladas em Tapejara surgiu em 1982. A iniciativa de instalar o estabelecimento foi de Célio Miotto e Jaimir Antonio Pinto Ribeiro, professores

graduados em Educação Física. Estava localizada na Rua Independência, 386, no primeiro andar do prédio. O funcionamento acontecia nos períodos da manhã e à noite. No início, havia poucos alunos, pois era algo novo ter um local com equipamentos e profissionais que ministrassem atividades físicas. Com o passar do tempo, o número de alunos foi crescendo. Após dois anos de funcionamento, Célio Miotto vendeu sua parte para Jaimir Antonio Pinto Ribeiro, que continuou por mais alguns anos. Nos primeiros anos da metade da década de 80, a academia encerrou as atividades.

• Academia Flávia Fitness

A Academia Flávia Fitness, de propriedade de Flávia Casamali, iniciou suas atividades em 1998 com academia, personal trainer e diversas modalidades de danças. Estava localizada na Rua Santo Canali, 425, ao lado da empresa Visual Informática. Encerrou as atividades em dezembro de 2011. Atualmente, no local existe uma Escola de Dança denominada Forma Dance.

Ainda existem em Tapejara: Academia Corpo Sólido, Bio Corpo, Forma Fitness e Corpo em Movimento. Além disso, atuam como personal trainers os seguintes profissionais: Ana Cristina Scariot, Cassio Sossela, Cristiane Costi Colossi, Gracieli Canali, Francielli Defaveri Sebben, Kety Scariot, Janaina Maurina, Orlei Moresco Jr, Marcia Zen Milani, Marcieli Piroli, Rubens Sebben, Talissa Aime, entre outros.

• Fitness & Performance – Acqua

Foi inaugurada no dia 6 de janeiro 2014 uma piscina térmica com serviços de hidroginástica e natação denominada Acqua, da empresa Fitness & Performance, de propriedade de Francielli Defaveri Sebben e Rubens Sebben, localizada na Rua Giocondo Canali, atrás do Studio de Personal Trainer.

Acqua. Foto: Arquivo da Divulgação.

ARRUMADORES DE OSSOS

• Primo Panizzon e Marcelino Panizzon

Primo Panizzon e Marcelino Panizzon nasceram em Antônio Prado em meados de 1920. Eram filhos dos imigrantes italianos Jacinto Panizzon e Celestina Pagno Panizzon. Ambos chegaram na Vila

Teixeira em 1942. Primo foi morar em São Silvestre e seu irmão, Marcelino, em Vila Campos.

Primo, além de desenvolver a atividade agrícola, ajudava todos que sofriam alguma contusão nos ossos. Os acometidos por tais contusões procuravam-no para colocar os ossos no "devido lugar", como era dito naquele tempo. Com o tempo tornou-se referência na redondeza e, diariamente, era procurado por alguém que tinha "destroncado" um dedo, braço ou o joelho na atividade agrícola ou na prática esportiva.

Seu irmão Marcelino instalou uma pequena ferraria e carpintaria em Vila Campos, onde produzia ferramentas agrícolas, consertos e fabricação de arados e carroças. Em seu lote de terras desenvolveu o plantio de milho, trigo, feijão, mandioca, batata, criação de suínos e vacas de leite para a subsistência da família. O que sobrava de sua produção era vendido nas casas de comércio, localizadas no centro da então Vila Teixeira.

Família de Marcelino Panizzon e Oliva Munhon Panizzon. Da esquerda para a direita: Calvino (em memória), Zacarias (em memória), Méire, Marcelino (em memória), Iracema (nora), Jacinto, Oliva (em memória), Zenor, Araci (nora), Ilda (nora), Onofre, Nair (em memória), Antônio (genro, em memória), na década de 1960. Foto: Arquivo de Zenor Panizzon.

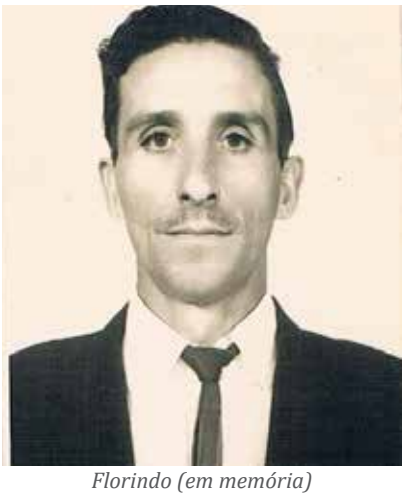
De acordo com Zenor Panizzon, filho de Marcelino, seu pai aprendeu o ofício com seu irmão mais velho, Primo. Passou a exercer o mesmo oficio na localidade de Vila Campos por vários anos de sua vida. Ele recorda: "O pai pedia para o paciente sentar numa cadeira e estender o membro contundido sobre uma mesa. Em seguida, colocava a parte fraturada numa bacia de água morna. Após uma breve massagem e num movimento rápido e brusco, o pai colocava os ossos no lugar. Por fim, ele enrolava uma faixa de gaze no paciente, que deveria permanecer no local contundido por uns dias".

Marcelino, durante a sua vida, realizou incontáveis atendimentos às pessoas que o procuravam e o solicitavam para deslocamento em suas casas para executar o seu ofício de "arrumar os ossos". Renilto Fontana contou que Marcelino socorreu muitos atletas de futebol de campo e do então futebol de salão dos times do interior e da cidade e até de Municípios vizinhos.

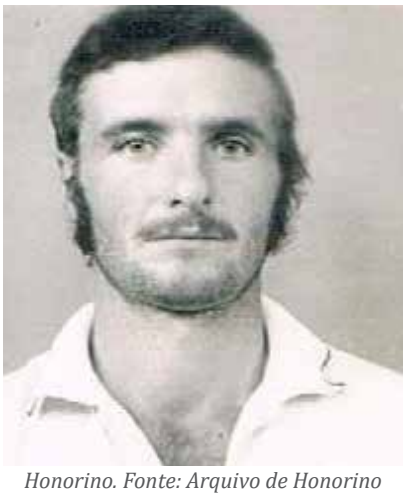
• Anselmo Borilli, Florindo Borilli e Honorino Borilli

A família de Anselmo Borilli e Maria Gotttardo Borili chegou na então Vila Teixeira por volta de 1930. Foram morar na localidade de Santa Rita. Em seu lote, após a derrubada de parte do mato, construiu sua moradia e cultivou milho, mandioca, feijão, arroz e batata. Mais tarde, plantou trigo e árvores frutíferas, principalmente videiras, para produzir uva e transformar em vinho e vinagre. Também criou vaca de leite e suínos, para a subsistência da família. A sobra da produção era vendida às firmas de secos e molhados situadas no centro da então Vila Teixeira.

Anselmo Borilli. (em memória)



Florindo (em memória)



Honorino. Fonte: Arquivo de Honorino

Com o tempo, Anselmo começou a socorrer as pessoas que sofriam fraturas no desempenho de suas atividades agrícolas. Um de seus filhos, Florindo Borilli, desde muito cedo acompanhou o pai no ofício. Com o passar do tempo, por conta própria, começou a desenvolver também esse ofício na localidade de Santa Rita. Pai e filho atenderam incontáveis pessoas que os procuravam ou buscavam em suas casas para socorrer pessoas que sofriam as contusões em seus trabalhos na roça ou nas derrubadas de pinheiros.

O ofício acabou passando de geração para geração. Seu neto Honorino Borilli continuou o trabalho do nono e do pai. Ele recorda: "Quando tinha uns quatro anos de idade vieram buscar o nono em casa para socorrer uma pessoa que tinha sofrido uma fratura nos ossos da perna que morava nas proximidades do centro da comunidade de Paiol Novo. Fui junto com o nono socorrer o acidentado na garupa da égua até o local onde a pessoa morava. A partir daí comecei a acompanhar o pai e o nono nos atendimentos e nas chamadas que recebiam das pessoas para colocar os ossos no lugar."

Honorino, em meados de 1984, começou a desenvolver o ofício por conta própria. Mais tarde, no final da década de 1990, frequentou o Curso de Massoterapia e Socorrista na cidade de Passo Fundo. Atualmente, desenvolve sua atividade de atendimento em sua morada, localizada no Loteamento Sol Poente. Também faz parte da equipe do Corpo de Bombeiros Voluntários de Tapejara.

ÁREAS DA SAÚDE EXISTENTES EM TAPEJARA E PROFISSIONAIS

- Fisioterapeutas: Aline Dal'Bosco, Bruna Deisi Zanatta, Fernanda Felini, Hélio Miranda Davila Pereira, Julia Araldi Canali, Marília Schlichting, Marisa Fontana, Simone Tognon Mezzomo, Vania Dalbosco Capelin, Andreia Calegari, Cristiane Canali, Heloise Canali, Lilian Hanel, Tatiane Miotto, Elisangela Mariotto Colpo, Aline Sitta, entre outros.
- Fonoaudiólogos: Paula Cristina Sebben Bertoldo, Claudia Sebben, Roberta Sebben, Sabrine Thais Miranda , Vanessa Cauduro Girardelo, entre outros.
- Nutricionistas: Ana Teresa Lamb, Débora Zanatta, Vanessa Girotto, Leticia Roman, Greize Spiring, Marieli Scariot, Débora Zanatta, Lilian Berton, Débora Baroni, Joana Brunetto, entre outros.
- Serviços terapêuticos: Lidia Barbieri, Sérgio Gasparin, Nina Castanha, Márcia Regina Zoppas da Silva, entre outros.
- Psicólogos: Cibele Farias de Souza, Daniela Dametto, Jarbas Dametto, Fabiana Sager Felini, Giovana Scariot, Renata Bée Rebeschini, Shana Sebben Lovatto, Simone Heilmann Zoppas, Tisciane Ferraz Passini, Flávia Miotto, Marciana Machado Menegaz, Angela Zanin, entre outros.
- Psiquiatras: Geanpaolo Aver, Paulo Lague Junior, entre outros.
- Massagistas: Daniela Bordignon, Lidia Adelaide Barbieri, Solari Antonio Tonial, Tere Quissini, Fátima Daré, Cleusa Oliboni, entre outros.
- Podóloga: Luana Daré, entre outros.
- Psicopedagogas: Maria Marlene Langaro, Clair Tondello e Solange Maria Scariot.
- Massoterapeutas: Maria Venir da Silva B. Rodiguero, Ademar Winkel, Armando Borilli, Honorino Borilli, Solari Tonial, entre outros.
- Ortopedistas: Gustavo Guidini, Rangel Guzzo, entre outros.
- Clínicas ligadas à saúde: Clinivita, Clínica da Visão, CDO, Dent Imagem, Equilibrium, Fisiocorpo, Qualitty, Miotto, Odonto Excellence, Evidence, Evidency, Orto Center, Proteger, Psicopedagógica Paz e Amor, Saúde Center, Valdivia, entre outros.

• Escritório de Atendimento – IPERGS – Agência do IPE

O Instituto de Previdência do Estado do Rio Grande do Sul (IPERGS) presta atendimento aos segurados servidores do Estado e às Prefeituras conveniadas, através de consultas médicas e cirurgias em várias especialidades; atendimentos hospitalares; clínicas e laboratoriais; atendimentos de emergência e serviços de diagnósticos complementares.

A Agência Regional do Instituto de Previdência do Estado (IPE) foi instalada em Tapejara em 26 de março de 1982, assumindo o cargo de chefia Aureni dos Santos Souza, com a presença do Presidente do Instituto, João de Deus dos Santos Menezes, do Secretário da Administração, representando o Governador do Estado, Olímpio Tabajara, e do Prefeito de Tapejara, José Maria Vigo da Silveira, além de outras autoridades.

Na época, quem necessitava do IPE tinha que se deslocar a Passo Fundo ou então aguardar que viesse um funcionário uma vez ao mês para dar o atendimento. A agência foi instalada neste Município para

auxiliar todos os funcionários públicos estaduais e de Prefeituras conveniadas.

A primeira a receber posse como agente foi Aureni dos Santos Souza, assumindo junto com a auxiliar Mara Rubia Silva Zoppas. Em maio de 1983, Wayne Mari de Figueiredo foi transferida para Tapejara, assumindo o cargo de auxiliar previdenciário e depois a chefia. Também trabalhou como agente Adriana Borges Fortes Teixeira. Atualmente, José Américo F. da Silva é o chefe e Eliane Poletto Coser a auxiliar.

A agência, inicialmente, foi instalada no prédio de alvenaria dos irmãos Valentini, antigo Clube Comercial. Anos mais tarde, passou a funcionar em uma sala acima do atual Cartório de Registro de Imóveis Especiais. Depois esteve situada na peça da antiga Livraria Grenal, hoje Foto Vídeo Artusi. Esteve também instalada acima do então Banrisul, prédio da Família Teixeira, hoje Loja por Menos. Atualmente, o Escritório do IPERGS está localizado na Rua Coronel Lolico, 595, e presta atendimentos a um número aproximado de 7.900 segurados, entre titulares, dependentes e pensionistas, pertencentes a Tapejara e Municípios abrangentes.

GRUPOS LIGADOS À SAÚDE

• Sementes de Girassol

O grupo foi criado no dia 16 de julho de 2012, pela preocupação de uma médica e de uma paciente, com o alto índice de casos de câncer no Município e pela necessidade de se ter um espaço de acolhimento e de protagonismo das mulheres acometidas por essa doença.

O nome do grupo foi associado à reflexão de um texto de autoria do Padre Zezinho, que diz mais ou menos assim: "O girassol é flor raçuda, que enfrenta até a mais violenta intempérie. O girassol gira o dia inteiro e por isso é forte porque aprendeu a viver com o sol."

As mulheres que enfrentam uma doença grave, chamada popularmente de câncer, resistem a qualquer crise e descobrem um novo jeito de viver bem. São generosas, compreensivas e, acima de tudo, valorizam a vida e a oportunidade de tornar-se um ser humano melhor.

As ações desenvolvidas são: acolhimento e apoio no diagnóstico e tratamento, nos diversos tipos de câncer; participação nas diversas campanhas em prol da saúde; informação e divulgação de conhecimentos referentes à doença e sua diversidade; trabalho integrado com outras entidades da comunidade; parceria com os órgãos públicos, na efetivação de políticas públicas que priorizem a saúde preventiva e terapêutica da mulher; compartilhamento de experiências de vida; desenvolvimento de ações coletivas que visem ao bem-estar da comunidade.

Não há critérios para seleção dos participantes e colaboradores; todas as parcerias da comunidade e profissionais das mais diversas áreas são bem-vindas, desde que tenham afinidade com os objetivos do grupo.

Os atuais colaboradores são: Instituto Amici; Rotary Club de Tapejara; Lions Club Mulher; profissionais de diversas das áreas da: Medicina, Fisioterapia, Educação Física, Farmácia, Enfermagem, Psicologia e de Terapias Alternativas; profissionais liberais das diversas áreas do conhecimento; clínicas de saúde, estética e diversas empresas do Município.

• Associação dos Funcionários do Hospital Santo Antônio

A Associação dos Funcionários do Hospital Santo Antônio (AFUHSA) é uma sociedade civil com personalidade jurídica própria sem fins lucrativos, fundada em 24/09/1997, com sede na cidade

de Tapejara, com prazo de duração indeterminado. É formada e constituída, em sua grande maioria, por funcionários ativos e inativos do Hospital Santo Antônio.

Tem como finalidades: promover a confraternização de seus associados; realizar promoções culturais e sociais; desenvolver, dentro de suas possibilidades, o maior número possível de práticas esportivas; promover cursos objetivando o aperfeiçoamento funcional de seus associados; cooperar na assistência médico-hospitalar, farmacêutica e odontológica aos associados; criar outros serviços de interesse dos associados e cooperar com o serviço religioso da Pastoral da Saúde do Hospital Santo Antônio.

A atual Diretoria da AFUHSA está assim constituída: Presidente, Lauvir Pereira Furtado; Vice-Presidente, Ademir Mazzutti; Secretária, Denize Viecelli; Suplente, Daniela Bianchi Baranzelli; Departamento Administrativo-Financeiro, Fábio Biolchi da Costa; Suplente, Jucelei Favretto; Departamento Cultural, Cíntia Fontana; Suplente, Helene Sebben; Departamento Assistencial, Monica Perera; Departamento Esportivo, Andréia Marcon; Suplente, Marcos Carvalho; Departamento Social, Maricélia Marsílio; Departamento Patrimonial, Marlise Peter; Suplente, Vilmar Secco; Conselho Fiscal, Rejane Santini, Valdir da Luz e Adriana de Almeida; Suplentes, Marivone de Campos e Juliano Fontana.

• Associação Gaúcha de Fabry

A Associação Gaúcha de Fabry (AGF) iniciou suas atividades em 10 de dezembro de 2007. A entidade surgiu em função da necessidade de fortalecimento dos portadores da doença de Fabry, em face da fragilidade das relações com as esferas do poder e para melhorar as condições de enfrentamento das dificuldades apresentadas pelos portadores da doença de Fabry.

No dia 29 de maio de 2015, o Prefeito Seger Luiz Menegaz assinou um decreto que declarou a entidade como de Utilidade Pública. Com isso, a entidade terá uma série de benefícios que irão facilitar a continuidade do trabalho realizado pelas pessoas envolvidas.

A doença de Fabry (DF) é uma doença genética rara, quando ocorre a falta de uma substância específica (enzima chamada alfa-galactosidase A) no organismo, levando ao aumento de um tipo de gordura em vários órgãos do corpo, como a pele, o coração e os rins. As mães podem passar para os filhos homens e filhas mulheres e os pais só podem passar para as filhas mulheres, pois está ligada ao cromossomo X.

Há uma forma de tratamento conhecida como terapia de reposição enzimática que demonstrou remover essa substância gordurosa, ou seja, essa terapia fornece a enzima que falta na doença de Fabry.

Atualmente a AGF é uma associação de pacientes que conta com mais de duzentos associados, dos quais pelo menos cento e cinquenta são pacientes afetados pela doença de Fabry e estão em busca da obtenção da terapia de reposição enzimática.

Um projeto desenvolvido em 2015 visa a dar continuidade às ações realizadas na rotina dos pacientes e focar em melhorias nos serviços e na estrutura física com uma sede para oferecer aos associados e familiares um atendimento especial e possibilitar uma vida mais digna, com esperança de um futuro melhor.

Os associados participam de atividades de educação sobre manejo da doença de Fabry, da Associação Gaúcha de Pacientes Portadores da Doença de Fabry e Familiares, através de reuniões com familiares e pacientes com os objetivos de integrar os familiares na busca de melhores condições de saúde, esclarecer aspectos importantes no manejo da doença, aumento da autoestima, adesão ao tratamento e suporte multidisciplinar aos pacientes e familiares.

Nessas reuniões acontecem, também, debates sobre saúde pública e normas de conduta de atividade-

des da AGF. Participam de atividades na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e em Brasília no Dia Mundial de Doenças Raras.

Na Fabry Day – Dia dos Pacientes com Doença de Fabry, no Município de Tapejara, quando irão reunir todos os associados da AGF e, através de uma campanha municipal, educar a população em geral sobre a doença.

Além desses, diversos outros eventos são realizados a fim de divulgar a doença de Fabry, como: eventos com enfermeiras ligadas ao tratamento de doenças raras com convidados regionais e do Brasil; aperfeiçoamento de uma comunicação informativa mais efetiva com os associados através de jornal periódico Jornal ConViver (trimestral), blog, facebook, site e outras redes sociais à disposição da comunidade em geral; também querem iniciar um gibi eletrônico ou físico com os personagens Joãozinho e Moniquinha, que contam a sua história e falam sobre como conviver com a doença, visando a educar sobre a doença, orientar sobre os cuidados e tratamentos; atendimento psicológico aos pacientes e familiares necessitados, bem como cestas básicas, medicamentos básicos, assessoria jurídica e apoio assistencial; atividades de ampliação da área de suporte nacional da Associação Gaúcha de Pacientes Portadores da Doença de Fabry e Familiares.

Através desse programa de expansão da cultura de Fabry, é possível prestar apoio à comunidade de Fabry em itens que já são reconhecidos pelos atuais associados: apoio às atividades que incentivam a adesão ao tratamento dos pacientes; apoio e estruturação de novos centros de infusão, bem como outros recursos necessários e também suporte para transporte dos pacientes até o local da infusão; Unidade de Terapia de Reposição Enzimática do Hospital Santo Antônio de Tapejara; apoio assistencial à saúde para os pacientes da Associação Gaúcha de Pacientes Portadores da Doença de Fabry e Familiares. O projeto envolverá várias atividades educativas sobre o manejo da doença de Fabry da Associação Gaúcha de Pacientes Portadores da Doença de Fabry e Familiares.

Referências

BAGGIO, Valter Valentim. História da Paróquia Nossa Senhora da Saúde e outros... Tapejara, 25 nov. 1999.

BIANCHINI, Maristela. Tapejara, sua história. Memória arquitetônica regional. Monografia realizada para o Curso de Educação Artística, habilitação em Desenho, Universidade de Passo Fundo, 1991.

DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. Os italianos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias, 1984.

HOSPITAL Santo Antônio investe em tecnologia. Novo Tempo, Tapejara, 12 abr. 2013. Disponível em: http://jnovotempo.blogspot.com.br/2013/04/hospital-santo-antonio-investe-em.html. Acesso em: 12 jun. 2015.

SAÚDE CENTER CLÍNICA. Histórico. Disponível em: < http://www.saudecenterclinica.com.br/index.php?menu=histórico>. Acesso em: 30 maio 2013.

SPANHOL, Itamar Antonio. A saga dos imigrantes italianos na evolução e estruturação para a emancipação do Município de Tapejara – RS – 1910/1959. Porto Alegre: 2005. Mimeografado.

_____. Hospital Santo Antônio – 70 anos de fundação. Revista Comunicação, Tapejara, v.5, n.52, p.7-8, nov. 2008.

_____. Memória dos 70 anos do Hospital Santo Antônio 1938 – 2008. Revista Comunicação, Tapejara, v.5, nov. 2008. Edição especial.

_____. Mulheres empreendedoras. Revista Comunicação, Tapejara, maio 2011. Edição especial.

_____. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara: 50 anos de histórias e conquistas, 1962–2012. Revista Comunicação, Tapejara, setembro 2012. Publicação especial.

Capítulo 10

Assistência Social

PRIMEIRAS AÇÕES DA SECRETARIA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL

As primeiras ações voltadas à área social aconteceram no primeiro mandato municipal. O trabalho era desenvolvido pela então primeira dama, Isabel Basso, que confeccionava roupas junto com amigas para os necessitados.

Os trabalhos desenvolvidos eram de cunho assistencialista e não existia acompanhamento de profissionais. Eram proporcionadas aulas de tricô, crochê e artesanato em geral. Os salários dos funcionários, que atuavam na Legião Brasileira de Assistência (LBA), eram pagos pelo governo federal e os contratos de trabalho duravam seis meses. Havia também ações desenvolvidas por trabalhadores voluntários na então LBA, localizada em uma sala da Prefeitura Municipal de Tapejara. Mais tarde, foi instalada em uma casa de madeira, localizada na Rua Victor Graeff, onde hoje está o Ginásio de Esportes da Escola Municipal Giocondo Canali.

Os recursos com os quais as ações eram desenvolvidas provinham do Município, do Estado e da União. A Cáritas Diocesana também contribuía com doações. A principal função da LBA, nessa época, era a distribuição de alimentos, entre eles farinha, leite em pó e azeite.

Mais tarde, no dia 8 de março de 1978, criou-se o Núcleo de Voluntariado da Legião Brasileira de Assistência de Tapejara, com a finalidade de desenvolver ações educativas voltadas à população carente do Município de Tapejara. A coordenação do programa esteve a cargo da professora cedida Maria Muxfeldt Basso, como Diretora; Marlene Zoppaz, vice-Diretora, voluntária; Murilo Bée, Tesoureiro, voluntário; Clarice M. Borella Coral, cedida pela Prefeitura Municipal; e funcionárias Leunice Franklin da Silva e Claudia Cauduro.

No dia 20 de novembro de 1979, através da Lei Municipal nº 826, o Executivo Municipal doou ao Estado do Rio Grande do Sul uma área urbana com 9.476m^2, destinada à construção de um Centro Social Urbano, localizado na Rua João XXIII, onde hoje é a sede do Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS).

As ações do Núcleo passaram a ser desenvolvidas no interior do novo Centro Social Urbano e tinham como meta minimizar os problemas das famílias e pessoas de baixa renda no sentido de ensinar o necessitado a "pescar e não dar-lhe o peixe". Na divisão de Serviço Social, havia os grupos de gestantes, de adolescentes, de estudantes, de crianças e os Clubes de Mães. Também era realizado o encaminhamento dos pedidos de órtese e prótese.

Na divisão de Educação para o trabalho foram ministrados cursos de sabão, acolchoados, culinária, costura e hortas familiares. Também foram realizados cursos em convênio com o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e a Fundação Gaúcha do Trabalho. Através do Núcleo Regional de Saúde e Nutrição, foram fornecidos medicamentos e distribuídos 200kg de leite em pó por mês. Pelo Programa

Alfa II e com a colaboração da comunidade, era prestado atendimento a quarenta e cinco pessoas idosas.

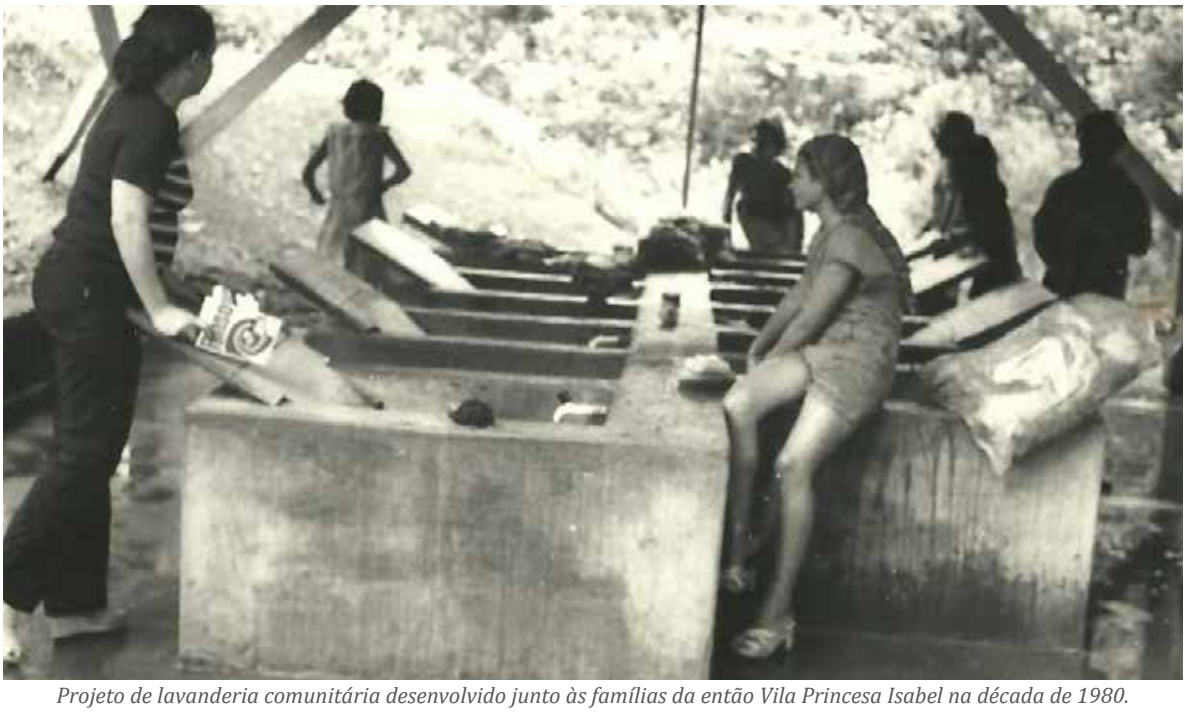
A professora Maria Muxfeldt Basso, cedida da Secretaria da Educação, recebeu através do acordo entre Secretaria de Educação e Legião Brasileira de Assistência ampla orientação a fim de que pudesse melhor exercer sua missão de educadora junto à comunidade dos necessitados.

A Divisão de Auxílios e Finanças forneceu ao Núcleo de Voluntariado recursos para atividades e ações desenvolvidas. O serviço jurídico foi mais um Departamento da Legião Brasileira de Assistência que teve a missão de legalizar "a população que não existe", encaminhando ao Cartório de Registro Civil a segunda via de casamentos, óbitos e atestados de pobreza. O objetivo desse trabalho foi resolver a situação de insegurança e irregularidade em que se encontravam as pessoas que não possuíam documentos.

O Núcleo de Voluntariado, em 1980, possuía diversos projetos em andamento no Município: um de criação de cabras e aves, que estava em desenvolvimento na Reserva Indígena do Ligeiro; outro de horta comunitária, que estava em desenvolvimento em área de terras do Município, que servia para ocupar mão de obra masculina; o projeto de jardinagem, com adolescentes que cortavam grama em residências, com máquinas fornecidas pelo Núcleo de Voluntários; o projeto de artesanato e assistência familiar, que funcionou na escola da então Vila Princesa Isabel, atual Bairro Treze de Maio; a Campanha da Rama da Mandioca, que tinha como objetivo incentivar o plantio dessa raiz e colaborar para a melhoria da alimentação dos beneficiários das ações socioeducativas do Núcleo da LBA de Tapejara.

Projeto de criação de cabras pela LBA desenvolvido no posto indígena Paulino de Almeida, em Charrua Alta, na década de 1980. Foto: Arquivo Maria de Muxfeldt Basso.

A Prefeitura fornecia o caminhão que transportava as ramas vindas de São Sebastião do Caí, em perfeitas condições, da chácara do colaborador do Núcleo, o Juiz de Direito da Comarca de Tapejara, Darci Neumann, sendo distribuídas na garagem da Prefeitura. Receberam as ramas duas áreas indígenas do Município de Tapejara e várias pessoas da comunidade, com o compromisso de na próxima safra devolver as mudas ao núcleo.



Projeto de lavanderia comunitária desenvolvido junto às famílias da então Vila Princesa Isabel na década de 1980.
Foto: Arquivo de Maria Muxfeldt Basso.

A campanha realizou-se sem ônus e atingiu aproximadamente quinhentas famílias. Ao mesmo tempo, o Núcleo de Voluntários, juntamente com a Emater, realizou a distribuição de sementes de milho para hortas caseiras e escolares. Enquanto isso, a horta comunitária do núcleo já estava atingindo um bom estágio de produção.

O núcleo e o Mobral estavam desenvolvendo na Comunidade o Programa de Educação Comunitária para a Saúde (PES), que consistia na realização de palestras semanais nos bairros da cidade. De acordo com a Diretora, Maria Muxfeldt Basso, as metas do núcleo envolviam ações de Assistência Social no Município a partir de 1981. Para que isso fosse possível, foi necessário buscar a agregação com todas as pessoas e entidades que, de uma maneira ou outra, estavam ligadas a questões sociais. Cabe destacar as metas que foram traçadas e alcançadas pelo núcleo para o ano de 1981:

- Participação no Ano Internacional do Deficiente, colaborando com o cadastramento do deficiente e posterior atendimento. Ao participar ativamente do Ano Internacional do Deficiente, o Núcleo de Voluntariado continuou auxiliando na aquisição de óculos, aparelhos ortopédicos e cadeiras de roda. Várias pessoas da comunidade foram beneficiadas.

- No mesmo período, o núcleo, através da Divisão da Educação para o Trabalho (DET), estava desenvolvendo um Grupo de Produção de Acolchoados. O grupo era formado por alunas carentes, oriundas dos cursos de acolchoados. A atividade permitiu o aumento da renda familiar, através da venda de sua produção. O Núcleo de Voluntários comercializava acolchoados de lã pura, os quais tinham ótima aceitação por parte da comunidade.

- Com o objetivo de melhorar o nível de profissionalização do jovem da comunidade, a Prefeitura Municipal, por meio do Núcleo de Voluntariado, promoveu cursos da Fundação Gaúcha do Trabalho para jovens entre quatorze e dezoito anos de idade. Os cursos realizados foram: tricô, mecânica de automóveis, eletricista, datilógrafo, auxiliar de enfermagem e, no interior do Município, turmas de horticultura.

- Atendendo a solicitação do Núcleo de Voluntários da LBA, a Câmara Júnior de Tapejara (CAJUTAP) realizou, nos dias 11 e 12 de dezembro de 1981, o pedágio em favor do Natal das famílias carentes. Mobilizando todos os seus membros, a CAJUTAP, auxiliada por alunas do Colégio de 2º Grau, envolveu-se

com o pedágio, visitando também estabelecimentos comerciais da cidade, arrecadando a soma de Cr$ 125.203,00 (cento e vinte cinco mil, duzentos e três cruzeiros). A importância foi entregue à professora Maria Muxfeldt Basso, representante da LBA, que a utilizou para aquisição de alimentos, roupas e para a melhoria de residências de famílias carentes.

No ano de 1982, o Núcleo de Voluntariado, juntamente com a Prefeitura, proporcionava apoio efetivo ao Pré-Escolar do Mobral, que funcionava há seis meses na Vila Princesa Isabel. Eram trinta e duas crianças que recebiam café da manhã, lanche e almoço, além de serem orientadas através de programas de recreação. Em junho de 1982, a ainda não inaugurada Casa da Criança Isabel Basso, criada pelo Decreto Municipal nº 1.000/81, já estava em pleno funcionamento. O objetivo da casa era possibilitar que as mães que exercessem atividades fora do lar pudessem trabalhar tranquilas enquanto a casa atendia seus filhos.

Nesse período, foram realizados dois cursos com o objetivo de melhorar a casa. A Fábrica Usacon fornecia retalhos tecidos e Lurdes Canali Borela coordenava a confecção de colchas de retalhos, travesseiros, cobertas e outras peças. Ainda dentro do Programa de Incentivo ao Artesanato local, um curso de cestas de palha de milho foi realizado, aproveitando o material abundante e nativo da região. Tais cursos foram realizados pela professora Lurdes.

Com a nova orientação político-administrativa no Governo Municipal, a partir de 1983, Helfi Bevilaqua assumiu as ações e atividades do Centro Social Urbano, permanecendo no comando até 1989. Também faziam parte da equipe a primeira dama, Jucélia Dall'Olivo, Cláudia Cauduro, Marlene Saccon, Leci Hannel, Irmã Beatriz, Celso Fernandes de Oliveira e Gessi Camargo.

O objetivo, na época, era atender crianças, ensinando atividades no período inverso ao da escola para que elas não ficassem nas ruas. O programa era denominado de "Criança Esperança". As crianças ganharam uniformes. As que estudavam à tarde, chegavam de manhã, tomavam café e participavam das oficinas, onde aprendiam vários ofícios. No intervalo, lanchavam e, ao meio-dia, almoçavam, para irem à escola. Os alunos da turma da manhã chegavam ao meio-dia, também almoçavam, para começar a realizar as tarefas. Recebiam lanche e janta, e após retornavam para suas casas.

Aprendiam, com sucatas ou retalhos de madeira, a fabricar diversos brinquedos. Plantavam mudas de árvores no viveiro municipal, localizado na saída para Água Santa, onde, posteriormente, eram distribuídas aos agricultores, para reflorestamento. Também havia uma horta comunitária, onde os alunos contavam com a ajuda de mulheres da comunidade e da extensionista da Emater Rosangela Dallagasperina, para plantarem as verduras.

Alguns professores ajudavam no turno inverso ao do trabalho, com aulas de reforço aos alunos. Também havia uma psicóloga, que acompanhava e ajudava as crianças. Quando chegava a hora de sair do Programa Social Urbano, com doze ou treze anos, a equipe da LBA arrumava um local para o adolescente trabalhar.

O programa, na época, serviu de modelo no Estado pelo trabalho realizado e os benefícios alcançados em especial através da mudança percebida nas crianças. Diversos representantes da LBA da região visitaram Tapejara para conhecer o trabalho realizado. As mães das crianças também participavam do programa. Na época, as empresas de Tapejara doavam tecidos para a realização do Curso de Acolchoados, onde as mulheres aprendiam a fabricar seus próprios acolchoados, que eram levados para suas casas. O curso era ministrado por Jocelina Bristot. Também participavam do Curso de Padaria, aprendendo a fazer pães, cucas, bolachas, bolos, entre outros. O curso era ministrado por Alaídes Felini, com a ajuda de voluntárias. Helfi contou que, através do programa, ajudou a melhorar a situação das famílias

carentes da cidade.

A partir de 1992, assumiu a Presidência a primeira-dama, sucedendo-se Vera Gardelin, Marici Bernardeli e Carla Augusta Thomas (Tuca). Dentre as atividades desenvolvidas, faziam requerimentos, na época chamados de atestados de pobreza, para as pessoas que precisavam de serviços de cartórios, entre outros. Distribuíam roupas e alimentos, conforme tinham no estoque. A assistência era desenvolvida através de campanhas e serviços de apoio às pessoas carentes.

• Sociedade Amigos dos Idosos (SAI)

A Sociedade Amigos dos Idosos (SAI), foi fundada em 20 de julho de 1989 pelas sócias: Veronica Domingues, Marlene P. Zoppas, Ione Ana Col' Debella e Alzira Alves Silveira.

Tinha por finalidade assistir aos idosos carentes do Município de Tapejara, alimentando-os com uma refeição diária (almoço); proporcionar lazer e estimular os idosos no desenvolvimento de suas aptidões com vistas a possibilitar a sua reintegração na comunidade e coordenar recursos pessoais, coletivos e institucionais para a realização de empreendimentos úteis e necessários à consecução de suas finalidade.

Também foi instituído o Conselho Fiscal, para examinar balancetes, balanços e relatórios de atividades da Diretoria, emitindo parecer a respeito; fiscalizar os atos administrativos da Diretoria, entre outras funções.

A primeira diretoria da SAI ficou assim composta: Presidente, Veronica Domingues; Vice-presidente, Ione Ana Col' Debella; Primeira Secretária, Alzira Alves Silveira; Segunda Secretária, Marlene P. Zoppas; Primeiro Tesoureiro, Gelso Jose Felini e Segundo Tesoureiro, Enilde Spagnol. O Cosnelho Fiscal ficou composto por: Rosangela Dalagasperina, Flavia de Linhares e Maria Inês Dalagasperina. As suplentes ficaram: Maria Licks, Therezinha Ferronato da Rosa e Isabel Perdoná.

• Relatório das atividades – Departamento de Ação Social em 1994

Em 1994, o Departamento de Ação Social era coordenado por Maria Angélica Pina Pozzer. Na época, diversas atividades foram desenvolvidas, entre elas: atendimento a cento e vinte e três crianças através das duas creches municipais; promoção de reuniões e palestras aos pais das crianças atendidas; reuniões de estudo e análise do trabalho com o pessoal envolvido nos projetos assistenciais; atendimento a cinquenta crianças através do Projeto Criança Futuro; compra de material didático e recreativo para crianças das creches e do Projeto Criança Futuro; cultivo de legumes, verduras e frutas para o consumo das crianças e para distribuir às famílias; cultivo de treze mil mudas de eucaliptos através do trabalho de adolescentes junto ao viveiro de mudas; atendimento a trinta e cinco meninas e adolescentes da Vila Treze de Maio, atual Bairro Treze de Maio, através do Projeto Menina Moça; organização da feira de venda dos trabalhos realizados no Projeto Menina Moça; encaminhamento, junto com a FEBEM, de um total de dezenove adolescentes ao Projeto Guri Trabalhador; atendimento de trinta e cinco idosas através do Projeto Clube da Vovó; realização de cursos de pintura e crochê, no antigo Voluntariado da LBA; realização da Campanha do Agasalho, beneficiando famílias carentes do Município; realização da Campanha do Quilo, beneficiando famílias carentes da Vila Treze de Maio, atual Bairro Treze de Maio; participação e trabalho na Festa de Natal, na Vila Treze de Maio; apoio e doação de auxílio-alimentação à Sociedade Amigos dos Idosos (SAI); auxílio-alimentação a noventa e seis famílias carentes do Município; doação de leite a crianças com problemas de subnutrição; construção de quatro casas populares para famílias carentes com risco social e pessoal no bairro São Paulo, com investimento de aproximadamente

R$ 11.000,00.

• Mudanças através de programas

A Secretaria da Saúde e Ação Social, através do Departamento de Assistência Social e seus parceiros, desenvolveu no ano de 2005 os programas previstos no Plano Municipal de Assistência Social referentes à rede de Proteção Básica e Especial a Criança e ao Adolescente, Idoso, Família e Pessoa com Deficiência.

No Projeto ASEMA/AABB Comunidade, foram atendidas cento e oitenta crianças, que desenvolviam atividades físicas, desportivas, danças e trabalhavam temas educativos, visando a auxiliar a família e a escola na constituição física, moral, social e intelectual da criança e do adolescente.

O Projeto Vida atendeu cento e noventa crianças e adolescentes, desenvolvendo oficinas de atividades físicas, esportes, capoeira, música e artesanato. Também foi desenvolvido, no Projeto Vida, o Programa de Atendimento aos Adolescentes em Atividades de Esporte, Cultura e Lazer.

O Programa Jovem Trabalhador e Pequeno Cidadão oportunizou ao adolescente sua preparação e iniciação profissional, desempenhando suas atividades em órgãos do Município, com supervisão da equipe do Departamento de Ação Social.

No Projeto Primeira Infância Melhor, foram atendidas cento e cinquenta famílias com crianças na faixa etária de zero a seis anos de idade, através de visitadoras que ofereciam acompanhamento semanal com orientação às famílias, visando a dar suporte aos pais para estimular o desenvolvimento integral da criança.

O Programa de Inclusão Digital ofereceu aulas gratuitas de informática (curso básico) para noventa alunos do Projeto Vida e noventa alunos do AABB-Comunidade.

O Grupo Integrado da 3ª Idade (GITI) atendeu em torno de quinhentos idosos, divididos em seis grupos de convivência. Eram realizadas, semanalmente, atividades físicas, recreativas, culturais e oficinas de artesanato. O objetivo era desenvolver ações de educação para a cidadania, voltadas ao convívio social, ao resgate da autoestima e ao fortalecimento de vínculos familiares.

O Programa Casa de Convivência FelizIdade atendeu quarenta e um idosos acima de sessenta anos, de segunda a sexta-feira, oportunizando um espaço de convivência coletiva e de integração social, familiar e comunitária. Os participantes recebiam alimentação, transporte, acompanhamento da assistente social, atendimento médico, odontológico, psicológico, fisioterápico, nutricional e Curso de Alfabetização.

O Projeto de Patchwork desenvolvido junto a um grupo de mulheres do Bairro Treze de Maio iniciou em 2005. Nesse projeto, o artesanato contribuía para a geração de renda. Também foram realizados, no ano de 2005, cursos profissionalizantes de cabeleireiro e de mecânica básica.

• Secretaria Municipal de Assistência Social

No dia 13 de setembro de 2011, foi criada a Secretaria Municipal de Assistência Social, órgão voltado a garantir a eficácia do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) no âmbito do Município.

O Município conta também com o Conselho Municipal de Assistência Social, criado em 25 de abril de 1996 através da Lei Municipal nº 1.923, que criou também o Fundo Municipal de Assistência Social, com as seguintes finalidades:

Sede da Assistência Social e do Cras. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Executar a política de assistência social no âmbito do Município.

Mobilizar, instrumentalizar e articular a rede intergovernamental, com a participação efetiva de representantes de segmentos da sociedade, de trabalhadores da área e de universidades, para a elaboração do Plano Municipal de Assistência Social, adequando-o às diretrizes da Política Nacional de Assistência Social.

Elaborar e encaminhar ao Conselho Municipal de Assistência Social a proposta orçamentária anual para execução da política municipal da Assistência social, respeitando as demandas sociais explicitadas no Plano de Assistência Social.

Propor ao Conselho Municipal de Assistência Social os critérios de transferência de recursos financeiros.

Proceder à transferência dos recursos destinados à assistência social, conforme legislação vigente.

Encaminhar à apreciação do Conselho Municipal de Assistência Social relatórios trimestrais e anuais de atividades e de execução orçamentária e financeira dos recursos.

Expedir atos normativos necessários à gestão do Fundo Municipal de Assistência Social, de acordo com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho Municipal de Assistência Social e com a legislação em vigor.

Elaborar e submeter ao Conselho Municipal de Assistência Social os programas anuais e plurianuais de aplicação dos recursos do Fundo Municipal de Assistência Social.

Realizar a execução orçamentária e financeira dos recursos do Fundo Municipal de Assistência Social.

Criar cadastro das famílias em situação de maior vulnerabilidade social e risco, conforme critérios do Programa Bolsa Família, instituído pela Lei nº 10.836/2004.

Implementar as normas especiais da Gestão Básica e/ou da Plena contidas na NOB/SUAS e na NOB-RH/SUAS.

Encaminhar o pagamento de benefícios eventuais.

Executar os projetos de enfrentamento da pobreza, incluindo a parceria com organizações da sociedade civil.

Atender as ações assistenciais de caráter de emergência.

Prestar os serviços assistenciais de que trata o art. 23 da Lei nº 8.742/93.

O objetivo é garantir o desenvolvimento do trabalho social com as famílias usuárias dos serviços, permitindo identificar suas necessidades e potencialidades dentro da perspectiva familiar, rompendo com o atendimento segmentado e descontextualizado das situações de vulnerabilidade social vivenciadas.

• Demandas atendidas pela instituição

A principal demanda do Município de Tapejara é a procura por alimentos (cestas básicas). A concessão do benefício eventual de cesta básica é uma solução temporária à vulnerabilidade econômica da população. Quando as pessoas a buscam, é feita a concessão, depois da análise da realidade existente, através de atendimento individualizado, e, dependendo da situação, também é feita a visita domiciliar pelos técnicos (assistentes sociais e psicólogos). Nesse momento, são analisadas as condições de vida da família, número de pessoas que vivem na mesma casa, nível de vulnerabilidade, se há crianças ou idosos, entre outros fatores.

Depois de realizada a concessão, deixa-se bem claro que não é nada definitivo, que é apenas temporário, até que se possa encaminhar a família aos serviços, programas e projetos desenvolvidos pela polí-

tica de Assistência Social. Ressalta-se que, aproximadamente, oitenta famílias recebem, mensalmente, a cesta básica, uma vez que se encontram em situação de vulnerabilidade e na sua maioria são idosos e acamados. Outras demandas são os plantões sociais, atendimentos a grupos socioeducativos, gestão do Programa Bolsa Família, acompanhamento às famílias protetoras, acompanhamento de crianças e idosos em acolhimento institucional, medidas socioeducativas, acompanhamento de adolescentes e adultos em Prestação de Serviço à Comunidade (PSC).

As principais características da população atendida são: vulnerabilidade econômica e social, fragilidade de vínculos familiares, idosos em abandono ou negligência em seus cuidados, usuários de álcool e substâncias psicoativas, situação de violência, crianças em situação de negligência e de maus-tratos.

- **Parcerias e relações institucionais**

A Secretaria de Assistência Social trabalha em parceria com as Secretarias Municipais da Saúde, Habitação, Educação, Desporto e Cultura, com o Centro de Referência da Mulher (Casa Rosa), com o Ministério Público e o Judiciário, Defensoria Pública, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), com o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), Conselho Tutelar, Cáritas Diocesana e com o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC).

PROGRAMAS SOCIAIS DO GOVERNO FEDERAL

Cadastro Único e Bolsa Família: o Cadastro Único (CADúnico) para programas sociais do Governo Federal é um instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda. O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País.

A concessão do benefício é realizada de forma impessoal, por meio de um sistema informatizado, onde são priorizadas as famílias com renda per capita mais baixa e maior número de filhos com até dezessete anos, além de ser dada especial atenção às famílias em situação de maior vulnerabilidade. Para que as famílias recebam o benefício, elas devem cumprir algumas condições nas áreas de educação, saúde e assistência social.

O Poder Público deve fazer o acompanhamento gerencial para identificar os motivos do não cumprimento dessas condições. A partir disso, são implementadas ações de acompanhamento das famílias em descumprimento consideradas em situação de maior vulnerabilidade social.

Programa BPC na Escola: Foi criado pela Portaria Normativa Interministerial nº 18, de 24 de abril de 2007, e tem como objetivo desenvolver ações intersetoriais, visando a garantir o acesso e a permanência na escola de crianças e adolescentes com deficiência, de zero a dezoito anos, beneficiários do Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social (BPC), com a participação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. Tem como principal diretriz a identificação das barreiras que impedem ou dificultam o acesso e a permanência de crianças e adolescentes com deficiência na escola e o desenvolvimento de ações intersetoriais, envolvendo as políticas de educação, de assistência social, de saúde e de direitos humanos, com vistas à superação dessas barreiras.

Benefício de Prestação Continuada: É um benefício da Política de Assistência Social, que integra a Proteção Social Básica no âmbito do Sistema Único de Assistência Social – SUAS e para acessá-lo não é

necessário ter contribuído com a Previdência Social. É um benefício individual, não vitalício e intransferível, que assegura a transferência mensal de um salário mínimo ao idoso, com sessenta e cinco anos ou mais, e à pessoa com deficiência, de qualquer idade, com impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Em ambos os casos, devem comprovar não possuir meios de garantir o próprio sustento, nem tê-lo provido por sua família. A renda mensal familiar per capita deve ser inferior a um quarto do salário mínimo vigente.

Ressalta-se que os técnicos do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), assistentes sociais e psicólogos, após atendimento individualizado com as famílias e análise de sua realidade, encaminham os formulários e documentos necessários ao INSS para a obtenção desse benefício.

SERVIÇOS DE PROTEÇÃO SOCIAL BÁSICA

• Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família

O Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) é um trabalho de caráter continuado que visa a fortalecer a função de proteção das famílias, prevenindo a ruptura de laços, promovendo o acesso e usufruto de direitos e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida.

O PAIF tem como público famílias em situação de vulnerabilidade social. São prioritários no atendimento os beneficiários que atendem aos critérios de participação de programas de transferência de renda e benefícios assistenciais e pessoas com deficiência e/ou pessoas idosas que vivenciam situações de fragilidade.

Suas ações são desenvolvidas por meio do trabalho social com famílias, apreendendo as origens, os significados atribuídos e as possibilidades de enfrentamento das situações de vulnerabilidade vivenciadas, contribuindo para sua proteção de forma integral.

• Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV)

Têm como objetivo prevenir possíveis situações de risco da população em geral, visando à melhoria da qualidade de vida. Busca prevenir a institucionalização e a segregação de crianças, adolescentes, jovens e idosos e oportuniza o acesso às informações sobre direitos e participação cidadã. Ocorrem por meio do trabalho em grupos ou coletivos e organizam-se de modo a ampliar trocas culturais e de vivências, desenvolver o sentimento de pertença e de identidade, fortalecer vínculos familiares e incentivar a socialização e a convivência comunitária.

- As oficinas oferecidas pelo SCFV são:

Oficina de dança: Tem como objetivo proporcionar a sensibilização e conscientização dos adolescentes tanto para suas posturas, atitudes e gestos como para suas necessidades de expressar, comunicar, compartilhar e interagir. A dança, além de desenvolver, emocionalmente, crianças e adolescentes, proporciona relaxamento, diversão e integração, afetando, diretamente, nos relacionamentos.

Espetáculo de dança de um grupo participante de oficina de dança. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Oficina de inclusão digital: Tem o objetivo de promover a inclusão digital pela perspectiva das artes visuais como alternativas de resgate e reforço da cidadania, da leitura, da pesquisa e da criatividade dos participantes.

Oficina de teatro: Tem o objetivo de desenvolver aspectos culturais; o aluno terá maior facilidade para trabalhar nas questões referentes à coletividade e ao relacionamento humano, encontrando um meio de expressar-se artisticamente.

Apresentação de um grupo de teatro. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Oficina de música: Tem como objetivo incentivar a socialização e a convivência coletiva; ampliar as trocas culturais e de vivências; estimular o desenvolvimento de potencialidades, habilidades, talentos e propiciar a formação cidadã.

Oficina de música. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Grupo de alunos da APAE. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Oficina com alunos da APAE: Construir um espaço de convivência através de intenções pautadas em experiências arte-educativas, lúdicas, culturais e esportivas como formas de expressão, aprendizagem e autonomia, contribuindo para a ressignificação de valores e atitudes.

SERVIÇOS DE PROTEÇÃO SOCIAL ESPECIAL

- **Média complexidade**

1) - Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) e de Prestação de Serviço à Comunidade (PSC)

As medidas socioeducativas têm por finalidade promover o desenvolvimento integral dos adolescentes em conflito com a lei, autores de atos infracionais e egressos do regime de internação, em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto de Prestação de Serviços a Comunidades e/ou Liberdade Assistida; realizar o acompanhamento dos adolescentes em cumprimento de medida em PSC e LA; e prevenir a reincidência de atos infracionais, inserindo os adolescentes em programas existentes nas diversas políticas, com ênfase no resgate dos laços familiares.

- **Alta complexidade:**

1) - Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora

O Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora tem como objetivo garantir o acolhimento em famílias de crianças e adolescentes que estejam em situação de vulnerabilidade social e pessoal, como medida de proteção, possibilitando a convivência familiar e comunitária. Serão beneficiários no programa crianças de zero a dezoito anos incompletos e para ambos os sexos. Hoje, a Secretaria de Assistência Social possui nove crianças/adolescentes no Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora.

2) - Serviço de Acolhimento Institucional

Acolhimento em diferentes tipos de equipamentos, destinado a famílias e/ou indivíduos com vínculos familiares rompidos ou fragilizados, a fim de garantir-lhes proteção integral.

Até o momento, a Secretaria Municipal de Assistência Social encaminha os usuários para duas modalidades de acolhimento institucional:

- Para crianças e adolescentes: Acolhimento provisório e excepcional para crianças e adolescentes de ambos os sexos, inclusive crianças e adolescentes com deficiência, sob medida de proteção (Art. 98 do Estatuto da Criança e do Adolescente) e em situação de risco pessoal e social, cujas famílias ou responsáveis se encontrem, temporariamente, impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção.

- Acolhimento para idosos com sessenta anos ou mais, de ambos os sexos, independentes e/ou com diversos graus de dependência. A natureza do acolhimento deverá ser provisória e, excepcionalmente, de longa permanência quando esgotadas todas as possibilidades de autossustento e convívio com os familiares. É previsto para idosos que não dispõem de condições para permanecer com a família, com vivência de situações de violência e negligência, em situação de rua e de abandono, com vínculos familiares fragilizados ou rompidos.

PROGRAMAS, PROJETOS E BENEFÍCIOS

Os programas, projetos e benefícios que a Secretaria Municipal de Assistência Social oferece à comunidade são:

- Terceira idade: O Grupo Integrado da Terceira Idade Alegria de Viver (GITI) foi fundado em 12 de setembro de 1997. Neste ano de 2015, completou dezoito anos de existência, conta com aproximadamente seiscentos integrantes, proporcionando encontros semanais com atividades de educação física e recreação, Curso de Informática, Curso de Artesanato, Corais e Curso de Danças. Além de auxiliar na produção da carteira do idoso, também oferece transporte gratuito durante toda a semana para os encontros semanais, do mesmo modo frequentam festas, bailes e demais promoções da terceira idade na região nos finais de semana.

Conta ainda com Curso de Informática, que possibilita aos integrantes interagirem com o mundo virtual, frequentando aulas semanais. O curso já formou mais de noventa idosos. Os integrantes do GITI também têm a oportunidade de participar do Curso de Artesanato, que possibilita desenvolver novas atividades, criando e desenvolvendo novas técnicas.

Além disso, o GITI possui dois grupos de cantos: O Coral Estrelas de Luz e o Coral Nostro Canto,

que têm como objetivos: interagir, integrar e resgatar cantos antigos e lembranças do passado. Também conta com um Grupo de Danças Gitidance, que tem como objetivo a valorização do idoso, inserindo-o em atividades criativas que proporcionam a reprodução de seus conhecimentos, suas potencialidades e habilidades.

Formatura de grupo de terceira idade, ano de 2011. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Grupo participante do Programa Jovem Trabalhador. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

- Programa Jovem Trabalhador: Tem como finalidade garantir o direito de formação, iniciação a uma profissão e a proteção para o trabalho. Tem como princípios: o prevalecimento das exigências pedagógicas ao desenvolvimento pessoal e social do educando-adolescente sobre o aspecto produtivo; garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular; atividade compatível com o desenvolvimento

do adolescente; horário especial para o exercício das atividades, obedecendo ao limite de quatro horas diárias. Ao adolescente será assegurada uma bolsa-auxílio no valor de 50% do salário mínimo, sendo que hoje o programa atende aproximadamente vinte jovens. Atende adolescentes de quatorze a dezoito anos incompletos, durante um ano com atividades remuneradas, socioeducativas e de preparação para o mercado de trabalho, os quais recebem, mensalmente, meio salário mínimo e tem direito a férias remuneradas.

- Projeto Restaurante Popular: O programa foi criado em 1997 em parceria com a Paróquia Nossa Senhora da Saúde e hoje é mantido pela Secretaria de Assistência Social. O objetivo é oferecer almoço a R$ 1,00, sendo destinado para trabalhadores de baixa renda previamente cadastrados. Durante o período do almoço os usuários recebem orientações básicas de saúde, higiene, alimentação e ações de prevenção.

A escolha do local surgiu pela razão de o Município não possuir, naquele momento, um local adequado para colocar em funcionamento o Restaurante Popular. A Paróquia, com o então Pároco Padre Darci Treviso, em parceria, cedeu as dependências do pavilhão. Na época, foi criada uma comissão composta por um representante da Prefeitura, um da Paróquia, um do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e representantes de outras entidades para conseguirem junto à Administração Municipal fazer ajustes e adequações no interior do pavilhão, além de adquirir as mesas, cadeiras, geladeira, fogão, talheres, pratos, copos, panelas e os demais utensílios. Também para garantir os alimentos e pessoas para cozinhar e manter o ambiente em boas condições.

O pavilhão da gruta, além de servir para instalação e funcionamento do Restaurante Popular, serviu de espaço para as primeiras reuniões do grupo da terceira idade, já que naquele tempo as instalações do Centro Cultural não estavam concluídas. Em 2014, o local recebeu reformas de cobertura do pavilhão e, ao lado, novos banheiros.

Usuários do Restaurante Popular na antiga Gruta Nossa Senhora de Lurdes. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

- Casa de Convivência Dona Verônica: A Casa de Convivência Dona Verônica foi inaugurada em

dezembro de 2010 pelo prefeito Seger Luiz Menegaz e o vice Vilmar Merotto. Atende diariamente de 2ª a 6ª feira, das 08h30 às 14h30, através de cadastros encaminhados e por busca ativa. Atualmente 64 idosos em situação de vulnerabilidade recebem o atendimento pela instituição. O espaço é de convivência, de integração social, familiar e comunitária.

Possui como nome Dona Verônica, pois a Dona Verônica Domingues foi a primeira presidente da Sociedade Amigos dos Idosos (SAI).

Encontra-se dentro das políticas da assistência social subsidiada pela Secretaria de Assistência Social e mantida com recursos do Município. São desenvolvidas várias atividades, contando com o apoio das outras Secretarias do Município, principalmente com a Secretaria de Saúde, que disponibiliza uma equipe multiprofissional para atender os idosos que frequentam a casa, tais como: acompanhamento da assistente social, psicológico, médico, odontológico, fisioterápico, nutricional, são realizadas atividades físicas, recreativas, de lazer e artesanato.

A casa atende, diariamente, em média sessenta e cinco idosos e promove ações que possibilitem a convivência social e o exercício da cidadania. Visa a oportunizar um espaço de vivência coletiva e de integração social, favorecendo aos idosos ações que qualifiquem a convivência familiar e comunitária, através de atividades diversas e dessa forma possibilitar uma melhor qualidade de vida. População-alvo: pessoas com mais de sessenta anos de idade em situação de vulnerabilidade.

Casa de Convivência. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Projeto Conhecer. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

- Projeto Conhecer: Tem por objetivo desenvolver cursos em diversas áreas para os adolescentes tapejarenses, de modo que venham a ter melhores condições de inserção no mercado de trabalho e geração de renda. Destinam-se a adolescentes em situação de vulnerabilidade social e egressos de internações e tratamentos de saúde mental do Município. O Projeto Conhecer desenvolve as seguintes oficinas: Oficina da Beleza; Oficina de Música; Oficina de Informática; Atividade Física; e Oficina de Dança.

- Projeto Fazendo Arte: Realiza a Oficina de Artesanato para mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família e participantes do PAIF. Também recebe adolescentes dessas famílias. Desenvolve também Curso de Corte e Costura, para ajuda na geração de renda familiar.

Tem por objetivos específicos: proporcionar às mulheres aprendizado para uma melhor inserção profissional; promover o envolvimento e o comprometimento das participantes em atividades em grupo na perspectiva do trabalho em equipe; proporcionar atividades que problematizem a responsabilidade necessária à inclusão no mercado de trabalho; desenvolver atividades diversas de cultura, lazer e cidadania, buscando a inclusão social e a participação comunitária ativa; retornar a importância da valorização do ser humano e do seu espaço como cidadã na sociedade; desenvolver atividades que resgatem a autoestima das mulheres. É destinada às mulheres em situação de vulnerabilidade social e inseridas no Programa Bolsa Família. O Projeto Fazendo Arte conta com as seguintes oficinas: Oficina de Biscuit; Oficina de Pintura em Tecido; Oficina de Crochê; Oficina de Tricô; Oficina de Patchwork; Oficina de Corte e Costura; Oficina de Sucata e Material Reciclável; Oficina de Decoração de Chinelos; Oficina de Decoração de Natal; e Oficina de Fuxico.

Exposição de trabalhos realizados em oficina. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

- Projeto Cozinha Comunitária – Sabor da Culinária: Tem a finalidade de orientar as famílias usuárias dos serviços e programas da Assistência Social, quanto às formas corretas de alimentação. Também de propiciar condições adequadas de preparo de alimentos, estando estes de acordo com as normas sanitárias para serem comercializados, gerando qualificação profissional e renda

Grupo de participantes do Projeto Cozinha Comunitária. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

complementar às famílias beneficiárias dessa ação. Também tem parceria com o SENAR e a EMATER, para oferecer cursos de aproveitamento integral de alimentos, panificação caseira, curso de doces e salgados, entre outros.

Benefícios eventuais: são benefícios da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), de caráter suplementar e provisório, prestados aos cidadãos e às famílias em virtude de morte, nascimento, calamidade pública e situações de vulnerabilidade temporária.

- São benefícios eventuais:
- Auxílio-natalidade
- Auxílio funeral
- Auxílio cesta básica
- Auxílio fotografia
- Auxílio passagem
- Auxílio aluguel social

Outros benefícios eventuais para atender necessidades advindas de situações de vulnerabilidade social temporária

PRINCIPAIS DESAFIOS

O principal desafio é que os usuários e setores do Município saibam que, através da política de assistência social, será promovido o acesso aos direitos dos cidadãos em vulnerabilidade social, que receberão acompanhamento dos técnicos conforme a realidade e serão incluídos em diversos programas e projetos existentes, já que a política de assistência social não é apenas a concessão de benefícios. Resumindo, o desafio é transmitir à população os seus reais objetivos, pois o assistencialismo ainda é muito existente.

Também é um desafio conhecer a realidade do Município e nela atuar priorizando as situações de maior vulnerabilidade diante da complexidade das organizações familiares e a quantidade de necessidades e demandas a serem atendidas.

Referências

BASSO, Maria Muxfeldt. Notícias da LBA. O Tapejarense, Tapejara, v.2, n.20, p.5, 19 ago. 1981.

_____. Núcleo de voluntariado de Tapejara. O Tapejarense, Tapejara, v.2, n.19, p.4, 21 jul.1981.

_____. LBA: notícias da LBA. O Tapejarense, Tapejara, v.1, n. 7, p.4, 17 out. 1980.

_____. LBA: um trabalho para a comunidade. O Tapejarense, Tapejara, v.2, n.14, 1 mar. 1981.

FAMÍLIA carente: Câmara J. e L.B.A. realizam pedágio. O Tapejarense, Tapejara, v.2, n.24, p.3, 25 dez. 1981.

FAVRETO, Patrícia Zanini. Diagnóstico institucional da Secretaria Municipal de Assistência Social de Tapejara. Passo Fundo: Faculdade Anhanguera, 2013.

NOTÍCIAS da LBA: Núcleo de Voluntariado de Tapejara. O Tapejarense, Tapejara, v.2, n.27, p.2, 12 jun. 1982.

RELATÓRIO das atividades desenvolvidas pelo Departamento de Ação Social. Jornal O Caiobá, Tapejara, v.2, n.29, dez. 1994. Suplemento Prefeitura Municipal de Tapejara Administração 93/96, p.3.

TAPEJARA. Prefeitura Municipal. Departamento de Ação Social e Saúde. Relatório de Gestão. Tapejara, 2005.

Capítulo 11

Esporte, Lazer e Cultura

FUTEBOL DE CAMPO

A área coberta de matas virgens foi aos poucos devastada pelas mãos dos colonizadores, que buscavam o sustento da família na agricultura. Surgiram roças em diversos pontos. Os ambulantes, que por aqui comercializavam a produção industrializada, fixavam moradia, definindo a nova comunidade nos primórdios do Núcleo Itália.

Os mais antigos moradores com que tivemos oportunidade de conversar sobre a chegada do futebol, ou onde tudo começou, lembram que lideranças locais construíram campos em algum ponto do território, em áreas que serviam de potreiros e demarcavam ali os primeiros campos.

O futebol era praticado em pequenas áreas cedidas pelos proprietários, sem o tamanho dos campos de hoje. Em muitos lugares, antes de começar uma partida de futebol, os atletas tinham que tocar os cavalos, as vacas e os bois, uma vez que a área lhes pertencia de fato.

Nesses locais, a pequena população reunia-se aos domingos e feriados para assistir a pelada (jogo), uma vez que os craques que surgiam ficavam por aqui mesmo. A população comparecia aos jogos, que eram disputados sem regras rígidas, com árbitros apitando sem maior conhecimento. E assim o futebol acontecia, divertindo a população, sendo os campeonatos o motivo principal de integração entre as pessoas.

Alguns campos demarcados próximos às matas eram cercados de arame farpado. Em muitos jogos, a bola furava e como só havia uma em campo, o jogo era suspenso, entristecendo a todos. Acabava a brincadeira, mas no dia seguinte a bola era levada para o seleiro consertar.

Os sapateiros ficavam contentes, pois tinham serviço: desmanchar a bola, consertar e depois costurar novamente. As sapatarias daquele tempo eram de propriedade de Matteo Spanhollo, José Ascari, Ricardo Rosso e Antonio Bianchini.

Um dos primeiros times e campo de Futebol da Vila Tapejara, Sport Clube Grêmio Atlético em meados da década de 40. Foto: Arquivo Revista Comunicação.

Um dos primeiros campos de futebol estava localizado na saída para Santa Cecília do Sul, próximo ao Clube Comercial. Os moradores, mais antigos, lembram que havia um campo demarcado defronte ao prédio do Hospital Santo Antônio. Mais tarde, o local serviu como potreiro para abrigar o rebanho que fornecia leite para o estabelecimento hospitalar. O desportista Evaristo Rombaldi (em memória) contou, em entrevista para Itamar Antônio Spanhol, realizada há algum tempo, que foi nesse local, na década de 1950, que começou a jogar no Sport Clube Grêmio Atlético.

Com os locais próprios à prática do esporte, surgiram os primeiros times de futebol ainda no então Distrito de Vila Tapejara. O Sport Clube Grêmio Atlético nasceu em 26 de agosto de 1946. Dez anos depois, surgiu o São Paulo Futebol Clube, em 28 de junho de 1956, no então já Município de Tapejara e, em meados de 1960, nasceu o Grêmio Foot Ball Tapejarense.

Nos primeiros tempos, as bolas foram feitas de bexiga de porco cheia de panos velhos ou palha. A prática do futebol era realizada ao lado das casas ou nas poucas ruas de chão batido, nos caminhos existentes em frente ou nos fundos das moradias. Naquela época, existiam campos em Paiol Novo, Carreteiro, São Silvestre, Santa Rita, Vila Campos, locais que pertenciam a Sede Teixeira e a Vila Teixeira.

As pessoas que tiveram a oportunidade de estudar no Grupo Escolar, no Colégio das Irmãs ou nas Escolas da Rede Pública assentadas nas comunidades do interior da Vila Teixeira tinham a chance de praticar o futebol na hora do recreio. Na época, existia um pequeno campinho nos fundos ou ao lado do prédio da escola. Nesse local, ocorria a tradicional disputa, que durava, geralmente, meia hora, tempo de intervalo da aula. O duelo era entre a turma da 5ª série contra as demais: 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries.

A prática do futebol também era desenvolvida em chácaras e sítios existentes no entorno da zona central e ainda em áreas rurais, em potreiros. Eram levantadas as goleiras, escolhidos os adversários e colocada a bola em movimento, principalmente nos finais de semana.

A prática do futebol foi expandindo-se na medida em que a Vila Teixeira evoluía, passando a denominar-se Vila Tapejara, em meados da década de 40. Nessa época, surgiram diversos campinhos na zona central da Vila Tapejara, que estava em franca estruturação, rumo à emancipação político-administrativa.

Com o advento da emancipação do então Distrito de Tapejara, em 9 de agosto de 1955, os primeiros administradores públicos, Tranquilo Basso e Severino Dalzotto, voltaram as atenções e ações, a partir da aprovação do primeiro Plano Diretor, à urbanização da cidade e seu entorno. Resultou, ao mesmo tempo, a ocupação do solo urbano por uma série de edificações e inúmeros terrenos vazios. Com o passar do tempo, foi nos terrenos vazios na cidade e seu entorno, e em propriedades particulares do Município, que surgiram diversos times de campinhos e de rua, entre os quais: Leão da Serra, Internacional, Marin, Fontana, Marchiori, Vasquinho, Gelatti, Campinho das Cruzes, Gurizada da Redondeza, Rebeschini, Tirafogo e Botafogo, Valdemar Rovani, Campinho dos Fundos da Casa, Brasinha, Grêmio, Lovatto, Avenida, Canarinho, PTB, Marcon, Rosa, Calegari, Cia. Scariot, Grupo Escolar, Campinho nas Proximidades da Casa, Campinho do Grupo Escolar, Campinho Perto de Casa, Campinho do Antigo Cemitério, Campinho do Lori Dametto, Time da Rua Onze de Julho, Campinho do Pete, Campinho do Pátio da Escola e Campinho de Chão Batido de Terra. A partir dos times de campinhos, surgiram diversos outros, entre eles: Greminho, Juvenil, Misto do Atlético e Avaí, formados por atletas oriundos do campinho.

Com o tempo, surgiram diversos times e campos de várzea, uns no entorno, outros nas localidades do interior e próximos do centro da cidade. Entre os campinhos, há de se destacar o localizado nos altos da área central, posteriormente, em frente às instalações do novo prédio do Hospital Santo Antônio, atual estacionamento do hospital. Conforme Evaristo, “foi ali que nasceu o Clube Atlético Tapejarense”.

O Poder Público, através de cessão de uso, destinou áreas de terras para construção das Praças Esportivas do Clube Atlético Tapejarense, do São Paulo F. C. e do Grêmio Tapejarense. Nesse tempo, diversas famílias cederam áreas de terras, potreiros ou áreas de plantio para sediar campos de futebol. Cabe destacar os campos do Internacional, depois América, em terras de José Slongo e Maria Três. Além disso, a área de terras de Albino Costa, que foi a primeira Praça Esportiva do São Paulo e mais tarde usada pelo Grêmio Tapejarense.

Na década de 1950, nos arredores da cidade de Tapejara, existiam propriedades com áreas de terras divididas em partes, utilizadas para pomar, matas, criação de animais e moradia. A área para criação de animais, conhecida como potreiro, servia para pastagens dos animais. Era nos potreiros, com grama natural que, nesse período, surgiram diversos campinhos e campos de futebol. Não demorava muito e a gurizada da vizinhança começava a chegar, e da noite para o dia eram levantadas duas goleiras e riscadas algumas linhas no chão. Dessa forma, surgia mais um campinho, e o sonho do time de jogar com outros times da vizinhança e de outras localidades do Município era consolidado.

Time do América na década de 1960. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

Também havia em diferentes pontos, na zona suburbana e no interior do Município, os campos abertos, demarcados com medidas maiores. Os times contavam com uma equipe integrada com mais atletas. Entre os campos abertos e times que existiram no período da metade da década de 50 e primeiros anos da década de 60, citem-se: Time do Quintino, Time do Manco, Time do Morello e Time da Rapadura.

Mais tarde, por volta de meados dos anos 70, surgiram os times: América, Time do Lustroso, Quintino, Carqueja, Internacional (na Linha Marcolin), Arranca-Toco (na Linha Marchiori), Arranca-Toco (na Linha Calegari), Nino Carissimi, Apolo XI e São Cristóvão.

Por volta da década de 80, entre as inúmeras ações esportivas desenvolvidas pelo Departamento de Esportes, tendo à frente o então Secretário de Educação, Desporto e Cultura, professor e desportista Jaimir Antônio Pinto Ribeiro, teve destaque a realização do torneio de futebol de campo, denominado de Campinhos de Rua. Os times convidados foram os grupos de gurizada que desenvolviam a atividade-

de esportiva em ruas de terra de chão batido, em diferentes pontos, nos quatro cantos da cidade e seu entorno. A maioria da gurizada que participou tinha de dez a doze anos de idade. Os times foram formados de cinco jogadores e cada um tinha uma ou duas pessoas responsáveis.

Cada time escolheu um nome e os atletas deveriam jogar utilizando o uniforme completo. Para conseguir o fardamento completo, os responsáveis buscaram ajuda e apoio de firmas e de diversas pessoas que se dispunham a ajudar. O torneio aconteceu num campinho de terra de chão batido, demarcado na esquina da Rua Cel. Gervásio, com Avenida 7 de Setembro, nas proximidades onde hoje está assentado o Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira.

Entre os times que participaram das disputas do torneio "Campinhos e Times de Rua na Cidade" estavam: Internacional (1979), Internacional (1980), Defuntos, Clube Atlético Tapejarense, A. A. Banco do Brasil, Verona, Lazio, E.E. Flamengo, Estrela F.C, Posto BR e Refrigeração Dois Amigos.

CLUBES E EQUIPES DO FUTEBOL AMADOR ANTIGOS E ATUAIS

• Clube Atlético Tapejarense

A origem do Clube Atlético Tapejarense remonta a década de 1940, época em que, na então Vila Tapejara, havia um time denominado de Sport Clube Grêmio Atlético, fundado por Ângelo Bertoglio. Conforme recordou José Bertoglio, irmão de Ângelo, ele foi incentivado por um grupo de amigos para formar um time opositor, e José aceitou o desafio. Com ajuda de alguns amigos, fundou o Clube Atlético Tapejarense, em 25 de agosto de 1946. Os fundadores foram: Florindo Gardelin, João Spagnol, Antônio Mânica, Gesuíno Cauduro, Domingos Cauduro, Antônio Cauduro, Antônio Gelatti, Luiz Gelatti, Luiz Ughini, Antônio Ughini, Leurindo Cavichiolli, Antônio Girardi e outros.

Homenagem da Prefeitura, em 2008, aos antigos atletas e desportitas de Tapejara. Na foto, José Bertóglio.
Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

José recordou que nos primeiros anos havia muita rivalidade entre os dois times da então Vila Tapejara. "O campo sempre ficava muito lotado de torcedores. Na ocasião, era feita coleta de dinheiro

para compra de material esportivo e troféus. Cada jogador adquiria o uniforme com dinheiro próprio" (BERTOGLIO, 2008).

Em meados da década de 50, José Bertoglio foi eleito Presidente do Clube Atlético Tapejarense. Nessa época, diversos amistosos foram realizados. Uma das maiores alegrias foi uma partida em Sananduva contra um clube local, onde ganharam de 3x1. Os atletas que fizeram parte do time foram: Egidio Scatola, Valdemar Casagrande, Pedro Rebeschini, Talito, Argeu, Ângelo Cauduro, Dino Borella Rech, Antônio Borba, Alcides Marchiori, Mário Dalzotto, Sérgio Zoldan, entre outros.

Sport Clube Grêmio Atlético Década de 1950. Da esquerda para direita de pé: Ardulino Langaro, Artibano, Padre Carino Corso, Reinaldo Dametto (Campo), Faustino Marcolin, Gesuíno Cauduro; Agachados: Amarelinho, Sérgio Zoldan, Américo Ferreira da Silva, Mário Ferrari, Angelo Rombaldi Manica. Foto: Arquivo de Gilberto Zanatta.

O Grêmio Atlético, atual Clube Atlético Tapejarense, realizou muitos jogos amistosos, diversos campeonatos municipais e estaduais em sua trajetória esportiva. Nessa trajetória, muitos atletas guerreiros e alguns talentos foram revelados.

• Praça Esportiva

O primeiro campo para treinos e jogos do Atlético foi em frente ao Hospital Santo Antônio. Posteriormente, o time desenvolveu suas atividades em área de terras da viúva Luiza Forte Costa e, mais tarde, na atual praça esportiva Estádio Dr. Celso Domingues. O Poder Público, desde o primeiro administrador do Município e os que lhe sucederam, sempre apoiou as iniciativas esportivas, em suas diversas modalidades.

As primeiras instalações esportivas semipúblicas existentes dentro da área territorial da cidade, assentada em solo doado pelo Município, foram evidenciadas a partir de 1956 a meados de 1961. O Sport Clube Atlético recebeu uma área de 14.300m^2, localizada nas proximidades do novo Cemitério Municipal, que era utilizada como Praça Esportiva.

Conta Gesuino Cauduro: "Era uma área de terras, doada por João Rombaldi, que continha onze pinheiros e diversas árvores, entre as quais: angico, cedro, canela. Em seguida, as árvores foram derrubadas e

o terreno começou a ser nivelado. Em um primeiro momento, o trabalho de aplainamento foi realizado com enxada, por diversos simpatizantes e atletas do Atlético e, pouco tempo depois, nos primeiros anos da década de 50, José Bertoglio conseguiu um trator de esteira que servia à Escola Técnica Agrícola Federal de Engenheiro Luiz Englert, Sertão, para fazer o destoque das raízes das plantas."

Clube Atlético Tapejarense na década de 1960. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

Foi em meados de 1956 que a área foi demarcada definitivamente e recebeu o plantio de leivas de grama. Nessa época, Gesuino estava iniciando sua atividade de operador da motoniveladora, recém-adquirida pela Prefeitura Municipal. Ele lembra: "Era nos sábados à tarde até altas horas da noite e em diversos domingos durante o dia que trabalhei de operador da patrola para aplainar o terreno. A grama foi conseguida de graça e retirada da área de terras da família de Fiorindo Coronetti, nas proximidades. A madeira para o cercamento também foi conseguida sem pagar um tostão, pois se tratava de doação efetuada por Eugênio Zanatta, que tinha uma serraria."

Entre os atletas que nos primeiros tempos envergaram a camiseta do Atlético, Gesuino lembra Arlindo Busatto, Mário Dalzotto, Mário Ferrari, Luiz Zanini, Faustino Marcolin, Ernesto Zanini, Ângelo Cauduro, Gesuino Cauduro, Domingos Cauduro, entre outros.

• Silvino Lindner

Silvino Lindner (em memória) iniciou seu envolvimento no futebol, no Clube Atlético Tapejarense, no início de 1960. Naquela época, começou a conviver com Eduardo Ferreira da Silva, que, além de lhe ensinar a profissão de barbeiro, foi quem o introduziu como torcedor e, logo em seguida, como treinador do time de futebol. Eduardo, um dos fundadores do Atlético, naquela época era Presidente do Clube. O futebol propiciava o convívio entre as famílias e as pessoas da comunidade, que se dirigiam às praças esportivas para torcerem por seus times e para desfrutarem momentos de descontração e distração.

Assistir a um jogo amistoso entre Atlético e o São Paulo ou Grêmio e São Paulo, que jogavam nos domingos ou feriados, era um ótimo programa, que não era trocado por nenhum outro, exceto para

assistir a um filme famoso, que passava no Cine Tamoio, na sessão matiné, o que raramente acontecia, pois os melhores filmes eram exibidos no domingo à noite.

Jurandir Bogoni (Caixinha) entrevistando o técnico do Clube Atlético Tapejarense, Silvino Lindner. Foto: Arquivo da Revista Comunicação.

Lindner teve a oportunidade de conhecer, no passado, vários guerreiros e raros talentos que se destacaram na cidade e na região. "No meu tempo de treinador, para minha felicidade e desses craques, consegui projetá-los em clubes profissionais, tais como: Orlei Moresco, no Esporte Clube Gaúcho, de Passo Fundo, e o Domingos Barizon, no Ipiranga de Erechim". Entre os principais atletas locais, citou os nomes: Orlei Moresco, Paulo Rodrigues (Toco), Dorvalino Pinto de Oliveira (Dorva), pertencentes ao São Paulo F. C., e José Rombaldi Manica (Zé Manica), pertencente ao Grêmio Tapejarense.

Silvino Lindner, em entrevista realizada pelo repórter Jurandir Bogoni para o então jornal *O Tapejarense*, na edição de 6 de junho de 1980, destacou os atletas que jogaram em Tapejara no período de 1960 a 1980, nas seguintes posições: **Goleiros**: Ângelo Calegari e Luiz Zanini; **Zagueiros**: José Parizotto Bee e Ângelo Cauduro; **Laterais**: Rogério Liska, Domingos Barizon, Gabriel Lovatto e Ari Pinto de Oliveira; **Meio de Campo:** Paulo Rodrigues (Toco), Raimundo Lovatto, Delcio Fontana (Teixeirinha), Jorge Luiz Lima de Oliveira (Barriga), José Lima de Oliveira (Nego), Paulo Gardelin, Domingos Cauduro, Luiz Marchiori e Valmor Sebben; **Ponteiros**: Nélio Calegari, Áureo Borges, Mário Dalzotto, Ody Quintana Pacheco e Wilson Cavichiolli; **Centroavantes**: Genésio Col Debella, Jaimir Antonio Pinto Ribeiro (Tatu), Dorvalino Pinto de Oliveira (Dorva) e Valdir Scaran (BOGONI, 1981a).

• Clube Atlético Tapejarense, década de 1970

A trajetória esportiva e recreativa do Clube Atlético Tapejarense, no ano de 1974, foi marcada por diversas atividades e ações, como: o aumento de associados, realização de melhorias na estrutura do Estádio Dr. Celso Domingues e regular participação no Certame Estadual de Amadores. A direção do time esteve a cargo do ex-atleta Celso Canali.

Em meados de 1974, uma nova Diretoria aumentou o número de associados do clube alvi-azul, através do ingresso de duzentos e cinquenta novos sócios, sendo que a renda mensal atingiu a casa de Cr$ 3.500,00 (três mil e quinhentos cruzeiros). No mesmo ano, foram iniciadas as obras de troca do antigo cercamento de tábuas de madeira, que ladeava as cercanias do Estádio Dr. Celso Domingues, por levantamento de um muro de tijolos de, aproximadamente, dois metros de altura. Também foram feitas melhorias no alambrado e nas arquibancadas. Essas obras foram finalizadas e inauguradas em meados do ano de 1975.

A equipe do Clube Atlético Tapejarense disputou o Certame Estadual de Amadores promovido pela Federação Gaúcha de Futebol. A chave do Tapejarense foi constituída pelas equipes de Passo Fundo: Grêmio Atlético Independente, Planaltina, Santos, União; de Marau: o Grêmio Esportivo Marauense; de Soledade: o Pampeiro e o Avenida. A campanha do representante de Tapejara foi modesta, terminando em quarto lugar.

• Conquista da Taça Romeu Martinelli, em 1981

Nos dias 20 e 27 de julho de 1980, realizaram-se dois clássicos entre o Atlético x São Paulo F. C. Os jogos foram disputados pela Taça Deputado Romeu Martinelli. O primeiro jogo ocorreu no Estádio do Bairro São Paulo, com a vitória dos donos da casa pelo placar de 3x2. O segundo jogo aconteceu no Estádio Dr. Celso Domingues, com a vitória do Atlético por 1x0. Célio Miotto deu a vitória ao Atlético, marcando o único gol da partida aos dezesseis minutos da fase final.

A decisão somente aconteceu por intermédio de penalidades máximas, já que na prorrogação de trinta minutos o resultado foi 0x0. Na cobrança de pênaltes, o Atlético foi o vencedor, efetivando cinco contra três gols anotados pelo São Paulo. A vitória ocorreu quando Gilmar Berton defendeu o pênalte do jogador Jairo, do São Paulo.

Como a Taça valia para quem vencesse três vezes, ela ficou em definitivo com o Clube Atlético Tapejarense, que havia ganho nos anos de 1978 e 1979. A arbitragem esteve a cargo de Clemente de Oliveira, auxiliado nas laterais por Ody Quintana Pacheco e Plínio Stafforti.

O Atlético era formado por: Gilmar Berton, Irineu Sandini, Wilson Bertoglio, Helio Casamali e Gabriel Lovatto; Raimundo, Paulo Gardelin e Jaimir; Moacir Gasperin (Gilberto Zanini), Célio Miotto e Joel Portes. O São Paulo teve a seguinte formação: José Carlos de Rossi, Chiquinho, Danúbio, Élcio e Canhoto; José Calegari, Ciro Calegari e Jairo; Valdenor (Corso), Neri e Zé Melara.

O Campeonato Jubileu de Prata de Tapejara em 1981

Em 3 de maio de 1981, com a participação de quinze equipes da cidade e nove equipes do interior, iniciou o Campeonato Municipal de Futebol de Campo em Tapejara. O campeonato aconteceu por iniciativa das Diretorias do Clube Atlético Tapejarense e do São Paulo F.C.

Naquela época, o clube da cidade que estava estruturado com praça esportiva adequada e grande contingente de atletas em seu time era o Clube Atlético Tapejarense; isso ficou demonstrado quando a equipe participou do certame com o time Principal, Veterano A, Veterano B, Juvenil, e o São Paulo F.C. tomou parte com a equipe Principal, Veterano e Juvenil. As demais equipes da cidade: o Grêmio Tapejarense, o Palmeiras e a Assertape somente participaram com uma equipe.

O Campeonato Municipal Jubileu de Prata iniciou no dia 3 de maio e terminou em 27 de dezembro, de 1981. As partidas foram realizadas no Estádio Dr. Celso Domingues e na Praça Esportiva do São Paulo F.C. Entretanto, a última fase, que iniciou no dia 29 de novembro, somente teve os jogos realizados no

Estádio Dr. Celso Domingues.

As equipes da cidade foram as seguintes: Clube Atlético Tapejarense, Tiradentes, Palmeiras, Pepsi, Porteira Velha, São Paulo F.C., Assertape, Veterano do São Paulo F.C, Grêmio Tapejarense, Juvenil do Atlético, AABB, Elétrico Figueiredo, Veterano A do Atlético, Juvenil do São Paulo F.C., Veterano B do Atlético. As equipes do interior foram: Canarinho, de São Silvestre; Canarinho, de São Caetano; Atlântico, de Linha Calegari; Santos, de Cachoeira Média; Cruzeiro, de Faxinal; Juventude, de Vila Campos; 25 de Julho, de Água Santa; Fluminense, de Santa Cecília; e Aliança.

As equipes foram divididas em três chaves. Cada chave ficou composta de oito times, que jogaram entre si. As quatro primeiras equipes que marcaram mais pontos foram classificadas à segunda etapa. Na segunda fase, classificaram-se à final as duas equipes que marcaram mais pontos. Nessa fase disputaram entre si os seis primeiros lugares.

O Campeão foi o Clube Atlético Tapejarense, que marcou 92 gols em todo o campeonato, sendo 39 gols na primeira fase, 19 na segunda fase e 34 gols na última fase. Sofreu 21 gols: 9 foram sofridos na primeira fase, 5 na segunda fase e 7 na última fase. Seu principal goleador foi Jaimir Antônio Pinto Ribeiro, com 34 gols.

Entrega do troféu de campeão ao capitão do Clube Atlético Tapejarense. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

O time do Cruzeiro foi o **vice-campeão** marcando em todo o campeonato 21 gols: 10 na primeira fase, 11 na segunda fase e 6 na terceira. Sofreu 20 gols em todo o campeonato: 11 na primeira fase e 9 na terceira; o time não sofreu gols na segunda fase. Seu principal goleador foi Selesmar, que marcou 5 gols em todo o campeonato.

O **terceiro** colocado foi o time do Fluminense. O time marcou 21 gols: 10 foram assinalados na primeira fase, na segunda fase fez 6 gols e na última fase marcou 5 gols. Sofreu, durante a realização do certame, 24 gols, sendo 6 na fase inicial, 6 segunda fase e 12 na terceira. O seu principal artilheiro foi Gilberto, com 10 gols. As colocações seguintes foram: **quarto,** Tiradentes, **quinto,** Pepsi, e **sexto,** 25 de Julho.

O Campeonto Municipal Jubileu de Prata teve em sua fase final partidas disputadíssimas,

mas sempre manteve um bom nível disciplinar, incluindo o surgimento de novos valores que se revelaram durante a disputa. O campeonato chegou ao fim, mas sempre foi incentivado pela presença de um elevado número de torcedores em todos os jogos, o que deixou os organizadores satisfeitos com o sucesso do evento.

• Campeonato Serrano em 1982

Os antecedentes da realização do Campeonato Serrano remetem ao ano de 1982, precisamente à data de 7 de novembro de 1981, ocasião em que foi realizada reunião, em Erechim, tendo como local as dependências do Estádio Colosso da Lagoa, sede do Ipiranga Futebol Clube, com a participação de diversos clubes da região, com os representantes do Clube Atlético Tapejarense, Gilberto Zanatta, presidente, e Hélio Casamali, secretário.

Foi acordado que o campeonato seria de âmbito regional, denominado Campeonato Serrano, com a participação das seguintes equipes: Ipiranga e Atlântico, de Erechim, o Clube Atlético Tapejarense, o Taguá, de Getúlio Vargas, 14 de Julho, de Passo Fundo, Veterano e Glória, de Carazinho, e Grêmio, de Marau. Ainda participaria Gaurama, Viadutos e Não-me-Toque e ficaram de confirmar mais três cidades: Guaporé, Palmeiras das Missões e Cruz Alta.

A organização do campeonato foi delegada ao Conselho Municipal de Desporto de Carazinho e ao Ipiranga, de Erechim. Os jogos seriam disputados em todos os Estádios das equipes participantes, sendo que o Campeonato Serrano teria o seu início previsto para meados de março de 1982 e o seu término em fins de setembro.

O Clube Atlético Tapejarense estreou em meados de abril de 1982 no Campeonato Serrano jogando contra o 14 de Julho, de Passo Fundo, no Estádio Vermelhão da Serra, e conquistou um empate em 1x1. O gol do Atlético foi marcado por Jaimir.

As duas partidas seguintes, disputadas pelo Atlético, tiveram derrotas como resultado. A primeira derrota aconteceu no dia 17 de abril de 1982, no Estádio Dr. Celso Domingues, onde o Atlético foi derrotado pelo Grêmio Marau por 2x1, depois de sair vencendo com gol de Jaimir. A segunda derrota aconteceu no domingo seguinte, quando, na cidade de Não-me-Toque, perdeu por 1x0, para o Colorado local.

A recuperação do Atlético aconteceu em meados de maio de 1982, quando venceu a equipe do Flamengo de Carazinho pelo placar de 4 x 0, no Estádio Dr. Celso Domingues. A equipe sagrou-se vitoriosa e contou com os seguintes jogadores: Luiz Carlos Scariot, Chiquinho (Lorinaldo), Orlei Moresco, Vilson dos Santos e Gabriel, Raimundo, Paulo Gardelin (Marcos), Paulo Sartor, Célio Miotto, Jaimir e Joel Portes (Hélio Casamali).

Na primeira fase do Campeonato Serrano, na Chave do Atlético, participaram as seguintes equipes: Clube Atlético Tapejarense, 14 de Julho, de Passo Fundo, Grêmio Esportivo, de Marau, Colorado, de Não-me-Toque, Palmeirense, de Palmeira das Missões, Flamengo, de Carazinho, e Veterano, de Carazinho. Na primeira fase, o Atlético ficou classificado em 2º lugar.

Na segunda fase, ou seja, na semifinal, a chave era constituída pelo Clube Atlético Tapejarense, Santa Isabel, de Gaurama, e Colorado, de Não-me-Toque. Nessa fase, o Atlético já estava classificado, tendo disputado três jogos e soma cinco pontos ganhos. Os principais goleadores do Atlético foram: Jaimir, com 10 gols, Paulo Sartori, com 5 gols, e Gabriel Lovatto, com 4 gols.

Os atletas do time principal do Clube Atlético Tapejarense que disputaram o Campeonato Serrano foram os seguintes: Gilmar Berton, Evanir Wolff, Luiz Carlos Scariot, Wilson Bertoglio, Vilson dos Santos,

Francisco da Silva, Volnei Roman, Lorinaldo Bernardi, Helio Carlos Casamali, Valdir Bedendo, Orlei Moresco, Raimundo João Lovatto, José Corral, Wilson Corral, Paulo Gardelin, Paulo Sartori, Joel Portes, Célio Miotto, Jaimir Antônio Pinto Ribeiro, Gabriel Lovatto, Paulo Roberto Hannel, Marcos F. Ramos, Marcos Francisco Zanini e Gilberto Zanini.

A equipe técnica era formada por: Gilberto Zanatta, técnico; Nestor Barizon, massagista; Dr. Lincol Nardin, médico da equipe; Orlei Moresco, capitão; Aristeu Frazão e Antonia Frazão, roupeiros.

A decisão do Campeonato Serrano aconteceu no dia 12 de dezembro de 1982, tendo como palco o Estádio Dr. Volmir Antônio Foresti, na cidade de Marau, quando ocorreu o confronto com o Grêmio Esportivo Marau, que venceu a equipe do Clube Atlético Tapejarense na cobrança de penalidades máximas.

Para a disputa desse título ocorreram duas partidas, a primeira em 5 de dezembro, no Estádio Dr. Celso Domingues, em Tapejara, e teve a vitória do Atlético por 1 x 0. O gol foi marcado por Raimundo.

O Atlético foi a Marau precisando apenas de um empate para se sagrar campeão. O primeiro gol foi marcado pelo Grêmio Marau e, logo após, o ponteiro esquerdo Joel empataria o jogo. O primeiro tempo terminou empatado, um resultado que, se mantido, daria o título ao Atlético. Mas, por volta dos trinta minutos do segundo tempo, o Grêmio marcou o seu segundo gol, o que decretou a prorrogação. Conforme o cronista esportivo Airton Lângaro: "... os trinta minutos da prorrogação tiveram o domínio total do Atlético; Jaimir perdeu uma grande chance de marcar o gol que daria o título ao Atlético" (LÂNGARO, 1982).

A prorrogação terminou empatada em 0 x 0. As equipes foram para a disputa de pênaltis, e o título de Campeão Serrano de 1982 foi conquistado pelo Grêmio Esportivo Marau. O goleiro Zeca, do Grêmio Marau, defendeu 2 dos 3 pênaltes cobrados pelo Atlético.

• Campeonato Estadual de Amadores, em 1990

No ano de 1990, o Clube Atlético Tapejarense teve boa participação, chegando à 3ª fase do Campeonato Estadual de Amadores, conquista inédita na trajetória do clube.

A campanha foi a seguinte: Atlético 3 x 0 Internacional; Santa Cruz 2 x 1 Atlético; Cristal 0 x 0 Atlético; Atlético 2 x 1 Juventude; Brasil 3 x 0 Atlético; Atlético 4 x 1 Internacional; Atlético 1 x 0 Santa Cruz; Atlético 2 x 1 Cristal; Juventude 3 x 1 Atlético; Atlético 2 x 0 Brasil. Na segunda fase, os resultados foram os seguintes: Atlético 2 x 0 Rui Barbosa; Atlético 1 x 0 São Luiz; Atlético 4 x 1 Ruy Barbosa, Atlético 1 x 0 São Luiz. Na terceira fase, foram dois jogos de ida e volta; Serrano 4 x 1 Atlético e Serrano 2 x 1 Atlético.

Foram 16 jogos, com 21 pontos ganhos, 11 perdidos, 10 vitórias, 1 empate e 5 derrotas. O Atlético marcou 26 vezes e sofreu 18 gols. O aproveitamento foi de 65,6%. O elenco era constituído pelos seguintes atletas: Big, Evaldo, Gabriel, Volmir, Lause (José Ivair); Raimundo, Biriquin, Kide; Vande, Betão, Volnei, Sérgio Pegoraro. A comissão técnica era formada pelos seguintes desportistas: Gilberto Zanatta – técnico; Dr. Lincol Nardi – médico; Orlei Moresco – capitão; Nestor Barizon – massagista; Aristeu Frazão, Antonia Frazão – roupeiros.

O goleador da equipe foi o jogador Betão, que marcou cinco gols em oito participações na equipe alvi–azul. Vinte e três atletas vestiram a jaqueta do Atlético no campeonato, sendo que os jogadores Gabriel e Biriquim jogaram todas as partidas (15 jogos), e Vade, Kide e Lause participaram de 14 jogos.

O jogador Lause foi o que mais mudou de posição no decorrer do campeonato: atuou como lateral-direito, quarto-zagueiro, lateral-esquerdo, meia-esquerda e ponta-esquerda. A posição mais alterada foi

a de centroavante, onde Betão, Ildo, Sossela, Pegoraro, Volnei, José Ivar se revesavam. A única posição inalterada foi a de ponta-direita, onde Vande somente não jogou uma partida, por estar impossibilitado e atuar.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

• Primeiros chutes

Os empregados do Frigorífico São Paulo, nos intervalos do almoço e antes mesmo de reiniciarem as atividades do dia, encontravam-se no entorno do estabelecimento para conversar. Valentim João Brunetto contou que resolveu fazer uma pequena bola com bexiga de porco forrada com palha de milho e roupa velha e levou para os companheiros de trabalho.

A iniciativa de Valentim, em 1954, foi aceita pelos empregados. Dolcino Darci Brunetto conta: "O pessoal começou a retornar mais cedo do intervalo do almoço, pois queriam bater uma bolinha antes do reinício dos serviços. Não demorou muito para levantarem duas goleiras. No começo, dividiram a turma em dois times, com meia dúzia cada lado, em seguida começou a aumentar o número de interessados, principalmente a gurizada que morava nas proximidades, inclusive eu e os meus irmãos mais novos."

• Primeiros campinhos

De acordo com Dolcino, a direção do frigorífico não demorou em providenciar um lugar para os empregados, não somente bater bola, mas para jogar nos finais de semana. "Ali, além dos empregados, começou a chegar mais gente para jogar nos domingos à tarde. Os participantes eram pessoas de mais idade e a gurizada que morava nas redondezas e comunidades próximas do frigorífico".

Augusto Sbardelotto contou que seu pai, Atilio, trabalhou na extinta Associação Ativa de Defesa Colonial, na Vila Tapejara, até meados do ano de 1951. Em seguida, foi convidado para trabalhar no Frigorífico Z. de Costi, de Passo Fundo. Ele recorda que naquela época, tinha uns sete anos de idade. "Ficamos morando em Passo Fundo de 1951 até a metade do ano de 1955".

Naquela época, a Associação Ativa de Defesa Colonial de Vila Tapejara já estava com outra razão social. A denominação passou a ser Frigorífico São Paulo S/A. "O pai foi contratado para trabalhar no frigorífico. Então voltamos à Vila Tapejara e fomos morar numa casa localizada perto do novo lugar do serviço do pai".

De acordo com Augusto, um dos primeiros campinhos em que os funcionários do frigorífico e parte da gurizada da redondeza jogaram bola por um tempo foi numa área de terra que servia de potreiro, de propriedade do frigorífico. A área estava localizada numa baixada, nas proximidades do poço que fornecia água, que era bombeada e levada por canos até o estabelecimento e utilizada para a lavagem dos animais e das dependências do prédio. A área, atualmente, é denominada Loteamento Bianchini, onde foram construídas diversas casas de alvenaria.

Ele lembra que foi nesse local, quando ainda guri, que assistiu aos primeiros chutes numa bola de couro nos domingos à tarde, quando um grupo de atletas jogava. "Eles passavam, da metade da tarde do domingo até o escurecer, jogando e nós assistindo."

Entre os que jogavam, recorda os nomes de: Guilherme Sbardelotto, Claudino Bogoni, Geraldo João Bée, Eusébio Canali, Luiz Marsiglio, João Giacomo Bogoni, Adolfo Sbardelotto, Benvindo Brunetto, Waldomiro Bruch, Ary Antônio Brunetto e Emilio Sbardelotto, entre outros, que moravam nas redondezas na

Linha Quatro, entre os quais estão: José Parizzotto Bée e José Panho.

• Fim dos campinhos

O campinho não durou muito tempo. De acordo com Ary Antônio Brunetto, "o pessoal descobriu que existia no próprio frigorífico um lugar melhor para fazer o campinho, e não era muito longe dali. No lugar funcionava o cerrado dos porcos, lugar onde os animais eram soltos por um tempo durante o dia e recolhidos, em seguida, nas pocilgas, para posterior abate."

Todavia, a tentativa de mudar o campinho para esse lugar foi impedida pela direção do estabelecimento. O motivo alegado, conforme lembra Ary, era porque "o Mário Dal'Pont, então diretor do frigorífico, não deixou, pois, caso permitisse, teria que transferir os porcos para outro lugar, que não existia nas proximidades". A solução encontrada pelo então diretor foi conseguir outro local. Ele lembra: "O Mário então conseguiu outra área numa parte das terras do Albino Costa, em que foi construído um campo de chão batido". O campo era localizado nas proximidades das primeiras instalações da Escola Municipal Giocondo Canali. Na atualidade, a área é ocupada por inúmeras moradias de alvenaria.

São Paulo F. C. na década de 1960. Em pé, da esquerda para a direita: Vergilio, Geraldo João Bée, Ernesto V. Zanini (Biga), Moacir Faé, Dorval Bée, Nilso, Rodolfo Sbardelotto, Dolcino Brunetto, Ernesto Canali e Clemente Tomazzoni; agachados: Laurindo Sbardelotto, Ari Pinto de Oliveira, José M. da Conceição, Balduíno Zaparolli (Titi), José Parizotto Bee e Auro Borges. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

• Fundação e primeiro campo do São Paulo Futebol Clube

Em pouco tempo, após a aquisição da nova área para o campinho, foi fundado o time e o clube do frigorífico, cujo nome era São Paulo Futebol Clube (SPFC). A agremiação esportiva e recreativa foi fundada em 28 de junho de 1955. O campo foi construído em área de terras de Albino Costa pelos funcio-

nários do estabelecimento industrial, nos finais de semana e nos períodos de folga do trabalho. Mais tarde, nas proximidades do campo foi construída a Escola Municipal Giocondo Canali.

A inauguração do campo do São Paulo Futebol Clube (SPFC) aconteceu no dia 28 de junho de 1956. Entre seus fundadores estavam os dirigentes e funcionários do então Frigorífico São Paulo: Vergilino Eron Borges, Mário Dal'Pont, Ernesto Canali e os funcionários Dolcino Darci Brunetto, Ary Antônio Brunetto e Alberto Menegaz, entre outros. O evento é rememorado por Ary Antônio Brunetto: "A inauguração foi num jogo amistoso frente à equipe do Frigorífico Z. Costi, de Passo Fundo, e o resultado foi o empate em 2 x 2. Para esse jogo os dirigentes do São Paulo convidaram jogadores do Grêmio, Atlético e de Vila Campos, para reforçar a equipe. Entre os atletas convidados estiveram vestindo a camisa: Ernesto Zanini (Biga), Altério Zoldan, Sérgio Zoldan, Ângelo Rombaldi Manica e José Marin."

Augusto Sbardelotto recorda que também jogou na ocasião: "Foi a estreia do José Lima da Conceição, então fiscal do frigorífico, que há poucos dias tinha chegado em Tapejara, vindo de Rio Grande, e que, aliás, jogava muita bola, além do Nilson Cárceres, que era funcionário do frigorífico".

• A conquista na nova praça esportiva

Na metade da década de 1960, o pedreiro João Batista Lemes foi convidado pela Diretoria do São Paulo Fuebol Clube para coordenar os trabalhos de construção da nova sede da entidade esportiva e recreativa, sendo um prédio de alvenaria, construído na Av. 7 de Setembro, nas proximidades do frigorífico.

Também em 1960, o Poder Público efetuou a doação de área de 15.400m^2 para o São Paulo Futebol Clube. A área estava localizada nas proximidades do loteamento do Frigorífico São Paulo S/A, fazendo divisa, ao sul, com as terras dos herdeiros de Antonio Cadore, e ao nascente, com as terras de Waldomiro Sebben, adquirida de Vergilino Eron Borges.

• São Paulo na década de 1960 a 1970

O São Paulo Futebol F.C., entidade recreativa e esportiva, proporcionou aos seus associados e comunidade em geral um espaço de lazer e recreação, através da realização de várias atividades, tais como: bailes, reuniões dançantes, festas e jogos.

Em 8 de outubro de 1961, formou-se a primeira gestão do São Paulo Futebol F.C., assim composta: Dolcino Brunetto – Presidente, Ivo Weber – Vice-Presidente, Ary Antônio Brunetto – Primeiro Secretário, Murillo João Zapani – Segundo Secretário, Oscar Jacobs – Primeiro Tesoureiro, Balduíno Zaparolli – Segundo Tesoureiro, Mário João Dal'Pont, Ernesto Canali e Vergelino Eron Borges – membros do Conselho Fiscal.

O time de futebol era constituído, na sua grande maioria, por funcionários do Frigorífico São Paulo. Nos primeiros tempos de sua formação, a equipe do São Paulo disputou diversos jogos amistosos com times constituídos por funcionários de frigoríficos da região, entre os quais: Grêmio Esportivo, da cidade de Marau, Planaltina e Z. G. Costi, de Passo Fundo, e Harmonia, de Sarandi, Aliança Guarani Sananduvense, de Sananduva.

O Presidente, em 1962, foi Geraldo João Bée e o Vice-Presidente, Clemente Tomazzoni. Em 1964, Geraldo João Bée foi reeleito Presidente do Clube e o Vice-Presidente foi Amarante Borges. Em 1965, Geraldo João Bée foi Presidente novamente, tendo como Vice-Presidente Ary Antônio Brunetto. Em 1966, o Presidente foi João Giacomo Bogoni, o Vice, Geraldo João Bée. Em 1967, novamente presidente

Geraldo João Bée e Vice João Giacomo Bogoni. Em 1968, o Presidente era Dolcino Darci Brunetto e o Vice, Balduíno Zaparolli. Em 1969, o Presidente eleito foi João Giacomo Bogoni e o Vice, Júlio dos Santos. Em 1970, o Presidente foi Geraldo João Bée e o Vice, Alcides Pirolli.

A nova praça esportiva, no início de chão batido, com o tempo, foi revestida com grama. No espaço, foram construídos vestiários e arquibancadas e o local foi cercado com tábuas, equipado também com locais próprios à venda de bebidas e lanches aos torcedores. A nova praça esportiva foi edificada em meados da década de 1970, graças à transferência de área de terras pelo Poder Público e o apoio e a colaboração dos associados do São Paulo F. C., estando localizada nas proximidades da nova sede social.

O plantel de atletas do São Paulo F.C. que vestiram a camisa são-paulina entre meados da década de 60 e 70 era formado por: Sérgio Valentini, José Pagno (Lelo), Clemente, Júlio dos Santos (Julião), Ary Pinto (Besourinho), Murilo Zapani, Nelson Bruneto, Pedro Hugo Sitta, Dorvalino Pinto de Oliveira (Dorva), Arlindo Costa (Manco), Waldomiro Bruch, Genésio Rech (Barroso), Olmiro Nascimento, Jair Pinto, José Frazão, Cláudio Scariot, Nelson Sandini, Nelson Beé, José dos Santos, Murilo Bée, Moacir Alerico (Ile), José Calegari (Paciência) e Alfeu Fianco.

Os jogos disputados, com a presença de grande torcida, foram entre o time do São Paulo F. C. e do Clube Atlético Tapejarense. Na maioria, eram jogos com muitas "caneladas", agressões e expulsões, além de brigas, xingamentos e palavrões entre torcedores. Os jogos sempre foram muitos disputados, com a quantidade de vitórias quase iguais entre os rivais.

O São Paulo F. C., mesmo que tivesse uma acirrada rivalidade com o Clube Atlético Tapejarense no terreno esportivo, sempre contribuiu com atletas para que Tapejara tivesse um time participando de campeonato de futebol amador. Esse fato ocorreu na década de 70, quando o Atlético ingressou no Campeonato Estadual de Amadores. Diversos atletas oriundos das categorias de base e titulares são-paulinos envergaram a camisa do Clube Atlético, como no caso de Moacir Alérico (Ile), Dorvalino Pinto de Oliveira (Dorva), Sérgio Valentini, Alfeu Fianco, Ari Pinto de Oliveira (Besourinho), Jair Pinto de Oliveira, Olmiro Nascimento, Wilson dos Santos (Espelho), Paulo Rech (Baccan), Norberto Dal'olivo (Beto), Joel Portes, entre outros. Por longos anos a Comissão Técnica do time esteve a cargo de Geraldo João Bée, Dolcino Darci Brunetto e João Giácomo Bogoni.

Mais tarde, por volta de 1984, foi realizada na praça esportiva uma série de melhorias, idealizadas pela então Diretoria, tendo à frente o Presidente Adair Bertolo. Entre as melhorias realizadas incluem-se: a construção de um novo pavilhão social, vestiários com banheiros para os atletas e arbitragem, muro de alvenaria, construção de alambrado de tela sustentado por moirões (cerca) de concreto. Também foi edificada a copa, para a venda de bebidas e lanches.

• Jogos amistosos municipais e intermunicipais de 1961 – 1970

A campanha em torneios municipais e intermunicipais foi a seguinte: participação em 28 torneios, ficando 21 vezes em primeiro lugar; 4 vezes com o segundo; 2 vezes com terceiro e uma vez com a quarta colocação.

A performance dos jogos amistosos intermunicipais e municipais, exceto os jogos dos torneios que não foram encontrados nos registros da enti-

Grupo de atletas do São Paulo F. C. Da esquerda para a direita Sérgio Valentini, Nelson Brunetto, Dorvalino Pinto de Oliveira, Murilo João Zapani. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

dade no período de 1961 a 1970, são: 142 jogos; 65 vitórias; 30 empates; 47 derrotas; 395 gols a favor; 322 gols contra; e 73 de saldo de gols. Os artilheiros nesse período foram: Dorvalino Pinto de Oliveira, com 87 gols; Nelson Brunetto, com 47 gols; Pedro Hugo Sitta, com 32 gols; e Murillo João Zapani, com 31 gols.

• Reestruturação do quadro social

A crise financeiro-administrativa que assolava o então Frigorífico São Paulo S/A, repercutiu, diretamente, na trajetória do São Paulo F.C., que, após uma trajetória de vitórias e conquistas na década de 60 e início da década de 70, começou a enfrentar dificuldades, retomando a trajetória no futebol através de iniciativas das diretorias nas décadas de 80 e 90.

As iniciativas foram voltadas à reestruturação do quadro social, admissão de novos associados e demissão de associados que não contribuíam com a sociedade. As ações ainda foram voltadas à estruturação e instalações na praça esportiva, com cercamento, construção de pavilhão e arquibancadas à torcida, construção de vestiários, local destinado à imprensa e construção de uma casa construída nas proximidades para a zeladoria.

As iniciativas, relacionadas com o desporto, estiveram voltadas para o futebol de campo e bochas. No futebol, o São Paulo F.C. esteve centrado na participação da equipe no Campeonato Municipal e Citadino de Tapejara, quando conquistou o tricampeonato. Também participou do Campeonato Integração e do Campeonato Serrano. A modalidade esportiva do jogo de bocha foi realizada na quadra do Clube, através de campeonatos e torneios individuais e em duplas, além de jogos entre os associados.

Em 1974, foi criado o Conselho Deliberativo, composto por: Olívio Costa, Presidente; e Ulisses Valentini, Secretário. Nesse mesmo ano, a Diretoria era composta por: Geraldo João Bée, Presidente, e Alcides A. Pirolli, Vice-Presidente.

Em 1977, a Diretoria era formada por Francisco Rodrigues Leão, Presidente, e João Moacir de Oliveira, Vice-Presidente. Em 1979, compuseram a Diretoria Edilso José Boff, Presidente, e José Fernando de Oliveira, Vice-Presidente. A posse dessa gestão aconteceu em 9 de fevereiro de 1980. Como Edilso não se fez presente, o Conselho Fiscal nomeou Geraldo João Bée para assumir o cargo de Presidente. Em 1980, novamente, Geraldo J. Bée foi eleito Presidente, juntamente com Clovis L. Borella, na Vice-Presidência. Em 1981, Geraldo J. Bée reeleito Presidente e Olívio Werner eleito Vice-Presidente.

Em 1983, foi eleito Presidente Augusto Sbardelotto, tendo Adair Bertolo como Vice-Presidente. Em 1984, Adair Bertolo foi reeleito Presidente, tendo como Vice-Presidente Juraci dos Santos. Em 1985, a Diretoria permaneceu inalterada.

Em 1986, o Presidente era Adair Bertolo e Rogério J. Sandini, o Vice- Presidente. Em 1987 e 1988, Rogério J. Sandini assumiu a Presidência e Arlindo Alnoch, a Vice-Presidência. Em 1989, foi empossado Presidente Sérgio Piffer e Vice-Presidente, Lídio Dametto. Em 1994, Rogério J. Sandini foi Presidente e Dargeu Piffer, Vice-Presidente. Em 1995, a Presidência esteve a cargo de Celso Fernandes de Oliveira e a Vice-Presidência, a cargo de Vanderlei Luiz Debastiani. Em 1996, foi Presidente Rogério J. Sandini e Vice-Presidente, Valdir Piffer.

• Sócio patrimonial

Em 20 de abril de 1982, em reunião da Diretoria e do Conselho Fiscal do São Paulo Futebol Clube, foi debatida e deliberada a ampliação da sede social. Os recursos financeiros seriam conseguidos atra-

vés do lançamento de nova categoria de associados, o sócio patrimonial.

• Conquista do bicampeonato citadino de 1989

O São Paulo conquistou o bicampeonato citadino no ano de 1989. Os resultados, ao longo do referido campeonato, foram os seguintes: São Paulo 1 x 1 Grêmio e (4 x 5) nos tiros livres, São Paulo 4 x 0 Hawai, São Paulo 1 x 1 Palmeiras e (1 x 3) nos tiros livres, Funil 0 x 0 São Paulo e (4 x 2) nos tiros livres, São Paulo 3 x 0 Atlético, Flamengo 1 x 2 São Paulo, São Paulo 3 x 0 Palmeiras (semifinal), São Paulo 4 x 1 Atlético (decisão).

Um dos jogos disputados foi o clássico citadino frente ao Clube Atlético Tapejarense no dia 17 de abril de 1989. Naquele domingo, em seu reduto, a equipe do São Paulo venceu pelo placar de 3 x O. Os goleadores foram Figueroa, Fernando e Valdir. A equipe venceu o clássico e contou com: Sérgio Piffer, Neivo, Figueroa, Valdir, Garrincha; Volmir, Darci (Índio), Ildo; Vande (Ilano), Pelé (Egidio), Bassinho (Broch). O Atlético perdeu com: Big, Lause, Fernando, Tile, Gabriel; Paco, Biriquim, Joel; Pegoraro (Nezinho), Betão, Volnei. O árbitro foi Otacílio dos Santos e os auxiliares Nilvo Schmidt e José Leonir de Quadros.

O jogo da decisão do campeonato citadino do ano de 1989 aconteceu no dia 7 de maio. A decisão foi o clássico confronto entre São Paulo, então campeão citadino, lutando pela conquista do bicampeonato, frente o Clube Atlético, em busca do título. O resultado final foi a vitória da equipe tricolor do Bairro São Paulo pelo largo escore de 4 x 1. Com a vitória, o São Paulo conquistou o bicampeonato.

A equipe do São Paulo venceu com: Sergio Piffer, Neivo, Figueroa, Valdir Bedendo, Garrincha; Volmir Somer, Lorinaldo (Egidio), Ildo; Vande, Pelé, Bassinho, (Broch). Os artilheiros foram: Pelé (2), Neivo (1), Vande (1). O Clube Atlético Tapejarense perdeu com: Big, Lause, Fernando, Tile, Gabriel; Raimundo, Biriquim, Joel; Paco (Pegoraro), Betão (Sadi), Volnei. O gol de honra do Atlético foi assinalado por Betão. O juiz da partida foi Otacílio dos Santos, tendo como auxiliares: Irineu Sandini e Nilvo Schmidt.

O desempenho do São Paulo Futebol Clube no campeonato citadino de 1989 foi o seguinte: em 7 jogos disputados, obteve 4 vitórias e 3 empates. Conseguiu ganhar 16 pontos. O ataque tricolor assinalou 14 tentos e a defesa sofreu 3 gols, o que resultou num saldo positivo de 11 gols. O goleador foi Pelé, com 4 gols, sendo a conquista do título de forma invicta.

• O São Paulo tricampeão citadino – 1994

O campeonato citadino foi disputado em 1994. Restavam duas partidas à decisão. O primeiro jogo foi disputado no dia 10 de julho e aconteceu na praça esportiva do São Paulo F.C. O time da casa venceu o Clube Atlético Tapejarense pelo escore de 2 x 1. Com o resultado, a equipe tricolor jogou a segunda partida por apenas um empate, enquanto o Clube Atlético Tapejarense deveria vencer para provocar uma prorrogação.

O segundo jogo das finais foi realizado no dia 24 de julho no Estádio Dr. Celso Domingues. A equipe do São Paulo F.C. jogava por um empate e o resultado confirmou-se. No final dos noventa minutos, o empate em 0 x 0 sagrou a equipe do São Paulo tricampeão de 1994, já que o time havia conquistado o mesmo título nos anos de 1988 e 1989.

A equipe do São Paulo F.C. era formada por: Sérgio, Everaldo, Edio, Marco, Anselmo, Neivo, Pedro, Alcir, Célio, Lausi, Gelson, Odir, Fábio e Ernani. O Clube Atlético Tapejarense jogou com: Sidney, Jones, Carlos, Gabriel, Raimundo, Roberto, João Carlos, Valdemar, Ruberly, Orlei, Volnei e Vande.

A classificação final foi a seguinte: 1º lugar: São Paulo F.C.; 2º lugar: Clube Atlético Tapejarense; 3º lugar: Grêmio; 4º lugar: Palmeiras.

• O campeão municipal – 1995

No Campeonato Municipal o São Paulo F.C. obteve as seguintes conquistas: nos anos de 1973, 1984, 1985, 1988, 1993 e 1994, vice-campeão. Finalmente, no ano de 1995, após diversos jogos, com poucas derrotas, alguns empates e muitas vitórias, o São Paulo sagrou-se campeão municipal. O tão almejado título de campeão municipal foi conquistado para grande alegria dos atletas, dirigentes e, principalmente, pela fiel torcida são-paulina.

Entre as vitórias memoráveis dessa conquista cabe destacar a disputada, em meados de abril, com vitória de goleada sobre o Clube Atlético, pelo placar de 3 x 0. Os gols foram marcados por Albarello, Joel e Paco. A equipe contou com: Paulo Zebrinha, Evaldo, Neivo, Paco, Chiquinho; Fábio, Joel, Paulo, Jairo (Maneta), Ernani, Pedro Natalício da Silva (Nata), Albarello e Tiefá.

Outra foi a vitória de 5 x 2 frente ao Atlântico, que aconteceu no dia 26 de maio de 1995. Os artilheiros na ocasião foram Lause (2 gols), Castelinho (1 gol), Adilson (1 gol) e Briza (1 gol). A equipe contou com: Sergio Piffer, Neivo, Édio, Edson, Briza, Gringo (Fábio); Adilson, Pretinho; Vande Lause, Castelinho. O Atlântico perdeu com: Paulinho, Cosme, Trentin, Ivanir, Broca (Nego); Tito, Adriano (Arce); Everton, Ilo (Tieppo), Joel e Volmir. Marcaram Everton e Adriano para o Atlântico. O juiz foi Nelson dos Santos, auxiliado por José Carlos de Rossi e Aldemar.

• O encerramento das atividades na praça esportiva

Nos dias 2 e 3 de abril de 2011, aconteceu um quadrangular que marcou o encerramento das atividades esportivas da Praça do São Paulo F.C. Também ocorreu a assinatura, pelo Prefeito Municipal, Seger Menegaz, do protocolo de andamento da permuta à construção do novo estádio.

No sábado aconteceram os jogos entre: Molecada 6 x 0 Atlético e São Paulo 3 x 3 Juventude de Vila Campos. Nos pênaltis, o São Paulo venceu por 4 x 2. No domingo, dia 3 de abril, na disputa pelo terceiro lugar, o Atlético venceu o Juventude pelo placar de 5 x 3 e na disputa do título, a Molecada garantiu a vitória com gol de Gaxa, pelo placar de 1 x 0. Além dos jogos, teve a assinatura das intenções à permuta da nova área que serviria como praça esportiva do São Paulo, com 3,5 hectares localizados nas proximidades da Linha Calegari. O Prefeito Seger Menegaz, juntamente com o Presidente Roberto Antonio Rebeschini e Mário Antônio Maurina, assinaram a documentação.

No jogo, as duas equipes realizaram uma partida movimentada. O público recordou os bons tempos dos antigos campeonatos. Fundadores do clube, como Dolcino Brunetto e Geraldo João Bée, estiveram presentes, além de muitos ex- jogadores. Foram 49 anos de atividade no local, onde o São Paulo F.C. conquistou seus primeiros títulos. Na antiga praça esportiva foi construída a Escola Municipal Fundamental São Paulo.

• Nova sede e quadra esportiva do São Paulo Futebol Clube

Em 2012, foi construído o novo Centro Social do Complexo Esportivo da agremiação recreativa e esportiva do Salão do São Paulo Futebol Clube, dotado de quadra esportiva, churrasqueira, ampla cozinha e bar, com capacidade para receber oitocentas pessoas. Atualmente, diversos bingos, reuniões e bailes são realizados. O espaço conta com área total de 1.350m^2.

A inauguração da quadra esportiva aconteceu no dia 27 de janeiro de 2013. Para marcar o feito, foi

realizado um torneio de futsal. Nele participaram as equipes das empresas Agrodanieli, Sicredi, Pietrobon, Grupo Itax e a equipe do São Paulo F.C. A tabela e os resultados dos jogos foram os seguintes: na primeira fase: São Paulo 4 x 1 Sicredi, Agrodanieli 3 x 1 Grupo Itax; na fase semifinal: São Paulo 7 x 2 Grupo Itax, Agrodanieli 1 x 1 Pietrobon, sendo que nas penalidades a Agrodanieli venceu pelo placar de 6 x 5. A final teve o seguinte resultado: São Paulo 3 x 2 Agrodanieli. Com a vitória, o São Paulo F.C. sagrou-se campeão. Como craque da competição foi escolhido o atleta Tailon Ramos, do São Paulo Futebol Clube. Douglas Frumi foi escolhido o craque Rádio Tapejara/Ótica Aliance. O São Paulo venceu e sagrou-se campeão com: Lucas Canali (Rodrigo Canali), Genari, Frumi, Pêre, Kebinho, Tailon e Ânderson. A Agrodanieli jogou com: Chinchila, Paulinho Negrini, Diego Danieli, Guinho e Felipe. A organização do torneio esteve a cargo de Joel de Lima Portes, Diretor do Departamento Municipal de Esportes, de Tapejara. Na arbitragem estiveram os desportistas Marcelo Panho e Nilson dos Santos. Ao meio-dia foi servido almoço para duzentas pessoas.

Os campeões do torneio: da esquerda para a direita, em pé: treinador Luiz Antonio Rossoni (Tonho), Marcelo Canali, Henrique Genari e Jeferson Dalzotto (Pere); agachados: Anderson, Lucas Canali, Douglas Frumi, Cleber Sales da Silva e Tailon Ramos. Foto: Arquivo de Élvio Brasil.

A primeira diretoria desse novo espaço foi composta por: Roberto Antonio Rebesquini, Presidente; Paulo Sandini, Vice-Presidente; José Alexandre de Almeida, Tesoureiro; Marcio Canali, Secretário; Bomfilho Seben, Diretor Social. O Conselho Deliberativo foi formado por: Rogério J. Sandini, Presidente; Valmor Valentini, Secretário; e demais membros: Braulio Coral, Sidney Teixeira, Olindo Defaveri, Dolcino José Brunetto, Neuri Coser, Francisco Rodrigues Leão, Augusto Sbardelotto, José Luis Sebben, Murilo Bée, Eduardo Martins, Carlos Neetzow, Julio Francisco dos Reis e José Valmor de Lemes. Suplentes: João Carlos de Lemes, Darci José Brunetto, Eduardo de Oliveira e Francisco Brunetto. Conselho Fiscal: Titu-

lares, Marcelo Panho, Umberto Bolsonello e Luis Santo Posser; Suplentes, Sidnei dos Santos, Rubens Sebben, Jacir Rodrigues e Jair Hermes.

As obras de construção do campo com arquibancada já foram iniciadas, porém não há previsão de término. Ainda no projeto estão previstos piscinas e quiosques para ficarem à disposição dos sócios. Atualmente, o SPFC tem cerca de sessenta sócios.

A atual Diretoria é formada por: Roberto Antonio Rebeschini, Presidente; Marcelo Panho, Vice-Presidente; Augusto Sbardelotto, Tesoureiro; e Grégori Marsílio, Secretário. A Diretora Social é Suelen Defaveri. O Conselho Fiscal é formado por: Titulares, Paulo Sandini, Umberto Bolsonello e José Almeida; Suplentes, Claudio Negri, Murilo Zapani e Sidiclei dos Santos. Do Conselho Deliberativo fazem parte: Vanderlei dos Santos, Leandro Bruch, Olindo Defaveri, Gilson Defaveri, Ivan Bressan, Jacir Rodrigues, Argeu Rodrigues, Luiz Santo Pozzer, Rogério J. Sandini, Luiz Antonio Rossoni, Gilmar Felini, Marcio Canali, Carlos Neetzow, Wagner Bée, Ademir de Souza, Junior Martins, Rubens Sebben, Valdecir Hiago, Celso Hemer e Jair Marcelo Hermes.

• Grêmio Foot-Ball Tapejarense

A origem do Grêmio Esportivo Tapejarense remonta os últimos anos da década de 50. Nessa época, havia um grupo de futebol que encontrava pouco espaço e oportunidade para desenvolver a prática esportiva nas fileiras do Sport Clube Atlético. Reunidos, então, sob a iniciativa e liderança de Evaristo Rombaldi, resolveram criar um novo time na cidade.

O novo time foi denominado de Guarani. Após formado, foram em busca de interessados em vestir a jaqueta da nova agremiação esportiva que se estava constituindo na cidade. Nessa época, chegava a Tapejara Pedro Zaro, entusiasta torcedor gremista de "quatro costados", como diz o ditado gaúcho. Ele tinha o sonho de fundar um time de futebol com a denominação de Grêmio.

Logo que chegou à cidade tomou conhecimento das tratativas que Evaristo e um grupo estavam fazendo. Então, procurou o grupo e propôs a mudança do nome do time. De Guarani para Grêmio, alegando que com essa mudança seria possível conseguir melhores condições e recursos para o novo time.

Pedro conseguiu convencer o grupo, agregou Evaristo na proposta e começaram a trabalhar juntos para montar o novo clube e time, agora denominado de Grêmio Foot-Ball Tapejarense. Uma das primeiras iniciativas foi arrecadar recursos financeiros. Evaristo Rombaldi recorda: "Foi feita uma rifa de um corte de tecido tergal, na medida, para confecção de calça e terno. Foi uma oferta da Alfaiataria de José Ferrari. Com os recursos arrecadados com a rifa, foram adquiridas as camisetas do novo time", contou.

• A praça esportiva

A origem da praça esportiva do Grêmio Foot-Ball Tapejarense surgiu, por intermédio do Município, quando o então Prefeito Tranquilo Basso adquiriu, em novembro de 1959, uma área de terra medindo 15 mil m², de Guerino Sandri, localizada nas proximidades do centro da cidade, atual empresa Usacon, pagando pelo imóvel a quantia de 200 mil cruzeiros.

No dia 22 de abril de 1960, o Poder Público, por meio do Prefeito Municipal, Severino Dalzotto, doou ao Grêmio Foot-Ball Tapejarense a área com a finalidade de instalar e construir uma praça esportiva. A agremiação teve o prazo de seis meses para construir o cercado e benfeitorias necessárias ao conforto dos atletas, bem como acomodação ao público assistente.

Em sua gestão, Ângelo Rombaldi Manica, conseguiu do Poder Público a cessão de uso de uma área

de terras, onde foi feita a terraplenagem por máquinas do Município e construída a praça esportiva da agremiação esportiva e recreativa, cercada por tábuas de pinho. Foi construído um prédio, cujo andar superior, de madeira, servia para a venda de lanches e bebidas. O andar térreo, de alvenaria, servia de vestiário para os atletas e a arbitragem, além de um túnel que acessava as margens do campo.

Ângelo conta que "as tábuas inteiras vieram da serraria do Pedro Póggio, de Gramadinho, transportadas por caminhão com reboque. Quando chegavam, eram serradas pelo meio, com a ajuda de diversos simpatizantes, inclusive atletas do time. Na época eu tinha uma camioneta Chandler, 1929, sem cabine e transportava as tábuas serradas de um lado para outro, para o cercamento, enquanto outros ficavam pregando as tábuas. Com a camioneta, buscava em Gramadinho os atletas que envergavam a jaqueta do Grêmio."

Com essa conquista e melhorias, Evaristo conta que "despertaram o interesse de diversos atletas de comunidades do entorno da cidade para jogar no Grêmio Foot-Ball Tapejarense". Entre os que vieram agregar-se e vestir a jaqueta gremista recorda: "Valmor Sebben, Virgilio Anziliero, Odilon Pereira, Ivo Pereira, Valdir Mocelin, Pedro Póggio, Gentil Portes, Ivo Baggio, Tochetti, entre outros. Foi um tempo de muitos jogos e expressivas vitórias frente a times de outras localidades do Município e de Municípios vizinhos."

Inauguração do estádio. Da esquerda para a direita: Antônio Anziliero (3º), Dionísio Novello, Vergilino Eron Borges, Angelo Rombaldi Manica, Tranquilo Basso, Padre Basílio Volpato, Angela Sanson (Rainha do Clube). Foto: Angelo Rombaldi Manica – Arquivo da Revista Comunicação.

O Grêmio Foot-Ball Tapejarense denominou o campo de Estádio Tranqüilo Basso, por ele ter sido o primeiro Prefeito do Município de Tapejara. A bola foi adquirida de Erechim, chegou às vésperas da estreia e foi entregue vazia nas mãos de Pedro. Somente ficou cheia de ar por volta de meia hora antes do início do jogo de estreia do Grêmio Tapejarense. Para espanto e surpresa dos atletas e da direção, Rombaldi lembra que "a bola não era oficial, nº 5, mas sim nº 3. Mesmo assim foi usada, pois não havia outra em condições que pudesse substituí-la".

A partida de estreia do Grêmio fora de casa foi no Rio Carreteiro, e o adversário foi uma seleção

integrada por atletas pertencentes a times das comunidades vizinhas do Carreteiro. A seleção venceu e goleou o Grêmio por 10 gols a 0. Evaristo conta que "nas primeiras partidas disputadas o novo time amargou uma série de derrotas consecutivas, todas por goleada".

Equipe do Grêmio na década de 1960. Foto: Angelo Rombaldi Manica – Arquivo da Revista Comunicação.

Com o reforço de novos atletas locais e da região, as vitórias começaram a acontecer. O entusiasmo tomou conta da direção e da torcida, que começava a simpatizar com a nova agremiação, que estava dando os seus primeiros passos. Entre os reforços estavam atletas e funcionários da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), que na década de 60 permaneceram no Município por um período de quase três anos, prestando o serviço de ampliação da rede elétrica.

Grêmio na década de 60. Pirolli, Ivo Pereira, Odilon Pereira, Noi Kusz, Gentil Portes, Evaristo Rombaldi, Nelson Vargas, Noé Pereira, Pedro Poggio, Merobe e Parafuso. Fonte: Arquivo da Revista Comunicação.

Entre os atletas que vestiram a camiseta do Grêmio nessa época estavam: Adelino Canal, Romildo Giotti, Sérgio Zoldan, Juvenil Costa, Antônio Anzileiro, Savaris, Antônio Pirolli (Antoninho), Pedro Girardi (Pedrinho), Frederico Bauermann (Tutti), Antoninho Fossatti, Lino Piroli, Zanner, Evaristo Rombaldi, Edgar Bacega (Bachegão), Noi Kunz, Luiz Fontana, João Manica, Valmor Sebben e o Pe. Carino Corso, que jogava na ponta-esquerda e colocava a camiseta sobre a batina preta.

Com o apoio de desportistas identificados com a nova agremiação esportiva, foi construído um prédio de dois pisos destinado a ser a sede da entidade esportiva e recreativa. O prédio foi assentado na Rua Júlio de Castilhos, esquina com a Rua Valeriano Ughini. Em seguida, foi realizada uma campanha de sócios, oportunidade em que se associaram cerca de trezentas e cinquenta pessoas.

• Encerramento das atividades esportivas e recreativas do Grêmio

Após uma trajetória de mais de uma década, o Grêmio Foot-Ball Tapejarense mergulhou em profunda crise administrativa e social, o que resultou no encerramento das suas atividades recreativas e esportivas, em meados da metade da década de 1960. As principais causas remontam ao crescente descontentamento de parcela de antigos sócios, atletas e dirigentes pelas medidas e rumos que as últimas direções vinham tomando, ao atuar sem consultar o consentimento da agremiação.

Na medida em que a crise de desentendimento crescia, aumentava o contingente de sócios e atletas que abandonavam a entidade. Por outro lado, um reduzido grupo tentava resistir criando um novo time, com o nome de Rebeldes, como maneira de manifestar, publicamente, sua inconformidade com a situação da entidade recreativa e esportiva.

José Parizotto Bée contou que sua passagem pela agremiação aconteceu num período curto, justamente aquele em que a entidade vinha sendo assolada pela crise interna. Em meados dos primeiros anos da década de 1960, Bée teve uma passagem na direção da sociedade e atuou como atleta do Grêmio Foot-Ball Tapejarense. Ele lembrou que os tijolos para construção da sede foram doados por Antônio Giacomin e a madeira para o cercamento da praça esportiva, pela serraria de Póggio & Mocelin, instalada em São Luís do Gramadinho.

Também relatou que a sua passagem pelo Grêmio foi custosa, pois os resultados das atividades realizadas pela agremiação não eram levados ao conhecimento do conjunto dos membros e associados da entidade social. Descontente, pediu demissão do cargo da Diretoria. Mas, ao mesmo tempo, continuou na condição de orientador do time. Ele revela: “Foi a única vez na vida que tive que escalar dez atletas e o décimo primeiro era eu mesmo. Uma situação embaraçosa que tive que aguentar de cabeça baixa.”

Nos últimos anos de existência, quando o Grêmio estava mergulhado numa situação de se dissolver e fechar as portas, Bée conta que houve um movimento por parte de alguns atletas para mudar a situação do time. Nele faziam parte: Antônio Piroli, José Girardi, Lino Piroli, Arlindo Costa, Adair Calegari, Vitalino Calegari, Nelson Barison, Domingos Barison, que formaram uma equipe. Ele recorda que “foi um jeito de nós manifestarmos, para o público esportivo da cidade, o nosso descontentamento com os rumos que a sociedade estava trilhando. Também foi um jeito de garantir por mais um tempo a posse do campo até que surgisse outro time para tomar conta do lugar”. Esse grupo, com mais alguns atletas da cidade, conseguiu formar um time, porém durou pouco tempo; poucas partidas amistosas foram realizadas e tampouco participaram de torneios.

Ao mesmo tempo, Pedro Zaro permanecia morando no piso térreo, nos fundos, do prédio da sede social. Nessa altura, seu filho Inácio ingressava nas fileiras do Clube Atlético Tapejarense. O seu irmão

Irineu ingressou no Segundinho do São Paulo e fundou um time denominado de Greminho. A equipe era constituída, na maioria, de atletas oriundos dos times de campinhos do Avenida, do Canarinho, e mais outros atletas. A equipe do Greminho não durou muitos anos. Mas, nesse tempo realizou uma série de jogos amistosos em diversas comunidades do interior do Município de Tapejara e alguns jogos na preliminar no Estádio Dr. Celso Domingues.

Em 1968, Pedro Zaro, juntamente com seus familiares, desocupou as instalações do prédio e foi residir na cidade de Carlos Barbosa. A perda da sede social, cumulada com a venda do prédio e a transferência de Pedro Zaro da cidade, além da deterioração do cercado e da edificação que servia como vestiário e local de venda de comidas e debidas contribuíram para que, aos poucos, houvesse a dispersão dos atletas mais antigos e baixassem as atividades esportivas na praça esportiva.

Por volta da metade de dezembro de 1969, o então Prefeito Muncipal, Severino Dalzotto, revogou a doação da área de terras em que estava instalada a praça esportiva, pois ela não estava mais sendo utilizada pela agremiação. O local foi sendo ocupado por um grupo de atletas moradores das proximidades, que em pouco tempo fundaram o time do Palmerinha.

Entre os atletas remanescentes do juvenil do Grêmio nessa época estavam: Nestor Barizon (em memória), Ezidio Miotto, Wilson João Bertóglio (Balotim), Valter de Oliveira (Nego Valter), Ademir de Oliveira (Mique), Irineu Casamali, Delvino Casamali, José Rombaldi Manica (Zé Manica), Luiz Antônio Manica (Idi Manica), Valmor Rombaldi, Vilmar Rombaldi (Chiquinho), Genésio Marcon, Altair Piroli (Traíra), Etelvino Picolotto (Pico), Adão de Almeida (Adãozinho), Setembrino de Almeida (Nego), os irmãos de Nelson Jouris, entre outros, que com a ajuda de Luiz Fontana fundaram o Palmerinha.

Evaristo conta que os poucos que resistiram "foram um grupo de jovens que faziam parte do time juvenil. Eles se encontravam nos finais de semana no antigo Bar e Barbearia São Jorge, da família de Arnaldo Casamali e barbearia de Narciso Spagnol, localizado na Av. 7 de Setembro, sala anexa ao antigo Posto Shell, atual Petrobras."

Esses jovens tentaram manter o time do Grêmio, contudo encontraram muitas dificuldades e conseguiram realizar poucos jogos amistosos na praça esportiva e em algumas comunidades no interior do Município. A resistência durou pouco tempo, pois o Poder Público exigiu que fossem feitas reformas no cercado, edificação e vestiários que compunham a antiga sede, o que não foi possível realizar devido à falta de recursos financeiros.

• Palmerinha

Quando o Grêmio encerrou suas atividades, no final de 1967, uma parte dos atletas morava nas proximidades da praça esportiva gremista. Aos poucos mobilizaram-se e foram buscar membros que faziam parte dos jogos no campo do Quintino Negri Fontana, campinho do Dalzotto, com o reforço da numerosa família Jouris e os remanescentes do juvenil do Grêmio, para fundarem o Palmerinha. Também conseguiram junto ao Poder Público, a cessão de uso da praça esportiva do Grêmio para desenvolver suas atividades.

No começo, o grupo encontrou muitas dificuldades para organizar e estruturar o Palmerinha. Luiz Fontana foi um dos fundadores do então Palmerinha, por volta dos primeiros anos da década de 1970. Ele ajudou na compra do primeiro terno de camisetas, na loja de confecções do Ughini S/A. "As camisetas eram de cor branca; mandamos numa costureira da cidade, ela fez os números de napa e prendeu nas costas. O distintivo, ela prendeu no lado esquerdo do peito."

Entre os que contribuíram para a fundação da equipe alviverde estiveram: José Rombaldi Manica, Wilson João Bertóglio, Vilmar Rombaldi, Luiz Antonio Rombaldi Manica, Nelson Jouris, Odir Jouris, Severino Stenzel, Irineu Stenzel, Valter de Oliveira, Ademir de Oliveira, Valmor Rombaldi, Irineu Casamali, Delvino Casamali, Genésio Marcon e Renato Campiol.

De acordo com Luiz, um dos primeiros jogos amistosos do Esporte Clube Palmerinha foi realizado no Estádio Dr. Celso Domingues, frente à equipe do Rio Branco, de Passo Fundo. O resultado do jogo foi a vitória da equipe visitante pelo placar de 4 x 3. Os gols do Palmerinha foram marcados por José Rombaldi Manica, Irineu Casamali e Luiz Antônio Rombaldi Manica.

Luiz Fontana conta que não demorou muito tempo para conseguirem junto à Prefeitura Municipal a licença para desenvolver suas atividades esportivas no antigo campo do Grêmio, onde atualmente se encontra a fábrica Usacon. Ao mesmo tempo, conseguiram adquirir um novo terno de camisetas, de cor verde, na firma Ughini S/A, de Porto Alegre. O material esportivo foi trazido de Porto Alegre por Reinaldo Dametto (Campo), motorista da empresa, que possuía filial em Tapejara.

Wilson João Bertoglio desenvolveu sua atividade esportiva por convite de Luiz Fontana, no time de Quintino Negri Fontana. Esse tinha um campo demarcado em parte de terras que serviam de potreiro de propriedade de Quintino. Ela fazia frente com o início da estrada de saída da cidade para o Distrito de Santa Cecília, em frente ao sítio de Federico Teodoro Nelhs, por volta de meados do ano de 1971.

Foi das conversas entre os jogadores do time de Quintino que nasceu o time do Palmerinha. Wilson conta que "certo dia, depois de uma pelada, entre comes e bebes de pés de moleques e laranjinha, cogitou-se da possibilidade de formar um time de futebol de campo com o nome de Palmerinha. Também surgiu a ideia de conseguir junto à Prefeitura Municipal a licença para usar o campo do Grêmio." Ele faz referência ao espaço da então Praça Esportiva Tranquilo Basso, que estava ocioso, pois o time que a utilizava havia encerrado suas atividades esportivas e recreativas. "Como eu gostava muito de jogar bola, saí na frente. A primeira coisa que fiz foi comprar um caderno de linhas de 12 folhas na Livraria Grenal. Passei no meio da turma dos boleiros para ver os que estivessem de acordo em formar o time e contribuir com quantia em dinheiro para comprar as camisetas."

A iniciativa rendeu resultado, pois em pouco tempo foi conseguido juntar uma quantia de dinheiro para comprar as sonhadas camisetas. Bertoglio recorda: "Juntei o dinheiro e fui na Ughini, onde consegui comprar uma dúzia e meia de camisetas brancas; em seguida, fui à Livraria Grenal e comprei uma bisnaga de tinta verde e um pincel. Pela parte da noite numerei as camisetas, pintando o número nas costas."

Ele conta que, no dia seguinte, levou as camisetas na estofaria do Ody Quintana Pacheco, para ser feito distintivo de napa e costurado na frente, no lado esquerdo da camiseta. Ao mesmo tempo, Luiz Fontana e outros boleiros conseguiram a licença da Prefeitura para usar a Praça Esportiva do Grêmio.

Vieram logo em seguida, para reforçar o plantel do Palmerinha: Nestor Barizon (em memória), Ezidio Miotto, Valter de Oliveira (Nego Valter), Ademir de Oliveira (Mique), Irineu Casamali, Delvino Casamali, José Rombaldi Manica (Zé Manica), Luiz Antônio Manica (Idi Manica), Valmor Rombaldi, Vilmar Rombaldi (Chiquinho), Genésio Marcon, Altair Piroli (Traíra), Etelvino Picolotto (Pico), Adão de Almeida (Adãozinho), Setembrino de Almeida (Nego), entre outros, que acabaram ajudando Luiz Fontana a criar um novo time, o Palmerinha.

Equipe do Palmerinha na década de 1970. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

Um dos primeiros jogos amistosos do Palmerinha, fora de casa, foi na comunidade de Linha Marchiori, interior de Tapejara, frente a um combinado formado por atletas da localidade, que possuía jogadores das comunidades vizinhas, Vila Campos, Linha Três e Linha Quatro. A delegação dos atletas e a pequena torcida do Palmerinha deslocoram-se até a comunidade, embarcados na carroceria do caminhão Mercedes Benz de propriedade de Antenor Bacega.

Um dos fatos que marcou a lembrança de Wilson nesse jogo amistoso foi que, na chegada da delegação do Palmerinha na comunidade, havia um pequeno grupo de pessoas, atletas e meia-dúzia de torcedores para recepcionar os visitantes. Segundo Wilson, "parecia que ninguém estava lá para mostrar a sua vontade de jogar. Mas, mostrar para quem? Se tinha meia-dúzia de torcedores do nosso time e mais uns três ou quatro do combinado local?"

Porém, a certa altura do primeiro tempo, a vontade dos atletas foi restabelecida e o panorama do jogo mudou. Bertoglio conta que "um torcedor nosso, por conta própria, tomou a iniciativa, foi no campanário da capela localizada nas proximidades do campo e deu uns badalos de sino com um tom fúnebre".

Em pouco tempo, um grande número de pessoas começou a chegar às proximidades da capela, pois achavam que havia falecido uma pessoa da comunidade, com idade avançada, que estava acometida por uma enfermidade. Pelo contrário, a pessoa tinha conseguido recuperar-se e restabelecer a saúde, conforme informou um dos poucos torcedores do combinado local.

Informados do não falecimento, algumas pessoas voltaram para suas casas. Contudo Wilson lembra que "umas dirigiram-se às proximidades e outras permaneceram na beirada do campo e começaram a incentivar o time local, e o jogo começou a mudar. O resultado do amistoso foi um empate em 1 x 1. Saímos perdendo no primeiro tempo e conseguimos empatar quase no final do jogo. Tivemos que suar muito a camisa para conseguir arrancar um empate, pois as pessoas presentes incentivaram muito o time local. Os jogadores do combinado retribuíram o incentivo da torcida através do empenho dos jogadores, que disputaram lance por lance, até o último minuto de jogo."

Um dos maiores feitos do Palmerinha, em meados do ano de 1975, foi realizar um jogo amistoso de caráter interestadual, na cidade paranaense de Clevelândia. José Rombaldi Manica conta sobre a excursão que o Palmerinha realizou à cidade paranaense para a disputa de um jogo amistoso frente ao time

mais antigo da cidade, o Tabu Esporte Clube. Ele recorda: "A ida para Clevelândia foi a partir dos contatos do Nelson Artusi (Paraná), que havia morado um tempo por aquelas bandas. Pelas informações, o time do Esporte Clube Tabu disputava o certame paranaense, na categoria profissional, na região sudoeste do Paraná. Tivemos que reforçar o nosso time, pois alguns atletas não puderam acompanhar a delegação. Foi o caso do Wilson João Bertóglio e do Nestor Barison. Eles tinham sido convidados para serem padrinhos de casamento do Nelson Jouris, que aconteceria no sábado à tarde, em Tapejara."

Atletas da equipe na travessia por barca do Rio Uruguai (1975). Da esquerda para a direita: Ubirajara de Figueiredo, Genésio Marcon, Armindo Módena, Alfeu Fianco (em memória), Nelson Dallagasperina. Foto: Arquivo de Genésio Marcon.

A direção técnica do Palmerinha buscou outros atletas para substituir os que não puderam acompanhar a delegação e reforçar a equipe. José recorda: "Batemos na porta do escritório da Coocharrua, localizada acima do Posto Shell e pedimos à direção da cooperativa liberar os seus funcionários e atletas Alfeu Fianco, Armindo Modena e Ezidio Miotto. Fomos atendidos e os três tomaram parte da delegação e do jogo. Ao mesmo tempo, demos um pulo na barbearia do Alemão Barbeiro (Silvino Lindner). Lá estava, como de costume, na metade da manhã e com um copo de café na mão, o Seu Jair Lima de Oliveira, farmacêutico proprietário da então Farmácia São José. Na conversa, conseguimos convencê-lo a acompanhar a delegação, para prestar assistência aos atletas, e ainda conseguimos a liberação dos atletas do Atlético, o Nego do Jair (José Fernando Lima de Oliveira) e o Beto Dall'Olivo (Norberto Dall'olivo)."

A delegação tapejarense foi muito bem recebida na cidade e no hotel, sendo tratados como um grupo de profissionais. No domingo, a praça esportiva local estava tomada por uma grande torcida e a transmissão da partida foi realizada pela Rádio Progresso, AM.

O resultado do jogo amistoso interestadual acusou Palmerinha 1 x 1 Esporte Clube Tabu. O placar foi aberto pela equipe tapejarense, com o gol de Norberto Dall'Olivo. A equipe paranaense conseguiu o gol de empate no segundo tempo. José lembra que o gol "nasceu de uma triangulação: o Irineu desarmou o adversário, passou a bola para o Chiquinho; este tocou para o Zé Manica, que, entre os zagueiros, lançou para Norberto, que estava posicionado dentro da grande área. O Beto avançou uns poucos metros e

desferiu um tiro de pé esquerdo no canto direito, e a bola foi morrer no fundo das malhas do arqueiro do Tabu. Eles somente conseguiram empatar porque o juiz deu muitos minutos de acréscimos, o que não era preciso, pois o jogo não teve muitas paradas."

Vilmar Rombaldi conta que o time "embarcou no ônibus, fretado da empresa Tupinambá, de Passo Fundo, no sábado de madrugada. Chegamos na cidade paranaense uma meia hora antes do meio-dia do domingo. Ao meio-dia fomos brindados com almoço. A primeira hora da tarde fomos dar um giro pelo centro da cidade. Descobrimos que rolava uma lista de aposta sobre o resultado do jogo. A maioria das apostas acusava uma vitória elástica do time local pelo placar de 8 x 0 ou 10 x 0. Então contra-atacamos, colocando na lista a nossa vitória por goleada."

A equipe do Estado do Paraná colocou em campo um combinado de atletas da localidade, reforçado por outros, oriundos das cidades de Pato Branco e Francisco Beltrão. O Palmerinha reforçou o time com Alfeu Fianco, Armindo Modena e Ezidio Miotto, do time da Coocharrua, e Norberto Dall'Olivo e José Luiz Fernando Lima de Oliveira, do Clube Atlético Tapejarense. De acordo com Vilmar, "o jogo foi muito parelho".

A viagem de volta foi marcada por problemas mecânicos no ônibus que transportava a delegação. Antenor Bacega rememora o fato: "A certa altura da estrada, quebrou a ponta do eixo do ônibus. Então acompanhei o motorista até a cidade de Pato Branco para comprar a peça. Paguei a peça com dinheiro emprestado pelo Luiz Fontana."

Vilmar Rombaldi também lembra dos apuros que passaram na volta. Relata: "Logo que saímos da cidade, no final da tarde, o ônibus estragou e o socorro demorou a chegar. Alguns atletas conseguiram condução até a rodoviária e tomaram o ônibus de linha para o retorno, pois tinham compromissos marcados na segunda-feira e não podiam faltar. Mas a maioria aguentou até o final do conserto do veículo, que foi madrugada adentro, e somente conseguimos chegar em Tapejara nas primeiras horas da tarde de segunda-feira."

Durante o curto período de existência, o Palmerinha realizou inúmeras partidas amistoso em sua praça esportiva e em diversas localidades do interior do Município. Participou em incontáveis torneios realizados na região. O time encerrou suas atividades esportivas em meados de 1978, devido à perda do campo onde desenvolvia suas atividades esportivas. E no local foi assentada a fábrica e o comércio de Confecções Usacon.

Veteranos de Tapejara. Em pé, da esquerda para a direita: Plínio Stafortti, Darci Borela, Anselmo Brito, Domingos Cauduro, Ardolino Langaro, Johnny Dorval Zoppas, Rui Nunes de Gois, José (Zé) Adão e Celso Basso; agachados: Julio dos Santos, Angelo Rombaldi Manica, Pedro de Quadros, Demétrio Valdivia Gonzales, Nomélio Fontana, Davi Silveira, Ramon, Odacir Carvalho, Julio De Bastiani e Pedro Hugo Sitta. Foto: Arquivo de Angelo Rombaldi Manica.

• Atlântico

O Atlântico surgiu por iniciativa de um grupo liderado por Ângelo Calegari, líder comunitário e atleta que vinha desenvolvendo atividades esportivas e recreativas na Capela de Santo Antônio, localizada na Linha Calegari – situada nas proximidades do perímetro urbano da cidade de Tapejara, às margens da rodovia asfáltica que liga Tapejara e Ibiaçá.

Em meados de 1970, surgiu um movimento com a finalidade de constituir uma sociedade esportiva e recreativa independente da Capela de Santo Antônio. Depois de inúmeros contatos e reuniões com membros das famílias pertencentes à comunidade religiosa da Capela Santo Antônio, o líder comunitário conseguiu criar condições de convocar e assegurar a realização de uma assembleia geral extraordinária, em 24 de setembro de 1972. Durante a assembleia, ficou decidido que seria uma sociedade independente da capela, funcionando em prédio e terreno próprio.

Entre os que cooperaram com a fundação da entidade e estiveram na linha de frente da administração estão: Ângelo Calegari, Isaco Calegari, Albano Calegari, Vitório Lucion, Anselmo Canali, Nilo Maurina, Luiz Fabiani, Mário Tomazzoni, Vitalino Calegari, Itacir Calegari, Mário Antônio Maurina, Antônio Otávio Comiran, Roberto Antônio Rebeschini, Cláudio Lucion, Divino Calegari, Otacílio Scariot, Vicente Brusso, Luiz Dalzotto, Rosalino Bogoni, Celso Dalzotto, Arlindo Brusso, Luiz Marcon, Jacob B. Rigon, Carlos Lucion, Alento Dalla Santa, Darci Sasset Perera, Wilson Adão Favaretto, Ademar Sebben, Delírio Agnoletto, Flávio Paviani, Osório Pozzan, Antônio Lucion, Elidio Panisson, Murilo Perera, Santo Fabiani, Idalino Luiz Canali, Alcides A. Calegari, Volmir Ghidini, Jair R. da Silva, Nelson Bernardelli, Ermindo Colombo, Osvaldo Sossella, Alcides Possser, Mário Posser, Luiz José Barison.

A primeira Diretoria ficou assim constituída: Ângelo Calegari – Presidente, Divino Calegari – Vice-Presidente, Antônio Otávio Comiran – Secretário-Geral, Anselmo Canali – Primeiro Secretário, Roberto Antônio Rebeschini – Segundo Secretário, Claudio Lucion – Primeiro Tesoureiro e Luiz Fabiani – Segundo Tesoureiro.

Também foi eleito o primeiro Conselho Fiscal, com os seguintes membros: Titulares – Luiz José Barison, Vitalino Calegari, Nilo Maurina, Itacir Calegari, Mário Tomazzoni; Suplentes – Santo Fabiani, Delírio Anholetto, Ary A. Calegari, Osvaldo Sossella e Volmir Ghidini. A Diretoria e o Conselho Fiscal foram eleitos e empossados em plenária no dia 24 de setembro de 1972, por ocasião da assembleia da fundação da entidade.

A segunda Diretoria, em 1973, foi constituída por: Divino Calegari – Presidente, Santo Fabiani – Vice-Presidente, Ademar Sebben – Primeiro Secretário, Elidio Panisson – Segundo Secretário, Arlindo Brusso – Primeiro Tesoureiro e Luiz Comiran – Segundo Tesoureiro. Essa direitoria permaneceu no mandato até meados do ano de 1977, quando, no ano de 1978, foi eleito Presidente Idalino Canali.

Equipe do Atlântico. Da esquerda para a direita: Luiz Barizon, Ângelo Calegari, Santo Fabiani, Nelson Bogoni, Idalino Calegari, Luiz Fabiani, Armando Agnoletto, Chico, Wilson Cavichiolli, Ovídio Marchiori, João P. e Darci.
Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

Na década de 80, o clube teve os seguintes Presidentes: Anselmo Canali, Cláudio Lucion, Idalino Luiz Canali, Elídio Panisson, Ivani Maurina, Ari Brusso, e Celso Brusso. Nessa época, o time de futebol do Atlântico começava a participar do Campeonato Municipal de Futebol de Tapejara. A preocu-

pação era com a formação e orientação da equipe, a aquisição de material esportivo, cercar o campo com arame, construção de copa, vestiários e instalação de rede de água na praça esportiva.

No dia 18 de abril de 1985, foi realizada uma reunião com todos os atletas de futebol de campo, em virtude da participação do Atlântico no Campeonato Municipal daquele ano. Na oportunidade, foi decidido que a equipe de futebol representaria o clube e a comunidade local. A equipe era composta por jogadores, sócios e colaboradores, pois o clube não tinha jogadores suficientes para participar da competição.

No ano seguinte, em 1986, a única mudança do time foi permitir a entrada de apenas dois jogadores não sócios. O cargo de treinador foi ocupado pelos associados Mario Antônio Maurina e Ângelo Calegari. O médico da equipe era o Dr. Lincol Nardin.

Na década de 90, foram eleitos os seguintes Presidentes: Mário A. Maurina, Ademir Abido, Divino Calegari, Anselmo Canali, Ivanir Maurina, Rudinei Calegari, Alcir Brusso e Mário Antonio Maurina.

Em 1996, o Atlântico participou do Campeonato Municipal de Santa Cecília do Sul. Em 1997, o time participou do Campeonato das Comunidades do Interior de Tapejara. O treinador da equipe era o professor Darcilo Adair Fracaro.

No ano de 2000, foram eleitos como Presidentes: Idalino Luiz Canali, Roberto Calegari, Elídio Panisson, Ari Brusso, Elídio Panisson, Ari Brusso, Moisés Maurina e Altemir Abido. De 2011 a 2015, os Presidentes foram: Carlos Canali, Ademir Ábido, Alzir Ábido, Almir Ábido e Nestor Canali.

• Sede social do clube

No dia 5 de junho de 1976, a Diretoria e os sócios decidiram realizar, junto à comunidade, uma campanha de arrecadação de soja. Com os recursos financeiros oriundos da venda do produto adquirido na campanha foi possível viabilizar a construção da sede social. Mais tarde, em meados de outubro de 1981, foi apresentada pelo sócio fundador Ângelo Calegari o projeto e a planta de ampliação do prédio da sede. Na nova edificação, no espaço interno, foram destinados lugares para a instalação da bodega, de banheiros e de churrasqueira.

Em 24 de fevereiro de 1982, em assembleia geral presidida por Anselmo Canali, foi deliberado que o associado que não ajudasse nos serviços e nas obras de iniciativa e interesse da entidade não teria direito de usar as dependências do clube para festas ou diversões e pagaria uma quantia financeira, como faziam os não sócios.

Depois de quase duas décadas de edificação, o prédio da sede social começou a sofrer desgaste natural, externo e interno, provocado pelo tempo e o uso constante de suas dependências. Diante dessa situação, em meados de 1990, a Diretoria, tendo como Presidente Mário Antônio Maurina, tomou a iniciativa de realizar diversas obras internas e externas de conservação na edificação, inclusive realizaram melhorias no campo de futebol.

Em reunião da Diretoria e dos associados na sede, em 4 de abril de 1990, o Presidente Mário Antônio Maurina relatou aos presentes as principais obras executadas nos primeiros meses de gestão frente à entidade. Ele destacou as obras de instalação da copa, construção de vestiários no entorno do campo de futebol, colocação de portas nos banheiros internos e no prédio da sede e reformas gerais na quadra de futebol de salão.

No dia 25 de setembro de 1990, em nova reunião, os sócios decidiram arrumar a cobertura da edificação, já que uma grande parte do zinco estava danificada. E também decidiram rebocar a parte interna do

prédio da sede. Para essas obras, o clube recebeu uma verba no valor de Cr$ 2.535.000,00 (dois milhões, quinhentos e trinta e cinco mil cruzeiros), da Prefeitura Municipal de Tapejara. Os antecedentes históricos mostram que as primeiras medidas tomadas para regulamentar o funcionamento da sede do clube ocorreram em 7 de junho de 1978.

- **Eventos**

Um dos eventos promovidos pela entidade em prol dos seus associados nasceu em 1984, através da realização anual do Churrasco de Confraternização dos Associados.

- **Grêmio Tapejarense**

O Grêmio Tapejarense nasceu em meados de 1980, por iniciativa do desportista Pedro Elias Rech. Ele conta que desde muito jovem sempre praticou futebol. No início, jogava nos campinhos próximos da sua casa. Chegou a integrar o plantel do então América e do Segundinho do São Paulo. Além disso, quando seu time não jogava no domingo, ele assistia a um jogo que acontecia na cidade.

Pedro contou que o mais difícil não foi conseguir atletas para envergar a camisa do novo time que estava formando, mas o nome de batismo. Ele lembra que demorou, praticamente, um mês para escolher o nome. Até que um dia Gilberto Zanatta sugeriu o nome de Grêmio, time que havia existido na década de 1960 em Tapejara.

O desportista levou a sugestão do nome para os atletas que já havia recrutado e também ouviu a opinião de pessoas próximas. O nome foi aprovado. Em seguida, com o apoio de firmas e pessoas simpatizantes, conseguiu o material esportivo e ajuda financeira para realizar os jogos amistosos.

Grêmio Tapejarense na década de 1980. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

Em 25 de dezembro de 1994, o Grêmio conquistou o seu primeiro título. Sagrou-se campeão municipal ao participar do Campeonato Municipal de Tapejara, certame promovido pelo Departamento de Esportes da Prefeitura Municipal de Tapejara.

A decisão foi frente ao São Paulo F.C., e o resultado de 1 x 1 conferiu o título à equipe tricolor. O jogo aconteceu na praça esportiva do São Paulo. O gol do Grêmio foi marcado por João Carlos, logo aos cinco minutos da primeira fase, na cobrança de uma penalidade máxima. Evaldo pontuou para a equipe tricolor do Bairro São Paulo aos vinte e seis minutos do segundo tempo.

A equipe campeã contou com: Marcon, Leandro, Irineu, Toti, Chiquinho, Luiz Carlos, Joel, João Carlos, Paulo (Cidi), Bráulio (Sergio), Canjo. O São Paulo contou com: Sergio, Everaldo, Edio (Mário), Neivo, Basinho, Anselmo, Gringo, Lause, Vagner (Fábio), Caruzzo (Ernani), Chorei (Nata). Claudio Damin atuou como árbitro. Foram auxiliares: Adelar Panosso e Osmar Rodrigues.

• Esporte Clube Flamengo

O Esporte Clube Flamengo surgiu em setembro de 1981. A equipe era formada por jovens, com média de idade de 18 anos. A sua primeira Diretoria foi assim composta: Luiz Carlos de Figueiredo – Presidente, Sergio Gasparin – Secretário e Ildo Gasparin – Tesoureiro. O clube realizou sua estreia no começo do ano de 1982 e iniciou a temporada com dezessete atletas permanentes.

Esporte Clube Flamengo. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

O Flamengo conquistou o seu primeiro título de campeão no ano de 1991. A conquista foi de campeão citadino de Tapejara. A conquista da equipe rubro-negra resultou de uma série de vitórias e alguns empates e poucas derrotas. A final foi contra a equipe do Tapejarense Futebol Clube.

Cabe destacar o empate contra o Clube Atlético Tapejarense pelo placar de 1 x 1. O jogo aconteceu no dia 30 de maio de 1991, no Estádio Dr. Celso Domingues. A equipe alvi-azul da montanha saiu na frente, com gol marcado por Vande aos vinte minutos da primeira fase, perdendo mais umas oportunidades para ampliar. O time rubro-negro conseguiu resistir. No intervalo, o técnico e os atletas do rubro-negro fizeram um trato: conseguir um empate no reinício da segunda etapa e, quem sabe, levar para casa uma vitória. O trato resultou efeito, pois logo no primeiro minuto da segunda fase Wagner empatou o jogo. Depois, com determinação e garra, a equipe resistiu até o final do jogo.

O Flamengo empatou com: Mainardi, Tourinho, Batista (Joel), Fernando, Basinho; Volmir (Darcilo), Wagner, Paza; Jorge (Rudi), Caruzzo, Ajadil (Sandro). O Atlético formou com: Big (Baguiga), Gringo, Gabriel, Volmir, Joni (Luciano); Tortini, (Everton), Roberto (Volnei), Pelé; Vande, Lause, Namir.

Equipe do Flamengo na década de 1990. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

- **Palmeiras – 1982**

Inauguração da Praça Desportiva Laercio Poggio. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

Os antecedentes da equipe do Palmeiras contam que, por volta do final da década de 1970, os filhos de Ângelo Eugênio Dametto possuíam uma área de terras localizada nas proximidades do atual

Parque Municipal. Ali, um de seus filhos assentou a sua morada e nas proximidades foi construído o prédio do abatedouro de bovinos. O espaço de terras restante servia de potreiro para os animais.

Num dos pontos da área de terras, localizada nas proximidades do arroio que serpenteava a propriedade, que não era utilizada, pois tinha muito barro, Lorimar Dametto, através da permissão de uso concedida pelos seus familiares, demarcou um campo de futebol e formou uma equipe, denominando de Palmeiras, resgatando o nome do então Palmerinha. Assim, em meados de 1982, o Município permutou terrenos com essa área e transformou o local em praça esportiva, denominada de Laércio Poggio.

Lorimar recorda: "Existia um pedaço de terra que não era aproveitada, nem para o cultivo e menos ainda para potreiro. Então consegui convencer a família para construir ali um campo de futebol. Os familiares concordaram e cederam o lugar para construir o campo. Então, consegui que as máquinas da Prefeitura realizassem a terraplenagem e o Neri Girotto tirasse o nível do lugar para o escoamento das águas, para ter um bom sistema de drenagem. Nos trabalhos de construção do campo Rosalino de Oliveira (Paraná) ajudou muito. O gramado do campo ficou tão perfeito que quando a bola rolava deixava marcas na grama."

No período compreendido entre os anos de 1984 a 1987, Lorimar foi morar e desenvolver suas atividades no Município de Barracão. Nesse tempo, foi convidado para vestir a camiseta da equipe local do Aliança. Teve a chance de jogar, na posição de centroavante, em diversos jogos amistosos que pontuavam para o certame municipal.

No ano seguinte, na sua volta para Tapejara, Lorimar foi escolhido Presidente do Palmeiras. Com a Diretoria, realizou as seguintes melhorias na Praça Esportiva Laércio Poggio: construção da copa, banheiros, churrasqueira; outra providência foi colocar o time em campo em jogos amistosos. Rosalino de Oliveira conta: "O lugar em que o Lorimar queria construir um campo de futebol era um banhado coberto por muita capoeira. A primeira coisa feita foi botar fogo na capoeira do lugar. Em seguida, foi conseguido um técnico para fazer um plano e implementar o sistema de drenagem no local. O trabalho teve a ajuda das máquinas da Prefeitura e dos atletas Helio Dametto, Lorimar Dametto, Zigomar Sanzovo, Gilmar Manica, Valmor Rombaldi, Rudinei Bruel (Jipe), Alemão Brum, Nile Brum, Valdir, Delírio, Celso Malagutti, Jola Poggio e outros mais."

Segundo Rosalino, o primeiro jogo do Palmeiras aconteceu "no piso de grama, que ficou como um tapete verde. Foi num jogo amistoso frente uma equipe de São José do Ouro." A partir daí, o time passou a receber, em sua praça esportiva, em jogos amistosos, diversas equipes oriundas de localidades do Município e da região. O local também passou a ser palco de jogos válidos pelo certame municipal e citadino de Tapejara.

Os documentos históricos mostram que, através de proposição da Câmara Municipal de Vereadores, a praça esportiva recebeu o nome de Laércio Poggio em homenagem ao atleta que iniciou sua atividade esportiva na equipe alvi-verde. Ele faleceu em tenra idade. O desempenho do Palmeiras nos campeonatos disputados nos anos de 1985 a 1992 foi o seguinte: campeão municipal em 1985; vice no regional de 1986; Vice no municipal de 1987, 1990 e 1991; Vice no certame citadino de 1988, 1990 e 1992.

Equipe do Palmeiras na década de 1980. Da esquerda para a direita: Nego, Irineu Sandini, Paraná, José Carlos de Rossi (Zorro), Fernando Dalzotto, Cide; Agachados: Helio Dametto, Cosme Dalzotto, Juraci Rech, Zigomar, Gilson Rech. Foto ; Gilberto Zanatta – Arquivo Revista Comunicação.

No ano de 1988, com algumas vitórias, outros empates e poucas derrotas, a equipe alvi-verde quase conquistou o troféu de campeã da primeira edição do citadino. O campeonato era promovido pela Prefeitura Municipal, através do Departamento de Esportes. O primeiro lugar foi conquistado pelo São Paulo Futebol Clube, e o Palmeiras conquistou o título de vice-campeão.

Entre os jogos disputados no referido certame, cabe destacar: Palmeiras 1 x 1 Funil, realizado no dia 21 de fevereiro de 1988. O Palmeiras jogou com: Karpinski, Jôla (Décio), Irineu, Fernando, Cide; Hélio, Niki, Paulinho; Zigomar, Laércio (Dair), Cosme. O gol foi assinalado por Zigomar, aos 30 minutos do primeiro tempo. O Funil empatou com: Dalagnol, Valdir, Gringo, Bocha, Suna (Aime); Kide, Vilson (Sidnei), Gentil (Vicente); Cacique, Espelho, Pita. O árbitro foi Ivan Pacheco e os auxiliares Telmo de Quadros e Pedro de Cesaro. Com o empate, o jogo foi para a prorrogação. Nesta, o Funil venceu pelo escore de dois gols a zero. Os gols foram marcados por Vicente e Cacique.

• Funil – 1983

A Sociedade Esportiva, Recreativa e Cultural Funil foi fundada em 20 de setembro de 1983. Ganhou o seu primeiro titulo em 1987, com a conquista do Municipal de Futebol de Campo. Em 1990, foi o ano de glória da equipe, que conquistou o Campeonato Citadino e o Bicampeonato Municipal de Futebol de Campo.

Os antecedentes contam que a participação do Funil em campeonatos remonta à decisão tomada em reunião da Diretoria e atletas realizada no dia 13 de julho de 1984, nas dependências do então Restaurante Amizade, assentado ao lado da Abastecedora de Combustíveis Atlantic, nos altos da Av. 7 de Setembro, no trevo de saída para Charrua e Ibiaçá.

Naquela oportunidade, o Presidente Arlindo Borilli deu início à reunião perguntando se todos os sócios e atletas estavam de acordo em participar do Campeonato Integração de Tapejara. Todos concordaram e a proposta foi aprovada por unanimidade. Em seguida, deliberou sobre a contratação de novos jogadores para reforçar o time e, se fosse necessário, até pagar salário aos jogadores. Os presentes concordaram com a proposição apontada pelo dirigente. Na sequência, Paulo Roberto Pozzer, Vice-Presidente, fez uso da palavra e expôs a necessidade de contratar um técnico para treinar e escalar a equipe. Após muita discussão, foram indicados dois nomes para técnico: o do desportista Luiz Fontana, para assumir como técnico, e o do desportista Algacir Vieira, para preparador físico. Ambos os nomes foram aprovados por unanimidade.

As despesas que a agremiação teria ao participar do campeonato e outros encargos de ordem financeira foram discutidos na reunião da Diretoria e atletas no dia 2 de setembro de 1984, realizada nas dependências do Restaurante Amizade.

Na ocasião, o Tesoureiro, Jucelino Borilli, deliberou sobre as despesas que iriam existir durante a participação no campeonato. Restou aprovada a realização de jogos de tômbola (loto), nos sábados à noite, nas dependências do Restaurante Amizade, para angariar fundos e pagar as despesas do campeonato.

• Campeão municipal de futebol de campo, de 1987/1988

O Funil conquistou o seu primeiro título no Campeonato Municipal de Tapejara em 1987. Nessa competição participaram trinta e seis equipes de futebol do Município de Tapejara. Os resultados das quartas de finais foram as seguintes: Funil 3 x 1 Palmeiras, Funil 4 x 1 Clube Atlético Tapejarense,

Funil 1 x 0 São Paulo F.C. e Funil 3 x 1 Palmeiras.

Equipe do Funil em 1987. Fonte: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

Os atletas campeões, que vestiram a camiseta do Funil na temporada, foram: Adilso Dallagnol, Valdir Defaviri, Valdenor Cavalheiro, Gilmar Giotto, Arlindo Alves, Deoclides Cerezzoli, Gentil Arruda, Wilson Santini, Doraci Saudade, Wilson dos Santos, Clair Cerezzoli, Sidinei Posser, Airton Aime, Vicente Borilli, José Félix, Gilmar Girotto, Alcir A. Bianchi, Técnico: Jorge De Rossi.

Na época, a Diretoria do Clube Funil era composta por: Hermínio Paulino Pozzer – Presidente, Luiz Fontana – Vice-Presidente, Nelson José Marcon – Primeiro Tesoureiro, Domingos Malagutti – Segundo Tesoureiro, Murilo João Zapani – Primeiro Secretário, Enio Hanel – Segundo Secretário.

A equipe-base contou, em seus jogos, com a seguinte escalação: Adilson, Airton, Gringo, Valdir, Alves, Pita, Vilson, Sidinei, Cacique, Brizola, José Félix. Também integraram a titularidade: Vivente, Sidi e Espelho.

No Campeonato Municipal de 1988, o Funil apresentou novos atletas em seu quadro. Entre os novos atletas que vieram envergar a camisa cabe citar: Dallagnol, Bocha, Sena, Kide, Gentil, Sidney, Girotto. Nesse ano a equipe alvi-negra, em que pese muito empenho da direção e dos atletas, não conseguiu repetir o feito de 1987, quando havia conquistado o titulo de campeão municipal. A equipe-base do ano de 1988 contou com: Dallagnol, Valdir, Gringo, Bocha, Sena, Kide, Gentil, Vilson, Sidney, Cacique, Espelho.

Entre os jogos disputados no Campeonato de 1988 cabe destacar os seguintes: União 1 x 0 Funil (03.01.1988), Funil 1 x 0 São Paulo (13.02.1988), Funil 1 x 0 Palmeiras (21-02-1988, sendo que na prorrogação o resultado foi Funil 2 x 0 Palmeiras), Funil 1 x 1 Renner (27-08-1988). Durante o campeonato, outros atletas ingressaram nas fileiras do time do Funil, entre eles: Bianchi, Valdir, Batista, Zé Pinto, Décio, Nego, Pelé, Pita e Rogério.

Em 1989 a equipe base do Funil era a seguinte: Bianchi, Fernando, Maurina, Kide, Brisa, Pita, Ademir (Luis), Juruna, Sidnei, Lucion, Girotto.

• Campeão citadino em 1990

No início do ano de 1990, foi realizado o Campeonato Citadino de Futebol. Participaram os seguintes times da cidade de Tapejara: Flamengo, Atlético, Tapejarense, Funil, Grêmio, São Paulo F.C. e Palmeiras. Nesse campeonato, a equipe do Funil sagrou-se campeã após vencer o Palmeiras, num jogo bastante disputado, pois as duas equipes não conseguiram decidir o jogo nos 90 minutos normais de jogo nem nos 30 da prorrogação. Nos pênaltis, o Palmeiras chegou muito perto de conseguir o título, pois estava com vantagem de bater o último pênalti e, se convertesse, seria campeão. Mas, acabou errando o chute a gol. O Funil não desperdiçou a chance e acabou sagrando-se o campeão citadino de 1990.

O Funil recebeu as faixas de campeão citadino de Tapejara, entregue pela equipe da Sociedade Esportiva Recreativa Portuguesa, da cidade de Lagoa Vermelha, em jogo amistoso. Receberam as faixas de campeões os seguintes atletas e Diretoria: Alcir Bianchi, Everaldo de Morais, Neco, Carlos Rodigheri, Amarildo Bée, Sidnei Posser, Volmir Fontana, Gilnei Fontana, Luiz Kirchoff, Deoclécio Sossella, Leonir Mazetto, Adilson Dalagnoll, Sadi Schuster, Sidinei Posser, Chico Spader, Severino Bianchi, Luiz Belegante, Severino Borilli, Pedrinho Langaro, Ademir Abido, Saul Rech.

A Diretoria era composta, na época, por: Nelson José Marcon – Presidente, Hermínio Paulino Pozzer – Vice-Presidente, Celso Mazzutti e Valmor Baseggio – Tesoureiros, Carlos Alberto Pozzer e Luiz Gasperin – Secretários, Luiz Fontana e Arlindo Borilli – Departamento de Futebol, Jorge de Rossi – Técnico e Wlademir Bianchi – Massagista.

• Bicampeão municipal de futebol de campo em 1991

O Funil conquistou o Bicampeonato Municipal de Futebol de Tapejara no dia 12 de janeiro de 1991. O título foi disputado no Estádio Dr. Celso Domingues, na vitória por um 1 x 0 contra o Palmeiras. Num jogo muito bom e bastante movimentado, a equipe do Funil soube segurar o Palmeiras no primeiro tempo e fazer o seu gol no segundo, o gol do título de 1990.

O Palmeiras começou o jogo pressionando, ocupando totalmente o meio-campo do Funil, mas pecando nas conclusões. Tendo um pênalti não marcado a seu favor, logo no primeiro minuto de jogo, o Palmeiras não se perturbou e continuou atacando, mas sem fazer o principal, ou seja, o gol.

No início do segundo tempo, quando ninguém esperava, Sadi Schuster, após tirar os dois zagueiros do Palmeiras da jogada, bateu forte no ângulo esquerdo do goleiro Cézar, que nada pôde fazer, a não ser olhar a bola bater na rede. A partir desse momento, o jogo ficou equilibrado, com lances de gol dos dois lados, até o apito final do árbitro. Na partida preliminar, o São Paulo venceu a equipe do Santos por 2 x 1, ficando, assim, em terceiro lugar.

Após a decisão, foram entregues os seguintes troféus: 1º lugar: Funil; 2º lugar: Palmeiras; 3º lugar: São Paulo; 4º lugar: Santos. O goleador foi Luiz Carlos Beviláqua (Caruzo), com dezessete gols.

• Compra de áreas para assentar o estádio e a sede social

Na reunião da Diretoria e do Conselho Fiscal, realizada nas dependências da Mecânica Felini, localizada na Av. 7 de Setembro, no dia 23 de janeiro de 1991, foi decidida a compra de área de terras onde se encontrava assentada a sede social e o campo do Funil, pertencente aos herdeiros de Quintino Negri Fontana. O ato foi realizado com a presença do herdeiro de Quintino Negri Fontana, Luiz Fontana

e o Funil, representado pelo seu Presidente, Paulo Roberto Pozzer.

Naquela data, ficou decidida a compra e a venda da referida área, que media 100 metros de frente por 150 metros de fundos, cujo preço ficou estipulado em Cr$ 1.800.000,00 (um milhão e oitocentos mil cruzeiros), cujo pagamento seria efetuado da seguinte forma: Cr$ 1.200.000,00 (um milhão de duzentos mil cruzeiros), no ato da assinatura da escritura e CR$ 600.000,00 (seiscentos mil cruzeiros) no prazo de 90 dias, sem juros. Se não fosse possível integralizar o pagamento dentro de 90 dias, seriam cobrados juros de mercado.

• Matinal

Em outubro de 1985, Neri Favin e Luiz Fernando Lindner, na época funcionários da Coprel, foram convidados pela Capela da Linha Floresta – Charru a participar da festa da comunidade no domingo, dia 25/10/1985, com uma partida de futebol de campo.

Neri Favin e Luiz Fernando Lindner convidaram os colegas da empresa que jogavam futebol e mais alguns amigos para formar um time e participar desse jogo. Participaram Valdelírio Ramos da Silva, mais conhecido como Lico, Laurindo Algeri, Leoclides Cerezolli (Kide), Pita Cerezolli, Itacir Vieira (Nezinho), Vitaliano Tonkiel, Neri Favin e Luiz Fernando Lindner, entre outros.

A festa e o jogo motivaram a formação de um time definitivo, com a finalidade de jogar pelos domingos de manhã nas localidades de Tapejara, Vila Lângaro, Santa Cecília do Sul, Água Santa e Charrua, sempre representando a Coprel.

Em meados de 1988, Neri Favin iniciou seus trabalhos na empresa Cereais Fontana e o time da Coprel, por falta de atletas, começou a diminuir sua participação nos jogos. Então, Neri, juntamente com Gentilino Michelon, que receberam autorização e patrocínio de Vitor Fontana, convidaram Luiz Fernando Lindner para formar o time de futebol da Cereais Fontana, com o objetivo de representar a empresa nos jogos promovidos pelas comunidades do interior do Município de Tapejara. Foram convidados atletas que eram empregados da empresa, alguns que participaram do time da Coprel e outros amigos. O primeiro jogo foi no campo do Rio Santo Antônio, em Santa Cecília do Sul, contra o Internacional. O time era composto por: Gregoletti, Ajadil Fontana, Ademar Girotto, Celso Tomazoni, Ivaldo Spader, Vilson Tortini, Luiz Fernando Lindner, Gentilino Michelon, Itacir Vieira, Neri Favin, Vagner Fontana e Vitaliano Tonkiel. O técnico era Vitor Fontana.

De acordo com Luiz Fernando Lindner, "no início de 1991, pela vontade dos atletas e oportunidades que apareciam de jogarmos em outros Municípios e até outros Estados, transformamos o time em um clube independente, desvinculado de empresas. Por sugestão do nosso habilidoso jogador, o Altair Peruzzo, mudamos o nome para Matinal Futebol Clube. O logotipo era Anjinho, que foi sugerido pelo Milton Sandini, o Buki", lembrou.

Em 2010, o Matinal Futebol Clube completou 25 anos de existência, celebrando a alegria, a amizade, o companheirismo, o esporte e o lazer. De acordo com Luiz Fernando Lindner, um dos fundadores do Matinal, "formamos laços de amizade com pessoas de muitas cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Cito algumas delas: Bento Gonçalves, Veranópolis, Marau,

Matinal F.C. Década de 1980. Da esquerda para a direita de pé: César Artusi, Volnei Artusi, Luiz Fernando Lindner, Arlindo Barizon, Paulo Bacega, Sidnei Hanel, Altair Peruzzo; agachados Beto Scariot, Neri, Gentilino, Altemir Abido, André Casalani, Buck Sandini. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo Revista Comunicação.

Nova Prata, Sananduva, São José do Ouro, São João da Urtiga, Erechim, Gaurama, Concórdia, Luzerna, Foz de Iguaçu e muitas outras".

Nos anos de 2009, 2010, 2011 e 2012, o Matinal Futebol Clube realizou inúmeros jogos, amistosos municipais, intermunicipais e até interestaduais, frente a equipes dos Municípios de Tapejara, Passo Fundo, Getúlio Vargas, Sertão, Estação, Ibiaçá, Sananduva, São João da Urtiga, São José do Ouro, Lagoa Vermelha, Vanini, Bento Gonçalves, Arvoredo (SC), Foz do Iguaçu (PR), entre outros.

O desempenho da equipe tapejarense é estampado de uma forma resumida na tabela abaixo:

Ano	*Jogos*	*Vitórias*	*Empates*	*Derrotas*	*GF*	*GC*	*Saldo*
2009	*26*	*12*	*09*	*05*	*79*	*59*	*20*
2010	*31*	*06*	*10*	*15*	*68*	*96*	*-28*
2011	*31*	*07*	*08*	*16*	*76*	*87*	*-11*
2012	*32*	*18*	*06*	*07*	*92*	*71*	*21*
Total	*120*	*43*	*33*	*43*	*315*	*313*	*02*

Fonte: Matinal Futebol Club @ Time, Futebol, Tapejara, Veteranos, futebol. www.netvisual.com.br/matinal – Acesso 09 – 02 – 2013.

• Transa Futebol Clube e Clube Nativo

A fundação do Transa Som, atual Transa Futebol Clube, ocorreu em maio de 2000. Em maio de 2015, completou 15 anos de conquistas em diversas modalidades de futebol. Está localizado junto ao Clube Nativo, no Bairro São Paulo, ao lado da Academia de Saúde ao Ar Livre Valéria Debastiani. O clube possui uma sala de troféus, denominada Sala de Troféus João Carlos Santeti (Cacalo).

Sala de troféus do Transa F.C. Foto: Arquivo de Deoclides Piffer de Oliveira.

A diretoria atual do Transa F.C. é a mesma do Clube Nativo e é composta pelos seguintes membros: Sergio Piffer de Oliveira – Presidente, Enio Andrade – Vice-Presidente, Deoclides P. de Oliveira – Tesoureiro, Celso Fernandes de Oliveira – Secretário e Marcos Paulo de Souza e Rudinei Piffer – Departamento de Esportes.

Os 15 títulos de campeão do Transa Futebol Clube são:

1. Campeão Municipal de Futebol de Campo Masculino. . . . . Ano 2000
2. Campeão Municipal de Futsal Masculino . . . . . Ano 2000
3. Campeão Futsal Feminino, Comunidade de Caravaggio. . . . . Ano 2001
4. Campeão Futsal Feminino Municipal . . . . . Ano 2001
5. Campeão Municipal de Futsal Masculino . . . . . Ano 2002
6. Campeão Copa dos Campeões Masculino . . . . . Ano 2003
7. Campeão Citadino de Futebol Aspirantes . . . . . Ano 2003
8. Campeão Municipal de Futebol de Campo Masculino. . . . . Ano 2004
9. Campeão da Copa dos Campeões Masculino . . . . . Ano 2005
10. Campeão Municipal de Futebol Aspirantes . . . . . Ano 2005
11. Campeão de Futsal Masculino Veteranos . . . . . Ano 2008
12. Campeão Municipal de Futebol de Campo Aspirantes . . . . . Ano 2010
13. Campeão Municipal de Futebol de Campo Masculino. . . . . Ano 2011
14. Campeão Citadino de Futebol de Campo Masculino . . . . . Ano 2011
15. Campeão Reg. da Copa Amunor de Futebol de Campo Masculino . . . . . Ano 2012

• Time do Transa Som: campeão municipal de 2000

O feriado Farroupilha de 20 de Setembro de 2000 marcou a rápida trajetória de um novo clube, Transa Som, que conquistou o título máximo do futebol tapejarense. A decisão foi entre o Transa Som e o Atlético de São Brás, no campo Laércio Póggio. O resultado foi de 1 x 1. Os dois gols aconteceram no final do jogo, quando Edinho, cobrando pênalti, aos 39 minutos do segundo tempo, fez 1x0 para o Transa Som e o Atlético empatou, através de Evandro Sasset, no final do segundo tempo.

O Transa Som, formado para a disputa do campeonato, teve no comando o técnico Luiz Antonio Rossoni (Tonho). A equipe era formada por: Vagner, Rodrigo, Juliano, José Ivar, Édio, Santini, Maneta, Cacalo (Peruzzo), Paulinho (Belinho), Castelinho, Edinho, Marcos Paulo (Grilo). A arbitragem foi de Gilmar Bé, com Nelson dos Santos e Ernani de Linhares como auxiliares.

• Transa Futebol Clube: campeão dos campeões de 2001

Tendo iniciado as atividades esportivas em 2000, quando conquistou o Campeonato Municipal, o Transa F.C. sagrou-se campeão da Copa dos Campeões. Mudando pouco em relação à equipe de 2000, com o acréscimo de alguns atletas, mas mantendo a base inicial, o Transa conquistou o título inédito. O desempenho do time nesta Copa de Campeões foi de 4 vitórias, 1 empate e 1 derrota.

Equipe do Transa F.C. em 2001. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

A partida final foi disputada no campo do São Paulo F.C. e o Transa venceu o Juventude de Vila Campos pelo placar de 2 x 1. Assinalaram os gols: Gaxa (1) e Castelinho (1). A equipe dirigida por Luis Antonio Rossoni (Tonho) teve: Vagner, Paulo César,

Bimbi e Édio (Bastião), Maneta, Cássio, Cacalo e Joel Nogueira, Castelinho, Gaxa e Marcos Paulo. A arbitragem tinha um trio de Passo Fundo: José de Mattos, Luciano Almeida, Claudiomar Ramos.

• Transa Futebol Clube: campeão municipal 2004

O Transa Futebol Clube conquistou o Campeonato Municipal de Futebol de Tapejara no ano de 2004, ao vencer as duas partidas frente ao Juventude, de Vila Campos. A primeira partida, com placar de 3 x 2, foi realizada em 13 de junho, no Estádio Dr. Celso Domingues, e a segunda em Vila Campos, na Praça Esportiva do Juventude, com placar de 2 x 0, em 20 de junho.

Na primeira partida, em que o Transa venceu por 3 x 2, contou com: Vagner, Edinho, Raul, Édio, Jipe; Maneta, Lucas, Vande, Castelinho, Gaxa, Marcos Paulo. O artilheiro foi Castelinho, com 3 gols.

O Juventude perdeu com: Fredi, Everton, Adilson, Volmir, Rodrigo; Tique, Kéio, Marcelo; Chico Sorriso Pinóquio, Tiago. Marcaram: Tiago (1), Adilson (1). Arbitragem: Tales Goulart, e auxiliares: Agenor Pauleto e Valdir Boa Nova (fonte: Arquivo Airton Lângaro).

Na partida de volta, em Vila Campos, o Transa voltou a vencer. Agora pelo escore de 2 x 0; com o resultado sagrou-se campeão municipal de 2004. O time contou com: Vagner, Edinho, Raul, Lucas, Jipe (Bassinho), Édio, Maneta, Guilheme, Castelinho, Gaxa, Marcos Paulo. Os goleadores foram: Edinho (1) e Marcos Paulo (1). O Juventude perdeu e ficou com o titulo de vice-campeão. Jogou com: Fredi, Everaldo, Everton, Adilson, Marga; Tique, Marcelo, Kéio; Chico Sorriso, Pinóquio, Cássio. Árbitro: Marcos Valdenford, e os auxiliares: Alfredo Young e Valdir Boa Nova.

• Transa Futebol Clube: campeão dos campeões em 2005

Em 2005, a equipe voltou a conquistar a Copa dos Campeões, decidindo o título com o Flamengo. A equipe, ao conseguir dois empates, levantou mais uma vez o troféu de campeão dos campeões de Tapejara no ano de 2005 e o Flamengo obteve o título de vice do certame.

O primeiro jogo da decisão da Copa dos Campeões aconteceu no Estádio Dr. Celso Domingues em 15 de novembro. O resultado do jogo acusou o empate de 2 x 2. As equipes jogaram com os seguintes atletas: o Transa com: Marlon, Edinho, Sandro, Adriano, Edinei; Maneta, Lucas Vieira, Marajá; Chiquinho, Gaxa, Marcos Paulo. Os gols foram anotados por Gaxa (1) e Marcos Paulo (1). O Flamengo contou com: Ademir, Everton, Djair, Vergão, Bassinho; Andi, Ademir, Luciano, Paulo Joel, Ezequiel, Castelinho. Os goleadores: Ezequiel (1) e Paulo Joel (1). Árbitro: Marcos Valdenford e Auxiliares: Alfredo Yane e Paulo Cesar Rosa (fonte: Arquivo Airton Lângaro).

A segunda partida da decisão da Copa dos Campeões aconteceu na Praça Esportiva Laércio Póggio em 27 de novembro, e o resultado foi o empate em 0 x 0. Com o resultado, o Transa F.C. sagrou-se campeão dos campeões de Tapejara pela segunda vez, já que havia conquistado o primeiro no ano de 2001. O Transa contou com: Marion, Edinho, Adriano, Maneta, Adenilson, Lucas Vieira, Marajá, Edinho; Chiquinho, Gaxa, Marcos Paulo. O Flamengo jogou com: Ademir, Everton, Djair, Vergão, Bassinho, Etti, Cledio, Luciano, Dede, Ezequiel e Joel.

• Transa Futebol Clube: campeão citadino de 2011

O Transa F.C. sagrou-se campeão citadino em 2011 ao vencer o Clube Atlético Tapejarense no Estádio Dr. Celso Domingues, pelo placar de 3 x 1, no dia 11 de setembro de 2011.

A equipe conquistou o seu primeiro título citadino contando com: Vagner, Preto (Bimbi), Lucas Manfron, Cássio, Maneta, César, Frumi (Rodrigo), Mukito, (Marcos Paulo), Chiquinho, Cristovão e Guinho. Os gols foram anotados por: Chiquinho (1), Guinho (1) e Maneta (1). A arbitragem, da cidade de Carazinho, era composta por: Emanuel dos Santos, Maurício Mariano e Valdemar Bandeira.

• Transa Futebol Clube: campeão do Supercampeonato 2011

A decisão aconteceu no domingo, dia 30 de outubro de 2011, no Estádio Dr. Celso Domingues. As duas melhores equipes, Transa F.C. e Rota Agrícola/Atlântico, fizeram a grande final recheada de muita expectativa. No Campeonato Citadino, o Transa eliminou a Rota Agrícola/Atlântico nos pênaltis, em Linha Calegari, na fase semifinal. Na sequência, venceu o Atlético e ficou com o título. O Rota Agrícola estava invicto, tanto no Citadino como no Supercampeonato e tinha que dar uma resposta em virtude da inesperada eliminação, em seus domínios, no campeonato da cidade.

As primeiras chances foram aparecendo e o Transa, com Marcos Paulo, teve duas oportunidades, principalmente na segunda tentativa, quando quase saiu o gol. Marcos Paulo somente não marcou graças à boa defesa do goleiro Felipe.

O Rota/Atlântico respondia com chutes de fora da área. Primeiro, foi com Kuni, que passou muito perto do ângulo esquerdo do goleiro Vagner e, depois, com Paulo Roberto, que acertou o travessão. No segundo tempo, não foi diferente: muita preocupação e respeito entre as equipes. Ninguém queria levar o gol; a impressão era essa. Não levar gol; depois, se possível, fazer. Do jeito que estava, não tinha outra saída, a não ser ir para os pênaltes, e foi o que aconteceu, pois o placar foi de 0 x 0 no tempo normal.

Já na terceira cobrança, o Transa ficou com uma larga vantagem de 3 a 1. Vagner defendeu duas vezes. Mas, então começou a brilhar a estrela do goleiro Felipe, que também defendeu duas vezes. Resultado de 3 x 3 na primeira série. Converteram para o Transa: Cássio, Chiquinho e Guinho. Erraram Cristóvão e Ânderson Coxão. Para o Rota/Atlântico converteram: Kuni, Ângelo e André Cerezoli. Erraram: Diordani e Gustavo.

Na série de cobranças intercaladas, na terceira batida, o Transa garantiu o título. Nite, Marcos Paulo e Lucas Manfron fizeram. Adriano Pato e Paulo Bedendo converteram e Êdi bateu para mais uma defesa do goleiro Vagner. Impressionante a marca da jovem equipe do Transa F.C., que desde 1999 começou a acumular títulos e não parou mais.

O time do Transa F.C. era formado por: Vagner, Preto (Mukito), Cássio, Lucas Manfron e Nite. Cesar (Anderson), Frumi, Chiquinho e Cristóvão. Marcos Paulo e Guinho. Técnico Rudi Piffer. Time do Rota Agrícola/Atlântico: Felipe, Henrique (Ângelo), Oderdan, Adriano Pato e André Cerezoli. João Pedro, Gustavo, Diordani e Kuni. Evair (Êdi) e Paulo Roberto. Técnico Ernani Artuzzo. Arbitragem: Lúcio Agnes, Valdemar Bandeira e Maurício Mariano.

O terceiro lugar ficou com o Canarinho de São Silvestre e o quarto lugar com Juventude de Vila Campos. O treinador destaque foi Rudi Piffer, do Transa F.C. Goleadores: Marcos Paulo, do Transa F.C., Paulo Bedendo, do Rota Agrícola/Atlântico, e Jacir Miotto, do Canarinho de São Silvestre. Melhor goleiro: Vagner Bugone, do Transa F.C. Revelação: Cesar Sbardelotto, do Transa F.C., e craque do campeonato: Lucas Manfron, também do Transa F.C. Manfron foi eleito o craque Rádio Tapejara/Ótica Aliance.

• Transa Futebol Clube: campeão da Taça Amunor

A equipe também foi campeã da Taça Amunor de Futebol de Campo 2012, representando o Município de Tapejara na Taça da Associação dos Municípios do Nordeste do RS (Amunor). A decisão aconteceu entre o representante tapejarense frente à equipe do Município de Paim Filho. O jogo foi realizado na cidade de São João da Urtiga, no dia 1º de abril de 2012. O time venceu pelo escore de 3 x 2.

O Time conquistou o título com: Vagner, Preto (Jeferson), Lucas Vieira, Márcio e Frumi, César (Douglas), Chiquinho, Ânderson (Diego) e Pedro (Gringo), Marcos Paulo e Guinho. Os gols foram anotados por: Marcos Paulo (1), Lucas Vieira (1) e Guinho (1). A equipe de Paim Filho perdeu com: Beto, Diego, Lúcio, Pablo e Argel (Cris); Anderson (Márcio), Rafa (Valdo), Serginho (Rubens) e Gil, Marcos (Nilson) e Alencar. Marcaram os gols Alencar (1) e Marcos (1). O árbitro da partida foi Juliano dos Santos e os auxiliares, Silvio Bonazeski e Marcos Livinski.

• 1ª Copa dos Campeões Regionais

Molecada conquista o título. Da esquerda para a direita, em pé: Cleiton (Sebo), Rafael, Fio, Sérgio Fianco, Bruno Sander, técnico João, Edi, massagista Erani e Presidente Roberto Peruzzo; agachados: Vagner Bogoni, Índio, Bruninho, Dinamite, Pitti, Vando, Lipão e Kati. Foto: Arquivo de Gilmar Berton.

Em 27 de julho de 2014, encerrou-se a 1ª Copa dos Campeões Regionais de Futebol de Campo de Ibiaçá. Oito Municípios competiram e todos os jogos foram realizados no estádio Antônio Bortolotto, no Araçá Alto, Município de Ibiaçá. Na final, jogaram representando Tapejara, a Molecada do Bairro Treze de Maio e Água Santa, representada pelo time Nova União do Posto Indígena.

No primeiro tempo, o futebol bonito propriamente dito deixou a desejar. Tecnicamente, não foi um bom jogo, truncado e com muitas faltas. Na segunda etapa, os times soltaram-se mais e buscaram a definição com algumas jogadas interessantes. A Molecada buscou mais os chutes de fora da área, aproveitando que o goleiro Joel dava rebote sempre. Num deles, em chute de Vando, Joel soltou e Bruninho perdeu um gol incrível. O placar ficou zerado e a decisão foi para a prorrogação e depois para os pênal-

tis. A Molecada foi mais eficiente e garantiu o título. Venceu por 3 x 1. Maicon, Piti e Cati converteram e Sérgio errou. Para o Nova União o único gol foi de Joel Nogueira. Edemar, Leomar e Cristóvão erraram.

A arbitragem foi de Itacir Gambin, Rosalino Gonçalves e Amarildo Bée. Foi feito o possível e o impossível e na grande maioria dos lances houve acertos. Um gol da Molecada muito bem anulado e marcação correta na maioria das faltas. O craque do jogo, escolhido pela Rádio Tapejara, foi o zagueiro Cati, da Molecada.

A Molecada teve: Vagner, Vando, Cleiton, Cati, Lipão e Rafinha (Iago), Êdi, Maicon, Sérgio, Marcio Alves (Piti) e Bruninho (Índio). Nova União: Joel, Moises (Rafael), Marcio, Marcelo e Marquinhos. Cristóvão, Leomar, Sirinei (Anderson), e Edemar, Lucas e Joel Nogueira. Arbitragem de Itacir "Galo" Gambin, Rosalino "Quatorze" Gonçalves e Amarildo Bée. Organização de Gilberto da Rosa. A equipe esportiva da Rádio Tapejara transmitiu esse jogo final com Airton Langaro, Élvio Brasil, Gilmar Berton e Betinho Reis. No estúdio: Elói Figueiredo.

DO FUTEBOL DE SALÃO PARA O FUTSAL

A modalidade de Futebol de Salão, atual Futsal, chegou à cidade de Tapejara por volta do início da década de 1960, agregado, ao mesmo tempo, com a instalação e o funcionamento do então Ginásio Pio XII, estabelecimento de ensino secundário que iniciava suas atividades educativas em salas do antigo Salão Paroquial, pertencentes à Paróquia Nossa Senhora da Saúde, assentado na então Praça Central, atual Praça Central Silvio Ughini, em 2 de março de 1961.

Uma das inúmeras matérias obrigatórias do currículo do então Curso Ginasial era a cadeira de Educação Física; então, para ministrar as aulas, foi convocado o desportista Genésio Coll Debella. Ele havia realizado seus estudos em Colégios Maristas de Getúlio Vargas e Passo Fundo, e estava em plena atividade esportiva, atuando no futebol de campo em clubes de Getúlio Vargas, Passo Fundo e Tapejara.

O então futebol de salão era praticado pela primeira vez na cidade numa quadra de terra de chão batido, localizada nos fundos do Estádio Dr. Celso Domingues e contava com um combinado de atletas de Tapejara, orientados pelo professor Genésio Col Debella, frente um grupo de desportistas de Passo Fundo, capitaneados por José Ecil Borges, então funcionário da Coletoria, lotado em Tapejara, no começo do ano de 1960.

Pouco tempo depois, com a instalação do então Ginásio, as máquinas do Município foram acionadas e seus operadores Guerino Marsiglio, Aquilino Pelissaro, Gesuíno Cauduro e Armindo Spagnol efetuaram a terraplenagem numa das pontas da Praça Central. Após, foi demarcada, com serragem, uma quadra para a prática do futebol de salão e foram colocadas duas goleiras, de madeira. Em seguida o Poder Público dotou o local com iluminação, instalando seis postes com luminárias fluorescentes.

Logo em seguida, nos mesmos moldes, era demarcada outra quadra, nas proximidades do Destamento da Brigada Militar, assentado na redondeza do centro da cidade. Com a construção do novo prédio do Colégio Medianeira, foi construída uma quadra a céu aberto e revestida de pedra de basalto regular. Também no entorno foi construída uma quadra, igualmente a céu aberto, de piso de concreto. Esses locais possibilitaram, além do surgimento de diversas equipes, a realização de inúmeros jogos amistosos, torneios e campeonatos municipais e estudantis, enquanto serviram ainda de palco à prática do salonismo.

Em meados da década de 1970, por iniciativa e promoção da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, e contando com o apoio de diversas entidades e pessoas, ocorreu a construção do novo Centro Comuni-

tário Paroquial. Ademais, em meados da metade da década de 1980, a Administração Pública construiu o Ginásio Esportivo Lourenço José Dall'Olivo. Ambas as instituições, Igreja e Município, em tempos diferentes, conseguiram realizar o feito de colocar a modalidade esportiva do futebol de salão no seu verdadeiro hábitat, que é ser praticado num ambiente fechado e coberto, ou seja, num ginásio esportivo, com a demarcação da quadra, iluminação, vestuário, alambrado e acomodação para o público.

Mais tarde, em meados de dezembro de 2004, o Poder Público tomou a iniciativa de construir o Complexo Educacional e Esportivo Albino Sossella. O local abrigou ainda a Escola Municipal de Ensino Fundamental Leonel de Moura Brizola e o Ginásio Poliesportivo Jaimir Antônio Pinto Ribeiro.

A construção de novas quadras esportivas propiciou a participação de algumas equipes em certame estadual. Num primeiro momento, no Campeonato Estadual de Futebol de Salão, através da participação da Cocital e da Autape. Em seguida, nas séries Bronze e Prata do Futsal, com a participação da SER Pietrobon. Pouco tempo depois, na Série Ouro, SER Pietrobon, Bom Gosto, Agrodanieli, sendo que a cidade sediou, ainda, a disputa da semifinal do Campeonato Nacional de Futsal.

QUADRAS DE TERRA DE CHÃO BATIDO

• Fundos do Estádio Dr. Celso Domingues

A primeira partida de futebol de salão, atual futsal, realizada no Município de Tapejara foi em meados dos anos 60. Os primeiros jogos da modalidade aconteceram em quadra de terra, de chão batido, revestido por uma camada de cascalho fino, compactado por um rolo de concreto, que era movimentado por uma junta de bois.

A quadra ao ar livre era localizada nos fundos do Estádio Dr. Celso Domingues (fundos da goleira, situada próxima do cercado da praça esportiva, com o cemitério municipal). A iniciativa do empreendimento teve como protagonista o Prof. Genésio Col Debella, em parceria com José Ecil Borges, então coletor local e residente em Passo Fundo.

Na inauguração da quadra, ocorreu a realização de um jogo amistoso entre um combinado de atletas de Tapejara, convidados pelo prof. Genésio, e o combinado formado por atletas de Passo Fundo, convidados por José Ecil Borges.

Nessa quadra aconteceram poucos jogos, em virtude de ser uma modalidade esportiva desconhecida e que ainda estava em fase de implantação no Município. Em seguida, no mesmo lugar, foi demarcada uma quadra de voleibol, que foi utilizada para a prática de jogos de voleibol pelos alunos do então Ginásio Pio XII, nas aulas de educação física, ministradas pelo professor Genésio Col Debella e professora Esmeralda Muxfeldt. Além disso, pouco tempo depois dessa iniciativa, foi construída uma quadra, também de chão batido e ao ar livre, na Praça Central, atual Praça Silvio Ughini.

A construção, pelo Poder Público, da quadra na Praça Central ocorreu em decorrência da exigência e necessidade dos alunos do então Ginásio Pio XII de desenvolverem exercícios físicos e atividades esportivas de diversas modalidades. O estabelecimento de ensino havia iniciado suas atividades nos primeiros dias de março do ano de 1961 e a quadra era utilizada, de segunda a sexta-feira, para a prática das aulas de Educação Física dos alunos do Ginásio, ministradas pelo professor Genésio e pela professora Esmeralda Muxfeldt.

Além disso, a construção da quadra proveu um espaço para que a comunidade desenvolvesse atividades esportivas, de recreação e lazer. À medida que foi aumentando o interesse pelas práticas das novas

modalidades esportivas, em especial a do futebol de salão, a quadra recebeu melhorias, efetuadas pelo Poder Público. Foram instalados seis postes, três em cada lateral, com luminárias fluorescentes, pois a iluminação possibilitava a realização de jogos na estação primavera-verão também pela parte da noite. Essa quadra foi, por quase uma década, palco de muitos jogos, diversos torneios e alguns campeonatos organizados e promovidos, inicialmente, pelo Grêmio Estudantil do Ginásio Pio XII.

Professora Esmeralda Muxfeldt entregando o diploma para Dilva Madalozzo. Foto: Arquivo de Dilva Madalozzo.

Equipe de futebol de salão do Brasa. Década de 60. De pé, da esquerda para a direita: Murilo Bé (técnico), Airton Langaro, Celso Zanini, Egídio Zanatta, Valdemar (massagista). Agachados: Rogério Liska, José Carlos Rech (Nanico), Nolcir Calegari (Tile) e Raimundo João Lovatto. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

Mais tarde, quando foi instalada a Escola Técnica de Contabilidade, em meados de abril de 1969, criou-se o Grêmio Estudantil Nossa Senhora da Saúde, que culminou na criação da União de Estudantes Tapejarenses (UMET) e que foi responsável pela promoção de diversos torneios interséries. Os times eram formados pelas 4ª séries do então Ginásio Pio XII e 3ª séries da então Escola Técnica de Contabilidade; além disso, os Grêmios Estudantis e a União dos Estudantes Tapejarenses foram os responsáveis pela realização de torneios com entidades estudantis de Ibiaçá, Sertão, Sananduva, Lagoa Vermelha e Passo Fundo.

JOGOS AMISTOSOS, TORNEIOS E CAMPEONATOS

• Campeonatos citadinos

Antigamnete, os jogos de campeonato realizados na Praça Central eram os que mais mobilizavam público. Eram realizados, geralmente, na estação primavera-verão, no domingo pela manhã. O primeiro jogo iniciava às nove horas e o último encerrava às onze horas. Eram nos jogos das dez e das onze horas que o público comparecia, em grande número, para assistir aos jogos.

Nesse período, a Missa dominical realizada na Igreja Matriz já havia encerrado. Os aficionados, após a solenidade religiosa, deslocavam-se em grande quantidade ao redor da quadra para assistir aos jogos e torcer pelo seu time. Antigos moradores e pessoas que participavam dos jogos lembram que "num dos lados da quadra havia um barranco e, em parte dele, uma escadaria, que servia como arquibancada. Os lugares eram limitados e os primeiros que chegavam ocupavam todos os lugares."

Um, dentre os diversos campeonatos realizados nessa quadra, ocorrido em meados de 1972, contou com os seguintes times, respectivas escalações e resultados:

Cafonas 3 x 0 São José

O Cafona contou com: Ezídio Miotto, Nolcir Calegari (Tile), Norberto Dall'Olivo (Betinho), Nélio Calegari (Néio), Rogério Liska (Liska), Raimundo Lovatto (Nego). O São José com: Edelir Rosa (Ede), Ramiro Scheleder (Tuca), Ermani Cadore, Paulino Rech (Paulo Bacan), Aloir Pés (Tenaque), José Fernando Lima de Oliveira (Nego do Jair, em memória).

Serramalte 3 x 2 Sucatta

A Serramalte venceu com: José Luiz Lima de Oliveira (Zé ou Coruja em memória), Décio Fontana (Teixeirinha), Balduíno Miorando, Vilmar Rombaldi (Chiquinho), Paulo Rodrigues (Toco), Luiz Marchiori e Arlindo Costa (Manco, em memória). O Sucatta perdeu com: Olmiro Nascimento (em memória), José Carlos Girardello (Zé Girardello), Cláudio Gardelin, Diógenes Dalzotto (De Soto), José Carlos Rech (Nanico) e Egidio Zanatta (Jipão).

Apolo XI 2 x 1 Polar

O Apolo XI contou com: Ângelo Calegari (Vermeio), Vitalino Calegari, Roberto Antonio Rebeschini, Divino Calegari, Francisco Comiran (Chiquinho) e Cláudio Scariot. A Polar com: Clovis Vicielli, Nelson Frazão, Carlos Borella (Chumbinho, em memória), Tenaque (pai do Aloir Pés, em memória), Julio Debastiani e Zilmar Lauermann (Denner).

Brasa 4 x 2 Esquisitos

O Brasa venceu e contou com os seguintes atletas: Carlos Ferreira (Rebeca, em memória), Renilto Fontana, Helio Schmidt, Airton Lângaro, Gilberto Zanatta, Odalgir Góes (em memória). Os Esquisitos perderam e contaram com o seguinte elenco: Julio Francisco dos Reis, Genésio Marcon, Altair Pirolli

(Traíra), Gilberto Costa (Biti, em memória), Ari Costa e Alberi Borges (Chico do Mulato, em memória).

Os resultados dos outros jogos foram: Brasa 2 x Polar 1; Esquisitos 3 x Cafonas 2; Serramalte 4 x São José 0; São José 3 x Sucatta 0; Cafona 3 x Brasa 1; Esquisito 3 x Brasa 1; Serramalte 2 x Polar 1; Serramalte 5 x Esquisitos 5; Brasa 5 x Polar 1; São José 4 x Apolo 1; Brasa 5 x São José 1; Polar 4 x Serramalte 2; Sucatta 2 x Apolo 1; Esquisitos 4 x Cafona 1; Esquisitos 2 x Sucatta 1; Cafona 3 x Serramalte 1; Polar 9 x São José 1; Brasa 3 x Apolo 3.

Os vencedores do campeonato foram o Brasa e os Esquisitos, que somaram nove pontos, mas devido ao saldo de gols o Brasa foi vencedor, obtendo um saldo de treze, enquanto o do Esquisitos foi de seis gols, sendo proclamado campeão o Brasa e vice-campeão o Esquisito.

O Campeonato Citadino de Futebol de Salão, da época, foi uma promoção da União Municipal de Estudantes, com o apoio do Poder Público Municipal. O quadro de juízes que apitaram e os bandeirinhas que auxiliaram na condução dos jogos foram: Eron de Almeida, Celso Canali, Carlos Borella, Bomfilho Sebben. Os mesários foram membros da União Municipal de Estudantes de Tapejara, sob a coordenação do então Presidente Murilo Bée.

• Brasa Sport Clube e Sucata

Uma das equipes que surgiu por volta de meados de 1969 foi a do Brasa Sport Clube. De acordo com Airton Lângaro, o nome surgiu numa das primeiras peladas que o grupo realizou na quadra de chão batido na Praça Central. Conta: “Em um dos jogos, um grupo de gurias assistia ao jogo na beira da quadra. Durante o jogo, aconteceram jogadas bonitas feitas pelos atletas. Resultado final da pelada: a conversa entre as gurias era de que aquele grupo era uma brasa. E assim surgiu o nome de Brasa.” O nome também teve origem na expressão “é uma brasa, mora!”. Essa gíria era usada pela juventude nos anos 60. A expressão traduz a admiração por algo ou alguém.

Os idealizadores do quinteto salonístico foram: Airton Lângaro, Gilberto Zanatta, José Carlos Rech e Egidio Zanatta, funcionários da firma Ughini. Também foram convidados para fazer parte do plantel: Norberto Dall’Olivo, Celso Zanini, Edelir Rosa e Rogério Liska. Além disso, providenciaram o primeiro fardamento, camisa vermelha com uma lista preta nas mangas, calção preto, meias brancas e bambas (tênis) pretas nos pés. O material era comprado numa loja de material esportivo, estabelecida no centro da cidade de Passo Fundo.

Equipe Feminina de Vôlei do Brasa – Da esquerda para a direita; Vera Gardelin, Angelina Borgo, Jussara Langaro, Marizete Baseggio, Janete Brito, Alda Caselani, Glair Barcarollo, Rosangela Liska. Agachados equipe de Futebol de Salão do Brasa – 1969 – Edelir Rosa, Noberto Dall’olivo Airton Langaro, Raimundo João Lovatto, Rogério Liska, Gilberto Zanatta, Celso Zanini. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo Revista Comunicação.

A união dos atletas não durou por muito tempo. Houve descontentamento por parte de alguns, pois não tinham oportunidade de jogar o tempo todo em partidas amistosas. Entre os descontentes estavam Egidio Zanatta (Jipão), José Carlos Rech (Nanico). Esses abandonaram o plantel e criaram uma nova equipe. A equipe que surgiu foi denominada de Sucatta e contava com: José Carlos Girardello (Zé Girardello), Claudio Gardelin, Diógenes Dalzotto (De Soto), José Carlos Rech (Nanico), Egidio Zanatta (Jipão). Por sua vez, o Brasa, para compensar essas perdas, buscou Raimundo João Lovato e Nolcir Calegari para integrar o elenco.

A equipe do Brasa realizou, no período da criação, de meados de 1970, até final de 1972, uma dezena de jogos frente ao Sucata. O resultado dos jogos foram os seguintes: Brasa 5 x 4 Sucata; Brasa 3 x 1 Sucata; Brasa 4 x 3 Sucata; Brasa 4 x 1 Sucata; Brasa 10 x 0 Sucata; Brasa 8 x 3 Sucata; Brasa 3 x 3 Sucata; Brasa 0 x 0 Sucata; Sucata 3 x 0 Brasa; Brasa 5 x 3 Sucata.

Como vemos pelos resultados acima, em dez jogos, a equipe teve sete vitórias, dois empates e apenas uma derrota. Foram marcados 42 gols e sofridos vinte um, resultando num saldo positivo de vinte e um gols. Os goleadores também foram do Brasa: Nolcir Calegari, com 10 gols, Raimundo João Lovatto, com 8 gols e Gilberto Zanatta, com 6 gols.

Equipe do Sucata de futebol de salão na década de 1970. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

Mais tarde, alguns atletas saíram do time e outros novos passaram a integrar o plantel, entre os quais: Carlos Ferreira (em memória), Luiz Marchiori, Dario Goes (em memória), Renilto Fontana, Hélio Schmidt e Odair Laus (em memória).

Para disputar o Campeonato Citadino de Futebol de Salão no ano de 1972, foi comprado um novo fardamento para a equipe. O novo uniforme consistiu em: camisa listrada de vermelho e branco, calções brancos, distintivo e números nas costas, na cor vermelha, de napa, costurados por Ody Quintana Pacheco, meias brancas e bambas (tipo de calçado) nos pés.

No período de 1º de novembro de 1969 a meados do ano de 1972, o S.C. Brasa realizou jogos amistosos frente a equipes de Tapejara, Ibiaçá e do Distrito de Água Santa. Também disputou diversos jogos pelo certame citadino de Tapejara no ano de 1972.

Entre os jogos amistosos frente ao time do São José os resultados foram os seguintes: Brasa 6 x 2 São José, Brasa 15 x 8 São José, Brasa 6 x 0 São José, Brasa 13 x 6 São José. A equipe base do Brasa foi formada por: Celso, Norberto (Airton), Rogério, Gilberto, Nolcir (Raimundo). A equipe assinalou 40 gols e sofreu 16, o que resultou num saldo positivo de 24 gols. Os artilheiros foram Raimundo (19 gols) e Gilberto (15 gols).

Diante do Combinado, o Brasa conquistou os seguintes resultados: Brasa 14 x 4 Combinado, Brasa 4 x 2 Combinado, Brasa 3 x 3 Combinado. A equipe base do Brasa era formada por: Celso, Rogério, Airton (Norberto), Raimundo e Gilberto. O time do Brasa marcou 21 gols e sofreu 9 gols, o que resultou num saldo de 12 gols. Os principais goleadores foram Airton e Gilberto, ambos com 6 gols.

Frente ao time do Pantera, em duas partidas, o Brasa conseguiu os seguintes resultados: Brasa 8 x 1 Panteras, Brasa 3 x 2 Pantera. O time base, que jogou os dois amistosos, contou com: Celso, Airton, Rogério, Gilberto, Raimundo. O time marcou 10 gols e sofreu 4. Teve um saldo de 6 gols. Os artilheiros foram: Raimundo, que marcou 4 gols, e Gilberto, com 2 gols marcados.

Em dois jogos amistosos em Água Santa, diante do time 25 de Julho, o Brasa conquistou duas vitórias, com larga vantagem de pontos. A primeira partida acusou o placar de 6 x 0 e a segunda, o placar de 6 x 2. A equipe era formada por: Celso, Norberto (Airton), Gilberto e Nolcir (Raimundo). A equipe tapejarense marcou 12 gols e sofreu apenas 2 gols. Resultou num saldo positivo de 10 gols. Os goleadores foram Gilberto, que marcou 7 gols, e Nolcir, com 3 gols.

Em meados de setembro de 1971, na cidade de Ibiaçá, o Brasa, também em dois jogos amistosos frente à equipe local, venceu por elástico placar. Os resultados foram Brasa 6 x 0 e Brasa 9 x 1. A equipe base do Brasa foi formada por: Carlos Ferreira (em memória), Celso, Airton, Rogério, Raimundo e Gilberto. O time anotou 15 gols e sofreu 1 gol. Resultou um saldo de 14 gols. Os artilheiros foram: Gilberto, com 7 gols, e Raimundo, com 5 gols.

Os jogos disputados pelo Brasa, válidos pelo certame citadino de futebol de salão do ano de 1972, apresentou os seguintes resultados: Brasa 4 x 2 Esquisitos, Brasa 2 x 1 Esquisitos, Brasa 5 x 1 São José, Brasa 3 x 3 Apolo XI, Cafona 3 x 1 Brasa. O time base do Brasa era composto por: Carlos Ferreira da Silva (em memória), Hélio Schmidt, Airton Lângaro, Dário Góis (em memória), Gilberto Zanatta e Luiz Marchiori (reserva). A equipe marcou 15 gols e sofreu 10 gols, o que resultou num saldo positivo de 5 gols. Os goleadores foram Gilberto, com 7 gols, e Góis, com 4 gols. Os artilheiros desse período foram Gilberto, com 44 gols, e Raimundo, com 28 gols.

• Pátio do Grupo Policial Militar de Tapejara

O Grupo Policial Militar tinha sua sede assentada onde atualmente está localizada a Metalúrgica Madril, na Rua Dr. Celso Domingues, 418. Ao lado da construção existia um campo de futebol de salão, demarcado em terra de chão batido. O campo surgiu por iniciativa do Cabo Darci Borella, e foi usado para a realização de jogos amistosos pelos brigadianos, bem como por diversos times que jogavam na quadra, também de terra de chão batido, da Praça Central.

Osvaldo Moreira da Rosa, soldado, conta que foi transferido da cidade de Passo Fundo para o Grupo Policial Militar de Tapejara em 21 de abril de 1972. Naquele tempo, o comandante era o Sargento Júlio Pereira de Souza e o Pelotão contava com os soldados José Dervil de Mello, Osvaldo Moreira da Rosa, Eleodoro Rosalino Severo, Nelson Jardim, Genardi Davi, Albino Tomaz, João Maria Duarte, Darci Borella, Reginatto Sereno Fontenelle, Bernardino Daré. Osvaldo relata que outrora, uma vez por semana, os

brigadianos que trabalhavam no Município de Tapejara eram convocados para receberem orientações. Depois de receberem as orientações, sobrava um tempo curto para bater uma bola no campinho.

A partir da inauguração da quadra do Centro Comunitário Paroquial, os brigadianos passaram a desenvolver suas atividades esportivas nesse local. Conta Osvaldo: "Como não tínhamos atletas suficientes, tivemos que buscar atletas de outros times. Conseguimos o Marcelino de Oliveira, Ademir de Oliveira e José Frazão e, juntamente com os soldados Osvaldo, Nadir, José Dervi e Melo, formamos um time e realizamos diversos jogos amistosos na nova praça esportiva".

A quadra do destacamento da Brigada Militar era destinada às atividades esportivas dos integrantes da Brigada Militar e também da Polícia Civil, mas diversos times que existiam naquela época, desde que agendassem com antecedência, podiam utilizar o espaço.

Entre os diversos jogos amistosos e torneios que ali aconteceram cabe destacar os seguintes: um jogo amistoso, que registrou a vitória da equipe do Brasa pelo elástico escore de 14 x 3 frente ao São José. O jogo amistoso aconteceu em meados do ano de 1972. O Brasa venceu com: Celso Zanini, Airton Lângaro, (Norberto Dall'Olivo), Rogério Liska, Nolcir Calegari, Gilberto Zanatta. Anotaram os gols Gilberto (8), Nolcir (5), Rogério (1). Outro jogo amistoso realizado na quadra assinala a vitória da equipe do Fantasma pelo escore de 4 x 3 frente à equipe da Brigada Militar, que aconteceu no dia 5 de março de 1974. O Fantasma venceu com: Gilmar Berton, Nilmar Calegari, Neri Calegari, Régis Dalzotto e Simão Liska. Os gols foram anotados por Nilmar (2), Régis (1) e Neri (1).

AS QUADRAS DE BASALTO E CONCRETO

• Colégio Medianeira de Todas as Graças

Em meados do ano de 1972, nos fundos do novo prédio de alvenaria do Colégio Medianeira de Todas as Graças, em uma área de chão batido, onde o espaço era utilizado como pátio para os estudantes do estabelecimento de ensino utilizarem no intervalo do recreio. Promovida uma reforma, o piso foi revestido de peças de lajes regulares, de basalto, e foi demarcada uma quadra de voleibol e de futebol de salão.

Quadra de esportes da Escola Medianeira. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

No início, o espaço era utilizado apenas pelos alunos da escola em suas atividades de educação física e no período do recreio. Em pouco tempo, a quadra foi disponibilizada, mediante o pagamento de uma pequena taxa pecuniária, às equipes de voleibol e de futebol de salão realizarem treinamentos ou para promoverem jogos amistosos. A quadra era emprestada, desde que as atividades esportivas não coincidissem com os horários de Missas da Igreja Matriz. Naquele tempo, as Missas eram realizadas no sábado, às 18 horas, e no domingo, às 9 e às 19 horas.

Na quadra do antigo Colégio Medianeira, eram realizados diversos jogos de voleibol masculino e feminino, promovidos por times e grupos mistos de estudantes e desportistas locais. Também aconteceram inúmeros jogos amistosos de futebol de salão, realizados por times da cidade.

Foi na quadra do Colégio Medianeira de Todas as Graças, no dia 18 de novembro de 1973, que o recém-fundado quinteto salonístico do Esporte Clube Fantasma estreou seu novo terno de camisetas. Para marcar o acontecimento, a equipe do Fantasma enfrentou nada mais nada menos que a temida equipe do Cafona. O temido adversário conseguiu vencer o jogo por 9 x 7. O Cafona venceu com: José Luiz (Coruja, em memória), Norberto Dall'Olivo, Rogério Liska, Nolcir Calegari (Tile), Raimundo João Lovato e Nélio Calegari (Neio). O Esporte Clube Fantasma perdeu com: Gilmar Berton, Nilmar Calegari, Néri Calegari, Régis Dalzotto, e Simão Liska. Asinalaram os gols: Régis (1), Nilmar (2), Neri (2) e Simão (2). Rogério Liska conta que "a grande atração para jogar nessa quadra eram, na verdade, as gurias (internas do Colégio), que todos nós jogadores queríamos ver e para elas nos exibir. Foram poucas as vezes que as freiras consentiram que jogássemos no local."

• Ginásio Estadual de Tapejara

Em março de 1972, com a transferência do ginásio, agora reconhecido como estadual, para uma nova edificação de alvenaria, localizado nos altos da Rua Júlio de Castilhos, onde hoje funciona a Escola Estadual Severino Dalzotto, ocorreu a construção de uma nova quadra esportiva.

Na nova quadra, agora construída em concreto, foram fixadas goleiras de ferro, tabela e aros para a prática de basquete e postes de ferro e rede para a prática do voleibol. Além disso, foram instaladas quatro torres com refletores para a realização de atividades esportivas durante a noite.

Em que pese a nova praça esportiva oferecer melhores condições para os atletas e a torcida, as atividades esportivas praticadas no local foram, em sua maioria, por parte dos alunos do Ginásio Estadual nas sessões de educação física e promoções esportivas, organizadas pela União Municipal de Estudantes (UMET) para estudantes locais e regionais.

Também aconteceram torneios municipais de futebol de salão, cabendo destacar dois realizados no ano de 1974, o primeiro em 13 de junho, contando com vinte equipes, e o segundo, contando com dez equipes, realizado em 22 de setembro. Além disso, a nova praça esportiva proporcionou a difusão de duas modalidades esportivas desconhecidas no meio estudantil até então, o basquete e o handebol.

Um dos motivos do pouco interesse por parte de atletas de desenvolverem atividades esportivas, pouca motivação e mobilização da torcida em demandar jogos estavam ligados à localização da praça esportiva. Além disso, para a prática esportiva à noite era preciso solicitar, formalmente, junto à então direção do Ginásio a autorização para desfrutar da iluminação, e por causa das aulas do turno noturno.

• Fantasma Futebol Clube

O Fantasma F.C. foi um dos poucos times que jogou amistosos na quadra de cimento do então Ginásio Estadual. Os jogos eram realizados nos sábados e domingos, nos turnos da manhã e da tarde.

Os antecedentes do Esporte Clube Fantasma remontam parcela do time da gurizada da Rua 11 de Julho. Entre eles: Nilmar Calegari, Neri Calegari, Gilmar Berton e Régis Dalzotto. Gradativamente, integraram o elenco: Simão Liska, Sergio Gasperin, Paulo Gardelin e o orientador, Itamar Antonio Spanhol.

No período de 18 de novembro de 1973 a 23 de junho de 1974, o Fantasma realizou seis jogos amistosos, dois com times da cidade de Tapejara: os Cafonas e Brigada Militar; dois com os times dos então distritos de Água Santa (o Água Santa) e outro de Santa Cecília (o Santa Cecília) e duas equipes do vizinho Município de Ibiaçá: O Ginásio Estadual e o Grêmio.

Ademais, o Fantasma participou de três torneios municipais de futebol de salão, na cidade de Tapejara, no período de 3 de junho a 16 de novembro de 1974. No primeiro torneio municipal, teve como adversários a Brigada Militar, a Cimisa e Os Cafonas; já no segundo torneio, jogou contra as equipes dos Diabinhos e do Ughini S/A; por outra banda, no terceiro certame, os jogos foram frente ao Ipiranga e a Os Diabinhos.

Os seis jogos amistosos e os respectivos resultados obtidos pelo Fantasma foram os seguintes: o primeiro jogo resultou na derrota do Fantasma pelo escore de 9 x 7 para a equipe dos Cafonas. Foi o jogo de estreia do novo fardamento da equipe alvi-negra e aconteceu na quadra de piso, de laje de basalto regular, da Escola Medianeira de Todas as Graças, em Tapejara, na ensolarada manhã do dia 18 de agosto do ano de 1973. O Fantasma jogou e perdeu com: Gilmar Berton, Nilmar Calegari, Neri Calegari, Regis Dalzotto e Simão Liska. Os gols foram marcados por Nilmar (2), Neri (2), Simão (2) e Regis (1).

O segundo jogo acusou a vitória apertada da equipe alvi-negra pelo placar de 4 x 3 frente ao time da Brigada Militar. O amistoso foi realizado na quadra de terra, de piso de chão batido, localizada nas proximidades do prédio de madeira da corporação da Brigada Militar, assentado nas proximidades da atual Metalúrgica Madril, no dia 5 de março de 1974. A equipe alvi-negra venceu com: Gilmar, Neri, Simão, Nilmar e Regis. Assinalaram os gols: Nilmar (2), Regis (1) e Neri (1).

No terceiro amistoso o resultado foi o empate de 6 x 6, diante do Água Santa, de Água Santa. Aconteceu na quadra de piso, de cimento de concreto, do então Ginásio Estadual de Tapejara, no dia 6 de maio de 1974. O Fantasma empatou com: Gilmar, Nilmar, Paulo, Neri e Regis. Os gols foram assinalados por: Neri (3), Regis (2) e Paulo Gardelin (1).

O quarto jogo amistoso teve a vitória do quinteto de Tapejara fora de casa, em Ibiaçá, na quadra esportiva de terra, de chão batido, do Clube Esportivo Ibiaçaense pelo apertado placar de 4 x 3, realizado em 29 de maio de 1974. A equipe alvi-negra tapejarense venceu com: Gilmar, Nilmar, Neri, Regis e Sérgio Gasperin. Marcaram os gols Neri (2) e Regis (2).

O quinto jogo amistoso teve como resultado a elástica goleada de 5 x 1 do Fantasma em cima do combinado do Ginásio Estadual, de Ibiaçá. A contenda aconteceu na quadra de terra, de chão batido, no Clube Esportivo Ibiaçaense, no dia 5 de junho de 1974. A equipe representando Tapejara venceu com: Gilmar, Nilmar, Paulo Gardelin, Neri e Regis. Os gols foram marcados por Neri (2), Nilmar (2) e Regis (1).

O sexto amistoso foi frente ao time de Santa Cecília e resultou na vitória do Fantasma pelo clássico placar de 3 x 1. O jogo foi realizado no dia 23 de junho de 1974. A equipe do Fantasma formou-se com: Sergio Gasperin (Gilmar), Nilmar, Paulo Gardelin, Neri, Regis (Sergio Gasperin). Os gols foram assinalados por Neri (1), Paulo (1) e Sergio (1).

O desempenho do Fantasma em seis jogos amistosos foi: quatro vitórias, um empate e uma derrota. O time marcou 28 gols e sofreu 23 gols. Conseguiu um saldo de 5 gols. Os três torneios municipais em que o Fantasma participou aconteceram na cidade de Tapejara, no período de 13 de junho da 1974 a 16

de novembro de 1974.

O primeiro torneio, do então futebol de salão, foi realizado na quadra de piso, de cimento e concreto, no Ginásio Estadual de Tapejara, no dia 13 de junho de 1974. Naquele tempo, a equipe alvi-negra jogou três partidas e conseguiu os seguintes resultados: na primeira partida, venceu o time da Brigada Militar pelo placar de 1 x 0. O gol foi assinalado por Sérgio Gasperin. O Fantasma formou-se com: Gilmar, Nilmar, Neri, Regis e Sérgio. No segundo jogo, o Fantasma venceu o quinteto da Cimisa pelo clássico placar de 3x1, gols assinalados por Regis (2) e Nilmar (1). A equipe venceu com: Gilmar, Nilmar, Neri, Regis e Sergio. Na terceira partida, o Fantasma foi derrotado pelo time Os Cafonas, pelo escore de 2 x 1. Regis fez o gol de honra. O time perdeu com: Gilmar, Nilmar, Neri, Regis e Sérgio. Participaram do certame vinte equipes. Na classificação final, o Fantasma obteve o 5º lugar.

O segundo torneio municipal aconteceu também na quadra do Ginásio Estadual no dia 22 de setembro de 1974. Naquela oportunidade, o Fantasma jogou duas partidas, a primeira com vitória de goleada do Fantasma de 4 x 0 sobre o time dos Diabinhos. Os gols foram marcados por Neri (3) e Sergio (1). A equipe formou-se com: Gilmar, Nilmar, Neri, Paulo e Sérgio. Na segunda partida, a equipe alvi-negra amargou derrota para a equipe do Ughini pelo escore de 1 x 0. A equipe perdeu com: Gilmar, Nilmar, Neri, Paulo e Sérgio. Participaram do torneio dez equipes. Na classificação final, o Fantasma ficou em 3º lugar.

Equipe do Fantasma na década de 1970. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

O terceiro torneio municipal de Tapejara foi realizado na quadra coberta de piso, revestido de parquê, nas dependências do Centro Comunitário Paroquial, na data de 16 de novembro de 1974. Nesse torneio o Fantasma jogou duas partidas e em ambas foi derrotado. Na primeira partida, o Fantasma perdeu para o Ipiranga pelo escore de 6 x 5. Os gols foram anotados por Nilmar (2), Paulo (2) e Regis (1). A equipe perdeu com: Gilmar, Nilmar, Neri, Paulo e Sérgio. Na segunda partida, a equipe alvi-negra amargou mais uma derrota, dessa feita, frente ao time dos Diabinhos, pelo placar de 7 x 6. Os gols foram assinalados por Paulo (2), Regis (2) e Sergio (2). O Fantasma jogou com: Gilmar, Nilmar, Paulo, Sérgio e Regis.

O desempenho do Fantasma em sete jogos foi: três vitórias e quatro derrotas. Foram dezenove gols a favor e dezessetes gols sofridos. O saldo foi positivo de dois gols. Os artilheiros foram: Regis (6), Paulo (4), Sergio (4), Neri (3) e Nilmar (2).

O desempenho da equipe do Fantasma, em trezes jogos, compreendidos entre o período dos anos de 1973 e 1974 foi: sete vitórias, um empate e quatro derrotas. Foram marcados quarenta e sete gols e sofridos quarenta, com saldo positivo de sete gols. Os artilheiros do Fantasma nesse período foram: Neri Calegari, com 14 gols; Regis Dalzotto, com 13 gols; Nilmar Calegari, com 7 gols; Paulo Gardelin, com 6 gols; Sergio Gasperin, com 5 gols; e Simão Liska, com 2 gols.

FUTEBOL DE SALÃO NO CENTRO COMUNITÁRIO PAROQUIAL

- **Quadra do Centro Comunitário Paroquial**

Em meados de 1973, a Paróquia Nossa Senhora da Saúde estava na reta final das obras de construção do Centro Comunitário Paroquial. Nas novas dependências, o local foi dotado de palco e de um salão de festas, construído com medidas adequadas para demarcação de uma quadra de futebol de salão. Foi decidido que o local, além de ser utilizado para festas, jantares, bailes, congressos, palestras e apresentação de teatro, também serviria à prática de diferentes modalidades esportivas, em especial o futebol de salão.

Finalmente, Tapejara era contemplada com uma quadra esportiva para o futebol de salão, e, a partir disso, começava a ser praticado no seu verdadeiro hábitat, ou seja, num local com piso de parquê, iluminado e com rede de proteção entre os atletas e a torcida.

Com a conclusão do Centro Comunitário Paroquial, dotado de uma quadra esportiva, os torneios e campeonatos de voleibol e futebol de salão de Tapejara passaram a serem realizados nesse local, pois oferecia as condições necessárias e adequadas para tais práticas esportivas. A quadra foi inaugurada em 17 de outubro de 1974, com a realização de um torneio de futebol de salão.

• Jogos amistosos, torneios e campeonatos

Na inauguração, em 17 de outubro de 1974, houve um torneio de futebol de salão. Nele participaram os quintetos de Tapejara: Cafonas, Ajax, Esquisito e Fantasma. Por Lagoa Vermelha participou o time Bombasaro. Sananduva participou com Aliança Guarani Sananduvense e, representando Sertão, participou o Elite. Ao final, o time Bombassaro, de Lagoa Vermelha, sagrou-se campeão. No vice-campeonato figurou o Cafona, de Tapejara.

Equipe do Ajax na década de 1970. De pé: Acir Luiz Ghidini, Itacir José Spanhol, Airton Lângaro; agachados: Edson Rech, Ildo Gasparin, José Sandini Filho. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

Atuando pela primeira vez na nova praça esportiva, o atleta Itacir José Spanhol recorda: "Na ocasião vestia a camiseta do Ajax. O Ajax contava no seu elenco com os seguintes atletas no torneio: Acir Luiz Ghidini, Airton Lângaro, Edson Rech (Charuto), Ildo Gasperin, José Sandini Filho (Zé Sandini) e Itacir José Spanhol."

Por outro lado, Paulo Gardelin lembra: "Eu vestia a camiseta do Fantasma. Perdemos a primeira parti-

da para os Esquisitos e fomos desclassificados já no primeiro dia do torneio. A equipe do Fantasma contava no torneio com os seguintes atletas, recorda: Gilmar Berton, Simão Liska, Nilmar Calegari, Sérgio Gasperin, Régis Dalzotto, Néri Calegari, Paulo Gardelin, e o orientador era o Itamar Antonio Spanhol". Um grande público compareceu e circulou nas dependências do Centro Comunitário Paroquial durante os dois dias do evento.

Foi o início de uma nova era na prática do salonismo tapejarense, contemplado, a partir de agora, com um local adequado e compatível com as exigências de práticas esportivas que demandam determinadas condições peculiares, que até então não existiam nas praças esportivas.

Equipe do Vasco na década de 1970. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

Uma das equipes cuja camiseta Lorimar Dametto vestiu foi a do time do Vasquinho. Ele conta: "O time tinha o fardamento inspirado no Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Surgiu poucos dias antes da inauguração da quadra de futebol de salão do Centro Comunitário Paroquial, em 17 de outubro de 1974. O Vasquinho foi o primeiro time de futebol de salão de Tapejara a usar o número duplo nas costas, os números 22, 44, 55, 66, 77, 88. Um dos primeiros times a pisar na nova quadra foi o Vasquinho, que, conforme o sorteio, teve que enfrentar outro time que não lembro. O primeiro gol foi marcado pelo Luiz Alberto dos Reis. O time do Vasquinho contou com: José Carlos de Rossi, Gabriel Lovatto, Helio Casamali, Luiz Alberto dos Reis e Lorimar Dametto e tínhamos no banco de reservas o Leonir Girotto e o Ubirajara Figueiredo. A primeira partida conseguimos empatar em 1x1, a segunda perdemos, e assim acabamos sendo desclassificados do torneio."

Roberto Ghidini, em meados do ano de 1978, participou de um curso de árbitro promovido pela Federação Gaúcha, com a finalidade de atuar no futebol de salão. A partir de então passou a apitar jogos dos Campeonatos Citadinos, de Verão e Entre Firmas, que eram realizados no Centro Comunitário Paroquial e no Ginásio Esportivo Lourenço José Dall'Olivo.

Ele conta de um incidente ocorrido durante uma arbitragem. "Era uma partida final entre o time do Palmeiras contra o da Imobiliária Prolar, no Centro Comunitário. A certa altura do jogo, muito disputado, aconteceu uma rixa e um bate-boca entre os atletas dentro da quadra. Fiquei assistindo à peleia ladeado pelos soldados Nadir e Daré e apenas cuidando os movimentos do atleta Cosme, do Palmeiras,

que durante o jogo disse que no final da partida iria bater o cambuim em mim. Não demorou muito e o Cosme, aproveitando o entrevero, avançou na minha direção e desferiu um pontapé, que acabou errando o alvo. Notei que ele vinha em minha direção e no momento em que levantou a perna para me atingir, dei um passo para trás. Ele acabou por atingir o soldado Daré, que, imediatamente, puxou do cacetete e passou a desferir golpes no lombo do Cosme. Após o incidente, diminuiu a lambança entre os atletas na quadra, pois expulsei dois atletas de cada lado e dei por finalizado o jogo; com isso houve nova partida na semana seguinte".

Equipe do Palmeiras na década de 1980. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação.

• Campeonato de Verão

Um dos primeiros campeonatos foi realizado no período de 8 a 25 de janeiro de 1979. A promoção do Campeonato de Futebol de Salão de 1979 foi da Paróquia Nossa Senhora da Saúde e teve a participação de um conjunto de equipes representando empresas prestadoras de serviço, indústria e comércio da cidade de Tapejara.

A Comissão Organizadora do Campeonato estava a cargo da seguinte equipe:

Supervisão – Padre Valter Valentim Baggio (em memória); Relações Públicas – Lorenci Artusi e Lorena Carpes; Regulamento – Gilberto Zanatta; Assessor – Sérgio Gasparin; Responsável pela Arbitragem – Miguel Lovatto (em memória); Árbitros – Sergio Valentini, Helio Casamali, Ody Quintana Pacheco, Miguel Lovatto, Celso Zanini e Plinio Staforti; Cronometristas – Clovis Luiz Borella e Ildo Aldino Lamb; Mesários – Hélio Corso Marsiglio, Rudimar Costa; Coordenador-Geral – Itamar Antonio Spanhol.

O resultado do Campeonato de Futebol de Salão foi o seguinte: Chave A – dia 08/01/1979: Cauduro 6 x 0 Dalzotto; Scariot 0 x 3 Auto Escola; Farmácia Tapejarense 0 x 10 Clauri Modas. Dia 10/01/1970: Scariot 2 x 3 Farmácia Tapejarense; Clauri Modas 4 x 0 Dalzotto; Abastecedora Cauduro 8 x 0 Auto Escola. Dia 15: Auto Escola 3 x 5 Clauri Modas; Abastecedora Cauduro 5 x 1 Scariot; Dalzotto 3 x 3 Farmácia

Tapejarense. Dia 17/01/1979: Dalzotto 2 x 1 Auto Escola; Scariot 1 x 8 Clauri Modas; Abastecedora Cauduro 3 x 2 Farmácia Tapejarense. Dia 22/01/1979: Abastecedora Cauduro 6 x 0 Clauri Modas; Auto Escola 6 x 3 Farmácia Tapejarense; Dalzotto 1 x 5 Scariot.

Chave B – dia 09/01/1979: Assec 5 x 0 Moinho São Paulo; Ughini 1 x 3 Massey; Escritório Julio Debastiani 3 x 1 Mecânica Tapejarense; dia 11/01/1979: Ughini 3 x 3 Escritório Júlio Debastiani; Mecânica Tapejarense 0 x 3 Moinho São Paulo; Assec 3 x 0 Massey. Dia 16/01/1979: Massey 3 x 3 Mecânica Tapejarense; Assec 4 x 2 Ughini; Moinho São Paulo 4 x 3 Escritório Julio Debastiani. Dia 18/01/1979: Moinho São Paulo 0 x 3 Massey; Ughini 5 x 3 Mecânica Tapejarense; Assec 5 x 2 Escritório Julio Debastiani. Dia 23/01/1979: Assec 8 x 3 Mecânica Tapejarense; Massey 5 x 0 Escritório Julio Debastiani; Moinho São Paulo 2 x 12 Ughini. Dia 24/01/1979 (semifinal): Abastecedora Cauduro 2 x 1 Massey; Assec 5 x 3 Clauri Modas. Dia 25/01/1979 (final): Massey 5 x 2 Clauri Modas; Abastecedora Cauduro 3 x 2 Assec. O resultado final foi o seguinte – 1º Lugar: Abastecedora Cauduro, 2º lugar: Assec, 3º lugar: Massey, 4º lugar: Clauri Modas.

Wilson João Bertoglio conta: "No Campeonato de Verão de 1979 vesti a jaqueta da Abastecedora de Combustível Cauduro, revendedores autorizados dos produtos e derivados Ipiranga, o time denominado Ipiranga; o fardamento era constituído por: camisa amarela, calção preto e meia branca. Na oportunidade, conquistamos o título de campeão." Os atletas que contribuíram à conquista do título, segundo lembra Wilson, foram: "Heleno Cauduro (em memória), Diógenes Dalzotto (De Sotto), Rogério Liska, Cláudio Lovatto (Melão), Raimundo Lovatto, Roberto Stein, (Betinho), Joel de Lima Portes".

Equipe de Futebol de Salão do Posto Ipiranga na década de 80: De pé da esquerda para direita –José Carlos Cauduro, Raimundo João Lovatto, Diogenes Dalzotto, Heleno Cauduro, Claudio Lovatto (Melão); na frente – Juliana Cauduro, Wilson João Bertoglio, Márcio Bertoglio, Roberto Stein, Rogério Liska, Joel de Lima Portes. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo Revista Comunicação.

Na oportunidade, os times com melhor posição receberam troféus e os goleiros menos vazados e os goleadores eram agraciados com medalhas. Rogério Liska destaca que um dos maiores jogadores de futebol de salão de Tapejara, revelado num dos primeiros campeonatos, em meados da década de 1970, na quadra do Centro Comunitário Paroquial, foi Paulo Gardelin. Naquele tempo, "o menino movimentava-se de forma intensa e possuía alta eficiência, tanto na defesa como no ataque. Ele já representava uma nova forma de jogar o atual futsal: não guardava posição, corria a quadra toda, tanto na defensiva como na ofensiva, jogava para o time."

TIMES NO CERTAME ESTADUAL DE FUTEBOL DE SALÃO

• Cocital

Foi na Praça Esportiva do Salão Paroquial que o salonismo tapejarense começou a despontar e aparecer no cenário gaúcho, ao participar, em meados da década de 80, do Campeonato Estadual de Futebol de Salão com a equipe da Cocital (Comércio, Cereais Tapejara Ltda., empresa de propriedade de Bomfilho Sebben).

Em que pese desenvolver atividade comercial e política, Bomfilho era um aficionado, entusiasta e incentivador das atividades esportivas na cidade e no interior. Na gerência da Cocital, num período em que estava de recesso temporário na atividade política, pois não estava exercendo mandato eletivo, imprimiu um ritmo

célere à empresa, o que resultou em franco desenvolvimento e expansão. Foi nessa época que teve a iniciativa e o empreendedorismo de constituir uma equipe de futebol de salão que pudesse representar o Município de Tapejara e divulgar a empresa no cenário gaúcho.

Para levar a efeito o empreendimento, contava na época com diversos atletas que haviam sido revelados, uns nos campinhos e outros nas quadras abertas e nos ginásios, além de contar com o comando do técnico Norberto Dall'Olivo e Airton Lângaro, experientes atletas oriundos do futebol de campo e salão.

Em meados da década de 80, a agremiação, juntamente com a nominata de atletas e comissão técnica, foram inscritas na Federação Gaúcha; estava então habilitada para disputar certames gaúchos de salonismo. A agremiação passara a ingressar pela primeira vez, e o Município de Tapejara pôde ser representado, no cenário esportivo salonístico do Rio Grande do Sul, pela equipe do Cocital.

O elenco do Cocital contou em seu plantel com: Valmor Rombaldi (Ninho), Itamar José Broch (Broch), Heleno Cauduro (em memória), Paulo Gardelin (Paulinho), Gabriel Lovatto, Raimundo Lovatto, Cláudio Lovatto (Melão), Jamir Antônio Pinto Ribeiro (Tatu, em memória), Célio Miotto, Joel Portes, Flávio Zanini, Irineu Sandini e Itacir José Spanhol. No comando técnico figurava Airton Lângaro e Norberto Dall'Olivo. O Presidente da agremiação era Jaimir Antônio Pinto Ribeiro, que também atuava como capitão da equipe. A coordenação geral estava a cargo de Bomfilho Sebben.

• Desempenho da Cocital na primeira fase

A equipe do Cocital estreou no certame estadual de Futebol de Salão em 1980, na chave composta pelas seguintes equipes: Inca, de Marcelino Ramos; Assemtri, de Estação/Getúlio Vargas; Cometa, de Nonoai; Cespi, de Sertão; 5 de Novembro, de Sertão; e Aliança Guarani Sananduvense (AGS), de Sananduva.

A Cocital, em que pese a ausência quase que completa de treinamentos e a inexperiência em certames dessa natureza, conseguiu, em seus primeiros jogos, excelentes resultados. Os resultados obtidos na época foram: em Tapejara, Cocital 4 x 1 Inca de Marcelino Ramos; em Estação/Getúlio Vargas: Cocital 3 x 1 Assemtri de Estação/Getúlio Vargas; em Tapejara: Cocital 4 x 0 Cometa de Nonoai; em Sertão Cocital 5 x 2 Cespi de Sertão; em Sananduva: Cocital 2 x 1 AGS de Sananduva; em Tapejara: Cocital 5 x 2 no 5 de Novembro de Sertão; em Marcelino Ramos: Cocital 2 x 1 Inca de Marcelino Ramos; em Tapejara: Cocital 6 x 0 Assemtri de Estação Getúlio Vargas; em Nonoai: Cocital 2 x 2 Cometa de Nonoai; em Tapejara: Cocital 7 x 1 Cespi de Sertão; em Tapejara: Cocital 8 x 1 AGS de Sananduva; em Sertão: Cocital 1 x 0 no 5 de Novembro.

Com os resultados, a Cocital classificou-se campeã invicta do grupo, única equipe no então Campeonato Estadual a conseguir esse resultado. A fase seguinte do campeonato foi disputada entre: Cocital, de Tapejara; AGS, de Sananduva; Cometa, de Nonoai; Equipesca, de Chapada; Ipiranga, de Frederico Westphalen; e Emplatec, de Palmeira das Missões. A tabela mostra a campanha da Cocital na primeira fase.

Jogos	*Vitórias*	*Empates*	*Derrotas*	*GF*	*GC*	*Saldo*
12	*11*	*1*	*0*	*49*	*11*	*38*

Fonte: O Tapejarense, ano I, nº 1, p. 7. Tapejara, 10 de julho 1980.

• Tapejara tem finalista no Estadual de Salonismo

Em 5 de setembro de 1980, no Centro Comunitário Paroquial de Tapejara, o Cocital classificou-se para a fase final do Campeonato Estadual de Futebol de Salão ao empatar com o Emplatec, de Palmeira das Missões, pelo placar de 2 x 2. O Cocital saiu na frente com gol de Raimundo. Após, Sêpo, atleta do Palmeiras, empatou a partida. Na segunda etapa, a Emplatec virou o escore, fazendo 2 x 1, com gol contra de Paulinho. Depois, Joel, a cinco minutos do final da partida, igualou o placar (2x2). A equipe do Cocital empatou o jogo e se classificou com a seguinte formação: Heleno (em memória), Paulinho (Joel), Gabriel, Raimundo e Jaimir (em memória). A Emplatec, também classificada, atuou com: Roque, Dindo, Toto, Sêpo e Xexéu.

• Vitória do Cocital no Gigantinho em Porto Alegre

Cocital e Agrotape Tapera, ambas finalistas do Campeonato Gaúcho de Salonismo, realizaram uma apresentação amistosa na Capital do Estado, mais precisamente no Estádio Gigantinho, do Sport Clube Internacional, no dia 2 de setembro de 1980. Esse jogo foi em preliminar do Grenal, válido pelo Campeonato Citadino, e acabou empatado em 2 x 2. O primeiro gol da equipe taperense foi marcado por Gabriel, num lance de infelicidade total, ao tentar cortar uma bola para escanteio. Logo empataria por intermédio de Raimundo e faria em seguida mais um gol, virando o escore para 2 x 1 para o Cocital. O terceiro gol que consolidaria a vitória foi anotado pelo goleador Jaimir, ficando o resultado final em 3 x 1 para o Cocital. O Cocital venceu e contou com: Valmor, Heleno (em memória), Paulo Gardelin, Gabriel, Joel, Raimundo e Jaimir. O Agrotap perdeu com: Dega, Ito, Mariani, Beto e Elói. Na direção técnica do Cocital estiveram Bomfilho Sebben e Itacir José Spanhol.

Semifinais

Jogos	*Vitórias*	*Empates*	*Derrotas*	*GF*	*GC*	*SALDO*
2	*1*	*0*	*1*	*4*	*5*	*-1*

Finais

Jogos	*Vitórias*	*Empates*	*Derrotas*	*GF*	*GC*	*SALDO*
4	*1*	*1*	*2*	*7*	*11*	*-4*

Desempenho do Cocital em sua estreia no Campeonato Estadual

Jogos	*Vitórias*	*Empates*	*Derrotas*	*GF*	*GC*	*SALDO*
19	*14*	*2*	*3*	*60*	*27*	*33*

Pesquisa e tabela elaborada por Itamar Antonio Spanhol. Fonte: edições do jornal O Tapejarense de 1980.

A campanha da Cocital no ano de 1980 em sua fase semifinal e final é demonstrada abaixo:

Jogos	*Vitórias*	*Empates*	*Derrotas*	*GF*	*GC*	*Saldo*
11	*7*	*1*	*3*	*31*	*18*	*13*

Fonte: O Tapejarense, 1981.

• Cocital em 1981

O Cocital voltou a brilhar no Campeonato Estadual de Futebol de Salão em meados de abril de 1981. A campanha da Cocital, na primeira fase do campeonato, é estampada pela tabela que se segue.

Os artilheiros dessa fase foram os seguintes: Jaimir Antônio Pinto Ribeiro (em memória), com 19 gols; Raimundo Lovatto, com 5 gols; Paulo Gardelin e Gabriel Lovatto, ambos com 3 gols. Na fase semifinal do campeonato, o desempenho da Cocital é demonstrado pela tabela abaixo.

Semifinal:

Jogos	*Vitórias*	*Empates*	*Derrotas*	*GF*	*GC*	*Saldo*
3	*2*	*-*	*1*	*4*	*4*	*0*

Fonte: O Tapejarense, 1981.

Os artilheiros dessa fase foram os seguintes: Paulo Gardelin, Jaimir Antônio Pinto Ribeiro (em memória), Raimundo Lovatto e Gabriel Lovatto, todos com 1 gol.

• Cocital perdeu sua última partida no estadual

O Cocital encerrou sua participação no Campeonato Estadual de Futebol de Salão de 1981 com derrota para a equipe do La Salle, de Canoas, por 4 x 3. Os gols dos tapejarenses foram marcados por Joel em duas oportunidades e Paulo Gardelin (Paulinho) fez um.

Jurandir Bogoni (Caixinha) comentou: "O Cocital, com essa partida, encerrou a temporada e terá tempo de avaliar seus erros e treinar bastante para que no próximo ano volte a apresentar o bom futebol pelo qual ficou conhecido em todo o Estado; este ano não conseguiu repetir o feito por vários fatores: a falta de treinamento, o preparo físico deficiente e às vezes a sorte também não colaborou com nossa equipe. Mas, tudo leva a crer que no ano que vem o Cocital voltará a brilhar e realizar grandes partidas, retribuindo a confiança que sua imensa torcida lhe deposita e com isso elevando o nome de Tapejara no cenário esportivo do Estado." (BOGONI, 1981b).

O plantel de atletas da Cocital era, na sua maioria, constituído de talentos e guerreiros revelados nos campinhos "de frente ou fundos de quintais" e times de piazada. Na época, todos residiam em Tapejara e jogavam sem receber remuneração alguma. A equipe titular contava com: Valmor Rombaldi, Paulo Gardelin, Gabriel Lovatto, Raimundo Lovatto, Jaimir Antônio Pinto Ribeiro (em memória). Os reservas eram: Heleno Cauduro (em memória), Itamar José Broch, Joel Portes, Flávio Zanini, Célio Miotto, João Carlos Três (Cau), Itacir José Spanhol. Os técnicos eram Airton Lângaro e Norberto Dall'Olivo.

A campanha da Cocital na fase classificatória foi a seguinte: 2 jogos, um empate, uma derrota. Os artilheiros desta fase foram: Paulo Gardelin, com 2 gols; Joel Portes, também com 2; e Gabriel Lovatto, com 1 gol. Os artilheiros da Cocital no campeonato de 1981 foram: Jaimir Antônio Pinto Ribeiro (em memória), com 20 gols; Raimundo Lovatto, Paulo Gardelin e Gabriel Lovatto, com 6 gols cada.

O desempenho do Cocital, em 1981, segundo ano de participação no Campeonato Gaúcho de Salonismo, apresentou o seguinte resultado: 16 jogos, sendo 9 vitórias, 5 empates e 2 derrotas. O time fez 40 gols e levou 28.

• Cocital praticamente eliminado do Estadual de Salonismo

Depois da fase semifinal, o Cocital estava praticamente fora da próxima fase do Campeonato Estadual de Salonismo de 1981. Dos cinco jogos que disputou, perdeu quatro e ganhou um, o jogo em casa contra a equipe do Getúlio Vargas, de Canoas. O Cocital começou a fase perdendo em Canoas por 4 x 2, para a equipe do La Salle.

O Cocital voltou a jogar no Centro Comunitário de Tapejara, desta vez contra o Bolão Gaúcho, equipe de Canoas, e mais uma vez foi derrotado. O escore da partida foi de 4 x 1. Jogando novamente no Centro Comunitário de Tapejara, conseguiu vencer a primeira partida da fase por 3 x 2.

Logo depois, viajou até Canoas, onde jogou duas partidas consecutivas. Contra o Getúlio Vargas, no

dia 11 de setembro, quando perdeu por 4 x 2, e no dia 12 de setembro, ocasião em que amargou mais uma derrota, jogando contra o Bolão Gaúcho de Canoas, pelo escore de 6 x 1. As duas derrotas praticamente deixaram o time fora do páreo para a disputa por uma vaga para a fase seguinte.

COCITAL F.S – Década de 80 – Da esquerda para a direita de pé: Norberto Dall'Olivo, Vilmar, Itamar José Broch, Itacir José Spanhol, Gabriel Lovatto; agachados: Célio Miotto, Paulo Gardelin, Jaimir Antônio Pinto Ribeiro, Raimundo João Lovatto. Foto: Gilberto Zanatta-Arquivo Revista Comunicação.

AUTAPE NO CERTAME GAÚCHO DE FUTEBOL DE SALÃO

• Campeonato de 1990

A Associação dos Universitários de Tapejara (AUTAPE) participou em meados de 1990 e na metade do ano de 1991 do Campeonato Gaúcho de Futebol de Salão. Depois de oito anos afastada desse certame, Tapejara voltou a jogar com algumas das melhores equipes de Futebol de Salão do Estado. Prova disso foi a disputa com a equipe do Galera, de Nova Prata, que a Autape enfrentou por quatro vezes, sendo duas na cidade de Tapejara.

Conforme o cronista esportivo Marcos F. Zanini, "sua campanha não deixou dúvidas quanto ao merecimento do título, pois foram trinta e três partidas, sendo que o Galera venceu trinta e empatou três. Graças a essa campanha, a equipe de Nova Prata subiu à Divisão Especial do ano seguinte (1991), justamente com uma equipe de Uruguaiana que ficou vice-campeã. Quanto à AUTAPE, se os resultados não foram bons, valeu como experiência. Após ficar alguns anos afastada desse campeonato, Tapejara estava bastante desatualizada em relação ao moderno futebol de salão. Muito foi aprendido, pois a maioria dos jogadores das equipes adversárias eram profissionais pagos apenas para jogar" (ZANINI, 1991).

• Desempenho no campeonato de 1991

A AUTAPE disputou o Campeonato Estadual de Futebol de Salão representando a cidade de Tapejara no ano de 1991. O grupo do qual fez parte era composto pelo: Serca (Casca), Sul/Insumos Taguá (Getúlio Vargas), Aliança (Gaurama) e o Roma (Vacaria).

No dia 1º de junho de 1991, aconteceu a estreia da Autape jogando no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo, quando foi derrotada pelo Roma, de Vacaria, por 2 x 1. O cronista esportivo Airton Lângaro comentou: "Uma derrota criminosa; o único gol tapejarense foi de Marcos, na 2ª fase. A Autape criou inúmeras situações de gol, deu bolas no poste, jogou grande partida, mas entregou duas vezes a bola para o adversário no meio da quadra e sofreu dois gols, através de Carlos e Mauro, que, a rigor, se constituíram nas duas únicas oportunidades da equipe vacariense" (LÂNGARO, 1991). Por isso o resultado foi considerado criminoso à Autape, que iniciou o certame estadual com: Heleno (em memória), Gabriel, Gilberto (Célio), Joel (Marcos) e Laércio. Gilberto, reforço passo-fundense, ainda desperdiçou uma penalidade máxima.

No jogo seguinte, a Autape perderia em Getúlio Vargas por 2 x 1. No dia 15 de junho de 1991, sofreria uma goleada de 6 x 1 em Casca. Airton Lângaro comentou que "veio o jogo com o Aliança, em Tapejara, e a Autape fez a sua apresentação nesse campeonato, vencendo por 4 x 3. Marcos fez 2 gols, Gabriel e Joel marcaram outros 2" (LÂNGARO, 1991). Nesse jogo a Autape teve: Heleno (em memória), Marcos, Gabriel, Célio, Joel (Laércio) e depois Wagner.

No 2º turno a Autape reabilitou-se, devolvendo ao Roma, em Vacaria, o placar de 2 x 1. No dia 13 de julho, jogou em Tapejara o Sul/Insumos Taguá de Getúlio Vargas. O cronista esportivo Airton Lângaro conta que "surpreendentemente, o time aplicou 4 x 1 na Autape, que esteve irreconhecível, chegando a perder por 3x0". Depois, a Autape perderia em casa para o Serca, no dia 20 de julho, por 3x1, e voltou a perder em Gaurama, no dia 27 de julho, por 8 x 3, mas já classificada.

O desempenho da Autape no certame estadual no ano de 1991 foi o seguinte: 8 jogos, 2 vitórias, 6 derrotas, fizeram 14 gols e levaram 29.

CHEGADA DO FUTSAL E DO PROFISSIONALISMO EM TAPEJARA

• Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo

Inauguraçao do Ginásio. Da esquerda para a direita: Jucelia Dall'Olivo, Norberto Dall'Olivo, Odacir Klein e Emília Miloca Kaibers Dall'Olivo. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara

No final da década de 80, o Poder Público, na gestão do Prefeito Norberto Dall'Olivo, colocou à disposição da comunidade local o primeiro Ginásio Municipal de Esportes, denominado Lourenço José Dall'Olivo.

Uma nova Praça Esportiva, com estrutura adequada à prática de diversas modalidades esportivas, entre os quais o salonismo, agora denominado de Futsal, em ambiente coberto e fechado. Além disso, oferecia condições de conforto e segurança para o público, atletas e arbitragem.

• A chegada do profissionalismo no salão

A chegada do profissionalismo na prática esportiva do futebol de salão, hoje futsal, chegou por volta de meados de 1995, através da Sociedade Esportiva Recreativa Pietrobon. A entidade tinha o objetivo principal de promover o esporte em suas várias modalidades, em especial, o futebol de salão.

PARTICIPAÇÃO DO REPRESENTANTE LOCAL NO CERTAME ESTADUAL DE FUTSAL

• Pietrobon/Tapejara – Série Bronze 1995

A Pietrobon/Tapejara estreou no Campeonato Estadual de Futsal Série Bronze com empate em 2 x 2 frente ao Ilópolis, em 1º de abril de 1995. O representante de Tapejara contou com: Big, Bepi, Flávinho, Henri (Douglas) e Anderson (Gringo). Os goleadores foram Anderson e Gringo. A equipe local jogou com: Rovani, Júlio (Delvino), Jair, Félix, Carlos. Marcaram os gols: Carlos e Julio.

A segunda partida da Pietrobon/Tapejara aconteceu em casa, no dia 24 de abril, no Ginásio Esportivo Lourenço José Dall'Olivo, frente ao time de Nova Araçá. A equipe local venceu pelo elástico placar de 6 x 3. A equipe Pietrobon/Tapejara venceu com: Big, Flavinho, Henri, Joni, Anderson (Marcos). Os gols foram assinalados por: Joni (2), Henri (1), Flavinho (1), Anderson (1) e Marcos (1). A equipe visitante foi derrotada com: Silvano, Dentinho (Pedro), Marcos (Marcos), Kide, Rodrigo (Arquimedes). Descontaram: Dentinho (2) e Kide (1).

A equipe Pietrobon/Tapejara na partida seguinte veio amargar uma derrota na cidade de Seberi frente ao representante local pelo placar de 5 x 4, em cotejo realizado no dia 1º de maio. A equipe local venceu e contou com: Cabo, Curto, Fortes (Tita), Ivan, Célio (Beto). Assinalaram os gols: Ivan (2), Tita (2) e Fortes (1). A equipe de Tapejara perdeu com: Big, Flávio, Henri, Joni (Marcos), Anderson. Descontaram: Anderson (2), Flávio (1) e Henri (1).

Outra derrota do representante de Tapejara veio pelo placar de 6 x 4 frente ao ASIF, da cidade de Ibirubá, desta vez frente a sua torcida. Aconteceu no dia 13 de maio no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo, quando a equipe visitante venceu com: Tonho, Betinho (Zezinho), Suzico, Alemão, (Marcos), Nicolau (Daniel). Assinalaram os gols Suzico (3), Zezinho (2) e Betinho (1). A Pietrobon/Tapejara perdeu com Big, Amarildo, Flávio, Joni (Rizza), Anderson (Leca). Marcaram para a Pietrobon/Tapejara: Amarildo (1), Flávio (1), Rizza (1) e Leca (1).

A recuperação do representante tapejarense no certame gaúcho salonístico aconteceu frente a sua torcida em 20 de maio de 1995. A torcida compareceu em grande número no Ginásio de Esportes Lourenço José Dall'Olivo. O placar final foi de Pietrobon 6 x 0 Clube Atlético de Soledade, com gols de Joni (3), Flavinho (1) e Leca (2). A Pietrobon/Tapejara ganhou jogando com: Big, Amarildo, Flavinho, Ânderson e Leca. Jogaram ainda Claudemir, Henri, João Carlos, Rizza, Ade. A equipe visitante, goleada, contou com:

Celso, Toinho (Rafael), Tonho, Quincas (Daniel), Olavo, (Catói). (Fonte: Arquivo de Airton Lângaro). O cronista esportivo Gilmar Berton comentou: "O técnico Helfi Bevilaqua, com apenas um treino durante a semana, conseguiu ajustar sua equipe, que, simplesmente, arrasou o adversário" (BERTON, 1995a, p. 6).

Depois da goleada na equipe de Soledade pelo placar de seis a zero, tudo indicava que a Pietrobon/Tapejara ganharia mais uma em Vila Maria. Mas o adversário conseguiu a vitória frente ao representante de Tapejara por 3 x 1, partida realizada em 27 de maio de 1995. O cronista esportivo Gilmar Berton comentou: "O placar não foi muito justo. Mas, no decorrer do tempo, o jogo foi ficando equilibrado e as duas equipes tiveram chances iguais de fazer gols. O XV/Migliorini marcou através de Juca, André e Melinho, descontando no final com Rizza. Os três gols foram de bola parada, com jogadas características, onde somente a falta de um entrosamento melhor de nossos jogadores permitia que fossem convertidos em gols. Tivemos, no final, uma penalidade não marcada, bola na trave e uma grande chance numa cobrança de falta sem barreira. Portanto, poderia ser 3 x 3, que o placar seria mais justo" (BERTON, 1995a, p. 6).

O XV/Migliorini/Vila Maria jogou e venceu com: João, Vanderlei, Juca, Cebolinha, e Melinho, entrando ainda André e Negão. Os gols da equipe local foram assinalados por: Juca (1), André (1) e Melinho (1). (Fonte: Arquivo de Airton Lângaro). A Pietrobon/Tapejara perdeu com: Claudemir, Amarildo, Joni, Flavinho e Leca. Jogaram ainda Rizza e Ânderson, e o Gol foi marcado por Rizza.

A partida seguinte da Pietrobon/Tapejara, foi no dia 31 de maio de 1995, no Ginásio Esportivo Municipal Lourenço José Dall'Olivo. Naquela oportunidade, empatou em 5 x 5 com o Cristal, de Vacaria. O cronista esportivo Gilmar Berton comentou: "Deixou escapar uma vitória que, por duas vezes, esteve em suas mãos. Com muitos erros defensivos, nosso representante entregou o jogo, perdendo a chance de faturar três pontos importantíssimos. O técnico Cabinho não cansava de orientar os jogadores de trás, como Amarildo e Flávio, para que evitassem a troca de passes com a presença do inimigo por perto. E não deu outra: dois erros fatais, e lá se foi a chance de ganhar a segunda em casa. Pelo lado da Pietrobon/Tapejara o grande destaque foi o frente Leca, que desencantou e jogou maravilhosamente bem. Estava constituindo-se no melhor em quadra, até que o baixinho Jean, do Cristal, começou a desmanchar o jogo, ganhando quase que sozinho. Fez cinco gols, e foi o animal" (BERTON, 1995b, p. 6).

A Pietrobon/Tapejara jogou na noite do dia 7 de junho de 1995, na cidade de Colorado, contra o time do Colorado, em busca de sua reabilitação, já que de quatro jogos vencera um. Nesse jogo, que marcou o encerramento do primeiro turno, a Pietrobon/Tapejara goleou o dono da casa por 7 x 3. A Pietrobon/Tapejara saiu atrás no marcador, mas em seguida empatou em 1 x 1. O Colorado chegou a empatar o jogo em 3 x 3. O placar final foi de 7 x 3, com gols de: Flávio (2), Joni (1), Leca (1), Joel (2) e Rizza (1). O cronista esportivo Gilmar Berton comentou: "Flávio foi o melhor em quadra. Destaque também para o goleiro Júnior, Leca e Joel. Joni e Amarildo não foram muito bem" (BERTON, 1995c, p. 6).

A Pietrobon/Tapejara goleou o Clube Atlético Soledade por 8 x 3 no dia 21 de junho de 1995, na cidade de Soledade. O primeiro tempo foi de igual para igual, mas na segunda etapa o representante de Tapejara massacrou o adversário e fez, com naturalidade, todos os gols. Marcaram os gols: Flávio (1), Leca (3) e Betão (4).

O cronista esportivo Gilmar Berton comentou: "Nosso representante no Campeonato Estadual de Futsal, Série Bronze, Pietrobon/Tapejara, conseguiu no último sábado uma vitória gigantesca em Soledade, contra o Atlético. Começou dominando o adversário, fez o gol e cedeu o empate. O primeiro tempo foi difícil e bem equilibrado. Mas, na semana seguinte, dia 14 de junho, a Pietrobon/Tapejara venceu a ASIF, de Ibirubá, por 9 x 4, jogo realizado no Ginásio Esportivo Municipal Lourenço José Dall'Olivo e

passou para a 3ª colocação da chave, com nove pontos ganhos. Depois de um primeiro tempo complicado, o representante tapejarense conseguiu virar o jogo e envolver, completamente, o adversário. Foi vitória para encher os olhos dos torcedores, que, mais uma vez, lotaram as dependências do Ginásio Municipal, que já estava pequeno. O fixo Rizza foi o melhor em quadra. Ele jogou simples, fez gols e comandou os companheiros. Acertando agora o setor defensivo, o time tem condições de se classificar. Os gols foram de Rizza (2), Leca (4), Joni, Betão e Flávio. Na etapa a Pietrobon/Tapejara mostrou mais categoria e experiência e goleou com facilidade, com destaque agora para o jogador Betão, autor de quatro gols. A Pietrobon/Tapejara venceu com: Junior, Amarildo, Flávio, Rizza e Leca. Jogaram ainda Joel e Betão. O Atlético, que foi goleado, contou com o seguinte time: Juarez, Galvão, Antônio, Paulo e Kinkas" (BERTON, 1995d, p. 6).

A classificação foi a seguinte: 1º, XV/Miglorini/Vila Maria, com 16 pontos ganhos; 2º, Cristal/Vacaria, com 13 pontos ganhos; 3º, ASIF/Ibirubá, com 10 pontos ganhos; 4º, Pietrobon/Tapejara, com 9 pontos ganhos; 5º, Colorado/Colorado, com 8 pontos ganhos; 6º, Atlético/Soledade, com 6 pontos ganhos.

Foi em Vacaria que a Pietrobon/Tapejara voltou a jogar pelo Campeonato Estadual de Futsal, Série Bronze. Dessa feita foi contra o Cristal, e o representante Tapejarense conseguiu empatar pelo marcador de 3 x 3; o jogo foi realizado no dia 5 de julho de 1995. O cronista esportivo Gilmar Berto comentou: "No primeiro tempo o dono da casa fez 3 x 0. Mas, na segunda etapa, com as mudanças introduzidas pelo técnico Cabinho, a Pietrobon/Tapejara cresceu em quadra e chegou ao empate" (BERTON, 1995e, p. 6). A equipe da Pietrobon/Tapejara empatou com: Junior, Betão, Amarildo, Joni, Leca, entrando depois Ânderson, Flávio e Rizza.

A última partida da fase classificatória, disputada pelo Campeonato Estadual de Futsal, Série Bronze, foi vencida pela Pietrobon/Tapejara pelo escore de 2x1, frente ao Colorado da cidade de Colorado. Com a vitória, a equipe tapejarense ficou na 3ª colocação e assim obteve a classificação à etapa seguinte da competição. O jogo foi realizado no Ginásio Municipal de Esportes Lourenço José Dall'Olivo, em Tapejara, no dia 12 de julho de 1995. O cronista esportivo Gilmar Berton comentou: "Diante da presença de numerosa torcida, a Pietrobon/Tapejara jogou o suficiente para garantir mais três pontos e passar à próxima fase. Os gols foram de Flávio e Joel, descontando Butiaco. Na outra etapa da competição, teremos adversários mais qualificados e de distância maior: Juventude, de Itaqui; Ica, de Guaíba; e Quaraiense, de Quaraí, com jogos de ida e volta" (BERTON, 1995f, p. 6).

A equipe da Pietrobon/Tapejara começou sua participação na segunda fase do Campeonato Estadual de Futsal, Série Bronze, sofrendo uma goleada de 6x1 para o Juventus de Itaqui, no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo, no dia 18 de julho de 1995. O cronista esportivo Gilmar Berton comentou: "Na primeira etapa, até que conseguiu jogar de igual para igual e até venceu esses primeiros 20 minutos com um gol de Joel. Com equipe desfalcada e pouco preparo físico, foi fácil à equipe visitante dominar o jogo e fazer os gols com naturalidade, envolvendo, completamente, o setor defensivo. As ausências de Joni e Leca foram sentidas, já dos goleiros Junior e Nego não, pois Big está em grande fase e será mantido" (BERTON, 1995g, p. 6). A Pietrobon/Tapejara perdeu, por goleada, contando com: Big, Amarildo, Flávio, Rizza e Joel; depois entraram Ânderson, Everton e Henri.

Jogando no dia 27 de julho de 1995, domingo, pela parte da manhã, no Ginásio Municipal de Esportes Lourenço José Dall'Olivo, a Pietrobon/Tapejara foi derrotada pelo ICA, da cidade de Guaíba, por 1 x 0. O cronista esportivo Gilmar Berton comentou: "Nosso representante na Série Bronze do Futsal Estadual vai de mal a pior. Perdeu mais uma em casa e fica numa situação que só um milagre pode classificar a Pietrobon/Tapejara. Contra o ICA de Guaíba, jogou bem, mas não converteu suas inúmeras situações

em gol. Criou, chutou, mas encontrou pela frente o goleiro Mica, que defendeu tudo e foi escolhido o melhor do jogo. O único gol foi marcado por Julinho, no primeiro tempo, e que deu a vitória ao visitante." Gilmar ainda conta: "A equipe de Guaíba chegou sábado à tarde, por volta das 17 horas e só foi embora no domingo. No sábado a noite, com o tempo chuvoso e com sucessivas quedas de energia elétrica, a partida foi suspensa para o domingo de manhã. Tanto no sábado como no domingo, o público foi bom" (BERTON, 1995h, p. 6). A Pietrobon/Tapejara jogou e perdeu com: Big, Amarildo, Flávio, Rizza e Schultz. Entraram: Joni, Joel e Jofrei.

A Pietrobon/Tapejara, representante de Tapejara no Estadual de Futsal, Série Bronze, novamente perdeu para o ICA por 3 x 2, na cidade de Guaíba, no dia 5 de agosto de 1995. O cronista esportivo Gilmar Berton comentou: "O jogo foi muito disputado e nosso representante teve melhores chances de marcar, mas encontrou novamente o goleiro Mica em grande fase e determinou nossa derrota. A Pietrobon/Tapejara saiu na frente, por duas vezes, mas no final acabou perdendo e fica agora, praticamente, sem nenhuma chance de classificação" (BERTON, 1995i, p. 6).

A Pietrobon/Tapejara conseguiu recuperação ao vencer a equipe do Juventus, de Itaqui, por 9 x 8, na cidade de Itaqui, no dia 12 de agosto de 1995. A classificação naquele momento era a seguinte: 1º Lugar, Juventus, com 12 pontos ganhos; 2º lugar, ICA, com 8 pontos ganhos; 3º lugar, Pietrobon/Tapejara, com 6 pontos ganhos; 4º lugar: Quaraiense, com 2 pontos ganhos.

A Pietrobon/Tapejara encerrou sua participação no dia 19 de agosto de 1995 vencendo a equipe Quaraiense por 3 x 1, jogo realizado no Ginásio Municipal de Esportes Lourenço José Dall'Olivo. Na combinação de resultados, o ICA de Guaíba venceu o Juventus de Itaqui por 3 x 0, tirando as chances de classificação da equipe tapejarense.

O cronista esportivo Gilmar Berton avaliou a participação da Pietrobon/Tapejara na Série Bronze do Futsal Estadual, no ano de 1995, enfatizando: "Sempre falamos que valeu pela participação e a volta do futsal em Tapejara. A torcida correspondeu plenamente e deve estar satisfeita, apesar de sofrer em praticamente todos os jogos, já que a equipe foi muito limitada e teve inúmeras mudanças durante as duas fases. Foi amadorismo puro. Mas, para o próximo ano já se fala em contratações de nível e carga de treinamento bem superior" (BERTON, 1995j, p. 6).

A classificação final ficou a seguinte: 1º Lugar, Juventus, de Itaqui, com 13 pontos ganhos; 2º lugar, ICA, de Guaíba, com 11 pontos ganhos; 3º lugar, Pietrobon, com 9 pontos ganhos; e 4º lugar, Quaraiense, com 2 pontos ganhos.

• Pietrobon/Tapejara – Série Bronze 1996

Em 11 de maio de 1996, a equipe da Pietrobon/Tapejara venceu o Clube Atlético, da cidade de Soledade, pelo placar de 8 x 4. No dia 18 de maio, a vitória da Pietrobon/Tapejara foi pelo escore de 3 x 2 frente à equipe da CMD/Cruzeiro, na cidade de Seberi. Aconteceu em casa a elástica vitória da Pietrobon/Tapejara, pelo escore de 8 x 2, frente à equipe do Gaúcho, da cidade de Fortaleza dos Valos.

Depois de três vitórias consecutivas, a Pietrobon/Tapejara amargou a sua primeira derrota. Foi no dia 1º de junho, em casa, frente à equipe do Cristal/Rádio Esmeralda, de Vacaria, pelo placar de 3 x 2. O jogo seguinte da Pietrobon/Tapejara resultou em mais uma derrota do representante local, também em seus próprios domínios, frente o AGE, da cidade de Giruá, pelo placar de 6 x 3. A Pietrobon/Tapejara voltou a vencer o Clube Atlético, em Soledade, pelo escore de 7 x 5, no dia 15 de junho.

Em 22 de junho, no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo, a Pietrobon/Tapejara empatou pelo

placar de 6 x 6 com a equipe do CMD Cruzeiro, da cidade de Seberi. Foi em Fortaleza dos Valos que a Pietrobon/Tapejara venceu o time local da AGR/Gaúcho pelo escore de 8 x 2, no dia 29 de junho. Em Tapejara, no dia 6 de julho, jogando no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo, a Pietrobon/Tapejara venceu a equipe do Cristal/Rádio Esmeralda, da cidade de Vacaria, pelo elástico escore de 9 x 1.

A Pietrobon/Tapejara voltou a vencer no Certame Estadual de Futsal, Série Bronze, dessa feita na cidade de Pelotas. O representante tapejarense venceu a equipe do Cruzeiro/Bola Pesada pelo placar de 4 x 1. A equipe vencedora contou com: Birck, Lauriano, Segat, Serginho, Schultz. Entraram em quadra durante o jogo: Marcelo e Bonitinho. Os gols foram marcados por: Schultz (2), Serginho (1) e Lauriano (1). De volta ao seu reduto, em 3 agosto, a equipe da Pietrobon/Tapejara venceu o Sete de Setembro, da cidade de Santiago, pelo escore de 6 x 4. Mas, em 10 de agosto, a Pietrobon/Tapejara amargou uma derrota na cidade de Sobradinho, contra a equipe local, pelo placar de 8 x 5. Em 17 de agosto, a Pietrobon/Tapejara voltou a vencer, dessa feita, pelo escore de 5 x 3, no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo, na cidade de Tapejara, derrotando a equipe do Sete de Setembro, da cidade de Santiago. A equipe venceu com: Birck, Segat, Lauriano, Bonitinho, Serginho. Durante o jogo entraram Marcelo e Ado. Os gols foram marcados por: Bonitinho (2), Serginho (2) e Segat (1).

• Ser/Pietrobon – Série Prata 1997

A Sociedade Esportiva Recreativa Pietrobon, Ser/Pietrobon, para disputar o Certame Estadual de Futsal Série Prata, contou com o seguinte plantel e equipe técnica: treinador: Aírton Luiz Bolis (Baio), natural de Marau; preparador físico: Bem Hur Soares, natural de Marau. Atletas: Carlos Alberto Birck (Birck), de Chapada, Leandro Artifon (Léo), de Concórdia (SC), João Carlos Rodrigues da Silva (João Carlos), de Porto Alegre, Arceni Júnior Barbosa (Nuno), de Carazinho, Felipe O. Batista (Felipe), de Chapada, Marcelo Bólis (Marcelo), Marcelo Artuzo (Sananduva), de Sananduva, Sérgio de Menezes Lopes (Serginho), de Natal (RN), Márcio Rodrigues (Xoxo), de Resende (RJ), Éderson Angelieiro (Edinho), de Tapejara, Helenilton Gonçalves (Chult's), de Porto Alegre.

Em 3 de maio de 1997, a Ser/Pietrobon foi derrotada na cidade de Santiago pela equipe do Sete de Setembro, pelo placar de 4 x 2. A equipe tapejarense perdeu com: Leo, João Carlos, Nuno, Serginho, Schultz. Entraram durante a partida: Marcelo e Edinho. Assinalaram os gols: Nuno (1) e Edinho (1).

Mais uma derrota acometeu a Ser/Pietrobon fora de casa, no dia 10 de maio. Dessa feita perdeu para o Ser/Santa Rosa pelo escore de 6 x 5. A equipe perdeu com: Leo, João Carlos, Nuno, Serginho, Schultz. Jogaram ainda: Marcelo e Felipe. Os gols foram marcados por: João Carlos (2), Nuno (1), Serginho (1) e Schultz (1).

A recuperação da Ser/Pietrobon aconteceu no Ginásio Municipal Lourenço José Dal'Olivo, em 17 de maio. Naquele dia, venceu a equipe do Depois das Sete, da cidade de Santo Ângelo, pelo elástico placar de 10 x 3. A equipe, que venceu com autoridade, contou com: Leo, João Carlos, Serginho, Schultz, Nuno. Ajudaram a construir a goleada: Felipe e Marcelo. Os gols foram assinalados por: Nuno (3), Marcelo (2), Felipe (1), João Carlos (1), Serginho (1) e Schultz (1).

Em Espumoso, frente ao Guarani, o Ser/Pietrobon perdeu pelo escore de 3 x 5. A equipe tapejarense perdeu e contou com: Leo, Serginho, Nuno, João Carlos e Schultz. Durante a partida entraram em quadra: Felipe e Marcelo. Marcaram: Nuno (2) e João Carlos (1).

No dia 31 de Maio, a Ser/Pietrobon venceu, em seu reduto, a equipe do XV/ Vila Maria, pelo placar de 6 x 3. A equipe venceu com: Leo, Serginho, Nuno, João Carlos, Schultz. Jogaram, também, Marcelo e

Edinho. Os artilheiros foram: Serginho (3) e Schultz (3).

No dia 11 de junho, a Ser/Pietrobon amargou uma derrota em casa, frente ao Juventude, da cidade de Caxias do Sul, pelo escore de 3 x 2. O representante local perdeu com: Leo, Serginho, Marcelo, João Carlos e Schultz. Entraram em quadra ainda Felipe e Edinho. Assinalaram os gols: Serginho (1) e Marcelo (1).

Três dias depois, em 14 de junho, a Ser/Pietrobon venceu folgado, em casa, a equipe do ICA, da cidade de Guaíba, pelo placar de 7 x 2. O time contou com: Leo, Serginho, Marcelo, João Carlos e Schultz. Contribuíram com a vitória: Edinho, Nuno e Birck. Assinalaram os gols: Marcelo (3), Schultz (2), Edinho (1) e Nuno (1).

Mais uma goleada foi aplicada pela Ser/Pietrobon fora de casa. Dessa vez foi frente à equipe do Salto do Jacuí pela larga margem de 10 x 5. O representante de Tapejara venceu com: Leo, Nuno, Marcelo, João Carlos e Schultz. Entraram em quadra ainda: Edinho e Serginho. Marcaram: Nuno (3), Serginho (3), Schultz (2), João Carlos (1) e Marcelo (1).

A Ser/Pietrobon voltou a vencer, em seu reduto, a equipe do Sete de Setembro, da cidade de Santiago, pelo placar de 6 x 3, em 28 de junho. A equipe contou, para conquistar a vitória, com: Leo, João Carlos, Nuno, Marcelo, Schultz e Serginho. Os goleadores foram João Carlos (3), Nuno (1), Schultz (1) e Serginho (1).

Foi no jogo de volta que a Ser/Pietrobon venceu pelo placar de 6 x 4 o Ser/ Santa Rosa, no dia 5 de julho, em Tapejara. O time venceu com: Leo, Serginho, Marcelo, Nuno e Schultz. Durante o cotejo entraram: Birck, Edinho e Felipe. Assinalaram os gols: Schultz (2), Serginho (1), Marcelo (1), Nuno (1) e Edinho (1).

Em jogo de volta, realizado no Ginásio Professor Marcelo Mioso, na cidade de Santo Ângelo, na noite de 12 de julho, a Ser/Pietrobon foi derrotada pelo escore de 5 x 2, pela equipe Depois das Sete. O representante Tapejarense perdeu com: Birck, João Carlos, Marcelo, Nuno, Schultz e Serginho. Assinalaram os gols: Schultz (2), João Carlos (1), Marcelo (1) e Serginho (1).

No jogo de volta, na cidade de Guaíba, a Ser/Pietrobon voltou a vencer a equipe local, pelo placar de 7 x 4 gols. Na primeira fase, havia vencido em Tapejara pelo escore de 7 x 2 gols. A equipe venceu com: Leo, João Carlos, Marcelo, Serginho e Schultz. Entraram durante o jogo: Xoxo e Edinho. Marcaram os gols: Marcelo (3), Felipe (2), João Carlos (1) e Xoxo (1).

Em jogo de volta, frente ao Juventude, a Ser/Pietrobon foi derrotada, novamente, pelo escore de 6 x 3 gols. O jogo aconteceu na cidade de Caxias do Sul, no dia 19 de agosto. O time foi derrotado com: Leo, Felipe, João Carlos, Xoxo e Schultz. Durante a partida entraram: Sananduva, Nuno e Edinho. Descontaram para o representante de Tapejara: João Carlos (2) e Xoxo (1).

Em Tapejara, a Ser/Pietrobon derrotou a equipe de Salto do Jacuí pelo placar de 7 x 3. A partida aconteceu na quadra do Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo, em 23 de agosto. A equipe local venceu com: Birck, Xoxo, Marcelo, João Carlos e Schultz. Entraram ainda em quadra: Sananduva, Felipe e Edinho. Marcaram os gols: Schultz (3), Xoxo (2), Felipe (1) e Edinho (1).

A Ser/ Pietrobon voltou a vencer a equipe do Salto do Jacuí, em sua casa, pelo escore de 9 x 5, no dia 27 de setembro. O time de Tapejara ganhou com: Leo, João Carlos, Marcelo, Serginho, Gúti. Jogaram também: Xoxo, Nuno e Felipe. Os gols foram assinalados por: Serginho (4), João Carlos (2), Gúti (1), Xoxo (1) e Felipe (1).

Em 3 de outubro, o Ser/Pietrobon venceu, em casa, o Guarani de Espumoso pelo escore clássico de 3 x 1. A equipe tapejarense venceu com: Leo, João Carlos, Marcelo, Serginho e Gúti. Entraram durante a partida: Felipe, Schultz e Xoxo. Assinalaram os gols: Marcelo (2) e Serginho (1).

O Ser/Pietrobon conseguiu empatar em 5 x 5 frente ao Vier/Santa Rosa, na cidade de Santa Rosa, no dia 11 de outubro. A equipe tapejarense formou-se com: Leo, Gúti, Marcelo, Serginho e João Carlos. Jogaram ainda: Felipe, Sananduva, Schultz e Xoxo. Os artilheiros foram: Sananduva (3), Gúti (1) e João Carlos (1).

Foi na cidade de Espumoso, frente ao Guarani, no dia 18 de outubro, que a Ser/Pietrobon venceu por um elástico escore de 11 x 4. O time goleou com: Leo, Serginho, João Carlos, Gúti e Nuno. Também jogaram: Felipe, Xoxo, Edinho e Schultz. Os goleadores foram: Gúti (4), Serginho (3), Felipe (2), Xoxo (1) e Schultz (1).

Mais uma vitória da Ser/Pietrobon, dessa feita, por goleada, foi contra a equipe do Salto do Jacuí, pelo placar de 5 x 0, no Ginásio Esportivo Lourenço José Dall'Olivo, na cidade de Tapejara, no dia 22 de outubro. A equipe local venceu com: Leo, João Carlos, Marcelo, Serginho e Gúti. Entraram durante o jogo: Xoxo, Felipe, Sananduva e Schultz. Os gols foram marcados por: Marcelo (3), Serginho (1) e Gúti (1).

Outra goleada da Ser/Pietrobon ocorreu frente ao Vier/Santa Rosa, pelo escore de 6 x 1. O jogo foi realizado no reduto da equipe tapejarense em 25 de outubro. O time goleou com: Leo, Gúti, Serginho, Nuno e João Carlos. Também jogaram: Felipe, Xoxo e Schultz. Os gols foram marcados por: Serginho (2), João Carlos (2), Felipe (1) e Xoxo (1).

Já em Santiago, frente à equipe do Sete de Setembro, a Ser/Pietrobon amargou uma derrota pelo placar de 2 x 1, no dia 1º de novembro. A equipe tapejarense perdeu com: Leo, Serginho, Marcel, João Carlos e Nuno. Entraram em quadra também: Felipe e Xoxo. O gol de honra foi marcado por Marcelo. No jogo de volta, em Tapejara, o Ser/Pietrobon venceu pelo largo escore de 5 x 1, em confronto realizado no dia 5 de novembro. A equipe de Tapejara ganhou com: Leo, Serginho, Marcelo, João Carlos e Gúti. Contribuíram com a vitória: Schultz, Nuno, Felipe e Xoxo. Assinalaram os gols: Guti (3) e Marcelo (2).

• Pietrobon/Peterplás – Série Ouro em 1998

O Certame Estadual de Futsal Série Ouro contou com a participação de diversos Municípios, representados pelos Clubes: Reserg, de Bento Gonçalves; Ulbra, de Canoas; SERCESA, de Carazinho; ACBF, de Carlos Barbosa; Juventude, de Caxias do Sul; AGE, de Guaporé; Itaqui/Jair Rodrigues, de Itaqui; Perdigão, de Marau; Russo Preto, de Não-me-Toque; Peterplás/Pietrobon, de Tapejara; UPF/Zamil, de Passo Fundo; Internacional, de Porto Alegre; Jobi/SM, de Santa Maria; Selice/Procel/Clube Sete, de Santiago; Seal/América/Segel, de Tapera, e AEU/Amauri/Sobela, de Uruguaiana.

A Pietrobon/Peterplás de Tapejara fez sua estréia, no Certame Estadual de Futsal Série Ouro, na cidade de Carazinho, frente à Sercesa, em 11 de abril de 1998. Naquela oportunidade, a equipe tapejarense empatou pelo placar de 5 x 5. A equipe contou com: Leo, Paulo Evandro, Marcelo, João Carlos e Gúgu. Entraram: Sananduva, Edinho e Felipe. Assinalaram os gols: Gúgu (2), Sananduva (2) e João Carlos (1).

Em 18 de abril, no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo, a Pietrobon venceu a equipe de Uruguaiana pelo escore de 4 x 2 gols. O time venceu com: Leo, Paulo Evandro, Marcelo, João Carlos e Gúgu. Jogaram também: Sananduva, Edinho e Serginho. Marcaram os gols: Marcelo (3) e Gúgu (1).

Em Itaqui, o representante tapejarense amargou uma derrota de 5 x 3 para a Ser Itaqui, no dia 21 de abril. O time perdeu com: Leo, Marcelo, Paulo Evandro, João Carlos e Gúgu. Durante o jogo entram em quadra: Sananduva, Serginho, Edinho e Diogo. Assinalaram gols: Paulo Evandro (1), Marcelo (1) e Gúgu (1).

A Pietrobon/Peterplás sofreu mais uma derrota, dessa vez em seus próprios domínios, frente ao

Reserg, pelo placar de 2 x 1, no dia 5 de maio. A equipe foi derrotada com Leo, Marcelo, Paulo Evandro, João Carlos e Gúgu. Ainda jogaram: Sananduva, Felipe e Diogo. O gol de honra foi assinado por Diogo. Novamente, jogando em casa, em 23 de maio, a Pietrobon foi derrotada pelo Internacional, de Porto Alegre, pelo escore de 3 x 2.

Outra derrota da equipe de Tapejara foi frente à AGE/Guaporé pelo escore de 6 x 5, no dia 26 de maio. A Pietrobon/Peterplás perdeu com: Leo, João Carlos, Serginho, Marcelo e Gúgu. Também jogaram: Diogo, Sananduva e Felipe. Marcaram: Gúgu (1), Diogo (1), Sananduva (1), João Carlos (1) e Felipe (1).

Em Não-me-Toque, o representante tapejarense conseguiu arrancar um empate pelo placar de 2 x 2 frente ao time do Russo Preto, em 30 de maio. A equipe contou com: Leo, Paulo Evandro, Marcelo, João Carlos e Gúgu. Entraram em quadra também: Felipe, Serginho, Sananduva e Diogo. Os gols foram marcados por: Gúgu (1) e Diogo (1).

No dia 6 de junho, jogando em casa, a Pietrobon/Peterplás venceu, marcando 4 x 2 frente à Jobi/SM. A equipe jogou com: Ronaldo, Serginho, Marcelo, Paulo Evandro e Gúgu. Jogaram também: Sananduva, Diogo e Felipe. Os gols foram assinalados por: Diogo (2), Serginho (1) e Sananduva (1).

Outra vitória em casa, dessa feita frente ao Juventude de Caxias do Sul, pelo escore de 6 x 5, em 11 de junho. O time ganhou com: Ronaldo, Serginho, Marcelo, João Carlos e Gúgu. Entraram: Sananduva, Diogo e Felipe. Os goleadores foram: Diogo (3), Marcelo (1), Sananduva (1) e João Carlos (1).

Em Passo Fundo, no dia 13 de junho, frente à UPF/Zamil, a Pietrobon foi derrotada pelo placar de 4 x 1. A equipe perdeu com: Leo, Serginho, João Carlos, Paulo Evandro e Diogo. Também jogaram: Sananduva e Gúgu. O gol de honra foi marcado por Gúgu.

Em outra derrota, a Pietrobon/Peterplás jogando contra o América, perdeu pelo placar de 4 x 2, no dia 20 de junho. O time perdeu com: Leo, Serginho, Paulo Evandro, Marcelo e Diogo. Entraram em quadra também Sananduva, Gúgu e Mathias. Descontaram para a equipe local: Marcelo (1) e Sananduva (1).

Novamente derrota. Dessa feita, a Pietrobon/Peterplas perdeu para o Perdigão/Marau pelo escore de 6 x 3, no dia 27 de junho. O representante de Tapejara perdeu com: Leo, Serginho, Marcelo, João Carlos e Diogo. Entraram durante a partida: Sananduva, Felipe, Paulo Evandro e Gúgu. Os goleadores foram: Serginho (1), Felipe (1) e Paulo Evandro (1).

A vitória chegou à Pietrobon/Peterplás no dia 4 de julho, quando, jogando com o Clube Sete, no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo, o time tapejarense marcou o placar de 3 x 2. A equipe venceu com: Leo, Marcelo, João Carlos, Serginho e Diogo. Ainda entraram em quadra: Sananduva, Felipe e Paulo Evandro. Assinalaram os gols: Diogo (2) e Sananduva (1).

A vitória consecutiva do representante de Tapejara, em casa, aconteceu frente à ACBF, de Carlos Barbosa, pelo escore de 2 x 1, no dia 8 de julho. O time venceu com: Leo, Marcelo, Serginho, Paulo Evandro e João Carlos. Jogaram ainda: Felipe e Sananduva. Os goleadores foram: Felipe (1) e Serginho (1).

No jogo de volta em Tapejara, frente ao Sercesa de Carazinho, a Pietrobon empatou pelo placar de 3 x 3, no dia 11 de julho. A equipe contou com: Leo, Marcelo, Serginho, João Carlos e Diogo. Entraram na quadra: Felipe, Sananduva e Paulo Evandro. Goleadores: Serginho (2) e Sananduva (1).

Em Canoas, a Pietrobon/Peterplás foi derrotada pela ULBRA/Canoas, pelo placar de 3 x 1, no dia 15 de julho. A equipe tapejarense perdeu com: Leo, Marcelo, Serginho, João Carlos e Diogo. Entraram: Felipe e Diogo. O gol de honra foi assinalado por Serginho. No final de semana seguinte, a Pietrobon/Peterplás conseguiu arrancar uma vitória pelo clássico placar de 3 x1, frente à equipe do Itaqui.

Outra derrota da Pietrobon/Peterplás foi no jogo de volta, em Uruguaiana, frente ao Uruguaianense, pelo placar de 4 x 3, em 18 de julho. O time perdeu com: Leo, Marcelo, Bigão, Serginho e João Carlos.

Entraram: Diogo e Paulo Evandro. Assinalaram os gols: Marcelo (1), Bigão (1) e Diogo (1).

Mais uma derrota do representante de Tapejara, dessa vez em Carlos Barbosa, pelo jogo de volta, frente à ACBF, pelo escore de 2 x 1, em 1º de agosto. A equipe perdeu com: Leo, Marcelo, Bigão, Sananduva e Serginho. Também jogaram: Felipe e Diogo. O gol foi marcado por Marcelo.

Pietrobon/Peterplás amargou a terceira derrota consecutiva, fora de casa, no dia 8 de agosto, frente à Ulbra, pelo placar de 4 x 1. A equipe tapejarense perdeu com: Leo, Serginho, Bigão, Sananduva e João Carlos. Durante o jogo entraram em quadra: Felipe, Diogo e Nando. O gol foi marcado por Sananduva.

A quarta derrota seguida da Pietrobon aconteceu no jogo de volta contra o Reserg, quando perdeu pelo escore de 3 x 0, no dia 12 de agosto. O time perdeu com: Leo, Serginho, Marcelo, João Carlos e Bigão. Entraram ainda: Sananduva e Felipe.

A tão esperada vitória da Pietrobon aconteceu no dia 15 de agosto, quando marcou 10 x 5, frente à AGE/Guaporé, no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo. O time goleou com: Ronaldo, Bigão, Marcelo, Serginho e Diogo. Entraram em quadra também: João Carlos e Sananduva. Os goleadores foram: Diogo (4), Bigão (2), Marcelo (2) e João Carlos (1).

A Pietrobon/Peterplás voltou a jogar em sua casa, dessa feita, frente ao Russo Preto, em jogo de volta, no dia 26 de agosto. Na oportunidade, a equipe tapejarense empatou pelo placar de 2 x 2. A equipe jogou com: Ronaldo, Bigão, Sananduva, João Carlos e Diogo. Entraram: Edinho, Felipe e Serginho. O goleador foi Diogo, que marcou dois gols.

Em Caxias do Sul, frente ao Juventude, a Pietrobon/Peterplás conseguiu uma vitória pelo escore de 8 x 5, no dia 5 de setembro. A equipe tapejarense era formada por: Ronaldo, Bigão, João Carlos, Serginho e Diogo. Durante o jogo entraram: Sananduva, Felipe e Nando. Assinalaram os gols: Bigão (2), Sananduva (2), Diogo (2), Serginho (1) e Nando (1).

Jogando frente ao América, na cidade Tapera, a Pietrobon/Peterplás perdeu pelo escore de 2 x 1, em 19 de setembro. O time de Tapejara perdeu com: Ronaldo, Serginho, Bigão, Marcelo e Diogo. Entram: Edinho e Nando. O gol foi marcado por Diogo. Outra derrota da Pietrobon aconteceu em casa. Dessa vez frente à equipe da Perdigão/Marau; a representante tapejarense perdeu pelo escore de 1 x 3, no dia 23 de setembro. O time perdeu com: Ronaldo, Bigão, Marcelo, Serginho e Diogo. Também jogaram: Eduardo, Sananduva e Edinho.

A Pietrobon conseguiu uma vitória frente ao Clube Sete, de Santiago, pelo placar de 5 x 2, no dia 26 de setembro. O representante de Tapejara venceu com: Leo, Bigão, Serginho, Sananduva e Diogo. Durante o jogo entraram na quadra: Nando e Edinho. Assinalaram os gols: Serginho (2), Edinho (1), Sananduva (1) e Bigão (1).

• Campeonato Estadual – 1998 Série Ouro – Balanço da primeira fase

CLUBE	*PG*	*J*	*V*	*E*	*D*	*GP*	*GC*	*S*	*A*
ULBRA	*69*	*30*	*22*	*3*	*5*	*115*	*62*	*53*	*77%*
PERDIGÃO	*65*	*30*	*20*	*5*	*5*	*144*	*88*	*56*	*72%*
RESERG	*63*	*30*	*2 0*	*3*	*7*	*103*	*72*	*31*	*70%*
UPF/ZAMIL	*60*	*30*	*17*	*9*	*4*	*95*	*59*	*36*	*67%*
ACBF	*58*	*30*	*17*	*7*	*6*	*118*	*71*	*47*	*64%*
INTERNACIONAL	*52*	*30*	*16*	*4*	*10*	*94*	*96*	*-2*	*58%*
AEU/MAURI/SOBELA	*49*	*30*	*14*	*7*	*9*	*109*	*94*	*15*	*54%*
SEAL/AMÉRICA/CEGEL	*47*	*30*	*15*	*2*	*13*	*89*	*98*	*9*	*52%*

SERCESA	*45*	*30*	*14*	*3*	*13*	*109*	*105*	*4*	*50%*
PETERPLÁS/PIETROBON	*35*	*30*	*10*	*5*	*15*	*87*	*93*	*-6*	*39%*
AGE	*32*	*30*	*10*	*2*	*18*	*108*	*125*	*-17*	*36%*
JUVENTUDE	*29*	*30*	*9*	*2*	*19*	*100*	*137*	*-37*	*32%*
ITAQUI/JAIR RODRIGUES	*29*	*30*	*9*	*2*	*19*	*81*	*126*	*-45*	*32%*
FELICEPROCEL/CLUBE 7	*25*	*30*	*8*	*1*	*21*	*96*	*142*	*-46*	*28%*
RUSSO/DEFER ROULLIER	*23*	*30*	*6*	*5*	*19*	*95*	*135*	*-40*	*26%*
JOBI/SM	*8*	*30*	*2*	*2*	*26*	*26*	*66*	*-40*	*9%*

Fonte: Caderno do Esporte Clube Recreativo Pietrobon, 1998.

A equipe da Pietrobon não conseguiu conquistar a passagem à segunda fase do campeonato. Mas garantiu sua presença na Série Ouro no ano de 1999. Entre as revelações do time Pietrobon/Peterplás, que jogaram a Série Ouro, estão o zagueiro Marcelo Bolis e o pivô Diogo.

- **Ser / Pietrobon – Série Ouro 1999**

Equipe da Pietrobon na primeira década de 2000. Da esquerda para a direita: Eder, Jairo, Renato, Lacerda, Edu, Tête, Banana; Glauco, Orlei Jr., Serginho, Jorginho, Cardiano e Cacá. Foto: Gilberto Zanatta – Arquivo da Revista Comunicação

A Ser/Pietrobon realizou a sua primeira partida, valendo pelo Certame Estadual de Futsal, Série Ouro, do ano de 1999, no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo, em 3 de abril, frente à equipe da ULBRA, da cidade de Canoas. Na oportunidade, aconteceu o empate pelo placar de 4 x 4. A equipe tapejarense contou com Glauco, Edu, Eduardo, Serginho e Diogo. Ainda entraram em quadra: Jairo, Cardiano e Sananduva. Os gols foram assinalados por: Diogo (2), Sananduva (1) e Jairo (1).

Em Passo Fundo, frente à UPF, a Ser/Pietrobon conquistou uma vitória pelo apertado placar de 3x2, no dia 10 de abril. Houve outro empate, desta vez frente à AGE de Guaporé pelo placar de 4 x 4, em 17 de abril.

A primeira derrota amargada no campeonato, pela Ser/Pietrobon, aconteceu em Uruguaiana, frente ao Uruguaianense, pelo placar de 4 x3, no dia 24 de abril. Em Tapejara, a Ser/Pietrobon voltou a vencer,

dessa vez frente ao Karbain, da cidade de Santiago, pelo apertado placar de 3 x 2, em 1º de maio.

Mais uma vitória da Ser/Pietrobon em casa, dessa vez frente ao Guarani de Espumoso, pelo placar de 4 x 2, jogo realizado no dia 8 de maio. Em Marau, a Ser/Pietrobon não conseguiu manter a sequência de vitórias que vinha obtendo e acabou perdendo para o Ser/Marau pelo placar de 3 x 0. Na partida seguinte, mais uma derrota da Ser/Pietrobon, desta vez para a ULBRA, em Canoas, pelo placar 3 x 2, em 22 de maio.

• A segunda fase do Estadual

A estréia da Ser/Pietrobon, na Segunda Fase do Certame Estadual Série Ouro de Futsal aconteceu no dia 17 de julho, no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo. Na oportunidade, o representante tapejarense empatou em 2 x 2 frente à UPF, de Passo Fundo. O segundo jogo do Ser/Pietrobon foi em Porto Alegre, frente ao Internacional, ocasião em que a equipe tapejarense foi derrotada pelo placar de 3 x 2. Após o empate em casa com a UPF e a derrota para o Internacional, a Ser/Pietrobon conseguiu uma vitória dentro do Enxutão, em Caxias do Sul, frente à UCS, pelo placar de 5 x 3. Os artilheiros foram Edu (2), Jairo (1), Cacá (1) e Cardiano (1). Para o cronista esportivo Airton Lângaro: "A equipe tapejarense demonstrou garra, empenho e determinação. Houve até superação em Caxias do Sul, diante da UCS, demonstrando a união existente no grupo" (LÂNGARO, 1999a).

Após empatar em Marau, pelo placar de 1 x1, contra o Perdigão, a Ser/Pietrobon não teve boa atuação diante da AGE de Guaporé, perdendo por 3 x 2. Foi um jogo atípico, realizado no dia 9 de agosto, fazendo parte das comemorações do aniversário do Município Tapejara e marcando a despedida do técnico Paulinho Sananduva, que se transferiu para a Ulbra. Os gols da equipe de Tapejara foram anotados por Serginho (2). De acordo com o cronista esportivo Airton Lângaro "a equipe de Tapejara esteve muito aquém daquilo que poderia produzir; no fim teve que reconhecer a superioridade do líder da Série Ouro de Futsal gaúcho em 99" (LÂNGARO, 1999b).

O Técnico Banana assumiu o comando da Ser/Pietrobon na semana do jogo contra a Ulbra. O representante tapejarense empatou em 1 x 1 com a Ulbra. O jogo aconteceu no Ginásio Esportivo Chinesão, em Novo Hamburgo, em 14 de agosto. Em 18 de agosto, a Ser/Pietrobon empatou em 2 x 2 com a ACBF, no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo. No jogo contra a Reserg/Bento Gonçalves, realizado no dia 12 de setembro, a Ser/Pietrobon foi derrotada pelo placar de 5 x 3.

Na sequência da segunda fase do Certame Estadual Série Ouro, a Ser/Pietrobon jogou contra o Internacional, em Porto Alegre, no dia 25 de setembro. Em 2 de Outubro, em Passo Fundo, frente à UPF, a Ser/Pietrobon foi derrotada pelo placar de 3 x 1. O resultado deixou a equipe de Tapejara na luta por uma colocação honrosa na Série Ouro 1999, já que, para chegar entre as quatro primeiras, ficou quase impossível. O gol de honra da Ser/Pietrobon foi anotado por Serginho. Segundo Airton Lângaro: "Em 98, a Pietrobon encerrou em décimo lugar na Série Ouro. Neste ano poderá ficar em 7º ou 8º (um 6º lugar seria a glória). Melhorou na relação de um ano para o outro, porém não dá para ignorar que as equipes eram bem mais qualificadas que as de 1998" (LÂNGARO, 1999c).

Jogando em Guaporé, a AGE derrotou a Ser/Pietrobon pelo placar de 5 x 3. A data de 12 de outubro marcou o afastamento do time tapejarense da briga pela vaga na fase final. Os gols foram marcados por Edu (1), Serginho (1) e Tête (1). Conforme o Cronista esportivo Airton Lângaro, "temos todos os motivos para estarmos satisfeitos com a campanha da Ser/ Pietrobon. Afinal, posicionar-se entre as 6 ou 7 melhores equipes do Estadual mais importante e competitivo do Brasil é algo bastante gratificante"

(LÂNGARO, 1999d).

A Ser/Pietrobon encerrou sua participação na Série Ouro do Futsal Gaúcho de 1999 com a 7ª colocação. “Para o cronista esportivo Airton Lângaro: muito boa para um clube que participa apenas pela segunda vez entre dezesseis concorrentes e melhor ainda se considerarmos o 10º lugar alcançado no ano de 1998” (LÂNGARO, 1999e).

- ATF/Pietrobon: Vice-campeã na Série Prata 2003

As notícias esportivas dão conta de que a Associação Tapejarense de Futsal, ATF reiniciava suas atividades esportivas em 3 de fevereiro de 2003, no Ginásio Municipal Lourenço José Dall`Olivo. Naquele momento havia a possibilidade de a equipe disputar a Série Prata, através do convite da Federação Gaúcha de Futsal.

A comunidade tapejarense estava motivada e mobilizada com a possibilidade da participação da ATF na Série Prata do Futsal Gaúcho. O início da competição estava previsto para o dia 26 de abril. O técnico contratado era Hélber. Estavam confirmados para o time da ATF: Eder e Costella, mais Schultz e Marcelinho Sananduva. De Tapejara, seriam aproveitados os juniores: Matheus Gasperin, Douglas Wolf, Tárcio e Gringo.

Em meados de abril a ATF/Pietrobon estava treinando forte visando à estreia. O jogo foi realizado no dia 26 de abril, no Ginásio Municipal de Esportes Lourenço José Dall’Olivo, frente à equipe Pé no Chão, de Chapada, pela Série Prata. Na equipe, existia muito otimismo, principalmente por parte do técnico Hélber, de realizar uma grande campanha na primeira fase.

Time da Ser/Pietrobon em 2003, na Série Prata. Foto: Arquivo de Hugo Dalposso.

• ATF/Pietrobon x Pé no Chão

Na partida de estreia da Série Prata, a ATF/Pietrobon venceu por 5 x 2 o time Pé no Chão, de Chapada, em jogo realizado no Ginásio Municipal Lourenço José Dall’Olivo, em Tapejara, no dia 26 de abril. A equipe venceu com: Eder, Arnaldinho, Alexandre, Gringo e Zé Renato. Também jogaram: Schultz, Jorginho, Gringo e Alexandre. Marcaram: Schultz (2), Jorginho (1), Gringo (1) e Alexandre (1).

Em seguida, na segunda partida, a ATF/Pietrobon enfrentou o Ouro Verde, de Palmeira das Missões. A ATF perdeu, jogando fora de casa, pelo placar de 6 x 3. A partida foi realizada no dia 1º de maio de 2003, na cidade de Palmeira das Missões.

- **ATF/Pietrobon x URI/Santiago**

A ATF/Pietrobon, jogando em casa, voltou a perder. Dessa feita, frente à URI/Santiago, pelo placar de 5 x 4, no dia 10 de maio. A equipe local perdeu com: Eder, Arnaldinho, Alexandre, Jorginho e Zé Renato. Ainda jogaram: Guinho, Schultz e André. Os goleadores foram: Schultz (3) e Guinho (1).

- **ATF/Pietrobon x AABC (Três Coroas)**

O jogo aconteceu no dia 31 de maio. Era a vez da ATF, garantir, em casa, uma vitória na Série Prata de Futsal. Teve a estreia de Mathias e a volta de Gringo. Com boa atuação, principalmente de Arnaldinho, o placar não poderia ser diferente: 3 x 2 para o representante de Tapejara.

- **ATF/Pietrobon x Uruguaianense**

Em 14 de junho, a ATF, jogando no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo contra o atual vice-líder, Uruguaianense, empatou em 4 x 4. O time contou com: Costella, Mathias, Fernando, Schultz e Arnaldinho. Durante o jogo entraram: Andre e João Pedro. Os artilheiros foram: Arnaldinho (3) e Fernando (1).

- **ATF/Pietrobon x Santa Maria**

Jogango no dia 28 de junho, no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo, a ATF, que contratara o jogador Molossi, conseguiu uma grande vitória sobre a equipe de Santa Maria pelo placar de 6 x 2. Os gols foram marcados por: Fernando e Jorginho.

- **ATF/Pietrobon x Ouro Verde**

A ATF jogou no dia 2 de agosto em casa. Conquistou uma vitória sobre a equipe do Ouro Verde, de Palmeira das Missões, pelo placar de 3 x 1, com gols de Arnaldinho, Schultz e Mathias.

- **ATF/Pietrobon x URI**

A ATF venceu novamente, e era líder do returno com 10 pontos ganhos, junto com a Uruguaianense, de Uruguaiana. Com a goleada de 4 x 0 frente ao Santo Ângelo, em 16 de agosto, em Tapejara, a ATF seguia firme em busca da classificação à segunda fase da Série Prata. Os gols foram marcados por: Schultz (2), Mathias (1) e Molossi (1).

- **AABC X ATF/Pietrobon**

No final de agosto, a ATF perdeu para a equipe da AABC, de Três Coroas, por goleada de 9 x 2. No momento, a ATF caiu de posição e passou a ocupar o 5º lugar, com 10 pontos ganhos.

- **Uruguaianense x ATF/Pietrobon**

Jogando em Uruguaiana, a ATF amargou mais uma derrota na Série Prata, frente à Uruguaianense, pelo placar de 5 x 3. Em que pese o revés, a ATF continuava em 5º lugar.

- **ATF/Pietrobon X Santa Maria**

No último sábado de setembro, com o placar de 5 x 2 sobre o Santa Maria, a ATF conseguiu uma vitória na partida disputada na cidade universitária de Santa Maria. Marcaram para a ATF: Schultz (2), Adriano (1), Bonitinho (1) e Costella (1).

- **URI X ATF/Pietrobon**

Em 11 de outubro, jogando com a URI/Santo Ângelo na primeira partida do play-of final, a ATF/Pietrobon perdeu por 2 x 0 e ficou também com a ausência de dois importantes jogadores para o jogo de volta, em Tapejara. Adriano foi expulso e Schultz recebeu o terceiro cartão amarelo. Na semana seguinte, no jogo de volta, a ATF/Pietrobon venceu a URI pelo placar de 4 x 2. A equipe tapejarense venceu com: Eder, Fernando, Mathias, Tadeu e Bonitinho. Também jogaram: João Pedro, Jorginho, Gringo e André. Assinalaram os gols: Mathias (2) e Bonitinho (2).

A decisão do play-of do segundo turno aconteceu no dia seguinte (19), no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo, em Tapejara. O resultado foi um empate em 5 x 5. O time de Tapejara formou-se com: Eder, Fernando, Mathias, Bonitinho, Adriano. Durante a partida entraram: Gringo, Schultz, Tadeu. Marcaram os gols: Fernando (2), Bonitinho (1), Mathias (1) e Adriano (1).

- **ATF/Pietrobon x AABC**

A ATF/Pietrobon venceu a AABC da cidade de Três Coroas pelo apertado placar de 3 x 2, no dia 25 de outubro. A equipe contou com: Eder, Fernando, Mathias, Gringo e Bonitinho. Entraram durante o jogo: Schultz, Jorginho, André e Tadeu. Os goleadores foram: Bonitinho (2) e Fernando (1).

A ATF/Pietrobon teve grande chance de garantir vaga na Série Ouro de 2004, em 1º de novembro, jogando com a AABC em Três Coroas. A ATF esteve a frente no placar, tendo duas boas oportunidades de liquidar a partida, mas acabou perdendo por 6 x 4.

No dia 8 de novembro, a ATF/Pietrobon voltou até a cidade de Três Coroas para disputar o jogo extra. Na oportunidade, a ATF venceu pelo placar de 7 x 2. A equipe tapejarense goleou contando com: Eder, Fernando, Mathias, Adriano e Bonitinho. Também jogaram: João Pedro, Gringo, Schultz e Arnaldinho. Os artilheiros foram: Adriano (2), João Pedro (1), Schultz (1), Gringo (1), Fernando (1) e Arnaldinho (1).

- **ATF/Pietrobon x Ouro Verde**

Depois de se classificar à Série Ouro 2004, a ATF/Pietrobon jogou, no dia 15 de novembro, o primeiro jogo das finais da Série Prata 2003. A partida foi contra o Ouro Verde, de Palmeira das Missões. A ATF venceu a partida por 4 x 3, com gols marcados por Schultz.

Na partida de volta, em Palmeira das Missões, a ATF/Pietrobon amargou uma goleada do Ouro Verde, pelo placar de 6 x 2, no dia 20 de novembro. A equipe de Tapejara perdeu com: Eder, Fernando, Adriano,

Gringo e Schultz. Durante a partida entraram: Costella, Jorginho, Bonitinho, Arnaldinho. Descontaram: Bonitinho (1) e Gringo (1).

No dia 22 de novembro, A ATF/Pietrobon voltou até a cidade de Palmeira das Missões para disputar jogo extra. Nessa partida, a ATF foi derrotada pelo elástico escore de 9 x 2. A equipe, representante de Tapejara, que sofreu um balaio de gols, contou com: Eder, Fernando, Mathias, Adriano e Schultz. Entraram em quadra, também, Costella, Jorginho, Bonitinho, Gringo e João Pedro. Os gols de honra foram assinalados por: Mathias (1) e Jorginho (1).

A equipe do Ouro Verde foi superior e mereceu o título, pois foi constituída no começo da temporada e não sofreu nenhuma alteração até o encerramento, fato que foi fundamental à boa campanha. A ATF/Pietrobon iniciou os treinos em cima da hora, com uma equipe praticamente provisória, e aos poucos foi dispensando e contratando jogadores. A péssima campanha no primeiro turno fez com que os dois jogos finais fossem na casa do adversário, e esse fator foi decisivo à derrota.

Homenagem da Câmara de Vereadores pela conquista da vaga para a Série Ouro em 2004. Foto: Arquivo de Hugo Dalposso.

• Complexo Educacional e Esportivo Albino Sossella

A Escola Integrada com Ginásio de Esportes é uma edificação de alvenaria localizada nos altos da Rua Eugênio Dametto, esquina com a Avenida 7 de Setembro, no Bairro São Cristóvão, em Tapejara. A iniciativa do empreendimento veio por conta do Poder Público, na gestão do Prefeito Gilmar Sossella (PDT) e Ildo Aldino Lamb (PP).

Em meados de 2003, ocorreu a inauguração da pedra fundamental da edificação. A solenidade foi realizada pelo então Vice-Prefeito, no exercício do cargo de Prefeito, Ildo Aldino Lamb. As obras tiveram início com a terraplenagem e a drenagem da área, e o trabalho foi realizado por parte dos servidores, com a utilização das máquinas do Município. Em seguida, os alicerces foram assentados e as paredes e arquibancadas erguidas. Posteriormente, a estrutura estava pronta para suportar o telhado e para colocação das aberturas. Pouco tempo depois, o chão recebia o piso de concreto, que era revestido de madeira.

Complexo Educacional e Esportivo Albino Sossella e Quadra Esportiva Jaimir Antônio Pinto Ribeiro.
Foto: Arquivo da Revista Comunicação, 2015.

O ato inaugural da edificação aconteceu no dia 18 de dezembro de 2004, às 19h30, contando com a presença de centenas de pessoas. Também esteve presente o Deputado Federal Augusto Nardes, do Partido Progressista. No descerramento das placas, homenagens foram prestadas. O Complexo Educacional e Esportivo foi denominando: Complexo Educacional e Esportivo Albino Sossella, Escola Municipal de Ensino Fundamental Leonel de Moura Brizola e Ginásio Poliesportivo Jaimir Antônio Pinto Ribeiro. Após o descerramento das placas, foi realizada a gravação do Programa Galpão Crioulo Especial de Natal, que contou com a presença de João Luiz Corrêa e Grupo Camperismo, Delcio Tavares, Fátima Gimenez, Grupo Garotos da Querência e Grupo de Danças do CTG Manoel Teixeira. O dinheiro proveniente das copas foi repassado ao Corpo de Bombeiros Voluntários e à APAE.

• Quadra Jaimir Antonio Pinto Ribeiro

Nas dependências do Complexo Educacional Esportivo Albino Sossella, a quadra recebeu o nome de Jaimir Antonio Pinto Ribeiro, como forma de reconhecimento pelos serviços prestados à comunidade tapejaranse, quando o Professor Jaimir atuou à frente da Secretaria de Educação, Cultura e Lazer, na então Administração Municipal do Prefeito Gilberto Borgo e do Vice-Prefeito Norberto Dall'Olivo.

A quadra foi projetada e construída de acordo com as exigências da época, com a finalidade de oferecer as condições necessárias à realização, em especial, de jogos oficiais do Certame Estadual e Nacional de Futsal.

Depois de concluída, a quadra foi utilizada na realização de alguns jogos amistosos de times de firmas e estudantes, além de servir como local de treinamentos à ATF/Agrodanieli.

Jaimir Antônio Pinto Ribeiro iníciou suas atividades esportivas no time do Lovatto. Em seguida, seus familiares foram residir na cidade de Erechim. Nesse local, prosseguiu e aprimorou suas habilidades esportivas e tornou-se profissional, passando a atuar como profissional em diferentes temporadas nas equipes do Taguá, de Getúlio Vargas, Ipiranga e Atlântico, de Erechim, na década de 70.

Em sua volta para Tapejara, quase no final da década de 70, ingressou na Universidade de Passo

Fundo, onde colou grau no Curso de Licenciatura em Educação Física. Pouco tempo depois, passou a ministrar a disciplina de Educação Física nos estabelecimentos de ensino da cidade de Tapejara.

Além disso, continuou a desenvolver as modalidades esportivas de futebol de campo e do então futebol de salão. Atuou em diversos quintetos do então futebol de salão em Tapejara, entre os quais o Cocital, equipe que foi a primeira a representar o salonismo tapejarense no cenário do certame estadual, na década de 80.

Também vestiu a camisa de diversas equipes amadoras de futebol de campo, Clube Atlético Tapejarense, Tapejarense, São Paulo Futebol Clube, Juventude, de Vila Campos, em diferentes campeonatos locais e regionais, na década de 90, conquistando diversos títulos e troféus de goleador.

• Agrodanieli/ ATF Série Ouro Futsal

A Agrodanieli/ATF estreou no Certame Estadual de Futsal, Série Ouro, no dia 3 de abril de 2004, no Ginásio Municipal Lourenço José Dall'Olivo, em Tapejara. A partida foi contra a equipe da John Deere, da cidade de Horizontina. O resultado acusou a vitória do time visitante pelo escore de 4 x 2. O representante local perdeu com: Almir, Maurinho, Fernando, Marcelo e Tête. Também jogaram: Stella, Mathias, Arnaldinho. Marcaram: Fernando (1) e Tête (1).

Em Passo Fundo, frente à Ulbra Saúde/Gaúcho, a equipe Agrodanieli/ATF perdeu pelo placar de 5 x 3, no dia 17 de abril. Em 19 de abril, aconteceu mais uma derrota da Agrodanieli/ATF. Dessa vez, foi por goleada, frente à Ulbra, pelo placar de 5 x 0, na cidade de Canoas. No dia 24 de abril, a Agrodanieli/ATF empatou em 0 x 0 frente à AGS, de Sananduva.

A Agrodanieli/ATF conseguiu arrancar um empate em 3 x 3, frente ao Ouro Verde, de Palmeira das Missões, no dia 1º de maio. Na partida seguinte, no dia 12 de maio, a Agrodanieli/ATF sucumbiu frente à ACBF, de Carlos Barbosa, quando perdeu o jogo pelo escore de 3 x 1, em sua própria casa. A partida seguinte não foi diferente, o resultado foi péssimo, pois o representante de Tapejara amargou uma derrota por goleada de 6 x 1 frente à UCS de Caxias do Sul. O jogo aconteceu na cidade de Caxias do Sul, no dia 15 de maio. A recuperação da Agrodanieli começou a acontecer em casa, no Complexo Esportivo Aurélio Sossella, na quadra esportiva Jaimir Antônio Ribeiro, com a vitória frente ao Atlântico, da cidade de Erechim, pelo escore de 5 x 4. A equipe venceu contando com: Almir, Marcelo, Mathias, Ninho e Katinski. Jogaram ainda: Fernando e Sidinho. Os artilheiros foram: Sidinho (3), Mathias (1) e Marcelo (1).

Em Frederico Westphalen, no dia 5 de junho, veio a segunda vitória do time de Tapejara. O jogo foi com a equipe do Ipiranga e a vitória foi consquistada pelo escore de 5 x 3. A terceira vitória consecutiva da Agrodanieli/ATF aconteceu, em casa, com uma sonora goleada de 6 x 1, sobre o time da Plásticos Negrinho, da cidade de Marau, no dia 12 de junho. A equipe goleou contando com: Almir, Maurinho, Mathias, Marcelo e Tête. Durante a partida ingressaram na quadra: Ninho, Guinho, Katinski, Fernando e Sidinho. Os goleadores foram: Katinski (3), Tête (2) e Marcelo (1).

A série de vitórias da Agrodanieli foi interrompida pela equipe da John Deere, na cidade de Horizontina, quando o time venceu o representante tapejarense pelo placar de 6 x 2. Na partida seguinte, a Agrodanieli/ATF conseguiu a recuperação em casa e derrotou a ULBRA/Gaúcho de Passo Fundo pelo elástico placar de 6 x 1, em 11 de agosto. Entretanto, a equipe da ACBF, Carlos Barbosa, na rodada seguinte, venceu a Agrodanieli/ATF pelo escore de 5 x 3, no dia 14 de agosto. A vitória veio em casa frente ao Ouro Verde, de Palmeira das Missões, pelo escasso placar de 1 x 0, no dia 18 de agosto.

Em casa, novamente, a ATF/Agrodanieli conseguiu empatar pelo escore de 3 x 3, frente à UCS de

Caxias do Sul, em 4 de setembro. No dia 8 de setembro, fora de casa, a Agrodanieli/ATF foi derrotada pela Ulbra pelo escore de 5 x 2, na cidade de Canoas. Em Erechim, a ATF/Agrodanieli foi derrotada novamente. O Atlântico venceu a equipe tapejarense pelo escore de 6 x 2, no dia 11 de setembro. Depois de duas derrotas consecutivas, a vitória da Agrodanieli/ATF chegou, em casa, frente ao Ipiranga. A ATF venceu pelo escore de 7 x 3, em 18 de setembro. Em Marau, a ATF/Agrodanieli empatou em 6 x 6 frente à equipe da Plásticos Negrinho, em 25 de setembro.

Mais um empate da ATF/Agrodanieli foi registrado. Dessa vez, em casa, frente ao EEC John Deere, de Não-me-Toque, pelo placar de 2 x 2, em 29 de setembro. Em 2 de outubro, jogando, novamente, contra a EEC John Deere, a ATF/Agrodanieli sofreu uma acachapante derrota em Horizontina, pelo placar de 6 x 1. Em outro confronto, a Ulbra ficou com a segunda vaga da semifinal, já que venceu a equipe do Atlântico de Erechim. Disputaram a semifinal do Estadual Série Ouro de Futsal 2004 as equipes da ACBF, UCS, Ulbra e John Deere.

De acordo com o Diretor da ATF, Helfi Beviláqua, "a equipe teve um desempenho satisfatório, em virtude dos problemas enfrentados no início da temporada, além de lesões e saídas de atletas. Para o próximo ano teremos de corrigir os tropeços deste ano e montar uma estrutura ainda melhor. O representante local cumpriu seu papel e por pouco não esteve entre os quatro melhores do Estado" (NOVO TEMPO, 2004, p. 11).

• Bom Gosto/ATF Série Ouro e Futsal 2005

As notícias esportivas veiculadas nos meios de comunicação impressos de Tapejara, na coluna esportiva, davam conta de que em meados de fevereiro de 2005, a Associação Tapejarense de Futsal (ATF) confirmava sua participação na Série Ouro do Futsal Gaúcho 2005. O novo patrocinador era a empresa Bom Gosto. Conforme o então Diretor de Esportes da ATF, Helfi Beviláqua, "a equipe iria apresentar com o nome de Bom Gosto/ATF e com ajuda intensiva da comunidade iremos fazer, frente a este campeonato, uma equipe que possa representar Tapejara como ela merece" (NOVO TEMPO, 2005a, p. 11).

O elenco que iniciava a pré-temporada era composto pelos seguintes profissionais: Técnico, Sérgio Lacerda (Livramento); Preparador Físico, Cássio Sossela; Atletas: Fernando Funes (Concórdia, SC), Mathias (Tapejara), Edigleston Alves de Souza (Fortaleza, CE), Katata, Katinski, Juari, Ninho, Alex (SC); Sandrinho (Santo Antônio dos Palmares, RS); Diordani Sandini Araldi (Água Santa); Tárcio dos Santos (Tapejara), Douglas Frumi (Tapejara).

Em meados de março, aconteciam treinos intensivos da equipe Bom Gosto/ATF, que, na oportunidade, se preparava para participar do Estadual Série Ouro. A equipe treinava forte todos os dias pela manhã e à tarde. Para o atleta Leandrinho, natural de Foz do Iguaçu (PR), "a equipe está motivada e vai fazer uma grande temporada. Vamos colocar a equipe de Tapejara no topo, vamos fazer uma boa campanha" (NOVO TEMPO, 2005b, p. 11).

Sérgio Lacerda, natural de Florianópolis, era o técnico da Bom Gosto/ATF e estava em Tapejara desde 1994. De acordo com o treinador, "o Campeonato da Série Ouro, provavelmente, inicia no dia 16 do próximo mês. A Bom Gosto conta hoje com 14 jogadores e mais um será contratado. A direção não está medindo esforços, mas nesta época do ano é mais difícil de contratar atletas. Nosso grupo não está no estágio ideal, porém está treinando muito" (NOVO TEMPO, 2005b, p. 11).

Para o preparador físico da equipe, Cássio Sossela, "há times fortes que teremos que enfrentar, como a ULBRA e a ACBF. Eles estão a nossa frente, pois começamos um pouco tarde. Mas a gente está correndo

atrás para que, no início da competição, possamos chegar juntos" (NOVO TEMPO, 2005b, p. 11).

Os jogos

O primeiro jogo oficial, ocorrido no Complexo Esportivo Albino Sossela, foi realizado no dia 23 de abril de 2005. A equipe de Tapejara saiu na frente, aos 7 minutos do primeiro tempo, através do gol de Fernando Negrão. Aos 9 minutos, a ACBF empatou com Dionísio. Ainda no primeiro tempo, Bruno faria 2 x 1 para a ACBF. Na segunda etapa, com o apoio da torcida, aos 11 minutos, Juari chutou de fora da área, a bola desviou e enganou o goleiro Lavoisier: 2 x 2. Mas, em rápida cobrança de falta, Bruno definiu o placar: 3 x 2.

O destaque ficou com a grande presença de público, calculado em aproximadamente quatro mil espectadores. Na quarta-feira, dia 27 de abril, a Bom Gosto enfrentou e venceu a equipe da URI/Unimed, de Santo Ângelo, pelo placar de 2 x 1. O jogo foi realizado na quadra Jaimir Antônio Pinto Ribeiro, em Tapejara.

Em Erechim, frente ao Atlântico, a equipe da Bom Gosto/ATF foi derrotada pelo escore de 3 x 2. A Bom Gosto/ATF, jogando em casa, empatou em 3 x 3, em jogo frente à UCS, de Caxias do Sul, no dia 7 de maio. Em Sananduva, frente ao Gaúcho, a Bom Gosto/ATF amargou uma derrota por 3 x 0, em 14 de maio. Jogando em casa, a Bom Gosto empatou em 1 x 1 frente ao John Deere, em 18 de maio. A Bom Gosto/ATF amargou mais uma derrota frente à equipe da Agel, na cidade Garibaldi, pelo placar de 4 x 1, no dia 28 de maio.

Em prosseguimento ao Certame Estadual de Futsal Série Ouro, a Bom Gosto/ATF sofreu mais um revés. Dessa feita, frente à Ulbra, na cidade de Canoas, pelo escore de 5x4, no dia 14 de junho.

A equipe da Bom Gosto/ATF retornou aos jogos do Estadual Série Ouro de Futsal no dia 9 de julho, jogando na quadra Jaimir Antônio Pinto Ribeiro. A partida foi assistida por quase três mil torcedores e, na base da superação, a Bom Gosto conseguiu os três pontos em casa. Os gols foram anotados por Ninho e Negrão. No dia de 16 de julho, a equipe tapejarense venceu o Soledade pelo placar de 2x1, com gols de Ninho e Alex. O jogo foi realizado, novamente, na quadra Jaimir Antônio Pinto Ribeiro, em Tapejara. No dia 13 de agosto, em Santo Ângelo, aconteceu a terceira partida pelo segundo turno da Série Ouro, quando a equipe da Bom Gosto/ATF conseguiu o empate pelo placar de 2 x 2.

De acordo com o cronista esportivo Gilmar Berton, "com o aproveitamento de 78%, duas vitórias e um empate, nossa representação está no caminho certo de classificação para o play-off. No último jogo, com o Santo Ângelo, o placar de 2 x 2 foi bom pelo segundo tempo. Foi apenas um jogo razoável, ainda mais se tratando que foi fora de casa. Katinski e Diego fizeram os gols. Gio e Arno empataram. Foram boas as estreias de Sandro e Rodrigo, que chegaram na semana do jogo" (BERTON, 2005a).

Em Carlos Barbosa, frente à ACBF, a Bom Gosto/ATF foi derrotada pelo largo escore de 8 x 3, no dia 3 de setembro. A Bom Gosto/ATF perdeu com: Feio, Mathias, Diego, Alex e Negão. Entraram: Katinski, Tiago, Sandro e Rodrigo. Os gols foram anotados por Mathias (2) e Katinski (1).

A Bom Gosto/ATF deixou escapar uma vitória, em casa, frente ao Atlântico de Erechim, ao sofrer um gol nos últimos cinco segundos de bola corrida. Mas, na cidade de Caxias do Sul, frente à UCS, o representante de Tapejara conseguiu resistir e arrancar um empate em 0 x 0. A vitória chegou à Bom Gosto/ATF no jogo contra a Comercial Zaffari/Gaúcho, pelo placar de 4 x 1, em 8 de outubro.

A equipe da Bom Gosto jogou no dia 15 de outubro na cidade de Horizontina, em mais um confronto pela Série Ouro do Futsal 2005. Não conseguiu obter a vitória, que seria de extrema importância para o grupo, e o placar ficou em 3 x 2 para a equipe do John Deere. A equipe da Bom Gosto jogou em casa no dia 22 de outubro, contra a equipe da Agel/Unimed, de Santo Ângelo, conquistando mais uma vitória,

pelo placar de 3 x 1.

Em 29 de outubro teve início um dos play-offs, que apontará mais dois times para disputar a fase semifinal, juntamente com a John Deere e a Ulbra. Em Soledade, a Associação Soledade foi derrotada pelo CER Atlântico de Erechim, pelo escore de 4 x 1. O outro confronto, envolvendo Bom Gosto e ACBF, aconteceu no dia 5 de novembro, e teve o placar de 1 x 1. O time empatou com: Feio, Mathias, Diego, Alex e Katinski. Entraram: Alemão, Negão e Rodrigo. Negão marcou o gol.

No segundo jogo, em Carlos Barbosa, no dia 9 de novembro, a Bom Gosto/ ATF foi derrotada pela equipe da casa, a ACBF, pelo dilatado escore de 7 x 1. O representante tapejarense foi goleado formado com: Feio, Mathias, Rodrigo, Diego e Gustavo. Jogaram ainda: Katinski e Negão. O gol de honra foi assinalado por Katinski.

Em entrevista ao cronista esportivo do jornal Novo Tempo, o treinador Serginho Lacerda e o preparador físico Cássio Sossela analisaram um pouco do trabalho desenvolvido com a equipe do Bom Gosto. "Destacamos uma crescente evolução da equipe durante a competição, apesar de falta de ritmo causada pela fórmula estrutural do campeonato, que causa, não só perda na parte física, como na técnica e tática, que precisam estar em sintonia. Ainda com relação à parte física, cabe salientar que, para se obter resultado, é necessário um treinamento técnico e tático que vá dar compactação. E isso a equipe tinha, pois a competência desse trabalho foi comprovada mesmo com várias dificuldades no segundo turno" (BERTON, 2005b).

De acordo com o cronista esportivo do jornal Novo Tempo, Gilmar Berton, "a garra, vontade e determinação dos jogadores que vestiram a camisa da Bom Gosto, comandados por um excelente treinador, coroaram o trabalho sério, de honestidade e hombridade realizado por todos" (BERTON, 2005b).

• Tapejara retorna à Série Bronze de Futsal em 2007 com a ATF

De acordo com matérias esportivas impressas nas páginas do periódico Novo Tempo, de Tapejara, em 4 de abril de 2007, os representantes de várias entidades e empresas locais deram apoio ao retorno da Associação Tapejarense de Futsal (ATF) à Série Bronze. No Restaurante Garrincha, os coordenadores Aguinaldo Rehfeld e Airton Lângaro, que repensaram a Associação, apresentaram um projeto, destacando que a participação comunitária é a base para a formação de uma nova equipe. De acordo com Agnaldo, "não se faz um projeto só para o futebol; faz-se um projeto de entretenimento e lazer para toda a família. A gente pretende, sim, mobilizar toda a comunidade." Entre as iniciativas estava a organização de uma torcida VIP, a qual teria camisetas oficiais do time, com as cores da bandeira de Tapejara, além de lugar privilegiado e reservado nas arquibancadas.

Dias depois de aprovado o projeto, os dirigentes da ATF participaram de uma reunião da Federação Gaúcha de Futsal, no SESC Navegantes, em Porto Alegre. Na oportunidade discutiram as formas de disputa do campeonato e realizou-se o sorteio da primeira rodada; a competição teria início em meados de maio. Os dez Municípios que estavam representados na Série Bronze eram: Bagé, Espumoso, Lajeado, Porto Alegre, Rio Pardo, Sananduva, São Gabriel, Tapera, Teutônia e Tapejara.

A estréia da ATF na Série Bronze 2007 aconteceu no dia 19 de maio contra a equipe Vicato/Sananduva, na quadra Jaimir Antônio Pinto Ribeiro, em Tapejara, com a derrota pelo escore de 5 x 1. Os resultados dos demais jogos são: ALF (Lajeado) 7 x 3 ATF/Tapejara; ATF/Tapejara 5 x 2 GEG (São Gabriel); América Estratégia Agrícola (Tapera) 1 x 0 ATF/Tapejara; Juventus (Teutônia) 6 x 3 ATF/Tapejara; ATF/Tapejara 7 x 4 ARPF/Unisc Kappa (Rio Pardo); Bola na Rede (Porto Alegre) 5 x 2 ATF/Tapejara; ATF/Tapejara 2

x 1 ALF (Lajeado); ATF/Tapejara 5 x 0 América (Tapera); ATF/Tapejara 4 x 5 Juventus (Teutônia); Clube Atlético Guarani (Espumoso) 5 x 0 ATF/Tapejara; ATF/Tapejara 6 x 0 ARF (Rio Pardo); Associação Atlética Celeste (Bagé) 4 x 1 ATF/Tapejara; ATF/Tapejara 3 x 2 Associação Bola na Rede (Porto Alegre).

• Bom Gosto/ATF Série Ouro 2008

A Bom Gosto/ATF, que no ano de 2007 disputou a Série Bronze do Campeonato Estadual, voltou a integrar a Série Ouro do salonismo gaúcho em 2008.

A Associação Tapejarense de Futsal/Bom Gosto ocupou a vaga do Ser/Pé no Chão, de Chapada. Sua última participação na divisão do futsal gaúcho havia sido em 2005. Em 2006, o time manteve apenas as categorias de base e em 2007 optou por disputar a Série Bronze. O apoio forte do Laticínios Bom Gosto em 2008, além do apoio maciço da comunidade, motivou a volta à elite.

O Grupo era constituído pelas seguintes equipes: Ulbra (Canoas), ACBF (Carlos Barbosa), Cortiana/UCS (Caxias do Sul), Três Coroas/FACCAT (Três Coroas), URI/Código B (Santiago), Horizontina Futsal (Horizontina), UCPEL (Pelotas), GEL/SMEL (Garibaldi), GUSCH/Colégio Gustavo Schreiber (São Leopoldo), ACCE/Lojas Beck (Cerro Largo), ASSF/Miller/Unisc (Santa Cruz do Sul), CER Atlântico (Erechim), Bom Gosto/Futsal (Tapejara).

Os jogos e respectivos resultados da fase classificatória foram os seguintes: Bom Gosto 1 x 1 GUSCH, Bom Gosto 1 x 0 AGEL/SMEL, URI/Código B 5 x 3 Bom Gosto, Bom Gosto 0 x 0 ACLE/Lojas Becker, UCPEL 3 x 0 Bom Gosto, Bom Gosto 0 x 0 Horizontina, ASSAF/UNISC 3 x 1 Bom Gosto, Ulbra 3 x 2 Bom Gosto, ACCBF 5 x 1 Bom Gosto.

A colocação, na etapa classificatória foi a seguinte:

TIMES	*PONTOS GANHOS*	*JOGOS*	*VITÓRIAS*
ULBRA	*23*	*9*	*7*
ACBF	*22*	*8*	*7*
CORTIANA	*20*	*8*	*6*
TRÊS COROAS	*18*	*11*	*5*
URI	*18*	*11*	*5*
HORIZONTINA	*16*	*10*	*4*
UCPEL	*12*	*11*	*4*
AGEL/SMEL	*9*	*12*	*2*
GUSCH	*9*	*11*	*2*
ACLE	*8*	*10*	*2*
ASSAF/UNISC	*7*	*11*	*1*
ATLÂNTICO	*6*	*5*	*1*
BOM GOSTO	*5*	*9*	*1*

Disponível www.regiaodosvales.com.br/.../index.php?f=8. Acesso 4 – 6 – 2010.

• Tapejara na Série Prata 2014

Tapejara voltou a participar do Certame Estadual de Futsal no ano de 2014. O representante tapejarense era a equipe da Associação Tapejarense de Futsal. Na noite do dia 13 de abril, a ATF estreou

na Série Prata de 2014. O jogo foi em Lagoa Vermelha contra o Lagoa Futsal, e o time da casa venceu pelo placar de 5 x 4. Na sequência, na Série Prata do futsal gaúcho, a ATF venceu a equipe de Cerro Largo pelo placar de 3 x 1, em jogo realizado em 20 de abril. Em jogo válido pela terceira rodada do Estadual Série Prata, a ATF, jogando fora de casa, venceu a equipe da AES/Sobradinho, pelo placar de 6 x 2, em 26 de abril. A ATF conquistou mais três pontos com uma vitória convincente por 7 x 0 sobre a equipe do Real Academia, de Alvorada.

Em 31 de maio, a ATF teve o jogo mais difícil da Série Prata, enfrentando o DC Futsal, de Pelotas. O time da ATF perdeu por 4 x 2. Jogando em Ibirubá, no dia 7 de junho, a equipe da ASIF/Vence Tudo conquistou importante vitória na Série Prata, pois enfrentou a ATF de Tapejara, que até aquele momento estava na frente na classificação do campeonato. A equipe local venceu pelo placar de 5 x 3.

A ATF conquistou uma vitória na abertura do segundo turno da Série Prata. O adversário foi a forte equipe de Lagoa Vermelha e o placar final ficou em 2 x 1 para a ATF. A ATF também venceu, em 21 de julho, a Associação Sobradinho por 5 x 2. Não foi o melhor jogo desenvolvido pela ATF, mas o suficiente para garantir a vitória em casa e assumir a vice-liderança com 24 pontos, ficando atrás da líder da tabela, a equipe Asif, de Ibirubá, que tinha 26 pontos.

A ATF jogou no sábado, dia 2 de agosto, na quadra Jaimir Antônio Pinto Ribeiro, e empatou com a AGF de Guaíba. O placar ficou nos 3 x 3. O melhor desempenho da ATF foi observado no jogo contra o Arsenal; na oportunidade, a ATF implacou 6 x 0 no time de Não-me-Toque.

A ATF conquistou a mais importante vitória na temporada. Deu um passo e tanto para ficar entre os quatro melhores da Série Prata. Em 20 de setembro, o adversário foi a fortíssima equipe do DC Futsal, de Pelotas, que era a grande favorita para conquistar o título. O placar foi de 5 x 1. Logo aos três minutos, Esquerda fez o primeiro gol, chutando forte e alto no ângulo. Aos seis minutos, novamente Esquerda, agora de pênalti, anotou o segundo gol. Daniel Carvalho, a atração do DC, descontou quando recebeu bom passe de Maurício e na cara do goleiro Tiago, encostou de primeira para balançar as redes. No segundo tempo, no primeiro minuto, André Cerezoli marcou, para depois, aos onze e dezeseis minutos, completar a goleada. Com esses três gols, André foi escolhido, por unanimidade, o craque do jogo. O DC Futsal teve bons momentos nessa etapa, mas apareceu a muralha Tiago, como a torcida gostava de chamá-lo. O goleiro realizou inúmeras defesas salvadoras. O público foi de aproximadamente 1.800 torcedores, que vibraram muito durante todo o jogo.

A ATF teve: Tiago, Esquerda, André Cerezoli, Guinho Lisboa e Ângelo Canali. Também jogaram: Weber, Jeferson Dalzotto e Márcio. Costela, Edegar, Renan, Tiaguinho e Rodrigo compuseram o banco. Cássio Sossella foi o técnico. O DC Futsal, de Pelotas, era formado por: Junior, Pedro, Teteu, Rafael Almeida e Pett. Gustavo, Diego, Mistério, Matheus, Diegão, Daniel Carvalho, Feijão, Maurício e Thiaguinho. Técnico: Chupeta. Arbitragem: Tiago Lopes e Felipe Lermes.

A ATF teve uma pedreira pela frente. Entretanto, na noite de 4 de outubro, venceu a forte e competente equipe de Sobradinho, pelo placar de 1 x 0, com o gol de Márcio, que foi escolhido o craque do jogo.

Em Arroio Grande, em 13 de outubro, a equipe tapejarense aplicou 3 x 0 na forte equipe do DC Futsal, que era candidata ao título. No início do jogo, Esquerda, com toda sua categoria, passa entre dois marcadores, põe a bola por cima do goleiro e abre o placar: 1 x 0. No segundo tempo, a equipe pelotense vem toda para o ataque, enquanto os visitantes abusavam de contra-ataques rápidos. Em um dele, André Cerezoli faz jogada individual, deixa o marcador no chão, e chuta no ângulo, deixando o goleiro sem chances de defesa. O placar era de 2 x 0. Faltando poucos minutos para o fim do jogo, em um cochilo da marcação, André Cerezoli, livre na entrada da área, recebe a bola e de primeira coloca no fundo da rede,

decretando o placar final. DC Futsal 0 x 3 ATF. Destaque também para o goleiro Tiago Levandoski, que fechou o gol, impedindo uma possível reação do adversário, sendo escolhido o craque do jogo.

A disputa por duas vagas no Estadual Série Ouro 2015 iniciou no sábado, 18 de outubro, com os enfrentamentos entre AES/Sobradinho x AGF de Guaíba e ASIF de Ibirubá x ATF. Jogando fora de casa, a equipe da ATF sofreu grande pressão no Centro de Cultura e Lazer de Ibirubá, seja dentro ou fora de quadra. Cerca de 1.300 pessoas lotaram o ginasião da cidade para apoiar a equipe local. Placar final: ASIF 2 x 2 ATF. Com o empate no tempo normal, placar em branco na prorrogação e 5 x 3 para Ibirubá, nos pênaltis; assim, a ATF não conseguiu a tão sonhada classificação para a Sério Ouro do futsal gaúcho de 2015.

Espetáculo à parte foi a torcida, tanto de Tapejara, com mais de três mil pessoas, quanto de Ibirubá, com aproximadamente quatrocentos apaixonados torcedores. Só que o "espetáculo" foi ofuscado pelas sucessivas brigas entre alguns irresponsáveis de ambas as torcidas. A organização do evento falhou em aceitar tantos visitantes e não dar a segurança necessária. Gilmar Berton sugere uma demarcação na arquibancada para no máximo 100 torcedores e que os corredores existentes sejam eliminados. Que ao entrar no ginasião, a única opção sejam as arquibancadas e, logicamente, a proibição da venda de bebidas alcoólicas.

• O jogo

A ASIF começou pressionando, mas logo a ATF organizou-se e criou algumas boas chances, tendo no goleiro Alemão o principal destaque, tanto que no final foi escolhido o craque.

Quem abriu o placar foi a ASIF, numa trapalhada do goleiro Costela. Tiaguinho dominou a bola e passou para Mielo. Esse, de primeira, deu um passe para o grandalhão Alemão Gleiser anotar o gol e fazer explodir a torcida visitante. Explosão mesmo, tanto que alguns torcedores desceram alambrado abaixo. Teve torcedor ferido atendido pelos Bombeiros Voluntários e levado ao Hospital Santo Antônio, de Tapejara. O jogo parou por mais de 30 minutos e então apareceu a indisciplina de alguns torcedores. A continuidade da partida foi ameaçada, mas com a chegada de mais policiais, o jogo seguiu.

Essa parada até fez bem para a ATF, que em dois minutos virou o placar. O empate veio com gol de Esquerda, de pênalti, e depois, a virada, com Ângelo, em tiro livre, sem barreira. A torcida foi à loucura.

No segundo tempo, a ATF administrou bem o resultado até os segundos finais, quando Alemão Gleiser empatou. Recebeu bom passe e de cabeça executou o goleiro Costela. A ASIF veio de goleiro na linha e deu certo.

Na prorrogação, a ATF respeitou demais o adversário, até porque já tinha cinco faltas e temia cometer a próxima, que proporcionaria o tiro direto. O decisão foi para aos pênaltis. Ângelo, André e Márcio converteram e Jeferson, na segunda cobrança, desperdiçou. Para a ASIF todos os batedores marcaram. O resultado final do jogo foi ATF 3 x 5 ASIF. O time da ATF era formado por: Costela, Esquerda, André, Guinho e Ângelo; Weber, Jeferson, Tiaguinho e Márcio. Técnico: Cássio Sossella.

• Escolinha de futsal da ATF retorna às atividades

A escolinhat de futsal da Associação Tapejarense de Futsal (ATF) reiniciou as atividades em 2 de março de 2015. As aulas acontecem nas terças e quintas-feiras, nos turnos da manhã e tarde, no Centro Paroquial de Tapejara, sob orientação do professor Rodrigo Lunardi (Luneta). Hoje, a escolinha conta com setenta e cinco alunos. O Presidente da ATF é Hugo Dalposso e o Coordenador de Esportes da

ATF é Helfi Bevilaqua. A patrocinadora oficial da escolinha é a empresa Adubos Coxilha.

Escolinha de Futsal da ATF. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

RESULTADOS DOS CAMPEONATOS DE FUTSAL E FUTEBOL REALIZADOS PELO DEPARTAMENTO DE ESPORTES DE TAPEJARA

Todos os anos, a Secretaria de Educação, Desporto e Cultura, através do Departamento de Esportes, realiza diversos campeonatos de futsal e futebol feminino e masculino, abrangendo todos os times do Município. Os campeonatos são coordenados por Joel de Lima Portes. Abaixo seguem os resultados:

Futsal Interfirmas

Ano	*Campeão*	*Vice-campeão*
1989	*Irmãos Dametto*	*Cimisa*
1990	*Poggio e Hansen*	*Mecânica Spagnol*
1991	*Lacesa/Parmalat*	*Irmãos Dametto*
1992	*Usacon*	*Metalúrgica Artusi/Madril*
1994	*Metalúrgica Artusi/Madril*	*Super Rech*
1995	*Lacesa/Parmalat*	*Metalúrgica Artusi/Madril*
1997	*Mecânica Spagnol*	*Super Dalzotto*
1998	*Mecânica Spagnol*	*Pietrobon*
1999	*Usacon*	*Pietrobon*
2000	*Usacon*	*Pietrobon*
2001	*Pietrobon*	*Madril/Irmãos Dametto*
2002	*Madril*	*Bachegão Veículos/Construtora Sandini*
2003	*Usacon*	*Posto Ipiranga/Lav. Pelizzaro*
2004	*Madril*	*Usacon*

2006	*Agrodanieli*	*Cauduro/Carvão Nicolino*
2007	*Agrodanieli*	*Plasbil*
2008	*Super Central/Brilho & Arte*	*Metalúrgica Guiana*
2009	*Madril*	*Posto Kaninha/Zanatta Mat. Cons.*
2010	*Agrodanieli*	*Bom Gosto*
2011	*Agrodanieli*	*Plasbil*
2012	*Agrodanieli*	*Tecnomark/Crva*
2013	*Limbel/Estilo Casa*	*Agrodanieli*
2014	*Agrodanieli*	*Pietrobon/Banrisul*

Futsal Aberto de Verão

Ano	*Campeão*	*Vice-campeão*
1991	*Copal*	*Poggio e Hansen*
1992	*Imobiliária Prolar*	*Brigada Militar*
1993	*Rogério Materiais de Construção*	*Noturnos Bar*
1994	*Etc. E Tal/Super Central*	*Enxuta (Santa Cecília)*
1995	*Metalúrgica Guiana*	*Posto Rigo*
1996	*Laticínios Bom Gosto*	*Metalúrgica Guiana*
1997	*Laticínios Bom Gosto*	*Aberturaas Calegari/Super Central*
1998	*Super Central/Refrigeração Barizon*	*Metalúrgica Guiana*
1999	*Metalúrgica Guiana*	*Laticínios Bom Gosto*
2000	*Transa*	*Metalúrgica Guiana/Adubos Coxilha*
2001	*Metalúrgica Guiana*	*Alabum*
2002	*Bachegão Veículos*	*Pietrobon*
2003	*Bachegão/Poços Artesianos Água Viva*	*Madril/Transa*
2004	*Rovani Materiais de Contruções*	*Bachegão/Boêmios*
2005	*Super Central*	*Bachegão/Cabines Prm*
2006	*Coronetti Engenharia/Escritório JDB*	*Agrodanieli*
2007	*Bachegão/Agroveterinária 4 Patas*	*A Piajada*
2008	*Metalúrgica Guiana*	*Bachegão/Agropecuária Pontual*
2009	*Flamengo*	*Super Central/Ótica Gasparin*
2010	*São Brás/Bachegão Veículos*	*Atlântico/Diamon*
2011	*Rovani – Telhas de Concreto*	*Canarinho/Bachegão Veículos*
2012	*Coopervita/Bachegão Veículos*	*Madril/Construtora Dalligna*
2013	*Rovani/Mecânica SC*	*Flamengo*
2014	*AER Sadan/Metalúrgica Guiana*	*Cotapel*
2015	*AER Sadan*	*Padrão Munhoz/Super Rech*

Campeonatos Municipais de Futebol de Campo

Ano	*Campeão*	*Vice-campeão*
1973	*Juventude/Vila Campos*	*São Paulo F.C.*
1981	*Atlético*	*Cruzeiro (Faxinal)*
1983	*Atlético*	*Juventude/Vila Campos*
1984	*Juventude/Vila Campos*	*São Paulo F.C.*
1985	*Palmeiras*	*São Paulo F.C.*
1987	*Funil*	*Palmeiras*
1988	*Atlético*	*São Paulo F.C.*
1989	*Atlético*	*Cobra Preta*
1990	*Funil*	*Palmeiras*
1991	*Atlético/São Brás*	*Palmeiras*
1993	*União/São Luís*	*São Paulo F.C.*
1994	*Grêmio Tapejarense*	*São Paulo F.C.*
1995	*São Paulo F.C.*	*Atlântico/Linha Calegari*
1996	*Flamengo*	*Progresso/Vista Alegre*
1998	*Flamengo*	*Gaúcho/Linha Quatro*
2000	*Transa F.C.*	*Atlético/São Brás*
2002	*Atlético*	*Atlético/São Brás*
2004	*Transa F.C.*	*Juventude/Vila Campos*
2008	*Atlântico/Linha Calegari*	*Gaúcho/Linha Quatro*
2009	*Atlântico/Linha Calegari*	*Atlético/São Brás*
2010	*Molecada/Chiquinho Eletricista*	*Atlético/São Brás*
2013	*Molecada/Comiran/C. Sólido*	*Atlântico/Rota Agrícola*
2014	*Canarinho/São Silvestre*	*Transa F. C.*

Campeonatos entre comunidades

Ano	*Campeão*	*Vice-campeão*
1997	*Atlético/São Brás*	*Juventude/Vila Campos*
1999	*1º de Maio/Santa Rita*	*Gaúcho/Linha Quatro*
2001	*Atlântico/Linha Calegari*	*Gaúcho/Linha Quatro*
2003	*Grêmio/Paiol Novo*	*Juventude/Vila Campos*
2005	*Juventude/Vila Campos*	*Grêmio/Paiol Novo*
2006	*1º de Maio/Santa Rita*	*Atlético/São Brás*
2007	*Canarinho/São Silvestre*	*Atlântico/Linha Calegari*
2011	*Juventude/Vila Campos*	*Canarinho/São Silvestre*

Campeonato de Futsal entre Comunidades

Ano	*Campeão*	*Vice-campeão*
2010	*Restaurante Danelli/Mercado DS*	*São Silvestre*
2011	*Canarinho/São Silvestre*	*Santa Rita*
2012	*Canarinho/São Silvestre*	*Nova União/Pi Carreteiro*
2013	*Nova União/Pi Carreteiro*	*Restaurante Danelli/Triminantes*
2014	*Canarinho/São Silvestre*	*RDB/Calegari/S.A Carreteiro*

Campeonato de Futsal Feminino

Ano	*Campeão*	*Vice-campeão*
2010	*Mecânica SC*	*Cia Ltda "B"*
2011 (Entre-Comunidades)	*São Silvestre*	*Linha 4/Linha Marchiori*
2012 (Entre-Comunidades)	*São Silvestre*	*Linha 4/Linha Marchiori*
2013 (Entre-Comunidades)	*Linha Marchiori*	*São Silvestre*
2014	*Rovani/Transa/Mecânica SC*	*Palestra/Erechim*
2014 (Entre-Comunidades)	*São Silvestre*	*Rovani/Iniciação*

Campeonatos Citadinos

Ano	*Campeão*	*Vice-campeão*
1988	*São Paulo F.C.*	*Palmeiras*
1989	*São Paulo F.C.*	*Atlético*
1990	*Funil*	*Palmeiras*
1991	*Flamengo*	*Tapejarense*
1992	*Tapejarense*	*Palmeiras*
1994	*São Paulo F.C.*	*Atlético*
1996	*Flamengo*	*São Cristóvão*
1997	*Flamengo*	*Grêmio Tapejarense*
1999	*Grêmio Tapejarense*	*Flamengo*
2003	*Camarões*	*Atlético*
2011	*Transa F.C.*	*Atlético*

Campeonatos de integração intermunicipal

Ano	*Campeão*	*Vice-campeão*
1999	*Juventude/Vila Campos*	*Palmeiras/Gruta*
2000	*Canarinho/São Silvestre*	*Juventude/Vila Campos*
2001	*Palmeiras/Gruta Água Santa*	*Juventude/Vila Campos*
2002	*Vila Nova/Ibiaçá*	*São Cristóvão*
2003	*Vila Nova/Ibiaçá*	*Estrela do Sul*

Copa dos Campeões

Ano	Campeão	Vice-campeão
2001	Transa F.C.	Juventude/Vila Campos
2005	Transa F.C.	Flamengo

Campeonatos regionais

Ano	Campeão	Vice-campeão
1982	Grêmio/Marau	Atlético
1986	Atlético	Palmeiras
1991	Farroupilha/D. Canabarro	Funil
1995	São Paulo F.C.	Grêmio Tapejarense
1998	Internacional/Marau	Funil
2012	Transa F.C./Tapejara (Taça AMUNOR)	Paim Filho

Super Campeonato (Libertadores)

Ano	Campeão	Vice-campeão
2011	Transa F.C.	Rota Agrícola/Atlântico

Campeonato de Futebol 7, Society Sintético e Gramado

Categoria Livre

Ano	Campeão	Vice-campeão
2009	Diamon/Super Central	E.C. Nazaré/Ótica Aliance
2012	Pietrobon	Papel e Cia.
2013	Canarinho/São Caetano	A Piajada

Categoria Veteranos

Ano	Campeão	Vice-campeão
2009	Super Central/Boêmios	Gesso & Cia.
2012	Posto Kaninha	E.C. Nazaré
2013	Construtora Dalligna	Peruzzo Calç./Nervo Britas

Categoria Feminino

Ano	Campeão	Vice-campeão
2009	Cia. Ltda.	Água Santa
2012	Sananduva	Flamengo/Hotel Fontana
2013	Dalligna Construtora	Flamengo/Farmácia Irma

Campeonato Aberto de Voleibol Misto e Aberto		
Ano	*Campeão*	*Vice-campeão*
2009	*Bem Amigos/Vet*	*Frilley*
2010	*Urbanski/Frilley*	*Organizações Malb Ltda.*
2012	*CK Advocacia/Mecânica Malb*	*Frilley/Urbanski*
2013	*Olympia IMD/Passo Fundo (fem.)*	*Bio Corpo Acad./Mec. Malb*
2013	*Madril (masc.)*	*Crezon Laborat./P. Kaninha*
Campeonato Aberto de Futsal Guri e Velhinho Bom de Bola		
Ano	*Campeão*	*Vice-campeão*
Masters		
2009	*Flamengo*	*Scariot Tintas/Estilo Casa*
2010	*Isadora Modas/Roque Chap. (Sertão)*	*Flamengo/Matinal*
2011	*Flamengo*	*Posto e TRR Kaninha*
2012	*Posto Kaninha/Sementes Beé*	*Gigio Autom./Ótica Alliance*
2013	*Dalligna Construtora*	*Kaninha/Agrodanieli/Sementes*
2014	*Kaninha/Agrodanieli/Sementes Bée*	*Tchê Farmácias*
Vetereno		
2009	*Coopervita/Serraria FM*	*Gesso e Cia.*
2010	*Flamengo*	*Sementes Bée/Coopervita*
2011	*Dalligna Construtora*	*NDS Instalações Eletr. e Hid.*
2012	*Construtora Dalligna*	*NDS/Coronetti Eng.*
2013	*Construtora Dalligna*	*NDS/Mercado Bom Dia*
2014	*Construtora Dalligna*	*Água Santa*
Sub-16		
2009	*Imobiliária Bem Viver*	*Flamengo*
2010	*Academia Corpo Sólido*	*Copal Pneus*
Sub-15		
2011	*Mecânica Agric. Spagnol*	*Adubos Coxilha*
2012	*Projeto 2º Tempo*	*Mecânica Spagnol*
2013	*Mercado Bom Dia/Sim*	*Galaxy/Nazaré*
2014	*Mercado Bom Dia*	*Galaxy F.C./Produtiva*
Sub-13		
2009	*Adubos Coxilha*	*ADS/Cotrisana/Sananduva*
2010	*EFT/Pietrobon*	*Escola Leonel Brizola*
2011	*Escola Leonel Brizola*	*Escola Giocondo Canali*
2012	*A Piajada/Constr. Dalposso*	*Mercado DS/SBR Suínos Brasil*
2013	*A Piajada/Constr. Dalposso*	*Galaxy F.C.*
2014	*AER Sadan/Agrodanieli*	*Tchê Farmácias*

ADERGS/ROVANI

A equipe ADERGS/ROVANI iniciou o projeto "Boa de Bola, Boa na Escola", na cidade de Tapejara, em 2011, trabalhando com meninas de dez a dezoitos anos. O time coleciona, em pouco tempo de exis-

tência, vários títulos e conquistas importantes para a cidade e região. Pode-se destacar a conquista do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino em 2012, título que deu vaga à equipe para representar o Rio Grande do Sul na Copa do Brasil de 2013. Na categoria de base foi bicampeã do Estado na Copa Coca-Cola (2012, 2013) e representou o Estado, em São Paulo e no Rio de Janeiro, sagrando-se a terceira melhor equipe do Brasil até 15 anos.

Hoje, a equipe conta com três categorias: sub 13, sub 15, sub 17, e equipe principal, que disputam competições no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e em São Paulo. Trabalha também com um projeto social aberto para todas as meninas do Município e região que gostam de jogar futebol. O time já teve três atletas convocadas para a seleção brasileira sub 17 (Michele, Jennifer, Katrine) e em 2015 mais três atletas foram convocadas para a seleção sub 20 (Bruninha, Manu, Michele), além de Lorena, convocada para a seleção sub 17. Em 2015, a equipe disputa, além do gauchão adulto, os campeonatos estaduais de Santa Catarina, nas categorias sub 13, sub 15, sub 17 e sub 20.

Uma das equipes do projeto "Boa de Bola, Boa na Escola". Da esquerda para a direita: Helio, Gringo, Ana, Lili, Jaque, Jaque Fiori e João. Michele, Katrine, Manu, Bruna, Thamires e Paulinha. Foto: Arquivo da ADERGS/ROVANI.

CONSULADO GREMISTA DE TAPEJARA

Consulado Gremista de Tapejara foi fundado na década de 1960, tendo como seu primeiro cônsul Romeu Brum Ferreira. Pouco antes do ano de 1980, o consulado abriu as portas da cidade para receber o presidente Hélio Dourado, na histórica campanha do cimento para a construção do anel superior do Estádio Olímpico.

Além de Romeu Brum Ferreira, o consulado teve outros representantes do Grêmio na cidade, entre eles Euclides Bertoglio, Gilnei Fontana, Ildo Aldino Lamb, Gilberto Zanatta e segue, nos dias de hoje, liderado pelo cônsul Francisco Baccega.

Atualmente, o consulado promove encontros, excursões, ações solidárias e jogos festivos para aproximar os gremistas de Tapejara ainda mais do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense. A cidade conta também com mais de cem associados do clube.

CONSULADO COLORADO DE TAPEJARA

Consulado do S.C. Internacional de Porto Alegre é representado em Tapejara por Júlio Debastiani, na qualidade de cônsul, e por Ademir Comiran, na qualidade de vice-cônsul. O consulado iniciou em 2006, quando o Inter estava disputando a Libertadores. Foi a pedido de Vitório Píffero, então Presidente do clube, sendo também o atual Presidente, gestão 2015 e 2016.

Para uma pessoa ser cônsul, a primeira exigência é que o torcedor seja sócio de qualquer categoria do clube. A pessoa é analisada pela Diretoria e, após a devida análise, é nomeada ou não como cônsul do clube. Inicialmente, havia apenas o cônsul, mas, no ano de 2014, foi nomeado o vice-cônsul, para que assim possam dar mais respaldo a todos os torcedores do S.C. Internacional no Município, juntamente com a Associação dos Colorados de Tapejara, criada para também colaborar em todos os sentidos com os associados e simpatizantes do Inter, sejam eles sócios ou não.

Os Consulados constituem-se em representações dos associados do Clube de determinada localidade ou região, sendo um canal de comunicação de seus integrantes com o clube. As funções de um Consulado, segundo Júlio Debastiani, são: promover campanhas de novos associados; incentivar campanhas sociais e participar, em nome do clube, de promoções junto a entidades assistenciais; realizar promoções e eventos no Município, bairro ou região; participar, quando necessário, da organização, em âmbito local, de eventos esportivos que o Sport Club Internacional, em qualquer departamento ou categoria, tenha agendado na localidade, colaborando na promoção, recepção e hospedagem; estimular a aproximação entre a comunidade colorada e os órgãos do clube; zelar pela marca Internacional, seus símbolos e história, imagem e reputação, pelo bom nome do clube; criar, organizar e manter atualizado o cadastro de torcedores colorados no consulado; organizar excursões e viagens para assistir a jogos do Sport Club Internacional no Beira-Rio e outras cidades; administrar os recursos materiais e financeiros do consulado; quando presente em jogos do Sport Club Internacional, assinar o livro de presença na sala de relações consulares.

Além disso, o consulado do Inter em Tapejara, juntamente com a Associação dos Colorados de Tapejara, participa de ações sociais na ajuda aos mais necessitados, em campanhas de arrecadação de alimentos e outras, como para a APAE de Tapejara e outras entidades beneficentes, em promoções que são feitas anualmente, além de participar ativamente em promoções no Município.

Participaram também dos principais jogos decisivos do Inter, como em Tóquio e Yokohama em 2006, quando o Inter ficou Campeão Mundial Interclubes FIFA, e também no Campeonato Mundial Interclubes FIFA, disputado em Abu Dabi, em 2010, onde o Inter ficou em terceiro lugar. Atualmente, cerca de cem pessoas de Tapejara são sócios do Inter.

• Associação dos Colorados de Tapejara

A Associação dos Colorados de Tapejara foi fundada em 11 de julho de 2006. Os associados têm preferência nas excursões organizadas, desconto no valor da passagem, desconto em diversas lojas da cidade na compra de produtos licenciados pelo SCI. Todo associado recebe sua carteira e concorre no sorteio de diversos brindes em datas importantes do clube.

Foram Presidentes: Sidevan Teixeira – 2006/2007; Tiago Martins – 2008; Rosangela Maria Curzel Dallagasperina – 2009/2010; Elzir José Rosa – 2011/2012; Gustavo Damiani – 2013/2014; e Alan Gilberto Franceschet dos Santos – 2015/2016.

JOGO DE BOCHA

Os imigrantes italianos e seus descendentes que chegaram ao Núcleo Itália tinham poucas escolhas para diversão. Com o passar do tempo, foram introduzindo na cultura local os jogos tradicionais trazidos pelos antepassados. Assim, surgiu a prática do jogo de bocha, que foi, sem dúvida, um dos mais populares, reunindo, principalmente nas tardes de domingo, dezenas de jogadores e outro tantos assistentes em volta das canchas para acompanharem os jogos. As canchas eram, em sua maioria, assentadas junto às capelas das comunidades do interior, na sede e arredores ou anexas a bodegas e bares.

Para o jogo de bocha, utiliza-se uma pista de 23 a 24 metros de comprimento e quatro metros de largura, em piso nivelado e solado. São oito bochas, sendo quatro para cada time. Essas bochas são de madeira ou massa, pesando entre um quilo e um quilo e meio. A forma de jogar é: lançar as bochas na pista, verificando a que chega mais perto do bolim (bocha em tamanho menor). Ao lado da pista, fica a tabela, onde são marcados os pontos. Joga-se por lazer ou apostando dinheiro.

Mais tarde, com a propagação da modalidade esportiva na cidade, as canchas de bocha foram agregadas às sedes de clubes sociais. Entre as diversas canchas de bochas assentadas nas capelas da Sede Teixeira, cabe remontar a de Taudelino Antunes de Quadros, nas proximidades da Casa de Pasto, e a de Guilherme Lângaro, assentada num dos pontos da estrada da Sede Teixeira, na altura das cercanias do Rio Carreteiro, instalada e colocada em funcionamento em meados dos anos de 1920.

Um dos jogos remonta o dia 8 de novembro de 1925, quando foi iniciado às 8 horas e terminou às 16h30min. Naquela oportunidade, ocorreu um jogo amistoso entre as duplas: Mário de Quadros e Vicente Generoso, e Taudelino Antunes de Quadros e Pedro Generoso, que enfrentaram as duplas: Armando Silche e Orlando Damin, e Guilherme Lângaro e Guilherme Pelette. O resultado final foi: 295 pontos para as primeiras duplas e 289 para as segundas duplas. O juiz da partida foi Timóteo Scheleder. Atuou como fiscal Gerônimo Pelette e o contador Jacob Pelette.

Entre as primeiras bodegas, localizadas do centro da Sede Teixeira, que introduziram e desenvolveram a atividade do jogo de bochas, estava o Bar e Cancha de Bocha da família Barcarollo. Mais tarde, na Vila Tapejara, Olimpio Valentini instalou um Bar e Barbearia e no seu entorno assentou uma cancha de bochas. As instalações foram localizadas e assentadas nos altos da atual Rua do Comércio, nas proximidades da casa de comércio de Ermelindo Pagnoncelli, em frente à Bella Noiva. Por volta de 1970, essas instalações sofreram remodelações e houve a mudança de proprietários. Em meados de abril de 1979, ocorreu a inauguração de uma nova cancha de bochas no bar de Honório Chaparini.

No dia 25 de maio de 1975, dentro das comemorações dos 100 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, a Paróquia Nossa Senhora da Saúde, de Tapejara, promoveu uma de suas tradicionais festas populares. Dentro das festividades, foram inauguradas duas canchas de bocha, com piso de chão batido, revestido de areião, localizadas ao lado do Centro Comunitário, que era localizado na Rua 11 de Julho, atual Ângelo Dalzotto, esquina com a Rua Júlio de Castilhos. Depois das solenidades de inauguração, aconteceu um torneio de duplas de bochas que se estendeu durante todo o dia.

O jogo de bocha também chegou ao Clube Comercial, em meados da década dos anos de 1970. Foi introduzido por iniciativa de um grupo de associados, entre os quais: Luiz Dall'Igna, Arnaldo Casamali, Neli Pina, Pedro Poletto, Olmar Domingos Simoni, Ardulino Lângaro, Gesuíno Cauduro, Silvestre Rombaldi, Genésio Col'Debella, Rui Nunes de Góis e Albano Rech. Com a venda do antigo prédio de alvenaria, assentado na Rua XV de Novembro, foi realizado um torneio de bochas, no dia 1º de abril de 1979, marcando o encerramente das atividades do Clube Comercial naquela sede.

Em meados de 1980, foi criado o Departamento de Bochas do São Paulo F.C. O Departamento nasceu na reunião da Diretoria da entidade e associados no dia 10 de julho de 1980. Na ocasião, foram escolhidos, por aclamação, os dirigentes do Departamento de Bochas, ficando a direção assim composta: Manoel Martins – Presidente, Francisco Rodrigues Leão – Vice-Presidnete e Nelson Scuro – Treinador. Em 1983, foi a vez de Pedro Póggio presidir a associação, eleito no dia 23 de fevereiro daquele ano.

Arlindo Costa (Manco, em memória) numa disputa de um torneio de bocha na década de 1970.
Foto: Arquivo de Valmir Marsilio.

Em meados de 1984, foi realizado o I Campeonato de Bochas promovido pelo São Paulo Futebol Clube. O referido campeonato contou com a participação de mais de cem pessoas interessadas em competir na modalidade individual. Para os primeiros seis colocados foram distribuídos troféus.

No ano seguinte, no dia 12 de abril, em reunião da Diretoria, eram nomeados os novos dirigentes do Departamento de Bochas. Assumiram no cargo: Alcides Justino Ribeiro – Presidente e João Giácomo Bogoni – Vice-Presidente. A nova Diretoria, em 18 de agosto, promoveu o II Campeonato de Bochas, na categoria de duplas.

Também compuseram a Direitoria: Nelson Brunetto – Presidente e o Horácio Segat – Vice-Presidente (em 28 de fevereiro de 1986), e Nelson Marsiglio – Presidente e João Giácomo Bogoni – Vice-Presidente (13 de março de 1987).

Em tempos recentes, precisamente no período de 7 de outubro de 1991 a 12 de fevereiro de 1992, numa promoção da Diretoria do Centro Comunitário do Bairro São Paulo, em conjunto com o Departamento de Esportes e Lazer da Administração Pública Municipal de Tapejara, foi promovido o 1º Campeonato Municipal de Bochas em Trios, nas duas canchas novas do Centro Comunitário do Bairro São Paulo. O número de trios participantes foi de 58 e teve 232 atletas inscritos. A classificação final foi a seguinte: 1º Lugar: Móveis Sebben; 2º Lugar: Comércio de Bebidas Tapejara; 3º Lugar: Auto Elétrica Biazotto; 4º Lugar: Hotel e Lancheria Cristal; 5º Lugar: Fábrica de Telas Bonora; 6º Lugar: Poggio Hansen. Os troféus e prêmios de participação, doados pela Administração Pública Municipal, foram entregues durante o churrasco de confraternização realizado no dia 8 de março, nas dependências do Centro Comunitário do

Bairro São Paulo, em Tapejara.

O jogo de bocha é muito apreciado pelos imigrantes italianos. Alguns, não satisfeitos com os jogos de futebol de campo, construíram canchas junto à própria residência, para jogar nas horas de lazer. Hoje, seus descendentes e clubes de lazer adotam essa modalidade, preservando a força da cultura e realizando campeonatos entre as comunidades da região.

ASSERTAP

No dia 28 de outubro de 1981, dia do Servidor Público, foi realizada a inauguração da sede da Associação dos Servidores de Tapejara (ASSERTAP), localizada no atual Bairro São Cristóvão. O descerramento da fita foi feita pelo Prefeito José Maria Vigo da Silveira e pelo Presidente da Associação, Albano Rech. A cancha de bochas, construída no local, foi inaugurada com a primeira partida de bochas disputada pelo Prefeito José Maria e o Deputado Estadual Romeu Martinelli.

- **FUNIL**

Na década de 1980, o jogo de bocha começou a ser disputado na Sociedade Esportiva, Recreativa e Cultural Funil. Em meados de 1988, foi criado o Departamento de Bochas, que contava com a seguinte Diretoria: Carlos Alberto Pozzer – Presidente, Jucelino Borili – Vice-Presidente e Hilário Luza – Secretário. Em meados de 1990, esses dirigentes foram sucedidos pelos associados Domingos Malagutti e Nelson Scariot.

Sede do Funil. Foto: Arquivo da Divulgação.

Nos primeiros anos, diversos jogos de bochas foram realizados na cancha de chão batido. Com a participação crescente de associados e as precárias condições que a cancha oferecia, a Diretoria iniciou, por volta do final do ano de 1996, a construção de novas canchas, para dar conta da demanda.

Em 1º de setembro de 1997, foi realizada uma assembleia para expor aos associados as dificuldades

financeiras e buscar recursos para finalizar as obras da cancha. Na reunião da Diretoria, Jucelino Borilli e Anacleto Pietrobon foram nomeados como os responsáveis pelo Departamento de Bochas. Ficou decidido ainda que a inauguração das canchas aconteceria com a realização de um torneio de bochas.

O torneio, denominado de Primeiro Torneio Cidadino de Bochas do Funil, foi realizado nos dias 20 e 21 de setembro de 1997, com as seguintes equipes convidadas: Clube Comercial, Capela São Paulo, Bar do Zotti, Canchas de Bochas Zalmair Roier, Assertap, São Cristóvão, Cancha de Bochas Dalbosco, Piscina Parque Aquático União e Funil. Tudo aconteceu como havia sido programado, e na oportunidade, além de missa e cerimônias, foi servido almoço para mais de setecentas pessoas.

Na ocasião da inauguração, foram escolhidos os padrinhos das canchas de bochas. Ivo Baseggio foi homenageado como padrinho da cancha de número um e Roberto Luiz Felini, padrinho da cancha de número dois. Os times vencedores foram: 1º lugar: Clube Comercial; 2º lugar: Piscina Parque Aquático União; 3º lugar: São Cristóvão; 4º lugar: Assertap.

Devido ao intensivo uso, a estrutura das canchas sofreu desgaste. Assim, em meados de março do ano de 2000, a Diretoria executou reformas e melhorias, incluindo pintura no leito das canchas. Em 13 de maio de 2003, Domingos Malagutti, Claudiomiro Sossella e Vianor Miotto foram eleitos os novos membros do Departamento de Bochas. Em 2007, iniciou-se a construção de mais uma cancha de bochas, nos mesmos moldes das canchas existentes.

- **União Tapejarense de Bochas**

Os antecedentes históricos da formação da União Tapejarense de Bochas remontam os seguintes fatos: por volta de 1992, Delio D'Agostini adquiriu um prédio que antigamente pertencia à família Valentini e, atualmente, à família de Honório Chiaparini. O local, além de servir como residência, agregava as instalações de um bar e de uma cancha de bochas.

Posteriormente, em meados de 1998, os frequentadores daquela cancha decidiram pela criação de uma associação que abarcasse os interesses dos praticantes do jogo de bocha. A associação recebeu o nome de União Tapejarense de Bochas. Entre os fundadores estavam: Arlindo Koch, Delírio de Rossi, Eleucir Koche, Delio D'Agostini e Olvino Bento. Arlindo Koch foi eleito Presidente da UTB e Delio D'Agostini, diretor esportivo.

A União Tapejarense de Bochas realizou vários torneios em suas duas canchas e seus atletas representaram Tapejara em inúmeros torneios municipais, intermunicipais e regionais, neste último, auxiliados por Adomir Bonelo e Rudinei Bogoni.

CARREIRAS DE CANCHA RETA

A carreira foi o esporte característico do homem do pampa. Fazia parte, tanto de negócios que envolviam grandes somas de dinheiro, como das brincadeiras telúricas. Os ginetes, em pleno campo, desafiavam-se. Muitas vezes, no retorno das campeiradas, tiravam cismas de quem possuía o cavalo mais rápido. Todavia, no geral, "atavam" carreiras para datas específicas, geralmente aos domingos. Nos primeiros tempos, as carreiras eram disputadas com os cavalos de trabalho, os Crioulos. Esses equinos, de origem ibérica, possuíam grande predominância de sangue árabe. Com o passar dos séculos, foram apurados e terminaram definindo-se como raça específica do Cone Sul e muito valorizada nas atividades de pastoreio.

Os carreiristas sempre preferiam a cancha reta, de metragem não muito longa. O percurso podia ser de 260 a 400 metros. Com o hábito das carreiras e, invariavelmente, com o volume de dinheiro envolvido no jogo, a atividade também se transformou em negócio. A paixão de muitos homens pelas carreiras provocou a perda de grandes fortunas, rebanhos e até estâncias. Conta-se que os gaúchos chegavam a apostar as próprias mulheres.

Participar, com certa garantia de sucesso, significava preparar apropriadamente os cavalos. Dessa forma, apareceram duas especialidades vinculadas às carreiras: a do compositor, que cuidava dos cavalos, e a do jóquei, que era quem ficava em cima do cavalo para correr.

Até hoje, no pampa, chama-se o treinador de cavalo de "compositor". Eles definiam os alimentos e os exercícios básicos dos animais. Alimentavam-nos com milho e alfafa fenada, aplicavam-lhes banhos, treinavam arrancadas e corridas para deixá-los fortes e velozes. Os animais destinados às carreiras passaram a ser chamados de parelheiros, porque eram comuns as disputas feitas entre dois animais, em parelhas. Quando corriam em maior número, chamavam a carreira de penca, ou califórnia. Ir às pencas, no Sul, significava, ainda, ir até onde ocorriam as carreiras.

Nos dias de "carreira atada", os Crioulos chegavam cabresteados, cobertos de lindas capas, no geral coloridas. Todavia, fazia parte da picardia dos jogadores enfeitarem os cavalos, sujando-os, desfigurando-lhes os rabos, dando-lhes certo visual de pangarés, para que os adversários não percebessem seus reais valores.

Nas carreiradas, os habitantes da região tomavam conta dos dois lados da cancha. E ali passavam o dia. Os bolicheiros armavam ramadas para vender bebidas e comidas. Assavam-se churrascos. Aproveitava-se para rever conhecidos, saber das notícias e, nesse ambiente de jogo e convívio social, os jovens aproveitavam para os namoros.

As regras não eram muitas. Geralmente, tinham-se maiores cuidados na arrancada. O largador era o juiz e quando os cavalos estavam prontos ele puxava uma fita ou dava um tiro. Às vezes, aconteciam as famosas linguiças ou rolo, quando alguns apostavam no cavalo mais fraco e compravam o jóquei para fazer o pior cavalo ganhar, segurando o cavalo corredor. Esses parâmetros ainda hoje são adotados em regiões da campanha. Nas carreiras, as apostas eram depositadas em mãos de pessoas respeitáveis ou diretamente feitas em campo aberto. Nesses casos, os apostadores botavam o dinheiro no chão e o vencedor juntava.

O povo também se divertia nessas festas, alegravam-se com carreiras de petiços, animais lerdos, burros empacadores e manhosos. Somente no final do século XIX é que a corrida europeia, de raias em círculo, foi adotada no Rio Grande do Sul. E, assim mesmo, apenas nas cidades, pois na campanha – e em muitos hipódromos especializados na modalidade – permaneceram as carreiras de cancha reta.

• Carreiras de Tapejara

- Linha Scheleder

Aconteciam carreiras nas terras de Domingos Crespi, na estrada Tapejara-Passo Fundo e na atual comunidade de Linha Scheleder; os corredores (jóqueis) vinham de Passo Fundo, Lagoa Vermelha e Marau. As corridas movimentavam muita gente, nos finais de semana, naquela região.

- Vila Campos

As raias ou canchas para corridas de cavalos são tradicionais desde a criação da comunidade. No início, as raias eram montadas nas terras de Ernesto Biolo e Adelino Fontana, localizadas no centro da

vila. Moradores da comunidade lembram que "a raia iniciava na atual sede do Ajuve e terminava quase em frente à igreja". Quando corriam dois cavalos, a disputa era denominada carreira; quando corriam três cavalos, era a penca.

O lance era o momento de escolher os animais que eram oferecidos após as apresentações. Diniz Fontana lembra o nome de alguns animais: "Alazão, Tostado e Zaina". O jóquei é a pessoa que monta o animal. Na época eles vinham de Passo Fundo e de Lagoa Vermelha. Eram: Leãozinho, Bastiãozinho e Kidinha. O compositor era quem cuidava dos cavalos. No final da raia, ficavam posicionados os julgadores e o fotógrafo, pois era o momento de confirmar a chegada dos animais e, assim, ver quem era o vencedor. Os fotógrafos eram: Abele P. Artusi (em memória) e Valter Fontana. As seringas ou caixas eram os animais nas baias. Diniz Fontana conta que "antes da corrida, tiravam o tempo de cada cavalo, para depois fazer as apostas. No início da corrida, o largador puxava a fita ou dava um tiro para o alto. Os cavalos iniciam a corrida. Quando tinha corrida no domingo, era uma festa", comenta. Atualmente, as corridas são realizadas nas terras da família Ribeiro, na estrada entre Vila Campos e Vista Alegre.

As tradicionais canchas de carreiras. Foto: Arquivo da Divulgação.

- São Cristóvão

A cancha de carreira reta no Bairro São Cristóvão foi construída por volta da segunda metade 1930, por iniciativa de João Rombaldi. Waldemar Dalbosco recorda: "O comprimento das pistas era de mais ou menos 400 metros. Iniciava numa parte das terras do Rombaldi e terminava numa das pontas das terras da família Variza". Atualmente, no lugar da cancha, foi traçada a Rua Fiorindo Coronetti.

Waldemar Dalbosco conta que "as carreiras, de cavalo ou égua, aconteciam nos domingos, pela parte da tarde. Nas proximidades da raia funcionava uma pequena bodega com venda de gasosa, rapadura e mandolate. Havia domingos em que, dependendo dos parelheiros que corriam, muita gente ia assistir e torcer pelo seu cavalo."

BOLÃO – SOCIEDADE RECREATIVA TAPEJARENSE

O jogo de bolão é uma modalidade esportiva composta por duas trilhas: uma cancha para cada trilha, onde são dispostos nove paus (balizas). A dinâmica do jogo consiste em derrubar o conjunto de balizas, através da cancha, atirando um bolão de madeira contra as balizas. Nos primórdios, as balizas eram levantadas manualmente, por um terceiro elemento, que geralmente recebia uma pequena quantia em dinheiro para realizar a tarefa.

O time era composto por oito jogadores, competindo em duplas. Cada jogador tinha direito a vinte bolas. Cada baliza derrubada equivalia a um ponto. Sagrava-se vencedor o grupo que obtivesse maior número de pontos.

Em meados de 1956, por iniciativa de Luiz Carlos Petrini, Dorvalino Sirtoli, Angelo Ughini, Américo Ferreira da Silva, Ricieri Girardi, Gelci Sanson, Silvestre Rombaldi, José Bacega Neto, Noi Kuntz, Evaristo Rombaldi e João Costa, formou-se a Sociedade Recreativa Tapejarense.

Na agremiação, foram criados dois times: o Furacão e o Treme-Terra. Na década de 1960, o bloco do Furacão era composto por: Luiz Carlos Petrini, Americo Ferreira da Silva, Valdomiro Debastiani, José Bacega Neto, Noi Kuntz e Ricieri Girardi. Por sua vez, o bloco Treme-Terra era composto por: João Costa, Gelci Sanson, Silvestre Rombaldi, Angelo Ughini e Neli Pina. As equipes participaram de partidas amistosas nas cidades de Sananduva, Getúlio Vargas, Lagoa Vermelha, Erechim e Passo Fundo contra equipes locais. Esses Municípios, por sua vez, também retornavam a Tapejara para participar dos jogos promovidos na cidade.

De acordo com José Bacega Neto, "os destaques do time eram Luiz Carlos Petrini, Rosalino Sirtoli, Valdomiro Debastiani, Americo Ferreira da Silva e João Costa". Conta também que os jogadores vestiam uma camisa azul e, na participação em torneios, conquistaram várias taças e troféus. Ele recorda que "em Erechim, os jogos eram contra o Bloco do Bolão de Três Vendas; em Passo Fundo, contra o Bloco do Clube Juvenil e em Charrua Baixa, contra o Bloco da Sociedade Gaúcho".

VOLEIBOL

A prática do voleibol feminino e masculino iniciou com a criação e o funcionamento do Ginásio Pio XII de Tapejara, em meados de 1961. Foi o Professor Genésio Coll'Debella que ensinou as primeiras regras do esporte. As aulas de educação física eram realizadas na quadra de chão batido, demarcada atrás da goleira do Estádio Dr. Celso Domingues. A quadra estava situada nas proximidades do Cemitério Municipal João Rombaldi.

Por volta da metade da década de 1960, o Poder Público realizou terraplenagem em um terreno localizado nas proximidades do então Ginásio, na altura da Rua Júlio de Castilhos. Nesse local foi demarcada uma quadra para a prática do futebol de salão. Com o espaço, as aulas de educação física passaram a ser ministradas naquele local. Entre os pioneiros na prática do esporte, cabe destacar a participação dos seguintes estudantes: Sérgio Zanini, José Carlos Girardelo, Valério Cadore, Valdir Caselani, Valter de Oliveria, Norberto Dall'Olivo, entre outros.

Naquele tempo, o Grêmio Estudantil do Ginásio Pio XII e o Grêmio Estudantil Nossa Senhora da Saúde, da Escola Técnica de Contabilidade, que já se dedicavam à prática do futebol de salão, passaram a formar times de voleibol feminino e masculino. Com os times formados, as agremiações estudantis começaram a competir em olimpíadas e torneios esportivos nas cidades de Sananduva, Sertão, Marau,

Lagoa Vermelha, entre outros Municípios. Além disso, realizaram atividades esportivas, jogos e torneios em seu reduto.

No início da década de 1960, com a mudança do nome de Ginásio Pio XII para Ginásio Estadual de Tapejara, hoje Escola Estadual de Ensino Fundamental Severino Dalzotto, e com a respectiva transferência para o novo prédio de alvenaria, localizado na Rua Coronel Gervásio, 697, as aulas de educação física passaram a ser realizadas na quadra de concreto, assentada ao lado do estabelecimento de ensino.

Nessa quadra aconteceram inúmeros torneios interséries entre as equipes do Ginásio e da Escola Técnica de Contabilidade. Esses torneios motivaram a continuidade de atividades esportivas estudantis, tais como: torneios, jogos e participações em olimpíadas organizadas pela União Municipal de Estudantes Tapejarenses (UMET).

Em 17 de dezembro de 1974, foi inaugurado o Centro Comunitário Paroquial. O prédio de alvenaria foi construído na Rua Onze de Julho, atual Ângelo Dalzotto, esquina com a Rua Júlio de Castilhos. Nas dependências do prédio, foi demarcada uma quadra para a prática do futebol de salão e do voleibol. A partir de então, por mais de uma década, foram realizados incontáveis partidas amistosas de voleibol por iniciativa de desportistas aficionados pelo voleibol. Muitos torneios foram promovidos pela UMET, principalmente na gestão de 1974 a 1976, sendo responsáveis Marilene Ghidini e Ivone Felini, no voleibol feminino, e Roberto Ghidini, no voleibol masculino. Estes, juntamente com José Carlos Girardelo, José Carlos Cauduro, Genésio Coll'Debella, Jaimir Antonio Pinto Ribeiro e Paulo Gardelin formaram carreira na área dos esportes, sendo habilitados como profissionais de educação física.

Em 5 de novembro de 1988, foi inaugurado o Ginásio de Esportes Lourenço José Dall'Olivo. Entre as atividades esportivas realizadas no local, promovidas pela Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura da Administração Pública Municipal de Tapejara, através do Secretário Jaimir Antônio Pinto Ribeiro, cabe destacar o Torneio de Voleibol em Trios e o Campeonato Municipal de Voleibol realizados no ano de 1991.

Com a construção da quadra poliesportiva no Complexo Educacional e Esportivo Albino Sossella, um novo espaço para a prática do voleibol foi entregue a comunidade tapejarense. Entre os principais eventos de voleibol realizados na quadra esportiva Jaimir Antônio Pinto Ribeiro, cabe destacar o 5º Circuito Regional Unopar de Voleibol, em 2014, quando a equipe de Tapejara foi campeã.

Atletas de vôlei de Tapejara. Da esquerda para a direita, em pé: Alex Cantele, Eduardo Sachetti, Adriano Erlindo Koch, Felipe Oliveira Neto e Felipe Sachetti. Agachados: Carlos Rodrigo Endres, Ezequiel Panisson, Adilson Mantovani e Leandro da Costa. Foto: Arquivo da Rádio Tapejara.

ATLETISMO

O Município de Tapejara também se destacou no Atletismo. Marisa Pacheco participou de dezenas de provas municipais e regionais e teve a orientação do treinador Eugênio Post. Nos campeonatos estaduais, sempre participou representando o Município de Tapejara e a Escola Estadual Severino Dalzotto. A primeira medalha foi conquistada em 28 de outubro de 1981, na disputa dos 100 metros rasos, em Porto Alegre.

Em 1982, nove atletas tapejarenses participaram do Campeonato Estudantil Gaúcho, realizado em Porto Alegre. Oreste Menegaz, medalha de ouro na prova salto com vara, foi convidado para se filiar à Federação de Atletismo do Rio Grande do Sul, para representar o Estado fora das fronteiras; Marisa Pacheco conquistou medalhas nas modalidades de 100 metros rasos, revezamento 4x100 m e arremesso de dardo; Milton Alves foi medalha de prata no salto com vara; Silvania Limberg, medalha de prata no salto em distância; Volmar Costella foi medalha de bronze nos 1.500 metros; Jefferson Pacheco conquistou o 4º lugar no salto triplo; Airton Bogoni arrecadou o 5º lugar no lançamento de dardo; Loreni dos Santos ganhou o 5º lugar no lançamento de dardo; Elizete Rosa conquistou o 6°lugar nos 1.500 metros; Marisa Pacheco e Elizete Rosa, que disputavam na categoria infantil, foram classificadas para a categoria juvenil, devido aos ótimos resultados apresentados. Os professores Eugênio e Diana Post acompanharam a delegação.

Marisa Pacheco, no ano de 1983, participou da 12ª edição dos Jogos Escolares Brasileiros, realizados em Brasília (DF). Disputou nas modalidades de: 100m rasos (5º lugar), 100m com barreiras (9º lugar) e revezamento 4x100m, conquistando medalha de 3º lugar. Em 1984, participou, novamente, dos Jogos Escolares Brasileiros em Brasília (DF), nas modalidades de 100m rasos, 100m com barreiras e revezamento 4x100m, superando os resultados anteriores.

Já em 1985, na 15º edição dos Jogos Escolares Brasileiros, realizados no Estádio do Ibirapuera, em São Paulo, Marisa Pacheco competiu, representando seu Estado e Município, nos 100 metros rasos, revezamento 4x100m e salto em distância. Com a participação, Marisa foi campeã brasileira no salto em distância, com a marca de 5,27m. Surgiram, então, convites para fazer parte de clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro. Em toda sua brilhante carreira, Marisa conquistou mais de 100 medalhas nas diversas modalidades do atletismo.

Marisa no Estádio Ibirapuera (SP) nos Jogos Escolares Brasileiros em dezembro de 1985, quando conquistou o 1º lugar na modalidade salto em distância, com 5,27m. Foto: Arquivo de Marisa Pacheco.

CICLISMO

O ciclismo em Tapejara existe há vários anos, como transporte, lazer e para várias utilidades. Na década de 1960, aconteceram diversas competições ciclísticas, geralmente na Semana do Município, com a participação de vários ciclistas representando as agremiações esportivas da cidade. O incentivador da prática do esporte foi Almir Sitta (em memória).

Ciclistas representando o São Paulo F.C. e o Clube Atlético Tapejarense. Na Rua 15 de Novembro; à esquerda, as casas de madeira da família Ferrari; no lado direito, casa de madeira de Pedro Coldebella, a seguinte a de Aquelino Cavichioli e no meio o prédio do Clube Comercial, e ainda a seguir a casa de Angelo Menegaz; no fundo da rua, a residência de Iseu Rech.
Foto: Arquivo de Gilberto Zanatta.

A partir de 2005, um grupo de amigos resolveram organizar passeios entre eles. No decorrer do tempo, o grupo aumentou e alguns participantes adquiriram bicicletas melhores e passaram a sair mais com sua companheira. O grupo realizou vários passeios, entre eles idas a Piratuba (SC) e do Chuí até Punta Del Este (Uruguai), entre várias outras viagens, apreciando a paisagem, cultivando a amizade e se exercitando. Atualmente, são realizadas pedaladas noturnas até o Município vizinho de Ibiaçá, tendo como ponto de partida a frente da loja Doring às 19h30min, nas segundas e quartas-feiras.

Stéfano Girardi é um adepto da bike. Segundo ele, "com o passar do tempo surgiu a vontade de descobrir novos caminhos, novas amizades e novos desafios, na praia, no asfalto, nas trilhas e até nos passeios da cidade. Cada saída para pedalar é especial, pois os benefícios são incomparáveis e comprovados. Atualmente a melhor ideia é respeito ao meio ambiente, locomoção e também estar em forma; está em plena ascendência, embora tardiamente adotada no Brasil, que gera qualidade de vida e bem-estar, comprovado por quem passa pela bela experiência de pedalar."

Hoje em dia, há muitas opções no Brasil em relação a passeios de curta ou longa distância e sobre a

bicicleta há diversos modelos, desde os clássicos, speed, mountain bike, contra relógios, híbridas, feitas em aço, alumínio, fibra de carbono, bambu, com 1 a 30 velocidades, com cores, tamanhos e acessórios diferentes e outras particularidades diversas.

Amantes do esporte com bicicleta: Foto: Arquivo de Stéfano Girardi.

GINCANAS

Nas décadas de 1960 e 1970, durante a Semana do Município, eram promovidas gincanas automobilísticas com diversas tarefas para serem realizadas. Muitas equipes participavam e ganhavam troféus e medalhas.

Gincana Loteria Especial do Trio, em 1981; o vencedor foi Renato Sager.

SKATE

A prática do skate foi introduzida em Tapejara por Matheus Fortes Teixeira, em 1989. Seu pai, Sidney Teixeira, comprou em Passo Fundo um conjunto de peças para a prática do esporte. As atividades começaram a ser desenvolvidas na casa de Matheus, que, em seguida, começou a praticar na Praça Central Silvio Ughini, em uma quadra com obstáculos provisórios. Então, o Poder Público realizou melhorias no local, o que proporcionou a realização dos primeiros jogos e torneios entre amantes desse esporte. No

início havia poucos praticantes, já que era um esporte desconhecido, mas, atualmente, a quadra fica cheia de atletas amadores, que diariamente realizam treinos no local.

Em 8 de abril de 2006, Matheus faleceu em um trágico acidente. Em 2007, foi construída uma quadra, que, em sua homenagem, foi denominada Quadra de Skate Mateus Fortes Teixeira.

MOTÓDROMO

Em 1986, foi construída a pista de motocross, denominada Motódromo, localizada no Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto, pelo piloto Luiz Roberto Marcon (Minuca) e o mecânico Itamar Marsilio, ambos fundadores do motocross em Tapejara. Em seguida, juntamente com o Poder Público construiu-se a primeira pista de Velocross, onde, atualmente, está situado o pavilhão de eventos no Parque. Nessa mesma época, iniciaram-se as trilhas no interior do Município.

Em meados de 1992, o Motódromo de Tapejara foi melhorado pelo Poder Público na administração do Prefeito Bomfilho Sebben e do Vice-Prefeito Mário Antônio Maurina. A pista é destinada à prática esportiva do motociclismo, esporte em que o atleta compete pilotando uma motocicleta, veículo semelhante ao do motociclismo no Município. Atualmente, são realizadas etapas do Motocross.

Em dezembro de 1988, com a morte de Paulinho Chiaparini, membro da equipe da Sociedade Tapejara Moto Clube, o motódromo foi denominado com seu nome.

Alto Giro Moto Clube. Da esquerda para a direita: Alvaro Dall'Igna, Rosmar Valentini (Babinho), Leandro Fiorentim, Eugênio Nardin, Carlos Roberto Marcon, Itamar Marsilio e Luiz Roberto Marcon (Minuca) na chácara de Idílio Fiorentim em São Brás, em 1983, com uma moto Honda CG 125. Foto: Arquivo de Rosmar Valentini.

• Motocross

O primeiro piloto oficial, representante de Tapejara, foi Luis Roberto Marcon, o Minuca, como era chamado, que começou suas participações no regional de Motocross, então denominado de Planalto Missões de Motocross, no ano de 1986.

Com suas participações, Minuca fundou o Grupo Alto Giro Moto Clube e, já em outubro de 1988, Tape-

jara recebeu pela primeira vez uma etapa de Motocross, na pista do Parque Ângelo Eugênio Dametto.

Minuca disputou campeonatos nos anos de 1986 a 1998, durante 12 anos e conseguiu em sua trajetória: 3 títulos de vice-campeão regional, 1 título de vice-campeão gaúcho de Motocross e muitas outras importantes participações em nível estadual e nacional.

Minuca. Foto: Arquivo de Rosmar Valentini.

Em 1996, começou a treinar um novo piloto, Jonis Grigollo, que tinha apenas 13 anos de idade. Em 5 de setembro de 1993, com o Motódromo remodelado pelo Poder Público, foi promovida a V Etapa do Campeonato Planalto Missões de Motocross, juntamente com a Sociedade Tapejara Moto Clube. Participaram 28 pilotos nas categorias Iniciantes, Motos Nacionais e Força Livre. Cerca de três mil pessoas compareceram ao evento.

No dia 4 de setembro de 1994, novamente, Tapejara foi sede do Motocross Regional, dessa vez sediando a VII Etapa do Campeonato Planalto Missões de Motocross. Participaram dezessete pilotos na categoria Júnior, dezesseis na categoria de Motos Nacionais e onze pilotos na categoria Sênior. Um público de cerca de cinco mil pessoas compareceu no evento.

No decorrer dos anos diversas provas foram realizadas em Tapejara, etapas do Campeonato Gaúcho de Motocross, Campeonato Gaúcho de Veloterra e Campeonato Gaúcho de KM de Arrancada, além de campeonatos regionais.

Em 1998, Minuca decidiu parar de praticar o esporte, passando sua moto para Grigollo, o qual continuou participando dos campeonatos; um deles foi em 1999, quando representou o Município no Campeonato Estadual de Motocross.

Piloto Elton Becker na prova da Sociedade Tapejara Moto Clube, em setembro de 1993. Foto: Arquivo de Rosmar Valentini.

• Sociedade Tapejara Moto Clube

Com o apoio do Poder Público, em 22 de outubro de 1990, foi criada a Sociedade Tapejara Moto Clube, entidade que passou a comandar as atividades do motociclismo ao longo dos seus 25 anos de existência. A primeira Diretoria da entidade ficou a cargo de Joel João Pereira, Presidente, tendo Rosmar Valentini como Vice-Presidente, que com o apoio do Poder Público, obteve filiação na Federação Gaúcha de Motociclismo e na Confederação Nacional de Motociclismo.

Promove e apoia o motociclismo, especialmente as provas oficiais dos campeonatos gaúcho e regionais de motocross, veloterra, supercross, KM de arrancada, Encontro Regional de Trilheiros e toda e qualquer atividade envolvendo o motociclismo.

Possui sede campestre em Vila Campos, às margens do Rio Ligeiro e da RS 467. O atual Presidente é Antonio Marcos Sutil e o Vice-Presidente Roberto Urbanski. Atualmente, a sociedade possui vinte sócios.

Foto: Arquivo de Rosmar Valentini.

• Associação Tapejarense de Pilotos Off Road (ATP Off Road)

A Associação Tapejarense de Pilotos Off Road (ATP Off Road), criada em agosto de 2014, realiza, juntamente com a Sociedade Tapejara Moto Clube, grandes eventos, evidenciando o nome de Tapejara no cenário regional e estadual. A ATP Off Road tem como Presidente Renato Borilli, sendo composta por quarenta e dois pilotos de Tapejara.

Associação Tapejarense de Pilotos (ATP Off Road).
Foto: Arquivo de Renato Borilli.

• Veloterra

Tapejara ocupa lugar de destaque em nível regional, estadual e nacional, com a participação de seus pilotos na modalidade do Veloterra, onde seus representantes têm conseguido vários títulos de importância dentro do motociclismo. Os principais pilotos, que construíram e conquistaram essa liderança na modalidade do Veloterra são: André Calegari (Vigo) #82, Elder Pirolli (Neti) #71, Giordani Marcolin, Vagner Zanata (Maninho) #4, André Roberto Biazoto, Fernando Oliveira #31, Marino Oliveira, Paulo Carlotto, Wilian Mioto, Eduardo Guerra Batista, Ederson Giotti, Cristiano Artuzi, Cristiano Teixeira, Volnei Wolff, Paulo Roberto Bortolotto, Elcio Cauduro, Joanes Dalbosco, André Bertóglio, Jonis Grigollo, Felipe Mello, Roger Cagliero, Tiago Wolff, Pietro Pirolli, Otavio Zanatta e Volney Artuzi (em memória).

O Parque Ângelo Eugênio Dametto conta com uma das melhores pistas do Estado, tanto para o Motocross como para o Veloterra.

Piloto André Bertóglio no Campeonato Gaúcho de Veloterra em Tapejara, em 2005. Foto: Arquivo de Rosmar Valentini.

• Motocross Freestyler

Em setembro de 2013, uma nova modalidade começou a ser praticada em Tapejara: o Motocross Freestyler. Os precursores do esporte são Jonis Grigollo e Tiago Roberto Arcari. A pista para essa prática esportiva está localizada na saída para Ibiaçá, próximo ao pórtico. Ambos fazem parte da segunda maior equipe do mundo, a Daboot Brasil, filial da equipe italiana.

Atualmente, é o esporte mais perigoso do mundo, com manobras de até 15 metros de altura e saltos de 30 metros de distância. A moto é modificada: possui suspensão mais rígida, o banco é mais baixo, para facilitar a pegada das mãos, caixa do filtro de ar aberto e o guidão é mais alto e mais estreito. O piloto precisa ser rápido em suas manobras e fazê-las com criatividade e, principalmente, coragem.

Em 2009, Jonis Grigollo participou do campeonato italiano King Off Di Diga, realizado em Veneza, onde se classificou em 3º lugar. No Brasil, em 2013, conquistou a primeira colocação na categoria Freestyle no campeonato brasileiro, promovido pela Confederação Brasileira de Esportes Radicais (CBER).

Atualmente, além de treinar para os campeonatos, realiza diversas apresentações nacionais e algumas internacionais, como Itália e Espanha. O piloto Tiago Arcari começou a realizar shows com a equipe Daboot Brasil, no ano de 2014.

No Brasil, há mais de dez anos, Jonis Grigollo pratica a modalidade, principalmente em São Paulo. Hoje, está entre os dez pilotos do Brasil no Freestyle e em primeiro lugar no ranking de motocross freestyle. No Estado, é o único piloto profissional da categoria e no Município de Tapejara é matriz da equipe Daboot, que possui a maior estrutura móvel da América Latina.

Jonis Grigollo em um de seus saltos. Foto: Arquivoe Jonis Grigollo.

ASSOCIAÇÃO HORTENILENSE DE FUTEBOL DE MESA (AHFM)

A Associação Hortenilense de Futebol de Mesa (AHFM) existe desde agosto de 2004, em Tapejara. Os jogos iniciaram no porão da casa da Vó Hortenila, localizada na Av. 7 de Setembro, ao lado do Boone´s Bar, no centro de Tapejara, onde permaneceu até 2007. Disso surgiu o nome da associação, uma homenagem à vozinha (Dona Hortenila) que cedeu espaço, cobrando apenas uma taxa de luz e de vez em quando mandando os botonistas pra casa, quando o horário dos treinos se estendia após meia-noite.

O período de 2004/2006 foi marcado pela disputa de três campeonatos internos: Taça Hortenila, Copa Hortenila e o Hortenilão. O ano de 2006 também foi marcado pela primeira participação da AHFM em competição fora de sua sede, realizado em São Bento do Sul (SC), em uma etapa do Campeonato Catarinense de Futmesa.

Depois disso, a AHFM entrou no circuito gaúcho, do qual participa todos os anos, além de eventuais participações em competições nacionais e internacionais. Entre 2008 e 2012, a sede da AHFM foi no Clube Comercial, de Tapejara.

Em 28 de junho de 2010, a AHFM foi formalizada através de um Estatuto Social próprio e CNPJ. Desde 2013, possui sede no Ginásio Municipal Albino Sossella e, além de local de treinos, o espaço é utilizado

para a realização de oficinas com crianças do projeto Segundo Tempo Escolar. A associação é filiada à Federação Gaúcha de Futebol de Mesa (FGFM) e vinculada à Confederação Brasileira de Futebol de Mesa (CBFM).

A equipe possui 20 botonistas, sendo: 2 na categoria máster, 8 na categoria adulto, 2 na categoria sub 20 e 8 na categoria sub 15.

Os principais títulos são: equipe campeã no estadual interclubes (2011); 13 títulos estaduais em disputas individuais, na categoria livre, entre 2006 e 2014, sendo dez com João Paulo Gardelin, um com Eduardo Gardelin, um com Rubens Gardelin e um com Leandro Gardelin; dois títulos estaduais em disputas individuais, na categoria sub 15 sendo um com Matheus Gardelin e um com João Vitor Boff; um título estadual em disputa individual, na categoria máster, com Eduardo Gardelin, em 2014; um vice--campeonato brasileiro (Taça Curitiba/2014), com João Paulo Gardelin; quinto lugar no Mundial (Taça Rio/2012), com João Paulo Gardelin; dois troféus de 3º lugar com Bernardo Sebben, na categoria sub 20, em competição no Sul Brasileiro (2013 e 2014).

A associação tem por objetivo estimular, desenvolver e praticar a atividade de futebol de mesa, nas regras regidas pela Confederação Brasileira de Futebol de Mesa – CBFM. Os projetos em atividade em 2015 são: a manutenção e expansão da Escola AHFM, participação nos campeonatos estaduais, participação nos campeonatos nacionais e organização do Campeonato Gaúcho individual.

Disputa entre equipes de futebol de mesa. Foto: Arquivo de Eduardo Gardelin.

PISTA AUTOMOBILÍSTICA

No ano de 2013, o Poder Público assinou convênio com a Associação Automobilística Tapejarense, a qual cedeu um terreno, em comodato, na localidade de Linha Dalzotto, para dar início à construção de uma pista automobilística, de 470 metros.

A construção da pista era uma reivindicação antiga e o contrato de liberação de R$ 500 mil foi assinada no dia 10 de fevereiro de 2012, pela Prefeitura Municipal de Tapejara e Caixa Econômica Federal. Para a construção da pista, pavimentação e drenagem pluvial, foi liberada uma verba de R$ 500 mil, oriunda do Ministério do Turismo, através de uma emenda do Deputado Federal Luiz Carlos Busato. O Município de Tapejara despendeu uma contrapartida de aproximadamente R$ 100 mil.

TAPEJARA DRAGONS

No dia 5 de fevereiro de 2012, após assistir a uma partida de futebol americano na televisão, nasceu no grupo formado por cinco amigos: Joziel Mainardi, Gabriel Bortolanza, Eduardo Dela Vechia, Charles Bortolanza e Josias Mainardi a vontade de praticar este novo esporte.

O início não foi fácil, pois eram apenas cinco meninos jogando com uma bola furada e sem saber as regras. Aos poucos cada um começou a chamar seus amigos e estes a chamar mais pessoas para experimentar a nova modalidade.

Foi então que surgiu o time denominado Tapejara Dragons, uma equipe amadora de futebol americano que começou a levar mais a sério o esporte e a formar, realmente, uma equipe. As dificuldades do time ainda são grandes, por estarem longe da capital gaúcha e dos demais Estados do Brasil, onde há mais times de futebol dessa categoria.

Hoje, graças às redes sociais, a equipe é conhecida e divulga o nome de Tapejara para todo o Brasil. Nos mais de três anos de existência, o time realizou dois amistosos, o primeiro contra a equipe de Viamão Raptors, em Viamão, e outro em Tapejara, quando mais de cento e cinquenta pessoas assistiram ao confronto contra o time do Porto Alegre Crows.

Nos meses de setembro e outubro a equipe enfrentará diversos amistosos. Realiza treinos todos os sábados à tarde no Campo do Funil, onde qualquer pessoa pode participar, mesmo sem conhecimento prévio do esporte. A atual Diretoria está assim composta: Presidente Gabriel Bortolanza; Vice-Presidente Eduardo Dela Vechia; Tesoureiro Hian Simionato; Secretário Joziel Mainardi e suplente Lucas Pasa.

Time do Tapejara Dragons. Foto: Arquivo da Divulgação.

LAZER

- **Piscina Tênis Clube**

O Piscina Tênis Clube, localizado na saída para Paiol Novo, foi fundado em janeiro de 1970 pelos sócios: Johnny D. Zoppas, Arthêmio Antônio, Demetrio H. V. Gonzales, Alceu Basso, Natalino Rovani,

Celso Basso, Sady Stein e Ardulino Langaro.

Hoje, o clube conta com trinta sócios permanentes e são vendidos aproximadamente quinze títulos temporários por temporada. A área comporta cerca de cem pessoas e é composta por piscina infantil e adulta, espaço para lazer, uma cancha de bocha, uma quadra de voleibol e um campo de futebol. A atual Presidente é Gladis C. P. Derossi.

Vista parcial do Balneário em 2015. Foto: Arquivo de Henrique Derossi.

• Balneário Paraíso

O Balneário Paraíso está localizado em Linha Marchiori, interior de Tapejara. Suas atividades iniciaram no ano de 1995 com o intuito de proporcionar lazer e diversão para seus clientes e amigos. Sua estrutura conta com uma piscina adulta e um tobogã. Além disso, possui também uma piscina infantil, campo de futebol 7, cancha de bochas, ampla área coberta com serviços de copa e cozinha e uma vasta área de camping com mesas e churrasqueiras.

Balneário Paraíso. Foto: Arquivo de Augusto Aurélio Bogoni.

• Balneário Água Azul

O Balneário Água Azul iniciou suas atividades no dia 1º maio de 2001. O local, que hoje forma uma área de lazer, antigamente, era utilizado para outros fins. Lá residiam apenas duas famílias, mas, com o passar do tempo, restou apenas a família de Décio e Cirlei Teixeira.

Eles então construíram um local onde as pessoas podem estar em contato com a natureza. O Balneário Água Azul está localizado na ERS 463, Km 4,5, em São Domingos, Tapejara.

SOCIEDADES AQUÁTICAS

• Piscina Paraíso dos Pássaros

Vista parcial da piscina.
Foto: Arquivo Piscina Paraíso dos Pássaros.

A ideia de se construir uma piscina em Tapejara surgiu numa sexta-feira à tarde de um dia muito quente em 1970, quando Domingos Luiz Dalagasperina resolveu construir um açude que servisse para criar peixes e também para tomar banho. "Naquele tempo somente poderíamos nos banhar no Rio Santo Antônio ou no Rio Ligeiro, ou, então, rumar às praias do litoral, o que era distante. Aqui não havia estruturas adequadas nem segurança. Naquela sexta-feira, saí de casa a pé e fui visitar um lugar no meio da mata, onde, em tempo de criança, eu e meus amigos íamos caçar de bodoque e aproveitávamos para tomar banho num pequeno riacho de águas límpidas que corria entre as árvores. Foi decisão à primeira vista: fui direto à casa do proprietário do terreno, Honorino Scariot, e propus a compra de um lote com a finalidade de construir um açude. Acertamos o negócio, uma área de onze mil metros quadrados. Logo após acertado o negócio, procurei dois amigos para juntos construirmos uma área de lazer; estes de imediato se prontificaram a formar uma sociedade. Foram eles: Mario Dalzotto e Pedro Hugo Sitta", contou Domingos (DALLAGASPERINA, 2012a).

Os três decidiram que, ao invés de fazer o açude, construiriam uma piscina. Iniciaram as obras, escavaram o espaço para o tanque, compraram pedras, cimento, ferro e demais materiais para começar a construção. Mas, antes disso, percorreram Passo Fundo e Getúlio Vargas para conhecer outras piscinas e obter informações de como proceder.

Depois das visitas a outras piscinas, a ideia inicial mudou: resolveram construir uma piscina grande para mais pessoas. Então, surgiu a ideia de abrir a sociedade e admitir mais sócios, garantindo, assim, maior frequência e utilização por mais pessoas.

Assim, em 11 de novembro de 1971, foi fundada a Sociedade Piscina Paraíso dos Pássaros, sendo 15 o número de sócios fundadores: Pedro Hugo Sitta, Peter M. A. M. Rietjens, Domingos Luiz Dallagasperina, Euclides Bertoglio, Mario Dalzotto, Domingos Secco, João Cadore, Mário Marin, Nelson José Sitta, Alcides Mário Tefilli, Genésio Col Debella, Angelo Dalzotto, Amos Arno Martinelli, Mário Felini e Hélio Schmidt.

Para constituir a sociedade, elaboraram e aprovaram os Estatutos, conforme a Ata nº 1. Foi adquirida uma área de terra, localizada na Rua Silva Jardim, 1630. O nome Paraíso dos Pássaros foi dado à sociedade porque o local, escolhido para localização da piscina, fica junto a um mato com muitos pássaros.

Foram construídas piscinas, uma para adulto e outra infantil, bem como a casa do zelador. Os primeiros Presidentes da Piscina Paraíso dos Pássaros foram: Domingos Dalagasperina, Pedro Hugo Sitta e Mario Dalzoto. No dia 10 de novembro de 1972, em reunião, foi eleita a Diretoria à próxima temporada, sendo eleitos e empossados: Presidente Peter M. A. M. Rietjens; Secretário Euclides Bertoglio; e Tesoureiro Domingos Luiz Dallagasperina.

Com o tempo, construíram churrasqueira, vestiário, banheiros, mesas de pedra debaixo da sombra das árvores, terraplenagem do local para o campo de futebol e outras benfeitorias. Houve muita colaboração dos novos sócios para levar o projeto adiante, o que facilitou a sua conclusão. Mais tarde, foram admitidos novos sócios.

No começo, a água era obtida através de uma pequena nascente, chamada de "lágrima", pois levava uns 10 dias para encher a piscina. Mais tarde, foi construído um poço e a água era bombeada através

de um motor até a piscina. Como a água não era boa, foram, depois, perfurados dois poços artesianos, o primeiro dos quais fornecia água contaminada com ferrugem; o segundo foi aprovado. O terceiro Presidente da sociedade foi Pedro Hugo Sitta. Atualmente, a piscina Paraíso dos Pássaros possui 167 sócios e a atual Diretoria está composta por: Airton e Silvane S. Melara – Presidente, Neivo e Iraci Valentini – Vice-Presidentes e Vilson e Elaine Fátima Tortini – Tesoureiros.

• Piscina Parque Aquático União

No dia 5 de setembro de 1974, através da união de esforços das famílias de Claudino Felini, Abele P. Artusi, Américo F. da Silva, Angelo R. Manica e João A. Marcon, foi viabilizada a construção de um açude com o objetivo de criar um local de lazer para os finais de semana. A água para o açude era captada das terras de Eugênio Felini.

No dia 22 de setembro aconteceu a primeira reunião, no antigo Colégio Medianeira, com a presença de, além dos fundadores, mais 17 pessoas interessadas em fazer parte da nova sociedade. Na oportunidade, foi constituída a primeira Diretoria, que ficou assim representada: Américo Ferreira da Silva – Presidente; Angelo Rombaldi Manica – Vice-Presidente; Murilo Bée - 1º Secretário; Luiz Costa – 2º Secretário; Sérgio Zanini – 1º Tesoureiro; e Claudino Felini – 2º Tesoureiro.

Dois meses após a assinatura do contrato de compra do local, os componentes da Diretoria decidiram, ao invés de fazer o açude, construir uma piscina. O terreno adquirido tinha grandes dimensões e a construção de uma piscina oportunizaria o ingresso de mais sócios. Foi então construída a piscina externa no tamanho de hoje. Com o passar do tempo e a ação de outras Diretorias, foram construídas as piscinas menores e realizadas benfeitorias, como: secretaria, banheiros, cancha de bocha, campo de futebol, voleibol, salão de festas, casa para ecônomo e churrasqueiras com áreas cobertas.

Em 24 de novembro de 2002, o Presidente Elzir José Rosa, juntamente com a Diretoria e associados, construíram um dos marcos do Parque Aquático União: a piscina térmica, com sauna, banheira de hidromassagem e academia. Hoje, o Parque Aquático União conta com 634 sócios titulares.

Foram Presidentes:
Américo Ferreira da Silva: Gestão 1974/1975
João Antônio Marcon: Gestão 1975/1977
Romeu Brum Ferreira: Gestão 1977/1978
Wilson Cavichiolli: Gestão 1978/1981
Claudio Borella: Gestão 1981/1984
Itacir José Spanhol: Gestão 1984/1986
Celso Zanini: Gestão 1986/1987
Ernani Carlos de Linhares: Gestão 1988/1989
Ademir Pozzer: Gestão 1989/1991
João Amaro Pietrobon: Gestão 1991/1994
Santo Moretti: Gestão 1994/1996
Itacir José Spanhol: Gestão 1996/1998
Elzir José Rosa: Gestão 1998/2002 e de 2005 a 2013
Valdir Marin: Gestão 2002/2003
Claudemir Martinello: Gestão 2003/2005
Elzir José Rosa: Gestão 2005/2013
Vanderlei José Rauta: Gestão julho de 2012 a janeiro de 2014

Celso Borgo: Gestão janeiro de 2014 a julho de 2014
Ernani Carlos de Linhares: Atual Presidente

Balneário Paraíso. Foto: Arquivo de Augusto Aurélio Bogoni.

RIOS

Em Tapejara, há quatro rios que servem de lazer para grupos de amigos e familiares: Rio Ligeiro, localizado na ERS 467 (Tapejara/Ibiaçá); Rio Ligeiro, localizado na Comunidade de Linha Quatro, denominado de Prainhas de Linha Quatro, espaço de lazer da família Sebben; Rio Carreteiro, espaço da família Giacomin, onde diversas pessoas se reúnem para descer o rio com uma boia e, também, no Rio Carreteiro, espaço da família Damin, denominado de Camping Poço Redondo. Os dois últimos estão localizados na Comunidade do Caravaggio.

CENTRO COMUNITÁRIO DO BAIRRO SÃO PAULO

O Centro Comunitário do Bairro São Paulo está localizado ao lado da igreja católica. Possui três salões agregados, onde são realizadas missas, bailes, matinês, jantares, reuniões, bingos, entre outros. Possui uma quadra de esportes utilizada para treinos e jogos de diversos times. Também possui um bar e uma cancha de bochas para o lazer da comunidade. No local, também são realizados jogos de baralho.

No salão são realizadas as aulas de catequese das crianças do bairro. Logo à frente, há árvores, grama e bancos disponíveis à comunidade. Antigamente, atrás do salão havia um campinho, onde as crianças e os jovens dos arredores passavam os dias jogando futebol.

GRUPO DE CAVALEIROS DA ROTA DAS ARAUCÁRIAS

O Grupo de Cavaleiros da Rota das Araucárias foi fundado em 3 de abril de 2006. Os fundadores foram: Pedro Iliomar Ramos da Silva, Gilberto Luiz Bortoloto, Lori Enrique Menon, Oralino Scariot, José Adelino Ramos da Silva, Valdir Piffer, Ildo Aldino Lamb e Gilberto Luiz Rovani.

Em assembleia, foram aprovados os estatutos e constituída a primeira Diretoria e Conselho Fiscal, que ficaram assim compostos: Gilberto Rovani – Presidente, José Adelino Ramos – Vice-Presidente, Ildo Aldino Lamb – Tesoureiro e Gilberto Luiz Rovani – Secretário. O Conselho Fiscal foi formado por: Lori Enrique Menon, Pedro Iliomar Ramos da Silva e Oralino Scariot.

Como primeiro evento, realizaram uma cavalgada até a comunidade de Nossa Senhora do Caravaggio, onde, no sítio do Tombo Feio, de propriedade de Gilberto Rovani, plantaram a primeira muda de araucária. O gesto virou tradição entre o grupo.

A entidade é uma associação civil, sem fins lucrativos, constituída com a finalidade de promover a cultura, divulgar as tradições do Rio Grande do Sul e desenvolver atividades de proteção ao meio ambiente.

A sede campeira está situada na comunidade do Caravaggio, junto à propriedade de Gilberto Rovani, conhecida como Sítio Tombo Feio. Atualmente, a sede campestre situa-se no Parque Angelo Eugênio Dametto. Esta sede está à disposição das entidades sociais, assistenciais e do Poder Público, para promoverem eventos.

Desde a sua fundação, a associação desenvolve, anualmente, quatro tipos de cavalgadas oficiais:

- Cavalgada da Fé, que tem por objetivo a divulgação dos nomes do Padre Manoel, do coroinha Adílio Daronch e da Madre Paulina, com o intuito da beatificação. Em todas as caminhadas, são feitos registros para encaminhamento à Diocese de Frederico Westphalen e, logo após, a Roma.
- Cavalgada do Pinhão, onde entregam mudas do pinheiro Araucária nas escolas por onde passam. Essa cavalgada tem como objetivo a defesa do meio ambiente.
- Cavalgada do Caravaggio, realizada no sábado que antecede a festa de Nossa Senhora do Caravaggio. Nesta, os cavaleiros trazem de Caravaggio a estátua de Nossa Senhora até a Igreja da cidade.
- Cavalgada da Chama Crioula, realizada na Semana Farroupilha, quando os cavaleiros buscam a Chama Crioula onde ela se encontra, geralmente em um Município vizinho, e trazem à cidade, onde é feita a abertura oficial da Semana Farroupilha; isso influencia também na interação dos cavaleiros com o Parque Ângelo Eugênio Dametto.

A atual Diretoria está composta por: Belosmar Pereira – Presidente, Jacson Pedon – Vice-Presidente, Vilson Giacomin – Tesoureiro e Pedro Iliomar Ramos – Secretário.

Em pé, da esquerda para a direita: Vilson Sutil, Nelson Scariot, Neri Sebben, Belosmar Pereira, Marcelo dos Santos, Valdir Pietrobon, Pablo Vinckel, Sérgio Pegoraro, Eduardo Posser, Valdir Piffer, Leonardo Panisson, Eloir Medeiros e Vanderlei Machado. Agachados da esq/dir: Pedro Ramos, José Ramos, Matheus Ramos, Ademar Vinckel, Marcelino Sasset, Vilson Giacomin, Diogo Piffer, Lodovino Do Amordivino, Adilar Sacon e Gilberto Rovani. Foto: Arquivo de Adilar Sacon.

PARQUE MUNICIPAL ÂNGELO EUGÊNIO DAMETTO

O Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto, localizado na Rua Manoel Teixeira, é uma área institucional, de proteção e conservação, destinada a proteger e a preservar os recursos institucionais públicos que se evidenciam sobre o solo do território do Município de Tapejara. Nesse local acontecem eventos, exposições, recreação, esportes, lazer, apresentações culturais em espaço aberto, shows artísticos, corridas, torneios de laço e rodeios. O local é público e proporciona integração e momentos de lazer entre grupos de amigos e famílias.

O Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto recebeu ampla reforma e passou por um processo de reestruturação. No parque, foi construído o Pavilhão de Exposições, com 1.500 m2, através da parceria do Poder Público e da ACISAT. O local abriga a realização das edições da Expo Tapejara. Recentemente, o parque recebeu melhorias nas canchas de laços e asfaltamento nas vias de locomoção.

• Rodeio

A origem do Rodeio remonta à tradição árabe da arte de domar cavalos. A tradição foi levada à Península Ibérica no período da dominação muçulmana. A tradição atravessou o Oceano Atlântico, a bordo das caravelas dos conquistadores que colonizaram o México, no século XIX. Os americanos venceram uma guerra contra os mexicanos e anexaram alguns territórios. Juntos foram às festas e à prática da doma que deu origem aos rodeios nas regiões de criação de gado, no centro-oeste norte-americano. A primeira prova de montaria em sela ocorreu em 1869, no Colorado; durante muito tempo, as provas eram realizadas em ranchos, como desafios entre caubóis.

No Brasil, a Festa do Peão e do Boiadeiro de Barretos, realizada em São Paulo é uma do circuito country. No Rio Grande do Sul, o Rodeio Internacional de Vacaria é um evento que ocorre há muitos anos e reúne grande número de participantes nos concursos campeiros artísticos.

O primeiro Rodeio de Tapejara aconteceu em janeiro de 1976, organizado pela família de Ângelo Eugênio Dametto, liderado por Gilberto Dametto (Beto), com o apoio de alguns colaboradores. A família Dametto aproveitou a existência de gado para organizar alguns momentos de lazer à população de Tapejara. O evento foi crescendo a cada ano e, hoje, é um grande evento na região.

Em agosto de 1987, a Câmara de Vereadores, com a presença dos Vereadores Diniz Fontana, Pedro M. Pinto, Mario F. Favretto, Sirinei Panizzon, Gilmar Sossella, Bomfilho Seben, Renilto Fontana, Arthur Ferreira de Figueiredo, Diógenes Dalzotto, Airton Lângaro e Luiz Carlos F. da Silva, autorizou o Poder Executivo a permutar imóveis com os Irmãos Dametto Ltda. e Elzirio Canal Dametto. O Vice-Prefeito José Rombaldi Manica, no exercício do cargo de Prefeito Municipal, sancionou e promulgou a Lei nº 1.334, em 14 de agosto de 1987, que autorizou a permuta dos imóveis.

A área permutada era um terreno retangular, com área de 400m2, de propriedade do Município localizado na Rua do Comércio esquina com a Rua Santo Canali, medindo 10m de frente com a Rua do Comércio, avaliado em Cz$ 650.000,00, e uma parte de um lote urbano, de forma retangular, na Rua do Comércio, com área de 340m2 de propriedade do Município, avaliado em Cz$ 450.000,00 (quatrocentos e cinquenta mil cruzados), por uma parte de terras de cultura, sem benfeitorias, com área de 433.377m2, de propriedade dos irmãos Dametto, situada nas proximidades da cidade, com as seguintes confrontações: ao norte, com terras de Elzidio Dametto; ao sul, nascente e poente com terras de Irmãos Dametto Ltda., avaliada em Cz$ 1.662.000,00 (um milhão, seiscentos e sessenta e dois mil cruzados) e uma parte

de terras de cultura, sem benfeitorias, com área de 41.900m2, de propriedade de Elzirio Canal Dametto, situada ao norte com terras do Município e com a estrada geral que conduz da cidade a Santa Rita; ao sul com terras dos Irmãos Dametto Ltda., ao nascente por uma sanga e com terras dos Irmãos Dametto Ltda. e ao poente com terras de Elzirio Canal Dametto, avaliada em Cz$ 1.588.000,00 (um milhão, quinhentos e oitenta e oito mil cruzados).

Em 1988, o Poder Legislativo autorizou o Poder Público, através da Lei nº 1.374, a adquirir, pelo valor de Cz$ 1.275.000,00, um imóvel rural, de propriedade de Elzirio Canal Dametto, com área de 40.100m2, localizado ao lado do Parque Municipal e ao lado esquerdo da estrada de saída para Santa Rita. Nessas áreas, foi estruturado o Parque, denominado, em seguida, de Parque Ângelo Eugênio Dametto, em homenagem ao patriarca da família.

O primeiro Rodeio Intermunicipal de Tapejara, oficialmente organizado pela Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura, foi realizado em janeiro de 1988. As Comissões Organizadoras foram as seguintes: Comissão Campeira, formada por Gilberto Dametto (Beto), Hilário Bittencourt e Zacarias Alves da Rosa; Comissão Administrativa e Artística, formada por: Ramir Zulian, Paulo Henrique Bristott, Rosalino de Oliveira, além de Sidney Teixeira, Paulo da Rosa e Sergio Gasperin; Comissão de Infraestrutura, coordenada pela Secretaria de Obras e Viação, através de Roberto Scariot, Sinval Sebben e Ernesto D. Martins Pinto.

A partir do IV Rodeio, houve a necessidade de se trazer atrações artísticas de nível estadual e nacional, para satisfazer os anseios dos espectadores. Esteve presente em dois shows a dupla Osvaldir e Carlos Magrão. Também no IV Rodeio passou-se a dar premiação em dinheiro, o que despertou maior participação de CTGs. No V Rodeio, a atração artística ficou por conta de João Chagas Leite.

• Rodeio Interestadual de Tapejara

O Rodeio Interestadual de Tapejara acontece a cada dois anos, no mês de janeiro, no Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto. O próximo será realizado em 2016. No evento, as modalidades artísticas e campeiras entrelaçam-se. Na realização do evento é possível evidenciar grande concentração de laçadores e integrantes de invernada, demonstrando, a partir de suas habilidades gauchescas, quem é melhor em cada categoria: declamação, trova, danças tradicionais, instrumentos musicais e tiro de laço.

Ambos sempre procuram um meio em que possa ser demonstrada, não somente na Semana Farroupilha, mas sim em todos os dias, a tradição rio-grandense às diferentes pessoas que se encontram no Rio Grande do Sul, além de continuar preservando essas essências, para que nunca sejam esquecidas. A comunidade tapejarense e região além de assistirem às apresentações artísticas e na cancha de laço também assistem aos shows tradicionalistas contratados para animar o rodeio.

• Torneio de Laço Interestadual de Tapejara

O Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto foi sede do primeiro Torneio de Laço Interestadual de Tapejara, ocorrido nos dias 13 e 14 de janeiro de 2007. Conforme a organização do evento, cerca de 150 duplas participaram do torneio e grande público compareceu no parque. A premiação foi: uma moto 0 km para os vencedores de laços de dupla e R$ 1.500,00 para o laço de trio. As categorias: piá, guri, prenda, vovô, pai e filho foram premiadas com troféus. Anualmente, a Secretaria de Educação, Desporto e Cultura realiza o torneio.

- **Semana Farroupilha**

A Semana Farroupilha é realizada no Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto no mês de setembro. O local é destinado para apresentações artísticas culturais, tiro de laço e acampamentos. Todos os anos, o Poder Público, juntamente com o CTG Manoel Teixeira, homenageia um ex-patrão do CTG, como forma de reconhecimento pelos serviços prestados em prol da cultura gaúcha no Município.

FESTAS PROMOVIDAS PELA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA SAÚDE

Dentre as campanhas de arrecadação realizadas, as festas populares organizadas pela Paróquia Nossa Senhora da Saúde foram as que mais geraram lucros, e sempre com a garantia de sucesso.

As festas, na época, começavam com café da manhã e duravam o dia todo. Os "fabriqueiros" e as pessoas com experiência em festas reuniam-se e elaboravam uma lista completa de nomes para exercerem as diversas funções da festa. Todas as comidas servidas nas festas eram feitas pelos organizadores e comunidade, que colaboravam. Faziam-se desde as bolachas, cucas, pães, tortas, doces, mondongo e galinhas assadas. Eram arrecadadas as galinhas, porcos e até gado vivo; tudo era abatido e limpo pelas próprias festeiras. O trabalho era realizado por Regina Spuldaro, Elvira Stelo Borela, Gasparina Rombaldi Mânica (Nona Mânica), Orsolina Spanhol Sandini, Emilia Miloca Dall' Olivo, Catarina Zanatta Dametto, entre outras.

Nas Missas aos domingos, que precediam a festa, fazia-se a leitura dos nomes e das funções de cada um; assim, quando chegava o grande dia, todos já sabiam suas tarefas e estavam prontos para o trabalho. Conforme Domingos recorda: "Começava pelos churrasqueiros: Vitorio Guerra e Vitorio Scariot; chefe da cozinha: Regina Spuldaro e suas auxiliares, e nos jogos de cavalinhos Ardulino Lângaro; para buscar lenha e assim abastecer as churrasqueiras eram escalados os caminhoneiros Ari Gardelin, Albano Rech, Aquelino Dallagasperina, Francisco Sandini (o Keko Sandini) e outros. Depois chamavam os encarregados das lembrancinhas, rifas e leilões de tortas, galinhas e leitões" (DALLAGASPERINA, 2012b).

As festas aconteciam no espaço que havia entre o Salão Paroquial e a igreja velha. Havia uma longa churrasqueira, com centenas de espetos de carne.

Uma grande armação de ripas sustentava uma cobertura feita de taquaras. Anos mais tarde, essa área foi coberta por lonas. Embaixo dessa cobertura estavam divididos vários espaços, que funcionavam como tendas de jogos e copa, com espaço para venda de alimentos e bebidas. Junto a essas tendas havia um grande espaço com mesas e cadeiras, onde as pessoas passavam o dia ouvindo música, comendo, bebendo e jogando nas diversas opções existentes.

O encarregado do serviço de alto-falante era Antonio Borba. Aos poucos essa função de comunicador das festas passou para Domingos Luiz Dallagasperina. Também auxiliou no serviço de alto-falante, em algumas festas, Genésio Coll' Debella.

A Missa era realizada na igreja ao lado do salão e iniciava às 10h. Enquanto isso, toda a equipe já estava em seus postos aguardando a multidão, que, após a Missa, chegaria ao local para confraternizar.

Muitos pegavam seus espetos e almoçavam com a família e amigos no porão do salão. Ali eram servidas saladas, bebidas e sobremesas. Outros levavam o churrasco para comer em casa. "Das centenas de espetos de churrasco que eram produzidos, quase nunca sobrava; todos eram vendidos. Assim acontecia também com as galinhas recheadas; caso ficasse alguma, quando não eram arrematadas ao entardecer,

saía uma equipe com uma camionete batendo de porta em porta até extinguir o estoque" (DALLAGASPERINA, 2012b).

Nas tendas de jogos, cavalinhos, pesca no seco, tômbola, tiro ao alvo, jogo das argolas, tudo era semelhante a um parque de diversões. Na copa (bar), nos anos de 1940, 50, 60 e 70, por não ter na comunidade freezer nem refrigeradores para manter a bebida gelada e em grande quantidade, a solução encontrada foi fazer uma grande caixa de tábuas cheia de serragem de madeira, e junto eram colocadas diversas barras de gelo, vindas de Passo Fundo. Muitos produtos eram doados pelas pessoas, como pudins, tortas, bolos e doces. Também animais para abate, e isso contribuía para um bom resultado final.

Domingos contou que juntamente com Borba, já com o equipamento funcionando, mandavam recados à venda dos produtos da festa. "Pela tarde, nossa missão intensificava-se. Era o momento em que éramos solicitados a todo instante. Com a missão de propagar e também ajudar na arrecadação de valores, atendíamos pedidos de dedicatórias, num montante que não nos dava folga. As dedicatórias eram, na verdade, uma maneira de moças e rapazes manifestarem interesse em um provável namoro", falou (DALLAGASPERINA, 2012b).

Ainda recordou que "as dedicatórias eram dirigidas a uma certa pessoa, rapaz ou moça, neste sentido: 'Alô, fulana de tal ou fulano de tal. Alguém com muito amor e carinho lhe oferece a música tal', ou, ainda, 'alguém que nunca o(a) esquece e o(a) ama, oferece a música tal'. As músicas oferecidas sempre tinham um título expressivo de apaixonado. Os mandantes mais tímidos pediam para não divulgar o nome, com medo de não serem correspondidos. Nesse caso, vinha a pessoa que fora contemplada com a dedicatória e queria saber de qualquer forma quem havia mandado. Então ficávamos numa prensa e, muitas vezes, chamávamos o mandante para nos autorizar ou não" (DALLAGASPERINA, 2012b).

As festas religiosas, além de serem fator social importante, tinham o objetivo de arrecadar fundos à construção da nova igreja. O pessoal escalado trabalhava com empenho e companheirismo junto por muitos dias, num clima festivo de amizade e colaboração.

Domingos contou que Benjamin Spagnol colaborou, imensamente, também na propaganda das festas. "Ele acordava a comunidade nos dias de festa com um foguetório, ouvido nos quatro cantos da cidade e até no interior. Equipado com várias caixas de foguetes e ainda um poderoso canhão, que era um aparelho feito com a aparência de dois funis invertidos, sendo unidos pelos extremos mais finos; na parte inferior havia uma janelinha, onde o operador colocava num recipiente uma mistura química, riscava um fósforo e explodia, levando ao ar um poderoso estrondo e fumaça. O operador desse instrumento barulhento era o Sr. Benjamin Spagnol. Ele se estabelecia no alto da praça, à direita da velha igreja, e a partir das 5h, nessun dorma (ninguém dorme)", recordou Dalagasperina (2012b).

Na foto, animadores da primeira festa realizada no Bairro São Cristóvão (1951). Na foto: Antonio Borba e Domingos Dallagasperina em ação. Foto: Arquivo de Domingos Dallagasperina.

Na foto da esquerda para a direita: João Cadore apostando na tômbola e os locutores Genésio Coll'Debella e Domingos Dallagasperina, no ano de 1964.
Foto: Arquivo de Domingos Dallagasperina.

No final da festa, cada responsável de sua banca fazia um relatório, juntava o dinheiro e o entregava à comissão organizadora. No domingo seguinte, na Missa, eram informados à comunidade os resultados obtidos. Foi através das festas, doações, leilões e dízimos que a igreja foi construída e colocada à disposição da comunidade.

BAILANDO AO SOM DA SANFONA

Na década de 60, os jovens tinham uma vida social bem ampla, com encontros de turmas para festas, bailes, serestas (serenata), matinês dançantes, comemorações de formaturas diversas. Diversas pessoas que viveram nessa época lembram que "se fazia uma bela comemoração para formatura, com vestidos de corte e costura bordada. Fabricavam-se até doces."

Por ser uma comunidade pequena, todos se conheciam. As famílias eram tradicionais e, por isso, sempre havia muitos convidados para cada evento. "Recordo-me que na nossa juventude ocorriam as famosas reuniões dançantes e as matinês dançantes. Lembro que nos reuníamos para tomar laranjinha e cuba-livre (uma mistura de Pepsi com vodca), quando rolava muito papo. Na falta de qualquer outra ocupação, nos sábados à noite, as reuniões eram realizadas nos salões disponíveis da cidade, na sede do Grêmio Tapejarense, localizada na esquina do atual Supermercado Danieli, ou na sede do Atlético, que era no andar de cima da antiga Estação Rodoviária, que era defronte ao atual Supermercado Central, na Rua do Comércio, ou ainda, e até por mais vezes, era utilizado o salão do antigo Clube Comercial", lembrou Domingos Dallagasperina (2013b).

• João da Gaita

Natural de Tapejara, foi residir em Santa Catarina, na época da evasão de gaúchos à procura de novas terras. Uma vez por mês, retornava para visitar os parentes da família Bertoglio e trazia consigo, a tiracolo, sua inseparável sanfona. Ao chegar na estação rodoviária era cumprimentado pelos conhecidos, que pediam para ele tocar sua gaita. Juntavam-se várias pessoas para ouvir suas músicas. Depois, apresentava-se em bares, calçadas e nas varandas das casas de seus amigos e parentes.

• Dino Bertoglio

Dino Bertoglio na Rádio Nacional de São Paulo, no programa Manoel da Nóbrega, em1957. Foto: Arquivo do Clic RBS.

Dino Bertoglio e seus Satélites Musicais, em 1960. Foto: Arquivo do Clic RBS.

Foi o primeiro músico a tocar num baile dos estudantes de Tapejara. A data era 1964, e o conjunto era chamado de "Dino Bertoglio e Seus Satélites Musicais". Ele nasceu em Tapejara e aos dez anos de idade despontou o talento musical; fez muito sucesso em sua carreira. Também com dez anos de idade foi, com

a família, morar em Passo Fundo, destacando-se ainda mais através do rádio, onde também formou o seu conjunto musical, expandindo-se pelo Brasil, mostrando seu talento em capitais como: Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Atualmente, reside em Rio Grande e exerce a profissão de dentista.

- **Raul Silocchi**

Raul Silocchi era alfaiate, mas também músico e instrutor de acordeão. Ele executava suas músicas, restritamente, por notas musicais, diante de partituras rigorosamente estudadas. "Lembro que quando ele tocava e que nós o acompanhávamos com violão, pandeiro e tamborim, ele exigia compasso e a afinação dos instrumentos de acompanhamento. Tinha de ser tudo certinho", lembrou Dallagasperina (2013b). Raul também foi integrante e grande colaborador na fundação do CTG Manoel Teixeira. Além de músico às danças gauchescas, foi reposteiro de dança e patrão do CTG.

- **Valdivino de Oliveira**

Valdivino de Oliveira era mais conhecido pelo apelido de Vino. Foi um dos gaiteiros da região. Vino dominava um vasto repertório e tocava em festas, bailes, bares, cafés, barbearias e salões de baile. Aos sábados à noite e aos domingos ou feriados, estava pronto para tocar em uma reunião dançante.

Domingos Dallagasperina conta que fazia propaganda pelos alto-falantes do Cinema Tamoyo, onde era o operador. "Esse era o meio de avisar as pessoas que teria baile. Como ele não cobrava nada para tocar, passava-se pelo salão e pedia-se uma gorjeta para o gaiteiro, e o pessoal contribuía." Valdivino mudou-se para Porto Alegre e tempos depois veio a falecer.

Américo F. da Silva, Domingos (no pandeiro), Valdivino (na gaita). Atrás estavam José M. Vigo da Silveira, Jaime Ferreira da Silva e Reinaldo Dametto, apelidado de Campo. Foto tirada num baile do CTG Manoel Teixeira, no Clube Comercial, em 1958. Foto: Arquivo de Domingos Luiz Dallagasperina.

- **David Marcon**

Outro gaiteiro nascido em Tapejara foi David Marcon. Trabalhou algum tempo na Madeireira de Ricardo Dallagasperina. Além de tocar gaita, era cantor. Uma de suas filhas, Clari Marcon, herdou de seu

pai o dom da música. O talento foi repassado para seu filho, Yamandu Costa, conhecido, mundialmente, pelo talento musical.

• Padre Ivo Mohelecker

Em 1968, chegou em Tapejara o jovem Padre Ivo Mohelecker. Além de Padre, Ivo era gaiteiro, e foi ele que começou a tocar instrumentos diferentes durante as Missas. Trocou o clássico órgão por instrumentos populares, como o violão e a gaita. Padre Ivo é lembrado até hoje por seu espírito alegre e festivo.

Domingos no pandeiro e Padre Ivo na sanfona.
Foto: Arquivo de Domingos Luiz Dallagasperina

• Ody Quintana Pacheco

Em 1958, chegava a Tapejara, oriundo do Passo Fundo, Ody Quintana Pacheco. Pacheco, como era conhecido, cantava e tocava violão. Entre as interpretações estavam as músicas de Orlando Silva, Nelson Gonçalves e Ataulfo Alves.

Estabelecido em Tapejara, Pacheco, ao lado de sua esposa, Mirtes Sitta, montou uma estofaria no porão de um antigo prédio de madeira que existia na esquina onde se situa, atualmente, o Sicredi. Nesse porão ele fabricava estofados e era visitado por amigos e amantes da música.

Pacheco participou de muitas serenatas com seus companheiros. Também tocava gaita de boca. Foi condutor da banda musical nos bailes de carnaval. Também fazíamos parte de seu conjunto musical carnavalesco João Sali dos Santos, Salim, Zé do Coco e Domingos Luiz Dallagasperina.

• Claudio Luiz Dametto

Claudio Luiz Dametto, popular Calimero, nasceu em 15 de setembro de 1946 no então Distrito de Tapejara. É casado com Marlene do Amarante.

Com onze anos de idade, influenciado pela alegria contagiante de seu avô paterno, Valentim Dametto iniciou a carreira musical. Claudio Luiz Dametto lembra que, juntamente com seu avô, visitava Pedro Raimundo, tocador de gaita de boca. Relatou que a vontade de tocar gaita surgiu ouvindo as músicas tocadas por Raimundo. Conta que "a gaita eu consegui de tanto insistir com o meu pai". Danilo Dametto, pai, adquiriu o instrumento musical em meados de 1962. Era uma gaita da marca Todeschini, adquirida por intermédio de Olivio Costa.

Claudio, apelidado de Calimero, aprendeu a dedilhar os teclados e emitir os primeiros acordes musicais com a música "Meu Boi Barroso". A partir de meados de 1965, Calimero e outros músicos começaram a tocar e animar bailes e reuniões dançantes nas localidades do interior e em cidades da região, apresentando um vasto e variado repertório musical dos gêneros, incluindo valsa, marcha, xote e vanerão.

Mais tarde, Claudio animou, juntamente com os músicos Ody Quintana Pacheco e Renato Sager, diversos bailes realizados nas sedes do Clube Comercial e do São Paulo F.C. Dametto destaca, entre os primeiros gaiteiros: Torino Costa, Olivio Costa, Valdevino de Oliveira, Augusto Zanatta e Raul Silochi.

BANDAS

Banda de São Silvestre que animavam as festas com canções italianas, em 1943. Da esquerda para a direita, em pé: Luiz Augusto Zanatta, Guerino Zanatta, Francisco Favaretto, José Favaretto, Oreste Dalmina, João Zanatta, Catarin Dalmina, Primo Panizzon; sentados: Vitório Dametto, Ernesto Favaretto, Benjamin Marsiglio, Benjamin Zanatta, Francisco Zanatta Filho, Heitor Zanatta, Eugênio Zanatta, irmãos Bertotto (último da direita e primerio bem na frente da esquerda) e bem na frente, do lado direito, Bruno Zanatta. Foto: Arquivo de Olinto Melara.

- **SD-5**

O primeiro conjunto musical de Tapejara foi formado no ano de 1972 e continua na lembrança dos tapejarenses até os dias de hoje. Os cinco jovens estudantes: Renato Sager (guitarra), Valdir Sbardelotto (baixo), Ramir Scheleder (bateria), João Luiz Rodrigues dos Santos (guitarra) e Edison Luiz Dalzotto (vocal) animavam os bailes, reuniões dançantes e carnavais da cidade e da região.

Da esquerda para a direita: Edison Luiz Dalzotto (vocal), Renato Sager (guitarra, em memória), João Luiz Rodrigues dos Santos (guitarra), Ramir Scheleder (bateria) e Valdir Sbardelotto (baixo). Foto: Arquivo de Elizete Zanatta.

O nome surgiu pelas iniciais dos sobrenomes dos participantes: S de Sager, Sbardelotto, Scheleder e Santos e o D, do sobrenome do vocalista Dalzotto. O cinco representa o número de integrantes da banda. O local dos ensaios era a residência de Severino Dalzotto, na Rua 11 de Julho, 480, atualmente denominada Rua Ângelo Dalzotto.

O grupo musical tocava basicamente os sucessos dos anos 60, tendo como tema de abertura dos shows a música Milionário. Inspirava-se em Bee Gees, Elvis Presley e outros ídolos pop da época. Os cinco jovens apresentavam-se com cabelos compridos, calças boca de sino, golas gigantescas nas camisas, além de acessórios como correntes, relógios e pulseiras. Com seu repentino sucesso, o quinteto conseguiu assinar um contrato para acompanhar o apresentador do Programa "Não Diga Não", Sayão Lobatto, e suas Sayonetes, em turnê pelo Estado do Rio Grande do Sul.

Depois de muitos anos de sucesso e alegrias, o grupo se desfez, em virtude de alguns integrantes seguirem carreira profissional em outras cidades.

- **Os Dominantes**

Os Dominantes: Valdir (guitarrista e vocalista), Tadeu (acordeão), Alecio (em memória, tecladista), Realdo (bateria e sopro), Moacir (guitarrista), Vilson (guitarrista) e Genésio (bateria). Foto: Arquivo de Valdir Savaris.

Após alguns anos de ensaio, no dia 26 de novembro de 1976, em Linha Salete, aconteceu o lançamento do Grupo Musical "Os Dominantes". O grupo tocava diversos instrumentos e cantava todos os estilos musicais. Fizeram parte do grupo os cinco irmãos da Família Savaris: Vilson, Alécio, Realdo, Tadeu e Genésio. E também os irmãos da Família Lângaro: Valdir e Moacir.

O grupo fez apresentações em toda a região e em algumas cidades dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Também fizeram uma turnê de quarenta dias em Arinos e região, no Estado de Minas Gerais.

Os Dominantes trabalharam juntos por um período de dez anos, quando, no dia 25 de dezembro de 1986, resolveram parar, e cada um seguiu seu caminho. Quem continuou por mais dez anos foram os irmãos Alécio e Genésio, com outras bandas. Segundo Vilson, o objetivo do grupo era conhecer novos

caminhos, levando alegria e animação a todos.

Vilson contou que ficou cerca de dez anos sem contato com os instrumentos. Após perceber que sua filha Fabiana Savaris também tinha dom musical, começou a incentivá-la, ensinando a lidar com os instrumentos como violão e guitarra. Fabiana, com 14 anos, formou a dupla com Elaine Fontana, denominada de "Elaine Fontana e Fabiana", uma dupla que durou oito anos. Aos poucos foram parando as apresentações, pois o estudo e o trabalho lhes roubavam todo o tempo.

• Versáteis Som

Em 1988, após o término do conjunto SD-5, um novo conjunto foi formado. Denominado Versáteis Som, o conjunto era formado por: Celso Scariot (bateria), Sidival Teixeira (Iti – cantor), Renato Sager (guitarra), João Luiz dos Santos (guitarra) e Ubirajara Gomes Batista (Bira – vocalista). Este último possuía vários equipamentos, pois estava formando um conjunto na época, porém não tinha músicos. "Aceitei o convite para participar da banda com relutância, pois vinha de pessoas de um meio desconhecido e com quem não tinha afinidade", contou Bira, que colocou à disposição seus equipamentos: microfone, guitarra e caixa de som.

A estreia aconteceu na Escola Medianeira, em uma reunião dançante, num domingo à noite. O conjunto fez shows com artistas da época, como: Paulo de Paula, Francisco de Paula, Everton Ferreira, Antônio Fagundes e outros. Encerrou as atividades em 1990.

Os Versáteis. Da esquerda para a direita: Renato Sager (em memória), Roberto Stein, José Carlos Parizotto (Beijinho), João Luiz dos Santos e Cleber Fiorentim. Foto: Arquivo de Roberto Stein.

• Músicos em Tapejara

Atualmente, as seguintes bandas, grupos e duplas estão em atividade na cidade: Ivan Cesar e Sady, Valdir e Augusto, Banda Wopen, Índio Pessoa, Swing Maroto, Banda Seddex, Pedro e Daiane, Voodoo Vox, João Paulo e Rafael, Banda Gorila Branco, Andreas e Herbert, Lenon Moraes, Pedro e Paulo, Stones Brothers, Duo Lemon, Banda Baraio Véio, Banda Cerne, Felipe e Matheus, Lucian dos Santos, entre outros.

As bandas que já realizaram shows em outras épocas: Som Real, Comunicativos, Som Livre, Guri Nativo, Garotos da Querência, Marlene, Elaine Fontana e Fabiana, Frequência Jovem, Banda Bombom, Rogério Camargo, Venâncio, Juvenil Arruda, entre outras.

PUBS, BOATES E CASAS DE EVENTOS

• Clube Comercial

Os antecedentes históricos remontam a fundação do Clube Comercial, na data de 11 de dezembro de 1938. Na oportunidade, um grupo de cidadãos reuniu-se em assembleia geral, nas dependências do Grupo Escolar da Vila Teixeira, com a finalidade de fundar o Clube Comercial. A mesa dos trabalhos foi coordenada pelos tabeliões José Franklin da Silva e Murilo Domingues, pelo farmacêutico Mário José Ferreira e pelo médico Deben Kapiloski.

Na ocasião, foi formada a primeira Diretoria e o Conselho Fiscal do Clube, ficando assim constituída: Mário José Ferreira – Presidente, Pedro Coll'Debella – Vice-Presidente, Tibério Amatéa – Primeiro Secretário, Murilo Domingues – Segundo Secretário, Silvio Ughini – Primeiro Tesoureiro e Domingos Busatto – Segundo Tesoureiro. O Conselho Fiscal foi composto por: Deben Kapiloski, Sawa Lachano, Antônio Franklin da Silva, José Zanini e Arnaldo Bertoldo.

Sede do Clube Comercial; ao lado, residência de Aquilino Cavichioli, em 1953.
Foto. Arquivo Público. Reprodução de Ricardo Giusti.

Estiveram também presentes na assembleia: Taudelino Antunes de Quadros, Amadeu de Quadros, Aquilino Cavichiolli, Henrique Bassani, Clecio Cavichiolli, Ademar Silva, Lindemar Mocellin, Ângelo Berton, Fiorindo Busatto, Oreste Garjoni, Herminio Casa, Isidoro Coll'Debella, Ricieri Girardi e Carino Canali. A Diretoria e o Conselho Fiscal foram empossados no dia 31 de dezembro de 1938.

Os antecedentes da construção do prédio da sede social do Clube Comercial contam que, por volta de 28 de maio de 1939, em assembleia geral, foi submetido à apreciação dos sócios o projeto e estudado a

possibilidade de fazer um empréstimo interno, a fim de conseguir os fundos necessários para a execução do projeto.

Na oportunidade, foi aprovada a proposta apresentada por Antônio Franklin da Silva. Na proposta aprovada, ficou definida uma cota de 100 $ contos de réis. Cada sócio devia contribuir com o valor que pudesse, não sendo inferir a uma cota. A proposta trouxe baixo retorno financeiro para o clube.

Diante disso, em 15 de abril de 1941, foi realizada uma assembleia geral extraordinária, convocada pelo então Presidente Mário José Ferreira, com a finalidade de mobilizar os sócios para a construção do prédio próprio do clube, o que, naquela época, era uma necessidade imperiosa à sociedade.

Mais tarde, por volta de 26 de maio, em assembleia geral extraordinária, foram apresentados os orçamentos para a construção do prédio de madeira e alvenaria. Em seguida, foi apreciada e aprovada a planta da sede. Também se permitiu, por unanimidade, dar plenos poderes à Diretoria para contratar e assumir todos os compromissos em nome da sociedade para continuar a construção da obra. O contrato de empreitada para construção do prédio foi assinado no dia 29 de junho de 1946, pelo Presidente do clube e pelo construtor Carlos Luiz Valério.

Por volta de 8 de abril de 1949, em assembleia geral extraordinária, o debate girou em torno de como conseguir recursos financeiros para terminar as obras do prédio. A proposta aprovada foi apresentada por Miguel Tabbal, que se resumia na formação de uma comissão de três membros, os quais deveriam procurar todos os associados a fim de saber com quanto cada um auxiliaria. Integraram a comissão os Srs. Pedro Coll'Debella, Aquilino Cavichioli e Giácomo Marin.

Em assembleia geral extraordinária, realizada em 1953, foi escolhida a Rainha do Clube Comercial. O cargo seria ocupado pela jovem Luíza Nelhs. Em 1956, aconteceram dois bailes promovidos pelo Clube Comercial. O primeiro, denominado “Baile Azul”, realizado no dia 26 de outubro de 1956, animado pela Orquestra dos Irmãos Tagliari de Getúlio Vargas, e o segundo, no dia 16 de novembro, animado pelo Jazz Guarani, de Erechim.

Baile no Clube Comercial. Da direita para a esquerda: Miguel Tabbal, Fani Ferreira Tabbal, Celso Domingues, Luci Dabem Domingues, Alvaro Severo Miranda e Celi Miranda, na década de 1960. Foto: Arquivo de Luci Dabem.

Em 1960, foram realizados os bailes de carnaval do clube. No dia 13 de fevereiro, foi realizado o Baile do Grito. No dia 28 do mesmo mês, a Matinê Infantil e no dia 29 de fevereiro, o Baile Carnavalesco. Para animar as festividades burlescas foram contratados músicos locais.

No dia 14 de janeiro de 1961 foi realizado o baile de coroação da Rainha e das Princesas do clube, sendo eleitas: Miriam Toson – Rainha, com 9.860 votos; Eunice Basso – Princesa, com 3.800 votos; e Lolita Bamberg – Princesa, com 1.950 votos. O baile foi animado pela Orquestra de Dino Bertoglio.

No dia 2 de janeiro de 1967, em reunião da Diretoria, foi deliberado sobre a programação do "Grito do Carnaval". O baile, realizado no dia 21 de janeiro de 1967, foi animado pelo conjunto O Fingido da Sanfona, de Passo Fundo. Darcy Pereira Simões foi escolhido Rei Momo.

Bloco carnavalesco na antiga sede do Clube Comercial. Foto: Arquivo da Divulgação.

Festa de carnaval de rua do Clube Comercial. A rainha é Sandra Mara Canal. Foto: Arquivo de Diles Cambrussi Marsilio.

Nova sede

Em meados de 1979, com a presidência de Johnny Dorval Zoppas, a antiga sede foi vendida e o dinheiro foi utilizado para comprar um terreno maior e iniciar a construção da atual sede, que foi inaugurada em 12 de julho de 1981. Em meados de 1984, foi construído o pavilhão e a cancha de bochas. Em meados de 1986, foi construída a quadra de bolão e em 1988, a de tênis.

Presidentes do Clube Comercial de Tapejara:

Presidente	**Ano**
Antonio F. da Silva	1938
Mario José Ferreira	1939 e 1941
Murilo Domingues	1940, 1943 e 1947
Tibério Amantea	1942 e 1950
Miguel Tabbal	1948, 1952 e 1960
Aquelino Cavichioli	1949 e 1958
Crelio Cavichioli	1951
Timistocles Marchioro	1953
Olmar Simoni	1954, 1959 e 1970
Angelo Ughini	1955 e 1956
Celso Domingues	1957
Gilberto Brum Ferreira	1961
Waldemar Sager	1962
Luiz Dall'Igna	1963
Domingos Secco	1964 e 1968
Darcy Bordignon	1965
Aldino Guerino Lângaro	1966
Romeu Brum Ferreira	1967
João Cadore	1969
Nelson José Sitta	1971
Bonfilho Sebben	1972
Vergilino Eron Borges	1973 e 1974
Johnny D. Zoppas	1975 a 1984, 2003 e 2004
Demetrio H. Valdivia	1985 e 1986
Odil Leo Bianchini	1987 e 1988
Sergio Marcon	1989
Joel João Pereira	1990
Sidney Teixeira	1991
Eloi Carlos De Figueiredo	1992
Afonso Alcides Scariot	1993 e 1994
Alexandre Zanini	1995 e 1998
Oswaldo Antonio Pellin	1996, 1997 e 1999
Gilnei José Fontana	2000, 2001 e 2002
José Carlos Girardello	2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014.

• Dom Luiz Eventos

A Dom Luiz Eventos iniciou suas atividades em 4 de maio de 2011. Está localizada na saída para Paiol Novo, Km 2. No local, são realizados diversos eventos, como casamentos, festas de aniversários, formaturas, bailes, reuniões, entre outras atividades.

• CTG Manoel Teixeira

O Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Manoel Teixeira foi fundado em 16 de setembro de 1958. Nasceu da iniciativa de um grupo de admiradores da cultura gaúcha que vislumbraram a possibilidade de ser criada uma entidade que cultivasse as tradições gaúchas no Município de Tapejara. As reuniões para criação do CTG aconteceram na barbearia denominada São Jorge, de Atalíbio Pinto Teixeira, localizada na Rua do Comércio, entre o prédio do Café União (atual Farmácia São João) e Ferragem Calegari (Atual Loja Dalzotto e Benetti). Os membros fundadores da entidade foram: Celso Silva, Jahyr de Oliveira, João de Deus Ribeiro, Calimero Telles de Souza, Antonio Euzébio Ribeiro, Ataíde e Atalíbio Pinto Teixeira.

Durante a assembleia de fundação do CTG, realizada no dia 16 de setembro de 1958, Jahyr de Oliveira foi escolhido, por unanimidade, o Patrão do CTG para o período de 1958 a 1960. Em seguida, foi realizado um concurso para escolher o lema do CTG. O vencedor foi Ataíde Pinto Teixeira, com o lema "Unidos pela Tradição, Venceremos em Qualquer Chão".

A entidade iniciou suas atividades formando duas invernadas de danças, nas categorias mirim e adulto. Realizavam suas promoções e apresentações no antigo Clube Comercial, onde eram apoiados pelos presidentes da época. O primeiro posteiro e professor da invernada de danças foi Atalíbio Pinto Teixeira.

João de Deus Ribeiro foi o segundo Patrão do CTG. Em seu mandato, doou um terreno à entidade, localizado na Rua Júlio de Castilhos, nas proximidades da atual Pallun Ferragem.

Em meados da metade da década de 1960, até o final da década de 1970, o CTG cessou suas atividades. O reinício das atividades aconteceu na década de 1980, através do trabalho de Genésio Coll'Debella, Gerente da Caixa Econômica Estadual. Ele reuniu um grupo de admiradores da cultura gaúcha e levou a proposta de construir um Galpão Crioulo. Em seguida, o grupo conseguiu junto ao Poder Público um terreno, na antiga Vila Princesa Isabel, atual Bairro Treze de Maio. Ali, com a colaboração de membros do grupo, assentaram a primeira sede do CTG.

A partir da construção e inauguração do Galpão Crioulo, assentado na Avenida Princesa Isabel, esquina com a Rua Tradição, na então Vila Princesa Isabel, em meados de 1980, a entidade, aos poucos, iniciou a criação de invernadas artísticas e a realização de fandangos em suas dependências.

Como a sede do CTG estava assentada ao lado da edificação da Escola Fundamental Municipal Catarina Debastiani, a Prefeitura Municipal propôs, em 27 de março de 1998, uma permuta com o atual local onde estava assentada a sede do CTG, o que viabilizou a ampliação de área construída da escola.

Em contrapartida, resultou para o CTG um terreno com três mil metros quadrados, localizado no Bairro São Cristóvão, nas proximidades da Rodovia 463 – Km 1, que liga Tapejara a Coxilha, atual Rua João Telmo Quissini.

No final da década de 1990, a patronagem do CTG empreendeu um grande esforço, juntamente com o quadro de sócios e comunidade em geral, que culminou com a construção de um amplo galpão crioulo, em madeira. Abrigava a pista de danças, dependências de copa, cozinha, churrasqueiras e sanitários. A inauguração aconteceu durante a posse do Patrão Alceri Brandão, com a realização de um jantar fandan-

go, no dia 30 de outubro de 1998.

Na sede, são realizados os ensaios e apresentações das invernadas de danças, os fandangos, os jantares, almoços e demais festas que a entidade promove. Também tem sido realizada uma série de cursos de danças de salão, para os sócios e comunidade em geral, cujo objetivo é incentivar a participação na entidade e cultivar o tradicionalismo gaúcho.

Atualmente, o CTG Manoel Teixeira conta com 310 sócios. Tem como Primeira-Patroa a Sra. Sônia Agnoletto Leão e Primeiro-Capataz, Gelmor Andreolla. Vinte casais que fazem parte da patronagem e são assessorados pela 7ª Região Tradicionalista, tendo como Coordenadora a Sra. Gilda Galiazzi.

O CTG vem desenvolvendo a parte cultural da entidade com as invernadas de danças tradicionalistas gaúchas. A invernada é coordenada pela Patroa Sônia Agnoletto Leão. Tem como posteira a Sra. Eni Andreolla e Fábio Xavier Dias como instrutor. A invernada é dividida em quatro categorias: pré-mirim, mirim, juvenil e adulta.

Na parte campeira, desenvolve as atividades de acordo com as regras da 7ª Região Tradicionalista. O CTG tem cinco piquetes: Manoel Teixeira, Pé no Estribo, Cabanha da Amizade, Cardoso de Aguiar e Vaqueanos da Serra.

No mandato da Patroa Sônia Agnoletto Leão, foi retomada a participação do CTG no concurso Prenda Regional, promovido pela 7ª Região Tradicionalista, composta por 145 CTGs. A representante do CTG Manoel Teixeira, Natalia Piffer Pasquali, sagrou-se a Primeira-Prenda Regional, em concurso realizado no Clube Juvenil, de Passo Fundo, no final de junho de 2012.

Ocuparam o cargo de Patrão do Centro de Tradições Gaúchas de Tapejara, (CTG), desde a sua fundação até 2015, na ordem cronológica, os seguintes tradicionalistas: Jair de Oliveira – 1958 /1960, João de Deus Ribeiro – 1960/1962, Genésio Col Debella – 1982 /1984, Atalíbio Pinto Teixeira – 1985 /1986, Zacarias da Rosa – 1986/1988, Alcery G. dos Santos – 1988/1990, Adão Rocha – 1990/1992, Waldemar Ghidini – 1992/1994, Heitor de Figueiredo – 1995/1996, Alcery Brandão – 2000/2001, Heitor de Figueiredo – 2001/2002, Alcione Vieira – 2002/2003, Lori Henrique Menon – 2004/2005, José Ferreira da Silva – 2006/2007, Paulo Frison – 2008/2009, Gelso Edgar Leão – 2009/2012 e Sonia Agnoletto Leão – 2012/2015.

Fandango do CTG Manoel Teixeira realizado na antiga sede do Clube Comercial em meados de 1960. Sentados, da esquerda para a direita: menino não identificado, Reinaldo Dametto, Breno Portes, Atalibio Pinto Teixeira, Domingos Luiz Dallagasperina e Ary Pinto Teixeira. Foto: Arquivo de Domingos Luiz Dallagasperina.

- **My House**

A My House foi fundada em dezembro de 2006 pelos sócios Maria Graciela Pomagersky, Henrique Seben e Dimorvan Sanzovo. A ideia era oferecer uma opção mais confortável e qualificada de diversão para os jovens de Tapejara. Na época, as opções de diversão noturna eram os bailes em capelas do interior nos clubes de Tapejara e cidades vizinhas.

O local escolhido foi o porão de uma residência antiga de Tapejara, que pertencia ao Doutor Demétrio Valdívia, localizada na Rua Júlio de Castilhos, 1.075, ao lado da Praça Sílvio Ughini e que, à época, estava há algum tempo sem moradores.

A ideia dos proprietários era oferecer aos clientes um local mais confortável, com um cardápio mais amplo de bebidas e com atendimento personalizado, ao estilo de casas noturnas de grandes cidades. Inicialmente, a casa tinha um repertório de atrações bem eclético, como bandas de rock, DJs de black music e de música eletrônica, mas aos poucos transformou-se em uma casa de música eletrônica, estilo de vanguarda em 2006, já que o ritmo não era muito conhecido.

Passaram pela My House DJs conceituados na cena eletrônica do Rio Grande do Sul, como: Branko, Juan Rodrigues, Marcelo Nunez, Rodrigo Moita, Diego e Guilherme Carrão, Jr. Pandolfi e André Marques, além de DJs de outros estilos como Evandro Oliveira e Muri. Os proprietários Henrique e Graciela e o amigo dos proprietários Ricardo Gardelin (Mr. Dub) também eram DJs da casa.

A última festa da My House aconteceu em dezembro de 2007, com o projeto de RAP chamado Greentie Hip Hop Deluxe. A casa fechou por opção dos proprietários e foi vendida no início de 2008.

- **Pub S/A**

Henrique Zanini e Alex dos Santos criaram o Pub S/A. Em seguida, Pablo Scariot comprou a parte de Henrique Zanini e transformou o local na primeira balada sertaneja de Tapejara. A Louder foi inaugurada no dia 15 de novembro de 2012. A entrada era pela Rua Independência, ao lado do consultório odontológico de Mário Marchiori e tinha capacidade para 500 pessoas.

Com o tempo o local fechou. Em 2013, Tiago Dallagasperina comprou a parte do sócio Alex dos Santos e, juntamente com Pablo Scariot, retomou as atividades do Pub/SA, inaugurando em 17 de agosto do corrente ano.

- **Savana Night Club**

A boate Savana Night Club foi inaugurada no dia 11 de setembro de 2007, por Ivan Bressan. Estava localizada na Av. Dom Pedro II, 86, sala 5, atuais instalações da empresa John Deere. Com o tempo fechou.

- **On Bier**

A On Bier foi inaugurada no dia 24 de setembro de 2010. Localizada na Rua Ângelo Dalzotto, em frente à Agência dos Correios, teve como proprietários: Cesar Augusto Hall Sbardelotto, Fernanda Sbardelotto e Gustavo Favretto. O estilo de música e festa era variado: pagode, sertanejo, rock, pop rock, eletrônica. A boate fechou no dia 8 de outubro de 2011.

- **Ballad Lounge Clube**

No mesmo espaço da On Bier foi inaugurada uma nova boate, denominada de Ballad Lounge Club. Com o tempo, o local também fechou.

- **Champáa Place Club**

Em 15 de dezembro de 2012, foi criada a Champáa Place Club, fundada pelos amigos Aroldo Barizon e os irmãos João Paulo Poggio e Fernando Otaviano Poggio, que já atuavam no ramo de eventos. Está localizada na Av. 7 de Setembro, saída para Coxilha. Os três decidiram que a cidade onde eles nasceram precisava, comportava e merecia um empreendimento do porte das principais casas noturnas do norte do Estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Além de ser parceira de projetos e entidades sociais do Município, a Champáa já foi eleita em diversos prêmios como a melhor casa noturna/boate/entretenimento, diversão e lazer de Tapejara e região. A cada temporada, milhares de pessoas de diversos lugares passam pelo complexo.

A Champáa vem passando por mudanças, constantemente, e a cada ano evolui. Vem surpreendendo o ramo com um novo projeto de entretenimento para seus clientes, o "Complexo Champáa", que agrega as demais marcas e projetos do grupo.

- **Club Bowling**

O Club Bowling foi fundado no dia 7 de maio de 2013 e tem como objetivo o lazer e a diversão familiar. Algumas atividades do Club são: boliche, diversos jogos, danceteria, alimentação, bar e cozinha. O local utilizado pelo Club Bowling era na Avenidade Elizeu Rech, 242, nas proximidades da Praça Lucelia Poletto. O local fechou.

Em Tapejara, ainda existiram diversas boates, entre elas: Excalibur; Usina Club, Conexão, Boate do Boone's; Gira-Gira, Clube São Paulo, Euro 66, Chega Mais, Aquarius, Conexão Dancing Bar, Barrakus Bar', Inferninho do Cão Lanches, Club Way, entre outras.

- **Casas de Tolerância**

Na década de 60, havia em diversos pontos do perímetro urbano e redondezas da cidade pontos de encontros de mulheres. Nesses locais, elas recebiam homens, a fim de satisfazerem suas fantasias e desejos sexuais.

Na década de 70, foi instalado o primeiro cabaré, localizado na estrada da cidade para Paiol Novo. Antes de a mulher ser levada para o quarto, o freguês consumia diversas bebidas, com o preço superior ao do comércio. Após consumado o relacionamento, o freguês negociava o preço com a parceira. Em seguida, tinha que pagar uma taxa em dinheiro para o administrador do bordel pelo uso do quarto. Mais tarde, nas proximidades e redondezas, surgiram casas de prostituição.

CULTURA

SÍMBOLOS DO MUNICÍPIO

Para representarmos as palavras, usamos letras. Para representarmos a Pátria, usamos símbolos. Os signos que representam o Município de Tapejara são: o Brasão, a Bandeira e o Hino.

- **Brasão de Tapejara**

Constituído por um escudo português, cortado horizontalmente, tendo na primeira parte (chefe) um campo elevado, onde se destacam três pinheiros, símbolo da riqueza natural da região, projetando-se sobre um céu de prata; na segunda parte (centro) em vermelho, o carroção tirado por quatro muares, e na terceira parte (ponta) cor de prata, aguda de azul, simbolizando o Rio Carreteiro, que deu o nome ao Município. Abaixo o listel em vermelho, com o nome do Município, entre as datas em prata, 1940 e 1955, a primeira relembrando a mudança de nome, de Sede Teixeira para Tapejara e a elevação à categoria de distrito, e a segunda que assinala a emancipação política. A coroa de prata, com cinco torres, representa a cidade com autonomia administrativa.

- **Bandeira de Tapejara**

A Bandeira foi criada junto com o Brasão. É composta por três faixas horizontais com as cores vermelha, branca e verde. Ao centro da bandeira figura o brasão do Município.

- **Hino de Tapejara**

No dia 23 de maio de 2007, através do Decreto nº 3.224/07, foi aprovado e regulamentado o concurso para a criação do Hino Municipal de Tapejara. O certame teve o objetivo de enaltecer a história do Município. A organização ficou ao cargo da Secretaria Municipal de Educação, Desportos e Cultura e pelas comissões designadas à coordenação e escolha do hino. Puderam participar todos os tapejarenses

natos ou que residiam na cidade pelo menos há um ano.

No dia 7 de agosto de 2007, através da Lei Municipal nº 3.034/07, foi instituído o Hino Oficial do Município, sendo eleita a letra e melodia de Fabrício Sguissardi Basso:

• Hino

Tapejara, terra que amamos
Adorada, orgulho do Brasil!
Teus campos dourados de grãos
Brilharão, mesmo sob o frio!

Nesta casa, feita do trabalho
Dos que amam o sol das manhãs,
Plantamos sementes de paz,
Que, com fé, frutificarão!

Neste chão
Construímos nosso lar
E o pão
Nossas mãos farão brotar!
Tapejara, mãe gentil
Teus filhos são o teu melhor!

Quando enfim, com bravura e garra,
Tapejara alcançou a glória,
A Sede Teixeira se fez
Nova estrela, com sua própria história!

Exaltemos esta natureza
Bela e simples feito uma criança!
Planaltos cobertos de luz
Que o verde tinge de esperança!

• Soberanas do Município

A escolha das Soberanas de Tapejara iniciou em 1965, quando o Município comemorou seus dez anos de emancipação político-administrativa. Inicialmente a rainha permaneceu no cargo por dez anos. A partir de 1975, a rainha e princesas ficaram por cinco anos. Após 1995, as soberanas foram escolhidas a cada dois anos, como acontece até hoje. Abaixo, resgatamos todas as Soberanas que passaram pelo Município, das atuais até as mais antigas:

2015/2017 – Lara Spagnol. Princesas: Heloisa Girotto da Silva/Karine de Mello Paes.
2013/2015 – Deisi Mara Rech. Princesas: Luana Maestro/Marina Pelissoni.

2011/2013 – Vanize Pozzer. Princesas: Géssica Pelissoni Dutra/ Tainá Spader.
2009/2011 – Marina Dametto. Princesas: Ana Carla Scariot e Maria Janaina Mello.
2007/2009 – Claudia Sebben. Princesa Débora Bortolini.
2005/2007 – Melina Rech Spanhol. Princesas: Claudia Sebben e Débora Bortolini.
2003/2004 – Ana Paula de Oliveira. Princesas: Cintia Quissini e Débora Bortolini.
2001/2003 – Marina Santos. Princesas: Roberta Sebben e Fernanda Dalbosco; Miss Simpatia: Heloisa Leão.
1997/2001 – Luana Menegaz. Princesas: Cristine Biazus e Gabriela Pelin.
1995/1997 – Marcia Giacomin. Princesas: Tatiana Rietjens e Juliana Dametto.
1993/1995 – Denise Marchiori. Princesas: Giseli Borges e Jucélia Comparin.
1990 – Rosilene Barizon. Princesas: Marcia Becki e Silvana Fianco.
1985 – Marcia Rech Valdívia. Princesas: Maristela Bianchini e Joelma de Bastiani.
1980 – Alba Valéria Col Debella. Princesas: Verenice Roman e Neusa Maria Comiran.
1975 – Maria Ignez Dallagasperina. Princesas: Eliana Lângaro e Nelci Bée.
1965 – Marlene Ferreira.

- **Principais eventos do Município**

JANEIRO
Torneio de Integração de Laço de Tapejara
Local: Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto
Promoção: Quadros de Laço de Tapejara, CTG Manoel Teixeira e Prefeitura Municipal

JANEIRO A MARÇO
Campeonato Aberto de Verão de Futsal
Local: Ginásio de Esportes Jaimir Antônio Pinto Ribeiro
Promoção: SMEDEC – Departamento de Esportes

FEVEREIRO
Festa em Honra a Nossa Senhora de Lurdes
Local: Gruta Nossa Senhora de Lurdes
Promoção: Paróquia Nossa Senhora da Saúde

Conferência Municipal de Educação
Local: Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira

MARÇO
8 – Dia Internacional da Mulher – Mateada
Local: Praça Lucélia Poletto
Horário:15 horas
Promoção: Casa Rosa e Secretaria Municipal da Assistência Social

Jantar do peixe
Local: Comunidade de Santa Rita
Horário: 20 horas
Promoção: ASCAR/EMATER, Comunidade de Santa Rita e Prefeitura Municipal

Abertura da colheita da soja 2015
Local: Propriedade da Família Fontana, em Vila Campos
Horário: 14 horas
Promoção: ASCAR/EMATER e Secretaria Municipal da Agricultura e Meio Ambiente de Tapejara

Festival de massas e galeto
Local: Sede LIONS Clube Tapejara
Horário: 20 horas

Feira da Saúde da Mulher
Promoção: Secretaria da Saúde

Campeonato Municipal de Bochas
Local: Canchas de bochas da cidade e do interior
Promoção: SMEDEC – Departamento de Esportes

ABRIL
Feira do Livro de Tapejara (**Bianual**)
Local: Praça Central Silvio Ughini
Promoção: Secretaria Municipal de Educação – Departamento de Cultura e SESC-Fecomércio

Jantar Italiano no Clube Comercial
Local: Clube Comercial
Promoção: Clube Comercial

Conferência Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
Promoção: Assistência Social e COMDICAT
Local: Centro Cultural (manhã e tarde)

Atividade de Conscientização de Combate à Hipertensão Arterial nas Indústrias Tapejarenses
Promoção: Secretaria da Saúde

Confraternização de Páscoa
LOCAL: Casa de Convivência Dona Verônica
Promoção: Secretaria de Assistência Social

Campeonato Aberto Guri e Velhinho Bom de Bola Futsal
Local: Ginasião

Promoção: SMEDEC – Departamento de Esportes

Campeonato entre as Comunidades Futsal (masculino e feminino)
Abril a maio
Local: Ginasião ou em Cachoeira Alta

Campeonato Aberto "Pequenos Talentos" – Futsal
Abril a junho
Local: Ginasião Cat. (Sub 7, Sub 9, Sub 11 e Sub 13)

Campanha de Prevenção de Acidentes de Trânsito
Promoção: Departamento de Trânsito, Lions Clube, Bombeiros Voluntários, Brigada Militar e SENAT

Atividades em Comemoração ao Dia Mundial da Saúde e Dia Nacional de Mobilização pela Promoção de Saúde e Qualidade de Vida

MAIO
Atividades Múltiplas em Comemoração ao Dia do Trabalhador
Local: Praça Lucélia Poletto
Promoção: Prefeitura Municipal

Dia das Mães
Evento: Chá das Mães
Promoção: Assistência Social e CRAS

Encontro dos Trilheiros
22 – Escolha das Soberanas do Município
24 – Festa dos Motoqueiros

Chá da APAE
Local: Salão Paroquial
Promoção: APAE

Campanha Contra o Tabagismo
Promoção: Secretaria da Saúde

Dia do Desafio
Promoção: SMEDEC e SESC-Fecomércio

Olimpíadas Escolares
Promoção: Secretaria Municipal da Educação e Projeto: Oficinas do 2º Tempo Escolar

Semana da Saúde Mental CAPS

Oficina de beleza
Local: Sede do PIM
Promoção: PIM

Simpósio Regional de Saúde Mental
Local: Centro Cultural
Promoção: Secretaria de Saúde e CAPS

JUNHO
Jantar Italiano
Local: Comunidade da Cachoeira Média
Promoção: ASCAR/EMATER, Comunidade da Cachoeira Média e Prefeitura Municipal

Serata Italiana da Família Trentina Tapejara
Local: Clube Comercial

Torneio de Laço Taça São Pedro
Promoção: CTG Manoel Teixeira e Prefeitura Municipal

CAMPEONATO MUNICIPAL FUTEBOL DE CAMPO

Semana do Meio Ambiente
Promoção: Departamento do Meio Ambiente e EMATER

Campanha de Doação de Sangue
Promoção: Secretaria da Saúde

Festas Juninas

JULHO
Café na Colônia
Local: São Brás
Promoção: EMATER/ASCAR Comunidade de São Brás e Prefeitura Municipal

Festa N.S. do Carmo
Local: Linha Quatro – Padroeira

Festa Bairro São Cristóvão Padroeiro

Mostra Regional de Danças
Local: Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira
Promoção: SMEDEC – Departamento de Cultura
Campanha de Prevenção de Acidentes de Trabalho

Promoção: Secretaria da Saúde

AGOSTO

1 a 9 – Semana do Município

Promoção: Prefeitura Municipal

Fest Leite

Local: Comunidade de Paiol Novo

Promoção: EMATER/ASCAR, Comunidade de Paiol Novo e Prefeitura Municipal

Café Colonial em Homenagem ao Aniversário de Tapejara

Local: Sede Lions Clube

Expo Tapejara (Bianual)

Espaço Gestão (Bianual)

Local: Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira

Promoção: Acisat, JCI e Prefeitura Municipal de Tapejara

Baile dos 60 Anos do Município

Local: Clube Comercial

Horário: 23 horas

Promoção: Clube Comercial – Acisat – SMEDEC – Departamento de Cultura e Prefeitura Municipal

Aniversário do Município – dia 9

Atividades 60 anos do Município de Tapejara

Almoço Campeiro

Local: Linha Scariot

Promoção: ASCAR/EMATER, Comunidade de Linha Scariot e Prefeitura Municipal

SETEMBRO

Semana da Pátria

Promoção: SMEDEC – Departamento de Cultura

Jantar do Porco Light

Local: Vila Campos

Promoção: ASCAR/EMATER, Comunidade de Vila Campos e Prefeitura Municipal

Desfile de 7 de Setembro

Local: Rua do Comércio (Praça Central Silvio Ughini)

Horário: 9 horas

Promoção: SMEDEC – Departamento de Cultura

Semana Farroupilha
Local: Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto
Promoção: CTG Manoel Teixeira – SMEDEC – Departamento de Cultura – Prefeitura Municipal

Semana do Trânsito
Promoção: Departamento de Trânsito, Secretaria da Educação, Secretaria da Saúde, JCI, Leo Clube e Rotary Club

Fest Frango
Local: Comunidade de São Domingos
Promoção: ASCAR/EMATER – Comunidade de São Domingos e Prefeitura Municipal

Encontro de Aviação Desportiva em Linha Quatro
Promoção: ATAERO

Programação Especial do Dia da Árvore
Promoção: Departamento do Meio Ambiente, EMATER e Grupo de Escoteiros

OUTUBRO
Festival de Teatro de Tapejara
Local: Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira
Promoção: SMEDEC – Departamento de Cultura

Encontro de Carros Antigos
Local: Praça Lucélia Poletto
Promoção: Avat

Jantar Baile na Comunidade de Cachoeira Alta
Local: Salão da Comunidade de Cachoeira Alta

Campeonato Interfirmas de Futsal
Local: Ginasião

Bingo da APAE
Promoção: APAE

Outubro Rosa – Programação especial de atenção ao câncer de mama
Promoção: Casa Rosa, Secretaria da Saúde e Apoio de Entidades

NOVEMBRO
Costelão Beneficente

Local: Sede LIONS

Dia Nacional de Combate à Dengue
Promoção: Secretaria da Saúde

Abertura das Festividades de Natal
Promoção: Prefeitura Municipal e ACISAT

Novembro Azul – Campanha de Prevenção ao Câncer de Próstata
Promoção: Secretaria da Saúde

Semana do bebê
Promoção: PIM

Festa da Primavera
Promoção: CAPS/CASA CONVIVÊNCIA

DEZEMBRO
1 – Campanha de Prevenção a AIDS
Promoção: Secretaria da Saúde

Jantar do Cordeiro
Local: Linha Marchiori
Horário: 20 horas
Promoção: ASCAR/EMATER – Comunidade de Linha Marchiori e Prefeitura Municipal

• Tapejarito

No dia 27 de novembro de 1989, através da Lei Municipal nº 1.477/89, foi adotado como símbolo representativo do Município de Tapejara o troféu denominado Tapejarito. Para a escolha do nome foi realizado o concurso "Identifique o Troféu do Município", e a sugestão apresentada pelo estudante Juliano Cadore foi acatada.

Foto do troféu Tapejarito em 1989. Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Tapejara.

O troféu obedece à seguinte descrição: formato, cabeça, corpo e pedestal. Sobre a cabeça está colocado um cocar indígena, símbolo do poder maior entre índios, simbolizando também o Poder Público entre os munícipes. O corpo do troféu obedece a forma cilíndrica, sustentado em um pedestal. Todo o troféu está confeccionado em madeira maciça de cor natural, com as seguintes medidas: o cocar, medindo 5 cm; a cabeça, 4 cm; o corpo 11,5 cm; e o pedestal, 5,5 cm; totalizando 26 cm. O troféu tem como idealizador o Prefeito Municipal Bomfilho Seben. A confecção foi desenvolvida e executada por Aluir Lângaro.

Peça de Teatro Os Defensores da Natureza, vencedora do troféu Tapejarito, promovido pela Biblioteca Pública Municipal em 1989. Na foto os alunos da 4ª série da Escola Valeriano Ughini. Participaram da peça: Bibiana, Sandra, Everton, Roberto, Renata, Adriana, Luciana, Claudia, Elaine, Charles, Décio, Alcione e Roseli. Foto: Arquivo de Angelica Manica Bortolini.

• Prato Típico de Tapejara: Tortéi da Nona

O Tortéi da Nona é o prato típico de Tapejara. A receita foi escolhida no dia 2 de agosto de 2011, em um evento no refeitório da Escola Municipal Giocondo Canali. A autora é Zulmira Cadini Variza. A tapejarense concorreu com outras seis pessoas, que apresentaram pratos variados e que tinham ligação com a história de Tapejara.

A escolha da receita por Zulmira se deu por conta da história da família dela, muito parecida com a de vários tapejarenses. De acordo com ela, o tortéi é um prato típico do norte da Itália, em particular na Lombardia, região de descendência das famílias Cadini e Roncaglio. O objetivo da preparação era obter um prato saboroso e nutritivo com o pouco que a economia campesina fornecia na época. A receita foi trazida pela bisavó, na época da imigração italiana, e ela o preparava frequentemente para a família. Depois, passou à nona Hermínia, que ensinou à Zulmira e que, até hoje, prepara para os filhos. Para ela, o tortéi de moranga é um prato que se tornou típico das cozinhas de Tapejara devido à grande colonização italiana da região, fazendo parte do dia a dia das famílias, desde a época em que Tapejara se chamava Sede Teixeira.

O júri, composto por cinco mulheres de Passo Fundo, Coxilha, Sananduva e Ernestina, todas com conhecimentos e experiência na culinária, foi unânime em escolher o prato. O segundo lugar ficou com a filha da Dona Mira, Leomara Maria Zotti Posser, que fez uma polenta com galinha caipira. O terceiro lugar foi para o Churrasco de Pinhão, criado por André Paulo Coronetti.

O prato típico foi apresentado, oficialmente, no dia 5 de agosto, em um almoço tradicional da Semana do Município, realizado no Clube Comercial de Tapejara. Além dele, os pratos que ficaram em segundo e terceiro lugares também foram servidos. Também foi criado um livro de receitas de Tapejara, composto pelos sete pratos inscritos. A Feijoada, de Fernando Luiz Maurina; a Polenta Temperada, de Rosa Maria Valentini; Espaguete à Italiana, de Ângela Maria Fagundes; Fricassê de Frango, de Gabriela Fagundes; além dos três vencedores. O Concurso do Prato Típico foi uma parceria da Prefeitura Municipal, através

do Departamento de Cultura, com a coordenadora Juliana Sebben, e a Emater de Tapejara.

Receita Tortéi da Nona

Zulmira Cadini Variza

Rende de 15 a 20 porções

Ingredientes

Recheio

1 moranga
100g de queijo ralado
100g de farinha de rosca
1 pitada de canela em pó
2 colheres das de sopa de óleo de soja
1 cebola picada
1 molho de tempero-verde
1 colher das de chá de sal
1 colher das de sopa de açúcar
1 dente de alho

Massa

500g de farinha de trigo
1 colher das de chá de sal
4 ovos

Molho

2kg de frango em pedaços
2 cebolas grandes picadas
4 dentes de alho
2 tomates picados
3 colheres das de sopa de óleo de soja
3 colheres das de sopa de extrato de tomate
1 copo de água
1 molho de tempero-verde

Modo de preparo

Recheio

Cortar a moranga em pedaços grandes, colocar em uma panela com a casca virada para o fundo. Cozinhar com pouca água até ficar macia. Retirar a polpa da moranga da casca com uma colher e amassar com garfo. Reserve. Em uma panela, coloque o alho, a cebola e o óleo, e refogue. Deixe dourar e acrescente a moranga, sal, açúcar, canela e o tempero-verde.

Massa

Em um recipiente, coloque a farinha, os ovos, sal e água. Misture e sove até que a massa fique

bem lisa. Espiche com a ajuda de um rolo ou cilindro até ficar fina. Coloque a massa em cima de uma toalha, recheie com a moranga e enrole com a ajuda de um pano. Amarre as pontas da toalha e cozinhe em água fervendo com um pouco de sal, por aproximadamente 1h30.

Molho

Coloque em uma panela o alho, a cebola e o frango. Adicione o tomate picado e deixe refogar. Coloque água quente, o extrato de tomate e, por último, o tempero-verde picado.

Montagem do prato

Corte o tortéi em rodelas em um refratário e o intercale com o molho e queijo. Repita as camadas, finalizando com molho e queijo.

Tortéi da Nona. Foto: Arquivo de Juliana Sebben.

• Concurso fotográfico de Tapejara

Em 2011, para marcar os 56 anos de Tapejara, o Departamento de Cultura da Prefeitura organizou o concurso de fotografias "Um Olhar Sobre Tapejara". Durante um mês, os participantes de Tapejara ou de fora puderam inscrever-se, enviando a imagem de um ponto ou situação da cidade. A ideia era fazer fotografias que representassem o Município e pudessem ser utilizadas nos materiais de divulgação e expostos no Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira.

Os vencedores foram: Vinícius L. Posser, 12 anos; Bianca G. Braciak, 21 anos; e Luciane Tabbal, 47 anos, todos naturais de Tapejara. Eles ganharam, respectivamente, uma impressora, um porta-retrato digital e uma câmera digital.

"A Luz de Cristo", "Accendens" e "Imagem que Levo Comigo" são os títulos de cada uma das imagens. Os quadros foram apresentados à população no dia 2 de agosto, na Praça Central Sílvio Ughini, durante a abertura oficial da Semana do Município e, atualmente, encontram-se expostos no hall do Centro Cultu-

ral José Maria Vigo da Silveira.

Ao todo foram vinte e sete fotos inscritas nas três categorias – mirim (de 9 a 13 anos), juvenil (de 14 a 21 anos) e adulto (acima de 22 anos). As imagens foram escolhidas a partir da análise dos quesitos: representatividade, foco, enquadramento e criatividade.

A Luz de Cristo. Foto: Vinícius L. Posser.

Accendens. Foto: Bianca G. Braciak.

Imagem que levo comigo. Foto: Luciane Tabbal.

CINEMA EM TAPEJARA

- **Cine Brasil**

Por volta de 1947, Clelio Cavichiolli criou o primeiro cinema na Vila Tapejara. Em seguida, constituiu uma sociedade composta por Ciro Boeira de Almeida e Giácomo Marin, e colocou em funcionamento uma casa de espetáculos denominada "Cine Brasil", que funcionava em um casarão de madeira localizado na rua central da Vila, atualmente Rua do Comércio. Funcionava com um projetor de 16mm, trocado, anos depois, por um de 55 mm.

- **Cine Paroquial**

Em abril de 1955, através do trabalho realizado pelo Padre Carino Corso, a Paróquia Nossa Senhora da Saúde adquiriu, do Cine Brasil, os equipamentos de projeção, cento e quarenta poltronas e cadeiras de palha, por 80.000 contos de réis. O Padre instalou o Cine Paroquial no segundo piso do Salão Paroquial, situado próximo à Praça Central, atual Praça Silvio Ughini. Os filmes nessa época, conforme recorda Mario Marin, "sofriam diversos cortes nas cenas consideradas impróprias aos costumes vigentes". A fundação e o funcionamento de um cinema constituíram um espaço de cultura e lazer à população.

- **Cine Tamoio**

As origens do Cine Tamoio aconteceram conforme recorda Mário Marin: "O Sr. Alfredo Bauermann, após ter assistido a um filme no Salão Paroquial, ficou indignado com a censura que ocorria nos filmes, resolveu unir um grupo e formar um novo cinema em Tapejara. Após uma conversa de Alfredo com Giácomo Marin, ambos decidiram formar uma sociedade para criar um novo cinema, com apresen-

tação de filmes sem cortes nas cenas."

A proposta foi concretizada em março de 1957, sendo construído um pavilhão de madeira na Rua do Comércio, esquina com a Rua Coronel Lolico. A casa de espetáculos foi aproveitada também para outros fins, como: reuniões, comícios, shows e formaturas, pois tinha duzentos e quarenta lugares.

Os filmes mais apreciados pelo público, segundo recorda Mário Marin, eram "os filmes brasileiros, como o Mazzaropi. Os filmes romanos também tinham preferência pelo público, pois eram considerados enlatados. Somente os filmes franceses não tinham preferência, já que eram imorais, considerando as ideias da época", destacou. Mário citou alguns nomes dos mais assistidos na época: "Ben-Hur, Dez Mandamentos e Virgem de Fátima, que contou com a presença inclusive da população dos Distritos de Tapejara".

As exibições aconteciam na quarta-feira, sábado à noite, a partir das 20h, domingo, às 14h (matiné infantil) e duas sessões, uma às 18h30 e outra às 20h15. As películas e cartazes vinham de Passo Fundo via ônibus acondicionados em latas lacradas. A programação semanal do Cine Tamoio era veiculada na grade da programação da Rádio Passo Fundo ZYHF 5, no programa a "Voz de Tapejara", apresentado aos domingos, entre as 11h30 e as 12h, na locução de João Roman Vieda, então administrador da agência dos Correios e Telégrafos de Tapejara.

Em frente ao Cine Tamoio, Olinto Guidini. Foto: Arquivo de Pedro Girardi.

• Empresa Tapejarense de Cinema Ltda.

No dia 31 de dezembro de 1966, um grupo com mais de trinta pessoas, entre eles Mário Marin, Alfredo Bauermann, Johnny Dorval Zoppaz, Miguel Tabbal, Francisco Zanatta e Avelino Bianchin, reuniram-se a fim de estabelecer critérios para a construção de um novo estabelecimento de cinema em Tapejara, já que o Cine Tamoio estava em condições precárias. Essa sociedade firmou um contrato social e passou a ser denominada de Empresa Tapejarense de Cinema Ltda.

No começo, foi adquirido um terreno na atual Rua Independência, em frente à Praça Silvio Ughini. A construção do novo cinema, em alvenaria, iniciou em 1967. Conforme recorda Mário Marin: "Éramos um

grupo de aproximadamente trinta e seis pessoas, lideradas por mim e por Miguel Tabbal. Para a construção do prédio do cinema foi adquirido um terreno na Rua Independência, em frente à Praça Silvio Ughini", contou.

Porém, a obra não foi finalizada. Segundo Maristela Bianchini, "a construção não foi finalizada, pois a influência da TV no espaço do cinema reduziu o número de pessoas que frequentavam as casas de espetáculos em todo o país e, consequentemente, Tapejara também passou por essa fase", destacou (BIANCHINI, 1991).

O idealizador do projeto, Mário Marin, conta que "não foi finalizada a obra porque, com o advento da televisão, o espaço do cinema foi sendo reduzido, tornando-se inviável a construção. Este fato ocorreu também em Sananduva, Getúlio Vargas, Lagoa Vermelha e Vacaria", recordou.

No dia 31 de dezembro de 1976, o grupo encerrou as atividades de construção, e o terreno foi vendido à Caixa Econômica Estadual (CEE), que na época construiu a agência local. Posteriormente, com a extinção da Caixa Econômica Estadual, em meados dos anos 90, a edificação passou a sediar a Agência do Banco do Estado do Rio Grande do Sul.

Quando se decidiu por encerrar as atividades do Cine Tamoio, a Paróquia Nossa Senhora da Saúde, novamente, adquiriu os equipamentos. No final de julho de 1978, a Paróquia reiniciou a exibição de filmes. O local escolhido para exibição foi o Centro Comunitário Paroquial. As sessões eram exibidas no 2º e no 4º domingo do mês, às 20h. As exibições cinematográficas duraram menos que uma década. Maristela Bianchini recorda que "devido à pouca valorização da comunidade e às demasiadas exigências da Embrafilme, tornou-se necessário o encerramento das atividades. As exibições foram encerradas em 14 de novembro de 1985", lembrou (BIANCHINI, 1991).

CENTRO CULTURAL JOSÉ MARIA VIGO DA SILVEIRA

Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Em agosto de 2001, foi inaugurado o Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira, cuja denominação foi vitoriosa dentre a lista de nomes apresentada por entidades e autoridades ao Poder Público. A escolha aconteceu através de voto em urna eletrônica e a eleição foi acompanhada pelo funcionário da Justiça Eleitoral Itacir José Spanhol.

O Centro Cultural é uma edificação localizada nas proximidades da Biblioteca Pública Municipal Eduardo Damiani, com local amplo, espaço ocupado por auditório com capacidade para quinhentas pessoas, salão para a Terceira Idade no térreo, sede da Câmara de Vereadores, no terceiro andar, e outros espaços para atividades culturais.

O Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira abriga a realização de diversos eventos durante o ano. No espaço são realizados: congressos, seminários, reuniões, formaturas, festivais, mostras, apresentação de espetáculos e exibição de cinema.

Dos diversos eventos realizados no auditório do Centro Cultural, destaca-se a realização do tradicional Festival de Teatro e a apresentação de grupos renomados no cenário artístico estadual e nacional.

O Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira passou por uma reforma em meados de 2010, que abrangeu a troca do revestimento do teto e a troca das madeiras que compunham o palco. O local é, acima de tudo, o berço de toda a criação artístico-cultural de Tapejara.

Obra concluída do Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• Coral Municipal Arte em Si

O Coral Municipal Arte em Si, de Tapejara, foi criado em março de 1998. É mantido pelo Poder Público através da Secretaria de Educação, Desporto e Cultura. É formado por vinte e cinco integrantes, sob a regência de Daisson de Andrade da Silva.

O Coral Municipal realizou apresentações memoráveis, destacando-se a participação no Programa Galpão Crioulo e na Árvore Cantante, de Gramado. O coral participa ainda de diversos encontros em nível municipal, regional e estadual.

Entre as diversas canções entoadas pelo coral, estão clássicos da música mundial, como: Ave-Maria,

Eres Tu e Va Pensiero. Também apresenta músicas sacras e canções populares, como: Cio da Terra, Canto Alegretense, Veterano, entre outras.

TEATRO

As primeiras apresentações de teatro amador aconteceram nas salas de aula do Colégio Medianeira de Todas as Graças, em meados dos anos de 1938. Na metade do ano de 1940, na então Vila Teixeira, foi inaugurado um pavilhão e instalado nele um palco para servir de local para apresentações cênicas e artísticas.

Teatro do antigo Ginásio. Foto: Arquivo de Lurdes Girardi.

No final de setembro de 1945, foi construído o Salão Paroquial. O primeiro andar foi destinado à instalação da cozinha e do espaço para a realização de festas paroquiais e no segundo andar foi destinado um espaço para a realização de eventos culturais. O local era composto pelo cinema e por um palco utilizado para apresentação de peças de teatro, esquetes e shows artísticos.

Mais tarde, durante a década de 1960, o salão foi utilizado pelo então Ginásio Pio XII. O prédio foi demolido por volta de 1971, para que prosseguissem as obras da atual Praça Silvio Ughini, enquanto o Ginásio foi transferido para um novo prédio, de alvenaria, no atual prédio da Escola Fundamental Severino Dalzotto.

Teatro no antigo Salão Paroquial. Foto: Arquivo de Fatima Manica.

Em dezembro de 1974, foi inaugurado o novo Centro Comunitário Paroquial, que dispunha um palco para apresentações artísticas. Entre os vários grupos de teatro que subiram ao palco, a maioria era constituída por jovens estudantes. Entre eles,

cabe registrar o grupo existente na década de 1960, formado por ex-estudantes do Colégio Medianeira de Todas as Graças, tendo como ator e diretor o então seminarista Hélio Corso Marsiglio.

O grupo era denominado de Apolo XI. O Padre Hélio Marsiglio contou que o teatro possibilitou-lhe pagar os estudos em Erechim. Durante as férias, apresentava peças no Município e na região. As peças foram exibidas no palco do então cinema Tamoio, em meados de 1966. As encenadas no palco foram: Foi Assim que Matei Meu Pai e a outra O Crime do Pagé.

Por volta de 1975, por iniciativa da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, através do trabalho realizado pelo Padre Valter V. Baggio, foi criado um grupo de teatro, cujos integrantes eram jovens estudantes, membros da UMET e líderes do grupo de jovens da Matriz (TLC). A peça encenada foi Caminhos de um Transviado, escrita pelo Padre Valter e que tratava da realidade vivida pela juventude na atualidade e apontava caminhos para mudar a realidade. O grupo efetuou diversas apresentações nos Municípios de Tapejara, Água Santa, Vila Lângaro, Charrua, Santa Cecília do Sul, Sertão, Ibiaçá, Getúlio Vargas, Vitor Graeff, Não-me-Toque e Sananduva.

Da esquerda para a direita: Elenita Rech, Rosangela Ambrosi, Ildo Aldino Lamb, Rozeli Rech, Clacir Secco, Angelica Manica, Gilmar Barison, Lenir Debastiani e Acir Luiz Ghidini, parte da turma que apresentava a peça Caminhos de um Transviado. Foto tirada na Praça em Não-me-Toque em 1977. Foto: Arquivo de Angelica Manica Bortolini.

O grupo cênico era constituído por: Maria Olinda Stein, Elisa Ghidini, Angélica Manica, Rosângela Ambrósio, Sirlei Scariot, Adalgir Carlos Scuro, Ildo Aldino Lamb, João Carlos Três, Marlene Dallagasperina, José Sandini Filho, Eliana Lângaro, Itamar Antônio Spanhol, Rozeli Rech, Clóvis Borela, Lenir Debastiani, Acir Ghidini, Italvina Picolotto e Marilene Scariot e permaneceu em atividade até o final da década de 1970.

Em meados de 1987, Sérgio Dametto criou e dirigiu o Grupo Teatral Amon-Rá. A trupe era constituída de vinte e sete membros, entre os quais estavam: Sérgio Dametto, Gilberto Scariot, Patricia Scariot, Vanize Regina Roman, Eliane Dametto, Silvana Barcarollo, Roque Felipe, Elzir José Rosa, Silvana Mânica, Angélica Mânica, Rosane Lindner, Elcio Urbanski e Juliano Girardi.

Inúmeras foram as apresentações nas comunidades e cidades da região. Na trajetória de palco do

Grupo teatral Amonrá, dirigido por Sérgio Dametto, apresentado no Clube Comercial de Tapejara. Foto: Arquivo de Angelica Manica Bortolini.

grupo, vários foram os momentos marcantes, entre eles, lotar por duas noites consecutivas as dependências do Clube Comercial.

• Thelema/Trupe Teatral Fora de Sério

Reconhecendo a importância do teatro como elemento transformador, um grupo de amigos criou, em 1993, o Grupo Teatral Thelema. O Grupo Thelema levou ao palco as peças: O Mundo em Perigo (infantil), Mortinho da Silva, Fatos Insólitos, O Defunto de Atalaia, Invasão dos Gatos, Apertamento Familiar e Xabu (adultos). O grupo também exibia, anualmente, peças sacras como: A Natividade e A Morte e Ressurreição de Cristo.

No ano de 1996, o Grupo participou do VII Festival Gaúcho de Teatro Amador, conquistando dois prêmios: de melhor ator coadjuvante, para Cláudio Antônio Biasi, e melhor atriz, para Marta Bruch, com a peça Mortinho da Silva. Em 1999, participou do X Festival Gaúcho de Teatro Amador com a mesma peça, sendo novamente agraciado com o prêmio de melhor atriz para Marta Bruch.

A peça Mortinho da Silva ficou em cartaz por quase dez anos e foi sucesso em todos os palcos por onde atuou, trazendo à tona uma temática controversa e ainda atual em nossos dias: a saúde pública. O grupo era composto por: Cláudio Antônio Biasi, Vilma Aime, Loreci Maria Biasi, Silvio Uhlein, André da Silva, Marcelo Zanchetta, Claine Fiorentin, Fabiana Felini, Daniela Stenzel, Fátima Mânica, Franciele Mânica, Lincol Nardin Júnior, Ademar Winkel, Odair dos Santos, Luciano Felipio, Dimas Vieira e Giovani Rodigheri.

O Grupo Teatral Thelema passou por uma reformulação de elenco, pois a maioria dos integrantes se encontrava presa às urgências profissionais e de estudos. Uma nova safra de atores e atrizes passou a representar nos palcos da região; construíram uma máscara mais contemporânea para o grupo e passaram a denominá-lo de Trupe Teatral Fora de Sério. Além dos atuais integrantes, fizeram parte da Trupe Teatral Fora do Sério: Jaqueline Borille (em memória), Jovania Marta Favaretto, Larissa de Souza, Silvio Pozzer, Cáscio Borela (em memória), Édina Pereira, Luciane Schimit, Débora Scariot Pegoraro, Inês Pico-

lotto, Giovani Rodigueri, Guilherme Teixeira Slongo, Juliano Fontana, Adriane Maito Galina, Paula Argenta, Marina Dametto, Leandro Zaquiel (em memória) e Daiane Antunes.

A Trupe leva ao palco, anualmente, o espetáculo Morte e Ressurreição de Cristo, tendo como enfoque a Campanha da Fraternidade anual, propondo assim o debate e o questionamento.

Apresetnaçãode Morte e Ressurreição de Cristo na década de 2000. Da esquerda para a direita, em

Apresetnaçãode Morte e Ressurreição de Cristo na década de 2000. Da esquerda para a direita, em pé, atrás: Marlene Saccon, Giovani Rodigheri, Luciane Schmitt, Silvio Pozzer, Edina Perera, Cristian Wolff Vieira, Larissa de Souza Dalmina, Adriane Maito Gallina, Daiane Antunes, Jovania Marta Favaretto; em frente, agachados: Simone Pelissaro, Rodrigo Maito e Marta Bruch. Foto: Arquivo de Silvio Pozzer.

pé, atrás: Marlene Saccon, Giovani Rodigheri, Luciane Schmitt, Silvio Pozzer, Edina Perera, Cristian Wolff Vieira, Larissa de Souza Dalmina, Adriane Maito Gallina, Daiane Antunes, Jovania Marta Favaretto; em frente, agachados: Simone Pelissaro, Rodrigo Maito e Marta Bruch. Foto: Arquivo de Silvio Pozzer.

Atualmente, o elenco da trupe está composto por: Ana Lúcia Centofante, Angela Luchini, Camila Maestro, Cláudio Antônio Biasi, Cristian Vieira, Franciele Mânica, Luís Henrique Dias, Marlene Saccon, Rodrigo Maito, Simone Guerra, Tainara Koch, Vanessa Bressan. Direção e textos estão a cargo de Marta Bruch.

Tanto o Grupo Teatral Thelema como a Trupe Teatral Fora do Sério, desde sua fundação, levaram ao palco textos próprios e que vão ao encontro das situações conflitantes da atualidade, das grandes verdades universais e, acima de tudo, propõem o resgate dos valores morais e espirituais.

O Grupo de Dança Integrado da Terceira Idade (Giti Dance) participou de diversos espetáculos da Trupe Teatral Fora do Sério, abrilhantando suas apresentações. O Coral Estrela de Luz, da Terceira Idade, participa, anualmente, do espetáculo de Natal.

- **Grupo Máscaras e Facetas**

O Grupo Teatral Máscaras e Facetas surgiu em meados de 2004. A peça Carta para a Minha Morte, desde 2005, foi apresentada em vários palcos, como Tapejara, Água Santa, Marau, Paim Filho, São José do Ouro e Maximiliano de Almeida.

Esta peça teve a direção e adaptação do texto por conta de Cláudio Antônio Biasi e contou no elenco com Marcelo Zanchetta como Morte e Jurema e Cláudio Antônio Biasi como Godofredo. Outra peça do Grupo é Momento Poing, texto, direção e elenco de Cláudio Antônio Biasi.

• Teatro JCI

No ano de 2006, a JCI criou um Grupo de Teatro. Eram integrantes: Ana Paula Vedana, André Dienstmann, Cristiane Dienstmann, Édina Pereira, Josiene Gregoletti, Laudimar Coronetti, Luciane Biazus e Marluza Gasperin. Foi montada e encenada a peça Proballein: Jogar na Frentre, com texto e direção por conta de Cláudio Antônio Biasi. Na primeira apresentação, contou com um público de aproximadamente 350 espectadores no Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira, de Tapejara.

• Produções teatrais nos projetos sociais e escolas/Teatro estudantil

No tocante à arte da representação cênica, uma menção especial deve ser feita ao trabalho realizado nas escolas do Município e nos projetos sociais, que desenvolvem oficinas e apresentações teatrais, estimulando e desenvolvendo o potencial artístico de crianças e adolescentes do Município.

Silvio Pozzer conta: "Iniciei minha vida artística na Escola Giocondo Canali. A minha primeira apresentação teatral foi realizada no Festival de Teatro de Tapejara, quando fiz parte do Grupo da Escola Giocondo Canali. A apresentação foi realizada nas dependências do Clube Comercial, pois era um dos poucos locais que possuía um palco e acomodações necessárias às apresentações. Apresentamos a peça O Grande Remédio, escrita por Marta Bruch." Lembra também que o grupo participou, no ano de 2003, do Festival Estadual de Teatro, em Santo Ângelo, promovido pelo Sesi. "Apresentamos a peça Vida em Retalhos, em Tapejara, no Festival de Teatro, e ganhamos o 2º lugar. Depois disso, o grupo participou do festival realizado na Escola Notre Dame Menino Jesus. Os dois primeiros colocados participariam da fase estadual do Festival promovido pelo SESC. Para a alegria de todos, o grupo foi classificado para a fase estadual, que aconteceu em Santo Ângelo. Voltamos tristes, pois não ganhamos nenhum prêmio, mas, ao mesmo tempo, felizes, por termos participado de um festival em nível estadual."

Além de encantar e emocionar o público, o teatro é uma poderosa ferramenta de transformação

Apresentação no Festival Estadual de Teatro, promovido pelo SESI, em Santo Ângelo, com a peça teatral Vida em Retalhos, de Marta Bruch. Na foto, da esquerda para a direita, em pé: Sivone Panisson Biasotto, Rosangela Hanel Dias, Clair Gomes Nogueira (em memória), bebê Antonio Felipe da Luz, Tatiana Saqueti, Fabiana Milani Dias, Silvia Marcon, Eliandra Rigon, Aline Agnoletto; sentados: Silvio Pozzer, Marlene Saccon, Marta Bruch, Aline Ramos da Silva, Suelen Defaveri, Aline dos Santos e Laudiane Fontanive (diretora do espetáculo). Fonte: Arquivo de Silvio Pozzer.

social. Silvio Pozzer lembra de quando ministrou oficinas de teatro no Programa AABB Comunidade e no Programa Segundo, nos anos 2009 e 2010. “Tive a oportunidade de repassar os conhecimentos adquiridos a diversos alunos e descobrir e aperfeiçoar diversos talentos. Entre as apresentações realizadas na época estão as peças: Ari Areia, um grãozinho apaixonado; O Fantástico Reino dos Sonhos e Pluf, o Fantasminha, além de diversas intervenções e esquetes.”

Apresentação do Grupo de Teatro do Programa AABB Comunidade no ano de 2010. Atrás: Edieli da Silva, Tamara Kock, Luiz Henrique Pés, Vinícius Piffer; no meio: Débora Reck, Leidiane de Morais; na frente: Bruna Gava Spagnol, Tainara Kock, Dioany Pitan, Cacia Aimi. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• Grupo de Teatro do Instituto Anglicano Barão do Rio Branco

Em 2008, foi criado o Grupo de Teatro do Instituto Anglicano Barão do Rio Branco. O grupo esteve sob a coordenação de Silvio Pozzer até o ano de 2013, e, durante o período de cinco anos, realizou diversas apresentações no âmbito escolar. O grupo apresentou as peças: Despertar, Presepada, Em Busca da Cantiga Perdida, Flicts, entre outras.

O grupo foi composto por: Laura Dalzotto, Simone Guerra, Marina Dametto, Cristian Wolff, Guilherme Teixeira Slongo, Daniela Zanini, Gabriel Rodiguero, Pietra Zoppas, Pietra Cechin, Felipe Hanel Dias, Naura Danieli Marcon, Marina Boito, Leonardo Caumo Biasoto, Leandro Henrique Belan, Andressa Tumelero, Jéssica Beé, Julia Caldatto, Giulia Boito, João Pedro Caron Ramos e Natália Boff.

Apresentação da peça teatral Despertar, escrita Marta Bruch, e dirigida por Silvio Pozzer. Atrás: Simone Guerra, Guilherme Slongo, Marina Dametto, Cristian Wolff Vieira, Daniela Zanini; na frente: Laura Dalzotto. Foto: Arquivo de Silvio Pozzer.

- **Grupo Teatral Cia. Up's**

O Grupo Teatral Cia. Up's teve sua origem em 2013, quando dois integrados caracterizavam-se de palhaço e faziam animações em entidades do Município. Depois de um tempo, surgiu a ideia de montar uma companhia de palhaços, onde já contávamos com cinco integrantes. O tempo passou, o grupo mudou seu rumo e partiu para o teatro.

No ano de 2014, o grupo foi dirigido pelo ator e diretor Silvio Pozzer. Na oportunidade, o grupo realizou duas apresentações. O espetáculo Os Olhos da Lei, escrito por Silvio Pozzer, e a encenação da cantata catalina Noite de Paz, em parceria com a Coral Municipal Arte em Si. O grupo teatral conta hoje com aproximadamente vinte e cinco atores de diferentes idades.

Apresentação da cantata natalina Noite de Paz. Atrás: Kuky (primeira dama), Altamir Waltrich (Secretário de Educação), Ilmara Sebben (Secretária de Assistência Social), Adriana Olibone (segunda dama), Vinicius Piffer, Edieli da Silva, Cristian Madalozzo, Lucas Schwarz, Eduardo Brunetto e Rafael Pegoraro; na frente: Silvio Pozzer, Inês Picolotto, Milena Pagno, Evelyn Pés, Mari Pés, Milena Biasotto, Eduarda Zanata, Alesandra Konig e Luana Bressan. Foto: Arquivo de Silvio Pozzer.

FILMES DE TAPEJARA

- **O Fim dos Bandoleiros**

O filme O Fim dos Bandoleiros é um faroeste produzido em Tapejara no ano de 1975, na região de Vista Alegre. Foram muitas as dificuldades para produzir o filme, já que não tínhamos acesso a equipamentos. A ideia tomou forma em 1974, quando Domingos Dallagasperina e Romeu Brum Ferreira foram até o povoado de Vista Alegre para comprar vinho na casa de Avelino Noé Gratieri.

Domingos Luiz Dallasperina atuando em O Fim dos Bandoleitoros. Foto: Arquivo de Domingos Luiz Dallagasperina.

"Nesse espaço de tempo, saí do carro e fui observando o cenário do povoado, algumas poucas casas, um bar, uma cancha de bochas, uma pequena igreja, alguns cavalos presos a um varão próprio para deixar os animais, pessoas conversando em pequenos grupos, uma única rua no centro do povoado, sem calçamento, desprovido de luz elétrica e sem telefone. Aqui daria um bom faroeste. Tinha tudo para realizar o tão esperado sonho. Faltava agora encontrar amigos dispostos a enfrentar a empreitada. Essa foi a tarefa mais fácil. De todos os convidados, nenhum negou assumir o compromisso", recordou Dallagasperina (2013a).

Dentre os principais colaboradores que formaram a equipe estavam: Pedro Hugo Sitta, Américo Ferreira da Silva, Euclides Bertoglio, Murilo Zappani, Luiz Parizotto, Rogério Liska, Roberto Dallagasperina, Nelso Severino Artuzi, Alexandre Dallagasperina, Darci Borella, Valdereza Dallagasperina, Marlene Dallagasperina e Leda Berton. Colaboraram também: Edegar Bacega, no fornecimento de cartuchos de revólver vazios; Ademar Berton, no carregamento de festim. A sonorização ficou a cargo do radiotécnico Luiz Parizotto. Fizeram parte do elenco: Domingos L. Dallagasperina – Xerife, Hugo Sitta – Tijolinho, Euclides Bertóglio – Kid Bet, Américo Ferreira da Silva – Cabral, Darci Borella – Auxiliar, Nelson S. Artuzi – Paraná e Murilo Zapani e outros.

Ao todo, foram mais de quarenta e cinco pessoas participantes envolvidas na filmagem. Além dos citados, participaram do filme em torno de trinta e cinco atores da localidade de Vista Alegre, que, apesar de nunca terem assistido a um filme, se comportaram de maneira satisfatória no desenrolar das filmagens. Sem ensaios prévios, davam uma pequena explicação de como deveriam agir.

"Muitas falhas, por nós chamadas de defeitos especiais, foram mantidas no filme original, porque, devido ao tempo de remessa dos filmes a São Paulo para revelação e seu retorno, passavam-se muitos dias. Repetir as filmagens das cenas ruins atrapalharia a sequência de tomadas seguintes. Por isso fomos em frente", contou Domingos Dallagasperina (2013a).

Em Vista Alegre, foram acolhidos com muita aceitação pelos moradores e proprietários de fazendas, casas, galpões e animais de montaria. Segundo Domingos Dallagasperina, "nos deixaram bem à vontade para usar de suas propriedades. Aos sábados e domingos, quando marcavam filmagens, o pessoal de Vista Alegre já estava lá, aguardando com vestuário próprio, armas e cavalos atrelados, prontos para as filmagens."

As filmagens foram realizadas num grande galpão de armazenamento de cereais de Balduino Zotti, que cedeu o espaço durante oito meses. No interior do galpão, montaram todos os cenários utilizados nas tomadas internas: bar, cadeia, delegacia e banco. Como não havia luz elétrica na localidade e o equipamento de filmagem não possuía dispositivo de iluminação, abriram parte do telhado para se obter luz para filmar. Roberto Dallagasperina comandava uma equipe de voluntários para essa tarefa. Antes de iniciar as filmagens, o Juiz de Direito Hélio Werlang e o sargento Júlio Pereira de Souza, comandante da Brigada Militar, foram procurados, a fim de cientificar a equipe do filme pelo uso de armas, os quais deram o aval.

O equipamento contava com uma filmadora Super 8 mm, que pesava em torno de 300 gramas e um projetor de cinema, também de 8 mm. Usavam cartuchos de filmes Kodak, de 15 metros cada, com duração de filmagem de três minutos. A cada rolo filmado, parava-se a filmagem e os protagonistas permaneciam parados na cena, até colocarem novo cartucho e prosseguir a filmagem.

Após a filmagem, os filmes eram encaminhados para São Paulo para serem revelados. O grupo esperava ansiosos pelo retorno da filmagem. "Era uma vibração quando vinha tudo em ordem. Quando falhava por alguma razão, infiltração de luz, ou o filme usado era muito sensível à luz, ou, pelo contrário, quando

usavam um filme de menos sensibilidade, a fotografia ficava escura ou borrada. Nesse caso, na próxima filmagem, tinham que repetir o que ficou defeituoso", lembrou.

Os filmes de antigamente recebiam vinte e quatro fotos por segundo na sua filmagem e, posteriormente, o projetor passava por sua lente, os mesmos vinte e quatro quadros por segundo. "Isso era necessário para que ocorresse o movimento normal das cenas, enganando nossa visão em suas paradas rapidíssimas a cada quadro de fronte à lente. Eram, pois, a cada rolo de três minutos, batidas 1.440 fotos. Nosso filme, que tem a duração de 119 minutos, fotografou o total de 171.360 quadros. Por ali, pode-se notar o custo de uma filmagem, sem contar se tivesse que pagar aos atores. Essa sequência de fotos, que passavam rapidamente pela lente do projetor, a cada quadro tinha uma parada imperceptível ao olho humano, por isso não notamos essa parada, mas vemos os movimentos normais das pessoas e coisas que foram filmadas. O que causa essa parada a cada quadro é uma peça chamada de cruz de malta", explicou Dallagasperina. Com o fim das filmagens, o grupo iniciou a montagem do faroeste, resultando em cortes de cenas defeituosas e emendas de rolos na sequência da história.

As gravações iniciaram em janeiro e terminaram no dia 6 de agosto de 1975. O Prefeito Municipal da época, Severino Dalzotto, solicitou aos cineastas que fizessem a estreia do filme no dia do 25º aniversário do Município. A estreia aconteceu no Cine Tamoio, cedido pelo seu gerente, Mario Marin. O filme também foi projetado na Mecânica Tapejarense, no Clube São Paulo e no Salão Paroquial. Houve reproduções em Sertão, Ibiaçá, Água Santa, Passo Fundo, Vacaria e Soledade. A RBS TV, por duas vezes, passou o filme em sua emissora. O jornal Zero Hora publicou reportagem sobre o filme em 2008.

Foto: Arquivo de Domingos Luiz Dallagasperina.

Dois grandes colaboradores que ajudaram foram: Américo Ferreira da Silva e Pedro Hugo Sitta. A todo momento estavam prontos, tanto nas filmagens como na verificação e montagem, com ajuda e sugestões. "Sem a perseverança dessas pessoas, seria difícil concluir o tão desejado sonho", finalizou Domingos.

Da esquerda para a direita: Vieira, Adalgir Góis, Roberto Dallagasperina, Rogerio Liska (atrás do Roberto), Domingos Dallagasperina, Américo Ferreira da Silva, Euclides Bertoglio e Pedro Hugo Sitta. Esta foto foi tirada no local do encerramento da filmagem, quando foram escolher um local para o final. Foto: Arquivo de Domingos Luiz Dallagasperina.

Uma das cenas do filme. Foto: Arquivo de Domingos Luiz Dallagasperina.

- **Punhos Infalíveis**

A ideia de gravar um filme surgiu em 1995, de Ubirajara Gomes Batista (Bira), que visitou seu amigo Ivar Mesavilla e pediu-lhe para escrever uma história. Mesavilla escreveu sobre a Academia Pirata, ou seja, um grupo que comercializava e traficava drogas para os adolescentes na saída da escola. Denominou o filme de Punhos Infalíveis.

Em seguiada, Bira dividiu a história em diversas cenas. A filmagem foi realizada pelo funcionário do Banco do Brasil Eugênio Carvalho, que possuía na cidade a locadora Chok Vídeo, situada na Rua 15 de Novembro, onde, antigamente, estava localizado o Clube Comercial.

Iniciaram as filmagens em 1996, com os seguintes atores: Docimar Machado como delegado (em memória); Ademar Koch, como inspetor (em memória); Rodrigo Maito, como contrarregra (em memória); Pedro Ramos, como o bandido Xanduk; Ivar Mesavilla, como mestre; Clair Versa, como capanga do Xanduk; Sérgio Comiran, como atirador; Ubiraja Gomes Batista, como Birak; Marisa Riquetti, como namorada do Birak; Tais Bortolotto, como Amanda; Moacir Andrade, como companheiro do Birak; Diogo Baranzalli, que atuou no lugar de Moacir em algumas cenas.

Os cenários utilizados foram a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, a antiga Casa do Menor, localizada na volta grande; em frente à Escola Severino Dalzotto, Bar D'Agostini, Restaurante San Genaro; Bar do Gerônimo, Galeria Canali e algumas ruas da cidade. As filmagens aconteciam no sábado e domingo de manhã, quando o diretor Bira conseguia juntar todo o grupo. O custo do filme foi de 700 mil cruzeiros, custeados por Bira.

A estreia aconteceu no Salão Paroquial do Bairro São Cristóvão, na metade do ano de 1997, em um sábado à noite, com lotação máxima. Em seguida, o filme foi reprisado no Salão do Bairro São Paulo e em localidades do interior de Ibiaçá.

Por diversos anos esse filme esteve à disposição no Kuka's Vídeo, onde era locado, na maioria das vezes, por jovens da cidade. Atualmente, está disponível na locadora Tonial.

DANÇA

Antigamente, havia um grupo de dança de Street Dance e Hip e Hop. Atualmente, existem as academias de dança: Forma Dance e a Hit Centro de Danças.

PESQUISA, PRODUÇÃO TEXTUAL E FOTOGRAFIAS

Inúmeras foram as pesquisas e trabalhos que retratam aspectos da evolução socioeconômico-cultural de Tapejara no decorrer do tempo. Todos os trabalhos foram utilizados para nos ajudar a escrever a história de Tapejara. Entre eles podemos destacar o trabalho realizado por Ignez Maria Canalli Comiran sobre *Influência Italiana no Município de Tapejara*, escrito em 1975.

Com o título *O Município de Tapejara e sua História*, pesquisa, autoria e a publicação por Altair Scholer, colocado em circulação em meados de 1985, trata de uma contribuição educativa que proporciona e desafia os alunos a pesquisar os aspectos históricos e geográficos do Município de Tapejara. A partir da década de 1980, foram estampados nas páginas dos jornais da cidade e, recentemente, na internet e rádio artigos de Airton Langaro e Gilmar Berton.

Outro trabalho realizado foi a monografia de Maristela Bianchini intitulada *Memória Arquitetônica*

Regional – Tapejara, sua História, onde abordou os aspectos da história do Município e mostrou impressa, e em imagens, a evolução arquitetônica da cidade de Tapejara escrita no ano de 1991. Dentro das comemorações da Semana do Município, em 9 de agosto de 1991, foi apresentada a monografia de Tapejara, por Diana M. da Silveira.

A autora escolheu como patrono o primeiro Prefeito do Município, Tranquilo Basso, homenageando os emancipacionistas. O trabalho trouxe alguns aspectos da vida social.

Marlene Klitzke, em fevereiro de 1994, contou a história da imigração alemã no Rio Grande do Sul, publicada na monografia *Um Estudo de Caso de Cachoeira Alta*. Glória Col'Debella escreveu sobre o *Gênese da Colônia do Rio do Peixe: Subsídios à Geo-História Territorial de Tapejara de 1900-1930*.

Em 1999, foi feita uma pesquisa com apontamentos batizada de *História da Paróquia Nossa Senhora da Saúde e Outros*, escritos por Valter Valentim Baggio. Cabe mencionar a breve descrição da trajetória de uma série de vultos do Município de Tapejara com o título "Com Eles Tapejara Cresceu", matéria estampada nas páginas do jornal *Novo Tempo*, edição quinzenal, editado no período de 11 de outubro de 2000 à segunda quinzena de maio de 2004, de autoria de Elói Carlos de Figueiredo, que descreve as realizações dos biografados até aquele período.

Sivone Panisson escreveu sua monografia *O Processo da Colonização Italiana no Município de Tapejara*, em 2001, retratando a vida italiana. Eliane Panisson escreveu "Na busca do caráter: o caso da Igreja Matriz de Tapejara" e apresentou no X Encontro de História e Teoria de Arquitetura (RS) com o tema Cidades Gaúchas: Transformações e Permanências, realizado em 2006.

Uma série de pesquisas e estudos escritos nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012, com os respectivos títulos: 80 Anos de Caminhada da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, História do Processo de Emancipação de Tapejara 1933-1955, Memória dos 70 Anos do Hospital Santo Antônio (1938-2008), Parque Ângelo Eugênio Dametto: Breve Memória Histórica, Memória dos 60 Anos da Igreja Matriz de Tapejara, Tapejara dos Caminhos de Chão Batido para o Chão Batizado e Revestido, Da Primeira Exposição Agrícola à Sexta Expo Tapejara, Mulheres Empreendedoras, Memória Fotográfica do Futebol da Cidade de Tapejara, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara – 50 Anos de Histórias e Conquistas, de autoria de Itamar Antonio Spanhol, publicados na *Revista Comunicação*. Fundamentados em fontes de arquivos, documentos, entrevistas e incontáveis histórias guardadas na memória dos moradores mais antigos, passadas por gerações, apuradas, dentro do possível, e transformadas em produção textual recontando *Tapejara, sua Terra, sua Gente, sua História e Memória*.

Para a realização deste livro também contamos com a pesquisa de Marcia Cristina Marsiglio, de Nilce Bortolini, Roseli Eliana Variza e de Marizette Bolsonello, que em 2000 fizeram o trabalho *Histórico do Município de Tapejara* para a Universidade de Passo Fundo.

Ainda utilizamos a produção literária de Domingos Luiz Dallagasperina em suas obras: "Pequeno histórico da fundação da Piscina do Paraíso dos Pássaros", "Saudosas festas religiosas", "Início do ensino secundário em Tapejara", "Os pioneiros do ensino secundário", "O fim dos bandoleiros", "A tumultuada história da instalação da hidráulica de Tapejara", "Bailando ao som da sanfona", "A caixinha mágica que encantou Tapejara nos anos 40", "A terrível força destruidora do fogo", todos publicados na revista *Perfil* em 2012 e 2013.

Larissa de Oliveira Angeliero também escreveu sobre o "Zoneamento urbano na cidade de Tapejara e a sua (in)adequação à Constituição Federal de 1988 e ao estatuto da cidade: estudo de caso com base na atual condição do Município e dos projetos de zoneamento a partir de 1961", no Curso de Gradução em Direito na Faculdade Meridional – Imed, em 2013. Guilherme Vedana Parizotto relatou sobre "Rádio

Poste: um meio de comunicação na Paróquia Nossa Senhora da Saúde de Tapejara", em 2014, monografia para o Curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo.

Também foi importante a participação e colaboração de professores das disciplinas de História, Geografia, Português e alunos da rede municipal de ensino de Tapejara, através de entrevistas e coleta de dados realizadas com moradores das comunidades do meio rural e dos bairros da cidade.

As imagens fotográficas mostradas na obra possuem origem no acervo constituído e preservado por mais de cinco décadas por Celso Basso, Mário José Felini, além de Gilberto Zanatta, Domingos Luiz Dallagasperina e arquivo público do Estado.

Referências

BAGGIO, Valter Valentim. *História da Paróquia Nossa Senhora da Saúde e outros*... Tapejara, 25 nov.1999. Mimeografado.

BERTOGLIO, Jose. *Depoimento Dado na Sessão em Homenagem aos Craques do Passado*. Tapejara. Auditório do Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira, 5 de agosto de 2008. Atividade alusiva ao 53º aniversário de emancipação político-administrativa de Tapejara. Manuscrito.

BERTON, Gilmar. *ATF 6 a 0 Arsenal: ATF sobe para terceiro lugar com 28 pontos*. Disponível em: <http://www.radiotapejara.com.br/noticia.php?not_id=22164&div= 6&dn=ESPORTES >. Acesso em: 17 ago. 2014.

_____. *ATF perde nos pênaltis e vê sonho da Ouro escapar*. Disponível em: http://www.radiotapejara.com.br/noticia.php?not_id=23819&div=6&dn=ESPORTES. Acesso em: 29 out. 2014.

_____. *ATF vence Lagoa Futsal por 2 a 1 e assume a vice-liderança*. Disponível em: <.http://www.radiotapejara.com.br/noticia.php?not_id=21378>. Acesso em: 29 jun. 2014.

_____. Jornal *O Caiobá*, Tapejara, v.2, n.43, p.6, 24 de maio de 1995a.

_____. Jornal *O Caiobá*, v.2, n.45, p.6, 7 de junho de 1995b.

_____. Jornal *O Caiobá*, Tapejara, v.2, n.46, p.6, 14 de junho de 1995c.

_____. Jornal *O Caiobá*, Tapejara, v.2, n.47, p.6, 28 de junho de 1995d.

_____. Jornal *O Caiobá*, Tapejara, v.2, n.50, p.6, 12 de julho de 1995e.

_____. Jornal *O Caiobá*, Tapejara, v.2, n.51, p.6, 19 de julho de 1995f.

_____. Jornal *O Caiobá*, Tapejara, v.2, n.52, p.6, 26 de julho de 1995g.

_____. Jornal *O Caiobá*, Tapejara, v.2, n.53, p.6, 2 de agosto de 1995h.

_____. Jornal *O Caiobá*, Tapejara, v.2, n.54, p.6, 9 de agosto de 1995i.

_____. Jornal *O Caiobá*, Tapejara, v.2, n.56, p.6, 30 de agosto de 1995j.

_____. *Novo Tempo*, Tapejara, v.6, n.151, p.13, ago. 2005a.

_____. *Novo Tempo*, Tapejara, v.6, n.156, p.11, nov. 2005b.

_____. São Paulo, tricampeão citadino. Jornal *O Caiobá*, v.2, n. 22, p. 12, ago. 1994.

_____. *Transa FC é campeão do Super Campeonato.* Disponível em: http://jnovotempo.blogspot.com.br/2011/11/transa-fc-e-campeao-do-super-campeonato.html. Acesso em: 8 nov. 2011.

BIANCHINI, Maristela. *Tapejara, sua História. Memória Arquitetônica Regional.* Monografia realizada para o Curso de Educação Artística, habilitação em Desenho, Universidade de Passo Fundo, 1991.

BOGONI, Jurandir. Alemão: apoio da torcida é vital para o nosso futebol. *O Tapejarense*, Tapejara, v.1 , n. 17, p.1, 6 jun. 1981a.

_____. Cocital perdeu a sua última partida no estadual. O Tapejarense, Tapejara, v.2, n. 22, p. 8, 17 out. 1981b.

CALEGARI, Nilmar. *Livro de Recordação.* Tapejara, 1973-1974. Manuscrito.

CLUBE COMERCIAL. *Livro de Atas*. Tapejara. Atas de 11 dez. 1938 a 10 maio 1968. p.1-200.

CLUBE ESPORTIVO RECREATIVO ATLÂNTICO. *Livro de Atas*, número 1 ao 125. Tapejara, 1972.

DALLAGASPERINA, Domingos Luiz. Pequeno histórico da fundação da piscina dos pássaros. revista *Perfil*, Tapejara, v.1, n.8, p. 26–29, mar. 2012a.

_____. Saudosas festas religiosas. revista *Perfil*, Tapejara, v.2, n.15, p.64-65, out. 2012b.

_____. O fim dos bandoleiros. revista *Perfil*, Tapejara, v.2, n.19, p.56-57, fev. 2013a.

_____. Bailando ao som da sanfona. revista *Perfil*, Tapejara, v. 2, n.20, p. 6-8, mar. 2013b.

ESPORTE CLUBE RECREATIVA PIETROBON. Caderno de anotações dos resultados dos jogos. Tapejara, 1998.

FERIGOLLO, W.A. *Driblando a Saudade: história do futebol e sua gente*. Frederico Westphalen, Litografia Pluma , 2010.

FOLHA REGIONAL: Tapejara – Ibiaçá – Água Santa. Tapejara: JB Produções Culturais, 1991-1992.

GOLIN, Tau. *Carreiras de Cancha Reta*. Disponível em: <http://www.paginadogaucho.com.br/jogo/carreira.htm>. Acesso em: 30 jun. 2014

JORNAL O CAIOBÁ. Tapejara: Rádio Jornal Caiobá, 1993- .

LÂNGARO, Airton. *Caderno de Registro das Partidas Jogadas pelo BRASA*. Tapejara 1º de novembro de 1969 até dezembro de 1972.

_____. *Arquivo Anotações de Locuções de Jornadas Esportivas pela Rádio Tapejara*. Tapejara, 1987-2012. Manuscrito.

_____. AUTAPE dentro da expectativa no estadual de Salão. *Folha Regional*, Tapejara, v.1, n.2, p. 10, ago. 1991.

_____. *Novo Tempo*, Tapejara, v.1, n.2, p. 15, 30 jul. 1999a.

_____. *Novo Tempo,* Tapejara, v.1, n.3, p. 19, 13 ago. 1999b.

_____. *Novo Tempo,* Tapejara, v.1, n.7, p. 15, 8 out. 1999c.

_____. *Novo Tempo,* Tapejara, v.1, n.8, p. 15, 22 out. 1999d.

_____. *Novo Tempo*, Tapejara, v.1, n.9, p. 15, 5 nov. 1999e.

_____. O Atlético conquistou o vice-campeonato serrano. *O Tapejarense*, Tapejara, n.30, p.8, 25 dez. 1982.

MATINAL Futebol Clube Tapejara – RS é só alegria. Disponível em: < http://www.netvisual.com.br/matinal/index.htm>. Acesso em 9 fev. 2013.

NOVO TEMPO. Tapejara, v.5, n.130, p.11, out. 2004.

_____. Tapejara, v.6, n.138, p.11, fev. 2005a.

_____. Tapejara, v.6, n.141, p.11, mar. 2005b.

_____. Tapejara: Rodinei Agostini, 1999-.

O TAPEJARA. Tapejara: Editora Tapejara, 1978-1979.

O TAPEJARENSE. Tapejara: Empresa Tapejarense de Publicidade, 1980-1984, 1990-1991.

PERUZZO, A.; LÂNGARO, A.; BERTON, G.; SPANHOL, I. A.; LISKA, R.; RAMPAZZO, S. *Cidade de Tapejara: seu futebol, suas praças esportivas, seus atletas e dirigentes, sua história e memória.* Porto Alegre, 2013. Mimeografado.

SÃO PAULO F.C.: *Inauguração da quadra de esportes*. Disponível em: < http://www.radiotapejara.com.br/noticia.php?not%20id=%2011582>. Acesso em: 28 jan. 2013.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. *Livro de Atas*. Tapejara [1960-1970]. Atas de números 127 a 148 e [nova série] de números 1 a 121.

SOCIEDADE ESPORTIVA, RECREATIVA E CULTURAL FUNIL. *Atas n.3 a 94*. Tapejara, 1984-2005.

SPANHOL, Itacir José. Atlético Campeão do Municipal. *O Tapejarense,* Tapejara, v.2, n. 25, p.8, 6 fev. 1982.

SPANHOL, Itamar Antonio. *Caderno de Anotações Esportivas*. Tapejara, 1972. Mimeografado.

_____. *Clube Esportivo e Recreativo Atlântico: seus protagonistas e suas realizações 1972-2010*. Porto Alegre, 2010. Mimeografado.

_____. Parque Ângelo Eugênio Dametto: breve Memória Histórica. *Revista Comunicação*, Tapejara, v.5, n.54, p. 10-15, jan. 2009.

_____. *São Paulo Futebol Clube: suas vitórias e conquistas e a evolução do Clube, 1961-1995*. Porto Alegre, 2010. Mimeografado.

TAPEJARA. Câmara Municipal de Vereadores. *Consolidação das Leis Municipais: 2004-2015.*

THELEMA & Fora do sério apresentam: 20 anos de palco: homenagem à arte cênica tapejarense. Tapejara: Grupo de Teatro Thelema, Trupe Teatral Fora de Sério, 2013. Publicação Especial.

ZANINI, Marcos F. Esportes. *O Tapejarense*, Tapejara, v.4, p.12, 5 jan. 1991.

Capítulo 12

Segurança Pública

• Doação de áreas para instalações de segurança pública

Em meados de 1986, o Poder Público efetuou a doação de uma área de 1.131.40m² localizada ao noroeste do terreno do Centro Social Urbano. A doação destinou-se à construção das instalações da Delegacia de Polícia. Em setembro de 1986, o Município doou e recebeu em troca um terreno da Brigada Militar, em uma área urbana, medindo 2.998.80m², situada na Rua Valeriano Ughini. A doação destinou-se à construção das instalações que sedeiam o 4º Pelotão Policial da Brigada Militar.

A doação foi condicionada à reversão do Município de terreno urbano, doado em julho de 1978, com 700m², localizado na Rua do Comércio. Em maio, havia doado ao Estado um terreno com área de 8.174.45m², localizado ao noroeste da Rua João XXIII em 77,25m², sendo que destes, 40m² destinados às instalações da Ciretran.

Em agosto de 1991, o Poder Público efetuou a doação de terreno urbano de forma retangular com 800m², localizado de frente para a Av. 7 de Setembro para instalações do Fórum. Tempo depois, no final de fevereiro de 1992, firmou convênio com o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul e realizou doação de material de construção para a edificação do prédio do Fórum.

Em março de 1993, o Poder Público foi autorizado pela Câmara de Vereadores a doar para o Estado do Rio Grande do Sul, para o assentamento do 4º Pelotão Policial da Brigada Militar, uma área medindo 3.020,94m², situada na Rua Valeriano Ughini.

• Delegacia de Polícia

A Delegacia de Polícia é uma unidade policial fixa para o atendimento ao público, base e administração de operações policiais, investigações criminais e detenção temporária de suspeitos e presos em flagrante delito. A Delegacia de Polícia de Tapejara integra a 6ª Região Policial (RP) da Delegacia de Polícia Regional, com sede no Município de Passo Fundo. Foi criada no ano de 1956, tendo como primeiro Delegado de Polícia Itamar de Oliveira Reis. A seguir, entre diversos Delegados, contou com os seguintes: Maurício Fikstein, Jairo Serrano, Vendelino Brenn, Anibal Germani, Onofre Costa, José Antônio de Araújo, Paulo Videla Ruschel, Adroaldo Schenkel, Elisabete Scopel, Simon Bolivar Ávila, Diná Rosa Aroldi, Rodrigo Kleger Duarte, José Alamir Bueno Lopes, Anaí Mariani, Carolina Goulart e, atualmente, Venícios Ildo Demartini.

Entre os inúmeros Escrivães e Investigadores que atuaram na Delegacia de Polícia de Tapejara, no decorrer do tempo, cabe citar os seguintes: Idílio Fiorentin, Gastão, Lauro, Augusto Borges, Reni, Nilson, Jaime Amorin, Luis Gasparin, Olinto Tibola, Selmo da Silva, Carlos Gomes, Valdir Francisco Delirio, Cesar, Enor Teixeira Correa, Valmor de Oliveira, Adelar Santana Flores, Itacir Antônio Ciaparini, Vagner Fonta-

na, Joni Ricardo de Britto, Carlos Alberto Bonadiman, Cláudia da Silva, Lucas Gasparin, Andréia Rait Kurtz, Eliane Posser, Andrezza Granzotto, Fábio Reck Alves, Maurício Vasconselos Barcellos e Ênio J. Guisolfi Côrrea.

Nos primórdios, a instalação do Órgão Policial funcionou em imóveis locados pelo Estado, entre os quais os locais onde estão instalados hoje o antigo Fórum, Lojas Hanel, Mecânica Tapejarense, prédio que existia ao lado do Supermercado Dalzotto, prédio ainda existente nas esquinas da Av. Valdo Nunes Vieira com a Rua Júlio de Castilhos e prédio do antigo Correio/IBGE. Funcionou nesses locais até o mês de outubro de 1984, quando foi inaugurado o prédio próprio, onde se encontra instalada até hoje, situada na Av. 7 de Setembro, 2157, Bairro São Paulo.

Delegacia de Polícia de Tapejara antes da reforma. Foto: Arquivo da Divulgação.

A estrutura interna de uma Delegacia conta com os seguintes setores, segundo Costa (2009):

Atendimento e Triagem: responsável pela recepção do cidadão que acorre ao órgão policial.

Atendimento ao Cidadão: local onde é registrado o Boletim de Ocorrência (BO), considerando que a situação gira em torno de uma notícia-crime, ou até mesmo uma perda de documento.

Secretaria: além de atribuir às ocorrências registradas uma numeração interna, é o local responsável por arquivar uma via do BO, com o devido despacho exarado pelo Delegado de Polícia. A Secretaria assessora o gabinete.

Gabinete: sala reservada ao Delegado de Polícia.

Cartórios: local onde atua o policial que exerce a função de escrivão e que executa os procedimentos necessários para a conclusão dos procedimentos policiais, como, por exemplo, ouvir as partes envolvidas. Para o cartório, geralmente, são enviados os procedimentos que têm indícios, vestígios ou conhecimento da autoria.

Seção de Investigação: é o local onde são encaminhados os procedimentos sem autoria. Contudo, as regras que determinam quais os procedimentos são encaminhados à investigação são estabelecidas em conformidade com as características da circunscrição que a Delegacia de Polícia abriga.

Sala de Contenção: é o local onde ficam as pessoas detidas ou presas em flagrantes delitos,

também chamado de cela.

Os BOs registrados na Delegacia de Polícia de Tapejara, desde os primórdios até recentemente, mostram uma série de tipo de delitos. A tabela abaixo mostra os delitos recorrentes e o total dos registrados nos BOs contra os bens da vida, do patrimônio e da liberdade no decorrer das décadas em Tapejara:

Décadas/Anos	*Vida*	*Patrimônio*	*Liberdade*	*Total*
1956, 57, 58, 59	*Homicídio, sedução, lesões corporais graves, estupro, tentativa de homicídio, violência arbitrária, injúria, calúnia*	*Furto simples, incêndio em prédio, incêndio em floresta, moeda falsa*	*Rapto*	*91 registros*
1960, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69	*Lesões corporais leves, tentativa de homicídio, sedução, morte por disparo, acidente de arma, morte por afogamento*	*Roubo extorsão, estelionato, furto qualificado*	*Rapto, embriaguês, desordens, porte ilegal de arma, tumultuar o sossego público, desacato a autoridade*	*307 registros*
1970, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79	*Lesões corporais, calúnia, rixa*	*Furto, furto e quadrilha, extorsão*	-----	*555 registros*
1980, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89	*Estupro, lesões corporais*	*Furto*	-----	*660 registros*
2003, 04, 05, 06, 07	*Ameaça, lesões corporais*	*Furto veículo, arrombamento, apreensão de objetos*	-----	*6.950 registros*

Fonte. Livro do Departamento de Policia Civil – Registro de Indagações Policiais nº 01, p.1 a 121, de 14.06.1960 a 23.01.1988. Este Livro foi encerrado em virtude de seu péssimo estado de conservação. A continuação foi do livro da mesma natureza sob o nº 2. Pesquisa e tabela elaborada por Itamar Antonio Spanhol em 01.10.2014).

Na Delegacia de Polícia de Tapejara estão lotados, atualmente, os servidores policiais:

Escrivães de Polícia: Vagner Fontana, Cláudia da Silva e Lucas Gasparin.

Inspetores de Polícia: Maurício Vasconselos Barcellos e Ênio J. Guisolfi Corrêa.

Servente: Ana Iraci Cauduro.

Estagiária: Júlia Savaris Fontana.

Funcionária municipal cedida: Flávia Scariot.

O cargo de Auxiliar Administrativa está vago desde 2012, cabendo salientar que Ieda Becker trabalhou, durante vinte anos, exercendo essa função nesse órgão.

Todos os nominados estão subordinados ao Delegado de Polícia, Venícios Ildo Demartini, que responde pelo órgão. Foi registrada, na última década, uma média anual de três mil comunicações de ocorrências dos mais variados fatos, incluindo delitos, que geram instauração de procedimentos policiais, bem como notícias de acontecimentos não criminosos.

• Brigada Militar do Rio Grande do Sul

A Brigada Militar do Rio Grande do Sul é um corpo de segurança de nível estadual que tem por função primordial o policiamento ostensivo e a preservação da ordem pública do Estado. A Brigada Militar do Rio Grande do Sul corresponde à Polícia Militar dos outros Estados.

Sua história confunde-se com a própria história do Estado. Desde a sua criação, participou de inúmeras revoluções históricas do país, demonstrando uma forte cultura militar e guerreira. Após o movimento revolucionário de 1932, já com missões de Segurança Pública, participou de outras revoluções (Estado Novo, em 1937; Legalidade, de 1961; e Golpe Militar, de 1964).

A partir de 1935, em decorrência da Constituição Estadual da época, a atividade policial passou a ser competência exclusiva do Estado. A Guarda Civil e de trânsito passaram a fazer o policiamento ostensivo na Capital, enquanto a Brigada assumiu o policiamento no interior.

No ano de 1950, a corporação passou a preocupar-se em organizar formas de policiamento adequadas a locais e objetivos específicos, originando-se dessa preocupação o Policiamento Rural Montado e o Policiamento Urbano, com emprego de duplas de policiais militares.

O texto constitucional de 1988 atribuiu à corporação as atividades de polícia ostensiva, de preservação da ordem pública, de prevenção e combate a incêndio, de busca e salvamento e de defesa civil.

• Brigada Militar de Tapejara

A Brigada Militar de Tapejara iniciou seus serviços em 1956. Consta nos livros históricos do 3º Regimento de Polícia Montada (RPMon), localizado no Museu da Brigada Militar, em Porto Alegre, que o primeiro Comandante foi o Cabo (CB) João de Deus Ribeiro, tendo sob seu comando cinco soldados. Em 1960, tinha sob seu comando dezesseis soldados.

Em 1961, CB João de Deus Ribeiro foi transferido à reserva remunerada, sendo que no mês de agosto assumiu o comando do Grupo Policial o 3º Sargento (SGT) Marciano Ribas, o qual, em 1962, passou o comando do Grupo Policial Militar ao CB João Batista Lucero. O Comando da Brigada trocava anualmente e, em 1963, assumiu o comando do Grupo Policial Militar o 3º SGT Romeu; em 1964, o comando esteve com o 3º SGT João Alves Castanha Filho, o qual continuou no comando em 1965 até metade de 1966.

No dia 2 de agosto de 1966, assumiu o comando do GPM o 3º SGT Julio Pereira de Souza. Na oportunidade, eram dois os efetivos. Naquela data o comando do Grupo Policial Militar encontrava-se despejado por ordem judicial, por falta de pagamento do aluguel, pois estava atrasado há mais de um ano.

Os componentes do Grupo Policial Militar encontravam-se acantonados em uma peça da casa de moradia do CB João Alves Araujo. O SGT Julio manteve contato com o Comandante do Esquadrão, sediado em Passo Fundo, expondo a situação em que se encontrava a Brigada Militar em Tapejara, recebendo daquele a determinação de que era para tomar providências por conta e risco, no sentido de reverter tal

quadro. Então o SGT Julio, em contato mantido com o Prefeito Municipal, recebeu um terreno, bem como madeiras, telhas e um carpinteiro para construir uma casa que abrigasse os componentes da Brigada Militar.

Casa construída para abrigar os brigadianos. Foto: Arquivo de Cleber Adriano Figur.

De novembro a dezembro de 1966, o Grupo Policial passou a ser Pelotão de Polícia Militar, do qual faziam parte os destacamentos policiais de Ibiaçá e Sertão. A partir dessa data, o Pelotão de Tapejara passou a pertencer a uma Companhia Independente, sediada em Getúlio Vargas, com sede da Unidade Operacional em Erechim. Em 1967, continuava no comando o 3º SGT Julio, o qual permaneceu nos anos seguintes.

Em 1968, o Grupo Policial Militar de Ibiaçá, até então pertencente ao Pelotão de Tapejara, passou a pertencer ao Pelotão de Sananduva. Tapejara continuou como Pelotão e por determinação superior foram mantidos dois Policiais Militares (PM) destacados no Distrito de Água Santa e dois PMs no Distrito de Santa Cecília, sendo que este último distrito possuía uma Subdelegacia de polícia, chefiada pelo SGT inativo João de Deus Ribeiro, que desempenhava as funções de Subdelegado de Polícia.

Em janeiro de 1975, foi criado o 4º Pelotão do 5º Esquadrão do 3º RPMon, com sede em Tapejara, na Rua Amâncio Cardoso, 353, Centro, sendo o prédio cedido pela Prefeitura Municipal de Tapejara. Fazia parte do 4º Pelotão o GPMon de Sertão, e o efetivo era composto de um SGT, um CB e dez Soldados.

Em 1976, o prédio da Brigada Militar foi cedido pela Prefeitura Municipal de Tapejara. Até 1979, continuou no comando o 2º SGT Julio Pereira de Souza, tendo sob seu comando três cabos e nove soldados.

No dia 8 de junho de 1980, visto ter concluído o tempo de serviço, o 2º SGT Júlio Pereira de Souza passou o comando do 4º Pelotão para o 2º SGT Aldo de Souza Teixeira. Em 1981, iniciou no comando do Pelotão o 2º SGT Fontanelli.

Em 1983, o 2º SGT Fontanelli passou o comando ao 2º SGT Simon Cairon Nervo. O prédio da Brigada Militar ainda estava situado na Rua Amâncio Cardoso e encontrava-se em péssimo estado de conserva-

ção.

Em 1984, o 2º SGT Cairon passou o comando do Pelotão ao 2º Tenente (Ten) Edgar Oliveira Garcia. Em 1985, assumiu o 3º SGT Ademir de Souza Teixeira. No mesmo ano, o SGT Ademir passou o comando ao 2º SGT Neri da Silva Cunha. Em 1986, assumiu o 2º Ten. Antonio Adalberto Borges.

No dia 9 de novembro de 1987, o então Prefeito Municipal, Norberto Dall'Olivo, através da Lei Municipal nº 1.352, autorizou a doação de um terreno à Brigada Militar, na Rua Valeriano Ughini.

As obras de construção do novo prédio iniciaram em 1988 e foram inauguradas no dia 9 de agosto de 1989. Após a inauguração do novo prédio do Pelotão, o 1º Ten Adalberto passou o comando ao 2º SGT Cairon.

Segurança,

A Segurança Pública, cuja responsabilidade principal é do Governo do Estado, recebeu uma extraordinária colaboração da Administração anterior, bem como do Prefeito Dantinho Sabain na doação do terreno e construção de um moderno prédio para a Brigada Militar, que por ocasião de sua inauguração estava em Tapejara o Secretário da Segurança Pública do Estado Dr. Valdir Voller.

NOVO PRÉDIO DA BRIGADA MILITAR – CONCLUSÃO EM 1989

Divulgação do novo prédio da Brigada em 1989. Foto: Arquivo de Cleber Adriano Figur.

Instalação da Brigada Militar antes das reformas. Foto: Arquivo de Cleber Adriano Figur.

No dia 21 de fevereiro de 1991, o então 4º Pelotão do 5º Esquadrão do 3º RPMon, através de uma reorganização operacional da Brigada Militar, passou a pertencer ao 13º BPM de Erechim, ficando subordinado diretamente à 3ª Companhia de Getúlio Vargas, tendo a designação de 3º Pelotão de Polícia Militar. Na oportunidade, o 2º SGT Cairon passou o comando do Pelotão ao 2º SGT Leonir Zanoni. O Pelotão de Tapejara tinha sob sua responsabilidade os GPMs de Sertão e Água Santa.

No dia 10 de agosto, assumiu o Comando do 3º Pelotão o 2º Ten Aurivan Chiocheta. No dia 10 de setembro, realizaram-se os atos oficiais de posse do Ten. Aurivan, com a presença de autoridades locais, Comando do 13º BPM e do CPA/3, quando o 2º SGT Leonir Zanoni entregou a função.

No dia 26 de maio de 2004, apresentou-se no pelotão a 1ª mulher da BM em Tapejara, SD Realda Savaris. No dia 8 de março de 2010, assumiu o comando do 4º Pelotão de Tapejara o Capitão QOEM Leudimar Antonio Machado, natural de Ronda Alta (RS). Em 29 de abril de 2014, em Sertão, foi realizada a passagem daquela fração à Cia. de Getúlio Vargas.

Atual instalação da Brigada Militar, após reformas. Foto: Arquivo de Cleber Adriano Figur.

• Novas viaturas para a Brigada Militar

No dia 27 de janeiro de 2011, o Comando do 4º Pelotão da Brigada Militar recebeu quatro viaturas motocicletas, que foram destinadas aos Municípios de Tapejara, Água Santa, Vila Lângaro e Santa Cecília do Sul. As viaturas foram adquiridas através da Consulta Popular 2010.

Motocicletas à disposição da Brigada Militar. Foto: Arquivo do jornal Novo Tempo.

No dia 12 de março de 2014, a Brigada Militar recebeu duas viaturas na Praça Central Silvio Ughini, sendo um Renault Duster e uma Chevrolet S10, todos 0 Km. Essas camionetes são oriundas da Participação Popular e Cidadã, em que a comuni-

dade votou em 2011. O Município de Vila Lângaro recebeu um Renault Duster e o Município de Sertão, uma Chevrolet S10.

Entrega dos veículos na Praça Central. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

• Corpo de Bombeiros Voluntários de Tapejara

O Corpo de Bombeiros Voluntários de Tapejara foi fundado em 30 de outubro de 1995 com um contingente de quarenta e dois voluntários, sob o lema "Salvar vidas é um dom, doar-se ao próximo é uma virtude".

A corporação surgiu da necessidade de se ter uma equipe, no Município, que pudesse combater, com mais agilidade, os incêndios e atender ocorrências de acidente de trânsito. Antes disso, a demora no atendimento era decisiva para que uma operação fosse realizada com sucesso ou não; afinal, o atendimento no Município era feito por bombeiros que vinham de Passo Fundo. A equipe é responsável pelo combate de incêndios, resgate e atendimento de pessoas que correm risco de perder a vida, além de auxílio na busca de pessoas desaparecidas.

No dia 9 de agosto de 2005, foi inaugurado o quartel do Corpo de Bombeiros Voluntários de Tapejara, construído a partir de doações e venda de rifas, que resultou em R$ 60 mil. O então Presidente do Corpo de Bombeiros Voluntários de Tapejara, Valdir Pietrobon, contou que no início de 1992 o Prefeito da época, Gilberto Borgo, ajudou com a compra de um caminhão. O Presidente da Acisat na época, Ramir Zulian, também colaborou para que o Corpo de Bombeiros Voluntários se desenvolvesse. O então Comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Tapejara, Mauro Dallagasperina, disse que o Quartel era um sonho de vários anos que foi realizado. "Depois de mudar de sede várias vezes, temos uma sede própria, situada num local de fácil acesso. Assim poderemos prestar um melhor atendimento à comunidade" (CORPO..., 2005).

Atualmente, a corporação conta com vinte e cinco bombeiros voluntários, entre homens e mulheres, treinados e aptos a salvar vidas. O grupamento divide-se em quatro equipes e atende os Municípios de Tapejara, Água Santa, Santa Cecília, Ibiaçá e Vila Lângaro, tendo como Presidente Ramir Zulian e Coman-

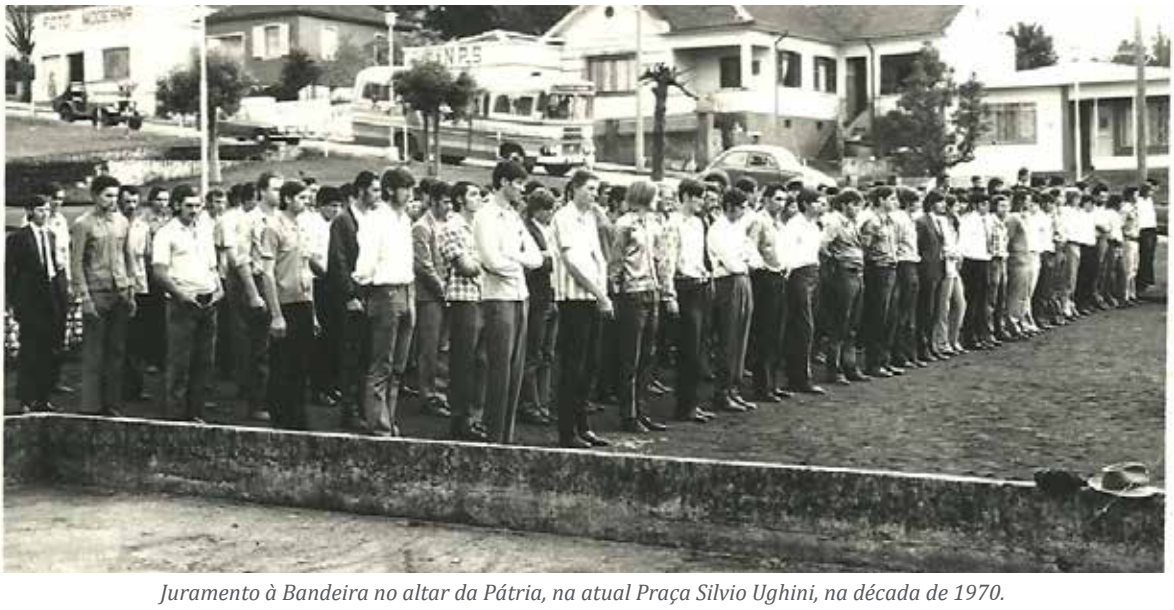
dante Lindones Alberto Copetti. Mantém-se com o apoio das prefeituras e da comunidade em geral, através de contribuições espontâneas, bingos e campanhas. A corporação oferece plantões aos finais de semana e conta com duas ambulâncias, um caminhão tanque com capacidade para 4,5 mil litros, um veículo leve de combate a incêndio, veículo de apoio operacional que transporta equipamentos e um veículo de transporte de pessoas.

• Junta de Serviço Militar

A Junta de Serviço Militar instalou-se em Tapejara no dia 31de março de 1958. Na ocasião, alistavam-se jovens de Água Santa, Santa Cecília, Vila Lângaro e Charrua. Está localizada junto à Biblioteca Pública Municipal Eduardo Damiani.

Funcionários da Junta de Serviço Militar. Na foto, da esquerda para a direita: Predival dos Reis e Itacir Spagnol na década de 1970. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Já fizeram parte da coordenação: Predival dos Reis, Altamir Zanatta Ribeiro, Adriana Dutra Fortes e, atualmente, Sedenir Bianchi.



Juramento à Bandeira no altar da Pátria, na atual Praça Silvio Ughini, na década de 1970. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

Juramento à Bandeira no altar da Pátria, na atual Praça Silvio Ughini, na década de 1970. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

O principal trabalho que a Junta Militar realiza é o Alistamento Militar. Todo jovem deverá alistar-se no ano em que completar dezoito anos. Além disso, é fornecido: Certificado de Dispensa de Incorporação para os jovens dispensados do Serviço Militar (CDI); nas Juntas Tributárias é realizado o exame de seleção e o exame médico dos jovens alistados; Certificado e Isenção (CI); Certificado de 2ª Categoria (aquele que serviu ao exército por um prazo menor, que, por qualquer motivo justificado, não completou o tempo de serviço determinado); Certificado de 1ª Categoria (aquele que completou o tempo de serviço determinado) e Certidão de Tempo de Serviço (para os que serviram o Exército). Na Semana do Reservista, que acontece em dezembro, são carimbados os Certificados de Reservistas, pelo período de cinco anos após a baixa, conhecido como EXAR.

Também são fornecidos outros documentos que se fizerem necessários para o cidadão comprovar que se encontra em dia com o Serviço Militar. Nenhum cidadão poderá obter os seguintes documentos sem comprovação de sua situação militar: renovar ou fazer passaporte; Carteira Profissional de Habilitação; Registro de diploma de profissões; matrícula ou inscrição para o exercício de qualquer função; obter emprego de qualquer natureza; assinar contrato com governos: federal, estadual e municipal; prestar exames ou matricular-se em qualquer estabelecimento de ensino e inscrever-se em concurso para provimento de cargo público.

• Conselho Tutelar

Através da Lei Municipal nº 1.570/90, foi criado o Conselho Municipal da Criança e do Adolescente e, por meio deste, criado o Conselho Tutelar, conforme determina a Lei Federal de nº 8.069/90, em 17 de dezembro de 1990.

O Conselho Tutelar tem por objetivo zelar pelo cumprimento dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes, bem como fazer encaminhamentos psicológicos e psiquiátricos, incluir em programas de auxílio e projetos municipais, acompanhar e orientar as famílias, advertir os responsáveis pelos menores de dezoito anos ou os responsáveis por estabelecimentos que descumprirem as leis. Também compete ao Conselho Tutelar aplicar medidas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), entre outras.

A primeira eleição em Tapejara foi realizada em 15 de dezembro de 1991, quando a escolha foi feita através de votação de chapa única e foram eleitos os primeiros conselheiros tutelares: Antonio Comiran, Sergio Gasparin, Magda de Quadros, Deoclides Piffer de Oliveira e Osvino Bruch.

Atualmente, os candidatos concorrem, individualmente, com mandato de três anos, permitida uma recondução, em igualdade de condições com os demais pretendentes. A partir do ano de 2016, todo candidato a Conselheiro Tutelar será eleito por voto popular, nos mesmos moldes das eleições anteriores, porém com mandato de quatro anos, segundo artigo 132 da Lei nº 12.696, de 25 de julho de 2012, que unifica a eleição e o mandato de todos os Conselheiros Tutelares do Brasil.

O Conselho Tutelar é composto por cinco conselheiros titulares e é coordenado por um membro escolhido pelos seus pares para um período de um ano, admitida reconduta, conforme consta no art. nº 19 da Lei Municipal nº 2.622/03. Além do colegiado, o Conselho Tutelar possui, atualmente, uma secretária administrativa e um motorista, ambos cedidos pelo Poder Público Municipal e vinculados ao Conselho Tutelar.

O Colegiado atual é composto pelos seguintes Conselheiros Tutelares: Priscila Comiran, Rafael Spag-

nol, Roberto Stein, Itamar dos Santos e Juceli Melara, esta última atual coordenadora do Conselho Tutelar.

• Compedec – Defesa Civil em Tapejara

A Defesa Civil objetiva preparar pessoas para que, quando ocorram eventos adversos, seus agentes saibam como agir em um curto período de tempo. Também auxilia na proteção para que esses eventos não ocorram. Em Tapejara, existe a Coordenadoria Municipal de Proteção à Defesa Civil (Compdec), tendo à frente o Coordenador Deoclides Piffer de Oliveira.

O principal evento ocorreu em abril de 2014, quando a Compdec desempenhou papel fundamental para pleitear recursos municipais, estaduais e federais para ajudar as famílias atingidas.

O grupo recebe treinamentos e formação técnica anual da Coordenadoria Estadual. Um deles foi desenvolvido em 2012, pelo Major Aurivan Chiocheta. Esse trabalho foi muito importante para as ações de resposta ao desastre de 2014. Naquela oportunidade, o grupo que participou dos trabalhos recebeu uma gama importante de informações, bem como elaborou o plano de contingência para o enfrentamento a desastres. A Regional de Defesa Civil (Redec) de Passo Fundo também auxiliou e orientou muitas ações desencadeadas pelo Poder Público Municipal e pelos atores que participaram das ações de resposta.

Referências

CORPO de Bombeiros inaugura quartel. *O Caiobá*, Tapejara, v.4, n. 74, p. 12, 18 ago. 2005.

COSTA, M.I.P. da; BEVILAQUA. Relatório do Boletim de Ocorrência Policial: principais características macroestruturais. In: *Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*, 5, Caxias do Sul, 2009.

Capítulo 13

Comunicação

SERVIÇO DE TELEFONIA

Os antecedentes da telefonia contam que, em meados de 1945, na Vila Tapejara, Affonso Muxfeldt construía a primeira linha de telefonia que ligava a sua residência, localizada nas proximidades da zona central da Vila, à recentemente inaugurada Usina Hidroelétrica Avante, em Linha Quatro. Essa linha foi ampliada, em 1952, com a construção de uma extensão da usina até a localidade de Ibiaçá. Decorrente do intercâmbio que se sucedeu, houve a necessidade de ampliar a rede, porque a firma Ughini era chamada, seguidamente, até a residência de Affonso para falar com Ibiaçá, onde possuía uma empresa filial.

Ao mesmo tempo, nessa época, uma comissão de lideranças da Vila Tapejara reivindicava, diretamente ao prefeito de Passo Fundo, a instalação de uma central telefônica na Vila. A tentativa foi frustrada e sem resultados. Um dos membros da Comissão era José Bertóglio, que havia chegado na Vila em meados de 1937, vindo de Garibaldi, a convite de seus dois irmãos, Pedro e Dionísio Bertóglio. Diante do fracasso da primeira tentativa, dias depois a comissão tomou a iniciativa de ir a Passo Fundo e reivindicar, novamente, a instalação da central telefônica.

José Bertóglio recordou que na oportunidade disse ao Prefeito que, se não concedesse o centro, os eleitores da Vila não votariam mais em candidatos apoiados pelo seu partido. Com essa ameaça lembrou que começaram as primeiras tratativas para a liberação da linha e a instalação da central telefônica.

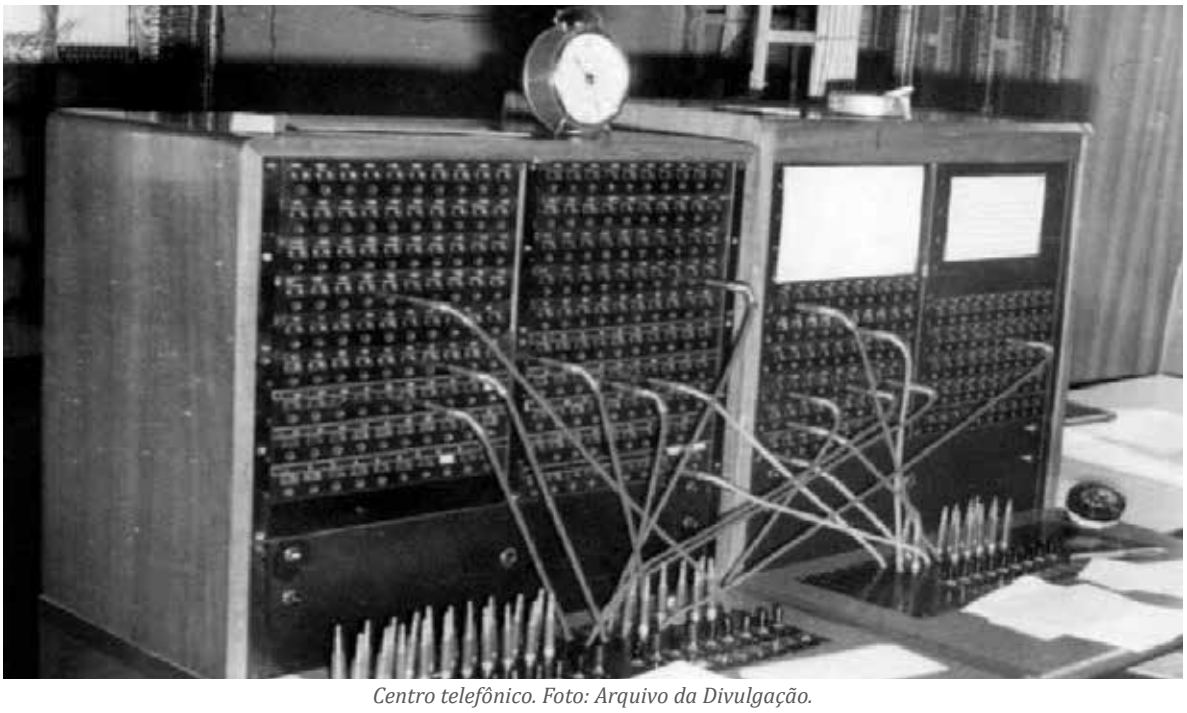
Em maio de 1957, o Poder Público adquiriu equipamentos no valor de Cr$ 90.000,00 (noventa mil cruzeiros) para montar o Centro Telefônico. Em 1958, começaram a se evidenciar as principais instalações da estrutura pública municipal no solo urbano; tratava-se do Serviço de Telefonia. Em 19 de maio de 1958, foi celebrado o convênio entre o Município e a Companhia Telefônica Nacional. Em seguida, foram constituídas a estrutura e as instalações para colocar em funcionamento a atividade de prestação de serviço de utilidade pública.

A Central Telefônica foi instalada nas dependências, inicialmente, de propriedade de Domingos Busatto, e, em seguida, da família de Orlando Crespan, a qual cedeu o espaço ao Poder Público para ser a sede da central. A casa estava localizada na Rua do Comércio, esquina com a atual Rua Santo Canali. Nesse local, foram instalados os equipamentos, mesa telefônica, cabine e outros aparelhos, além de ser o lugar onde ocorriam as operações telefônicas, fonográficas e atendimento à população. A encarregada da Central era Alice Crespan, funcionária ligada à Administração Municipal.

Nos primeiros anos, Alice recebia como pagamento de seus serviços a porcentagem de 50%. Porém, 50% das despesas de distribuição de fonogramas eram por sua conta. Nas comunidades rurais, Água Santa, Colônia Lângaro, Santa Cecília e Charrua existiam encarregados de aparelhos telefônicos sendo atendidos por pessoas ligadas, ou não, à Administração Municipal, os quais recebiam como pagamento

de seus serviços a comissão de 30% sobre a arrecadação total do aparelho sob sua jurisdição.

Em meados da década de 60, o Serviço de Telefonia do Município celebrava convênio com a Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações (CRT). Esse convênio resultou no incremento de dez linhas telefônicas às comunidades rurais. De 1964 a 1968, foi instalado o Centro Telefônico no Distrito de Água Santa e expandida a rede de telefonia no meio rural. No período de 1969 a 1972, a central telefônica foi transferida para uma sala de Francisco Zanatta, adquirida pelo Município, localizado na Rua do Comércio, ao lado da então Loja de Calçados de Antônio Bianchini.



Centro telefônico. Foto: Arquivo da Divulgação.

• Central Telefônica Manual

O estabelecimento e a interrupção das ligações entre as linhas de assinantes eram feitos pela intervenção de pessoas denominadas "operadoras", as quais utilizavam equipamentos chamados "cordões". Possuíam um painel frontal, onde se localizava um conjunto sequencial de jaques, em paralelo com um conjunto sequencial de lâmpadas onde cada uma das lâmpadas era associada a um assinante.

Etapas para realizar uma chamada:

1º Assinante levanta o fone do gancho

2º Telefonista atende

3º Telefonista ouve (e memoriza) o número do assinante desejado

4º Telefonista seleciona a posição do assinante desejado

5º Assinante chamado atende

6º Desconexão – reposição dos cordões

Em 1977, começou a modernização do Serviço de Telefonia do Município e foi concluída em 1979. Em 1977, foi assinado o contrato com a Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações (CRT). A Companhia assumiu o compromisso de dotar a cidade de uma central automática com DDD (discagem direta à distância) e DDI (discagem direta interurbana).

Em março de 1979 foi implantado o sistema de micro-ondas. Com a implantação desse sistema, o

Município era beneficiado com maior número de canais, permitindo que os assinantes falassem com qualquer parte do Brasil. Além disso, o sistema possibilitou mais condições em termos de confiabilidade entre as ligações efetuadas e com nitidez na conversação mais rápida.

O ponto em que foi montada a torre em Tapejara foi fundamental para a CRT, pois o local servia de ligação para cidades vizinhas e com o resto do mundo. Uma das cidades favorecidas foi Sananduva, que teve conexão com a torre de Tapejara e com Getúlio Vargas, formando assim uma nova rota nas comunicações no Rio Grande do Sul.

A torre foi construída pelos trabalhadores da firma Promom Engenharia S/A; Carlos Aberto Gomes Silva era o técnico responsável; Ronaldo Guedes Moraes, o técnico assistente, Ozimo Lapalhe e Francisco Niesborski, os técnicos em montagem.

Com o tempo, a Central Telefônica passou a ser automática. Os motivos da automatização das centrais telefônicas foram:

1. Baixo nível de sigilo na comunicação.
2. Ligações erradas devido à distração das telefonistas.
3. Dificuldade de memorização dos números.
4. Dificuldade de tarifação.
5. Crescimento no número de usuários.

• Agência de Correios

A Agência de Correios de Tapejara foi criada e instalada em 20 de março de 1969, de acordo com o Decreto-Lei 509/69. Atualmente, está localizada na Rua Ângelo Dalzotto, 343, Centro. Trabalham na Unidade dez empregados e o atual Gerente é Sileno Vinicius da Silva Peres.

Agência dos Correios. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

• Uma caixinha que encantou os tapejarenses na década de 40

Foto: Arquivo da Divulgação.

Antigamente, a notícia chegava ao nosso conhecimento muitos dias depois de ocorrida. Não havia rádio nem televisão; somente vinha de Passo Fundo um jornal, que no início era semanal, depois passou a ser diário. Mas, eram poucos os assinantes, poucas eram também as notícias; assim, pouco se sabia do que ocorria no mundo.

Na década de 1940, chegaram os primeiros rádios na Vila Tapejara. Clélio Cavichioli, além de atuar como corretor de seguros, comercializou aparelhos de rádio, já que não havia na região lojas especializadas, buscando na Capital do Estado e em São Paulo os receptores. Clélio passava de casa em casa oferecendo essa caixinha que tocava música e falava. Era uma grande novidade, mas o custo de um rádio naquela época era muito alto; equivalia ao valor de um terreno e nem todos podiam comprar. "Lembro que muitas pessoas tinham até medo do aparelho, pensando que seria algo mágico dentro dessas caixinhas. O Clélio mesmo contava do espanto de muitas pessoas que ficavam indecisas e desconfiadas ao escutar aquela caixinha falante. Mesmo se o freguês não tivesse ainda ligação da luz elétrica em sua casa, o Clélio carregava consigo uma bateria e fazia o rádio funcionar. Ele disse uma vez para meu pai que, nos dias de sorte, quando ligava uma rádio para um novo freguês, ouviam-se lindas músicas, e o freguês entusiasmava-se e comprava; outras vezes o rádio somente transmitia propaganda ou descargas; aí esperava até sair uma música para conquistar o freguês", recordou Domingos Luiz Dallagasperina (2013).

Os rádios funcionavam com válvulas que não possuíam filtro, captando ruídos estridentes sempre que ocorria uma trovoada. Em dias chuvosos não dava para escutar nada; eram somente descargas, refletindo as intempéries atmosféricas. Os músicos e programas da época eram: Tonico e Tinoco, no programa na Beira da Tuia, Zico e Zeca, Alvarenga e Ranchinho, Vicente Celestino e outros artistas daqueles tempos. Sintonizavam-se emissoras de uma rádio de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Porto Alegre. Havia somente sintonização em AM. Havia aparelhos em que constava no painel o nome de todas as emissoras que podiam ser sintonizadas.

"Na hora do noticiário do Repórter Esso, meu pai era ouvinte cativo; eu tinha que ir brincar noutro lugar para não atrapalhar sua audição, mesmo porque fazia pouco que havia terminado a Segunda Guerra Mundial, em 1945, e as notícias ainda tratavam do assunto. O Repórter Esso, por muitos anos, manteve-se no ar e seu prefixo era marcante: 'Aqui fala o Repórter Esso, porta-voz radiofônico dos revendedores Esso, com as últimas notícias da United Press International'; depois vinham as notícias", lembrou Dallagasperina (2013). Também havia as radionovelas, transmitidas ao vivo pelo rádio. Os diálogos entre os atores e os ruídos eram feitos diante dos microfones, que pareciam reais, podendo-se entender o enredo sem as imagens.

Dessa forma, a Vila Tapejara foi equipando-se com a caixinha mágica, objeto que se tornou indispensável, até nos dias de hoje. Dessa maneira, chegam até nós informações rápidas, instantâneas, músicas e anúncios, seja em casa, no escritório, no carro, no campo, no trabalho, onde for, pois o rádio é o grande companheiro.

O rádio é um veículo de comunicação que objetiva levar aos seus ouvintes informações públicas e de entretenimento, podendo ser ouvido com a interação dos seus ouvintes. É um veículo que se caracteriza pela instantaneidade, ou seja, tem a capacidade de relatar o fato, o acontecimento, no momento em que estão se desenvolvendo desdobramentos e impactos causados no meio social.

PRIMEIRAS RÁDIOS ALTO-FALANTES

Os primeiros sons emitidos em microfone aconteceram em meados de 1940 na então Vila Tapejara, como recorda Alceu Basso. "Naquele tempo eu tinha uns 16 anos. Lembro que a locução de poste era feita por Antônio Borba. Ele anunciava músicas e lia pequenos anúncios e notícias, amplificadas por algumas caixas de som, instaladas em postes na Rua do Comércio, zona central da então Vila. Como me dirigia seguido às proximidades do local, Borba notou que eu estava com vontade de fazer o que ele fazia. Não precisei ir muitas vezes somente para escutar o que ele apresentava; aí ele me convidou para ajudar a apresentar as músicas, informações e notícias. É claro que aceitei com a maior emoção."

Basso passou um bom tempo fazendo a locução de poste, juntamente com Borba. "Muito tempo depois tive a felicidade de ser escolhido como procurador da sociedade de empreendedores locais com o objetivo de desenvolver tratativas para a instalação e o funcionamento de uma rádio em Tapejara. Depois de muitas idas e vindas junto às autoridades governamentais, conseguimos instalar e colocar em funcionamento a primeira emissora tapejarense, a Rádio Tapejara, graças à ajuda e ao apoio de autoridades daquele tempo."

Clélio Cavichiolli também possuía uma loja no centro da Vila, para venda de rádios e apólices de seguros; ficava no mesmo local em que hoje se situa o Cartório de Registros da cidade. Era uma casa de madeira. Além da loja, ele tinha um pequeno estúdio, onde todas as tardes, às 18h, transmitia a oração da Ave-Maria. A transmissão, que cobria quatro quadras, era feita por uns quatro ou cinco alto-falantes instalados ao longo do trecho de sua loja até a esquina da Rua do Comércio com a Rua Coronel Lolico.

No silêncio das 18h, quando todos deixavam o serviço, a oração da Ave-Maria era ouvida, fortemente, pelos alto-falantes. Mesmo de dentro de casa, ouviam aqueles 30 minutos de oração e música. A música não era gravação; era executada ao vivo por músicos locais, violinistas e instrumentos de sopro. Alguns dos músicos eram: Arnaldo Trezel, Jesuíno Cauduro, no clarinete, e Dionisío Bertoglio.

Após a oração, eram dados avisos de utilidade pública. Muitas notícias locais e da região eram transmitidas pelos alto-falantes, bem como propaganda de sua loja de rádios e seguros. Clélio valia-se das

notícias que escutava no rádio e as transmitia. O início da comunicação por instrumentos era dentro das possibilidades e tecnologias dos anos 40.

• Transmissão das informações na Igreja Matriz

Depois do encerramento do programa a "Voz de Tapejara", os avisos e informações de utilidade pública passaram a serem transmitidas por três alto-falantes instalados abaixo da torre da Igreja Matriz. Na sacristia do templo existia amplificador e microfone para realizar a locução. As ondas emitidas iam para os alto-falantes, que se espraiavam por mais de dois mil metros, na zona central da cidade.

Os avisos e informações eram entregues na secretaria da Paróquia Nossa Senhora da Saúde. Os avisos e as informações levados ao ar por meio de comunicação davam conta de notas fúnebres, falecimentos, precedidas da canção de São Francisco de Assis, convites para festas, bailes, jornadas esportivas, antecedidos por páginas musicais, entre as quais: dobrado, bandinha alemã, românticas italianas e religiosas, em período de Páscoa e Natal.

As informações e avisos eram colocados no ar pela parte da metade da manhã e no final da tarde; as únicas que eram levadas ao ar quando chegavam eram as notas de falecimento. A locução era executada, nos primeiros tempos, por Domingos Dallagasperina, Júlio De Bastiani, padres e pelas secretárias da Paróquia, entre elas: Elisa Ghidini, Jovania Bassegio e Lorenci Artusi. Era solicitada uma contribuição espontânea do usuário para difundir a informação ou aviso.

• Rádio-poste da Igreja Nossa Senhora da Saúde, de Tapejara

A rádio-poste da Igreja Matriz Nossa Senhora da Saúde é um diferencial do Município de Tapejara, pois quem passa pela cidade pode observar que na torre da igreja, localizada na Rua Ângelo Dalzotto, 734, área central da cidade, a qualquer momento pode entrar no ar.

A rádio surgiu em 1957 através do então pároco da paróquia, Carino Corso, juntamente com a inauguração da nova igreja. Na época, o pároco divulgava anúncios de utilidade pública e relacionados à paróquia e à comunidade. O ponto de partida para a instalação dessa rádio surgiu devido ao fato de o Município não ter, na época, nenhuma emissora de rádio nem veículo de comunicação impresso.

O Padre Hélio Marsiglio, padre responsável pela Paróquia Nossa Senhora da Saúde, entre os anos de 2007 e 2014, afirma que por muito tempo uma gravação de um carrilhão de sinos era utilizada como característica sonora das veiculações feitas pelo equipamento de som. Com o passar dos anos, a faixa sonora dos sinos foi substituída por uma canção, que é utilizada até os dias atuais, que é a Oração de São Francisco de Assis. Quando soa a canção na torre da igreja, a população já sabe que a rádio-poste está entrando no ar. A letra da canção é a conhecida e tradicional Oração de São Francisco de Assis, pronunciada por ele há mais de 800 anos na Itália, que está gravada em uma cópia de compact disc (CD), que se encontra junto aos equipamentos da rádio-poste (PARIZOTTO, 2014, p. 32).

Ainda segundo Marsiglio, o primeiro equipamento de som foi instalado por uma empresa de Porto Alegre, especializada em instalação de som nas igrejas do sul do Brasil. Eram microfones e um sistema compacto com mesa de som, amplificador e toca-discos, que permaneciam na sacristia da igreja, e as cornetas instaladas estrategicamente no alto da torre. Os equipamentos de som eram de última geração, com boa qualidade, tanto assim que duraram mais de 30 anos (PARIZOTTO 2014, p. 30).

Os equipamentos foram substituídos por novos apenas em março de 2014, com a chegada do pároco Itamar Lavarda. No alto da torre de 36m de altura foram instaladas quatro cornetas com potência de 300

watts cada e direcionadas para os quatros pontos da cidade (PARIZOTTO, 2014, p. 33).

Outra característica da rádio é o seu funcionamento; ela entra no ar para passar as informações solicitadas por pessoas ligadas à comunidade católica da paróquia sempre ao vivo. É realizado através dos padres ou funcionários da paróquia. Desde 1957, mais de mil notas de falecimentos foram realizados pela igreja através da rádio. Antigamente, outras informações relevantes eram anunciadas, mas com o tempo permaneceram apenas os anúncios de falecimento.

Segundo depoimento de Marsiglio, apud Parizotto, 2014, as emissões radiofônicas ocorrem, em sua maioria, a pedido de familiares para comunicar o falecimento de seus entes queridos. Para a família que quiser fazer um anúncio de falecimento, basta dirigir-se até a Casa Paroquial e informar dados como o nome completo, idade, local de falecimento e local/hora do velório e enterro. As veiculações são realizadas gratuitamente para os que necessitarem passar a sua informação à comunidade. Das cinquenta e quatro paróquias ligadas à Arquidiocese de Passo Fundo, apenas três ainda têm a prática de anunciar o falecimento de alguma pessoa através da torre da igreja: Tapejara, Sertão (que ainda usa o sino para fazer os anúncios) e Serafina Corrêa (PARIZOTTO, 2014, p. 35). Em Tapejara, cada anúncio fica registrado na paróquia.

As emissões radiofônicas podem ser ouvidas em um raio de quinhentos metros de acordo com as condições meteorológicas e também da não interferência externa, como aparelhos de som em volume alto, ou outros fatores que emitam alto teor sonoro quando a rádio está no ar.

• Dados atuais

Atualmente, a paróquia divulga em sua torre apenas notas de falecimento. A paróquia dispõe de um programa de rádio de 15 minutos que é veiculado nas terças e sábados pela Rádio Tapejara AM 1530, gravado e apresentado pelo pároco Itamar Lavarda ou pelo vigário paroquial Ludgero Mafra. Também conta com um jornal de circulação bimensal em Tapejara e Vila Lângaro. Na oportunidade, avisos gerais da paróquia, horários de Missa e demais eventos são divulgados à comunidade que sintoniza aquela emissora às 11h45.

Segundo Parizotto (2014), os patrocínios dessa veiculação são obtidos através de uma intermediação direta entre a emissora, que cede o espaço e as empresas que desejam anunciar. O jornal, denominado como Mensageiro Paroquial, é produzido com base em materiais repassados pela Arquidiocese de Passo Fundo e pela própria paróquia. A diagramação do periódico é feita pela empresa Tapejarense Indústria Gráfica, com uma tiragem de cinco mil exemplares. Os custos da impressão e diagramação são bancados pelos anúncios publicitários de empresas locais. Em 2014, além do pároco Itamar Lavarda, que supervisiona as edições do jornal, integram a equipe de produção o vigário paroquial Ludgero Mafra, o advogado Rovilio Tondello e a professora Maristela Tesser Baseggio.

• Radiodifusão em Tapejara

A participação na grade da emissora remonta a antes de Tapejara conquistar a sua emancipação política administrativa, na então Vila Tapejara, no almoço de confraternização de ordenação sacerdotal do Padre Narciso Zanatta, realizado no Salão Paroquial, em 17 de dezembro de 1949. Durante o almoço falaram vários oradores. O radialista Maurício Sirotsky fez uma das suas primeiras gravações, que, em seguida, foi transmitida pela Rádio Passo Fundo, com admiração geral, por ser um fato inédito em Tapejara.

• Rádio Passo Fundo

O Município de Tapejara começou a forjar e participar da grade da emissora de rádio nos anos de 1960, na Rádio Passo Fundo ZYHF5. Na época, foi instituído o programa denominado "A Voz de Tapejara", produzido e apresentado por João Roman Vieda, agente da Agência de Correios e Telégrafos, e Domingos Dallagasperina, todos os domingos, das 10 às 12h, custeado pelo Poder Público local.

Da esquerda para a direita, os dois primeiros: João Roman Vieda e Miguel Tabbal. Foto: Arquivo de Luci Daben Domingues.

"A Voz de Tapejara" vinculava informações, avisos e orientações de utilidade pública e eventos sociais, religiosos e esportivos. As informações de utilidade pública tinham como fonte os órgãos públicos municipais e estaduais. Além de informações, tais como: datas dos pagamentos de impostos e taxas municipais, alistamento militar, roteiro e calendário de conservação das estradas. Ainda da Exatoria e Coletoria, instituições estaduais, existentes na cidade referentes à confecção, retirada de talões de notas, recolhimento de tributos e taxas estaduais.

Além disso, eram divulgados os convites e avisos dos clubes sociais e das agremiações esportivas, tais como: bailes e festas promovidos pelos clubes sociais: Clube Comercial, Clube Atlético Tapejarense, São Paulo Futebol Clube e das atividades esportivas desenvolvidas pelo Clube Atlético Tapejarense, São Paulo Futebol Clube e Grêmio Tapejarense, e também a programação semanal do Cine Tamoio.

No espaço radiofônico, era levada ao ar a orientação agrícola, veiculadas nas entrevistas que ocorriam no programa. As orientações agrícolas eram proferidas por Affonso Muxfeldt, fundador e presidente do recente Sindicato Rural. Na oportunidade, fornecia dados e informações referentes ao plantio e cuidados de árvores frutíferas, criação e cultivo de abelhas, produção e extração de mel, entre outros temas da vida e do trabalho agrícola. Os cuidados de higiene e saúde eram ensinados pelo Dr. Miguel Tabbal, médico-chefe do Hospital Santo Antônio e do Posto de Saúde.

Também eram repassados os ensinamentos relativos aos cuidados primários com a higiene para evitar as moléstias que assolavam parcela da população na época, entre as quais a verminose, além da

importância da vacina para a erradicação de moléstias crônicas. O programa foi levado ao ar do final de 1963 a meados de 1964.

• Rádio Planalto

Por volta de meados de 1972, Tapejara retomou espaço radiofônico em grade de emissora de rádio. Nessa época, após longas tratativas, surgiu o programa "Noticiário da Comunidade de Tapejara", inserido na grade da programação da Rádio Planalto, de Passo Fundo. Foi veiculado, pela primeira vez, no dia 25 de novembro de 1972.

O programa era redigido e elaborado pelo Pároco da Paróquia, Valter Valentim Baggio, e enviado à emissora, que, por sua vez, executava a locução através de um de seus comunicadores, todos os sábados, das 12h45 às 13h.

O "Noticiário da Comunidade de Tapejara", constituído de avisos, recados e comunicados, prestavam conta do serviço religioso e atividades sociais da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, entre as quais: cursos, treinamentos de lideranças, agentes de pastoral, seminários, congressos e encontros promovidos pela instituição. Além da programação de festas, jogos, bailes, reuniões dançantes, promovidos pelas comunidades que integravam a Paróquia Nossa Senhora da Saúde. No final, era veiculada uma mensagem dentro do espírito do ano litúrgico e um convite para ser vivida durante a semana na família, no trabalho e no estudo.

Os patrocinadores que custeavam o programa eram as empresas de Lídio Baccega Rech Ltda. & Severino Ghidini e a Mecânica Tapejarense Ltda., proprietários Vergínio Borella & Filhos, e Loja de Calçados de Antônio Bianchini e família.

• Tratativas para a criação de uma rádio no Município

Em meados dos anos 60, um grupo de empresários do meio comercial, entre os quais Heitor Ferreira de Figueiredo e Olmar Domingos Simoni, esboçaram tentativa de instalação da primeira emissora no Município. Era necessário projeto dos equipamentos e a viabilidade da aquisição em condições compatíveis junto à empresa Philips do Brasil, de São Paulo.

As tratativas foram realizadas por Heitor, que na época era revendedor autorizado e assistente técnico da empresa no Município. O prédio de dois pisos localizado na Rua do Comércio, de propriedade de Olmar Domingos Simoni, foi reformado no segundo piso, inclusive construído uma escada numa de suas laterais para acesso às dependências das futuras instalações da emissora. Ainda haviam contatado um profissional para fazer a locução, o qual esteve na cidade diversas vezes, acompanhando as tratativas.

Entretanto, a iniciativa e o empreendimento nasceram em meio às vésperas e teve desenvolvimento nos primeiros anos da intervenção das Forças Armadas, que, entre outras medidas tomadas, foi a da suspensão de concessão de exploração de radiodifusão, além de implantarem uma ditadura no país.

Porém, o sonho da instalação e do funcionamento de uma emissora de eádio no Município, continuava na mente de lideranças locais. Enquanto isso, o regime militar absolvia os exilados políticos que poderiam voltar ao Brasil. A Lei de Segurança Nacional, instrumento jurídico do autoritarismo do regime, foi modificada e abrandada e, em 1979, o AI-5 foi revogado.

A partir do final de 1979, iniciou-se a organização de novos partidos políticos no lugar da Arena e do MDB, tendo em vista, principalmente, as eleições diretas para Governadores dos Estados, em 1982. Os partidos que surgiram da reforma foram a Arena, que se transformou em Partido Democrático Social

(PDS); MDB, em Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB); Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); Partido Democrático Trabalhista (PDT); e Partido dos Trabalhadores (PT).

O regime militar começava a estabelecer medidas liberais, pressionado pela forte mobilização de movimentos, entidades e organizações da sociedade civil, que reivindicavam liberdades democráticas.

• Rádio Tapejara

Foi nessa realidade, de início de transição de regime militar para democrático, que o sonho de instalação de uma emissora de rádio em Tapejara era retomado, tendo como mentor e idealizador Alceu Basso, advogado militante que, por muitos anos, prestou serviços jurídicos ao Município. O primeiro passo foi agregar interessados em constituir uma empresa e investir recursos financeiros no empreendimento, que demandava a aquisição de equipamentos, custos com documentação, viagens, telefonia e outros.

O grupo de constituição da empresa privada Rádio Tapejara Ltda. era a seguinte: Alceu Basso, Afonso Scariot, Ardulino Lângaro, Américo Calegari, Cláudio Borela, Francisco Luiz Moretti, Noely Jobim Valdivia, Johnny Dorval Zoppas, Lincol Nardin, Santo Antônio Moretti, Severino Dalzotto, Silvino Bernardo Lamb, Vitalino Calegari, Ambrósio Simon Zanatta (em nome do seu filho Wilson Zanatta). O investimento inicial foi de dez milhões de cruzeiros.

A empresa foi fundada nos primeiros anos da década de 80. Alceu Basso foi constituído como representante legal para dar conta das exigências e formalidades que a legislação impusera para o serviço de radiodifusão. Depois de muito trabalho, viagens a Brasília, reuniões com membros da empresa, elaboração de documentos, contatos com políticos da região, com o Deputado Federal Augusto Trein e outros, finalmente, em 18 de agosto de 1982, foi promulgado o Decreto nº 87.487, que concedeu cessão de direito de uso de canal para a exploração de radiodifusão no Município de Tapejara.

No dia 1º de setembro, foi assinado o contrato de concessão com o Departamento Nacional de Telecomunicações e, no dia seguinte, foi publicada no Diário Oficial da União a criação da Rádio Tapejara. Ficava assegurada à rádio a frequência de 1530 Kw, sendo a potência autorizada de 1Kw na antena durante o dia e 0,25 Kws à noite. Conquistada a outorga de concessão, os esforços dos dirigentes da empresa foram providenciar os equipamentos e local para as instalações da antena e para a sede da emissora.

Além de formatarem a grade de programação, foram contratados os comunicadores Hermes de Oliveira e Ademir Boeira, as locutoras Cledi Hanel e Roseli Calegari e os técnicos Mario Rigotto e Luiz Carlos Rech para colocarem em definitiva no ar as ondas da denominada Rádio Tapejara. O equipamento adquirido foi da marca SNE, produzido pela Sociedade Nacional de Eletrônica. A emissora foi instalada e passou a funcionar, com seus estúdios e administração, no primeiro piso do prédio de alvenaria de propriedade de Demétrio Valdívia Gonzales, assentado na então Rua Onze de Julho, atual Ângelo Dalzotto esquina com a então Rua Dr. Vergueiro, atual Rua Tranquilo Basso. Mais tarde, transferiu-se para o segundo piso do novo prédio de propriedade de Affonso Muxfeldt, localizado em frente ao Tabelionato de Pessoas Naturais de Maria Ferreira. Os serviços de instalações dos equipamentos e torre de transmissão, entre os encarregados, contou com os serviços de Luiz Parizzotto, como eletrotécnico e de Antonia Favaretto (em memória), que cuidou, desde 1982, do transmissor situado na Linha Calegari.

Em novembro de 1982, a emissora emitiu os primeiros sinais ao ar em caráter experimental, veiculando música, anunciando o prefixo, e comunicava que estava operando em caráter experimental. Enquanto isso, eram ajustados os equipamentos, definida a linha e grade de programação, a captação de patroci-

nadores e a contratação de comunicadores. Concluídas essas e outras tarefas, entra em definitivo no ar a Rádio Tapejara, com linha e grade de programação com ênfase à população local e valorizando a cultura do Município.

Da esquerda para a direita: Renato Sager e Egídio Zaparolli, apresentadores da Rádio Tapejara.
Foto: Arquivo de Luiz Carlos Rech.

Os esportes e noticiários estão na grade de programação desde o início da emissora. Os pioneiros da equipe esportiva da Rádio Tapejara e os que atuaram ou atuam até hoje, entre outros, são: Airton Lângaro (narrador), Adelar Segat (repórter, comentarista, em memória) e os repórteres Gilmar Berton, Joel de Lima Portes, Ernani Dalzotto e Paulo César Lângaro. No noticiário, Rádio Jornal 1530 levado ao ar de segunda-feira a sábado, em suas duas edições, das 7h às 7h30 e das 12h às 13h, tiveram a edição e locução do Alceu Basso, professor Sérgio Gasparin, Jurandir Bogoni e Jair Pedrozo.

Um dos pioneiros na locução esportiva da Rádio Tapejara, Airton Lângaro, conta como surgiu o narrador esportivo Airton. "Um mês antes de ser inaugurada a Rádio Tapejara, o Alceu Basso, que é diretor, simplesmente encarregou o Ildo Aldino Lamb e a mim, Airton, a condução da programação esportiva. Depois, com o jogo entre Clube Atlético Tapejarense e Grêmio Esportivo Marauense, que teria a transmissão pela primeira vez de nossa rádio, alguém teria que narrar, cabendo a mim a tarefa, auxiliando nos comentários por Adelar Segat e nas reportagens de campo por Hermes Oliveira e Gilmar Berton", contou (BOGONI, 1983).

Essa foi a primeira partida de futebol narrada e levada ao ar pela Rádio Tapejara. Foi realizada no dia 12 de dezembro de 1982, no Estádio Dr. Volmir Antônio Foresti, em Marau, quando o Atlético perdeu o título do Campeonato Serrano, pelo placar de 2x1.

Em 2000, a potência de 1.000 watts passou para 4.000 watts. Em 27 de novembro de 2007, a Rádio Tapejara comemorou 25 anos e, em virtude desse acontecimento, foram programados diversos eventos sociais e culturais na cidade e no interior do Município. No dia 7 de novembro, aconteceu no Centro Cultural José Maria Vigo da Silveira uma palestra com a socióloga e sexóloga Maria Helena Matarazzo, de

São Paulo, com a participação de mil e quinhentas pessoas.

No dia 9 de novembro, a Rádio Tapejara recebeu direções, jornalistas e radialistas das Rádios: Difusão, Uirapuru, Gaurama, Sananduva, Sarandi, Simpatia e Caiobá, para realizar o 10º Encontro com o Presidente da Associação Gaúcha de Rádio e Televisão (Agert). O presidente Roberto Cervo fez a entrega de uma placa á Rádio Tapejara pelos 25 anos dedicados à comunidade local e regional. No dia 5 de dezembro, a Rádio Tapejara foi homenageada pelo Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão do Estado do Rio Grande do Sul (Sindirádio), em Porto Alegre.

No dia 15 de dezembro, foi realizada uma festa com a presença das bandas KN, Luz do Luar, Doce Pecado e Expresso Som, no Salão do Bairro São Cristóvão. O baile teve início às 23h e contou com a presença dos locutores e de toda a equipe da 1530. Além disso, foi promovido, nos meses de novembro e dezembro, um campeonato de futebol entre as comunidades.

O primeiro diretor da rádio foi Alceu Basso, em seguida Silvino Bernardo Lamb e, atualmente, Maria Adelaide Basso. A atual equipe da Rádio Tapejara é a seguinte:

Airton Lângaro ingressou no ano de 1982 como narrador esportivo e apresentador de programas esportivos; Alcione Vieira, locutor e apresentador; Alessandra Staffortti, repórter, produtora, iniciou seus trabalhos na Rádio Tapejara em fevereiro de 1997; Cirlene Marisa Lamb ingressou na emissora no dia 29 de novembro de 1982, departamento financeiro; Diego Girardi iniciou na rádio em 1991, locutor e apresentador; Elói de Carlos de Figueiredo, locutor e apresentador, iniciou suas atividades junto à Rádio Tapejara em 1983; Gilmar Berton, locutor esportivo, iniciou suas atividades desde o início da emissora; Itamar dos Santos, locutor e apresentador, iniciou suas atividades em1984; José Ramos da Silva (Tene), locutor e apresentador; Juliano Girardi, locutor; Luiz Alberto Reis Neto (Betinho), locutor e repórter, ingressou na Rádio Tapejara em maio de 2011; Luiz Carlos Reck, operador de equipamentos, iniciou suas atividades na Rádio Tapejara em 1982; Luiz Parizotto, técnico, está na rádio desde a sua fundação; Mara Lúcia Bernardes, locutora e secretária, iniciou suas atividades em 1993; Marta Bruch, locutora e apresentadora; Miloca Alzira Peter, auxiliar de serviços, ingressou na emissora em maio de 1992; Salete Moretti, secretária, ingressou em 1989 na emissora; Sedenir Bianchi, locutor e apresentador, ingressou na emissora em outubro de 2010; Silvino Bernardo Lamb, Maria Adelaide Basso iniciaram em 2015; Vilmar Coronetti, locutor e apresentador; Volmar Alberto Ferronatto, iniciou seus trabalhos, na Rádio Tapejara em 1983.

• Rádio Caiobá

Para que as ondas da Rádio Caiobá fossem ao ar e se irradiarem por Tapejara e região, em 1990 foi constituída uma sociedade sob a denominação de Rádio FM Senhor dos Caminhos Ltda., formada por Bonfilho Sebben, Nelson José Sitta, Sirinei Panizzon, Neuri Domingos Coser, Juvenil Dalbosco, Gilberto Costa, Cloves Marensi de Moura, Helio Schmidt, Helfi Bevilaqua, Moacir Gardelin, João Cadore e Valdemar Rovani, com a finalidade de instalar e colocar em funcionamento uma emissora de rádio na frequência FM. A documentação de constituição da sociedade e a formalização do pedido de concessão de licença de funcionamento da rádio ficaram a cargo do sócio João Cadore.

De acordo com Josemar Comiram, em meados de 1991, com a liberação da concessão pelo Ministério das Comunicações, foi iniciada a construção de um pequeno prédio para instalação do estúdio e de equipamentos, juntamente com a antena, em terreno da antiga fábrica da Neon, localizada na Rua Mário Teffili, no Bairro São Paulo, sob a coordenação de Cloves Marensi de Moura. Após sua instalação, a rádio

entrou no ar em caráter experimental, durante o período de, aproximadamente, três meses. Naquele tempo, a grade de programação era composta apenas por músicas variadas, intercaladas por anúncio do seu prefixo, funcionando apenas algumas horas do dia e à noite.

No início, a direção da rádio foi desempenhada por Nelson José Sitta, a gerência era de Josemar Comiran e a locução estava a cargo de Sidinei Sebben. Recorda o gerente que, após o período de testes, foi realizado um concurso para escolha do nome da rádio; após a análise dos inúmeros nomes sugeridos, foi escolhido o nome Caiobá, que significa pedra dura.

Josemar Comiran conta que os primeiros programas foram apresentados pelos locutores Sidinei Sebben, Wanderlei De Bastiani, e as músicas eram rodadas em discos de vinil e fitas DAT, previamente gravadas a partir do acervo de Adalgir Carlos Scuro, e a grade de programação era montada por Josemar Comiran e Cloves Marensi de Moura.

No princípio, a programação era, essencialmente, musical e, com o passar dos anos, a emissora especializou-se também em notícias e informações à comunidade. Hoje, as ondas da Caiobá FM atingem mais de oitenta Municípios das regiões Norte, Nordeste e Alto Uruguai do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, levando notícias, informações, cultura e música durante as vinte e quatro horas do dia.

Sempre pensando em se aproximar do seu ouvinte, a rádio vai direcionando sua programação ao gosto da grande maioria do público regional. Além disso, a emissora é o ponto de encontro de moradores da região, que encurtam distância entre os Municípios onde moram, através de pedidos musicais e anúncios de festas, bailes e outros eventos, tornando também a 100e7, como também é denominada, uma divulgadora dos maiores e melhores eventos e empresas da região.

Através do site, a rádio on-line dá oportunidade aos ouvintes de acompanharem a programação da 100e7 de qualquer parte do mundo, aproximando, assim, a região de locais distantes e permitindo matar a saudade da terrinha e oferecer música para quem está longe. Em 2010 a rádio elevou sua potência para 5 quilowatts e em 2011 fez ampla reformulação na sua programação, inclusive com o lançamento de um novo site na internet.

Os Diretores da Rádio Caiobá até o presente momento foram: Nelson José Sitta, Hélio Schmidt, Sirinei Panizzon, Helfi Bevilaqua e Bonfilho Sebben. A atual equipe da Rádio Caiobá é integrada pelos locutores: Ederildo Paparico Bachi, Carlos Eduardo Oliveira, Henrique Sebben, Juliano Perin, Juliana Sebben, Sérgio Piffer e Tatiane Pavão.

• Rádio Nova FM

Em agosto de 2002, um grupo de amigos, Wanderlei Luiz De Bastiani, Rodolfo Canali, Moacir Bertollo, Elso Scariot, Luiz Carlos Pomagerski, Volmar Alberto Ferronatto, José Carlos Cauduro, Darcilo Adair Fracaro, Breno Sabedot, Odacir José Dalmina e Hélio José Basqueira, reuniram-se para criar a Associação Comunitária de Desenvolvimento Cultural de Tapejara. Na mesma reunião, decidiram iniciar junto ao Ministério das Comunicações o processo para exploração de Rádio Comunitária no canal 285, frequência 104.9, disponibilizado para Tapejara.

Após manifestar demonstrativo de interesse junto ao Ministério, a Associação ficou no aguardo da publicação do aviso de habilitação para dar sequência a esse projeto, que visava a atender a comunidade tapejarense.

Com a demora, os integrantes resolveram colocar a emissora no ar no dia 5 de agosto de 2005 com uma programação totalmente eclética e aberta à comunidade. Para tanto, foram na justiça buscar uma

antecipação de tutela. Até a conquista da antecipação para ter o direito de exploração de radiodifusão, os agentes da Anatel visitaram a Nova FM 104.9 em quatro oportunidades, mas a persistência fez com que a emissora permanecesse no ar, e nesse período a antecipação foi concedida.

O Presidente da associação, desde 2002, é Wanderlei Luiz De Bastiani. O endereço da sede da emissora iniciou na Rua Coronel Lolico, 517, sala 204, Galeria Canali, onde permaneceu até dezembro de 2010. Após essa data mudou-se para a Rua do Comércio, 1668, onde permanece até hoje.

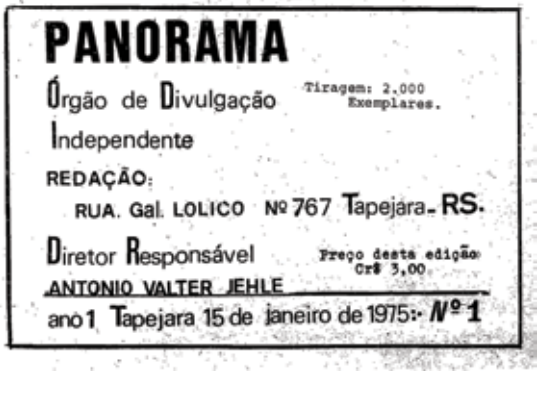
A rádio opera com potência de 25 watts e tem sua torre com altura de 30 metros. Como locutores e colaboradores nesse período passaram: Wanderlei Luiz De Bastiani (Miúdo), Darlan de Arruda, Sedenir Bianchi (Sede), Paubo Ribeiro (Tuba), Aroldo Barizon, Nério Pessoa (Índio), Ervan Silveira (Fio), Lucas Menon, Juliano Alan Perin, Maurício da Silva, Vagner Pereira de Matos (Castelhano), Mateus Gava, Mateus Pirolli do Prado, Ivani Moreira, Vânia Bertollo, Róbson da Costa e Silva (Pajé), Guilherme Brandão e Vagner Kunert.

JORNAIS

Atualmente, o Município conta com três jornais, duas revistas e um informativo. Confira a história de cada um que existe e, também, dos que já existiram em Tapejara:

• Jornal Panorama

O jornal Panorama, veículo de comunicação impresso, nasceu em Tapejara num contexto de transição da atividade agrícola tradicional baseada no cultivo diversificado de produtos e bens agrícolas familiares, para um modelo agrícola centrado na produção do grão da soja, imposto pelo Governo Central, para atender as exigências de exportação. Nesse cenário, os governos locais eram desafiados a buscar saída junto aos governos estadual e federal através de recursos e alternativas para dar conta do escoamento da produção da soja. Por sua vez, a cidade de Tapejara estava voltada às ações da construção e do equipamento do prédio de alvenaria do novo Centro Comunitário Paroquial. Essa obra começava a propiciar à comunidade um local de recreação e desenvolvimento de atividades esportivas.


PANORAMA
Órgão de Divulgação Independente
Tiragem: 2.000 Exemplares.
REDAÇÃO:
RUA. Gal. LOLICO Nº 767 Tapejara - RS.
Diretor Responsável
Preço desta edição: Cr$ 3,00
ANTONIO VALTER JEHLE
ano 1 Tapejara 15 de janeiro de 1975 - Nº 1

O Panorama se autoproclamava um órgão de divulgação independente. Localizado na Cel. Lolico, 767, teve como diretor responsável Antônio Valter Tehle. A primeira edição foi impressa no dia 15 de

janeiro de 1975. Com a tiragem de 2.000 exemplares, ao preço de Cr$ 3,00 (três cruzeiros) por unidade.

Em linhas gerais, o editorial elucidava os objetivos do veículo de comunicação que por estava sendo colocado, pela primeira vez, ao público leitor tapejarense. Os propósitos do veículo eram divulgar as atividades e realizações da cidade e estava aberto para todos aqueles que possuíam espírito de criatividade e empreendedorismo.

• Chamada de capa, matérias e fotos

A chamada de capa da primeira edição impressa foi sobre a administração do Prefeito Aldino Guerino Lângaro, ilustrada com uma imagem do prefeito. As matérias, distribuídas em oito páginas, tiveram as chamadas: Cooperativa Mista Charrua Ltda.; Prefeitura Municipal de Ibiaçá, um marco de realizações; IBGE Tapejara; Edital de Convenção Municipal da ARENA – Município de Tapejara; Bombeiros em Tapejara; Convocação Liga Tapejarense de Futebol; Clube Atlético Tapejarense; reflexões, saudações, falando de som e arrecadação de Tributos Municipais para o exercício de 1975.

As poucas fotografias inseridas nas páginas retrataram acontecimentos de inauguração de obras públicas no interior do Município, envolvendo o Prefeito Aldino Guerino Lângaro, juntamente com deputados.

Na mesma edição, foi registrada a solenidade de inauguração da ponte sobre o Arroio Lajeado, na estrada de Vila Campos – Vista Alegre, destacando a imagem do Prefeito e do Deputado Hed Santos Borges. Nessa mesma página, foi retratada a inauguração da Escola Inglês de Souza, em Charrua Alta, destacando entre outros o Prefeito Lângaro e o Deputado Borges.

A matéria sobre as atividades e realizações da Cooperativa Mista Charrua Ltda. foi ilustrada com três imagens que retrataram três locais de trabalho e suas respectivas equipes de funcionários do estabelecimento cooperativo. Já a matéria da Prefeitura Municipal de Ibiaçá – Um Marco de Realizações, estamparam o Santuário de Nossa Senhora Consoladora de Ibiaçá.

• A curta duração do jornal

A década de 1970, foi um período muito difícil de dirigir ou redigir um jornal. Fazer jornalismo, no interior do Rio Grande do Sul, era um grande desafio. Poucos assumiam o risco de enfrentar essa circunstância, imposta pelo então regime militar à sociedade brasileira. Pouco restava para um veículo de comunicação com o propósito de levar e elevar o Município.

Ainda na primeira edição, em seu editorial, pressentindo o espírito da época, o jornal suplicou à comunidade de Tapejara para dar a cobertura necessária para que não acontecesse o que já havia ocorrido com vários jornais do interior: a vida efêmera e destituída de qualquer sentido. Porém, sem o necessário suporte e cobertura recíproca por parte do mundo empresarial e do Poder Público, a iniciativa jornalística teve breve trajetória na cidade de Tapejara, no ano de 1975.

O TAPEJARA

SENHOR DOS CAMINHOS

ANO 1 TAPEJARA, 18 DE JUNHO DE 1978 Preço 5,00 N.o 1

• O jornal pioneiro – O Tapejara

Foi num momento de transformação estrutural da agricultura, com evidentes impactos em nível nacional, regional e local, quando essa era a atividade predominante no Município de Tapejara, resultando como a principal economia do Município a cultura da soja, com diversas granjas mecanizadas espalhadas pelo interior, que surgiu o pioneiro veículo de comunicação escrito em Tapejara.

Os antecedentes contam que a ideia de um jornal em Tapejara surgiu em meados do ano de 1978 e começou a tomar corpo em maio, tendo à frente o jornalista Mário de Oliveira, Tânia Oliveira e Jones Silva. O primeiro assumia a condição de diretor responsável, a segunda de secretária e o terceiro de diretor comercial. O veículo de comunicação utilizou a designação de O Tapejara para sua fachada. A sede do jornal esteve localizada na Rua do Comércio, 1050, conjunto nº 3, Centro.

O objetivo a que se propôs o jornal, conforme enumerado e impresso no editorial da primeira edição, foi o seguinte: ser portador de serviços; não somente no somatório de seu conteúdo informativo, mas também, e talvez principalmente, o fato de funcionar como eficiente elo de ligação entre os diversificados interesses da comunidade; prestar o melhor serviço: pesquisar, descobrir e informar aos seus leitores.

- Formato e distribuição de matérias

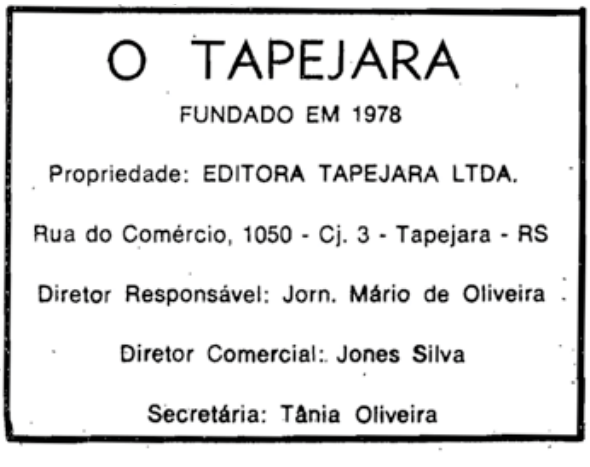
O jornal era em formato tabloide, medindo 41,5 centímetros por 28 centímetros, composto por oito páginas, distribuídas em colunas as notícias de âmbito local, regional e internacional, opiniões, comentários, publicidade e ilustrações fotográficas. Entre os assuntos das colunas cabe destacar os da Prefeitura Municipal, Cooperativismo, Agricultura, Meio Ambiente, Esporte, Sociedade.

• Produção literária

O Tapejara, em suas diversas edições, estampou em suas páginas variadas produções literárias, resultado da elaboração de articulistas colaboradores. A nominata dos articulistas e seus respectivos artigos e crônicas: Rogério Liska – 1978 – A Ingrata, Nós Que Nós Amávamos Tanto, A Ilha, Visão, Primavera de Praga, ... E a Música Continua, Matriz e Filial, Perguntas, Uma Longa Triste e História (I), Uma Longa e Triste História (II), Livros e Humanismo, Ainda Resta Esperança.

Em 1979: Fatos, Informação ou Desinformação, Já Vi este Filme, Acordo de Paz, Senhor Vigário, A Era Atômica, Aos Domingos, O Absurdo Nosso de Cada Dia, Era um Niño, Sai Simonsen Entra Delfim e a Música Continua.

• Impressão e circulação


O TAPEJARA

FUNDADO EM 1978

Propriedade: EDITORA TAPEJARA LTDA.

Rua do Comércio, 1050 - Cj. 3 - Tapejara - RS

Diretor Responsável: Jorn. Mário de Oliveira

Diretor Comercial: Jones Silva

Secretária: Tânia Oliveira

As primeiras edições do O Tapejara foram diagramadas e impressas nos primórdios da Gráfica Tapejarense, localizada na Rua Júlio de Castilhos, no térreo do prédio de alvenaria da família Dalbosco, por Armindo Bassegio e filhos. Em seguida, o jornal passou a ser diagramado e impresso em offset no parque gráfico do Instituto Social Padre Berthier, em Passo Fundo. A tiragem impressa era de cerca de mil exemplares por edição.

A primeira edição, de periodicidade quinzenal, de O Tapejara aconteceu em 18 de junho de 1978 e a última edição, de número 23, em 7 de setembro de 1979. A circulação do veículo abrangeu o Município de Tapejara. O preço de cada exemplar era de R$ 5,00 (cinco cruzeiros), fixados na primeira edição, que permaneceu durante todo o período de vida do periódico.

O TAPEJARENSE

ANO I — N.º 1 — TAPEJARA 10 DE JULHO DE 1980

• Jornal O Tapejarense – Pluralismo e diversidade local (1980-1983)

Com o encerramento da publicação e circulação do jornal O Tapejara, até julho de 1980, o Município de Tapejara ficava, novamente, órfão de um veículo de imprensa impresso. Foi nas vésperas do 25º aniversário de emancipação político-administrativo que o Município comemorou a vinda de um novo jornal: O Tapejarense.

O Tapejarense teve sua primeira edição no dia 10 de julho de 1980. Os fundadores e diretores da iniciativa do veículo de comunicação foram: Rogério Liska, Edison Dalzotto, Euclides Bertoglio, Julio De Bastiani, Bonfilho Sebben e Airton Lângaro. O veículo impresso teve como editor Rogério Liska e redator Jurandir Bogoni, além de inúmeros colaboradores. O jornal, órgão de divulgação da Empresa Tapejarense de Publicidade Ltda., estava localizado na Rua do Comércio, 1.050, primeiro andar, sala 3.

Os objetivos do jornal estavam estampados em suas páginas na primeira edição, em editorial de 10 de julho de 1980. O veículo de comunicação foi apresentado à comunidade local como: um instrumento de divulgação, como um meio de expressar e comunicar os seus problemas, fatos, alegrias e tristezas, tudo que fosse de seu interesse e que lhe diga respeito.

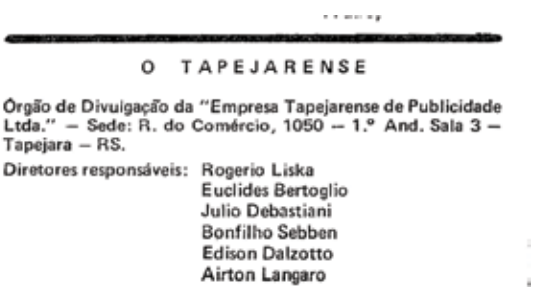
Além disso, enfatizava que estava aberto para quaisquer contribuições, ficando o espaço disponível para todas as entidades, de qualquer natureza, para que trouxessem a público o que lhes interessasse e fosse necessário. Ao colocar-se aberto a todas as linhas de opinião e pensamento, o periódico, gradativamente, conseguiu agregar em torno de suas páginas uma parcela de colaboradores engajados, principalmente, em movimentos sociais, instituições e entidades que utilizaram esse meio de comunicação como canal para difundir suas reflexões, opiniões, ações e realizações.

Foi editado em regime de algumas edições mensais, outras quinzenais. A impressão e composição eram executadas pelo Instituto Social Padre Berthier Gráfica Editora, localizada em Passo Fundo. A tiragem era, em algumas edições, de quinhentos e poucas outras de mil exemplares. A distribuição do jornal esteve restrito à cidade de Tapejara e aos então Distritos de Água Santa, Vila Lângaro, Charrua e Santa Cecília.

• Características do jornal

A forma do jornal foi a de um tabloide, medindo 42cm por 29,5cm, e composto por oito páginas. As matérias foram distribuídas em colunas em sentido vertical, sendo as seguintes: Editorial, Dicas, Ocorrências Policiais, Esportes, Notícias da LBA, Coluna Leonística, Sociais, Artigos, Executivo e Legisla-

tivo Municipal. Ainda teve uma edição especial alusiva ao 25º ano de emancipação político-administrativa de Tapejara, em sua edição de número três, publicada em 9 de agosto de 1980.


O TAPEJARENSE

Órgão de Divulgação da "Empresa Tapejarense de Publicidade Ltda." — Sede: R. do Comércio, 1050 — 1.º And. Sala 3 — Tapejara — RS.

Diretores responsáveis: Rogerio Liska
Euclides Bertoglio
Julio Debastiani
Bonfilho Sebben
Edison Dalzotto
Airton Langaro

Os primeiros cinco articulistas e/ou cronistas e a produção de artigos e/ou crônicas estampados nas páginas do O Tapejarense foram os seguintes:

Edison Dalzotto – 20 artigos e/ou crônicas.

Zilmar Variza – 14 artigos e/ou crônicas.

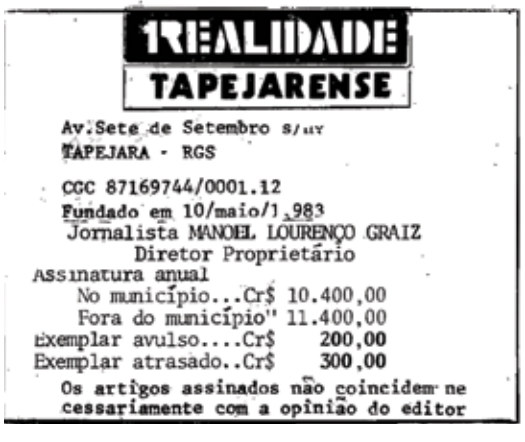
Itamar Antonio Spanhol – 13 artigos e/ou crônicas.

Marilei Zanini, Evanir Rosa – 7 artigos e/ou crônicas.

Lourdes Bertoglio – 5 artigos e/ou crônicas.

• Realidade Tapejarense

O jornal Realidade Tapejarense foi fundado em 10 de maio de 1983 por Manoel Lourenço Graiz, que era diretor e proprietário. O jornal era composto de cinco páginas, aonde estiveram estampadas matérias referentes ao Poder Público, Câmara de Vereadores, esporte e artigos. Um dos artigos era a Tribuna JB, que era escrito por Jurandir Bogoni. Também havia uma coluna social. Além disso, veiculava publicidade de empresas no ramo do comércio, entre as quais farmácias Urania e Tapejarense; Lojão da Família, Atalibio P. Teixeira Ltda.; Confecções Luft e Caldato; representantes de adubos Carbo Húmus; no ramo das indústrias Cimisa; nos serviços; escritório de engenharia; Bar Las Vegas; Salão de Beleza Saletinha; Lanchonete Bom Gosto.


REALIDADE
TAPEJARENSE

Av. Sete de Setembro s/nº
TAPEJARA - RGS

CGC 87169744/0001.12
Fundado em 10/maio/1.983
Jornalista MANOEL LOURENÇO GRAIZ
Diretor Proprietário

Assinatura anual
No município...Cr$ 10.400,00
Fora do município" 11.400,00
Exemplar avulso....Cr$ 200,00
Exemplar atrasado..Cr$ 300,00

Os artigos assinados não coincidem necessariamente com a opinião do editor

• Metamorfose do Tapejarense

O TAPEJARENSE

ANO IV – TAPEJARA (RS) 05.01.91 – Cr$ 50,00

O Tapejarense passou por diversas remodelações de janeiro de 1991 até junho de 1991. A razão social do O Tapejarense era: Órgão de Divulgação de Comércio Aparelhos e Equipamentos Vídeo Briks Ltda., situado na Rua do Comércio, 1.179, na cidade de Tapejara. O diretor e editor responsável foi Jaime Basso.

O objetivo do veículo, no editorial da primeira edição, postulava: colocar o cotidiano da cidade na vitrine e na boca de nosso povo, fazendo com que os assuntos que nos dizem respeito fossem conhecidos por toda a cidade. Dispor às entidades congregadas de forças vivas de Tapejara desse órgão como instrumento de ação e trabalho, na área comunitária, para bem atingir seus propósitos.

O formato de O Tapejarense sofreu uma metamorfose, ou seja, passou por uma transformação radical, tanto do conteúdo e, principalmente, da forma. O formato passou a medir 32 centímetros por 22,5 centímetros e ficou composto por doze páginas. As matérias foram distribuídas umas de forma vertical e outras horizontal. As matérias, com distribuição em colunas, era composto por: Editorial, Artigo, Esporte, Social e Polícia.

O Tapejarense, em suas páginas, além de difundir notícias e assuntos de interesse local, as chamadas de capa da primeira edição elencadas foram: Acisat escolhe destaque; Centro será asfaltado; Entidades escolhem diretorias; Afonso Scariot presidente; Plantio sem financiamentos; Trigo: sofrido pão nosso; Comércio paralisado; O Natal mais pobre.

• Produção literária publicada

O jornal estampou em suas páginas diversas crônicas e artigos elaborados por um conjunto de novos e raros antigos articulistas e cronistas, entre os quais: José A. L. Corral, Paulo Roberto Hanel, Claudia Basso Bilhar, Gilberto Scariot, Josemar Comiran, Gilmar Sossella, Marcos F. Zanini, Vilson Zanatta, Isabel Cristina Spanhol, Airton Lângaro, Rogério Liska, Padre Valter Valentim Baggio e Sirinei Panizzon.

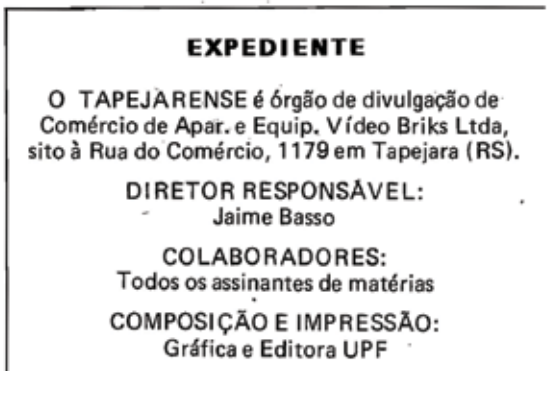
Entre as crônicas e os artigos e respectivos articulistas e cronistas da primeira edição, cabe destacar: Onde está o Progresso? de Josimar Comiran; Triste Fim de Década, de Paulo Roberto Hanel; coluna denominada Ponto de Vista, com matérias referentes às atividades sociais e culturais da cidade, escrita por Claudia Basso Bilhar; Momento Econômico, escrito por Rogério Liska; Deus Conosco, de Valter Valentim Baggio; Pacto de Sobrevivência, de Sirinei Panizzon; Razão, de Gilberto Scariot; Troca de Valores, escrito por Josemar Comiran; Desgarrados, por Gilmar Sossella; e Ervas Medicinais, de Isabel Cristina Spanhol. Ainda havia uma coluna de esportes, com matérias elaboradas por Marcos J. Zanini.

• Anúncios publicitários

Entre os anúncios publicitários de empreendimentos impressos nas páginas do jornal O Tapejarense, cabe destacar os seguintes: Bianchini, empreendimentos imobiliários; Livraria Atlântida; Babilônia; Mecânica Tapejarense Ltda.; Mecânica Agrícola Spagnol Ltda.; Auto Mecânica Felini Ltda.; Mecânica Broch Ltda.; Supermercado Dalzotto; Supermercado Reck; Banco do Brasil; Creditap – Cooperativa de Crédito Rural Tapejara Ltda.; Bianchini Modas; Eletro Instaladora; Móveis Sebben Indústria e Comércio; Girardi Engenharia; Ferragem Calegari Ltda.; Sharlene Foto; Joalheria Joze; Padaria Nossa Senhora de Lurdes; Salão de Beleza Maica; Pizzaria Sapore D'Itália.

O jornal O Tapejarense, em sua edição de março/abril de 1991, publicou o Suplemento Tapejara: Seriedade e Realizações em Novos Tempos, Administração 89/92 Prestando Contas. Tratou-se de uma série de matérias relacionadas à Prestação de contas aos cidadãos através da Administração Municipal, ocorridas no ano de 1990, em Tapejara.

Com o cessar das atividades de edição e circulação do jornal O Tapejarense, em meados de junho de 1991, surgiu na cidade de Tapejara, novamente, a iniciativa em editar e colocar em circulação um jornal, mas dessa vez de âmbito regional. Teve estampada na sua fachada a denominação de Folha Regional.



EXPEDIENTE

O TAPEJARENSE é órgão de divulgação de Comércio de Apar. e Equip. Vídeo Briks Ltda, sito à Rua do Comércio, 1179 em Tapejara (RS).

DIRETOR RESPONSÁVEL:
Jaime Basso

COLABORADORES:
Todos os assinantes de matérias

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
Gráfica e Editora UPF

• Folha Regional

FOLHA REGIONAL

TAPEJARA - IBIAÇÁ - ÁGUA SANTA

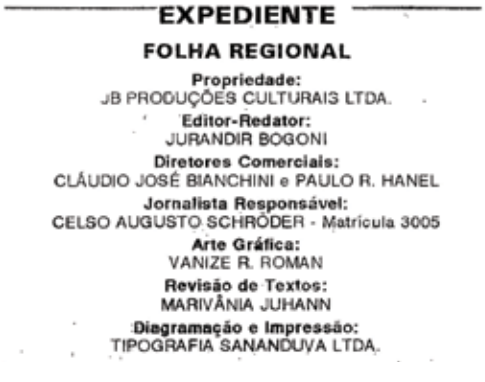
EDIÇÃO Nº 1 - ANO I - JULHO 1991 Cr$ 100,00 AO EXEMPLAR

A Folha Regional nasceu em julho de 1991 e foi pioneira na divulgação de âmbito regional. A razão social constitui-se na empresa JB Produções Culturais, com sede na cidade de Tapejara. Teve como editor e redator o seu fundador Jurandir Bogoni, e como diretores comerciais: Cláudio José Bianchini e Paulo Roberto Hanel; Conselho Editorial: Itamar Antonio Spanhol; Colunista Social: Silvana Barcarollo; Jornalista responsável: Celso Augusto Schröder; cabe destacar que, na época, Celso era Presidente do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul; Arte Gráfica: Vanize Regina Roman; e revisão de textos: Marivânia Juhann.

O veículo de comunicação abrangia Tapejara, Ibiaçá, Água Santa e Charrua. A Folha Regional teve sua primeira edição no mês de julho de 1991 e a 10ª, e última edição, em maio de 1992. A Folha teve como objetivos: constituir-se como um canal de informação regional em Tapejara, Ibiaçá, Água Santa e Charrua, que estavam em marcha para emancipação político-administrativa, para que pudessem veicular a sua própria produção política, cultural, comercial e, acima de tudo, a sua vida social e cultural, numa relação de troca de informações, e assim contribuir com a socialização e a democratização da informação.

O veículo assumiu a tarefa de ser um espaço aberto, de veicular informação, contribuindo para a socialização e democratização de fatos e acontecimentos e também opiniões que constituíram a história do cotidiano regional, na busca da integração.

A forma do jornal foi a de um tabloide medindo 39 por 28 centímetros e composto de oito páginas, tendo as matérias distribuídas em colunas, no sentido vertical. Teve as seguintes colunas: Editorial, Informes, Informes Especiais, Folha Social, Folha Esportiva, JB Informa, Destaque da Folha e dois encartes: Edição Especial da 1ª Feira Municipal de Indústria e Comércio de Tapejara e Especial Tapejara 36 Anos, prestação de contas da Administração Municipal de Tapejara.


EXPEDIENTE

FOLHA REGIONAL

Propriedade:
JB PRODUÇÕES CULTURAIS LTDA.

Editor-Redator:
JURANDIR BOGONI

Diretores Comerciais:
CLÁUDIO JOSÉ BIANCHINI e PAULO R. HANEL

Jornalista Responsável:
CELSO AUGUSTO SCHRÖDER - Matrícula 3005

Arte Gráfica:
VANIZE R. ROMAN

Revisão de Textos:
MARIVÂNIA JUHANN

Diagramação e Impressão:
TIPOGRAFIA SANANDUVA LTDA.

• Produção literária

A Folha Regional estampou em suas páginas, em dez edições, uma série de crônicas e artigos elaborados por diversos articulistas. Cabe destacar os articulistas: Airton Lângaro produziu quatro crônicas esportivas, Rogério Liska, com dois artigos sobre economia política, e Giovana Scariot, com dois artigos

sobre psicologia infantil, e os demais: Inara Fernandes Soares, Hélio Durigon, Egidio Zaparolli, Rovilio Tondello, Adelino Antônio Zanchetta, cada um produzindo uma crônica. O veículo registrou, já em suas primeiras páginas, matérias e imagens referentes ao resgate e aos primeiros resultados da arrancada industrial e agroindustrial de Tapejara.

• Impressão e circulação

A Folha Regional repercutiu os acontecimentos em Tapejara, Ibiaçá, Água Santa e Charrua, os traduziu em notícias e os estampou em suas páginas. A diagramação e impressão foram executadas pela Tipografia Sananduva Ltda. Teve seus mil exemplares difundidos e colocados à venda em postos situados em cada local. Registrou e ilustrou em suas páginas o momento e desdobramentos do processo industrial e agroindustrial de Tapejara, no período de 1991 a 1992. A repercussão no veículo de comunicação impresso ocorreu nas edições a partir da 1ª edição até a 10ª, editada na data de julho de 1991 a maio de 1992.

A cobertura jornalística começou, já na primeira edição do periódico, na ocasião em que o destaque da Folha foi o então Prefeito de Tapejara Bonfilho Seben. Na entrevista, o Chefe do Executivo tapejarense discorreu sobre o momento socioeconômico do Município de Tapejara, falou do estágio e dos primeiros resultados do processo industrial e agroindustrial em curso em Tapejara.

A Folha Regional, em sua 2ª edição, de agosto de 1991, teve um encarte, edição especial da Feira Municipal de Indústria e Agroindustrial de Tapejara, realizada no Centro Comunitário Paroquial de 8 a 11 de agosto, que contou com quarenta indústrias instaladas em cinquenta e dois estantes. Paralelamente, aconteceu a Exposição do Bicho-de-Seda e a Feira do Mel, a 1ª FEMIAT, que tinha como objetivo mostrar o potencial de Tapejara, principalmente após a arrancada industrial ocorrida nos últimos dois anos.

O Encarte era composto de vasta matéria ilustrada por fotografias que resgatava e detalhava as tratativas e os primeiros resultados do projeto industrial e agroindustrial, incentivados pelo Poder Público de Tapejara. Em sua página central, havia depoimentos de alguns empresários locais que participaram, ativamente, do processo industrial e agroindustrial de Tapejara nos dois últimos anos.

No encarte, ainda havia as atividades realizadas dentro da vasta programação alusivas à Semana do Município de Tapejara, de 3 a 11 de agosto de 1991. Entre os eventos repercutidos estavam a apresentação do Grupo Terra Pampeana, de Passo Fundo, no CTG Manoel Teixeira; Torneio de Vôlei Misto, realizado na quadra do Ginásio Municipal de Esportes Lourenço José Dall'Olivo; Seminário "O Potencial de Tapejara", no Clube Comercial; Baile do Município, no Clube Comercial; Gincana Ciclística – Motos e Rústica: Desfile de Motos; Desfile de Modas: inaugurações do Posto de Saúde de Charrua, Primeira Perimetral de Tapejara; Centro Educacional Padre Valter Valentim Baggio e show com a dupla Tico-Tico e Beija-Flor, de São Paulo, no Ginásio Municipal de Esportes Lourenço José Dall'Olivo.

• O Cidadão Tapejarense

TAPEJARENSE

O jornal O Cidadão Tapejarense teve origem no antigo jornal da cidade de Passo Fundo, com a primeira edição em 25 de janeiro 1993 e a última datada de 24 de maio de 1995; neste seu terceiro ano de existência foi editado pela última vez com a atual denominação, que passou para O Cidadão. A primeira edição de O Cidadão foi no ano de 1995, com a edição de número 34, de junho de 1995, teve o seguinte expediente: Jornal da Cidade, empresa jornalística; direção, Celso Carlos Meneguini, gerente de produção, Mario de Quadros; editor chefe, Celestino Meneguini; diagramação, Prisma e serviços gráficos, Gráfica Batistella, de Passo Fundo. A periodicidade era semanal. A partir disso passou a estampar em suas páginas matérias de Tapejara. As primeiras foram as edições de número 128, de 18 de abril de 1997, até a edição 131, datada de 9 de maio de 1997.

A partir da edição 136, de 13 de junho 1997, as páginas 8 e 9 passaram a estampar um suplemento com o título "Tapejara em Destaque", onde veiculou várias matérias referentes ao Poder Público, entidades da sociedade civil e atividades industriais e comerciais de Tapejara, inclusive um encarte especial sobre o quadragésimo segundo aniversário de emancipação político-administrativa de Tapejara. Todas essas matérias eram elaboradas e editadas por Elgemar França, que iniciaram na edição 136, de 13 de junho de 1997, e alcançaram a edição 146, em 22 de agosto de 1997.

O jornal, a partir da edição datada de 19 de novembro de 1997, passou a ser editado em Tapejara. A primeira edição foi composta por oito páginas. Nelas foram estampadas matérias relativas aos acontecimentos dos Poderes Executivo e Legislativo; eventos sociais, culturais e esportivos locais. A matéria do editorial teve o título de "Deus Conosco", de autoria do Padre Valter Valentim Baggio.

O Cidadão
TAPEJARENSE
TAPEJARA - RS
Realização: EMPRESA JORNALÍSTICA JORNAL DA CIDADE LTDA.
CGC 73.458.416/0001-21
Direção: Celso Carlos Meneghini
Editor Chefe: Celestino Meneghini - Reg. DT 3443
Redação, Reportagem e Fotografia: Marisa Rech
Representante Comercial: Juliano e Gilene Girardi
Diagramação: Prisma Arte Final
Serviços Gráficos: Gráfica O Cidadão - Convênio com a SUSEPE no Presídio Regional de Passo Fundo
Av.General Neto,386-Sala 3-Fone:(054)311-2744-CEP 99010-021-Passo

Expediente do jornal.

A chamada de capa foi a seguinte: "Juiz Toma Posse". As demais tiveram os títulos: "El Niño Causa Prejuízos Superiores a 1 Milhão de Reais em Tapejara"; "Presidente da Câmara assume o Poder Executivo" e "Acisat Comemora 25 Anos".

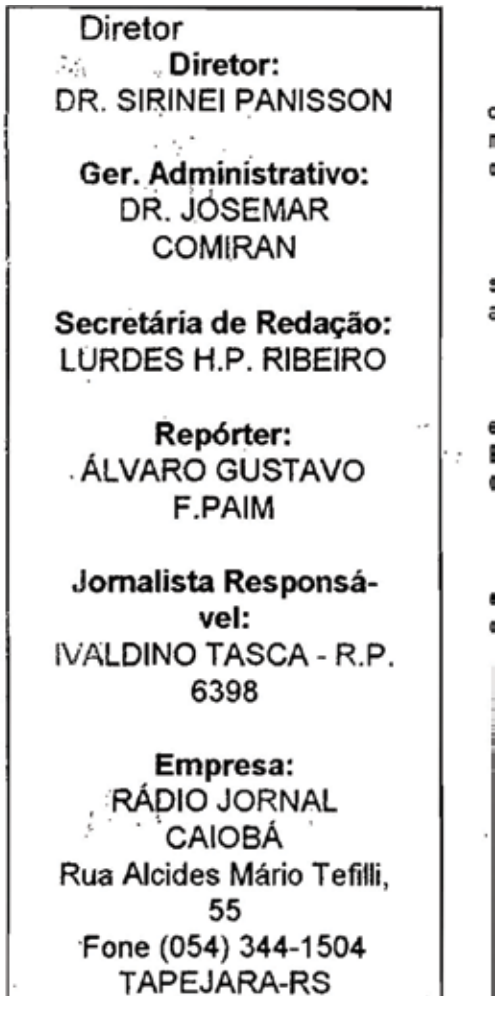
A circulação era quinzenal e o preço de um real. A distribuição era realizada pela livraria Babilônia, localizada na Rua Santo Canali, 590, Centro. O jornal O Cidadão Tapejarense circulou em Tapejara até meados de 1999.

- **Jornal O Caiobá**

O Caiobá
ANO I * Nº 1 * TAPEJARA, TERÇA-FEIRA, 23 DE MARÇO DE 1993 * PREÇO Cr$ 10.000,00

A primeira edição do jornal O Caiobá circulou no dia 23 de março de 1993. A ideia surgiu a partir da necessidade de ter uma mídia impressa na cidade e vinculada à emissora de rádio e, além disso, oferecer à população mais uma fonte de informação que refletisse os acontecimentos da comunidade local; isso motivou os empresários a investirem no ramo.

O primeiro diretor do jornal foi Sirinei Panizzon, que na época também era diretor da Rádio Caiobá. Junto com ele, estava Valdecir De Bastiani, que, por anos, foi o responsável pela parte jornalística e diagramação.


Diretor

Diretor:
DR. SIRINEI PANISSON

Ger. Administrativo:
DR. JOSEMAR COMIRAN

Secretária de Redação:
LURDES H.P. RIBEIRO

Repórter:
ÁLVARO GUSTAVO F.PAIM

Jornalista Responsável:
IVALDINO TASCA - R.P. 6398

Empresa:
RÁDIO JORNAL CAIOBÁ
Rua Alcides Mário Tefilli, 55
Fone (054) 344-1504
TAPEJARA-RS

Desde o início, o jornal foi muito bem aceito pelos leitores da região de Tapejara, que acompanharam as reportagens e também sugeriram pautas. A atuação do jornal contribuiu muito para a resolução de problemas nas cidades em que circulava, graças à participação dos leitores, que denunciavam problemas que aconteciam em seus locais de moradia ou trabalho.

Ao longo de sua atuação, o jornal mudou seu direcionamento no conceito, mas sempre manteve a mesma linha editorial: a de ir atrás da notícia (slogan usado atualmente). O diferencial do jornal sempre foi este: criar suas reportagens e tocar em assuntos polêmicos.

A coordenação do jornal ainda passou por Bomfilho Sebben, Henrique Sebben, Paula Sebben e Juliana Sebben. Todos também atuaram como repórteres, revezando-se nos 20 anos do jornal O Caiobá. Atualmente, a direção é de Gustavo Leandro Sebben, a parte jornalística é coordenada por Bomfilho Sebben, com atuação da repórter Márcia Tadiotto e coordenação comercial a cargo de Juliana Sebben e Henrique Sebben. Na criação de anúncios, a Agencia H Propaganda Inteligente é a responsável.

As pautas continuam sendo enviadas pelos leitores, mas os profissionais estão sempre atentos ao que acontece na comunidade. Dessa forma, é feito um trabalho integrado entre rádio e jornal, sempre buscando atualizar os dois veículos, além do site e do facebook da Rádio Caiobá.

Apesar das mudanças das direções e editorias ao longo dos anos, o jornal pôde manter um colunista desde suas primeiras edições: Gilmar Berton. Falando sobre esportes, o conteúdo, criado por ele, é um dos mais esperados pelos leitores.

Desde o início ele circula, quinzenalmente, nas cidades de Tapejara, Ibiaçá, Santa Cecília do Sul, Vila Lângaro, Charrua e Água Santa. São mil e duzentos exemplares com notícias que retratam os acontecimentos especiais dos Municípios em questão.

Em 2011, integrou ao seu conteúdo o caderno Enfoque, que contém pautas de Municípios de todo o Estado (incluindo Tapejara), resumo de novelas e temais culturais. O jornal sempre priorizou trabalhar com profissionais talentosos, pois trata com respeito o fato de trabalhar com a informação. É por isso que vai até a fonte, vai atrás da notícia e coloca o jornalismo à frente de questões comerciais.

- **Contexto do nascimento do jornal Gazeta Regional**

A origem do jornal Gazeta Regional aconteceu em meados de 2002, no ambiente de trabalho do jornal O Caiobá. Na época, havia entre os colaboradores e direção uma intensa discussão dos rumos que o veículo de comunicação deveria tomar diante da realidade sociopolítica da cidade, que acabou afetando os interesses publicitários e informativos do periódico.

A sensibilidade dos protagonistas do debate era que o momento se mostrava pouco favorável para continuar com a mesma linha publicitária e informativa que o veículo vinha imprimindo até o momento. Diante da situação, surgiram no embate duas propostas. Uma, partindo da direção, que propunha dar continuidade da veiculação do periódico, porém reduzir custos na produção e circulação do jornal, o número de funcionários e passar a periodicidade quinzenal para edições mensais. A outra veio dos funcionários, apresentada por Valdecir Marco De Bastiani, então responsável comercial, que tinha ideia de realizar uma mudança no formato e conteúdo das matérias e publicidade e manter a periodicidade quinzenal.

Porém, como existiam diferenças entre as propostas, sendo que a primeira envolvia diminuir os recursos humanos, financeiros e tecnológicos, e a segunda, pelo contrário, demandava investimento financeiro, manter os funcionários com seus empregos e investir em novas tecnologias. No fim acabaram as discussões e não houve acordo.

Gazeta
Regional
Diretor Geral e Comercial:
Odacir José Dalmina
Diretor Administrativo:
Altemir Abido
Editor e Reportagens:
Wanderlei Luiz De Bastiani
Diagramação:
Maritana Keli Coronetti
Impressão:
Gráfica Universal
Redação e Comercial
Rua do Comércio 1419
Tapejara/RS - 99950-000
Fone: (54) 617 - 1309
e-mail:
gazeta.regional@netvisual.com.br

A partir de então, Wanderlei Luiz De Bastiani e seu irmão Valdecir Marco De Bastiani constituíram uma nova sociedade e publicaram um novo periódico, denominado de Gazeta Regional, em 2002.

Mais tarde, após ter parado de circular nos primeiros quatro meses no ano de 2004, foi retomada a publicação a partir da edição nº 262, datada da primeira quinzena de junho do corrente ano. Em seu editorial, contou que após quatro meses passados estavam de volta. Nesse período, revelou, "pudemos ver como tudo acontece e como é rápido

1ª Quinzena de junho / 2004
GAZETA REGIONAL
Ano 13 - Número 02 - Edição 262 - R$ 2,00 - TAPEJARA - RS

e ágil o progresso de Tapejara e região. Voltamos agora com uma nova estrutura, com novas empresas apoiadoras deste veículo de comunicação, mas sempre com o objetivo de informar, imparcialmente, fatos e notícias de interesse do leitor. Nossa meta é que você seja nosso defensor, seja nosso parceiro nesta família chamada Gazeta Regional", falaram os sócios: Altemir Ábido, Odacir Dalmina e Wanderlei Luiz De Bastani.

EXPEDIENTE
GAZETA REGIONAL
Diretor Geral, Editor e Reportagens:
Wanderlei Luiz De Bastiani
Departamento Comercial:
Marina dos Santos
Diagramação:
Rodrigo da Costa e Silva
Impressão:
Gráfica Universal
Circulação:
Tapejara, Água Santa, Santa Cecília do Sul, Vila Lângaro, Charrua e Ibiaçá
Redação e Comercial:
Rua 15 de Novembro, 122 Sala 1
Tapejara RS CEP 99950-000
e-mail: gazeta.regional@netvisual.com.br
As matérias assinados são de responsabilidade do autor, não refletindo necessariamente a opinião deste

A primeira sede do jornal esteve localizada na Rua Coronel Lolico, 644. O formato do jornal era um tabloide, medindo 36 por 26 centímetros, composto por seis páginas, onde eram distribuídas em colunas as notícias de âmbito local, regional, opiniões, comentários, publicidade e ilustrações fotográficas. Entre as colunas cabe destacar as das Prefeituras Municipais, Agricultura, Meio Ambiente, Esporte, Sociedade.

Sexta-feira
16 Jul. de 1999
Ano 1. nº 01
Exemplar
Gratuito

NOVO TEMPO

UM JORNAL A SERVIÇO DE TAPEJARA E REGIÃO.

Tapejara,
Charrua,
Vila Lângaro,
Ibiaçá, Coxilha,
Sananduva e
Água Santa.

• Jornal Novo Tempo

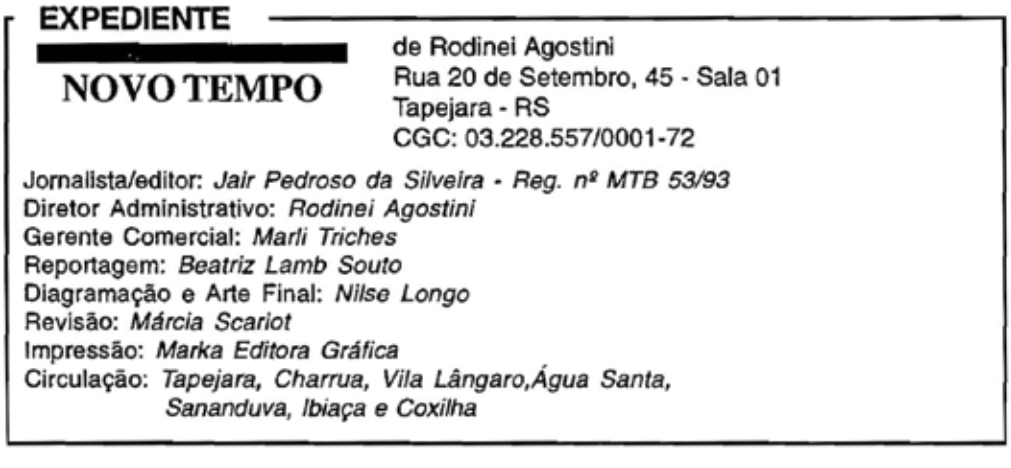
O jornal Novo Tempo foi fundado em 15 de junho de 1999, em Tapejara, e a primeira edição do periódico circulou no dia 16 de julho do mesmo ano. Naquele período, o jornal era comandado por Oilton Scariot e Marli Macedo, ambos oriundos de Marau, e mais o então acadêmico de jornalismo Rodinei Agostini, natural de Vila Maria.

Aos três profissionais foram somando-se a outras pessoas que compuseram a equipe do jornal (secretária, diagramadora, entregadores), que, inicialmente, circulava em Tapejara, Coxilha, Vila Lângaro, Água Santa, Ibiaçá e Charrua.

Atualmente, o jornal é dirigido pelo jornalista e diretor Rodinei Agostini, tendo a equipe composta por aproximadamente dez colaboradores, em Tapejara e região. Sua circulação atinge mais de quinze cidades na grande região: Tapejara, Coxilha, Vila Lângaro, Água Santa, Santa Cecília do Sul, Ibiaçá, Sananduva, Santo Expedito do Sul, Maximiliano de Almeida, Charrua, Getúlio Vargas, Erechim, São João da Urtiga, Mato Castelhano e Passo Fundo.

Para marcar os quinze anos de fundação, várias ações foram e estão sendo realizadas pelo jornal, tais como a nova marca, layout, campanhas publicitárias e outros eventos que acontecerão até julho de 2015.

Com o slogan "Credibilidade que faz a Diferença", o Novo Tempo percorreu o longo e desafiante cami-

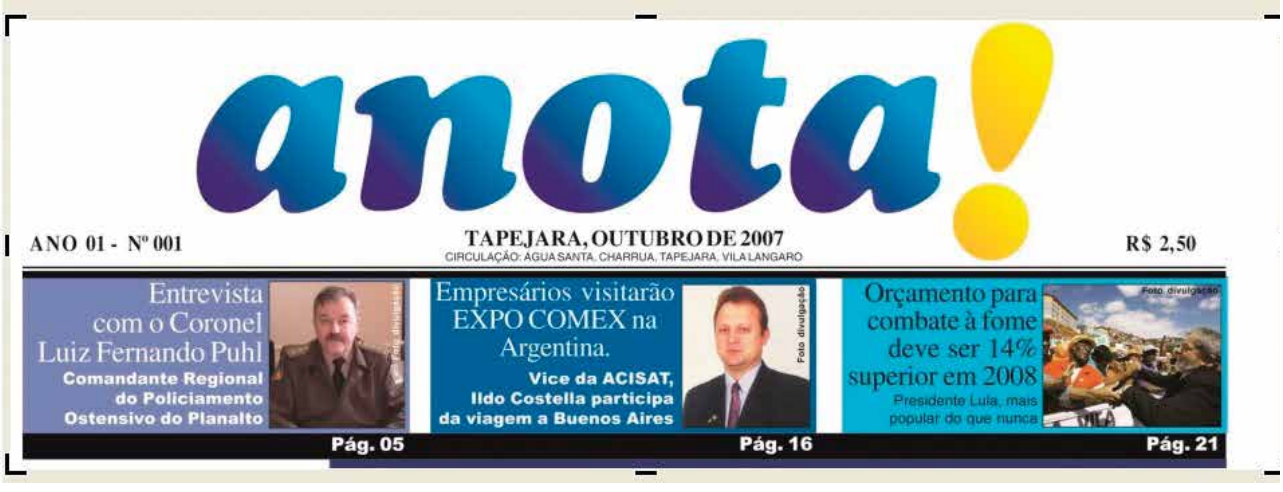

EXPEDIENTE

NOVO TEMPO

de Rodinei Agostini
Rua 20 de Setembro, 45 - Sala 01
Tapejara - RS
CGC: 03.228.557/0001-72

Jornalista/editor: *Jair Pedroso da Silveira - Reg. nº MTB 53/93*
Diretor Administrativo: *Rodinei Agostini*
Gerente Comercial: *Marli Triches*
Reportagem: *Beatriz Lamb Souto*
Diagramação e Arte Final: *Nilse Longo*
Revisão: *Márcia Scariot*
Impressão: *Marka Editora Gráfica*
Circulação: *Tapejara, Charrua, Vila Lângaro,Água Santa, Sananduva, Ibiaça e Coxilha*

nho como meio de comunicação impresso, com o objetivo de oferecer informação de qualidade e credibilidade, cobrindo os fatos da grande região, sempre norteado pela ética e pela imparcialidade na informa-


anota!

ANO 01 - Nº 001 | TAPEJARA, OUTUBRO DE 2007 | R$ 2,50

CIRCULAÇÃO: ÁGUA SANTA, CHARRUA, TAPEJARA, VILA LANGARO

Entrevista com o Coronel Luiz Fernando Puhl
Comandante Regional do Policiamento Ostensivo do Planalto
Pág. 05

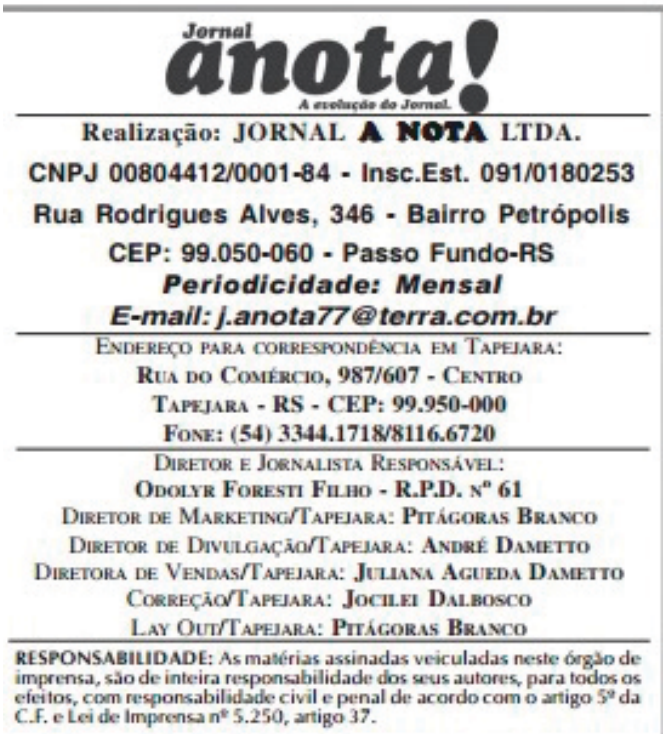
Empresários visitarão EXPO COMEX na Argentina.
Vice da ACISAT, Ildo Costella participa da viagem a Buenos Aires
Pág. 16

Orçamento para combate à fome deve ser 14% superior em 2008
Presidente Lula, mais popular do que nunca
Pág. 21

ção, cumprindo também a premissa de sua função social como meio de comunicação, importantíssima para o desenvolvimento da comunidade.

• Jornal Anota

Fundado por Odolyr Giacomo Foresti Filho, Maria Inês Branco e Pitágoras Branco, em 25 de agosto de 1995, portanto há vinte anos, o jornal Anota surgia com o objetivo de fazer um jornalismo voltado para o setor empresarial de Passo Fundo e região.


Jornal anota!
A evolução do Jornal.

Realização: JORNAL A NOTA LTDA.
CNPJ 00804412/0001-84 - Insc.Est. 091/0180253
Rua Rodrigues Alves, 346 - Bairro Petrópolis
CEP: 99.050-060 - Passo Fundo-RS
Periodicidade: Mensal
E-mail: j.anota77@terra.com.br

Endereço para correspondência em Tapejara:
Rua do Comércio, 987/607 - Centro
Tapejara - RS - CEP: 99.950-000
Fone: (54) 3344.1718/8116.6720

Diretor e Jornalista Responsável:
Odolyr Foresti Filho - R.P.D. nº 61
Diretor de Marketing/Tapejara: Pitágoras Branco
Diretor de Divulgação/Tapejara: André Dametto
Diretora de Vendas/Tapejara: Juliana Agueda Dametto
Correção/Tapejara: Jocilei Dalbosco
Lay Out/Tapejara: Pitágoras Branco

RESPONSABILIDADE: As matérias assinadas veiculadas neste órgão de imprensa, são de inteira responsabilidade dos seus autores, para todos os efeitos, com responsabilidade civil e penal de acordo com o artigo 5º da C.F. e Lei de Imprensa nº 5.250, artigo 37.

Em 5 de outubro de 2007, com o lançamento do jornal Anota Tapejara, surgiu o Grupo Anota de Comunicação, com doze anos de história, trinta e cinco municípios de abrangência, cerca de quinhentos mil habitantes e trezentos e cinquenta mil eleitores. Sob o comando de André Dametto, Juliana Dametto e Pitágoras Branco, o Anota Tapejara passou por um grande processo de implantação, buscando profissionais com experiência no mercado para gerenciar e dirigir cada departamento, editorial, comercial e assinaturas. Um novo projeto gráfico foi implantado.

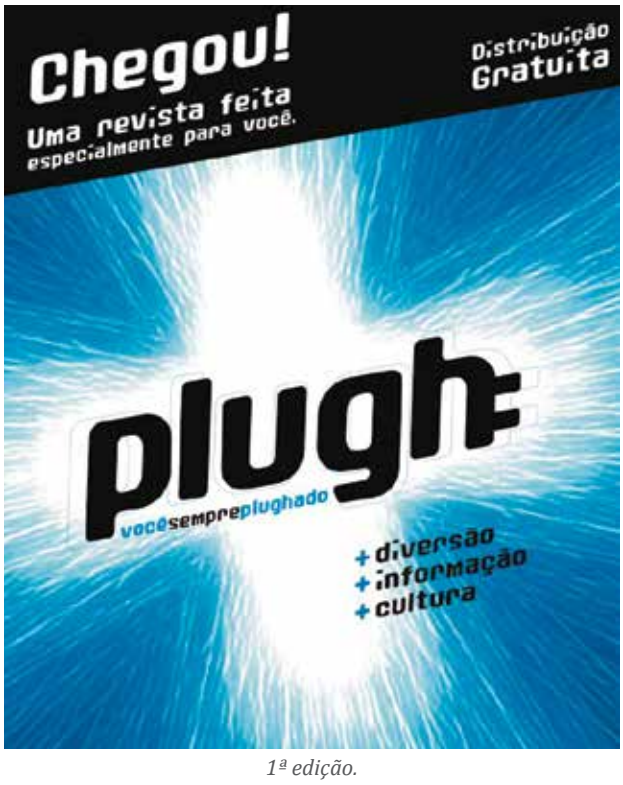
Em março de 2010, o Anota Tapejara tornou-se o único jornal semanal 100% colorido da região nordeste gaúcha, permanecendo nesse posto até hoje. Em agosto de 2011, com a saída do sócio André Dametto, a sociedade ficou sob o comando de Juliana Dametto e Pitágoras Branco. Com vinte anos de atividades ininterruptas, os jornais do Grupo Anota de Comunicação estão hoje entre os mais tradicionais veículos da imprensa gaúcha.

- **Informativo Regional**

O Informativo Regional foi fundado no dia 13 de novembro de 2008, no Município de Tapejara. Traz informações de caráter informativo, como saúde, curiosidades, sociais e anúncios, além de variedades. A circulação é mensal e a distribuição é gratuita para os seguintes Municípios: Tapejara, Santa Cecília do Sul, Charrua, Sananduva, Ibiaçá, Água Santa, Vila Lângaro e Passo Fundo. O informativo tem como editor-chefe Gustavo Slongo.

REVISTAS

- **Revista Plugh**



1ª edição.

10ª edição (última).

A revista Plugh foi uma ideia dos amigos Douglas Sanson Cadini, Diego Baseggio e Henrique Slongo. Como todos trabalhavam na área de design gráfico e impressão gráfica, resolveram criar uma revista direcionada para o público jovem. Com um tamanho menor e projeto gráfico inovador na época, a revista conquistou os jovens da cidade, pois tinha muita informação, matérias e muitas fotos de festas.

Todas as edições da revista Plugh tinham uma jovem de capa e a especulação de qual seria a próxima capa era grande na época. A primeira edição circulou em novembro de 2005; foram dez edições até que os proprietários resolveram encerrar a revista, pois não possuíam mais tempo para trabalhar nela.

- **Revista Comunicação**

A Revista Comunicação iniciou suas atividades em junho de 2003 pela ideia de Valdocir De Bastiani, seu diretor na época.

Com um conteúdo de caráter informativo, tornou-se a primeira revista editada em Tapejara, tendo sua circulação na região nordeste do Estado. Possui como característica principal a divulgação de notícias e eventos dos Municípios da região, sendo segmentada para todos os tipos de público. É em cores, mensal, com tiragem de 800 exemplares e circulação nos Municípios de Tapejara, Sananduva, Ibiaçá, Charrua, Vila Lângaro, Água Santa e Santa Cecília do Sul.

Os colunistas, assinantes e anunciantes fomentam a sua divulgação no mercado regional. Desde 2003, a revista tem como diretor executivo Sandro Rampazzo. A revista conta ainda com o historiador Itamar Antônio Spanhol, o diagramador Tiaraju de Almeida (Grafmaster), com impressão na empresa Tapejarense Indústria Gráfica. Também estiveram à frente desse meio de comunicação os tapejarenses José Luis Sebben e Altair Peruzzo. Nos projetos especiais da revista, ocorreram participações dos tapejarenses Gilberto Zanatta e Mário José Felini.

A *Revista Comunicação* procura levar ao seu público a leitura, o conhecimento e a cultura, deixando, assim, sua marca na comunidade regional. Exemplo disso são as edições especiais, publicadas nas feiras e demais eventos

Sumário

Revista Comunicação

TAPEJARA/RS - ANO 1 - Nº 1 - JUNHO DE 2003

Uma Publicação:
Êxito Editora
Rua Cel. Lolico 644 - Centro
CEP 99950-000
Tapejara/RS
Fone: (0xx54) 344-1009
E-mail: rct@tapejarars.com.br

Diretor/Editor:
Valdecir Marco De Bastiani
Reportagens:
Cintia Quissini
Dpto Comercial:
Cintia Quissini
Assinaturas:
Cintia Quissini
Colaboradores:
Claudio Lucion, Colégio Notre Dame Medianeira, Elder Pirolli, Pe Darci Domingos Treviso, Emater Tapejara-RS, Germano Rigotto, Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Diagramação, artes e capa:
Luciano Zanchetta, Rodrigo da Costa e Silva e Valdecir Marco De Bastiani
Impressão: Gráfica Universal Ltda.
Circulação: Tapejara, Água Santa, Charrua, Santa Cecília do Sul, Vila Lângaro e Ibiaçá.

Os conceitos emitidos nos artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista e são de inteira responsabilidade de seus autores.

de nosso Município e da região.

Os projetos realizados em edições especiais publicadas pela revista foram os seguintes:

- Revista *Memória Fotográfica do Futebol de Tapejara*.
- Revista *Memória Fotográfica do Futebol das Comunidades do Interior de Tapejara*.
- Revista *Romaria de Nossa Senhora Consoladora de Ibiaçá – 60 anos – Uma História de Fé e Serviço*.
- Revista *Mulheres Empreendedoras.*
- Revista *De sede Teixeira a Tapejara – Uma Viagem Fotográfica pelo Tempo*.
- Revista *Hospital Santo Antônio de Tapejara – 70 Anos de História*.
- Revista-encarte *Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tapejara – 50 Anos de Histórias e Conquistas.*

Participação no livro intitulado: *Sicredi Altos da Serra – 25 Anos de Cooperação e Desenvolvimento Sustentável*.

Participação no livro intitulado *Tapejara: Origens e Desenvolvimento*, primeiro livro oficial do Município de Tapejara.

A *Revista Comunicação* tem por razão social o nome de Editora de Comunicação Norte Gaúcho Ltda., como atividade principal a edição de livros, jornais e revistas, contando com *site*, página nas redes sociais e está localizada, atualmente, na Rua Valeriano Ughini, 260, sala 1, em Tapejara.

• Revista Perfil

A revista Perfil traz em suas páginas o retrato da trajetória das personalidades locais, na iniciativa pública ou privada, e aborda, mensalmente, assuntos de interesse local e regional.

Além das reportagens, a revista Perfil conta com articulistas e profissionais que tratam, todos os meses, de assuntos das mais variadas áreas. Mesmo como público-alvo, prioritário, o setor empresarial, a publicação explora assuntos do cotidiano, que são conduzidos por mais de trinta colunistas de formação diversificada. Roberto Shinyashiki, Ronan Mairese, Bruno Barbosa, Gilberto Cabeggi, Roberta Omeltech e Mirian Goldenberg são alguns dos nomes nacionais que fazem parte desse grupo.

Fundada em 1º de julho de 2011, em sua primeira edição, o empreendedor da capa foi o empresário Adelírio Danieli. A revista Perfil é editada pela empresa P.J. Vedana & Cia. Ltda., tendo como diretor e idealizador o jornalista Paulo Joel Vedana.

Nas quarenta edições da Perfil, diferentes personalidades estamparam a capa, muitas delas conhecidas regional e nacionalmente. Entre esses personagens é possível destacar Roberto Shinyashiki, Edu

Santos, Lasier Martins, Ana Amélia Lemos, Diógenes Baseggio, Jair Kobe (Guri de Uruguaiana) e os Fagundes.

Em 2014, a revista Perfil passou por um projeto de renovação e ampliação. Em julho de 2015, foi publicada com novo projeto gráfico e instalou escritório e redação também em Passo Fundo, tendo circulação em todo norte do Estado.

- **Revista Mais**

A Revista Mais é uma publicação de:
Bressan e Derossi LTDA
CNPJ: 18.513.693/0001-81
Rua Angelo Dalzotto, 753 Sala 01
Contato@maisrevista.net.br
www.maisrevista.net.br
54 3344-2751
54 9696-9291

Direção:
Roberto Bressan
Henrique Derossi

Editor Chefe
Roberto Bressan

Reportagem:
Priscila Dalzotto
Darlan de Arruda
jornalismo@maisrevista.net.br

Jornalista responsável:
Priscila Dalzotto - RP 16.991/SRT/RS

Departamento de Comercial:
Franciane Garbin
Roberto Bressan
vendas@maisrevista.net.br

Diagramação/Criação/ Layout:
Cubo Comunicação Integrada
atendimento@cubocomunica.com.br
Rua XV de Novembro, 560 – Tapejara/RS

Periodicidade: Mensal
Circulação: Tapejara e região
Tiragem: 700 exemplares

Fotos Capa:
Ligia Zanatta

Colaboradores:
Franciele Demarchi - Jornalista
Debora Coronetti – Designer de Moda
Greice Locatelli - Maquiadora Profissional
Leticia Roman – Nutricionista
Dra. Lucivane Liska - Endodontista
Neuri Domingos Coser - Advogado
Vitor Emanuel Poletto Coser - Advogado
Renato Maia - Jornalista
Jorge Scherer - Fotógrafo
Rubens Martinello – Designer Gráfico
Tellor André Fianco – Publicitário
Rafael Cerezoli - Publicitário
Darlan de Arruda – Redator
Os artigos e peças publicitarias não refletem necessariamente a opinião da Revista Mais. Proibida a reprodução parcial ou total de qualquer conteúdo da revista mais sem prévia autorização, sob pena de responsabilidade civil ou criminal.

Em 8 de julho de 2013, foi fundada a Revista Mais pelos sócios Roberto Bressan e Henrique Peter Derossi. Tinha o objetivo de divulgar conteúdos sobre moda, cultura, entretenimento, beleza, comportamento, saúde, música e histórias de vida de Tapejara.

Com estilo jovem, conseguiram produzir e comercializar seis edições planejadas por uma agência de publicidade e propaganda, escrita por profissionais desde articulistas, anunciantes, colaboradores e escritores.

A revista era mensal e comercializada em pontos de vendas das cidades de Tapejara e Sananduva, através de assinatura, e distribuída no comércio. Com o passar dos meses, muitas dificuldades foram surgindo e, então, em janeiro de 2014, por acordo justo e amigável, foi feito o encerramento da sociedade.

FOTOGRAFIA

A fotografia nos livros, nos jornais e nas revistas tem a função de representar os acontecimentos, promovendo a relação entre a palavra e a imagem. Assim, a narrativa dos fatos pode ser construída de forma mais completa.

Um dos primeiros fotógrafos que exerceu sua função na Vila Tapejara era conhecido por Pierin Rech, e vinha de uma cidade vizinha a Tapejara, onde se hospedava em um hotel e era procurado por famílias para fazer o registro fotográfico em determinados momentos, como casamentos e festas.

• Foto Vídeo Artusi

Os serviços de fotografia prestados pela Família Artusi, no Município de Tapejara, remontam a Vila Tapejara, em meados da década de 1940. Foi nessa época que Adriano Artusi chegou na localidade com uma máquina fotográfica, acoplada a um tripé, que podia ser transportada, facilmente, a cavalo. Morou em um dos quartos do hotel de Pedro Spuldaro e Regina Spuldaro, localizado na Rua do Comércio, esquina com a atual Rua Independência. Pouco tempo depois, comprou uma casa situada nas proximidades da Funilaria Berton, onde em uma das peças instalou um estúdio fotográfico e permaneceu até meados de 1953.

Naquele tempo, o fotógrafo era chamado pelas famílias para "tirar retrato" especialmente de cerimônias de casamentos na igreja, de celebrações de Bodas de Ouro, de inaugurações de capelas do interior do Município e de estabelecimentos particulares ou públicos; de mobilizações das missões no centro da Vila e das comunidades rurais, e de desfiles cívicos, em comemoração ao Sete de Setembro.

A primeira casa do fotógrafo Abele Polycarpo Artusi. Foto: Arquivo de Artusi.

Em meados de 1947, chegou ao Distrito de Tapejara Abele Polycarpo Artusi, nascido em 26 de fevereiro de 1931, irmão de Adriano Artusi, filhos de Francisco e Aghata Artusi, que estabeleceu a Foto Artusi em uma sala de uma casa localizada na Rua do Comércio, atual sede da Foto Vídeo Artusi, dando início às suas atividades como fotógrafo da cidade.

O exercício da profissão de fotógrafo consolidou-se a partir do casamento de Abele com Amélia Josephina Ghidini Artusi, em 1953, união da qual nasceram Lorizete, Lorines, Cosme, Lorenci, Loanes, Lucia, Damião e Livane. Desde esse momento até seus respectivos falecimentos, Abele (1983) e Amélia (2012), ambos conciliaram suas tarefas cotidianas, que ia dos cuidados e afazeres familiares às atividades agrícolas e os serviços fotográficos.

Consta no rol das histórias verbais da família Artusi que, inicialmente, Abele chegava ao destino dos eventos a serem fotografados utilizando uma bicicleta. Assim, ele conseguia fazer a cobertura fotográfica de 1ª Eucaristia em Água Santa, num domingo de manhã, por exemplo e, à tarde, registrava os eventos

em outra vila, isso até a aquisição do seu primeiro motociclo.

No início da década de 1960, com o progressivo crescimento da atividade fotográfica, foi possível à família instalar-se em um prédio de alvenaria, onde, no andar térreo, mais apropriado ao funcionamento, estava o estúdio fotográfico, enquanto que no segundo andar foi fixada a moradia da família, situação que perdura até os dias atuais.

O exercício da profissão era desenvolvido pelo casal Abele e Amélia de forma séria, com extremado esmero, buscando, a partir de suas sensibilidades pessoais, captar a essência emocional das cenas fotografadas. Foi a partir desse exemplo que, na medida em que seus filhos foram crescendo, os instruíram e inseriram no ramo fotográfico, passando a ajudá-los nas atividades até conquistarem seus próprios espaços.

Em sua trajetória, a família Artusi teve o privilégio de acompanhar três grandes fases da evolução na arte de fotografar. Amélia, em suas reflexões, fez uma síntese histórica de sua trajetória na atividade fotográfica, que acompanha a própria história da fotografia. Diz ela que quando começara o exercício da atividade de fotografar, existiam apenas fotografias em preto e branco, capturadas em placas de vidro. A técnica para a confecção das fotografias era especial e dependia, principalmente, da acurada percepção do fotógrafo, uma vez que o resultado do registro somente seria visto dias após o evento fotografado, não permitindo, muitas vezes, refazer o trabalho.

A revelação, tanto da placa de vidro quanto dos filmes fotográficos que as substituíram, era um trabalho manual e feito em local completamente escuro, feito nas madrugadas, pois esse era o único período em que a energia elétrica da cidade não oscilava. Essa também era a maneira de garantir o atendimento aos clientes durante o dia. É importante registrar que, embora o trabalho fosse mais demorado e completamente artesanal, as fotografias daquela época têm grande durabilidade, muitas delas mostrando-se perfeitas, mesmo após decorridos mais de cinquenta anos de sua confecção.

A primeira fase da evolução da fotografia, ocorrida em torno de 1955, deu-se com a chegada dos filmes fotográficos (negativos feitos em filmes gelatinosos), em substituição às chapas de vidro. Essa evolução deu ao processo fotográfico, tanto ao fotografar como na impressão das fotografias, muitas facilidades, tornando-o mais rápido e prático, além de mais acessível.

Dia 30 de dezembro de 1956 na Linha Marchiori. Na foto, da esquerda para a direita: Palmira Bée com a filha Marisa em seu colo, Severino Bée, Angélico Perin e seu irmão na frente, Padre Narciso Zanatta, Padre Guerino Parizotto, Padre Nilo Canal, Abele P. Artuzi. Foto: Arquivo de José Parizotto.

Nessa época, fotografias coloridas somente eram possíveis a partir da intervenção do artista, pintor especializado em rostos humanos, Lauro Schultz. Para a Foto Artusi, o trabalho artístico de colorir as

imagens era feito pelo pintor, que reproduzia as imagens fotografadas. Esse tipo de fotografia era muito apreciado pelas famílias rurais, periodicamente visitadas por Abele, que percorria desde o interior do norte do Rio Grande do Sul até o Paraná, em sua caminhonete Rural. Essas obras de arte cotidiana, se assim podem ser denominadas, em muitos casos são os únicos registros familiares e ainda podem ser vistas em algumas antigas residências rurais de Tapejara e de regiões adjacentes.

Em 1970, ocorreu a segunda fase, marcada pela popularização da fotografia colorida. Nessa época, fazia-se necessário o envio dos negativos, pelos Correios, para serem impressos no laboratório em Curitiba (PR). Nessa época, os clientes aguardavam cerca de trinta dias para a visualização de suas fotos.

No final do século XX, ocorreu a terceira grande fase da evolução na fotografia, definida pela popularização da fotografia digital. Essa, sem dúvida, é a maior mudança e teve como reflexo imediato, além da possibilidade de registro digital das imagens por todas as pessoas, viabilizou a instantânea visualização e divulgação das cenas registradas.

Visando a acompanhar essa mudança, a Foto Vídeo Artusi agregou às suas atividades a fixação de fotografias em quadros moldurados e a obtenção de cenas em movimento, por meio de filmagens em VHS. Em 1996, foi necessário adquirir o primeiro laboratório fotográfico profissional que permitia a revelação de filmes analógicos em uma hora.

Embora os avanços tecnológicos tenham tornado a captura de imagens acessível a todos, isso parece não significar aumento da qualidade dos registros dos fatos históricos das vidas das pessoas. É frequente a notícia de "perdas de arquivos contendo todas as imagens", pois a sua simples visualização nas telas das câmeras fotográficas, dos celulares ou dos computadores não garantem sua existência. Esta somente será obtida pela impressão das fotografias em laboratórios profissionais de qualidade. Assim, visando a atender a essa demanda, em 2005, tanto o laboratório como a forma de aquisição das imagens em movimento da Foto Vídeo Artusi entraram na era digital.

Assim, a Foto Vídeo Artusi fez e faz sua história em Tapejara há mais de 60 anos, registrando muitos fatos e acontecimentos que compõem as histórias das pessoas, do Município e da região.

Em que pese a grande revolução tecnológica ocorrida ao longo dos anos, mantém-se o entendimento de Abele e Amélia Artusi de que a fotografia não é somente a captura de imagens; é, antes de tudo, uma forma de arte onde são capturadas também as emoções, o que se consegue por meio de conhecimento, experiência, perspicácia e sensibilidade do fotógrafo. Com isso, as reportagens de eventos deixam de ser meros registros de fatos e passam a conter o viés artístico, característico de cada profissional, semelhante ao obtido nos estúdios.

Atualmente, são três os estúdios fotográficos conduzidos por membros da família Artusi, os quais, embora localizados em cidades distintas (Tapejara e Erechim, no Rio Grande do Sul, e Primavera do Leste, no MT), primam pela qualidade dos seus trabalhos, que é obtida pelo zelo e pela responsabilidade do exercício profissional e pelo frequente aprimoramento e atualizações obtidas em cursos e participações em feiras, no país e no exterior. Atualmente, são nove membros da família que exercem a profissão como fotógrafo, quatro na cidade de Tapejara, três em Erechim e dois em Primavera do Leste (MT).

- **Foto Moderna**

Por sua vez, Celso Artusi, sobrinho de Abele Artusi, iniciou suas atividades junto com seu tio em meados de 1958, até o final de 1961. Mais tarde, em meados de 1967, instalou e colocou em funcio-

namento a denominada Foto Moderna, localizada na então Rua Onze de Junho, nº 629, atual Rua Ângelo Dalzotto, onde permaneceu até o final de 1977. Em seguida, vendeu para Claudio Gardelin, que permaneceu até a década de 1981.

Divino Biazus adquiriu os equipamentos de, Claudio Gardelin e instalou um estúdio que permaneceu com o mesmo nome, Foto Moderna, até 1985. Em 1986, vendeu os equipamentos para Damião Artusi.

- **Foto Marcolin**

Em meados da década de 80, Vital Marcolin instalou um estúdio fotográfico, em uma peça alugada no prédio da antiga empresa Cocital, na Rua Independência, esquina com a Avenida Sete de Setembro. O estúdio durou aproximadamente cinco anos.

- **Zanatta Studio Fotográfico**

A Zanatta Studio Fotográfico nasceu de um sonho que começou a tomar forma em 1º de novembro de 1985, quando se estabelecia, na Rua do Comércio, a Sharlene Foto. No início, os irmãos Sérgio e Altair Zanatta abriram o negócio, juntamente com Zilmar Lauermann. Com o passar do tempo, em 1996, a empresa passou a pertencer somente à família Zanatta, chamando-se, então, Zanatta Fotos e Filmagens. Hoje, a Zanatta Stúdio Fotográfico está localizada, em sua sede própria, na Rua Independência, 510, e conta com uma equipe de doze colaboradores especializados.

Em Tapejara ainda realizam esse serviço de fotografia o Stúdio Dez, Design Gráfico, entre outros.

AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE E JORNALISMO

- **Orange Design**

A Orange Design iniciou suas atividades no ano de 2007 com a união dos sócios Douglas Sanson Cadini e Igor Spanholi. Está localizado na Rua Santo Canali, 494, sala 105. Desenvolve soluções criativas, utilizando o design como principal ferramenta de marketing. Combina a paixão de estar sempre inovando com uma larga experiência, o que resulta em projetos eficientes, buscando soluções cada vez mais modernas e criativas. Resultados reais e positivos é o objetivo da Orange; por isso, desenvolve relações duradouras e de confiança com seus clientes. Serviços oferecidos:

Identidade visual: design e redesenho de marcas, projetos de identidade visual e padronização visual.

Internet: desenvolvimento de sites e hotsites, programação web, planejamento digital e gerenciamento de redes sociais.

Embalagem: design de embalagens, rótulos, envoltórios, etiquetas e caixas.

Mídia impressa: projeto gráfico de catálogos, folders, panfletos, manuais, revistas e livros.

Sinalização: projeto de fachadas comerciais, sinalização interna e externa, arquitetura comercial, sinalização de veículos e displays.

Campanhas de Marketing: campanhas de vendas, promoções, datas comemorativas, planejamento anual e gestão de marcas.

- **Agência H Propaganda Inteligente**

Fundada no ano de 2008 a Agência H Propaganda Inteligente é um braço da antiga H2A Comunicação, primeira agência de publicidade e propaganda de Tapejara. É especializada em assessoria de comunicação. Seu trabalho resume-se à criação e a ações de marketing e propaganda. Com o conceito de comunicação integrada, que possibilita ampliar a assistência para os mais diversos ramos da comunicação, atua no desenvolvimento de audiovisuais, logomarcas, sites, sinalizações, fachadas, eventos, assessoria de imprensa, marketing de guerrilha, marketing promocional, endomarketing, projetos e ações sociais. Entre outras opções, são serviços prestados seguindo uma estratégia, com estudo de mercado e valorização da visão de negócio do cliente.

Com atuação também na área de marketing político, a Agência H foi responsável pelas campanhas vitoriosas de: Seger Luiz Menegaz (PMDB), como Prefeito de Tapejara, em 2008 e 2012; Ederildo Paparico Bachi (PDT), como Prefeito de São João da Urtiga, em 2012; e Tharles Simioni (PPS), como vereador de Sertão, em 2012.

No ramo privado, a Agência H realiza e realizou campanhas publicitárias em nível local e estadual para clientes como Adubos Coxilha, Agrodanieli, Supermercado Danieli, Implemaster, SBR Suínos Brasil, Faculdade Anglicana Tapejara, Cia. da Moda Homem, ACISAT, Postos Kaninha, dentre outros.

A equipe da agência conta com profissionais das áreas de comunicação e design. Em 2015, a equipe está formada pelo proprietário, publicitário Henrique Sebben (com experiência também em rádio e jornalismo), a relações públicas Juliana Sebben, o designer Michael Boff, a jornalista Márcia Chaves Tadiotto e o estagiário, no setor de publicidade e propaganda, Guilherme Teixeira Slongo.

- **Openmark Marketing**

A Openmark Marketing, agência de publicidade, propaganda e marketing, foi fundada em 2008. A agência já ganhou diversos prêmios e conta com grandes casos de sucesso em sua história. “Acisat: Empreender Sempre” e planejamento de mídia da campanha “Asfalto Urgente”. A Openmark atua, principalmente, na região Norte do Rio Grande do Sul, prestando assessoria para empresas do setor público e privado, além ser reconhecida no ramo de pesquisas.

A Openmark sempre teve forte compromisso com a questão social, criando marcas e campanhas, gratuitamente, para escolas e entidades de Tapejara e região, como, por exemplo, a campanha “Ajudar é Preciso”, para a arrecadação de doações junto a empresas e comunidade para o Hospital Santo Antônio, de Tapejara.

Atualmente, a agência tem a sua frente seu sócio fundador, o empresário Aroldo Barizon; sua principal atuação no mercado regional acontece juntamente com a empresa Parrla Loading Future, desde 2014.

- **Fonte Comunicação**

A Fonte Editora de Comunicação Social Ltda. foi criada em 9 de maio de 2008. Com sede em Tapejara, presta assessoria de comunicação social para instituições governamentais, empresariais e cooperativas, com ênfase em jornalismo político e assessoria de imprensa. A empresa foi fundada pela jornalista Elaine Fontana e tem como sócia proprietária Sueli Terezinha Fontana. O escritório está localizado na Rua do Comércio, 1.712.

- **Cubo Comunicação Integrada**

Em 2012, surgiu a ideia de abrir uma agência em Tapejara: a Cubo Comunicação Integrada. Primeiramente, com alguns pequenos trabalhos desenvolvidos de forma caseira e sem um ponto fixo de referência. Com a crescente demanda de trabalhos, a equipe decidiu que precisava de um local para realização e para atender os clientes. No final de 2012, os sócios Rubens Martinello e Rafael Cerezolli instalaram seu primeiro local fixo em um dos cômodos da casa do sócio Teilor Fianco.

Com o passar do tempo decidiram que precisavam de um novo espaço para a realização dos trabalhos. Em fevereiro de 2014, instalaram-se na sala 202 do Edifício Profissional Center, no Centro de Tapejara. Um local amplo, de fácil localização e que possibilitou dar uma nova cara à Cubo Comunicação Integrada. Nesse local, os objetivos são maiores e a capacidade de cada um aumentou, já que estão desenvolvendo, cada vez mais, a capacidade profissional e expansionista no sentido de abrir campo para novos trabalhos.

- **Grafmaster**

A Grafmaster foi fundada no dia 21 de março de 2014 por Tiaraju de Almeida. Está localizada na Rua do Comércio, 733, Ed. Monte Carlo, sala 204. Realiza produção gráfica, editoração e diagramação de revistas e jornais.

Referências

ANOTA. Tapejara: Jornal *A Nota*, 2005.

BAGGIO, Valter Valentim. *História da Paróquia Nossa Senhora da Saúde de Tapejara e outros*... Tapejara, 25 nov.1999.

BARBOSA, Fidélis Dalcin. *O Pe. Zanatta e Nossa Senhora Consoladora de Ibiaçá*. Porto Alegre: Estef, 1985.

BOGONI, Jurandir. Airton: o esporte representa para mim: saúde, disciplina e lazer. *O Tapejarense,* Tapejara, v.3, n.31, p. 8, fev. 1983.

_____. No ar Rádio Tapejara. *O Tapejarense*, Tapejara, v.2, n.29, nov. 1982.

DALLAGASPERINA, Domingos. A caixinha mágica que encantou Tapejara nos anos 40. Revista *Perfil*, Tapejara, v.23, n. 23, p.63-64, jun. 2013.

DURKES, Ricardo Telló. *O* boom *rodoviário nas cercanias de Passo Fundo* (1972-1975). Passo Fundo: Arquivo Histórico Regional.

FOLHA REGIONAL. *Tapejara – Ibiaçá – Água Santa*. Tapejara: JB Produções Culturais, 1991-1992.

GAZETA REGIONAL. Tapejara: Odacir José Dalmina, 2002.

INFORMATIVO REGIONAL. Tapejara: Gustavo Slongo, 2008-.

JORNAL O CAIOBÁ. Tapejara: Rádio Jornal Caiobá, 1993- .

MARSIGLIO, Hélio. Depoimento. 2012. apud PARIZOTTO, Guilherme Vedana. *Rádio-poste: um meio de comunicação na Paróquia Nossa Senhora da Saúde de Tapejara, RS*. 2014. 43 f. Monografia (Bacharel em Jornalismo). Curso de Jornalismo. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2014.

NEUBERGER, Rachel. O rádio na era da convergência das mídias*.* Cruz das Almas: EDUFRB, 2012 apud PARIZOTTO, Guilherme Vedana. *Rádio-poste: um meio de comunicação na Paróquia Nossa Senhora da Saúde de Tapejara, RS.* 2014. 43 f. Monografia (Bacharel em Jornalismo). Curso de Jornalismo. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2014.

NOVO TEMPO. Tapejara: Rodinei Agostini, 1999-.

O TAPEJARA. Tapejara: Editora Tapejara, 1978-1979.

O TAPEJARENSE. Tapejara: Empresa Tapejarense de Publicidade, 1980-1984, 1990-1991.

PANORAMA, Tapejara, v. 1, nº1, Tapejara 15 de janeiro de 1975.

PARIZOTTO, Guilherme Vedana. *Rádio-poste: um meio de comunicação na Paróquia Nossa Senhora da*

Saúde de Tapejara, RS. 2014. 43 f. Monografia (Bacharel em Jornalismo). Curso de Jornalismo. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2014.

RÁDIO CAIOBÁ. *Equipe.* Disponível em: <http://www.100e7.com.br/site/ public/equipe>. Acesso em: 28 jan. 2015.

RÁDIO TAPEJARA. *Equipe da Rádio Tapejara*. Disponível em: . Acesso em: 27 jan. 2015.

REALIDADE TAPEJARENSE. Tapejara: Manoel Lourenço Graiz, 1983.

SPANHOL, Itamar Antonio. *Os primeiros veículos de imprensa impressos em Tapejara – 1975-1995*. Porto Alegre, maio 2010. 80 p. Mimeografado.

TAPEJARA. Câmara Municipal de Vereadores. *Consolidação das Leis Municipais*. Tapejara, 2004-2007.

TELEFONIA: sistemas analógicos e digitais. Disponível em: <http://www3.fsa.br/ localuser/Eletronica/ carlos.viana/sist_telefonicos/apresentacoes/_T1_SIST_A_D.pdf >. Acesso em: 8 jan. 2014.

Capítulo 14

Entidades, Sindicatos, Associações e Grupos

ENTIDADES

Tapejara é composta de diversas entidades, sindicatos, associações, institutos e grupos que trabalham em prol da comunidade tapejarense e lutam por seus ideais. Na sequência, você poderá conferir um pouco da história de cada uma dessas instituições.

- **Lions Clube de Tapejara**

Excursão do Clube para Caxias do Sul numa reunião de clubes da governadoria do Distrito. A foto foi tirada numa rua no centro de Caxias do Sul durante o desfile dos clubes, em 1966. De pé, da esquerda para a direita: Antonio Vieira Borba, Catharina Borba, Euclides Bertoglio, Domingos Seco, Lucer Seco, Maria Basso, Alceu Basso, Maria Muxfeldt Basso, João Cadore, Merci Cadore e Darci Bordignon; agachados: Domingos Luiz Dallagasperina, Mario Doring e Celso Basso. Foto: Arquivo de Domingos Luiz Dallagasperina.

No dia 7 de março de 1964, era fundado o Lions Clube de Tapejara, num momento de profundas transformações no Brasil e no mundo. Pertence ao Distrito L-7, tendo como clube padrinho o Lions Clube de Getúlio Vargas. A fundação do clube veio preencher, também, uma necessidade social, porque

a comunidade, pequena, necessitava de uma entidade que oferecesse uma alternativa para o desenvolvimento cultural e social. O evento ocorreu nas dependências do antigo Clube Comercial, com a presença do Companheiro Leão (CL) Eduardo Antonio Reginatto, Governador do então Distrito L-7, médico, residente em Veranópolis. Foi uma solenidade simples, em que os vinte e dois recém-nomeados sócios juraram fidelidade ao movimento.

Foram considerados sócios fundadores: Affonso Muxfeldt, Alceu Basso, Ângelo Ughini, Ântônio Vieira Borba, Arthemio Antonio, Celso Basso, Cícero Domingues, Darcy Bordignon, Domingos Secco, Eugênio Zanatta, Nicolau Cássio Zimmermann, Genésio Col Debella, João Roman Vieda, José Maria Vigo da Silveira, Johnny Dorval Zoppas, Julio Ferreira, Pe. Luiz Broetto, Mario Dal´Pont, Miguel Tabbal, Severino Dalzotto, Tranqüilo Basso. A primeira Diretoria foi constituída por: Presidente, Darcy Bordignon; 1º Vice, Miguel Tabbal; 2º Vice, Padre Luiz Broetto; 3º Vice, Nicolau Cássio Zimmermann; 1º Secretário, Arthemio Antonio; 2º Secretário, Johnny Dorval Zoppas; 1º Tesoureiro, Domingos Secco; 2º Tesoureiro, Nelson Zanatta; Diretor Social, Genésio Col Debella; Diretor Animador, João Roman Vieda.

A primeira campanha foi em março do mesmo ano da fundação, com a entrega de caixas de giz às escolas municipais. Também foi realizada uma campanha de agasalho para estudantes pobres das escolas da cidade.

Em 21 de junho de 1964, o clube recebeu a Carta Constitutiva, o reconhecimento da Associação Internacional como um Clube de Lions. Foi uma festa memorável, pois partilharam, com a comunidade, uma série de eventos naquele dia, inclusive com apresentação da banda marcial.

Um acontecimento que merece registro foi a proibição de efetuar jantares no antigo Clube Comercial, sob a alegação de que aquela era uma casa para homens e a Diretoria não admitia que mulheres entrassem nas dependências, a não ser em bailes. Tiveram que realizar as reuniões no Colégio Medianeira, que naquele tempo era dirigido pelas Irmãs de Notre Dame. Após um certo período, voltaram ao clube.

Atividade exitosa foi a realização dos Bailes do Chopp, iniciados em 1970 e que tiveram trinta e cinco edições contínuas. A coordenação foi realizada pelo CL Johnny Zoppas desde o início. Os recursos arrecadados foram doados à construção do Centro Comunitário Paroquial. Com o tempo, consolidava-se o conceito do clube na comunidade.

Em 1992, fundaram o Leo Clube, formado por jovens da comunidade, a fim de formarem novas lideranças e criar responsabilidade. Mais tarde, patrocinaram o Leo Clube de Ibiaçá. Em 1992, construíram sua sede própria, ideia do CL Luis Carlos Moritzen, inaugurada pelo Governador Jorge Lisboa Goelzer. O terreno foi uma doação do saudoso CL Affonso Muxfeldt e sua esposa, hoje CªL Serenita D. Muxfeldt.

Em 1993, numa iniciativa pioneira, o clube patrocinou a candidatura do CL Celso Basso para Governador do então Distrito L-22, composto por mais de 70 clubes da região norte do Estado. Já em 2003, era a vez da CªL Maria Muxfeldt Basso ser conduzida à Governadoria do Distrito LD-7, então com mais de 80 clubes; foi a primeira mulher a ser Governadora.

Sede do Lions Clube de Tapejara. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

• LEO Clube Tapejara

O LEO Clube é uma entidade que existe em mais de 140 países do mundo. Os associados ou Compaheiros LEO, assim chamados no movimento, realizam atividades em prol da cultura, da cidadania e outras mais, ampliando seus conhecimentos e horizontes através da dedicação ao serviço filantrópico, reunindo atualmente mais de cento e sessenta mil jovens pelo mundo. Hoje o LEO Clube já é o maior movimento de serviço voluntário jovem do mundo.

O LEO Clube Tapejara foi fundado em 1992 e pertence ao Distrito LEO LD-7, e é um dos clubes fundadores desse Distrito. Tem, atualmente, vinte e nove associados ao movimento, que dão continuidade a uma história que completará 25 anos de LEO Clube no Município, executando diversas atividades juntamente com o Lions Clube Patrocinador. No Ano Leoístico 2014/2015, o LEO Clube Tapejara traz como lema "Servir com alegria, Liderar com comprometimento", enfatizando o comprometimento adquirido pelos jovens por meio do servir.

• Lions Clube Tapejara Mulher

O Lions Clube Tapejara Mulher foi fundado em 29 de julho de 2004, o ano leoístico da Governadora do Distrito LD7, Maria Muxfeldt Basso. Desde o primeiro ano de sua fundação, o Lions Clube Tapejara Mulher, em parceria com a Prefeitura Municipal de Tapejara, pela Secretaria da Saúde, realiza a Feira da Saúde, sempre no mês de março, em comemoração ao mês da mulher.

O objetivo é proporcionar à população tapejarense o acesso aos serviços oftalmológicos do Hospital de Olhos de Passo Fundo, que é mantido pelos Lions Clubes da região que fazem parte do Distrito LD7; assim as consultas são subsidiadas pelos Lions, ficando com preços mais acessíveis às pessoas. O Lions Clube Tapejara Mulher é um clube de serviços sem fins lucrativos, fazendo serviços voluntários em benefício da comunidade tapejarense.

• Câmara Júnior Tapejara

A JCI Tapejara foi fundada no dia 16 de outubro de 1981, data memorável para os trinta e seis fundadores, que viram na JCI, então denominada Câmara Júnior de Tapejara (Cajutap), uma oportunidade de crescimento pessoal e de aprendizado para que a liderança fosse além das paredes, até o momento, imaginárias da entidade. No dia 15 de maio de 1982, nas dependências do Clube Comercial, foi realizada a posse de sua primeira Diretoria, a qual ficou assim constituída: Presidente, Julio Debastiani; Vice-Presidente, José Sandini Filho; Secretário de Correspondência, Odil Leo Bianchini; Secretário de Atas, Renato Eidelwein; 1º Tesoureiro, Nelson Sebastião Perdoná; 2º Tesoureiro, Moisés Moro.

Na oportunidade, por moção apresentada pela CAJUTAP, foi eleito o patrono da entidade, na pessoa de José Cerilo Soares, pelo seu desempenho e dedicação em prol da criação da Câmara Junior em Tapejara, sendo agraciado pelo Presidente Estadual da Câmara Júnior, Paulo Duarte, com um distintivo especial da Câmara Junior (CÂMARA... , 1982).

O evento contou com a presença do Presidente da Câmara Júnior do Rio Grande do Sul, Paulo Duarte, representantes das Câmaras Júnior de Novo Hamburgo, Lajeado, Caxias do Sul, Arvorezinha, Rodeio Bonito, Palmeira das Missões e Soledade. Estava representado o Estado vizinho, Santa Catarina, pelos Municípios de Maravilha e Chapecó, além de São José do Ouro, padrinho da entidade tapejarense. Esteve presente Roni dos Santos, Vice-Presidente da Área – Setor 7, de São José do Ouro.

Prestigiaram o acontecimento as seguintes autoridades locais: Vereador Silvino Bernardo Lamb, representando o Prefeito Municipal; Vereador Vitalino Calegari, Presidente da Câmara Municipal de Vereadores; Padre Valter Valentim Baggio, Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Saúde; Johnny Dorval Zoppas, Presidente do Clube Comercial; Gessil Sanson, Presidente do Lions Clube Tapejara; Domingos Secco, Gerente do Banco Sulbrasileiro; Genésio Col Debella, Gerente da Caixa Econômica Estadual; Maria Muxfeldt Basso, Presidente da LBA local; Sady Stein, Presidente da Fundasul.

A entidade completa, neste ano de 2015, 34 anos de fundação. Está localizada na Rua do Comércio, 1.615, ao lado da Escola Fernando Borba. No decorrer do tempo, teve vários significados para cada um que passou por ela, de forma anônima ou reconhecida. Oportunizou crescimento, modificou a forma de pensar, de agir. Todos os que por ela passaram reservam boas lembranças de momentos de superação. Observa-se, conversando com quem participou ou participa, que o segredo que faz com que a JCI seja uma entidade com membros tão apaixonados é o companheirismo; as amizades vão muito além das paredes da sede, justamente porque essa organização é feita de pessoas que se dispõem a aprender, que querem fazer mais pelo mundo em que vivem e sabem que para isso é preciso fazer exatamente o que Mahatma Gandhi ensinou: "Temos de nos tornar na mudança que queremos ver".

No início, a Câmara Júnior (Cajutap) aceitava apenas homens; depois de uma moção apresentada em duas ocasiões, por ter sido reprovada na primeira, foi que as mulheres puderam fazer parte dessa organização; a JCI Tapejara foi uma das primeiras a incentivar as mulheres a liderarem na comunidade. Muitas são as histórias que podem ser ouvidas com os passados presidentes ou até mesmo com ex-membros juniores. A carta de princípios citada em pé e com emoção é a demonstração de que acreditar em valores move o cidadão a promover mudanças positivas na sociedade e, principalmente, em si.

A JCI é uma associação mundial de pessoas jovens de dezoito a quarenta anos de idade, que buscam no aprimoramento individual as bases para o desenvolvimento de suas comunidades. A JCI não tem cor racial, religiosa ou política e tem sido definida como "uma organização educacional suplementar", na qual os jovens de uma comunidade podem associar-se dentro de um espírito de companheirismo e

compreensão para desenvolver uma consciência cívica em seus membros, através de uma participação ativa em projetos construtivos que beneficiam a comunidade. A JCI congrega mais de duzentos mil jovens em cento e dez países e territórios. As organizações locais (capítulos) estão espalhadas por mais de seis mil comunidades.

• Senadores

O Título de Senador JCI é uma homenagem que pode ser outorgada a membros e ex-membros da Organização Júnior. É um título vitalício e serve para reconhecer juniores que prestaram relevantes serviços à JCI local, nacional ou internacional. Os Senadores da JCI Tapejara são:

Julio Debastiani	Telmir Langaro	Claudio Biasi
Ildo Costella	Luciano Zanchetta	Daniel Graminha Vieira
Itacir Bée	Vanize Roman	Volnei Magni
Vagner Fontana	Voltaire Roman	Odi Leo Bianchini

Fotos da primeira reunião plenária, no dia 16 de outubro de 1981, no Clube Comercial. Foto: Arquivo da JCI.

O primeiro Presidente, Julio Debastiani, destacou que "A Câmara Júnior mudou muito a minha vida, pois comecei a ver as coisas sob outro ângulo, tendo em vista tudo o que aprendia no dia a dia, especialmente em se tratando de pessoas, trabalho e família. Comecei a me organizar melhor e tratar as pessoas que me cercavam de forma mais amável e amigável. Um dos fatos marcantes que vi durante a gestão é que as pessoas que iniciaram a Câmara Júnior simplesmente começaram a mudar o rumo de suas vidas e viram nessa entidade uma grande oportunidade de crescimento, seja pessoal, profissional e na própria família, e, além do mais, pelas grandes amizades."

Alguns dos projetos desenvolvidos pela JCI Tapejara nesses trinta e quatro anos são: Projeto Grenal Dia do Trabalhador; Projeto Capacitação de Lideranças Comunitárias (CLC); Projeto Oratória nas Escolas; Projeto Espaço Gestão; Projeto Estar Bem; Projeto #Partiu; Projeto Debate Universitário; Projeto Bingo Jantando com a Sorte; Projeto Guia Telefônico; Projeto Titãs da Arte; Projeto Saúde da Criança, dentre muitos outros.

Fachada atual da sede. Foto: Arquivo da JCI.

Posse da Gestão 2015.

• Presidentes:

Julio de Bastiani	*1981 a 1983*	*Vagner Fontana*	*2000*
José Sandini Filho (em memória)	*1984*	*Cláudio Biasi*	*2001*
Ramir Zulian	*1985 e 1988*	*Luciane Valdivia e Volnei Magni*	*2002*
João Pedro Nicolodi	*1986*	*Daniel Graminha Vieira*	*2003*
Odil Leo Bianchini	*1987*	*Volnei Magni*	*2004*
Luciane Ghidini	*1989*	*Luciano Zanchetta*	*2005*
Edemar Rigo e João B. Duranti	*1990*	*CristianeDienstmann*	*2006*
João B. Duranti	*1991*	*Marluza Gasparin*	*2007*
Jorge Luiz Siebert	*1992*	*Laurimar Coronetti*	*2008*
Ildo Costella	*1993*	*Rosandra Fortunato*	*2009*
Luiz Arcangelo Girardi	*1994*	*Adriana Sachetti*	*2010*
Helena Marisa Costella	*1995*	*Édina Pereira*	*2011*
Joel Perera	*1996*	*Josiane Gregoleti*	*2012*
Almir Ficagna	*1997*	*Marcelo Zanchetta*	*2013*
Vanize Roman	*1998*	*Wagner L. Bee*	*2014*
Itacir Bée	*1999*	*Fernando Marcon*	*2015*

• Loja Maçônica “Senhor dos Caminhos”

No dia 22 de março de 1982, foi criado, em Tapejara, o Triângulo Maçônico “Senhor dos Caminhos”. A primeira Diretoria ficou composta pelo Presidente, José Cerilo Soares; Primeiro Vice-Presidente, Lorinaldo Waldereys Veloso; Segundo Vice-Presidente, Helio Schmidt. A ordem maçônica é uma associação de homens esclarecidos e virtuosos que se consideram irmãos entre si e cujo fim é viver em perfeita igualdade, intimamente ligados por traços de recíproca estima, confiança e amizade, estimulando-se uns aos outros na prática da virtude. Em 1988, foi elevado para Loja Maçônica “Senhor dos Caminhos”. A sede está localizada na Rua Júlio Castilhos, 127.

As principais atividades desenvolvidas são: professar o culto ao Grande Arquiteto do Universo, que é Deus, defesa de direitos sociais, vivência em igualdade, estima entre si e estimulação para o bem e a prática da virtude.

O atual venerável mestre é Armindo Vilson Damm. Os Past Masters (ex- veneráveis): José Cerilo Soares, Lorinaldo Waldereys Rodrigues Veloso, Romeu Brum Ferreira (em memória), Johnny Dorval Zoppas, Silvino Bernardo Lamb, Nelson Sebastião Perdoná, Murilo Sbardelotto Bée, Osmar Bortolotto, Celso Basso, Mario Rodrigues Blaya, Osmar Angelo Lodi, Gilberto Ernesto Tomelero, Luiz Arcangelo Girardi (Canjo) e José Eugenio C. Carvalho.

O quadro social ativo é composto por 48 membros. Há também participação em outras lojas: Loja Filosófica de Perfeição Harmonia dos Orientes, de Sananduva, São José do Ouro e Tapejara.

Instalações internas da Loja Maçônica Senhor dos Caminhos, de Tapejara. Foto: Arquivo de Armindo Vilson Damm.

• Círculo Trentino Di Tapejara

A Associação do Circolo Trentino di Tapejara é uma entidade sem fins lucrativos. Foi fundada em 5 de abril de 2004, pois percebeu a necessidade de resgatar os costumes, valores e assim cultivar as raízes dos antepassados, os imigrantes italianos. O lema é: "Somos frutos de um sonho imigrante".

A sociedade é formada por descendentes de imigrantes italianos originários da Província de Trento. Cabe destacar os fundadores da Associação: Suzana Pertile, Mirian Manica Fontana, Deneide Piffer Pasquali, Enio Broch, Neusa Leão Broch, Itamar José Broch, Salete Coronetti, Marilene Miorando, Odila Helena Miorando, Marinez Miorando, Rita Manica Rodigheri, Lelia Langaro Manica, Marinês Canali Manica, Verginia Manica, Gasperina Rombaldi Manica, José Rombaldi Manica, Angelica Bortolini Manica, Liane Favreto Miorando, Estela Manica, Fatima Manica, Silvana Oliboni Manica, Ângelo Rombaldi Manica.

A Diretoria eleita e empossada na data da fundação da entidade ficou assim constituída: Presidente, Miriam Manica Fontana; Vice-Presidente, Enio Broch; Secretária, Suzana Pertile; Tesoureira, Estela Manica; Diretora de Educação e Cultura, Daneide Piffer Pasquali; Diretor Social, José Rombaldi Manica; Vogais, Itamar José Broch e Marilene Miorando. Está localizada na Rua do Comércio, 1.372. Os principais objetivos são: promover, incentivar e manter intercâmbios culturais, científicos, artísticos e econômicos com o regido Trentino Alto-Adige e com suas cidades, especialmente donde vieram os antepassados do povo de origem trentina, bem como com cidades gaúchas e brasileiras habitadas por descendentes de trentinos. Também incentivar e manter a preservação das tradições, dos costumes e das festividades dos antepassados, dedicando-se também ao ensino e ao cultivo da língua italiana, dialetos, além de preservar o patrimônio histórico-cultural, com a criação de museu, coral, grupo de teatro, bem como promover encontros culturais, festividades e atividades com a participação dos associados. O objetivo maior, como Circolo Trentino Di Tapejara, é o de resgatar e transmitir a história e os valores da cultura italiana.

O Circolo Trentino di Tapejara realiza atividades como viagens culturais, participa de eventos culturais e escolares que resgatam a cultura italiana, palestras, desfiles, além de um jantar típico anual, aberto a toda a comunidade, que está inserido no calendário de eventos do Município de Tapejara. As seguintes famílias fazem parte: Broch, Coronetti, Dalri, Fontana, Manica, Marcolin, Melara, Miorando, Pertile, Piffer, Rovani, Scariot e Spagnolo.

Em 30 de novembro de 2004, visitou a cidade de Tapejara um grupo de italianos. Na oportunidade houve um almoço de integração entre os membros da Associação das Famílias Trentinas de Tapejara e os italianos da Província de Trento. Logo após o almoço, o Coral da Escola Fernando Borba fez várias apresentações aos presentes. Em seguida, o grupo dirigiu-se até o Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto para assistir ao show de alguns trios de laço, sendo que na Itália não existe esse tipo de divertimento.

Em 25 de abril de 2005, em reunião dos associados, foi deliberado realizar um jantar e uma Missa nas comemorações alusivas aos cento e trinta anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul. O jantar aconteceu no dia 20 de maio de 2005, no Restaurante Garrincha e a noite foi animada pela cantora Elaine Fontana. A Missa aconteceu no dia 22, na Igreja Matriz de Tapejara.

Aconteceu no dia 15 de julho de 2006 a Serenata Italiana no Centro Comunitário Paroquial de Tapejara. O evento foi organizado e promovido pela Família Trentina e o Lions Club Tapejara. Houve, primeiramente, uma Missa toda em italiano, presidida pelo Padre Domingos Perguen e, em seguida, os participantes foram acolhidos no Centro Comunitário Paroquial.

Em meados de abril de 2013, Olinto e Adelina Melara doaram um terreno para o Circolo Trentino de Tapejara para construir sua sede, localizado na saída para Passo Fundo.

Presidentes

2004 – Miriam Manica Fontana
2006 – Virgínia Manica
2008 – Ênio Broch
2010 – Vimar Coronetti
2012 – Daneide Piffer Pasqualli
2014 – Silvana Manica

- **Hino do Circolo**

"Circolo Trentino di Tapejara Cultivando la Cultura Italiana,
In Nostre Venne Sangue Italiano,
In Nostro Cuore Amore Brasiliano.
Sempre Cantando, Dialeto Parlando, Stórie a
Contar Antepassati Ricordar."

Circolo durante o desfile de Sete de Setembro, em 2014. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

SINDICATOS

- **Sindilojas do Nordeste Gaúcho**

O Sindicato do Comércio Varegista de Tapejara (Sindilojas) foi fundado em 14 de junho de 1999. Desde a sua fundação o Sindiloja atua junto aos Poderes Públicos nos âmbitos municipal, estadual e federal, tendo participação em comissões públicas, entre as quais: a Comissão do Projeto Asfalto Urgente "a Região não Pode Parar", que iniciou em uma região de Diretoria do Sindilojas e hoje conta com a participação de seus associados e é chamada de Comissão "Restauração da RS 463".

O reconhecimento da atividade sindical ocorreu pela Portaria 343/00, expedida pelo Ministério do Trabalho, em 15 de janeiro de 2004, estando apto a representar pelo regime instituído pela Consolida-

ção das Leis do Trabalho – CLT. Sua sede está localizada na Rua Independência, 279, sala 302, Edifício Comercial Veneza, Centro.

A primeira Diretoria do Sindicato do Comércio Varejista de Tapejara estava assim constituída: Presidente, Valdir Tamanho; 1º Vice-Presidente, Lídio Marcon; 2º Vice-Presidente, Celso Paulo Scariot; 1ª Secretária, Tânia Lúcia Fortunato Bernardelli; 2º Secretário, Eduardo Gardelin; 1º Diretor Financeiro, Mirian B. Pietrobon; 2º Diretor Financeiro, Paulo César Costa Dias; Conselho Fiscal: Cláudio Bianchini, Seger Luiz Menegaz, Edson Rech; Delegados: Carlos Dalzotto e André Caselani; e Assessor Jurídico, Sidney Teixeira.

A entidade é filiada à Federação do Comércio de Bens e Serviços do RS, a partir da qual conseguiram melhorar a entidade com cursos e a participação no Sistema de Excelência em Gestão Sindical, SEGS.

Em abril de 2012, a Diretoria reuniu-se com associados em assembleia para alteração da denominação do sindicato, sendo aprovada por aclamação a alteração da denominação da entidade para "Sindilojas do Nordeste Gaúcho". Essa mudança veio de uma grande demanda da entidade de atendimentos em outras cidades da base, percebendo-se que o sindicato não poderia ficar com o nome restrito à Tapejara. Atendia também os Municípios de Água Santa, Caseiros, Ciríaco, Centenário, Charrua, David Canabarro, Floriano Peixoto, Gentil, Ibiaçá, Maximiliano de Almeida, Muliterno, Paim Filho, Sananduva, Santa Cecília do Sul, São João da Urtiga e Vila Lângaro. Essa nova logomarca chegou para reforçar a atuação do Sindilojas do Nordeste Gaúcho em toda sua base territorial, em conjunto com o Sistema Fecomércio RS e a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – CNC.

A Diretoria do Sindilojas Nordeste Gaúcho para o período de 2014-2018 é assim composta: Presidente, Celso Fontana; Primeiro Vice-Presidente, Odil Léo Bianchini; Segundo Vice-Presidente, Arlindo Marcos Barizon; Vice-Presidente de Finanças e Patrimônio, Mauro Dallagasperina; Diretor de Finanças e Patrimônio, Enio Broch; Vice-Presidente Administrativo, Valdir Tamanho; Diretor Administrativo, Marcos Mello; Diretor do Conselho de Relações de Trabalho, Sirinei Panizzon; Diretor do Conselho de Desenvolvimento de Produtos e Serviços, Janrie Colussi; e Diretor do Conselho de Formação Empresarial, Ramir Zulian. Suplentes da Diretoria: Roberto Luiz Testa, Jone Casamali, Paulo Augusto Bortoloto e Rodrigo Giacomin; Conselho Fiscal Efetivos: Valdir Pietrobon e Lidio Marcon; Suplentes do conselho fiscal: Celso Menegaz e Mateus Gasparin.

• Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Alimentação

Os antecedentes da fundação do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Alimentação de Tapejara contam do sentimento, generalizado, de descontentamento no meio dos trabalhadores no ramo da alimentação nas indústrias da alimentação de Tapejara nos primeiros cinco anos dos anos 2000.

O descontentamento no chão de fábrica local era de uma categoria sem representação e vendo no cotidiano sendo cometidas diversas injustiças contra os trabalhadores. Percebendo essa realidade, um grupo de trabalhadores de Laticínios Bom Gosto, Pietrobon e Agrodanieli em meados de 2009, começaram a discutir e buscar uma alternativa para mudar essa realidade. O grupo foi composto por dois principais líderes: Celso Martins de Oliveira e Josimar Luiz Cechin. Foi necessário um ano de trabalho nos bastidores. O grupo de trabalhadores procurava agir sem ninguém desconfiar de nada, entendendo que, assim como os patrões tem seu Sindicato, os trabalhadores também poderiam organizar-se e ter seu Sindicato para representá-los.

Passou-se um período de silêncio, até começarem as articulações em várias reuniões secretas. Muitos

trabalhadores foram convidados a fazer parte da direção, mas nem todos aceitaram o desafio, pois temiam sofrer retaliações ou perder o emprego. Por isso, os ativistas precisavam ter cautela para fazer os convites e expor seus objetivos. De acordo com Celso, "a cada reunião secreta que tínhamos, estávamos convictos de que teríamos, realmente, um Sindicato dos Trabalhadores em nossa cidade, e que isso ninguém mais nos tiraria".

Logo em seguida, o grupo recebeu o reforço da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação do Estado do Rio Grande do Sul. Os sindicalistas de Carazinho e Sarandi Julio Cezar Carvalho e Alex Antonio Rodrigues contribuíram com as coordenadas, de como era necessário agir, tendo grande contribuição na criação do Sindicato. Por parte da Federação, contribuíram Cairo Fernando Reinhardt, Paulo Madeira e Silvio Ambrózio, que foram fundamentais na fundação do Sindicato da Alimentação.

Após um período de reuniões e de espera, quando já se contabilizavam dezoito pessoas para fundar o Sindicato, faltando três dias para a Assembleia Geral que resultaria na fundação, houve uma última reunião, e seis pessoas desistiram. Foi um momento difícil, com incertezas e dúvidas relacionadas à continuidade do projeto. Depois de uma pausa, as reuniões retornaram com aqueles que haviam permanecido. Eram doze trabalhadores que continuaram a luta com um único propósito.

No dia 7 de agosto de 2010, às 14h, aconteceu uma assembleia no Centro Comunitário do Bairro São Paulo, na qual foi empossada a nova Diretoria para exercer as funções como representantes dos trabalhadores.

Mais de cem trabalhadores participaram da Assembleia que empossou a seguinte Diretoria: Presidente, Celso Martins; Vice-Presidente, Josimar Cechim; Diretores: Hermes da Rosa, Ezequiel dos Santos, Francisco Azevedo, Cláudio Rosa, Valdir Schoffen, Adão Bárbara, Alexandre de Lima, Adão Borges, Cleomar Cechim e Erci Bárbara.

Depois disso é que realmente começou o trabalho para conscientizar os trabalhadores de que agora eles têm representantes e que devem denunciar as irregularidades que ocorrem dentro das empresas no Sindicato e, por outro lado, também conscientizar as empresas de que agora existe Sindicato que atua e fiscaliza as normas da CLT e dos acordos e convenções coletivas.

Hoje, o Sindicato tem nova Diretoria: Presidente, Josimar Luiz Cecchin; Vice-Presidente, Celso Martins, Diretores: Carlos Alexandre Altíssimo, Claudio Rosa, Ezequiel dos Santos, Francisléia Costela, Gisele Beatriz Altissimo, Lissandra Lisch, Margarete Grando, Miguel Ferreira Machado, Renato Dal Zotto, Vanderlei Santos, Francisco de Azevedo, Genesio da Silva, Joni Nascimento, Cleomar Cecchin, Arlindo Pereira e Erci Rodrigues de Barbara.

Também foi reconhecido, oficialmente, pelo Ministério do Trabalho e Emprego, no dia 4 de dezembro de 2014, podendo formalizar diversos acordos coletivos com empresas, como Agrodanieli e Laticínios Bom Gosto e convenções coletivas em nível estadual com outros sindicatos. Destaca-se como conquistas da categoria a Norma Regulamentadora dos Frigoríficos, a NR36, que se tornou fundamental no combate às doenças do trabalho, como as Lesões por Esforços Repetitivos e Doenças Osteoarticulares Relacionadas ao Trabalho, além de promover movimentos e paralisações nas campanhas salariais, a fim de buscar melhores condições à categoria.

Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

• Sindicato dos Comerciários

No dia 11 de agosto de 1984, nascia em Lagoa Vermelha a Associação Profissional dos Empregados no Comércio de Lagoa Vermelha, entidade que mais tarde passou a ser Sindicato. Na época, a legislação obrigava que primeiro se formasse uma associação profissional, para, somente mais tarde, transformar em sindicato. No dia 5 de novembro de 1984, foi recebido o Certificado de Registro da Associação, tendo como diretores: Presidente, Almeri Finger; Secretária, Cleuzana Chilante; Tesoureiro, Juarez Gotardo; Suplentes: Ulisses Zanin, Iane Dameto, Ademir Tormen; Conselho Fiscal: Lauvir do Amaral Souza; Jane Lucia do Amara e Jorge Luiz Strasburger; Suplentes: Benildo Dall'Agnol, Maria Inês Medeiros e Celso Loregian.

No dia 30 de maio de 1986, foi transformada a associação em sindicato, com a extensão da base para os Municípios de Ibiraiaras, Esmeralda, Sananduva, Ciríaco, Ibiaçá e Tapejara, com a seguinte Diretoria: Presidente, Almeri Finger; Secretária, Marlene Segala Zanin; Tesoureiro, Luiz Fernando Gomes Hoffmann; Segundo Secretário, Augusto Mello da Silva. Suplentes de Diretoria: Olivia Fonseca, Nivaldo Finger, Dorildes Nunes de Lima e Jane Lucia do Amaral. Conselho Fiscal: Ulisses F. Zanin, Genoar B. do Amaral, Rosa Maria C. Hoffmann. Suplentes do Conselho Fiscal: Elza Cordeiro da Silva, Agenor Lunelli e Antonio Adelar Scheidt.

Na época, o Sindicato foi criado porque os trabalhadores eram obrigados a trabalhar no sábado à tarde e os comerciários queriam o chamado Sábado Inglês, ou seja, não trabalhar nos sábados à tarde. Foi uma grande luta até conseguir, em Lagoa Vermelha, a Lei Municipal 3.411, de 10 de novembro de 1988.

Além dessa luta, o Sindicato, junto com a Federação dos Trabalhadores no Comércio do Rio Grande do Sul (Fecosul), teve outras tantas, tais como: a luta por uma constituição com mais direitos aos trabalhadores, onde teve diversos avanços; redução da jornada de trabalho de quarenta e oito para quarenta e quatro horas semanais, cento e vinte dias de licença-maternidade, cinco dias ao pai quando do nascimento do filho, entre outros.

A luta continua, hoje, pela redução da jornada de trabalho para 40h semanais, fim do fator previdenciário, pela não aprovação da PL 4.330, fim da discriminação da mulher e, com força, luta-se pelo fim do trabalho aos domingos. O Sindicato em Tapejara e outros Municípios tem uma luta muito grande pelo fim do trabalho aos domingos, pois entendem que domingo é dia de trabalhar o amor, a família, o afeto.

Em Santa Maria, um Município bem maior, hoje, existe um acordo para que os mercados e supermercados não abram aos domingos e feriados, e por algum tempo conseguimos fazer isso em Tapejara, porém um mercado recusou-se a continuar com o acordo.

Entendem que se tiverem um horário estipulado e que este seja divulgado amplamente, não tem necessidade de os mercados abrirem nos domingos, ficando apenas os mercadinhos de família abertos, o que daria um fôlego financeiro a estes e de forma alguma os grandes mercados seriam prejudicados. O Sindicato atua em Tapejara na Rua do Comércio, 1.183, sala 101, Centro, tendo como funcionária Amanda da Silva Risson.

A Diretoria atual do sindicato é a seguinte:

Presidente: Almeri Finger de Castro

Vice-Presidente: Marlene Segalla Zanin

1ª Secretária: Neusa Gresana

2ª Secretária: Simone Dalposso

1º Tesoureiro: Rogério Teixeira Barriquiel
2º Tesoureiro: Claudia Cirino Borges
Diretor Social: Luiz Carlos de Moraes
Conselho Fiscal: Doraci Antunes da Silva, Dorildes de Lima e Claucia de Fátima Stra
Suplentes: Ailton Paulo Fernandes Borges e Nédio Lopes da Silva
Delegados Federativos: Almeri Finger de Castro e Marlene Segalla Zanin
Suplentes de Delegado Federativo: Rogério Teixeira Barriquiel e Claucia de Fátima Stra.

Membros da Diretoria. Da esquerda para a direita: Doraci A. da Silva, Luiz Carlos de Moraes, Gilmar Moreira, Francieli Ourique, Rogério Teixeira Barriquel, Dorildes de Lima, Neusa Gresana, Almeri Finger de Castro, Marlene Segalla Zanin, Simone Dalposso, Ana Eleci de Bispo, Claucia Strada. Foto: Arquivo da Divulgação.

• SINSEPT

O Sindicato dos Funcionários e Servidores Públicos do Município de Tapejara (SINSEPT) foi fundado em 13 de maio de 2000, tendo como primeiro Presidente o sócio Alcir Antonio Bianchi. Também presidiram a entidade os seguintes sócios: Itamar Maschio, Acir Luiz Guidini, Marta Miotto e o atual Presidente Sedenir Bianchi.

Dentre as várias finalidades que regem o Estatuto do Sinsept, o sindicato tem como luta maior defender o associado e buscar os devidos valores e necessidades diante do Poder Executivo, bem como nos direitos trabalhistas e na hora do dissídio coletivo.

Possui sede social contendo um pavilhão e um campo de futebol 7, todo cercado e iluminado. Atualmente, seu quadro social conta duzentos e sessenta sócios; só podem fazer parte do sindicato funcionários concursados.

• Rotary Clube

Fundado em 29 de março de 2010, o Rotary Club de Tapejara é uma entidade beneficente, sem fins lucrativos. Uma organização de executivos e profissionais, unidos no mundo inteiro, que prestam

serviços humanitários, fomentam elevado padrão de ética em todas as profissões e ajudam a estabelecer a boa vontade e a paz no mundo.

O Rotary de Tapejara, em parceria com toda a comunidade tapejarense, trabalha no ideal de servir criando projetos e desenvolvendo-os dentro da cidade. Dentre os projetos, destacam-se: o Banco de Perucas Oncológicas, que consiste no empréstimo totalmente gratuito de perucas para mulheres que estão em tratamento contra o câncer; o Banco Ortopédico, que consiste no empréstimo de aparelhos ortopédicos para diversas situações (cadeiras de rodas, cadeiras de banho, andadores, nebulizadores, muletas, botas ortopédicas, entre outros); a Biblioteca Itinerante, composta de livros de literatura infantil para crianças do primeiro ao quinto ano, que passa pelas escolas de nossa cidade, incentivando a leitura. As reuniões são realizadas, semanalmente, nas quintas-feiras, na sala 5, térreo do Salão Paroquial, na Rua Júlio de Castilhos.

Integrantes do Rotary Clube. Foto: Arquivo do Rotary Clube.

ASSOCIAÇÕES

• Associação Rural

Em meados de 1960, por iniciativa de Affonso Muxfeldt, era criada a Associação Rural. A entidade tinha a finalidade de proporcionar aos seus associados, condições de acesso à aquisição de sementes de trigo, milho, feijão, verduras, alface, repolho, e legumes, como beterraba, cenoura, tomate e outras, selecionadas, por custo mais acessível.

A sede da Associação era numa casa de madeira mandada construir por Affonso, localizada nas

Vinda de José para Tapejara para trabalhar na Associação na década de 1960. Fonte: Arquivo de Berta Alebrant Hanel.

proximidades do atual prédio da Cimisa, nos altos da Av. 7 de Setembro. O estabelecimento abria suas portas nas primeiras horas da manhã e encerrava suas atividades no final da tarde.

Para atender o quadro de associados foi convidado José Francisco Hanel, casado com Berta Alebrant Hanel, residente na Cachoeira Alta. Berta conta que, por volta da metade de 1960, receberam a visita em sua casa de Affonso Muxfeldt, que, na ocasião, convidou seu marido, José, para vir morar na cidade e trabalhar na sede da Associação.

Entre os primeiros associados estavam Simon Hanel, Jacob Peter, Alfredo Peter, Waldemar Vilibaldo Lamb, Oscar Bruch, Arlindo Lamb, Erico Ressel, Júlio Spanhiols, Theodoro Koch, Augusto Ulhein, Teodoro Stork, Teodoro Wolff, Albino Ritter e outros.

De acordo com Berta, seu marido trabalhou na Associação até por volta de 1968, quando eram encerradas as atividades da entidade. Ele recebeu como indenização pelos serviços prestados o prédio, o terreno e alguns móveis.

Mais tarde, o terreno era vendido para Hermínio Paulino Pozzer. Berta conta que no Cartório, antes de assinar a transferência do imóvel para Hermínio, fez uma exigência: somente assinaria se o comprador garantisse trabalho para o marido e seu filho Darci. O comprador assumiu o compromisso. Depois de construído e colocado em funcionamento o estabelecimento fabril de Hermínio, José e seu filho Darci eram chamados para trabalhar. José permaneceu na firma até o final de 1978 e o seu filho Darci permanece até os dias atuais.

• Associação Municipal de Pais e Mestres de Tapejara

A Associação Municipal de Pais e Mestres de Tapejara foi criada no dia 1º de junho de 1969, pela primeira Diretoria das Escolas Municipais, sendo assim constituída: Presidente – Ernesto Canali; Vice-Presidente – Vicente Lourenço Gusatto; Secretário – Christiano Melara; e Tesoureiro – João Vitório Capra.

• Acisat

A Associação Comercial, Industrial e Agropecuária (Acisat) é uma entidade civil, sem fins lucrativos, que congrega as pessoas físicas e jurídicas e profissionais liberais que exercem atividades empresariais no Município de Tapejara e na região. A Acisat reúne um quadro social de grande, médio e pequeno porte e incentiva a integração entre os segmentos da indústria, comércio, serviços e agricultura.

A entidade foi fundada em 14 de junho de 1972 e surgiu quando um grupo de doze empresários do ramo do comércio fundou a Câmara de Dirigentes Lojistas de Tapejara (CDL). O primeiro Presidente foi Ardulino Lângaro. Durante 17 anos a CDL atendeu as empresas do comércio, mas também outros setores da economia do Município (indústria, serviços e agronegócio), responsáveis por grande parte do potencial econômico de Tapejara e, assim, a CDL foi transformada em Associação Comercial, Industrial de Serviços e Agropecuária de Tapejara (Acisat).

Os Presidentes da Acisat no período de 1972 a 1988 foram: 1972/1973, Ardulino Lângaro; 1974, Genésio Col'Debella; 1975, Paulo Cesar Marini; 1976, 1977, 1978 e 1979, Severino Dalzotto; 1980/1981, Genésio Col'Debella, Nelson S. Perdoná; 1982/1983, 1984, Pedro João Chiappin; 1985, Edgar Taube; 1986, Luiz Miguel Amaral de Oliveira; 1987, Miguel Ângelo Sandini; 1988, Carlos Alberto Wittee Neetzow.

Os presidentes da Acisat do período de 1989 a 2015 foram: 1989, Sirinei Panisson; 1990, Rogé-

rio Liska; 1991, João Pedro Nicolodi; 1992, Joel João Perera; 1993, Miguel Ângelo Sandini; 1994, Valdir Pietrobon; 1995, Ramir Zulian; 1996, Ildo Costella; 1997, Claudio José Bianchini; 1998, Valdir Tamanho; 1999, Luiz Carlos Pomagerski; 2000 e 2001, Sidney Teixeira; 2002, Claudio Pietrobon; 2003, Lídio Marcon; 2004, Celso Fontana; 2005, Alexandre Zanini; 2006, Eliana Piroli; 2007, Seger Luiz Menegaz; 2008, Valdir Tamanho; 2009, Luciano Zanchetta; 2010, Paulo Augusto Bortoloto; 2011, Roselaine Girardi Roman; 2012, Carlos Eduardo de Oliveira; 2013, Celso Piffer; 2014, Henrique Sebben; e 2015, Laurimar Coronetti.

Reúne mais de 230 associados e os principais serviços e eventos oferecidos pela Acisat são: cursos de qualificação e sala de treinamentos, reuniões mensais dos associados, com palestras, espaço do associado, empréstimo de material, banco de empregos, convênio garantia de cheques Sicredi, convênio crédito Federasul Serasa, convênio odontológico, médico, Tap Car, Expo Tapejara.

Ao longo da trajetória da Acisat, as Diretorias realizaram muitas ações, entre as quais a mudança de CDL, Câmara de Dirigentes Lojistas, para Associação Comercial Industrial, de Serviços e Agropecuária. Com isso, a entidade pôde agregar os demais setores, o que contribuiu para o seu crescimento, favorecendo a troca de informações e de conhecimentos entre os associados e tornando-a mais representativa. Outra iniciativa é a realização das Expo Tapejara, pois divulga o Município, as empresas e as demais entidades que participam como expositores ou prestando serviços para os visitantes.

Associados da Acisat participando da palestra de Jorge André Avancini em 28 de março 2013. Foto: Arquivo da Artusi.

• Associação dos Professores Estaduais de Tapejara

Em 1978 foi fundada a Associação dos Professores Estaduais de Tapejara, com a finalidade de congregar a classe e representá-la perante os órgãos públicos. A primeira Diretoria ficou assim composta: Presidente, Peter Mathias Antonius M. Rietjens; Vice-Presidente, Gioconda Carniel Antonio; Primeiro Secretário, Euclides Bertoglio; Segunda Secretária, Lourdes Muxfeldt; Primeiro Tesoureiro, Estevo Salapata; e Segunda Tesoureira, Carmen Zanatta Sitta.

• Autape

A Associação de Universitários Tapejarenses (Autape) foi fundada em 14 de outubro de 1984, por um grupo de vinte e um estudantes universitários de Tapejara. Surgiu com o intuito de promover atividades culturais, fortalecer a classe de acadêmicos do Município e lutar por melhores condições de acesso à universidade.

Na época de sua fundação, a maioria das cidades da região contava com uma organização municipal de luta na defesa pelo acesso ao ensino superior. A Autape surgiu para fazer esse amparo no Município de Tapejara. De lá para cá, inúmeras foram as conquistas que fazem dessa associação de universitários uma das mais, se não a mais, moderna e organizada do país.

Na vanguarda do embate de todos os assuntos que envolvam acadêmicos do ensino superior de Tapejara e região, a Autape já levantou diversas bandeiras, como: a luta por melhorias nos ônibus para não entrar pó e chuva durante as viagens; a luta pelo asfaltamento da RS 467, Tapejara a Coxilha, integrando a "Comissão Pró-Asfalto"; baratear, com auxílio público, o transporte universitário; barganhar preços junto às empresas de transporte; promover eventos esportivos, culturais e de integração no Município; participar ativamente do Comdica municipal; zelar pelo bom estado de conservação dos ônibus que transportam universitários, entre outras atividades.

Na história dos universitários de Tapejara, nenhuma outra organização superou as conquistas e transformações empreendidas pela Autape, que sempre procurou atender os anseios de seus associados; exemplo disso foram as investidas de empresas privadas para tentar controlar o transporte universitário com o objetivo de auferir lucros, deixando os usuários sem ter como ir à faculdade em dias de exames, custos extremamente elevados e até mesmo acidente com vítimas fatais. Todas as vezes que esses fatos ocorreram, foi a Autape quem abraçou a causa e não deixou que a esperança de quem desejasse estudar e morar em Tapejara cessasse.

Diante desses fatos, estiveram na ponteira as diretorias da associação, elencadas abaixo, que vestiram a camisa da luta e se manifestaram em defesa de todos.

Sede da Autape: balcão de atendimento. Foto: Arquivo da Autape.

Presidentes da Autape

1º - Paulo Roberto Hanel – Direito: 10/11/1984 a 27/09/1986
2º - Sidevan Teixeira – Direito: 27/09/1986 a 22/09/1987
3º - Rogério Favretto – Direito: 22/09/1987 à 06/11/1988
4º - Edmilson Piton – 06/11/1988 a 28/10/1990
5º - José A. L. Corral – 28/10/1990 a 27/10/1991 e 26/05/1992 a 15/11/1992
6º - Jaime Basso – 27/10/1991 a 23/05/1992
7º - Claudio A. Biasi – Direito: 15/11/1992 a 23/10/1993
8º - Jurandir Bogoni – História: 23/10/1993 a 14/01/1995
9º - Luis Carlos Bevilaqua – 14/01/1995 a 17/12/1995
10º - Sidney Teixeira – Direito: 17/12/1995 a 22/12/1996
11º - Silvio C. Rigo – 22/12/1996 a 21/12/1997
12º - Clamilton Pasa – 21/12/1997 a 27/12/1998
13º - Jairo Dametto – 27/12/1998 a 09/01/2000
14º - Clairton Aimi – 09/01/2000 a 21/01/2001 e 27/01/2002 a 22/12/2002
15º - Marcelo Baseggio – 21/01/2001 a 17/03/2001
16º - Alex Shöler Laitarte – 17/03/2001 a 27/01/2002
17º - Laurimar Coronetti – Matemática: 22/12/2002 a 05/01/2004
18º - Fernando Comiran – História: 05/01/2004 a 26/02/2005
19º - Lucimara Helena Scariott – Ciências Contábeis: 26/02/2005 a 08/01/2006
20º - Daniel de Mattos – História: 08/01/2006 a 04/01/2008
21º - Marcio Panozzo – Administração: 04/01/2008 a 19/04/2008
22º - Ana Cristina Bacega Debastiani – Direito: 19/04/2008 a 29/11/2008
23º - Rafael Borille – Direito: 29/11/2008 a 16/01/2010 e 15/01/2011 a 18/01/2013
24º - Diego Defaveri – Administração: 16/01/2010 a 15/01/2011
25º - Augusto Aurélio Bogoni – Engenharia Civil: 19/01/2013 a 10/01/2014
26º - Leonardo Daniel Ghibaudo – 11/01/2014 a 11/01/2016

• Associação dos Motoristas de Tapejara

A fundação da Associação de Motoristas de Tapejara e Ibiaçá teve origem na reunião de grupo de motoristas, na Câmara de Vereadores de Tapejara, com a finalidade de organizar uma associação, realizada no dia 31 de janeiro de 1987. Na oportunidade, colocou-se em votação a eleição de Comissão Provisória, que ficou assim constituída: Sirinei Panizzon, Luiz Brusso (Ibiaçá), Inoel Vidal, Luiz Marsiglio e José Carlos Cauduro.

Em 7 de março de 1987, na Câmara de Vereadores de Tapejara, reuniram-se noventa e seis motoristas autônomos, com a finalidade de fundarem uma Associação de Motoristas de Tapejara e Ibiaçá. Os trabalhos foram coordenados por Sirinei Panizzon. Foi eleito como Presidente José Carlos Cauduro; Vice-Presidente, Luiz Brusso; Segundo Vice-Presidente, Ângelo Calegari; Primeiro Tesoureiro, Olinto Sanzovo; Segundo Tesoureiro, Rodolfo Canali; Primeiro Secretário, Cosme Artusi; Segundo Secretário, João Rodrigues; Conselho Fiscal: Titulares, Zeferino Gardelin, Paulino Negretti, Wilson Mocelin; Suplentes, Valdir Três, José Calegari, Inoel Vidal, Luiz Marsiglio, Lino de Cesaro.

Em 21 de março de 1987, a Diretoria da Associação deliberou o local onde seria instalado o escritó-

rio da entidade. Tratou-se de sala do prédio da Abastecedora de Combustíveis Ipiranga, de propriedade de Affonso Alcides Scariot, localizada na Av. 7 de Setembro, esquina com a Rua Independência.

Nessa data, também ficou estabelecido o preço mínimo do frete: da lavoura para Tapejara, CZRr$ 10,00 por saca; de Tapejara para Passo Fundo, CZr$ 10,00 para CZr$12,00 por saco; de Tapejara para Estrela, de CZr$170,00 a CZr$ 180,00 por tonelada; de Tapejara a Porto Alegre, de CZr$ 200,00 a CZr$ 220,00 a tonelada. No caso de surgir carregamento da lavoura direto para Passo Fundo, será cobrado 40% a mais que da lavoura para Tapejara, e o preço do frete será do começo da safra até o fim, com reajustes conforme os aumentos de diesel, pneus e lubrificantes.

Na reunião da Diretoria da Associação dos Moradores de Tapejara realizada em 3 de outubro de 1998, foi deliberada a transferência da sede até então localizada na Av. 7 de Setembro, 1.105, para o prolongamento da Rua Independência, s/n, na saída para Santa Cecília do Sul, tendo em vista que este é o novo endereço da sede da Associação.

Na reunião dos sócios da Associação dos Motoristas de Tapejara realizada no dia 15 de abril de 2010, foi retificada a permuta de imóveis efetuada entre a Associação e Lori Henrique Menon, bem como a transferência de área de terras que ainda se encontrava registrada em nome da Associação para o comprador Lori Henrique Menon. A escritura da área de terras, na saída para Santa Cecília do Sul, já foi outorgada por Menon para a Associação, mas a área permutada, localizada na Av. Valdo Nunes Vieira estava sendo objeto de uma ação judicial. Mas, foi sentenciada e aguarda apenas o registro da referida divisão pelo Cartório de Registro de Imóveis, devendo, posteriormente, ser transferida ao comprador, Menon, ficando desde já o Presidente, Alexandre Zanini, autorizado a assinar a competente escritura pública de compra e venda ou procuração por instrumento público para o comprador ou a quem este indicar.

• Associação Padre Anchietta

Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

A Associação Padre Anchietta foi fundada em 25 de abril de 2003. Está localizada na Rua Padre Anchietta, 143. O proprietário é Itacir Defaveri e o objetivo do local é proporcionar lazer e entrete-

nimento através de jogos de carta.

• Associação Onça Jeep Clube

A Associação Onça Jeep Clube foi formada por um grupo de amigos, proprietários de veículos 4x4, todos apaixonados por adrenalina, subidas e descidas, além de muita lama, onde somente mesmo um jeep consegue vencer os obstáculos.

Assim, a forte união desse pequeno grupo de jipeiros fundou, no dia 14 de agosto de 2009, essa entidade, que hoje conta com vinte e sete sócios, sendo que cada integrante possui um veículo 4x4 destinado à prática de off-road, que, cada dia mais, desperta a curiosidade de diversas pessoas.

A Associação tem por objetivo inicial defender e mostrar a real prática desse esporte, onde não há rivalidade, não há competição, tampouco existe idade determinada para participar, seja como piloto, zequinha ou telespectador; o divertimento é garantido para todos. Ninguém entra no mundo off-road para pensar em retorno financeiro, mas sim para uma diversão, um passatempo, já que o companheirismo e a amizade são fundamentais nesse grupo.

Uma das metas principais da entidade é a realização da trilha no Município, tendo em vista que já foram realizados três passeios, sendo que a 3ª Trilha da Gaiota Onça Jeep Clube, realizada no dia 16 de agosto de 2014, contou com cinquenta e dois veículos inscritos e foi realizada abaixo de muita chuva e frio.

O lema que move a associação é: "Jeep: Sempre atrás do mau caminho! Ele vence a trilha simplesmente porque ela está lá. Torce para chover, pois assim a dificuldade aumenta. E segue tranquilo, porque sabe que nunca estará sozinho."

Foto: Arquivo da Divulgação.

• Gaiola Club Bixo do Mato

A associação Gaiola Club Bixo do Mato foi fundada em outubro de 2010. Iniciou as atividades com quatro gaiolas e hoje possui dez gaiolas e vinte e dois integrantes. A sede está assentada na Comu-

nidade de Paiol Novo, onde estão localizadas as trilhas em que o grupo anda nos finais de semana. Participam de encontros e eventos off-road em toda a região, representando o grupo e levando o nome do Município de Tapejara. O primeiro Presidente do grupo foi André Dongenski e o atual é Ademar Schons.

Foto: Arquivo da Divulgação.

Foto: Divulgação.

• Associação dos Artesãos de Tapejara – A Arte

A Associação dos Artesãos de Tapejara – A Arte foi fundada em maio de 2010. A primeira Presidente foi Eliane Poletto Coser e a primeira Vice-Presidente Maria Bernardete Secco. O grupo, composto

por dezoito associados, realiza reuniões mensais no Centro Cultural ou na Casa Rosa. Atualmente, está no comando, como Presidente, Marcos da Silva, tendo como Vice Maria Boff. Desenvolvem diversos tipos de artesanato e decorações através de trabalhos em patchwork e biscuit, entre outros.

• Associação de Veículos Antigos de Tapejara (AVAT)

A Associação começou em junho de 2013, com vinte membros participantes. A AVAT tem como propósito incrementar o sentimento de preservação, restauração e manutenção dos automóveis de qualquer marca, otimizando recursos técnicos naqueles parâmetros, bem como promover o reconhecimento como valor cultural histórico à memória da indústria automobilística brasileira, dando ênfase à evolução tecnológica e estética, inclusive com fins esportivos. Os encontros da Associação são realizados na Praça Lucélia Poletto, em Tapejara. Uma das atividades da AVAT é promover eventos sociais, esportivos e culturais, reunindo os associados acompanhados ou não de seus familiares e amigos.

Foto: Arquivo da Associação de Veículos Antigos de Tapejara.

• Apata

A Associação de Proteção aos Animais de Tapejara (Apata) surgiu no início de 2014 com a união de algumas pessoas preocupadas com a situação que muitos animais estão vivendo em nosso Município.

O objetivo geral da Apata é estabelecer medidas para atuar na conservação ambiental, em especial na defesa e proteção animal e no controle de populações, para atingir o equilíbrio ambiental e o convívio mais harmonioso das pessoas com os animais. A associação, sem fins lucrativos, mantém-se através de mensalidades dos sócios voluntários, doações da comunidade e auxílio do Poder Público Municipal em projetos específicos.

Primeira Diretoria da APATA: Presidente, Douglas Sanson Cadini; Vice-Presidente e Tesoureira: Simone Maschio; Departamento de Ações e Projetos, Maria Amélia Maschio, Cláudia Dall'Igna, Daniela Giacomin, Lucila Meneghini, Marina Chaparini, Kelly Casamali, Paula Scariot Argenta, Rafael Borille, Saymon Barnieri, Letícia Roman, Valeria Lamb, Sandra Brambatti e Vanessa Casamali.

GRUPOS

• Grupo de Trilheiros

O grupo de trilheiros, denominado "Papa Trilha", iniciou suas atividades em 1998. Inicialmente, participavam do grupo: Rosmar Valentini (Babinho), Joel João Pereira, Ricardo Nardi, Luciano Sasset, Janrie Colussi, Valmor Valentini e Jonis Dalbosco. O primeiro Presidente foi Rosmar Valentini (Babinho).

O objetivo do grupo era realizar passeios de motos off-road no interior do Município e também em nível regional. Um dos passeios foi realizado em 1999, quando o grupo decidiu fazer trilha no interior de Santa Cecília do Sul. No caminho, tiveram que cortar uma árvore utilizando apenas um facão.

Da esquerda para a direita: Janrie Colussi, Jordani Marcolin, Jonis Dalbosco, Rosmar Valentini (Babinho) e Ricardo Nardi. Foto: Arquivo de Rosmar Valentini (Babinho).

Outro passeio foi realizado no dia 13 de janeiro de 2002. Na oportunidade, seis trilheiros saíram de Tapejara com destino a Cascata Nazari, no interior de Erechim. Foram percorridos 190 km por estradas de chão e trilhas.

Da esquerda para a direita: Valter Debastiani Suzin (Grava), Ronaldo Canali, Jarie Colussi, Valmor Valentini, Joel João Pereira e Rosmar Valentini (Babinho). Foto: Arquivo de Rosmar Valentini (Babinho)

Em julho de 2006, o grupo Papa-Trilha participou da 3ª edição do Bananalama, em Corupá (SC), maior encontro de trilheiros do mundo. Em maio de 2015, Tapejara sediou o 9º Encontro de Trilheiros, realizando trilhas no interior do Município. Atualmente, o grupo conta com trinta e dois participantes, presididos por Eduardo dos Santos.

Da esquerda para a direita; em pé: Mozart Pereira dos Santos, Rosmar Valentini (Babinho), Joel João Pereira, Larri Miotto; agachado: Willian Miotto. Foto: Arquivo de Rosmar Valentini.

• Grupo Lambreteiros Tapejara

A lambreta está presente em Tapejara desde a década de 1960, quando os antigos moradores as adquiriam. Eram admiradas naquela época e hoje, passadas várias décadas, resgataram, transformando-as em hobbie.

Na manhã de sexta-feira, 31 de maio de 2013, oito lambreteiros efetuaram a travessia de balsa pela Aduana de Porto Mauá, para participar de um dos maiores encontros de motos da Argentina, na cidade de Apóstules. Foto: Vilson Winkler – Arquivo do Grupo de Lambreteiros de Tapejara.

Fundaram o grupo Lambreteiros Tapejara no dia 6 de abril de 2008, com um encontro em frente à Praça Central Silvio Ughini, de Tapejara, num domingo, com cinco lambreteiros. Um dos integrantes do grupo é proprietário de uma lambreta Standard 150 CC, que foi adquirida na época dos anos 1960, pelo seu avô. O grupo conta atualmente com vinte integrantes, com sede na Rua Padre Nóbrega, 53, no Centro da cidade.

O grupo viaja por todo o Brasil e pelos países vizinhos, representando o Município de Tapejara. Participam também de corridas de lambretas, resgatando a história passada nas quais pais e avós viveram sentindo prazer de passear em uma lambreta. Também é considerado o Município com maior número de lambretas.

• Grupo Escoteiro Tapejara 40/RS

A ideia de abrir um Grupo Escoteiro em Tapejara surgiu em 1982, após Alceu Basso ter conhecido o Movimento Escoteiro em Porto Alegre, através de alguns sobrinhos que participavam. Voltando a Tapejara, convidou Silvino Lamb, José Carlos Girardello, Ione Col'Debella, Eugenio Post, Neri Giroto,

Dario Girardi, Alzira Alves da Silveira e Peter Mathias Antonius Maria Rietjens para uma reunião; expôs a ideia e os objetivos e a partir disso resolveram abrir um grupo escoteiro.

Com a ajuda do Comissário Distrital da época, iniciaram cursos e, após um período de preparo, em agosto de 1983, o Grupo Escoteiro Tapejara 40/RS iniciou suas atividades, permanecendo ativo até 1993. Nesse período, diversos adultos fizeram parte da chefia, entre eles: João Cadore, Merci Cadore, Solange Scariot, Claudia Cauduro, Liliane Basso, Luciane Ghedini, Segundino Tres, Marlene Tres, Itacir Bée, Andreia Col'Debella, Celso Zanini, Zacarias da Rosa, Egidio Zanatta, Ana Zanatta, Carmen Sitta, Neuza Zanatta, Rosane Fontana, Catia Figueiredo, Rosana Liska, Lourdes Borela e Claudio Borela.

Em 1983, por falta de adultos, o Grupo Escoteiro Tapejara 40/RS encerrou suas atividades no Município. Em 2007, um grupo de antigos escoteiros formado por Daniel Vieira, Decio Mazzuti, Vanessa Girardello, Luciana Biazus e Jean Araldi resolveram reabrir o grupo e propiciar aos jovens do Município experiências únicas, que somente a fraternidade escoteira tem.

Grupo Escoteiro Tapejara. Foto: Arquivo do Grupo Escoteiro Tapejara.

Atualmente, o grupo conta com mais de cem inscritos entre jovens e adultos, realizando trabalhos nos ramos:

Ramo Lobinho: Alcateia Senhor dos Caminhos – 6,5 a 11 anos

Ramos Escoteiro: Tropa Escoteira Carayba – 11 a 15 anos

Ramo Senior: Tropa Senior Teahupoo – 15 a 18 anos

Ramo Pioneiro: Clã Pioneiro Pedragon – 18 a 21 anos

Possui uma chefia que busca ser fiel aos princípios do movimento escoteiro. Atualmente, o grupo tem como Diretora-Presidente Luciana Sasset Magni e conta com os seguintes escotistas: Rosane Kopper, Marilei Girardi, Rosimeri Gardelin, Carlinhos Kopper, Daniel Graminha Vieira, Livane Artusi, Elaine Tortini, Caciano da Rosa, Vanessa Cauduro Girardello, Diego Girardi, Silvio Cesar Rigo, Patricia Bée Stefini, Lucivane Dalagno e Christian Horbe. O lema é "Sempre Alerta!".

Realiza suas atividades aos sábados, das 14h às 17h30, no Parque Municipal Ângelo Eugênio Dametto e está aberto a todos os jovens e adultos que queiram vivenciar o movimento escoteiro, que objetiva: um ser humano de bom caráter, autêntico no pensar e agir, leal a si, ao ser humano e ao país, líder e responsável, buscar a harmonia entre os povos e, principalmente, ser construtor da paz, integrado ao desenvolvimento da sociedade, consciente de seus direitos e deveres, criativo, esperançoso, solidário e empreendedor.

- **Grupo Escoteiro Araucária-222/RS**

O Grupo Escoteiro Araucária-222/RS iniciou suas atividades em janeiro de 2012, com alguns jovens. A abertura oficial ocorreu no dia 2 de junho de 2012, com as Promessas das Crianças, Jovens e Adultos. Escolheram o nome de Araucária devido ao antigo pinheiro centenário da cidade. O lenço escoteiro tem as cores verde, que simboliza as matas; vermelho, que simboliza a terra; e o castanho, simbolizando o fruto da araucária.

Desfile do Grupo Escoteiro Araucária. Foto: Arquivo do Grupo Escoteiro Araucária.

Conta hoje com oito chefes escoteiros, uma diretoria composta por diretores e comissão fiscal, todos eleitos em assembleia. O grupo é composto por uma Alcateia – Gralha Azul, uma Tropa Escoteira – Buriti (árvore da vida) e uma Tropa Sênior/Guia Pataxó e o Clã Pioneiro. Conta com 86 participantes registrados.

O propósito do Movimento Escoteiro é contribuir para que os jovens assumam o seu próprio desenvolvimento, especialmente o do caráter, ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em sua comunidade. O lema é "Sempre Alerta!". A sede está localizada na Gruta Nossa Senhora de Lourdes. As atividades são realizadas aos sábados, das 14 às 17h.

• IBGE

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o órgão da administração pública federal responsável pela produção e disseminação dos dados que retratam a realidade econômica, social e geocientífica do Brasil.

Criado por intermédio do Decreto-Lei nº 218, de 26 de janeiro de 1938, é esse órgão que identifica e analisa o território; conta a população e mostra como a economia evolui através do trabalho e da produção das pessoas, revelando ainda como elas vivem. Para realizar os seus trabalhos, o IBGE tem sua missão muito bem definida: retratar o Brasil com informações necessárias ao conhecimento da sua realidade e ao exercício da cidadania. O IBGE está vinculado ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

As agências são subordinadas às Unidades Estaduais (UES) e estão situadas em pontos estratégicos do território nacional. Na maioria dos casos, cada uma dessas agências é responsável pela realização das pesquisas e pelo atendimento para um grupo de Municípios. Isto é, a agência fica localizada num Município-sede e tem sob sua jurisdição outros Municípios, onde é responsável pela coleta de dados das pesquisas e pelo atendimento à sociedade.

• Agência de Estatística em Tapejara

A Agência Municipal de Estatística (AME), hoje Agência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi instalada no Município de Tapejara no dia 2 de maio de 1957. O primeiro chefe foi o servidor Sady Stein, nomeado pela Portaria 192, de 6 de maio de 1957. Está instalada na Rua do Comércio, 879, no Centro de Tapejara.

Antigamente, na região, havia agência do IBGE em Sananduva, Tapejara e Getúlio Vargas. Com o tempo fecharam-se as de Getúlio e Sananduva, passando a de Tapejara a assumir cinco Municípios: Tapejara, Ibiaçá, Sananduva, Getúlio Vargas e Sertão. Posteriormente, com as emancipações dos Municípios desmembrados de Tapejara e Getúlio Vargas e com o fechamento da agência de Gaurama, houve nova reformulação, ficando o Município de Sertão pertencendo à agência de Passo Fundo e os Municípios de São João da Urtiga, Paim Filho e Maximiliano de Almeida passaram a pertencer à agência de Tapejara.

Hoje, a agência atende quinze Municípios: Tapejara, Água Santa, Santa Cecília do Sul, Vila Lângaro, Charrua, Ibiaçá, Sananduva, São João da Urtiga, Maximiliano de Almeida, Paim Filho, Getúlio Vargas, Estação, Erebango, Ipiranga do Sul e Floriano Peixoto.

O IBGE é um órgão oficial de estatísticas do Governo Federal, onde as pesquisas são realizadas periodicamente. Constituindo-se no principal provedor de dados e informações do País, que atende às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal. Algumas pesquisas que a agência de Tapejara realiza atualmente: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – contínua; Levantamento Sistemático da Produção Agrícola: Pesquisa de Abate de Animais; Pesquisa do Leite; Pesquisa Econômica Estrutural (Anual); Pesquisa Econômica Conjuntural (mensal); Pesquisa do Registro Civil; Atualização de endereços para fins estatísticos e Preparação da base territorial.

O IBGE oferece uma visão completa e atual do País, através do desempenho de suas principais funções: produção e análise de informações estatísticas; coordenação e consolidação das informações estatísticas; produção e análise de informações geográficas; coordenação e consolidação das informa-

ções geográficas; estruturação e implantação de um sistema da informações ambientais; documentação e disseminação de informações e coordenação dos sistemas estatístico e cartográfico nacionais.

Em 12 de julho de 1973, assumiu a agência Zaldêncio Bolzan. Sady ainda estava ligado à agência, porém com licença especial, sendo, efetivamente, desligado, em 27 de setembro de 1976.

No dia 1º de setembro de 1975, assumiu como agente de coleta Júlio Francisco dos Reis. Com o falecimento de Bolzan, dia 22 de maio de 1984, no dia 16 julho, assumiu a Chefia da Agência Júlio Francisco dos Reis, permanecendo até o dia 28 de fevereiro de 2011, quando se aposentou. Na sua época, a equipe era formada pelos agentes de coleta Ivanete Baroni (em memória), Valdir Sbardelotto, que veio transferido para Tapejara com o fechamento da agência de Gaurama.

Atualmente, a chefia está a cargo da Técnica em Informações Geográficas e Estatísticas Josiane Conte. Faz parte da equipe o Técnico em Informações Geográficas e Estatísticas, Marcelo dos Santos Malheiros.

• Programa Vida Urgente

A Fundação Thiago de Moraes Gonzaga foi criada em 13 de maio de 1996 pelo casal Régis e Giza Gonzaga após a perda de seu filho em acidente de trânsito. No dia 20 de maio de 1996, a Fundação lançou o Programa Vida Urgente. Mais de duas mil pessoas participaram do lançamento e aderiram espontaneamente à causa. Esse evento serviu como fonte mobilizadora para o engajamento de voluntários, até hoje, em uma linha de adesão crescente.

O Vida Urgente possui um conjunto de programas, projetos e ações que visam a promover a preservação e valorização da vida, mobilizando a sociedade através de ações educativas e culturais para uma mudança de comportamento que resulte em um trânsito mais humano e seguro. O Vida Urgente é mais do que uma campanha de trânsito; é um conceito de preservação e valorização da vida.

Para levar a mensagem de preservação e cuidado com a vida, a Fundação Thiago de Moraes Gonzaga conta com Espaços Vida Urgente em colégios, universidades, etc. e, também, com voluntários de referência, responsáveis por levar a mensagem do Vida Urgente a seus Municípios e regiões de cidades brasileiras.

Em Tapejara, o núcleo foi oficializado em 2011, mas a Fundação Thiago de Moraes Gonzaga já trabalhava com o projeto no Município desde 2008. Começou pela coordenadora Michelle Spigosso e hoje conta também com subcoordenador, Eketor Guerra, e um grupo de quinze voluntários. O projeto conta com o apoio da Saúde Center Clínica e da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• Instituto Amici

O Instituto Amici foi idealizado em 2011, pela médica Miriam Manica, para viabilizar a vinda de palestrantes com o intuito de potencializar os seres humanos, sendo facilitador da cultura na região. Em 2013, o Instituto Amici trouxe a Tapejara o palestrante Roberto Shinyashiki para uma palestra no Centro Cultural para cerca de mil e duzentas pessoas, falando sobre a Revolução dos Campeões. Na ocasião, venderam-se livros do palestrante, diretor-presidente da Editora Gente,

Palestrante Roberto Shinyashiki e Miriam Manica.
Foto: Arquivo da Divulgação.

revertendo 50% do valor dos livros ao Corpo de Bombeiros de Tapejara.

A médica Miriam Manica viabilizou a doação de cerca de duzentos e cinquenta livros da Editora Gente à Biblioteca Pública Municipal de Tapejara. Realizou a primeira campanha de doação de livros do Município de Tapejara, conhecida como "Abraçando o conhecimento", atingindo uma venda aproximada de quinhentos livros.

Referências

A ACISAT. Disponível em:< http://www.acisat.org.br/a_acisat. php>. Acesso em: 16 jan. 2015.

ASSOCIAÇÃO DAS FAMÍLIAS TRENTINAS DE TAPEJARA. Livro de Atas. Tapejara. Ata nº 1, de 5 abr. 2004, à Ata nº 57, de 30 ago. 2013.

ASSOCIAÇÃO DOS MOTORISTAS DE TAPEJARA. Livro de Atas. Tapejara. Atas do n.1 a 39, de 31 jan.1987 a 24 fev. 2014.

ASSOCIAÇÃO MUNICIPAL DE PAIS E MESTRES DE TAPEJARA. Livro de Atas. Tapejara. Atas 1/69; 6/72; 8/74; 10/75; 13/77; 17/78.

AUTAPE. *A Associação*. Disponível em: http://www.autape.com.br/?p=associacao. Acesso em: 9 jan. 2015.

CÂMARA Júnior de Tapejara realiza reunião festiva de emplacamento de seus membros e posse de sua primeira diretoria. *O Tapejarense*, Tapejara, v.2, n. 27, pág. 5, 12 jun. 1982.

EMATER (Tapejara). Primeira feira do produtor em Tapejara. *O Tapejarense*, Tapejara, v.2, n. 21, p.1, 21 de setembro de 1981.

FUNDAÇÃO da Associação dos Professores Estaduais de Tapejara. *O Tapejara*, Tapejara, v.1, n.4, p.8, 13 ago. 1978.

IBGE. *A Instituição*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao /eventos/missao/default.shtm>. Acesso em: 10 jun. 2015.

RÁDIO TAPEJARA. Agência do IBGE de Tapejara conta com nova chefia. Disponível em:<http://www.radiotapejara.com.br/noticia.php?not_id=20740&c=1&cn=TAPEJARA>. Acesso em: 29 maio 2014.

ROTARY Club Tapejara é fundado oficialmente. *Novo Tempo*, Tapejara. Disponível em:<http://jnovotempo.blogspot.com.br/2010/06/rotary-club-tapejara-e-fundado. html>. Acesso em: 16 jan. 2015.

SINDILOJAS NE GAÚCHO. Sindicato do Comércio Varejista de Tapejara. Sobre o Sindicato. Disponível em: <http://sindilojasnordestegaucho.sicomercio.org.br/o-sindicato/sobre-o-sindicato/796/estrutura-gestao-20142018>. Acesso em: 16 jan. 2015.

STIA: dois anos na defesa dos trabalhadores. *Novo Tempo*, Tapejara, v. 13, n. 317, p.9,. 8 ago. 2012.

Capítulo 15

Personagens Populares, Curiosidades e Anexos

PERSONAGENS POPULARES

• Ezequiel dos Santos Oliveira

Irma Bilhar Zanini relatou que Ezequiel dos Santos Oliveira chegou na localidade de Carreteiro por volta de 1953, vindo de Cruz Alta. Nos primeiros dias andava de casa em casa pedindo por palha para fazer vassouras; caso houvesse, produzia-as na morada visitada em troca de alimento e lugar para repousar. Durante o trabalho, colocava na boca uma pequena gaita e entoava músicas de Pedro Raimundo.

Norberto Dall'Olivo contou que Ezequiel, nos primeiros anos de 1960, já chegava tocando sua gaitinha de boca nas casas e no centro da cidade, intercalando com a oferta de vassouras, que trazia nas costas. agrupadas em um feixe.

José Carlos Girardello e Ildo Aldino Lamb lembram que, além de tocar a gaitinha, ele declamava poesias e recitava as letras do alfabeto da última para a primeira, o que despertava atenção e curiosidade das pessoas.

Não demorou muito tempo até conhecer Ermida Zanini, que morava em uma pequena casa de madeira situada nos fundos da antiga igreja do Carreteiro. Com ela foi morar e tiveram três filhos. A atual residência do casal ainda é desconhecida, mas seus três filhos, atualmente, estão morando em São Paulo.

• Donária

Donária Alves Gregorio, figura mítica da cidade. A ela atribuem-se milagres. Nasceu em 20.10.1919 e faleceu em 10.01.1986. Foto: Arquivo de Maria Clementina Pedrozo Marcon.

Donária Alves Gregório nasceu em 1919 em Sananduva. Filha de Severino Pedrozo da Silva e de Alexandrina Alves da Silva. Maria Clementina Pedrozo Marcon, 62 anos, filha de Donária, confirma o que a população tapejarense conta: quando tinha três anos de idade, Donária ganhou seu sexto filho na comunidade de Navegantes, interior de Ibiaçá. A família morava em uma pequena casa de

Donária Alves Gregorio, figura mítica da cidade. A ela atribuem-se milagres. Nasceu em 20.10.1919 e faleceu em 10.01.1986. Foto: Arquivo de Maria Clementina Pedrozo Marcon.

madeira. A partir disso, os vizinhos perceberam que ela começou a manifestar mudanças no comportamento em relação aos filhos, afastando-se, principalmente, do recém-nascido. Tempo depois, seu marido, Severino, abandonou-a, agravando ainda mais a situação.

Alcides Bernardes Dias e sua esposa, Dona Lica Figueiredo, donos das terras em que a família morava e junto com os padrinhos de Maria Celestina, João e Geni Scaran, tentaram ajudar as crianças. Em seguida, foram encaminhadas para diversas famílias da região, pelo então comissário de menores da Vila de Ibiaçá, conhecido por Dimas.

Maria Clementina recorda que, anos mais tarde, reencontrou seus irmãos José (em memória), Maria Antônia (em memória); Santo, Francisco e Paulino. Donária rumou peregrinando por diversos locais. Teve mais dois filhos dos quais não sabem até hoje quem são seus pais. Uma filha foi adotada por Alcides Bernardes Dias e o outro filho, Claudiomiro, pela família Bogoni. Donária caminhava pelas estradas de Tapejara e Ibiaçá e demais locais da região, dormindo embaixo de pontes.

Conforme recorda Zenone Marcon, esposo de Maria Clementina, ela foi levada a Porto Alegre para tratamento pelo Poder Público Municipal, onde permaneceu por um tempo. Esteve por poucos dias na casa do Zenone e Maria Clementina, na localidade de São Bernardo, interior de Vila Lângaro, quando benzeu o filho mais velho Alex e, em seguida, foi embora. Ela pedia às pessoas para rezarem pela paz no mundo. Andou pelas ruas e estradas por 33 anos.

Silvia Lindner Urbanski conta que Donária chegava na casa de sua mãe, Edda Lindner, trazendo uma pequena panela, canecos e uma tesoura. Pedia serviço em troca de comida e, então, Edda pedia para ela arrancar as ervas daninhas que invadiam o pátio.

De acordo com Silvia, naquele tempo, a chegada e estada de Donária em sua casa despertava sentimentos de espanto e, ao mesmo tempo, de compaixão. Ela lembra que por vezes encontrou Donária entrando nas lojas com uma vassoura nas mãos e, em seguida, os funcionários ofereciam-lhes um produto e ela se retirava do estabelecimento.

Vilma Artuzi diz que Donária ia até sua casa com alguma frequência. Vilma conhecia um pouco de sua história de vida e sempre a recebeu bem. Alguns dias ela chegava muito lúcida e contava sobre a sua vida. Em outras ocasiões Donária aparecia muito irritada ou atrapalhada e até pedia um chá; comentava que mexiam muito com ela e ela não gostava.

Donária por vezes falava a Vilma: "Um dia eu fui como você: tinha dinheiro, andava bem-vestida, gostava de mim, gostava de me pintar, eu era vaidosa. Mas num dos partos eu tive uma recaída e, de lá para cá, nunca mais fiquei bem. Sabe, tenho muitos filhos e gosto de todos; gostava também de arrumar a casa e cuidar das crianças, mas depois tudo mudou; não senti mais vontade de ficar em casa; só me sinto bem andando pelas ruas e estradas, andar por aí sem saber." Era devota de Nossa Senhora Aparecida e carregava consigo, pelas estradas, uma pequena capelinha com a imagem da santa. Muitas vezes, depois da conversa com a amiga, ia à igreja, dizendo que ia rezar por ela e por sua família. Uma mulher de muita fé.

Roberto Rebeschini relatou que quando se encontrava com Donária na rua, ela lhe pedia um cigarro, principalmente quando as crianças a incomodavam, deixando-a muito nervosa. Andava sempre de saia comprida, com um saco e uma sombrinha. Donária era uma pessoa muito popular e querida, porém a incompreensão de sua escolha fazia com que alguns não a compreendessem.

Donária faleceu no dia 1º de outubro de 1986, em Tapejara. No atestado de óbito, termo nº 791 do livro C-01, folha 211, consta registrado em 7 de outubro de 1987 o nome Donária Alves da Silva.

• Culto a Donária

Em 1990, Zenone sofreu um grave acidente de carro. Foi hospitalizado e sua recuperação demorou. Durante o tratamento no Hospital São Vicente de Paulo, Maria Clementina foi abordada por um médico que disse que ela deveria mudar sua atitude frente à doença do marido. Maria voltou para casa e pensou juntamente com os filhos. A atitude foi tirar o marido do hospital e levá-lo para casa. No segundo dia em casa, a enfermidade agravou-se. Enfermo, Zenone disse que sua sogra, Donária, estava vindo buscá-lo. A esposa disse para que ela não viesse buscá-lo, mas sim que o curasse.

Nesse mesmo dia, Zenone foi levado para o hospital municipal, onde permaneceu por oito dias e recebeu tratamento. Maria conta que, quando voltou no hospital, encontrou Zenone sentado na cama com o médico ao seu lado, sorrindo, com o paciente recuperado. Zenone voltou para casa e fez a promessa de que no primeiro domingo após a festa de Nossa Senhora Aparecida iria com a família ao Cemitério João Rombaldi, em Tapejara, onde a sogra está enterrada. Donária, primeiramente, foi enterrada em uma cova de chão batido em um canto no cemitério. Em seguida, seu corpo foi transportado para um novo túmulo.

O primeiro encontro de oração aconteceu no dia 19 de outubro de 2009. No entorno de seu túmulo, aos poucos chegavam pessoas para agradecer. O próximo encontro será realizado no dia 22 de outubro de 2015.

Sepultura de Donária. Foto: Arquivo de Sandro Rampazzo.

• Túmulo patrimônio histórico-cultural

No dia 2 de abril de 2012, através do Projeto de Lei nº 010/2, indicado pelo vereador Elton Sandini (PDT), o túmulo de Donária foi transformado em bem integrante do patrimônio histórico-cultural de Tapejara.

Donária Alves Gregorio. Foto: Arquivo de Maria Clementina Pedrozo Marcon

- **Maria Gava**

Domingos Luiz Dallagasperina relatou que, dentre tantos incêndios, lembra de um que o marcou: a história de Maria Gava, que em 1965 vivia sozinha e passava o dia vagando pelas ruas, carregando uma sacola com seus pertences. Vestida sempre de preto, usava um lenço sobre a cabeça. Era conhecida por todos. Andava caminhando e resmungando pela rua. Diziam que era louca. De fato, ela xingava pessoas, mesmo que não dissessem nada. Ela não gostava de crianças que mexiam com ela e a provocavam. Juntava pedras e jogava nos moleques, fazendo-os correrem.

Maria Gava morava em uma casa situada ao lado do antigo Cinema Tamoio, no local onde hoje se encontra o prédio da Foto Vídeo Artusi. Mais tarde, mudou-se para uma pequena casinha, uma quadra acima da atual Prefeitura. Era uma casa modesta, isolada em um terreno, sem cercas, nem vizinhos. Sua companhia era apenas um casal de cabritos, sempre amarrados junto à casa. "A vida de Maria era simples e muito pobre, apesar de ser considerada louca, o que eu acho que não era. Não prejudicava ninguém. Nunca soube que ela tenha feito mal a alguém; somente era muito resmungona. Uma certa noite, um incêndio acabou com a vida da pobre e sofrida mulher" (DALLAGASPERINA, 2013, p.74-75).

Além dela, foram consumidos pelas chamas seus dois companheiros, os cabritinhos, que estavam amarrados junto à casa. Quando soube, Seu Domingos foi até o local e fotografou, porém não guardou as fotos por serem muito chocantes, destruindo também seus negativos. Domingos conta: "Até hoje tenho na mente a horrenda imagem do seu corpo queimado e retorcido. Ao seu lado, bem próximo, os restos de seus animais. Nunca se soube por certo se o trágico incêndio foi criminoso ou acidental" (DALLAGASPERINA, 2013, p.74-75).

CENTENÁRIOS

- **Dona Maria Amélia de Lima**

Dona Maria Amélia de Lima nasceu no dia 29 de fevereiro de 1910, um ano bissexto. Em 2015 completou 105 anos de vida. Filha de pequenos agricultores, teve dois irmãos e seis irmãs. Trabalhou na roça desde criança. Por opção, nunca se casou, não teve filhos e hoje não possui nenhum parente vivo. Mora em uma pequena casa doada pela família, onde trabalhou durante quase toda sua vida, no Bairro São Cristóvão. Dona Maria Amélia participou por muitos anos da Casa de Convivência Dona Verônica, local onde hoje realiza passeios para rever os amigos.

Dona Maria Amélia. Foto: Arquivo de Angelica Manica Bortolini.

- **Dona Serenita Doring Muxfeldt**

Dona Serenita Doring Muxfeldt nasceu no dia 3 de março de 1915, na localidade de Bugre Morto, proximidades de Passo Fundo. Filha de uma família numerosa composta de doze irmãos, com cinco

anos foi morar com a sua avó na cidade de Passo Fundo. Em Passo Fundo, estudou na Escola Complementar Nicolau de Araújo Vergueiro, fazendo parte da primeira turma de alunas que se formaram em magistério. Hoje, a escola chama-se Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro.

Foi nomeada, com 17 anos, para o Grupo Escolar do Município de Nonoai. Naquela época, havia ônibus de Passo Fundo a Nonoai apenas semanalmente. Serenita teve que enfrentar uma série de obstáculos para chegar ao destino e assumir a missão de ensinar. Ela própria reconstituiu as vicissitudes experimentadas na jornada: "Naquela época uma moça de 17 anos não viajava sozinha; então o meu bisavô me acompanhava de ônibus. Só que, na rodoviária, o ônibus encheu de gente e não teve mais lugar para mim. Mas eu tinha que estar lá, se não perderia a nomeação. Foi então que meu bisavô, que ainda era um homem forte, conseguiu uma charrete puxada por um cavalo e fizemos uma comitiva. Meu primo ia a cavalo e eu e meu bisavô fomos de charrete, que, na época, chamávamos de aranha. No primeiro dia fomos até Pontão. No segundo dia, percorrendo pelo meio do mato, pois toda a estrada era ladeada por mato cerrado, e chegamos até Passo da Entrada. Então pernoitei num quarto de hotel que havia lá e meu bisavô e meu primo dormiram perto do fogo de chão. No dia seguinte, chegamos a Nonoai, após três dias de viagem. Chegando lá, tive uma surpresa. Todos estavam esperando a professora com grande festa. Mas eu era muito jovem e acanhada, e nem sabia o que fazer. Teve um jantar, uma bela recepção. No domingo, levaram-me para conhecer a cidade e a cascata, e assim fui me ambientando. Na segunda-feira, estava assumindo meu posto. Morei lá até os 28 anos de idade. Conheci muitas pessoas e conservo amizades até hoje", contou.

No dia 26 de fevereiro de 1943, chegaram a Vila Tapejara Dona Serenita com o marido Affonso Muxfeldt e hospedaram-se no Hotel Aurora até comprarem uma casa ao lado do Grupo Escolar, atual Prefeitura.

Em sua atividade docente, Serenita participou da evolução da então Vila Teixeira. Ela lecionou no Grupo Escolar, atual Escola Fernando Borba, e também foi diretora do referido estabelecimento de ensino. No início, havia cento e quatro alunos e, ao aposentar-se, a escola já contava com mais de quatrocentos.

Serenita exerceu também o cargo de Diretora do então Ginásio Pio XII, no período de 1º de maio de 1963 a 30 de dezembro de 1967. Ainda prestava o serviço de catequista da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, preparando as crianças à Primeira Comunhão, cuidava de suas filhas e trabalhava no escritório da Usina Avante, que estava instalado numa das salas de sua nova morada.

Grande parte dos alunos matriculados que frequentavam o Grupo Escolar eram oriundos de famílias necessitadas, que dispunham de poucos recursos financeiros. Essas condições repercutiam no vestuário, uniforme, afetavam a alimentação e o próprio aprendizado das crianças.

Diante dessa realidade, Serenita não se omitiu e, dentro de suas possibilidades, tomou providências. "Auxiliava na compra de calçados e roupas para os alunos que não podiam comprar. Aqueles que não tinham o que comer, no final da tarde, eu levava para minha casa e fazia um cafezão para eles. Todos os dias tinham em média vinte crianças. As crianças que não conseguiam se alfabetizar dentro da média esperada também iam para minha casa, no final do dia, e eu fazia um intensivo com eles. Aluno meu tinha que aprender, e aprendia. Imagina só, se uma pessoa soubesse ler, escrever, fazer quatro

Dona Serenita. Foto: Arquivo de Suelen Defaveri.

operações básicas, contas de porcentagem e juros; equivaleria quase a uma faculdade de contábeis hoje", lembrou.

Ao ser perguntada quanto ao passado, respondeu: "Quando olho para o passado, sinto uma alegria muito grande; vejo que tudo valeu a pena", finalizou.

• Dona Ausônia Danielli Rombaldi

Neste ano de 2015, Dona Ausônia Danielli Rombaldi, mais conhecida como Ozônia, completou 100 anos de vida. Nascida em 22 de setembro de 1915, no Distrito de Nona Légua, em Caxias do Sul, filha de Francisco Danielli e Thereza Marcarini Danielli, seu pai, imigrante italiano, que foi professor e capataz nas obras de abertura da estrada próxima ao Rio das Antas.

Na época, recém-casada com Ricardo Ruaro Rombaldi (em memória), Dona Ausônia veio para Tapejara e hospedou-se na casa de seu tio João Rombaldi até construírem sua casa. Seu marido, Ricardo, também ajudou na construção da Igreja Matriz, na época do Padre Raimundo Damin. Ausônia trabalhou, incansavelmente, na roça, e sua fonte de renda era a venda de leite. Nas horas vagas gostava de fazer crochê.

Ausônia tinha o desejo de ser mãe, mas, não podendo engravidar, adotou um bebê em Passo Fundo, que, por problemas de saúde, faleceu. Passaram seis meses, quando o enfermeiro Antônio Lovatto deu a notícia de que havia uma menina para adoção no Hospital de Tapejara. Ausônia não pensou duas vezes, e com a ajuda da Irmã Friedgund e do Dr. Miguel Tabbal, ela ficou com o bebê e deu o nome de Inês Terezinha Rombaldi. Atualmente, Ausônia mora com sua filha Inês, seu genro Pedro Laguião e seus netos Fábio, Eduardo e Fernanda, sendo eles que a cuidam.

Dona Ausônia. Foto: Arquivo de Inês T. R. Laguião.

• Dona Ida Maria Costella Rovani

Dona Ida Maria Costella Rovani nasceu em 16 de dezembro de 1915, em Antônio Prado. Com seis meses de idade, sua família mudou-se para o interior de Tapejara, na época Sede Teixeira. Ida casou-se com Humberto Rovani (em memória), com quem teve doze filhos. Quando nova, trabalhou na agricultura, foi agente de saúde, ministra da Igreja Católica, também visitava os doentes no hospital e levava alimentos para eles. A primeira vez que se internou no hospital foi com 92 anos, devido a problemas no pulmão. Antes dessa idade nunca havia necessitado de consultas. O motivo de sua saúde, segundo sua filha Genoefa Rovani Savaris, é tomar um cálice de vinho tinto todo meio-dia, além de alimentação natural, feita em casa. Atualmente, Ida se reveza entre os oito filhos, ficando um mês em cada casa. Tem trinta e oito netos e quarenta e oito bisnetos.

Dona Ida. Foto: Arquivo de Genoefa Rovani Savaris.

CURIOSIDADES

• Ufologia: caso de Tapejara teve repercussão nacional

A revista Manchete, do Rio de Janeiro, uma das mais importantes do país, na edição de número 2.357, fez uma ampla abordagem sobre os Ufos, relatando os casos de contatos imediatos de quarto grau, onde extraterrestres, a partir de suas naves espaciais, raptam seres humanos.

Entre os casos ufológicos relatados na Manchete, está um ocorrido em Tapejara em 1990, mas que somente agora chegou ao conhecimento dos ufólogos de todo o país. O fato ocorrido em 1990, com o agricultor Aurélio Conte, residente na localidade de Santa Rita, interior de Tapejara, teve grande repercussão. Conte, segundo relato feito à Manchete, teria sido espancado por dois ETs muito pequenos, cinzas e de olhos enormes, sendo, posteriormente, jogado numa plantação de milho. Como não poderia deixar de ser, o fato foi muito comentado entre os quinze mil moradores de Tapejara.

• A influência da Revolução de 1930 no Município e a participação de tapejarenses

Ao pesquisarmos as diversas histórias sobre Tapejara, descobrimos fatos incríveis, que muitos nem imaginam que tapejarenses já passaram. Um desses fatos é a Revolução de 1930, com a alternância no poder, entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais na Presidência, formando a chamada "República Café com Leite". Na época, essa disputa provocava descontentamento nos demais Estados da Federação, os quais não entendiam o porquê de o poder ficar mantido apenas pelos grandes produtores de café de São Paulo e os criadores de gado de Minas Gerais, desde os primeiros anos da Proclamação da República, ocorrida em 15 de novembro de 1889.

Para se oporem ao grupo dominante, foi formada a Aliança Liberal, em 1929, liderada pelo então Governador do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, e o dirigente do Estado da Paraíba, João Pessoa, que tinha forte liderança nos outros Estados do Nordeste. Nesse ano, aconteceu a campanha eleitoral para substituir o paulista Washintong Luiz na Presidência da República. Porém, a oligarquia de São Paulo descumpriu o acordo com Minas Gerais e apresentou o paulista Júlio Prestes como candidato. Em março de 1930, foram realizadas as eleições, sendo vencedor o candidato Júlio Prestes, derrotando Getúlio Vargas, da oposição.

O fato que determinou o início da Revolução foi o assassinato do candidato a Vice-Presidente na chapa de Getúlio Vargas, João Pessoa, que ocorreu em julho de 1930, na cidade de Recife, Pernambuco. A oposição culpou o Governo Federal pela morte do político e, em 3 de outubro de 1930, irrompeu, em Porto Alegre, a tão esperada Revolução. A Capital foi tomada pelos revolucionários e foi decretada a mobilização geral em todo o Rio Grande do Sul. Em Passo Fundo, segundo declarações do Sr. Predival Reis, 84 anos, que na época estudava naquela cidade, pôde-se presenciar a tomada do Quartel do Exército pelos revolucionários.

De acordo com informações dos senhores Demétrio Marcolin, Tranquilo Ghidini, Alberto Menegaz e Giovani Luiz Pereira, diversas pessoas que moravam na então Sede Teixeira participaram da Revolução, tais como: Alberto Campos, Leonardo Campos, Mario de Quadros, Oribe Primório, sendo este o encarregado de alistar revolucionários na região próxima a Lagoa Vermelha. Foi citado também o nome de Marcos Bandeira como um dos chefes das milícias revolucionárias.

Em 14 de novembro de 1930, através de ofício, o Secretário de Interior e Exterior, em exercício da Presidência do Estado do Rio Grande do Sul, nomeou Taudelino de Quadros, Capitão Comandante do 4º Esquadrão, do 39º Corpo Provisório de Passo Fundo. Taudelino e seus comandados viajaram a cavalo até a cidade catarinense de Anita Garibaldi, a serviço da causa revolucionária.

Valêncio Terres, nascido na Comunidade de Santa Rita em 1º de agosto de 1907, residente na Vila Treze de Maio, em Tapejara, esteve em São Paulo e no Estado da Bahia a serviço da Revolução.

Muitos dos que participavam da Revolução eram voluntários, mas a grande maioria não queria deixar sua família para participar. Por isso, quando chegava a notícia de que se aproximava o Piquete de Cavaleiros armados com a finalidade de convocar homens, estes se escondiam no mato até passar o perigo. Essa atitude justifica-se tendo em vista a triste experiência vivida pelos primeiros moradores de Tapejara, sete anos antes, quando as divergências políticas entre Assis Brasil e Borges de Medeiros resultaram na Revolução de 1923, ocasionando muitas mortes e saques em todo o Estado.

Os revolucionários, após receberem algumas instruções de como manejar armas, recebiam um mosquetão e munições, embarcavam de trem em Passo Fundo, com destino à Itararé, cidade do Estado de São Paulo localizada ao sul, onde estavam estacionadas as forças paulistas. Graças a entendimentos, a Revolução de 1930 saiu vitoriosa sem que houvesse derramamento de sangue. O Presidente Washington Luiz foi deposto e assumiu a presidência da República Getúlio Vargas, que permaneceu no poder até 1945.

As revoluções, de um modo geral, eram financiadas pela população civil. Dessa forma, quando os revolucionários precisavam de alimentação, transporte e qualquer outro tipo de material, passavam nas casas e requisitavam, promovendo algumas vezes saques e causando sofrimento àqueles que eram convidados a "colaborar". Em Tapejara, não foi diferente. Muitas famílias tiveram que dispor de seus animais, alimentos e objetos de utilidade que eram levados pelos piquetes armados. Por esse motivo, nos anos de 1923, 1930 e 1932, a população local viveu um período de sofrimento.

Cabe ainda registrar um fato engraçado ocorrido naquela época, narrado pela Senhora Gasparina Mânica. Durante a Revolução de 1930, Germano Sitta, Carlos Sitta, Silvestre Costa e outros, formando um grupo de doze cavaleiros, todos jovens e solteiros, cansados de serem importunados pelos integrantes de piquetes revolucionários e sabendo que em Caxias do Sul as coisas eram mais calmas, resolveram ir àquela cidade com a finalidade de lá permanecer até que a normalidade voltasse. Montaram em seus animais e iniciaram a longa viagem. Ao chegarem próximo a Lagoa Vermelha, foram abordados pelas milícias revolucionárias, que em princípio queriam que eles fossem combater em São Paulo. Depois de muitas conversas e tendo em vista que Antônio Manica era conhecido, foram liberados, mas tiveram que deixar seus cavalos e retornar a pé para Tapejara.

• Relatos da neve de 1965

Em uma noite de sexta-feira, em 1965, Edda Lindner, na época com 25 anos de idade, morava na cidade de Tapejara e contou que chovia de madrugada. Ela escutou galhos quebrando, então abriu a janela e não se via mais verde, mas cerca de vinte centímetros de neve. Foi um susto. Era muito claro e não se ouviam pássaros cantar. A neve caiu

Neve na Rua do Comércio em 1965.
Foto: Arquivo de Amelia Ghidini Artusi.

até no domingo. Os chiqueiros quebraram, alguns animais ficaram atolados e não podiam pastar. Não se colhiam verduras na horta, pois estava tudo coberto pela neve. As pessoas não podiam ir até a patente (banheiro), pois ficava do lado de fora da casa, e ninguém saía de carro.

Foto tirada da janela da casa da família Artusi em 1965. Foto: Arquivo da Foto Artusi.

O comércio vendeu todas as botas de borracha, assim como os produtos de primeira necessidade. O telhado das casas mais novas caiu, enquanto os das mais antigas aguentaram por terem melhor estrutura. As casas não tinham mais energia elétrica ou água no poço. Dessa forma, as famílias pegavam a neve, colocavam no fogão para derreter e utilizavam como água para suas necessidades.

Lurdes Munaretto Girotto, na época com 24 anos, moradora de Cachoeira Média, também se lembrou da situação. Quando acordou, abriu a janela e estava tudo branco, e a neve aumentou cada vez mais, quebrando galhos com seu peso. Havia mais de meio metro de neve. Para tirar leite, abriam carreiros com a enxada. As galinhas se esconderam embaixo da casa. Não havia energia elétrica e os alimentos estavam acabando. A tradicional festa realizada no domingo de agosto, em comemoração a Nossa Senhora do Monte Bérico, foi transferida, pois ainda havia neve, que estava derretendo e formando rios em diversos locais.

Neve na atual Praça Silvio Ughini. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

• Onça de Tapejara ganhou repercussão nacional

No final dos anos 70, Tapejara teve repercussão nacional com a aparição de uma onça no interior do Município. O felino apavorou os agricultores da região, sendo que era avistado, principalmente, na Linha Perondi (hoje Município de Charrua), que na época pertencia a Tapejara.

A onça de Tapejara ganhou destaque nacional, com matéria veiculada pelo Fantástico da Rede Globo. Ao que tudo indica, o animal teria fugido de um circo, embrenhando-se nos matos no interior de Tapejara, já que em 1977 a cobertura florestal ainda era bastante expressiva no Município. Como o animal estava apavorando a região, os moradores organizaram-se para capturar e matar a onça. Ela havia sido vista em cima de uma árvore, e em outra ocasião, no interior de uma propriedade rural, caminhando calmamente. A caçada foi organizada e o animal foi capturado e morto. Posteriormente, foi exposto à visitação pública, atraindo centenas de pessoas, que queriam ver de perto "a onça de Tapejara".

O felino virou lenda, e Tapejara passou a ser conhecida durante muito tempo como "a Terra da Onça", tal foi a notoriedade que o animal deu ao Município.

Lourdes Manica (Kuki), Lucia Artusi e Loanes Artusi. Foto: Arquivo de Foto Artusi.

Ronaldo Jandt em cima da onça. Foto: Arquivo de Foto Artusi.

Agnelo Manica, Damião Artusi e Adair Kuffel. Foto: Arquivo de Foto Artusi.

• Tapejara, Terra do Empreendedorismo

Na década de 90, com o início do processo de industrialização, o título da cidade passou de "Terra da Onça" para "Terra do Empreendedorismo". Há muitos empregos na cidade com, atualmente, seiscentas e setenta e nove empresas na área do comércio, setecentas e quinze em prestação de serviço, duzentas e quarenta e três indústrias e quarenta e oito empresas em outras áreas.

• Piqueniques

Antigamente, uma das atividades de lazer eram os piqueniques. Diversos grupos reuniam-se em lugares ao ar livre para lancharem e conversarem. Esses eram momentos de distração, entretenimento e amizade.

Era na chácara do vô Antônio Manica, que as Irmãs do Colégio Medianeira levavam os alunos e as internas que vinham de outras regiões para piqueniques, assim como também os alunos da Escola Fernando Borba. A avó Gasperina e o avô Antônio ficavam felizes em ver tantas crianças brincando. Um dia, em passagem por ali, o Frei Bernardino falou que eram os anjinhos que por ali brincavam e corriam.

Piquenique no mato do Nono Antonio Manica. Foto: Arquivo de Elizete Zanatta Sager.

Piquenique no mato do Nono Antônio Manica. Foto: Arquivo de Elizete Zanatta Sager.

- **Pinheiro histórico de Tapejara**

No dia 16 de outubro de 2014 um temporal atingiu a cidade de Tapejara e destruiu parte de um patrimônio do nosso Município. Trata-se do pinheiro de araucária de mais de 400 anos, que se constituía em um dos principais atrativos do Município.

Em meio à paisagem, devido a seus 25m de altura e 6,75m de circunferência, a parte de cima da araucária foi atingida pelos fortes ventos que preocuparam a comunidade tapejarense. O pinheiro localiza-se na Perimetral que liga a ERS463 à ERS467, próximo à saída para Santa Cecília, a 1 km da sede do Município.

Antigo pinheiro e o atual. Fotos: Arquivo da Prefeitura Municipal de Tapejara.

CASAS ANTIGAS

A maioria das casas de alvenaria mais antigas de Tapejara surgiram a partir da década de 1940. Geralmente, essas casas demoraram meses para serem construídas, pois havia poucos pedreiros e auxiliares. Com o tempo, essas moradias sofreram alterações, porém, em sua maioria, permanecem ainda originais. Entre as casas que ainda existem no perímetro urbano, cabe registrar as seguintes:

Casa da família de Silvio Ughini na década de 1940, localizada na Rua Júlio de Castilhos, esquina com a Rua Independência. Foto: Arquivo Público Estadual – Ricardo Giusti.

Casa da família de Miguel Tabbal, localizada na Rua Dr. Vergueiro, esquina com a Rua Independência, na década de 1950. Foto: Arquivo Público Estadual – Ricardo Giusti.

CARROS ANTIGOS

Encontro de carros – Ford 29, Ford 37, Ford 42, Ford 39. Foto: Arquivo de Lurdes Sandini Girardi.

Carro Ford 1923 com carroceria e raios de madeira. Em frente João Girardi, Natalina Sandini e Lidia Marin, em 1928. Foto: Arquivo da Divulgação.

Caminhão Chevrolet com reboque, carregando tora do pinheiro de 1,20m de diâmetro. O motorista era Ernesto Briancini. Foto: Arquivo de Domingos Girardi.

Veículos fazendo propaganda na época da emancipação. Foto: Arquivo de Elói Figueiredo.

Festa popular dos homens – Sede Teixeira. Foto: Arquivo de Lurdes Sandini Girardi.

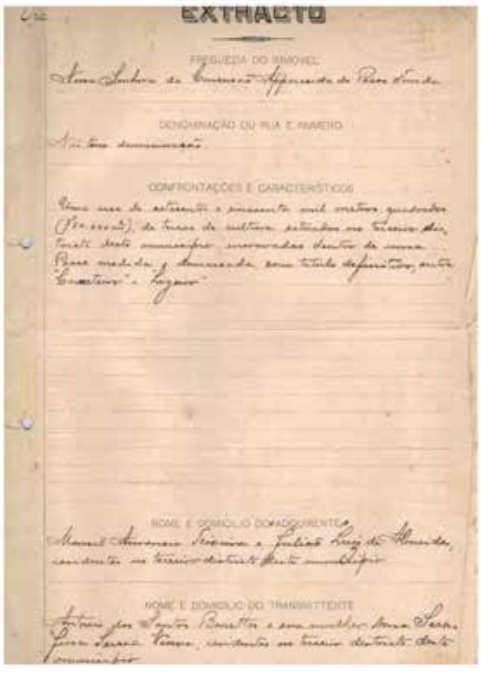
Caçada da família de João Batista Dalzotto com seus amigos. Foto: Arquivo de Gema Dalzotto.

CAMINHÃO CHEVROLET 1942 – com uma carga de TÁBUAS

Ari Gardelin, Jesuino Cuduro, ,Angelo Cauduro, Petiço Mocelin
Santo Canali, Domingos Cauduro com Edino Cauduro no colo, Adelino Cauduro.
Foto Domingos Cauduro

ANEXOS

Documento da área de Tapejara – 1911. Fonte/arquivo: Celso Basso – 22 de fevereiro de 1911.


EXTRACTO

FREGUEZIA DO IMMOVEL

DENOMINAÇÃO OU RUA E NUMERO

CONFRONTAÇÕES E CARACTERISTICOS

NOME E DOMICILIO DO ADQUIRENTE

NOME E DOMICILIO DO TRANSMITTENTE

Documento da área de Tapejara – 1911. Fonte/arquivo: Celso Basso – 22 de fevereiro de 1911.

TITULO

Compra e venda

FORMA DO TITULO E NOTARIO QUE O FEZ

Escriptura publica, de ... de Agosto de 1915, ...

VALOR DO CONTRACTO

CONDIÇÕES

As da Lei

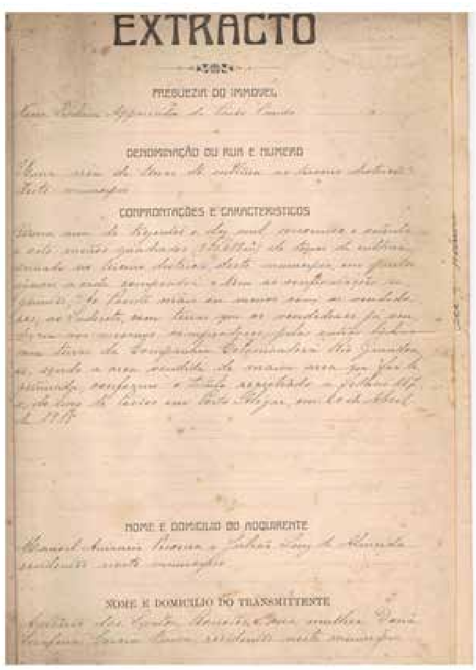
O adquirente

N. 3841 | Do Protocollo A

Pag. ... | O official Joaquim Pedro ...

N. 3243 | Do livro de transcripção de immoveis ...

Pag. ... | O Official do Registro Geral



EXTRACTO

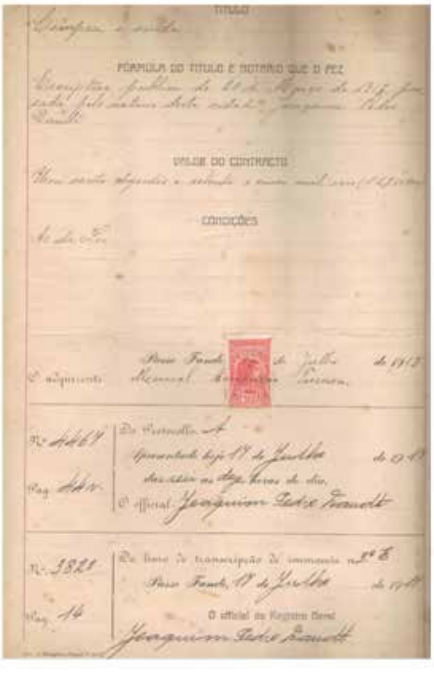
FREGUEZIA DO IMMOVEL

DENOMINAÇÃO OU RUA E NUMERO

CONFRONTAÇÕES E CARACTERISTICOS

NOME E DOMICILIO DO ADQUIRENTE

NOME E DOMICILIO DO TRANSMITTENTE



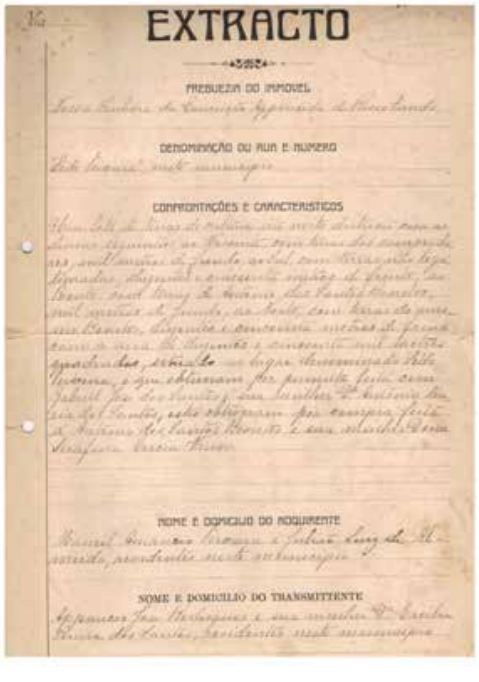
TITULO

FÓRMULA DO TITULO E NOTARIO QUE O FEZ

VALOR DO CONTRACTO

CONDIÇÕES

Fonte/arquivo: Celso Basso – ano 1917.



EXTRACTO

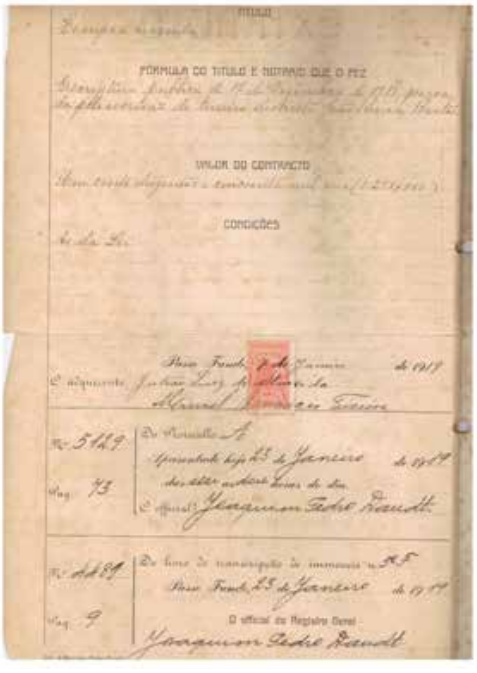
FREGUEZIA DO IMMOVEL

DENOMINAÇÃO OU RUA E NUMERO

CONFRONTAÇÕES E CARACTERISTICOS

NOME E DOMICILIO DO ADQUIRENTE

NOME E DOMICILIO DO TRANSMITTENTE

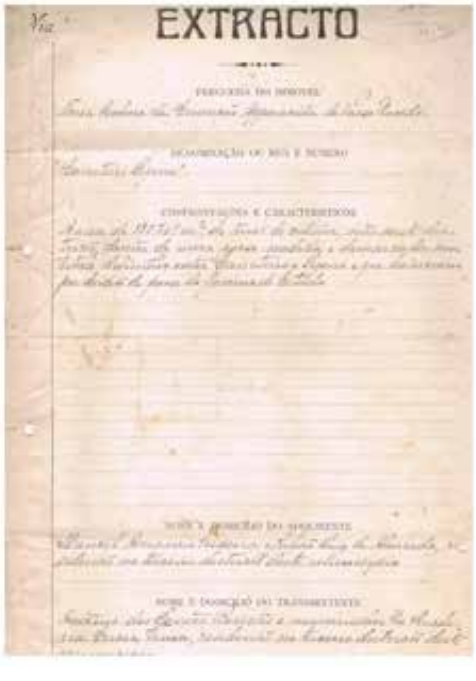


FORMULA DO TITULO E NOTARIO QUE O FEZ

VALOR DO CONTRACTO

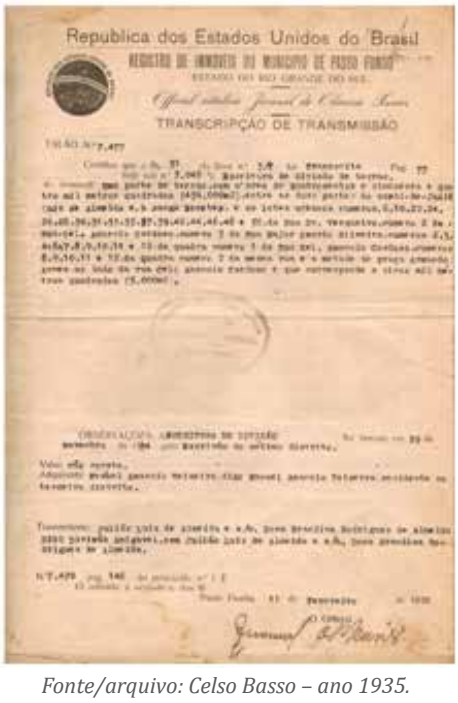
CONDIÇÕES

Fonte/arquivo: Celso Basso – ano 1919.



EXTRACTO

Fonte/arquivo: Celso Basso – ano 1920.

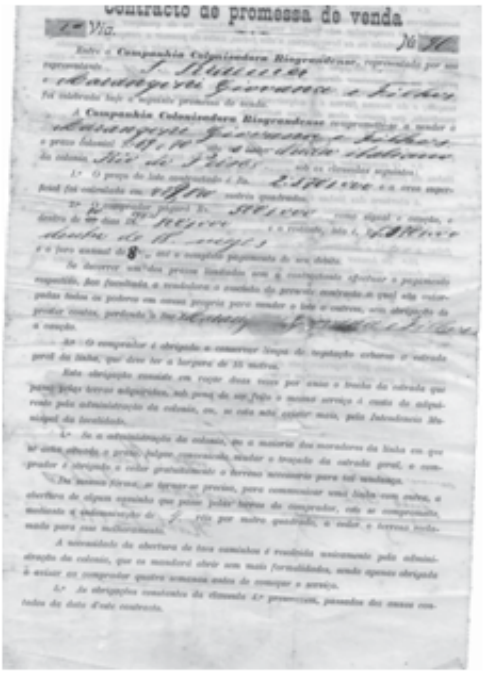


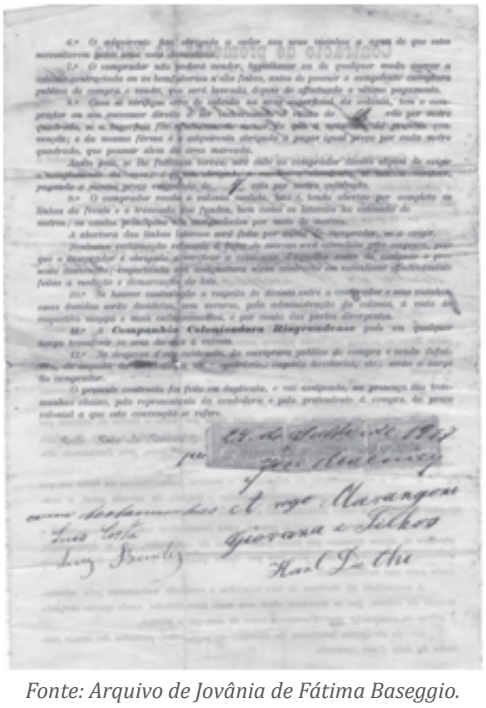
Fonte/arquivo: Celso Basso – ano 1935.

Recibo de sócio da Associação de Defesa Ativa Colonial

Fonte: Arquivo de Jovânia de Fátima Baseggio.

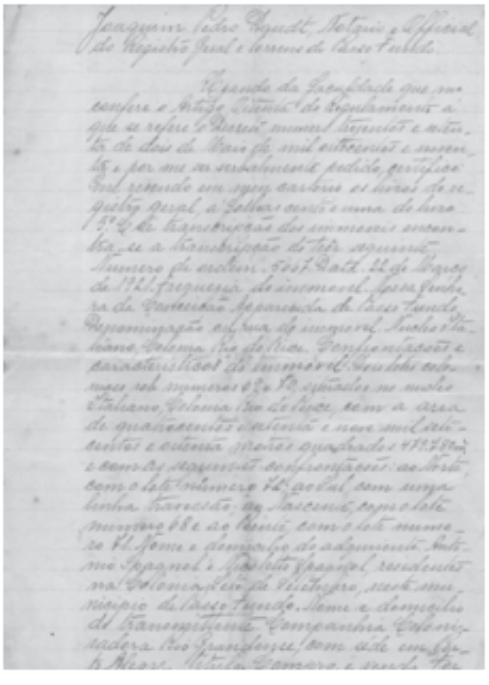
Empresa colonizadora de lotes coloniais

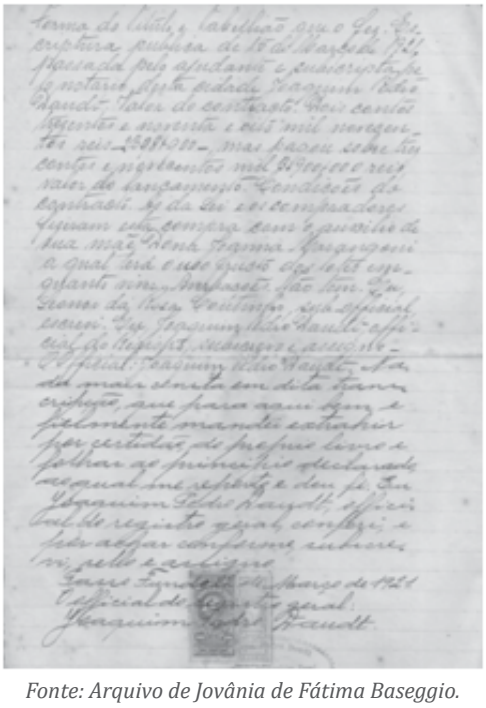




Fonte: Arquivo de Jovânia de Fátima Baseggio.

Fonte: Arquivo de Jovânia de Fátima Baseggio.





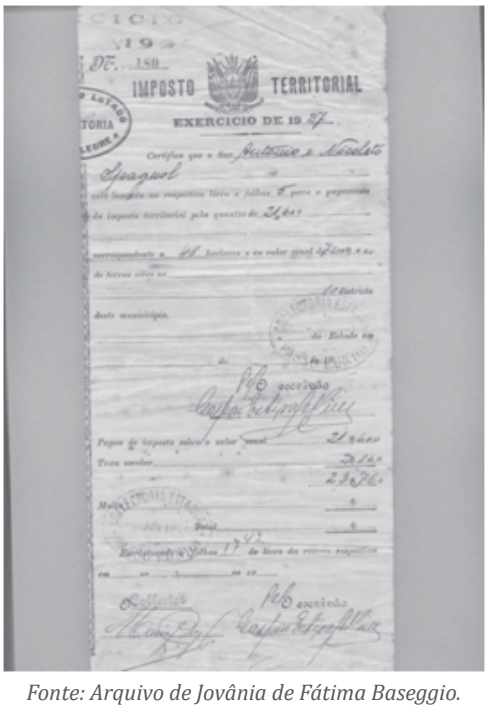
Fonte: Arquivo de Jovânia de Fátima Baseggio.

Fonte: Arquivo de Jovânia de Fátima Baseggio.

Fonte: Arquivo de Jovânia de Fátima Baseggio.

Intendencia Municipal de Passo Fundo
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
IMPOSTO COLONIAL

Fonte: Arquivo de Jovânia de Fátima Baseggio.


IMPOSTO TERRITORIAL
EXERCICIO DE 19 27

Fonte: Arquivo de Jovânia de Fátima Baseggio.

Intendencia Municipal de Passo Fundo

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Exercicio de 1918

IMPOSTO RURAL

Fonte: Arquivo de Jovânia de Fátima Baseggio.

Por um Brasil sempre melhor

Liga Eleitoral Catolica

Rio G. do Sul Brasil

Passo Fundo

JUNTA MUNICIPAL

Termo de compromisso

Fonte: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

Manifesto político

MANIFESTO

Tapejara, 22 de Junho de 1934.

PARTIDO LIBERTADOR

UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL

PART. TRABALHISTA BRASILEIRO

PART. SOCIAL DEMOCRÁTICO

PART. DE REPRESENTAÇÃO POPULAR

Fonte: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

Convite para o médico Sawa trabalhar no Hospital Santo Antônio– Agosto de 1932 – Fonte: Arquivo Família Márcia Lachno.

Recibo N.º 12

Fonte: Arquivo de Jovânia de Fátima Baseggio.

«DIARIO DA MANHÃ» — 20 de Maio de 1942

Será inaugurado domingo proximo o Hospital Santo Antonio, de Vila Teixeira

Estão sendo ativados os preparativos para essa brilhante solenidade, que terá a presença de D. Antonio Reis, Bispo da Diocese de Santa Maria

Fonte: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

«DIARIO DA MANHÃ» — 27 de Maio de 1942

Inaugurado, domingo ultimo, em Vila Teixeira

o novo edificio do Hospital Santo Antonio

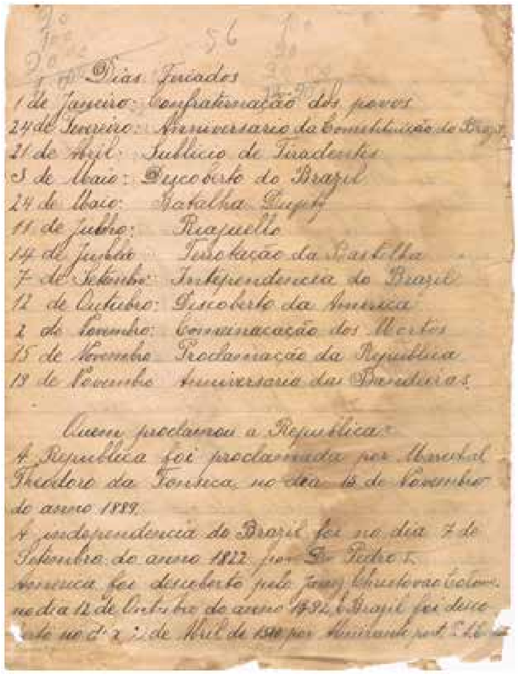
Como decorreu a solenidade do importante melhoramento para Vila Teixeira

O ato inaugural foi presidido pelo dr. Victor Graeff, Prefeito Municipal

Fonte: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

Fonte: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

Formas de escritas da época

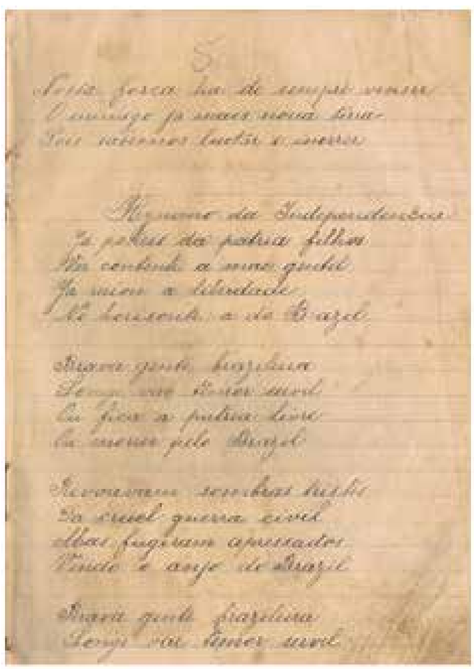


Dias Feriados

1 de Janeiro: Confraternação dos povos
24 de Fevereiro: Anniversario da Constituição do Brazil
21 de Abril: Supplicio de Tiradentes
3 de Maio: Descoberta do Brazil
24 de Maio: Batalha [illegible]
11 de Junho: Riachuelo
14 de Julho: [illegible] da Bastilha
7 de Setembro: Independencia do Brazil
12 de Outubro: Descoberta da America
2 de Novembro: Commemoração dos Mortos
15 de Novembro: Proclamação da Republica
19 de Novembro: Anniversario da Bandeira

Quem proclamou a Republica:
A Republica foi proclamada por Marechal Deodoro da Fonseca no dia 15 de Novembro do anno 1889.
A independencia do Brazil foi no dia 7 de Setembro do anno 1822 por D. Pedro I.
America foi descoberta pelo [illegible] Christovão Colombo no dia 12 de Outubro do anno 1492. O Brazil foi descoberto no d. [illegible] de Abril de 1500 por Almirante [illegible]

Fonte: Reni Peter.



[illegible]
[illegible]
[illegible]

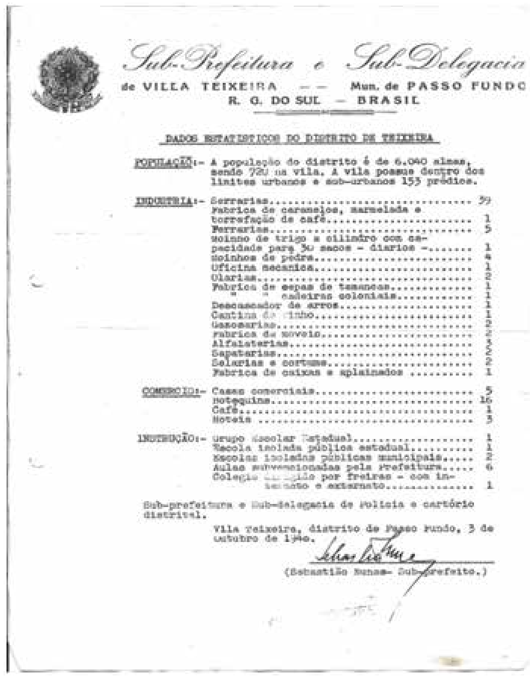
Hymno da Independencia
Já podeis da patria filhos
Ver contente a mãe gentil
Já raiou a liberdade
No horisonte do Brazil

Brava gente brazileira
Longe vae temor servil
Ou ficar a patria livre
Ou morrer pelo Brazil

Recorreram sombras tristes
Da cruel guerra civil
Mas fugiram apressadas
Vendo o anjo do Brazil

Brava gente brazileira
Longe vae temor servil

Dados Estatísticos do Distrito de Vila Teixeira – 1940



Sub-Prefeitura e Sub-Delegacia
de VILLA TEIXEIRA — Mun. de PASSO FUNDO
R. G. DO SUL — BRASIL

DADOS ESTATISTICOS DO DISTRITO DE TEIXEIRA

POPULAÇÃO:- A população do distrito é de 6.040 almas, sendo 720 na vila. A vila possue dentro dos limites urbanos e sub-urbanos 153 prédios.

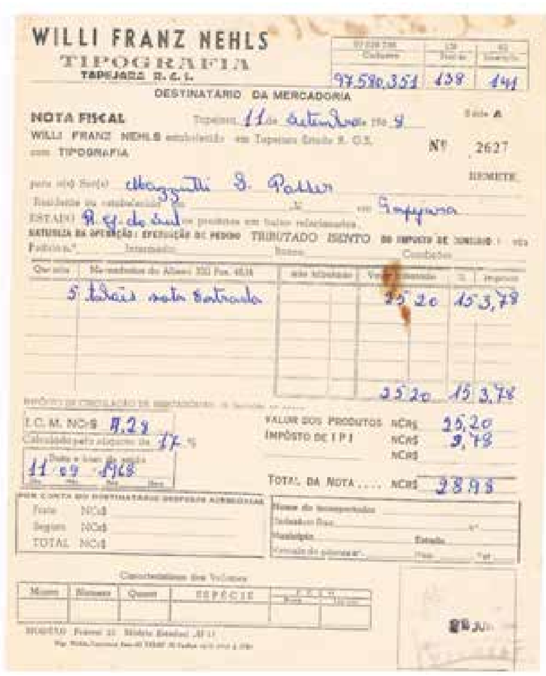
INDUSTRIA:-	Serrarias	39
	Fabrica de caramelos, marmelada e torrefação de café	1
	Ferrarias	5
	Moinho de trigo a cilindro com capacidade para 30 sacos - diarios -	1
	Moinhos de pedra	4
	Uficina mecanica	1
	Olarias	2
	Fabrica de sepas de tamancos	1
	" " cadeiras coloniais	1
	Descascador de arroz	1
	Cantina de vinho	1
	Gasosarias	2
	Fabrica de moveis	2
	Alfaiaterias	3
	Sapatarias	2
	Selarias e cortumes	2
	Fabrica de caixas e aplainados	1
COMERCIO:-	Casas comerciais	5
	Botequins	16
	Café	1
	Hoteis	3
INSTRUÇÃO:-	Grupo Escolar Estadual	1
	Escola isolada pública estadual	1
	Escolas isoladas públicas municipais	2
	Aulas subvencionadas pela Prefeitura	6
	Colegio dirigido por freiras - com internato e externato	1

Sub-prefeitura e Sub-delegacia de Policia e cartório distrital.

Vila Teixeira, distrito de Passo Fundo, 3 de outubro de 1940.

(Sebastião Nunes- Sub-prefeito.)

Fonte: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.



WILLI FRANZ NEHLS
TIPOGRAFIA
TAPEJARA R. G. S.

97.580.351 | 138 | 141

DESTINATARIO DA MERCADORIA

NOTA FISCAL — Tapejara, 11 de setembro de 19 8 — Série A

WILLI FRANZ NEHLS estabelecido em Tapejara Estado R. G. S. com TIPOGRAFIA — Nº 2627

REMETE

para o(s) Snr(s) Mazzutti S. Potter

em Tapejara

ESTADO R. G. do Sul

NATUREZA DA OPERAÇÃO: EXECUÇÃO DE PEDIDO TRIBUTADO ISENTO

5 talões nota entrada — 25,20 — 153,78

25,20 — 153,78

I.C.M. NCr$ 4,28

Calculado pela alíquota de 17 %

11 09 1968

VALOR DOS PRODUTOS NCr$ 25,20

IMPÔSTO DE I P I NCr$ 3,78

NCr$

TOTAL DA NOTA .... NCr$ 28,98

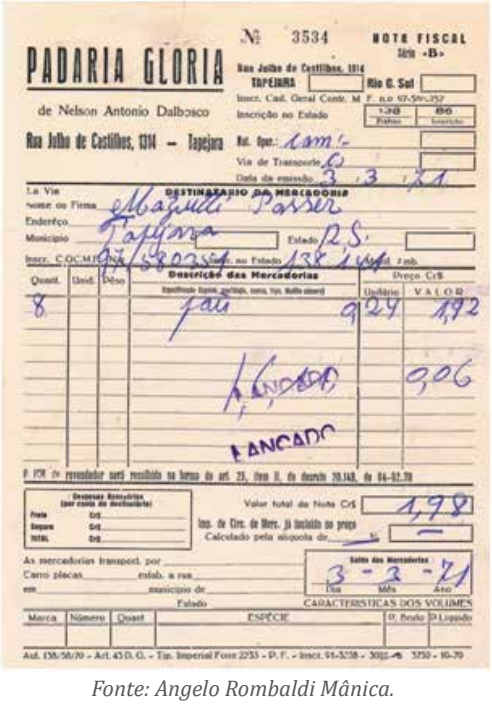
Frete NCr$

Seguro NCr$

TOTAL NCr$

ESPÉCIE

Fonte: Angelo Rombaldi Mânica.



PADARIA GLORIA

de Nelson Antonio Dalbosco

Rua Julho de Castilhos, 1314 — Tapejara

№ 3534 NOTA FISCAL Série «B»

Rua Julho de Castilhos, 1314

TAPEJARA Rio G. Sul

Inscr. Cad. Geral Contr. M. F. n.o 97-580-357

Inscrição no Estado 138 / 86

Nat. Oper.: Com.

Via de Transporte: O

Data da emissão: 3 / 3 / 71

DESTINATÁRIO DA MERCADORIA

Nome ou Firma: Magulli Passer

Endereço:

Município: Tapejara Estado: R.S.

Inscr. C.O.C.M.F. N.o 97/580351 Inscr. no Estado 138 / 141

Quant.	Unid.	Peso	Descrição das Mercadorias	Preço Cr$ Unitário	VALOR
8			fali	0,24	1,92
			Lançado		0,06
			LANÇADO		

O ICM do revendedor será recolhido na forma do art. 23, item II, do decreto 20.148, de 04-02-70

Despesas Acessórias (por conta do destinatário)

Frete Cr$

Seguro Cr$

TOTAL Cr$

Valor total da Nota Cr$ 1,98

Imp. de Circ. de Merc. já incluído no preço

Calculado pela alíquota de ___ %

As mercadorias transport. por

Carro placas ___ estab. a rua

em ___ município de ___

Estado

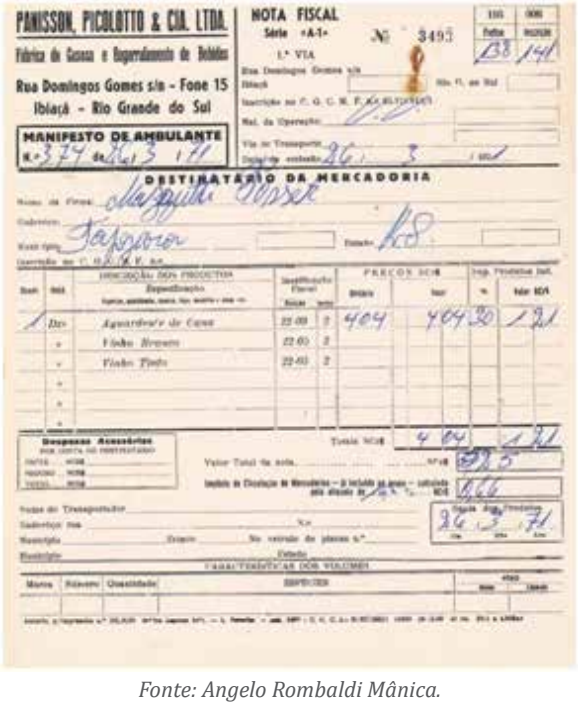
Saída das Mercadorias 3 - 3 - 71 Dia Mês Ano

CARACTERÍSTICAS DOS VOLUMES

Marca	Número	Quant.	ESPÉCIE	P. Bruto	P. Líquido

Aut. 158/58/70 - Art. 45 D. O. - Tip. Imperial Fone 2233 - P. F. - Inscr. 91-3238 - 3032 - 3750 - 10-70

Fonte: Angelo Rombaldi Mânica.



PANISSON, PICOLOTTO & CIA. LTDA.

Fábrica de Cassoa e Engarrafamento de Bebidas

Rua Domingos Gomes s/n - Fone 15

Ibiaçá - Rio Grande do Sul

MANIFESTO DE AMBULANTE

N.º 374 de 26 / 3 / 71

NOTA FISCAL Série «A-1» № 3493

1.ª VIA

Rua Domingos Gomes s/n

Ibiaçá Rio G. do Sul

Inscrição no C. G. C. M. F. N.º 97/580351

Nat. da Operação:

Via de Transporte:

Data da emissão: 26 / 3 / 71

DESTINATÁRIO DA MERCADORIA

Nome da Firma: Magulli Passer

Endereço:

Município: Tapejara Estado: R.S.

Inscrição no C. G. C. M. F. n.o

Quant.	Unid.	Descrição	Identificação Fiscal Pesos	Notas	Preços Cr$ Unitário	Total	Imp. Produtos Ind. %	Valor Cr$
1	Dz	Aguardente de Cana	22-00	2	4,04	4,04	30	1,21
	»	Vinho Branco	22-00	2				
	»	Vinho Tinto	22-00	2				

Despesas Acessórias

Total Cr$ 4,04 1,21

Valor Total da nota ___ Cr$ 5,25

Imposto de Circulação de Mercadorias — já incluído no preço — calculado pela alíquota de ___ % ___ Cr$ 0,66

Nome do Transportador

Endereço: Rua ___ N.º ___

Município ___ Estado ___ No veículo de placas n.º ___

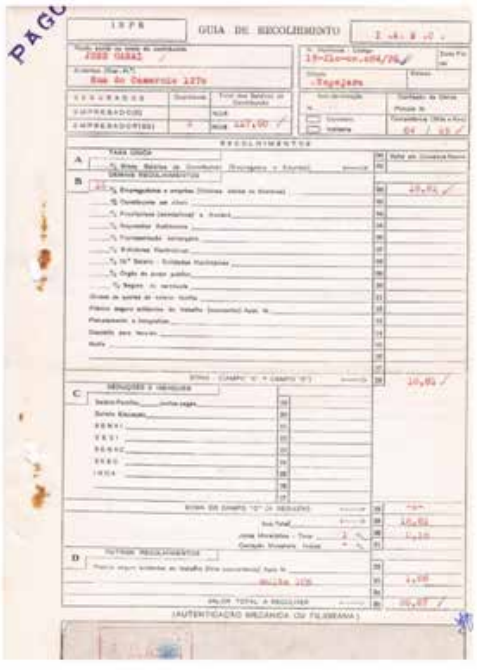
Município ___ Estado ___

Saída das Mercadorias 26 / 3 / 71 Dia Mês Ano

CARACTERÍSTICAS DOS VOLUMES

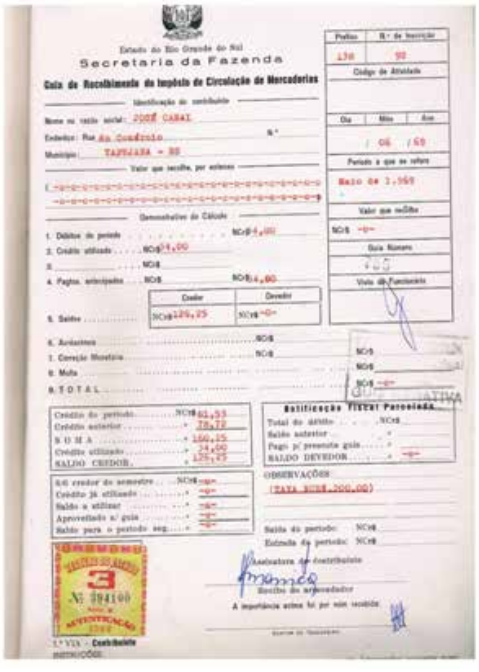
Marca	Número	Quantidade	ESPÉCIE	Peso	Líquido

Fonte: Angelo Rombaldi Mânica.



Fonte: Angelo Rombaldi Mânica.

Fonte: Angelo Rombaldi Mânica.



Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Fazenda
Guia de Recolhimento do Impôsto de Circulação de Mercadorias

Identificação do contribuinte
Nome ou razão social: JOSÉ CABAL
Endereço: Rua do Comércio N.º
Município: TAPEJARA - RS
Valor que recolhe, por extenso
Demonstrativo do Cálculo
1. Débitos do período NCr$ 4,00
2. Crédito utilizado NCr$ 34,00
3. NCr$
4. Pagtos. antecipados NCr$ NCr$ 34,00
5. Saldo

Credor	Devedor
NCr$ 126,25	NCr$ -0-

6. Acréscimos NCr$
7. Correção Monetária NCr$
8. Multa NCr$
9. TOTAL NCr$ -0-

Crédito do período NCr$ 61,53
Crédito anterior 78,72
SOMA 160,25
Crédito utilizado 34,00
SALDO CREDOR 126,25

Saldo credor do semestre NCr$ -0-
Crédito já utilizado -0-
Saldo a utilizar -0-
Aproveitado n/ guia -0-
Saldo para o período seg. -0-

Retificação Fiscal Parcelada
Total do débito NCr$
Saldo anterior
Pago p/ presente guia
SALDO DEVEDOR -0-

OBSERVAÇÕES
(TAXA SUBS.200,00)

Saldo do período: NCr$
Entrada do período: NCr$

Assinatura do contribuinte
Recibo do arrecadador
A importância acima foi por mim recebida

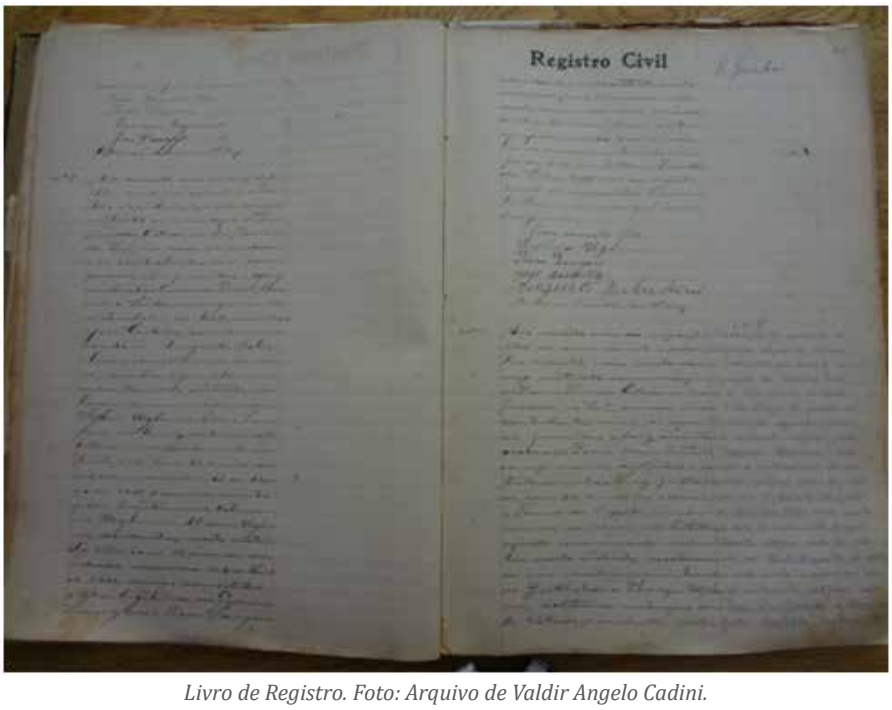
GRÊMIO ESTUDANTIL
3
Nº 394100
ADVERTENCIA
1.ª VIA - Contribuinte
INSTRUÇÕES

Fonte: Angelo Rombaldi Mânica.

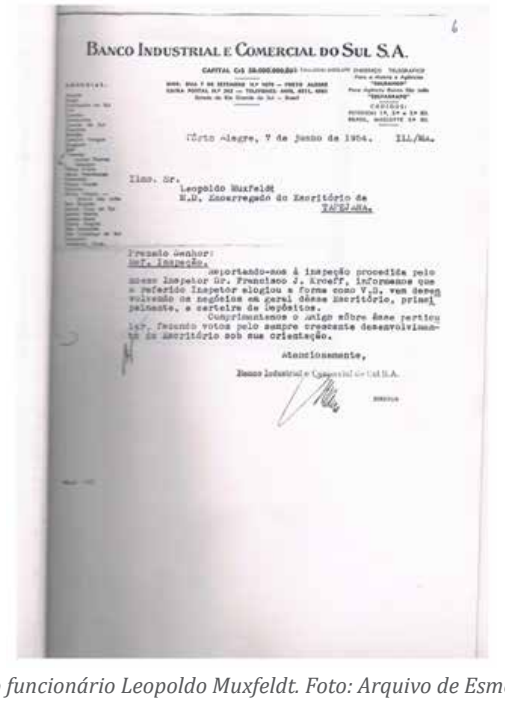
Carteiras Estudantis do Grêmio Estudantil Pio XII. Foto: Arquivo de Pedro de Quadros.

Carteiras Estudantis do Grêmio Estudantil Pio XII. Foto: Arquivo de Pedro de Quadros.

Livro de Registro. Foto: Arquivo de Valdir Angelo Cadini.



Livro de Registro. Foto: Arquivo de Valdir Angelo Cadini.



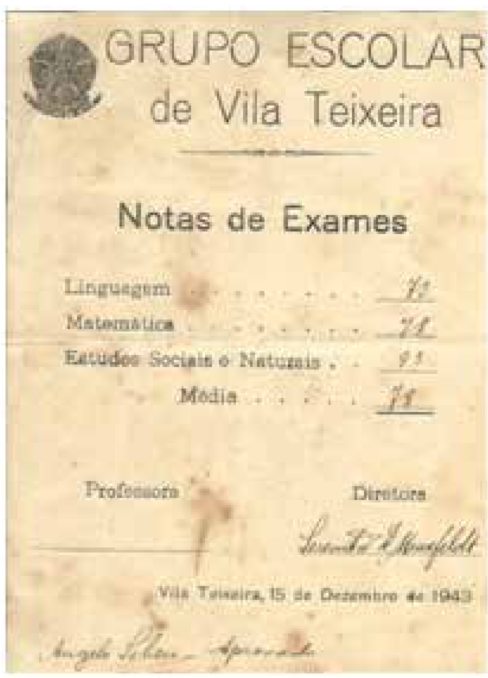
Referência ao trabalho do funcionário Leopoldo Muxfeldt. Foto: Arquivo de Esmeralda Muxfeldt Bianchin.

CASA COMERCIAL
UGHINI, BERTOLDO & CIA.
VILA TEIXEIRA
MUN. DE PASSO FUNDO — RIO GRANDE DO SUL

Vila Teixeira, [illegible] de 1940.
Ilmo. Snr. [illegible]
estabelecido a
cidade Vila Teixeira
Estado Rio Grande do Sul
Deve a [illegible]
a Ughini, Bertoldo & Cia., estabelecidos em Vila Teixeira a importância referente à compra de mercadorias conforme fatura desta data pagavel a Ughini, Bertoldo & Cia., ou à sua ordem na praça de Vila Teixeira vencimento no dia [illegible] de 1940.
Reconhecemos a exatidão desta duplicata na importância acima que pagaremos a Ughini, Bertoldo & Cia., no vencimento acima estipulado

Duplicata n.º [illegible]
Vencimento [illegible]
Impor. Rs.
Fatura n.º [illegible]

Fatura da Casa Comercial Ughini, Bertoldo & Cia. Fonte: Arquivo de Wilson Casamali.



GRUPO ESCOLAR
de Vila Teixeira

Notas de Exames

Linguagem . . . . [illegible]
Matemática . . . . [illegible]
Estudos Sociais e Naturais . . . [illegible]
Média . . . . [illegible]

Professora — Diretora

Vila Teixeira, 15 de Dezembro de 1943

Boletim escolar do Grupo Escolar de Vila Teixeira. Fonte: Arquivo de Itamar Antonio Spanhol.

AOS AGRICULTORES
de
TAPEJARA, A. SANTA E CHARRUA

Cuidado! Muito Cuidado!

A comissão de emancipação de Tapejara, em boletim de 6 do corrente, ajusta, sob palavra de honra, que nenhum imposto municipal seria cobrado do colono e os seis dias de estrada, se fôr criado aquele município.

É um compromisso que a comissão não pode assumir. Visa iludir os colonos em sua bôa fé. Quem vai criar os impostos em Tapejara, si sair município, serão a câmara e o prefeito, que só vão ser eleitos mais tarde. A comissão, uma vez instalado o município, desaparece e não manda mais nada. Os colonos que abram o olho. O compromisso da comissão não vale nada. Promete o que não pode dar.

Os agricultores devem se lembrar que o município de Tapejara não saiu da outra vez por falta de renda suficiente. Isto é, juntando os impostos de Tapejara, Agua Santa e Charrúa, não dava seiscentos contos. Então a comissão assumiu o compromisso com a Assembléia Legislativa e o govêrno do Estado, de cobrar imposto do colono em Tapejara e Agua Santa para alcançar a importância de seiscentos contos exigida pela lei para criar o município. Isto está também escrito e assinado pela comissão, no requerimento existente na assembléia. Quer sem criar o municipio à custa do colono.

A Comissão está jogando com pau de dois bicos. Depois de criado o município o colono vai pagar imposto. E não vai adiantar reclamar, porque será obrigado por lei. E a Comissão vai saltar fóra. Vai dizer que não é mais ela quem manda. O imposto vai ser cobrado por ordem do govêrno do Estado, ou da Câmara ou do Prefeito e outra enfada de desculpas. Estar brabo e arrepender-se não vai adiantar, pois o voto já estará contado.

CUIDADO, MUITO CUIDADO!

5 de Julho de 1955

ERNESTO BERGAMINI

Manifesto da Comissão contrária à emancipação de Tapejara, em 1955. Foto: Arquivo de João Pereira Vianna.

Dr. Engenheiro Diretor Geral do D.A.E.R.
Pôrto Alegre

ARDOLINO LANGARO, brasileiro, casado, comerciante, residente e domiciliado em Vila Tapejara, distrito de [illegible] pio de Passo Fundo, vem respeitosamente à presença de V.S. querer e expôr o seguinte:

Tendo o sr. Mário Melara, concessionário da Sociedade Rodoviária de Vila Tapejara, fixado residência no interior do distrito, e em consequencia disso abandonado a Estação Rodoviária local, requer em virtude do exposto a V.Santa, que ordene seja feita a concorrência da referida Estação.

Nestes Termos
P.Deferimento.

Tapejara, [illegible]

DAER
Sec. Comunicações e Arquivo
12 JUN 1954
Nº 9713

14 JUN 1954

Petição de Ardolino Langaro para o diretor-geral do Daer, em 1954. Fonte: Arquivo do Daer.

Lista da Comissão Emancipacionista publicada no Jornal O Tapejarense em 1980. Fonte: Arquivo de Itamar Antonio Spahnol.

Referências

DALLAGASPERINA, Domingos Luiz. A terrível força destruidora do fogo. Perfil, n.29, p. 74-75, dez. 2013.

MARSIGLIO, Marcia Cristina; BORTOLINI, Nilce; VARIZA, Roseli Eliana; BOLSONELLO, Marizette. Histórico do Município de Tapejara. Universidade de Passo Fundo, 2000.

Depoimentos

Equipe de organização do livro Tapejara: Origens e Desenvolvimento, 2015. Da esquerda para a direita: Itamar Antonio Spanhol, Suelen Defaveri, Sandro Rampazzo e Angélica Manica Bortolini. Foto: Micheli Oliveira.

São muitos os motivos de realização ao colaborar na edição deste livro. É importante e gratificante conviver com outras pessoas e perceber o quanto de bom todos temos, basta querer fazer o bem. É muito prazeroso visitar famílias e com elas reviver, com alegria, o passado que está registrado na memória ou nas fotos guardadas com carinho.

Como educadora, sempre me pergunto o que vamos deixar para os nossos sucessores, que exemplos, que história, que modelo de bem viver. Neste resgate de Tapejara, temos as nossas raízes e sabemos que são elas que nos impulsionam para ir em frente, desbravando novos horizontes, porque sem história, sem família e sem amigos, não somos nada, nem ninguém.

Agradeço a Deus por permitir minha participação neste livro, ao nosso grupo de trabalho pela convivência diária e a todas as pessoas que nos auxiliaram emprestando fotos ou dando seus depoimentos, também aos que contribuíram nas revisões dos capítulos, e a minha família pela colaboração. Com carinho, Angélica.

Angélica Manica Bortolini
Professora de Educação Artística nº 1143603

As pesquisas e publicações realizadas nos últimos dez anos contribuíram para compreender Tapejara, sua terra, sua gente e sua história, proporcionando acesso a inúmeros documentos, trabalhos acadê-

micos, ensaios e artigos; ademais, a escuta de incontáveis narrativas e relatos e a oportunidade de visualizar uma série de fotografias.

As pessoas fazem história, mas raramente se dão conta. Procurei nesse período responder às responsabilidades assumidas com preocupação e seriedade em atitude de busca, escuta, diálogo, estudo com determinação e foco. Foi um período proveitoso e gratificante.

Com alegria de quem experimentou no cotidiano a finitude do ser humano, tendo como sentido da existência o serviço, ou seja, o viço do ser, o vigor e a vitalidade do humano colocada a serviço do bem comum da sociedade.

Tentei ser coerente e autêntico nas convicções e compromissos forjados na linha do tempo pela família, pelos educadores de estabelecimentos escolares e pelas instituições, entre as quais as universidades e a Igreja.

Ao finalizar a participação nesta obra, agradeço a todos pelo acesso e utilização de documentos, textos, relatos, narrativas e fotografias. Ademais, a pesquisa, produção textual, revisão ortográfica, coesão textual, diagramação, editoração, impressão, divulgação, distribuição e o investimento financeiro. A todos, muito obrigado.

Um sonho sonhado por um é apenas um sonho. Um sonho sonhado em grupo, com uma coletividade, é uma realidade. *Tapejara: Origens e Desenvolvimento* é uma realidade retratada em linhas, ilustrada em fotografias, fundamentada e embasada em documentos, publicações, trabalhos acadêmicos, narrativas e relatos que têm como principal finalidade a preservação e a difusão da memória e da história do Município de Tapejara.

Itamar Antonio Spanhol
Licenciatura em Filosofia RGMC nº 23.866
Bacharel em Direito OAB/RS nº 12.214

Palavras são insuficientes para expressar meu sentimento ao fazer parte deste grande projeto. Com certeza, um sonho realizado. Agradeço o convite da Administração Municipal para auxiliar na redação e estruturação desta obra, agradeço a Deus e a minha família pelo apoio durante todo esse tempo. Foram meses de trabalho, em que a ansiedade tomava conta em decorrência do curto tempo para sua finalização. Com certeza nossa equipe formou uma amizade verdadeira, da qual nunca iremos nos esquecer.

Agradeço a todas as pessoas que encaminharam históricos, fotos e que contribuíram com suas histórias ou depoimentos. Um agradecimento especial aos colaboradores que dedicaram seu tempo em prol desta obra.

Não cresci apenas profissionalmente, mas, sim, humanamente. Aprendi muito durante todo esse tempo, a respeitar as diferenças e a entender as dificuldades e as limitações dos outros.

Não posso deixar de destacar que escrever sobre Tapejara foi uma honra. Cidade onde nasci e cresci e, agora, pude entender como tudo começou, nossas origens e tudo o que possibilitou o desenvolvimento do Município.

Para finalizar, deixo essa frase de Mahatma Gandhi: "Se eu pudesse deixar algum presente a você, deixaria aceso o sentimento de amar a vida dos seres humanos. A consciência de aprender tudo o que foi ensinado pelo tempo a fora. Lembraria os erros que foram cometidos para que não mais se repetissem. A capacidade de escolher novos rumos. Deixaria para você, se pudesse, o respeito àquilo que é indispensável. Além do pão, o trabalho. Além do trabalho, a ação. E, quando tudo mais faltasse, um segredo:

o de buscar no interior de si mesmo a resposta e a força para encontrar a saída". A todos nosso muito obrigada!

Suelen Defaveri
Jornalista – MTE 16.997
Pós-graduanda em Marketing

Nesses 60 anos de emancipação político-administrativa de Tapejara, queremos destacar que, desde seu início, o Município vem crescendo baseado na força de seu povo, expressa pelos primeiros colonizadores, que acreditavam no desenvolvimento pela força do trabalho.

Atualmente, Tapejara está entre os Municípios que mais crescem no Estado, e esse crescimento deve-se ao espírito arrojado e empreendedor de seu povo, caracterizado pelos investimentos e pela luta diária das pessoas que moram aqui e que contribuem para a construção de uma cidade alinhada com o progresso e o desenvolvimento.

A Câmara de Vereadores de Tapejara, ao longo desses 60 anos, sempre esteve presente nos momentos marcantes da história do Município, consciente de seu compromisso com a ética e com os interesses da coletividade, exercendo também seu papel na busca pela concretização de uma cidade participativa e cidadã, no contínuo processo de evolução.

Por isso, além de festejar, gostaríamos de reconhecer e agradecer a contribuição de toda a população, construindo uma cidade melhor a cada dia e servindo de exemplo para as gerações futuras. Queremos continuar fazendo parte desta história. Parabéns a todos os munícipes pelos 60 anos de emancipação de Tapejara.

Márcio Canali
Presidente Câmara de Vereadores – Gestão 2015

Tapejara, Município criado em 9 de agosto de 1955, mediante a promulgação da Lei Estadual nº 2.667, é um belo lugar para se viver. Um Município pujante, progressista, cujo povo é trabalhador e acolhedor.

Estou atuando na Comarca desde o mês de outubro do ano de 2007. Durante esse período, foi possível constatar o quanto Tapejara cresce acima da média nacional. Não é por outro motivo que é conhecida como a "Terra do Empreendedorismo".

O crescimento por certo traz problemas sociais. Não poderia ser diferente. No entanto, o Município, pela força do trabalho de seu povo, que produz as riquezas necessárias para o desenvolvimento, consegue atender as demandas, sempre na busca da manutenção do progresso. Pessoas vêm de outros Municípios para aqui residir. Trazem suas famílias para trabalharem nas empresas tapejarenses. Buscam uma melhor qualidade de vida, e aqui encontram. Lembro-me quando foi confirmada minha remoção, a pedido, para a Comarca de Tapejara. Um sentimento de muita alegria e satisfação tomou conta de mim e de minha família.

Aqui fomos muito bem acolhidos. A cidade cresce a cada dia. O Poder Judiciário sente um aumento de demandas, consequência do próprio aumento da população e do número de empresas existentes, tanto no comércio, quanto na indústria.

O relacionamento institucional entre os três Poderes é harmônico e respeitoso, o que contribui para que todos, não obstante as demandas existentes, estejam fortalecidos.

Desejo ao Município de Tapejara que continue se desenvolvendo como vem acontecendo nos últimos anos. Que o povo tapejarense sinta, cada vez mais, orgulho do local onde vive.

Lilian Raquel Bozza Pianezzola
Juíza da Comarca de Tapejara

Para falar de Tapejara é necessário voltar-se para o passado e relembrar as primeiras famílias de imigrantes europeus, especialmente italianos e alemães que se estabeleceram nestas terras, com a esperança de uma vida melhor. No entanto, não podemos esquecer os indígenas que já viviam aqui há muito tempo e que, além de outras heranças, também deram o nome a esta terra: Tapejara (*tape,* que quer dizer caminho, e *Jara,* Senhor), que em tupi-guarani significa *Senhor dos Caminhos*.

De Sede Teixeira a Tapejara, uma bela história de muito trabalho e desenvolvimento. Em 1955, emancipou-se, desenvolveu-se, econômica e socialmente, tornando-se um Município-referência da região e do Estado.

Neste ano de 2015, em que completa 60 anos de emancipação político-administrativa, tem-se muito a comemorar, especialmente com os avanços na área educacional, por ser um Município livre do analfabetismo, possuir uma educação de referência em todos os níveis: infantil, fundamental, médio, técnico profissionalizante e superior.

Nossos agradecimentos a todos os que participaram e contribuíram para que Tapejara chegasse aos 60 anos revigorada e em pleno desenvolvimento. Em especial ao historiador Itamar Antonio Spanhol, à jornalista Suelen Defaveri, à professora Angélica Manica Bortolini, à comissão organizadora e aos colaboradores que foram decisivos à concretização do livro em homenagem aos 60 anos de Tapejara.

Altamir Galvão Waltrich
Secretário Municipal de Educação, Desporto e Cultura

Falar sobre Tapejara é honroso para qualquer tapejarense. Nossa terra é acolhedora e empreendedora. Por isso, esta obra não poderia ser menor. Nossa cidade é uma jovem senhora que em 2015 completou 60 anos de emancipação. Contam-se aqui os mais de 100 anos de história, das famílias que, muitas vezes com insegurança, imigraram para esta região, até então não povoada, em busca de uma vida melhor. São avós, bisavós ou tataravós de muitos tapejarenses, que lutaram para dar uma vida digna e justa aos seus descendentes. Muitos nasceram aqui, alguns escolheram como lar, outros tantos precisaram buscar novos horizontes, mas numa coisa todos concordam: ser tapejarense é motivo de muito orgulho. Boa leitura!

REALIZAÇÃO

PREFEITURA DE TAPEJARA

60 anos TAPEJARA 1955 - 2015

SMED Tapejara Secretaria da Educação